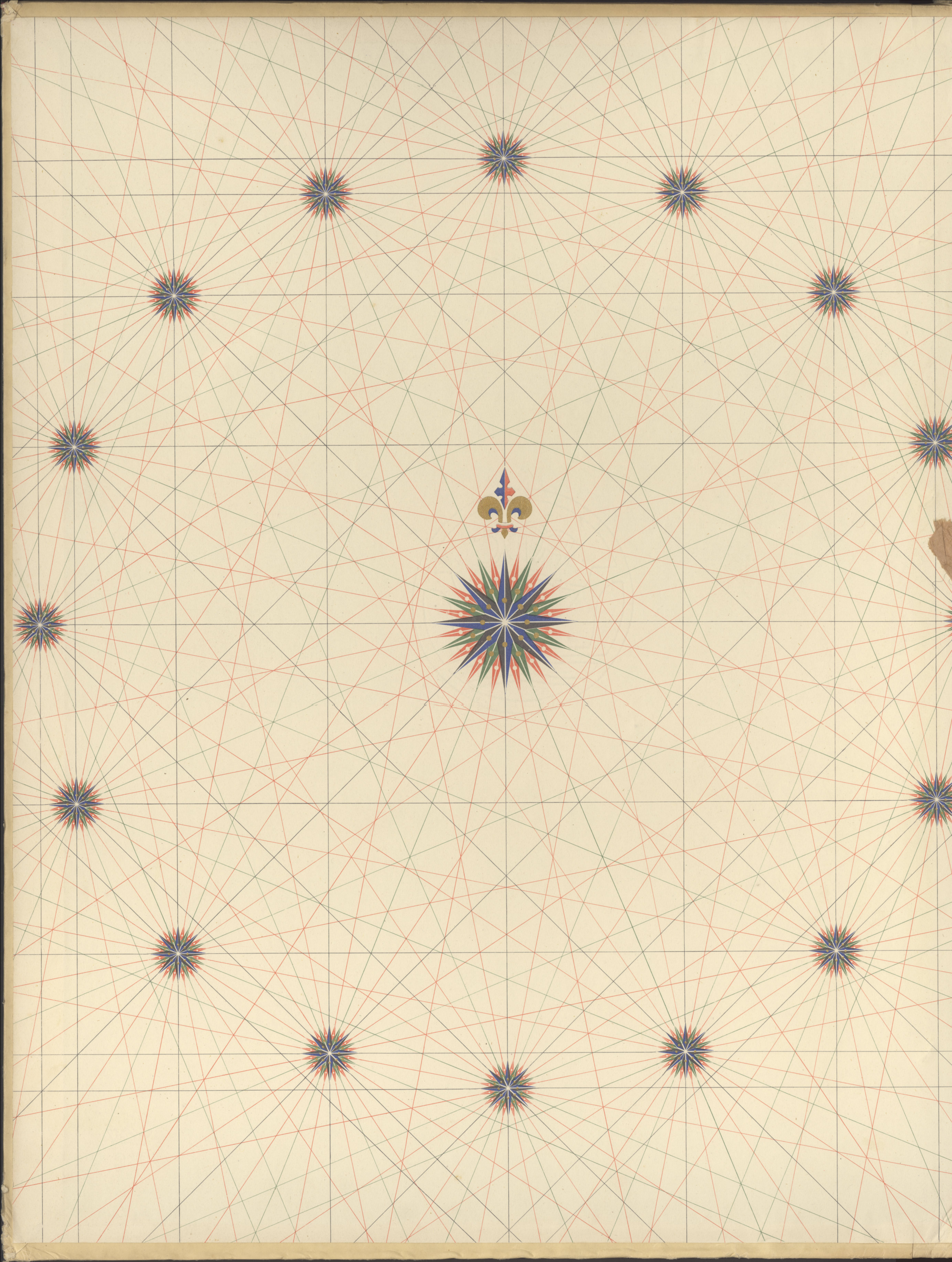
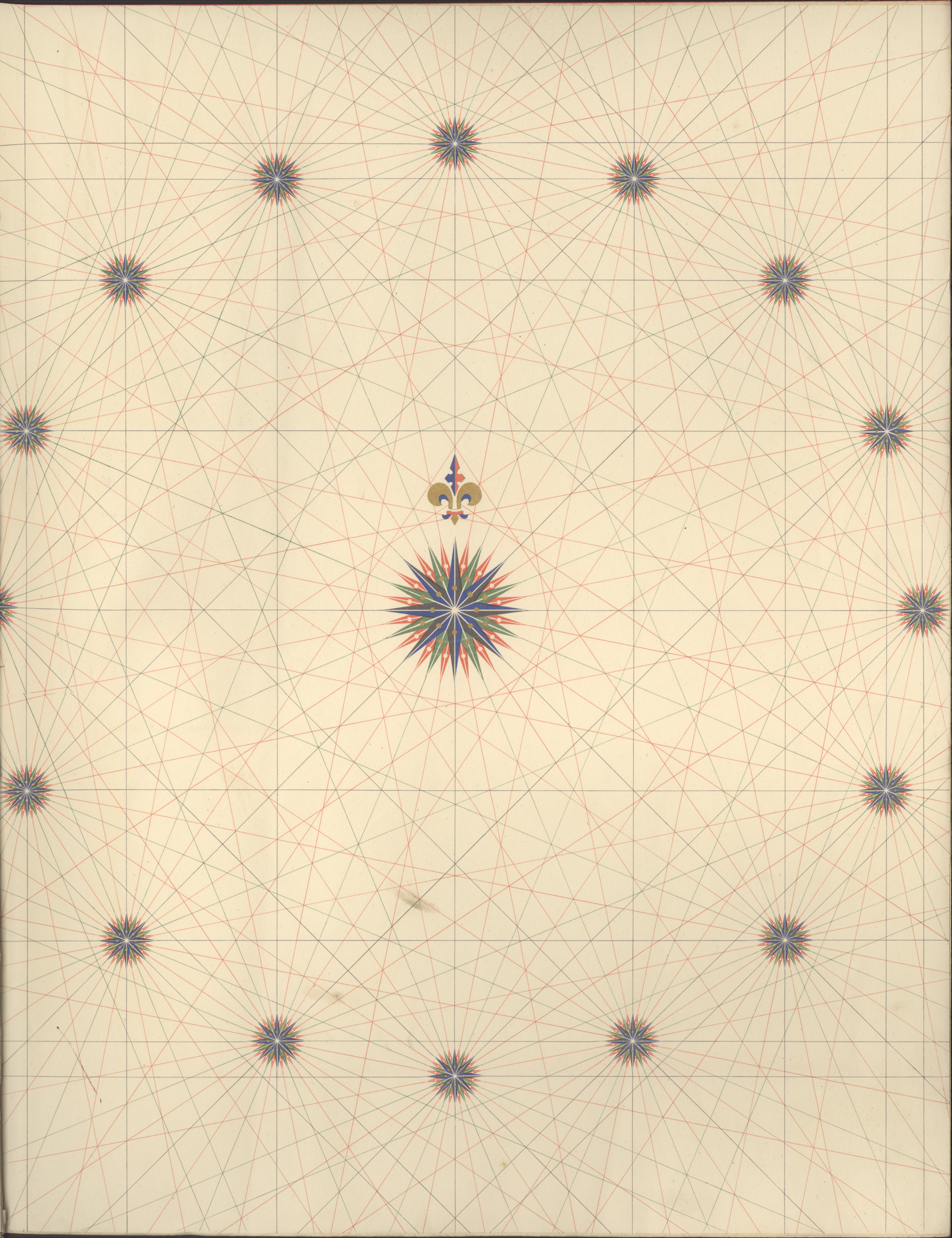
PORTVGALIAE MONVMENTA CARTOGRAPHICA

VOL. V



LISBOA
1960





PORTVGALIAE
MONVMENTA CARTOGRAPHICA

COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE

COMISSÃO EXECUTIVA

Presidente — Professor Doutor José Caeiro da Matta, Presidente da Academia Portuguesa da História.

Vogais — Engenheiro Manuel de Sá e Mello, Director-Geral dos Serviços de Urbanização;

— Engenheiro João Paulo Nazareth de Oliveira, Director dos Serviços de Melhoramentos Urbanos;

— Escritor Idalino Ferreira da Costa Brochado, Académico da Academia Portuguesa da História.

Secretário-Geral — Dr. Diogo de Paiva Brandão, Secretário-Geral da Presidência do Conselho.

Delegado da Direcção-Geral da Contabilidade Pública — Dr. José de Sousa Nunes Ferreira, Chefe de Repartição da mesma Direcção-Geral.

SUBCOMISSÃO DE *PORTVGALIAE MONVMENTA CARTOGRAPHICA*

Presidente — Doutor Damião Peres, Professor de História dos Descobrimentos na Universidade de Coimbra.

Vice-Presidente — † Professor Doutor João Pereira Dias, Director da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

Vogais: — † Escultor Diogo de Macedo, Director do Museu Nacional de Arte Contemporânea;

— Capitão de Mar e Guerra Manuel Afonso Dias, Delegado do Ministério da Marinha.

DIRECÇÃO

DE

Professor Doutor Armando Cortesão, Universidade de Coimbra

COM A COOPERAÇÃO

DE

Capitão-tenente Avelino Teixeira da Mota, Professor da Escola Naval, Lisboa.



PEDRO REINEL, c. 1485

Pormenor – Detail

Archives Départementales de la Gironde, Bordeaux


em · africa

COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE

PORTVGALIAE MONVMENTA CARTOGRAPHICA

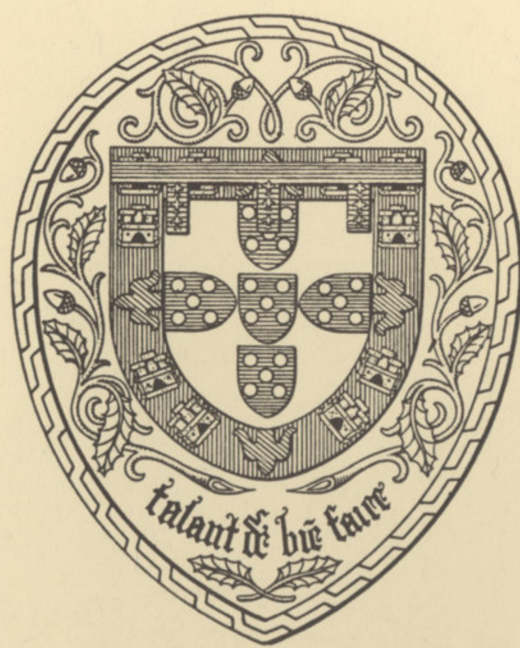
POR

ARMANDO CORTESÃO

E

AVELINO TEIXEIRA DA MOTA

VOLUME V





LISBOA
1960

INTRODUÇÃO

INTRODUCTION

INTRODUÇÃO

Conforme explicámos na *Introdução Geral* (Vol. I, pp. xxxvi-xxxviii), o grande número de espécimes cartográficos do século XVII, a maior parte dos quais foram descobertos enquanto buscávamos obras da cartografia portuguesa mais antiga, e o facto de ter-se reconhecido que este material é muito mais importante do que se havia julgado, levou-nos a acrescentar um Volume aos quatro originàriamente planeados.

Entre outras vantagens, isto permitiu-nos incluir neste Volume alguns espécimes, mais ou menos importantes, anteriores ao século XVII, que foram descobertos depois dos quatro primeiros Volumes já terem sido publicados. O facto de que quase todos os espécimes cartográficos incluídos no presente Volume nunca haviam sido devidamente estudados obrigou-nos a com eles dispender mais tempo do que contávamos. Por outro lado, a nossa participação no Congresso Internacional da História dos Descobrimentos, realizado em Lisboa em Setembro de 1960, e noutras manifestações associadas com as Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique, absorveu-nos por completo durante meses. Isto poderá explicar porque o presente Volume não é publicado tão cedo como se esperava.

No Vol. IV tratámos principalmente de cartografia portuguesa na primeira metade do século XVII, e no presente Volume ocupamo-nos sobretudo da segunda metade do mesmo século, embora incluamos aqui todas as obras anteriores a 1650 que, por qualquer motivo, não pudemos reproduzir e estudar nos quatro Volumes anteriores.

Consideramo-nos felizes por nos ter sido possível estudar, ainda que brevemente, e reproduzir aqui a carta de Pedro Reinel de c. 1485, pois ela constitui um dos mais preciosos de todos os espécimes conhecidos da cartografia portuguesa antiga. É exactamente por causa da sua importância excepcional que julgámos apropriado reproduzi-la tanto a cores como em monocromo, como fizemos com o chamado planisfério «Cantino», cuja importância também não tem rival.

Outra valiosa descoberta, que também podemos reproduzir e estudar brevemente neste Volume, foi a de dois fragmentos de um planisfério de Diogo Ribeiro, datado de 1530, que se ajusta perfeitamente na série cronológica dos outros planisférios conhecidos do mesmo grande cartógrafo.

Utilizado também para encadernar um livro, como os dois atrás referidos, foi um fragmento de uma carta portuguesa, anónimo e sem data, que apenas conseguimos situar cronològicamente no terceiro quartel do século XVI.

Dois pequenos mapas-mundi, de 1570, simplesmente desenhados em papel, estão incluídos na *Ars Nautica,* códice cujo paradeiro até há pouco se desconhecia, escrita pelo célebre, versátil, e irriquieto padre Fernando Oliveira. Estas duas cartas têm interesse especial porque ilustram um capítulo da *Ars Nautica* sobre a construção e utilização da carta de marear.

A última destas cartas anteriores ao século XVII, até há pouco desconhecidas ou não referidas, que estudamos e reproduzimos neste Volume, é uma pequena carta, ou antes esboço, traçado em 1598 por Pedro Fernandes de Queirós, que segundo parece era cartógrafo notável mas do qual, ao que se sabe, nenhum outro trabalho sobreviveu.

Ocupamo-nos a seguir das obras ainda existentes de quatro cartógrafos que pertencem à primeira metade do século XVII: Domingos Sanches, António Sanches, Pascoal Roiz e um anónimo. De Domingos Sanches conhecemos apenas uma carta, datada de Lisboa em 1618. De António Sanches reproduzimos um planisfério, um grupo de duas cartas, uma carta e um grupo de sete cartas, datadas respectivamente de 1623, 1633, 1637 e 1641. O estudo deste cartógrafo levou-nos à suposição, provàvelmente correcta, de que ele era aparentado não só com o seu contemporâneo Domingos Sanches, mas também com o cartógrafo Cipriano Sanches Vilavicêncio (vide Vol. III, p. 111), provàvelmente oriundo de Vila Viçosa, donde o sobrenome Vilavicêncio. Embora de tal não tenhamos prova directa, é muito possível que Domingos e António Sanches fossem filhos de Cipriano Sanches. O estilo, em geral, e algumas particularidades — tais como os curiosos pontos aguçados sobre as maiúsculas *II*, nas cartas de Cipriano e Domingos Sanches — poderiam sugerir que este teria aprendido a sua arte com aquele.

Pascoal Roiz está aqui representado por duas cartas náuticas, de 1632 e de 1633, mas não conseguimos encontrar qualquer outra informação sobre este cartógrafo. Não foi possível identificar o autor do belo mas inacabado atlas universal, HM39, com dezoito cartas desenhadas em papel, c. 1630,

INTRODUCTION

As explained in the *General Introduction* (Vol. I, pp. xxxvi-xxxviii), the great number of cartographic specimens from the XVII century, most of which we have discovered while searching for earlier Portuguese cartographic works, and the recognition that this material is much more important than we had thought, has led to the addition of a further Volume over and above the four originally planned.

Among other advantages, this has enabled us to include in this Volume some more or less important specimens, earlier than the XVII century, which were discovered after the first four Volumes had been published. The fact that practically all the cartographic specimens included in the present Volume have never been properly studied made a special demand on our time. It may be added that our participation in the International Congress of the History of Discoveries, held in Lisbon in September 1960, and in other functions which were part of or were associated with the Commemoration of the Fifth Centenary of the Death of Prince Henry the Navigator, absorbed us completely for several months. This may explain why the present Volume is not published as soon as expected.

Vol. IV dealt chiefly with Portuguese cartography in the first half of the XVII century, and the present Volume is concerned mainly with the second half of the same century, although we include here all the works earlier than 1650 which, for one reason or another, we were unable to reproduce and study in the four previous Volumes.

It is fortunate that we have been able to study (however briefly) and to reproduce here Pedro Reinel's chart of c. 1485, for this is one of the most precious of all known specimens of early Portuguese cartography. It is just because of this exceptional importance that we have found it appropriate to reproduce it in colour as well as monochrome, as we did with the so-called «Cantino» planisphere, whose importance is also second to none.

Another valuable discovery which we have been able to reproduce and study briefly in this Volume is the two fragments of a planisphere by Diogo Ribeiro, dated 1530, which fits perfectly in the chronological series of the other known planispheres by the same great cartographer.

Also used in binding a book, like those mentioned above, was another fragment of a Portuguese chart, anonymous and undated, which we have been unable to do more than date to the third quarter of the XVI century.

Two small world maps, of 1570, plainly drawn on paper, are included in the *Ars Nautica,* a codex written by the famous, versatile and restless priest Fernando Oliveira; their whereabouts were unknown until recently. These two maps have the special interest of illustrating a chapter of the *Ars Nautica* on the construction and use of the nautical chart.

The last of these charts prior to the XVII century, unknown or unnoticed until recently, which we study and reproduce in this Volume is a small chart, or rather sketch, drawn in 1598 by Pedro Fernandes de Quiros, who was apparently a noteworthy cartographer but of whom no other work has survived, so far as we know.

We deal next with the surviving works of four cartographers who belong to the first half of the XVII century: Domingos Sanches, António Sanches, Pascoal Roiz, and an anonymous cartographer. Of Domingos Sanches we know only one chart, dated Lisbon 1618. Of António Sanches we reproduce a planisphere, a group of two charts, a chart and a group of seven charts dated respectively 1623, 1633, 1637 and 1641. The study of this cartographer has led to the supposition, which is very probably correct, that he was related not only to his contemporary Domingos Sanches but also to the cartographer Cipriano Sanches Vilavicêncio (see Vol. III, p. 111), who was probably a native of Vila Viçosa, whence his surname Vilavicêncio. It is quite possible that Domingos and António Sanches were the sons of Cipriano Sanches, but we have no direct evidence of this. The general style and some peculiarities — such as the unusual pointed dots on the capital *II* in the charts of Cipriano and Domingos Sanches — might suggest that the latter had learned his art from the former.

Pascoal Roiz is represented here by two nautical charts, of 1632 and 1633, but we have been unable to find any further information about this cartographer. The author of the lovely but unfinished atlas of the world, HM39, with eighteen charts drawn on paper, c. 1630, and included

e incluído num volume de 181 folhas, estando as restantes em branco, embora o estilo do desenho lembre o dos três cartógrafos acima mencionados; não há dúvida de que pertenceu à mesma escola.

Agrupamos numa secção as obras de três dos mais importantes cartógrafos que pertencem à segunda metade do século XVII: André Pereira dos Reis, João Teixeira Albernaz II e José da Costa Miranda. De André Pereira dos Reis, natural de Goa, conhecemos duas obras: um importante atlas do Oriente, datado de 1654, em Pangim, e um códice com cartas e vistas, datado de 1656-1660, em Macau. A segunda parte deste códice contém um «Roteiro de Goa a Cochim e Pegu», que foi revisto em 1634 por Gaspar Pereira dos Reis, pai do cartógrafo e nascido em Lisboa, o qual serviu no Oriente durante muitos anos.

João Teixeira Albernaz II, neto de João Teixeira Albernaz I — de quem até nós chegaram vários atlas e cartas, num total de cento e sessenta e seis espécimes, datando de 1655 a 1681 — foi o mais notável cartógrafo da segunda metade do século XVII; embora um atlas e um grupo de seis cartas não estejam assinados, conseguimos identificá-los como da sua autoria. Os protótipos de algumas das cartas nos seus quatro atlas do Brasil influenciaram a cartografia holandesa contemporânea. O mais notável dos trabalhos que dele sobreviveram é sem dúvida e de longe o seu excepcional atlas da África, que lança muita luz sobre um dos mais significativos aspectos da insuspeitada influência que a cartografia portuguesa exerceu no estrangeiro durante a segunda metade do século XVII. De facto, mostramos que a célebre *Suite du Neptune François*, publicada por Pierre Mortier em Amsterdam, 1700, foi baseada e por vezes simplesmente copiada deste atlas de 1665, levado de Portugal para França talvez nesse mesmo ano. O atlas foi utilizado não só por Mortier como também por um francês do século XVII, que fez cópias de algumas das suas cartas, e, quer directa, quer indirectamente, influenciou outros cartógrafos, tais como Jaillot, William Berry e Coronelli.

Os *Livros* e atlas do *Estado da India Oriental* seiscentistas, que contêm desenhos de fortalezas e cidades portuguesas desde o Cabo da Boa Esperança até Macau, alguns com descrições e textos extensos, e uns poucos incluindo cartas do Oriente, têm considerável interesse histórico, em especial pelo seu valor como documentação gráfica. De alguns destes *Livros* e atlas, datando de 1610 a c. 1648, tratámos no Vol. IV, e aqui descrevemos mais quinze, datando de c. 1620 a 1675; três atlas de Ceilão, descritos mais adiante, podem ser relacionados com esta série apesar do seu âmbito mais limitado. Deve notar-se que existe uma diferença entre, por um lado, os *Livros* e atlas do *Estado da India Oriental* e, por outro, os atlas do Brasil criados por Luís Teixeira e subsequentemente desenvolvidos por seu filho João Teixeira Albernaz I e bisneto João Teixeira Albernaz II; ao passo que estes são caracterizados por um grande número de cartas costeiras pormenorizadas, aqueles são compostos sobretudo de plantas de fortalezas e cidades. Cada um destes *Livros* e atlas contém entre 16 e 104 desenhos, incluindo plantas, mapas e cartas, e muitos deles são anónimos, embora na maioria dos casos seja possível identificar os seus autores: Manuel Godinho de Erédia, Pedro Barreto de Resende, João Teixeira Albernaz I, António de Mariz Carneiro, João Nunes Tinoco e João Teixeira Albernaz II. Algumas vezes os desenhos estão incluídos em manuscritos ou livros impressos de outros autores, e em dois casos só restam os textos.

Ocupamo-nos a seguir de José da Costa Miranda, de quem reproduzimos e estudamos oito obras, datando de 1681 a 1706. Provàvelmente era filho de um fabricante de instrumentos náuticos, talvez também cartógrafo, António Miranda, de quem não conhecemos qualquer obra.

Finalmente, reunimos numa vasta secção um grupo heterogéneo de uns cinquenta espécimes cartográficos seiscentistas portugueses, indo de 1604 até fim do século. Muitos destes mapas e cartas são anónimos, e uns poucos foram desenhados por estrangeiros mas definitivamente baseados em protótipos portugueses. Se alguns destes espécimes são bem conhecidos e têm sido muitas vezes reproduzidos e mais ou menos estudados — tais como as cartas da Abissínia, dos P.es Manuel de Almeida e Baltasar Teles, e a carta do Japão, do P.e António Francisco Cardim — ou simplesmente mencionados, na sua maioria são agora dados a conhecer pela primeira vez.

Também reunimos uma série de dezoito trabalhos seiscentistas, na maioria de engenheiros e arquitectos, alguns deles anónimos, consistindo sobretudo de plantas de fortalezas e de outros lugares em Portugal metropolitano, que não são desprovidos de interesse cartográfico, e mesmo algumas cartas. Foi escrito um capítulo bastante extenso sobre o assunto, para o presente Volume, mas decidimos publicar esse estudo noutro lugar (1) e dar aqui apenas um breve resumo (Apêndice III).

(1) Aparecerá, em português e em inglês, como uma da série de publicações do Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga (Junta de Investigações do Ultramar), Secção de Lisboa. Este Agrupamento, criado em Janeiro de 1961, tem duas Secções: uma em Lisboa, dirigida por A. Teixeira da Mota, e outra na Universidade de Coimbra, dirigida por Armando Cortesão. Deve-se a criação deste organismo à iniciativa do Prof. Doutor João Carrington da Costa, ao tempo Presidente da Junta de Investigações do Ultramar.

in a volume of 181 leaves, the remaining ones being blank, could not be identified, although the style of the drawing recalls that of the three cartographers mentioned above; he certainly belonged to the same school.

We have grouped together in one section the works of three of the more important cartographers who belong to the second half of the XVII century: André Pereira dos Reis, João Teixeira Albernaz II and José da Costa Miranda. Of André Pereira dos Reis, a native of Goa, we know two works: an important atlas of the East, dated Pangin 1654, and a codex with charts and views dated Macao 1656-1660. The second part of this codex contains a «Rutter from Goa or Cochin to Pegu», which was revised in 1634 by Gaspar Pereira dos Reis, the cartographer's Lisbon-born father, who served in the East for many years.

João Teixeira Albernaz II, a grandson of João Teixeira Albernaz I — from whom several atlases and charts, reaching the total of one hundred and sixty-six maps, have survived, dated from 1655 to 1681 — was the most noteworthy cartographer of the second half of the XVII century; although one atlas and a group of six charts are unsigned, we have been able to ascribe them to him. The prototypes of some of the charts in his four atlases of Brazil influenced contemporary Dutch cartography. The most outstanding of his surviving works is undoubtedly the unique atlas of Africa, which throws much light on one of the most significant aspects of the unsuspected influence exercised abroad by Portuguese cartography during the second half of the XVII century. We show in fact that the famous *Suite du Neptune François* published by Pierre Mortier in Amsterdam, 1700, was based on and sometimes simply copied from this atlas of 1665, taken from Portugal to France perhaps in this same year. The atlas was used not only by Mortier but also by a XVII-century Frenchman, who made copies of some of its charts, and, either directly, or indirectly it influenced other cartographers, such as Jaillot, William Berry and Coronelli.

The XVII-century «Books» and atlases of the «State of Oriental India», which contain delineations of the Portuguese fortresses and cities from the Cape of Good Hope to Macao, some with descriptions and extensive texts, and a few including charts of the East, are of considerable historical interest, particularly for their value as graphic documentation. Some of these «Books» and atlases, dating from 1610 to c. 1648, have been dealt with in Vol. IV, and we here describe fifteen more, dating from c. 1620 to 1675; three atlases of Ceylon, described later in the Volume, may be related to this series in spite of their more limited scope. It must be noticed that there is a difference between the «Books» and atlases of the «State of Oriental India» and the atlases of Brazil as created by Luís Teixeira and subsequently developed by his son João Teixeira Albernaz I and great-grandson João Teixeira Albernaz II; while the latter are characterized by a large number of detailed coastal charts, the former are composed mainly of plans of fortresses and cities. Each of these «Books» and atlases contains between 16 and 104 drawings, including plans, maps and charts, and many of them are anonymous, although their authors can in most cases be identified: Manuel Godinho de Erédia, Pedro Barreto de Resende, João Teixeira Albernaz I, António de Mariz Carneiro, João Nunes Tinoco and João Teixeira Albernaz II. Sometimes the drawings are included in manuscripts or printed books by other authors, and in two instances only the texts have survived.

We deal next with José da Costa Miranda, of whom we reproduce and study eight works, dating from 1681 to 1706. He probably was the son of a maker of nautical instruments, perhaps also a cartographer, António Miranda, of whom no work is known.

Finally we have assembled in a vast section a heterogeneous group of some fifty XVII-century Portuguese cartographic specimens, ranging from 1604 to the end of the century. Many of these charts and maps are anonymous, and a few were drawn by foreigners but definitely based on Portuguese prototypes. If some of these specimens are well known and have often been reproduced and more or less studied — such as the maps of Abyssinia by Fr Manuel de Almeida and Fr Baltasar Teles, and Fr António Francisco Cardim's map of Japan — or simply mentioned, most of them are now brought to light for the first time.

We have also assembled a series of eighteen XVII-century works, in the main by engineers or architects, some of them anonymous, consisting mostly of plans of fortresses and other places in metropolitan Portugal, which are not without cartographic interest, even including some maps. A somewhat extensive chapter on the subject was written for the present Volume, but we have decided to publish this study elsewhere (1) and to give here a brief resumé only (Appendix III).

(1) It will appear, in Portuguese and English, as one of a series of publications of the Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga (Junta de Investigações do Ultramar), Lisbon Section. This Agrupamento, created in January 1961, has two Sections: one in Lisbon directed by A. Teixeira da Mota, and the other in the University of Coimbra, directed by Armando Cortesão. The creation of this group of studies is due to the initiative of Professor Dr João Carrington da Costa, then President of the Junta de Investigações do Ultramar.

A reunião de todos estes espécimes cartográficos, muitos dos quais eram prática ou completamente desconhecidos — em especial os do século XVII contidos nos Vols. IV e V — representa o fruto de longas e laboriosas buscas em bibliotecas, arquivos e colecções da Europa e da América, sobretudo por Teixeira da Mota a partir de 1953. Revelam eles uma riqueza de atlas, cartas, mapas e plantas seiscentistas de cuja importância até aqui se não suspeitava. Isto surpreenderá muitos estudiosos, tanto se não mais do que a nós surpreendeu. O facto é que, embora a cartografia portuguesa do século XVI fosse no todo bastante bem conhecida, muito pouco se sabia acerca da do século seguinte. Julgava-se que, por pertencer a período de decadência, quando a cartografia portuguesa já havia passado o seu esplendor e tinha sido suplantada pela magnificência cartográfica de alguns países do norte, especialmente os Países Baixos e a França, quase que não valia a pena mencioná-la. Vemos agora como estávamos errados. Não só muitos cartógrafos portugueses floresceram durante esse período principalmente na primeira metade do século, mas, como agora se verifica, a sua influência além fronteiras foi notável, sobretudo considerando que foi precisamente no século XVII que a cartografia europeia atingiu o brilho com que entrou nos tempos modernos. Uma vez mais a contribuição portuguesa para o progresso da geografia e da cartografia não é de desdenhar.

Por isso estimamos que nos tivesse sido permitido acrescentar mais um Volume aos quatro originàriamente planeados, não só porque assim pudemos tratar com um pouco mais de desenvolvimento de algum material mais antigo mas também porque tivemos possibilidade de esclarecer consideràvelmente um capítulo importante e bastante obscuro na história da cartografia.

Este Volume termina com sete Apêndices. Era nossa intenção escrever alguns mais, mas não pudemos fazê-lo, sobretudo por falta de tempo. Um desses Apêndices devia ter tratado do «modo como nasceu a ciência náutica em Portugal e suas relações com a cartografia, assim como dos aspectos científicos desta na época dos descobrimentos», conforme anunciámos na *Introdução Geral* (p. xviii, nota 1), e devemos pedir desculpa por não termos cumprido a nossa promessa. Outro Apêndice que desejaríamos ter escrito, respeita ao de certo modo misterioso desaparecimento de quase todos os espécimes da cartografia portuguesa anterior a 1500 e sua utilização como protótipos na cartografia estrangeira contemporânea, onde se encontram registados pela primeira vez alguns dos mais antigos descobrimentos portugueses no Atlântico e ao longo da costa ocidental da África.

No Apêndice I referem-se brevemente os traçados das ilhas atlânticas contidos no precioso códice de Valentim Fernandes Alemão, de princípios do século XVI, que hoje se encontra em Munique; embora se trate apenas de esboços grosseiros feitos por um alemão, ele viveu uns 27 anos em Portugal e aqueles são as mais antigas representações cartográficas das ilhas e reproduzem ou baseiam-se em protótipos portugueses.

O Apêndice II ocupa-se de dois notáveis atlas quinhentistas que alguns autores têm classificado como portugueses, e de facto o são: o Atlas Vallard e o Atlas da Haia. Hesitámos em se os devíamos incluir entre outros espécimes portugueses, ou se deles nos devíamos ocupar num Apêndice, pois, embora estes dois belos atlas tivessem sido feitos com a ajuda de algum cartógrafo ou cartógrafos portugueses, eles são produtos típicos da Escola de Dieppe. Contudo, o estudo a que agora procedemos levou-nos à conclusão de que os dois atlas devem ser considerados de feitura portuguesa, salvo a iluminura, e melhor teria sido havê-los incluído entre os anónimos, no Vol. I. Por isso reproduzimos todo o Atlas da Haia e parte do Vallard. Neste mesmo Apêndice tratamos, ainda mais brevemente, do Atlas de Jehan Roze, aparentado de perto com aqueles dois.

O Apêndice III contém um breve resumo do que escrevemos sobre as obras, com algum interesse cartográfico, de vários arquitectos e engenheiros que trabalharam em Portugal durante o século XVII, como já dissemos.

No Apêndice IV publicamos pela primeira vez um importante documento sobre os Reinéis, como referimos na *Introdução Geral* (p. xxxvii).

O Apêndice V contém, como prometemos, mais um estudo sobre a iconografia de D. João de Castro, completando o que escrevemos no Vol. I, pp. 130-3, sob a epígrafe «O retrato de D. João de Castro». Estamos gratos ao Professor Luís Reis-Santos, que para nós especialmente o escreveu.

No Apêndice VI apresentamos um estudo sobre a evolução da antiga representação cartográfica da Terra Nova e do Japão. Uma grande parte deste estudo, que absorveu muitos meses de labor intenso, foi preparada em 1955 durante o período de expectativa que precedeu uma decisão final sobre a publicação de *Portugaliae Monumenta Cartographica* na sua presente forma. Damo-nos conta de que trabalhos desta natureza podem ser úteis para os estudiosos, pelo menos por causa das tabelas de contornos e de topónimos laboriosamente preparadas. Tencionávamos preparar estudos e tabelas semelhantes para as costas da América em geral e Estreito de Magalhães em particular, arquipélagos atlânticos e costa ocidental da África, Oceano Índico e costa oriental da África, Insulíndia, Extremo Oriente,

The assemblage of all these cartographic specimens, most of which were practically or completely unknown — particularly those from the XVII century contained in Vols. IV and V — represents the fruit of long and painstaking research in the libraries, archives and collections of Europe and America, chiefly by Teixeira da Mota from 1953 onward. They reveal a wealth of XVII-century atlases, charts, maps and plans, the importance of which had been hitherto unsuspected. This will surprise many students as much as, if not more than, it surprised us. The fact is that, although XVI-century Portuguese cartography was on the whole fairly well known, very little was known about that of the following century. It was thought that because it belonged to a period of decadence, when Portuguese cartography had had its heyday and had been superseded by the cartographic magnificence of some northern countries, particularly the Low Countries and France, it was hardly worth mentioning. We can see now how mistaken we were. Not only did many Portuguese cartographers flourish during this period, mainly in the first half of the century, but, as we can now affirm, their influence abroad was remarkable, particularly if we take into account that it was precisely in the XVII century that European cartography gained the brilliance with which it entered modern times. Once again the Portuguese contribution to the progress of geography and cartography cannot be ignored.

This is why we are glad to have been given permission to add a further Volume to the four originally planned, not only because it has allowed us to deal a little more fully with some of the earlier material but also because we have thus been able to shed considerable light on an important and rather obscure chapter in the history of cartography.

This Volume ends with seven Appendixes. It was our intention to write a few more, but we have been unable to do so, chiefly from lack of time. One of these Appendixes would have dealt with «the birth of nautical science in Portugal and its relations with cartography, as well as the scientific aspects of the later period of the discoveries», as announced in the *General Introduction* (p. xviii, note 1), and we must apologise for not being able to keep our promise. Another Appendix which we should have liked to write concerns the somewhat mysterious disappearance of almost all specimens of Portuguese cartography prior to 1500, and their use as prototypes in contemporary foreign cartography, where we find recorded for the first time some of the earliest Portuguese discoveries in the Atlantic and along the west coast of Africa.

Appendix I deals briefly with the sketches of the Atlantic islands contained in Valentim Fernandes Alemão's precious early XVI-century codex now preserved in Munich; although they are only rough drawings by a German, he lived for some 27 years in Portugal and these are the earliest special cartographic representations of the islands, and they reproduce or are based on Portuguese prototypes.

Appendix II discusses two remarkable XVII-century atlases which some authors have classified as Portuguese, as indeed they are: the Vallard Atlas and the Atlas of the Hague. We hesitated whether they should be included among other Portuguese specimens, or should be dealt with in an appendix, because, although these two beautiful atlases were made with the help of some Portuguese cartographer or cartographers, they are typical products of the School of Dieppe. However, the study which we have now undertaken leads us to the conclusion that the two atlases must be considered as Portuguese made, and it might have been proper to have included them among the anonymous works in Vol. I. We therefore reproduce the whole Atlas of the Hague and part of that of Vallard. In this same Appendix we deal, still more briefly, with John Rotz's Atlas, a close relation of the former two.

Appendix III contains a brief resumé of what we have written about the works, of some cartographical interest, of several architects and engineers who worked in Portugal during the XVII century, as explained above.

In Appendix IV we publish for the first time an important document about the Reinels, as mentioned in the *General Introduction* (p. xxxvii).

Appendix V contains, as promised, a further study on the iconography D. João de Castro, completing what we have written in Vol. I, pp. 130-3, under the title «The portrait of D. João de Castro». We are indebted to Professor Luís Reis-Santos, who wrote this study specially for us.

In Appendix VI we present a study on the evolution of the early cartographic representation of Terra Nova (Newfoundland) and Japan. A great part of this study, which took many months of intense work, was prepared in 1955 during the period of expectancy before a final decision was reached on the publication of *Portugaliae Monumenta Cartographica* in its present form. We realize that works of this kind may be useful to students (if for no other reason) because of the laboriously assembled tables of outlines and place names. We had planned to prepare similar studies and tables for the coasts of America in general and the Strait of Magellan in particular, the Atlantic archipelagos and the west coast of Africa, the Indian Ocean and the east coast of Africa, Insulindia, the Far East, the Mediterranean

Mediterrâneo e Europa, e Portugal; mas tão sobrecarregado tem sido, sempre e cada vez mais, o nosso programa, que não nos foi possível satisfazer esse desiderato. Esperamos, porém, que pelo menos alguns destes estudos serão preparados e publicados, num futuro não muito distante, por uma ou ambas as Secções do Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga.

Finalmente, o Apêndice VII contém uma lista de cartógrafos portugueses de quem temos referências concretas mas dos quais, ao que sabemos, nenhuma obra sobreviveu. O Volume termina com breve *Addenda*.

No fim de cada Tábua das Matérias e no fim de cada um dos quatro Volumes anteriores declara-se que o Índice Geral se encontrará no fim do Vol. V. Sucede porém que, conforme o trabalho foi progredindo, nos fomos dando conta do inconveniente de incluir um extenso Índice Geral, além de outros índices cronológicos, num Volume in-folio, de tão vastas dimensões e pesado, o que não só tornaria a sua consulta frequente mais difícil como certamente contribuiria para a sua rápida deterioração. Chegámos então à conclusão de que seria melhor apresentar os índices cronológicos e Índice Geral num outro volume. Este Vol. VI, in-quarto, mais fácil de manejar e consultar, contém dois índices cronológicos de todos os cartógrafos e cartas portugueses referidos nos cinco Volumes in-folio, a lista de todas as bibliotecas, arquivos e colecções onde tais espécimes se conservam, e, por fim, o Índice Geral. Esperamos ter assim prestado um bom serviço aos estudiosos e a todos os que quiserem consultar este volumoso livro.

Todos os espécimes da cartografia portuguesa até 1700, que existem e de que temos conhecimento, estão aqui reunidos, reproduzidos e estudados, ainda que com pormenor variável. Ocupámo-nos mais detidamente de alguns cartógrafos e das suas obras do que de outros, mas nunca foi nosso intento escrever monografias completas sobre cada um deles: o nosso propósito tem sido sempre reunir informação e documentos, em muitos casos aqui revelados pela primeira vez, o que ajudará os estudiosos a tratar mais completamente — e por vezes com mais justiça e melhor conhecimento — dos inúmeros problemas e assuntos directa ou indirectamente relacionados com a história da cartografia portuguesa, cuja importância é inexcedível na história do descobrimento do mundo. A obra podia certamente ser melhor; mas dadas as nossas deficiências, que decerto não ignoramos, sabemos que fizemos o melhor que nos foi possível dentro de um prazo fixo.

Apesar de todas as deficiências e imperfeições, *Portugaliae Monumenta Cartographica* ficará como um marco miliário na história da cartografia portuguesa, trazendo prova gráfica à demonstração dos serviços que Portugal prestou à humanidade através da sua parte capital no descobrimento do mundo, que foi a idade de oiro da geografia e um dos principais factores do Renascimento, se não o maior de todos.

Uma vez mais desejamos explicar que achámos apropriado indicar na *Tábua das Matérias*, com as nossas iniciais, (*A. C.*) ou (*T. M.*), o que cada um de nós escreveu.

À longa lista de agradecimento no fim da *Introdução Geral* devemos ajuntar mais uns poucos nomes de estudiosos, correspondentes e amigos que, de uma maneira ou outra, nos ajudaram durante a preparação do presente Volume: Prof. Doutor Luís Mendonça de Albuquerque, Universidade de Coimbra; Mr. Geoffrey S. Bagley, Hon. Curator do Rye Museum, Sussex; Coronel Francisco Eduardo Baptista, Director do Gabinete de Estudos de Fortificações e Obras Militares Antigas, Lisboa; Rev. José Lourenço Baptista, Reitor do Seminário das Missões Ultramarinas, Sernache do Bonjardim; Dr. Jacques Bernard, Faculté des Lettres, Bordéus; M. A. Betgé-Brezetz, Director dos Archives Départementales de la Gironde, Bordéus; Dr. José Pereira da Costa, Director do Arquivo Distrital do Funchal; Mrs. Marjorie Hancock, The Mitchell Library, Sydney; Prof. Luís de Matos, Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, Lisboa; Major-General C. W. Norman, Maidstone, Kent; Avv. Franco Novacco, Veneza; Dr.ª Maria Cristina Moreira de Sá, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, Lisboa; Dr. José Dias Sanches, Lisboa; Fräulein Renate Wenck, Kreis-und Studienbibliothek, Dillingen (Donau).

Finalmente temos muito gosto em também expressar os nossos cordiais agradecimentos a D. Pamela Joan Cortesão, pelo seu inestimável auxílio, e uma vez mais ao nosso sábio amigo R. A. Skelton, uma das maiores autoridades de hoje na história da cartografia, pela sua dedicada e constante assistência durante toda a preparação de *Portugaliae Monumenta Cartographica*.

Não poderíamos terminar sem exprimir o nosso profundo pesar pelo desaparecimento de dois amigos que, desde o começo, estiveram associados com *Portugaliae Monumenta Cartographica*: o distinto escultor Diogo de Macedo, que era membro da Subcomissão de *Portugaliae Monumenta Cartographica*, falecido em 19 de Fevereiro de 1959; e o Prof. Doutor João Pereira Dias, da Universidade de Coimbra, Vice-Presidente da mesma Subcomissão, falecido em 13 de Setembro de 1960, a quem nós, e em especial o que escreve estas linhas, muito devemos pelo seu apoio e inteligente auxílio desde o primeiro momento em que a ideia desta grande obra germinou.

and Europe, and Portugal; but our more and more overloaded time-table did not permit the fulfilment of this desideratum. We hope, however, that at least some of these studies will be prepared and published, in the not too distant future, by one or both Sections of the Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga.

Finally, Appendix VII contains a list of Portuguese cartographers about whom we have concrete references but none of whose works has survived, so far as we know. The Volume ends with a small *Addenda*.

At the end of each Table of Contents and at the end of each of the previous four Volumes it has been stated that the General Index would be given at the end of Vol. V. However, as the work progressed we came to realize the inconvenience of including a large General Index, besides other chronological indexes, in such a bulky and heavy folio Volume, which would not only make its frequent consultation more difficult but would certainly contribute to its rapid deterioration. We then reached the conclusion that it would be better to present the chronological indexes and General Index as a separate smaller volume. This Vol. VI, in quarto, easier to handle and consult, contains two chronological indexes of all the Portuguese cartographers and maps referred to in the five folio Volumes, a list of all the libraries, archives and collections where such specimens are preserved, and finally the General Index. We hope thereby to have rendered a good service to students and to all those who will need to consult this large book.

All surviving specimens of Portuguese cartography up to 1700, as far as we know, have here been assembled, reproduced and studied, although at various lengths. We have dwelt longer on some cartographers and their works than on others, but it was never our intention to write complete monographs about each of them: our purpose has always been to assemble evidence and materials, in many cases brought to light here for the first time, which will help students to deal more fully — and sometimes more fairly and with more propriety — with the innumerable problems and subjects directly or indirectly connected with the history of Portuguese cartography, the importance of which is second to none in the history of the discovery of the world. The work might certainly have been better; but given our shortcomings, of which we are quite aware, we know that we have done the best that we possibly could within fixed time limits.

In spite of all deficiencies and imperfections, *Portugaliae Monumenta Cartographica* will remain a milestone in the history of Portuguese cartography, bringing a graphic proof to the demonstration of the services that Portugal rendered to mankind through the capital part she played in the discovery of the world, which was the golden age of geography and one of the principal factors of the Renaissance, if not the greatest of all.

Once again we should like to state that we have thought it proper to indicate in the *Table of Contents* with our initials, either (*A. C.*) or (*T. M.*), what each of us has written.

To the long list of acknowledgements at the end of the *General Introduction* we must add a few more names of scholars, correspondents and friends who, in one way or another, have helped us during the preparation of the present Volume: Professor Luís Mendonça de Albuquerque, University of Coimbra; Mr Geoffrey S. Bagley, Hon. Curator of the Rye Museum, Sussex; Colonel Francisco Eduardo Baptista, Director of the Gabinete de Estudos de Fortificações e Obras Militares Antigas, Lisbon; Rev José Lourenço Baptista, Rector of the Seminário das Missões Ultramarinas, Sernache do Bonjardim; Dr Jacques Bernard, Faculté des Lettres, Bordeaux; M. A. Betgé-Brezetz, Director of the Archives Départementales de la Gironde, Bordeaux; Dr José Pereira da Costa, Director of the Arquivo Distrital, Funchal; Mrs Marjorie Hancock, The Mitchell Library, Sydney; Professor Luís de Matos, Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, Lisbon; Major-General C. W. Norman, Maidstone, Kent; Avv Franco Novacco, Venice; Dr Maria Cristina Moreira de Sá, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, Lisbon; Dr José Dias Sanches, Lisbon; Fräulein Renate Wenck, Kreis- und Studienbibliothek, Dillingen (Donau).

Finally, we should also like to offer our heartiest thanks to Mrs Pamela Joan Cortesão for her invaluable help, and once again to our learned friend R. A. Skelton, one of the greatest living authorities on the history of cartography, for his devoted and unfailing assistance throughout the preparation of *Portugaliae Monumenta Cartographica*.

We could not end without expressing our deep sorrow at the death of two friends who, from the beginning, were associated with *Portugaliae Monumenta Cartographica*: the distinguished sculptor Diogo de Macedo, who was a member of the Sub-Commission of *Portugaliae Monumenta Cartographica*, died 19 February 1959; and Professor Dr João Pereira Dias, University of Coimbra, Vice-President of the same Sub-Commission, deceased 13 September 1960, to whom we, and particularly he who writes these lines, owe so much for his support and intelligent help from the first moment that the idea of this great work was germinated.

TÁBUA DAS MATÉRIAS

Págs.

Introdução do Vol. V. (*A. C.*) xiii

Pedro Reinel, Carta de c. 1485, nos Archives Départementales de la Gironde, Bordéus — Estampas 521-522. (*A. C.*) 3

Diogo Ribeiro, Fragmentos dum planisfério de 1530, na Kreis- und Studienbibliothek, Dillingen — Estampa 523. (*A. C.*) 5

Anónimo, Fragmento de uma carta náutica, terceiro quartel do século XVI, no Rye Museum, Sussex — Estampa 524. (*A. C.*) 7

Fernando Oliveira, Duas cartas na «Ars Nautica», 1570, na Biblioteca da Universidade de Leida — Estampa 525. (*T. M.*) 9

Pedro Fernandes de Queirós, Carta de 1598, na Colecção de Avv. Franco Novacco, Veneza — Estampa 525 C. (*T. M.*) 11

Domingos Sanches, Carta de 1618, na Bibliothèque Nationale de Paris — Estampa 526. (*T. M.*) 15

António Sanches, Planisfério de 1623, no British Museum, Londres — Estampa 527 A; duas Cartas de 1633, no National Maritime Museum, Greenwich — Estampa 528; Carta de 1637, na colecção de C. W. Norman, Kent — Estampa 527 B; sete Cartas de 1641, na Koninklijke Bibliotheek, Haia — Estampa 529-532. (*T. M.*) 17

Pascoal Roiz, Carta de 1632, na Bibliothèque Communale de Dinan — Estampa 533; Carta de 1633, na Library of Congress, Washington — Estampa 534. (*T. M.*) 21

Anónimo, Atlas de c. 1630, na Huntington Library, San Marino, California — Estampas 535-540. (*T. M.*) 23

André Pereira dos Reis, Atlas de 1654, na colecção de W. A. Engelbrecht, Roterdão — Estampas 541-543; Códice com dezoito cartas e vistas de 1656-1660, na Sociedade de Geografia de Lisboa — Estampas 544-545. (*T. M.*) 27

João Teixeira Albernaz II, Elementos biográficos; Carta de 1655, no British Museum, Londres — Estampa 546; Carta de 1665, na Biblioteca da Universidade de Yale — Estampa 547; Carta de 1667, na Bibliothèque Nationale de Paris — Estampa 548; Carta de 1675, na Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro — Estampa 549; Carta de 1676, no British Museum, Londres — Estampa 550; Carta de 1677, na Bibliothèque Nationale de Paris — Estampa 551; Carta de 1679, gravada — Estampa 552 A; Fragmento de carta de 1681, na Biblioteca Pública de Évora — Estampa 552 B; Atlas de 1655, nos Archives Nationales, Paris — Estampas 553-561; As cartas portuguesas da «Suite du Neptune François»; A nova carta da África Central, divulgada pelos geógrafos franceses; Quatro atlas do Brasil, de 1666 a c. 1675, na Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e na Hispanic Society of America (dois), Nova Iorque — Estampas 562-567. (*T. M.*) 31

José da Costa Miranda, Elementos biográficos; Duas cartas de 1681, no Museu de Marinha, Lisboa — Estampas 568-569; Carta de 1685, na Biblioteca Trivulziana, Milão — Estampa 571 C; Atlas de 1688, na Biblioteca Central de Marinha, Lisboa — Estampas 570-571 A e B; Carta de um atlas de c. 1688, na Royal Geographical Society, Londres — Estampa 571 D; Carta de 1688, no British Museum, Londres — Estampa 572; Carta de 1698, no British Museum, Londres — Estampa 573; Planisfério de 1706, na Public Library of New South Wales, Sydney — Estampa 574. (*T. M.*) 51

Os Livros e os Atlas do «Estado da India Oriental», de 1635 a 1675 (Pedro Barreto de Resende, António de Maris Carneiro, João Nunes Tinoco, Pedro Berthelot, Manuel Godinho de Erédia, João Teixeira Albernaz I, João Teixeira Albernaz II, Anónimos) — Estampas 575-591. (*T. M.*) 59

Outras Cartas do século XVII (José Martins, Bartolomeu João, António Vicente Cochado, António Correia Pinto, Bento Mealhas, Cristóvão Álvares, Philippe Guittau, Eleodoro Ebano, Manuel Garcia, Fernão de Sousa, Manuel de Almeida, Baltasar Teles, João Ribeiro, António de Maris Carneiro, Alonso Peres, Anónimos), de c. 1600 a 1665 — Estampas 592-612. (*T. M.*). 89

(António Francisco Cardim, Carta de 1646 — Estampa 609 B). (*A. C.*) 118

Apêndice I, *Os esboços das Ilhas Atlânticas por Valentim Fernandes*, 1506-10, na Bayerische Staatsbibliothek, Munique. (*A. C.*) 127

Apêndice II, *Três Atlas luso-franceses:* Anónimo de c. 1538, na Koninklijke Bibliotheek, Haia — Estampas 614-620; Atlas Vallard de 1547, na Huntington Library, San Marino, California — Estampas 621-624; Jehan Roze, Atlas de 1542, no British Museum, Londres — Estampa 625. (*T. M.*) 132

Apêndice III, *Cartografia de Portugal Metropolitano no século XVII (Luís de Figueiredo Falcão, Pedro Nunes Tinoco, João Nunes Tinoco, João Teixeira Albernaz I, Bartolomeu de Sousa, António Correia Pinto, Diogo Pardo de Osório, João Roiz Mouro, Mateus do Couto, Lucas Ferreira Simões, Anónimos)* — Estampa 626. (*T. M.*) 141

Apêndice IV, *Dois novos documentos sobre os Reinéis*. (*A. C.*) 144

Apêndice V, *Iconografia de Dom João de Castro*, por Luís Reis-Santos 145

Apêndice VI, *Estudo da evolução da antiga representação cartográfica de algumas regiões do mundo*: Terra Nova e Japão. (*A. C.*) 157

Apêndice VII, *Cartógrafos portugueses de quem não se conhecem obras assinadas.* (*T. M.*) 179

Addenda 185

VOL. VI CONTÉM O ÍNDICE GERAL

TABLE OF CONTENTS

Page

Introduction to Vol. V. (*A. C.*) xiii

Pedro Reinel, Chart of c. 1485, in the Archives Départementales de la Gironde, Bordeaux — Plates 521-522. (*A. C.*) 3

Diogo Ribeiro, Fragments of a planisphere of 1530, in the Kreis- und Studienbibliothek, Dillingen — Plate 523. (*A. C.*) 5

Anonymous, Fragment of a nautical chart, third quarter of the XVI century, in the Rye Museum, Sussex — Plate 523. (*A. C.*) 7

Fernando Oliveira, Two maps in the «Ars Nautica», 1570, in the University Library, Leyden — Plate 525. (*T. M.*) 9

Pedro Fernandes de Quiros, Chart of 1598, in the Collection of Avv. Franco Novacco, Venice — Plate 525 C. (*T. M.*) 11

Domingos Sanches, Chart of 1618, in the Bibliothèque Nationale, Paris — Plate 526. (*T. M.*) 15

António Sanches, Planisphere of 1623, in the British Museum, London — Plate 527 A; two Charts of 1633, in the National Maritime Museum, Greenwich — Plate 528; Chart of 1637, in the collection of C. W. Norman, Kent — Plate 527 B; seven Charts of 1641, in the Koninklijke Bibliotheek, The Hague — Plates 529-532. (*T. M.*) 17

Pascoal Roiz, Chart of 1632, in the Bibliothèque Communale, Dinan — Plate 533; Chart of 1633, in the Library of Congress, Washington — Plate 534. (*T. M.*) 21

Anonymous, Atlas of c. 1630, in the Huntington Library San Marino, California — Plates 535-540. (*T. M.*) 23

André Pereira dos Reis, Atlas of 1654, in the collection of W. A. Engelbrecht, Rotterdam — Plates 541-543; Codex with eighteen charts and views of 1656-1660, in the Sociedade de Geografia, Lisbon — Plates 544-545. (*T. M.*) 27

João Teixeira Albernaz II, Biographical elements; Chart of 1655, in the British Museum, London — Plate 546; Chart of 1665, in the Yale University Library — Plate 547; Chart of 1667, in the Bibliothèque Nationale, Paris — Plate 548; Chart of 1675, in the Mapoteca of the Ministry of Foreign Affairs, Rio de Janeiro — Plate 549; Chart of 1676, in the British Museum, London — Plate 550; Chart of 1677, in the Bibliothèque Nationale, Paris — Plate 551; Chart of 1679, engraved — Plate 552 A; Fragment of a chart of 1681, in the Biblioteca Pública, Évora — Plate 552 B; Atlas of 1655, in the Archives Nationales, Paris — Plates 553-561; The Portuguese charts in the «Suite du Neptune François»; The new map of Central Africa promulgated by the French geographers; Four atlases of Brazil of 1666 to c. 1675, in the Mapoteca of the Ministry of Foreign Affairs, Rio de Janeiro, in the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, and in the Hispanic Society of America (two), New York — Plates 562-567. (*T. M.*) 31

José da Costa Miranda, Biographical elements; Two charts of 1681, in the Museu de Marinha, Lisbon — Plates 568-569; Chart of 1685, in the Biblioteca Trivulziana, Milan — Plate 571 C; Atlas of 1688, in the Biblioteca Central de Marinha, Lisbon — Plates 570-571 A and B; Chart from an atlas of c. 1688, in the Royal Geographical Society, London — Plate 571 D; Chart of 1688, in the British Museum, London — Plate 572; Chart of 1698, in the British Museum, London — Plate 573; Planisphere of 1706, in the Public Library of New South Wales, Sydney — Plate 574. (*T. M.*) 51

The Books and Atlases of the «State of Oriental India» (Pedro Barreto de Resende, António de Maris Carneiro, João Nunes Tinoco, Pedro Berthelot, Manuel Godinho de Erédia, João Teixeira Albernaz I, João Teixeira Albernaz II, Anonymous), of 1635 to 1675 — Plates 575-591. (*T. M.*) 59

Other Maps of the XVII century (José Martins, Bartolomeu João, António Vicente Cochado, António Correia Pinto, Bento Mealhas, Cristóvão Álvares, Philippe Guittau, Eleodoro Ebano, Manuel Garcia, Fernão de Sousa, Manuel de Almeida, Baltasar Teles, João Ribeiro, António de Maris Carneiro, Alonso Peres, Anonymous), of c. 1600 to 1665 — Plates 592-612. (*T. M.*). 89

(António Francisco Cardim, Map of 1646 — Plate 609 B). (*A. C.*) 118

Appendix I, *Valentim Fernandes' sketches of the Atlantic Islands*, 1506-10, in the Bayerische Staatsbibliothek, Munich. (*A. C.*) 127

Appendix II, *Three Luso-French Atlases:* Anonymous c. 1538, in the Koninklijke Bibliotheek, The Hague — Plates 614-620; Vallard Atlas of 1547, in the Huntington Library, San Marino, California — Plates 621-624; Jehan Roze, Atlas of 1542, in the British Museum, London — Plate 625. (*T. M.*). 132

Appendix III, *Cartography of Metropolitan Portugal in the XVII century (Luís de Figueiredo Falcão, Pedro Nunes Tinoco, João Nunes Tinoco, João Teixeira Albernaz I, Bartolomeu de Sousa, António Correia Pinto, Diogo Pardo de Osório, João Roiz Mouro, Mateus do Couto, Lucas Ferreira Simões, Anonymous)* — Plate 626. (*T. M.*) 141

Appendix IV, *Two new documents about the Reinels*. (*A. C.*) 144

Appendix V, *Iconography of D. João de Castro*, by Luís Reis-Santos 145

Appendix VI, *Study on the evolution of the early cartographic representation of some regions of the world*: Terra Nova and Japan (*A. C.*) 157

Appendix VII, *Portuguese cartographers of whom no signed works are known.* (*T. M.*) 179

Addenda 185

VOL. VI CONTAINS THE GENERAL INDEX

LISTA DAS ESTAMPAS

Estampa

520 — Pedro Reinel, Carta de c. 1485, *pormenor*, nos Archives Départementales de la Gironde, Bordeaux. *A cores.*
521 — Pedro Reinel, Carta de c. 1485, nos Archives Départementales de la Gironde, Bordeaux. *A cores.*
522 — Pedro Reinel, Carta de c. 1485, nos Archives Départementales de la Gironde, Bordeaux.
523 — Diogo Ribeiro, dois fragmentos de um Planisfério de 1530, na Kreis- und Studienbibliothek, Dillingen (Donau).
524 — Anónimo, fragmento de Carta, terceiro quartel do século XVI, no Rye Museum, Sussex.
525 A, B — Fernando Oliveira, duas Cartas na *Ars Nautica* de 1570, na Universiteitsbibliotheek, Leyden.
525 C — Pedro Fernandes de Queirós, Carta de 1598, na colecção de Avv. Franco Novacco, Venezia.
526 — Domingos Sanches, Carta de 1618, na Bibliothèque Nationale de Paris.
527 A — António Sanches, Planisfério de 1623, no British Museum, London.
527 B — António Sanches, Carta de 1637, na colecção de C. W. Norman, Maidstone, Kent.
528 — António Sanches, duas Cartas de 1633, no National Maritime Museum, Greenwich.
529 — António Sanches, grupo de sete Cartas de 1641, na Koninklijke Bibliotheek, Den Haag.
530 — *Idem. A cores.*
531 — *Idem.*
532 — *Idem.*
533 — Pascoal Roiz, Carta de 1632, na Bibliothèque Communale de Dinan.
534 — Pascoal Roiz, Carta de 1633, na Library of Congress, Washington.
535 — Anónimo, Atlas de c. 1630, na Huntington Library, San Marino, California, Cartas nona, oitava, primeira e segunda.
536 — *Idem,* Cartas décima sétima, sexta, décima oitava e sétima.
537 — *Idem,* Cartas quarta, décima, terceira e quinta.
538 — *Idem,* Carta décima primeira. *A cores.*
539 — *Idem,* Carta décima segunda. *A cores.*
540 — *Idem,* Cartas décima terceira, décima quarta, décima quinta e décima sexta.
541 — André Pereira dos Reis, Atlas de 1654, na colecção de W. A. Engelbrecht, Rotterdam, Cartas primeira, segunda, terceira e quarta.
542 — *Idem,* Cartas quinta, sexta e sétima.
543 — *Idem,* Cartas oitava, nona e décima.
544 — André Pereira dos Reis, Códice de 1656-1660, na Sociedade de Geografia de Lisboa, Fols. 52v-53r, 74v-75, 6v, 3r e 5r.
545 — *Idem,* Fols. 72v-73r, 11v-12r, 63v-64r e 60v-61r.
546 — João Teixeira Albernaz (I ou II), Carta de 1655, no British Museum, London.
547 — João Teixeira Albernaz II, Carta de 1665, na Library of the University of Yale.
548 — João Teixeira Albernaz II, Carta de 1667, na Bibliothèque Nationale de Paris.
549 — João Teixeira Albernaz II, Carta de 1675, na Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro.
550 — João Teixeira Albernaz II, Carta de 1676, no British Museum, London.
551 — João Teixeira Albernaz II, Carta de 1677, na Bibliothèque Nationale de Paris.
552 — João Teixeira Albernaz II, parte de Carta de 1679 impressa em *Manifiesto legal...,* c. 1682, e Fragmento de Carta de 1681, na Biblioteca Pública de Évora.
553 — João Teixeira Albernaz II, Atlas de 1665, nos Archives Nationales, Paris, Fols. 5v-6r, 13v-14r e 11v-12r.
554 — *Idem,* Fols. 7v-8r, 9v-10r e 15v-16r.
555 — *Idem,* Fols. 19v-20r e 21v-22r.
556 — *Idem,* Fols. 23v-24r, 25v-26r, 27v-28r e 29v-30r.
557 — *Idem,* Fols. 31v-32r, 17v-18r e 33v-34r.
558 — *Idem,* Fols. 35v-36r, 37v-38r e 39v-40r.
559 — *Idem,* Fols. 47v-48r, 43v-44r e 41v-42r.
560 — *Idem,* Fols. 51v-52r, 45v, 49v, 53v e 55v.
561 — *Idem,* Fols. 57v-58r, 59v-60r e 61v-62r.
562-567 — João Teixeira Albernaz II, quatro Atlas do Brasil: de 1666, no Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro; de c. 1666, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; de 1670 e de c. 1675, na Hispanic Society of America, New York.
568 — José da Costa Miranda, Carta de 1681, no Museu de Marinha, Lisboa.
569 — José da Costa Miranda, Carta de 1681, no Museu de Marinha, Lisboa.
570-571 A, B — José da Costa Miranda, Atlas de 1688, na Biblioteca Central de Marinha, Lisboa, Cartas primeira-sexta.
571 C — José da Costa Miranda, Carta de 1685, na Biblioteca Trivulziana, Milano.
571 D — José da Costa Miranda, Carta de um atlas de c. 1688, na Royal Geographical Society, London.
572 — José da Costa Miranda, Carta de 1688, no British Museum, London.
573 — José da Costa Miranda, Carta de 1698, no British Museum, London.
574 — José da Costa Miranda, Planisfério de 1706, na Mitchell Library, Sydney.
575-591 — Algumas (137) das Cartas e Plantas nos Livros e Atlas do «Estado da Índia Oriental», de 1635 a 1675.
592 A — Anónimo-José Martins (?), Carta de 1644, no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa.
592 B — Anónimo, Carta gravada, in M. Estácio do Amaral, *Tratado das Batalhas...,* 1604, no British Museum, London.
592 C — Anónimo, Carta gravada, do século XVII, na Bibliothèque Nationale de Paris.
593 — Bartolomeu João, Carta de 165 (4?), na colecção de Paul Zino, Funchal.

LIST OF PLATES

Plate

520 — Pedro Reinel, Chart of c. 1485, *detail*, in the Archives Départementales de la Gironde, Bordeaux. *In colour.*
521 — Pedro Reinel, Chart of c. 1485, in the Archives Départementales de la Gironde, Bordeaux. *In colour.*
522 — Pedro Reinel, Chart of c. 1485, in the Archives Départementales de la Gironde, Bordeaux.
523 — Diogo Ribeiro, two fragments of a Planisphere of 1530, in the Kreis- und Studienbibliothek, Dillingen (Donau).
524 — Anonymous, fragment of Chart, third quarter of the XVI century, in the Rye Museum, Sussex.
525 A, B — Fernando Oliveira, two Maps in the *Ars Nautica* of 1570, in the Universiteitsbibliotheek, Leyden.
525 C — Pedro Fernandes de Quiros, Chart of 1598, in the collection of Avv. Franco Novacco, Venezia.
526 — Domingos Sanches, Chart of 1618, in the Bibliothèque Nationale, Paris.
527 A — António Sanches, Planisphere of 1623, in the British Museum, London.
527 B — António Sanches, Chart of 1637, in the collection of C. W. Norman, Maidstone, Kent.
528 — António Sanches, two Charts of 1633, in the National Maritime Museum, Greenwich.
529 — António Sanches, group of seven Charts of 1641, in the Koninklijke Bibliotheek, Den Haag.
530 — *Idem. In colour.*
531 — *Idem.*
532 — *Idem.*
533 — Pascoal Roiz, Chart of 1632, in the Bibliothèque Communale, Dinan.
534 — Pascoal Roiz, Chart of 1633, in the Library of Congress, Washington.
535 — Anonymous, Atlas of c. 1630, in the Huntington Library, San Marino, California, ninth, eighth, first and second Charts.
536 — *Idem,* seventeenth, sixth, eighteenth and seventh Charts.
537 — *Idem,* fourth, tenth, third and fifth Charts.
538 — *Idem,* eleventh Chart. *In colour.*
539 — *Idem,* twelfth Chart. *In colour.*
540 — *Idem,* thirteenth, fourteenth, fifteenth and sixteenth Charts.
541 — André Pereira dos Reis, Atlas of 1654, in the collection of W. A. Engelbrecht, Rotterdam, first, second, third and fourth Charts.
542 — *Idem,* fifth, sixth and seventh Charts.
543 — *Idem,* eighth, ninth and tenth Charts.
544 — André Pereira dos Reis, Codex of 1656-1660, in the Sociedade de Geografia de Lisboa, Fols. 52v-53r, 74v-75r, 6v, 3r and 5r.
545 — *Idem,* Fols. 72v-73r, 11v-12r, 63v-64r and 60v-61r.
546 — João Teixeira Albernaz (I or II), Chart of 1655, in the British Museum, London.
547 — João Teixeira Albernaz II, Chart of 1665, in the Library of the University of Yale.
548 — João Teixeira Albernaz II, Chart of 1667, in the Bibliothèque Nationale, Paris.
549 — João Teixeira Albernaz II, Chart of 1675, in the Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro.
550 — João Teixeira Albernaz II, Chart of 1676, in the British Museum, London.
551 — João Teixeira Albernaz II, Chart of 1677, in the Bibliothèque Nationale, Paris.
552 — João Teixeira Albernaz II, part of a Chart of 1679 printed in *Manifiesto legal...,* c. 1682, and Fragment of a Chart of 1681, in the Biblioteca Pública, Évora.
553 — João Teixeira Albernaz II, Atlas of 1665, in the Archives Nationales, Paris, Fols. 5v-6r, 13v-14r and 11v-12r.
554 — *Idem,* Fols. 7v-8r, 9v-10r and 15v-16r.
555 — *Idem,* Fols. 19v-20r and 21v-22r.
556 — *Idem,* Fols. 23v-24r, 25v-26r, 27v-28r and 29v-30r.
557 — *Idem,* Fols. 31v-32r, 17v-18r and 33v-34r.
558 — *Idem,* Fols. 35v-36r, 37v-38r and 39v-40r.
559 — *Idem,* Fols. 47v-48r, 43v-44r and 41v-42r.
560 — *Idem,* Fols. 51v-52r, 45v, 49v, 53v and 55v.
561 — *Idem,* Fols. 57v-58r, 59v-60r and 61v-62r.
562-567 — João Teixeira Albernaz II, four Atlases of Brazil: of 1666, in the Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro; of c. 1666, in the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro; of 1670 and of c. 1675, in the Hispanic Society of America, New York.
568 — José da Costa Miranda, Chart of 1681, in the Museu de Marinha, Lisboa.
569 — José da Costa Miranda, Chart of 1681, in the Museu de Marinha, Lisboa.
570-571 A, B — José da Costa Miranda, Atlas of 1688, in the Biblioteca Central de Marinha, Lisboa, first-sixth Charts.
571 C — José da Costa Miranda, Chart of 1685, in the Biblioteca Trivulziana, Milano.
571 D — José da Costa Miranda, Chart of an atlas of c. 1688, in the Royal Geographical Society, London.
572 — José da Costa Miranda, Chart of 1688, in the British Museum, London.
573 — José da Costa Miranda, Chart of 1698, in the British Museum, London.
574 — José da Costa Miranda, Planisphere of 1706, in the Mitchell Library, Sydney.
575-591 — Some (137) Charts and Plans in the Books and Atlases of the «State of Oriental India», of 1635 to 1675.
592 A — Anonymous-José Martins (?), Map of 1644, in the Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa.
592 B — Anonymous, engraved Map, in M. Estácio do Amaral, *Tratado das Batalhas...,* 1604, in the British Museum, London.
592 C — Anonymous, engraved Map of the XVII century, in the Bibliothèque Nationale, Paris.
593 — Bartolomeu João, Map of 165(4?), in the collection of Paul Zino, Funchal.

Estampa

594 — Anónimo, Atlas da segunda metade do século XVII (?), na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cartas segunda e terceira.
595 — *Idem,* Cartas primeira e quarta.
596 — *Idem,* Cartas oitava, quinta e sexta.
597 — *Idem,* Cartas sétima e nona.
598 — *Idem,* Cartas décima e décima primeira.
599 — António Vicente Cochado, duas Cartas de 1623, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
600 A, B, D — Anónimo, Atlas com três cartas de c. 1630, na Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro.
600 C — Anónimo, Carta de c. 1637, no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa.
601 A — Anónimo, Carta de c. 1620, no Algemeen Rijksarchief, Den Haag.
601 B — Anónimo, Carta gravada de c. 1670, na Bibliothèque Nationale de Paris.
601 C-E — Anónimo-António Correia Pinto (?), Carta de c. 1675; Anónimo, Carta de c. 1600; Anónimo, Carta de post 1625 — todas no Museo Naval, Madrid.
602 A, C — Cristóvão Álvares, Planta e perfil de 1629, no Algemeen Rijksarchief, Den Haag.
602 B — Anónimo-Cristóvão Álvares (?), Carta de 1638, no Algemeen Rijksarchief, Den Haag.
602 D — Bento Mealhas, Carta gravada de 1625, in Bartolomeu Guerreiro, *Jornada dos Vassalos...*
603 — Anónimo-Cristóvão Álvares e Anónimo, Perfil e Planta de 1638, no Algemeen Rijksarchief, Den Haag.
604 A, B, D — Anónimo, Carta de fins do século XVII; Philippe Guittau, Carta de 1647; Anónimo, Carta de c. 1635 — todas na Bibliothèque Nationale de Paris.
604 C — Anónimo-Eleodoro Ebano (?), Carta de 1653, no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa.
605 A, B, C, E — Anónimo, Códice de c. 1615, na colecção de C. R. Boxer, London, Cartas quarta, quinta, sétima e terceira.
605 D — Anónimo, Carta de 1622, na Biblioteca da Ajuda, Lisboa.
606 A, C — Anónimos, duas Cartas de 1626, na Biblioteca da Ajuda, Lisboa.
606 B — Anónimo-Fernão de Sousa, Carta de c. 1625, na Biblioteca da Ajuda, Lisboa.
607 A, C — Manuel de Almeida, Carta de 1662, no códice *Historia de Ethiopia a Alta...*, e Carta de c. 1662, numa colectânea cartográfica — ambas no British Museum, London.
607 B — Manuel de Almeida, Carta de c. 1662, no códice *História de Ethiopia a Alta...*, na School of Oriental and African Studies, London.
607 D — Manuel de Almeida, Carta de c. 1662, num códice, na Österreichische National-bibliothek, Wien.
608 A — Baltasar Teles, Carta de 1660, in *Historia Geral de Ethiopia a Alta...*
608 B — Melchissédech Thévenot, Carta de 1663, in *Relations de divers voyages...*
608 C — François Eschinard, Carta de 1674, in *Recueil de divers voyages...*
608 D — Job Ludolf, Carta de 1683, in *New History of Aethiopia.*
609 A — Anónimo, Carta de c. 1630, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
609 B — António Francisco Cardim, Carta de 1646, in *Fasciculus è Iapponicis floribus...*
610 A — Anónimo, Carta num códice de 1624, na Biblioteca Nacional de Madrid.
610 B — Anónimo, Carta num códice de c. 1627, no Algemeen Rijksarchief, Den Haag.
610 C, D — João Ribeiro, Carta de 1685, num códice na Biblioteca Nacional de Lisboa, e fac-símile na Academia das Ciências de Lisboa.
611 — Anónimo, Atlas de c. 1636, na Biblioteca Nacional de Madrid, Cartas quinta, décima quinta, sexta, décima, décima primeira e décima segunda.
612 — *Idem,* Cartas segunda, quarta, oitava, décima quarta, décima sétima, vigésima e quadra-gésima sexta.
613 — Rosas-dos-ventos na cartografia portuguesa antiga. *A cores.*
614 — Anónimo, Atlas de c. 1538, na Koninklijke Bibliotheek, Den Haag, Fols. 3v-4r e 5v-6r.
615 — *Idem,* Fols. 7v-8r e 9v-10r.
616 — *Idem,* Fols. 11v-12r e 15v-16r.
617 — *Idem,* Fols. 13v-14r e 17v-18r.
618 — *Idem,* Fols. 19v-20r e 21v-22r.
619 — *Idem,* Fols. 23v-24r e 25v-26r.
620 — *Idem,* Fols. 29v-30r e 27v-28r.
621 — Anónimo, Atlas Vallard de 1547, na Huntington Library, San Marino, California, Cartas terceira e quarta.
622 — *Idem,* Cartas sétima e nona.
623 — *Idem,* Cartas décima e décima primeira.
624 — *Idem,* Cartas oitava e décima quarta.
625 — Jehan Roze, Atlas de 1542, no British Museum, London. Cartas sétima e décima.
626 — Luís de Figueiredo Falcão, Carta dum códice de 1617, na Casa Cadaval, Muge. *A cores.*

Plate

594 — Anonymous, Atlas of the second half of the XVII century (?), in the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, second and third Maps.
595 — *Idem,* first and fourth Maps.
596 — *Idem,* eighth, fifth and sixth Maps.
597 — *Idem,* seventh and ninth Maps.
598 — *Idem,* tenth and eleventh Maps.
599 — António Vicente Cochado, two Maps of 1623, in the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
600 A, B, D — Atlas with three Maps of c. 1630, in the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
600 C — Anonymous, Map of c. 1637, in the Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa.
601 A — Anonymous, Map of c. 1620, in the Algemeen Rijksarchief, Den Haag.
601 B — Anonymous, engraved Map of c. 1670, in the Bibliothèque Nationale, Paris.
601 C-E — Anonymous-António Correia Pinto (?), Map of c. 1675; Anonymous, Map of c. 1600; Anonymous, Map post 1625 — all in the Museo Naval, Madrid.
602 A, C — Cristóvão Álvares, Plan and profile of 1629, in the Algemeen Rijksarchief, Den Haag.
602 B — Anonymous-Cristóvão Álvares (?), Map of 1638, in the Algemeen Rijksarchief, Den Haag.
602 D — Bento Mealhas, Map of 1625, engraved, in Bartolomeu Guerreiro, *Jornada dos Vassalos...*
603 — Anonymous-Cristóvão Álvares and Anonymous, Profile and Plan of 1638, in the Algemeen Rijksarchief, Den Haag.
604 A, B, D — Anonymous, Map late XVII century; Philippe Guittau, Map of 1647; Anonymous, Map of c. 1635 — all in the Bibliothèque Nationale, Paris.
604 C — Anonymous-Eleodoro Ebano (?), Map of 1653, in the Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa.
605 A, B, C, E — Anonymous, Codex of c. 1615, in the collection of C. R. Boxer, London, fourth, fifth, seventh and third Charts.
605 D — Anonymous, Map of 1622, in the Biblioteca da Ajuda, Lisboa.
606 A, C — Anonymous, two Maps of 1626, in the Biblioteca da Ajuda, Lisboa.
606 B — Anonymous-Fernão de Sousa, Map of c. 1625, in the Biblioteca da Ajuda, Lisboa.
607 A, C — Manuel de Almeida, Map of 1662, in the codex *Historia de Ethiopia a Alta...*, and Map of c. 1662, in a cartographic collection — both in the British Museum, London.
607 B — Manuel de Almeida, Map of c. 1662, in the codex *Historia de Ethiopia a Alta...*, in the School of Oriental and African Studies, London.
607 D — Manuel de Almeida, Map of c. 1662, in a codex, in the Österreichische National-bibliothek, Wien.
608 A — Baltasar Teles, Map of 1660, in *Historia Geral de Ethiopia a Alta...*
608 B — Melchissédech Thévenot, Map of 1663, in *Relations de divers voyages...*
608 C — François Eschinard, Map of 1674, in *Recueil de divers voyages...*
608 D — Job Ludolf, Map of 1683, in *New History of Aethiopia.*
609 A — Anonymous, Map of c. 1630, in the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
609 B — António Francisco Cardim, Map of 1646, in *Fasciculus è Iapponicis floribus...*
610 A — Anonymous, Map in a codex of 1624, in the Biblioteca Nacional, Madrid.
610 B — Anonymous, Map in a codex of c. 1627, in the Algemeen Rijksarchief, Den Haag.
610 C, D — João Ribeiro, Map of 1685, in a codex in the Biblioteca Nacional, Lisboa, and facsimile in the Academia das Ciências, Lisboa.
611 — Anonymous, Atlas of c. 1636, in the Biblioteca Nacional, Madrid, fifth, fifteenth, sixth, tenth, eleventh and twelfth Charts.
612 — *Idem,* second, fourth, eighth, fourteenth, seventeenth, twentieth and fourthy-sixth Charts.
613 — Wind roses in early Portuguese cartography. *In colour.*
614 — Anonymous, Atlas of c. 1538, in the Koninklijke Bibliotheek, Den Haag, Fols. 3v-4r and 5v-6r.
615 — *Idem,* Fols. 7v-8r and 9v-10r.
616 — *Idem,* Fols. 11v-12r and 15v-16r.
617 — *Idem,* Fols. 13v-14r and 17v-18r.
618 — *Idem,* Fols. 19v-20r and 21v-22r.
619 — *Idem,* Fols. 23v-24r and 25v-26r.
620 — *Idem,* Fols. 29v-30r and 27v-28r.
621 — Anonymous, Vallard Atlas of 1547, in the Huntington Library, San Marino, California, third and fourth Charts.
622 — *Idem,* seventh and ninth Charts.
623 — *Idem,* tenth and eleventh Charts.
624 — *Idem,* eighth and fourteenth Charts.
625 — Jehan Roze, Atlas of 1542, in the British Museum, London, seventh and tenth Charts.
626 — Luís de Figueiredo Falcão, Map in a codex of 1617, in the Casa Cadaval, Muge. *In colour.*

ÍNDICE DAS FIGURAS NO TEXTO

Págs.

FIG. 1 — Reconstituição da parte do planisfério (de Diogo Ribeiro, de 1530) a que os dois fragmentos pertenciam ... 5
FIG. 2 — Frontispício do *Livro* de 1656 de André Pereira dos Reis, na Sociedade de Geografia de Lisboa ... 29
FIG. 3 — Frontispício do Atlas da África de João Teixeira Albernaz II, 1665, nos Archives Nationales, Paris ... 36
FIG. 4 — Duas das cartas da *Suite du Neptune François*, 1700 ... 39
FIG. 5 — Cópias do século XVII, de duas cartas do Atlas da África de João Teixeira Albernaz II, de 1665: na Sociedade de Geografia de Lisboa e na Bibliothèque Nationale de Paris ... 42
FIG. 6 — Esquema comparativo das primeiras representações impressas do novo traçado do Zambeze e sua filiação nas cartas de João Teixeira Albernaz II ... 44
FIG. 7 — Frontispício do Atlas do Brasil de João Teixeira Albernaz II, de 1666, na Mapoteca do Ministério da Relações Exteriores, Rio de Janeiro ... 47
FIG. 8 — Frontispício do Atlas do Brasil de João Teixeira Albernaz II, de 1670, na Hispanic Society of America, New York ... 47
FIG. 9 — Frontispício do Atlas do Brasil de João Teixeira Albernaz II, de c. 1675, na Hispanic Society of America, New York ... 48
FIG. 10 — «Chart of the East Coast of Africa», editada por Dalrymple, 1787 ... 70
FIG. 11 — Frontispício do *Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da India*, Ministério da Defesa Nacional, Fortaleza de S. Julião da Barra ... 71
FIG. 12 — Frontispício do *Livro das Plantas*, Anónimo, c. 1650, Biblioteca do Palácio Ducal da Casa de Bragança, Vila Viçosa ... 73
FIG. 13 — Localização dos portos, cidades e fortalezas representados nos Livros e Atlas do Estado da Índia Oriental ... 80
FIG. 14 — Desenho das origens do Nilo: no códice da *Historia de Ethiopia a Alta* do P.e Manuel de Almeida, no British Museum; in *Historia Geral de Ethiopia a Alta* do P.e Baltasar Teles, 1660; in *Relation de divers voyages* de M. Thévenot, 1663 ... 110
FIG. 15 — Carta do Japão in *Saverio Orientale*, de Bernardino Ginnaro, S. J., 1641 ... 119
FIG. 16 — Açores e Madeira (Esboços de Valentim Fernandes) ... 127
FIG. 17 — Canarias (Esboços de Valentim Fernandes) ... 128
FIG. 18 — Cabo Verde (Esboços de Valentim Fernandes) ... 129
FIG. 19 — Golfo da Guiné (Esboços de Valentim Fernandes) ... 130
FIG. 20 — Golfo da Guiné (Esboços de Valentim Fernandes) ... 131
FIG. 21 — Frontispício do Atlas anónimo português, c. 1538, Koninklijke Bibliotheek, Den Haag ... 132
FIG. 22 — Frontispício do Atlas Vallard, 1547, Huntington Library, San Marino, California ... 136
FIG. 23 — Iconografia de D. João de Castro ... 149
TABELA — Cartografia da Terra Nova até 1600 ... 160-1
FIG. 24 — Extensão provável das explorações de João Álvares Fagundes no Nordeste Americano, segundo Harrisse ... 162
FIG. 25 — Carta do Japão no *Insularium* de Martellus, na Biblioteca Laurenziana, Firenze 170
TABELA — Evolução da antiga representação cartográfica do Japão ... 176-7

INDEX OF ILLUSTRATIONS IN THE TEXT

Page

FIG. 1 — Reconstruction of the part of the planisphere (of Diogo Ribeiro, 1530) to which the two fragments belonged ... 5
FIG. 2 — Title-page of the *Livro* of 1656 by André Pereira dos Reis, in the Sociedade de Geografia de Lisboa ... 29
FIG. 3 — Title-page of the Atlas of Africa by João Teixeira Albernaz II, 1665, in the Archives Nationales, Paris ... 36
FIG. 4 — Two of the charts in the *Suite du Neptune François*, 1700 ... 39
FIG. 5 — XVII-century copies of two charts in the Atlas of Africa by João Teixeira Albernaz II, 1665: in the Sociedade de Geografia de Lisboa and in the Bibliothèque Nationale, Paris ... 42
FIG. 6 — Comparative sketch of the first printed representations of the new version of the Zambezi and their derivation from the charts of João Teixeira Albernaz II ... 44
FIG. 7 — Title-page of the Atlas of Brazil by João Teixeira Albernaz II, 1666, in the Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro ... 47
FIG. 8 — Title-page of the Atlas of Brazil by João Teixeira Albernaz II, 1670, in the Hispanic Society of America, New York ... 47
FIG. 9 — Title-page of the Atlas of Brazil by João Teixeira Albernaz II, c. 1675, in the Hispanic Society of America, New York ... 48
FIG. 10 — «Chart of the East Coast of Africa», published by Darlymple, 1787 ... 70
FIG. 11 — Title-page of the «Book of Plan[s] of the Fortresses of India», Ministério da Defesa Nacional, Fortaleza de S. Julião da Barra ... 71
FIG. 12 — Title-page of the «Book of the Plans», c. 1650, Anonymous, Biblioteca do Palácio Ducal da Casa de Bragança, Vila Viçosa ... 73
FIG. 13 — Localities of the ports, cities and fortresses represented in the Books and Atlases of the State of Oriental India ... 80
FIG. 14 — Drawing of the Nile sources: in the British Museum manuscript of Fr Manuel de Almeida's *Historia de Ethiopia a Alta*; in the *Historia Geral de Ethiopia a Alta* by Fr Baltasar Teles, 1660; in the *Relation de divers voyages* by M. Thévenot, 1663. ... 110
FIG. 15 — Map of Japan in *Saverio Orientale*, by Bernardino Ginnaro, S. J., 1641 ... 119
FIG. 16 — Azores and Madeira (Valentim Fernandes' sketches) ... 127
FIG. 17 — Canaries (Valentim Fernandes' sketches) ... 128
FIG. 18 — Cape Verde (Valentim Fernandes' sketches) ... 129
FIG. 19 — Gulf of Guinea (Valentim Fernandes' sketches) ... 130
FIG. 20 — Gulf of Guinea (Valentim Fernandes' sketches) ... 131
FIG. 21 — Frontispiece of the anonymous Portuguese Atlas, c. 1538, Koninklijke Bibliotheek, Den Haag ... 132
FIG. 22 — Frontispiece of the Vallard Atlas, 1547, Huntington Library, San Marino, California ... 136
FIG. 23 — Iconography of D. João de Castro ... 149
TABLE — Cartography of Terra Nova until 1600 ... 160-1
FIG. 24 — Probable extent of João Álvares Fagundes' exploration of North-East America, according to Harrisse ... 162
FIG. 25 — Map of Japan in Martellus' *Insularium*, Biblioteca Laurenziana, Firenze ... 170
TABLE — Evolution of the early cartographic representation of Japan ... 176-7

QUATRO CARTAS DOS SÉCULOS XV E XVI

FOUR CHARTS OF THE XV AND XVI CENTURIES

PEDRO REINEL, CARTA DE c. 1485

ESTAMPAS 521-522

QUANDO do Quinto Colóquio Internacional de História Marítima, que se realizou em Lisboa em Setembro de 1960, o Professor Jacques Bernard, da Faculté des Lettres de Bordeaux, mostrou-nos, como que por acaso, a fotocópia de parte de uma carta assinada por Pedro Reinel. Ficámos deveras entusiasmados, não só por se tratar de uma carta inteiramente desconhecida e de cartógrafo tão importante e célebre, de facto o primeiro cartógrafo português cujo nome se conhece, mas também porque pudemos imediatamente ver que, embora não datada, pouca dúvida podia haver de que fora desenhada no século XV. Mais tarde o Professor Bernard — a quem na verdade cabe a honra de ter revelado este precioso documento — ajudou-nos a obter uma fotocópia de toda a carta, no tamanho original (1), mas só em Abril de 1961 nos foi possível ir a Bordéus estudá-la (2).

A carta encontra-se nos Archives Départementales de la Gironde, em Bordéus, cota «II Z 1582 Bis», e embora anteriormente exibida em várias exposições locais, nunca foi estudada ou mesmo mencionada por qualquer historiador da cartografia, que nos conste. É de facto extraordinário que documento tão importante jamais tivesse atraído a atenção de um especialista.

Desenhada numa grande folha de pergaminho, com 711 × 948 mm nas maiores dimensões, a carta, colorida singelamente, encontra-se bastante desbotada e alguns dos nomes tornaram-se ilegíveis. O desbotado e o facto de nas margens da carta se verem alguns velhos buracos de pregos mostram que esteve durante muitos anos exposta à luz do dia.

Representa o Atlântico Oriental, com os arquipélagos, e as costas ocidentais da Europa e da África, desde as Ilhas Britânicas ao Congo, com o Mediterrâneo Ocidental e Central. A assinatura do cartógrafo, *Pedro Reinel. me. fez.*, e as palavras *.Jhus.*, *.momtes. claros. em. africa.*, *.serra. lioa.* e *.amina.*, estão escritas em letras maiores. Muito digno de nota é um grande leão, que segura numa das garras uma bandeira portuguesa, entre *serra lioa* e *amina;* na verdade tão notável — sobretudo neste momento da história de Portugal — que achámos apropriado ampliá-lo e reproduzi-lo como Estampa de abertura deste último Volume de *Portugaliae Monumenta Cartographica.* Uma grande cruz no Congo, três escudos nas Ilhas Britânicas e vinte e seis bandeiras e seis rosas-dos-ventos espalhadas por toda a carta, completam a ornamentação. Algumas destas rosas-dos-ventos mostram uma flor-de-lis incipiente, a qual foi introduzida por Pedro Reinel na cartografia portuguesa e vem já completa, pela primeira vez, na sua carta assinada de c. 1504 (Estampa 8). A carta tem a toda a volta uma cercadura, dupla nos lados ocidental e oriental, com dois troncos-de-léguas em cada um destes. Estes troncos-de-léguas estão muito picados, segundo parece pelas pontas do compasso, o que sugere ter a carta sido de facto utilizada para navegar.

Quando hipotèticamente atribuímos a Pedro Reinel a carta anónima de Munique, que datámos de c. 1500 (Estampa 7), não sabíamos ainda da presente carta, mais antiga. Escrevemos então que algumas características das duas cartas (de c. 1500 e de c. 1504) «parecem indicar a mesma mão... Mas há algumas razões para duvidar. ... não podemos, infelizmente, chegar a conclusão perfeitamente definida: o mais que podemos dizer é que esta carta apresenta certas particularidades e aspecto geral que parecem indicar ter sido feita por Pedro Reinel anteriormente à que ainda conserva o seu nome» (Vol. I, p. 24). Agora, que a presente carta se tornou conhecida — não sendo de crer que a caligrafia, naturalmente a mesma das duas cartas assinadas mas bastante diferente de a da carta anónima, tivesse mudado tanto — verificamos como tínhamos motivo para ser tão cautelosos. Esta diferença na caligrafia e algumas outras características, já apontadas no texto anterior, levam-nos à convicção de que a carta anónima de c. 1500 não foi desenhada por Pedro Reinel: por isso deveria ter sido mencionada apenas como *portuguesa anónima.*

Além do interesse excepcional que tem a descoberta de tão significativo espécime da cartografia portuguesa antiga — certamente o mais antigo de todos os que se conhecem —, o facto de nos ter permitido rectificar a nossa anterior suposição sobre a autoria da carta de c. 1500 é a primeira consequência

(1) Foi baseados nesta fotocópia, muito pouco clara, que brevemente nos referimos à carta num pequeno volume escrito para a *Colecção Henriquina*, donde algumas inexactidões que aí se encontram. A. Cortesão, *Cartografia Portuguesa Antiga*, pp. 99-101. Lisboa 1960.

(2) Estamos muito gratos ao Professor Jacques Bernard por ter chamado a nossa atenção para esta carta e pela sua amável assistência quando Teixeira da Mota foi a Bordéus especialmente para a estudar. Devemos também agradecer a M. A. Betgé-Brezetz, Director dos Archives Départementales de la Gironde, por ter generosamente fornecido as fotocópias e pelas facilidades que nos concedeu.

PEDRO REINEL, CHART OF c. 1485

PLATES 521-522

DURING the Fifth International Colloquium of Maritime History, held in Lisbon in September 1960, Professor Jacques Bernard, of the Faculté des Lettres de Bordeaux, showed us, almost by chance, a photostat of part of a chart signed by Pedro Reinel. We were greatly excited, not only because this was a completely unknown chart by so important and famous a cartographer — in fact the first Portuguese cartographer whose name is known — but also because we could see immediately that, although undated, it was, with little doubt, drawn in the XV century. Later Professor Bernard — to whom indeed belongs the honour of having brought this precious document to light — helped us to get a photostat of the whole chart in the original size (1), but only in April 1961 were we able to visit Bordeaux to study it (2).

The chart is preserved in the Archives Départementales de la Gironde, in Bordeaux, class mark «II Z 1582 Bis», and, although previously displayed in some exhibitions, it has never been studied or even mentioned by any historian of cartography, as far as we know. It is indeed extraordinary that such an important document has never caught the eye of a specialist.

Drawn on a large sheet of parchment, 711 × 948 mm in its largest dimensions, with simple illumination, the chart is rather faded and some of the place names are illegible. The fading and the fact that the chart has some old nail-holes at the edges show that it was exposed for many years to full daylight.

It represents the Eastern Atlantic, with the archipelagos, and the west coasts of Europe and Africa, from the British Isles to the Congo, with the Western and Central Mediterranean. The cartographer's signature, *Pedro Reinel. me. fez.*, and the words *.Jhus.*, *.momtes. claros. em. africa.*, *.serra. lioa.*, and *.amina.* are written in larger letters. Very conspicuous is the drawing of a great lion, between *serra lioa* and *amina*, holding a flag of Portugal in one paw; so remarkable indeed — particularly at this moment of Portuguese history — that we have thought fit to enlarge and reproduce it as the opening Plate of this last Volume of *Portugaliae Monumenta Cartographica.* A large cross in the Congo, three escutcheons on the British Isles, twenty-six flags and six wind roses spread all over the chart, complete the ornamentation. Some of these wind roses show an incipient *fleur-de-lis,* which was introduced by Pedro Reinel in Portuguese cartography and is found for the first time fully developed in his signed chart of c. 1504 (Plate 8). All round the chart is drawn a border, double on the western and eastern sides, with two scales of leagues on each of these sides. These scales of leagues are much pricked, apparently by the points of dividers, which suggests that the chart may in fact have been used in navigation.

When we tentatively ascribed to Pedro Reinel the anonymous chart in Munich, which we dated c. 1500 (Plate 7), we did not yet know of the present earlier chart. We wrote then that some features in the two charts (of c. 1500 and of c. 1504) «seem to indicate that they are by the same hand. ... There are, however, some reasons for doubt ... Unfortunately we cannot come to a clear-cut decision: the most we can say is that some features and the general aspect of the chart seem to indicate that it was drawn by Pedro Reinel at an earlier date than the only one which bears his name» (Vol. I, p. 24). With the discovery of the present chart — since it is unlikely that the handwriting, which is naturally the same in the two signed charts but rather different from that of the anonymous one, would have changed so much — we can see what good reason there was to be cautious. This difference in the handwriting and some other features, as pointed out in the earlier text, lead us to the conviction that the anonymous chart of c. 1500 was not drawn by Pedro Reinel: it should therefore be cited only as *Portuguese anonymous.*

Besides the exceptional interest attaching to the discovery of so significant a specimen of early Portuguese cartography — certainly the earliest of all we know — the fact that it allows us to correct our previous conjecture about the authorship of the chart of c. 1500 is the first important consequence

(1) It was from this not very clear photostat that we made a brief reference to the chart in a small volume written for the *Colecção Henriquina,* hence with some inaccuracies. A. Cortesão, *Cartografia Portuguesa Antiga,* pp. 99-101. Lisboa 1960.

(2) We are most grateful to Professor Jacques Bernard for drawing our attention to this chart and for his very kind assistance when Teixeira da Mota went to Bordeaux specially to study it. We also extend our thanks to M. A. Betgé-Brezetz, Director of the Archives Départementales de la Gironde, for the photostats which he generously supplied and the facilities he has given us.

da revelação da carta de Bordéus. Mas a sua maior importância está em que é a primeira carta portuguesa — possìvelmente a primeira de todas as cartas — a registar o descobrimento da costa africana para além do Equador, ou até mesmo para além de Lagos Lagoon (o *rio do lago,* da carta portuguesa-anónima de Modena, Estampa 2), na Nigéria, descoberta por João de Santarém e Pedro de Escobar em 1471.

Como a carta regista o descobrimento da costa africana até o *Rio poderoso,* aqui também chamado *Rio do padrom,* ou seja o Rio Zaire, não podia ter sido desenhada antes da notícia desse descobrimento por Diogo Cão ter chegado a Lisboa, em Abril de 1484. Por outro lado, vê-se uma bandeira vermelha muçulmana sobre Málaga, conquistada aos mouros em 1487, o que mostra ter a carta sido desenhada antes dessa data. A notícia da tomada de Málaga não deve ter tardado em chegar a Portugal, e depois disso o cartógrafo não continuaria ainda a colocar lá uma bandeira muçulmana ao mesmo tempo que desenhava bandeiras aragonesas sobre Barcelona e Valência.

Não pode pois haver dúvida de que a carta foi desenhada num dos três anos entre 1484 e 1487. Mas talvez seja possível aproximar ainda mais estes limites, pelo estudo cuidadoso da nomenclatura, graças sobretudo à abundância de novos topónimos. Tal estudo, porém, exigiria muito mais tempo e espaço do que de momento podemos dispor; de facto, a importância desta carta e as suas várias novidades e particularidades, algumas delas muito interessantes, terá de ser objecto de desenvolvida monografia (3), que por nós ou outrem deve ser escrita. Por agora, não podemos ir além de apontar algumas das suas impressionantes características e problemas que suscita.

Tendo chegado com o desenho perto da margem inferior do pergaminho, e assim impossibilitado de continuar o traçado da costa desde *C:. corço* (5° 03' N) até *Rio do padrom,* em cuja margem esquerda está plantada a enorme cruz (provàvelmente indicação do padrão de pedra lá deixado por Diogo Cão), o cartógrafo desenhou-a no interior do continente. Isto poderá indicar que ele tinha a carta pronta, ou quase, quando recebeu a notícia trazida por Diogo Cão em 1484, e então decidiu acrescentar a costa até o Congo, para o que já não tinha espaço na parte inferior do pergaminho. Mas então por que não incluiu também o resto da costa descoberta nessa mesma viagem de Diogo Cão até Cabo Lobo, o actual Cabo de Santa Maria (13° 26' S), para o que tinha espaço bastante no pergaminho? Sabe-se que D. Manuel proibiu os cartógrafos portugueses de representar os descobrimentos para além do Congo, e é de crer que o seu antecessor, D. João II, tivesse feito o mesmo. O facto de as cartas de Soligo e algumas outras incluírem não só os descobrimentos de Diogo Cão mas também os de Bartolomeu Dias (1489), pode significar que protótipos portugueses foram obtidos clandestinamente ou facilitados oficialmente, com algum propósito especial.

Antes da primeira viagem de Diogo Cão ao Rio Zaire, a costa era conhecida apenas (salvo o ter havido viagens anteriores, o que é muito possível, apesar de faltarem provas positivas) até o Cabo Catarina (1° 55' S), descoberto cerca de 1474, e a toponímia que lhe fica para norte é abundante nas cartas de Soligo; mas, para sul desse Cabo, estas mostram apenas dez topónimos ao passo que a carta de Pedro Reinel tem dezanove. De facto, toda a toponímia nesta é muito mais abundante. As ilhas de São Tomé e Príncipe não apresentam qualquer topónimo nas cartas de Soligo, mas têm sete na presente carta. Isto não significa forçosamente que as cartas de Soligo sejam mais antigas que a de Reinel: ou aquele poderia ter utilizado protótipos mais antigos ou este pôde dispor de informação mais completa.

A presente carta mostra uma bandeira portuguesa plantada em *o castello,* em *a mina,* ou seja no Castelo da Mina, cuja construção começou em 1482. Há nela muitos topónimos que não se encontram em qualquer outra carta, tal como *barreiras de pero descobar,* a leste do *Rio de samtamdre,* a que corresponde *bareyras vermelhas* na carta de Modena, e apenas *bareiras* numa das de Soligo. Isto poderá indicar uma data mais antiga para a presente carta. A Ilha de São Miguel não tem nome, mas no local agora chamado Ponta Delgada, porto principal e a capital do arquipélago, está escrito *a gram pouoraçam,* o que não encontramos em qualquer outra carta.

Isto tudo é apenas uma amostra das muitas particularidades desta carta, e julgamos que da sua investigação e estudo da toponímia comparada com a de outras cartas até começo do século XVI muito se poderá averiguar — não só no que respeita a cartografia portuguesa antiga mas mesmo quanto à história dos descobrimentos ao longo da costa ocidental africana — e que será possível datá-la mais precisamente. Por enquanto apenas podemos dizer que esta preciosa carta assinada por Pedro Reinel foi feita entre 1484 e 1487; possìvelmente c. 1485, embora algumas indicações sugiram data um pouco posterior.

(3) Quem escreve estas linhas tencionava (1960, p. 99) incluir aqui o estudo pormenorizado da carta, feito por nós ambos, e muito sente a impossibilidade de cumprir o que prometeu. Esse estudo ocuparia muitas semanas, provàvelmente meses, do nosso já sobrecarregado plano de trabalho e encheria muitas páginas deste Volume, que deve estar impresso e encadernado antes do fim de 1961.

of the revelation of the Bordeaux chart. Most significant of all however is the fact that it is the first Portuguese chart — possibly the first of all charts — to record the discovery of the African coast beyond the Equator, perhaps even beyond Lagos Lagoon (the *rio do lago* of the anonymous-Portuguese chart of Modena, Plate 2), in Nigeria, discovered by João de Santarém and Pedro de Escobar in 1471.

The fact that the chart records the discovery of the African coast as far as *Rio poderoso,* here called also *Rio do padrom,* or the River Congo, shows that it could not have been drawn before the news of that discovery by Diogo Cão reached Lisbon, in April 1484. On the other hand, the red Moslem flag over Malaga, which was conquered from the Moors in 1487, shows that the chart was drawn before that date. The news of the fall of Malaga cannot have taken long to reach Portugal, and after that the cartographer would not still have planted a Moslem flag there, while drawing Aragonese flags on Barcelona and Valencia.

There can be no doubt therefore that the chart was drawn in one of the three years between 1484 and 1487. But it may be possible to narrow these limits by careful study of the toponymy, which is particularly rich in new place names. Such a study, however, would require much more time and space than we can afford at present; in fact the importance of this chart and its many novel and curious features (some of them most interesting) must be the object of a full monograph (3), which either we or somebody else should write. At present we cannot do more than point out some of its striking features and the problems that it raises.

The cartographer, having carried his design nearly to the lower edge of the parchment and being unable in consequence to continue to trace the coast from *C:. corço* (5° 03' N) to *Rio do padrom,* on the left bank of which is planted the enormous cross (probably an indication of the stone pillar or *padrom* left there by Diogo Cão), drew it inland. This may indicate that he had the chart ready, or nearly ready, when he received the news brought by Diogo Cão in 1484, and that he then decided to add the coast as far as the Congo, for which he had no room in the lower part of the parchment. But then why did he not include the rest of the coast discovered in that same voyage of Diogo Cão as far as *Cabo Lobo,* the present Cape St. Mary (13° 26' S), for which he had enough room on the parchment? We know that King Manuel forbade Portuguese cartographers to represent the discoveries beyond the Congo River, and it is likely that King John II, his predecessor, had done the same. The fact that the Soligo charts and some others included not only the discoveries of Diogo Cão but also those of Bartolomeu Dias (1489) may mean that Portuguese prototypes were obtained clandestinely or supplied officially with some special purpose in view.

Before Diogo Cão's first voyage to the Congo River, unless there were previous voyages (as is quite possible in spite of the lack of positive evidence), the coast was known only as far as Cape St. Catherine (1° 55' S), which was discovered about 1474, and the toponymy north of it is plentiful in the Soligo charts; but south of that Cape the latter show only ten place names, while the Pedro Reinel chart has nineteen. In fact all the nomenclature in the latter is much more abundant. The islands of São Tomé and Príncipe show no place names in Soligo's charts, but have seven in the present one. This does not mean necessarily that Soligo's charts are earlier than that of Reinel; either the former might have used earlier prototypes or the latter had more complete information at his disposal.

The present chart shows a Portuguese flag planted on *o castello,* in *a mina,* i.e. the Castle of Elmina, the building of which began in 1482. There are in it many place names which we can find in no other chart, such as *barreiras de pero descobar,* east of *Rio de samtamdre,* to which corresponds *bareyras vermelhas* in the chart of Modena, and *bareiras* alone in one of Soligo's. This may indicate an earlier date for the present chart. The Island of São Miguel, the largest of the Azores, is unnamed, but at the place now called Ponta Delgada, its chief port and the capital of the archipelago, is written *a gram pouoraçam* (the great town), which we do not find in any other chart.

All this is just a sample of the many remarkable features of the chart, and we think that investigation of them and comparative study of its toponymy with that of other charts earlier than the beginning of the XVI century will yield much information — not only regarding early Portuguese cartography but even on the history of the discoveries along the west coast of Africa — and that it will be possible to date it more precisely. For the time being, we cannot go further than to say that this precious chart signed by Pedro Reinel was made between 1484 and 1487; possibly c. 1485, although there are some indications that it might be closer to the later date.

(3) The present writer intended (1960, p. 99) to include here a detailed study of this chart, made by the two of us, but regrets the inability to fulfil his promise. That study would take many weeks, probably months, of our over-full time-table and cover many pages of this Volume, which must be printed and bound before the end of 1961.



Original 711 × 948 mm.

PEDRO REINEL, c. 1485

Archives Départementales de la Gironde, Bordeaux



Original 711 × 948 mm.

PEDRO REINEL, c. 1485

Archives Départementales de la Gironde, Bordeaux

DIOGO RIBEIRO, FRAGMENTOS DUM PLANISFÉRIO DE 1530

ESTAMPA 523

JÁ os primeiros volumes de *Portugaliae Monumenta Cartographica* estavam impressos quando soubemos que dois fragmentos de uma carta portuguesa haviam sido descobertos na Kreis- und Studienbibliothek, em Dillingen (Donau), uma pequena cidade alemã (1). Há muito tempo que os dois fragmentos foram cortados de um planisfério em pergaminho e estavam a servir de capa a dois velhos livros. O fragmento ocidental, que abrange parte do leste da América, centro e norte do Atlântico, e parte do ocidente da Europa e da África, mede 375 × 544 mm; o fragmento oriental, que abrange parte do nordeste da África, quase toda a Ásia e a Insulíndia, mede 410 × 605 mm. Os fragmentos — naturalmente mal conservados, desbotados, coçados e com a nomenclatura ilegível em muitos pontos — devem corresponder a uma quarta parte de todo o planisfério original. Pelas suas proporções, este devia medir aproximadamente 86 × 210 cm.

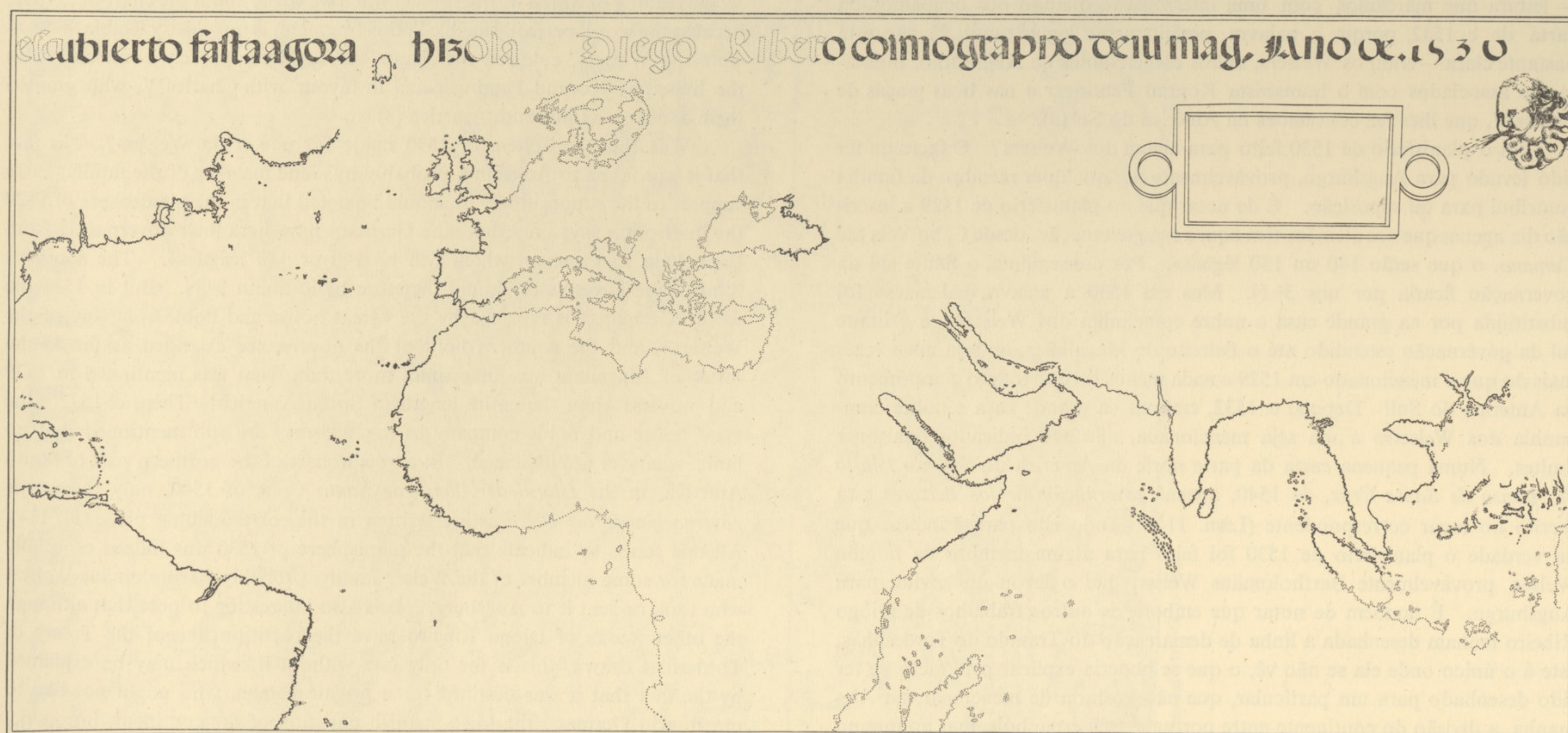


FIG. 1 — RECONSTITUIÇÃO DA PARTE DO PLANISFÉRIO A QUE OS DOIS FRAGMENTOS PERTENCIAM

RECONSTRUCTION OF THE PART OF THE PLANISPHERE TO WHICH THE TWO FRAGMENTS BELONGED

Além da perfeita semelhança do estilo, a caligrafia e traçado de letras, legendas e desenhos, ornamentação geral e colorido (em verdes, azuis e vermelhos), e o que resta da legenda de autor ao longo da margem superior do pergaminho, como noutros trabalhos de Diogo Ribeiro, confirmam que o planisfério foi por ele desenhado. Não pode haver dúvida de que as palavras desta parte da legenda, quando completa, diziam: des*cubierto fasta agora. hiz*ola Diego Ribe*ro cosmographo de su mag. Año de .1530* (Fig. 1).

De todos os planisférios de Diogo Ribeiro que se conhecem, apenas o de 1529, em Roma, apresenta desenhos de animais, árvores, etc., nos continentes, mas não tem inscrições na América do Sul; o outro planisfério de 1529, em Weimar, tem inscrições extensas na América do Sul, mas sem desenhos. O planisfério de que estes fragmentos foram cortados tem na América do Sul desenhos e inscrições, como na carta de c. 1532. Também nos dois fragmentos há muitos desenhos, sobretudo na Ásia e na África, que não se vêem nas outras cartas. Vale a pena fazer o estudo comparativo destas inscrições, com outros elementos, mas aqui apenas podemos mencionar dois casos, talvez mais interessantes para a história do planisfério mutilado.

(1) Estamos gratos ao Rev. Fr. Dr. Francisco Leite de Faria, que em Julho de 1960 nos disse desta feliz descoberta e nos ajudou a obter as primeiras fotografias dos fragmentos. Também agradecemos a Fräulein Renate Wenck, funcionária desta biblioteca, que descobriu os fragmentos, pela amável assistência e informação que prestou a Teixeira da Mota quando em Abril de 1961 foi a Dillingen especialmente para os estudar e mandar fazer boas fotografias. Com prazer acrescentamos que, segundo nos informaram, o Dr. Alois Fauser, da Bayerische Staatsbibliothek, de Munique, estava preparando um estudo pormenorizado destes dois fragmentos.

DIOGO RIBEIRO, FRAGMENTS OF A PLANISPHERE OF 1530

PLATE 523

THE first volumes of *Portugaliae Monumenta Cartographica* had already been printed when we learned that two fragments of a Portuguese chart had come to light in the Kreis- und Studienbibliothek, in Dillingen (Donau), a small town in Germany (1). The two fragments had long ago been cut from a parchment planisphere and were serving as cover of two old books. The western fragment, which covers part of eastern America, the North and Central Atlantic, and part of western Europe and Africa, measures 375 × 544 mm; the eastern fragment, covering the north-eastern part of Africa, almost all Asia and Insulindia, measures 410 × 605 mm. The fragments — naturally not well preserved, faded, rubbed, and with the nomenclature illegible in many places — must comprise one fourth of the original whole planisphere. From their proportions, it must have measured roughly 86 × 210 cm.

Besides the perfect similarity of style, the handwriting and lettering, the general ornamentation and colouring (in greens, blues and reds), and what remains of the author's legend along the upper edge of the parchment, resembling that in other works of Diogo Ribeiro, show unmistakably that the planisphere was drawn by this cartographer. There can be no doubt that the words of this part of the legend, when complete, read: des*cubierto fasta agora. hiz*ola Diego Ribe*ro cosmographo de su mag. Año de .1530* (Fig. 1).

Of all the known planispheres by Diogo Ribeiro, only that of 1529, in Rome, has drawings of animals, trees, etc., in the continents, but it shows no inscriptions in South America; the other planisphere of 1529, in Weimar, has large inscriptions in South America, but no drawings. The planisphere from which the present fragments were cut has both drawings and inscriptions in South America, like the chart of c. 1532. We also find in the two fragments many drawings, particularly in Asia and Africa, which do not appear in the other charts. The comparative study of these inscriptions, with other elements, is worthwhile, but we can mention two cases only, which are perhaps more interesting for the history of the mutilated planisphere.

(1) We are grateful to the Rev Fr Dr Francisco Leite de Faria, who told us in July 1960, of this lucky discovery and helped to get the first photographs of the fragments. We are also indebted to Fräulein Renate Wenck, an official of that library, who discovered the fragments, for the kind assistance and information she gave to Teixeira da Mota when he made a special visit to Dillingen in April 1961 to study them and to have good photographs made. It is a pleasure to add that we have been informed that Dr Alois Fauser, of the Bayerische Staatsbibliothek, Munich, is preparing a detailed study of these fragments.

Fräulein Wenck averiguou que os livros encadernados com estes dois fragmentos foram para a biblioteca de Dillingen, juntamente com outros livros, no começo do século XIX e provàvelmente da catedral de Augsburgo, quando da secularização das igrejas alemãs. Os livros têm escritos os nomes de dois antigos possuidores: Illsung (século XVII?) e Franciscus Ludovicus de Bally (século XVIII), e na opinião de Fräulein Wenck devem ter pertencido anteriormente à rica família Welser, de Augsburgo, que abriu falência em 1614. Isto é muito interessante porque — como ficou assinalado quando descrevemos a carta (de facto a parte ocidental de um planisfério) anónima, mas de Diogo Ribeiro, de c. 1532, em Wolfenbüttel (Vol. I, pp. 107-9, Estampa 41) — uma sua inscrição encimada por CASTILIA DEL ORO, diz: *Esta es la gouerbaciõn de la grã casa ɀ noble compañia de los belzeres.* Uma inscrição do mesmo género aparece pela primeira vez no planisfério de Diogo Ribeiro, de 1529, em Weimar (Estampa 40), a qual diz: CASTILIA DEL ORO: *dixo se assi por que aqui se alla mucho oro los Jndios son mas belicosos de lo q̃ son los de sancto domingo ni delas otras partes por que vsan las flexas y hierua aqui esta vn pueblo que se dize .s: martĩ donde se alla mucha cantidad de oro por la tierra adentro aqui tienem los alemanes su gouernaçiõ dende cabo lauela hasta cumana q̃ seran .140: o .150. leguas* (2). No presente fragmento ocidental, a inscrição correspondente diz: [CA]STILIA DEL ORO *Esta es la gouernaciõ de la gran casa ɀ noble compañia de los belzeres: Hasta el estrecho de magallanes.* Estes *Belzeres* — leitura que marcámos com uma interrogação quando nos ocupámos da carta de c. 1532, porque a palavra, perfeitamente legível aqui, lá não está bastante clara — eram os Welsers, cultos comerciantes de Augsburgo, ìntimamente associados com o humanista Konrad Peutinger e nas boas graças de Carlos V, que lhes fez concessões na América do Sul (3).

Foi o planisfério de 1530 feito para algum dos Welsers? O facto de ter sido levado para Augsburgo, provàvelmente por qualquer membro da família contribui para tal suposição. É de notar que no planisfério de 1529 a inscrição diz apenas que «os alemães têm aqui a sua governação, desde Cabo Vela até *Cumana,* o que serão 140 ou 150 léguas». Por conseguinte, o limite sul da governação ficaria por uns 3º N. Mas em 1530 a palavra «alemães» foi substituída por «a grande casa e nobre companhia dos Welsers», e o limite sul da governação estendido até o Estreito de Magalhães, ou seja nove vezes mais do que o mencionado em 1529 e nada menos do que todo o comprimento da América do Sul! Depois, c. 1532, embora «a grande casa e nobre companhia dos Welsers» ainda seja mencionada, não são indicados quaisquer limites. Numa pequena carta da parte norte da América do Sul, no *Islario de Alonso de Santa Cruz,* de 1540, apenas *governación de los Belzares* está escrito no lugar correspondente (Lám. 114). Tudo isto parece indicar que na verdade o planisfério de 1530 foi feito para algum membro da família Welser, provàvelmente Bartholomäus Welser, que o levou ou enviou para Augsburgo. É também de notar que embora os outros trabalhos de Diogo Ribeiro tenham desenhada a linha de demarcação do Tratado de Tordesilhas, este é o único onde ela se não vê, o que se poderia explicar pelo facto de ter sido desenhado para um particular, que não gostaria de mencionar, na Alemanha, a divisão do continente entre portugueses e espanhóis, mas ao mesmo tempo desejava presumir que na sua maior parte, até ao Estreito de Magalhães, ele era governado pelos Welsers.

Conforme já se viu (Vol. I, p. 109), Diego de Ordás foi, em 20 de Maio de 1530, nomeado «Governador e Capitão-Geral» com o encargo de «descobrir, conquistar e povoar as terras e províncias que há desde o Rio Maranhão até o Cabo da Vela». Diogo Ribeiro fez a sua primeira referência a Diego de Ordás na inscrição do planisfério de 1530, em que diz: RIO DE MARAÑOM; *la tierra q̃ se contiene dende este Rio hasta el Rio dulce* [Orinoco] *q̃ estara obra de .50. leguas de la trenidad es de la gouernacion del comendadõr diego dordaz este Rio es mui caudaloso por q̃ estando 20. leguas ẽ la mar se toma agoa dolce.* Por aqui se vê que o planisfério não foi desenhado antes de Maio de 1530, mas sim depois de Ordás ter sido nomeado. A inscrição correspondente na carta de c. 1532 informa que Ordás já lá estava.

Mesmo no caso de a data não ter sobrevivido, só o fragmento ocidental contém elementos bastantes para poder datá-lo com segurança, tão bem se ajusta cronològicamente na série das obras de Diogo Ribeiro.

---

(2) Todas as inscrições nos três planisférios de Diogo Ribeiro, de 1527 e de 1529 (dois), estão transcritas em A. Cortesão, *Cartografia,* Vol. II, pp. 145-58. Lisboa 1935.

(3) Os Welsers de Augsburgo estiveram de algum modo ligados às empresas marítimas dos portugueses e dos espanhóis. Konrad Peutinger era casado com Margaretha Welser, filha de Anton Welser (vide Vol. I, p. 15) e irmã de Bartholomäus Welser que, com os Fuggers, gosaram da protecção de Carlos V para os seus empreendimentos ultramarinos. Cf. Joaquim Bensaúde, Introdução à edição fac-símile do *Regimento do Estrolabio e do Quadrante Tratado da Spera do Mundo,* pp. 24 seqq. Lisbonne 1924. Quando do casamento de Carlos V, em 1526, os Welser emprestaram-lhe importantes quantias, como também fizeram mais tarde, por vezes juntamente com os Fugger (por ex. 600.000 ducados de ouro em 1530); em 1528 a governação da Venezuela foi concedida aos Welser, que já desde 1525 disfrutavam condições excepcionais de comércio com a América espanhola; Filipina, filha de Bartholomäus Welser, chefe da governação da Venezuela, casou com o Arquiduque Fernando, sobrinho de Carlos V. Os Welser ajudaram o Imperador de várias maneiras. Cf. Carlos Panhurst, *Los Alemanes en Venezuela durante el siglo XVI. Carlos V y la Casa Welser,* pp. 8, 36, 39, 41, 44, passim. Madrid 1927.

Fräulein Wenck ascertained that the books bound in these two fragments, together with other books, entered the Dillingen library at the beginning of the XIX century, probably from Augsburg Cathedral, at the time of the secularisation of the German churches. Written in the books are the names of two former owners: Illsung (XVII century?) and Franciscus Ludovicus de Bally (XVIII century), and in Fräulein Wenck's opinion they may have belonged earlier to the wealthy Welser family of Augsburg, who became bankrupt in 1614. This is very interesting because — as noted when we described the Anonymous-Diogo Ribeiro chart (actually the western part of a planisphere) of c. 1532, in Wolfenbüttel (Vol. I, pp. 107-9, Plate 41) — an inscription below CASTILIA DEL ORO says: «This is the governance of the great house and noble company of the *Belzeres*». The same kind of inscription appears for the first time in Diogo Ribeiro's planisphere of 1529, at Weimar (Plate 40), which says: «Castile of the Gold: it is thus called because much gold is found here. The Indians are more warlike than those of Santo Domingo or of any other parts, because they use arrows poisoned with herbs. There is a place called *S. Martin* where plenty of gold is found inland. The Germans have here their governance, from Cape Vela to *Cumana,* which will be 140 or 150 leagues» (2). In the present western fragment the corresponding inscription says: «Castile of the Gold: This is the governance of the great house and noble company of the *Belzeres*: as far as the Strait of Magellan». These *Belzeres* — the reading of which we questioned when we wrote about the chart of c. 1532, because the word, perfectly legible in this fragment, is not clearly legible there — were the Welsers, cultured merchants of Augsburg, closely connected with the humanist Konrad Peutinger and in favour with Charles V, who granted them concessions in South America (3).

Was the planisphere of 1530 made for one of the Welsers? The fact that it was taken to Augsburg, probably by some member of the family, lends support to the supposition. It should be noted that in the planisphere of 1529 the inscription says only that «the Germans have here their governance, from Cape Vela to *Cumana,* which will be 140 or 150 leagues». The southern limit of the governance should therefore be in about 3º N. But in 1530 the word «Germans» is replaced by the «great house and noble company of the Welsers», and the southern limit of the governance extended as far as the Strait of Magellan, i.e., nine times more than what was mentioned in 1529 and no less than the entire length of South America! Then, c. 1532, «the great house and noble company of the Welsers» are still mentioned, but no limits whatever are indicated. In a small chart of the northern part of South America, in the *Islario de Alonso de Santa Cruz,* of 1540, only the words *governación de los Belzares* are written in the corresponding place (Pl. 114). All this seems to indicate that the planisphere of 1530 was indeed especially made for some member of the Welser family, probably Bartholomäus Welser, who took or sent it to Augsburg. It is also interesting to note that although the other works of Diogo Ribeiro have the partition line of the Treaty of Tordesillas drawn, this is the only one without it, which may be explained by the fact that it was destined for a private person, who might not like to mention in Germany the Luso-Spanish partition of the continent, but at the same time wished to claim that most of it, as far as the Strait of Magellan, was governed by the Welsers.

As pointed out (Vol. I, p. 109), Diego de Ordás was on 20 May 1530 appointed «Governor and Captain-General», with a commission «to discover and conquer and people the lands and provinces which lie from the Marañon River to Cape Vela». Diogo Ribeiro made his first reference to Diego de Ordás in the 1530 planisphere, which says: «Marañon River: The land lying from this river to the *Rio Dulce* [Orinoco], which is about fifty leagues from Trinidad, belongs to the governance of the *Comendador* Diego de Ordás. This river is very mighty, because fresh water can be taken when they are twenty leagues in the sea». This means that the planisphere was drawn not earlier than May 1530, when Ordás had just been appointed. The corresponding inscription in the chart of c. 1532 states that Ordás was already there.

Even if the date had not survived, the western fragment alone contains evidence enough to date it correctly, so perfectly does it fit into the chronological series of Diogo Ribeiro's works.

---

(2) All the inscriptions in the three Diogo Ribeiro planispheres, those of 1527 and 1529 (two), are transcribed in A. Cortesão, *Cartografia,* Vol. II, pp. 145-58. Lisboa 1935.

(3) The Welsers of Augsburg were somehow connected with the Portuguese and Spanish maritime enterprises. Konrad Peutinger was married to Margaretha Welser, a daughter of Anton Welser (see Vol. I, p. 15) and a sister of Bartholomäus Welser, who, with the Fuggers, enjoyed the protection of Charles V for their overseas ventures. Cf. Joaquim Bensaúde, Introduction to the facsimile edition of the *Regimento do Estrolabio e do Quadrante Tratado da Spera do Mundo,* pp. 24 seqq. Lisbonne 1924. When Charles V married, in 1526 the Welsers lent him important sums of money, as they also did later, together with the Fuggers (e. g. 600.000 golden ducats in 1530); in 1528 the governance of Venezuela was granted to the Welsers, who from 1525 enjoyed the exceptional privilege of trading with Spanish America; Filipina, daughter of Bartholomäus Welser (who was appointed head of the governance of Venezuela), was married to the Archduke Ferdinand, a nephew of Charles V. The Welsers helped the Emperor in several ways. Cf. Carlos Panhurst, *Los Alemanes en Venezuela durante el siglo XVI. Carlos V y la Casa Welser,* pp. 8, 36, 39, 41, 44, passim. Madrid 1927.



Original 375×544 mm.



Original 410×605 mm.

DIOGO RIBEIRO, 1530

Fragmentos de um planisfério

Fragments of a planisphere

Kreis-und Studienbibliothek, Dillingen (Donau)

ANÓNIMO, FRAGMENTO DE UMA CARTA NÁUTICA, TERCEIRO QUARTEL DO SÉCULO XVI

ESTAMPA 524

SOUBEMOS recentemente que existe no Rye Museum, em Sussex, na Inglaterra, um fragmento de carta portuguesa, de cuja metade nos foi mostrada uma fotografia. Quando depois tivemos a oportunidade de ver o fragmento no British Museum, verificámos que ele servia de encadernação a um manuscrito inglês do século XVII, de que subsequentemente foi separado (1).

O fragmento, em pergaminho, pobremente iluminado, mede 370×497 mm e não está muito mal conservado, embora a maior parte da sua toponímia escrita em vermelho seja pràticamente ilegível. Deve ter sido cortado de uma carta náutica, como se depreende do facto de as partes central e sul do continente americano não conterem os costumados desenhos, mais ou menos fantasiosos, da cartografia contemporânea, e a ornamentação ser tão pobre. Não supomos que o fragmento tivesse sido cortado de um planisfério; pela cercadura simples desenhada na sua margem inferior e pela disposição das rosas-dos-ventos que ainda restam, se pode deduzir que foi cortado da parte inferior esquerda de uma carta atlântica, cujo centro de construção estaria situado não muito longe do Arquipélago de Cabo Verde.

Representa apenas uma pequena parte da costa oriental da América do Sul, desde *R. do patos* até o Trópico de Capricórnio, mas o corte do pergaminho suprimiu a restante linha costeira até um pouco a sul de *o maranhão;* o resto do fragmento, ou seja quase a sua totalidade, mostra a costa norte da América do Sul e as costas da América Central até o Golfo de Campeche, com as Índias Ocidentais a sul de uma linha que corre para leste através da parte norte da Jamaica.

Tem desenhada uma escala de latitudes norte, a partir do Equador; aparentemente a escala continuava para sul, mas foi raspada. A modesta ornamentação consiste em duas rosas-dos-ventos e quatro bandeiras, duas das quais espanholas e duas portuguesas.

Não conseguimos identificar o autor da carta donde este fragmento foi cortado — problema que parece de difícil solução. O mais que podemos afirmar é a sua indubitável autoria portuguesa, o que se torna evidente não só pelo estilo e aspecto geral do trabalho cartográfico, mas também pela grafia, com influência portuguesa, de alguns topónimos, tais como *los farelhones*, *bª funda*, *serranilha*, *S: xpitão*, *todos stõs*, *yª brãca*, e outros.

A nossa impressão imediata, quando pela primeira vez olhámos para a fotografia, é que estávamos na presença de mais uma obra de Sebastião Lopes. Encontram-se aqui algumas características que lembram o estilo deste cartógrafo, e chegámos a pensar, por momentos, que a qualidade, definitivamente inferior, deste espécime poderia indicar que se tratava de um dos seus primeiros trabalhos. A caligrafia das palavras *o maranhão,* em letra maior, lembra deveras a do mesmo género nas cartas de Sebastião Lopes, e as rosas-dos-ventos ornamentais no fragmento também têm as pequenas cruzes de Cristo, apontando o Oriente (Terra Santa), como as que são típicas do mesmo cartógrafo. Também a forma das bandeiras e os arabescos, dentro das que são portuguesas, lembram Sebastião Lopes.

Mas um exame mais cuidado mostra que: *a)* a forma dos *aa* na palavra *maranhão* é diferente da desta letra no mesmo género de palavras em todas as cartas de Sebastião Lopes; *b)* embora os típicos arabescos sejam frequentes nos escudos portugueses desenhados nas cartas de Sebastião Lopes, nunca aparecem nas suas bandeiras portuguesas; *c)* as pontas de lança indicando o norte nas duas rosas-dos-ventos ornamentais, do fragmento, são diferentes das que se encontram em quaisquer das rosas-dos-ventos de Sebastião Lopes; *d)* a caligrafia, que à primeira vista parece semelhante à desse cartógrafo, quando examinada mais de perto mostra diferenças importantes e dificilmente poderia ser da mesma mão; *e)* a nomenclatura no fragmento raramente coincide e muitas vezes é inteiramente diferente da de qualquer das cartas de Sebastião Lopes; *f)* finalmente, o desenho é muitíssimo mais pobre do que o de Sebastião Lopes, que foi um dos melhores cartógrafos-iluminadores portugueses.

(1) Foi em 1 de Julho de 1961 que o Sr. António Gomes da Rocha Madail mostrou a Teixeira da Mota uma carta que recebera de Mr. Geoffrey S. Bagley, Conservador do Rye Museum, com a fotografia. Teixeira da Mota, que teve de partir para Londres no dia seguinte, mencionou o fragmento ao nosso amigo R. A. Skelton, o qual conseguiu que o referido códice fosse trazido ao Bristish Museum e obteve autorização para que fosse separado do outro e devidamente fotografado. Deste modo, recebemos a fotografia de todo o fragmento em meados de Agosto. Estamos muito gratos ao Sr. Madail pela sua informação, a Mr. Bagley pelas facilidades que concedeu, e a Mr. Skelton pela muito valiosa assistência que mais uma vez nos dispensou.

ANONYMOUS, FRAGMENT OF A NAUTICAL CHART, THIRD QUARTER OF THE XVI CENTURY

PLATE 524

WE learned recently that there is a fragment of a Portuguese chart in the Rye Museum, Sussex, and were shown a photograph of half of it. When, a few days later, we were able to see the fragment in the British Museum, we found that it formed the binding of a XVII-century English manuscript, from which it was subsequently separated (1).

The fragment, on parchment, simply illuminated, measures 370 × 497 mm and is not badly preserved, although most of the place names written in red are practically illegible. It must have been cut from a nautical chart, as shown by the fact that the central and southern parts of the American continent are not filled with the usual more or less fanciful drawings of contemporary cartography, and the ornamentation is very poor. We do not suppose that the fragment was cut from a planisphere; from a plain border drawn near its lower margin and the disposition of the remaining wind roses we may deduce that it was cut from the lower left-hand part of an Atlantic chart, of which the centre of construction was apparently situated not very far from the Cape Verde Archipelago.

It represents only a small part of the eastern coast of South America, from *R. do patos* as far as the Tropic of Capricorn, but the cutting of the parchment has suppressed the rest of the coastline up to a little south of *o maranhão*; the rest of the fragment, that is practically the whole of it, shows the north coast of South America and the coasts of Central America as far as the Gulf of Campeche, with the West Indies south of a line running east through the northern part of Jamaica.

A scale of northern latitudes is drawn, beginning on the Equator; apparently the scale continued southwards, but was deleted. The modest ornamentation consists of two wind roses and four flags, two of which are Spanish and two Portuguese.

We are unable to identify the maker of the chart from which this fragment was cut — a problem apparently difficult to solve. The most we can assert is that he was undoubtedly Portuguese, which is evident not only from the style and general aspect of the cartographic work, but also from some place names spelt under Portuguese influence, even in Spanish America, such as *los farelhones*, *bª funda*, *serranilha*, *S: xpitão*, *todos stõs*, *yª brãca*, and others.

Our immediate impression, when we first looked at the photograph, was that we had here one more work by Sebastião Lopes. There are indeed some features that remind us of that cartographer's style, and we thought for a moment that the definitely lower standard of this specimen might indicate that it was one of his earlier works. The handwriting of the words *o maranhão*, in large letters, is rather like that of the same kind in Sebastião Lopes' charts, and the two ornamental wind roses in the fragment also have the small crosses of Christ showing the East (Holy Land), like those which are typical of the cartographer. Moreover, the shape of the flags and the arabesques on the Portuguese ones also remind us of Sebastião Lopes.

But a closer examination shows that: *a)* the shape of the *aa* in the word *maranhão* is different from that of this letter in the same kind of words in all Sebastião Lopes' charts; *b)* although the typical arabesques are frequent in the Portuguese escutcheons drawn in Sebastião Lopes' charts, they never appear in his Portuguese flags; *c)* the spear-heads indicating the north in the two ornamental wind roses in the fragment are different from those found in any of Sebastião Lopes' wind roses; *d)* the handwriting, which at first seems similar to that of Sebastião Lopes, when examined more closely shows important differences and could hardly be from the same hand; *e)* the nomenclature in the fragment seldom coincides with, and is often quite different from that in any of Sebastião Lopes' charts; *f)* finally, the drawing is definitely poorer than that of Sebastião Lopes, who was one of the best Portuguese cartographer-illuminators.

(1) It was on 1 July 1961 that Sr António Gomes da Rocha Madail showed Teixeira da Mota a letter he had received, with the photograph, from Mr Geoffrey S. Bagley, Hon. Curator of the Rye Museum. Teixeira da Mota, who was leaving for London the next day, mentioned the fragment to our friend R. A. Skelton, who arranged for the codex in question to be brought to the British Museum, obtained permission for one to be separated from the other, and had it properly photographed. We thus received the photograph of the whole fragment in mid-August. We are very grateful to Sr Madail for his information, to Mr Bagley for the facilities given, and to Mr Skelton for the very valuable assistance that he has once more given us.

Existe certa semelhança entre a caligrafia do fragmento e a do planisfério «1.0.4.», da Bibliothèque Nationale de Paris, que datámos de c. 1583 e julgamos ter sido desenhado por Sebastião Lopes, o qual teria um assistente que o ajudou a escrever a nomenclatura; mas nem sequer podemos sugerir que a carta donde este fragmento foi cortado e o planisfério tivessem sido desenhados pela mesma pessoa.

Por outro lado, encontramos notável semelhança entre a caligrafia de alguns topónimos no fragmento e nas cartas de Bartolomeu Velho, datadas de 1561, como sejam *tabaguo* e *Pta de la galera,* em Trinidad (Estampa 202), e *.T. CAPRICORNI* e *AEQUINOCIAL.* cujas primeiras três letras apenas se vêem no fragmento. As pontas de lança indicando o norte, nas rosas-dos-ventos do fragmento, lembram as que se encontram nas rosas-dos-ventos de Bartolomeu Velho. Isto poderia indicar a mesma origem, mas também aqui não nos atreveríamos mesmo a sugerir que Bartolomeu Velho, cartógrafo ainda maior do que Sebastião Lopes, fosse o autor de trabalho cartográfico tão modesto.

É possível que a carta a que este fragmento pertenceu tivesse sido desenhada por algum dos cartógrafos cujos nomes são conhecidos mas de quem não sobreviveram trabalhos, ou pelo menos não foram até agora identificados como seus. Mas isto também nada adianta.

Quanto à data, o problema não é menos difícil. Não conseguimos encontrar qualquer indicação que levasse mesmo a um ano aproximado; o mais que podemos dizer é que a carta, donde o fragmento, foi cortado parece ter sido desenhada no terceiro quartel do século XVI. É possível, porém, que o estudo pormenorizado da nomenclatura, em que se encontram particularidades curiosas, habilite outros estudiosos, com mais tempo do que agora temos ao nosso dispor, a determinar uma data mais precisa. Mencionaremos apenas, como exemplo, uma dessas particularidades: a Ilha Martinica, que no fragmento aparece como *matutino,* está grafada *matutimo* na carta de Pedro Reinel, de c. 1535, *matinino* na carta de Sebastião Lopes, de 1558, *moltetino* (?) em Bartolomeu Velho, 1561, e noutras cartas até o fim do século *martinino, martinjne, martitino, martynyno, martinia, manlino,* etc.

Em resumo, não pode haver dúvida de que a carta donde o presente fragmento foi cortado era portuguesa, e as suas características gerais parecem indicar que teria sido desenhada no terceiro quartel do século XVI; mas não conseguimos nele encontrar quaisquer indicações claras que pudessem levar mesmo a sugerir apenas o nome de um cartógrafo provável ou ser mais precisos quanto à data. Talvez tais indicações se pudessem encontrar na carta quando inteira, mesmo que não estivesse assinada.

Por isso, «Anónimo, terceiro quartel do século XVI» é o máximo que nos atrevemos a aventar.

There is some similarity between the handwriting in the fragment and that in the planisphere «1.0.4» in the Bibliothèque Nationale, Paris, which we dated c. 1583 and believe to have been drawn by Sebastião Lopes, who might have had an assistant to help him in writing the place names; but we cannot even suggest that the chart from which this fragment was cut and the planisphere were drawn by the same person.

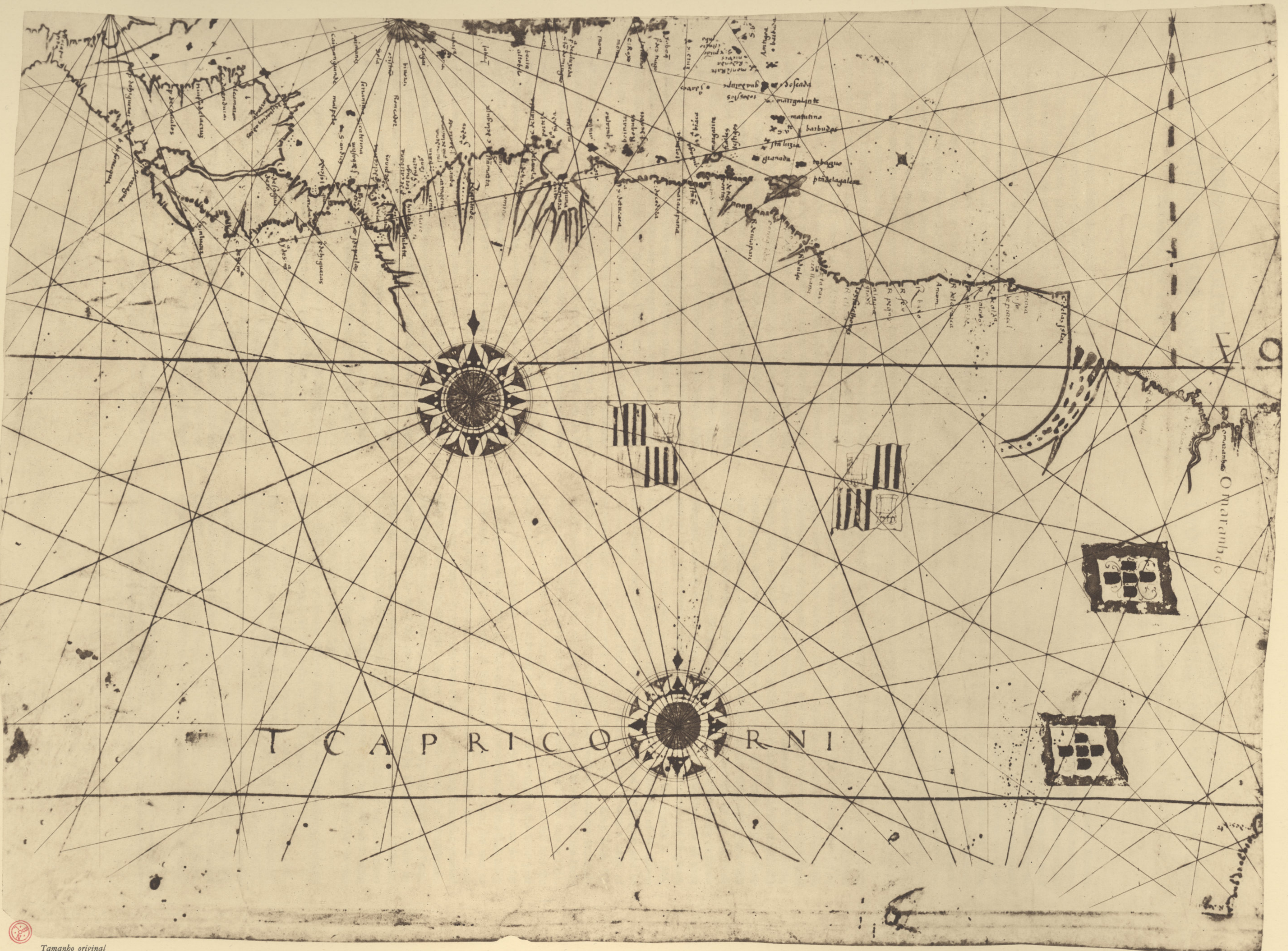
On the other hand we find a remarkable similarity between the handwriting of some place names in the fragment and in Bartolomeu Velho's charts, dated 1561, e.g. *tabaguo* and *Pta de la galera,* in Trinidad (Plate 202), as well as *.T. CAPRICORNI* and *AEQUINOCIAL.* of which only the first three letters are seen in the fragment. The spear-head indicating the north in the wind roses of the fragment resembles those in some of Bartolomeu Velho's wind roses. This might indicate the same origin, but again we would not dare to suggest that Bartolomeu Velho, a still greater cartographer than Sebastião Lopes, was the author of such a modest cartographic work.

It is possible that the chart to which the present fragment belonged was drawn by one of the several cartographers whose names are known but of whom no work has survived, or has so far been identifid as theirs. But this does not help either.

As regards the date, the problem is no easier. We have been unable to find any indication which might point even to an approximate year; the most we can say is that the chart from which the fragment was cut seems to have been drawn in the third quarter of the XVI century. It is possible, however, that a detailed study of the nomenclature, in which a good many peculiarities can be found, may enable other students, with more time at their disposal than we have now, to arrive at a more precise date. As an example, we mention just one of these peculiarities: Martinique Island, which appears in the fragment as *matutino,* in Pedro Reinel's chart of c. 1535 is spelt as *matutimo,* in Sebastião Lopes, 1558, as *matinino,* in Bartolomeu Velho, 1561, as *moltetino* (?), and in other charts until the end of the century, as *martinino, martinjne, martitino, martynyno, martinia, manlino,* and so forth.

Summing up, there can be no doubt that the chart from which the present fragment was cut was Portuguese, and from its general features it seems that it may have been drawn in the third quarter of the XVI century; but we have been unable to find in it any clear indications which might lead us even to suggest the name of a possible cartographer or to be more precise about the date. Such indications might have been found in the chart when it was whole, even if it was not signed.

Therefore, «Anonymous, third quarter of the XVI century» is the most we dare to advance.



ANÓNIMO

Fragmento de carta, terceiro quartel do século XVI
Fragment of chart, third quarter of the XVI century

Rye Museum, Sussex



FERNANDO OLIVEIRA, DUAS CARTAS NA "ARS NAUTICA", 1570

ESTAMPA 525 A & B

NOTAS BIOGRÁFICAS

«FILÓLOGO como João de Barros, aventureiro como Fernão Mendes Pinto, perseguido pela Inquisição como Damião de Goes, navegador como D. João de Castro, porventura o único dos escritores de arquitectura naval do seu tempo e do seu país, ele tem além disso para recomendá-lo à consideração da posteridade uma vida tão cortada de peripécias, que constitui um verdadeiro romance. Foi clérigo e foi soldado, foi marinheiro e diplomata, esteve prisioneiro em mãos de ingleses e em mãos de turcos, gemeu nos cárceres do Santo Ofício, teve relações com homens eminentes do seu século, como o barão de La Garde, Eduardo VI de Inglaterra, o núncio Lippomano, André de Rezende, João de Barros, o Conde da Castanheira». É desta maneira que se pronuncia sobre Fernando Oliveira o biógrafo que o veio desenterrar do esquecimento, Henrique Lopes de Mendonça; extraímos do trabalho do erudito historiador da marinha portuguesa estas breves notas biográficas acrescentando mais alguma coisa que L. Bourdon recentemente apurou em ligação com as actividades de Francesco d'Albagno em 1566-7 (1).

Fernando Oliveira nasceu em Aveiro em 1507. Foi noviço dominicano, entrando, aos treze anos, no Convento de Évora, sendo um dos seus mestres André de Rezende. Em 1532, tendo já professado, fugiu para Espanha por motivos ignorados. Em 1536, de novo em Portugal, publicou a *Grammatica da lingoagem portugueza,* sendo então professor de jovens de famílias ilustres, como os filhos do cronista João de Barros. De 1541 a 1543 esteve em Itália, possìvelmente em missão relacionada com as negociações entre a Corte Portuguesa e a Cúria Romana. Seguem-se dois anos de dificuldades, e em 1545 expatria-se numa armada francesa de galés, sob o comando do barão de La Garde, que esteve então no Tejo. Fernando Oliveira fugiu para a galé do barão de Saint-Blancard, passando a servir nela como piloto e não como clérigo. Nessa situação tomou parte nas operações navais de 1545 e 1546 no Canal da Mancha, entre a França e a Inglaterra, sendo aprisionado pelos ingleses em 1546. Assim como pela sua perícia e saber conquistara a amizade do barão de La Garde, não tardou em conseguir a boa graça dos ingleses, sendo favorecido pelo próprio Rei Henrique VIII. Em 1547, regressou a Portugal com uma carta de recomendação do sucessor deste, Eduardo VI, para D. João III. Imprudente e irrequieto, falando de tudo desassombradamente, inclusive de assuntos religiosos, não tardou em cair sob a alçada do Santo Ofício, sendo preso e condenado, até que foi perdoado em 1551. Em 1552 embarcou na expedição a Velez, em Marrocos, caindo prisioneiro dos turcos, mas conseguiu voltar a Portugal, nesse mesmo ano, para tratar do resgate dos prisioneiros. Em 1555 publicou a sua *Arte da Guerra do Mar,* em Coimbra, sendo então nomeado revisor da Imprensa da Universidade e regendo aí provàvelmente Humanidades. O seu irrequietismo não cessava, e nos fins desse ano foi de novo preso pela Inquisição, desconhecendo-se o que com ele se passou nos dez anos seguintes. Em 1565 D. Sebastião concedeu-lhe uma tença de 20.000 réis. Como tivemos ocasião de ver ao tratar de Bartolomeu Velho (2), em 1566 e 1567 Fernando Oliveira foi requestado assìduamente por Francesco d'Albagno para passar ao serviço da França, e por Hernando Carrillo de Mendoza, embaixador espanhol em Lisboa, para passar ao serviço da Espanha. Em ambos os casos ele era solicitado por motivo da sua competência náutica, mas desconhece-se o que realmente sucedeu. Parece que ainda era vivo quando Filipe II tomou conta do trono de Portugal, e há um indício de que se teria então exilado para França, ignorando-se quando e onde morreu.

Fernando Oliveira foi, sem dúvida, um dos espíritos mais brilhantes no Portugal de quinhentos, como o atesta a obra que nos legou:

1) *Grammatica da lingoagem portugueza,* impressa em Lisboa em 1536. É a primeira gramática portuguesa e a segunda de qualquer língua moderna (a primeira é a castelhana, de Antonio de Lebrija, Salamanca 1492).

2) *Arte da guerra do mar novamente escrita per Fernando olíueyra, & dirigida ao muyto magnifico senhor, o senhor dom Nuno da Cunha capitão das galees do muyto poderoso rey de Portugal dom Johão o terceyro,* impressa em Coimbra em 1555; só se conhece um exemplar na Biblioteca Nacional de Lisboa. Dela se fez uma edição moderna, em 1937, pelo Arquivo Histórico

(1) Henrique Lopes de Mendonça, *O Padre Fernando Oliveira e a sua obra náutica,* in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa.* 2.ª classe, T. VII, P. II. Lisboa 1898. Léon Bourdon, *Épisodes inconnus de la vie de Fernando Oliveira,* in *Revista Portuguesa de História,* Tomo V. Coimbra 1951.

(2) Vol. II, p. 90, da presente obra.

FERNANDO OLIVEIRA, TWO MAPS IN THE "ARS NAUTICA", 1570

PLATE 525 A & B

BIOGRAPHICAL NOTES

«A philologist like João de Barros, an adventurer like Fernão Mendes Pinto, persecuted by the Inquisition like Damião de Goes, a navigator like D. João de Castro, perhaps the only writer on naval architecture of his time and nation, he is also entitled to the consideration of posterity by a life subject to such changes of fortune as to constitute a veritable romance. He was cleric and soldier, seaman and diplomat, he suffered imprisonment in the hands of the English and the Turks, he groaned in the dungeons of the Holy Office, he had dealings with such eminent men of his age as the Baron de La Garde, Edward VI of England, the nuncio Lippomano, André de Rezende, João de Barros, the Count de Castanheira». This is the judgment on Fernando Oliveira expressed by the biographer who has rescued him from oblivion, Henrique Lopes de Mendonça; from the work of this learned Portuguese naval historian we extract the brief biographical notice here given, adding some information, recently brought to light by L. Bourdon, concerning the activities of Francesco d'Albagno in 1566-7 (1).

Fernando Oliveira was born at Aveiro in 1507. At the age of thirteen he became a Dominican novice in the Convent of Évora, one of his masters being André de Rezende. In 1532, having taken his final vows, he fled to Spain for unknown reasons. In 1536, back in Portugal, he published his *Grammatica da lingoagem portugueza,* and was then tutor to the children of some notable families, among others the sons of the chronicler João de Barros. From 1541 to 1543 he was in Italy, perhaps on a mission connected with the negotiations between the Portuguese Court and the Roman Curia. Two years of difficulties followed, and in 1545 he went into exile, sailing in a fleet of French galleys which was then in the Tagus, commanded by the Baron de La Garde. Fernando Oliveira took refuge in the galley of the Baron de Saint-Blancard, serving in it as pilot, not as chaplain. In this capacity he took part in the naval operations of 1545 and 1546 between France and England, in the English Channel, and was taken prisoner by the English in 1546. Just as his skill and knowledge had gained him the friendship of the Baron de La Garde, they quickly won him the good graces of the English and he enjoyed the favour of King Henry VIII himself. In 1547, with a letter of recommendation from Henry's successor, Edward VI, to King John III, Oliveira returned to Portugal. Imprudent and restless, speaking fearlessly on all subjects, including religion, he soon fell into the power of the Holy Office, and he was arrested and condemned, regaining his liberty only in 1551. In 1552 he took part in the expedition to Velez, in Morocco; he fell into the hands of the Turks, but succeeded in returning to Portugal in the same year to negotiate the restitution of prisoners. In 1555 his *Arte da Guerra do Mar* was published at Coimbra; and he was appointed proof reader of the University Press and probably professor of Humanities. Restless as ever, he was at the end of this year again apprehended by the Inquisition, and we do not know how he spent the ten years following. In 1565 King Sebastian granted him a pension of 20,000 *réis.* As we saw in our account of Bartolomeu Velho (2), Fernando Oliveira was in 1566 and 1567 urgently solicited by Francesco d'Albagno to enter the service of France and by Hernando Carrillo de Mendoza, the Spanish ambassador in Lisbon, to pass into that of Spain. In both cases the motive was his skill in navigation, but the sequel to these attempts is unknown. Although Oliveira seems to have been still alive when Philip II assumed the Portuguese throne and there is a suggestion that he was then exiled to France, we do not know when he died.

Fernando Oliveira was without doubt one of the most brilliant intellects of XVI-century Portugal, as the works he has left testify:

1) *Grammatica da lingoagem portugueza,* printed at Lisbon in 1536. This is the first Portuguese grammar and the second of any modern language (the first being the Castilian grammar of Antonio de Lebrija, Salamanca 1492).

2) *Arte da guerra do mar novamente escrita per Fernando olíueyra, & dirigida ao muyto magnifico senhor, o senhor dom Nuno da Cunha capitão das galees do muyto poderoso rey de Portugal dom Johão o terceyro,* printed at Coimbra in 1555; the only known copy is in the Biblioteca Nacional, Lisbon. A modern edition was published in 1937 by the Arquivo Histórico da Mari-

(1) Henrique Lopes de Mendonça, *O Padre Fernando Oliveira e a sua obra náutica,* in *Memorias da Academia das Ciências de Lisboa.* 2.ª classe, T. VII, P. II. Lisboa 1898. Léon Bourdon, *Épisodes inconnus de la vie de Fernando Oliveira,* in *Revista Portuguesa de História,* Tomo V. Coimbra 1951.

(2) Vol. II, p. 90, of the present work.

da Marinha, com comentários dos comandantes Quirino da Fonseca e Botelho de Sousa. Trata-se da primeira obra impressa sobre tal matéria, o que o próprio autor sublinha, embora o espanhol Alonso de Chaves tivesse escrito, cerca de 1530, o *Espejo de Navegantes*. *De la guerra o Batalha que se dá en la Mar,* trabalho que ficou manuscrito e desconhecido até fins do século passado.

3) *Livro da fabrica das naus,* códice da Biblioteca Nacional de Lisboa, autógrafo, com a cota «M-5-41», truncado, sem os capítulos finais, publicado por Lopes de Mendonça em 1898 (3). Foi escrito depois de 1570, o que se sabe por uma referência noutra obra sua, a *Ars Nautica* (4). Trata-se de trabalho de grande importância, o mais antigo do seu género.

4) Códice da Bibliothèque Nationale de Paris (Fonds Ancien, MS 10022), contendo a *Hestorea de Portugal recolhida de escriptores antigos e cronicas aprovadas,* a *Premeyra parte do livro da antiguidade, nobreza, liberdade e immunidade do reyno de Portugal* e a tradução portuguesa de *De re rustica* de Colunnella.

5) *Ars Nautica,* obra de que nos ocupamos a seguir.

AS DUAS CARTAS DA «ARS NAUTICA»

Lopes de Mendonça não soube do paradeiro da *Ars Nautica,* referida no prólogo no *Livro da fabrica das naus*. Durante muito tempo continuou a dar-se como desaparecida tal obra, embora ela já figurasse desde 1716 no catálogo impresso da Biblioteca da Universidade de Leida (5), proveniente da colecção reunida no século XVII por Isaac Vossius. Em 1953 pudemos examiná-la, o que também fez, pela mesma altura, Luís de Matos, a quem coube revelar o seu paradeiro e fazer a sua primeira análise e comentário (6).

Trata-se de um códice, com 254 folhas de papel, tendo no rosto *Ferdinandi Oliverii. Ars Nautica. Viagem do Magalhães,* com a cota «Cod. 41 Cat. Voss. Lat.». A *Ars Nautica* compreende três partes: 1.ª — *De quibusdam instrumentis ad primam nautarum institutionem conducentibus* (126 ff.); 2.ª — *De fabrica nauium et opere naupegisimo* (38 ff.); 3.ª — *Nautarum officia* (48 ff.), com um apêndice intitulado *Libellus de classe armata et bello nauali* (12 ff.); no final há 15 folhas contendo, em português, a *Viagẽ de fernão de magalhães escripta per hũ homẽ q̃ foy na cõpanhya* (7). O códice é um autógrafo, e numa passagem diz-se que foi escrito em 1570.

A segunda parte e o *Libellus* são resumos do *Livro da fabrica das naus* e da *Arte da Guerra do mar*. A primeira e a terceira partes constituem matéria nova e de grande interesse. A terceira parte trata das funções do pessoal do navio, dos conhecimentos e qualidades que deve possuir e da organização dos serviços a bordo. A primeira parte é a mais importante e desenvolvida, contendo capítulos com princípios de astronomia náutica; fabrico e uso do astrolábio náutico, do quadrante náutico e da balestilha náutica; fabrico e uso da agulha de marear e determinação da sua variação; ventos e tempestades; e marés. O capítulo mais extenso é porém o que trata do fabrico e uso da carta náutica, e é nele que vêm desenhadas duas cartas do mundo, 265 × 505 mm:

— *Hydrographia Universalis in forma quadrangula* (Fol. 40) (Estampa 525 A) — Carta em projecção cilíndrica quadrada.

— *Hydrographia Universalis quadripartita* (Fol. 47) (Estampa 525 B) — Carta em quatro fusos.

Embora Fernando Oliveira não tenha sido um cartógrafo profissional, estes dois desenhos seus que até nós chegaram e o texto que escreveu sobre a carta náutica tornam-no merecedor de um lugar em *Portugaliae Monumenta Cartographica*. O irrequieto sacerdote foi, sem dúvida, um dos portugueses mais versáteis do século XVI, verdadeiro precursor de várias ideias (8). Cultivou os clássicos da antiguidade e embrenhou-se na teologia, na gramática e na retórica — mas ao mesmo tempo conviveu de perto com os marinheiros, escrevendo um conjunto de obras que abrangem todos os ramos da vida do mar no seu tempo. Não será exagero afirmar que foi o maior tratadista naval português de todos os tempos, e o mais completo na Europa do século XVI.

(3) *Op. cit.* na nota (1).

(4) Lopes de Mendonça, que não conheceu a *Ars Nautica,* só pôde concluir que o *Livro da fabrica das naus* era posterior a 1557, mas o recente achamento daquela obra permitiu a Luís de Matos averiguar tal facto (*O Manuscrito autógrafo da «Ars Nautica» de Fernando Oliveira,* in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira,* Vol. I, n.º 2, pp. 239-51. Lisboa 1960).

(5) *Catalogus librorum tam impressorum quam manuscriptorum Bibliothecae Publicae Universitatis Lugduno-Batavae,* p. 372.

(6) *Op. cit.* na nota (4).

(7) Este relato da viagem de Magalhães foi publicado por M. de Jong, *Um roteiro inédito da circumnavegação de Fernão de Magalhães*. Coimbra 1937. Embora o autor deste opúsculo refira que o roteiro vem no códice «onde se encontra também *Ferdinandi Oliverii de Sancta Columba Ars Nautica*», não sublinhou o interesse desta última, e a referência passou despercebida. Já antes Walther Vogel, *Ein unbekannter Bericht von Magalhães' Weltumsegelung,* in *Marine Rundschau,* Abril 1911, pp. 452-60, e Maio 1911, pp. 582-96, se ocupara também do mesmo relato da viagem de Magalhães incluído no códice.

(8) Um dos capítulos da *Arte da guerra no mar* constitui um violento libelo contra a escravatura e o tráfico dos escravos. Até neste domínio foi um longínquo e digno precursor!

nha, with commentaries by Commanders Quirino da Fonseca and Botelho de Sousa. This is the first printed work on its subject, as the author himself emphasises, although the Spanish Alonso de Chaves had written about 1530 his *Espejo de Navegantes*. *De la guerra o Batalha que se dá en la Mar,* a work which remained in manuscript and unknown until the end of the last century.

3) *Livro da fabrica das naus,* holograph codex in the Biblioteca Nacional, Lisbon, classmark «M-5-41»; it is incomplete, lacking the final chapters, and was published by Lopes de Mendonça in 1898 (3). It was written after 1570, as we learn from a reference in another work of his, the *Ars Nautica* (4). The *Livro* is a work of great importance, the oldest of its kind.

4) Codex in the Bibliothèque Nationale, Paris (Fonds Ancien, MS 10022), containing the *Hestorea de Portugal recolhida de escriptores antigos e cronicas aprovadas,* the *Premeyra parte do livro da antiguidade, nobreza, liberdade e immunidade do reyno de Portugal,* and the Portuguese translation of Colunnella's *De re rustica.*

5) *Ars Nautica,* which we discuss below.

THE TWO MAPS IN THE «ARS NAUTICA»

Lopes de Mendonça did not know the whereabouts of the *Ars Nautica,* which is referred to in the prologue of the *Livro da fabrica das naus*. The work was long thought to be lost, although as early as 1716 it was recorded in the printed catalogue of the University Library, Leyden (5), coming from the collection formed by Isaac Vossius in the XVII century. In 1953 we were abie to examine it, as did Luís de Matos, to whom is due the revelation of its whereabouts and the first analysis and commentary on it (6).

The codex, with the classmark «Cod. 41 Cat. Voss. Lat.», is of 254 leaves of paper, and has on the frontispiece *Ferdinandi Oliverii. Ars Nautica. Viagem do Magalhães*. The *Ars Nautica* is divided into three parts: (1) *De quibusdam instrumentis ad primam nautarum institutionem conducentibus,* 126 ff.; (2) *De fabrica nauium et opere naupegisimo,* 38 ff.; (3) *Nautarum officia,* 48 ff., with an appendix entitled *Libellus de classe armata et bello nauali,* 12 ff.; at the end there are 15 leaves bearing the *Viagẽ de fernão de magalhães escripta per hũ homẽ q̃ foy na cõpanhya* (7). The codex is holograph and is stated in one passage to have been written in 1570.

The second part and the *Libellus* contain abstracts of the *Livro da fabrica das naus* and of the *Arte da Guerra do mar*. The first and third parts comprise new material of great interest. The third part deals with the duties of the ship's complement, with the knowledge and qualities required, and with the organisation of tasks on board ship. The first part is the most important and detailed, containing chapters on the principles of nautical astronomy; on the construction and use of the nautical astrolabe, nautical quadrant, and cross-staff; on the construction and use of the mariner's compass and determination of its variation; on winds and tempests; and on tides. The most extensive chapter however is that on the construction and use of the nautical chart, which is illustrated by two world maps, 265 × 505 mm:

— *Hydrographia Universalis in forma quadrangula* (Fol. 40) (Plate 525 A) — Map on a quadrate cylindrical projection.

— *Hydrographia Universalis quadripartita* (Fol. 47) (Plate 525 B) — Map in four gores.

Although Fernando Oliveira was not a professional cartographer, these two surviving designs of his and the text which he wrote on the nautical chart earn him a place in *Portugaliae Monumenta Cartographica*. This restless priest was beyond doubt one of the most versatile Portuguese of the XVI century, a genuine precursor in various fields of thought (8). While he cultivated the classical authors of antiquity and probed into theology, grammar and rhetoric, he also associated intimately with the seamen, and wrote a group of works which embrace every aspect of maritime activity in his day. It seems no exaggeration to describe him as the greatest Portuguese writer on maritime subjects of all time, and the most thorough in XVI century Europe.

(3) *Op. cit.* in note (1).

(4) Lopes de Mendonça, who did not know the *Ars Nautica,* could only infer that the *Livro da fabrica das naus* was later than 1557, but Luís de Matos' recent discovery of the former work by has established the date (*O Manuscrito autógrafo da «Ars Nautica» de Fernando Oliveira,* in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira,* Vol. I, n.º 2, pp. 239-51. Lisboa 1960).

(5) *Catalogus librorum tam impressorum quam manuscriptorum Bibliothecae Publicae Universitatis Lugduno-Batavae,* p. 372.

(6) *Op. cit.* in note (4).

(7) This account of Magellan's voyage was published by M. de Jong, *Um roteiro inédito da circumnavegação de Fernão de Magalhães*. Coimbra 1937. Although the author of this work observed that the *roteiro* was in the codex «where we find also *Ferdinandi Oliverii de Sancta Columba Ars Nautica*», he did not draw attention to the interest of this work, and his reference to it passed unnoticed. Before him Walther Vogel, *Ein unbekannter Bericht von Magalhães' Weltumsegelung,* in *Marine Rundschau,* April 1911, pp. 452-60, and May 1911, pp. 582-96, had also discussed the account of Magellan's voyage included in the codex.

(8) One of the chapters in the *Arte da guerra do mar* contains a violent attack on slavery and the slave trade. Even in this field Oliveira was a distant and worthy precursor!

PEDRO FERNANDES DE QUEIRÓS, CARTA DE 1598

NOTAS BIOGRÁFICAS

PEDRO Fernandes de Queirós, piloto e cartógrafo, o «último grande navegador português», como frequentemente tem sido considerado, é uma figura bem conhecida e acerca dele têm sido escritas numerosas obras. O pouco que podemos aqui dizer a seu respeito, sobretudo como cartógrafo, baseia-se nos trabalhos do Rev. P. Celsus Kelly, O.F.M., que nos últimos anos se tem dedicado a frutuosas pesquisas nos arquivos de vários países e é hoje sem dúvida a maior autoridade no assunto (1).

Pedro Fernandes de Queirós nasceu em Évora por volta de 1563, não se conhecendo a sua ascendência. Ignora-se em que condições iniciou a sua carreira no mar, parecendo porém que exerceu as funções de escrivão a bordo de navios portugueses. Em 1594 encontrava-se em Lima, com a categoria de piloto. No ano seguinte, 1595, foi escolhido para capitão do navio «San Jerónimo» e piloto-mor da expedição dirigida por Alvaro de Mendaña, a qual tinha por objectivo colonizar as ilhas Salomão. Descobrindo no caminho as ilhas Las Marquezas de Mendoza, San Bernardo e La Solitaria, iniciaram a colonização em Santa Cruz, mas uma série de desastres em breve fez abortar o empreendimento, cabendo a Queirós conduzir o navio sobrevivente a Manila (1596), donde regressou a Lima (1597). A partir de então Queirós devota-se a procurar conseguir os meios para a realização de uma viagem de descobrimento do grande continente austral. Para este efeito deslocou-se a Roma, onde foi recebido pelo Papa em 1601, conseguindo o seu apoio, expresso através de seis breves. O capitão português concebia o seu projecto com grande espírito missionário, propondo-se, acima de tudo, efectuar a conversão dos nativos das terras austrais. De Roma deslocou-se a Madrid, onde conseguiu finalmente, em 1603, a aprovação real para o seu empreendimento. Em começos de 1606, com dois navios e uma lancha, iniciou a viagem, e, depois de descobrir numerosas pequenas ilhas, atingiu uma ilha das Novas Hébridas, julgando-a parte do continente, a *Austrialia del Espiritu Santo*. Um temporal separou aí os navios, tendo Queirós de regressar com o seu a Acapulco, enquanto Luis Vaz de Torres, com o outro navio, passava entre a Nova Guiné e a Austrália e seguia para Manila. Voltando a Madrid, em 1607, procurou que lhe fosse confiada uma nova expedição para descobrimentos e colonização no Pacífico, mas só em 1615 teve autorização para regressar ao Peru, morrendo porém no caminho, por volta de Junho desse ano.

Não faltam testemunhos mostrando que no seu tempo Queirós gozou da fama de grande piloto e navegador, e que também se dedicou largamente à cartografia. Assim, em 2 de Fevereiro de 1602 o Duque de Seza, embaixador de Espanha em Roma, escrevia a Filipe III dando conta da grande impressão que causara, entre os geógrafos e matemáticos de Roma, o saber de Queirós naquelas artes. Além de cerca de oitenta memoriais relacionados sobretudo com as terras austrais e o seu descobrimento, Queirós é autor de um «Tratado de Navegação», de c. 1610, no qual se descrevem dois instrumentos da sua invenção destinados a determinar a variação da agulha magnética e a latitude, instrumentos esses que foram especialmente fabricados em Lima, em 1605, para serem utilizados na viagem que se iniciou no ano seguinte. Numa consulta do Conselho de Estado, de 25 de Setembro de 1608 (2), propõe-se «que este hombre por ser tan platico se entretenga aqui como Cosmografo para que sirva en cartas de marear y globos por via del Consejo de guerra». Na carta acima citada do Duque de Seza, este afirma que Queirós era hábil em fazer globos e cartas de marear (3). Em 1595 Mendaña encomendou a Queirós cinco cartas náuticas do Pacífico, para uso dos pilotos da expedição em preparação (4). No decurso das suas diligências para a realização

---

(1) As nossas breves notas, incluindo as referências documentais e bibliográficas, baseiam-se exclusivamente em dois trabalhos apresentados pelo P.ᵉ Kelly ao Congresso Internacional de História dos Descobrimentos, reunido em Lisboa em Setembro de 1960: *Pedro Fernandes de Queiros, the last great Portuguese navigator*, e *Some early maps relating to the Queiros-Torres discoveries of 1606*, ambos no prelo. O mesmo autor publicou também recentemente *The Narrative of Pedro Fernandez de Quirós*, in *Historical Studies*, Vol. 9, n.º 34, pp. 181-93, Melbourne, May 1960, anunciando-se para breve o seu livro *Austrialia del Espiritu Santo — Documents on the voyage of Quiros to the South Sea, 1605-6*, em edição da Hakluyt Society. Nos trabalhos do P. Kelly encontra-se uma abundante bibliografia sobre Queirós, e para eles remetemos os leitores, na impossibilidade de aqui darmos, mesmo em resumo, as obras principais.

(2) Publicada por H. Stevens e G. F. Barwick, *New Light on the discovery of Australia as revealed by the Journal of Captain Don Diego de Prado y Tovar*, pp. 210-3. London 1930.

(3) Archivo General de Simancas, Estado, K. 1631, c. 37, docs. 33, 34, *apud* C. Kelly, *Some early maps*, no prelo.

(4) Justo Zaragoza, *Historia del descubrimiento de las regiones Austriales hecho por el General Pedro Fernandez de Quirós*, Vol. I, pp. 29-30, 198, 201, Madrid 1876-82, *apud* C. Kelly, *Some early maps*.

PEDRO FERNANDES DE QUIROS, CHART OF 1598

BIOGRAPHICAL NOTICE

PEDRO Fernandes de Quiros, pilot and cartographer, «the last great Portuguese navigator», as he has been styled, is a well-known figure about whom many works have been written. The little that we can here say about him, especially as a cartographer, is based on the labours of the Rev. P. Celsus Kelly, O.F.M., who has for some years carried out fruitful research in the archives of various countries and is to-day without doubt the greatest authority on the subject (1).

Pedro Fernandes de Quiros was born in Évora about 1563, his parentage being unrecorded. We do not know in what circumstances his career at sea began, but he seems to have served as writer or clerk on board Portuguese ships. In 1594 he was at Lima in the capacity of a pilot. In the following year, 1595, he was selected as captain of the ship *San Jerónimo* and pilot-major of the expedition led by Alvaro de Mendaña and designed to colonize the Solomon Islands. In the course of the voyage the Marquesas Islands, San Bernardo and La Solitaria were discovered and a colony was planted on Santa Cruz, but a series of disasters brought the enterprise to catastrophe and it fell to Quiros to take the surviving ship to Manila (1596), whence he returned to Lima (1597). From this time Quiros devoted himself to attempts to win support for a voyage to discover the great southern continent. For this purpose he went to Rome, where he was received by the Pope in 1601 and obtained his approval, expressed in six briefs. The Portuguese captain conceived his project in the exalted spirit of the missionary, proposing as its supreme object the conversion of the natives of the austral lands. From Rome he went to Madrid, where at length, in 1603, he received royal approbation for his enterprise. Early in 1606, with two ships and a launch, he began his voyage and, after discovering numerous small islands, he reached an island of the New Hebrides, which he supposed to be part of the continent and named *Austrialia del Espiritu Santo*. There the ships were separated in a storm, and Quiros was compelled to return to Acapulco, while Luis Vaz de Torres, in the other ship, passed between New Guinea and Australia and reached Manila. On his return to Madrid in 1607, Quiros tried all means to have a new expedition entrusted to him for discovery and colonization in the Pacific; only in 1615 did he receive permission to return to Peru, but he died on the way there in June of the same year.

There is no lack of evidence that in his day Quiros enjoyed a high reputation as a pilot and navigator and that he was also active as a cartographer. Thus the Duke of Seza, Spanish ambassador in Rome, writing on 2 February 1602 to King Philip III, reported the deep impression made on the geographers and mathematicians of Rome by Quiros' learning in these fields of study. Besides about eighty memorials, relating for the most part to the austral lands and their discovery, Quiros wrote a «Treatise of Navigation», c. 1610, in which he described two instruments, of his invention, for the determination of magnetic variation and of latitude; these instruments had been specially made at Lima in 1605 for use on the voyage which began in the following year. In a *consulta* of the Council of State, 25 September 1608 (2), it was proposed «that this man, because of his great experience, be maintained here as Cosmographer so that he may provide sea-charts and globes for the Council of War». The Duke of Seza, in the letter mentioned above, states that Quiros was competent in the making of globes and sea-charts (3). In 1595 Mendaña commissioned from Quiros five nautical charts of the Pacific, to be used by the pilots of the expedition then being prepared (4). In his advocacy of the expedition of 1605 and of the proposed expedition to follow it, Quiros used

---

(1) Our brief notes, including the documentary and bibliographical references, are based exclusively on two papers presented by Fr Kelly to the International Congress of the History of the Discoveries held at Lisbon in September 1960: *Pedro Fernandes de Queiros, the last great Portuguese navigator*, and *Some early maps relating to the Queiros-Torres discoveries of 1606*, both in the press. The same author has also published recently *The Narrative of Pedro Fernandez de Quiros*, in *Historical Studies*, Vol. 9, n.º 34, pp. 181-93, Melbourne, May 1960, and announces, for publication by the Hakluyt Society in the near future, his book *Austrialia del Espiritu Santo — Documents on the voyage of Quiros to the South Sea, 1605-6*. In Fr Kelly's writings may be found an extensive bibliography on Quiros, to which we refer our readers, since we cannot list here, even in abridged form, the principal works.

(2) Published by H. Stevens and G. F. Barwick, *New Light on the discovery of Australia as revealed by the Journal of Captain Don Diego de Prado y Tovar*, pp. 210-3. London 1930.

(3) Archivo General de Simancas, Estado, K. 1631, c. 37, docs. 33, 34, *apud* C. Kelly, *Some early maps*, in the press.

(4) Justo Zaragoza, *Historia del descubrimiento de las regiones Austriales hecho por el General Pedro Fernandez de Quirós*, Vol. I, pp. 29-30, 198, 201, Madrid 1876-82, *apud* C. Kelly, *Some early maps*.

da expedição de 1605 e da que se propôs fazer depois, Queirós utilizou cartas de sua autoria a fim de explicar as suas ideias. Depois do seu regresso a Espanha em 1607, desenhou um «mapa universal» com a indicação de todas as terras que descobrira (5). Também noutra altura se refere a outra carta universal onde se distinguiam, em três cores, as terras conhecidas, os mares navegados e as zonas desconhecidas, proclamando então que já executara mais de duzentas obras cartográficas, de muitas formas e tamanhos (cartas, globos, etc.) (6).

A CARTA DE 1598

ESTAMPA 525-C

Na colecção do Avv. Franco Novacco, de Veneza, num exemplar (adquirido em Espanha) do livro *Descriptio ac delineatio Geographica Detectionis Freti, sive, transitus ad Occasum, supra Terras Americanas in Chinarum ... Recens investigati ab M. Henrico Hudsono ... Amsterodami Ex Officina Hesselij Gerardi Anno 1612* encontra-se intercalada uma carta manuscrita, não colorida, traçada em papel grosso, tendo o desenho que representa o Oceano Pacífico 25 × 36 cm. No canto inferior esquerdo lê-se *no ano de 1598,* e no canto inferior direito *iter nouae terrae,* tendo por baixo as iniciais *P.F.Q.*

Ocupou-se desta carta — a que não conhecemos quaisquer referências anteriores — o P.e Celsus Kelly (7), considerando que as iniciais se referem a Pedro Fernandes de Queirós, opinião que também partilhamos. Além da coincidência das iniciais, a legenda, em latim, «Caminho para as novas terras», a data e a *Terra Australis incognita* formada pelo prolongamento para sul da Nova Guiné e Arquipélago de Salomão, são testemunhos confirmatórios que não deixam margem a dúvidas. É no entanto, à primeira vista, estranho que não figurem na carta as ilhas descobertas pela expedição de 1595, mas o P.e Kelly aponta vários documentos comprovativos de que Queirós rodeou de certas reservas a divulgação do achado ou localização de tais ilhas. É ainda de notar que a data da carta se encontra redigida em português, e não em espanhol.

Aponta também o P.e Kelly que o traçado costeiro desta carta (exceptuando a *Terra Australis incognita*) se assemelha ao da carta de Lopez de Velasco de c. 1575, incluida mais tarde, em 1601, por Antonio de Herrera na *Descripción de las Indias Occidentales.*

Infelizmente este único exemplar que nos chegou da actividade cartográfica de Queirós não passa de um mero esboço, não permitindo fazer ideia apropriada da sua competência em tal domínio.

LUCAS DE QUEIRÓS, CARTAS DE 1618 e 1631

Na conhecida «Narrativa» da sua viagem de 1605-6 Pedro Fernandes de Queirós informa que, em 1604, vindo de Espanha a caminho do Peru, encontrou em Caracas dois sobrinhos, filhos de um seu irmão, os quais haviam perdido os pais e viviam com o avô materno. Queirós levou-os consigo para o Peru, e um deles, Lucas de Queirós, acompanhou-o na sua viagem de 1605-6. Um documento de 1616 revela que Lucas de Queirós era nessa altura um cartógrafo de reputação em Lima (8), e dele nos chegaram duas cartas de pergaminho, manuscritas e iluminadas, anexas ao MSS. 1632-1635 da Biblioteca do Palácio Nacional, Madrid:

— *Description corographica de las provincias del Piru Chile nueuo Reyno i Tierra firme en que ai audiencias reales que son la de los rreyes la Plata Chile nuevo rreyno y Panama y tres Arçobispados con dize y seis Obispados sufraganeos ... Por Lucas de Quiros cosmografo Mor del mar del sur en Lima año de 1618.* Trata-se de uma interessante carta da América do Sul, reproduzida por Julio Guillén, *Monumenta Cartographica Indiana,* Laminas 12 e 13.

— *Descripcion del Puerto del Callao ...,* assinada e datada de 1631.

A última carta, sobretudo, revela no estilo, aparentado ao dos Teixeiras, influência portuguesa.

Lucas de Queirós era filho de um português, e é de presumir que o seu mestre na arte de fazer cartas tenha sido seu tio Pedro Fernandes de Queirós. Independentemente de ele dever ou não ser considerado espanhol, parece-nos apropriado deixar consignada em *Portugaliae Monumenta Cartographica* esta breve referência à pessoa e às cartas do «Cosmógrafo-mor do Mar do Sul».

---

(5) Zaragoza, *op. cit.* Vol. II, p. 195, *apud* C. Kelly, *Some early maps.*
(6) Zaragoza, *op. cit.* Vol. II, p. 281, *apud.* C. Kelly, *Some early maps.*
(7) *Some early maps relating to the Queirós-Torres discoveries of 1606,* no prelo.
(8) Clements Markham, *The Voyages of Pedro Fernandez de Quiros,* Vol. I, pp. XXI e 174. London 1904.

charts from his own hand to explain his ideas. After his return to Spain in 1607, he drew a «universal map», showing all the lands which he had discovered (5). He also refers elsewhere to another world map in which he distinguished, by three colours, the known lands, the navigated seas, and the areas which were still unknown; and he affirmed at the same time that he had already completed more than two hundred cartographic works (maps, globes, etc.) (6).

THE CHART OF 1598

PLATE 525-C

In the collection of Avv. Franco Novacco, of Venice, there is a copy (bought in Spain) of the book *Descriptio ac delineatio Geographica Detectionis Freti, sive, transitus ad Occasum, supra Terras Americanas in Chinarum ... Recens investigati ab M. Henrico Hudsono ... Amsterodami Ex Officina Hesselij Gerardi Anno 1612* with a manuscript map of the Pacific Ocean, on thick paper, not coloured, the drawing of which measures 25 × 36 cm. In the lower left-hand corner are the words *no ano de 1598,* in the lower right-hand corner *iter nouae terrae,* and below them the initials *P.F.Q.*

This chart, to which we know no earlier reference, has been discussed by Fr Celsus Kelly (7), and we accept his opinion that the initials refer to Pedro Fernandes de Quiros. Apart from the coincidence of the initials, the Latin legend («Journey to the new lands») and the fact that *Terra Australis incognita* is formed by the southward prolongation of New Guinea and the Solomon Islands provide confirmatory evidence which leaves no room for doubt. Nevertheless it is, at first sight, rather surprising that the chart should fail to depict the islands which were discovered by the 1595 expedition; Fr Kelly however cites several documents showing that Quiros entertained reservations about making known the discovery or position of these islands. It is also curious that the date of the chart should be written in Portuguese and not in Spanish.

Fr Kelly also points out that the coastal outlines of the chart (except those of *Terra Australis incognita*) resemble those in the map drawn by López de Velasco c. 1575 and later, in 1601, inserted by Antonio de Herrera in his *Descripción de las Indias Occidentales.*

Unhappily this unique surviving example of Quiros' cartographic activity is a mere sketch which does not allow us to form any adequate idea of his competence in this field.

LUCAS DE QUIROS, MAPS OF 1618 AND 1631

In the well-known «Narrative» of his voyage of 1605-6 Pedro Fernandes de Quiros states that in 1604, while travelling from Spain to Peru, he met in Caracas two nephews (his brother's sons), who had lost their parents and were living with their maternal grandfather. Quiros took them with him to Peru, and one of them, Lucas de Quiros, accompanied him on his voyage of 1605-6. A document of 1616 reveals that Lucas de Quiros was at this time a cartographer of repute in Lima (8), and we have from his hand two manuscript maps drawn and illuminated on vellum, appended to MSS. 1632-1635 in the Biblioteca do Palácio Nacional, Madrid:

— *Description corographica de las provincias del Piru Chile nueuo Reyno i Tierra firme en que ai audiencias reales que son la de los rreyes la Plata Chile nuevo rreyno y Panama y tres Arçobispados con dize y seis Obispados sufraganeos ... Por Lucas de Quiros cosmografo Mor del mar del sur en Lima año de 1618.* This interesting map of South America has been reproduced by Julio Guillén, *Monumenta Cartographica Indiana,* Plates 12 and 13.

— *Descripcion del Puerto del Callao ...,* signed and dated 1631.

The second map in particular betrays Portuguese influence in its style of drawing, which is akin to that of the Teixeiras.

Lucas de Quiros was the son of a Portuguese father, and it is reasonable to suppose that his master in the art of mapmaking was his uncle Pedro Fernandes de Quiros. Leaving aside the question whether he should or should not be considered as Spanish, we think it appropriate to include in *Portugaliae Monumenta Cartographica* this brief reference to the person and the maps of the «cosmographer-major of the South Sea».

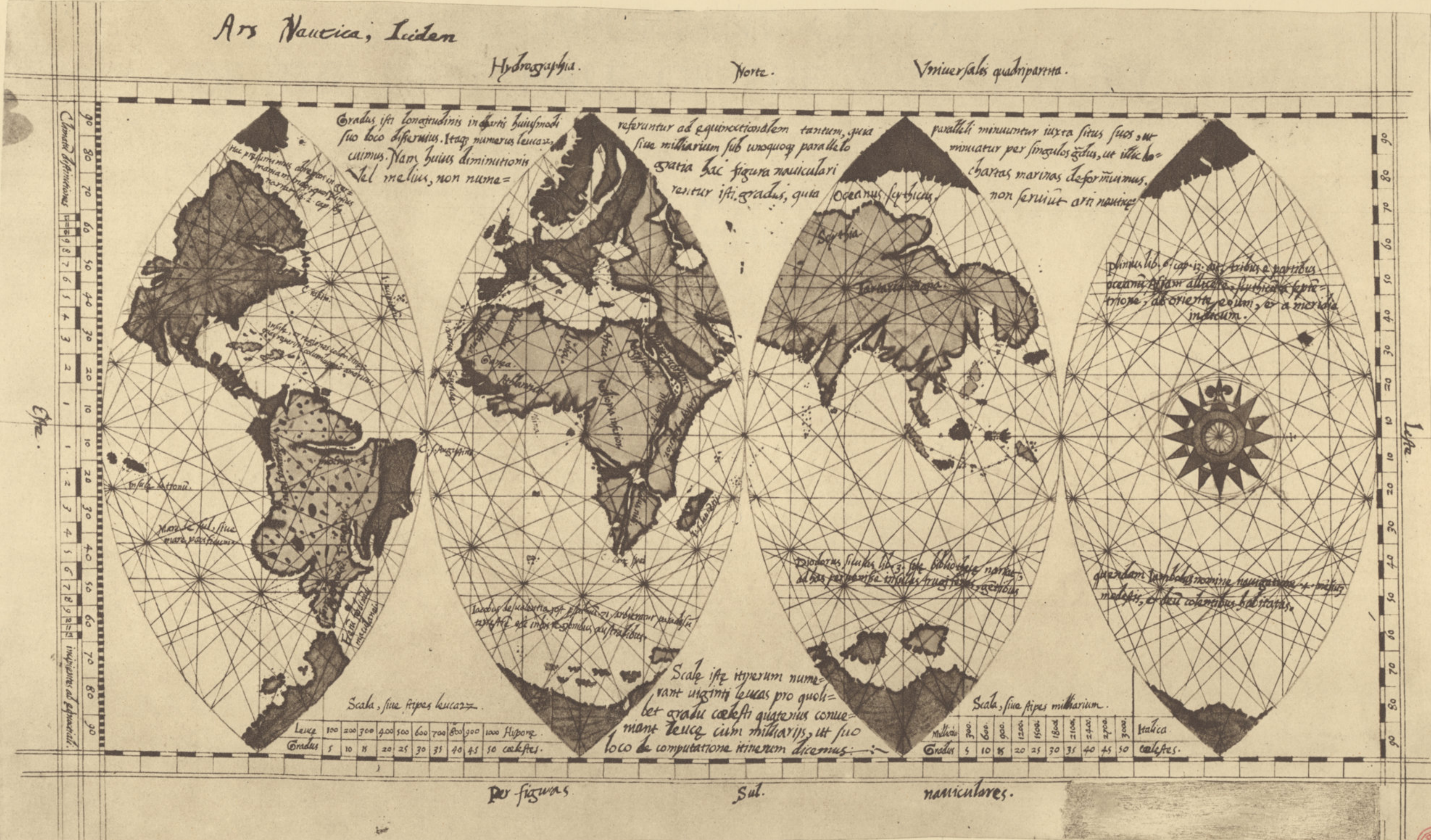
---

(5) Zaragoza, *op. cit.* Vol. II, p. 195, *apud* C. Kelly, *Some early maps.*
(6) Zaragoza, *op. cit.* Vol. II, p. 281, *apud* C. Kelly, *Some early maps.*
(7) *Some early maps relating to the Queirós-Torres discoveries of 1606,* in the press.
(8) Clements Markham, *The Voyages of Pedro Fernandez de Quiros,* Vol. I, pp. XXI and 174. London 1904.



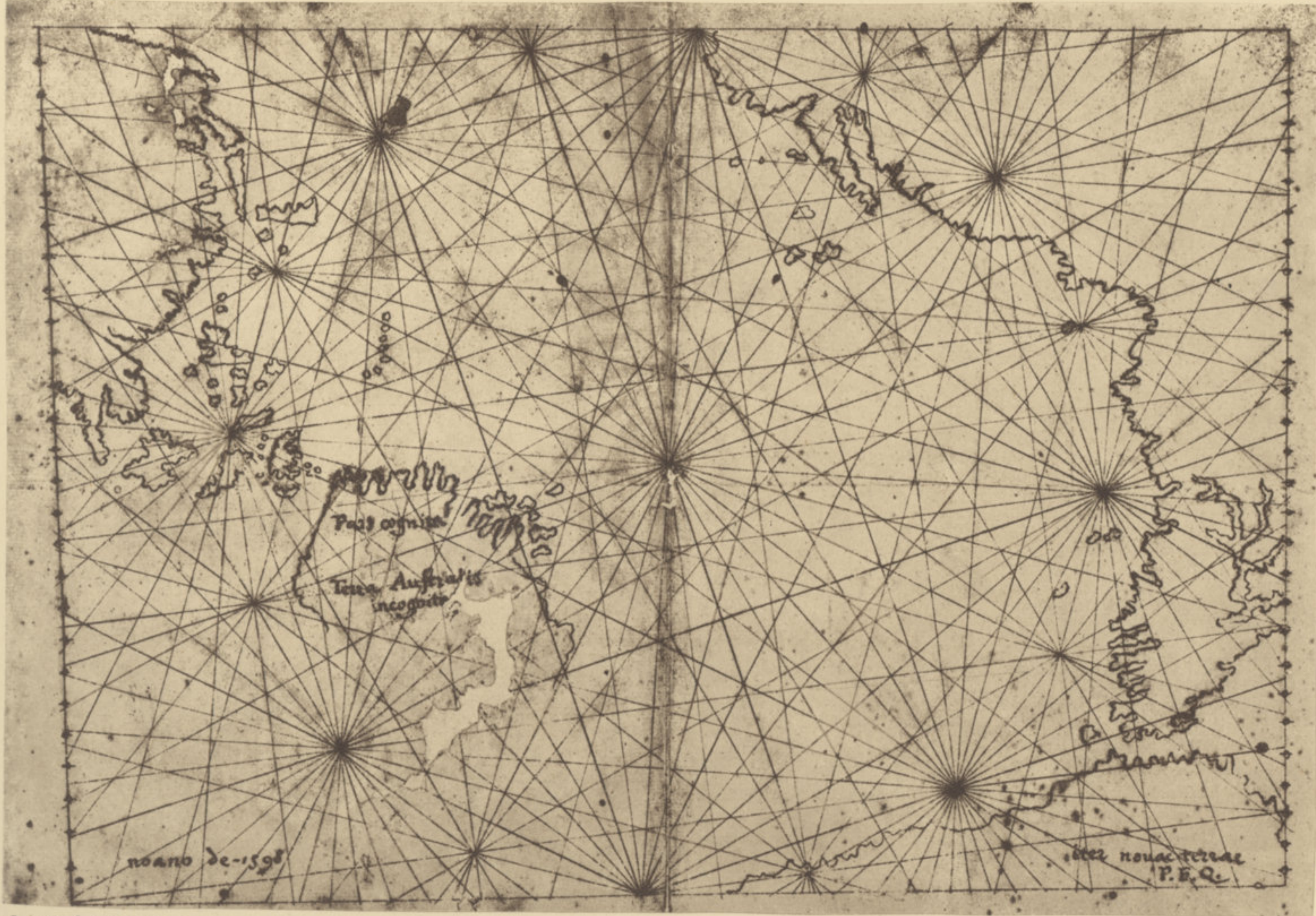
Original 265×505 mm.

A



Original 265×505 mm.

B



Original 25×36 cm.

C

A, B–FERNANDO OLIVEIRA, DUAS CARTAS NA "ARS NAUTICA", 1570

Library of the University of Leiden

C–PEDRO FERNANDES QUEIRÓS, 1598

Collezione Franco Novacco, Venezia

OUTRAS CARTAS PRINCIPAIS DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVII

OTHER IMPORTANT CHARTS OF THE FIRST HALF OF THE XVII CENTURY

DOMINGOS SANCHES
ANTÓNIO SANCHES
PASCOAL ROIZ
ANÓNIMO

DOMINGOS SANCHES, CARTA DE 1618

ESTAMPA 526

NA Bibliothèque Nationale, Paris, com a cota «Res. Ge. AA. 568», encontra-se esta carta náutica do Atlântico, manuscrita e iluminada, traçada em pergaminho, 83 × 94 cm., tendo no canto inferior direito a assinatura *DOMINGVOS SANCHES A FEZ EM LISBOA. ANNO 1618,* estando o nome do cartógrafo inscrito numa fita.

Foi adquirida pela Bibliothèque Nationale em 18 de Março de 1833 (1), nada se sabendo da sua história anterior. A ela se referiram brevemente o Visconde de Santarém, Sousa Viterbo, Ernesto de Vasconcelos, Joaquim Bensaúde e Armando Cortesão, sendo descrita pormenorizadamente por Deulin e incluída por Gernez na relação das cartas com escala especial de latitudes na região da Terra Nova (2).

É a única obra conhecida de Domingos Sanches, cartógrafo acerca do qual não resta qualquer outro testemunho documental. É no entanto plausível admitir que ele tenha pertencido à família de Cipriano Sanches Vilavicencio e de António Sanches, de quem se conhecem obras assinadas da mesma época. São na realidade notórias as semelhanças de estilo entre as obras destes cartógrafos, principalmente no que se refere a Domingos Sanches e António Sanches. Destacam-se, neste aspecto, as rosas-dos-ventos, os navios e, sobretudo, a representação de vários santos. Assim, a carta de Domingos Sanches, além da Virgem e o Menino, tem o desenho de um bispo e de *S. BARBORA, S. BĒTO, S. IOSEP, S. FREY PERO GLZ̃ TELMO, S. ESTEVAÕ* e *S. LIONARDO.* Características semelhantes encontram-se também nas cartas de Pascoal Roiz e, até certo ponto, no atlas anónimo «HM39» da Huntington Library, da mesma época. Tais obras formam, nos primeiros decénios do século XVII, dentro da cartografia portuguesa, um conjunto característico bem distinto das obras da escola dos Teixeiras, para além de certas afinidades.

Aquela abundância de representação de santos, porque se verifica simultâneamente em vários cartógrafos, deve ter um significado especial, pelo que nos atrevemos a propor, como mera hipótese, uma explicação. Atravessou então a marinha portuguesa um período de grande decadência, com frequentes desastres que enchem a *História Trágico-Marítima*; perante tais factos é plausível que se tivesse verificado um afervoramento da religiosidade dos homens do mar, o que encontraria eco na própria cartografia náutica.

(1) Charles du Bus, *Edme-François Jomard et les origines du Cabinet des Cartes* (*1777-1862*), in *Bulletin de la Section de Géographie* (*Comité des Travaux Historiques et Scientifiques*), T. XLVI, p. 69. Paris 1931.

(2) Visconde de Santarém, *Memoria sobre a prioridade dos descobrimentos portuguezes na costa d'Africa Occidental,* p. 81, Paris 1841, e *Recherches sur la priorité de la découverte des pays situés sur la côte Occidentale d'Afrique,* p. 136, Paris 1842; Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII,* p. 281, Lisboa 1898; Ernesto de Vasconcelos, *Subsidios para a historia da cartografia portugueza nos seculos XVI, XVII e XVIII,* in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa,* Janeiro-Março 1916, p. 24; Joaquim Bensaúde, *Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises,* p. 97, Genéve 1917; A. Cortesão, *Cartografia,* Vol. II, p. 293, Lisboa 1935; M. G. Deulin, *La Cartographie Portugaise à la Bibliothèque Nationale de Paris,* in *Boletim Geral das Colónias,* n.º 179, pp. 16-22, Maio 1940; D. Gernez, *Les Cartes avec échelle de latitudes auxiliaire pour la région de Terre Neuve,* in *Communications de l'Académie de Marine de Belgique,* t. VI, p. 111, Anvers 1952.

DOMINGOS SANCHES, CHART OF 1618

PLATE 526

IN the Bibliothèque Nationale, Paris, with the classmark «Res. Ge. AA. 568», is preserved this manuscript nautical chart of the Atlantic, drawn and illuminated on vellum, 83 × 94 cm, with the signature *DOMINGVOS SANCHES A FEZ EM LISBOA. ANNO 1618* in the lower right-hand corner, the cartographer's name being enclosed in a scroll.

It was acquired by the Bibliothèque Nationale on 18 March 1833 (1), nothing being known of its earlier history. It has been briefly referred to by the Viscount de Santarém, Sousa Viterbo, Ernesto de Vasconcelos, Joaquim Bensaúde and Armando Cortesão, described in detail by Deulin and included by Gernez in his list of charts with an oblique scale of latitudes in the Terra Nova region (2).

This is the only known work of Domingos Sanches, a cartographer on whom we have no other documentary information. It is, however, not unlikely that he belonged to the family of Cipriano Sanches Vilavicencio and of António Sanches, both of whom have left signed works of the same period. There are indeed conspicuous similarities of style between the works of these cartographers, especially those of Domingos Sanches and António Sanches. In this connection we may note particularly the wind roses, the ships and (above all) the representation of various saints. Thus the chart of Domingos Sanches has, besides the Virgin and Child, drawings of a bishop and of *S. BARBORA, S. BĒTO, S. IOSEP, S. FREY PERO GLZ̃ TELMO, S. ESTEVAÕ* and *S. LIONARDO.* Similar features are also found in the charts of Pascoal Roiz and, up to a point, the anonymous atlas, Huntington Library, «HM 39», of the same period. These works form a characteristic group in Portuguese cartography of the first decades of the XVII century and (apart from certain common features) are distinct from works of the Teixeira school.

The lavish representation of saints, noticeable in the work of several contemporary cartographers, must have a special significance, for which we venture to offer a purely hypothetical explanation. Portuguese maritime affairs were at that time entering a period of marked decline, with frequent disasters which fill the pages of the *História Trágico-Marítima*; this suggests that an intensification of religious fervour may have appeared among seamen and that this found an echo in their nautical cartography.

(1) Charles du Bus, *Edme-François Jomard et les origines du Cabinet des Cartes* (*1777-1862*), in *Bulletin de la Section de Géographie* (*Comité des Travaux Historiques et Scientifiques*), T. XLVI, p. 69. Paris 1931.

(2) Viscount de Santarém, *Memoria sobre a prioridade dos descobrimentos portuguezes na costa d'Africa Occidental,* p. 81, Paris 1841, and *Recherches sur la priorité de la découverte des pays situés sur la côte Occidentale d'Afrique,* p. 136, Paris, 1842; Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII,* p. 281, Lisboa 1898; Ernesto de Vasconcelos, *Subsidios para a historia da cartografia portugueza nos seculos XVI, XVII e XVIII,* in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa,* Janeiro-Março 1916, p. 24; Joaquim Bensaúde, *Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises,* p. 97, Genéve 1917; A. Cortesão, *Cartografia,* Vol. II, p. 293, Lisboa 1935; M. G. Deulin, *La Cartographie Portugaise à la Bibliothèque Nationale de Paris,* in *Boletim Geral das Colónias,* n.º 179, pp. 16-22, Maio 1940; D. Gernez, *Les Cartes avec échelle de latitudes auxiliaire pour la région de Terre Neuve,* in *Communications de l'Académie de Marine de Belgique,* t. VI, p. 111, Anvers 1952.



Original 83×94 cm.

DOMINGOS SANCHES, 1618

Bibliothèque Nationale, Paris

ANTÓNIO SANCHES, ONZE CARTAS DE 1623, 1633, 1637 E 1641

O CARTÓGRAFO E A SUA OBRA

A parte as suas obras assinadas, não se conhecem quaisquer outros documentos relativos a este cartógrafo. É no entanto plausível supor que tenha sido parente dos cartógrafos Cipriano Sanches Vilavicêncio e Domingos Sanches.

O último nome de Cipriano Sanches — o qual só aparece num documento de 1597, e não na carta assinada de 1596 — faz supor que esse cartógrafo viveu por largo tempo em Vila Viçosa, se é que não teria nascido mesmo lá. Ora sucede que nos últimos decénios do século XVI e primeiros do século XVII viveu nessa vila precisamente uma família Sanches, tendo por ascendentes Miguel Paes (ou Pires) das Antas, arquitecto do Cardeal D. Henrique, e D. Catarina Álvares Sanches. O primeiro filho deste casal, Antão Álvares Sanches, nasceu em 1564, e o quarto, cuja data de nascimento se ignora, chamou-se Cipriano Sanches. Dado o apelido que vem no documento acima referido de 1597, é plausível supor que o cartógrafo em questão seja o quarto filho de Miguel Paes das Antas, ideia que é reforçada pela profissão deste, pois compreende-se que, sendo arquitecto, tivesse iniciado o filho na arte de cartógrafo, que lhe era afim. Conhece-se também nesta família um António Sanches, mas, como morreu em 1629, não pode ser o cartógrafo deste nome, visto dele se conhecerem obras datadas de 1633 a 1641 (1).

Do cartógrafo António Sanches chegaram-nos as seguintes obras:

1) Planisfério, 1623, em Londres. Estampa 527 A.
2) Grupo de duas cartas, 1633, em Greenwich. Estampa 528.
3) Carta, 1637, em Kent. Estampa 527 B.
4) Grupo de sete cartas, 1641, na Haia. Estampas 529-532.

PLANISFÉRIO DE 1623

ESTAMPA 527 A

Este planisfério, traçado em três folhas de pergaminho coladas entre si, manuscrito, bastante bem iluminado, um tanto irregular na forma (com o comprimento 1970 mm, a altura do lado esquerdo 685 mm e a altura do lado direito 705 mm), encontra-se no Museu Britânico, onde tem a cota «Add. MS. 22874».

No canto inferior esquerdo, numa fita enrolada, lê-se: *ANTONIO SANCES AFES 1623.* Outra fita, à direita desta, contém o nome *DOMINGVOS MARTIS DORTA.* No verso, a tinta, lê-se: *Purchased Messrs. Boone 28th May 1859.* Nada mais se sabe da história do planisfério.

O Conde de Lavradio mandou tirar cópia fac-simile, por Edward Standford, da parte que abrange a África, Ilhas Atlânticas e Madagascar, reproduzida por litogravura em Londres, 1860. Essa litogravura foi depois reproduzida por José de Lacerda, no final do livro *Exame das viagens do Dr. Livingstone* (Lisboa 1867). Sousa Viterbo citou o planisfério como sendo de Domingos Martins d'Orta, enquanto Ernesto de Vasconcelos e Joaquim Bensaúde o consideraram de autoria conjunta deste último e de António Sanches. O Conde de Tovar e Armando Cortesão referiram-no como obra de António Sanches, ao passo que Fontoura da Costa o dá como sendo da autoria de Domingos Martins d'Orta, sem se referir sequer a António Sanches (2).

Parece-nos que a legenda na fita da esquerda não deixa margem a dúvidas quanto a ter sido António Sanches o autor da obra, pois se indica expressamente que ele a fez em 1623, enquanto a fita da direita tem apenas o nome de Domingos Martins d'Orta sem mais qualquer indicação. É possível que este último tivesse encomendado o planisfério a António Sanches, o que levaria o cartógrafo a incluir o seu nome na obra, prática que se verifica em cartas de Pascoal Roiz e José da Costa Miranda. Comparando aliás tal

(1) Todas estas informações foram-nos amàvelmente fornecidas pelo Sr. Dr. José Dias Sanches, que as colheu em várias obras genealógicas, em especial na *Resenha de famílias titulares,* de Sanches Baena. O Sr. Dr. Dias Sanches propõe-se fazer pesquizas nos registos paroquiais de Vila Viçosa, o que talvez permita apurar algo sobre a biografia dos cartógrafos Sanches, pois tudo indica que eles foram originários desta vila.

(2) Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos,* Vol. I, p. 210, Lisboa 1898; Ernesto de Vasconcelos, *Subsídios,* in *Bol. Soc. Geografia de Lisboa,* Janeiro-Março 1916, pp. 19-20; Joaquim Bensaúde, *Les légendes allemandes,* pp. 97-8, Genève 1917; Conde de Tovar, *Catálogo,* p. 171, Lisboa 1932; A. Cortesão, *Cartografia,* Vol. II, p. 293, Lisboa 1935; A. Fontoura da Costa, *Catálogo,* p. 405, Lisboa 1940.

ANTÓNIO SANCHES, ELEVEN CHARTS, 1623, 1633, 1637 AND 1641

THE CARTOGRAPHER AND HIS WORK

APART from his signed works, no documents relating to this cartographer are known. It is nonetheless reasonable to suppose that he was related to the cartographers Cipriano Sanches Vilavicêncio and Domingos Sanches.

The final element in the name of Cipriano Sanches — one which appears only in a document of 1597, and not in the signed map of 1596 — suggests that that cartographer lived for some time in Vila Viçosa, if indeed he was not born there. It is a fact that in the last decades of the XVI and first decades of the XVII century a family named Sanches was living in this very town, the offspring of Miguel Paes (or Pires) das Antas, architect of the Cardinal D. Henrique, and D. Catarina Álvares Sanches. The first son of their marriage, Antão Álvares Sanches, was born in 1564, and the fourth son, the date of whose birth is unknown, was named Cipriano Sanches. The surname given in the above-mentioned document of 1597 justifies the supposition that the cartographer in question was the fourth son of Miguel Paes das Antas, whose profession makes this more likely, since an architect might well have initiated his son into the kindred trade of cartography. An António Sanches is also known in this family, but since he died in 1629 he cannot be the cartographer of this name, who has left works dated 1633 to 1641 (1).

The following works by the cartographer António Sanches are known:

1) Planisphere, 1623, in London. Plate 527 A.
2) Group of two charts, 1633, at Greenwich. Plate 528.
3) Chart, 1637, in Kent. Plate 527 B.
4) Group of seven charts, 1641, in The Hague. Plates 529-532.

PLANISPHERE OF 1623

PLATE 527 A

This manuscript planisphere, drawn on three sheets of vellum pasted together, with fairly good illumination, is in the British Museum, where it has the classmark «Add. MS. 22874». It is somewhat irregular in shape, measuring in width 1970 mm, and in height at the left 685 mm, at the right 705 mm.

In a scroll at the lower left-hand corner is the signature *ANTONIO SANCES AFES 1623.* Another scroll, to the right of this, contains the name *DOMINGVOS MARTIS DORTA.* On the back is written in ink: *Purchased Messrs. Boone 28th May 1859.* Nothing more is known of the history of the planisphere.

The Count de Lavradio had a facsimile made of the part embracing Africa, the Atlantic islands and Madagascar; this was reproduced by lithography by Edward Stanford, London, 1860. This lithograph was reproduced by José de Lacerda at the end of his book *Exame das viagens do Dr. Livingstone* (Lisboa 1867). Sousa Viterbo recorded the planisphere as by Domingos Martins d'Orta, while Ernesto de Vasconcelos and Joaquim Bensaúde considered it to be the joint work of Martins and of António Sanches. The Count de Tovar and Armando Cortesão ascribed it to António Sanches, and Fontoura da Costa to Domingos Martins d'Orta without making any reference to António Sanches (2).

In our view, the legend in the scroll at the left leaves no room for doubt that António Sanches was the author of the work, since it states explicitly that he made it in 1623, while the scroll on the right gives only the name of Domingos Martins d'Orta without any amplification. It is possible that the latter commissioned the planisphere from António Sanches and caused his name to be included in it, a practice which may be noted in the maps of Pascoal Roiz and of José da Costa Miranda. If, moreover, we compare this map

(1) All this information was kindly given to us by Dr. José Dias Sanches, who compiled it from various genealogical works, particularly the *Resenha de famílias titulares,* by Sanches Baena. Dr. Dias Sanches proposes to carry out research in the parish registers of Vila Viçosa, which may throw more light on the biography of the Sanches cartographers, since there is every indication that they were natives of this town.

(2) Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos,* Vol. I, p. 210, Lisboa 1898; Ernesto de Vasconcelos, *Subsídios,* in *Bol. Soc. Geografia de Lisboa,* Janeiro-Março 1916, pp. 19-20; Joaquim Bensaúde, *Les légendes allemandes,* pp. 97-8, Genève 1917; Conde de Tovar, *Catálogo,* p. 171, Lisboa 1932; A. Cortesão, *Cartografia,* Vol. II, p. 293, Lisboa 1935; A. Fontoura da Costa, *Catálogo,* p. 405, Lisboa 1940.

obra com as outras produções conhecidas de António Sanches, verifica-se que a letra é da mesma mão e o estilo semelhante, o que comprova que apenas este cartógrafo trabalhou no planisfério. Não se conhece também qualquer referência documental a um cartógrafo Domingos Martins d'Orta, nem qualquer produção cartográfica só com a assinatura deste.

GRUPO DE DUAS CARTAS DE 1633

ESTAMPA 528

No National Maritime Museum, de Greenwich, com a cota «P. 5», existe um atlas contendo seis cartas, das quais quatro, representando áreas do Mediterrâneo, são assinadas por Joannes Oliva e datadas de 1632. As duas restantes, em pergaminho, coloridas, têm cada uma a assinatura *Antonio Sanches a fes em lisboa anno 1633,* e representam o Atlântico Norte, 365 × 395 mm, e o Atlântico Sul, 365 × 463 mm. Nada sabemos sobre a história destas duas cartas, de que não conhecemos quaisquer referências anteriores.

A ornamentação quase se limita a uma rosa-dos-ventos desenhada em cada uma.

CARTA DE 1637

ESTAMPA 527 B

Na colecção do Major-General C. W. Norman, Maidstone, Kent, existe uma interessante carta de António Sanches de que não conhecemos quaisquer referências anteriores (3). Manuscrita e iluminada, traçada em duas peles de pergaminho, com o total de 790 × 1375 mm, representa o Oceano Atlântico, o sueste do Pacífico e a metade ocidental do Índico. No canto inferior direito lê-se *Antonio Sanches afes emlisboa anno 1637,* e no canto inferior esquerdo há um brazão de armas que não identificámos, dizendo respeito possìvelmente à pessoa que teria encomendado a carta. No canto superior esquerdo e na margem esquerda estão desenhados doze planos hidrográficos de zonas americanas (*Jamaica, Portobelo, santa marta, Porto rico, sto domingo, s. ioam de lua, Cartagena,* [?], [?], *s. martin, s. xpoal, las nieues*). A carta encontra-se em bom estado, embora um tanto sumida nalgumas partes.

Registam-se afinidades notórias com o planisfério do mesmo autor datado de 1623, mas as semelhanças são mais acentuadas em relação ao grupo de cartas de 1641, especialmente no que respeita à América do Sul. Como neste último grupo de cartas, são também sensíveis as afinidades de estilo em relação às obras de João Teixeira I, o que não se verifica em grau equivalente nas cartas de 1623 e 1633.

GRUPO DE SETE CARTAS DE 1641

ESTAMPAS 529-532

Existe na Koninklijke Bibliotheek, da Haia, um atlas contendo dezasseis cartas, com a cota «129.A.25». Nove estão assinadas por Giovanni Baptista Cavallini e datadas de 1642, representando o Mediterrâneo e as suas ilhas. As sete restantes (primeira e quinta a décima) são de outro cartógrafo, estando as cinco últimas (sexta a decima) assinadas por António Sanches e datadas de 1641; a primeira e a quinta, embora não assinadas, são sem dúvida do mesmo autor, tantas são as afinidades com aquelas. Desenhadas em pergaminho muito fino colado sobre folhas de papel grosso, muito bem iluminadas e em perfeito estado de conservação, mede cada uma 456 × 658 mm.

Primeira Carta (Estampa 529 A) — Planisfério, com o título *IDROGRAPHISAE NOVA DESCRIPCIO,* sem assinatura nem data.

Segunda Carta (Estampa 529 B) — Europa e parte do Atlântico Norte, sem assinatura nem data.

Sexta Carta (Estampa 530) — Atlântico Sul, com a América do Sul e a África ocidental, com a legenda *Antonio Sanches afes anno 1641.*

Sétima Carta (Estampa 531 A) — Atlântico Norte, tendo a legenda *Antonio Sanches afes em lixboa 1641.*

---

(3) A sua existência foi-nos revelada, em Agosto de 1961, pelo nosso amigo R. A. Skelton, que teve ainda a amabilidade de nos fornecer uma notícia descritiva da carta. Foi com a ajuda dessa notícia e da reprodução fotográfica do original que escrevemos este breve texto. Agradecemos ao Major-General C. W. Norman a autorização concedida para a publicação da carta e todas as facilidades para a sua reprodução fotográfica.

with other known works by António Sanches, we find that the lettering is in the same hand and the style similar, showing that this cartographer alone executed the planisphere. Nor have we any documentary reference to a cartographer named Domingos Martins d'Orta, nor any cartographic work bearing his signature alone.

GROUP OF TWO CHARTS, 1633

PLATE 528

In the National Maritime Museum, Greenwich, with the classmark «P. 5», is an atlas containing six charts, four of which represent parts of the Mediterranean and are signed by Joannes Oliva and dated 1632. The other two, drawn on vellum and coloured, both have the signature *Antonio Sanches a fes em lisboa anno 1633*; they represent respectively the North Atlantic (365 × 395 mm) and the South Atlantic (365 × 463 mm). The history of these two charts is unknown, and we are unaware of any earlier references to them.

The decoration is practically limited to a wind rose drawn on each chart.

CHART OF 1637

PLATES 527 B

In the Collection of Major-General C. W. Norman, Maidstone, Kent, there is an interesting chart of António Sanches, to which we know of no previous references (3). In manuscript and illuminated, drawn on two sheets of vellum, with a total of 790 × 1375 mm, the chart represents the Atlantic Ocean, the Southeast Pacific and the western half of the Indian Ocean. In the lower right-hand corner is written: *Antonio Sanches afes emlisboa anno 1637,* and in the lower left-hand corner there is a coat-of-arms which we could not identify, possibly designating the person who ordered the chart to be made. In the upper left-hand corner and in the left-hand margin, twelve hydrographic plans of some American regions are drawn (*Jamaica, Portobelo, santa marta, Porto rico, sto domingo, s. ioam de lua, Cartagena,* [?], [?], *s. martin, s. xpoal, las nieues*). The chart is well preserved, although rather faded in some parts.

Notable affinities with the planisphere by the same author, dated 1623, are evident, but the similarities are more accentuated in relation to the group of charts of 1641, especially as regards South America. As in the latter group of charts, the affinities in the style in relation to João Teixeira I's works are noticeable, which is not the case to such a degree in the charts of 1623 and 1633.

GROUP OF SEVEN CHARTS, 1641

PLATES 529-532

In the Koninklijke Bibliotheek, The Hague, is an atlas containing sixteen charts, with the classmark «129.A.25». Nine of the charts, representing the Mediterranean and its islands, are signed by Giovanni Baptista Cavallini and dated 1642. The other seven (first, fifth to tenth) are by another hand, the last five (sixth to tenth) being signed by António Sanches and dated 1641; the two unsigned ones (first, fifth) are doubtless by the same author, in view of their affinities with the others. The charts are drawn on very fine vellum pasted on sheets of coarse paper; they are brilliantly illuminated and in perfect preservation. Each measures 456 × 658 mm.

First chart (Plate 529 A) — Planisphere, with the title *IDROGRAPHISAE NOVA DESCRIPCIO,* without signature or date.

Second chart (Plate 529 B) — Europe and part of the North Atlantic, without signature or date.

Sixth chart (Plate 530) — South Atlantic, with South America and West Africa, signed *Antonio Sanches afes anno 1641.*

Seventh chart (Plate 531 A) — North Atlantic, with the legend *Antonio Sanches afes em lixboa 1641.*

---

(3) Its existence was brought to our notice in August 1961 by our friend R. A. Skelton, who kindly sent us a description of the chart. It was with the help of that description and the photographic reproduction that we wrote this brief text. We thank Major-General C. W. Norman for permission to publish the chart and for all the facilities he gave us for its photographic reproduction.

Oitava Carta (Estampa 532 A) — Parte ocidental do Oceano Índico, com grande parte da África e do Próximo e Médio Oriente, com a legenda *Por antonio Sanchez em lixboa ano 1641.*

Nona Carta (Estampa 532 B) — Extremo Oriente, com a legenda *Por antonio Sanches em lixboa em o anno de 1641.*

Décima Carta (Estampa 531 B) — Oceano Pacífico, com a legenda *Antonio Sanches afes em lixboa anno 1641.*

O atlas provém da colecção Romnoinckel, de Leiden, tendo sido adquirido pelo governo holandês em 1807, segundo referem Uzielli e Amat di S. Filippo (4). O Visconde de Santarém soube da sua existência; Abendanon estudou a representação das Celebes nele contida; e a ele se referiram, de passagem, M. C. Andrews, G. Caraci e A. Cortesão (5). Mais recentemente, Celsus Kelly estudou a representação das ilhas do Pacífico no planisfério de 1623 e nas cartas de 1641 de António Sanches (6).

As sete cartas de António Sanches conservadas na Haia são bastante belas e consideràvelmente mais perfeitas que as suas anteriores obras de 1623 e 1633. Nota-se nelas especialmente uma acentuada influência de João Teixeira I, quer em certos traçados, quer no estilo (colorido e sobretudo rosas-dos-ventos). Na parte superior do planisfério há a representação de Cristo, de Nossa Senhora da Conceição, de S. Roque e de S. António.

É curioso notar a associação, num mesmo atlas, com cartas de G. Baptista Cavallini de data próxima (1642), em paralelo com o que se verifica com o atlas de Greenwich, no qual as cartas de António Sanches (1633) vêm associadas com as de Joannes Oliva (1632). As cartas de Cavallini e de Oliva dizem apenas respeito ao Mediterrâneo, enquanto as de Sanches abrangem todo o mundo (Haia) ou o Atlântico (Greenwich). Será fortuita esta reunião de obras de Sanches com as de cartógrafos mediterrâneos, ou terá havido, logo na altura da execução, o propósito de as reunir, por parte dos autores ou de alguém que estivesse em contacto com eles?

(4) G. Uzielli e P. Amat di S. Filippo, *Mappamondi*, n.º 313, p. 193. Roma 1882.

(5) Visconde de Santarém, *Estudos de Cartografia Antiga*, Vol. II, p. 111, Lisboa s.d.; E. C. Abendanon, *Voyages à travers la Célèbes Centrale*, Vol. III, pp. 1489-90, Leyde 1918; M. C. Andrews, *Scotland in the portolan charts* (1926), p. 305; G. Caraci, *Le carte nautiche del R. Istituto di Belle Arti in Firenze* (1930), p. 51; A. Cortesão, *Cartografia*, Vol. II, p. 294, Lisboa 1935.

(6) Celsus Kelly, *Some early maps relating to the Queirós-Torres discoveries of 1606*, comunicação apresentada ao Congresso Internacional dos Descobrimentos, Vol. II, Lisboa 1960, no prelo.

Eighth chart (Plate 532 A) — Western part of the Indian Ocean, with a large part of Africa and of the Near and Middle East, signed *Por antonio Sanchez em lixboa ano 1641.*

Ninth chart (Plate 532 B) — Far East, with the legend *Por antonio Sanches em lixboa em o anno de 1641.*

Tenth chart (Plate 531 B) — Pacific Ocean, with the legend *Antonio Sanches afes em lixboa anno 1641.*

The atlas came from the Romnoinckel collection at Leyden, and was acquired by the Dutch Government in 1807, according to Uzielli and Amat di S. Filippo (4). The Viscount de Santarém knew of its existence, Abendanon studied the representation of Celebes in it, and it has been referred to in passing by M. C. Andrews, G. Caraci and A. Cortesão (5). More recently, Celsus Kelly has studied the representation of the Pacific islands in the planisphere of 1623 and the charts of 1641 by António Sanches (6).

The seven charts of António Sanches preserved at The Hague are finely executed and considerably more mature than his earlier works of 1623 and 1633. They show in particular the marked influence of João Teixeira I, both in certain outlines and in the style (colouring and, especially, wind roses). In the upper part of the planisphere there are representations of Christ, Our Lady of the Conception, St Roch and St Anthony.

It is curious to note, in the same atlas, the association with charts of G. Baptista Cavallini of nearly the same date (1642), and a parallel association in the Greenwich atlas, in which we find charts by António Sanches (1633) with those of Joannes Oliva (1632). The charts of Cavallini and of Oliva relate only to the Mediterranean, while those of Sanches embrace the whole world (The Hague) or the Atlantic (Greenwich). Is this combination of works by Sanches with those of Mediterranean cartographers fortuitous, or was it deliberately arranged, at the time of execution, by the authors or by someone in contact with them?

(4) G. Uzielli e P. Amat di S. Filippo, *Mappamondi*, n.º 313, p. 193. Roma 1882.

(5) Viscount de Santarém, *Estudos de Cartografia Antiga*, Vol. II, p. 111, Lisboa s.d.; E. C. Abendanon, *Voyages à travers la Célèbes Centrale*, Vol. III, pp. 1489-90, Leyde 1918; M. C. Andrews, *Scotland in the portolan charts* (1926), p. 305; G. Caraci, *Le carte nautiche del R. Istituto di Belle Arti in Firenze* (1930), p. 51; A. Cortesão, *Cartografia*, Vol. II, p. 294, Lisboa 1935.

(6) Celsus Kelly, *Some early maps relating to the Queirós-Torres discoveries of 1606*, communication presented to the International Congress of the Discoveries, Vol. II, Lisboa 1960, in the press.

Original 705×1.970 mm.

A



Original 790×1.375 mm.

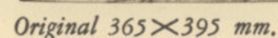
B

A–ANTÓNIO SANCHES, 1623

British Museum, London

B–ANTÓNIO SANCHES, 1637

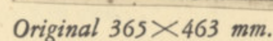
Collection C. W. Norman, Maidstone



Original 365×395 mm.



A



Original 365×463 mm.



B

ANTÓNIO SANCHES, 1633

National Maritime Museum, Greenwich





IDROGRAPHI SÆ NOVA DESCRPCIO

A



Original 456×658 mm.

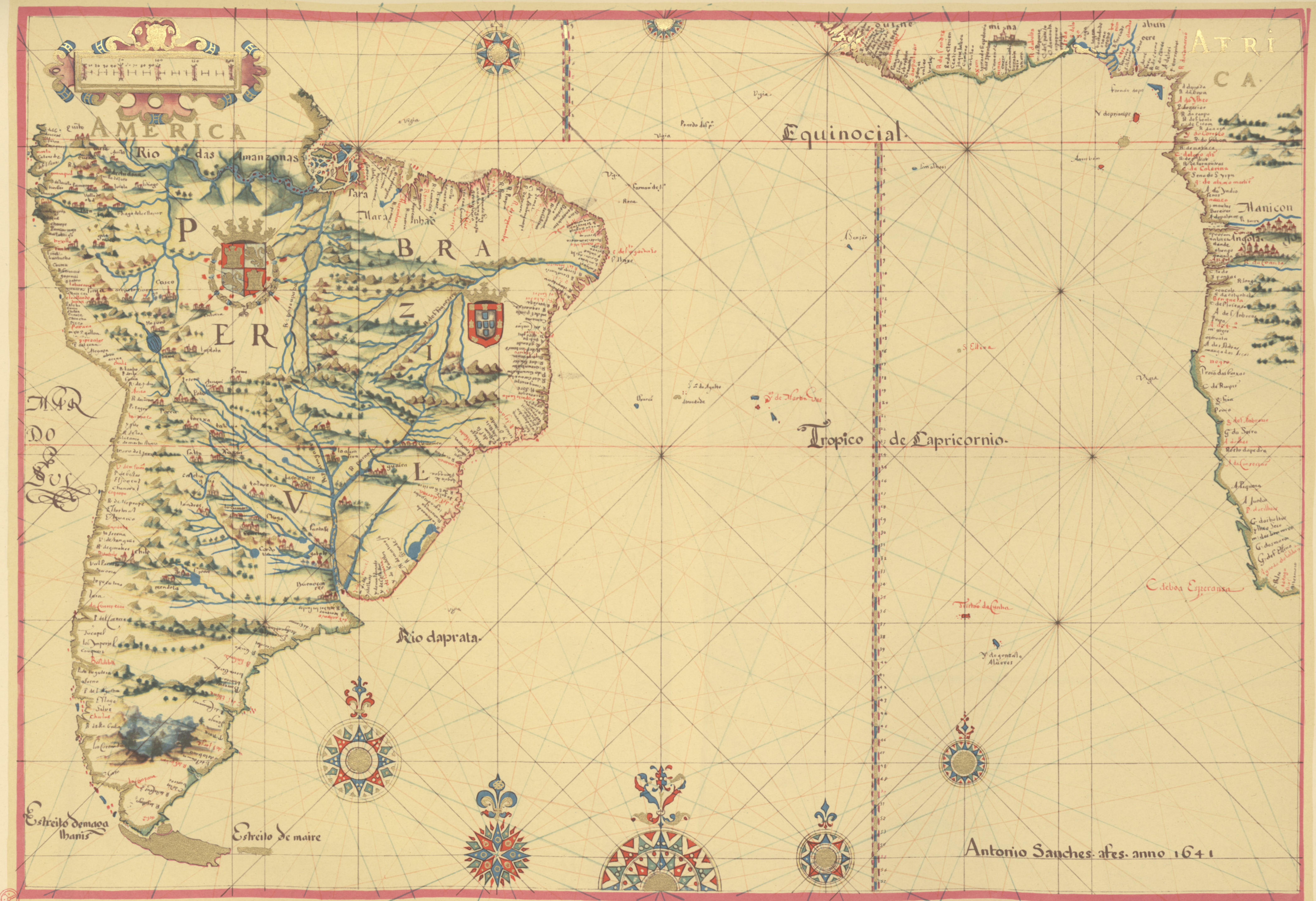
B

ANTÓNIO SANCHES, 1641

Grupo de sete cartas – Group of seven charts

Koninklijke Bibliotheek, Den Haag





Original 456×658 mm.

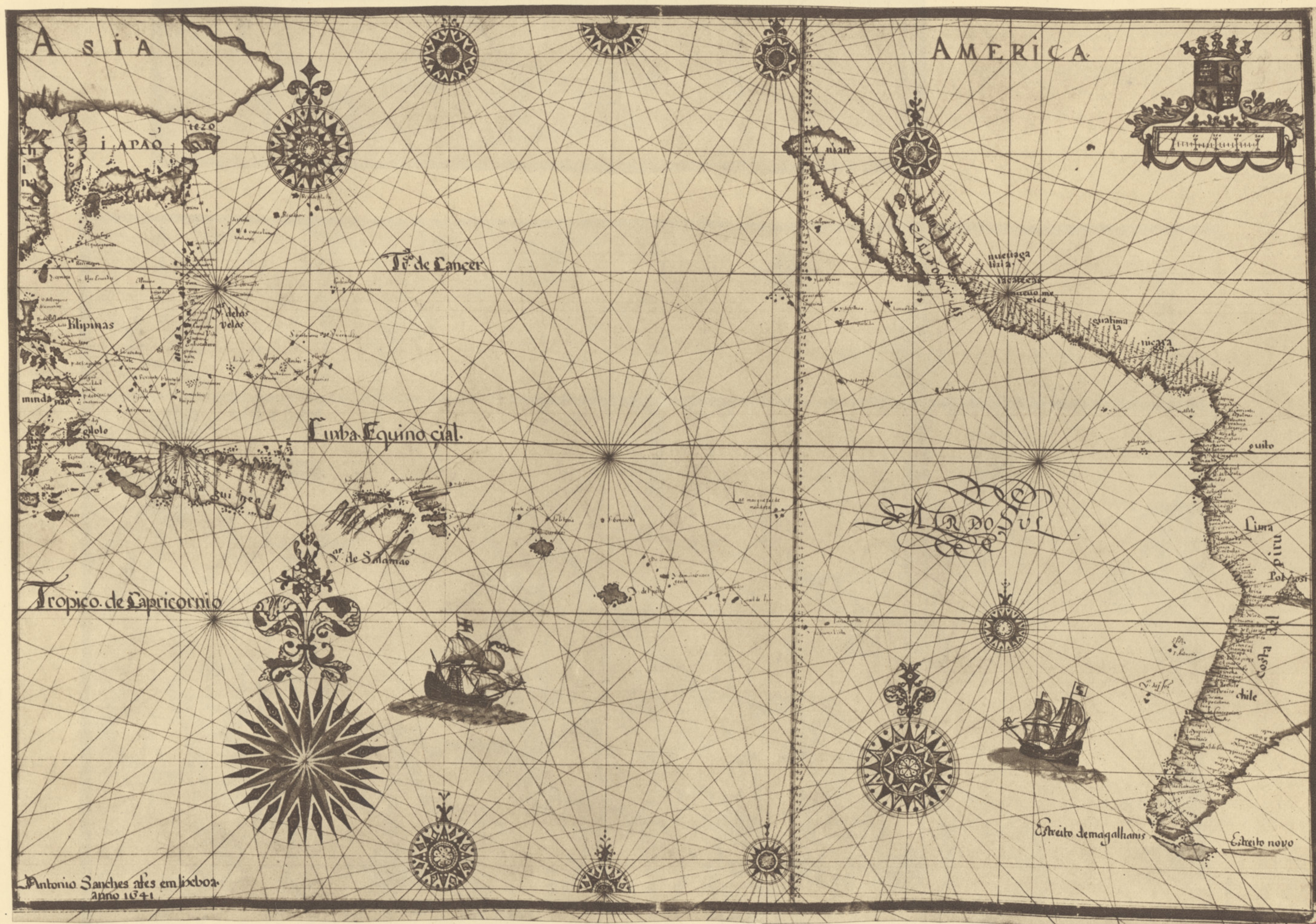
ANTÓNIO SANCHES, 1641

Grupo de sete cartas – Group of seven charts

Koninklijke Bibliotheek, Den Haag



A



Original 456×658 mm.

B

ANTÓNIO SANCHES, 1641

Grupo de sete cartas — Group of seven charts

Koninklijke Bibliotheek, Den Haag







Original 456×658 mm.

A

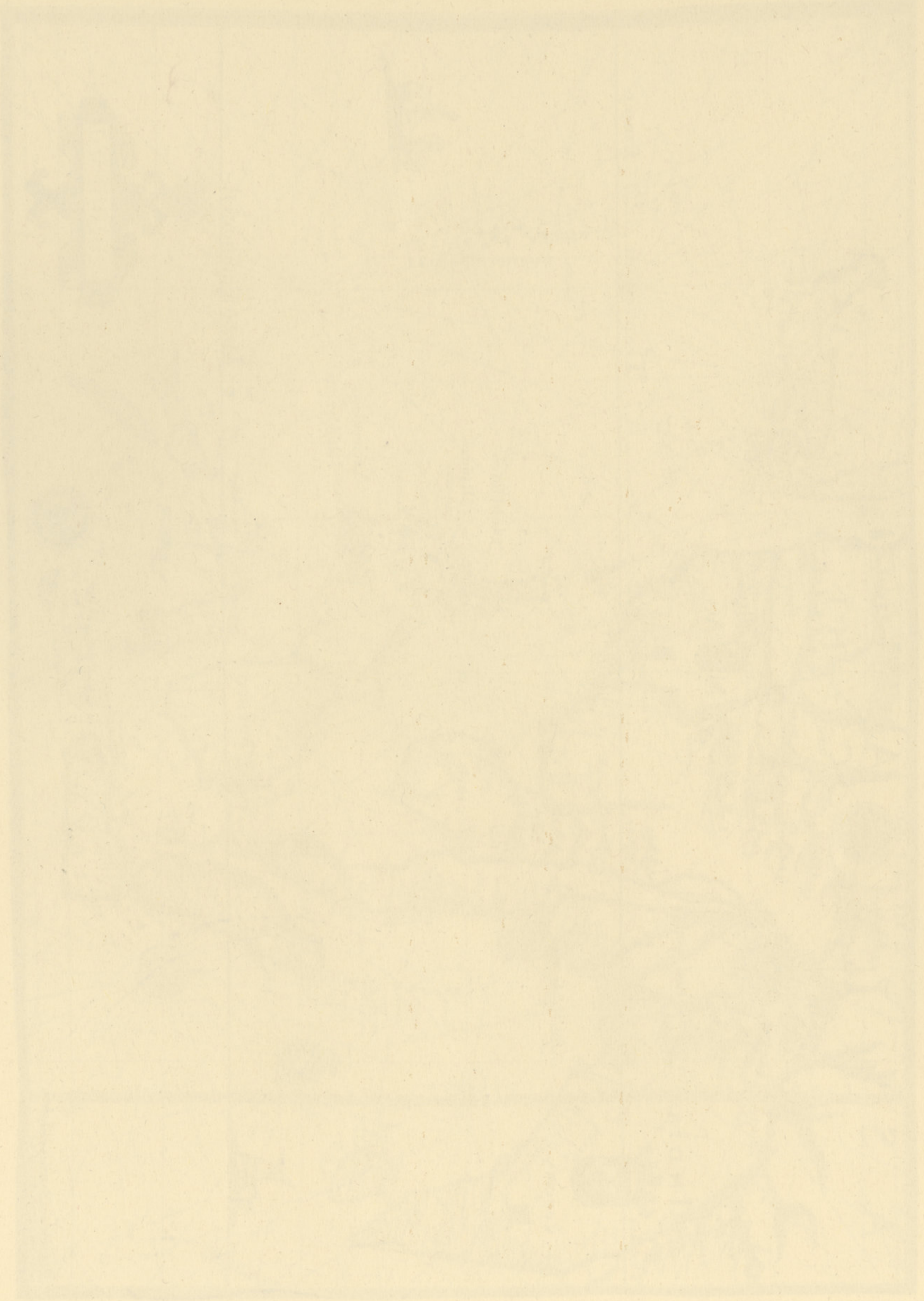


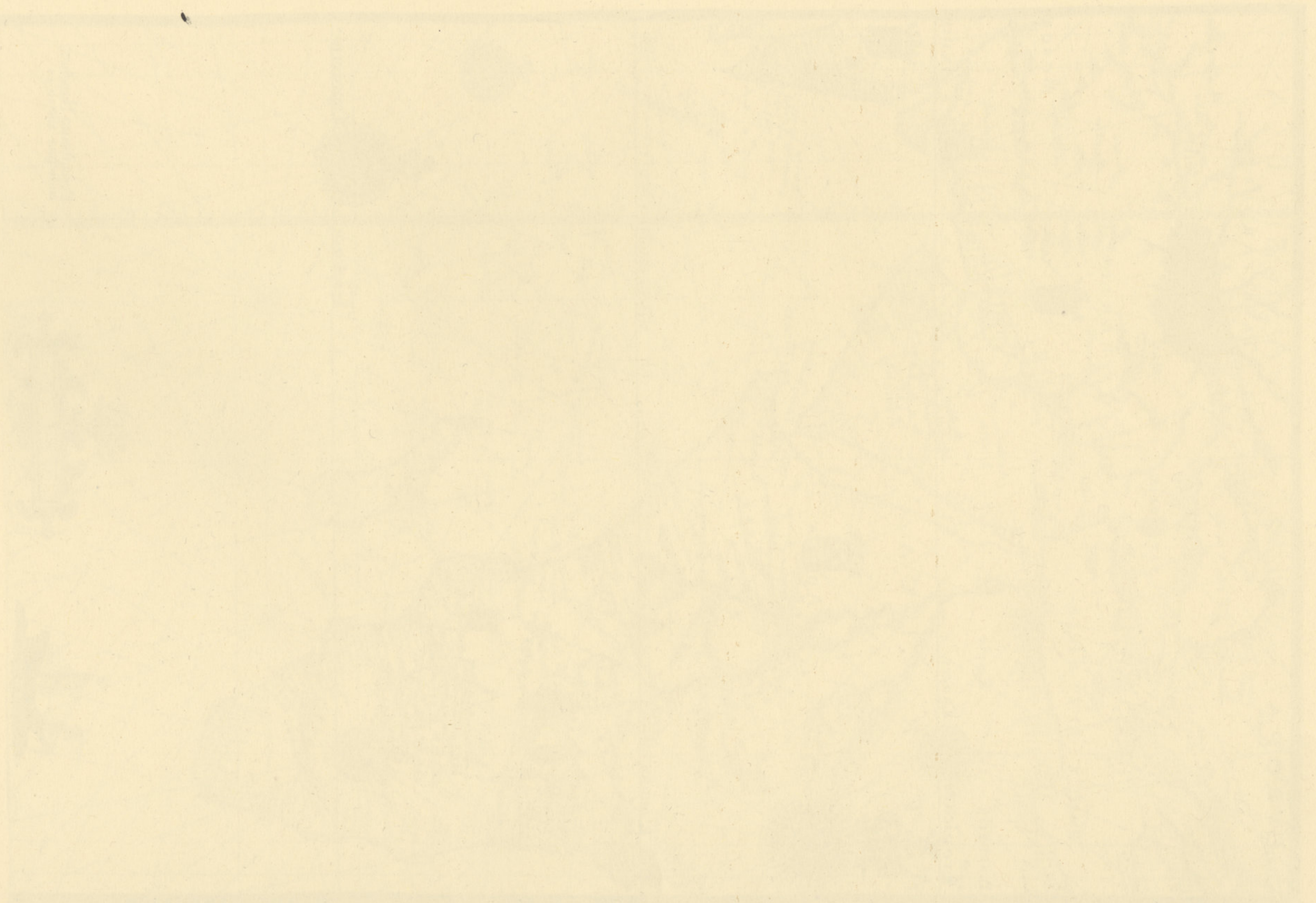
B

ANTÓNIO SANCHES, 1641

Grupo de sete cartas – Group of seven charts

Koninklijke Bibliotheek, Den Haag





PASCOAL ROIZ, DUAS CARTAS DE 1632 E 1633

NÃO se conhece qualquer documento referente a este cartógrafo, e só a descoberta recente de duas cartas com a sua assinatura permitiu saber da sua existência; não é de estranhar que ele nunca seja referido pelos autores que, antes de 1952, se ocuparam da cartografia portuguesa antiga.

Deve no entanto salientar-se que na primeira metade do século XVII viveram numerosos pilotos de apelido Roiz, e não é impossível que algum deles fosse parente do cartógrafo. Citamos os seguintes, com a indicação dos anos dos documentos que se lhes referem ou dos factos em que participaram: Álvaro Roiz, de Buarcos (1611); Baltazar Roiz (1645 e 1646); Belchior Roiz (1610, 1613); Domingos Roiz, de Peniche (1610); Francisco Roiz (1610); Gaspar Roiz Coelho (1635, 1646); Gonçalo Roiz, de Leça (1609, 1611); Lourenço Roiz (1615); Manuel Roiz (1608, 1610, 1635); Manuel Roiz Faleiro (1610); Manuel Roiz Rua (1612-1647); Paulo Roiz da Costa (1609, 1613, 1616, 1617); Romão Roiz, de Sesimbra (1609); Salvador Roiz, de Matosinhos (1610); Sebastião Roiz Marques, de Coimbra (1611); Vicente Roiz (1622) (1).

De Pascoal Roiz conhecem-se as seguintes cartas:

1) Carta náutica, 1632, em Dinan. Estampa 533.
2) Carta náutica, 1633, em Washington. Estampa 534.

CARTA DE 1632

ESTAMPA 533

Manuscrita e colorida, traçada em pergaminho, 790 × 933 mm, encontra-se esta carta na Bibliothèque Communale de Dinan, onde tem a cota «MS. 6». No canto inferior direito, numa fita, tem o nome PASCOAL ROIZ (2) e a palavra LISBOA; por baixo, a indicação da data, *anno de 632*. Tanto quanto sabemos, a primeira referência à carta deve-se a D. Gernez (3), por informação de M. Destombes.

A carta representa o Atlântico, o extremo sueste do Pacífico e o sudoeste do Índico, com o traçado integral das costas africanas e sul-americanas, e parte dos traçados da América do Norte, Europa e Ásia.

Além de várias rosas-dos-ventos, desenhos de navios (nomeadamente um português e outro holandês combatendo ao sul da África), escudos com as armas de países, cenas da vida dos africanos, a carta é ornamentada com várias imagens de santos (*São bertolameu apostolo, Corpo Santo, santo anto*[*nio*], *nosa sñora das neues*) e a cena da Crucificação. No canto inferior direito há uma espécie de árvore genealógica com a figuração de doze reis, sobrepujada por Nossa Senhora da Conceição (árvore de David?). A grande rosa-dos--ventos, no canto inferior esquerdo, tem também, por cima da flor-de-lis, o desenho de uma custódia com a legenda *Louuado Seia o Santissimo Sacramento*.

No tipo de traçado e de letra e no estilo das ornamentações, notam-se certas afinidades com as obras de Luís Teixeira e João Teixeira Albernaz I — e, sobretudo com as produções conhecidas de Domingos Sanches e de António Sanches.

CARTA DE 1633

ESTAMPA 534

Manuscrita e colorida, traçada em pergaminho, 790 × 960 mm, encontra-se esta carta na Library of Congress, Washington, onde tem a cota «De Ricci 153». No canto inferior direito, dentro de uma fita, lê-se *PASCOAL ROIZ AFEZ EN LISBOA. A VALENTIN PEREIRA.* e, por baixo, *ANNO DE 1633.* Foi

(1) Sobre estes pilotos, ver Frazão de Vasconcelos, *Pilotos das Navegações Portuguesas dos Séculos XVI e XVII*, Lisboa 1942.

(2) Não tivemos ocasião de examinar o original, mas D. Gernez, *loc. cit.* na nota seguinte, informa que M. Destombes conseguiu ler à transparência o nome do cartógrafo, que se encontra escondido pela tinta.

(3) D. Gernez, *Les Cartes avec Échelle de Latitudes auxiliaire*, p. 112. Anvers 1952.

PASCOAL ROIZ, TWO CHARTS, 1632 AND 1633

NO documentary reference to this cartographer is known, and two recently discovered charts bearing his signature are the only testimony to his existence; it is not surprising that he is mentioned by none of the authors who, before 1952, wrote on early Portuguese cartography.

We should nevertheless note that in the first half of the XVII century many pilots surnamed Roiz flourished, and it is not impossible that the cartographer was related to one of them. We may cite the following, with the dates of the documents in which they are mentioned or of the events in which they took part: Álvaro Roiz, of Buarcos (1611); Baltazar Roiz (1645 and 1646); Belchior Roiz (1610, 1613); Domingos Roiz, of Peniche (1610); Francisco Roiz (1610); Gaspar Roiz Coelho (1635, 1646); Gonçalo Roiz, of Leça (1609, 1611); Lourenço Roiz (1615); Manuel Roiz (1608, 1610, 1635); Manuel Roiz Faleiro (1610); Manuel Roiz Rua (1612-1647); Paulo Roiz da Costa (1609, 1613, 1616, 1617); Romão Roiz, of Sesimbra (1609); Salvador Roiz, of Matosinhos (1610); Sebastião Roiz Marques, of Coimbra (1611); Vicente Roiz (1622) (1).

The following charts by Pascoal Roiz are known:

1) Nautical chart, 1632, at Dinan. Plate 533.
2) Nautical chart, 1633, at Washington. Plate 534.

CHART OF 1632

PLATE 533

This manuscript chart, drawn on vellum and coloured, 790 × 933 mm, is preserved in the Bibliothèque Communale, Dinan, with the classmark «MS. 6». A scroll at the bottom left-hand corner contains the name PASCOAL ROIZ (2) and the word LISBOA, with (below) the date, *anno de 632*. So far as is known, the earliest reference to the chart is that of D. Gernez (3), from the information of M. Destombes.

The chart represents the Atlantic, the extreme south-east Pacific and the south-west Indian Ocean, with the entire coasts of Africa and South America and part of the outlines of North America, Europe and Asia.

Besides sundry wind roses, drawings of ships (notably a Portuguese and a Dutch ship in combat south of Africa), shields with national arms, and scenes of African life, the chart is decorated with pictures of various saints (*São bertolameu apostolo, Corpo Santo, santo anto*[*nio*], *nosa sñora das neues*) and that of the Crucifixion. In the lower right-hand corner is a kind of family tree with a representation of twelve kings overpowered by Our Lady of the Conception (tree of David?). The large wind rose in the lower left-hand corner also has, above the fleur-de-lis, a drawing of a pyx with the legend *Louuado Seia o Santissimo Sacramento*.

The character of the drawing and lettering and the style of decoration show certain affinities with the works of Luís Teixeira and of João Teixeira Albernaz I — and particularly with the maps known from the hand of Domingos Sanches and of António Sanches.

CHART OF 1633

PLATE 534

This manuscript chart, drawn on vellum and coloured, 790 × 960 mm, is in the Library of Congress, Washington, with the classmark «De Ricci 153». In the lower right-hand corner, within a scroll, are the words *PASCOAL ROIZ A FEZ EN LISBOA. A VALENTIN PEREIRA.* and, below, *ANNO DE 1633.* It was referred

(1) On these pilots, see Frazão de Vasconcelos, *Pilotos das Navegações Portuguesas dos Séculos XVI e XVII*, Lisboa 1942.

(2) We have not been able to examine the original, but D. Gernez (*loc. cit.* in the following note) reports that M. Destombes succeeded in reading, in translucent light, the name of the cartographer, which is obscured by the ink.

(3) D. Gernez, *Les Cartes avec Échelle de Latitudes auxiliaire*, p. 112. Anvers 1952.

referida por Gernez em 1952 (4), figurando no mesmo ano numa exposição realizada em Baltimore, tendo no respectivo catálogo o número 107 (5).

Abrange quase exactamente a mesma área que a carta de 1632 do mesmo autor, mas notam-se algumas diferenças no traçado, sobretudo na costa oriental da América do Norte e no sistema hidrográfico do Rio da Prata. Também são de assinalar as grandes semelhanças na ornamentação, sobretudo rosas-dos-ventos, navios e cenas africanas. As imagens religiosas são agora as da *N. S. DA NATEVIDADE, Corpo Santo,* cena da crucificação, *Santo antonio* e Nossa Senhora da Conceição; a grande rosa-dos-ventos termina igualmente com a alegoria e louvor ao Santíssimo Sacramento. Verificam-se do mesmo modo as afinidades com as obras dos Teixeiras e dos Sanches, já apontadas a propósito da carta de 1632.

to by Gernez in 1952 (4), and in the same year it appeared in an exhibition at Baltimore, with the catalogue number 107 (5).

The chart embraces almost exactly the same area as that of 1632 by Roiz, but there are some differences in the drawing, particularly in the east coast of North America and in the hydrographic system of the River Plate. We may note also close similarities in the decoration, especially the wind roses, ships and African scenes. The religious images are now those of *N. S. DA NATEVIDADE Corpo Santo,* the Crucifixion, *Santo antonio* and Our Lady of the Conception; the large wind rose, again, is crowned by the allegory and eulogy of the Holy Sacrament. The same affinity with the work of the Teixeiras and Sanches is apparent as in the chart of 1632.

(4) *Op. cit.* na nota 3, p. 113, por informação de M. Destombes.

(5) *The World Encompassed.* Baltimore 1952. Esta notável Exposição foi organizada principalmente por Lloyd Arnold Brown, que assina a Introdução do Catálogo.

(4) *Op. cit.* in note 3, p. 113 (information of M. Destombes).

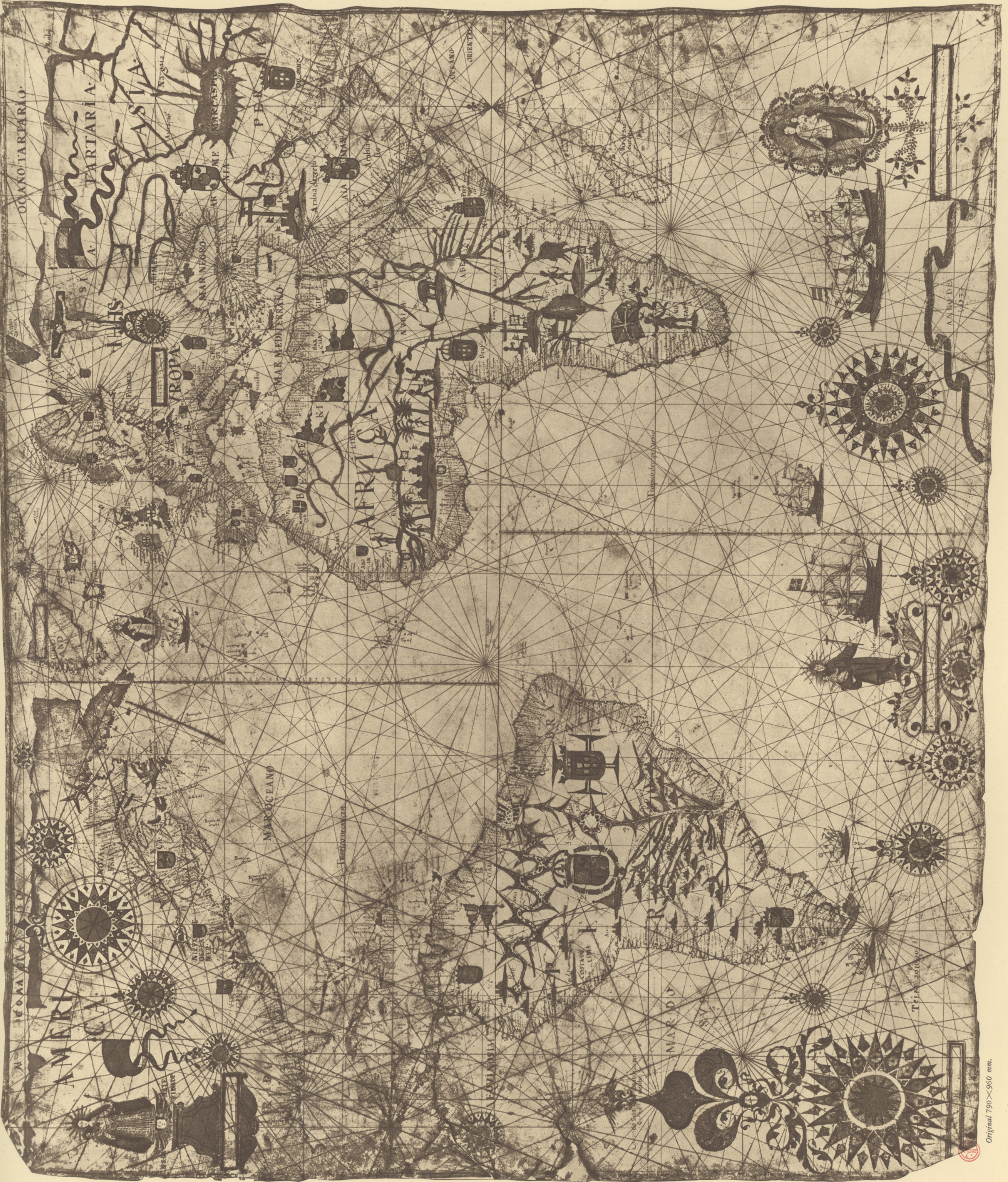
(5) *The World Encompassed.* Baltimore 1952. This notable exhibition was mainly organized by Lloyd Arnold Brown, who signs the Introduction to the Catalogue.



Original 790×933 mm.

PASCOAL ROIZ, 1632

Bibliothèque Communale, Dinan



Original 790×960 mm.

PASCOAL ROIZ, 1633

Library of Congress, Washington

ANÓNIMO, ATLAS DE DEZOITO CARTAS DE c. 1630

ESTAMPAS 535-540

NA Henry E. Huntington Library, de San Marino, Califórnia, com a cota «HM 39», existe um códice, com uma encadernação antiga de coiro, compreendendo 181 folhas de papel, cada uma com 271 × 358 mm e na maior parte em branco. Treze das folhas em branco são na realidade constituídas por folhas coladas duas a duas, podendo ver-se que as suas partes interiores, agora coladas, contêm traçados de linhas de rumo, para cartas que não chegaram a ser desenhadas; desdobrando as folhas coladas, conclui-se que o códice tinha originàriamente 194 folhas. Estão desenhadas ao todo dezoito cartas, abrangendo o verso de uma folha e o rosto da seguinte, com 358 × 542 mm portanto. Algumas cartas (sexta a décima) estão, ao contrário das outras, com o sul para cima; mas um exame cuidadoso do códice (formado por cadernos de 10 folhas) revela que se trata de engano do próprio cartógrafo, não da encadernação. No verso da folha 180, no fundo, lê-se, em letra de começo do século XVII, *DE GASPAR MĨZ*; deduz-se que este Gaspar Martins deve ter sido um possuidor do códice. As 18 cartas abrangem todo o mundo, mas algumas delas têm pouca ou nenhuma toponímia; esta circunstância, juntamente com o facto acima apontado, de algumas folhas agora coladas, terem linhas de rumo, constitui indício de que a obra ficou por acabar. Algumas das cartas só têm traçado de linhas costeiras numa das metades, sendo a outra metade ocupada por escalas e motivos ornamentais; noutros casos, há traçado de linhas costeiras nas duas metades, mas verifica-se uma repetição na parte central, pelo que se trata mais pròpriamente de duas cartas e não de uma. As cartas, manuscritas e iluminadas, vão desde fol. 25 v até 77 r, sendo separadas entre si por uma folha em branco:

Primeira carta (*Fol. 25 v - 26 r*) (Estampa 535 C) — Europa oriental e Ásia ocidental.

Segunda carta (*Fol. 28 v - 29 r*) (Estampa 535 D) — Ásia ocidental.

Terceira carta (*Fol. 31 v - 32 r*) (Estampa 537 C) — Parte meridional da América do Sul.

Quarta carta (*Fol. 34 v - 35 r*) (Estampa 537 A) — Noroeste da América do Sul e Antilhas.

Quinta carta (*Fol. 37 v - 38 r*) (Estampa 537 D) — Parte oriental da América do Sul e ilhas do Atlântico Sul.

Sexta carta (*Fol. 40 v - 41 r*) (Estampa 536 B) — Costa oriental da América do Norte.

Sétima carta (*Fol. 43 v - 44 r*) (Estampa 536 D) — Costa norte da América do Sul e costa oriental da América do Norte.

Oitava carta (*Fol. 46 v - 47 r*) (Estampa 535 B) — Europa e Norte de África.

Nona carta (*Fol. 49 v - 50 r*) (Estampa 535 A) — Europa ocidental, noroeste africano e nordeste americano.

Décima carta (*Fol. 52 v - 53 r*) (Estampa 537 B) — Europa meridional, África ocidental e nordeste do Brasil.

Décima primeira carta (*Fol. 55 v - 56 r*) (Estampa 538) — Atlântico Sul e sudoeste do Índico.

Décima segunda carta (*Fol. 58 v - 59 r*) (Estampa 539) — Sudoeste do Oceano Índico.

Décima terceira carta (*Fol. 61 v - 62 r*) (Estampa 540 A) — Próximo Oriente.

Décima quarta carta (*Fol. 64 v - 65 r*) (Estampa 540 B) — Norte do Oceano Índico.

Décima quinta carta (*Fol. 67 v - 68 r*) (Estampa 540 C) — Extremo Oriente e Pacífico ocidental.

Décima sexta carta (*Fol. 70 v - 71 r*) (Estampa 540 D) — Pacífico Norte.

Décima sétima carta (*Fol. 73 v - 74 r*) (Estampa 536 A) — Parte nordeste do Pacífico.

Décima oitava carta (*Fol. 76 v - 77 r*) (Estampa 536 C) — Costas ocidentais da América, do México ao Peru.

O atlas foi vendido a Henry Huth pelo livreiro londrino Quaritch, em 1863, por £ 36. Leiloado em 1917, foi então adquirido por G. D. Smith, de Nova Iorque, para a Huntington Library, por £ 280. No catálogo deste leilão, onde tem o n.º 5917, é descrito como «Manuscripto em papel local, provàvelmente executado no estabelecimento português de Macau c. 1580». Referido por Henry R. Wagner (que põe em dúvida que tenha sido feito em

ANONYMOUS, ATLAS OF EIGHTEEN CHARTS c. 1630

PLATES 535-540

IN the Henry E. Huntington Library, San Marino, California, classmark «HM 39», is a codex in an old leather binding, comprising 181 leaves of paper, each measuring 271 × 358 mm, the majority being blank. Thirteen of the blank leaves are in fact made up of pairs of leaves pasted together, on the inner surface of which (now pasted face to face) can be seen the tracing of rhumb lines for charts which were never drawn. Doubling the leaves pasted together, we infer that the codex had originally 194 leaves. In all, eighteen charts were drawn, each on the verso of one leaf and the recto of the next and measuring therefore 358 × 542 mm. Some charts (sixth to tenth), unlike the others, have south to the top, but careful examination of the codex (which is made up of quires of 10 leaves) shows that this results, not from a mistake in binding, but from an error of the cartographer himself. On the verso of folio 180, at the foot, we read, in a hand of the early XVII century, *DE GASPAR MĨZ*; this Gaspar Martins we suppose to have been an owner of the codex. The 18 charts embrace the whole world, but some of them have few or no place names; this circumstance, with the fact (already pointed out) that some leaves now pasted together bear rhumb lines, indicates that the work remained unfinished. In some of the charts only one half has coastal outlines drawn on it, the other half being occupied by scales and decorative motifs; in others the coastal outlines are drawn in both halves, but there is repetition in the central part, so that (strictly speaking) we have two charts and not one. The charts, manuscript and illuminated, extend from fol. 25 v to fol. 77 r, being separated from one another by a blank leaf:

First chart (*Fol. 25 v - 26 r*) (Plate 535 C) — Eastern Europe and Western Asia.

Second chart (*Fol. 28 v - 29 r*) (Plate 535 D) — Western Asia.

Third chart (*Fol. 31 v - 32 r*) (Plate 537 C) — Southern part of South America.

Fourth chart (*Fol. 34 v - 35 r*) (Plate 537 A) — North-west part of South America, the Antilles.

Fifth chart (*Fol. 37 v - 38 r*) (Plate 537 D) — Eastern part of South America, islands of the South Atlantic.

Sixth chart (*Fol. 40 v - 41 r*) (Plate 536 B) — East coast of North America.

Seventh chart (*Fol. 43 v - 44 r*) (Plate 536 D) — North coast of South America and east coast of North America.

Eighth chart (*Fol. 46 v - 47 r*) (Plate 535 B) — Europe and North Africa.

Ninth chart (*Fol. 49 v - 50 r*) (Plate 535 A) — Western Europe, north-west Africa, north-east America.

Tenth chart (*Fol. 52 v - 53 r*) (Plate 537 B) — Southern Europe, West Africa and north-east of Brazil.

Eleventh chart (*Fol. 55 v - 56 r*) (Plate 538) — South Atlantic and south-west Indian Ocean.

Twelfth chart (*Fol. 58 v - 59 r*) (Plate 539) — South-west Indian Ocean.

Thirteenth chart (*Fol. 61 v - 62 r*) (Plate 540 A) — Near East.

Fourteenth chart (*Fol. 64 v - 65 r*) (Plate 540 B) — Northern Indian Ocean.

Fifteenth chart (*Fol. 67 v - 68 r*) (Plate 540 C) — Far East and Western Pacific Ocean.

Sixteenth chart (*Fol. 70 v - 71 r*) (Plate 540 D) — Northern Pacific Ocean.

Seventeenth chart (*Fol. 73 v - 74 r*) (Plate 536 A) — North-east part of the Pacific Ocean.

Eighteenth chart (*Fol. 76 v - 77 r*) (Plate 536 C) — West coasts of America, from Mexico to Peru.

The atlas was sold in 1863 by the London bookseller Quaritch to Henry Huth for £36. At the Huth auction in 1917, it was acquired by G. D. Smith of New York for the Huntington Library at the price of £280. In the auction catalogue (lot 5917), it was described as «Manuscript on native paper, probably executed at the Portuguese settlement of Macao about 1580». It has been recorded by Henry R. Wagner (who threw doubt on its provenance from

Macau) e por Seymour de Ricci, foi descrito por Armando Cortesão, que também duvida da execução em Macau e acha ser de data posterior a 1580, embora na altura só pudesse ver as fotografias de duas cartas (1).

Na realidade, embora o papel do atlas possa ser chinês, isso não é razão suficiente para supor que ele foi traçado em Macau, ainda que tal não fosse estranho, pois conhecem-se várias obras cartográficas portuguesas dos séculos XVII e XVIII executadas nessa cidade (a mais antiga em data é o códice de 1656 de André Pereira dos Reis).

No que respeita à autoria da obra, não encontrámos elementos que permitam atribuí-la a qualquer cartógrafo de produção conhecida. No seu estilo há, porém, notórias afinidades com as cartas de Domingos Sanches (1618), António Sanches (1623) e Pascoal Roiz (1632 e 1633). Além dos desenhos de navios, regista-se também a inclusão de cinco figuras de santos (duas delas de Santo António) e de Nossa Senhora da Conceição. Mais notável, porém, é a grande semelhança dos desenhos de um preto segurando a bandeira portuguesa na África do Sul, na carta décima segunda do atlas e nas cartas de Pascoal Roiz; a letra da nomenclatura costeira e dos títulos é porém muito diferente, mas não há dúvida de que o ignorado cartógrafo se deve incluir na mesma escola de Roiz e dos Sanches.

Quanto à data em que o atlas teria sido traçado, é evidente que não poderia ter sido 1580 — na carta terceira já vem a Terra do Fogo como ilha e o Estreito de S. Vicente (ainda que sem nome). Esta inclusão dos resultados da viagem dos irmãos Nodal mostra que o atlas é posterior a 1619. O contorno geral da África é muito semelhante ao que se vê em Domingos Sanches (1618) e em Pascoal Roiz (1632 e 1633). No traçado do Extremo Oriente há certos aspectos que revelam anterioridade em relação ao planisfério de António Sanches, mas outros (como o Japão) são mais adiantados. O contorno geral e forma da América do Sul são muito parecidos com os de Domingos Sanches, mas em atraso em relação às duas cartas de Pascoal Roiz.

Em conclusão, afigura-se-nos que o atlas HM 39 deve ter sido traçado depois da carta de Domingos Sanches e antes das de Pascoal Roiz, mas em data muito próxima das destas, em face da adiantada representação do Japão que nele se contém; por isso sugerimos a data de c. 1630.

(1) Henry R. Wagner, *The Portolan atlases of American interest in the Henry E. Huntington Library and Art Gallery*, in *Essays offered to Herbert Putnam by his colleagues and friends on his thirtieth anniversary as Librarian of Congress 5 April 1929*, edited by William Warner Bishop and Andrew Keogh, p. 507, New Haven 1929; Seymour de Ricci, *Census of Medieval Rennaissance Manuscripts*, Vol. I, p. 43, New York 1935; A. Cortesão, *Cartografia* Vol. I, pp. 167-70, Lisboa 1935. A. Cortesão estudou depois o Atlas cuidadosamente, quando visitou a Huntington Library em Dezembro de 1955, podendo assim confirmar as suas anteriores opiniões.

Macao) and by Seymour de Ricci, and described by Armando Cortesão, who was also sceptical about its execution in Macao and thought it later than 1580, although when he wrote he had seen only photographs of two charts (1).

In fact, while the paper of the atlas may be Chinese, this is not sufficient ground for supposing it to have been drawn at Macao, although it is not out of the question, since we know various Portuguese cartographic works executed in that city during the XVII and XVIII centuries (the earliest being the codex of 1656 by André Pereira dos Reis).

In regard to the authorship of the work, we find in it no evidence to attribute it to any cartographer whose work is known to us. At the same time the style shows conspicuous affinities with that of the charts by Domingos Sanches (1618), António Sanches (1623) and Pascoal Roiz (1632 and 1633). Besides the ship-drawings, we note also the inclusion of five figures of saints (two of them of St Anthony) and of Our Lady of the Conception. There is an even greater similarity in the drawings of a negro, holding the Portuguese standard in South Africa, in the twelfth chart of this atlas and in the charts of Pascoal Roiz: and, although the lettering of the coastal names and of the titles is very different, there can be no doubt that the unknown cartographer was of the same school as Roiz and the two Sanches.

As to the date of the atlas, this could plainly not be as early as 1580. In the third chart we already find Tierra del Fuego as an island and the Strait of S. Vicente (still unnamed); that these results of the voyage of the Nodal brothers in 1619 are included shows that the atlas was made after 1619. The general outline of Africa is very like that given by Domingos Sanches (1618) and Pascoal Roiz (1632 and 1633). The design of the Far East has certain features suggesting that it is earlier than the planisphere of António Sanches, but others (like Japan) are more advanced. The general outline of South America closely resembles that of Domingos Sanches, but is more archaic than that in the two charts of Pascoal Roiz.

To sum up, it seems that the atlas HM 39 must have been drawn after the chart of Domingos Sanches and before those of Pascoal Roiz, but at a date very close to these works, in view of its mature delineation of Japan. We therefore suggest for this atlas the date c. 1630.

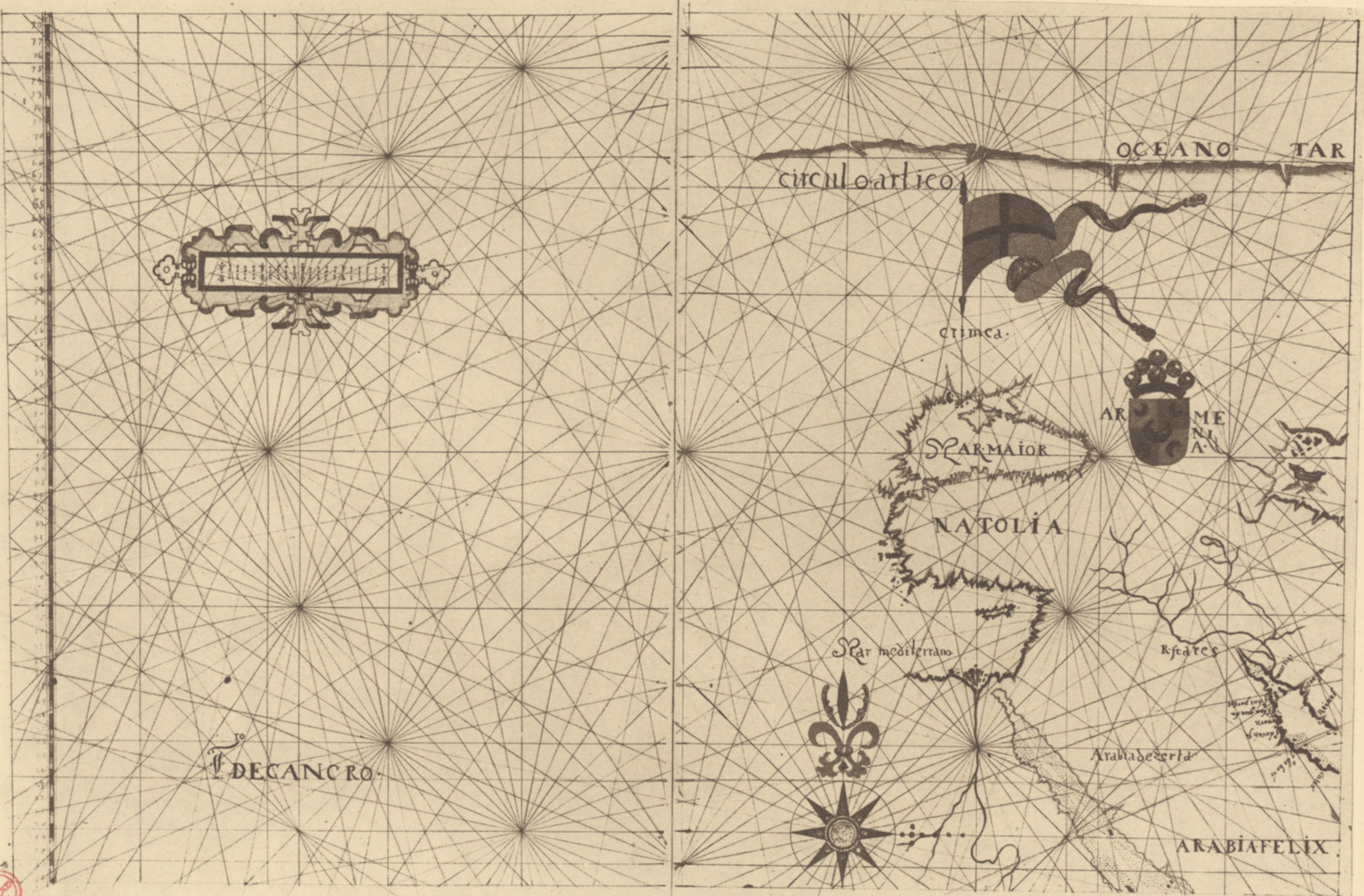
(1) Henry R. Wagner, *The Portolan atlases of American interest in the Henry E. Huntington Library and Art Gallery*, in *Essays offered to Herbert Putnam by his colleagues and friends on his thirtieth anniversary as Librarian of Congress 5 April 1929*, edited by William Warner Bishop and Andrew Keogh, p. 507, New Haven 1929; Seymour de Ricci, *Census of Medieval Renaissance Manuscripts*, Vol. I, p. 43, New York 1935; A. Cortesão, *Cartografia*, Vol. I, pp. 167-70, Lisboa 1935. A. Cortesão studied the atlas carefully, when he later visited the Huntington Library, in December 1955, thus being able to confirm his previous opinion.



Nona Carta – Ninth Chart A

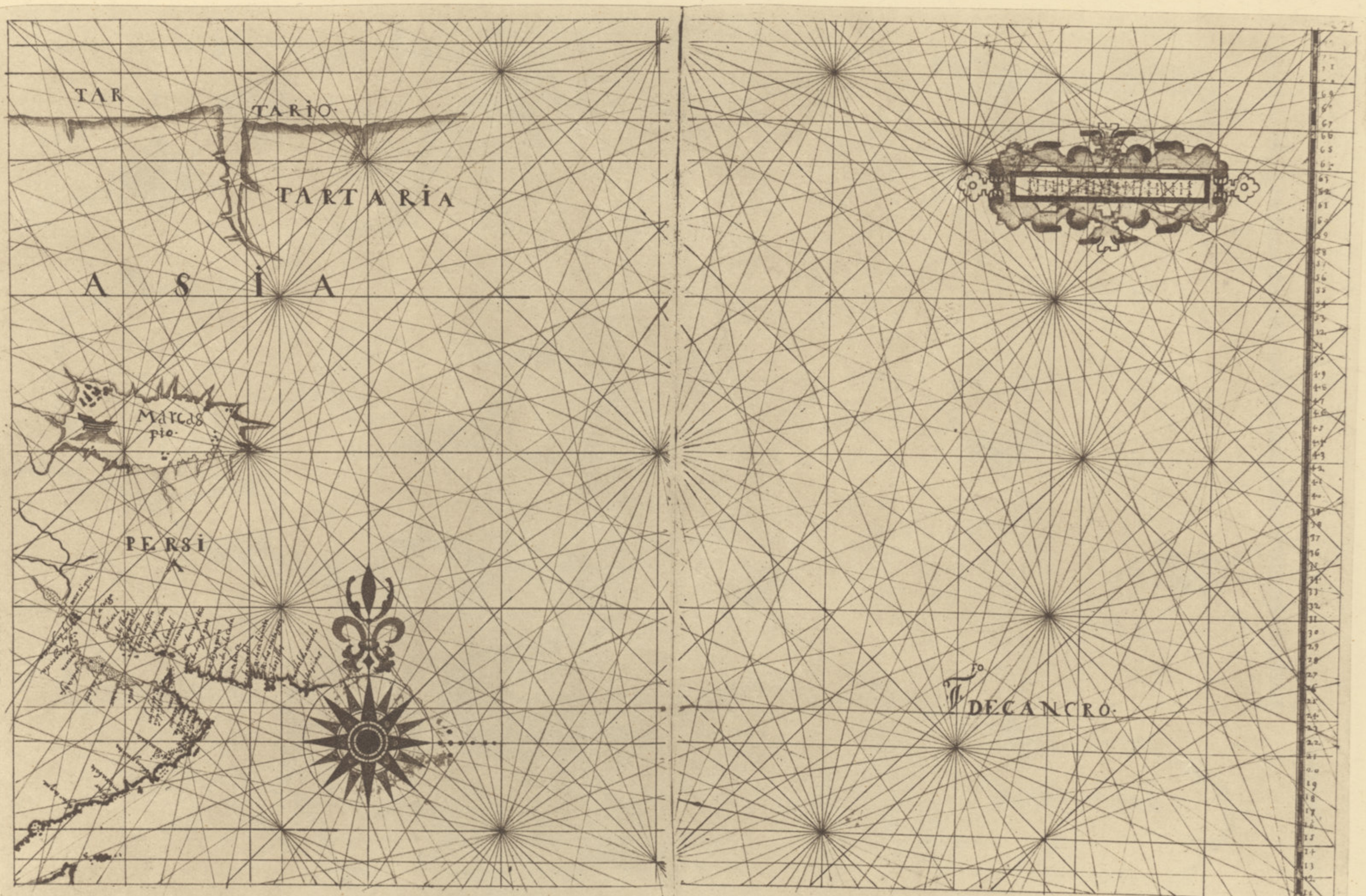


Oitava Carta – Eighth Chart B



Original 338×542 mm.

Primeira Carta – First Chart C



Segunda Carta – Second Chart D

ANÓNIMO, c. 1630

Atlas de dezoito cartas – Atlas of eighteen charts

Huntington Library, San Marino, California



Décima sétima Carta – Seventeenth Chart

A



Sexta Carta – Sixth Chart

B



Original 358×542 mm.

Décima oitava Carta – Eighteenth Chart

C



Sétima Carta – Seventh Chart

D

ANÓNIMO, c. 1630

Atlas de dezoito cartas – Atlas of eighteen charts

Huntington Library, San Marino, California



Quarta Carta – Fourth Chart

A



Décima Carta – Tenth Chart

B



Original 358×542 mm.

Terceira Carta – Third Chart

C



Quinta Carta – Fifth Chart

D

ANÓNIMO, c. 1630

Atlas de dezoito cartas – Atlas of eighteen charts

Huntington Library, San Marino, California





Tamanho original

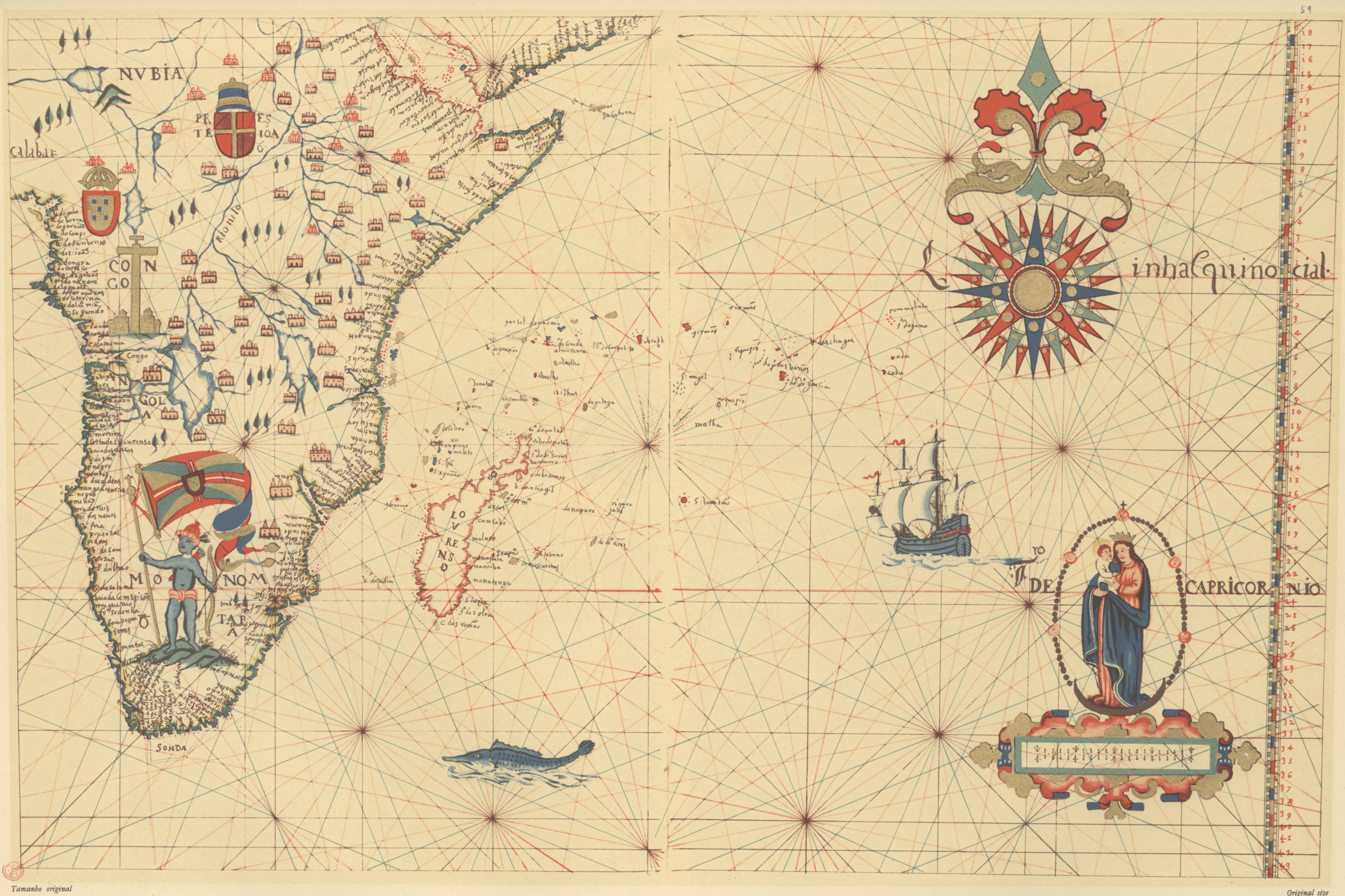
Original size

ANÓNIMO, c. 1630

Atlas de dezoito cartas—Atlas of eighteen charts

Décima primeira Carta—Eleventh Chart

Huntington Library, San Marino, California



Tamanho original

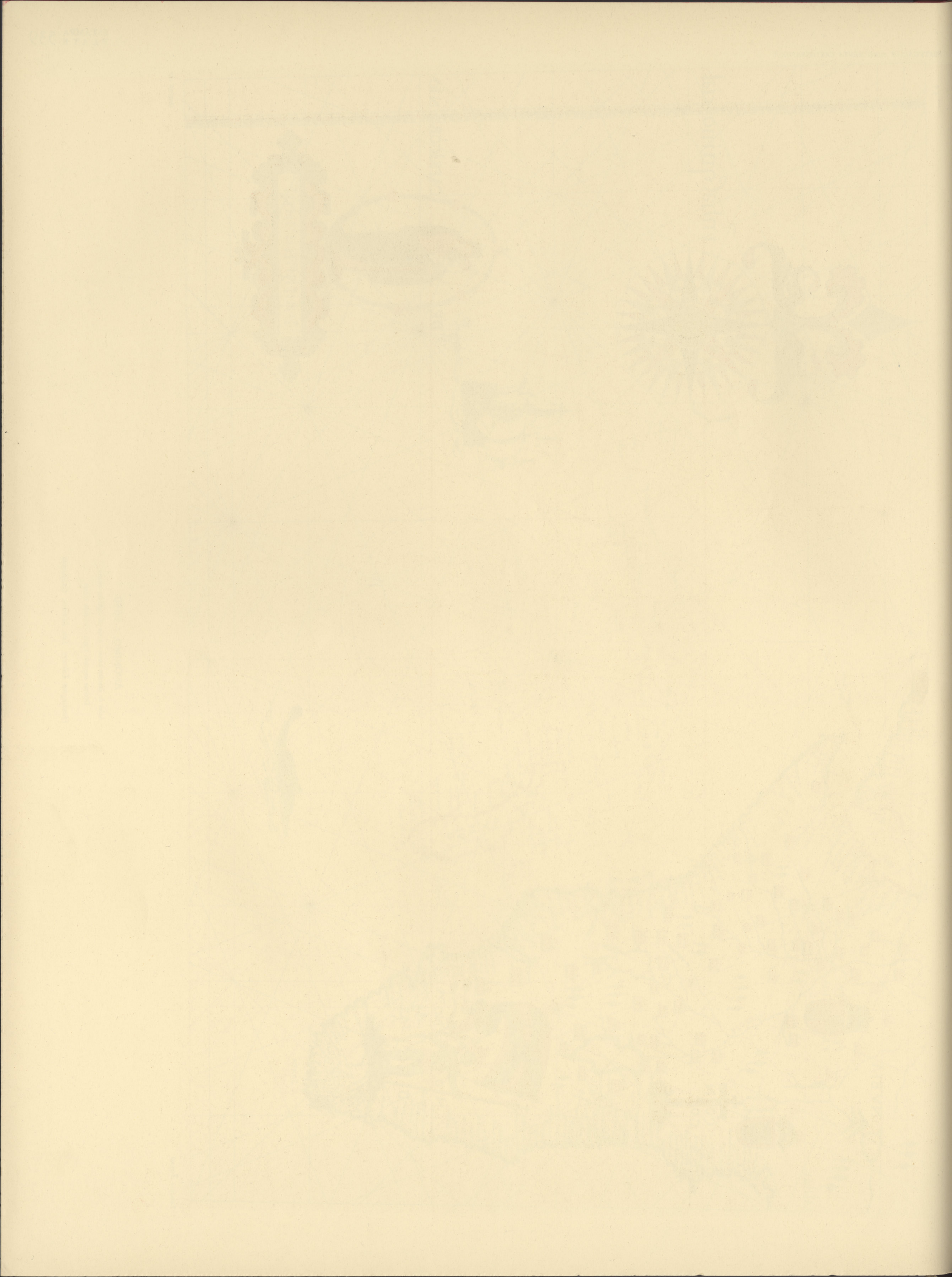
Original size

ANÓNIMO, c. 1630

Atlas de dezoito cartas—Atlas of eighteen charts

Décima segunda Carta—Twelfth Chart

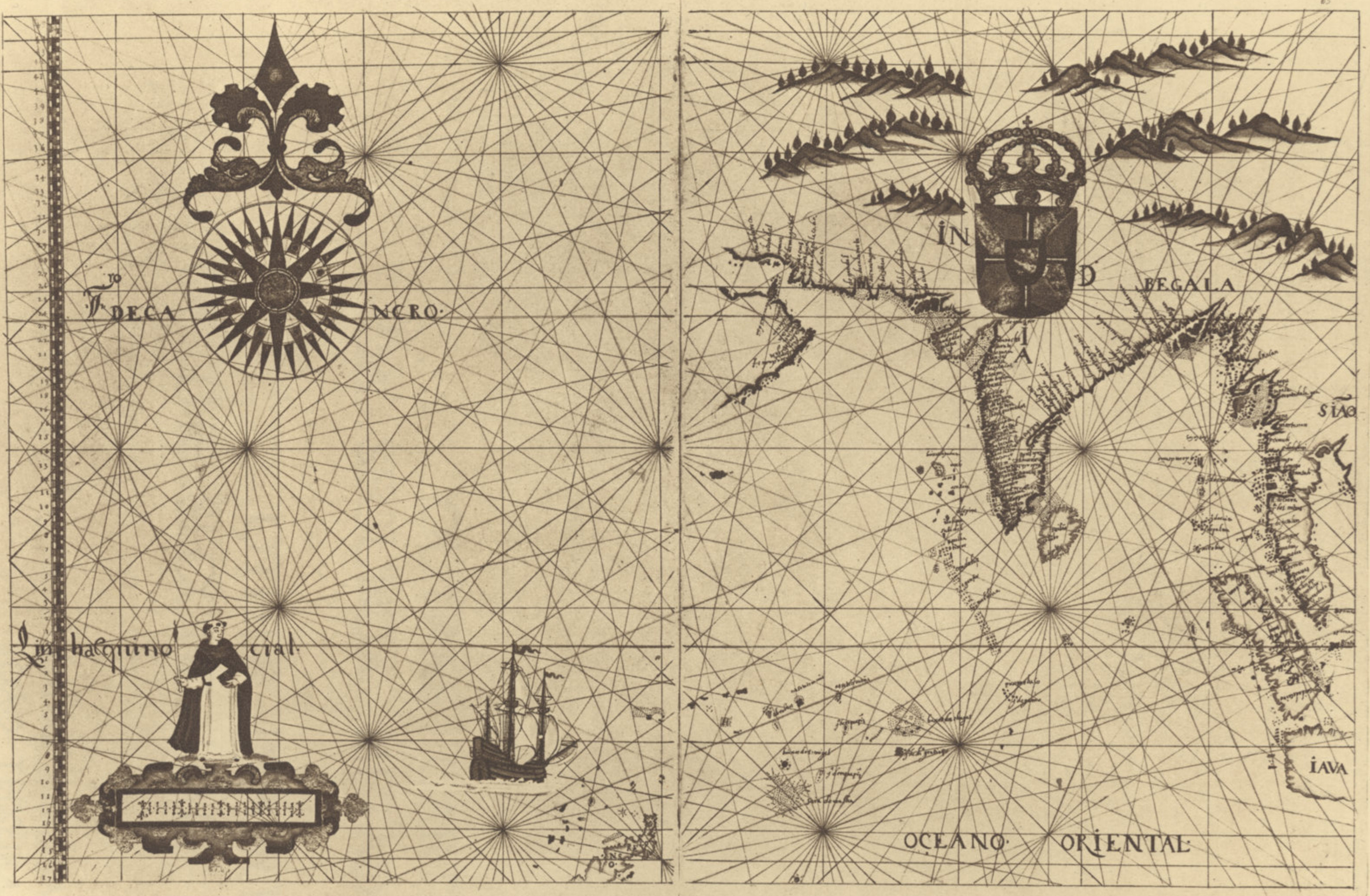
Huntington Library, San Marino, California






Décima terceira Carta – Thirteenth Chart

A



Décima quarta Carta – Fourteenth Chart

B



Original 358×542 mm.

Décima quinta Carta – Fifteenth Chart

C



Décima sexta Carta – Sixteenth Chart

D

ANÓNIMO, c. 1630

Atlas de dezoito cartas – Atlas of eighteen charts

Huntington Library, San Marino, California

OUTRAS CARTAS PRINCIPAIS DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVII

OTHER IMPORTANT CHARTS OF THE SECOND HALF OF THE XVII CENTURY

ANDRÉ PEREIRA DOS REIS
JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II
JOSÉ DA COSTA MIRANDA

ANDRÉ PEREIRA DOS REIS

O CARTÓGRAFO E A SUA OBRA

ANDRÉ Pereira dos Reis, capitão, piloto e cartógrafo, era natural de Goa e filho de Gaspar Pereira dos Reis. Prestou serviço nas armadas e fortalezas do Estado da Índia, pelo que, em 1647, recebeu a mercê dos foros de escudeiro e cavaleiro fidalgo. Teve culpas na perda de Mascate em 1650, reabilitando-se depois pela sua acção em combates com os Árabes. Em 1663 partiu de Lisboa para a Índia como capitão-mor de dois navios, seguindo depois para Macau a dar nova da paz celebrada com a Holanda, e em 1665 voltou a Goa.

Seu pai, Gaspar Pereira dos Reis, também se distinguiu em actividades semelhantes. Era natural de Lisboa e filho de André Pereira. Em 1644 e 1647 foram-lhe concedidos, respectivamente, os foros de escudeiro-fidalgo e cavaleiro-fidalgo, por serviços prestados desde 1633 nas armadas, fortalezas e fronteiras da Índia. Foi capitão e piloto do galeão «Santo André», que, vindo da Índia, em 1650, teve de arribar à Galiza, sendo aí apresado, depois de combate, pelos espanhóis. Em 1657 foi capitão do galeão «S. Tomé», da armada do Conde de Lavradio que deu batalha à armada holandesa que bloqueava a barra de Goa (1). Foi autor de um *Roteiro de Goa ou Cochim para Pegu em Abril e Setembro,* de 1634, que seu filho transcreve, com duas cartas, no códice de 1656-1660 a que adiante nos referiremos; deduz-se assim que também teria sido cartógrafo, mas não se conhece nenhuma obra da sua mão. Em 1652 encontrava-se em Lisboa, onde foi convocado para uma reunião com cosmógrafos, dizendo-se no documento que se conhece sobre o assunto (e de que nos ocuparemos a propósito do atlas de 1654, de seu filho) que ele era um «grande piloto».

Da actividade de André Pereira dos Reis como cartógrafo chegaram-nos duas obras:

1) André Pereira dos Reis, atlas de dez cartas, feito em Pangim, 1654, actualmente em Roterdão. Estampas 541-543.

2) André Pereira dos Reis, códice com dezoito cartas e vistas, feito em Macau, 1656-1660, actualmente em Lisboa. Estampas 544-545.

ATLAS DE 1654

ESTAMPAS 541-543

Da valiosa colecção do Dr. W. A. Engelbrecht, de Roterdão, faz parte um interessante atlas contendo dez cartas, manuscritas e coloridas, traçadas em papel. Estão encadernadas numa pasta moderna, a qual tem na lombada: «Pereira dos Reis original MS maps of the Cape of Good Hope etc. 1648». As cartas são precedidas de uma folha onde se lê: *Demonstraçam Do Cabo da Boa Esperança, e das mais terras e costas p.ª dentro athé â Ilha de Borneo em várias cartas de Marear feitas por Andre Pereira dos Reys. A Demonstração do Cabo da Boa Esperança, estâ feita na forma em q̃ o descubrio Domingos de Magalhães.* Este título não é da mão de André Pereira dos Reis, como fàcilmente se verifica comparando essa letra com a das cartas; é de supor que tenha sido acrescentado à obra quando ela passou à Biblioteca da Casa Castelo-Melhor, pois é em letra semelhante o título da *Descripçam da Fortaleza de Sofala ... pelo Cosmographo Mor Antonio de Maris Carneiro. 1639,* obra que também pertenceu à mesma biblioteca e agora está na Biblioteca Nacional de Lisboa.

As cartas, traçadas apenas no rosto das folhas, têm uma altura aproximadamente igual, de cerca de 440 mm, mas os seus comprimentos são variáveis:

Primeira carta (Estampa 541 A) — DEMOSTRAÇAÕ DO CABO DE BOA ESPERANÇA, 434 × 595 mm.

Segunda carta (Estampa 541 B) — Sueste africano, desde a TERRA DO NATAL até a TERRA DO MANICA, 437 × 540 mm.

(1) Nem Sousa Viterbo, nem os autores que a seguir se referem às obras de André e Gaspar Pereira dos Reis, sobre eles fornecem quaisquer dados biográficos. Os elementos que aqui resumimos são extraídos de uma nota que nos facultou o Prof. C. R. Boxer, de dois artigos de Frazão de Vasconcelos no volume 21 da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* e do Apêndice XV (p. 104) do livro deste último autor intitulado *Pilotos das Navegações Portuguesas dos Séculos XVI e XVII,* Lisboa 1942.

ANDRÉ PEREIRA DOS REIS

THE CARTOGRAPHER AND HIS WORK

ANDRÉ Pereira dos Reis, captain, pilot and cartographer, was a native of Goa and son of Gaspar Pereira dos Reis. He served in the fleets and fortresses of the Estado da Índia and in 1647 he was rewarded by the privileges of nobility of a squire and knight. Held to blame for the loss of Muscat in 1650, he rehabilitated himself by his performance in fighting the Arabs. He sailed in 1663 from Lisbon for India as captain-general of two ships, went on to Macao with the news of the peace concluded with the Dutch, and in 1665 returned to Goa.

His father, Gaspar Pereira dos Reis, also distinguished himself by similar activities. He was a native of Lisbon and son of André Pereira. In 1644 and 1647, respectively, he was granted the revenues of squire-fidalgo and knight-fidalgo, for services rendered since 1633 in the fleets, fortresses and frontiers of India. He was captain and pilot of the galleon *Santo André* which, on her voyage from India in 1650, had to take shelter in Galicia and was taken by the Spaniards after a fight. In 1657 he was captain of the galleon *S. Tomé,* in the fleet of the Count de Lavradio which gave battle to the Dutch fleet blockading the bar of Goa (1). He was the author of a «Rutter from Goa or Cochin to Pegu in April and September», 1634, which his son transcribed, with two charts, in the codex of 1656-1660 to which we shall refer below; this suggests that he was also a cartographer, although no work from his hand is known. In 1652 he was in Lisbon to attend a meeting of cosmographers; the document which we have on this matter (and which we shall discuss in connection with his son's atlas of 1654) states that he was 'a great pilot'.

Of the output of André Pereira dos Reis as a cartographer, two works survive:

1) André Pereira dos Reis, atlas of ten charts, made at Pangim in 1654, now in Rotterdam. Plates 541-543.

2) André Pereira dos Reis, codex with eighteen charts and views, made at Macao in 1656-1660, now in Lisbon. Plates 544-545.

ATLAS OF 1654

PLATES 541-543

In the valuable collection of Dr W. A. Engelbrecht, of Rotterdam, is an interesting atlas containing ten charts drawn on paper and coloured. They are in a modern binding, the spine being lettered: «Pereira dos Reis original MS maps of the Cape of Good Hope etc. 1648». The charts are preceded by a leaf bearing the words: «Demonstration of the Cape of Good Hope, and of the lands and coasts from thence to the Island of Borneo in sundry Sea-charts made by André Pereira dos Reys. The Demonstration of the Cape of Good Hope is made in the form in which it was discovered by Domingos de Magalhães». This title is not in the hand of André Pereira dos Reis, as can be seen by comparison of the script with that of the charts; we suppose that it was added to the work when it entered the Castelo-Melhor library, since the writing resembles that of the title of the «Description of the Fortress of Sofala ... by the Cosmographer-major António de Maris Carneiro. 1639», which belonged to the same library and is now in the Biblioteca Nacional, Lisbon.

The charts, drawn on the recto only of the leaves, are all of approximately the same height, about 440 mm, but they vary in width:

First chart (Plate 541 A) — DEMONSTRATION OF THE CAPE OF GOOD HOPE, 434 × 595 mm.

Second chart (Plate 541 B) — South-east Africa, from TERRA DO NATAL to TERRA DO MANICA, 437 × 540 mm.

(1) Neither Sousa Viterbo nor the later authors who refer to the works of André and Gaspar Pereira dos Reis give any biographical information about them. The facts which we summarise here are extracted from a note kindly supplied by Professor C. R. Boxer, from two articles by Frazão de Vasconcelos in the *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira,* vol. 21, and from Appendix XV (p. 104) of the latter author's book *Pilotos das Navegações Portuguesas dos Séculos XVI e XVII,* Lisboa 1942.

Terceira carta (Estampa 541 C) — Parte sul do Canal de Moçambique, com a costa africana desde a TERRA DO SANGOANE até ao REINO DO QUITEVE, e com o sul da ILHA DE SAÕ LOVRENÇO. 440 × 850 mm.

Quarta carta (Estampa 541 D) — Parte norte do Canal de Moçambique, com a costa africana desde Sofala a Moçambique e com o noroeste da ILHA DE SAÕ LOVRENÇO. 440 × 845 mm.

Quinta carta (Estampa 542 A) — Costa africana desde Moçambique às Ilhas de Querimba, 440 × 640 mm.

Sexta carta (Estampa 542 B) — Costa oriental da península industânica, de Masulipatão até Orixa, em dois troços, 440 × 625 mm.

Sétima carta (Estampa 542 C) — Mar de Andamão, com as costas do Pegú e Tenasserim e as ilhas de Andamão e Nicobar, 440 × 635 mm.

Oitava carta (Estampa 543 A) — Parte norte do Estreito de Malaca, 440 × 635 mm. Por baixo da escala de léguas, vem *Anno 1654 em pangĩ*, e a assinatura de André Pereira dos Reis.

Nona carta (Estampa 543 B) — Parte sul do Estreito de Malaca, 440 × 625 mm.

Décima carta (Estampa 543 C) — Mar de Java, 440 × 730 mm.

Em todas as cartas vem o nome *André Pereira dos Reis* por baixo da escala de distâncias; na oitava está mesmo traçado sob a forma de assinatura, precisamente junto da legenda em que vem o ano, 1654, e o local de execução, Pangim. A data na lombada da encadernação actual, 1648, está portanto errada.

O atlas pertenceu à biblioteca da Casa Castelo-Melhor, tendo sido leiloado em 1879; figura com o número 260 no catálogo desse leilão, tendo ainda então a encadernação antiga de madeira. Foi adquirido nessa altura por José Maria Nepomuceno, sendo de novo leiloado em 1897 e adquirido pelo Conde do Ameal (2). Aparece mais tarde, 1924, num catálogo de Maggs Bros (3), sendo adquirido em 1939 pelo actual possuidor. Foi referido, com base na indicação do catálogo do leilão Castelo-Melhor, por Sousa Viterbo, Ernesto de Vasconcelos e Joaquim Bensaúde (4).

Algumas cartas apresentam elementos interessantes relacionados com as actividades dos portugueses, nomeadamente no que se refere aos naufrágios no sueste africano. Na primeira carta, o Cabo de Boa Esperança vem sob a forma de uma ilha, dizendo-se ser isso *Na forma em que o descobrio domingos de magalhães*. Este último é Domingos de Magalhães Lima, que serviu de piloto em vários navios, de 1641 a 1650. No regresso de uma viagem da Índia, em 1648, disse ter averiguado que tal cabo estava numa ilha, formando boa enseada; o assunto foi ao Conselho Ultramarino e ao da Fazenda, e por causa dele houve reuniões de cosmógrafos, os quais, ao que parece, informaram mal, acabando Domingos de Magalhães Lima por ser enviado a Salvador Correia de Sá, em Angola. O piloto iniciou a viagem de reconhecimento ao Cabo em 1650, mas teve de arribar a Benguela com o mau tempo e aí faleceu pouco depois. Em 1652, havendo em Lisboa conhecimento de que ia partir da Holanda um patacho para iniciar uma colónia holandesa no Cabo, o assunto foi de novo ao Conselho Ultramarino, que promoveu nova reunião de cosmógrafos, com a presença de Gaspar Pereira dos Reis, então em Lisboa, a fim de se estudar a conveniência de os portugueses irem reconhecer a região; ignoramos qual a sequência que teve essa iniciativa do Conselho (5), mas é interessante notar que André Pereira dos Reis, neste seu atlas de 1654, continua a apresentar o Cabo como ilha.

CÓDICE COM DEZOITO CARTAS E VISTAS DE 1656-1660

ESTAMPAS 544-545

Na Sociedade de Geografia de Lisboa, com a cota «Reser. I-B-105», encontra-se um códice com o título *Livro, Em qve Severa Varios Discurcos e demostracois De uarias Terras em ponto Mostrador Com Grande Clareza e serteza de Longitud: e latitud Reformado em Muita parte e feito por mĩ Sebẽ com pouco lucro e por Castigo, Sirua Aaquelles q̃ tanto Sequerem Apinhorar ẽ marte ou Oficio jmpropio que talves ofazẽ esquecendoçe dequem são por merecer*

(2) *Catalogo dos preciosos manuscriptos da Biblioteca da Casa dos Marquezes de Castello Melhor*, Lisboa 1878; *Catalogo da Livraria do falecido distinto bibliophilo e bibliographo José Maria Nepomuceno*, n.º 2073, Lisboa 1897; *Catalogo da preciosa livraria que foi do ilustre bibliófilo conimbricense Conde do Ameal*, n.º 2802, Porto 1924. Nestes catálogos diz-se que o atlas é de oito folhas, quando ele tem na realidade dez.

(3) Catálogo n.º 452, *Bibliotheca Asiatica*, n.º 247. London 1924.

(4) Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII*, Vol. I, p. 246, Lisboa 1898; Ernesto de Vasconcelos, *Subsidios para a historia da cartografia portugueza nos seculos XVI, XVII e XVIII*, in *Bol. Soc. Geog. Lisboa*, Jan.-Março 1916, p. 28 da Separata; Joaquim Bensaúde, *Les Légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises*, pp. 89 e 98, Genève 1917.

(5) *Consulta* de 21 de Fevereiro de 1652, Conselho Ultramarino, Livro 14, pp. 377-8, Arquivo Histórico Ultramarino, documento cuja indicação devemos ao Prof. C. R. Boxer, e de que nos ocupámos no Vol. IV, p. 82, da presente obra; parecer do Conselho sobre os serviços de Domingos de Magalhães Lima e a pretensão da sua viúva, Cod. Mercês, n.º 82, fl. 254, *ibidem*, publicado por Frazão de Vasconcelos, *Pilotos das Navegações Portuguesas dos Séculos XVI e XVII*, p. 93, Lisboa 1942.

Third chart (Plate 541 C) — Southern part of the Mozambique Channel, with the African coast from TERRA DO SANGOANE to the REINO DO QUITEVE, and the south of the ILHA DE SAÕ LOVRENÇO. 440 × 850 mm.

Fourth chart (Plate 541 D) — Northern part of the Mozambique Channel, with the African coast from Sofala to Mozambique and the north-west of the ILHA DE SAÕ LOVRENÇO. 440 × 845 mm.

Fifth chart (Plate 542 A) — Coast of Africa from Mozambique to the Querimba Islands, 440 × 640 mm.

Sixth chart (Plate 542 B) — East coast of the peninsula of Hindustan, from Masulipatam to Orissa, in two strips, 440 × 625 mm.

Seventh chart (Plate 542 C) — Sea of Andaman, with the coasts of Pegu and Tenasserim and the Andaman and Nicobar Islands, 440 × 635 mm.

Eighth chart (Plate 543 A) — Northern part of Malacca Strait, 440 × 635 mm. Below the league scale are the date «Pangim, in the year 1654» and the signature of André Pereira dos Reis.

Ninth chart (Plate 543 B) — Southern part of Malacca Strait, 440 × 625 mm.

Tenth chart (Plate 543 C) — Java Sea, 440 × 730 mm.

In all the charts the name *André Pereira dos Reis* appears below the scale of distances; in the eighth it is written in the form of a signature, very close to the legend giving the date (1654) and place (Pangim) of execution. The date 1648 on the spine of the present binding is therefore incorrect.

The atlas belonged to the library of the Castelo-Melhor family and was sold at auction in 1879; it was lot 260 in the sale-catalogue, having at that time an old binding of wood. At the sale it was purchased by José Maria Nepomuceno, and it was again auctioned in 1897 and purchased by the Count do Ameal (2). Later, in 1924, it reappeared in a catalogue of Maggs Bros (3), and in 1939 it was purchased by the present owner. It has been referred to, from the notice in the Castelo-Melhor sale-catalogue, by Sousa Viterbo, Ernesto de Vasconcelos and Joaquim Bensaúde (4).

Some of the charts provide interesting evidence bearing on Portuguese activities, particularly in regard to shipwrecks on the south-east coast of Africa. The first chart shows the Cape of Good Hope in the form of an island, stating that it is «In the form in which it was discovered by Domingos de Magalhães.» This is Domingos de Magalhães Lima, who served as pilot in various ships from 1641 to 1650. On his return in 1648 from a voyage to India, he is said to have affirmed the Cape to be an island, making a fine bight. The issue went to the Conselho Ultramarino and the Conselho da Fazenda, and there were as a result conferences of cosmographers, whose report was apparently unsatisfactory, so that in the end Domingos de Magalhães Lima was sent to Salvador Correia de Sá in Angola. The pilot set out for the Cape in 1650 on his voyage of investigation, but bad weather delayed him at Benguela, where he died soon after. In 1652 information reached Lisbon that a ship was about to leave Holland to establish a Dutch colony at the Cape, and the question was again before the Conselho Ultramarino, which arranged another conference of cosmographers, including Gaspar Pereira dos Reis, to decide whether it was expedient for the Portuguese to investigate the region. We do not know what was the outcome of this initiative by the Conselho (5), but it is interesting to observe that in his atlas of 1654 André Pereira dos Reis continues to depict the Cape as an island.

CODEX WITH EIGHTEEN CHARTS AND VIEWS, 1656-1660

PLATES 544-545

In the Sociedade de Geografia, Lisbon, with the classmark «Reser. I-B-105», there is a codex with the title «Book, in which will be found sundry Discourses and demonstrations of various Lands, as in a dial, with great clarity and correctness of longitude and latitude. Revised in great part and made by me, though with little reward and as a penance. May this help those who so desire to jostle in war or in unseemly trafficking that they perhaps

(2) *Catalogo dos preciosos manuscriptos da Bibliotheca da Casa dos Marquezes de Castello Melhor*, Lisboa 1878; *Catalogo da Livraria do falecido distinto bibliophilo e bibliographo José Maria Nepomuceno*, n.º 2073, Lisboa 1897; *Catalogo da preciosa livraria que foi do ilustre bibliófilo conimbricense Conde do Ameal*, n.º 2802, Porto 1924. These catalogues state that the codex has eight leaves, whereas it has in fact ten.

(3) Catalogue n.º 452, *Bibliotheca Asiatica*, n.º 247. London 1924.

(4) Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII*, Vol. I, p. 246, Lisboa 1898; Ernesto de Vasconcelos, *Subsidios para a historia da cartografia portugueza nos seculos XVI, XVII e XVIII*, in *Bol. Soc. Geog. Lisboa*, Jan.-Março 1916, p. 28 of reprint: Joaquim Bensaúde, *Les Légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises*, pp. 89 and 98, Genève 1917.

(5) *Consulta* of 21 February 1652, Conselho Ultramarino, Livro 14, pp. 377-8, Arquivo Histórico Ultramarino (we owe the reference to Professor C. R. Boxer, and we discuss it in Vol. IV, p. 82, of the present work); report of the Conselho on the services of Domingos de Magalhães Lima and the claims of his widow, Cod. Mercês, n.º 82, fol. 254, *ibidem*, published by Frazão de Vasconcelos, *Pilotos das Navegações Portuguesas dos Séculos XVI e XVII*, p. 93, Lisboa 1942.

mais Mas não lhe val. Dentro de uma figura vem o nome *ANDRE PER.A DOS REIS*, e por baixo *Anno 1656 ẽ macao* (Fig. 2). O códice, com uma capa antiga de pele, contém setenta e cinco folhas de papel, 212 × 290 mm, na maioria em branco. Compreende duas partes, a primeira das quais (fólios 2-67) só tem cartas e vistas com as respectivas legendas, separadas entre si por várias folhas em branco; de acordo com o que se lê no título, é plausível supor que o autor teria a intenção, que não chegaria a levar a cabo, de as preencher com textos. A segunda parte (fólios 69-75) abre com o *Roteiro de Goa ou Cochim pera pegũ em Abril e Setembro Reformado por Gp.ar Pereira dos Reis Anno de 1634* (folios 69-71) e termina com duas cartas, tudo da mão de André Pereira dos Reis.

As cartas e vistas são coloridas na sua maior parte, ocupando umas apenas um lado de uma folha, e as outras abrangendo o verso de uma folha e o rosto da seguinte:

Fólio 3 r (Estampa 544 D) — *Costa De tanaçarim e suas ilhas.*

Fólio 5 r (Estampa 544 E) — Ilhas de Nicobar.

Fólio 6 v (Estampa 544 C) — Porto de Moçambique.

Fólio 8 r — Vistas das costas de *Pullo cicir* e *Serra dauarela.*

Fólio 9 r — Vistas das costas de *Pullo Camby* e *Pullo Cattao.*

Fólios 11v-12r (Estampa 545 B) — *Aparencia de pullo butum e ilhas de pimena* com *A costa dequeda.* Assinada e datada de 1656.

Fólio 14 r — Vista de *Lucicira.*

Fólio 15 r — *Ilhas de Lucicira.*

Fólio 16 r — Ilhas de Lucilima.

Fólios 52v-53r (Estampa 544 A) — Entrada do Golfo Pérsico. Assinada e datada de 1660.

Fólios 56v-57r — *Ilhas dos pater noster.* Assinada e datada de 1656.

Fólios 60v-61r (Estampa 545 D) — Ilhas de Timor e Solor. Assinada e datada de 1657.

Fólio 62 v — Vistas de *Labatobe* e *Ende.*

Fólios 63v-64r (Estampa 545 C) — Estreito de Solor.

Fólios 66 v-67 r — Trecho de costa sem denominação, parecendo ser na parte ocidental da Península Malaia.

Fólios 72v-73r (Estampa 545 A) — Barra de Martavão, com legenda em que se diz ser baseada nas observações de Gaspar Pereira dos Reis, *meu pay o Anno de 1634 e o de 1636*, e com a assinatura de André Pereira dos Reis.

Fólios 74 v-75 r (Estampa 544 B) — Costa do Pegú, com a assinatura de André Pereira dos Reis.

Barbosa Machado, em 1759, refere o códice como estando na Biblioteca da Casa Castelo-Melhor (6). Foi leiloado em 1879, sendo então adquirido por Moura Coutinho (7). Perde-se-lhe a seguir o rasto, e apenas é referido por alguns autores (Sousa Viterbo, Ernesto de Vasconcelos, Joaquim Bensaúde) (8) com base na notícia do catálogo do leilão de 1879. Pudemos, há anos, localizá-lo na Sociedade de Geografia de Lisboa, ignorando em que circunstâncias lá foi parar. Em 1958 Luís Silveira publicou a carta do Estreito de Solor (9).

Do *Roteiro de Goa ou Cochim para Pegu em Abril e Setembro* de Gaspar Pereira dos Reis existe uma cópia num códice da Casa Cadaval intitulado *Advertencias para a navegação da India*, sem cartas. Esse mesmo roteiro foi publicado em 1712 por Manuel Pimentel na *Arte de Navegar*, também sem cartas (10).

(6) Barbosa Machado, *Bibliotheca Luzitana*, Vol. IV, p. 19. Lisboa 1759.
(7) N.º 259 do catálogo referido na nota 2.
(8) Obras citadas na nota 4.
(9) Luís Silveira, *Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, Vol. III, p. 485. Lisboa s. d.
(10) A. Fontoura da Costa, *Bibliografia náutica portuguesa até 1700*, pp. 13 e 109. Lisboa 1940.

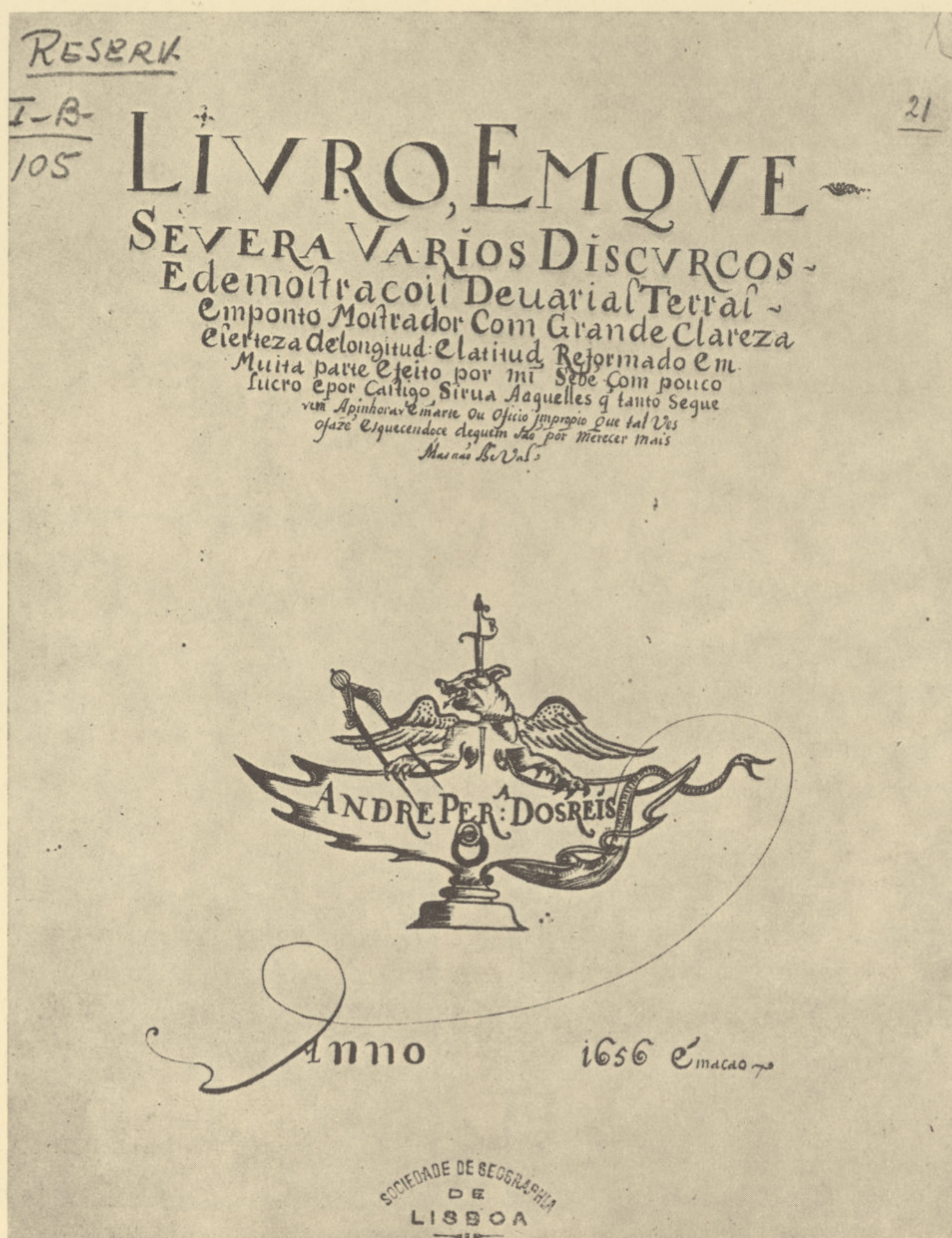


FIG. 2 — FRONTISPÍCIO DO *LIVRO* DE 1656 DE ANDRÉ PEREIRA DOS REIS
TITLEPAGE OF THE *LIVRO* OF 1656 BY ANDRÉ PEREIRA DOS REIS
Sociedade de Geografia de Lisboa

forget who they are in order to gain more; but it does not avail them». Within a device is the name *ANDRE PER.A DOS REIS*, and below «In the year 1656 in Macao» (Fig. 2). The codex, in an old leather binding, contains seventy-five leaves of paper, 212 × 290 mm, most of them blank. It comprises two parts, the first of which (folios 2-67) has only charts and views with their respective legends, separated from one another by several blank leaves; the wording of the title suggests that the author had the intention, never fulfilled, of supplementing them with texts. The second part (folios 69-75) opens with the «Rutter from Goa or Cochin to Pegu in April and September. Revised by Gp.ar Pereira dos Reis in the year 1634» (folios 69-71), and ends with two charts, all being in the hand of André Pereira dos Reis.

Most of the charts and views are coloured, some occupying only one side of a leaf, while others cover the verso of one leaf and the recto of the next:

Folio 3r (Plate 544 D) — «Coast of Tenasserim and its islands».

Folio 5 r (Plate 544 E) — Nicobar Islands.

Folio 6 v (Plate 544 C) — Port of Mozambique.

Folio 8 r — Views of the coasts of *Pullo cicir* and *Serra dauarela.*

Folio 9 r — Views of the coasts of *Pullo Camby* and *Pullo Cattao.*

Folios 11v-12r (Plate 545 B) — «Appearance of *Pulo Butum* and the islands of *Pimena*», with «The coast of Queda». Signed and dated 1656.

Folio 14 r — View of *Lucicira.*

Folio 15 r — *Ilhas de Lucicira.*

Folio 16 r — Islands of Lucilima.

Folios 52 v-53 r (Plate 544 A) — Entrance of the Persian Gulf. Signed and dated 1660.

Folios 56v-57r — *Ilhas dos pater noster.* Signed and dated 1656.

Folios 60 v-61 r (Plate 545 D) — Islands of Timor and Solor. Signed and dated 1657.

Folio 62 v — Views of *Labatobe* and *Ende.*

Folios 63 v-64 r (Plate 545 C) — Solor Strait.

Folios 66 v-67 r — Unnamed section of coast, apparently in the western part of the Malay Peninsula.

Folios 72v-73r (Plate 545 A) — Bar of Martaban, with a legend stating that it is based on the observations of Gaspar Pereira dos Reis, «my father, in the years 1634 and 1636», and with the signature of André Pereira dos Reis.

Folios 74 v-75 r (Plate 544 B) — Coast of Pegu, with the signature of André Pereira dos Reis.

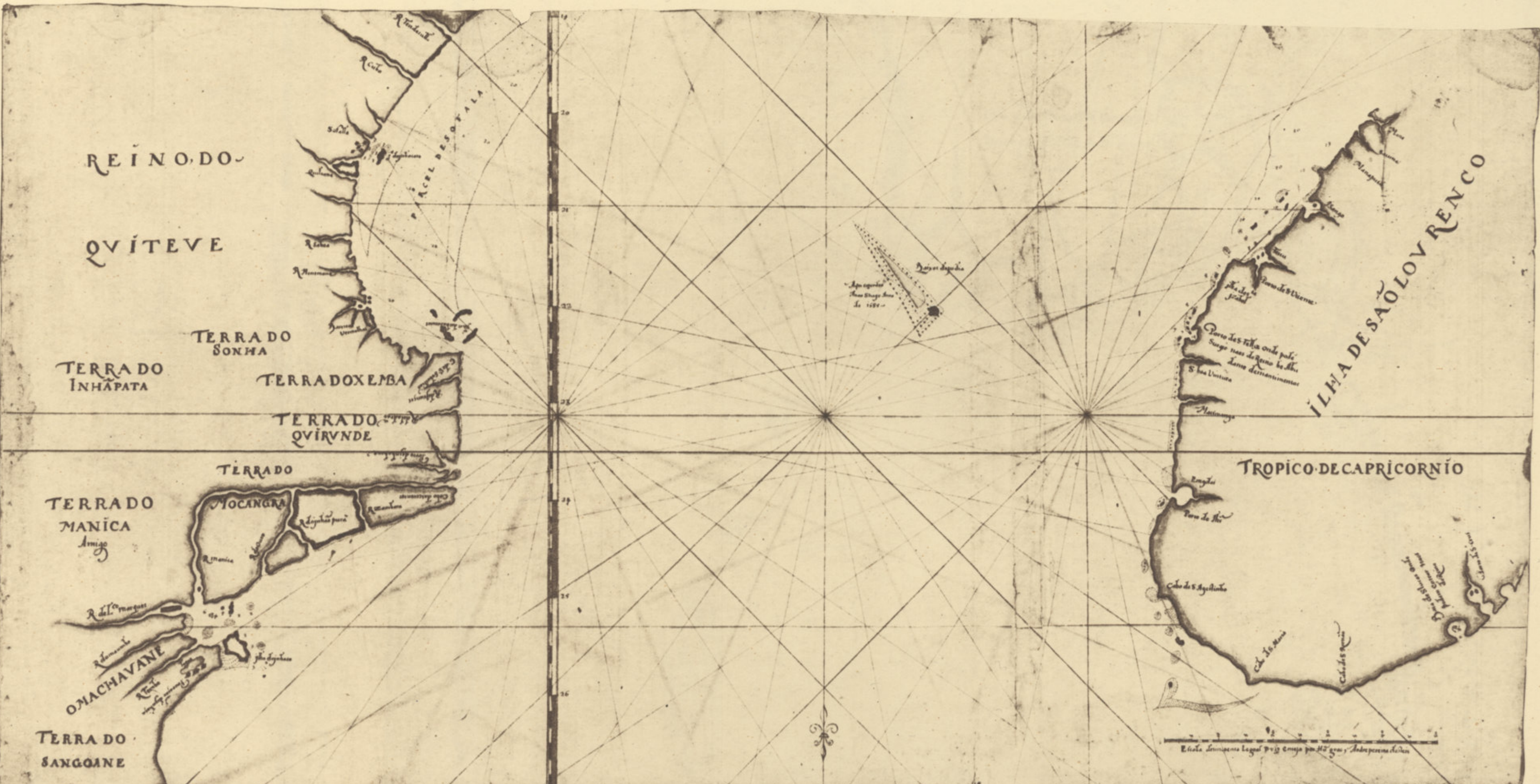
Barbosa Machado in 1759 mentioned the codex as being in the library of the Castelo-Melhor family (6). In 1879 it was sold at auction and purchased by Moura Coutinho (7). All trace of it was then lost, and the references to it by various authors (Sousa Viterbo, Ernesto de Vasconcelos, Joaquim Bensaúde) (8) were only based on the notice in the sale-catalogue of 1879. Some years ago we identified it in the Sociedade de Geografia de Lisboa, but it is not known in what circumstances it was deposited there. In 1958 Luís Silveira published the chart of Solor Strait (9).

Of the «Rutter from Goa or Cochin to Pegu in April and September», by Gaspar Pereira dos Reis, there is a copy in a codex of the Casa Cadaval entitled «Notices for the navigation of India», without charts. This rutter was published in 1712, also without charts, in Manuel Pimentel's *Arte de Navegar* (10).

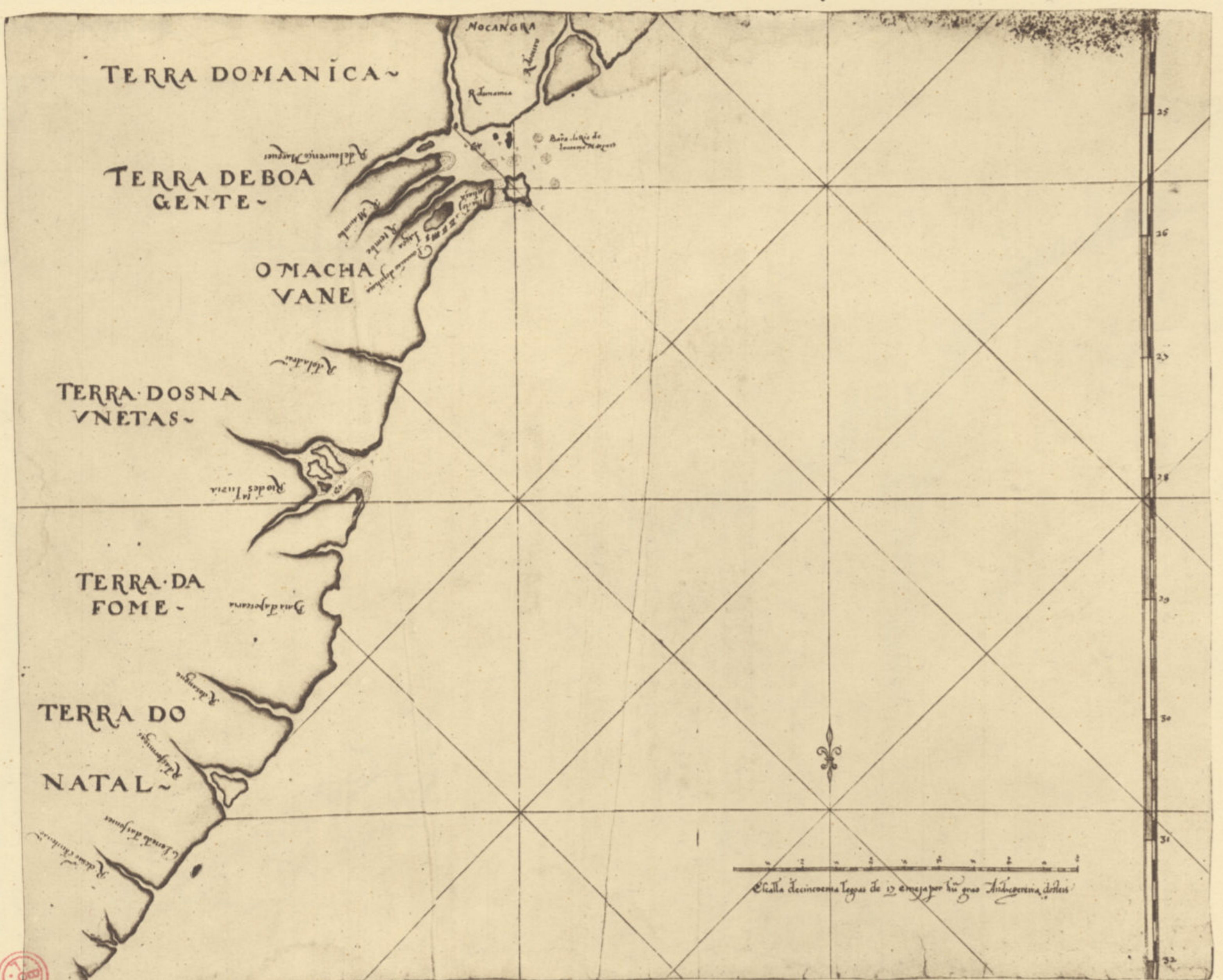
(6) Barbosa Machado, *Bibliotheca Luzitana*, Vol. IV, p. 19. Lisboa 1759.
(7) N.º 259 of the catalogue cited in note (2).
(8) Works cited in note (4).
(9) Luís Silveira, *Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, Vol. III, p. 485. Lisboa s. d.
(10) A. Fontoura da Costa, *Bibliografia náutica portuguesa até 1700*, pp. 13 and 109. Lisboa 1940.



Original 434×595 mm. Primeira Carta — First Chart



Original 440×850 mm. Terceira Carta — Third Chart



Original 437×540 mm. Segunda Carta — Second Chart

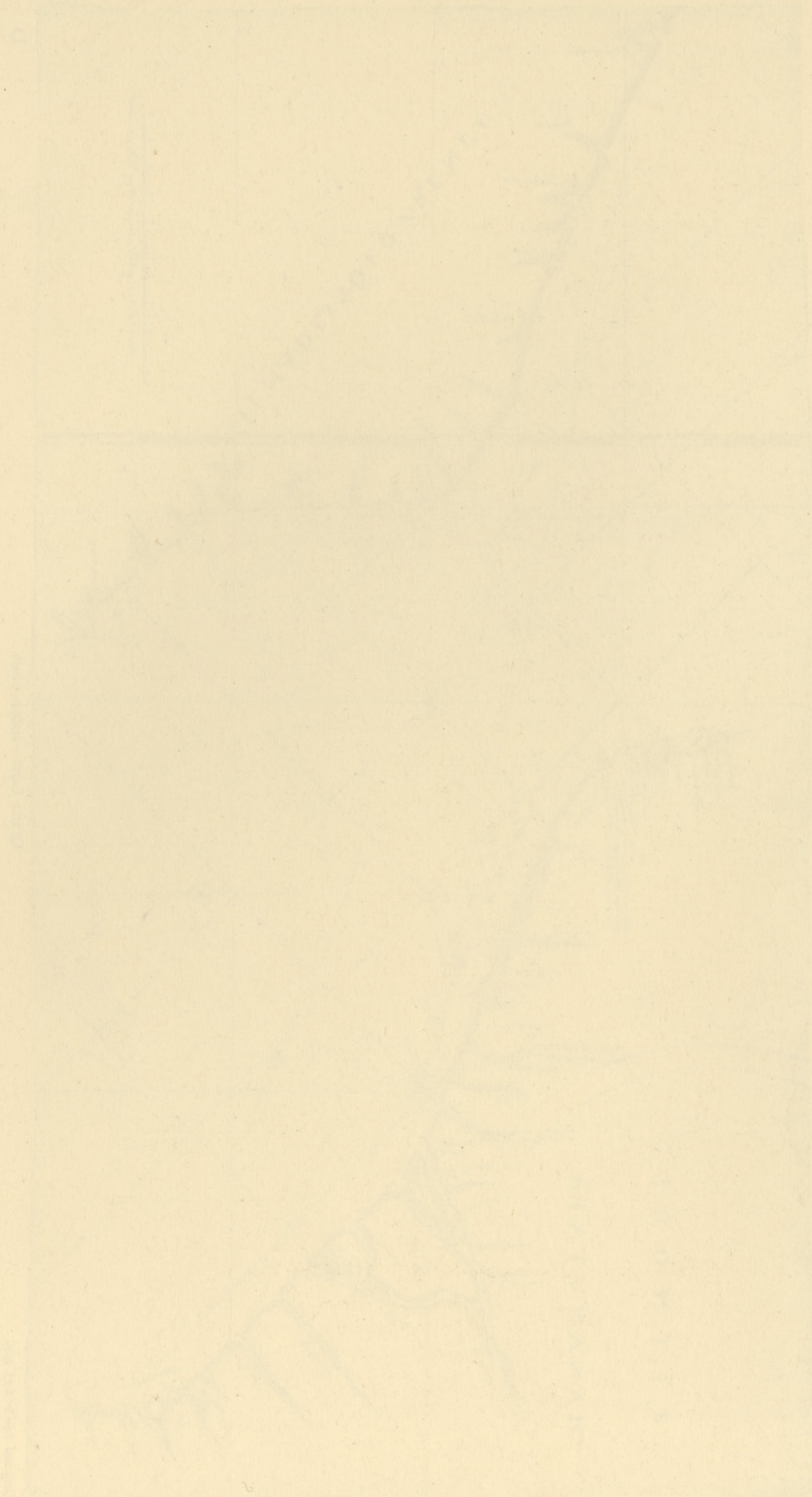
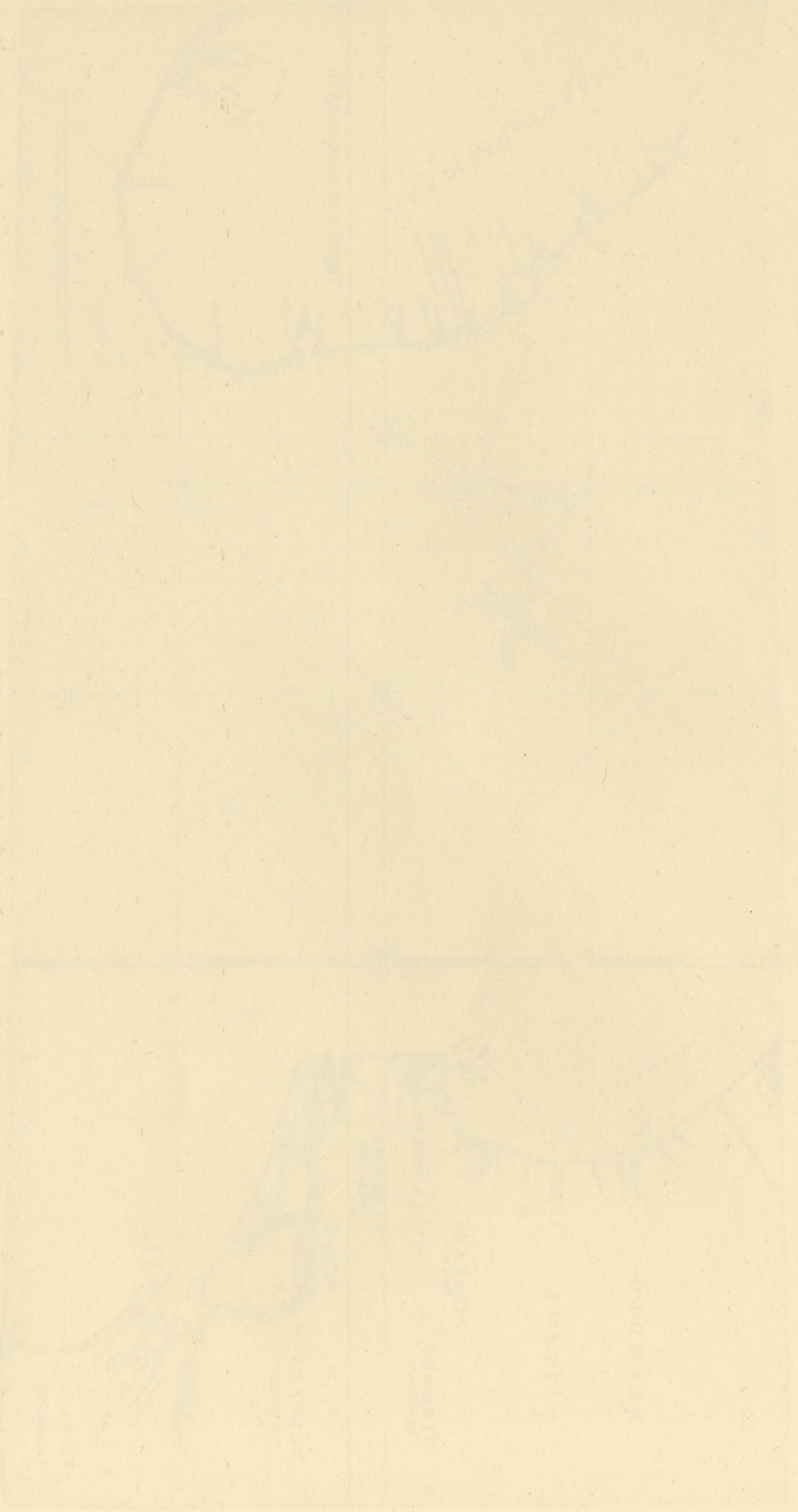


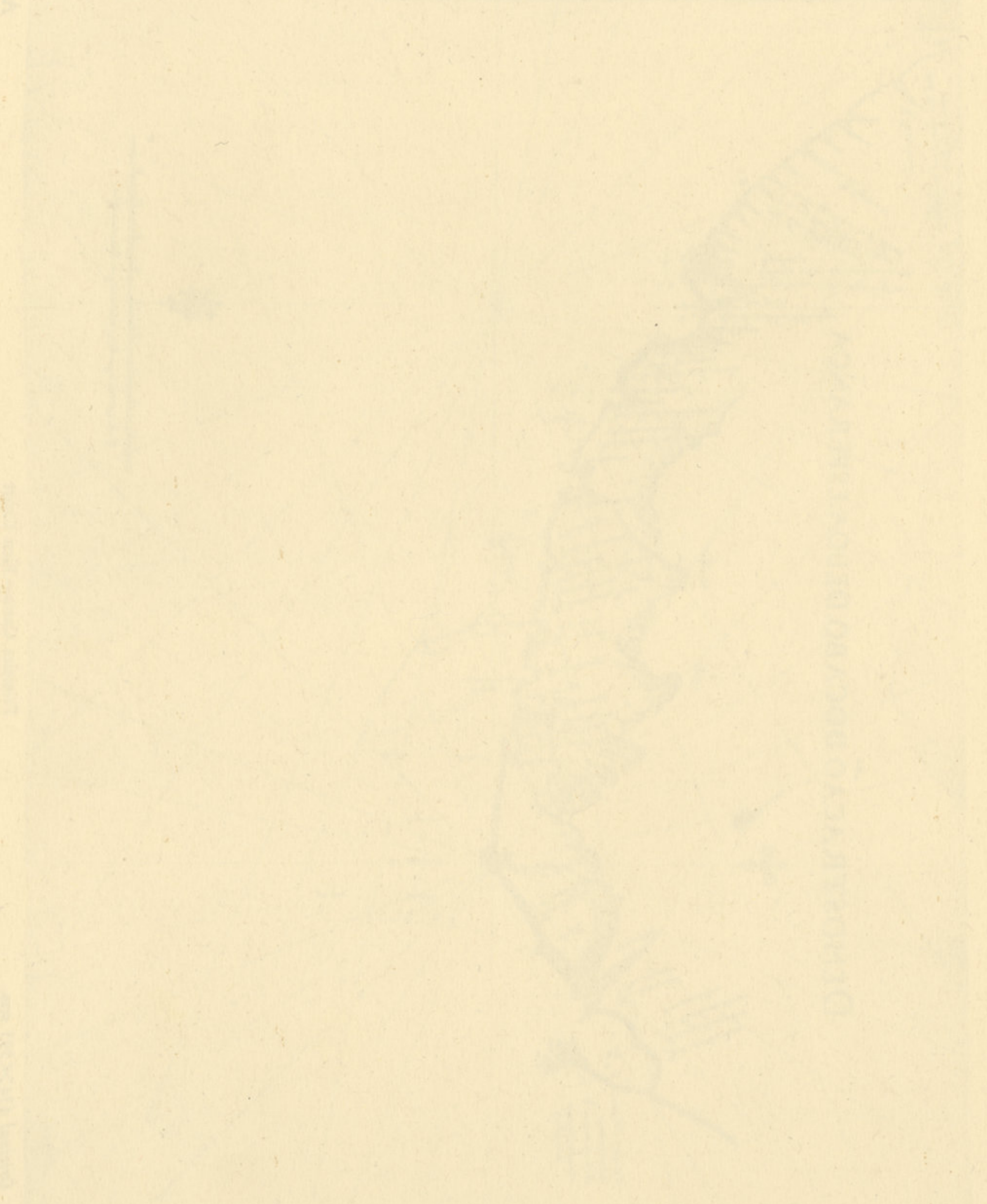
Original 440×845 mm. Quarta Carta — Fourth Chart

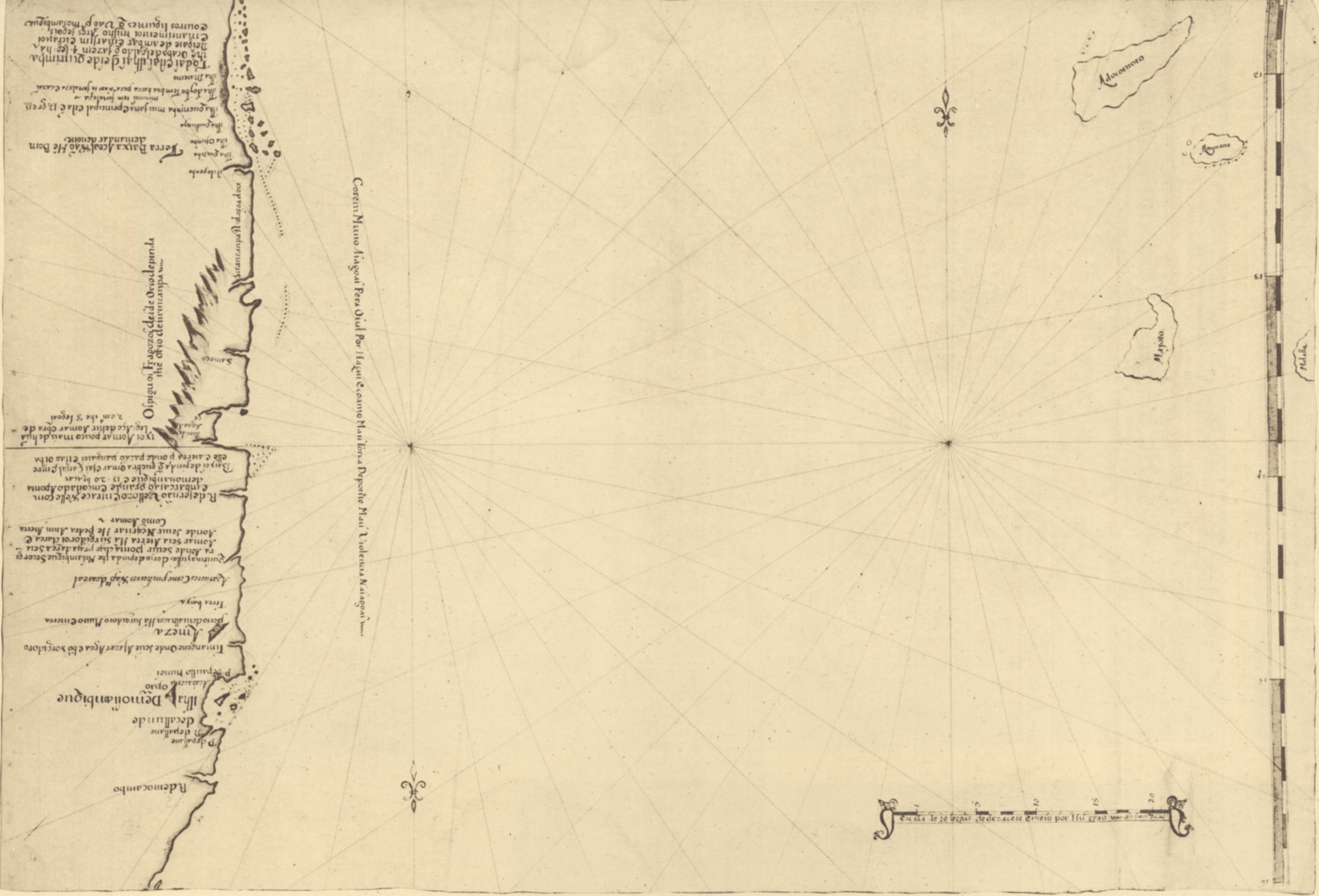
André Pereira dos Reis, 1654

Atlas de dez cartas — Atlas of ten charts

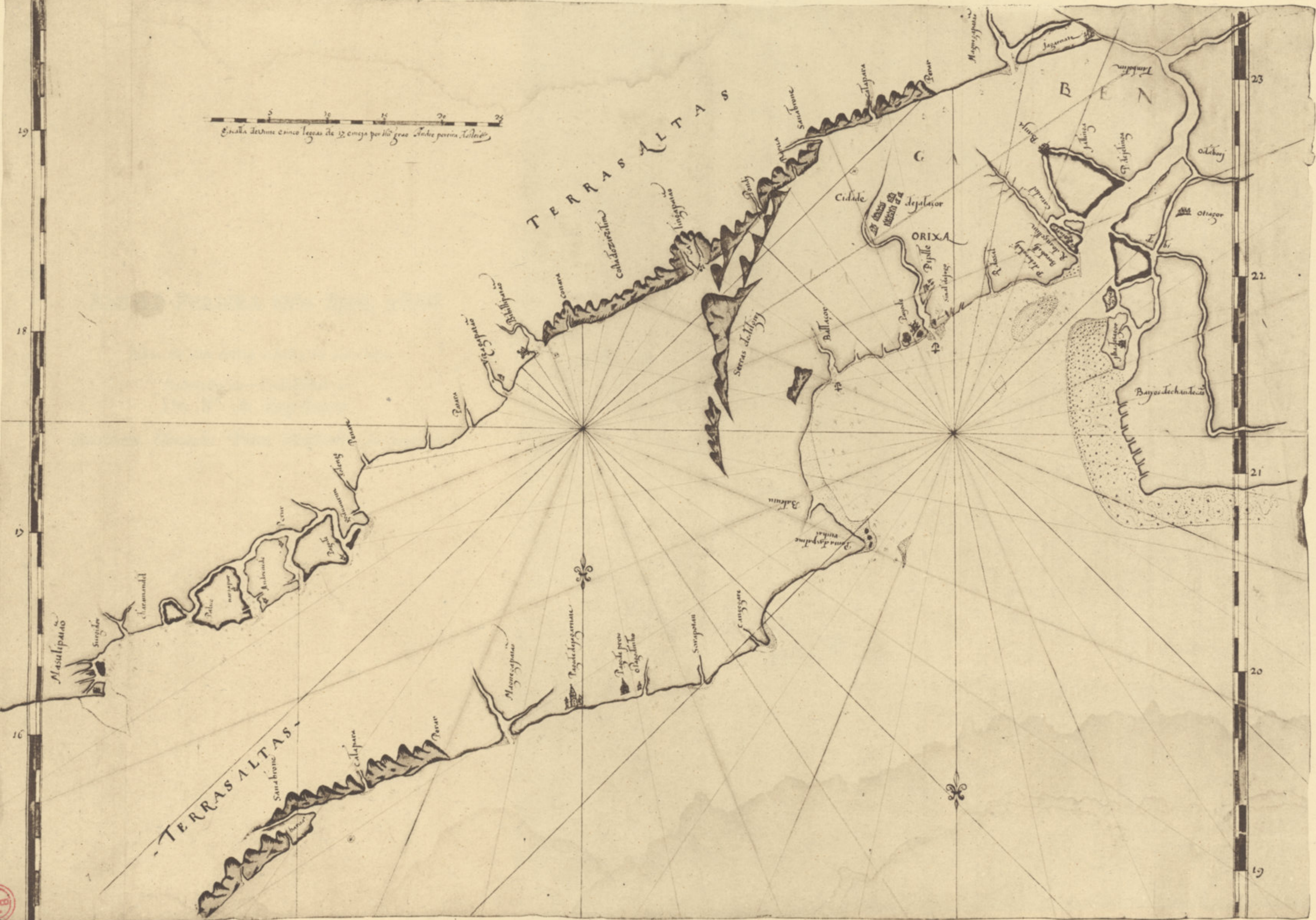
Col. W. A. Engelbrecht, Rotterdam

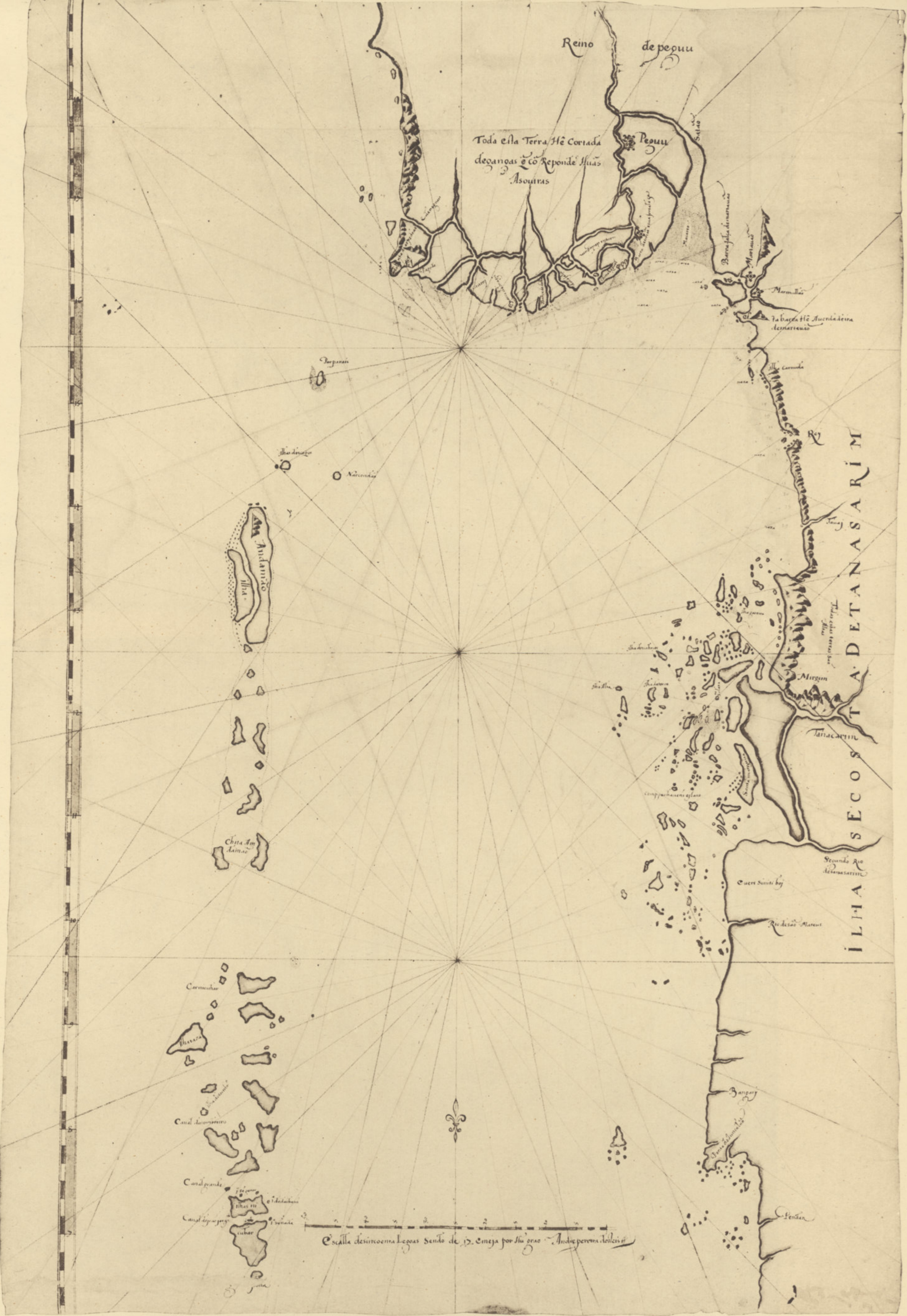




Original 440×640 mm. Quinta Carta – Fifth Chart A



Original 440×625 mm. Sexta Carta – Sixth Chart B



Original 440×635 mm. Sétima Carta – Seventh Chart C

ANDRÉ PEREIRA DOS REIS, 1654

Atlas de dez cartas – Atlas of ten charts

Col. W. A. Engelbrecht, Rotterdam



B

Nona Carta — Ninth Chart

Original 440×625 mm.



A

Oitava Carta — Eighth Chart

Original 440×635 mm.

C

Décima Carta — Tenth Chart

Original 440×730 mm.

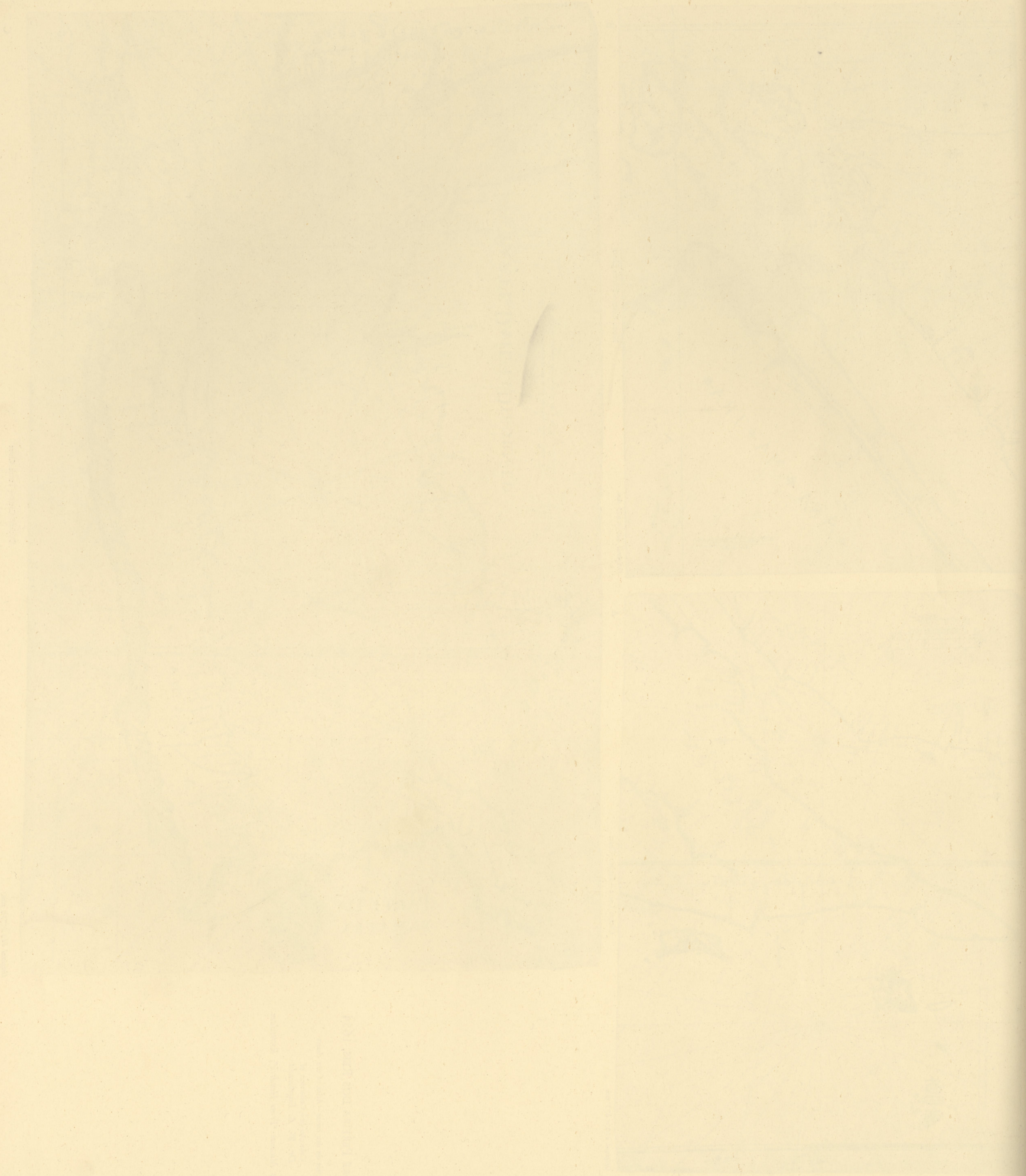
André Pereira dos Reis, 1654

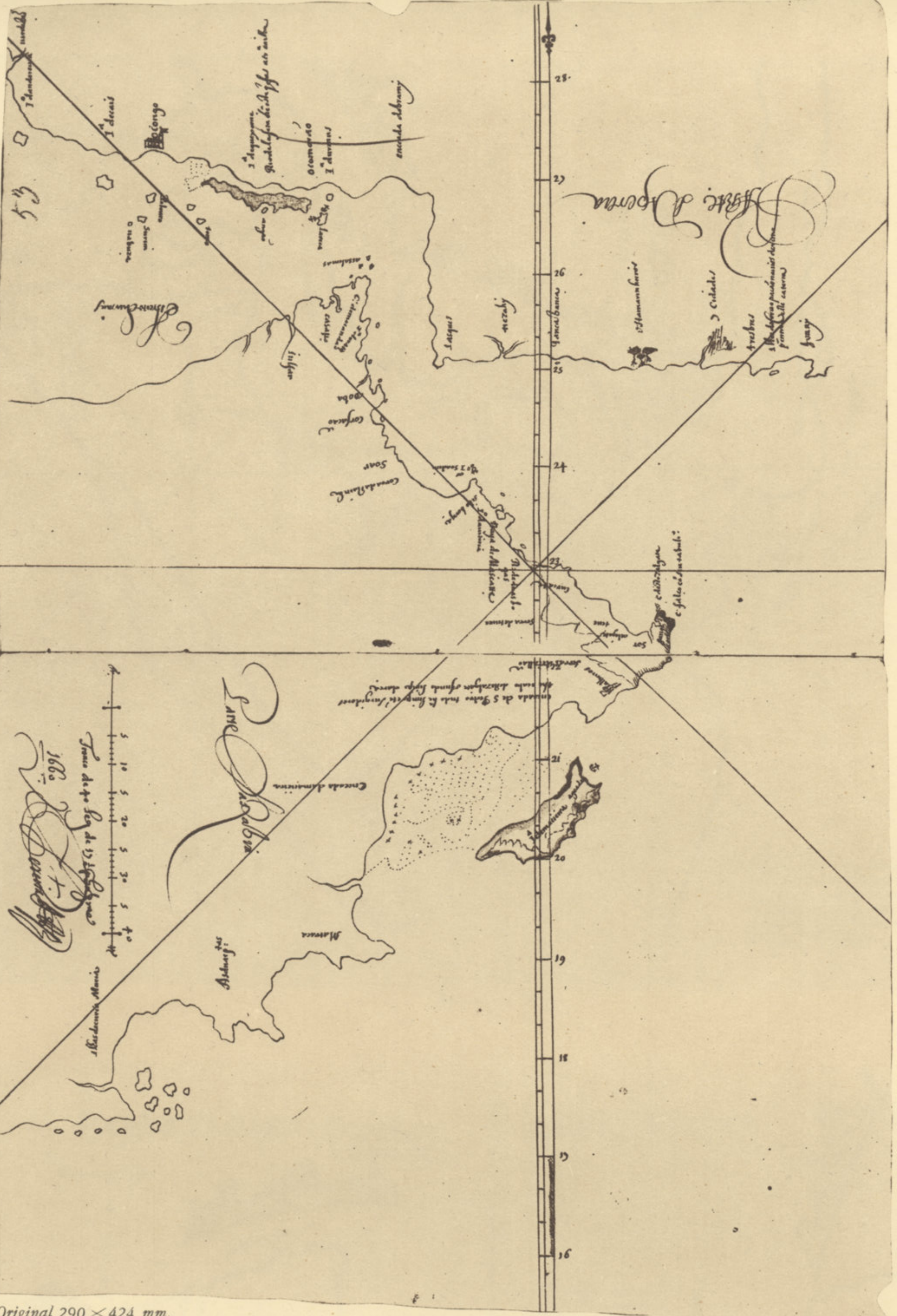
Atlas de dez cartas — Atlas of ten charts

Colecção de — Collection of

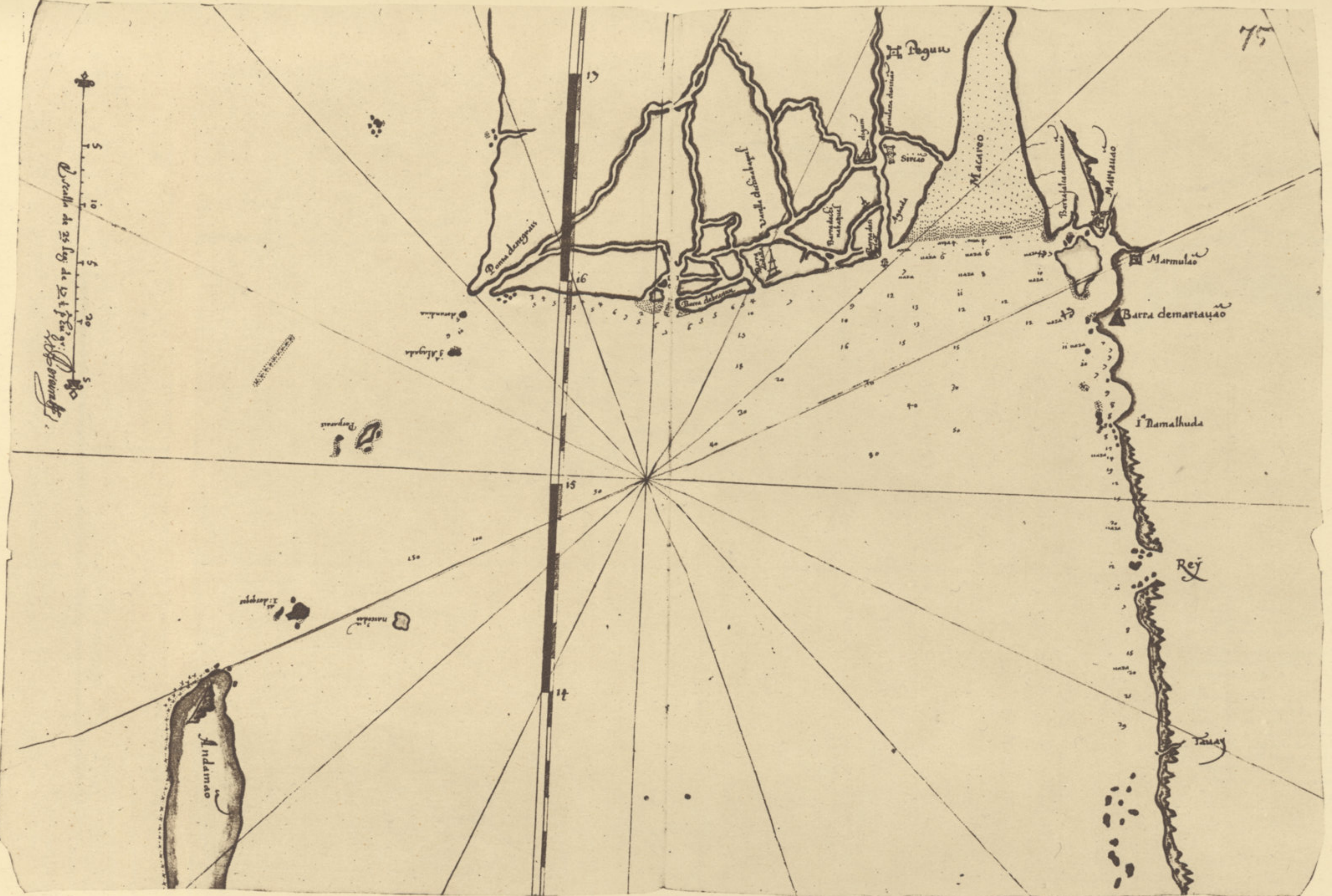
Dr. W. A. Engelbrechts

Maritiem Museum "Prins Hendrik", Rotterdam

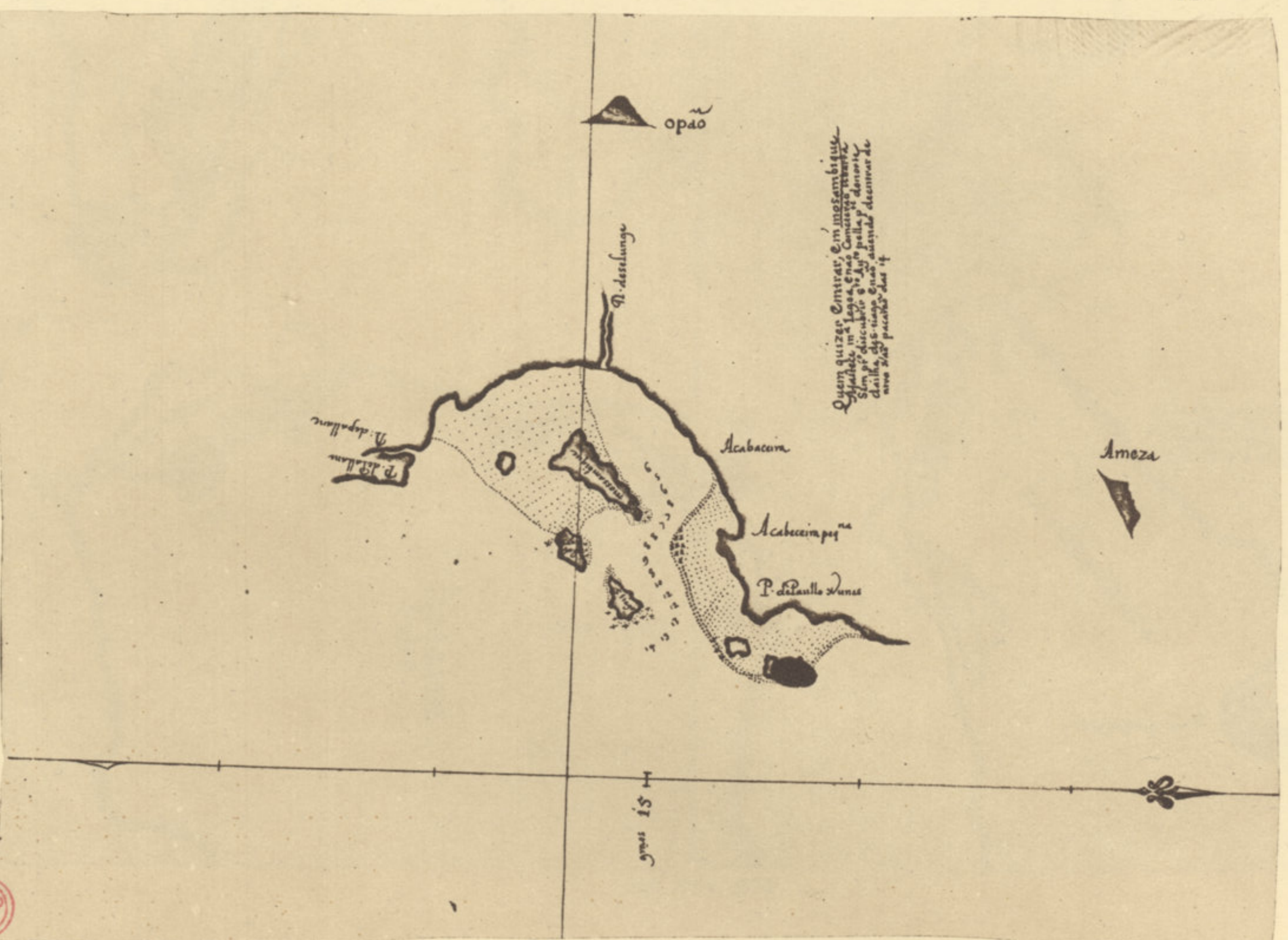




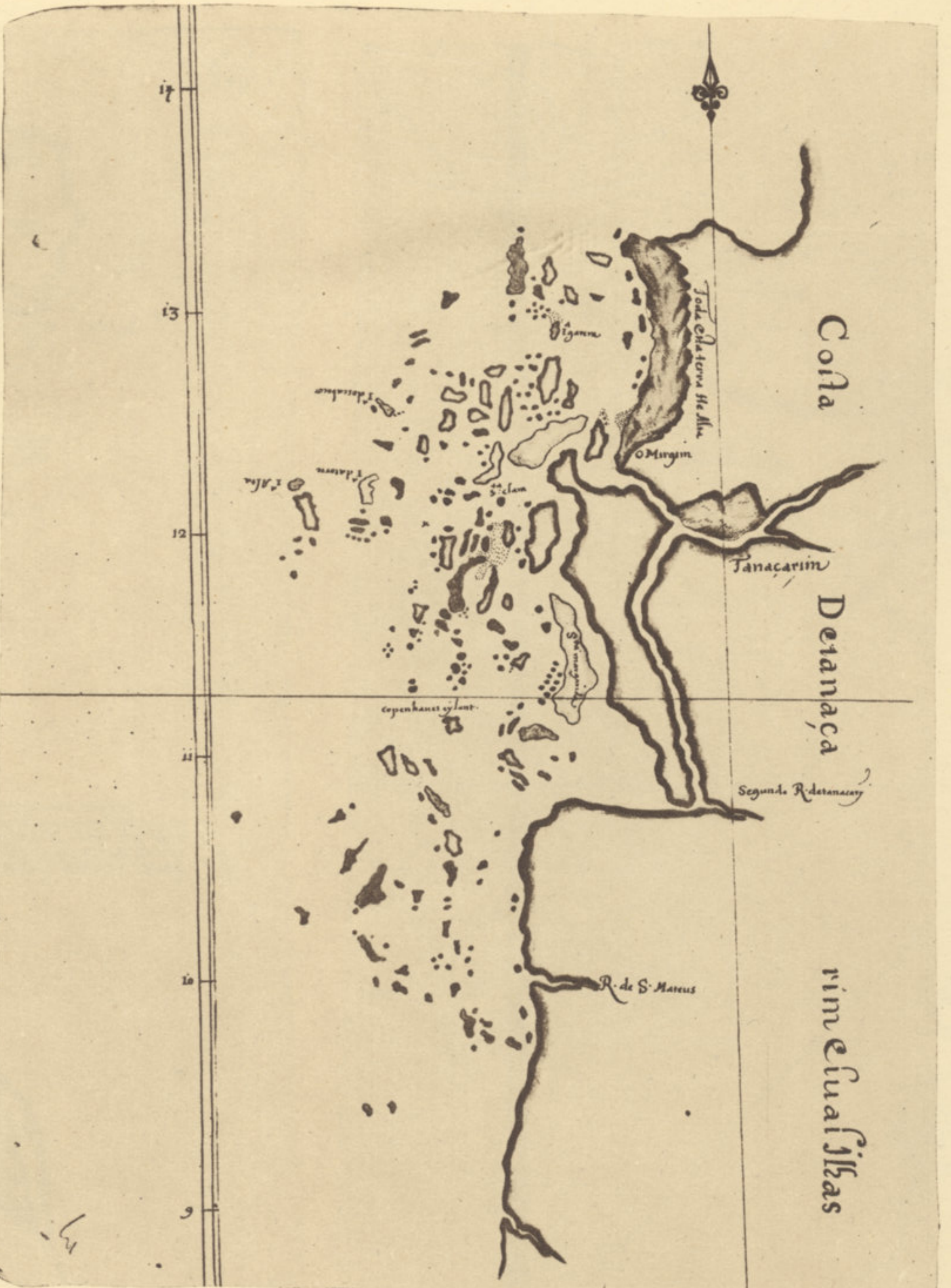
Original 290 × 424 mm. Fol. 52 v.-53 r. A



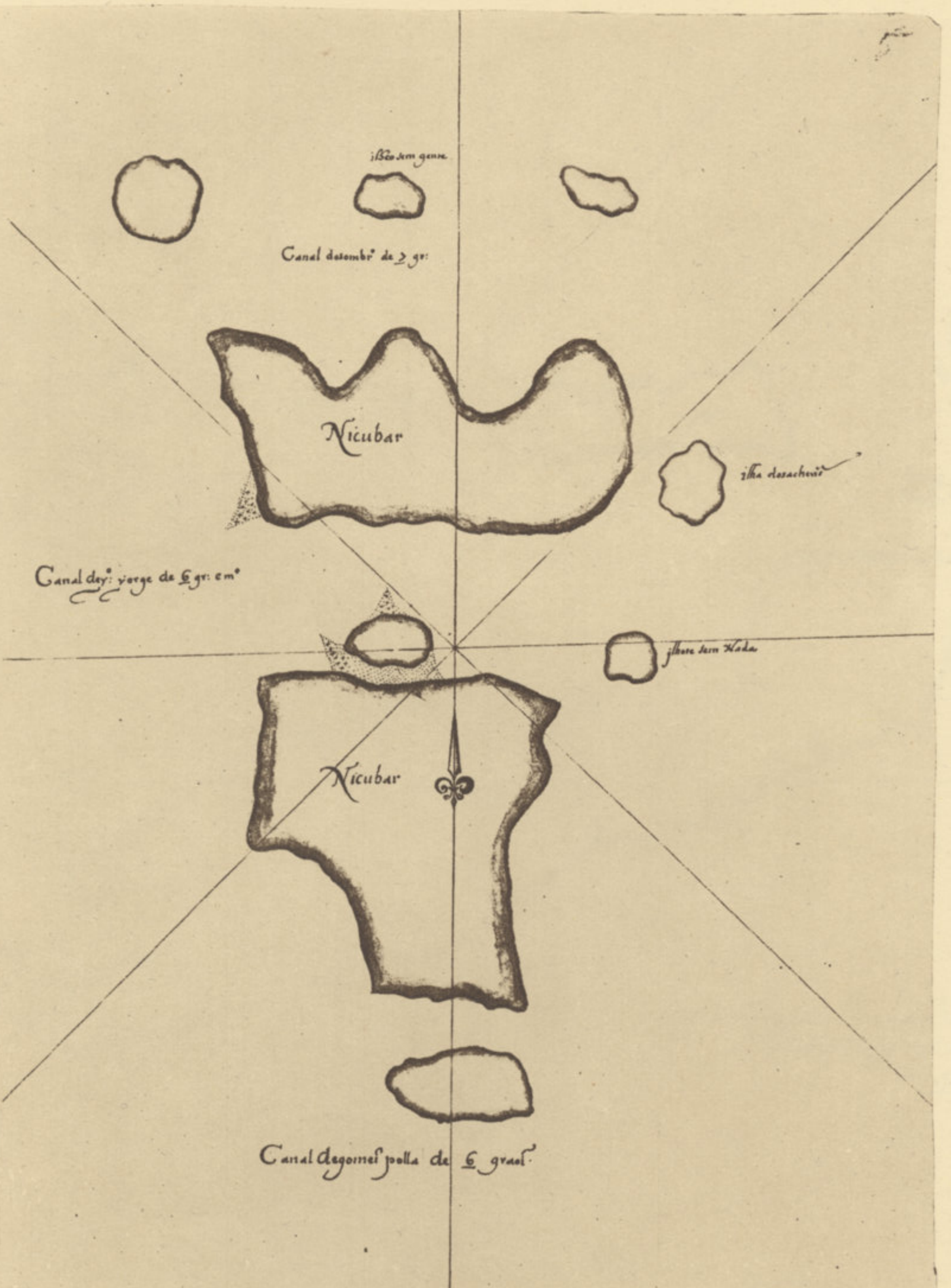
Fol. 74 v.-75 r. B



Original 212 × 290 mm. Fol. 6 v. C



Fol. 3 r. D

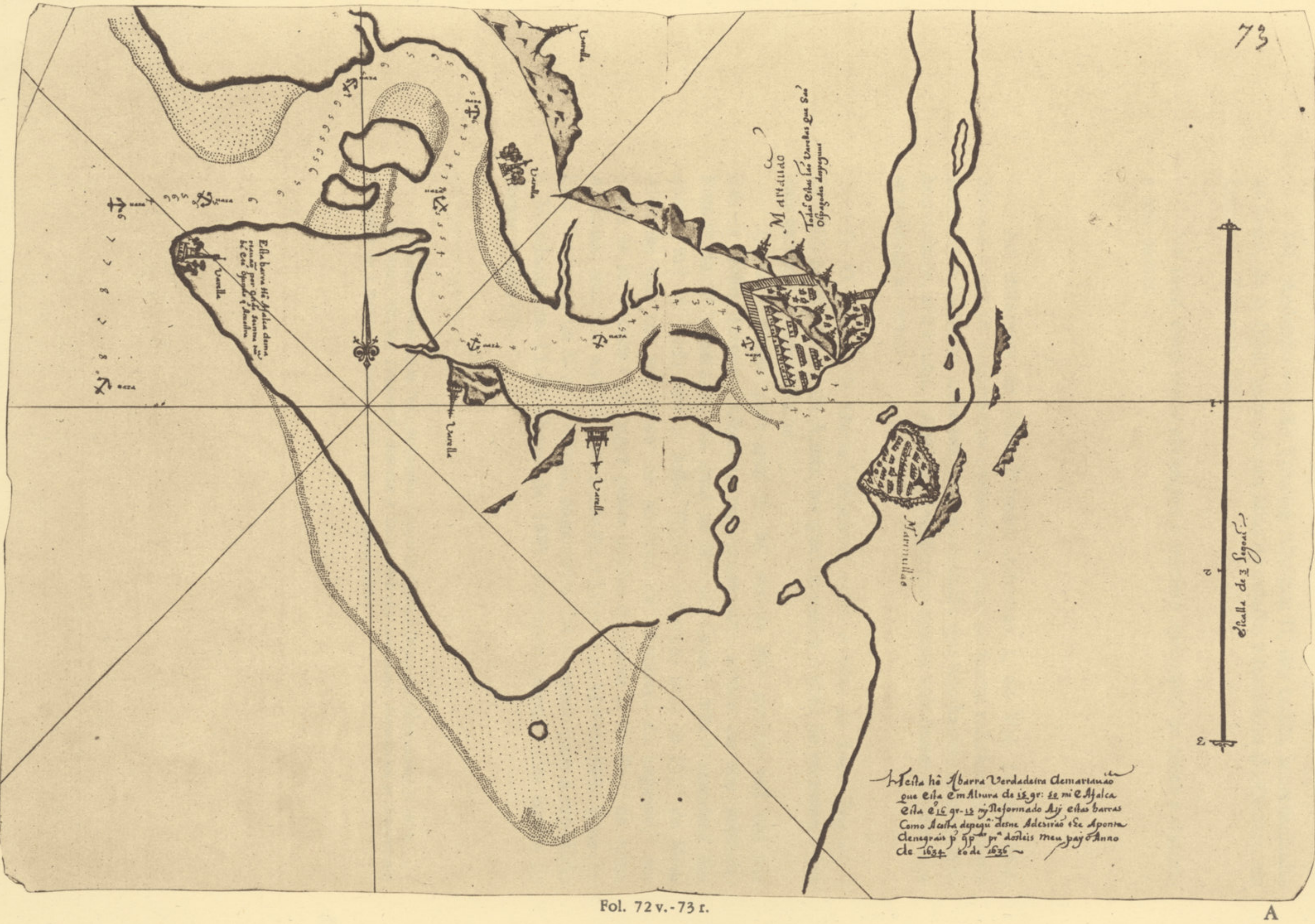


Fol. 5 r. E

ANDRÉ PEREIRA DOS REIS, 1656-1660

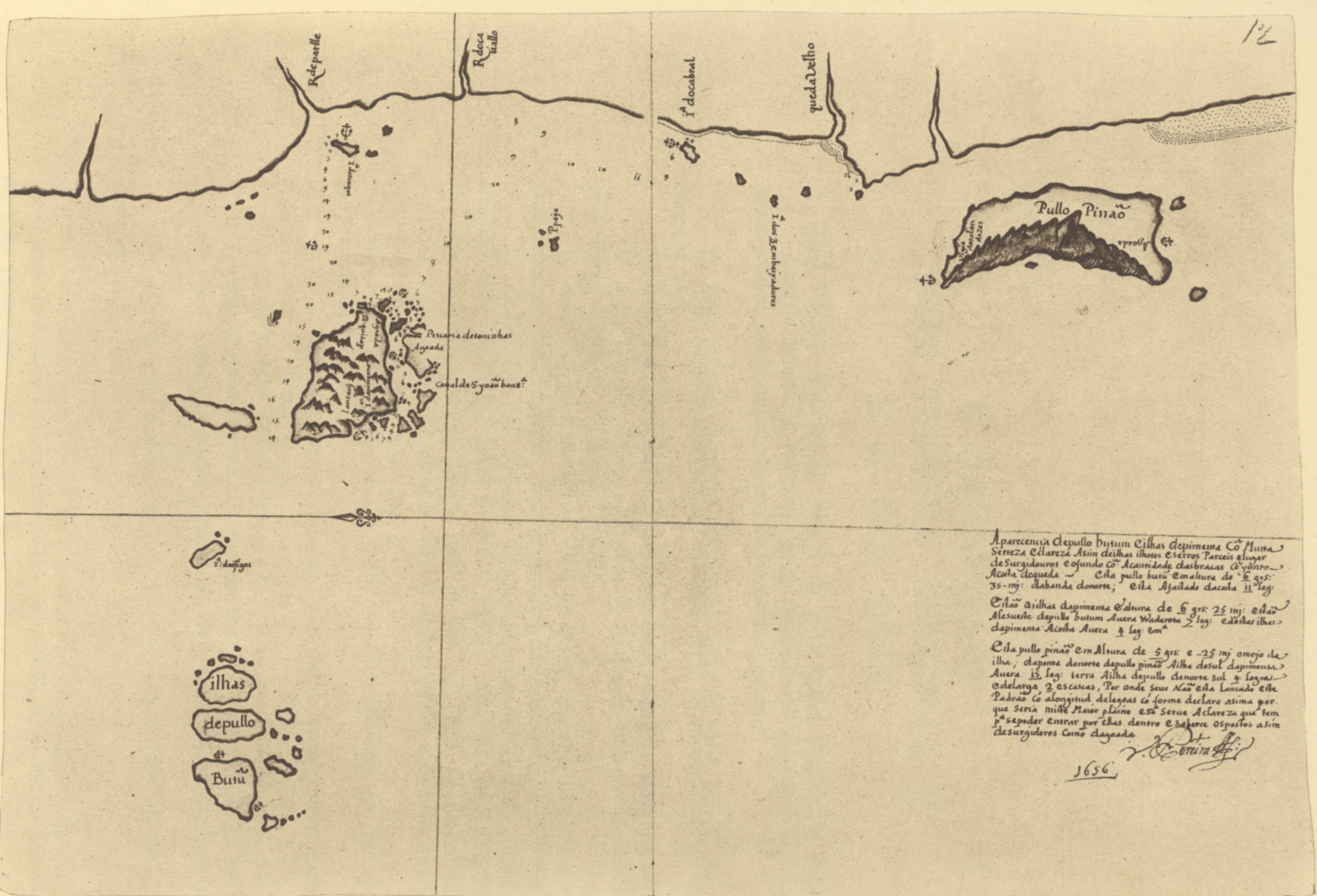
Códice com dezoito cartas e vistas – Codex with eighteen charts and views

Sociedade de Geografia de Lisboa



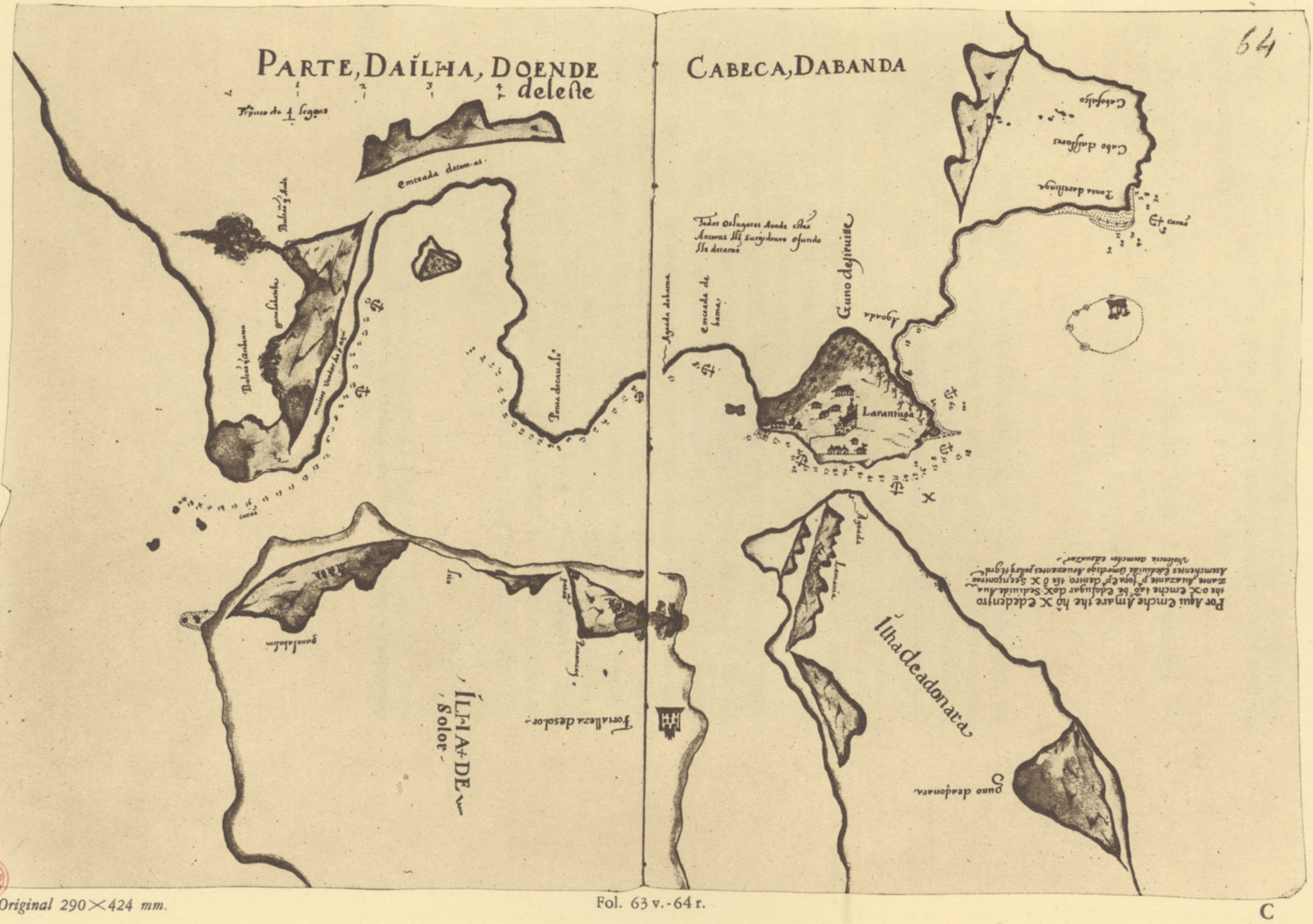
Fol. 72 v.-73 r.

A



Fol. 11 v.-12 r.

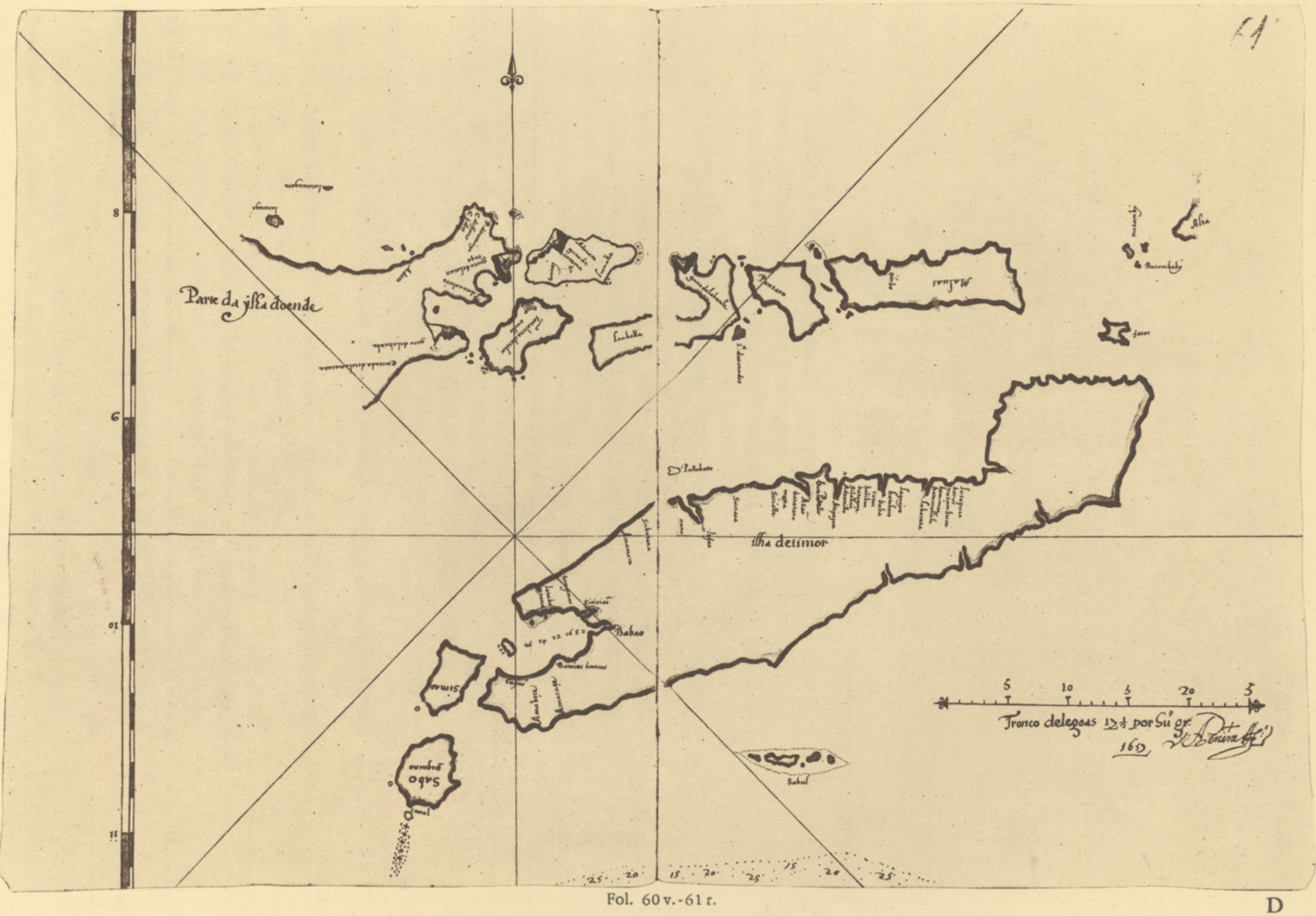
B



Original 290×424 mm.

Fol. 63 v.-64 r.

C



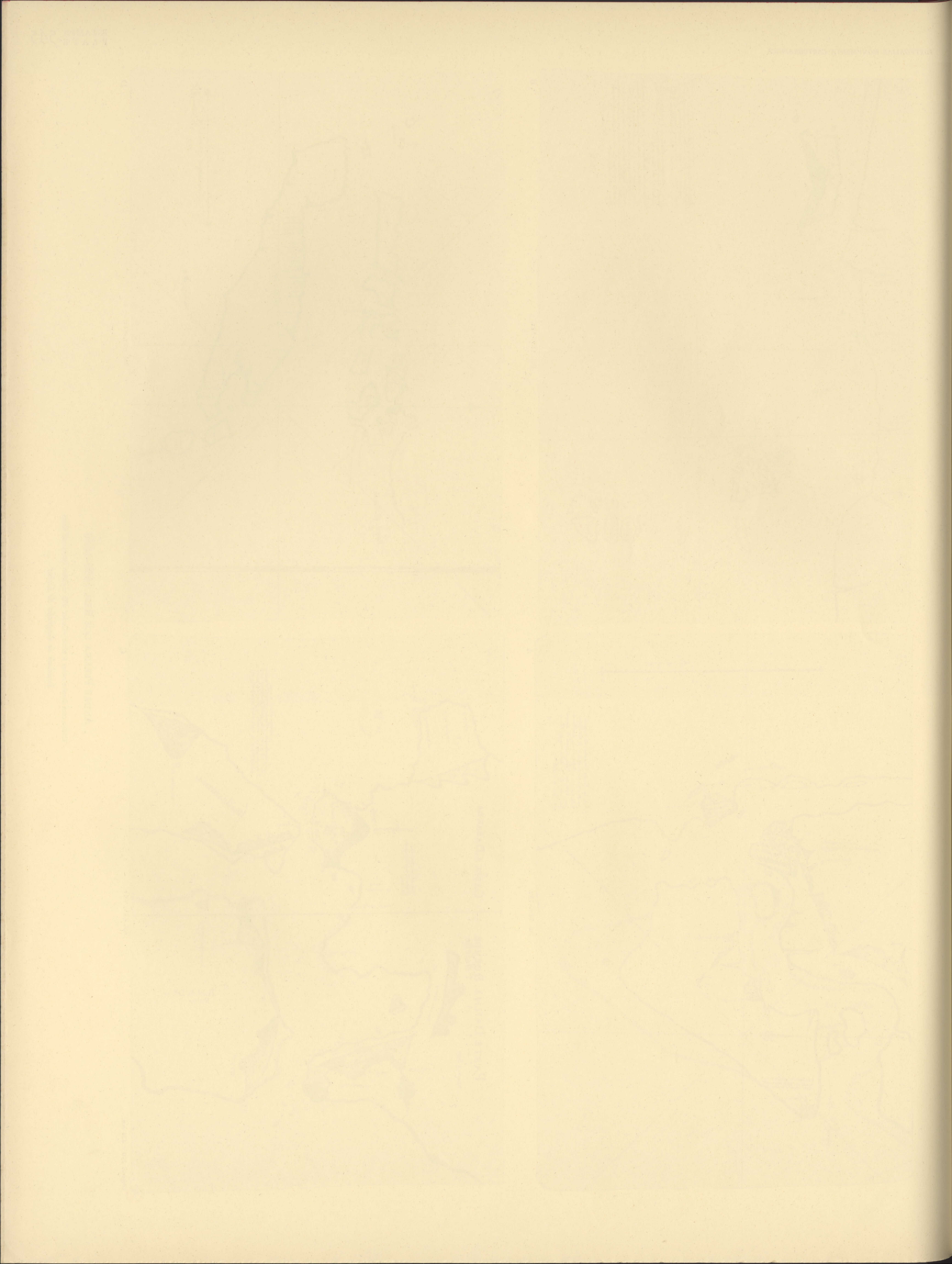
Fol. 60 v.-61 r.

D

ANDRÉ PEREIRA DOS REIS, 1656-1660

Códice com dezoito cartas e vistas – Codex with eighteen charts and views

Sociedade de Geografia de Lisboa



O CARTÓGRAFO JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II E A SUA OBRA

JOÃO Teixeira Albernaz II, neto e, de certo modo, sucessor de João Teixeira Albernaz I, foi o cartógrafo português da segunda metade do século XVII de quem maior número de obras nos chegou:

1) João Teixeira Albernaz (I ou II?), carta de 1655, em Londres. Estampa 546.
2) João Teixeira Albernaz II, carta de 1665, em Yale. Estampa 547.
3) João Teixeira Albernaz II, atlas de África de 1665, com vinte e nove cartas, em Paris. Estampas 553-561.
4) João Teixeira Albernaz II, atlas do Brasil de 1666, com trinta e uma cartas, no Rio de Janeiro. Estampas 562 A, 563 A, 564-566, 567 A-567 E.
5) Anónimo — João Teixeira Albernaz II, atlas do Brasil de c. 1666, truncado, com vinte e nove cartas, no Rio de Janeiro. Estampas 562 B e 563 B.
6) João Teixeira Albernaz II, carta de 1667, em Paris. Estampa 548.
7) João Teixeira Albernaz II, atlas do Brasil de 1670, com trinta e uma cartas, em Nova Iorque. Estampas 562 C e 563 C.
8) João Teixeira Albernaz II, carta de 1675, existente no Rio de Janeiro. Estampa 549.
9) João Teixeira Albernaz II, atlas do Brasil de c. 1675, com trinta e duas cartas, em Nova Iorque. Estampas 562 D, 563 D, 567 F, 567 G.
10) João Teixeira Albernaz II, carta de 1676, em Londres. Estampa 550.
11) João Teixeira Albernaz II, carta de 1677, em Paris. Estampa 551.
12) João Teixeira Albernaz II, carta de 1679, desaparecida mas impressa na época uma parte. Estampa 552 A.
13) João Teixeira Albernaz II, fragmento de carta de 1681, em Évora. Estampa 552 B.

Atribuímos também a João Teixeira Albernaz II a seguinte obra, de que trataremos adiante ao ocuparmo-nos da cartografia do «Livro do Estado da India Oriental»:

14) Anónimo — João Teixeira Albernaz II, seis cartas, acompanhadas de texto, de c. 1660, parte de um atlas de cidades e fortalezas do Oriente, em Londres. Estampa 586 I.

No total, estas obras abrangem o número apreciável de cento e sessenta e seis cartas.

ELEMENTOS BIOGRÁFICOS

Ao tratarmos de João Teixeira Albernaz I, no Vol. IV, pp. 80-6, citámos todos os documentos conhecidos onde se fazem referências a cartógrafos com tal nome, e destrinçámos a confusão que tem havido entre os dois homónimos, avô e neto. Apurámos então que apenas dois desses documentos se referem ao neto:

1) O parecer de Manuel Pimentel sobre o atlas de João Teixeira I de 1642, na Biblioteca da Ajuda, no qual se indica o grau de parentesco dos dois cartógrafos homónimos;
2) O «Decreto pelo qual S. M. manda dar quatro mil reis por mês a João Teixeira Albernas por conta dos soldos de seu sobrinho Fran.^{co} da Sª Albernas», no qual se lê: «O Cons.º Vltr.º mandará dar quatro mil rs. cada mes a João Theix.ª Albernas thio de Fr.^{co} da Silua Albernas que me vay seruir no socôrro de Mombaça de engenhr.º dos quaes se ha o cons.º de pagar pellos soldos q̃ vencer o d.º Fr.^{co} da sylua Albernas, emq.^{to} se naõ restetuir a este Rn.º Lix.ª 22 de M.^{co} de 699. Rey» (1). Este Francisco da Silva Albernaz, engenheiro, foi nomeado para a expedição a Mombaça em 15 de Março de 1699, falecendo poucos dias depois de chegar a Goa (2).

(1) Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Livro 1º de Decretos (Conselho Ultramarino), fl. 197 v.
(2) Sousa Viterbo, *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a Serviço de Portugal*, Vol. I, p. 6. Lisboa 1899.

THE CARTOGRAPHER JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II AND HIS WORK

JOÃO Teixeira Albernaz II, grandson and (in a sense) successor of João Teixeira Albernaz I, was the Portuguese cartographer of the second half of the XVII century by whom the greatest number of works have reached us:

1) João Teixeira Albernaz (I or II?), chart of 1655, in London. Plate 546.
2) João Teixeira Albernaz II, chart of 1665, at Yale. Plate 547.
3) João Teixeira Albernaz II, atlas of Africa, 1665, with twenty-nine maps, in Paris. Plates 553-561.
4) João Teixeira Albernaz II, atlas of Brazil, 1666, with thirty-one maps, in Rio de Janeiro. Plates 562 A, 563 A, 564-566, 567 A-567 E.
5) Anonymous — João Teixeira Albernaz II, atlas of Brazil, c. 1666, mutilated, with twenty-nine maps, in Rio de Janeiro. Plates 562 B and 563 B.
6) João Teixeira Albernaz II, chart of 1667, in Paris. Plate 548.
7) João Teixeira Albernaz II, atlas of Brazil, 1670, with thirty-one maps, in New York. Plates 562 C and 563 C.
8) João Teixeira Albernaz II, chart of 1675, extant in Rio de Janeiro. Plate 549.
9) João Teixeira Albernaz II, atlas of Brazil, c. 1675, with thirty-two maps, in New York. Plates 562 D, 563 D, 567 F, 567 G.
10) João Teixeira Albernaz II, chart of 1676, in London. Plate 550.
11) João Teixeira Albernaz II, chart of 1677, in Paris. Plate 551.
12) João Teixeira Albernaz II, chart of 1679, now lost, but partly engraved at the time. Plate 552 A.
13) João Teixeira Albernaz II, fragment of a chart, 1681, at Évora. Plate 552 B.

We also attribute to João Teixeira Albernaz II the following work, which we shall discuss later in dealing with the «Livro do Estado da India Oriental»:

14) Anonymous — João Teixeira Albernaz II, six maps accompanied by text, c. 1660, being part of an atlas of cities and fortresses of the East, in London. Plate 586 I.

In all, these works reach the substantial total of one hundred and sixty-six maps.

BIOGRAPHICAL ELEMENTS

In dealing with João Teixeira Albernaz I, in Vol. IV, pp. 80-6, we cited all the known documents referring to cartographers of this name, and disentangled the confusion which had arisen between the grandfather and grandson of the same name. We pointed out that only two of these documents relate to the grandson:

1) The report of Manuel Pimentel on the atlas of 1642 by João Teixeira I in the Biblioteca da Ajuda, indicating the degree of relationship of the two cartographers with the same name.
2) The «Decree by which His Majesty orders four thousand *reis* a month to be given to João Teixeira Albernas on account of the pay of his nephew Fran^{co} da Sª Albernas», in which we read: «The Conselho Ultramarino will order that four thousand *reis* be given each month to João Teixeira Albernas, uncle of Francisco da Silva Albernas who is going to serve me as an engineer in the relief of Mombasa, which payments the Council is to make in respect of the pay due to the said Francisco da Silva Albernas until his return to this Kingdom. Lisbon, 22nd of March 1699. The King» (1). This Francisco da Silva Albernaz, engineer, was appointed to the expedition to Mombasa on 15 March 1699 and died a few days after arriving at Goa (2).

(1) Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Livro 1º de Decretos (Conselho Ultramarino), f. 197 v.
(2) Sousa Viterbo, *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a Serviço de Portugal*, Vol. I, p. 6. Lisboa 1899.

Quando nos ocupámos do parecer de Manuel Pimentel, no Vol. IV, notámos que ele deve ter sido redigido quando o seu autor já era cosmógrafo-mor (foi nomeado em 1687, mas já exercia as funções desde 1680). Aponta Pimentel nesse parecer que, além de João Teixeira Albernaz II, faziam então cartas com perfeição dois outros indivíduos, cujos nomes não cita, e que haviam sido mandados ensinar por ordem de Sua Magestade. Como há um documento de 1706 indicando que desde 1695, também por instruções reais, o cartógrafo José da Costa Miranda estivera, durante dez anos, ensinando no seu ofício dois indivíduos, deduzimos então que o parecer de Pimentel devia ser dos últimos anos do século XVII ou dos primeiros do seguinte. Verificámos posteriormente que em 1676 se dera um caso absolutamente paralelo, tendo o cartógrafo António de Miranda recebido o encargo de ensinar dois indivíduos durante três anos (3). Em face desta duplicação de situações idênticas, somos forçados agora a concluir que o parecer de Pimentel pode ser anterior de uns vinte anos à data que havíamos proposto, e não podemos assim ir além de um vago período de cerca 1680 a cerca 1705 para a data da sua redacção.

De qualquer maneira, o segundo documento que apresentamos acima mostra que João Teixeira Albernaz II ainda vivia em 1699. Fora isto e o facto de ser neto de João Teixeira Albernaz II, nada mais sabemos da sua vida.

A OBRA

A obra de João Teixeira Albernaz II revela forte influência do seu homónimo avô, sendo provável que tivesse aprendido com este. Mas embora o seu estilo seja inferior, as obras menos belas, o traçado e a letra mais descuidados, pode considerar-se ainda um bom cartógrafo. As cartas soltas da sua autoria que nos chegaram são quase todas do mesmo tipo, e os atlas do Brasil repetem, embora com progressos de traçado nalgumas áreas, os de João Teixeira I.

Mesmo assim, os seus atlas do Brasil — ou antes os protótipos de algumas das suas cartas — influenciaram os cartógrafos holandeses como averiguou Jaime Cortesão a propósito da carta do Brasil holandês de Maregraf (1643) e de várias cartas de Vingboons (1665) e Van Keulen (1680) (4).

O atlas de África, de 1665, é sem dúvida a mais importante das obras suas que nos chegaram. Única no seu género (embora seja de admitir que ele tenha feito outros exemplares, e até mesmo que o tipo primitivo da obra fosse criação de João Teixeira Albernaz I), providencialmente salva devido ao facto de ter sido encomendada por um francês, revela-nos um dos mais importantes aspectos da influência da cartografia portuguesa na estrangeira durante a segunda metade do século XVII, numa época em que já dificilmente se admitiria, *a priori*, que tal sucedesse.

O facto de uma carta sua ter servido de base aos técnicos portugueses na Conferência de Badajoz (1681), quando da questão da Colónia do Sacramento, tendo aqueles dito ser ele «bem conhecido em toda a Europa», e o louvor que Manuel Pimentel lhe dirige no parecer sobre o atlas de 1642 de seu avô, acima apontado, indicam que João Teixeira Albernaz II gozou de consideração no seu tempo pela maneira como exerceu o seu mister.

OITO CARTAS DE 1655 A 1681

CARTA DE 1655

ESTAMPA 546

Esta carta encontra-se no British Museum, onde tem a cota «Add. MS. 17938.C». Manuscrita e colorida, traçada em duas peles de pergaminho coladas, 828 × 1.198 mm, representa grande parte do Atlântico e a zona ocidental do Índico. No canto inferior direito tem a assinatura *Por João teixeira o Anno de 1655*, e em baixo, na parte central, o visto de *Ant.º de mariz Carn.ro*, que foi cosmógrafo-mor desde 1631 e ainda vivia em 1666.

Tanto quanto sabemos, esta carta foi apenas referida de passagem por Harrisse e Caraci, afirmando ambos, aliás erradamente, que se trata de duas cartas de 1655, quando na realidade é só uma (5). Ao tratarmos de

---

(3) Ocupar-nos-emos destes casos e dos respectivos documentos, mais detalhadamente, ao tratar, adiante, do cartógrafo José da Costa Miranda.

(4) Jaime Cortesão, *O Brasil nos Velhos Mapas*, Capítulo III, no prelo.

(5) H. Harrisse, *Découverte et évolution cartographique de Terre-Neuve*, p. 303, Paris-Londres 1900; G. Caraci, *Appunti sui cartografi portoghesi Teixeira e specialmente su João Teixeira*, in *La Bibliofilia*, Anno XLIV, Dispensa 1.ª-3.ª, pp. 36-7, Firenze 1942. Talvez as duas peles de pergaminho tivessem estado em qualquer época descoladas (como ainda se verifica com a carta, do mesmo autor, de 1676, também no British Museum), e isso desse origem à ideia de que se tratava de duas cartas.

In our study of Manuel Pimentel's report, in Vol. IV, we noted that it must have been prepared when its author was already cosmographer-major (he was appointed in 1687, but had carried out the duties since 1680). In his report Pimentel records that, besides João Teixeira Albernaz II, two other persons (whom he does not name) were at that time making good charts, and that they had, by His Majesty's command, been commissioned to receive instruction. As a document of 1706 shows that, also by royal order, the cartographer José da Costa Miranda had since 1695, that is for ten years, been instructing two persons in his duties, we inferred that Pimentel's report must date from the last years of the XVII or first years of the XVIII century. We subsequently noted an exactly similar case in 1676, when the cartographer António de Miranda was charged to instruct two persons for three years (3). This repetition of identical situations compels us to admit that Pimentel's report may be some twenty years earlier than we suggested, and we cannot date it more precisely than to the period c. 1680 to c. 1705.

However that may be, the second document cited above shows that João Teixeira Albernaz II was still alive in 1699. Beyond this, and the fact that he was the grandson of João Teixeira Albernaz I, nothing is known of his life.

THE WORK

The work of João Teixeira Albernaz II betrays the strong influence of his grandfather of the same name, who was probably his master. Although his style is inferior, the works being less beautiful and the drawing and lettering more careless, he may still be considered a good cartographer. The surviving single charts from his hand are almost all of the same type, and his atlases of Brazil repeat those of João Teixeira Albernaz I, although with some advance in the drawing of certain regions.

Nevertheless the Brazil atlases of João Teixeira Albernaz II — or rather the prototypes of some of his maps — influenced the Dutch cartographers, as Jaime Cortesão has shown in connection with the map of Dutch Brazil by Maregraf (1643) and various maps by Vingboons (1665) and Van Keulen (1680) (4).

The atlas of Africa, 1665, is undoubtedly the most important of his known works. The only atlas of its kind (although we must suppose that he prepared other copies, and even that its prototype was the work of João Teixeira Albernaz I), it owes its providential survival to the fact that it was commissioned by a Frenchman. It thus throws light on one of the most significant aspects of the influence exercised by Portuguese cartography abroad during the second half of the XVII century, when — *a priori* — such influence might hardly be supposed to exist.

That João Teixeira Albernaz II earned the respect of his contemporaries by the way in which he practised his art is testified to by the use of one of his charts by the Portuguese experts at the Conference of Badajoz (1681), on the question of the Colony of Sacramento, by their assertion that he was «well known in all Europe», and by Manuel Pimentel's eulogy of him in the report on his grandfather's atlas of 1642 cited above.

EIGHT CHARTS, 1655 TO 1681

CHART OF 1655

PLATE 546

This chart is in the British Museum, London, with the classmark «Add. MS. 17938.C». It is drawn and illuminated on two skins of vellum pasted together, measuring overall 828 × 1,198 mm, and represents a large part of the Atlantic Ocean and the western section of the Indian Ocean. In the lower right-hand corner is the signature «By João Teixeira, in the year 1655», and at the bottom, in the centre, the visé of António de Mariz Carneiro, who became cosmographer-major in 1631 and was still alive in 1666.

So far as we know, this chart has been noticed, in passing, only by Harrisse and Caraci, both of whom erroneously refer to two charts, whereas in fact there is only one (5). In our discussion of João Teixeira I we expressed doubt

---

(3) We shall deal later, and in more detail, with these cases and their respective documents in discussing the cartographer José da Costa Miranda.

(4) Jaime Cortesão, *O Brasil nos Velhos Mapas*, Chapter III, in the press.

(5) H. Harrisse, *Découverte et évolution cartographique de Terre-Neuve*, p. 303, Paris-Londres 1900; G. Caraci, *Appunti sui cartografi portoghesi Teixeira e specialmente su João Teixeira*, in *La Bibliofilia*, Anno XLIV, Dispensa 1.ª-3.ª, pp. 36-7, Firenze 1942. Perhaps the two vellum skins were once separated (as has happened with the chart of 1676 by the same author, also in the British Museum), and so the idea arose that there were two charts.

João Teixeira I expusemos as dúvidas que se nos ofereciam quanto a atribuir esta carta ao avô ou ao neto, embora então nos inclinássemos para o último (6). Ao rever de novo o assunto sentimos dificuldade em nos pronunciarmos. A letra é, de uma maneira geral, menos cuidada do que nas obras do avô, o que levaria a considerar a carta do neto. Por outro lado, há zonas — como no Mar Roxo e Golfo Pérsico — onde na forma de escrita da nomenclatura se notam grandes semelhanças em relação à carta do avô de 1649. A assinatura, embora em letra corrente, não tem o apelido Albernaz, que vem em todas as outras obras do neto, e a caligrafia é um tanto diferente das assinaturas que se vêem nestas. Preferimos, por isso, deixar a dúvida em aberto, esperando que alguém a venha resolver. Entre Portugal e a Índia vêem-se na carta uma série de pontos assinalando a derrota de um navio, o que faz supor que ela foi utilizada para navegar.

CARTA DE 1665

ESTAMPA 547

Esta carta está agora na Biblioteca da Universidade de Yale, que a comprou, por £ 225, aos livreiros londrinos Francis Edwards Ltd, em Março de 1954. Estes haviam-na adquirido, em Setembro de 1953, num leilão de Glendining & Co., em Londres (7). Desconhecemos a sua história anterior.

Trata-se de uma carta manuscrita e colorida, traçada em duas peles de pergaminho (8), 862 × 1.277 mm, representando o Atlântico, a metade ocidental do Índico e o extremo sueste do Pacífico. No canto inferior direito traz a assinatura e a data: *Feita Por João teix.ra Albernas Cosmographo dos Reinos de Portugal por Sua Mag.de Anno de 1665 Lx.a*

CARTA DE 1667

ESTAMPA 548

Esta carta encontra-se actualmente na Bibliothèque Nationale de Paris, com a cota «Dépôt 116.0.11» (antiga «Arch. n.º 18»), fazendo parte da valiosa colecção do Service Hydrographique de la Marine. Traçada em duas peles de pergaminho, manuscrita e colorida, 770 × 1.293 mm, representa o Atlântico, a parte ocidental do Índico e o sueste do Pacífico. Na parte inferior, a meio, traz a assinatura e a data: *Feita por João teix.ra Albernas Cosmographo de Sua Mag.de o Anno de 1667*. É ornamentada com duas imagens da Virgem e uma de Santo António.

Foi referida por Harrisse (o qual assinalou que o desenho e nomenclatura da Terra Nova em várias cartas holandesas da segunda metade do século XVII provêm de um tipo português representado nesta carta de João Teixeira II), Fontoura da Costa, Caraci e Kammerer, dando este último uma reprodução a cores da parte para leste do Cabo da Boa Esperança (9).

CARTA DE 1675

ESTAMPA 549

Encontra-se na Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, tendo o número de inventário 9349. Traçada em duas peles de pergaminho, manuscrita e colorida, 790 × 1.315 mm, representa o Atlântico Norte. Em baixo, à direita, traz a assinatura e a data: *Feita por João Teix.ra Albernas. Cosmographo dos Reinos de portugal Anno de 1675*. Encontra-se em mau estado, com parte dos nomes ilegíveis.

Foi descrita por Isa Adonias (10).

---

(6) Vol. IV, p. 83, da presente obra.

(7) Era o n.º 180 de *A Catalogue of objects of Art ... for sale by auction... on September 30th 1953*, de Glendining & Co.

(8) As quais devem ter estado muito tempo dobradas uma sobre a outra, o que fez com que a tinta das rosas-dos-ventos e dos escudos passasse de uma pele para a outra, como se nota na nossa reprodução.

(9) Harrisse, *op. cit.* na nota (5), p. 287. Fontoura da Costa, *Catálogo da Exposição de Cartografia* in *Congresso do Mundo Português – Memórias*, Vol. IV, n.º 4, p. 402. Lisboa 1960. Caraci, *op. cit.* na nota (5), p. 47. A. Kammerer, *La Mer Rouge, l'Abyssinie et l'Arabie aux XVIe et XVIIe siècles et la cartographie des portulans du monde oriental*, Tome III, 3e Partie, p. 227, Pl. CLXIV. Le Caire 1952. A América do Sul foi reproduzida na *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. III, p. 137. Lisboa 1940.

(10) Isa Adonias, *As peças raras da mapoteca do Ministério das Relações Exteriores*, p. 29. Rio de Janeiro 1956.

whether the chart should be ascribed to the grandfather or the grandson, although we then inclined to the latter (6). After reviewing the problem we find it difficult to arrive at a decision. The writing is on the whole less careful than is usual in the grandfather's work, which suggests that the chart may be by the grandson. On the other hand, there are areas — as in the Red Sea and Persian Gulf — where the script of the nomenclature shows close affinities with that in the grandfather's chart of 1649. The signature, although in cursive script, does not contain the surname Albernaz, which occurs in all other works by the grandson, and its calligraphy is somewhat different from that of their signatures. We therefore prefer to leave the question open, in the hope that someone will eventually resolve it. A dotted line between Portugal and India on the chart marks the track of a ship, suggesting that it was used in navigation.

CHART OF 1665

PLATE 547

This chart is preserved now at Yale University Library, which purchased it in March 1954, for £ 225, from the London booksellers Francis Edwards Ltd. They had previously acquired it in an auction sale held in September 1953 by Glendining & Co., of London (7). Its earlier history is unknown.

The chart is drawn and illuminated on two skins of vellum (8), measuring overall 862 × 1,277 mm, and represents the Atlantic, the western half of the Indian Ocean and the extreme south-east of the Pacific. In the lower right-hand corner are the signature and date: «Made by João Teixeira Albernaz, Cosmographer of the Kingdoms of Portugal, for His Majesty in the year 1665 at Lisbon».

CHART OF 1667

PLATE 548

This chart is in the valuable collection of the Service Hydrographique de la Marine, now in the Bibliothèque Nationale, Paris, with the classmark «Dépôt. 116.0.11» (formerly «Arch. no. 18»). Drawn and illuminated on two skins of vellum, measuring overall 770 × 1,293 mm, it represents the Atlantic, the western Indian Ocean and the south-east Pacific. In the lower part, placed centrally, are the signature and date: «Made by João Teixeira, Cosmographer of His Majesty, in the year 1667». It is decorated with two images of the Virgin and one of St Anthony.

The chart has been referred to by Harrisse (who pointed out that the design and nomenclature of Terra Nova in several Dutch maps of the second half of the XVII century derive from a Portuguese prototype represented in this chart by João Teixeira II), Fontoura da Costa, Caraci and Kammerer; and Kammerer reproduced in colour the part to the east of the Cape of Good Hope (9).

CHART OF 1675

PLATE 549

This is in the Mapoteca of the Ministry of Foreign Affairs, Rio de Janeiro, with the inventory number 9349. Drawn and illuminated on two skins of vellum, measuring overall 790 × 1,315 mm, it represents the North Atlantic. At the bottom on the right are the signature and date: «Made by João Teixeira Albernaz, Cosmographer of the Kingdoms of Portugal in the year 1675». It is in poor condition, some of the names being illegible.

The chart has been described by Isa Adonias (10).

---

(6) Vol. IV, p. 83, of the present work.

(7) Lot 180 in *A Catalogue of objects of Art ... for sale by auction ... on September 30th 1953*, of Glendining & Co.

(8) They must at some time have been folded one over the other, causing the ink of the windroses and shields to be offset from one skin to the other, as shown in our reproduction.

(9) Harrisse, *op. cit.* in note (5), p. 287. Fontoura da Costa, *Catálogo da Exposição de Cartografia* in *Congresso do Mundo Português — Memórias*, Vol. IV, n.º 4, p. 402. Lisboa 1960. Caraci, *op. cit.* in note (5), p. 47. A. Kammerer, *La Mer Rouge, l'Abyssinie et l'Arabie aux XVIe et XVIIe siècles et la cartographie des portulans du monde oriental*, Tome III, 3e Partie, p. 227, Pl. CLXIV. Le Caire 1952. South America was reproduced in the *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. III, p. 137. Lisboa 1940.

(10) Isa Adonias, *As peças raras da mapoteca do Ministério das Relações Exteriores*, p. 29. Rio de Janeiro 1956.

CARTA DE 1676

ESTAMPA 550

Esta carta encontra-se no British Museum, Londres, com a cota «Add. MS. 31320 C». É traçada em duas peles de pergaminho, presentemente descoladas, manuscrita e colorida, 813 × 1.173 mm, representando a mesma área que a carta de 1655, isto é, parte do Atlântico e a zona ocidental do Índico. Em baixo, à esquerda, tem a assinatura e a data, *Feita por João Teix.ra Albernas Anno de 1676,* lendo-se por cima a assinatura de Luís Serrão Pimentel, que era então o Cosmógrafo-mor. Em baixo, à direita, tem outra assinatura, de que só decifrámos o nome do meio, *Paez,* e que deve ser a de algum proprietário da carta. Na carta estão marcadas as posições de um navio numa viagem de Lisboa para Goa, pelo que é de supor que ela tenha sido utilizada para navegar. Ao largo do sudoeste africano e na zona dos Açores para Lisboa também estão assinaladas outras posições.

Foi referida pelo Conde de Tovar, Fontoura da Costa e Caraci (11).

No interior da África há um quadro contendo oito troncos-de-léguas para latitudes de 10º a 45º, de 5 em 5 graus. Trata-se da mais antiga carta portuguesa que conhecemos com tais escalas. Nos princípios do século XVII João Baptista Lavanha propusera o emprego de troncos particulares para as várias latitudes (12), mas deviam ser volantes, pois não se conhece nenhuma carta com eles anterior a 1676. Fala dos troncos particulares Luís Serrão Pimentel (13), em 1673; e o P.e António Carvalho da Costa (14), em 1686, dá a entender que o seu uso era recente. Os troncos particulares aparecem também em cartas de José da Costa Miranda datadas de 1681, 1685, 1688 e 1706, mas o seu emprego não deve ter durado muito, pois começaram então a fazer-se em Portugal cartas de latitudes crescidas, e em 1712 Manuel Pimentel (15) desaconselhava o uso daqueles.

CARTA DE 1677

ESTAMPA 551

Actualmente depositada na Bibliothèque Nationale de Paris, com a cota «Soc. Géogr. Og. 21», existe uma carta traçada em pergaminho, manuscrita e colorida, 500 × 615 mm, representando o sudoeste do Índico, com a costa africana desde o Cabo da Boa Esperança até Mogadoxo. No canto superior esquerdo traz o título, data e assinatura: *Carta do Cabo de Boaesperança ate Mombasa com a demonstracaõ do Rio Zambeze aonde foy a Frota que mando o Principe de Portugal este Anno de 1677 Feita por João Teix.ra Albernas em Lx.a.* Foi reproduzida recentemente por W. G. L. Randles e E. Axelson (16).

O Príncipe referido no título era o então Regente, futuro D. Pedro II, que pôs em execução um plano de colonização da Zambézia, tendo partido de Lisboa, para esse efeito, a 18 de Outubro de 1677, uma expedição de quatro navios (17). O interesse principal da carta que João Teixeira Albernaz II fez nos fins desse ano reside precisamente na representação do *INPERIO DO MANAMOTAPA,* baseada num protótipo parecido com o que utilizou no seu atlas de 1665 (de cuja importância adiante nos ocuparemos).

CARTA DE 1679

ESTAMPA 552 A

No livro *Manifiesto legal, cosmografico, y historico en defensa del derecho de la Magestad Catolica del muy Soberano, y Poderoso Rey de las Españas Don Carlos Segundo, y de la sentẽcia pronunciada por sus Iuezes*

---

(11) Conde de Tovar, *Catálogo dos manuscritos portugueses ou relativos a Portugal existentes no Museu Britânico,* p. 246, Lisboa 1932. Fontoura da Costa, *op. cit.* na nota (9), n.º 84, p. 425. Caraci, *op. cit.* na nota (5) p. 37.

(12) Instruções dadas a Gaspar Jorge do Couto em 13 de Março de 1608, publicadas por A. Fontoura da Costa, *Marinharia dos Descobrimentos,* pp. 253-8, 2.ª edição. Lisboa 1940.

(13) *Prática da Arte de Navegar,* p. 59, edição de A. Fontoura da Costa. Lisboa 1940.

(14) *Compendio geographico distribuido em tres tratados,* I, Cap. XXIV, Lisboa 1686: «Costumam as cartas modernas ter vários troncos de legoas, assim gerais como particulares para diversas alturas, ao menos de sinco em sinco graos de differença, começando de 15 ou 20 para cima até 60 ou 70 ou mais graos, os quais troncos particulares servem para se por o ponto na carta, quando se navega Leste Oeste por parallelo afastado da linha Equinoccial; & pera remediar o erro, que resulta da diversidade entre o espherico, & o plano da carta».

(15) *Arte de Navegar,* 2.ª edição, Cap. XXV. Lisboa 1712. Não pudemos averiguar se na 1.ª edição, de 1699, Manuel Pimentel já expressa tal opinião.

(16) W. G. L. Randles, *South East Africa and the Empire of Monomotapa as shown on selected printed maps of the 16th Century,* in *Studia,* n.º 2, p. 161, Lisboa Julho 1958; Eric Axelson, *Portuguese in South-East Africa 1600-1700,* p. 188, Johannesburg 1960.

(17) Sobre esta tentativa de colonização, ver o Cap. 10 do livro de Axelson referido na nota anterior.

CHART OF 1676

PLATE 550

This chart is in the British Museum, London, with the classmark «Add. MS. 31320 C». Drawn and illuminated on two skins of vellum (now separated), it measures overall 813 × 1,173 mm and embraces the same area as the 1655 chart, that is, part of the Atlantic and the western section of the Indian Ocean. At the bottom, on the left, are the signature and date: «Made by João Teixeira Albernaz in the year 1676», and above is the signature of Luís Serrão Pimentel, then Cosmographer-major. At the bottom, on the right, there is another signature — presumably that of an owner — of which only the middle name *Paez* can be deciphered. On the chart are marked the positions of a ship on voyage from Lisbon to Goa, pointing to its use in navigation. Off the African coast and in the region of the Azores, towards Lisbon, other positions are similarly marked.

The chart has been referred to by the Count de Tovar, Fontoura da Costa and Caraci (11).

In the interior of Africa is a panel with eight league-scales for latitudes 10º to 45º, every five degrees. This is the earliest Portuguese map known to us with such scales. At the beginning of the XVII century João Baptista Lavanha proposed the use of particular scales for different latitudes (12), but the scales must have been on separate slips since no map is known with them before 1676. Luís Serrão Pimentel speaks of particular scales in 1673 (13), and Father António Carvalho da Costa (14) in 1686 indicated that they had recently come into use. Particular scales occur also in maps by José da Costa Miranda dated 1681, 1685, 1688 and 1706, but the fashion cannot have lasted long, since it was at this time that charts with increasing latitudes were beginning to be made in Portugal, and in 1712 Manuel Pimentel (15) advised against the use of such scales.

CHART OF 1677

PLATE 551

Deposited in the Bibliothèque Nationale, Paris, with the classmark «Soc. Géogr. Og. 21», is a chart drawn and illuminated on vellum, measuring overall 500 × 615 mm, and representing the south-west Indian Ocean, with the African coast from the Cape of Good Hope to Mogadishu. In the top left-hand corner are the title, date and signature: «Chart from the Cape of Good Hope to Mombasa with the demonstration of the River Zambezi, where went the fleet sent by the Prince of Portugal in this year 1677. Made by João Teixeira Albernaz in Lisbon». The chart has recently been reproduced by W. G. L. Randles and E. Axelson (16).

The Prince mentioned in the title is the then Regent and future King Pedro II, who put into effect a plan for colonization of Zambezia; to this end an expedition of four ships sailed from Lisbon on 18 October 1677 (17). The principal interest of the chart drawn by João Teixeira Albernaz II at the end of this year lies indeed in the representation of the *INPERIO DO MANAMOTAPA,* after a prototype similar to that used in his atlas of 1665 (to the importance of which we shall devote further study).

CHART OF 1679

PLATE 552 A

In the book by Luis de Cerdeño y Monçon, published c. 1682 (although without date or place of publication) under the title *Manifiesto legal, cosmografico, y historico en defensa del derecho de la Magestad Catolica del muy*

---

(11) Conde de Tovar, *Catálogo dos manuscritos portugueses ou relativos a Portugal existentes no Museu Britânico,* p. 246, Lisboa 1932. Fontoura da Costa, *op. cit.* in note (9), n.º 84, p. 425. Caraci, *op. cit.* in note (5), p. 37.

(12) Instructions given to Gaspar Jorge do Couto on 13 March 1608, published by A. Fontoura da Costa, *Marinharia dos Descobrimentos,* pp. 253-8, 2nd edition. Lisboa 1940.

(13) *Prática da Arte de Navegar,* p. 59, edition by A. Fontoura da Costa. Lisboa 1940.

(14) *Compendio geographico distribuido em tres tratados,* I, Cap. XXIV, Lisboa 1686: «Modern charts usually have several scales of leagues, both general ones and particular ones for different latitudes, at intervals of at least 5 degrees, beginning at 15 or 20 degrees and going up to 60 or 70 or more, and these particular scales serve for pricking the chart in east-west navigation on the parallel displaced from the equinoctial line, and to correct the error which results from the difference between the spherical and the plane chart».

(15) *Arte de Navegar,* 2nd edition, Cap. XXV. Lisboa 1712. We have not been able to ascertain whether Manuel Pimentel expressed the same opinion in the 1st edition, of 1699.

(16) W. G. L. Randles, *South East Africa and the Empire of Monomotapa as shown on selected printed maps of the 16th Century,* in *Studia,* n.º 2, p. 161, Lisboa Julho 1958; Eric Axelson, *Portuguese in South-East Africa 1600-1700,* p. 188, Johannesburg 1960.

(17) On this attempt at colonization, see Chapter 10 of Axelson's book, cited in the preceding footnote.

Comissarios Plenipotenciarios en veinte de Febrero de mil seiscientos y Ochenta y dos, en el Congresso de las dos Coronas de Castilla, y Portugal, celebrada en Badajoz para la decision de la propriedad de las demarcaciones de la America. Y sobre la sitvacion de la nueva Colonia del Sacramento, que à la margen Septentrional del Rio de la Plata embió a fundar el Serenissimo señor Principe D. Pedro, Governador, y Regente del Reyno de Portugal, en el año passado de mil seiscientos y setenta y nueve, da autoria de Luis de Cerdeño y Monçon, publicado sem indicação de local nem de data, mas de c. 1682, vem uma carta impressa, em cuja legenda se lê: *Copia de la carta portuguesa exhibida en el Congresso por los Iueces comissarios de aquella corona por instrumento unico sobre cuyo cuerpo pretendieron seauian de medir las 370 leguas dadas en la concordia de Tordesillas. firmada de Iuan Teixeira de Albornoz.* A mesma carta, sem a indicação do autor e com diferente disposição dos títulos e troncos--de-léguas, vem também publicada no livro, igualmente sem local nem data, mas da mesma época, intitulado *Autos de las Conferencias de los Comissarios de las Coronas de Castilla, y Portugal, que se juntaron en virtude del Tratado Provisional, echo por el Duque de Iovenazo Embaxador Extraordinario, y Plenipotenciario de S. M. Catholica, y el Duque de Caraval, Marques de Frontera, y Fray Don Manuel Pereira, Plenipotenciarios del Serenissimo Principe de Portugal en 7 de Mayo 1681. Sobre la diferencia ocasionada de la fundacion de una Colonia, nombrada del Sacramento en la margen Septentrional del Rio de la Plata, frente de la Isla de San Gabriel.*

Em Janeiro de 1680 os portugueses, querendo firmar o seu domínio na margem norte do Rio da Prata, fundaram a Colónia do Sacramento, a qual foi tomada em Agosto do mesmo ano pelos espanhóis. Pretendiam os portugueses que a Colónia ficava no seu hemisfério, tal como o definia o Tratado de Tordesilhas; e em 7 de Maio de 1681 firmava-se em Lisboa um tratado entre as duas coroas litigantes, pelo qual a Colónia era restituída aos portugueses e se estabelecia que comissários das duas partes se reuniriam em Badajoz a fim de resolverem, à base das estipulações do Tratado de Tordesilhas, a quem ela pertencia de direito. Os comissários reuniram a 4 de Novembro de 1681 e terminaram os trabalhos a 29 de Dezembro, emitindo as duas partes pareceres contrários. Os técnicos do lado português eram o P.e João Duarte e o cosmógrafo-mor Manuel Pimentel Vilasboas.

Existe a respeito desta questão, além dos dois livros acima referidos, uma numerosa documentação, e o assunto foi recentemente estudado com profundidade por Luís Ferrand de Almeida (18). A discussão técnica então estabelecida entre os portugueses e os espanhóis é muito interessante, lamentando não podermos, ao menos, resumi-la aqui, tanto mais que ela tem o maior significado para o estudo da natureza da carta de marear de graus iguais (os espanhóis, como aliás lhes convinha, afirmavam que em tal carta não se podiam medir longitudes).

Os comissários portugueses apresentaram, na realidade, como base do seu parecer uma carta «das que costuma de escreuer o Cosmographo Iohão Teixeira, bem conhecido em toda a Europa», datada de 1679. Os técnicos espanhóis (o P.e João Carlos de Andosilla e o piloto José Gomes Jurado) redigiram uma crítica sobre o uso de tal carta (19). A carta original desapareceu, ficando-nos aquelas gravuras, as quais, a avaliar pela disposição das rosas-dos-ventos, só devem representar uma parte do desenho total. Nas gravuras vêm também triângulos e duplicados de litoral que devem constituir adição dos editores espanhóis com vista a exemplificar as ideias expostas no texto (20).

FRAGMENTO DE CARTA DE 1681

ESTAMPA 552 B

Na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, com a cota «Cod. CXI/1-17», existe um fragmento de carta, manuscrita e colorida, traçada em pergaminho, 307 × 483 mm, tendo na parte inferior a assinatura e a data: *Feita por João Teix.ra Albernas Anno de 1681.* Pela disposição das rosas-

(18) Luís Ferrand de Almeida, *A diplomacia portuguesa e os limites meridionais do Brasil,* Vol. I (1493--1700), Coimbra 1957, principalmente pp. 197-204 e 454 no que respeita à carta de João Teixeira Albernaz.

(19) *Observaciones Geographicas, Regulares y practicas que se han hecho por los Cosmographos del Rey, nuestro señor, sobre la carta Portugueza de Iuan Teseira de Albornoz, publicada el ano passado de 1672* (sic), *de proprio arbitrio se a preferido por los Cosmographos de S. A. El Serenissimo Señor Principe de Portugal, para fundamento unico, y elemental de su discurso y parecer en ynsignuacion al punto mathematico en que suponen haverse de preferir la demarcacion dela America meridional entre las dos Coronas de Castilla y de Portugal,* manuscrito n.º 229, 3.º documento, do Museo Naval de Madrid. Além dos dois livros acima indicados que trazem a gravura da carta, também se ocupa dela D. Juan C. Bazán, *Examen Juridico, y Discurso Historial,* Manuscrito 3042, fls. 66 v - 67, da Biblioteca Nacional de Madrid.

(20) A gravura do livro de Cerdeño y Monçon foi reproduzida por Francisco Vindel, *Mapas de América en los libros españoles de los siglos XVI al XVIII,* pp. 137-8. Madrid 1955. Para a nossa Estampa 552 A recorremos a esta reprodução, por não termos conseguido uma fotografia directamente do livro de Cerdeño y Monçon.

Soberano, y Poderoso Rey de las Españas Don Carlos Segundo, y de la sentēcia pronunciada por sus Iuezes Comissarios Plenipotenciarios en veinte de Febrero de mil seiscientos y Ochenta y dos, en el Congresso de las dos Coronas de Castilla, y Portugal, celebrada en Badajoz para la decision de la propriedad de las demarcaciones de la America. Y sobre la sitvacion de la nueva Colonia del Sacramento, que à la margen Septentrional del Rio de la Plata embió a fundar el Serenissimo señor Principe D. Pedro, Governador, y Regente del Reyno de Portugal, en el año passado de mil seiscientos y setenta y nueve, there is a printed chart, with the legend: «Copy of the Portuguese chart exhibited at the Congress by the Judge-commissioners of that Crown, as the only document on which they claimed to measure the 370 leagues given in the treaty of Tordesillas. Signed by Juan Teixeira de Albornoz». The same chart, without indication of authorship and with a different arrangement of the titles and league-scales, appeared again in another book of the same period, also without date or place of publication, entitled *Autos de las Conferencias de los Comissarios de las Coronas de Castilla, y Portugal, que se juntaron en virtude del Tratado Provisional, echo por el Duque de Iovenazo Embaxador Extraordinario, y Plenipotenciario de S. M. Catholica, y el Duque de Caraval, Marques de Frontera, y Fray Don Manuel Pereira, Plenipotenciarios del Serenissimo Principe de Portugal en 7 de Mayo 1681. Sobre la diferencia ocasionada de la fundacion de una colonia, nombrada del Sacramento en la margen Septentrional del Rio de la Plata, frente de la Isla de San Gabriel.*

In January 1680 the Portuguese, desiring to assert their ownership of the north bank of the River Plate, founded the Colony of Sacramento, which was seized by the Spaniards in August of the same year. The Portuguese claimed that the Colony lay within their hemisphere, as defined in the Treaty of Tordesillas, and on 7 May 1681 the two disputing powers signed a treaty in Lisbon, by which the Colony was restored to the Portuguese and commissioners of both parties were to meet at Badajoz to determine to whom it rightfully belonged under the terms of the Treaty of Tordesillas. The commissioners met on 4 November 1681 and completed their work on 29 December, but their reports failed to agree. The experts on the Portuguese side were Father João Duarte and the cosmographer-major Manuel Pimentel Vilasboas.

Besides the books referred to above, there are numerous documents on this question, which has recently been the subject of a penetrating study by Luís Ferrand de Almeida (18). The technical discussion on this occasion between the Portuguese and the Spaniards is of great interest, and it is the more regrettable that we cannot even summarise it here, as it has the utmost significance in studying the character of the sea-chart of equal degrees (the Spaniards, in conformity with their interest, asserted that it was impossible to measure longitudes on such a chart).

The Portuguese commissioners, in fact, presented in support of their findings one of the charts «which the cosmographer João Teixeira, well-known in all Europe, is accustomed to draw», dated 1679. The Spanish experts (Father Juan Carlos de Andosilla and the pilot José Gomes Jurado) prepared a criticism of the use of this chart (19). The original chart has disappeared, but we have these engravings, which, to judge from the arrangement of the wind roses, must reproduce only part of the whole design. In the engravings there are also triangles and duplicated coastlines which must have been added by the Spanish publishers to illustrate points made in the text (20).

FRAGMENT OF A CHART, 1681

PLATE 552 B

In the Biblioteca Pública and Arquivo Distrital of Évora, with the classmark «Cod. CXI/1-17», there is a fragment of a chart, drawn and illuminated on vellum, 307 × 483 mm, bearing in its lower part the signature and date: «Made by João Teixeira Albernaz in the year 1681». The arrangement

(18) Luís Ferrand de Almeida, *A diplomacia portuguesa e os limites meridionais do Brasil,* Vol. I (1493-1700), Coimbra 1957, particularly (for the chart of João Teixeira Albernaz) pp. 197-204 and 454.

(19) «Geographical Observations, both theoretical and practical, made by the Cosmographers of the King our Lord on the Portuguese chart of Juan Teseira de Albornoz, published in the past year of 1672 [*sic*], which in the judgment of the Cosmographers of His Highness the most serene Lord the Prince of Portugal was chosen as the sole and primary basis of their discourse and report, for determining the mathematical point at which, in their opinion, should be placed the demarcation of South America between the two Crowns of Castille and of Portugal», Manuscript 229, 3rd document, in the Museo Naval, Madrid. Besides the two books cited above with the engraved chart, it is discussed by D. Juan C. Bazán, «Juridical Examination, and Historical Discourse», Manuscript 3042, fols. 66 v-67, in the Biblioteca Nacional, Madrid.

(20) The engraving in Cerdeño y Monçon's book has been reproduced by Francisco Vindel, *Mapas de América en los libros españoles de los siglos XVI al XVIII,* pp. 137-8. Madrid 1955. We have used this reproduction for our Plate 552 A because we were unable to get a photograph directly from Cerdeño y Monçon's book.

-dos-ventos, deduz-se que se trata do canto inferior esquerdo de uma carta atlântica.

Foi referido por Ernesto de Vasconcelos, Joaquim Bensaúde e Fontoura da Costa (21).

ATLAS DE ÁFRICA DE 1655

ESTAMPAS 553-561

Este importante atlas, único no seu género, encontra-se nos Archives Nationales, Paris, onde tem a cota «NN * 20, Afrique n.º 1» (ex «NN 82»), tendo pertencido antes à Bibliothèque du Corps Législatif. Consta de 62 folhas de papel, das quais as duas primeiras estão em branco, medindo 31 × 42 cm. Contém 29 cartas, manuscritas e coloridas, ocupando normalmente o verso de uma folha e o rosto da seguinte, 42 × 62 cm, tendo o título respectivo no rosto da primeira folha. Há duas cartas de maiores dimensões (fólios 43 v - 44 r e 47 v - 48 r), 42 × 93 cm, e quatro plantas de uma só página (fólios 45 v, 49 v, 53 v e 55 v), 31 × 42 cm.

Fólio 3 r (Fig. 3) — Com o título *Livro Da descripcaõ Detoda a Costa de Africa e Ilhas que a esta Parte pertemcem Comtodos os Portos e Bahias e Baixos e mais Particularidades q̃ a minha noticia chegaraõ Feito por Ioaõ teixeira Albernas Cosmographo dos Reinos de Portugal Por Sua Magestade que Deos guarde o Anno de 1665.*

Fólio 4 r — Pequena introdução sobre a geografia de África.

Fólios 5 v - 6 r (Estampa 553 A) — *Carta universal de toda a costa de Africa.*

Fólios 7 v - 8 r (Estampa 554 A) — *Demostraçaõ da costa que vai de Damiata ate Tripoli.*

Fólios 9v - 10 r (Estampa 554 B) — *Demostraçaõ da costa que vai de Tripoli ate o Estreito de Gibaltar.*

Fólios 11 v - 12 r (Estampa 553 C) — *Costa que corre do estreito de Gibaltar ao Cabo da Verga.*

Fólios 13 v - 14 r (Estampa 553 B) — *Costa que corre do Cabo da Verga ao Cabo de Lopo Gonsalves.*

Fólios 15 v - 16 r (Estampa 554 C) — *Costa que vai do cabo de Lobo Gonsalves ate o Cabo das Correntes.*

Fólios 17 v - 18 r (Estampa 557 B) — *Demostraçaõ do Rio Zanbeeze no Manamotapa e do Rio Coanza em Angola.*

Fólios 19 v - 20 r (Estampa 555 A) — *Costa que corre do Cabo das Correntes ate o Mar Roxo.*

Fólios 21 v - 22 r (Estampa 555 B) — *Demostraçaõ do Cabo despartel ate o Cabo de Gue.*

Fólios 23 v - 24 r (Estampa 556 A) — *Demostraçam do Cabo de Gue ate Angra dos Cavallos.*

Fólios 25 v - 26 r (Estampa 556 B) — *Demostraçam de Arguim e do Rio do Oiro.*

Fólios 27 v - 28 r (Estampa 556 C) — *Demostraçaõ de Cabo Verde e Cacheo ate o Rio de Nuno.*

(21) Ernesto de Vasconcelos, *Exposição de Cartografia Nacional (1903-1904) — Catálogo*, n.º 966, Lisboa 1904, e *Subsídios para a história da cartografia portugueza nos séculos XVI, XVII e XVIII*, in *Bol. Soc. Geogr. Lisboa*, p. 26, Lisboa 1916. Joaquim Bensaúde, *Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises*, p. 97, Genève 1917. Fontoura da Costa, *Catálogo*, p. 448.



FIG. 3 — FRONTISPÍCIO DO ATLAS DE ÁFRICA DE JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II, 1665

TITLEPAGE OF THE ATLAS OF AFRICA BY JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II, 1665

Archives Nationales, Paris

of the wind roses shows that it is the bottom left-hand corner of an Atlantic chart.

It has been referred to by Ernesto de Vasconcelos, Joaquim Bensaúde and Fontoura da Costa (21).

ATLAS OF AFRICA, 1665

PLATES 553-561

This important atlas, the only one of its kind, is in the Archives Nationales, Paris, with the classmark «NN * 20, Afrique n.º 1» (ex «NN 82»), and formerly belonged to the Bibliothèque du Corps Législatif. There are 62 leaves of paper, measuring 31 × 42 cm, the first two blank. It contains 29 manuscript charts, coloured, each of which, 42 × 62 cm, occupies the verso of one leaf and recto of the next, the title being written on the recto of the first leaf. Two charts (folios 43 v - 44 r and 47 v - 48 r) are of larger dimensions, 42 × 93 cm, and there are four single-page plans (fols. 45 v, 49 v, 53 v, and 55 v), 31 × 42 cm.

Folio 3 r (Fig. 3) — The title: «Book of the description of all the Coast of Africa and the Islands belonging to this Continent, with all the Ports, Bays, Reefs, and other details which have come to my notice. Made by João Teixeira Albernas, Cosmographer of the Kingdoms of Portugal, for His Majesty, whom God preserve, in the year 1665».

Folio 4 r — Brief introduction on the geography of Africa.

Folios 5 v - 6 r (Plate 553 A) — «General chart of all the coast of Africa».

Folios 7 v - 8 r (Plate 554 A) — «Demonstration of the coast going from Damietta to Tripoli».

Folios 9 v - 10 r (Plate 554 B) — «Demonstration of the coast going from Tripoli to the Strait of Gibraltar».

Folios 11 v - 12 r (Plate 553 C) — «The coast which runs from the Strait of Gibraltar to Cape Verga».

Folios 13 v - 14 r (Plate 553 B) — «The coast which runs from Cape Verga to Cape Lopo Gonçalves».

Folios 15 v - 16 r (Plate 554 C) — «The coast which runs from Cape Lopo Gonçalves to Cape Correntes».

Folios 17 v - 18 r (Plate 557 B) — «Demonstration of the River Zambezi in Monomotapa and of the River Kwanza in Angola».

Folios 19 v - 20 r (Plate 555 A) — «The coast which runs from Cape Correntes to the Red Sea».

Folios 21 v - 22 r (Plate 555 B) — «Demonstration [of the coast] from Cape Spartel to Cape Ghir».

Folios 23 v - 24 r (Plate 556 A) — «Demonstration [of the coast] from Cape Ghir to Angra dos Cavallos».

Folios 25 v - 26 r (Plate 556 B) — «Demonstration of Arguim and of the Rio do Ouro».

Folios 27 v - 28 r (Plate 556 C) — «Demonstration [of the coast] from Cape Verde and Cacheo to Rio de Nuno».

(21) Ernesto de Vasconcelos, *Exposição de Cartografia Nacional (1903-1904) — Catálogo*, n.º 966, Lisboa 1904, and *Subsídios para a história da cartografia portugueza nos séculos XVI, XVII e XVIII*, in *Bol. Soc. Geogr. Lisboa*, p. 26, Lisboa 1916. Joaquim Bensaúde, *Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises*, p. 97, Genève 1917. Fontoura da Costa, *Catálogo*, p. 448.

Fólios 29 v-30 r (Estampa 556 D) — *Demostraçaõ do Rio de Nuno ate o Cabo das Baxas.*

Fólios 31 v-32 r (Estampa 557 A) — *Demostraçam do Cabo das Baxas ate a Mina.*

Fólios 33 v-34 r (Estampa 557 C) — *Demostraçaõ de Benim ate Angola.*

Fólio 35 r — *Descripçaõ do Reino de Angolla.* Situação geográfica, rios e roteiro da costa.

Fólios 35 v-36 r (Estampa 558 A) — Costa do Rio Dande ao Cabo Ledo, abrangendo o Porto de Luanda e a Barra do Quanza.

Fólios 37v-38 r (Estampa 558 B) — *Demostraçam de Angola ate o Cabo de Boaesperança.*

Fólios 39 v-40 r (Estampa 558 C) — *Demostraçam do Cabo de Boa Esperança ate o Penedo das Fontes.*

Fólios 41 v-42 r (Estampa 559 C) — *Demostraçam do Penedo das Fontes ate o Rio de Lourenço Marques.*

Fólios 43 v-44 r (Estampa 559 B) — *Demostraçam do Rio de Lourenço Marques ate Sofala com parte da ilha de Saõ Lorenço.*

Fólio 45 v (Estampa 560 B) — *Demostraçaõ de Sofala.*

Fólio 46 r — *Descripçaõ da Fortaleza de Sofala.* Pequeno texto, com a situação geográfica e indicações náuticas, populacionais e comerciais.

Fólios 47 v-48 r (Estampa 559 A) — *Demostraçaõ de Sofala ate Mosambique com parte da ilha de Saõ Lorenço.*

Fólio 49 v (Estampa 560 C) — *Demostraçaõ de Mosambique* (título no fólio 49 r), tendo o desenho, ao alto, o título *Plataforma da Fortaleza de Moçambique.*

Fólio 50 r — *Descripçaõ da Fortaleza de Mosambique.* Pequeno texto descritivo da ilha e do distrito.

Fólios 51 v-52 r (Estampa 560 A) — *Demostraçaõ de Mosambique ate o Cabo Delgado e ilhas do Combro.*

Fólio 53 v (Estampa 560 D) — *Demostraçaõ de Monbasa.*

Fólio 54 r — *Descripçaõ da Fortaleza de Monbasa.* Texto descritivo.

Fólio 55 v (Estampa 560 E) — *Plataforma da Fortaleza de Monbasa Comforme a Redificação que sefez o anno de mil e quinhentos e noventa e quatro.*

Fólio 57 r — *Descripçaõ da Ilha de São Lourenço.* Texto descritivo.

Fólios 57 v-58 r (Estampa 561 A) — África Oriental, da Baía de Lourenço Marques ao Equador, e Madagascar com ilhas próximas.

Fólios 59 v-60 r (Estampa 561 B) — *Demostraçaõ do Mar Roxo.*

Fólios 61 v-62 r (Estampa 561 C) — *Demostraçaõ dos portos do Mar Roxo da parte do Abexim.* São as tábuas do *Roteiro do Mar Roxo* de D. João de Castro (Vide Vol. I, pp. 137-44).

O atlas foi referido, de passagem, por Jaime Cortesão e A. Kammerer (22). Trata-se de uma obra de grande interesse, com especial significado na história da cartografia africana, como se depreende dos factos que passamos a expor.

AS CARTAS PORTUGUESAS DA «SUITE DU NEPTUNE FRANÇOIS»

Em continuação de *Le Neptune François,* publicado em 1693, o editor Pierre Mortier fazia sair em Amsterdão, em 1700, a *Suite du Neptune François, ou Atlas Nouveau des Cartes Marines. Levées par ordre expres des Roys de Portugal. Sous qui on a fait la Découverte de l'Afrique &c. Et données au Public par les soins de Feu Monsieur D'Ablancourt.* Na primeira página, o editor escreveu o seguinte: «Le prémier Volume de cet Ouvrage a été si bien reçu de tout le monde, à cause de sa grande exactitude, & de l'utilité qu'on en peut retirer, qu'il n'est pas besoin de repéter ici ce qui a été dit dans le précédent Volume. Cette suite de Recueil de Cartes contient principalement, celles de toute l'Afrique, lesquelles sont tirées du Cabinet des Rois de Portugal, sous qui la découverte de ces Païs a été faite. On en est redevable à feu Monsieur d'Ablancourt, qui a été à la Cour de Portugal, en qualité d'Envoyé de celle de France, & qui pendant le séjour qu'il y a fait, a sçu si bien profiter de l'occasion, qu'il a trouvé le moïen d'avoir des Copies des Cartes que les Rois de Portugal ont toûjours soigneusement gardées pour leur usage. Mr d'Ablancourt les a précieusement conservées, & les a aportées à la Haye, où il est mort, après avoir par son testament, disposé de ces Cartes, en faveur de Monsieur de Halewyn, qui, à ma prière, me les a remises entre les mains, dans la Vûe que le Public en profitera. Comme jusques à Présent on n'a pû

(22) Jaime Cortesão, *Cabral e as Origens do Brasil,* p. 41, Rio de Janeiro 1944, e *Os Descobrimentos Portugueses,* Vol. I, p. 495, Lisboa 1960. Albert Kammerer, *La Mer Rouge, l'Abyssinie et l'Arabie aux XVIe et XVIIe siècles et la Cartographie des Portulans du Monde Oriental,* Tome III, 3e Partie, p. 227. Le Caire 1952.

Folios 29 v-30 r (Plate 556 D) — «Demonstration [of the coast] from Rio de Nuno to Cabo das Baixas».

Folios 31 v-32 r (Plate 557 A) — «Demonstration [of the coast] from Cabo das Baixas to Mina».

Folios 33 v-34 r (Plate 557 C) — «Demonstration [of the coast] from Benin to Angola».

Folio 35 r — «Description of the Kingdom of Angola». Geographical situation, rivers, and rutter of the coast.

Folios 35 v-36 r (Plate 558 A) — The coast from Rio Dande to Cabo Ledo, embracing the Port of Luanda and the Bar of the Kwanza.

Folios 37 v-38 r (Plate 558 B) — «Demonstration [of the coast] from Angola to the Cape of Good Hope».

Folios 39 v-40 r (Plate 558 C) — «Demonstration [of the coast] from the Cape of Good Hope to Penedo das Fontes».

Folios 41 v-42 r (Plate 559 C) — «Demonstration [of the coast] from Penedo das Fontes to the River of Lourenço Marques».

Folios 43 v-44 r (Plate 559 B) — «Demonstration from the River of Lourenço Marques to Sofala, with part of the island of São Lorenço».

Folio 45 v (Plate 560 B) — «Demonstration of Sofala».

Folio 46 r — «Description of the Fortress of Sofala». A short text, giving the geographical location and nautical information, population and commodities.

Folios 47 v-48 r (Plate 559 A) — «Demonstration [of the coast] from Sofala to Mozambique, with part of the island of São Lorenço [Madagascar]».

Folio 49 v (Plate 560 C) — «Demonstration of Mozambique» (title on folio 49 r), the drawing being headed by the title «Plan of the Fortress of Mozambique».

Folio 50 r — «Description of the Fortress of Mozambique». A short text describing the island and district.

Folios 51 v-52 r (Plate 560 A) — «Demonstration [of the coast] from Mozambique to Cape Delgado and the Comoro Islands».

Folio 53 v (Plate 560 D) — «Demonstration of Mombasa».

Folio 54 r — «Description of the Fortress of Mombasa». Descriptive text.

Folio 55 v (Plate 560 E) — «Plan of the Fortress of Mombasa as it was rebuilt in the year one thousand five hundred and ninety-four».

Folio 57 r — «Description of the Island of São Lourenço [Madagascar]». Descriptive text.

Folios 57 v-58 r (Plate 561 A) — East Africa, from the Bay of Lourenço Marques to the Equator, and Madagascar with adjacent islands.

Folios 59 v-60 r (Plate 561 B) — «Demonstration of the Red Sea».

Folios 61 v-62 r (Plate 561 C) — «Demonstration of the ports of the Red Sea on the side of Abyssinia». They are the *tábuas* of D. João de Castro's «Rutter of the Red Sea» (see Vol. I, pp. 137-44).

The atlas has been briefly mentioned by Jaime Cortesão and A. Kammerer (22). It is a work of great interest and particular significance in the history of Africa, as the facts set out below will show.

THE PORTUGUESE CHARTS IN THE «SUITE DU NEPTUNE FRANÇOIS»

As a continuation of *Le Neptune François,* issued in 1693, the publisher Pierre Mortier brought out at Amsterdam in 1700 the *Suite du Neptune François, ou Atlas Nouveau des Cartes Marines. Levées par ordre expres des Roys de Portugal. Sous qui on a fait la Découverte de l'Afrique &c. Et données au Public par les soins de Feu Monsieur D'Ablancourt.* On the first page the publisher writes the following preface: «Le prémier Volume de cet Ouvrage a été si bien reçu de tout le monde, à cause de sa grande exactitude, & de l'utilité qu'on en peut retirer, qu'il n'est pas besoin de repéter ici ce qui a été dit dans le précédent Volume. Cette suite de Recueil de Cartes contient principalement, celles de toute l'Afrique, lesquelles sont tirées du Cabinet des Rois de Portugal, sous qui la découverte de ces Païs a été faite. On en est redevable à feu Monsieur d'Ablancourt, qui a été à la Cour de Portugal, en qualité d'Envoyé de celle de France, & qui pendant le séjour qu'il y a fait, a sçu si bien profiter de l'occasion, qu'il a trouvé le moïen d'avoir des Copies des Cartes que les Rois de Portugal ont toûjours soigneusement gardées pour leur usage. Mr d'Ablancourt les a précieusement conservées, & les a aportées à la Haye, où il est mort, après avoir par son testament, disposé de ces Cartes, en faveur de Monsieur de Halewyn, qui, à ma prière, me les a remises entre les mains, dans la Vûe que le Public en profitera. Comme jusques à Présent

(22) Jaime Cortesão, *Cabral e as Origens do Brasil,* p. 41, Rio de Janeiro 1944, and *Os Descobrimentos Portugueses,* Vol. I, p. 495, Lisboa 1960. Albert Kammerer, *La Mer Rouge, l'Abyssinie et l'Arabie aux XVIe et XVIIe siècles et la Cartographie des Portulans du Monde Oriental,* Tome III, 3e Partie, p. 227. Le Caire 1952.

avoir de Cartes éxactes des païs contenus dans celles que je donne aujourd'hui au public, j'ai crû lui rendre un service très-considerable; & dans ce dessein, je les ai fait dessiner d'une grandeur proportionnée à celles du prémier Volume, & avec une telle exactitude, qu'on a observé jusqu'aux moindres points. J'y ai joint les Cartes de l'Asie & de l'Amérique, tirées aussi sur de très-bons mémoires, avec toutes les observations necessaires. Ce qui me fait espérer que n'étant pas indignes de l'approbation du Public, il voudra bien les recevoir favorablement; & de me tenir ainsi quelque compte des soins, & de la peine que je prendrai toûjours avec plaisir, quand je pourrai lui procurer quelque bien & quelque avantage».

O Monsieur d'Ablancourt referido por Mortier é Jean Frémont d'Ablancourt, nascido em 1625 e encarregado de missão junto da corte portuguesa, de 1659 a 1664. Residiu depois em Estrasburgo, expatriando-se em 1685 para a Haia, onde faleceu em Novembro de 1693 (23). Armando Cortesão, ao tratar da história da cartografia do Mar Vermelho, chamou, pela primeira vez, a atenção para o interesse das cartas africanas da *Suite du Neptune François,* afirmando que o «Cabinet des Rois de Portugal» referido por Mortier devia ser a Casa da Índia e que d'Ablancourt deve ter recorrido ao suborno para conseguir tais cópias, concluindo: «Oxalá as cópias trazidas de Lisboa por d'Ablancourt e utilizadas em Amsterdão por Mortier ainda um dia venham a ser encontradas» (24). Também Jaime Cortesão se ocupou da *Suite du Neptune François,* a propósito dos nomes de populações e povoações da Costa da Mina, afirmando que «d'Ablancourt deve ter comprado a um cartógrafo português ou a outrem em Portugal um atlas com aquelas indicações», e salientando que a maior parte de tais nomes figuram no atlas de 1665, de João Teixeira Albernaz (25).

Com a sua extraordinária intuição, Jaime Cortesão pôs assim em paralelo o atlas de 1665 e a *Suite du Neptune François.* De posse das fotografias das duas obras, e com o conhecimento de outros factos que adiante serão referidos, foi-nos dado levar mais longe a hipótese de Jaime Cortesão e responder afirmativamente ao desejo que seu irmão havia formulado: o atlas da África, de João Teixeira Albernaz, de 1665 — ou, menos provàvelmente, outro em tudo semelhante do mesmo autor — foi a fonte da *Suite du Neptune François.*

Comecemos pelo cotejo das duas obras. Há na *Suite* 17 cartas cujos títulos são precedidos pelas palavras *levée par ordre expres des Roys de Portugal sous qui on en a fait la découverte.* Eis os resultados da análise comparativa, numerando as cartas pela sua ordem na *Suite:*

1 — *Carte generale de l'Afrique*: abrange a mesma extensão, em latitude, que a carta de fl. 5 v - 6 r de JTA (26), e ligeiramente mais em longitude. Traçado dos litorais exactamente igual, bem como o típico desenho do curso inferior do Tigre e Eufrates. Em JTA o interior da África em branco, e em SNF completamente cheio de traçado e de nomenclatura geográfica.

2 — *Carte des Costes de l'Afrique sur la Mer Mediterranée*: traçado dos litorais do Mediterrâneo exactamente igual ao das cartas a fls. 7 v - 8 r e 9 v - 10 r de JTA, e dos litorais do Atlântico igual ao da metade norte da carta a fls. 11 v - 12 r de JTA. Em SNF planos do Estreito de Gibraltar, Argel e Tripoli, que não vêm em JTA.

3 — *Carte des Costes de l'Afrique où est compris une Partie de Guinée, le Royaume de Benin, l'Isle de St. Thomas &c.*: abrange exactamente a mesma área que a parte sul da carta a fls. 11 v - 12 r e toda a carta a fls. 13 v - 14 r de JTA, com traçado exactamente igual. Em SNF vistas das ilhas Ascenção e Santa Helena, que não vêm em JTA.

4 — *Carte des Costes de l'Afrique depuis Cap de Lopo Iusques à l'Isle Mazira*: a área abrangida e o traçado costeiro são exactamente os mesmos que nas cartas a fls. 15 v - 16 r e 19 v - 20 r de JTA, apenas com ligeira alteração na zona do Cabo de Boa Esperança. Algumas diferenças nos nomes de regiões do interior. Contém a planta *Fortresse de Mosambique,* exactamente igual à de fl. 49 v de JTA.

5 — *Carte particuliere des Costes de l'Afrique qui comprend le Royaume de Maroc &c*: a mesma área e o mesmo traçado costeiro que a carta a fls 21 v - 22 r e a metade norte da carta a fls. 23 v - 24 r de JTA. De notar a igualdade do típico traçado do *R. Tenzife,* com a *Cidade de Marrocos* e a ponte a montante, e das legendas náuticas (*Ilha do Mogador,*

(23) É autor de uma obra póstuma, *Mémoires de Monsieur d'Ablancourt, Envoyé de Sa Magesté Très-Chrétienne Louis XIV en Portugal; contenant l'histoire de Portugal, Depuis le Traité des Pyrenées de 1659. jusqu'à 1668. Avec les Revolutions arrivées pendant ce temps-là à la Cour de Lisbonne, & un détail des Batailles données, & des Sieges formés sous les ordres & le commandement du Duc de Schomberg, Avec de Traité de Paix, fait entre les Rois d'Espagne et de Portugal, Et celui de la Ligne offensive & defensive, conclû entre Sa Majesté Très-Chrétienne Et cette Couronne.* Paris 1701.

(24) Armando Cortesão & Henry Thomas, *Carta das Novas que vieram a El Rei Nosso Senhor do Descobrimento do Preste João* (*Lisboa 1521*), pp. 53-5. Lisboa 1938.

(25) *Loc. cit.* na nota 22. Jaime Cortesão promete aí ocupar-se mais desenvolvidamente do assunto na segunda parte da obra, o que não pôde infelizmente fazer por motivo do seu falecimento.

(26) Passamos a referir o atlas de João Teixeira Albernaz de 1665 por «JTA», e a *Suite du Neptune François* por «SNF».

on n'a pû avoir de Cartes éxactes des païs contenus dans celles que je donne aujourd'hui au public, j'ai crû lui rendre un service très-considerable; & dans ce dessein, je les ai fait dessiner d'une grandeur proportionnée à celles du prémier Volume, & avec une telle exactitude, qu'on a observé jusqu'aux moindres points. J'y ai joint les Cartes de l'Asie & de l'Amérique, tirées aussi sur de très-bons mémoires, avec toutes les observations necessaires. Ce qui me fait espérer que n'étant pas indignes de l'approbation du Public, il voudra bien les recevoir favorablement; & de me tenir ainsi quelque compte des soins, & de la peine que je prendrai toûjours avec plaisir, quand je pourrai lui procurer quelque bien & quelque avantage».

The Monsieur d'Ablancourt referred to by Mortier is Jean Frémont d'Ablancourt, born in 1625, who was from 1659 to 1664 charged with a mission to the Portuguese court. He later lived at Strassburg and in 1685 he moved to The Hague, where he died in 1693 (23). Armando Cortesão, in studying the history of the cartography of the Red Sea, first drew attention to the interest of the African charts in the *Suite du Neptune François.* He considered that the «Cabinet des Rois de Portugal» mentioned by Mortier must be the Casa da Índia and that d'Ablancourt must have obtained these copies by underhand means, and he concluded: «It is to be hoped that the copies brought by d'Ablancourt from Lisbon and used by Mortier will some day come to light again» (24). Jaime Cortesão has also studied the *Suite du Neptune François* in connection with the names of peoples and settlements on the Mina coast; he held that «d'Ablancourt must have purchased from a Portuguese cartographer or from someone else in Portugal an atlas containing this information», and he pointed out that the majority of these names appear in the 1665 atlas of João Teixeira Albernaz (25).

With his extraordinary intuition, Jaime Cortesão thus associated the atlas of 1665 with the *Suite du Neptune François.* From photographs of the two works, and in the light of other facts to which we shall refer presently, we have been able to carry Jaime Cortesão's hypothesis further and to satisfy the hope previously expressed by his brother: the 1665 atlas of João Teixeira Albernaz — or (less probably) another and exactly similar one by the same author — was the source of the *Suite du Neptune François.*

Let us begin by a collation of the two works. The *Suite* has 17 charts, the titles of which are followed by the words *levée par ordre expres des Roys de Portugal sous qui on en a fait la découverte.* Here are the results of our comparative analysis, the charts being numbered according to their order in the *Suite:*

1 — *Carte generale de l'Afrique*: embraces the same extent in latitude as the chart on fols. 5 v - 6 r of JTA (26), and slightly more in longitude. Outline of the coasts exactly the same, as is the typical drawing of the lower course of the Tigris and the Euphrates. In JTA the interior of Africa is blank, and in SNF it is entirely covered with drawing and geographical names.

2 — *Carte des Costes de l'Afrique sur la Mer Mediterranée*: drawing of the Mediterranean coasts exactly like that in the charts on fols. 7 v-8 r and 9 v-10 r of JTA, and drawing of the Atlantic coasts like that in the northern half of the chart on fols. 11v - 12 r of JTA. SNF has plans of the Strait of Gibraltar, Algiers and Tripoli, which are not in JTA.

3 — *Carte des Costes de l'Afrique où est compris une Partie de Guinée, le Royaume de Benin, l'Isle de St. Thomas &c.*: embraces exactly the same area as the southern part of the chart on fols. 11 v - 12 r and the whole chart on fols. 13 v - 14 r of JTA, with exactly the same outlines. SNF has views of the islands of Ascension and St Helena, which are not in JTA.

4 — *Carte des Costes de l'Afrique depuis Cap de Lopo Iusques à l'Isle Mazira*: the area covered and the coastal outline are exactly the same as in the charts on fols. 15 v-16 r and 19 v-20 r of JTA, with only slight alteration of the region of the Cape of Good Hope. Some differences in the nomenclatures of the interior. The plan *Fortresse de Mosambique* is identical with that on fol. 49 v of JTA.

5 — *Carte particuliere des Costes de l'Afrique qui comprend le Royaume de Maroc &c*: same area and same coastal outline as the chart on fols. 21 v - 22 r and the northern half of the chart on fols. 23 v - 24 r of JTA. Note the correspondence of the characteristic drawing of *R. Tenzife,* with the *Cidade de Marrocos* and the bridge upstream, and of the

(23) He is the author of a posthumous work, *Mémoires de Monsieur d'Ablancourt, Envoyé de Sa Magesté Très-Chrétienne Louis XIV en Portugal; contenant l'histoire de Portugal, Depuis le Traité des Pyrenées de 1659. jusqu'à 1668. Avec les Revolutions arrivées pendant ce temps-là à la Cour de Lisbonne, & un détail des Batailles données, & des Sieges formés sous les ordres & le commandement du Duc de Schomberg, Avec de Traité de Paix, fait entre les Rois d'Espagne et de Portugal, Et celui de la Ligne offensive & defensive, conclû entre Sa Majesté Très-Chrétienne Et cette Couronne.* Paris 1701.

(24) Armando Cortesão & Henry Thomas, *Carta das Novas que vieram a El Rei Nosso Senhor do Descobrimento do Preste João* (*Lisboa 1521*), pp. 53-5. Lisboa 1938.

(25) *Loc. cit.* in note 22. Jaime Cortesão promised to deal with the subject in more detail in the second part of his work, but was unhappily prevented from doing so by his death.

(26) We shall refer to the 1665 atlas of João Teixeira Albernaz as «JTA», and the *Suite du Neptune François* as «SNF».

Bahia do Cem) e histórica (*Cabo de Não*, com um erro na tradução francesa) (Fig. 4 A).

6 — *Carte particuliere des Costes de l'Afrique qui comprend le Royaume de Gualata &c*: a mesma área e o mesmo traçado que a metade sul da carta a fls. 23 v - 24 r e a carta a fls. 25 v - 26 r de JTA. Igualdade de legendas históricas e náuticas (por vezes com erros de tradução).

7 — *Carte particuliere des Costes de l'Afrique qui comprend le Royaume de Cacheo le Province de Gelofo &c*: a mesma área e o mesmo traçado do litoral que a carta a fls. 27 v - 28 r e a parte norte da carta a fls. 29 v - 30 r de JTA. A mais em SNF o traçado do Rio Senegal, a planta da Ilha de Gorée e alguns nomes na área da península de Cabo Verde.

8 — *Carte particuliere des Costes de l'Afrique qui comprend une partie de la Guinée et partie de Mina &c*: a mesma área e o mesmo traçado do litoral que a parte sul da carta a fls. 29 v - 30 r e a carta a fls. 31 v - 32 r de JTA.

9 — *Carte des Costes de l'Afrique depuis Cabo Corso jusques à O Morro*: a mesma área e o mesmo traçado que a carta a fls. 33 v - 34 r de JTA.

10 — *Carte particuliere des Costes de l'Afrique qui comprend une partie de Congo*: erradamente considerada do Congo, a mesma área e o mesmo traçado do litoral que a carta a fls. 35 v - 36 r de JTA, incluindo o mesmo quadro explicativo de letras da área de Luanda (Fig. 4 B). Um pormenor curioso: em JTA a letra *F* designa o *Forte da Cruz Auera delle ao Penedo dois tiros de Espingarda;* em SNF tal letra e explicação foram eliminadas do quadro, acrescentando-se a indicação do forte no seu próprio local, desta maneira — *Fort de Cruz Auera*. Na realidade, em JTA a palavra *Auera*, com inicial maiúscula, está chegada às primeiras três palavras e mais afastada das seguintes; factos que explicam que o tradutor para francês tomasse essa forma do verbo Haver como nome próprio fazendo parte da designação do forte (confundindo talvez com *A Vera Cruz*), desprezando o resto da legenda.

11 — *Carte particuliere des Costes de l'Afrique depuis le Cabo Ledo jusques au Cap de Bone Esperance*: a mesma área e o mesmo traçado do litoral que a carta a fls. 37 v - 38 r de JTA, com pequenas alterações na zona do Cabo

hydrographic and historical legends (*Ilha do Mogador, Bahia do Cem; Cabo de Não*, with an error in the French translation) (Fig. 4 A).

6 — *Carte particuliere des Costes de l'Afrique qui comprend le Royaume de Gualata &c*: same area and outline as the southern half of the chart on fols. 23 v - 24 r and the chart on fols. 25 v - 26 r of JTA. Correspondence of the hydrographic and historical legends (with occasional errors of translation).

7 — *Carte particuliere des Costes de l'Afrique qui comprend le Royaume de Cacheo le Province de Gelofo &c*: same area and coastal outline as the chart on fols. 27 v - 28 r and the northern part of the chart on fols. 29 v - 30 r of JTA. SNF adds the drawing of the River Senegal, the plan of the Island of Goree and some names in the neighbourhood of the Cape Verde peninsula.

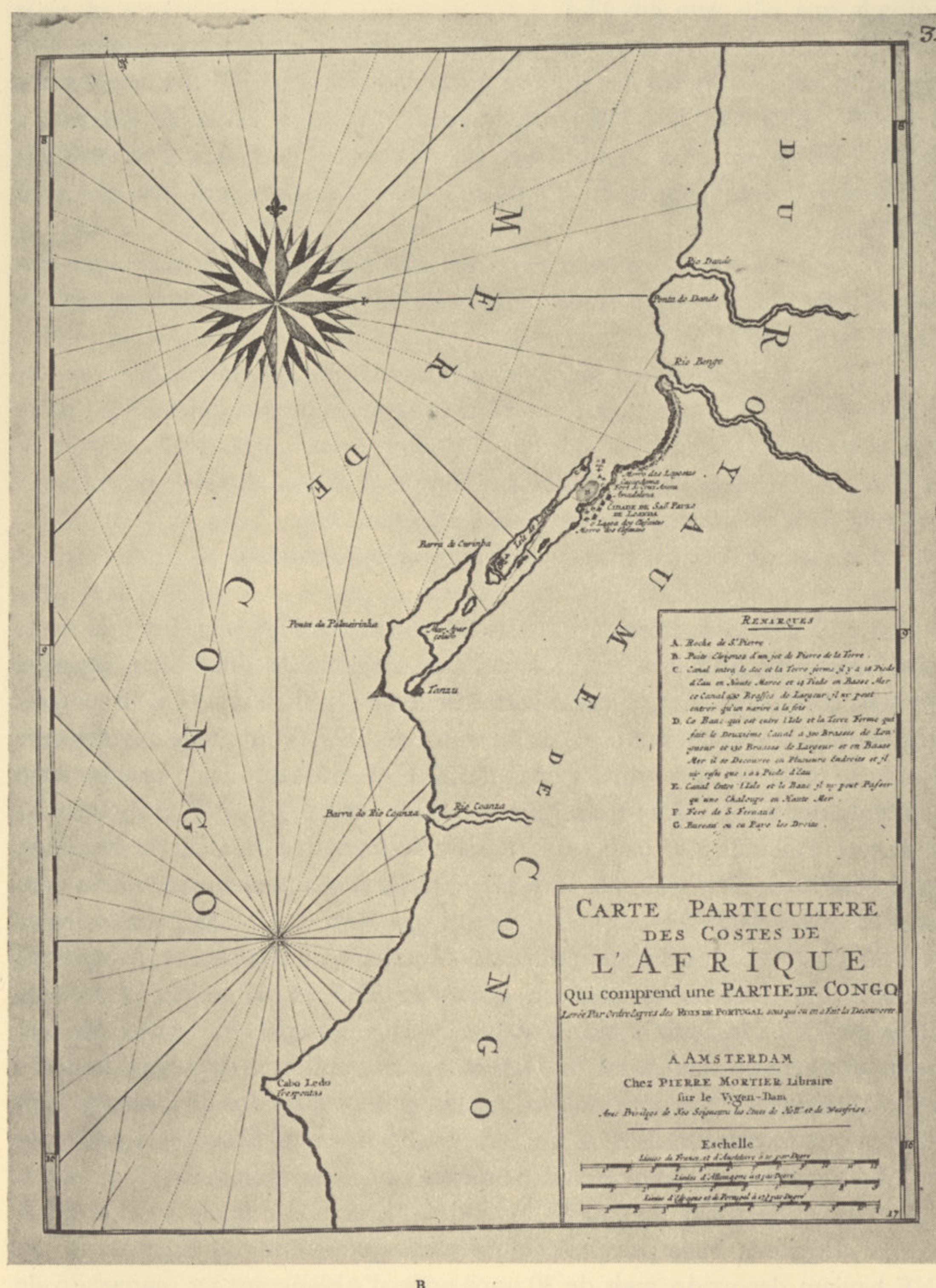
8 — *Carte particuliere des Costes de l'Afrique qui comprend une partie de la Guinée et partie de Mina &c*: same area and coastal outline as the southern part of the chart on fols. 29 v - 30 r and the chart on fols. 31 v - 32 r of JTA.

9 — *Carte des Costes de l'Afrique depuis Cabo Corso jusques à O Morro*: same area and outline as the chart on fols. 33 v - 34 r of JTA.

10 — *Carte particuliere des Costes de l'Afrique qui comprend une partie de Congo*: (the reference to the Congo is wrong) same area and coastal outline as the chart on fols. 35 v - 36 r of JTA, including the same panel explaining the letters in the Luanda area (Fig. 4 B). A curious detail: in JTA the letter *F* designates the *Forte da Cruz Auera delle ao Penedo dois tiros de Espingarda*: in SNF this letter and explanation are omitted from the panel, the name of the fort being inserted in its proper place, thus — *Fort de Cruz Auera*. In fact, JTA writes the word *Auera* (with a capital initial letter) closer to the first three words than to the following ones and so the French translator took this form of the Portuguese verb *Haver* as a proper noun forming part of the name of the fort (perhaps thinking of *A Vera Cruz*), and he ignored the rest of the legend.

11 — *Carte particuliere des Costes de l'Afrique depuis le Cabo Ledo jusques au Cap de Bone Esperance:* same area and coastal outline as the chart on fols. 37 v - 38 r of JTA, with slight alterations in the region of the

A



B

FIG. 4 — DUAS DAS CARTAS DA *SUITE DU NEPTUNE FRANÇOIS*, 1700
TWO OF THE CHARTS IN THE *SUITE DU NEPTUNE FRANÇOIS*, 1700

de Boa Esperança e a inclusão da planta da Baía de Saldanha em SNF, que não vem em JTA.

12 — *Carte particuliere des Costes du Cap de Bonne Esperance &c*: a mesma área e o mesmo traçado do litoral que a carta a fls. 39 v - 40 r e a parte sul da carta a fls. 41 v - 42 r de JTA, com pequenas alterações na região do Cabo de Boa Esperança e a inclusão do plano e vista do Cabo em SNF, que não vêm em JTA.

13 — *Carte particuliere des Costes de l'Afrique qui comprend le Pays des Cafres &c*: a mesma área e o mesmo traçado do litoral que a parte norte da carta a fls. 41 v - 42 r, a parte oeste das cartas a fls. 43 v - 44 r e 47 v - 48 r e a planta (Sofala) a fl. 45 v de JTA.

14 — *Carte particuliere des Costes de l'Afrique depuis C. Delgado jusques Rio Mocambo et les Isles aux Environs*: a mesma área e o mesmo traçado do litoral que a carta a fls. 51 v-52 r de JTA, com a inclusão da planta da ilha Anjoane que não vem em JTA.

15 — *Carte particuliere de la Mer Rouge &c*: a mesma área e o mesmo traçado do litoral que a parte norte da carta a fls. 57 v - 58 r e a carta a fls. 59 v - 60 r de JTA, incluindo também plantas de *L'Isle de Monbasa* e *Fortification de Monbasa* iguais às dos fls. 53 v e 55 v de JTA, e uma de *L'Isle de Zocatora*, com toponímia totalmente em português mas que não vem em JTA.

16 — *Carte des principales ports de mer bancs de sable & cc qui sont dans la Mer Rouge*: os mesmos portos e o mesmo traçado que na carta a fols. 61 v - 62 r de JTA.

17 — *Carte particuliere de l'Isle Dauphine ou Madagascar et St. Laurens*: traçado do litoral de Madagascar e ilhas próximas como o que vem na parte leste das cartas a fls. 43 v - 44 r e 47 v - 48 r e na carta a fls. 57 v - 58 r de JTA, com a inclusão da planta da Baía de S. Agostinho e de pormenores do interior de Madagascar, o que não vem em JTA.

Em resumo, podem tirar-se as seguintes conclusões:

a) Todas as representações das 29 cartas de JTA vêm integralmente nas 17 cartas de SNF que se diz terem sido «levantadas por ordem expressa dos Reis de Portugal». Algumas cartas de SNF (1, 9, 10, 11, 14 e 16) correspondem exactamente a cartas de JTA; outra de SNF (4) abrange exactamente a área de duas de JTA; duas cartas de SNF (2 e 3) abrangem exactamente a área de quatro de JTA; dois grupos de duas cartas de SNF (5 e 6, 7 e 8) abrangem exactamente, cada um, a mesma área que três cartas de JTA; quatro cartas de SNF (12, 13, 15 e 17) abrangem exactamente a mesma área que seis cartas de JTA; as quatro plantas que vêm em folhas independentes de JTA (Sofala Moçambique, Ilha de Mombaça, Fortaleza de Mombaça) foram incluídas como cartelas em cartas de SNF (4, 13 e 15). Como as folhas de SNF são assaz maiores que as de JTA, compreende-se que Mortier fizesse um arranjo das cartas de JTA num menor número de cartas de SNF.

b) Em SNF reproduziram-se exactamente os traçados de costas (e bem assim as quatro plantas) de JTA, apenas com ligeiras modificações na península de Cabo Verde e no Cabo de Boa Esperança — o que se compreende fàcilmente, por se tratar de zonas de fixação holandesa, acerca das quais Mortier devia possuir elementos mais perfeitos, tanto mais que à data da organização de SNF haviam decorrido mais de 30 anos após d'Ablancourt ter regressado de Portugal. Nas cartas de SNF, o editor incluiu vários planos que não vêm em JTA (Estreito de Gibraltar, Argel, Tripoli, Santa Helena, Gorée, Baía de Saldanha, Cabo de Boa Esperança, Anjoane, Santo Agostinho, Socotorá), com o fim de valorizar a obra; na maioria tais planos são de origem holandesa.

c) A carta geral de África e a de Madagascar em SNF têm o interior das terras completamente coberto de pormenores geográficos e nomes que não vêm nas cartas correspondentes de JTA, e na carta 7 da SNF encontra-se ainda o traçado do baixo Senegal (com origem em protótipo holandês, como se vê em numerosas cartas do século XVII, nomeadamente as de Vingboons). É fácil de admitir que se trata de acrescentamentos, tanto mais que uma das características da cartografia impressa holandesa é precisamente a frequência de tal género de representações, mesmo quando as suas origens sejam pouco seguras ou até inventadas, facto a que não foi estranho o carácter acentuadamente comercial de tal cartografia. Porque a carta geral de África em SNF tem o interior cheio de pormenores e topónimos, compreende-se que a única carta de JTA que não é copiada especialmente em SNF na escala das restantes seja a de fls. 17 v - 18 r (*Demostraçaõ do Rio Zanbeeze no Monamotapa e do Rio Coanza em Angola*): os pormenores do interior desta região vêm já na carta geral de África de SNF (27).

Julgamos ter ficado suficientemente demonstrado que a fonte da *Suite du Neptune François* foi um atlas de África de João Teixeira Albernaz II.

(27) Para encher o interior da África, Mortier recorreu a cartas impressas da época. Mais adiante mostraremos que a representação do Zambeze e do Monomotapa de algumas destas cartas se baseou na de fols. 17v-18r de JTA; mas Mortier teve ainda o cuidado de mandar copiar tal zona directamente de JTA (ver fig. 6).

Cape of Good Hope and with the plan of Saldanha Bay (not in JTA) added in SNF.

12 — *Carte particuliere des Costes du Cap de Bonne Esperance &c*: same area and coastal outline as the chart on fols. 39 v - 40 r and the southern part of the chart on fols. 41 v - 42 r of JTA, with slight alterations in the region of the Cape of Good Hope and with the plan and view of the Cape (not in JTA) added in SNF.

13 — *Carte particuliere des Costes de l'Afrique qui comprend le Pays des Cafres &c*: same area and coastal outline as the northern part of the chart on fols. 41 v - 42 r, the western part of the charts on fols. 43 v - 44 r and 47 v - 48 r, and the plan (Sofala) on fol. 45 v of JTA.

14 — *Carte particuliere des Costes de l'Afrique depuis C. Delgado jusques Rio Mocambo et les Isles aux Environs*: same area and coastal outline as the chart on fols. 51 v - 52 r of JTA, with the addition of the plan of the island of Anjouan, which is not in JTA.

15 — *Carte particuliere de la Mer Rouge &c*: same area and coastal outline as the northern part of the chart on fols. 57 v-58 r and the chart on fols. 59 v-60 r of JTA, including plans of *L'Isle de Monbasa* and *Fortification de Monbasa*, identical with those on fols. 53 v and 55 v of JTA, and one of *L'Isle de Zocatora*, the place names of which are wholly Portuguese, although it is not in JTA.

16 — *Carte des principales ports de mer bancs de sable &cc qui sont dans la Mer Rouge*: the same ports and the same outline as in the chart of fols. 61 v - 62 r of JTA.

17 — *Carte particuliere de l'Isle Dauphine ou Madagascar et St. Laurens*: coastal outline of Madagascar and adjacent islands as in the eastern part of the charts on fols. 43 v - 44 r and 47 v - 48 r and in the chart on fols. 57 v - 58 r of JTA, with the addition of the plan of the Bay of St Augustine and of details in the interior of Madagascar, which are not in JTA.

To sum up, we may draw the following conclusions:

a) All the delineations in the 29 charts of JTA are reproduced, in their entirety, in the 17 charts of SNF, which are said to have been «drawn by express order of the Kings of Portugal». Some charts of SNF (1, 9, 10, 11, 14 and 16) correspond exactly to charts of JTA; another in SNF (4) embraces the precise area of two of JTA; two charts in SNF (2 and 3) embrace the precise area of four in JTA; each of two groups of charts in SNF (5 and 6, 7 and 8) embraces the precise area of three charts in JTA; four charts in SNF (12, 13, 15 and 17) embrace the same area as six charts in JTA; the four plans on separate leaves of JTA (Sofala, Mozambique, Island of Mombasa, Fortress of Mombasa) are included as insets on charts in SNF (4, 13 and 15). As the leaves of SNF are somewhat larger than those of JTA, it is clear that, from the charts in JTA, Mortier compiled a smaller number of charts for the *Suite du Neptune François*.

b) SNF exactly reproduces the coastal outlines (besides the four plans) of JTA, with only slight modifications in the Cape Verde peninsula and the Cape of Good Hope; this is understandable, since on these areas of Dutch settlement Mortier must have had more correct information, especially as more than 30 years had elapsed between d'Ablancourt's return from Portugal and the preparation of SNF. In the SNF charts the publisher has also included — evidently with the intention of increasing the value of the work — some plans which are not in JTA (Strait of Gibraltar, Algiers, Tripoli, St Helena, Goree, Saldanha Bay, Cape of Good Hope, Anjouan, St Augustine, Socotra); most of these plans are of Dutch origin.

c) In the general chart of Africa and that of Madagascar in SNF the interior of the land is completely covered by geographical details and names which are absent from the corresponding charts of JTA, and chart 7 of SNF also shows the lower Senegal River (derived from a Dutch prototype apparent in numerous XVII-century charts, notably those of Vingboons). These are plainly additions, especially as printed Dutch cartography is characterized by this very profusion of detail and of representation, even if often ill-founded or even invented — a circumstance which may be explained by the markedly commercial character of such map-production. As the general chart of Africa in SNF has the interior full of details and place names, we can see why the only chart of JTA which is not specially copied in SNF on the scale of the others is that on fols. 17 v - 18 r («Demonstration of the River Zambezi in Monomotapa and of the River Kwanza in Angola»): the details of the interior of this region occur in the general chart of Africa in the SNF (27).

In our judgment, it is sufficiently clear that the source of the *Suite du Neptune François* was an atlas of Africa by João Teixeira Albernaz II. Was it

(27) To fill up the interior of Africa, Mortier had recourse to contemporary printed maps. But, as we shall show, the Zambezi and Monomotapa in some of these were based on the chart on fols. 17 v - 18 r of JTA, although Mortier was careful to copy directly from JTA for this area (see Fig. 6).

Teria sido o próprio atlas de 1665, ou outro distinto, embora semelhante? No estudo a que procedemos não pudemos chegar a uma conclusão peremptória, mas inclinamo-nos fortemente para a primeira hipótese. Na realidade, excluindo as ligeiras alterações indicadas e fàcilmente atribuíveis a Mortier, não encontramos outras diferenças de traçado. Há, é certo, o facto que se indicou acima, de a carta 15 de SNF trazer um pequeno plano da Ilha Socotorá, de origem portuguesa, que não vem em JTA; mas também para isso se encontra fácil explicação. O traçado e nomenclatura de tal plano são cópia exacta de um plano que vem na carta do Índico de João Teixeira Albernaz I, de 1649, carta essa que foi impressa no livro *Relation de divers voyages curieux qui n'ont point esté publiés* de Melchisédec Thévenot, publicado em 1664 (28). Tal livro foi bastante conhecido na época, e Mortier certamente o utilizou, tanto mais que teve várias edições até 1696; é até plausível supor que Mortier julgasse que o João Teixeira da carta de 1649 fosse o mesmo cartógrafo que assinava o atlas de África, o que, de certo modo, aos seus olhos, daria maior justificação à inclusão do plano de Socotorá em SNF. Devemos ainda registar que na carta 11 de SNF, ao largo do Cabo Negro, se encontram uma ilha (*St Helene Nouvellement Decouvert*) e um baixo (*Roche d'Antoine de Viane ou Vigia*), a primeira das quais não vem em nenhuma das cartas de JTA, e o segundo é neste denominado apenas *Vigia* (numa carta) e *Bayxo de Casado* (noutra). Tratar-se-á de elementos consignados noutro atlas de João Teixeira Albernaz II, ou teria Mortier feito tais acrescentamentos com base em qualquer outra obra portuguesa que lhe chegasse às mãos, como deve ter feito com o plano de Socotorá? Talvez um minucioso estudo comparativo da nomenclatura de SNF e JTA — o que não pudemos fazer — permita chegar a conclusão definitiva. Na breve análise da nomenclatura a que procedemos, encontrámos, porém, tantas semelhanças e coincidências em particularidades (inclusivamente expressas através de erros de interpretação ou tradução) (29), que se nos afigura difícil imaginar que Mortier tenha utilizado outro atlas que não o de 1665, agora nos Archives Nationales de Paris. É plausível supor que João Teixeira Albernaz II tenha feito vários atlas de África deste tipo, mas deve admitir-se que de uns para outros haveria algumas diferenças, mesmo que só de pormenor. Recorrendo, por exemplo, a um caso paralelo — o dos atlas do Brasil de sua autoria que nos chegaram — se compararmos os dois atlas existentes na Hispanic Society of America, um datado de 1670 e o outro sem data, verifica-se que o traçado do litoral é o mesmo nos dois; mas, no que respeita à toponímia e pequenas legendas náuticas, encontram-se numerosas variantes e diferenças que muito contrastam com a bem maior semelhança, em tal domínio, entre SNF e JTA.

Ser-se-á levado a supor, em primeira impressão, que o atlas agora em Paris, estando datado de 1665, não poderia, por este facto, ser o que obteve d'Ablancourt e utilizou Mortier, pois aquele regressou de Portugal a França em 1664. Lendo, porém, com atenção a introdução de Mortier na *Suite*, verifica-se que este não diz que d'Ablancourt trouxe consigo as «cópias das cartas», mas apenas que «encontrou maneira de as obter» enquanto esteve em Portugal. Pode, por isso, admitir-se que d'Ablancourt só no fim da sua estadia entre nós é que as teria encomendado, e só no ano seguinte, 1665, João Teixeira teria concluído e enviado o atlas para França.

A NOVA CARTA DA ÁFRICA CENTRAL DIVULGADA PELOS GEÓGRAFOS FRANCESES

Reforçando a suposição exposta, pudemos averiguar que o atlas de 1665 já se encontrava muito provàvelmente em França poucos anos depois de executado. Localizámos, com efeito, as seguintes cópias de cartas do atlas, feitas por um francês no século XVII, todas traçadas à pena, em papel, e não coloridas:

a) *Na Sociedade de Geografia de Lisboa:*

1 — Cota «3/D/4». Corresponde à carta de fls. 43 v-44 r do atlas de 1665, sem a parte relativa a Madagascar (costa de Lourenço Marques a Sofala) (Fig. 5 A).

2 — Cota «3/D/4». Corresponde ao plano de fl. 49 v do atlas de 1665 (*Plataforma da Fortaleza de Moçambique*) e ao texto que se segue na fl. 50 r (*Descripção da Fortaleza de Moçambique*).

3 — Cota «3/D/3». Corresponde à carta de fls. 51 v - 52 r do atlas de 1665 (costa de Moçambique ao Cabo Delgado).

(28) Reproduzimos a carta manuscrita e a carta gravada no Vol. IV, Estampas 513 e 515, da presente obra, e aí nos ocupamos do assunto a pp. 147-9. É de notar que Thévenot elogia grandemente tal carta, e, em especial, os seus planos, de forma paralela às palavras de Mortier a respeito das cartas obtidas por d'Ablancourt.

(29) Exemplo típico é o do Forte da Cruz, em Luanda, ao qual nos referimos a propósito da carta 10 da SNF. Há numerosos casos em que a separação das linhas de topónimos ou legendas se faz de forma exactamente igual em SNF e JTA, em que os topónimos ou legendas referentes a determinados acidentes e áreas ocupam precisamente a mesma situação relativa no desenho das duas obras.

the 1665 atlas itself, or another atlas similar to it? In the study which we have made we could not arrive at a firm conclusion, but we are strongly inclined towards the first hypothesis. In fact, apart from the slight alterations attributable to Mortier which we have pointed out, there are no differences of outline. It is true that (as shown above) chart 15 of SNF introduces a small plan of the Island of Socotra, of Portuguese origin, which is not in JTA; but this too can be easily explained. In drawing and nomenclature this plan is an exact copy of one in the chart of the Indian Ocean drawn by João Teixeira Albernaz I in 1649; and this chart was printed in the book by Melchisédec Thévenot, *Relation de divers voyages curieux qui n'ont point esté publiés*, published in 1664 (28). Thévenot's book was well enough known in this period, and Mortier must have used it, especially as there were several editions till 1696. It may even be conjectured that Mortier supposed the João Teixeira of the 1649 chart to be the same cartographer who signed the atlas of Africa; if so, he would have all the more reason to include the plan of Socotra in SNF. We must also note that chart 11 of SNF shows, off Cape Negro, an island (*St Helene Nouvellement Decouvert*) and a reef (*Roche d'Antoine de Viane ou Vigia*), the first of which appears in none of the charts of JTA, while the second is called in JTA merely *Vigia* (in one chart) and *Bayxo de Casado* (in another). Were these features marked in another atlas of João Teixeira Albernaz II, or did Mortier derive these additions from some other Portuguese work which came into his hands, as he must have done for the plan of Socotra? A meticulous comparative study of the nomenclature in SNF and in JTA — which we cannot undertake here — might lead to a positive conclusion. In our present summary analysis of the nomenclature we find nevertheless so much affinity and agreement in details (including that arising from misinterpretation or mis-translation) (29) that it seems difficult to postulate Mortier's use of any other atlas than that of 1665 now in the Archives Nationales at Paris. It is reasonable to suppose that João Teixeira Albernaz II made several atlases of Africa of this type, but they must have differed to some extent from one another, even if only in details. If, for instance, we take as a parallel case the atlases of Brazil by this cartographer and compare the two atlases belonging to the Hispanic Society of America (one dated 1670, the other undated), it is plain that, while the coastal outline is the same in both, the place names and minor hydrographic legends display many variations and differences, which contrast strongly with the much greater similarity in this respect between the *Suite du Neptune François* and the atlas of Africa by João Teixeira Albernaz II.

It might, at first sight, be thought that the atlas now at Paris, being dated 1665, could not have been the one obtained by d'Ablancourt and used by Mortier, since d'Ablancourt had returned from Portugal to France in 1664. Yet a careful reading of Mortier's preface to the *Suite* shows that what he says is not that d'Ablancourt brought the «copies of the charts» with him, but only that he «found means of obtaining them» while he was in Portugal. This allows us to suppose that d'Ablancourt commissioned them only at the end of his stay in the country, and that not until the following year, 1665, did João Teixeira complete the atlas and send it to France.

THE NEW MAP OF CENTRAL AFRICA PROMULGATED BY THE FRENCH GEOGRAPHERS

In support of the hypothesis set out above, we have found out that the atlas of 1665 was very probably already in France a few years after its execution. We find in fact the following copies of charts of the atlas, made by a Frenchman in the XVII century, all pen-drawings without colour:

a) *In the Sociedade de Geografia de Lisboa:*

1 — Classmark «3/D/4». Corresponding to the chart on fols. 43 v - 44 r of the 1665 atlas, omitting the part relating to Madagascar (coast from Lourenço Marques to Sofala) (Fig. 5 A).

2 — Classmark «3/D/4». Corresponding to the plan on fol. 49 v of the 1665 atlas («Plan of the Fortress of Mozambique») and to the text which follows on fol. 50 r («Description of the Fortress of Mozambique»).

3 — Classmark «3/D/3». Corresponding to the chart on fols. 51 v - 52 r of the 1665 atlas (coast from Mozambique to Cape Delgado).

(28) The manuscript chart and the engraved chart are reproduced in Vol. IV, Plates 513 and 515, of the present work, and we discuss them on pp. 147-9. We may note that Thévenot gave high praise to this chart, and particularly to its plans, in terms recalling those of Mortier in regard to the charts obtained by d'Ablancourt.

(29) A typical example is that of the Forte da Cruz, in Luanda, to which we have referred in connection with chart 10 of SNF. In many cases the line-divisions of place names or legends in SNF fall exactly as in JTA, and the names or legends for features and areas often occupy, in the two works, exactly the same position in relation to the drawing.

b) *Na Bibliothèque Nationale de Paris:*

4 — Fólio 176 de uma colectânea com a cota «Ge.CC.1275». Corresponde à carta de fls. 17 v-18 r do atlas de 1665 (Rio Zambeze, Monomotapa e Quanza) (Fig. 5 B).

Não pode haver dúvida de que as quatro cópias são todas da mesma mão, como o comprovam sobretudo a igualdade da letra e outras particularidades (nomeadamente a mesma forma de desenhar os montes, nas cópias 3 e 4). Que o copista era um francês, atestam-no a tradução francesa da legenda relativa ao baixo da Índia na cópia 1 e o título *Du Cap delgado à Mozambique* na cópia 3, tudo aparentemente da mão do copista; o facto de a cópia 4 se encontrar numa colectânea reunida pelo geógrafo francês Baudrand (falecido em 1700) leva a crer que as quatro cópias, e porventura outras desaparecidas, foram feitas em França ainda no século XVII, ignorando nós como é que as três primeiras vieram parar à Sociedade de Geografia de Lisboa. Conhecemos mais duas cópias, do mesmo copista, de duas cartas também portuguesas cujo paradeiro ignoramos:

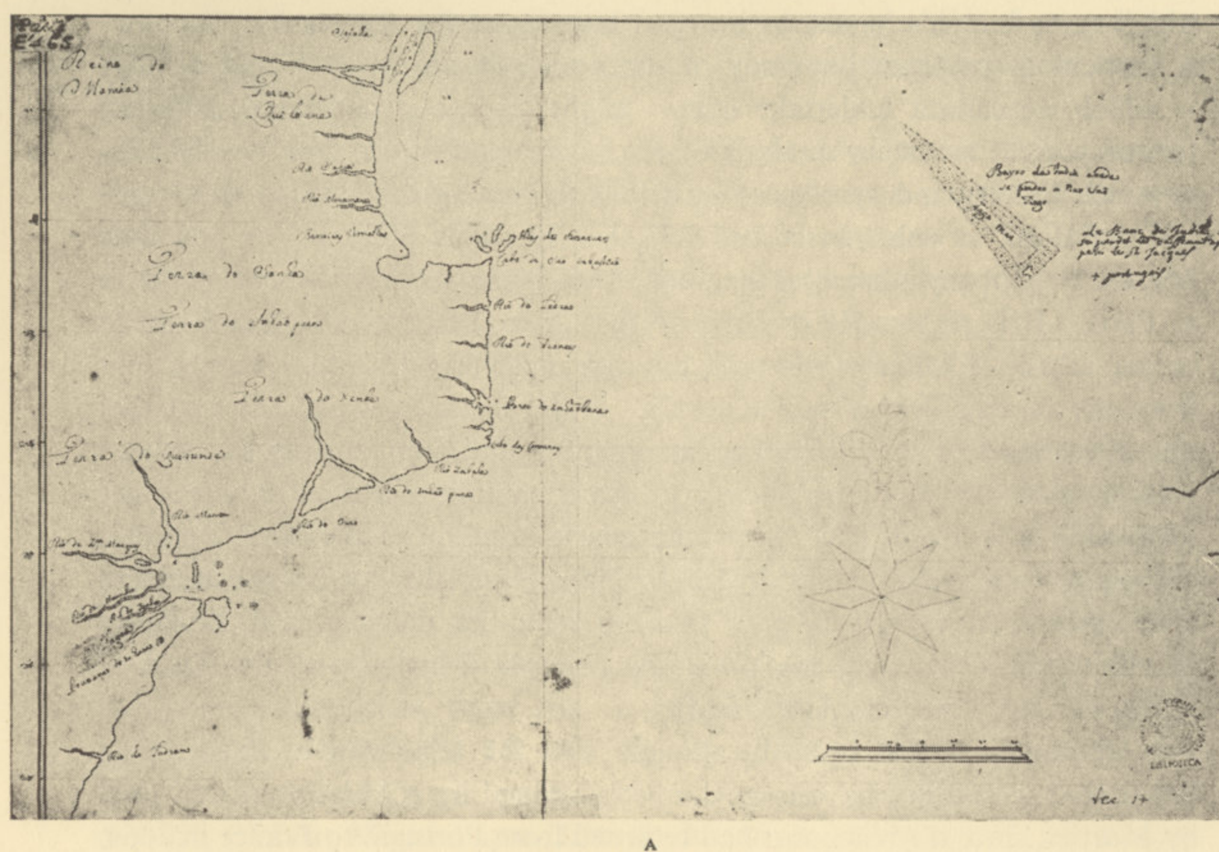
— *Demonstraçaõ da Barra de Moçambique,* na Sociedade de Geografia de Lisboa, cota «3/D/5», com duas legendas em francês.

b) *In the Bibliothèque Nationale, Paris:*

4 — Fol. 176 of a set of maps with the classmark «Ge. CC. 1275». Corresponding to the chart on fols. 17 v - 18 r of the 1665 atlas (River Zambezi, Monomotapa and Kwanza) (Fig. 5 B).

That all four copies are indisputably by the same hand is proved by the identity of the lettering and other details (notably the same form of drawing for mountains, in copies 3 and 4). The copyist was a Frenchman, as shown by the French translation of the legend relating to the Baixo da India in copy 1 and the title *Du Cap delgado à Mozambique* in copy 3, all apparently from the copyist's hand. The fact that copy 4 occurs in a set of maps assembled by the French geographer Baudrand (who died in 1700) suggests that the four copies, and perhaps others now lost, were made in France before the end of the XVII century; we do not know how the first three came into the possession of the Sociedade de Geografia in Lisbon. We have come across two other copies made by the same copyist from Portuguese charts whose whereabouts are unknown:

— «Demonstration of the Bar of Mozambique», in the Sociedade de Geografia de Lisboa, classmark «3/D/5», with two legends in French.



A



B

FIG. 5 — CÓPIAS DO SÉCULO XVII, DE DUAS CARTAS DO ATLAS DE ÁFRICA DE JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II, DE 1665 A — NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA; B — NA BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE PARIS

XVII-CENTURY COPIES OF TWO CHARTS IN THE ATLAS OF AFRICA BY JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II, 1665 A — IN THE SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA; B — IN THE BIBLIOTHÈQUE NATIONALE, PARIS

— *Ilha de Tamarica,* na Bibliothèque Nationale de Paris, cota «53237 Ge. D. 8085». O original era possìvelmente de João Teixeira I, mas difere, em certos pormenores, da carta da mesma ilha nas cópias conhecidas do atlas do Brasil, de 1640, desse autor.

Na Sociedade de Geografia de Lisboa, cota «3/D/5», há ainda, do mesmo copista, uma carta do Congo e Angola, copiada de original holandês (do tipo da carta que vem na *Description de l'Afrique,* de O. Dapper). É muito possível que o indivíduo que fez todas estas cópias fosse um geógrafo francês da segunda metade do século XVII, e talvez haja possibilidade de o identificar, pela letra, mas não podemos fazê-lo aqui.

Não há também qualquer dúvida de que as cartas 1 a 4, acima indicadas, foram copiadas do atlas de 1665, de João Teixeira Albernaz II: o seu desenho tem exactamente as mesmas dimensões que o das cartas correspondentes do atlas; toda a nomenclatura e legendas das cópias vêm nas cartas do atlas (nas cópias faltam apenas raros nomes contidos nos originais); o traçado é exactamente igual (na cópia 4 falta um rio que corre ao sul de Masapa, mas isso deve ser mero descuido, e o desenho dos montes é um tanto diferente, o que não deve ter significado, dado o carácter impreciso e até ornamental do desenho dos montes nesta época); nas cópias 1 e 4, as únicas com rosas-dos-ventos, estas são iguais às das cartas correspondentes do atlas e estão precisamente no mesmo local; vários títulos e legendas iguais, ocupam exactamente a mesma posição relativa e estão divididos em linhas da mesma maneira (é característica a distribuição das letras da palavra *ANGOLLA* na cópia 4). É inadmissível supor que se trate de cópia de cartas de outro atlas semelhante, dado que as obras manuscritas de um certo cartógrafo, embora baseadas nos mesmos protótipos, apresentam sempre variantes; por exemplo, comparando esta carta da Zambézia e Monomotapa, de João Teixeira Albernaz II, com a que ele fez em 1677 (Estampa 551) notam-se diferenças consideráveis no desenho,

— «Island of Tamarica», in the Bibliothèque Nationale, Paris, classmark «53237 Ge. D. 8085». The original of this was perhaps by João Teixeira I, but it differs in some details from the chart of the same island in the known copies of this cartographer's atlas of Brazil of 1640.

In the Sociedade de Geografia, Lisbon, classmark «3/D/5», there is a map of Congo and Angola by the same copyist, taken from a Dutch original (of the type of the map in O. Dapper's *Description de l'Afrique*). It is highly probable that the maker of all these copies was a French geographer of the second half of the XVII century, and it might be possible to identify him from the handwriting, although we cannot attempt this here.

There can be no doubt that copies 1-4 listed above were taken from the 1665 atlas of João Teixeira Albernaz II: the drawings have exactly the same dimensions as the corresponding charts of the atlas; all the names and legends in the copies occur in charts of the atlas (the copies omit only a few of the names in the originals); the drawing is identical (copy 4, no doubt inadvertently, omits a river flowing to the south of Masapa, and the form of the mountains is somewhat different, a point of no significance in view of the vague and even decorative character of mountain-drawing in this period); the wind roses in copies 1 and 4 (the only copies which have them) are identical with those in the corresponding charts of the atlas, both in design and location; a number of identical titles and legends occupy exactly the same relative positions and have the same line-divisions (in copy 4, the distribution of the letters in the word *ANGOLLA* is typical). It cannot be supposed that the copies were made from some other and similar atlas, since the manuscript works of any cartographer, even if derived from the same prototype, always vary somewhat among themselves; for instance, comparison of this chart of Zambezia and Monomotapa by João Teixeira Albernaz II with the one made by him in 1677 (Plate 551) reveals considerable differences in the drawing,

títulos, legendas e nomenclatura, embora tudo tenha a mesma origem. No que respeita à cópia 2, deve também salientar-se que o texto, na metade direita, integralmente em português, corresponde exactamente ao que vem no folio 50 r do atlas de 1665: são as mesmas palavras precisamente, e todas escritas com as mesmas peculariedades ortográficas, facto significativo, se atendermos à enorme liberdade e confusão que então havia em tal domínio.

De todas estas cópias, tem especial interesse a número 4, a do *IMPERIO DO MANAMOTAPA*. Em 1890, quando do ultimato inglês a Portugal por causa da África Central, o francês Gabriel Marcel, numa atitude de simpatia para com Portugal, escreveu um curioso artigo a salientar a contribuição portuguesa para o conhecimento dessa parte do continente (30). Aí revela a existência daquela cópia, reproduzindo-a com a legenda *Reproduction d'une carte manuscrite inédite de la fin du XVIIe siècle établissant les droits historiques du Portugal en Afrique qui se trouve a la Section de Géographie de la Bibliothèque Nationale* (31), e dizendo: «Nous reproduisons en tête de cet article une carte manuscrite qui nous paraît dater des vingt dernières années du XVIIe siècle, si l'on s'en rapporte à l'écriture, à l'ortographe et à la nature du papier. Cette carte inédite fait partie d'un recueil de cartes gravées et manuscrites qui provient de l'abbé Michel-Antoine Baudrand, géographe français qui mourut en 1700. Or, dans le volume qui renferme le document que nous reproduisons, pas une seule carte ne porte une date postérieure à 1700. A la mort de Baudrand, ce recueil devint la propriété de l'abbaye de Saint-Germain des Près; il fit ensuite partie, à la fin de la Révolution, de la bibliothèque du Tribunat, dont il porte le cachet, et entra enfin à la Bibliothèque Nationale où il est coté à la section de géographie sous le numéro 388». Depois de examinar o interesse da representação do Zambeze e regiões vizinhas nesta carta, Gabriel Marcel prossegue: «Si nous examinons les cartes de Mercator, de Bertius, de Hondius, de Meursius, de Sanson, de Duval, nous y trouvons un cours du Cuama ou Zambèze absolument fantaisiste. Il faut arriver au fameux globe de Coronelli pour y trouver en 1683 le cours du Zambèze tracé comme sur la carte que nous reproduisons. Il est évident que ce géographe vénitien a pu consulter des documents portugais aujourd'hui perdus, cartes ou relations de voyages, qui viendraient jeter un jour infiniment précieux sur les explorations des Portugais et les relations qu'ils entretenaient avec les populations belliqueuses du bassin du Chiré». Seguidamente, mostra como as cartas de De Fer, G. Delisle e d'Anville contêm a nova representação. Esta importante conclusão de Gabriel Marcel parece ter ficado esquecida pelos que mais tarde se ocuparam da história da cartografia da África Central, do que é testemunho um recente trabalho de W. G. L. Randles, de que adiante nos ocuparemos. Vamos, porém, ver que é possível levar mais longe aquela conclusão do historiador francês, particularizando os factos e mostrando que o atlas de 1665 desempenhou papel importante em tal evolução cartográfica.

Até ao último quartel do século XVII, as cartas impressas apresentam o interior da África, ao sul do Equador, preenchido com um sistema de lagos de onde sai o Nilo e com um Rio Cuama desembocando junto de Sofala, e formando, pela junção com o Rio do Espírito Santo desaguando na Baía de Lourenço Marques, uma zona insulada que era tida como assento do Monomotapa. A origem de tais representações está devidamente averiguada: haviam-se transposto para sul do Equador elementos que na realidade se reportavam à Abissínia, por um lado, e pelo outro, dera-se uma forma gráfica à descrição do Monomotapa de João de Barros (erradamente aliás, pois colocava-se a foz do Cuama junto de Sofala) (32). Gabriel Marcel, na passagem que reproduzimos atrás, diz que é no globo de Coronelli, de 1683, que surge uma nova representação. Há na realidade uma carta anterior onde ela já vem: trata-se da *Africa ..... Described by Sanson, Corrected and amended by William Berry,* 1680. Esta baseia-se, porém, indiscutivelmente, noutra anterior, *Afrique divisée suivant l'estendue de ses principales parties où sont distingués les vns des autres. Les Empires, Monarchies, Royaumes, Estats et Peuples, qui partagent aujourd'huy l'Afrique sur les Relations les plus nouvelles par le Sr Sanson, géographe ordinaire du Roy Presentée à Monseigneur le Dauphin par son très humble très obéissant et très fidèle serviteur Hubert Jaillot.* Não tem data, mas pode considerar-se de c. 1678, pois sabe-se que em 1678 Jaillot havia produzido cartas dos quatro continentes, utilizando desenhos novos dos irmãos Sanson; é de notar que foi também editada por Mortier, em Amsterdam. O pai daqueles, Nicolas Sanson, havia publicado cartas de África, mas todas do tipo tradicional, e morrera em 1667. Em 1675 Jaillot foi nomeado «Geógraphe Ordinaire du Roi». Em 1668 um dos filhos de N. Sanson havia publicado ainda uma carta de África do tipo das anteriores. Como Jaillot, na sua carta, apresenta pela primeira vez a nova representação do Zambeze,

(30) Gabriel Marcel, *Les Portugais dans l'Afrique Australe — Le Tchambèze, source du Congo, découvert par les Portugais en 1796*, separata da *Revue de Géographie*. Paris Mars 1890.

(31) A mesma cópia foi depois reproduzida, em gravura solta no tamanho do original, pela Comissão de Cartografia, Lisboa, com a tradução portuguesa dessa legenda.

(32) A este respeito pode ver-se W. G. L. Randles, *South East Africa and the Empire of Monomotapa as shown on selected printed maps of the 16th Century*, in *Studia*, n.º 2, pp. 103-64. Lisboa 1958.

titles, legends and nomenclature, although both certainly derive from the same source. We may also note that in copy 2 the text, wholly in Portuguese, on the right-hand half agrees exactly with that on fol. 50 r of the 1665 atlas, both in wording and in orthography; this is indeed very significant, in view of the infinite freedom and even confusion then prevalent in this respect.

Of all these copies, copy 4, *IMPERIO DO MANAMOTAPA,* is of particular interest. In 1890, at the time of the British ultimatum to Portugal about Central Africa, the Frenchman Gabriel Marcel, a sympathiser with Portugal, wrote a curious article to emphasize the Portuguese contribution to knowledge of this part of the continent (30). In it he recorded the existence of the copy in question, which he reproduced with the caption *Reproduction d'une carte manuscrite inédite de la fin du XVIIe siècle établissant les droits historiques du Portugal en Afrique qui se trouve à la Section de Géographie de la Bibliothèque Nationale* (31), and he wrote: «Nous reproduisons en tête de cet article une carte manuscrite qui nous paraît dater des vingt dernières années du XVIIe siècle, si l'on s'en rapporte à l'écriture, à l'ortographe et à la nature du papier. Cette carte inédite fait partie d'un recueil de cartes gravées et manuscrites qui provient de l'abbé Michel-Antoine Baudrand, géographe français qui mourut en 1700. Or, dans le volume qui renferme le document que nous reproduisons, pas une seule carte ne porte une date postérieure à 1700. A la mort de Baudrand, ce recueil devint la propriété de l'abbaye de Saint-Germain des Près; il fit ensuite partie, à la fin de la Révolution, de la bibliothèque du Tribunat, dont il porte le cachet, et entra enfin à la Bibliothèque Nationale, où il est coté à la section de géographie sous le numéro 388». After discussing the interest of the representation of the Zambezi and adjacent regions in this chart, Gabriel Marcel goes on: «Si nous examinons les cartes de Mercator, de Bertius, de Hondius, de Meursius, de Sanson, de Duval, nous y trouvons un cours du Cuama ou Zambèze absolument fantaisiste. Il faut arriver au fameux globe de Coronelli pour y trouver en 1683 le cours du Zambèze tracé comme sur la carte que nous reproduisons. Il est évident que ce géographe vénitien a pu consulter des documents portugais aujourd'hui perdus, cartes ou relations de voyages, qui viendraient jeter un jour infiniment précieux sur les explorations des Portugais et les relations qu'ils entretenaient avec les populations belliqueuses du bassin du Chiré». He then shows that the maps of De Fer, G. Delisle and d'Anville contain the new representation. Gabriel Marcel's important conclusion seems to have been overlooked by later students of the history of the cartography of Central Africa, as exemplified by a recent work of W. G. L. Randles which we shall consider below. We shall see however that, by carrying the French historian's argument further, the facts can be clarified, and it will be shown that the 1665 atlas played an important part in this cartographic evolution.

Until the last quarter of the XVII century, printed maps filled the interior of Africa south of the Equator with a system of lakes from which the Nile rises and with a River Cuama debouching near Sofala and forming, by its junction with the River of Espirito Santo, which flows into the Bay of Lourenço Marques, an insular area supposed to be the seat of Monomotapa. The origin of this delineation is clear enough: on the one hand, features which properly belong to Abyssinia have been moved south of the Equator, and, on the other hand, the description of Monomotapa by João de Barros has been given graphic form (in fact wrongly, since the mouth of the Cuama was placed near Sofala) (32). In the passage quoted above, Gabriel Marcel affirmed that a new representation first appeared in Coronelli's globe of 1683. But we find it in an even earlier map, namely *Africa... Described by Sanson, Corrected and amended by William Berry,* 1680. This map is itself derived from another and earlier one, *Afrique divisée suivant l'estendue de ses principales parties où sont distingués les uns des autres. Les Empires, Monarchies, Royaumes, Estats et Peuples, qui partagent aujourd'huy l'Afrique sur les Relations les plus nouvelles par le Sr Sanson, géographe ordinaire du Roy Presentée à Monseigneur le Dauphin par son très humble très obéissant et très fidèle serviteur Hubert Jaillot.* It is undated, but may be ascribed to c. 1678, since Jaillot is known to have produced maps of the four continents in 1678, using new materials of the Sanson brothers; we may note that his map of Africa was also published by Mortier at Amsterdam. Nicolas Sanson, the father, had issued maps of Africa, all however of traditional type, and he died in 1667. In 1675 Jaillot was appointed «Géographe Ordinaire du Roi». In 1668 one of N. Sanson's sons published a map of Africa, still after the old model. As Jaillot's map gives for the first time the new representation of the Zambezi, it may be inferred that he obtained it, either from the papers of N. Sanson or from

(30) Gabriel Marcel, *Les Portugais dans l'Afrique Australe—Le Tchambèze, source du Congo, découvert par les Portugais en 1796*, offprint from *Revue de Géographie*. Paris Mars 1890.

(31) The same copy was afterwards reproduced, as a loose sheet of the dimensions of the original, by the Comissão de Cartografia, Lisbon, with a Portuguese translation of this caption.

(32) On this, see W. G. L. Randles, *South East Africa and the Empire of Monomotapa as shown on selected prnited maps of the 16th Century*, in *Studia*, n.º 2, pp. 103-64. Lisboa 1958.

deduz-se que a recolheria entre os papéis de N. Sanson ou então directamente de qualquer outra fonte entre 1669 (quando começou a sua actividade) e 1678 (33).

Na figura 6 apresentamos o traçado e nomenclatura do Zambeze e regiões próximas na carta de Jaillot de c. 1678 (34). É fácil verificar que o traçado é precisamente igual e que a sua nomenclatura vem também na carta do Zambeze do atlas de 1665 de João Teixeira Albernaz II. A semelhança é tal, que não duvidamos afirmar que a fonte imediata de tal representação foi esse atlas (35).

Podemos agora reconstituir parte da história inicial do atlas. Encomendado por d'Ablancourt a João Teixeira Albernaz II, este acabou-o em 1665,

some other source, between 1669 (when his period of activity begins) and 1678 (33).

Figure 6 shows the drawing and nomenclature of the Zambezi and neighbouring regions in Jaillot's map of c. 1678 (34). It is clear that the drawing is identical with that of the chart of the Zambezi in the 1665 atlas of João Teixeira Albernaz II, and that Jaillot's nomenclature also occurs in the chart. The similarity is so close that we have no hesitation in declaring the atlas to be the immediate source of this representation (35).

We can now reconstruct in part the early history of the atlas. It was commissioned by d'Ablancourt from João Teixeira Albernaz II, who completed

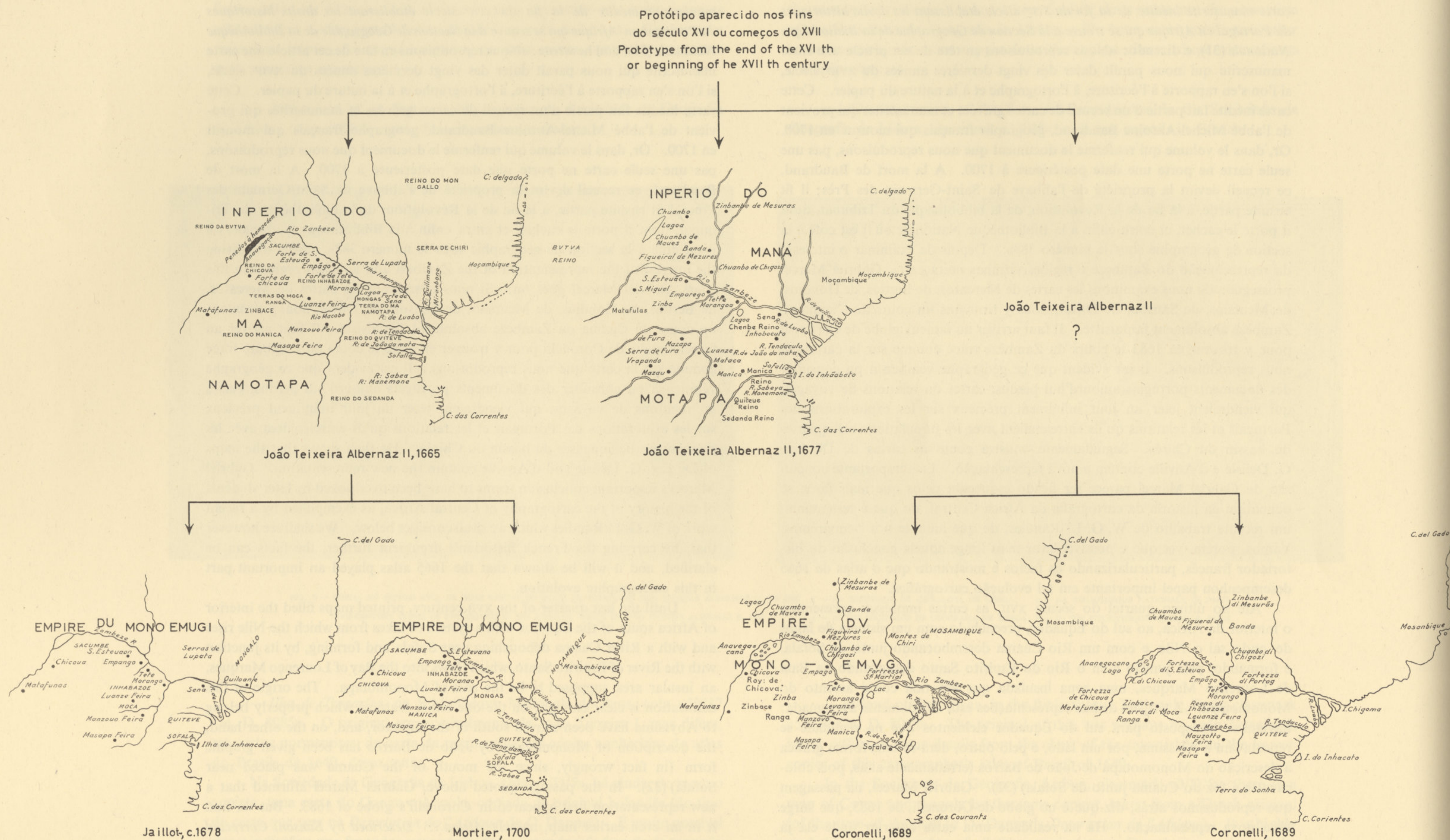


FIG. 6 — ESQUEMA COMPARATIVO DAS PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES IMPRESSAS DO NOVO TRAÇADO DO ZAMBEZE E SUA FILIAÇÃO NAS CARTAS DE JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II

COMPARATIVE SKETCH OF THE FIRST PRINTED REPRESENTATIONS OF THE NEW VERSION OF THE ZAMBEZI AND THEIR DERIVATION FROM THE CHARTS OF JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II

devendo tê-lo então enviado para França. Aí, d'Ablancourt mostrá-lo-ia a geógrafos franceses, entre eles a algum dos Sanson ou Jaillot, e este último, c. 1678, incluiu pela primeira vez numa carta impressa a nova representação do Zambeze, logo reproduzida por William Berry. Uma cópia da carta correspondente do atlas veio também então às mãos do geógrafo Baudrand. Em 1685 d'Ablancourt foi para a Haia, e por sua morte, em 1693, o atlas ficou na posse de Monsieur d'Halewyn, que o cedeu a Mortier, reproduzindo-o este, com outro arranjo de cartas, na *Suite du Neptune François,* publicada em 1700.

it in 1665, and it must then have been sent to France. There d'Ablancourt showed it to French geographers, including one of the Sanson brothers or Jaillot, who about 1678 first incorporated the new version of the Zambezi in a printed map; and it was immediately reproduced by William Berry. A copy of the relevant chart of the atlas also came into the hands of the geographer Baudrand. In 1685 d'Ablancourt moved to The Hague, and on his death in 1693 the atlas passed into the possession of Monsieur d'Halewyn, who allowed Mortier to reproduce it, with the charts differently arranged, in the *Suite du Neptune François,* published in 1700.

(33) Agradecemos ao nosso amigo R. A. Skelton estas informações sobre a fonte da carta de William Berry e o período e condições em que Jaillot teria obtido os novos dados sobre o Zambeze.

(34) Jaillot colocou a nova representação entre os lagos do Nilo, ao Norte, e a ilha Cuama-Espírito Santo, ao Sul. Como conservou a designação de *Monomotapa* para a última, chamou erradamente à nova Zambézia *Monoemugi*. Ficaram, assim, em duplicado, um Cuama e um Zambeze!

(35) Como dissemos atrás, a representação da Zambézia na carta geral da África da *Suite* é também extraída, sem dúvida, do atlas manuscrito de 1665.

(33) We are indebted to our friend R. A. Skelton for this information on the source of William Berry's map and on the time and circumstances in which Jaillot might have obtained the new data on the Zambezi.

(34) Jaillot located the new representation between the Nile lakes, in the north, and the Cuama-Espirito Santo island, in the south. Since the latter retained its designation *Monomotapa,* he wrongly called the new Zambezia *Monoemugi*. Thus we have a Cuama and a Zambezi in duplicate!

(35) As we have said, the delineation of Zambezia in the general chart of Africa in the *Suite* is also doubtless taken from the manuscript atlas of 1665.

Averiguámos ainda que uma outra carta portuguesa da África Central, um pouco diferente da do atlas de 1665, e possìvelmente devida a João Teixeira Albernaz II, foi também conhecida em França pouco depois e serviu de fonte às cartas de Coronelli, de 1689 (36).

Randles, no trabalho atrás mencionado, refere de passagem a carta da Zambézia no atlas de c. 1628 de João Teixeira I e a de João Teixeira Albernaz II de 1677, pondo a sua sobriedade e verdade em contraste com a cartografia impressa e dizendo «infelizmente nenhuma das cartas parece ter influenciado quaisquer editores mais modernos de cartas gravadas». Conclui dizendo que o primeiro a ver que a cartografia do interior de África não passava de um amontoado de erros e confusões foi Isaac Vossius, no livro *De Nili et Aliorum Fluviorum Origine* (1664), e que «depois de Vossius, De l'Isle (1708) e d'Anville (1727) publicaram ambos cartas de África; a sua cartografia do sueste africano era em parte baseada no livro *Ethiopia Oriental*, de João dos Santos, cujo primeiro volume foi traduzido para francês por Gaetan Charpy em 1684 e apareceu novamente em 1688» (37).

Não nos parece que tais conclusões correspondam ao que na verdade se passou. Os portugueses haviam possuído um tipo de carta do Zambeze e regiões vizinhas (abrangendo áreas dos actuais territórios de Moçambique, Rodésias e Niassalândia) que, durante meio século pelo menos, foi desconhecido fora de Portugal. Além das duas cartas citadas por Randles, existem ainda as de Manuel Godinho de Erédia, de c. 1615-1622 (Estampa 419 F), João Teixeira I, de 1630 (Estampa 469), Pedro Barreto de Resende, no *Livro do Estado da India Oriental* de 1636 (do qual nos ocuparemos adiante, Estampa 579) e João Teixeira Albernaz II, de 1665. Temos aliás documentos referindo-se expressamente a tal carta, um deles de D. Jerónimo de Almeida, de 1616: «... O caminho de Angola por terra à India não é ainda descoberto; mas não deixa de ser sabido, e será fácil em sendo cursado porque de Angola à Lagoa Zachaf (que fica no sertão da Etiópia, e tem de largo 15 léguas sem até agora se lhe saber o comprimento) são menos de duzentas e cinquenta léguas; e segundo um mapa que vi, feito por um português que andou muitos anos pelos reinos de Monomotapa, Manica, Butua e outros daquela cafraria, fica esta lagoa não muito longe de Zimbaoé, quer dizer côrte, de Mesura ou Marábia. Sai dela o rio Aruvi, que por cima do nosso forte de Tete se mete no rio Zambeze. E também o rio Chire que, cortando por muitas terras, e últimamente pelas de Rondo, se vai ajuntar com o rio Cuama, para baixo de Sena» (38). Nesta descrição se contêm os traços fundamentais das cartas acima indicadas (a lagoa — sem dúvida o Lago Niassa — vem na carta de 1636, mas falta nas restantes), e supomos que o seu protótipo data ainda de fins do século XVI. Uma das suas características é precisamente o alongamento, em longitude, do Zambeze, facto que esteve na origem da ideia da relativa facilidade em ir de Angola a Moçambique.

Pela altura em que saía o livro de Vossius (1664), verificou-se a primeira exportação para o estrangeiro — através do atlas de 1665 encomendado por d'Ablancourt — de tal protótipo português. E, ao contrário do que supôe Randles, não foi preciso esperar pela edição francesa do notabilíssimo livro de Frei João dos Santos, em 1684, para que os geógrafos franceses e Coronelli se apercebessem da importância de tal representação, pois logo em c. 1678 Jaillot a utilizou numa carta impressa e em 1683 Coronelli num globo. Além disso, Vossius sabia da descoberta das origens do Nilo Azul por P. Pais em 1618 (através do livro de Kircher, 1652), e a sua representação da Abissínia baseia-se na carta de Melchisédec Thévenot (1663), que por sua vez provinha da do P.e Baltasar Teles (*História de Ethiopia-a-Alta,* 1660), tendo este último utilizado a carta do P.e Manuel de Almeida de c. 1645. Por consequência, se Vossius elimina as anteriores figurações do interior de África, em especial o clássico sistema de lagos ao sul do equador, como fontes do Nilo, isso é em boa parte resultado das descobertas e das cartas dos portugueses sobre a Abissínia. Ora, é em tal altura que chega a França o atlas de 1665, de João Teixeira II, com a novidade da representação do Zambeze e Monomotapa. Pode dizer-se que vem na ocasião própria. Se Jaillot ainda conserva as figurações tradicionais das origens do Nilo e da Ilha do Monomotapa de Barros-Gastaldi, encaixando entre elas o novo desenho, Coronelli elimina já a primeira e preenche grande parte do vazio, assim aberto, com figuras alegóricas e legendas relativas aos trabalhos dos Jesuítas na Abissínia, embora ao sul do novo Zambeze conserve aquela forma de Ilha do Monomotapa. Poucos anos depois, esta é eliminada, nomeadamente por De l'Isle; e d'Anville procede à correcção em longitude das representações do Congo-

(36) Lamentamos que a falta de espaço não nos permita apresentar aqui os fundamentos desta conclusão. As cartas de Coronelli têm a mais, em relação à de Jaillot, elementos a norte do Zambeze parecidos com os que vêm na carta de João Teixeira Albernaz II de 1677 analisada e reproduzida atrás (Estampa 551). Recordamos ainda que Coronelli esteve na França em 1681-1683, e aí conviveu largamente com os geógrafos franceses. Não pudemos verificar se no globo de 1683 Coronelli já inclui a representação que se vê nas cartas de 1689, embora a passagem atrás transcrita de Gabriel Marcel assim o dê a entender.

(37) W. G. L. Randles, *op. cit.* na nota 32, pp. 161-3.

(38) Publicado in *Travessia de África pelo Dr. Lacerda e Almeida,* p. 19. Lisboa 1936.

It appears that another Portuguese map of Central Africa, slightly different from that of the 1665 atlas, and perhaps due to João Teixeira Albernaz II, was also known in France somewhat later and served as source for Coronelli's maps of 1689 (36).

Randles, in his work cited above, refers briefly to the map of Zambezia in the atlas of c. 1628 by João Teixeira I and to that of 1677 by João Teixeira Albernaz II, contrasting their sobriety and correctness with the printed cartography, and writing: «Unfortunately, neither map seems to have influenced any later publishers of printed maps». Randles ends by saying that the first to realize that the cartography of the interior of Africa was nothing but a mass of error and confusion was Isaac Vossius, in his book *De Nili et Aliorum Fluviorum Origine* (1664), and that «after Vossius, De l'Isle (1708) and d'Anville (1727) both published maps of Africa; their cartography of south-east Africa was in part based on João dos Santos' book *Ethiopia Oriental,* the first volume of which was translated into French by Gaetan Charpy in 1684 and which appeared again in 1688» (37).

In our view these conclusions are not in accordance with the facts. The Portuguese had possessed a type-map of the Zambezi and neighbouring regions (embracing parts of the modern territories of Mozambique, the Rhodesias and Nyasaland) for at least half a century before it became known outside Portugal. Besides the two works cited by Randles, we have maps by Manuel Godinho de Erédia, of c. 1615-1622 (Plate 419 F), by João Teixeira I, of 1630 (Plate 469), by Pedro Barreto de Resende, in the *Livro do Estado da India Oriental* of 1636 (which we shall consider later, Plate 579), and by João Teixeira Albernaz II, of 1665. There are also explicit documentary references to such a map, for instance by D. Jerónimo de Almeida in 1616: «...The way from Angola to India by land is not discovered; but it is not unknown and can be easily traversed, seeing that from Angola to Lake Zachaf (which lies in the domain of Ethiopia and is 15 leagues wide, but its extent is not yet known) are less than two hundred and fifty leagues; and according to a map which I have seen, made by a Portuguese who travelled for many years in the kingdoms of Monomotapa, Manica, Butua and other kingdoms of this Kafraria, this lake is not far from Zimbabwe, that is to say court, of Mesura or Marabia. From it rises the river Aruvi, which falls into the river Zambezi above our fort of Tete. And also the river Chire, which, flowing through many lands, and last of all those of Rondo, joins the river Cuama, below Sena» (38). This description embodies the basic features of the maps mentioned above (the lake — doubtless Lake Nyasa — is in the 1636 map, but not in the others), and we suppose their prototype to date from the end of the XVI century. One of their characteristics is in fact the longitudinal extension of the Zambezi, which gave rise to the idea that the journey from Angola to Mozambique was relatively easy.

At the time when Vossius' book appeared (1664), we have the first authenticated instance of this Portuguese prototype being exported, in the atlas of 1665 commissioned by d'Ablancourt. Randles is wrong in supposing that the French geographers and Coronelli would have had to wait for the French edition (1684) of the very remarkable book by João dos Santos to appreciate the importance of this representation, because Jaillot used it as early as c. 1678 in a printed map, and Coronelli in 1683 in a globe. Moreover, Vossius knew of P. Pais' discovery of the source of the Blue Nile in 1618 (through Kircher's book of 1652), and his representation of Abyssinia is based on the map of Melchisédec Thévenot (1663) derived from that of Father Baltasar Teles (*História de Ethiopia-a-Alta,* 1660), who had made use of the map drawn c. 1645 by Father Manuel de Almeida. Thus, if Vossius eliminated the earlier features of the interior of Africa, particularly the classical system of the lake-sources of the Nile south of the Equator, this is largely due to the discoveries and maps of the Portuguese relating to Abyssinia. It is at this very time that the 1665 atlas of João Teixeira II, with the new delineation of the Zambezi and Monomotapa, arrived in France. This may be considered opportune. If Jaillot still retains the traditional versions of the sources of the Nile and the Barros-Gastaldi Island of Monomotapa, fitting the new design between them, Coronelli eliminates the former and fills a large part of the space thus vacated with allegorical figures and legends referring to the work of the Jesuits in Abyssinia, while to the south of the new Zambezi he still reproduces the Island of Monomotapa. A few years later this too is eliminated, notably by De l'Isle, and d'Anville proceeds to correct the longitudes of the representation of the Congo-

(36) We regret that lack of space forbids us setting out the grounds for this conclusion here. To the north of the Zambezi, Coronelli's maps have — in comparison with Jaillot — more affinities with the chart of 1677 by João Teixeira Albernaz II, which is described and reproduced above (Plate 551). We may recall that in 1681-1683 Coronelli was in France, where he frequented the company of French geographers. We have not been able to ascertain whether Coronelli's globe of 1683 has the same representation as that in his maps of 1689, although the passage cited above from Gabriel Marcel would lead us to suppose so.

(37) W. G. L. Randles, *op. cit.* in note 32, pp. 161-3.

(38) Published in *Travessia de África pelo Dr. Lacerda e Almeida,* p. 19. Lisboa 1936.

Angola (39) e do Zambeze-Monomotapa, sabendo-se aliás que fez isso através de elementos portugueses e em ligação com o embaixador português em França, D. Luís da Cunha (1724). É portanto uma história muito diferente das conclusões de Randles: as reformas cartográficas de Vossius, De l'Isle e d'Anville inspiram-se essencialmente nas informações e cartas portuguesas, e antes destes dois últimos e do aparecimento da edição francesa do livro de Frei João dos Santos, já Jaillot e Coronelli haviam apresentado o novo traçado do Zambeze, baseados, respectivamente, no atlas de 1665 de João Teixeira Albernaz II e noutra carta portuguesa, tendo afinidades com a de 1677 do mesmo cartógrafo.

Em conclusão, o atlas de 1665 de João Teixeira Albernaz II, quer no que respeita ao litoral, quer na parte relativa ao interior, constitui um documento de importância capital na história da cartografia africana (40). Supomos aliás que este atlas não foi o primeiro no seu género; e, como a análise das últimas cartas conhecidas de João Teixeira I indica que o traçado das costas africanas é do mesmo modelo, somos levados a supor que já existiriam então as numerosas cartas particulares que caracterizam o seu atlas, pelo que concluímos que ele deve ter sido inicialmente criado por João Teixeira I (41).

QUATRO ATLAS DO BRASIL, DE 1666 A c. 1675

ESTAMPAS 562-567

Com a assinatura de João Teixeira Albernaz II, conhecem-se três atlas do Brasil; e ainda há outro, anónimo, sem dúvida da sua autoria. Como são todos muito semelhantes entre si, fazemos primeiramente a sua descrição geral, procedendo no final, ao exame comparativo, a fim de apurar a data dos dois que não a contêm.

ATLAS DE 1666

É actualmente pertença da Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, onde possui a cota «a 770 a-1666 A». Contém trinta e uma cartas, das quais vinte e nove medem 263 × 370 mm e duas (Brasil e Baia de Todos os Santos) têm 435 × 625 mm. Primitivamente as cartas estavam encadernadas, dobradas pelo meio, mas actualmente estão soltas e abertas entre folhas de cartão, para melhor conservação. São traçadas em papel, manuscritas e iluminadas, com as cores ainda muito vivas. O frontispício tem uma portada, com as armas de Portugal na parte superior e o brazão dos Condes de Atouguia na inferior, dentro da qual vem o título da obra: *Livro de toda a Costa da Provincia Santa Cruz Feito por Ioaõ Teixeira Albbernas Anno D. 1666* (Fig. 7). Ao frontispício seguem-se duas folhas com um pequeno texto geográfico sobre o Brasil.

O atlas pertenceu à Casa Castelo-Melhor, sendo vendido no infeliz leilão de 1879; em 1926 apareceu de novo à venda na firma londrina Maggs Brothers, sendo adquirido em 1943 pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil (42). Foi referido por Sousa Viterbo e Joaquim Bensaúde; Jaime Cortesão ocupou-se dele várias vezes, e ùltimamente descreveu-o Isa Adonias (43).

---

(39) Também se deu por então a saída para o estrangeiro de uma carta portuguesa do Congo e Angola, como o revelam várias cartas impressas. Sabe-se aliás, conforme vem no relato da viagem do Grão-Duque da Toscana Cosimo III (existente na Biblioteca Medicea Laurenziana, Florença), que Salvador Correia de Sá ofereceu em Lisboa ao Grão-Duque, em 12 de Fevereiro de 1669, «una gran carta topografica del Regno d'Angola», cujo paradeiro infelizmente se desconhece.

(40) A falta de espaço impede-nos de desenvolver aqui o que há a dizer sobre a sua influência no traçado do litoral. Apontamos, no entanto, que ainda em 1787 Dalrymple publicava uma *Chart of the East Coast of Africa* (Fig. 10) que, como aliás se indica na respectiva legenda, não passa de cópia da carta correspondente da *Suite du Neptune François* de Mortier.

(41) As conclusões a que chegámos neste breve estudo, mostram a conveniência de uma revisão de muitos conceitos correntes sobre a história da cartografia da África Central. À luz destas conclusões e de outras que aqui não é possível referir, um de nós (T.M.) está a preparar uma obra onde se fará a análise sistemática das cartas dessa região, desde 1500 a 1860, o estudo das suas fontes, o cotejo com numerosa documentação histórica e geográfica, as relações que no século XVII e XVIII existiram entre os geógrafos franceses e os cartógrafos e autoridades portuguesas e ainda as profundas correlações entre a cartografia e os projectos, tentativas e realizações dos portugueses com o objectivo de efectuar a ligação entre Angola e Moçambique, desse modo atravessando o continente africano.

(42) *Catalogo dos preciosos manuscriptos da Bibliotheca da Casa dos Marquezes de Castello Melhor,* n.º 166. Lisboa 1878. *Maggs Bros, Catalogue 479,* p. 307, com reproduções do frontispício e carta geral, London 1926; também no catálogo 546 da mesma firma, com o n.º 378.

(43) Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII,* Vol. I, p. 28. Lisboa 1898. Joaquim Bensaúde, *Les Légendes Allemandes sur l'Histoire des Découvertes Maritimes Portugaises,* p. 97. Genève 1917-1922. Jaime Cortesão, *Cabral e as Origens do Brasil,* p. 38, Rio de Janeiro 1944; *Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia,* Caps. 9 e 16, Rio de Janeiro 1944 (folhas mimeografadas); *Historia do Brasil nos Velhos Mapas,* cap. III, no prelo. Isa Adonias, *As peças raras da Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores,* pp. 12-14. Rio de Janeiro 1956.

Angola (39) and of the Zambezi-Monomotapa, doing so (as is known) from Portuguese data and in association with the Portuguese ambassador in France, D. Luís da Cunha (1724). The course of events therefore differs widely from Randles' conclusions: the cartographic reforms of Vossius, De l'Isle and d'Anville were basically inspired by Portuguese information and maps; and even earlier than the two cartographers last-mentioned, and before the appearance of the French edition of the book by Frei João dos Santos, Jaillot and Coronelli had produced the new version of the Zambezi, derived — respectively — from the 1665 atlas of João Teixeira Albernaz II and from another Portuguese map, similar to that of 1677 by the same cartographer.

We conclude that the 1665 atlas of João Teixeira Albernaz II, whether in regard to the coast or the interior, is a document of prime importance in the history of African cartography (40). We do not suppose this atlas to have been the first of its kind; and since the latest surviving maps of João Teixeira I have the outline of the African coasts drawn after the same model, we are led to believe that in his time the numerous detailed charts characteristic of the atlas were already in existence. We therefore conclude that the model was created in the first instance by João Teixeira I (41).

FOUR ATLASES OF BRAZIL, 1666 TO c. 1675

PLATES 562-567

Three atlases of Brazil are known with the signature of João Teixeira Albernaz II, with a fourth which, though anonymous, is undoubtedly by him. As they closely resemble one another, we shall first give a general description of them and then make a comparative analysis, with the object of determining the date of two the undated atlases.

ATLAS OF 1666

This is now in the Mapoteca of the Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, with the classmark «a 770 a-1666 A». It contains thirty-one charts, twenty-nine of which measure 263 × 370 mm and two (Brazil and the Bay of Todos os Santos) 435 × 625 mm. The charts were formerly folded in two and bound, but to-day they are loose sheets, opened up and laid between sheets of pasteboard, for better preservation. They are drawn on paper and illuminated, the colours being still very bright. On the title-page is drawn a portal, with the arms of Portugal in the upper part and those of the Counts of Atouguia in the lower, and within it the title of the work: «Book of all the Coast of the Province of Santa Cruz, made by Ioaõ Teixeira Albernas in the year 1666» (Fig. 7). The title-page is followed by two leaves with a short descriptive text on the geography of Brazil.

The atlas belonged to the Castelo-Melhor family and was sold in the unfortunate auction of 1879; in 1926 it was offered for sale by the London firm of Maggs Brothers, and was purchased in 1943 by the Ministério das Relações Exteriores of Brazil (42). It has been referred to by Sousa Viterbo and Joaquim Bensaúde; Jaime Cortesão discussed it several times, and it has been described by Isa Adonias (43).

---

(39) This representation too, as various printed maps show, is derived from a Portuguese map of the Congo and Angola, which had been taken out of Portugal. In fact, the narrative of the travels of Grand-Duke Cosimo III of Tuscany (in the Biblioteca Medicea Laurenziana, Florence) records that Salvador Correia de Sá presented to the Grand-Duke in Lisbon, on 12 February 1669, «a large topographical map of the Kingdom of Angola», whose present whereabouts are unfortunately not known.

(40) Lack of space prevents us from developing here our views on its influence on the coastal outline. We may note meanwhile that as late as 1787 Dalrymple published a *Chart of the East Coast of Africa* (Fig. 10), which, as its legend indeed indicates, is no more than a copy of the corresponding chart in Mortier's *Suite du Neptune François.*

(41) The conclusions arrived at in this brief study show the need for revision of many current ideas on the history of the cartography of Central Africa. In the light of these conclusions, and of others to which we cannot refer here, one of us (T.M.) is preparing a work which will present a systematic analysis of the maps of this region from 1500 to 1860, a study of their sources, a collation with the numerous historical and geographical documents, and an examination of the relations, in the XVII and XVIII centuries, between French geographers and the Portuguese cartographers and authorities and of the intimate connection between cartography and the projects, ventures and achievements of the Portuguese with the object of linking up Angola and Mozambique and of crossing the African continent.

(42) *Catalogo dos preciosos manuscriptos da Bibliotheca da Casa dos Marquezes de Castello Melhor,* n.º 166. Lisbon 1878. *Maggs Bros, Catalogue 479,* p. 307, with reproductions of the title-page and general chart, London 1926; also in *Catalogue 546* of the same firm, n.º 378.

(43) Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII,* Vol. I, p. 28. Lisboa 1898. Joaquim Bensaúde, *Les Légendes Allemandes sur l'Histoire des Découvertes Maritimes Portugaises,* p. 97. Genève 1917-1922. Jaime Cortesão, *Cabral e as Origens do Brasil,* p. 38, Rio de Janeiro 1944; *Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia,* caps. 9 and 16, Rio de Janeiro 1944 (mimeographed); *História do Brasil nos Velhos Mapas,* cap. III, in the press. Isa Adonias, *As peças raras da Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores,* pp. 12-14. Rio de Janeiro 1956.

ATLAS DE c. 1666

Faz parte do códice de Diogo Barbosa Machado com o título *Mappas do Reino de Portugal,* pertencente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cota «CAM 4-2». Contém vinte e nove cartas, manuscritas e coloridas, traçadas em papel, medindo vinte e seis delas 224 × 356 mm, uma (Pernambuco) 288 × 410 mm e duas (Brasil e Baía de Todos os Santos) 400 × 565 mm. Está truncado, faltando-lhe a página de título (onde devia ter a data e o nome do autor) e as duas primeiras cartas parciais, mas é, sem qualquer dúvida, da autoria de João Teixeira Albernaz II, tão flagrantes são as semelhanças de estilo e letra em relação aos outros atlas deste cartógrafo.



FIG. 7 — FRONTISPÍCIO DO ATLAS DO BRASIL DE JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II, DE 1666
TITLE-PAGE OF THE ATLAS OF BRAZIL BY JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II, 1666

Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro

Figurou na Exposição Histórica do Brasil de 1881 (considerando-se no respectivo catálogo, anterior a 1680), e foi referido por Jaime Cortesão (44).

ATLAS DE 1670

Pertence à Hispanic Society of America, New York, tendo a cota «K43». Contém trinta e uma cartas, traçadas em papel, manuscritas e iluminadas, medindo cada uma 22 × 36 cm (com excepção das n.os 1 e 18, Brasil e Baía de Todos os Santos, que têm respectivamente 29 × 40 e 40 × 56 cm). No frontispício lê-se o seguinte título: *Livro da descripçaõ de toda a costa do estado do Brasil que começa em o Rio da Prata e acaba no gram Parâ debaxo da Linha Equinocial Feito por Ioaõ Teixeira Albernas Cosmographo dos Reinos de Portugal o Anno d 1670* (Fig. 8).

O atlas foi adquirido, em 1907, ao livreiro Karl W. Hiersemann, de Leipzig (45). Referido por Joaquim Bensaúde apenas com base na descrição

(44) *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil,* n.º 1398, Rio de Janeiro 1881; Jaime Cortesão, *loc. cit.* na nota anterior.

(45) Era o n.º 69 do Catálogo 339 desse livreiro, conforme se vê na folha colada no começo do atlas. Bensaúde, 1917-1922, p. 97, diz que o atlas figurava, por 34.000 marcos, no catálogo 350 do mesmo livreiro (1908), p. 74.

ATLAS OF c. 1666

This is part of the codex of Diogo Barbosa Machado entitled *Mappas do Reino de Portugal,* belonging to the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, classmark «CAM 4-2». The atlas contains twenty-nine charts, drawn on paper and coloured, twenty-six of them measuring 224 × 356 mm, one (Pernambuco) 288 × 410 mm, and two (Brazil and the Bay of Todos os Santos) 400 × 565 mm. The atlas is mutilated, lacking the title-page (where the date and author's name must have appeared) and the first two regional charts, but its obvious affinities of style and writing with the other atlases by João Teixeira Albernaz II leave no room for doubt that it is by this cartographer.

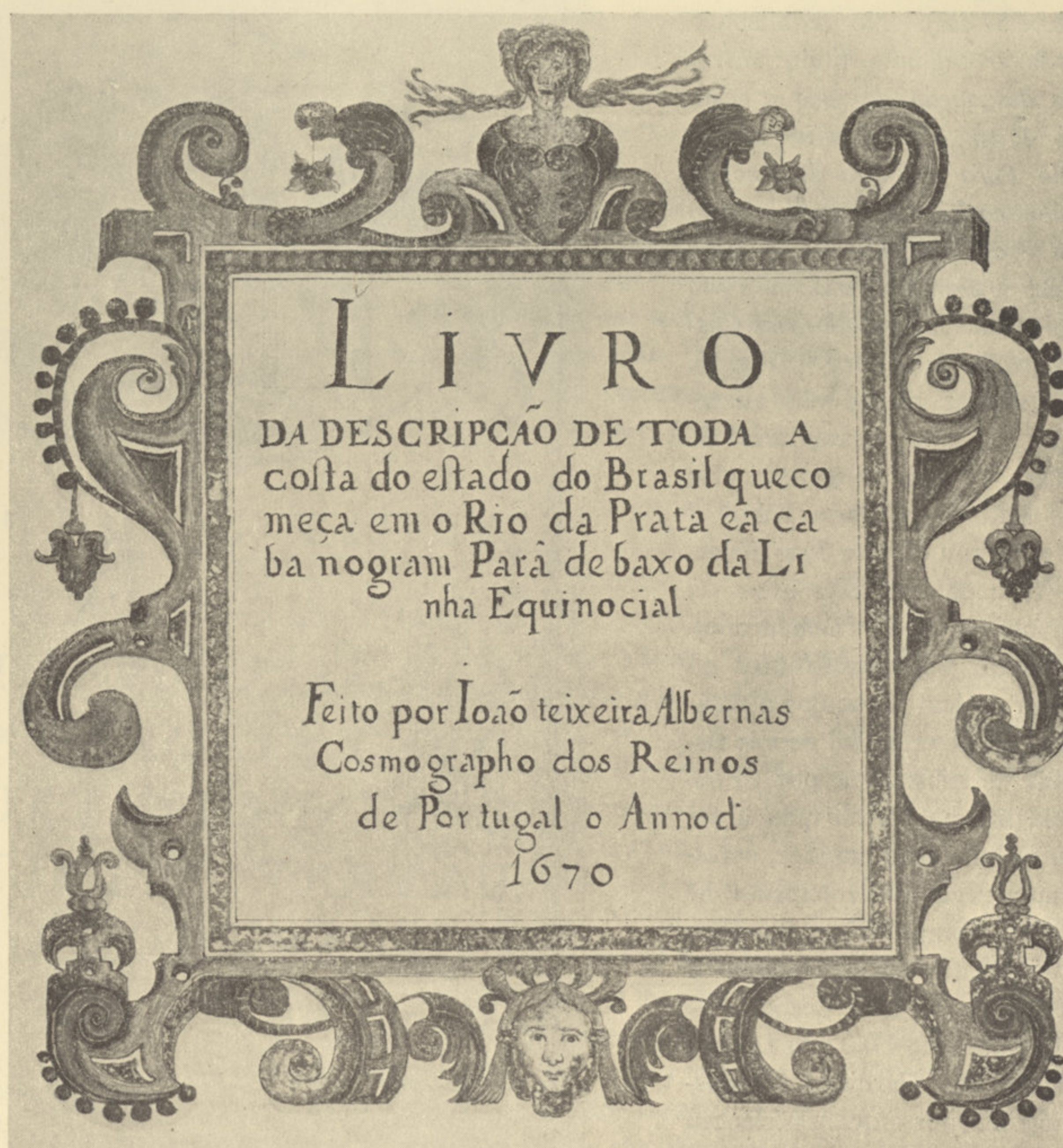


FIG. 8 — FRONTISPÍCIO DO ATLAS DO BRASIL DE JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II, DE 1670
TITLE-PAGE OF THE ATLAS OF BRAZIL BY JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II, 1670

Hispanic Society of America, New York

It was shown in the Exposição Histórica do Brazil in 1881, the catalogue of which dated it «before 1680», and has it been referred to by Jaime Cortesão (44).

ATLAS OF 1670

This belongs to the Hispanic Society of America, New York, where it has the classmark «K43». It contains thirty-one charts, drawn on paper and illuminated, each measuring 22 × 36 cm (except n.os 1 and 18, Brazil and Bay of Todos os Santos, 29 × 40 and 40 × 56 cm respectively). The title-page reads: «Book of the description of all the coast of the State of Brazil, beginning from the River Plate and ending at the Grão Pará below the Equinoctial Line. Made by Joaõ Teixeira Albernas, Cosmographer of the Kingdoms of Portugal, in the year 1670» (Fig. 8).

The atlas was purchased in 1907 from the Leipzig bookseller Karl W. Hiersemann (45). Joaquim Bensaúde referred to it only from the descrip-

(44) *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil,* n.º 1398, Rio de Janeiro 1881; Jaime Cortesão, *loc. cit.* in the previous note.

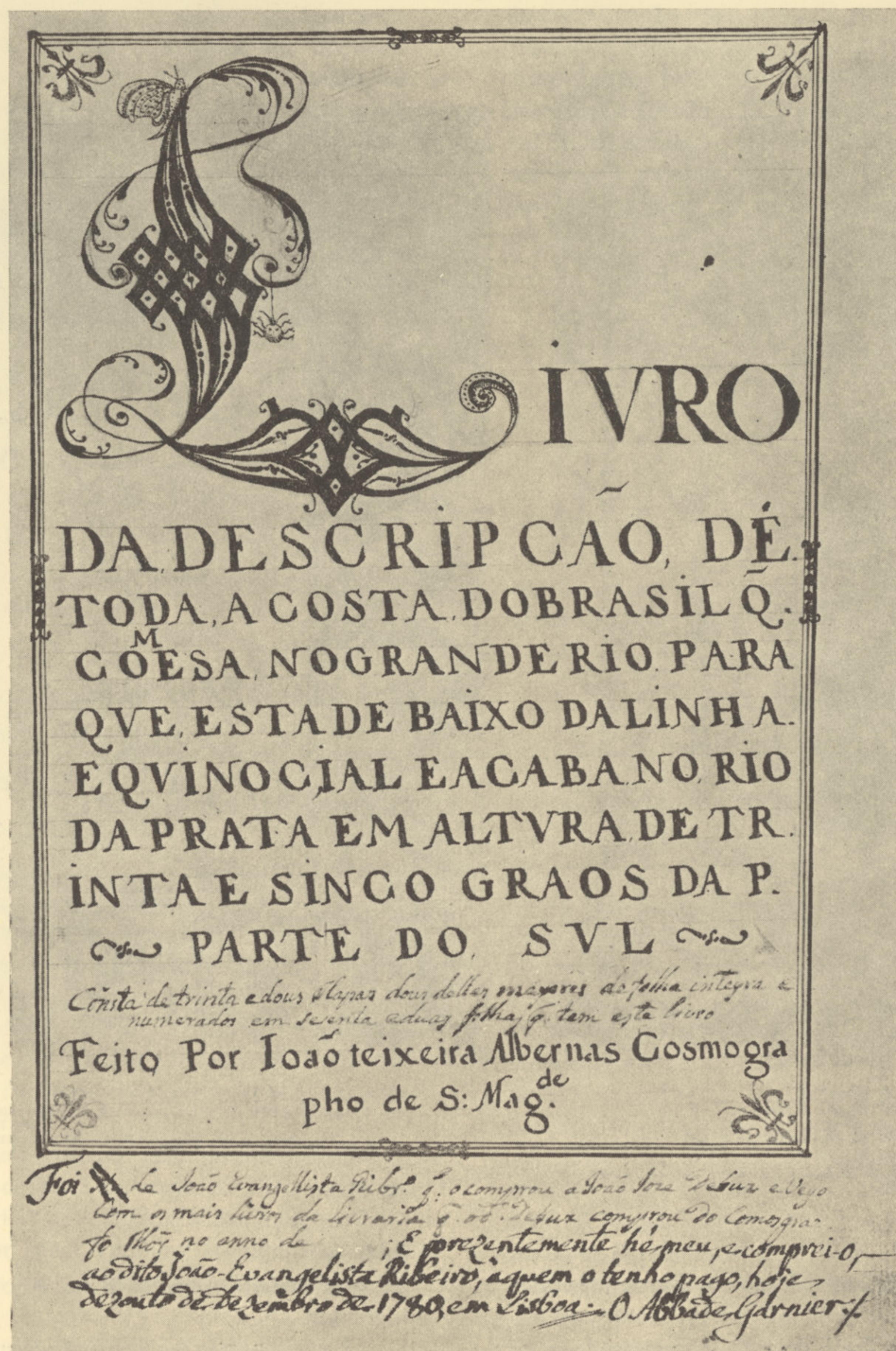
(45) N.º 69 in Catalogue 339 of this bookseller, according to the leaf pasted in at the beginning of the atlas. Bensaúde, 1917-1922, p. 97, says that the atlas was offered, for 34,000 marks, in Catalogue 350 of the same bookseller (1908), p. 74.

do catálogo dessa livraria, o seu paradeiro manteve-se desconhecido para os estudiosos da cartografia antiga do Brasil, e só um mero acaso nos fez saber recentemente onde ele se encontrava (46).

ATLAS DE c. 1675

Pertence também à Hispanic Society of America, New York, com a cota «K45». Contém trinta e duas cartas, traçadas em papel, manuscritas e iluminadas, medindo cada uma 22 × 35,5 cm (com excepção das n.os 1 e 18, Brasil e Baía de Todos os Santos, que têm respectivamente 33 × 56 e 40 × 57 cm). No frontispício lê-se o seguinte título: *Livro da descripçaõ de toda a costa do Brasil q̃ comesa no grande Rio Para que esta debaixo da linha equinocial e acaba no Rio da Prata em altura de trinta e sinco graos da parte do sul Feito por Ioaõ teixeira Albernas Cosmographo de S. Mag.de* (Fig. 9). Na mesma página vêm anotações de dois possuidores do atlas. A mais antiga diz: «He de João Evangellista Ribr.o q̃ o comprou a João Jose Debuz e Veyo com os mais livros da Livraria q̃ o d.to Debuz comprou do Cosmografo Mor no anno de [em branco]»; a palavra inicial «He» foi depois riscada e substituída por «Foi» pela mesma pessoa que, a seguir à anotação anterior, acrescentou: «E prezentemente hé meu, e comprei-o ao dito João Evangelista Ribeiro, aquem o tenho pago, hoje dezouto de Dezembro de 1780, em Lisboa. O Abbade Garnier». O cosmógrafo-mor a quem pertenceu o atlas deve ter sido Manuel Pimentel (falecido em 1719), ou talvez antes o seu filho Luís Francisco Pimentel (falecido em 1764); o Abade Garnier da última anotação é sem dúvida o P.e Carlos Francisco Garnier, francês, nessa época capelão-mor da igreja de S. Luís dos Franceses, em Lisboa.

O atlas foi adquirido em 1914 pelo fundador da Hispanic Society of America, Archer Milton Huntington, ao livreiro de Leipzig Karl W. Hiersemann (47). Julgamos que ficou pràticamente ignorado neste quase meio século, pois não lhe conhecemos qualquer referência (48).



LIVRO
DA DESCRIPÇAÕ DE
TODA A COSTA DO BRASIL Q̃
COMESA NO GRANDE RIO PARA
QVE ESTA DE BAIXO DA LINHA
EQVINOCIAL E ACABA NO RIO
DA PRATA EM ALTVRA DE TR
INTA E SINCO GRAOS DA P.
PARTE DO SVL
Feito Por Ioaõ teixeira Albernas Cosmographo de S: Mag.de

FIG. 9 — FRONTISPÍCIO DO ATLAS DO BRASIL DE JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II, DE C. 1675
TITLE-PAGE OF THE ATLAS OF BRAZIL BY JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II, C. 1675

Hispanic Society of America, New York

tion in this bookseller's catalogue, and its whereabouts remained unknown to students of the early cartography of Brazil until by mere chance we recently discovered where it was (46).

ATLAS OF c. 1675

This also belongs to the Hispanic Society of America, New York, classmark «K45». It contains thirty-two charts, drawn on paper and illuminated, each measuring 22 × 35,5 cm (except n.os 1 and 18, Brazil and Bay of Todos os Santos, 33 × 56 and 40 × 57 cm respectively). The title-page reads: «Book of the description of all the coast of Brazil beginning from the great River Pará, which is below the equinoctial line, and ending at the River Plate in the latitude of thirty-five degrees south. Made by Ioaõ teixeira Albernas, Cosmographer of His Majesty» (Fig. 9). On the same page are notes by two former owners of the atlas. The older one reads: «This belongs to João Evangellista Ribr.o who bought it from João Jose Debuz, and it came with the other books of the library purchased by the said Debuz from the Cosmographer-major in the year [blank]»; the first word of this note, «He» (is), was later deleted, and «Foi» (was) was written in its place by the same person who added to the original note: «It is now mine, and I bought it from the said João Evangelista Ribeiro, whom I paid for it, this eighteenth of December 1780, in Lisbon. L'Abbé Garnier». The cosmographer-major to whom the atlas belonged must have been Manuel Pimentel (died 1719), or rather, perhaps, his son Luís Francisco Pimentel (died 1764); the Abbé Garnier of the last note is doubtless the French Father Charles-François Garnier, at that time chaplain of the church of S. Luís dos Franceses in Lisbon.

The atlas was purchased in 1914 by the founder of the Hispanic Society of America, Archer Milton Huntington, from the Leipzig bookseller Karl W. Hiersemann (47). We suppose it to have remained practically unknown during the ensuing half century, since we have found no reference to it (48).

(46) Jaime Cortesão, *Curso* citado na nota (43), caps. 10 e 16, refere-o apenas com base na indicação de Joaquim Bensaúde. Soubemos do seu paradeiro por uma referência contida numa carta de 12 de Dezembro de 1921, de E. L. Stevenson a W. A. Slade, existente na Library of Congress, Washington, na qual o primeiro dá o seu parecer sobre o projecto de aquisição do atlas de João Teixeira I, de 1630. Um de nós (A. C.) esteve em 1955 na Hispanic Society of America, e não lhe foi então indicada a existência do atlas, que nem sequer é referido no livro *A History of the Hispanic Society of America, Museum and Library, 1904-1954*. New York 1954.

(47) Vem descrito com o n.º 35 do Catálogo N.S. 3 desse livreiro, com o preço de 36.000 marcos.

(48) Agredecemos a Miss Clara Louisa Penney, Curator of Bibliography da Hispanic Society of America, a indicação deste atlas e os respectivos elementos descritivos. Registamos reconhecidamente que as belas fotografias que serviram para executar as nossas reproduções e a colecção completa de fotocópias que nos permitiu estudar tanto este como o atlas anterior nos foram amàvelmente oferecidas pela Hispanic Society of America.

(46) Jaime Cortesão, *Curso* cited in note (43), chapters 10 and 16, refers to it only from Joaquim Bensaúde's report. We learnt of its location from a reference in a letter of 12 December 1921 from E. L. Stevenson to W. A. Slade, in the Library of Congress, Washington, in which Stevenson reported to that library on the proposal to purchase the 1630 atlas of João Teixeira I. One of us (A. C.) when visiting the Hispanic Society of America in 1955, was unaware of the existence of the atlas, which is not even mentioned in the book *A History of the Hispanic Society of America, Museum and Library, 1904-1954*. New York 1954.

(47) It is described in this bookseller's Catalogue N.S. 3, item 35, priced at 36,000 marks.

(48) We are indebted to Miss Clara Louisa Penney, Curator of Bibliography of the Hispanic Society of America, for reporting this atlas and providing details of its description. We gratefully record the fact that the fine photographs which served to for our reproductions, as well as the complete collection of photocopies which enabled us to study both this atlas and the previous one, were generously presented by the Hispanic Society of America.

EXAME COMPARATIVO DOS QUATRO ATLAS

Os quatro atlas são muito semelhantes entre si, tendo o de c. 1675 a mais a carta do Rio de S. Francisco. Damos na página seguinte o quadro comparativo dos títulos das cartas (no atlas de 1670 só as cartas 1 e 18 têm título, no próprio desenho), com a indicação da sua ordem em cada um dos atlas, pois não é igual em todos. Os quatro atlas abrem com a carta geral do Brasil, mas enquanto no de 1666 as cartas particulares se sucedem de norte para sul, do Rio Amazonas ao Rio da Prata, nos restantes a ordem é inversa. O padrão deste atlas provém de João Teixeira I, que o desenvolvera de anterior modelo de seu pai, Luís Teixeira. Comparando os quatro atlas de João Teixeira Albernaz II com o de 1640 do seu avô, verifica-se que vinte e uma das cartas parciais são pràticamente iguais, só havendo progressos nas nove restantes (Paranaguá, Santos, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Morro de S. Paulo — Ilhéus, Baía de Todos os Santos, R. S. Francisco — R. Tapucagipe, R. S. Francisco — Tapoam, Rio Grande do Norte). A carta do Rio de S. Francisco no atlas de c. 1675 é, por sua vez, diferente da que vem nos atlas de c. 1616 e c. 1626 de João Teixeira I.

Fizemos o exame comparativo dos quatro atlas, para tentar apurar a data aproximada dos dois que não são datados, mas as diferenças, sobretudo com significado cronológico, são escassas. A carta geral do Brasil tem diferenças, maiores ou menores, nos quatro atlas; mas da comparação entre elas e com as cartas atlânticas do mesmo cartógrafo, de 1655 a 1681, não pudemos extrair conclusão alguma quanto à ordem de execução dos atlas. Da comparação entre as cartas parciais verificámos poderem constituir-se dois grupos:

1 — Os dois atlas no Rio de Janeiro, um de 1666 e o outro sem data. — Os títulos de cada carta vêm no próprio desenho, ao cimo, e o traçado e nomenclatura são pràticamente iguais nas duas obras. Jaime Cortesão data o atlas truncado de c. 1660; como não encontrámos qualquer diferença significativa entre os dois atlas, que indicasse ao menos a sua ordem de execução, preferimos datar aquele de c. 1666.

2 — Os dois atlas em New York, um de 1670 e o outro sem data. — No atlas de 1670 os títulos das cartas vêm no verso do desenho; mas faltam no outro. A carta da região do Cabo de Santo Agostinho (n.º 21 no de 1670 e n.º 22 no outro) apresenta, em relação aos atlas do Rio de Janeiro, bastante mais pormenores náuticos, a menção das povoações de Porto do Calvo e Nossa Senhora da Nazaré e um traçado para o interior do Rio Serinhaem com a vila de Serinhaem e oito engenhos. Tais factos levam a supor que o atlas sem data é posterior aos dois do Rio de Janeiro. Por outro lado, a carta da Baía de Todos os Santos no atlas, sem data, da Hispanic Society of America, apresenta a mais, em relação ao de 1670, o Engenho Capanema, tendo o recinto fortificado da Cidade de São Salvador uma área bastante maior (abrangendo as igrejas de São Bento e Nossa Senhora da Vitória e o Forte de S. João do atlas de 1670, não individualizados), e ainda a norte dele, a mais, o Forte do Conde, o Forte de Santo António do Carmo e a Plataforma de Vicente Álvares. Todos estes factos levam também a supor que o atlas não datado é posterior ao de 1670, conclusão que é reforçada por outra diferença na carta do Rio da Prata: enquanto no atlas de 1670 se lê, a sul desse rio, a legenda «Parte das Indias de Castela», no atlas não datado lê-se na mesma região «Esta parte do Rio Prata he da conquista do Reyno de Portugal». Não figura ainda no último a Colónia do Sacramento, mas é sabido que os acontecimentos que levaram à sua fundação, em 1680, começaram a ser preparados alguns anos antes. Dada aquela diferença de legendas, é lícito supor que ela tem relação com tais acontecimentos. Somos assim levados a concluir que o atlas não datado foi feito entre 1670 e 1680, pelo que o consideramos de c. 1675.

COMPARATIVE STUDY OF THE FOUR ATLASES

The four atlases are very much alike, that of c. 1675 having a chart of the Rio de S. Francisco which is not in the others. We give next page a comparative table of the titles of the charts (in the 1670 atlas only charts 1 and 18 have a title, on the drawing itself), showing their order in each atlas, since this varies. All four atlases begin with the general charts of Brazil; but while in that of 1666 the regional charts run from north to south, from the Amazon to the River Plate, the reverse order is observed in the other three. This type of atlas derives from João Teixeira I, who developed it from an earlier model by his father, Luís Teixeira. Comparison of the four atlases by João Teixeira Albernaz II with that of 1640 by his grandfather shows twenty-one of the charts to be practically identical, and only nine to embody improvements (Paranaguá, Santos, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Mount of S. Paulo — Ilhéus, Bay of Todos os Santos, R. S. Francisco — R. Tapucagipe, R. S. Francisco — Tapoam, Rio Grande do Norte). The chart of the Rio de S. Francisco in the atlas of c. 1675 differs, in turn, from those in the atlases of c. 1616 and c. 1626 by João Teixeira I.

We have collated the four atlases in an attempt to ascribe an approximate date to the two undated ones, but the differences, especially those of chronological significance, are slight. The general chart of Brazil varies more or less in the four atlases, but comparison of one with another, and with the Atlantic charts drawn by the same cartographer from 1655 to 1681, yields no evidence on the order in which the atlases were executed. Comparison of the regional charts enables us to arrange them in two groups:

1 — The two atlases in Rio de Janeiro, one of 1666 and the other undated. — The title of each chart is within the drawing, at the top, and the outline and nomenclature are practically the same in the two atlases. Jaime Cortesão dates the mutilated atlas c. 1660; but as we find no significant differences between the atlases, to suggest at least the order in which they were made, we prefer the date c. 1666.

2 — The two atlases in New York, one of 1670 and the other undated. — In the 1670 atlas the titles of the charts are on the back of the sheet; in the other atlas they are wanting. The chart of the region of Cape Santo Agostinho (n.º 21 in the 1670 atlas, n.º 22 in the other) has, in comparison with the Rio de Janeiro atlases, somewhat more hydrographic details, adds the towns of Porto do Calvo and Nossa Senhora da Nazaré, and shows, inland from the Rio Serinhaem, the town of Serinhaem and eight sugar-mills. This suggests that the undated atlas is later than those in Rio de Janeiro. On the other hand, the chart of the Bay of Todos os Santos in the undated atlas of the Hispanic Society of America, in comparison with that of 1670, is augmented by the Capanema sugar-mill, the fortified *enceinte* of the City of São Salvador is somewhat larger in area, embracing the churches of São Bento and Nossa Senhora da Vitória and the Fort of S. João, which are separately drawn in the atlas of 1670, and to the north are added the Fort of the Conde, the Fort of Santo António do Carmo, and the Battery of Vicente Álvares. All this suggests that the undated atlas is later than that of 1670, an inference which is confirmed by a further difference in the chart of the River Plate: whereas the 1670 atlas has, to the south of the river, the legend «Part of the Indies of Castile», we read in the same place in the undated atlas «This part of the River Plate belongs to the conquest of the Kingdom of Portugal». The Colony of Sacramento does not yet appear in the undated atlas, but we know that the events which led to its foundation in 1680 were set in motion some years earlier. The difference in the legends allows us to suppose that it has some connection with these events. We therefore reach the conclusion that the undated atlas was made between 1670 and 1680, and it may be ascribed to c. 1675.

ATLAS DE 1666 — RIO DE JANEIRO			ATLAS DE c. 1666 — RIO DE JANEIRO			ATLAS DE 1670 — NEW YORK			ATLAS DE c. 1675 — NEW YORK		
N.º da Carta	Título das cartas	N.º da Estampa	N.º da Carta	Título das cartas	N.º da Estampa	N.º da Carta	Título das cartas	N.º da Estampa	N.º da Carta	Título das cartas	N.º da Estampa
1 —	Brasil	562 A	1 —	Provincia do Brasil	562 B	1 —	Brasil	562 C	1 —	Brasil	562 D
31 —	Demostraçaõ do Rio da Prata	567 E	[2] —	[Falta — Lacking]		2 —			2 —	Demostrasaõ do Rio da Prata	
30 —	Costa que vay ao Rio da Prata	567 D	[3] —	[Falta — Lacking]		3 —			3 —	Demostrasaõ do Rio da Prata ate o Rio Grande	
29 —	Demostraçaõ das Ilhas de Sta. Catherina	567 C	4 —	Demostraçaõ da Cananeya athe o Rio da Alagoa		4 —			4 —	Demostrasaõ do Rio Grande de Saõ Francisco	
28 —	Demostraçaõ do Pernagua e Cananeia	567 B	5 —	Demostraçaõ da Cananeya athe o Rio de S. Francisco		5 —			5 —	Demostrasaõ do Rio de Saõ Francisco ate a Cananeya	
27 —	Demostraçaõ da Barra de Santos	567 A	6 —	Demostraçaõ da Barra de Santos ate a Cananeya		6 —			6 —	Demostrasaõ da Cananeya ate Santos	
26 —	Demostraçaõ da Ilha de S. Sabastião	566 H	7 —	Demostraçaõ de Ubatuba athe a ilha de Santo Amaro		7 —			7 —	Demostrasaõ de Santos athe a Ponta de Ubatuba	
25 —	Demostraçaõ da Ilha Grande	566 G	8 —	Demostraçaõ de Toiuca athe a Emceada de Ubatuba		8 —			8 —	Demostrasaõ da Ponta de Ubatuba athe o Rio de Ianeiro	
24 —	Aparencia do Rio de Ianeiro	566 F	9 —	Aparencia do Rio de Ianeiro cõ todos os baixos e ilhas		9 —			9 —	Demostrasaõ do Rio de Ianeiro	
23 —	Demostraçaõ do Cabo Frio	566 E	10 —	Demostraçaõ do Cabo de S. Thome athe as ilhas de Maricara		10 —			10 —	Demostrasaõ do Rio de Ianeiro ate ho Cabo Frio e de Saõ Thome	
22 —	Costa do Sprito Santo ao Cabo d. S. Thome	566 D	11 —	Demostraçaõ do Morro de Ioão Moreno ao Cabo de S. Thome		11 —			11 —	Demostrasaõ do Cabo de Saõ Thome athe o Sprito Santo	
21 —	Demostraçaõ do Sprito Santo	566 C	12 —	Demostraçaõ do Rio Doce ao Porto do Sprito Sto.		12 —			12 —	Demostrasaõ do Sprito Santo athe o Rio Doçe	
20 —	Costa dos Abrolhos ao Rio Doce	566 B	13 —	Demostraçaõ da Ponta de Agasuipe ao Rio Dose		13 —			13 —	Demostrasaõ do Rio Doce athe a Ponta de Agasuipe	
19 —	Costa do Rio dos Frades aos Abrolhos	566 A	14 —	Demostraçaõ do Rio dos Frades a Ponta de Agasuipe		14 —			14 —	Demostrasaõ d Rio Doçe athe o Rio dos Frades	
18 —	Demostraçaõ do Porto Seguro	565 H	15 —	Demostraçaõ do Rio de Sto. Antº. athe o dos Frades		15 —			15 —	Demostrasaõ do Rio dos Frades athe o Rio de S. Antonio	
17 —	Costa dos Ilheos ao Rio de Santo Antonio	565 G	16 —	Demostraçaõ dos Ilheos athe o Rio de Stº. Antonio		16 —			16 —	Demostrasaõ do Rio de Santo Antonio athe o Rio de S. Iorge	
16 —	Demostraçaõ do Morro de S. Paulo e dos Ilheos	565 F	17 —	Demostraçaõ do Morro de S. Paulo athe os Ilheos		17 —			17 —	Demostrasaõ da Villa de Saõ Iorge athe o Morro de S. Paulo	
15 —	Bahia de Todos os Santos	563 A	18 —	Bahia de Todos os Santos	563 B	18 —	Bahia de Todos os Santos	563 C	18 —	Bahia de Todos os Santos	563 D
14 —	Demostraçaõ do Rio de S. Francisco ate a Tapoam	565 E	20 —	Demostraçaõ do Rio de S. Fran.co athe a Tapoham		19 —			19 —	Demostrasaõ da Tapoam athe o Rio de S. Francisco	
									20 —	Demostrasaõ do Rio de S. Francisco	567 F
13 —	Demostraçaõ do Rio Sapaguipe ate o de S. Francisco	565 D	21 —	Demostraçaõ do Rio Tapucagipe athe o de S. Fran.co		20 —			21 —	Demostrasaõ do Rio de Saõ Francisco athe Rio Marguipe	
12 —	Demostraçaõ da Candelaria ate o Rio Sapuagipe	565 C	22 —	Demostraçaõ do Cabo de Stº. Augostinho athe o Rio Tapucagipe		21 —			22 —	Demostrasaõ do Rio Marguipe athe Rio dos Afogados	567 G
11 —	Aparencia de Pernaõbuco	565 B	19 —	Aparençia de Pernanbuco		23 —			24 —	Demostrasaõ de Pernãbuco	
10 —	Demostraçaõ da Perayba ate a Candelaria	565 A	23 —	Demostraçaõ da Perayba athe Pernanbuco e Tamaraca		22 —			23 —	Demostrasaõ de Pernaõbuco athe Perayba	
9 —	Demostraçaõ do Rio Grande ate a Ponta do Lucena	564 H	24 —	Costa que corre do Rio Grande athe a Ponta do Lusena		24 —			25 —	Demostrasaõ de Perayba athe o Rio Grande	
8 —	Demostraçaõ dos Baixos de S. Roque e Rio Grande	564 G	25 —	Demostraçaõ dos Bayxos de S. Roque e Rio Grande		25 —			26 —	Demostrasaõ do Rio Grande athe Peranduba	
7 —	Demostraçaõ do Rio Openama aos Baixos de S. Roque	564 F	26 —	Demostraçaõ do Rio Openama athe os Bayxos de S. Roque		26 —			27 —	Demostrasaõ de Peranduba athe o Rio Openama	
6 —	Demostraçaõ do Seara ao Rio Openama	564 E	27 —	Demostraçao do Seara athe o Rio Openama		27 —			28 —	Demostrasaõ do Rio Openama athe o Seara	
5 —	Demostraçaõ do Rio das Preguissas ao Seará	564 D	28 —	Demostraçaõ do Rio das Preguiças athe o Seara		28 —			29 —	Demostrasaõ do Seara athe o Rio das Preguisas	
4 —	Demostraçaõ do Maranhão ate o Rio das Preguissas	564 C	29 —	Demostraçaõ do Maranhaõ athe o Rio das Preguiças		29 —			30 —	Demostrasaõ do Rio das Preguisas athe o Maranhaõ	
3 —	Demostraçaõ do Rio Tury ate o Maranhão	564 B	30 —	Demostraçaõ do Rio Turi athe o Maranham		30 —			31 —	Demostrasaõ do Maranhaõ athe o Rio Tury	
2 —	Demostraçaõ do Para ate o Rio Tury	564 A	31 —	Demostraçaõ do Para athe o Rio Turi		31 —			32 —	Demostrasaõ do Rio Tury athe o Para	



Original 828×1.198 mm.

JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ (I ou II), 1655

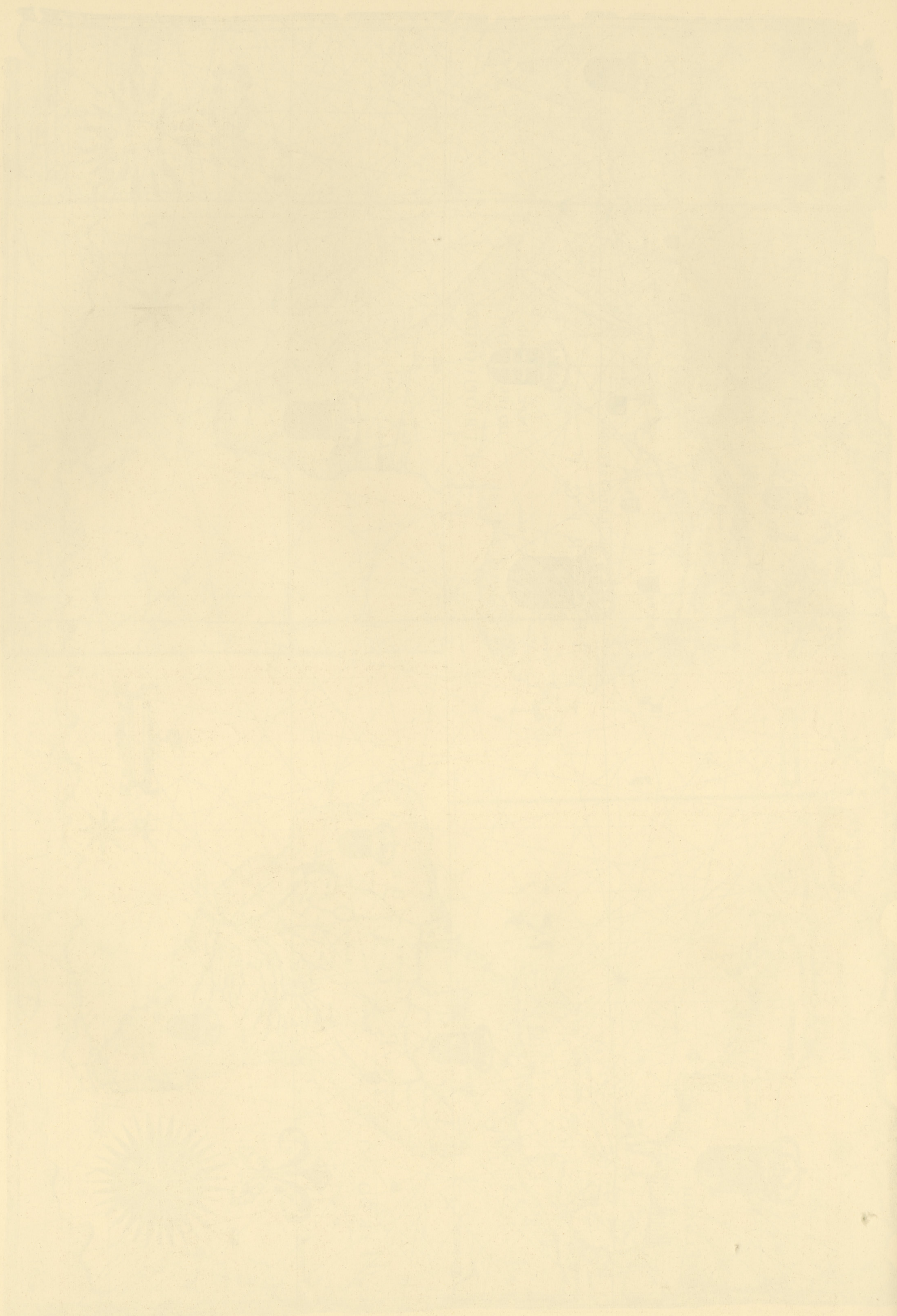
British Museum, London



Original 862×1.277 mm.

JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II, 1665

Library of the University of Yale





Original 770×1.293 mm.

JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II, 1667

Bibliothèque Nationale, Paris



Original 790×1.315 mm.

JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II, 1675

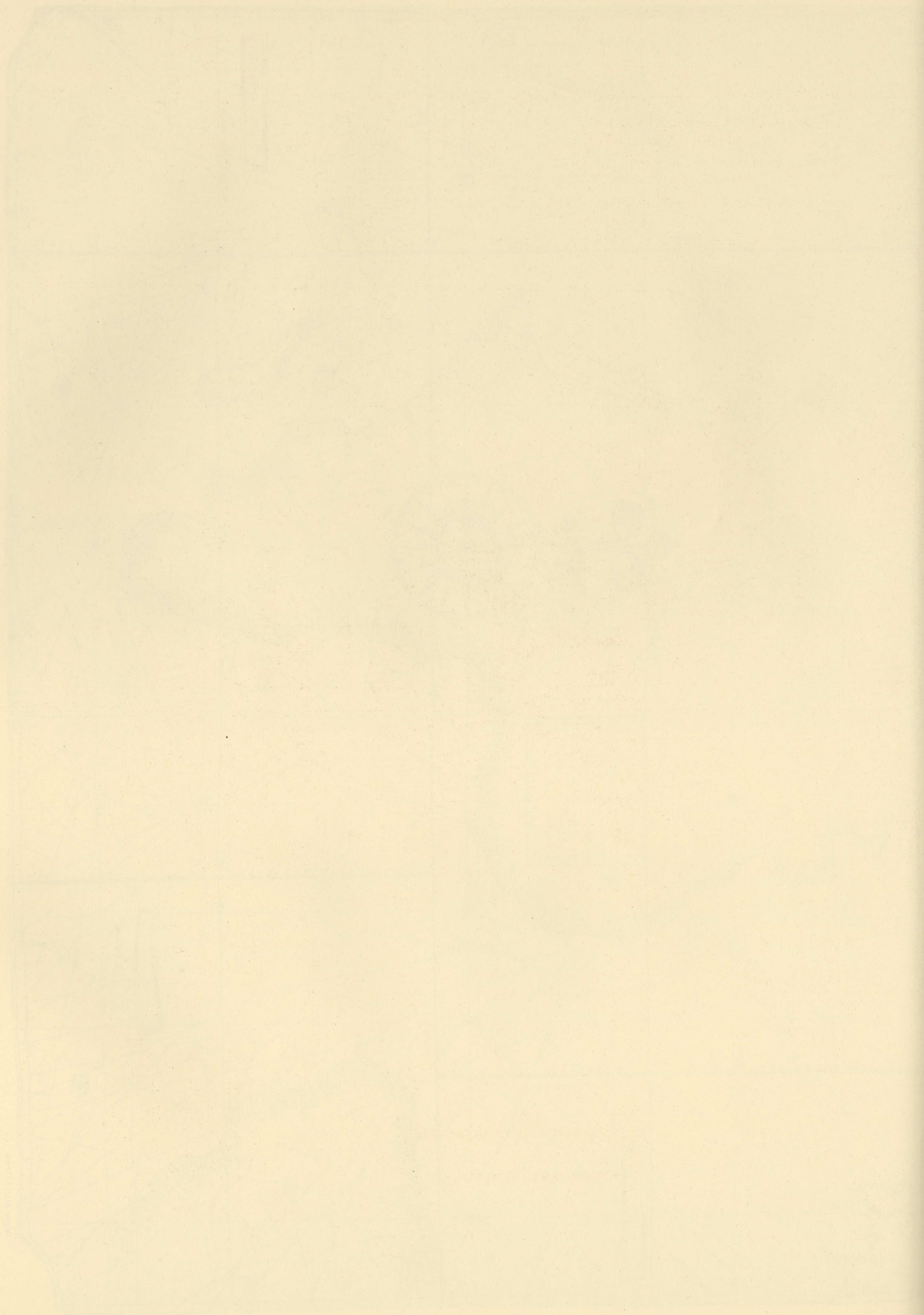
Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro

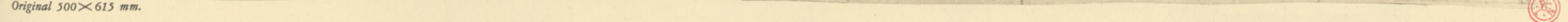


Original 813×1.173 mm.

JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II, 1676

British Museum, London





Original 500×615 mm.

JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II, 1677

Bibliothèque Nationale, Paris



Original 307×483 mm.

Original 419×529 mm.

JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II

A – Parte de carta de 1679 impressa em / Part of a chart of 1679 printed in } *Manifesto legal...*, c. 1682

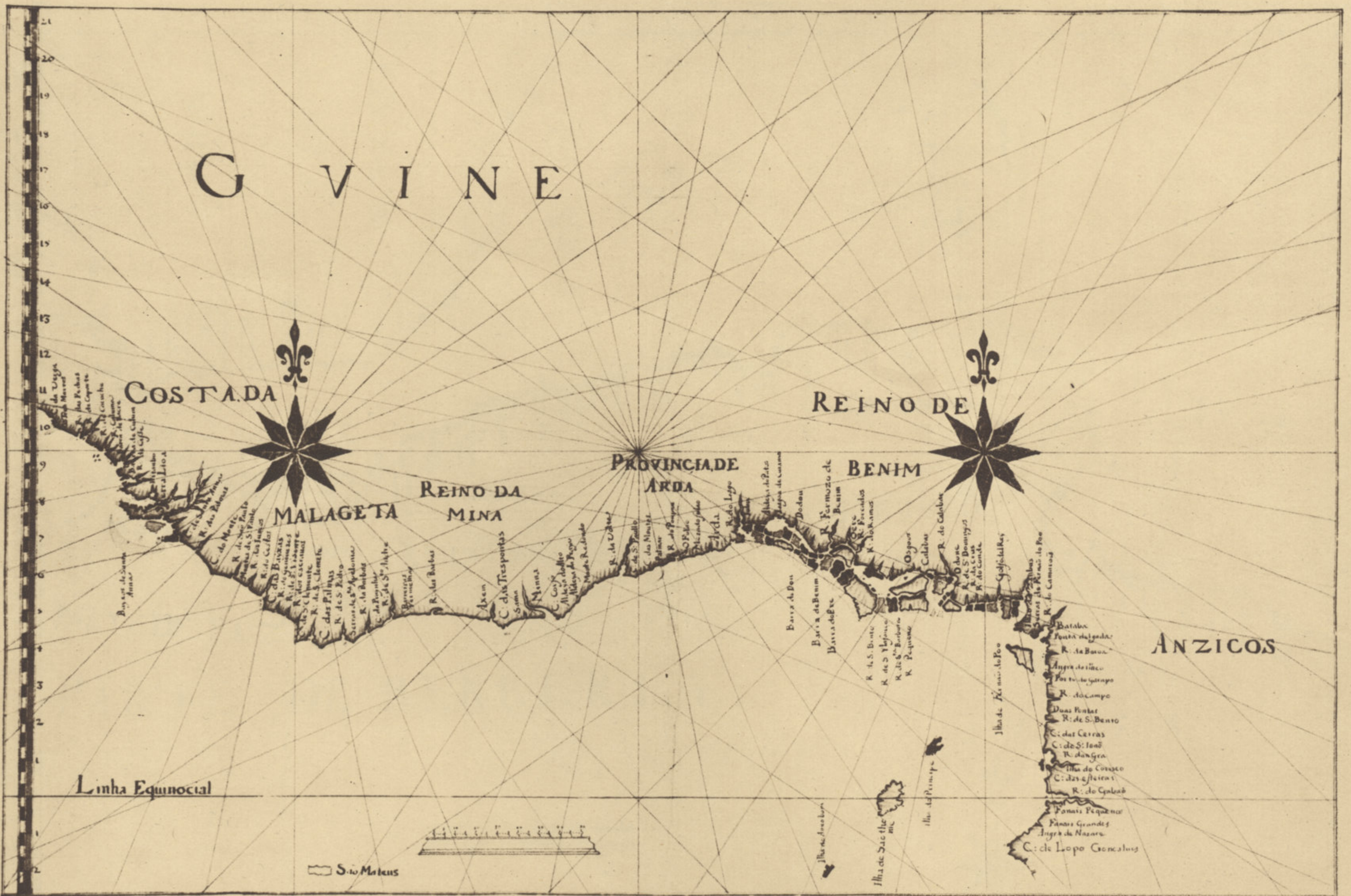
B – Fragmento de carta de 1681 – Fragment of a chart, 1681

Biblioteca Pública e Arquivo Distrital, Évora



Fol. 5 v.-6 r.

A



Original 420 × 620 mm.

Fol. 13 v.-14 r.

B



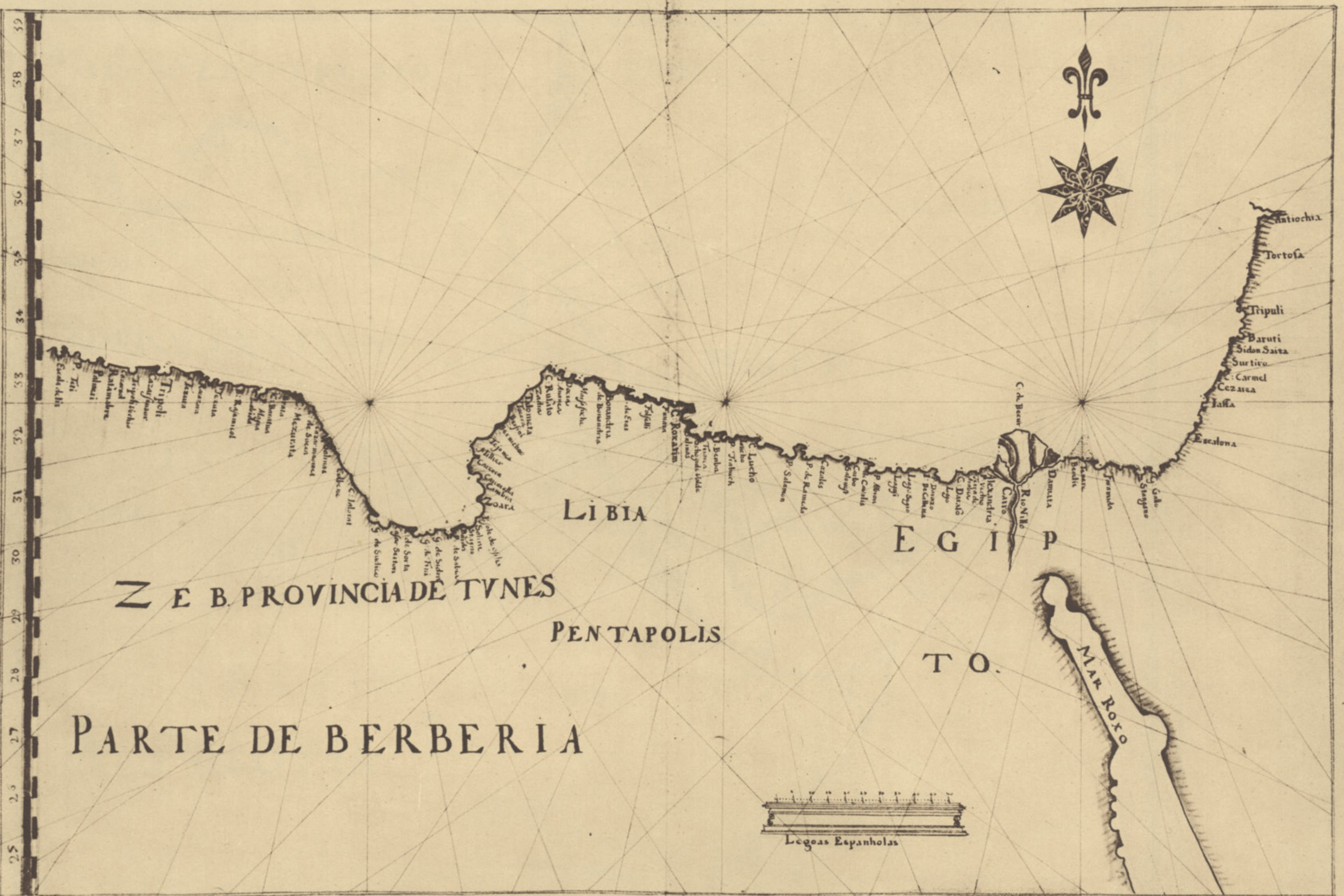
Fol. 11 v.-12 r.

C

João Teixeira Albernaz II, 1665

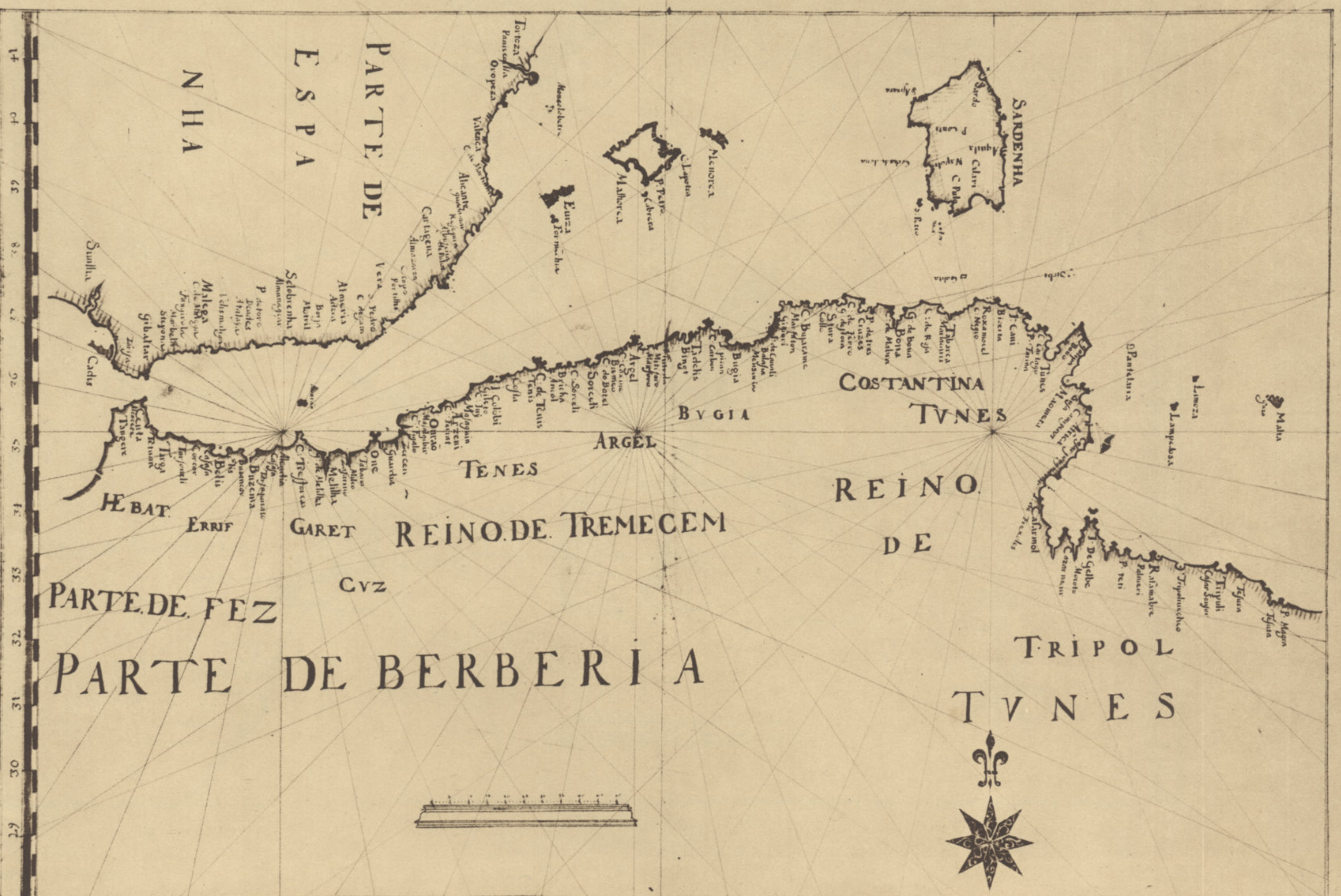
Atlas de África com vinte e nove cartas – Atlas of Africa with twenty-nine charts

Archives Nationales, Paris



Fol. 7 v.-8 r.

A



Original 420×620 mm.

Fol. 9 v.-10 r.

B



Fol. 15 v.-16 r.

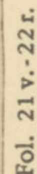
C

João Teixeira Albernaz II, 1665

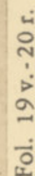
Atlas de África com vinte e nove cartas – Atlas of Africa with twenty-nine charts

Archives Nationales, Paris

B


Fol. 21 v.-22 r.

A

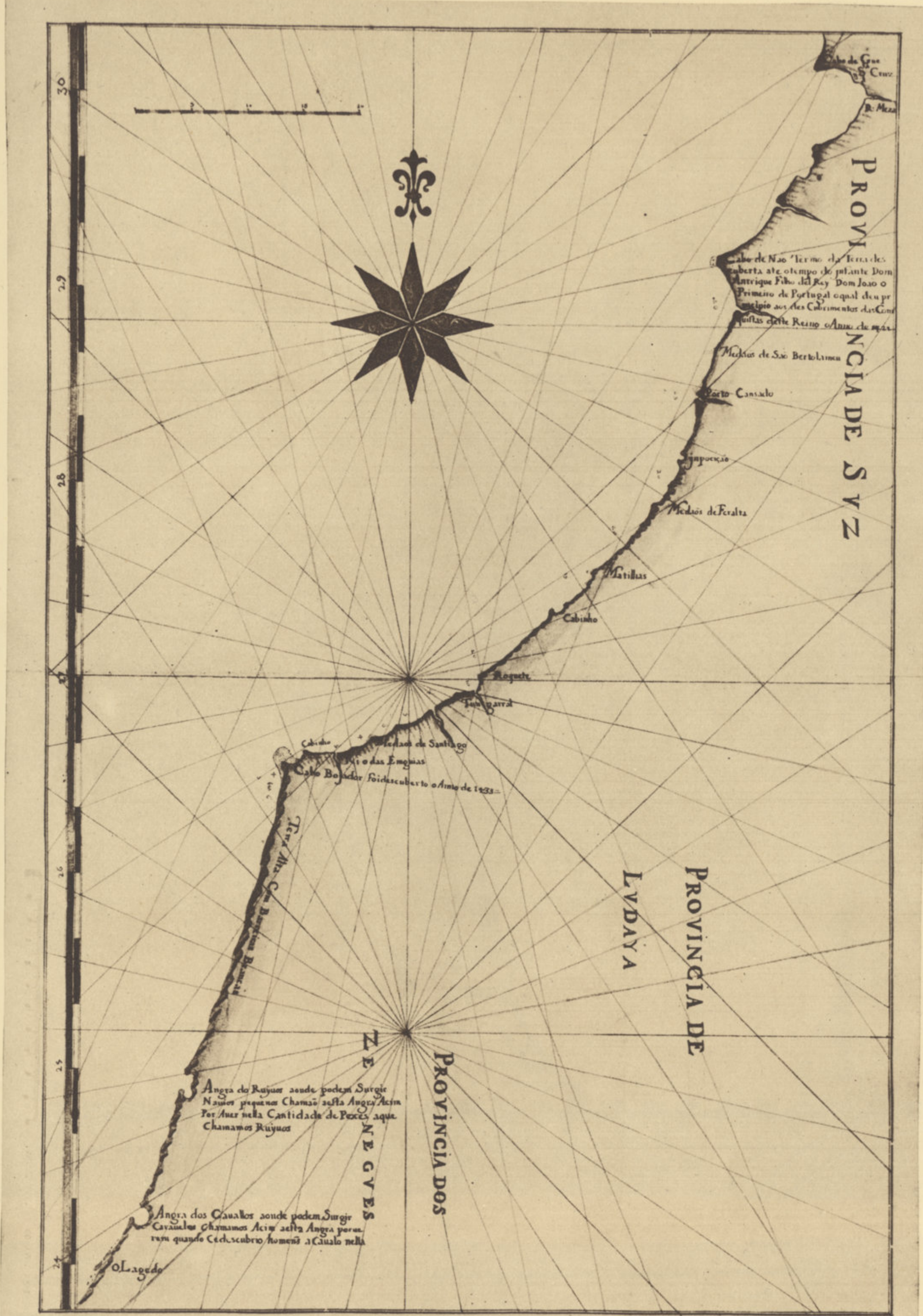

Fol. 19 v.-20 r.

JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II, 1665

Atlas de África com vinte e nove cartas – Atlas of Africa with twenty-nine charts

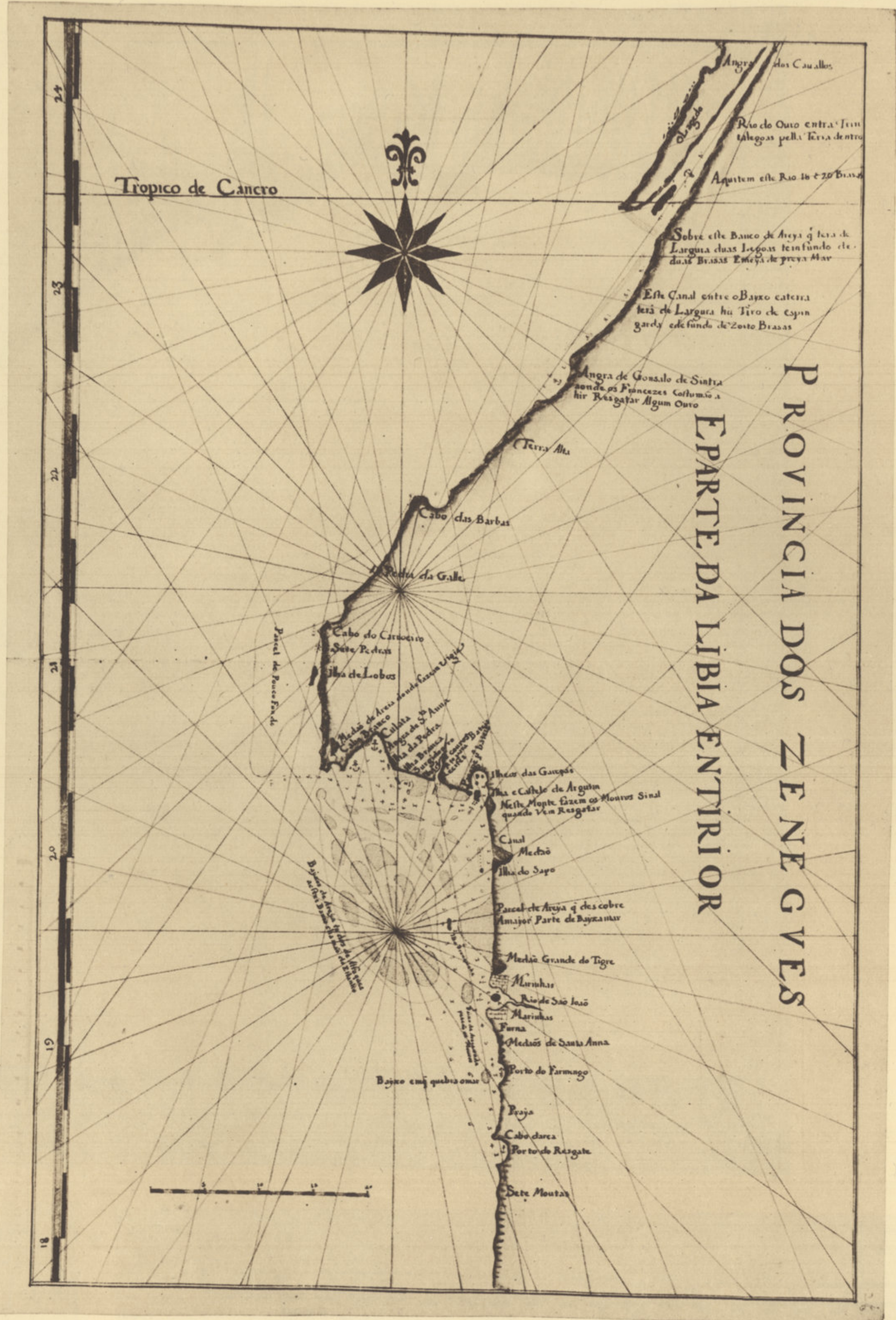
Archives Nationales, Paris

Original 420×620 mm.



Fol. 23 v.-24 r.

A



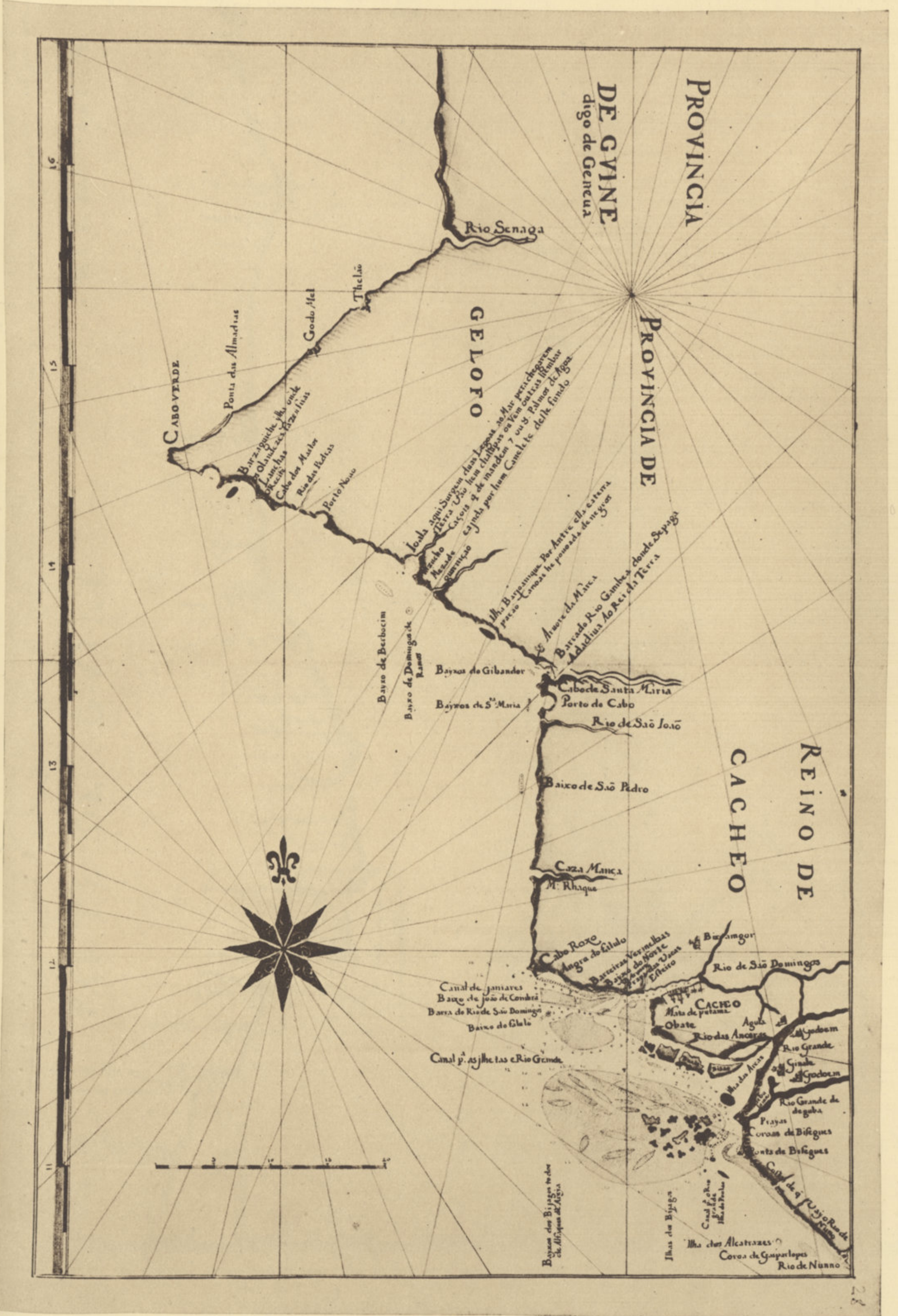
Fol. 25 v.-26 r.

B

JOÃO TEIXEIRA
ALBERNAZ II, 1665

Atlas de África com vinte e nove cartas
Atlas of Africa with twenty-nine charts

Archives Nationales, Paris



Original 420×620 mm.

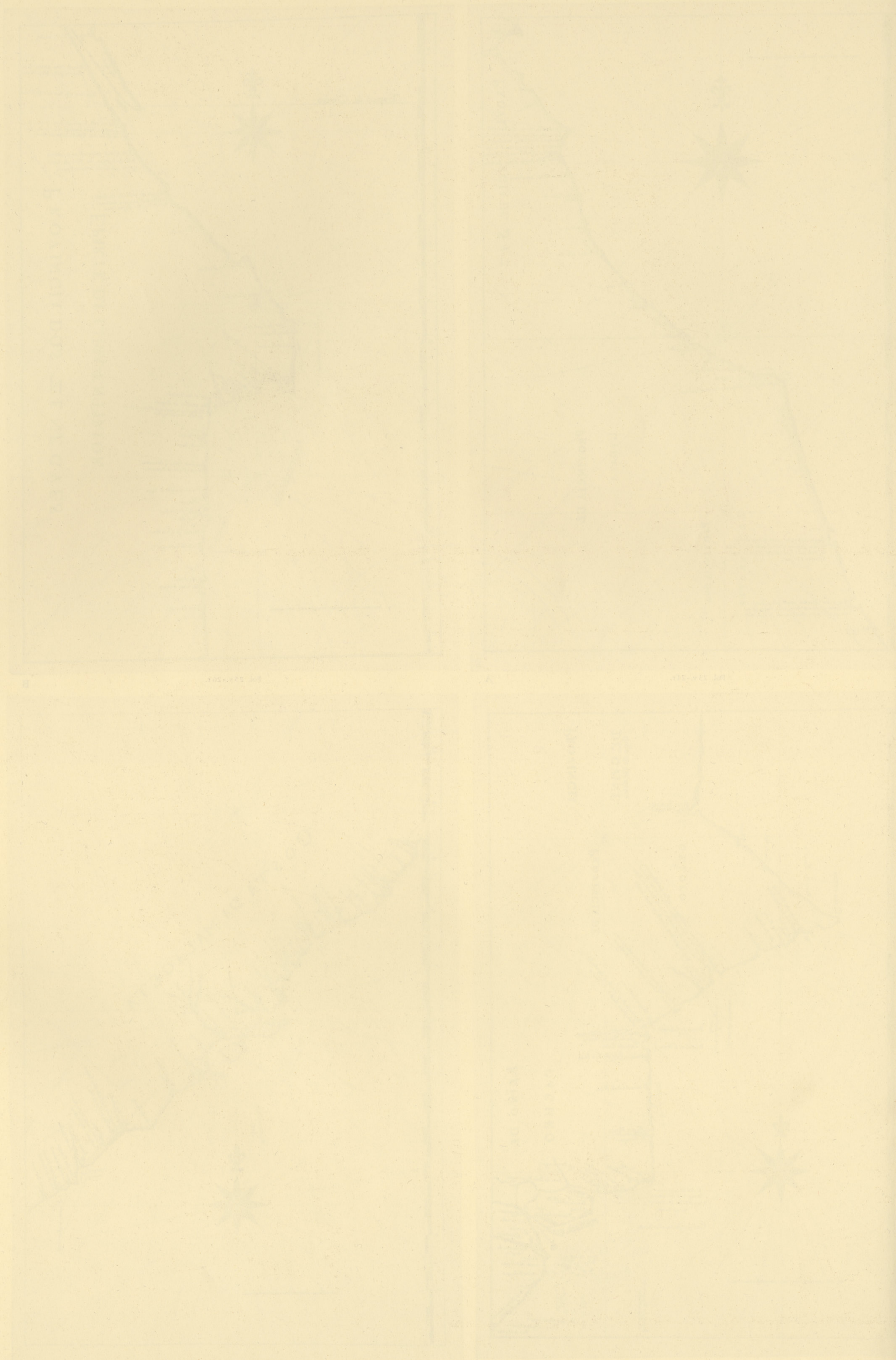
Fol. 27 v.-28 r.

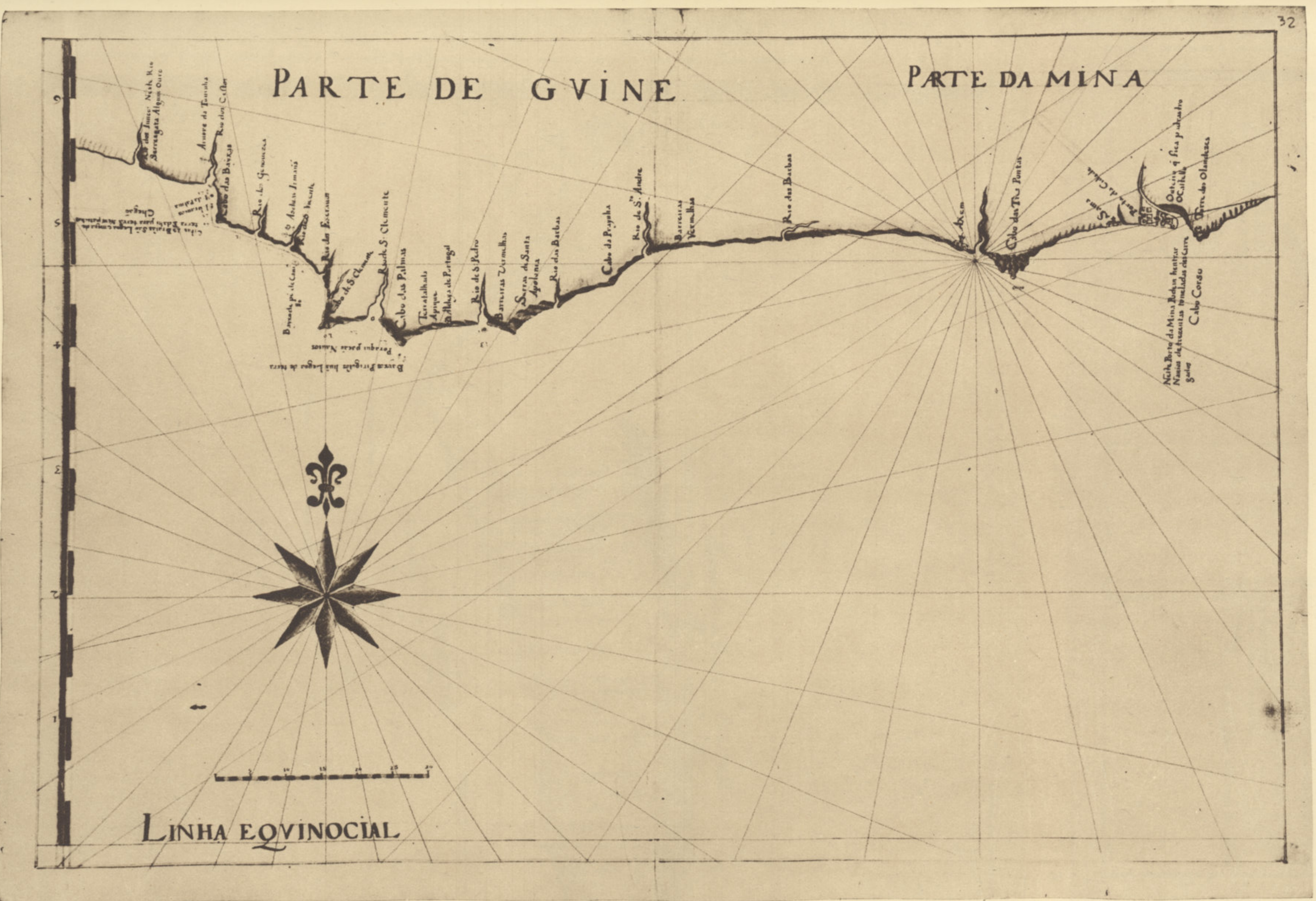
C



Fol. 29 v.-30 r.

D





Fol. 31 v.-32 r.

A



Original 420 × 620 mm.

Fol. 17 v.-18 r.

B



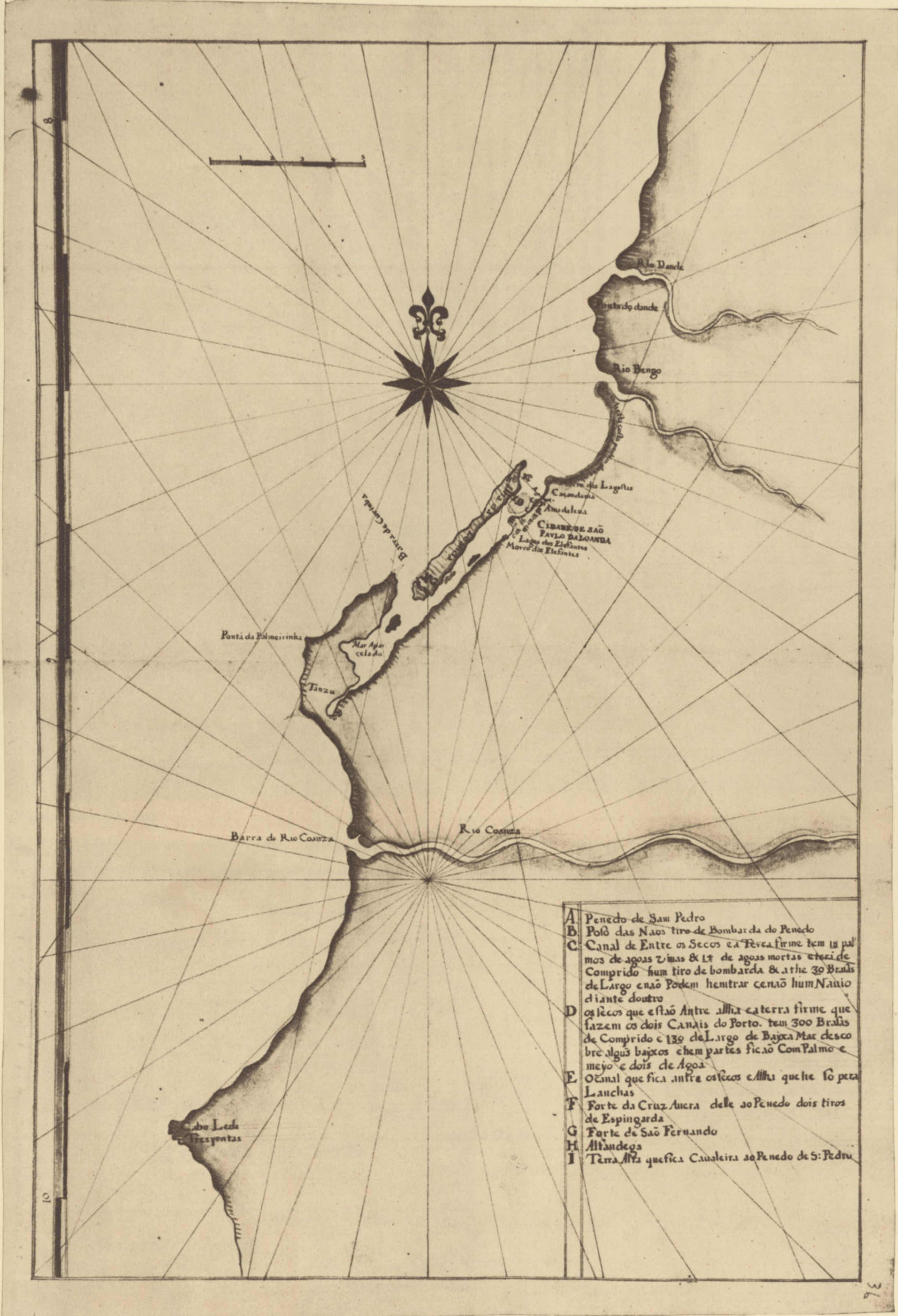
Fol. 33 v.-34 r.

C

JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II, 1665

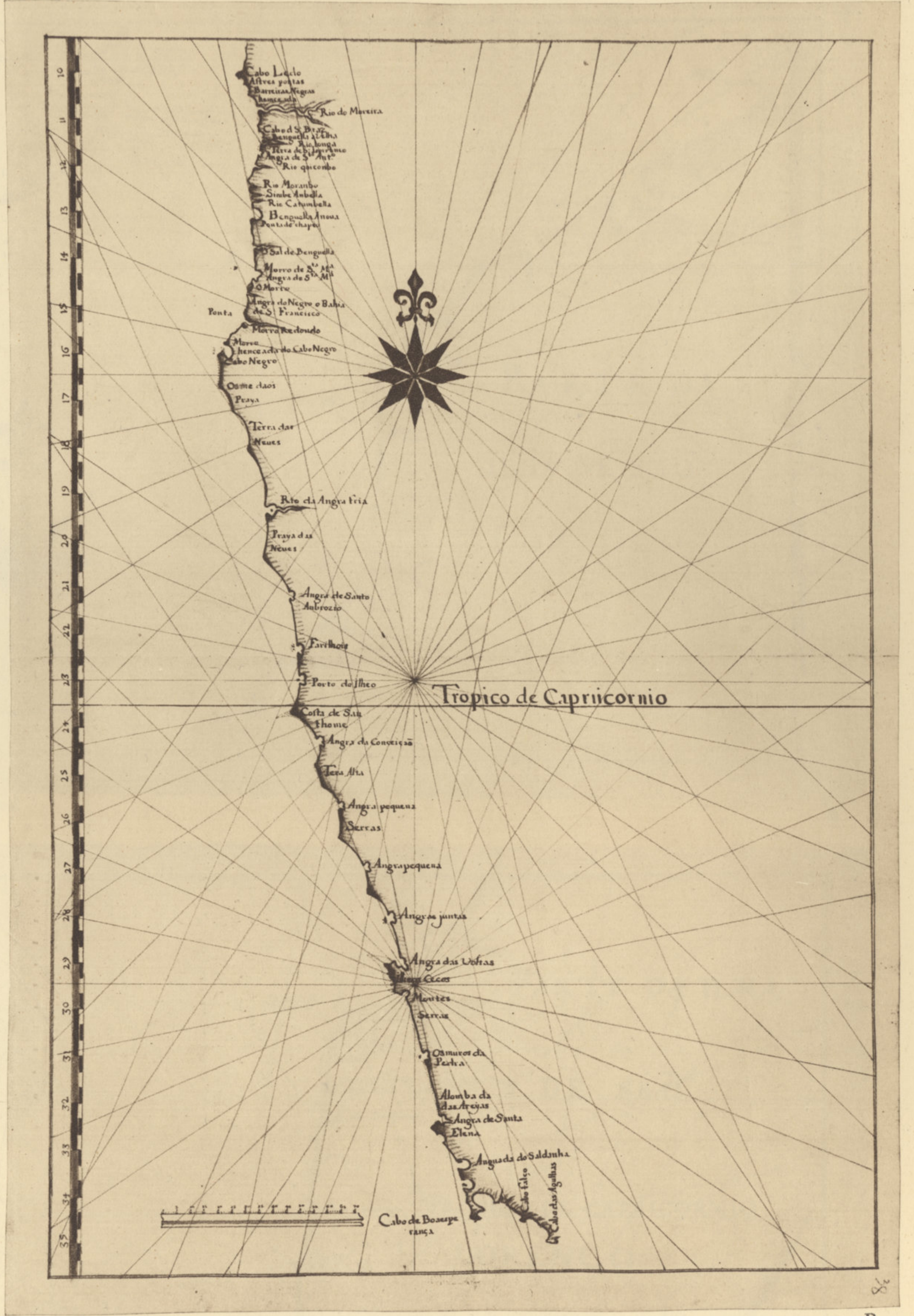
Atlas de África com vinte e nove cartas – Atlas of Africa with twenty-nine charts

Archives Nationales, Paris



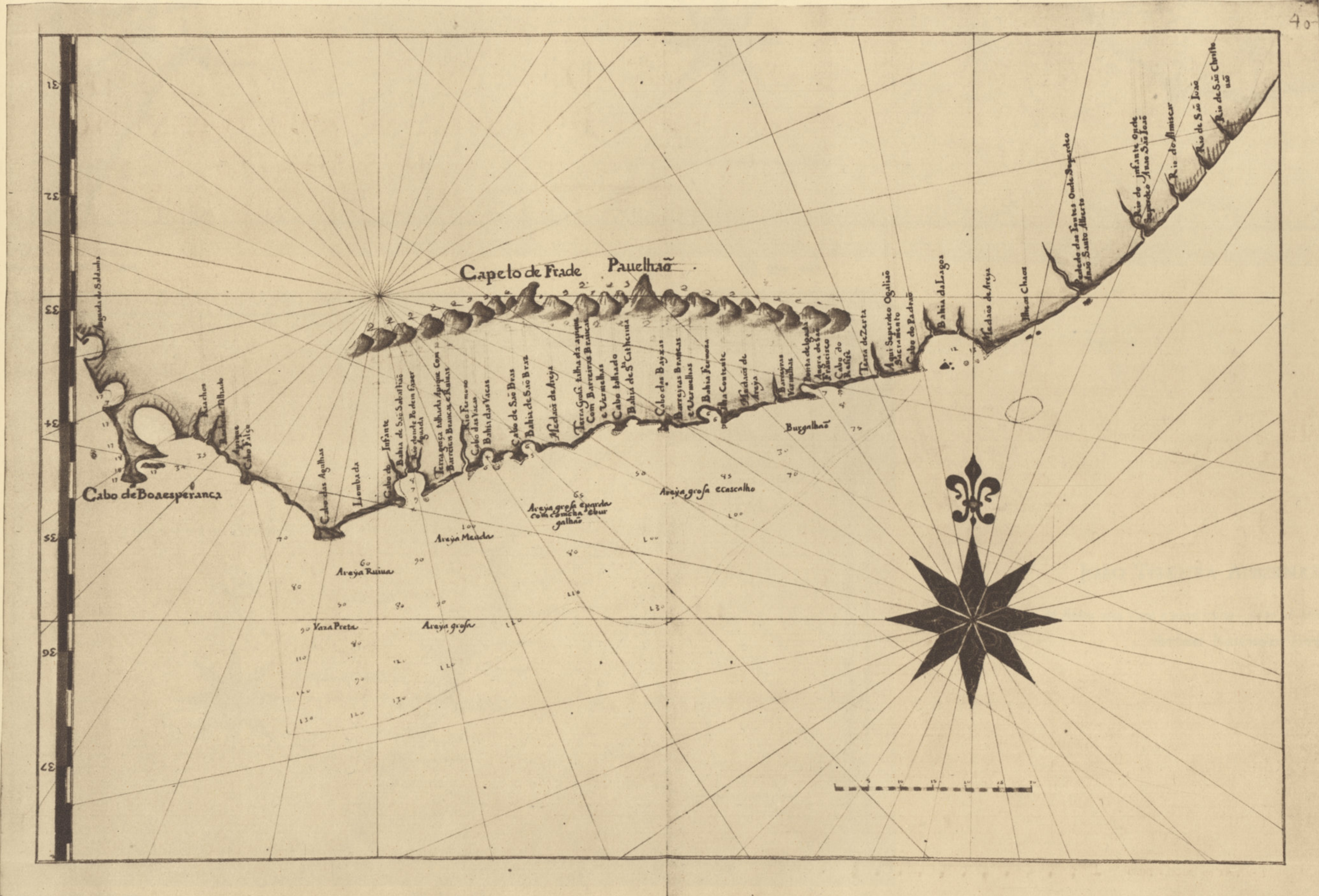
Fol. 35 v.-36 r.

A



Fol. 37 v.-38 r.

B



Original 420×620 mm.

Fol. 39 v.-40 r.

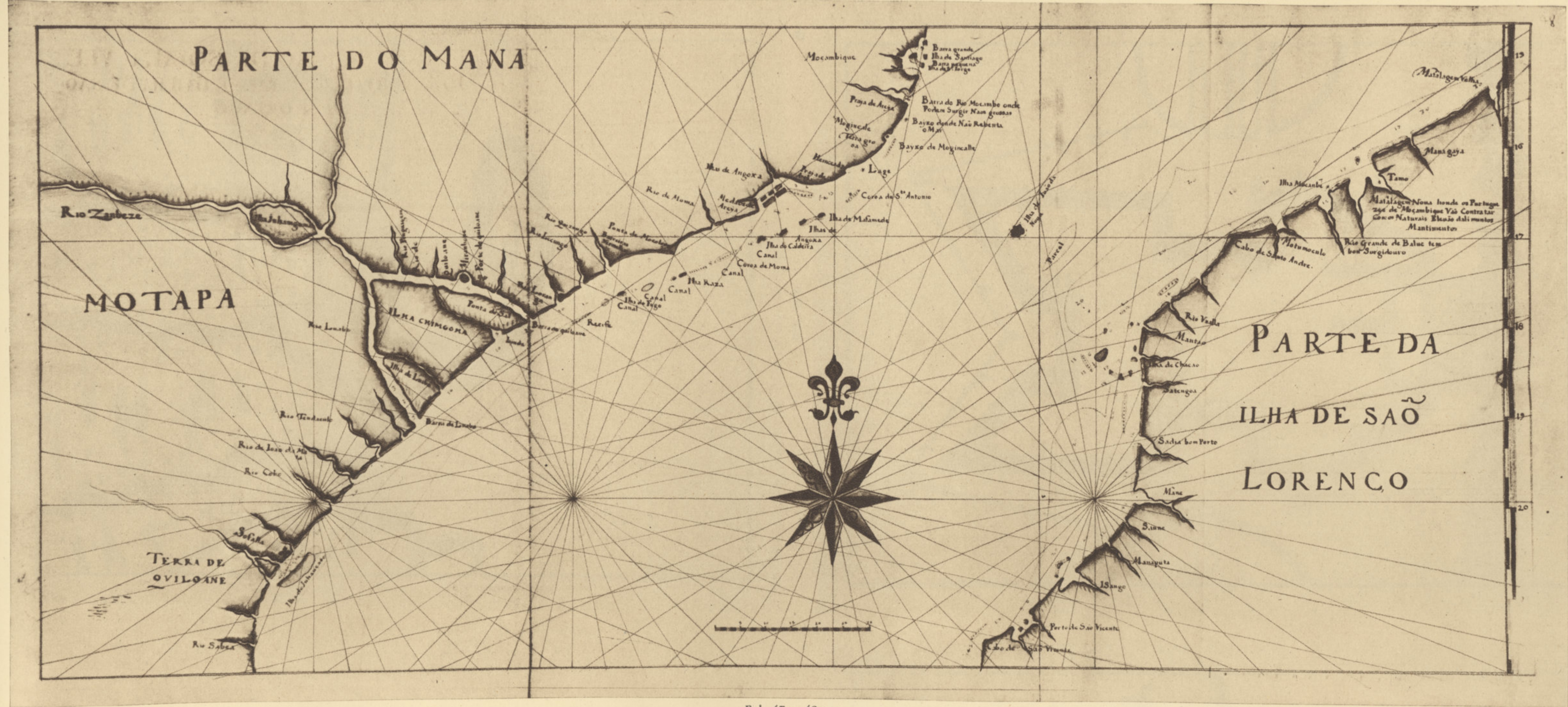
C

JOÃO TEIXEIRA
ALBERNAZ II, 1665

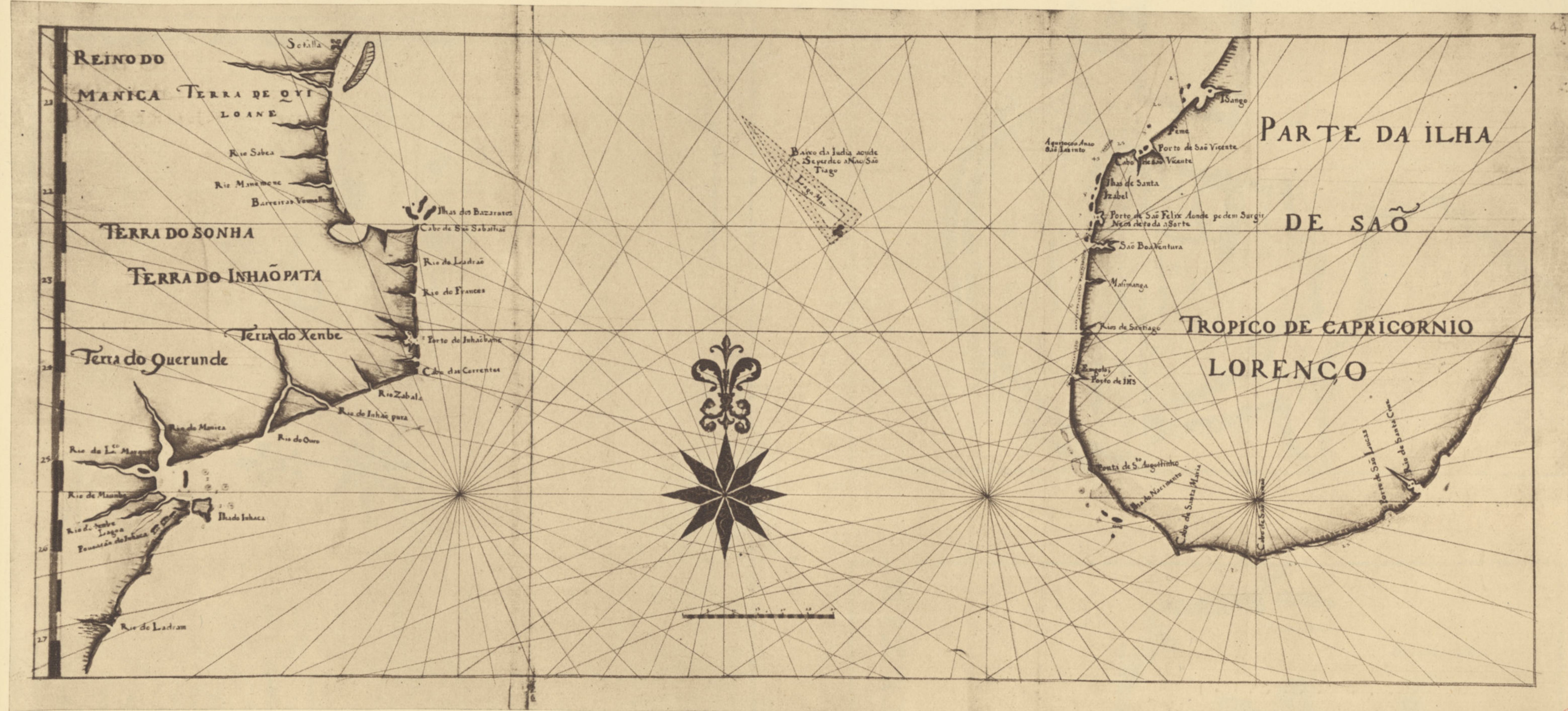
Atlas de África com vinte e nove cartas
Atlas of Africa with twenty-nine charts

Archives Nationales, Paris

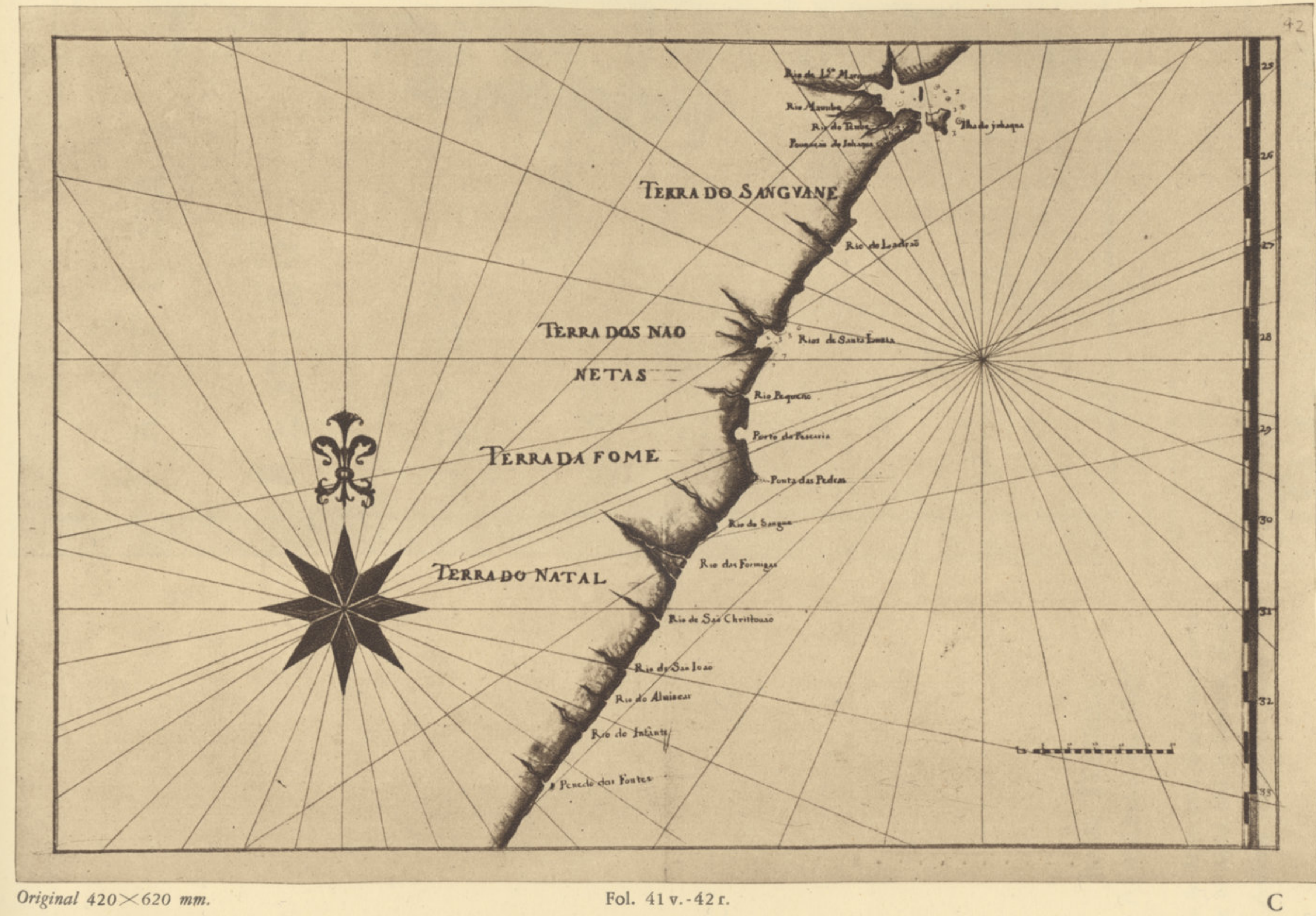




Original 420×930 mm. Fol. 47 v.-48 r. A



Original 420×930 mm. Fol. 43 v.-44 r. B

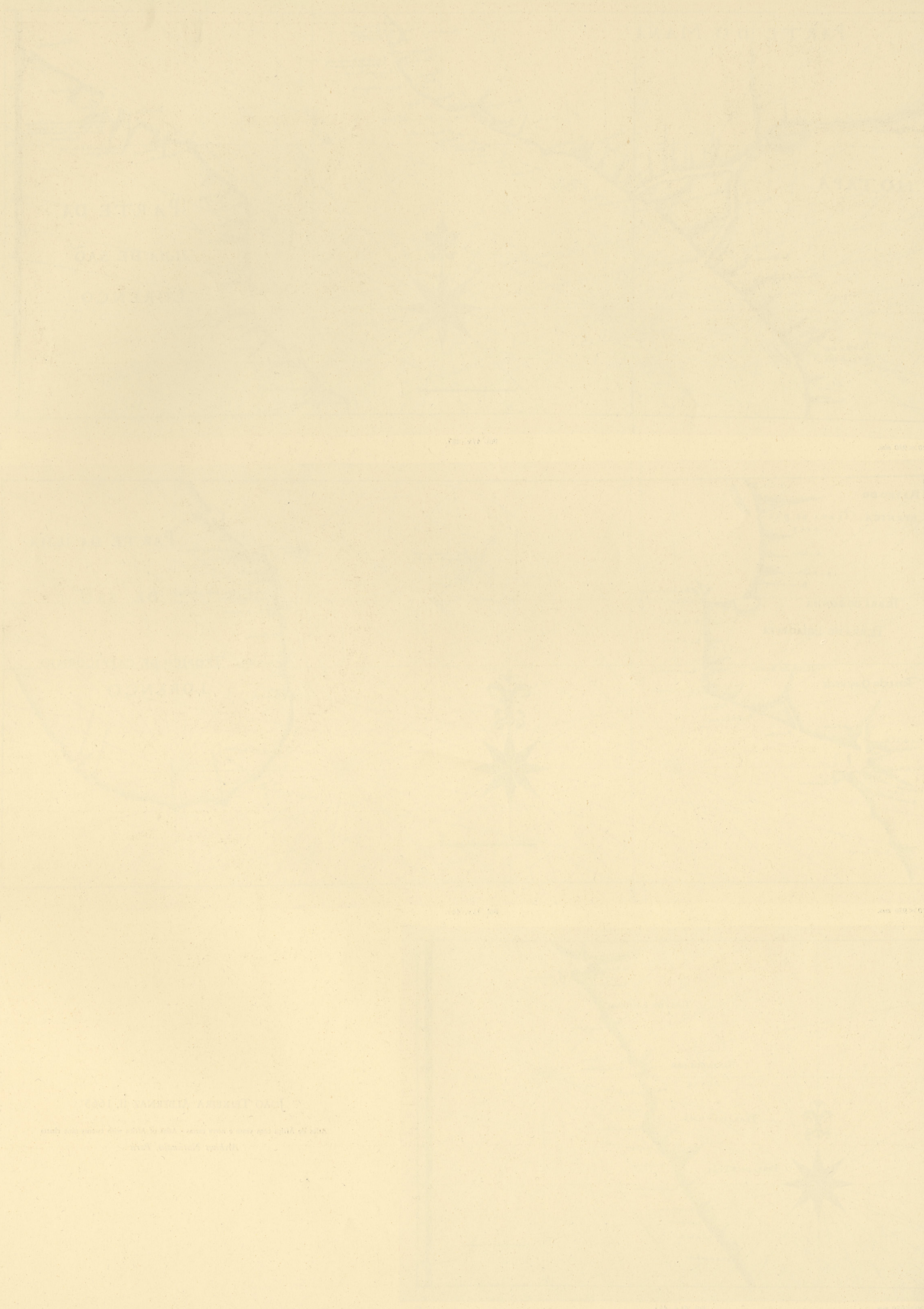


Original 420×620 mm. Fol. 41 v.-42 r. C

João Teixeira Albernaz II, 1665

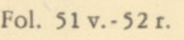
Atlas de África com vinte e nove cartas – Atlas of Africa with twenty-nine charts

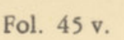
Archives Nationales, Paris

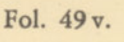


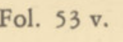
João Teixeira
Albernaz II, 1665

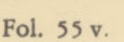
Atlas de África com vinte e nove cartas
Atlas of Africa with twenty-nine charts
Archives Nationales, Paris

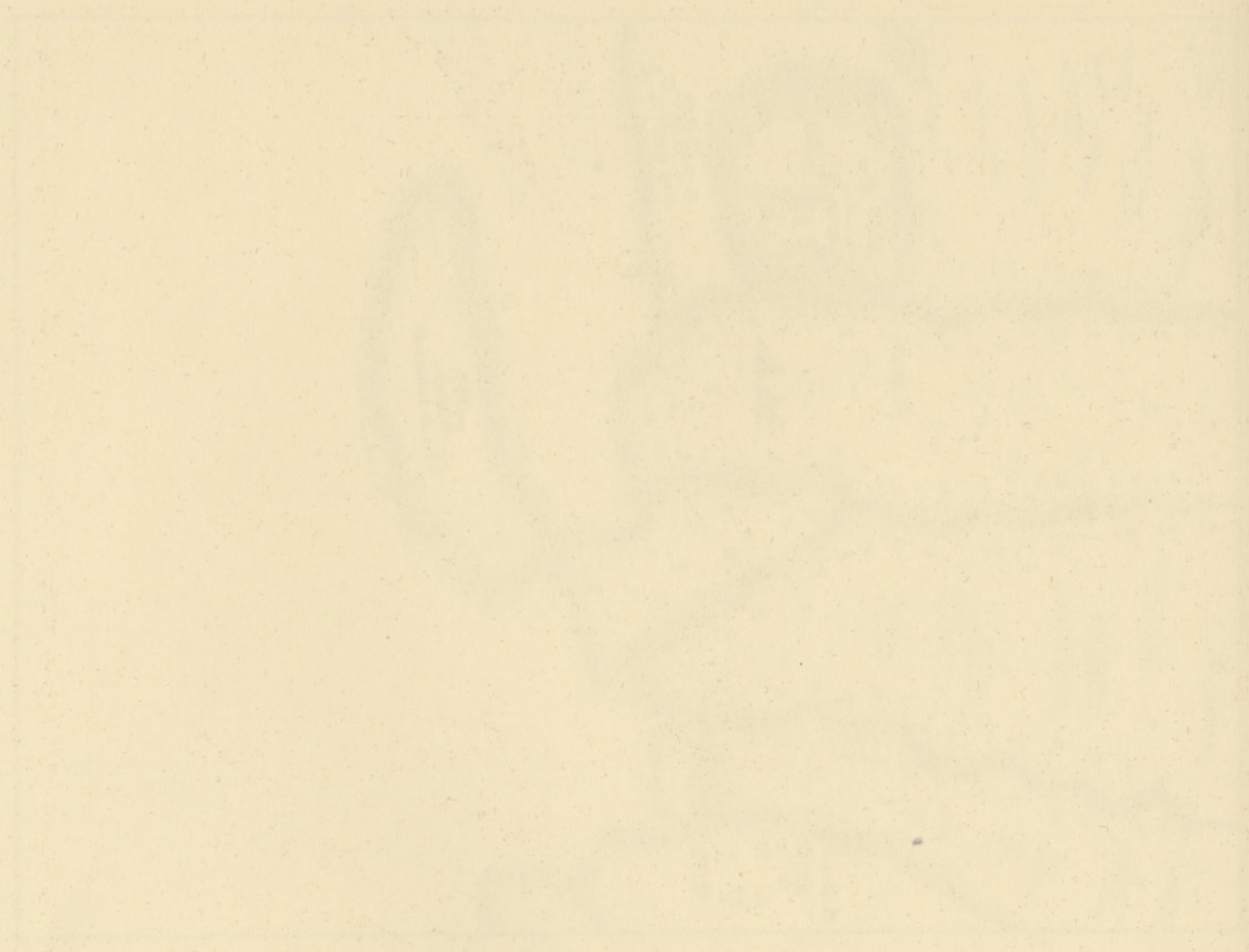
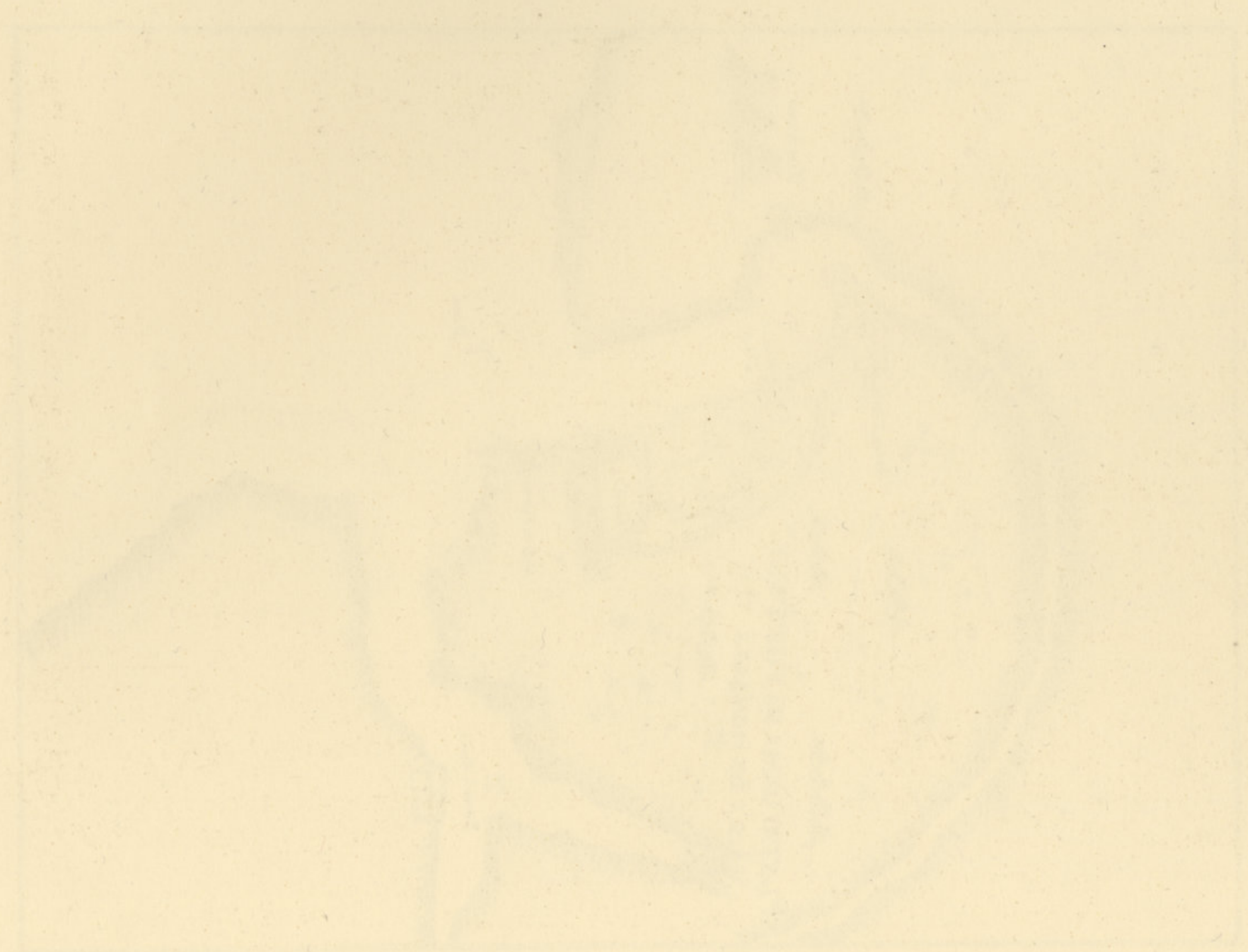
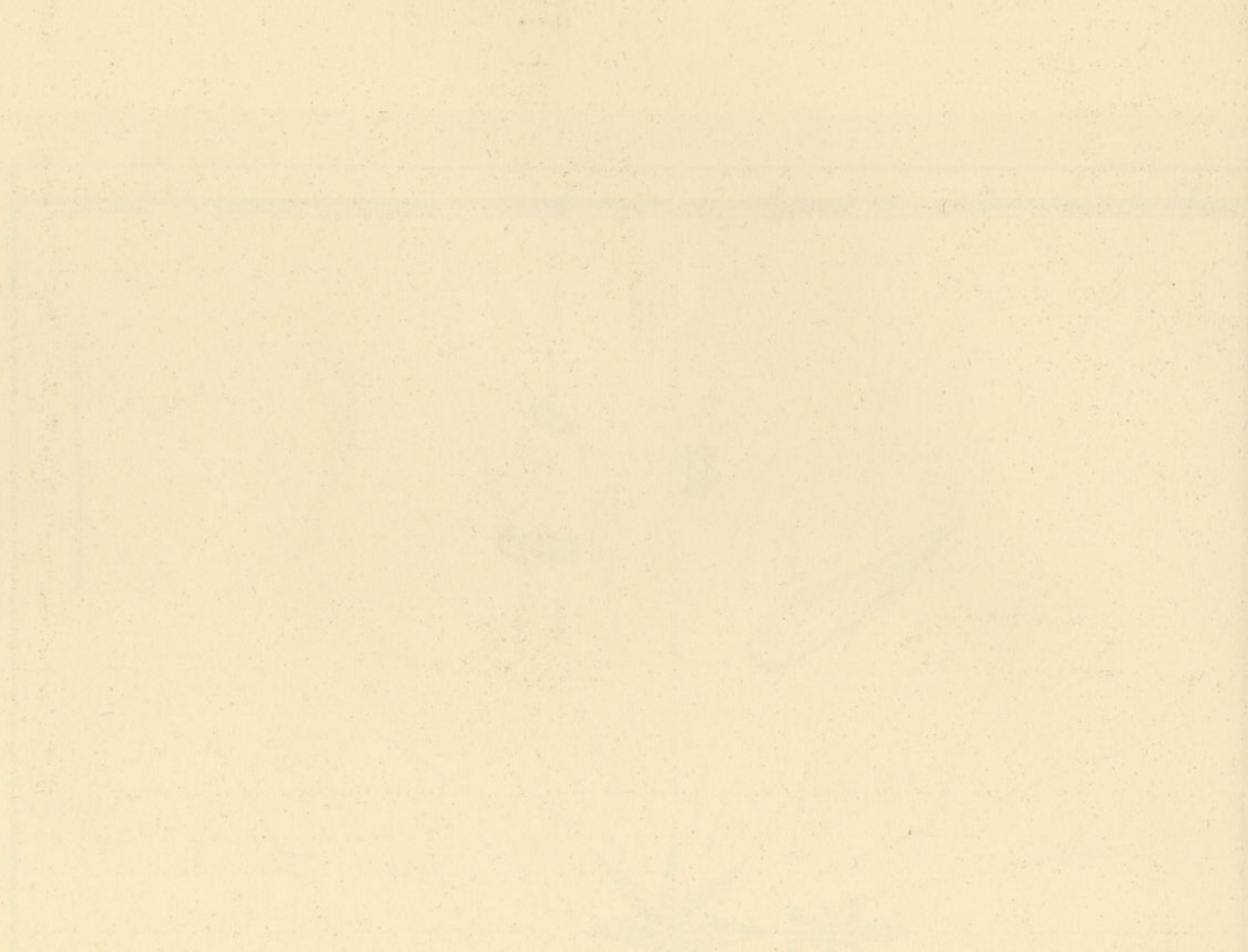
Original 420×620 mm. Fol. 51 v.-52 r.  A

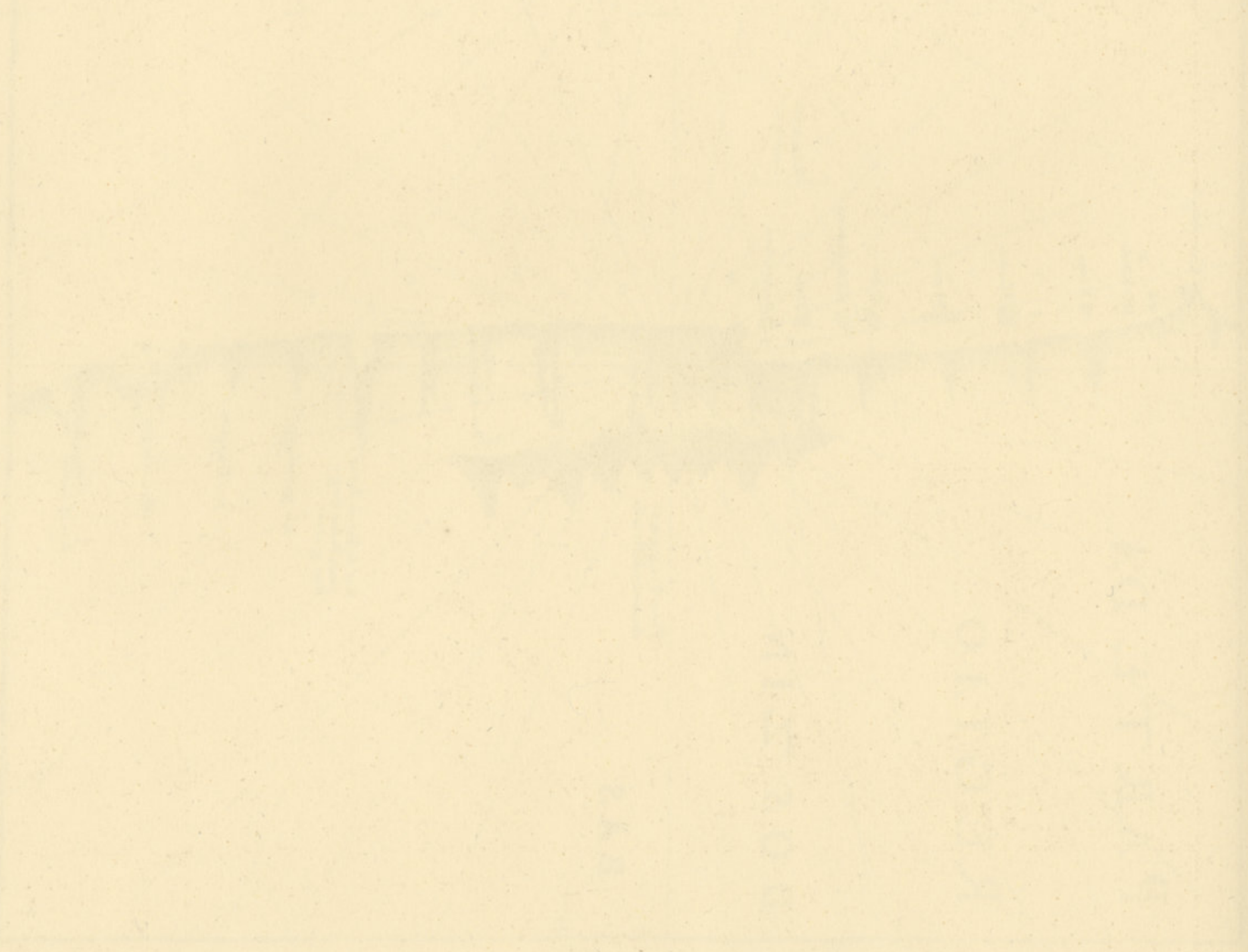
Fol. 45 v.  B

Original 310×420 mm. Fol. 49 v.  C

Fol. 53 v.  D

Fol. 55 v.  E





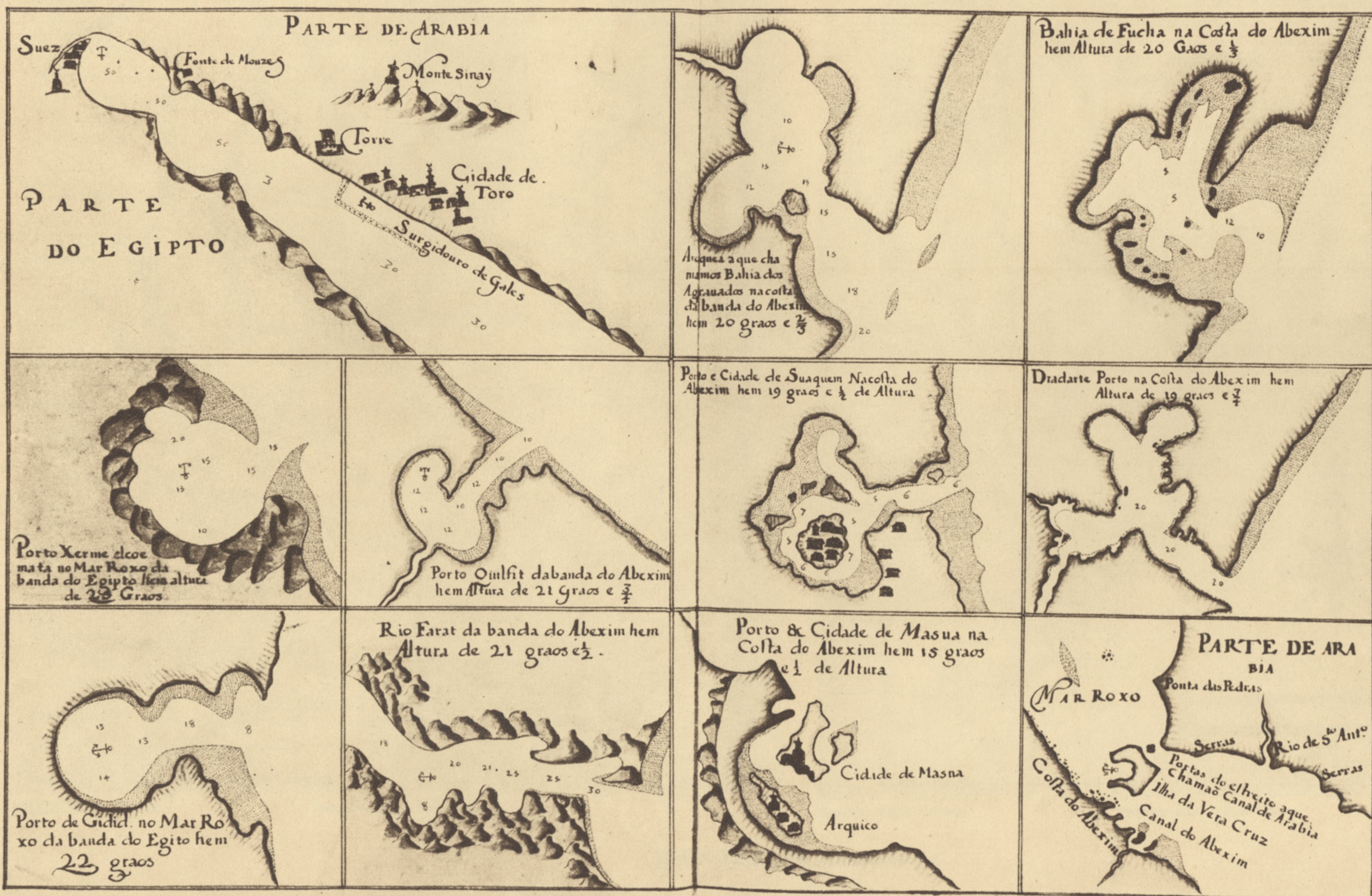
Fol. 57 v.-58 r.

A



Fol. 59 v.-60 r.

B



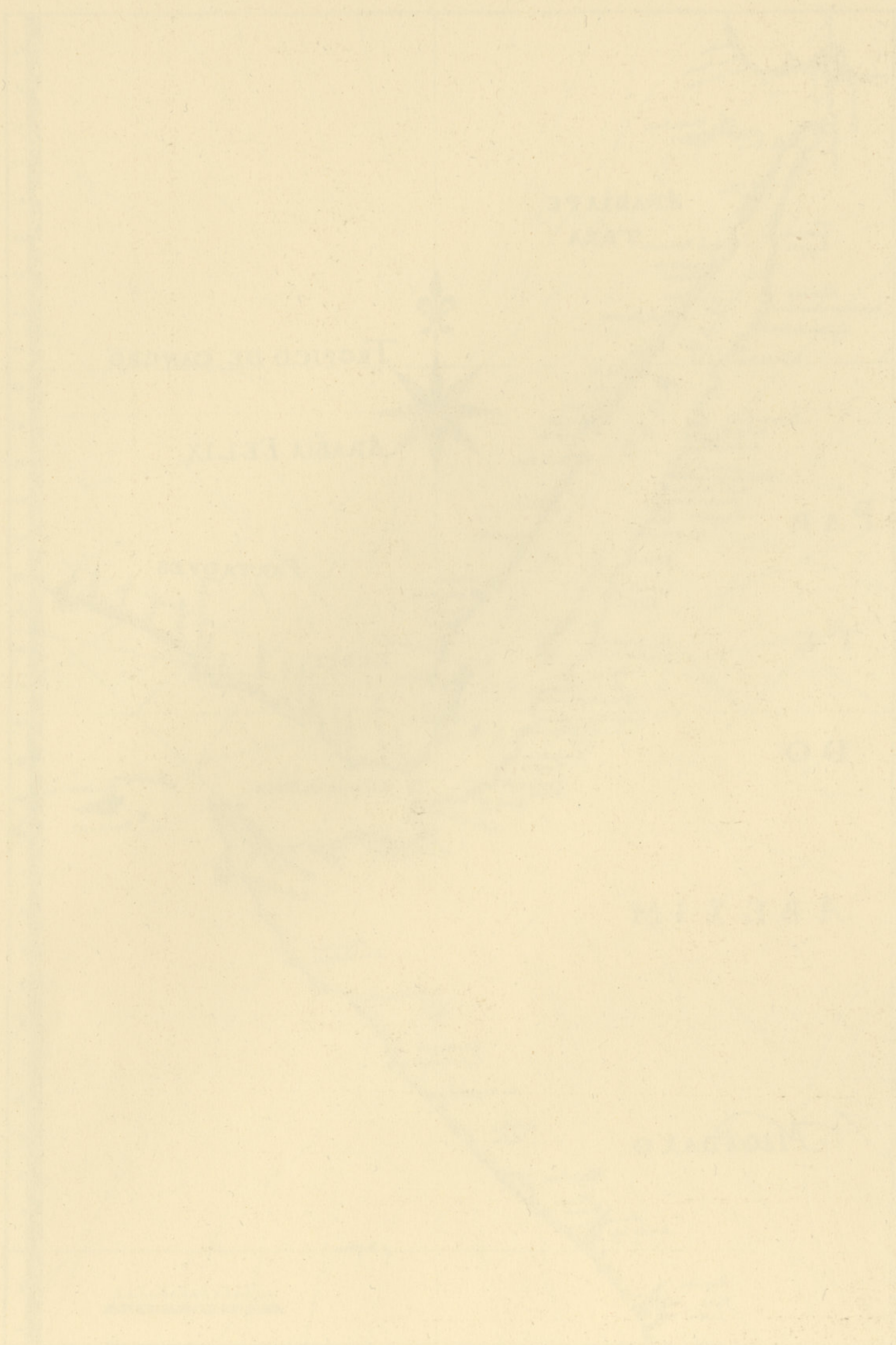
Fol. 61 v.-62 r.

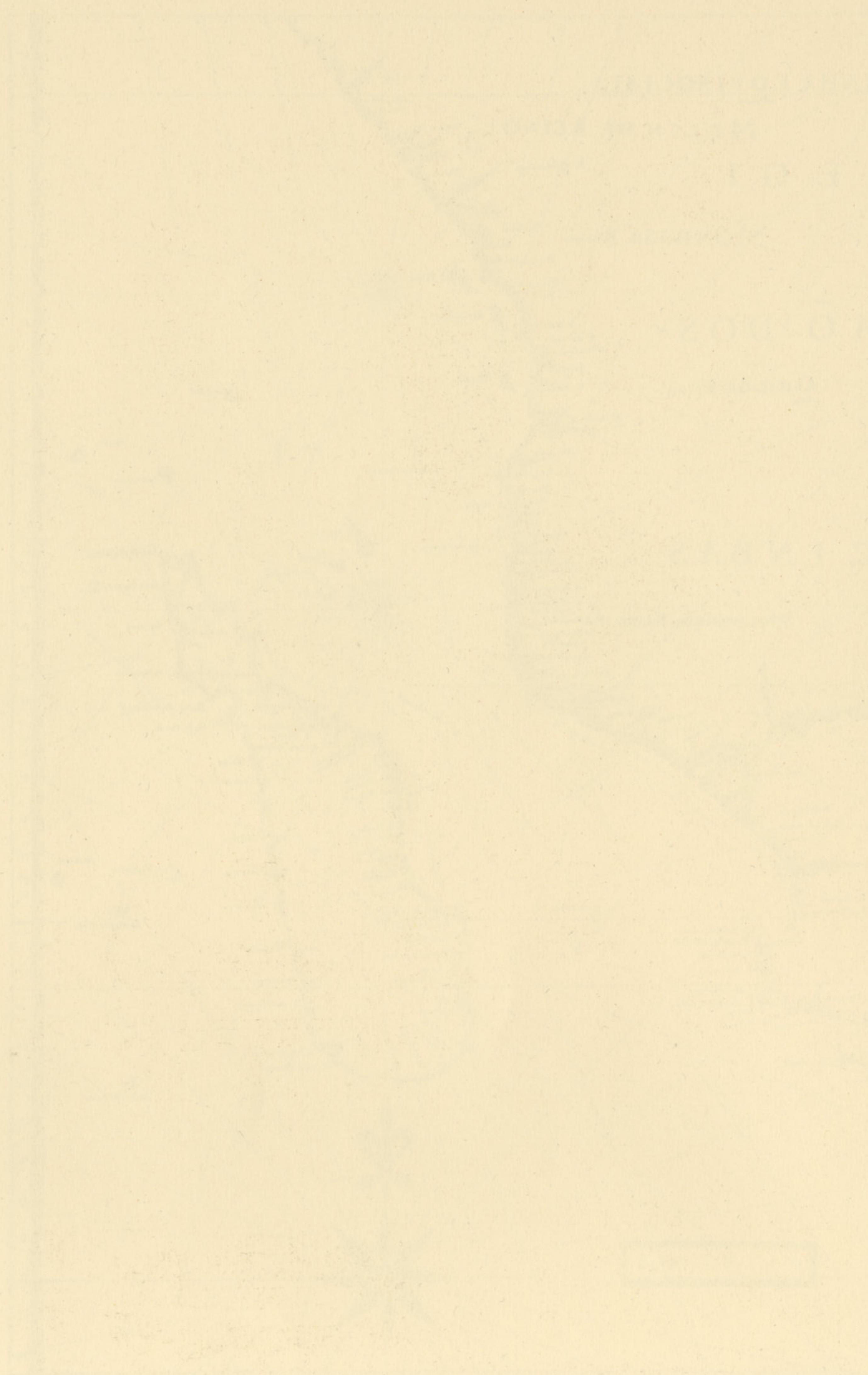
C

JOÃO TEIXEIRA
ALBERNAZ II, 1665

Atlas de África com vinte e nove cartas
Atlas of Africa with twenty-nine charts
Archives Nationales, Paris

Original 420×620 mm.









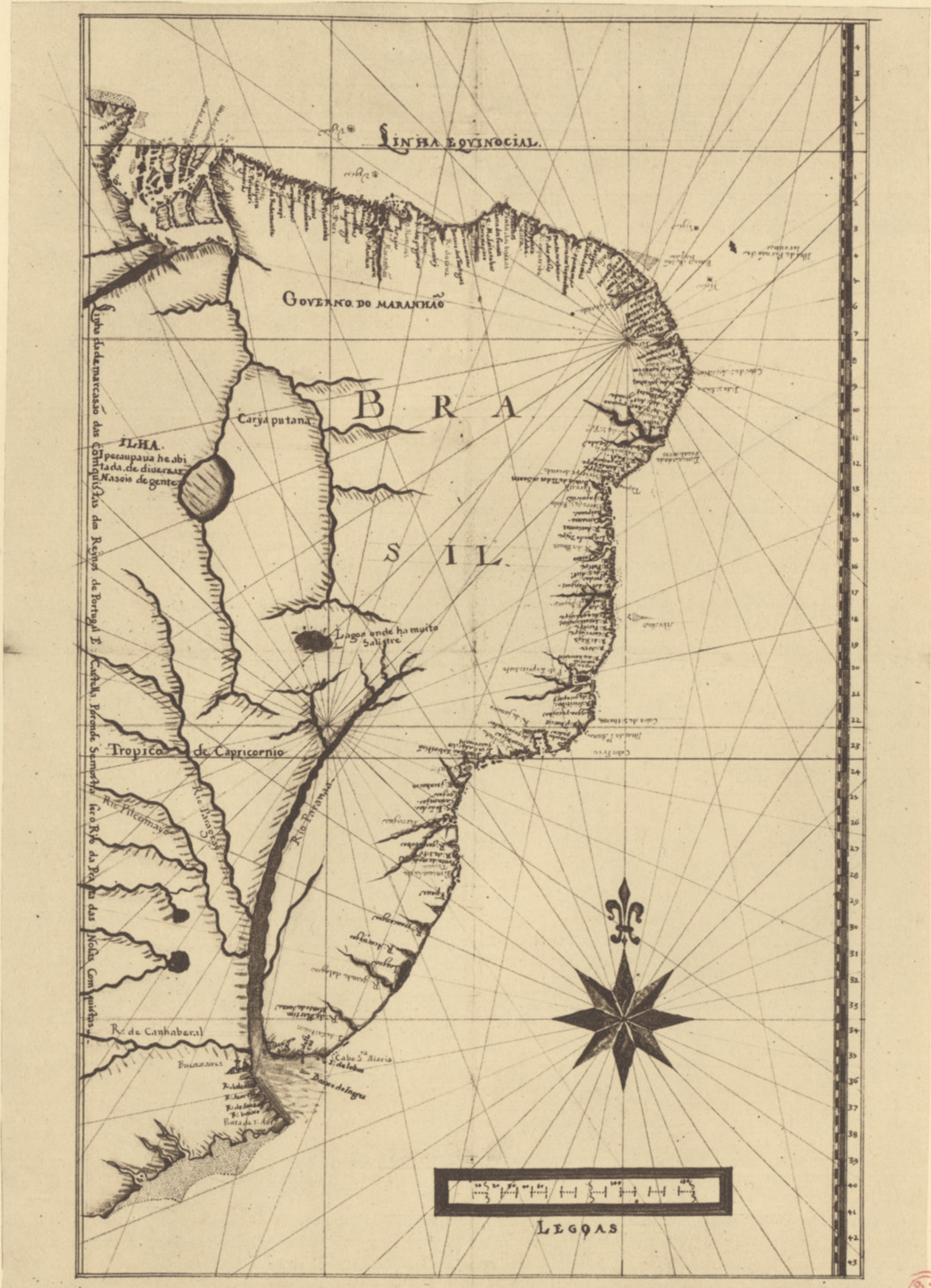
Original 435×625 *mm.* Primeira Carta — First Chart **A**



Original 400×565 *mm.* Primeira Carta — First Chart **B**



Original 290×400 *mm.* Primeira Carta — First Chart **C**



Original 330×560 *mm.* Primeira Carta — First Chart **D**

João Teixeira Albernaz II

A-Atlas do Brasil com trinta e uma cartas, 1666 — Atlas of Brazil with thirty-one charts, 1666
Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro

B-Atlas do Brasil com vinte e nove cartas, c. 1666 — Atlas of Brazil with twenty-nine charts, c. 1666
Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

C-Atlas do Brasil com trinta e uma cartas, 1670 — Atlas of Brazil with thirty-one charts, 1670
Hispanic Society of America, New York

D-Atlas do Brasil com trinta e duas cartas, c. 1675 — Atlas of Brazil with thirty-two charts, c. 1675
Hispanic Society of America, New York





Original 435 × 625 *mm.* Décima quinta Carta – Fifteenth Chart A



Original 400 × 565 *mm.* Décima oitava Carta – Eighteenth Chart B



Original 400 × 560 *mm.* Décima oitava Carta – Eighteenth Chart C



Original 409 × 570 *mm.* Décima oitava Carta – Eighteenth Chart D

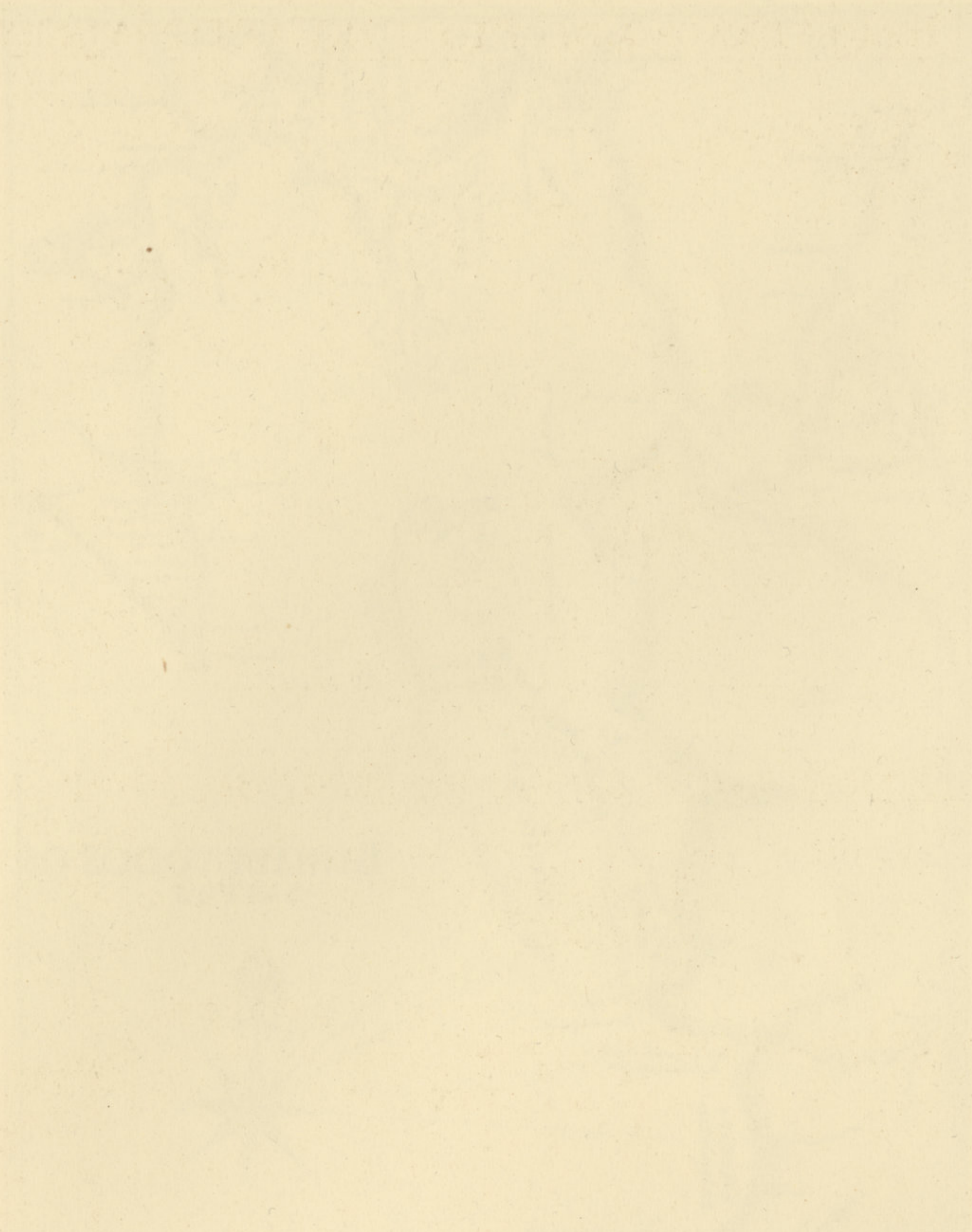
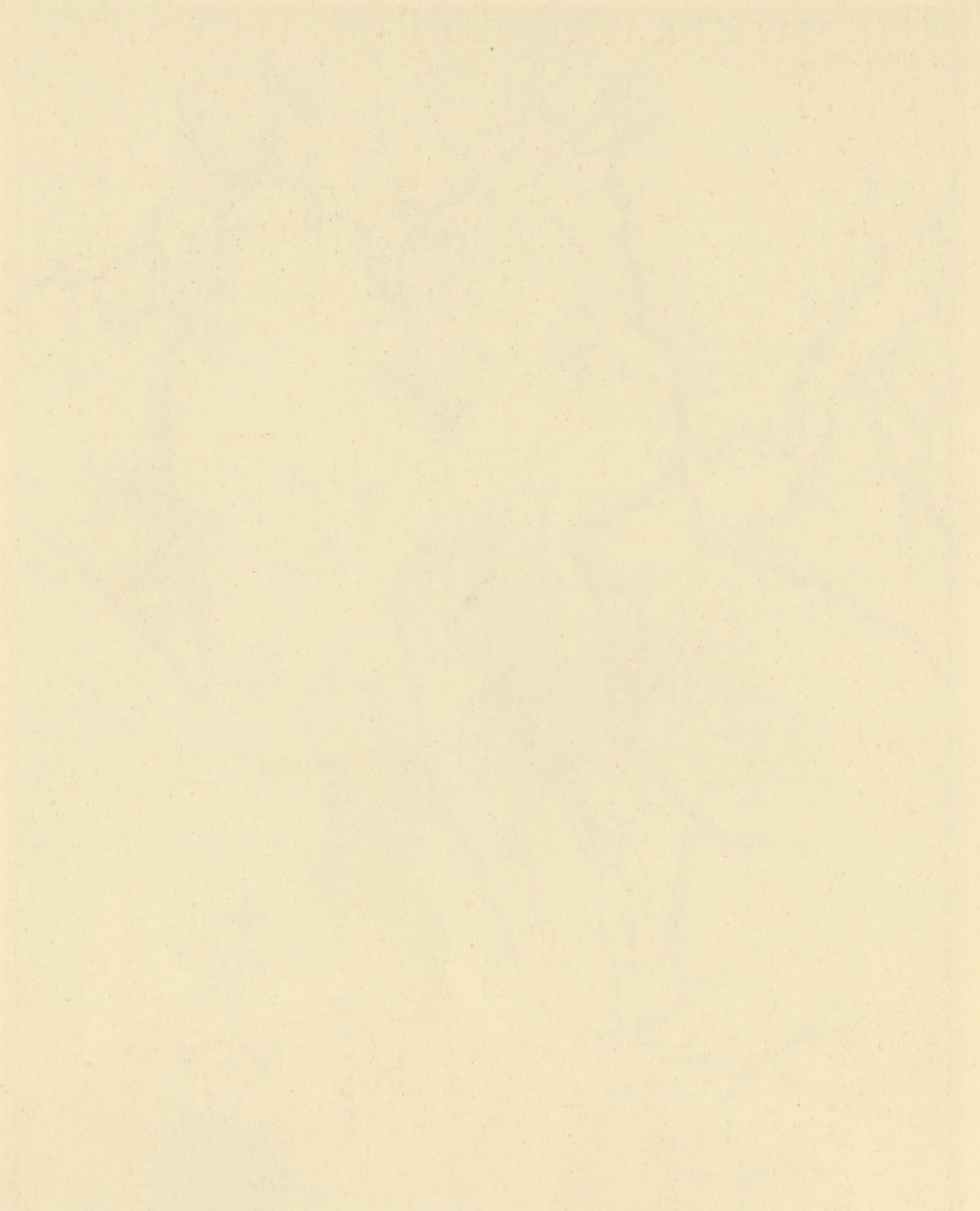
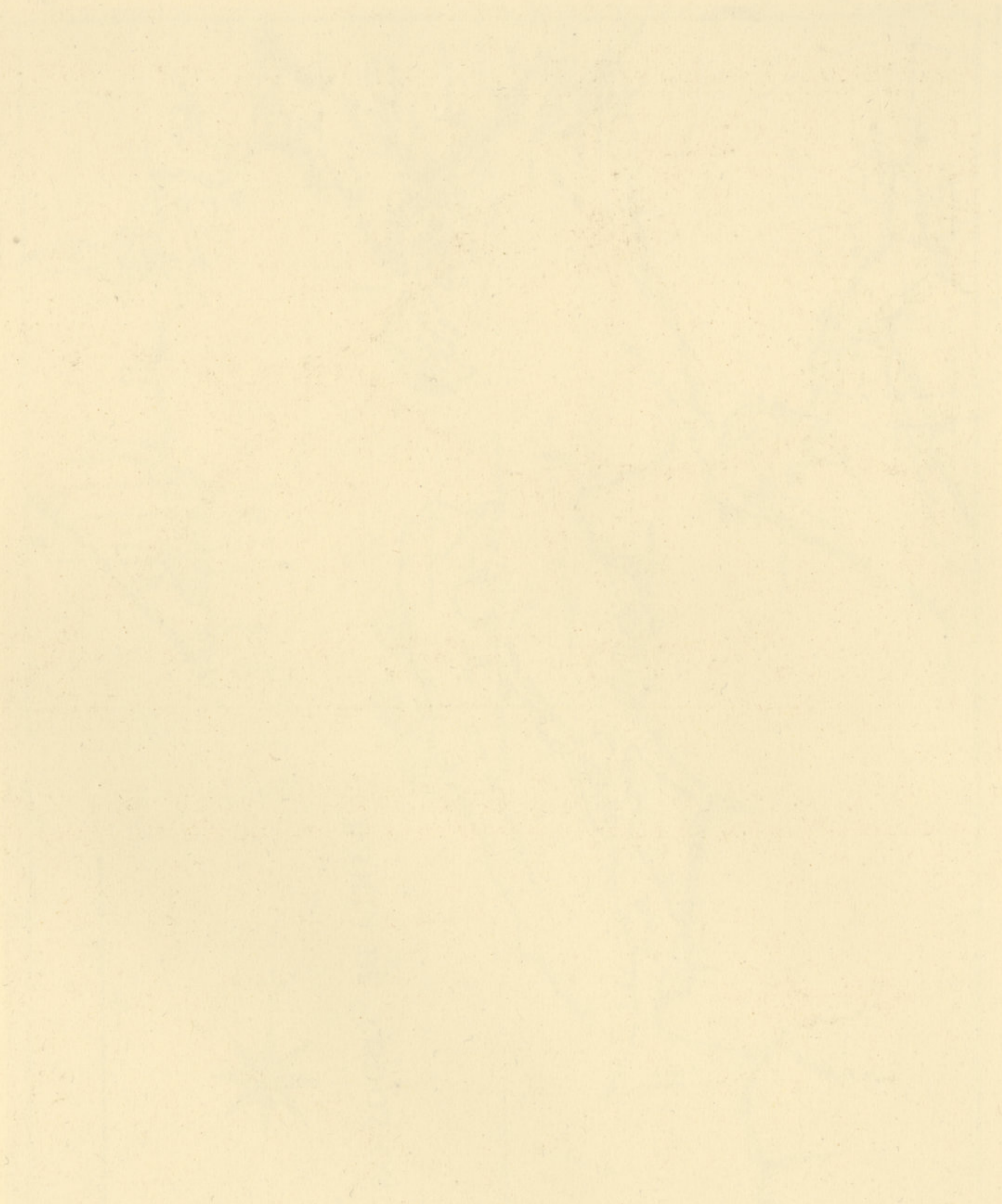
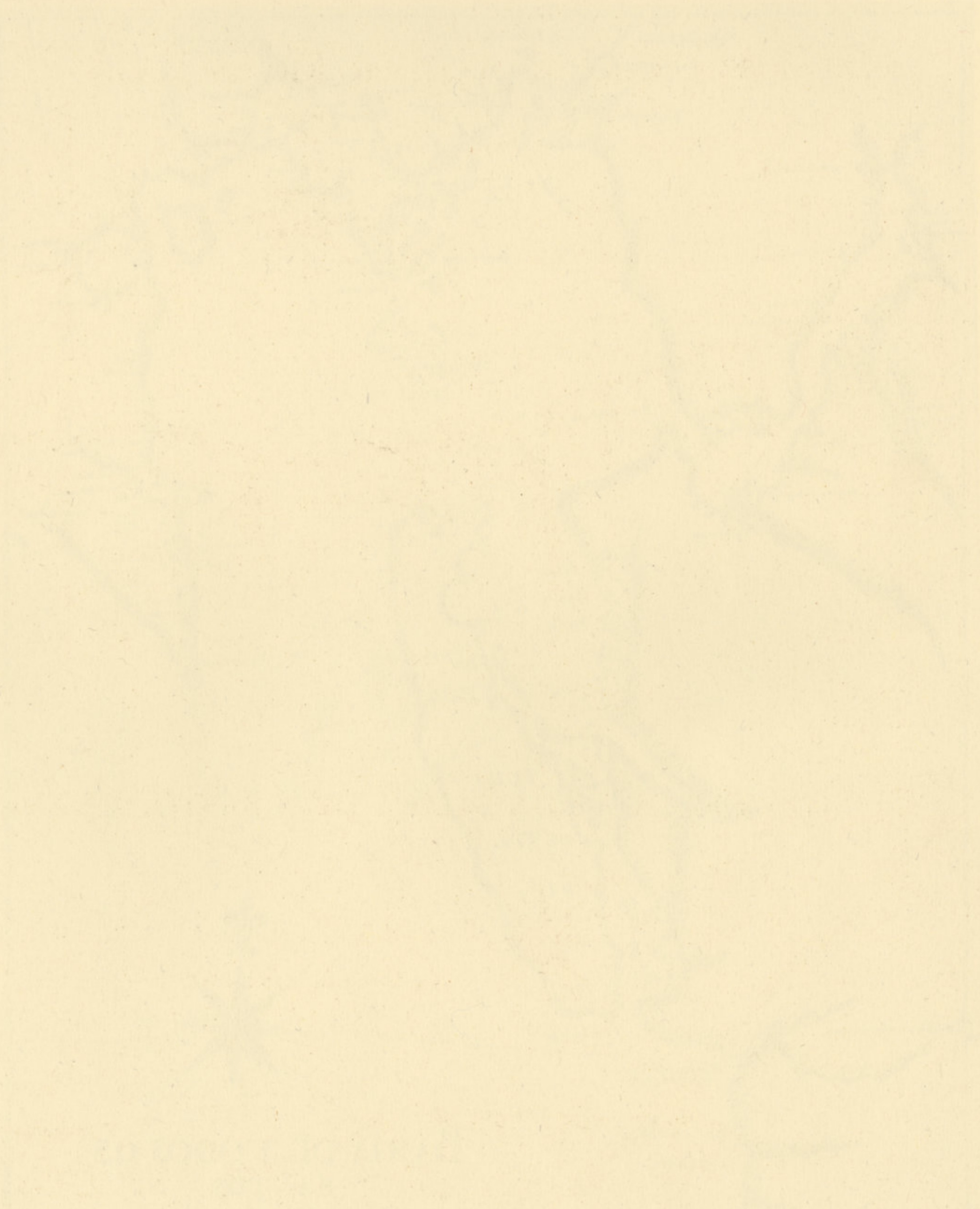
João Teixeira Albernaz II

A-Atlas do Brasil com trinta e uma cartas, 1666 – Atlas of Brazil with thirty-one charts, 1666
Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro

B-Atlas do Brasil com vinte e nove cartas, c. 1666 – Atlas of Brazil with twenty-nine charts, c. 1666
Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

C-Atlas do Brasil com trinta e uma cartas, 1670 – Atlas of Brazil with thirty-one charts, 1670
Hispanic Society of America, New York

D-Atlas do Brasil com trinta e duas cartas, c. 1675 – Atlas of Brazil with thirty-two charts, c. 1675
Hispanic Society of America, New York

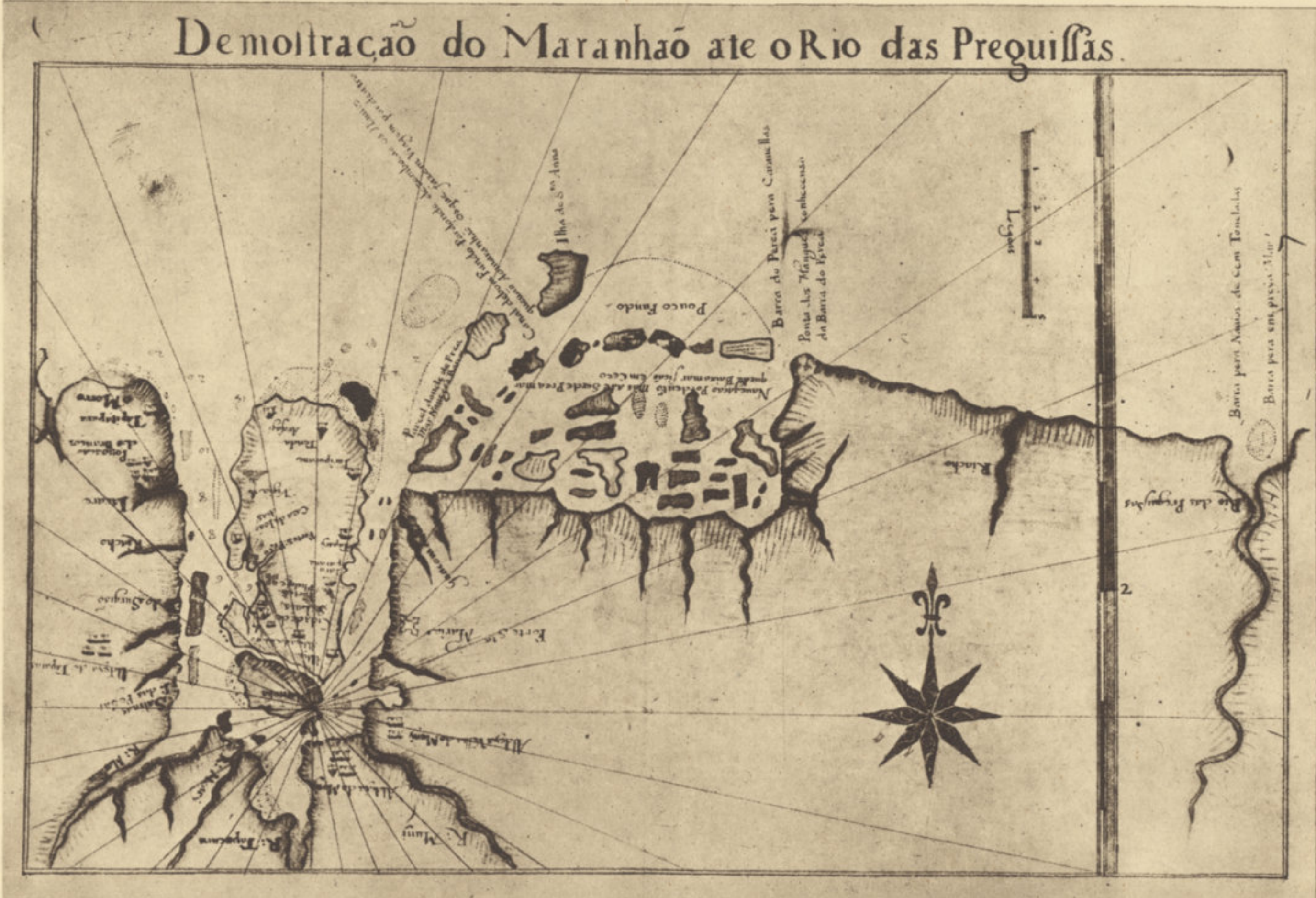







Segunda Carta – Second Chart A



Terceira Carta – Third Chart B



Quarta Carta – Fourth Chart C



Quinta Carta – Fifth Chart D



Sexta Carta – Sixth Chart E

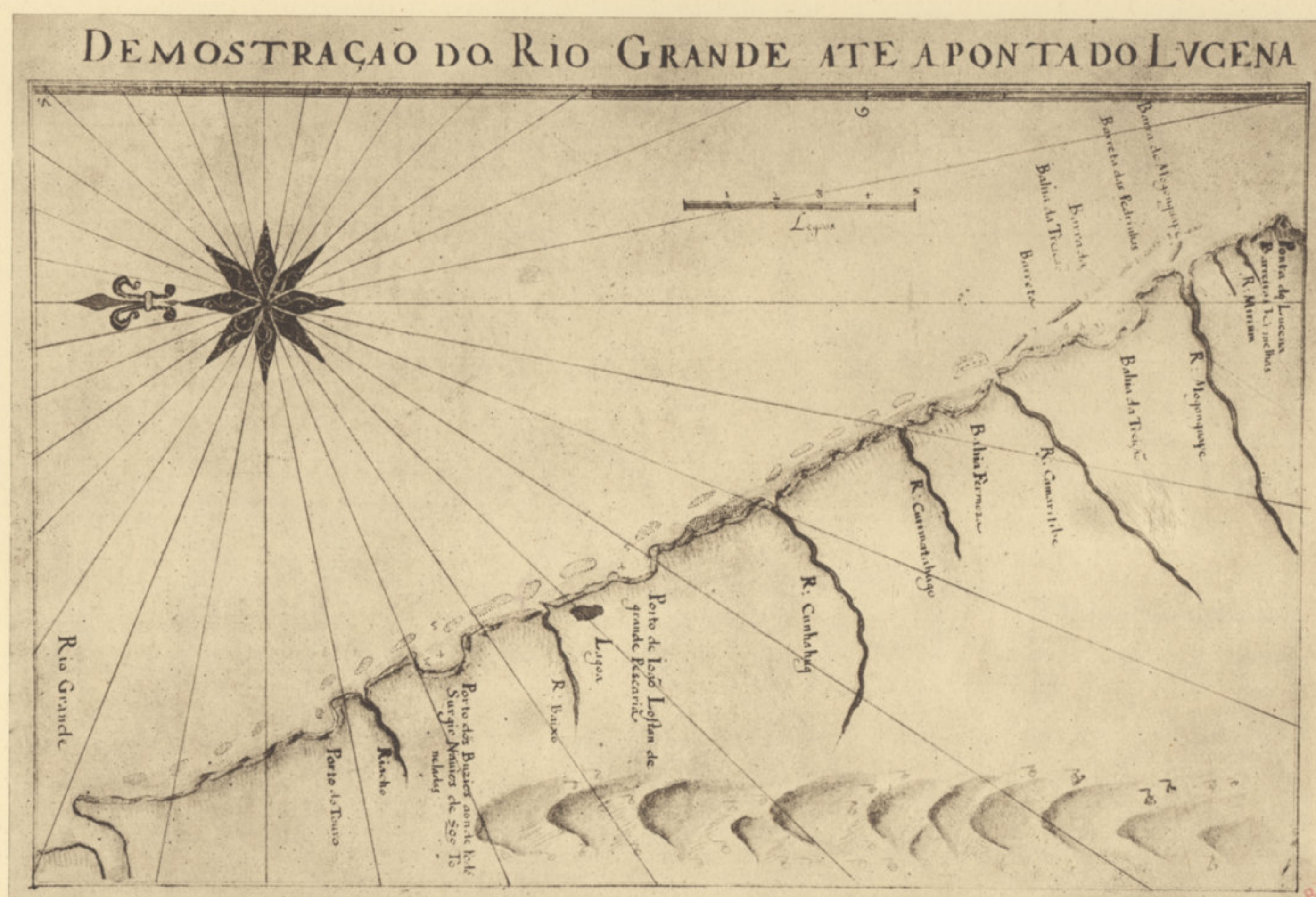


Sétima Carta – Seventh Chart F



Original 263×370 mm.

Oitava Carta – Eighth Chart G

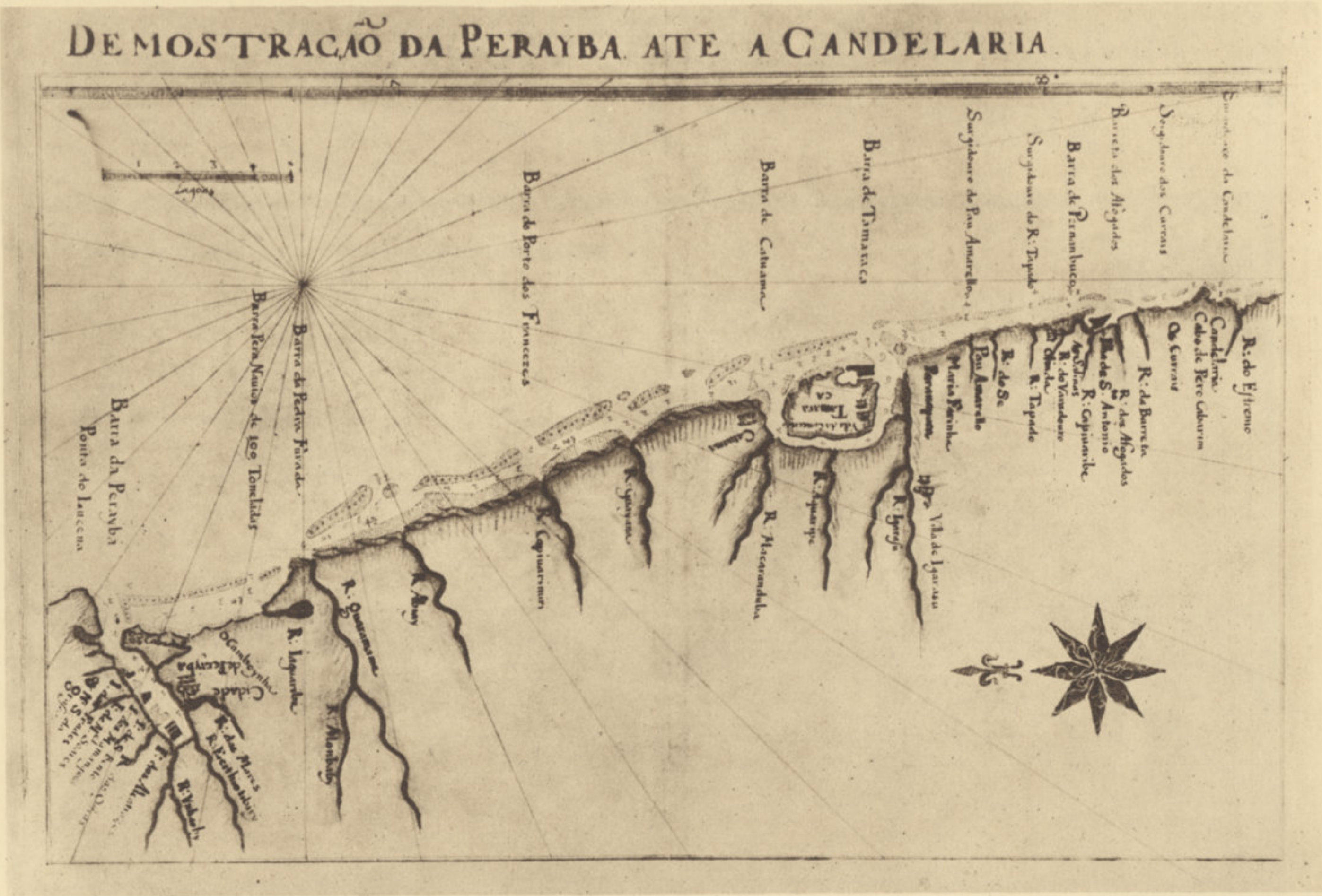


Nona Carta – Ninth Chart H

João Teixeira Albernaz II, 1666

Atlas do Brasil com trinta e uma cartas – Atlas of Brazil with thirty-one charts

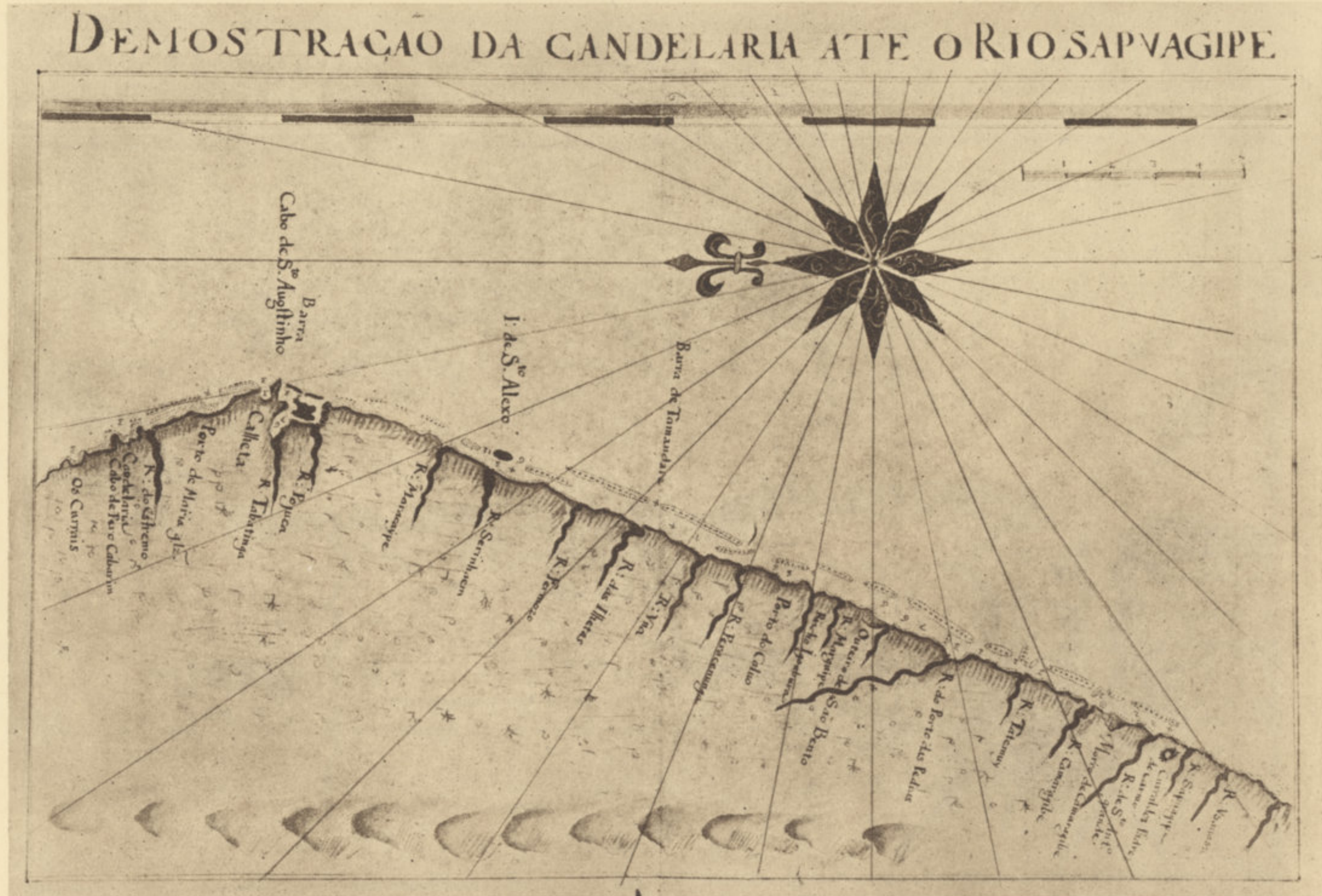
Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro



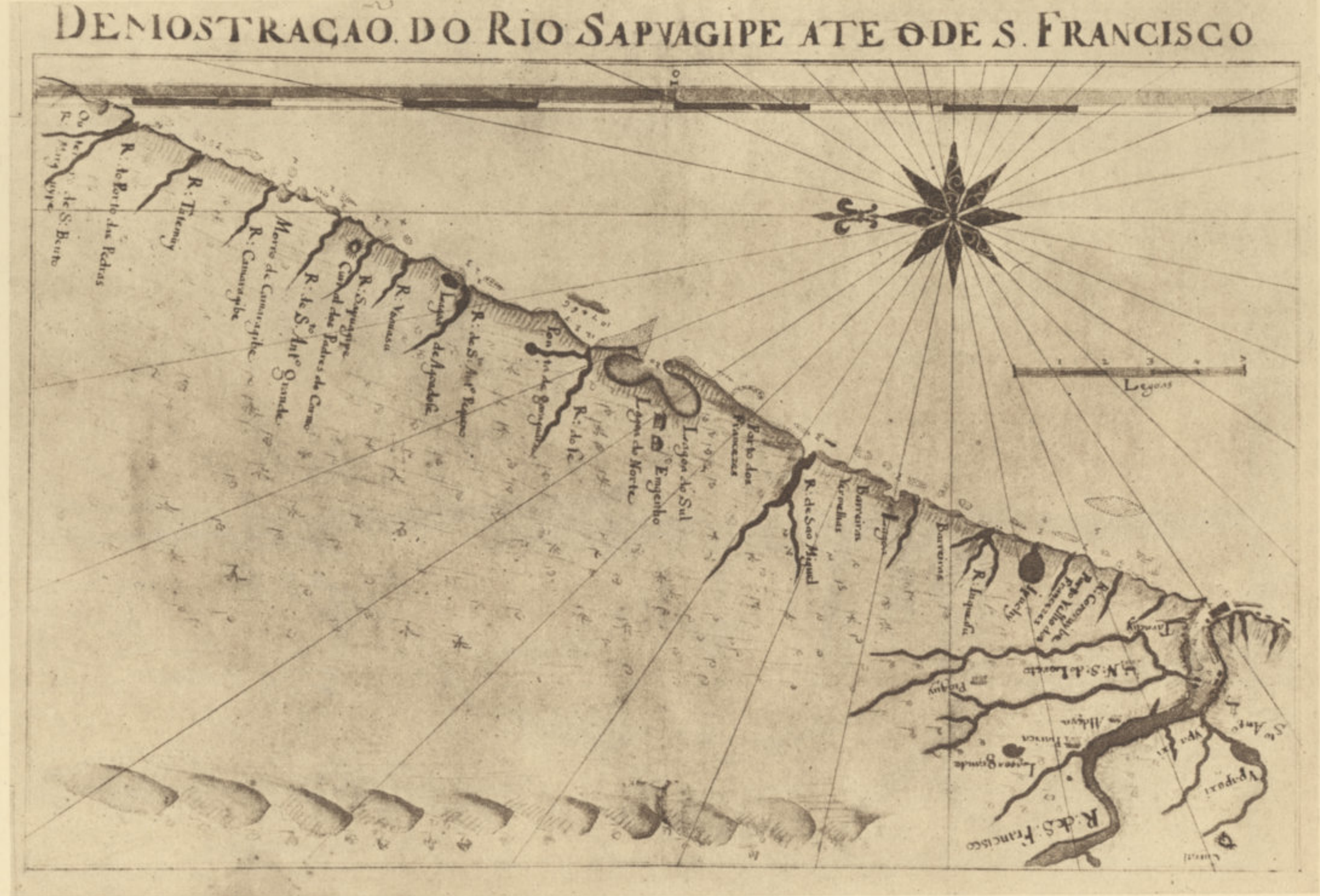
Décima Carta – Tenth Chart A



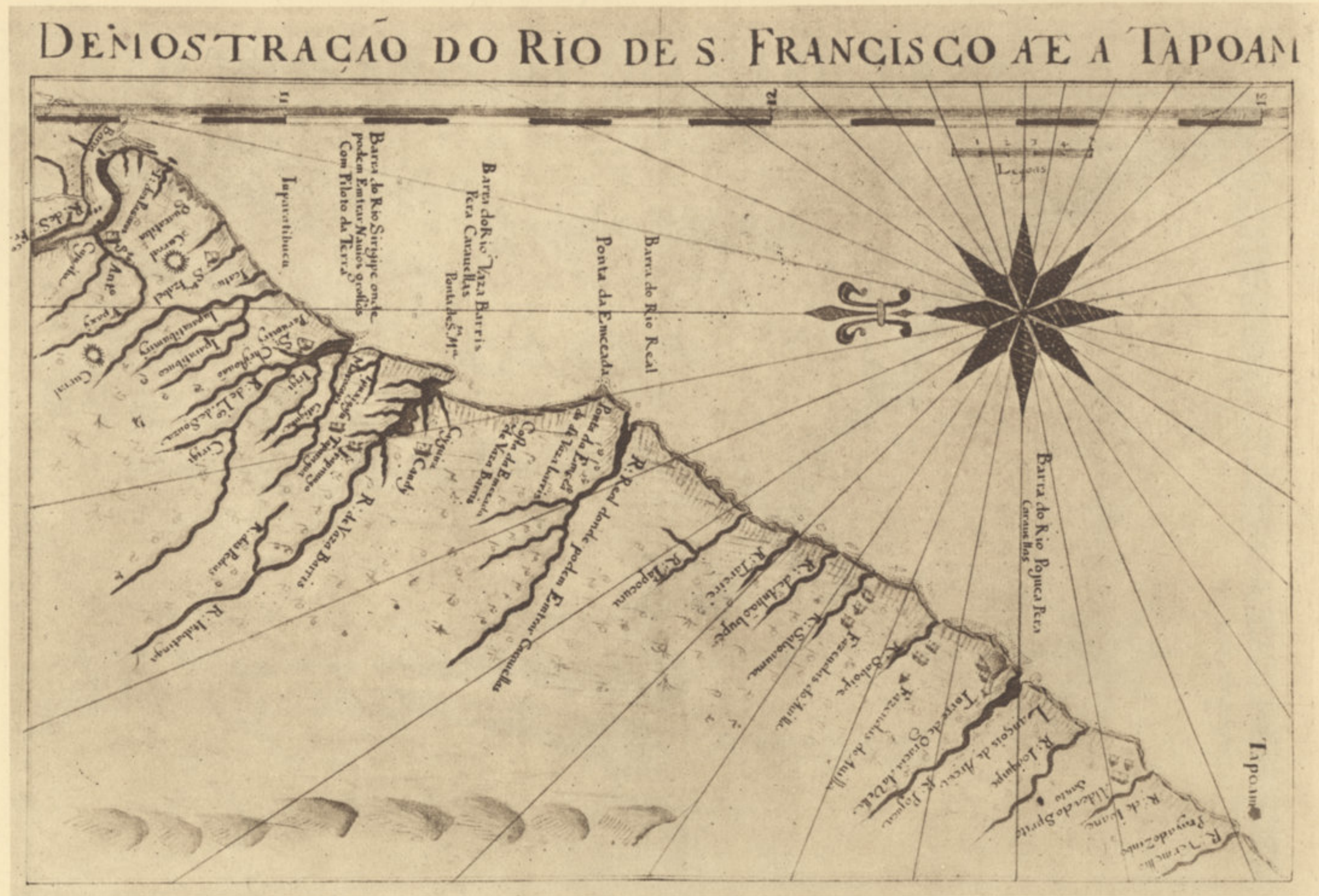
Décima primeira Carta – Eleventh Chart B



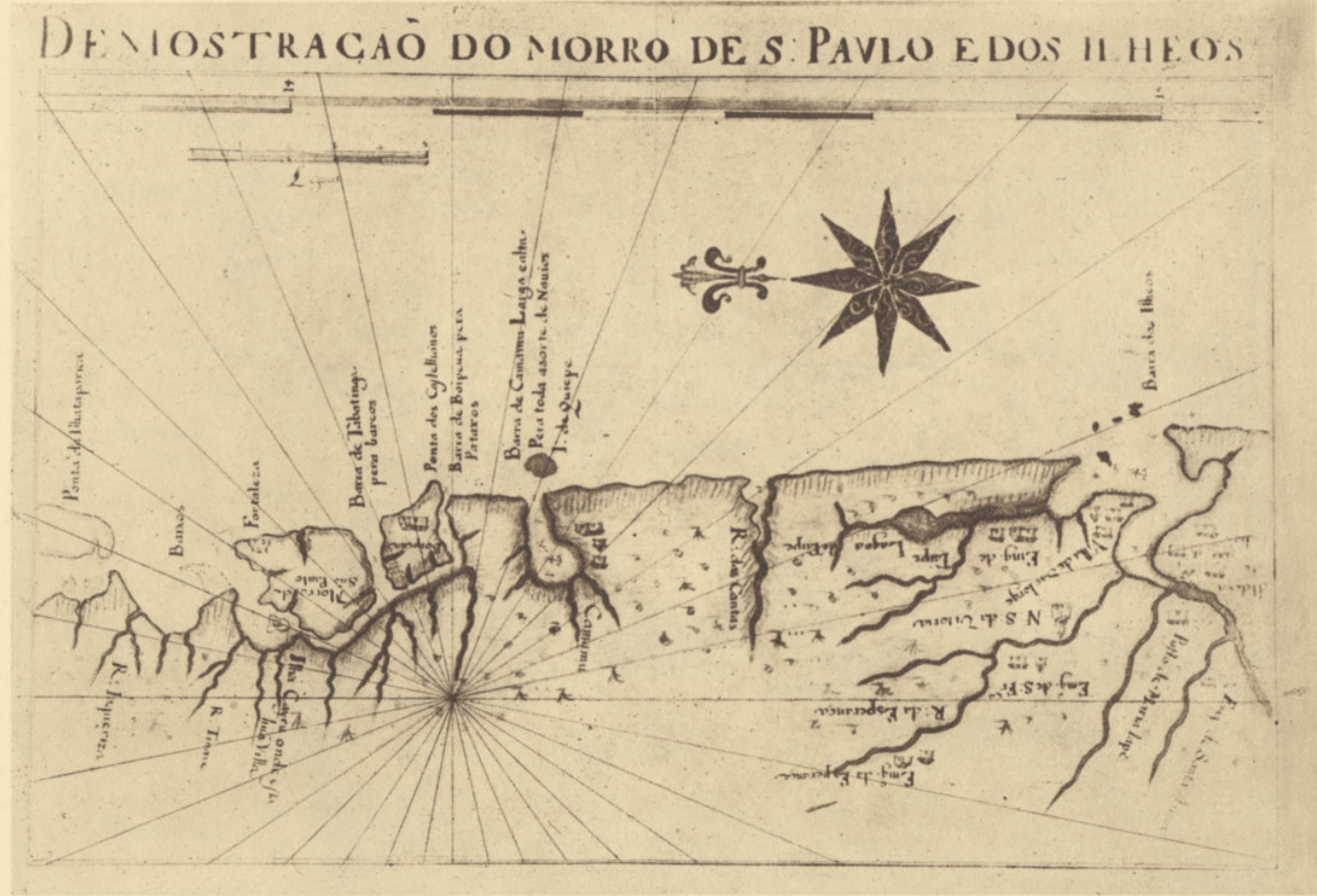
Décima segunda Carta – Twelfth Chart C



Décima terceira Carta – Thirteenth Chart D



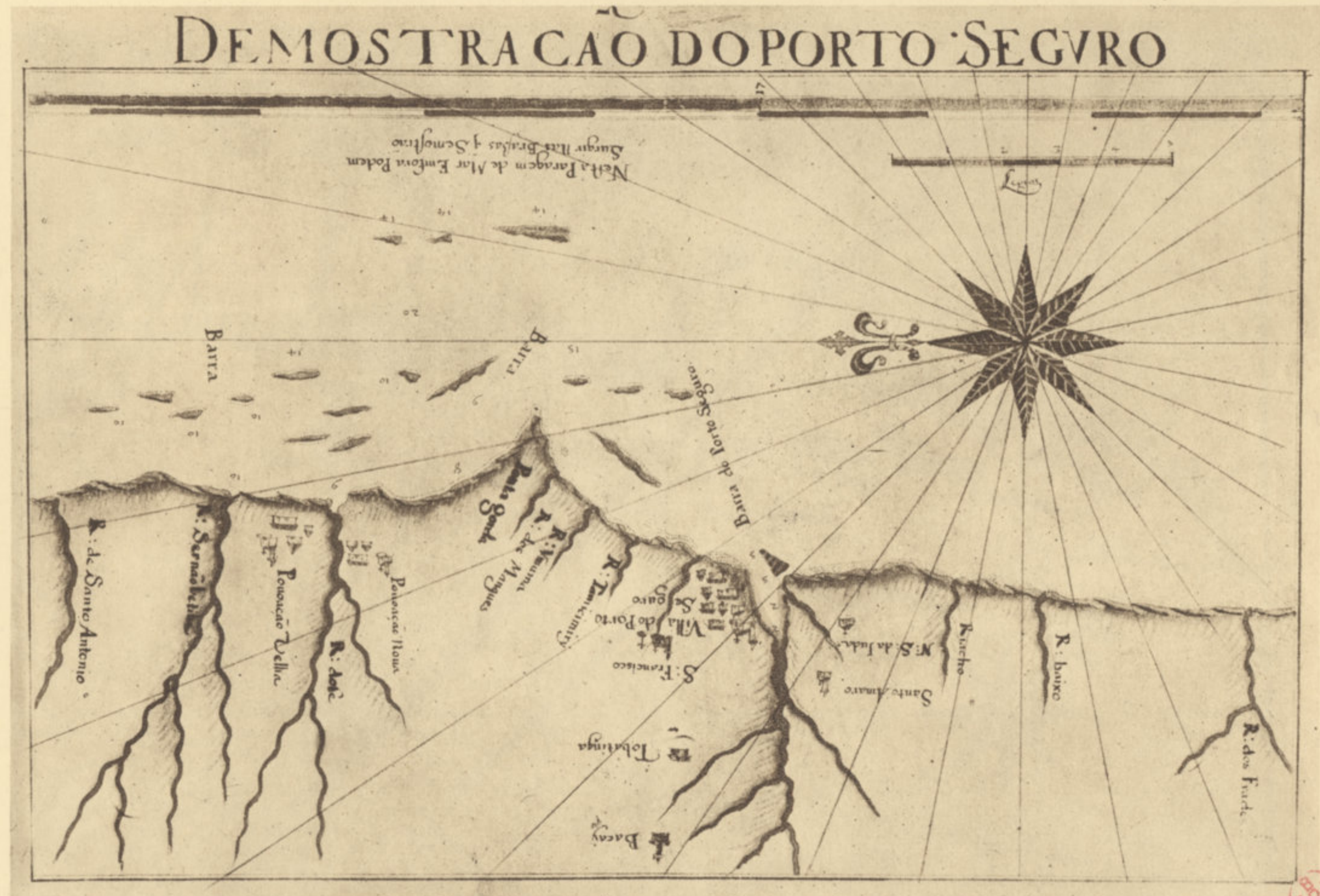
Décima quarta Carta – Fourteenth Chart E



Décima sexta Carta – Sixteenth Chart F



Original 263×370 mm. Décima sétima Carta – Seventeenth Chart G

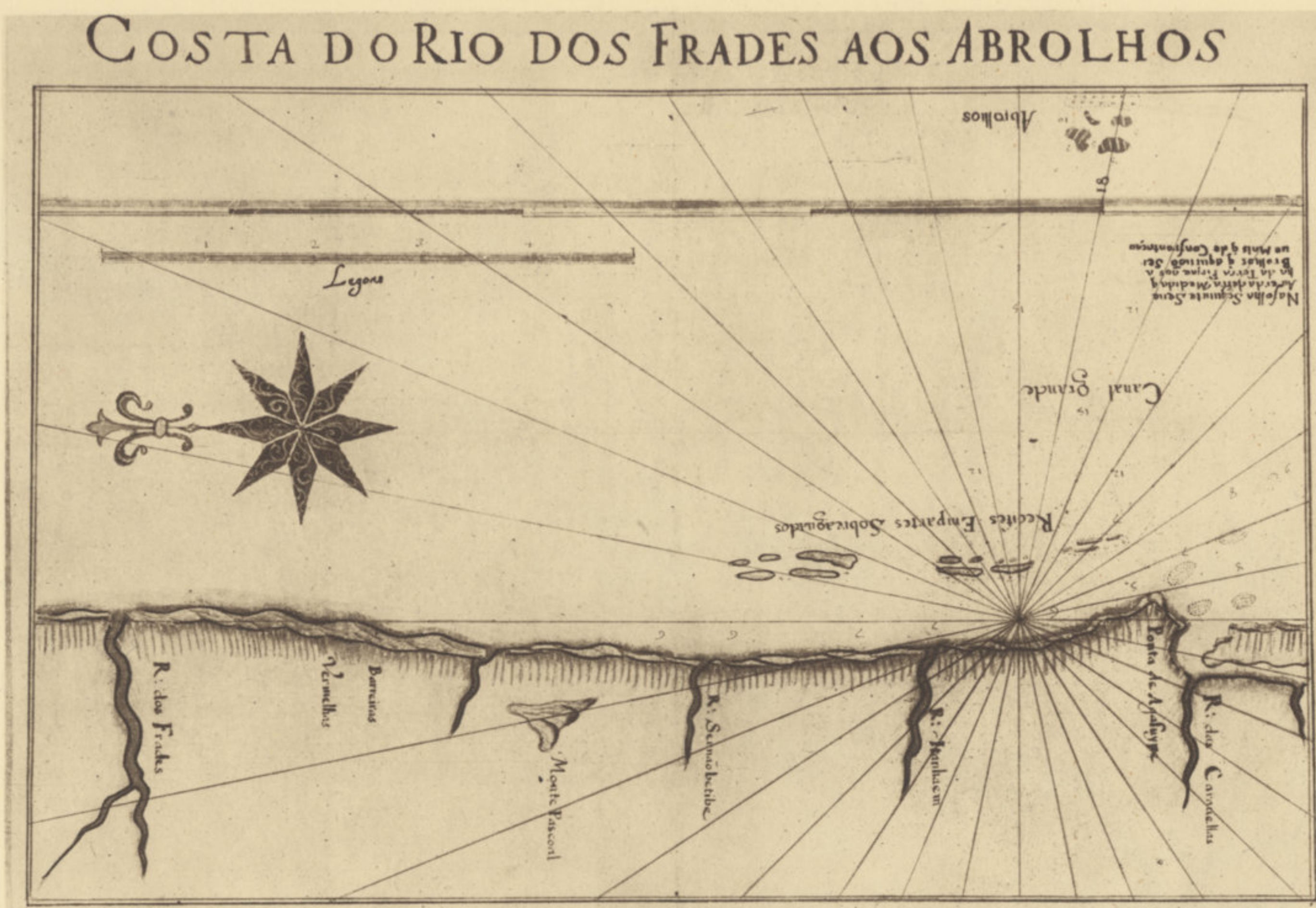


Décima oitava Carta – Eighteenth Chart H

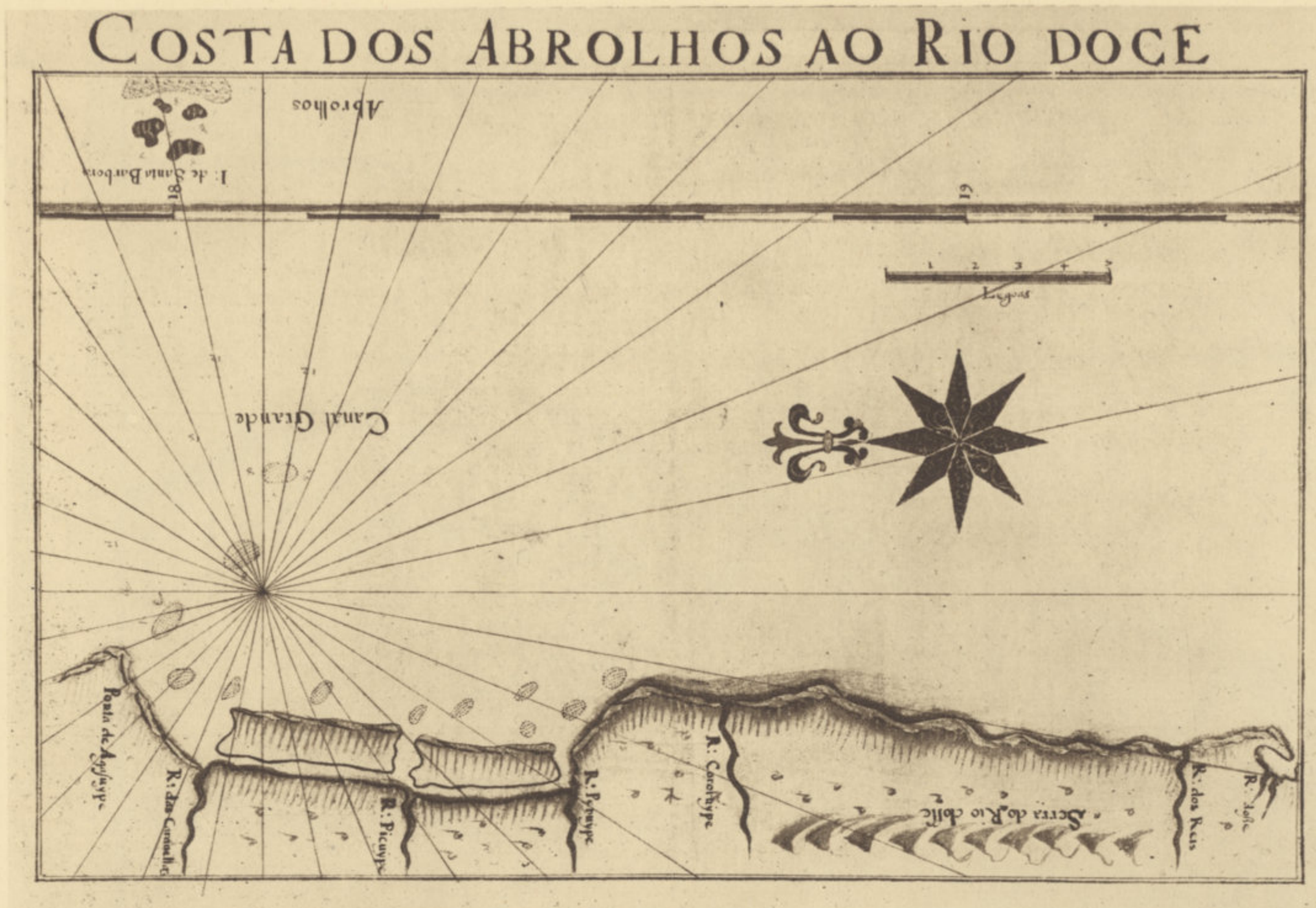
JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II, 1666

Atlas do Brasil com trinta e uma cartas – Atlas of Brazil with thirty-one charts

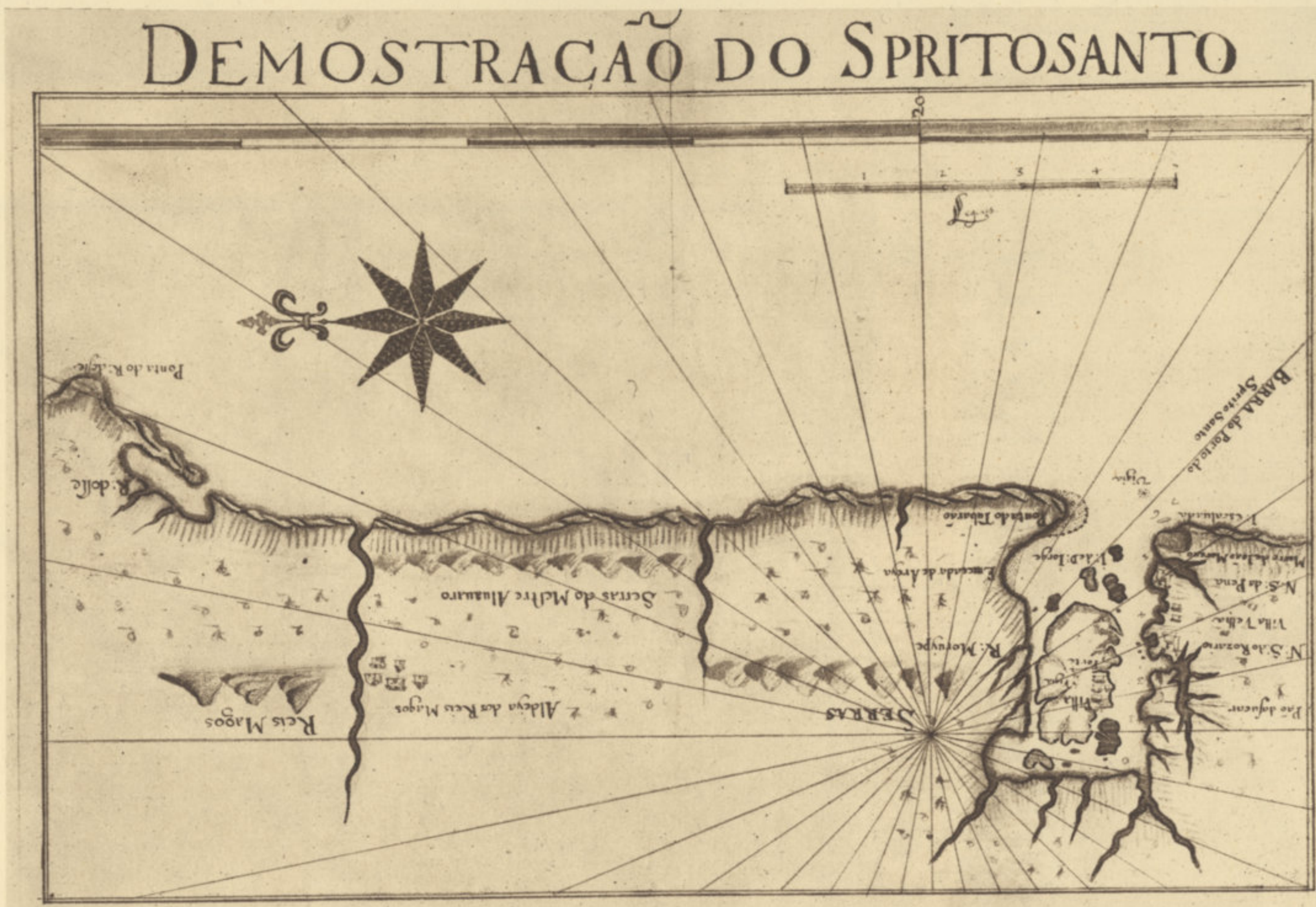
Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro



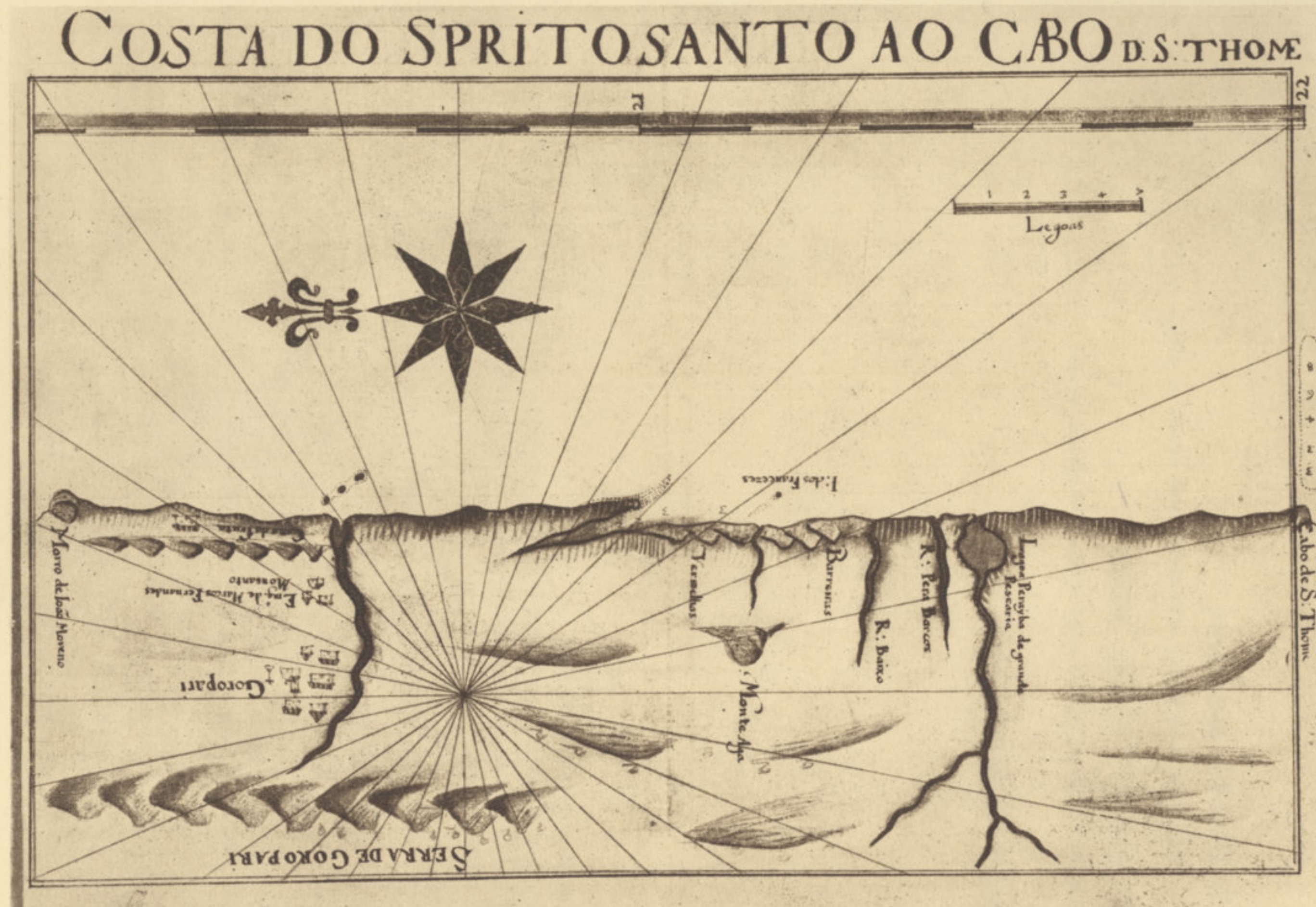
Décima nona Carta – Nineteenth Chart A



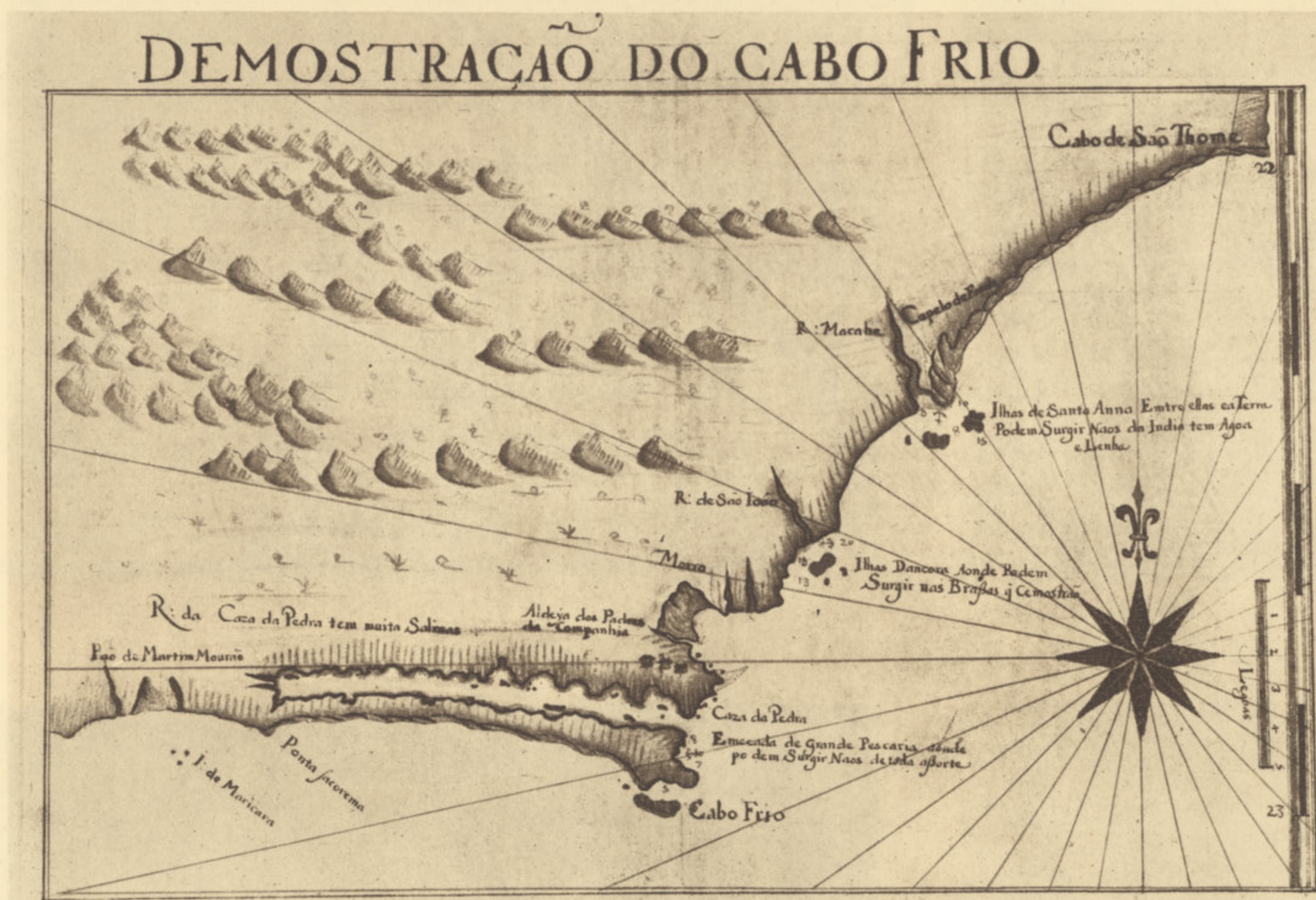
Vigésima Carta – Twentieth Chart B



Vigésima primeira Carta – Twenty-first Chart C



Vigésima segunda Carta – Twenty-second Chart D



Vigésima terceira Carta – Twenty-third Chart E



Vigésima quarta Carta – Twenty-fourth Chart F



Original 263×370 mm.

Vigésima quinta Carta – Twenty-fifth Chart G



Vigésima sexta Carta – Twenty-sixth Chart H

João Teixeira Albernaz II, 1666

Atlas do Brasil com trinta e uma cartas – Atlas of Brazil with thirty-one charts

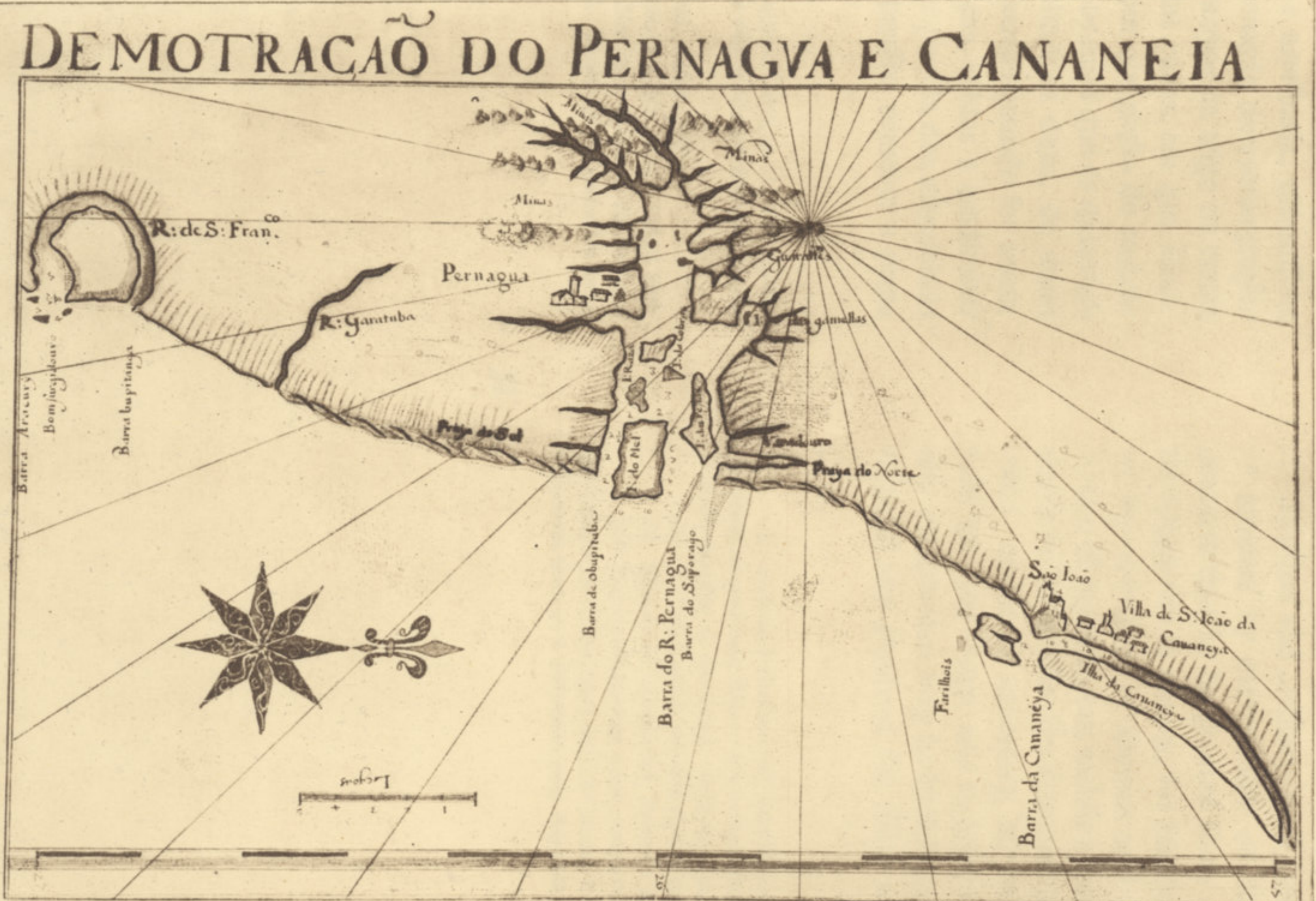
Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro



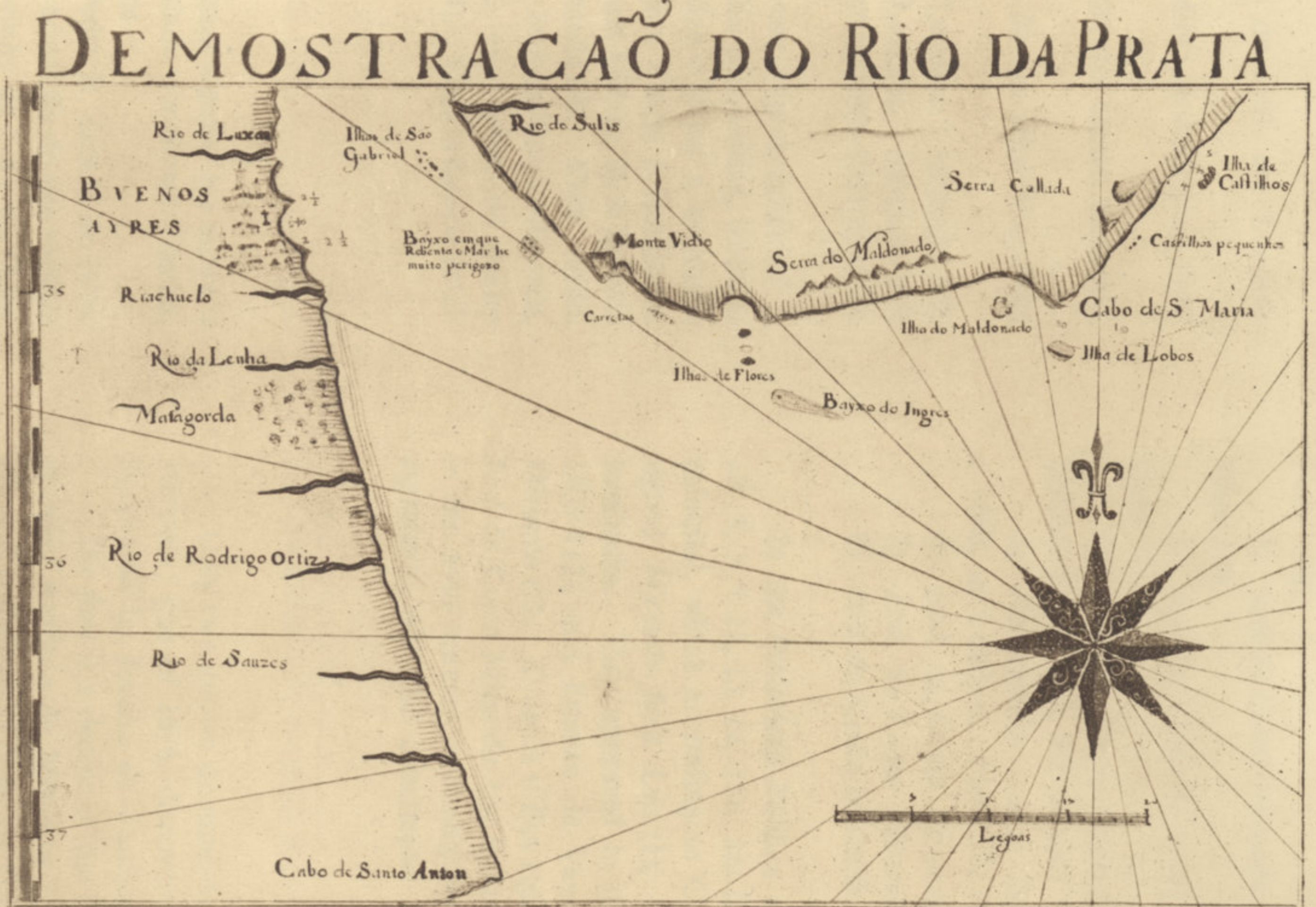
Vigésima sétima Carta — Twenty-seventh Chart A



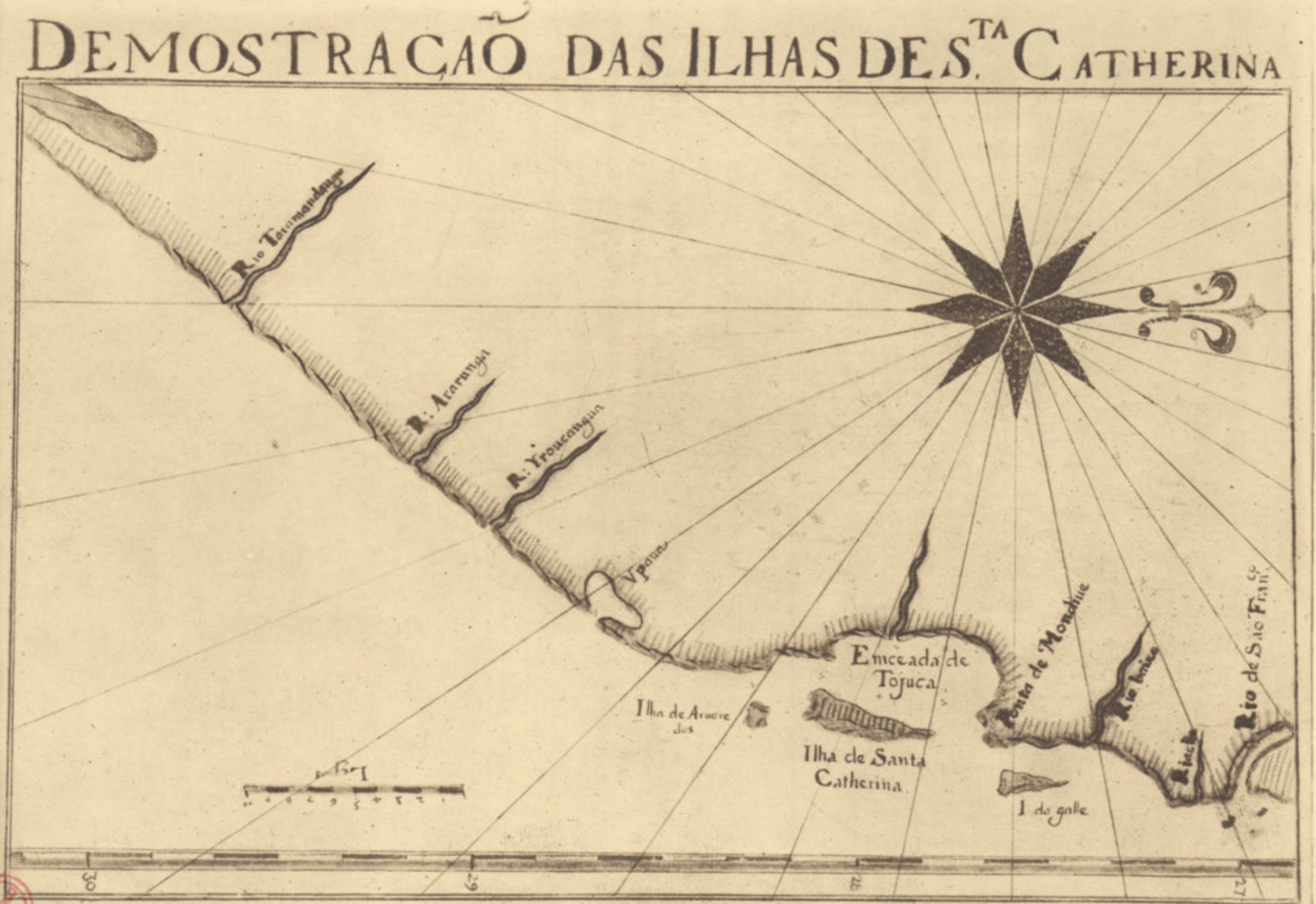
Trigésima Carta — Thirtieth Chart D



Vigésima oitava Carta — Twenty-eighth Chart B



Trigésima primeira Carta — Thirty-first Chart E



Original 263 × 370 mm. Vigésima nona Carta — Twenty-ninth Chart C

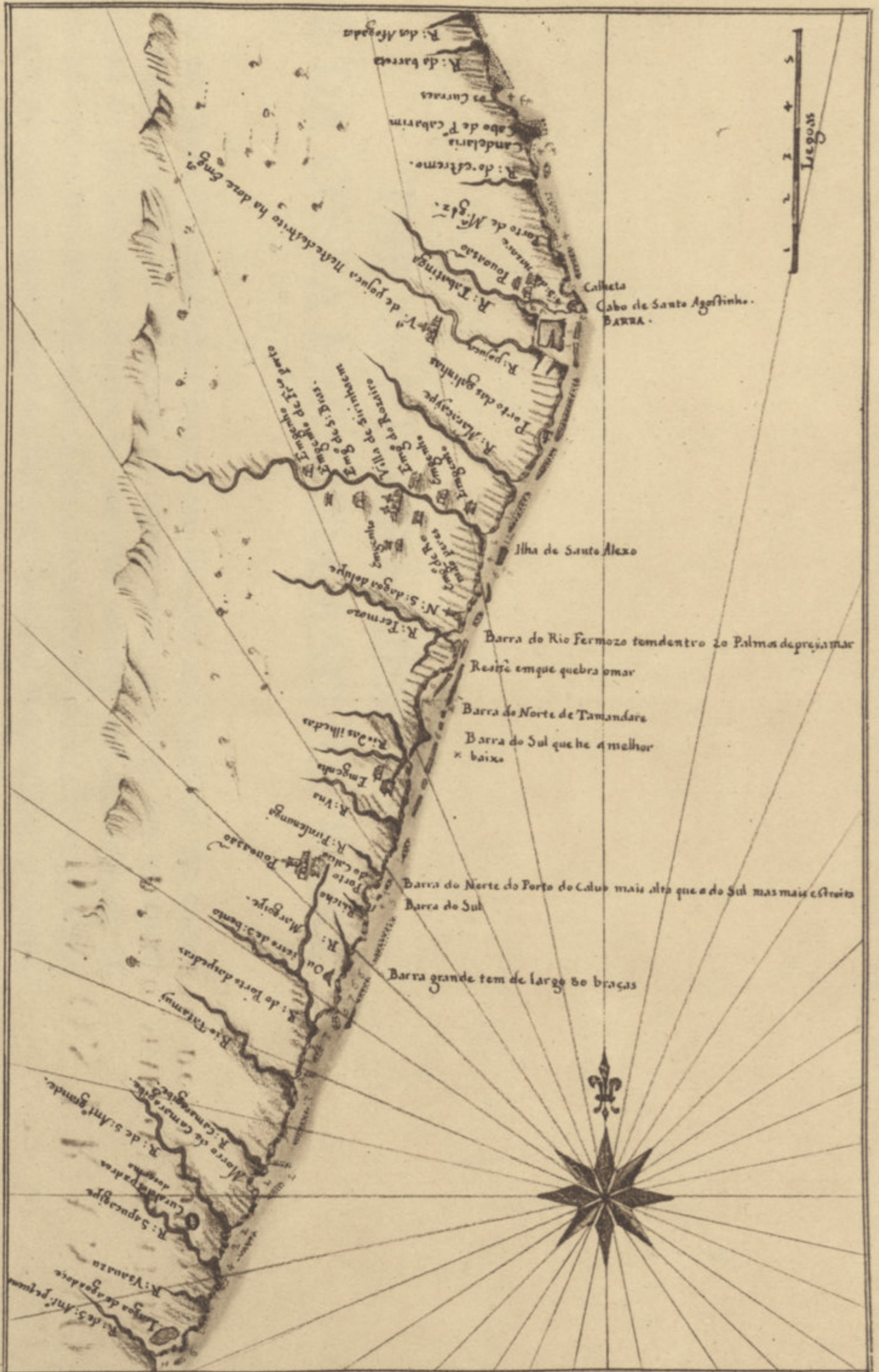
João Teixeira Albernaz II

A a E-Atlas do Brasil com trinta e uma cartas, 1666 — Atlas of Brazil with thirty-one charts, 1666
Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro

F e G-Atlas do Brasil com trinta e duas cartas, c. 1675 — Atlas of Brazil with thirty-two charts, c. 1675
Hispanic Society of America, New York



Vigésima Carta — Twentieth Chart F



Vigésima segunda Carta — Twenty-second Chart G

O CARTÓGRAFO JOSÉ DA COSTA MIRANDA E A SUA OBRA

JOSÉ da Costa Miranda deve ter sido filho e discípulo do cartógrafo António de Miranda, de quem não nos chegou qualquer obra assinada. Trabalhou nos dois últimos decénios do século XVII e no primeiro do século XVIII, num período em que já eram raros os «mestres de cartas de marear», e em que se começa a abandonar em Portugal a carta de graus iguais e se inicia a feitura de cartas de latitudes crescidas. As produções de José da Costa Miranda, de limitado valor artístico, manifestam influências de João Teixeira Albernaz II e da cartografia holandesa:

1) José da Costa Miranda, carta atlântica de 1681, em Londres. Estampa 568.
2) José da Costa Miranda, carta do Índico de 1681, em Londres. Estampa 569.
3) José da Costa Miranda, carta de 1685, em Milão, destruída em 1943. Estampa 571 C.
4) José da Costa Miranda, atlas de 1688, com seis cartas, truncado, em Lisboa. Estampas 570, 571 A e 571 B.
5) Anónimo — José da Costa Miranda, carta de um atlas de c. 1688, em Londres. Estampa 571 D.
6) José da Costa Miranda, carta de 1688, em Londres. Estampa 572.
7) José da Costa Miranda, carta de 1698, em Londres. Estampa 573.
8) José da Costa Miranda, planisfério de 1706, em Sydney. Estampa 574.

Na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, com as cotas «P. 5, n.ºs 12, 13, 14, 15», existem quatro cartas manuscritas e coloridas, traçadas em papel, que Cunha Rivara disse formarem um atlas e terem a indicação *Miranda fecit Lxa.* (1). Representam a Índia, Ceilão, China e Insulíndia. Figuraram na Exposição de Cartografia de 1903-4, em Lisboa (2), e Ernesto de Vasconcelos atribuíu-as a José da Costa Miranda (3). Com razão, Almeida d'Eça mostrou que tais cartas não eram de José da Costa Miranda, mas sim de outro Miranda que, no século XVIII, as copiou de cartas estrangeiras, ao que parece de Guillaume de l'Isle (4). Concordamos inteiramente com tal conclusão.

ELEMENTOS BIOGRÁFICOS

Apenas se conhecem dois documentos que lançam alguma luz sobre a biografia de José da Costa Miranda: um de 1676, revelado por Sousa Viterbo, e o outro de 1706, revelado por Frazão de Vasconcelos.

O primeiro é um alvará do Príncipe, futuro D. Pedro II, datado de 1676, concedendo a António de Miranda uma mercê, com a condição de este ensinar dois discípulos, de preferência um seu filho e um sobrinho de João de Góis: «Eu o Principe &c. faço saber aos que este meu aluara virem que temdo comcederação a Antonio de Miranda ser o unico mestre que ha neste reino examinado na arte de fazer astrellabios, agulhas de marear e todos os mais instrumentos pertencentes a nauegação, fortificação e artelharia, obrandoos com muita prefeição e serteza, como constou por informação do cosmographo mor; hey por bem e me praz fazerlhe merce de tres moyos de trigo de renda cada anno e vinte mil r^{s} em dinheiro para aluguer das cazas, em que uiuer, pago tudo pollos meus armazens de Guine e India, com obrigação de ensinar a mesma arte a dous sujeitos em tempo de tres annos e os mais que os quizerem aprender sucissiuamente despois de ensinados os primeiros dous, de seuar com pedra todas as agulhas que ouuerem nos ditos armazens quando for necessario, e afiar os pioins e ajustallos oliuel nas ballanças, soldar e emdireitar alguma ponta da declina quebrada ou trossida arganel e pinulla dos astrolabios sem leuar cousa alguma por estes comsertos, pagandosselhe somente a pessa

(1) Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, *Catalogo da Bibliotheca Eborense*, Vol. I, p. 11. Lisboa 1850. Hoje em dia as cartas estão soltas e não se encontra a indicação do autor, que estaria na capa primitiva ou nas margens das cartas, agora aparadas.

(2) N.ºs 1029, 1040, 1043 e 1051 do *Catalogo* de Ernesto de Vasconcelos. Lisboa 1904.

(3) Ernesto de Vasconcelos, *Relatorio da Exposição de Cartographia Nacional*, pp. 13-14. Lisboa 1905.

(4) Nota in Christovam Ayres, *Fernão Mendes Pinto e o Japão*, in *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, nova série, 2.ª classe, Tomo X, Parte II, pp. 68-72. Lisboa 1906. As quatro cartas são aí reproduzidas, em facsimile bastante deficiente.

THE CARTOGRAPHER JOSÉ DA COSTA MIRANDA AND HIS WORK

JOSÉ da Costa Miranda must have been the son and pupil of the cartographer António de Miranda, no signed work by whom has survived. He worked in the last two decades of the XVII century and first decade of the XVIII, at a when time the «masters of sea-charts» were already few and when the chart with equal degrees was on the way out and the making of charts with increased latitudes was beginning. The output of José da Costa Miranda, which is of limited artistic interest, betrays the influence of João Teixeira Albernaz II and of Dutch cartography:

1) José da Costa Miranda, Atlantic chart of 1681, in London. Plate 568.
2) José da Costa Miranda, chart of the Indian Ocean, 1681, in London. Plate 569.
3) José da Costa Miranda, chart of 1685, in Milan, destroyed in 1943. Plate 571 C.
4) José da Costa Miranda, atlas of six charts, mutilated, 1688, in Lisbon. Plates 570, 571 A and 571 B.
5) Anonymous — José da Costa Miranda, chart from an atlas of c. 1688, in London. Plate 571 D.
6) José da Costa Miranda, chart of 1688, in London. Plate 572.
7) José da Costa Miranda, chart of 1698, in London. Plate 573.
8) José da Costa Miranda, planisphere of 1706, in Sydney. Plate 574.

In the Biblioteca Pública and Arquivo Distrital of Évora, classmarks «P. 5, n.ºs 12, 13, 14, 15», are four manuscript charts, drawn on paper and coloured, which according to Cunha Rivara constituted an atlas and were signed *Miranda fecit Lxa.* (1). They represent India, Ceylon, China and Insulindia. They appeared in the Exhibition of Cartography at Lisbon in 1903-4 (2), and Ernesto de Vasconcelos ascribed them to José da Costa Miranda (3). Almeida d'Eça rightly pointed out that these charts are not by José da Costa Miranda, but by some other Miranda who copied foreign charts in the XVIII century, probably by Guillaume de l'Isle (4). We are in entire agreement with this conclusion.

BIOGRAPHICAL ELEMENTS

Only two known documents throw any light on the life of José da Costa Miranda; one of 1676, discovered by Sousa Viterbo, and another of 1706, discovered by Frazão de Vasconcelos.

The first is a decree of the Prince, and future King Pedro II, dated 1676, granting António de Miranda a fee for teaching two pupils, preferably his son and a nephew of João de Góis: «I the Prince &c. make known to those who see this my order that, taking into account that António de Miranda is the only master in this realm examined in the art of making astrolabes, mariner's compasses, and all other instruments belonging to navigation, fortification and artillery, performing them with great perfection and certainty, as appears by information of the cosmographer-major, it is therefore my pleasure that he be granted three *moios* of wheat as an annual fee and twenty thousand *reis* in money, for the rent of houses occupied by him, all to be paid by my *Armazéns* of Guinea and India; charging him to teach that same art to two of my subjects, within a term of three years, and to any others who may desire to learn after the first two have been taught, and also to touch with the stone, whenever necessary, all the compass needles in our said *Armazéns*, to keep the pins sharp, and to level them in the gimbals, to repair and straighten any alidade that may be broken or bent, also the ring and sights of astrolabes, without any payment for these repairs but only for any new iron part that

(1) Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, *Catalogo da Bibliotheca Eborense*, Vol. I, p. 11. Lisboa 1850. The charts are now loose sheets, without the author-indication, which must have been either on the original binding or in the margins of the charts, which have been cropped.

(2) N.ºs 1029, 1040, 1043 and 1051 in the *Catalogo* of Ernesto de Vasconcelos. Lisboa 1904.

(3) Ernesto de Vasconcelos, *Relatorio da Exposição de Cartographia Nacional*, pp. 13-14. Lisboa 1905.

(4) Note in Christovam Ayres, *Fernão Mendes Pinto e o Japão*, in *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, nova serie, 2.ª classe, Tomo X, Parte II, pp. 68-72. Lisboa 1906. The four charts are reproduced there in a somewhat poor facsimile.

noua que nelle puzer de ferro, rozanas (*sic,* rosas-dos-ventos?), agulhas e ballanças e os mais instromentos que de nouo fiser. Pello que mando aos vedores de minha fazenda lhe fação pagar cada anno nos ditos armazens os ditos tres moyos de trigo e vinte mil r.s em dinheiro, que os comessara a uencer do dia que comessar a ensinar sua arte aos ditos dous sugeitos, prefferindo a elles hum filho do dito Antonio de Miranda e hum sobrinho de João de Goes, querendoa aprender, e este aluara se cumprira como nelle se conthem e ualera como carta, posto que seu effeito dure mais de hum anno sem embargo da ordenação em contrario, sendo primeiro registado nos liuros dos ditos Armazens e nos de minha fazenda da repartição delles, e de nouo direito pagou quatroze mil rs, que se carregarão em receita ao thesoureiro delles, João de Freitas de Almeida, a fls. 54, e deu fiança a outra tanta quantia no liuro delles a fls. 18. Pam Munis o fez em Lisboa aos dezassette de Setembro de seis centos setenta e seis annos. Manoel Guedes Pireira o fes escrever. Princepe. O Conde da Eriseira» (5).

O segundo documento é um alvará de D. Pedro II, datado de 1706, pelo qual se concede a José da Costa Miranda uma mercê pelo facto de haver ensinado na sua arte dois indivíduos: «Eu El Rey Fasso saber aos que este Aluara virem que tendo Respeito a hauer feito merce por Rezolução de trinta de Abril de seis centos nouenta e sinco tomada em consulta do Concelho de minha fazenda a Jozeph da Costa Miranda por ser o unico sogeito que neste Reyno hauia digo (*sic*) sabia fazer as Cartas de Mariar e mais jnstromentos para a nauegação dos Vassallos delle de sincoenta mil reis de tença em sua vida pagos nos meus Armazens de Guine e India os quais não comessaria a vensser se não despois de dar emsignados dois sojeitos que serião aprouados pello Cosmographo mor das mesmas Cartas e constar no mesmo Concelho de minha fazenda que o dito Joseph da Costa de Miranda tem satisfeito a Clausulla como lhe fis a dita merce por informações do dito Cosmografo mor e Prouedor dos ditos Armazens de que tudo ouue vista ao Procurador de minha fazenda a que não pos duuida Hey por bem e me pras que o dito Jozeph da Costa Miranda logre em sua vida os ditos sincoenta mil reis de tença os quais começa a vencer do primeiro de Julho do anno proximo passado de mil setecentos e sinco em diante com obrigação de emsignar todos aquelles sugeitos que por curouzidada quezerem aprender e a consertar todas as Cartas e impulhetas para as Naos da India e armadas Pello que Mando aos Vedores de minha fazenda lhe fação pagar cada anno nos ditos Armazens os ditos sincoenta mil reis de tença E este meu Aluara se cumprira como nelle se conthem e vallera como Carta posto que seu effeito dure mais de hum anno sem embargo da ordenação em contrario sendo primeiro passado pella minha chancellaria e Registado nos Liuros dos ditos Armazens e nos de minha fazenda da Repartição delles porquanto de nouo direito pagou doze mil e quinhentos reis que se Carregarão em Receitas ao Thesoureiro delle Gonçallo Soares Monteiro a folhas 63 verso do liuro primeiro della como se vio de hum conhecimento feito pello Escriuão de seu cargo e asignado por ambos Registado a folhas 54 do liuro 7º do Registo geral Manoel Gomes da Silva o fes em Lisboa a doze de Agosto de mil setecentos e seis annos Francisco Luis de Barros e Vasconcelos o fez escreuer — Rey» (6).

Destes dois documentos verifica-se que em 1676 e em 1695 havia apenas no Reino um único mestre de cartas de marear examinado (na última data diz-se mesmo «um único sugeito»), no primeiro caso António de Miranda e no segundo José da Costa Miranda. É de notar que nesses annos ainda era vivo João Teixeira Albernaz II; o facto de não ser considerado nestes documentos indica possivelmente que ele estava à parte, talvez por ter maior categoria. Conclui-se, portanto, que António de Miranda já era falecido em 1695. No documento de 1676 indica-se que teria preferência no ensino um filho de António de Miranda; como em 1695 se considerava que o único que sabia fazer cartas de marear era José da Costa Miranda, é lógico concluir que este, discípulo de António de Miranda, seria seu filho. A data das cartas mais antigas de José da Costa Miranda, 1681, não contraria esta conclusão; no documento de 1676 previa-se um ensino de três anos, e supondo que ele se iniciaria nesse mesmo ano, o discípulo ou discípulos deviam estar habilitados em 1679. O facto de só haver em 1695 como mestre examinado José da Costa Miranda leva a supor que António Miranda não teria tido outros discípulos, ou então, se os teve, morreram cedo ou não mereceram aprovação. Que houve falta de discípulos ou estes não lograram aprovação, além de José da Costa Miranda, parece deduzir-se do facto da condição imposta a este em 1695 para receber a mercê ser a aprovação, pelo cosmógrafo-mor, de dois indivíduos por ele ensinados, o que só ao fim de dez anos se verificou.

---

(5) Torre do Tombo, Chanc. de D. Afonso VI, *Doações,* L.º 31, fl. 248, publicado por Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII,* Vol. I, pp. 218-9. Lisboa 1898.

(6) Torre de Tombo, Chanc. de D. Pedro II, *Doações,* L.º 46, fls. 50 v., publicado por Frazão de Vasconcelos, *Apontamentos sobre José da Costa Miranda,* in *Boletim Geral do Ultramar,* n.os 385-6, pp. 273-4, Julho-Agosto 1957.

they may require, and for *rozanas* (*sic,* wind roses?), needles and balances and instruments newly made. Wherefore I command the controllers of my exchequer to cause each year to be paid to him, in the said *Armazéns,* the said three *moios* of wheat and twenty thousand *reis* in money, which is to commence from the day on which he begins to teach his art to the said two pupils, as whom he shall give preference to a son of the said António de Miranda and a nephew of João de Goes, if they desire to learn it, and this decree shall be executed, in respect of its content, and shall have the force of a patent, even if it remain in effect more than a year, not countermanded by any order to the contrary, and it is to be registered in the books of the said *Armazéns* and in those of my exchequer for its administration, and that fourteen thousand *reis* be paid from a new tax and charged on a receipt to their treasurer, João de Freitas de Almeida, on folio 54, and that credit to the same amount again be allowed in their books, on folio 18. Pam Munis executed this in Lisbon on the seventeenth of September in the year 1676. Manoel Guedes Pireira caused it to be written. The Prince. The Count da Eriseira» (5).

The second document is a decree of King Pedro II, dated 1706, and granting to José da Costa Miranda an annuity for his instruction of two persons in his art: «I the King make known to those who shall see this decree that, having regard to the Resolution of 30th April 1695, taken by order of the Council of my exchequer, granting to Jozeph da Costa Miranda, as the only subject of this Realm capable of making Sea-Charts and other instruments for navigation for use by our people, a sum of fifty thousand *reis* as a pension to be paid in our *Armazéns* of Guinea and India, which was not to begin until he had finished instructing two of my subjects, and they were approved by the Cosmographer-major of the said charts, and the same Council of my exchequer being certified by the said Cosmographer-major and Superintendent of the said *Armazéns* that the said Joseph da Costa de Miranda has fulfilled the conditions for the said fee, this being confirmed by the Controller of my exchequer, who raised no objection — It is therefore my pleasure that the said Jozeph da Costa Miranda shall enjoy in his lifetime the said pension of fifty thousand *reis,* which shall begin from the first of July of the past year 1705 onward, charging him to instruct all those my subjects who are curious to learn and to prepare all the Charts and sand-glasses for the Ships of India and the fleets. Wherefore I order the Controllers of my exchequer to cause to be paid to him each year in the said *Armazéns* the said pension of fifty thousand *reis.* And this my Decree shall be executed, in respect of its content, and shall have the force of a patent, even if it remain in effect for more than a year, not countermanded by any order to the contrary, and it is to be first approved by my chancery and registered in the Books of the said *Armazéns* and in those of my exchequer, for its administration, since twelve thousand five hundred *reis* of the new tax were paid, which shall be entered in receipts to the Treasurer Gonçallo Soares Monteiro, on folio 63 verso of the first book of the exchequer, as appears by a statement of his charge made by the Secretary and signed by both. Registered on folio 54 of the 7th book of the General Register. Manoel Gomes da Silva executed this in Lisbon on the twelfth of August in the year 1706. Francisco Luis de Barros e Vasconcelos caused it to be written — The King» (6).

These two documents show that in 1676 and in 1695 there was in Portugal only one master of nautical charts by examination (at the latter date the words are in fact «the only subject»), in the first case António de Miranda and in the second José da Costa Miranda. We may note that in these years João Teixeira Albernaz II was still alive; the fact that he is not mentioned in these documents may indicate that he occupied a position apart, perhaps as being in a higher grade. We conclude therefore that António de Miranda was dead by 1695. According to the document of 1676, preference in instruction was to be given to a son of António de Miranda; and since in 1695 José da Costa Miranda was considered the only man capable of making nautical charts, it may be inferred that he was both pupil and son of António de Miranda. The date (1681) of the earliest charts by José da Costa Miranda is consistent with this conclusion; the 1676 documents provide for a three years' course of instruction, so that, if it began in the same year, the pupil or pupils would have passed out in 1679. The fact that in 1695 José da Costa Miranda was the only certified master suggests that António Miranda had no other pupils or, if he had, that they had died soon after or had failed to win approval. That the pupils, other than José da Costa Miranda, were either lacking or had not been approved, seems to follow from the fact that in 1695 the payment of his fee was made conditional on the cosmographer-major's approval of the two persons under his instruction — an approval which was only given after ten years.

---

(5) Torre do Tombo, Chanc. de D. Afonso VI, *Doações,* L.º 31, fl. 248, published by Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII,* Vol. I, pp. 218-9. Lisboa 1898.

(6) Torre de Tombo, Chanc. de D. Pedro II, *Doações,* L.º 46, fls. 50 v., published by Frazão de Vasconcelos, *Apontamentos sobre José da Costa Miranda,* in *Boletim Geral do Ultramar,* n.os 385-6, pp. 273-4, Julho-Agosto 1957.

A OBRA

DUAS CARTAS DE 1681

ESTAMPAS 568-569

Ambas pertencentes ao Museu de Marinha, Lisboa, são traçadas em pergaminho e coloridas, encontrando-se porém as cores desbotadas e muitos dos nomes ilegíveis:

— *Carta do Atlântico* (Estampa 568) — Com a cota «Cartografia 32», 763 × 905 mm, tem na parte inferior a legenda com o autor e a data, *Joseph da Costa Miranda A Fes em Lxª o Anno de 1681,* e à sua esquerda a assinatura *Manoel Pim.tel de Villasboas,* que então desempenhava as funções de cosmógrafo-mor. Além do tronco-de-léguas geral, em baixo, tem, à esquerda e em cima, os troncos-de-léguas particulares, para as latitudes de 20º a 50º, de 5 em 5 graus. No sul do Brasil lê-se, em letras grandes, *Noua Colonia Portugueza,* alusão à Colónia do Sacramento fundada no ano anterior. No tracejado da linha de costa, nota-se a influência de João Teixeira Albernaz II mas, ao contrário do que sucede neste cartógrafo, há um excesso de motivos ornamentais no interior dos continentes.

— *Carta do Índico* (Estampa 569) — Com a cota «Cartografia 31», 729 × 862 mm, tem na parte inferior a legenda *Jozeph da Costa e Miranda A Fes em Lisboa Anno 1681,* e ao lado a assinatura *Manoel Pim.tel de Villasboas.* Dois troncos-de-léguas gerais, e, num quadro, troncos-de-léguas particulares para as latitudes de 20º, 25º, 30º e 35º. Ao alto, plantas de Sofala, Moçambique, Mombaça e Ilha de Socotorá, tendo por cima o brasão dos Câmaras. Trata-se das armas da pessoa a quem a carta se destinava, a qual, segundo Frazão de Vasconcelos, seria possìvelmente António Luís Gonçalves Coutinho da Câmara (1638-1702), o qual foi almotacé-mor do Reino, capitão-general de Pernambuco e vice-rei da Índia, tendo também servido nas armadas como capitão-de-mar-e-guerra e a sua vida de marinheiro decorrido na época da feitura da carta (7). A ornamentação é mais sóbria do que a da carta anterior, notando-se a mesma influência de João Teixeira Albernaz II.

CARTA DE 1685

ESTAMPA 571 C

Esta carta pertencia à Biblioteca Trivulziana, Milão, tendo sido destruída por ocasião de um bombardeamento, em 1943. Dela se conserva, na mesma Biblioteca, uma fotografia muito deficiente, que serviu para a nossa reprodução. Traçada em pergaminho, manuscrita e colorida, representava o Atlântico, o Índico ocidental e o sueste do Pacífico. Tinha troncos-de-léguas particulares, para as latitudes de 25º, 30º, 35º e 40º, e a assinatura e data viam-se no canto inferior direito. Nela estavam marcadas as posições de um navio em viagem de Lisboa à Índia, pelo que deve ter servido para navegar. O estilo oferece mais marcadas afinidades com as obras de João Teixeira Albernaz II (8).

ATLAS DE 1688 COM SEIS CARTAS (TRUNCADO)

ESTAMPAS 570, 571A e 571B

Este atlas encontra-se presentemente na Biblioteca Central de Marinha, Lisboa, que o adquiriu a um particular em 1957, tendo o número 15478. Numa encadernação moderna, contém seis cartas traçadas em papel, manuscritas e coloridas, numeradas no canto inferior direito. Medem 404 × 564 mm, excepto a n.º 4, que tem 404 × 819 mm. Faltam as cartas que deviam ter os números 2 e 3. As que restam estão encadernadas, dobradas pelo meio, lendo-se no verso da primeira, que serve de rosto à obra, *Joseph da Costa Miranda o fes em Lisboa o Anno de 1688,* e *Ajustado. Lx.ª 15 de Março 1688 Manoel Pim.tel.* Todas as cartas têm no canto superior direito a rubrica *Costa,* da mão do autor, e do lado esquerdo (excepto a primeira) o visto *Manuel*

(7) Frazão de Vasconcelos, *Apontamentos sôbre duas cartas de marear do século XVII, pertencentes à Biblioteca de Marinha,* in *Anais do Clube Militar Naval,* Julho-Agosto 1930, pp. 83-5, e *Apontamentos sôbre José da Costa Miranda,* in *Boletim Geral do Ultramar,* n.ºs 385-6, pp. 267-9, Julho-Agosto 1957. Aludiram a estas cartas: Ernesto de Vasconcelos, *Exposição de Cartographia Nacional (1903-1904) — Catalogo,* n.ºs 959 e 976, Lisboa 1904, e *Subsidios para a Historia da Cartografia Portuguesa nos Seculos XVI, XVII e XVIII,* in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa,* Janeiro-Março 1916, p. 28; Vicente Almeida d'Eça, *A Cartographia Maritima Portugueza e os seus antecedentes,* in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa,* Dezembro 1903, p. 459; A. Fontoura da Costa, *Catálogo da Exposição de Cartografia,* in *Congresso do Mundo Português — Memórias,* Vol. IV, p. 430, Lisboa 1940.

(8) Foi referida por A. Codazzi, *With Fire and Sword,* in *Imago Mundi,* Vol. V, p. 38. Stockholm 1948.

THE WORK

TWO CHARTS OF 1681

PLATES 568-569

These two charts, which belong to the Museu de Marinha, Lisbon, are drawn on vellum and illuminated, the colours however being faded and many of the names illegible.

— *Chart of the Atlantic* (Plate 568) — Classmark «Cartografia 32». It measures 763 × 905 mm and has at the bottom the author and date-legend «Joseph da Costa Miranda made it in Lisbon in the year 1681», to the left of which is the signature *Manoel Pim.tel de Villasboas,* who was then carrying out the duties of cosmographer-major. Besides the general scale of leagues, at the bottom, there are also, on the left and at the top, special league-scales for every five degrees of latitude 20º to 50º. In the south of Brazil is written in large letters *Noua Colonia Portugueza,* an allusion to the Colony of Sacramento founded the year before. The influence of João Teixeira Albernaz II may be seen in the drawing of the coastlines, but the interior of the continents is crowded with decorative details not found in the work of that cartographer.

— *Chart of the Indian Ocean* (Plate 569) — Classmark «Cartografia 31». It measures 729 × 862 mm and has at the bottom the legend «Jozeph da Costa e Miranda made it in Lisbon in the year 1681», and to the side the signature *Manoel Pim.tel de Villasboas.* Two general league-scales and, in a panel, special league-scales for latitudes 20º, 25º, 30º and 35º. At the top, plans of Sofala, Mozambique, Mombasa and the Island of Socotra, with the arms of the Câmara family above. The patron for whom the chart was drawn, and the owner of these arms, may (in the opinion of Frazão de Vasconcelos) have been António Luís Gonçalves Coutinho da Câmara (1638-1702), customer-general of the Kingdom, captain-general of Pernambuco, viceroy of India, who served in the fleets as «captain of the sea and of war», and whose career at sea embraces the time when the chart was made (7). The decoration is more restrained than that of the previous chart, and the influence of João Teixeira Albernaz II is equally noticeable.

CHART OF 1685

PLATE 571 C

This chart, formerly in the Biblioteca Trivulziana, Milan, was destroyed during a bombardment in 1943. A very poor photograph of it, in the same library, has served for our reproduction. Drawn on vellum and illuminated, it represented the Atlantic, the western Indian Ocean and the south-east Pacific. It had special league-scales for latitudes 25º, 30º, 35º and 40º, and the signature and date were in the bottom right-hand corner. The track of a ship from Lisbon to India was marked, showing that the chart must have been used in navigation. The style reveals more conspicuous affinity with the work of João Teixeira Albernaz II (8).

ATLAS OF 1688 WITH SIX CHARTS (MUTILATED)

PLATES 570, 571 A and 571 B

This atlas was acquired in 1957 by the Biblioteca Central de Marinha, Lisbon, from a private collector, and is numbered 15478. It is in a modern binding and contains six charts drawn and coloured on paper and numbered in the bottom right-hand corner. They measure 404 × 564 mm, with the exception of n.º 4, which is 404 × 819 mm. The charts which should have been n.ºs 2 and 3 are missing. The remaining charts are folded in half for binding, and on the back of the first, which serves as title-page for the work, is written «Joseph da Costa Miranda made it in Lisbon in the year 1688» and «Corrected. Lisbon 15th of March 1688 Manoel Pim.tel». All the charts have in the top right-hand corner the rubric *Costa,* in the author's

(7) Frazão de Vasconcelos, *Apontamentos sôbre duas cartas de marear do século XVII, pertencentes à Biblioteca de Marinha,* in *Anais do Clube Militar Naval,* Julho-Agosto 1930, pp. 83-5, and *Apontamentos sôbre José da Costa Miranda,* in *Boletim Geral do Ultramar,* n.ºs 385-6, pp. 267-9, Julho-Agosto 1957. These charts have also been referred to by: Ernesto de Vasconcelos, *Exposição de Cartographia Nacional (1903-1904) — Catalogo,* n.ºs 959 and 976, Lisboa 1904, and *Subsidios para a Historia da Cartografia Portuguesa nos Seculos XVI, XVII e XVIII,* in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa,* Janeiro-Março 1916, p. 28; Vicente Almeida d'Eça, *A Cartographia Maritima Portugueza e os seus antecedentes,* in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa,* Dezembro 1903, p. 459; A. Fontoura da Costa, *Catálogo da Exposição de Cartografia,* in *Congresso do Mundo Português — Memórias,* Vol. IV, p. 430, Lisboa 1940.

(8) It has been referred to by A. Codazzi, *With Fire and Sword,* in *Imago Mundi,* Vol. V, p. 38. Stockholm 1948.

Pim.^{tel}. Têm também, todas, uma assinatura que não conseguimos decifrar, e que deve ser de um antigo proprietário do atlas. As cartas são as seguintes:

Primeira carta (Estampa 570 A) — Costa meridional da África, desde o Cabo de Boa Esperança aos Ilhéus Chãos.

Quarta carta (Estampa 570 B) — Parte norte do Canal de Moçambique, com a costa africana desde Sofala a Moçambique e a costa fronteira de Madagascar.

Quinta carta (Estampa 570 C) — Costa africana desde Moçambique ao Cabo Delgado.

Sexta carta (Estampa 570 D) — Planos de *Monbaça, Emçeada da Ilha de Sirne, Moçanbique* e *Ilha Sacatorá.*

Sétima carta (Estampa 571 A) — Costa ocidental da peninsula industânica.

Oitava carta (Estampa 571 B) — Ilha de Ceilão.

As cartas da costa africana têm evidentes afinidades com as do atlas de África de João Teixeira Albernaz II de 1665, notando-se por outro lado uma influência holandesa no tipo de traçado, mais acentuada nas duas últimas cartas. Na primeira carta, a oeste do Cabo das Agulhas, lê-se: *Aqui se perdeo a nao Milagres a 18 de Abril 1686;* esta nau largara de Goa para o Reino, juntamente com o galeão *Santiago Maior,* em Janeiro de 1686, segundo refere Frazão de Vasconcelos, a quem se deve a notícia e descrição do atlas (9).

CARTA DE UM ATLAS DE c. 1688

ESTAMPA 571 D

Na Royal Geographical Society, Londres, com a cota «Non-official chart, Africa, n.º 220», existe uma carta manuscrita e colorida, traçada em papel, 402 × 561 mm, que representa a parte sul do Canal de Moçambique. Devia originàriamente ter feito parte de um atlas, como se depreende da dobra que se vê a meio e do número *3,* registado no canto superior direito.

A letra é, sem a menor dúvida, de José da Costa Miranda. Como as medidas da carta são pràticamente iguais às do atlas de Lisboa de 1688, e neste uma das folhas que falta é precisamente a número 3, que devia abranger a mesma área, ser-se-ia levado a supor que a carta de Londres fez primitivamente parte do atlas de Lisboa. Deve, porém, notar-se que na carta de Londres faltam as rubricas do autor e de Manuel Pimentel, que vêm em todas as cartas do atlas de Lisboa, e naquela o n.º 3 está no canto superior direito, enquanto nestas vem no canto inferior direito. Além disso, também é diferente a rosa-dos-ventos; e no tronco-de-léguas lê-se *Legoas de 18 em grao,* enquanto nas cartas do atlas de Lisboa vem apenas *Legoas.* Conclui-se, portanto, que a carta de Londres fez originàriamente parte de um atlas de José da Costa Miranda, no género do de 1688 em Lisboa; e como não dispomos de elementos para saber se aquele foi feito antes ou depois deste, datamos a carta de Londres de c. 1688.

CARTA DE 1688

ESTAMPA 572

Encontra-se no British Museum, onde tem a cota «Add. MS. 31321». É traçada em pergaminho, cortado em seis pedaços colados sobre tela, manuscrita e colorida, 1.055 × 1.365 mm. Grande parte dos nomes, sobretudo os escritos com tinta preta ou sépia, encontram-se descoloridos e mesmo ilegíveis. Representa o Atlântico, o sueste do Pacífico e o sudoeste do Índico. No canto inferior direito tem a assinatura e a data: *JOSEPH DA COSTA MIRANDA A FEZ EN LISBOA ANNO 1688.* Tem troncos-de-léguas gerais, indicando léguas espanholas, francesas e holandesas, mas não apresenta os troncos-de-léguas particulares que se podem ver nas cartas anteriores do mesmo cartógrafo (10).

(9) Frazão de Vasconcelos, 1957, pp. 269-72, com reprodução da sexta e sétima cartas.

(10) Foi referida por Philip Lee Phillips, *A descriptive list of maps of the Spanish Possessions within the present limits of the United States, 1502-1820,* p. 181, Washington 1912; Conde de Tovar, *Catálogo dos Manuscritos Portugueses ou relativos a Portugal existentes no Museu Britânico,* p. 247, Lisboa 1932; A. Fontoura da Costa, 1940, p. 406; Frazão de Vasconcelos 1957, p. 272.

hand, and all except the first have the visé *Manuel Pim.*^{tel}. Each of them also has a signature which we have not been able to decipher, doubtless that of a former owner of the atlas. The charts are as follows:

First chart (Plate 570 A) — South coast of Africa, from the Cape of Good Hope to the *Ilhéus Chãos.*

Fourth chart (Plate 570 B) — Northern section of the Mozambique Channel, with the coast of Africa from Sofala to Mozambique and the facing coast of Madagascar.

Fifth chart (Plate 570 C) — Coast of Africa from Mozambique to Cape Delgado.

Sixth chart (Plate 570 D) — Plans of «Mombasa», «Bay of the Island of Sirne [Mauritius]», «Mozambique», and «Island of Socotra».

Seventh chart (Plate 571 A) — West coast of the peninsula of Hindustan.

Eight chart (Plate 571 B) — Island of Ceylon.

While, on the one hand, the charts of the African coasts have obvious affinities with those of the 1665 atlas of Africa by João Teixeira Albernaz II, on the other we observe Dutch influence in the style of drawing, which is more marked in the last two charts. In the first chart, to the west of Cape Agulhas, we read: «Here the ship *Milagres* was lost on the 18th April 1686»; this ship was sailing from Goa to Portugal, in company with the galleon *Santiago Maior,* in January 1686, according to Frazão de Vasconcelos, who has given a notice and description of the atlas (9).

CHART FROM AN ATLAS OF c. 1688

ESTAMPA 571 D

In the Royal Geographical Society, London, with the classmark «Non-official chart, Africa, n.º 220», there is a manuscript chart, drawn and coloured on paper, 402 × 561 mm, representing the southern part of the Mozambique Channel. It must originally have formed part of an atlas, as may be inferred from the fold down the centre and the number *3* in the top right-hand corner.

The writing is, without the least doubt, that of José da Costa Miranda. As the dimensions of the chart are practically the same as those of the 1688 atlas in Lisbon, and one of the missing leaves in it is in fact n.º 3, which must have covered the same area, it may be supposed that the London chart was formerly part of the Lisbon atlas. It is to be noted however that the London chart lacks the rubrics of the author and Manuel Pimentel, which appear on all the charts of the Lisbon atlas, and that it has the number 3 in the top right-hand corner, while the atlas charts are numbered in the bottom right-hand corner. In addition, the wind rose too is different, and the league-scale has «Leagues of 18 to a degree», whereas the charts of the Lisbon atlas have only «Leagues». We therefore conclude that the London chart was originally part of an atlas by José da Costa Miranda of the same character as that of 1688 in Lisbon; and as we have no evidence to show whether the London chart is earlier or later than the atlas, we date it c. 1688.

CHART OF 1688

PLATE 572

This is in the British Museum, with the classmark «Add. MS. 31321». It is drawn and illuminated on vellum, cut into six pieces pasted on linen, and measures over-all 1,055 × 1,365 mm. A large number of the names, especially those written in black or sepia ink, are faded and even illegible. The chart represents the Atlantic, the south-east Pacific and the south-west Indian Ocean. In the bottom right-hand corner are the signature and date: «Joseph da Costa Miranda made it in Lisbon in the year 1688». The chart has general league-scales, in Spanish, French and Dutch leagues, but not the special league-scales found in the earlier charts by the same cartographer (10).

(9) Frazão de Vasconcelos 1957, pp. 269-72, with reproductions of the sixth and seventh charts.

(10) It has been referred to by Philip Lee Phillips, *A descriptive list of maps of the Spanish Possessions within the present limits of the United States, 1502-1820,* p. 181, Washington 1912; Conde de Tovar, *Catálogo dos Manuscritos Portugueses ou relativos a Portugal existentes no Museu Britânico,* p. 247, Lisboa 1932; A. Fontoura da Costa, 1940, p. 406; Frazão de Vasconcelos 1957, p. 272.

CARTA DE 1698

ESTAMPA 573

Encontra-se no British Museum, Londres, onde tem a cota «Add. MS. 31320 D». É traçada em pergaminho, manuscrita e colorida, 785 × 1.484 mm, e representa o Golfo do México e o Mar das Antilhas. No canto superior direito, lê-se, num quadro: *Noua descripção das Costas Ilhas e terra firme das Indias ocidentais compostas a maior parte dellas pello q̃ uio, e como o pareçer de alguns pilotos praticos nas ditas Costas o Capitam Cornelio Alemam em 30 de Julho de 690 e nouam.*[te] *traduzida a melhor forma Por Jozeph da Costa Miranda Cosmographo de Cartas de Marear em Lx.*[a] *Anno de 1698.* Traçada na projecção de Mercator, apresenta escalas de latitudes e longitudes, sendo a mais antiga carta portuguesa datada que conhecemos, em tal sistema de projecção (11).

PLANISFÉRIO DE 1706

ESTAMPA 574

Este interessante planisfério encontra-se na The Mitchell Library, Public Library of New South Wales, Sydney, que o adquiriu em 1929. Traçado em pergaminho, manuscrito e colorido, 805 × 2.110 mm, tem no canto superior esquerdo, numa fita, a legenda *Jozeph da Costa e Miranda a fez em Lisboa 1706.* Na parte inferior, do lado esquerdo, dentro de um quadro encimado por uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, lê-se *O Pilloto Françisco Perei.*[ra] *a Mandou fazer a Jozeph da Costa e Miranda o Anno de 1706.* A carta, na projecção cilíndrica quadrada, é graduada em latitudes desde 82° Norte a 57° Sul, tendo o equador graduado, com a origem das longitudes no meridiano da Ilha do Ferro e havendo uma repetição de cerca de 20° nas zonas extremas a leste e oeste. Além de quatro troncos-de-léguas gerais, há, num quadro no canto inferior direito, quatro troncos-de-léguas para as latitudes de 20°, 30°, 40° e 50°. A ornamentação do planisfério é muito rica, sobretudo na parte inferior, com alguns aspectos de certa beleza e bastante variedade: uma imagem de Santo António, uma de São Francisco, uma de São João Baptista, uma figura de Atlas sustentando o Mundo, homens, navios, sereias, peixes, aves, vários animais terrestres, povoações, escudos de armas, bandeiras, etc. Esta é, sem dúvida, a mais valiosa das obras de José da Costa Miranda que até nós chegaram (12).

(11) Foi referida pelos autores citados na nota (10), juntamente com a carta de 1688.

(12) Como sucede com as outras obras do mesmo cartógrafo, grande parte da nomenclatura é actualmente ilegível, o que, aliando-se à dificuldade em fotografar devidamente o planisfério, explica a deficiente reprodução que dele damos. Agradecemos à The Mitchell Library, Public Library of New South Wales, a oferta das fotografias que utilizamos, e ao Dr. Kunz e Mrs. Marjorie Hancock todas as informações e ajuda que nos prestaram.

CHART OF 1698

PLATE 573

This is in the British Museum, London, with the classmark «Add. MS. 31320 D». It is drawn and illuminated on vellum, 785 × 1,484 mm, and represents the Gulf of Mexico and the Caribbean Sea. In a panel in the top right-hand corner are the words: «New description of the Coasts, Islands and mainland of the West Indies, composed the 30th July 1690 for the most part from the survey of Captain Cornelio Alemam, and from the report of some pilots experienced in the said Coasts, and lately drawn out in better form by Jozeph da Costa Miranda, cosmographer of sea-charts, in Lisbon in the year 1698». The chart is drawn on the Mercator projection, with scales of latitude and longitude, and is the earliest dated Portuguese chart on this projection known (11).

PLANISPHERE OF 1706

PLATE 574

This interesting planisphere is in The Mitchell Library, Public Library of New South Wales, Sydney, which acquired it in 1929. It is drawn on vellum and illuminated, 805 × 2,110 mm, and has in the top left-hand corner, within a scroll, the legend «Jozeph da Costa e Miranda made it in Lisbon 1706». In the lower part, on the left-hand side, within a panel surmounted by an image of Our Lady of the Conception, we read «the pilot Francisco Perei.[ra] ordered Jozeph da Costa e Miranda to make this in the year 1706». The chart is drawn on the quadrate cylindrical projection and graduated in latitude from 82° N to 57° S; the Equator is also graduated, the longitudes being run from the prime meridian of the Island of Ferro, with an overlap of about 20 degrees in the extreme east and west. Besides four general league-scales, there are, in a panel in the bottom right-hand corner, four league-scales for latitudes 20°, 30°, 40° and 50°. The decoration of the planisphere, particularly in the lower part, is very rich, with details of some beauty and considerable variety: one image of St Antony, one of St Francis, one of St John the Baptist, a figure of Atlas upholding the World, men, ships, mermaids, fishes, birds, various land animals, towns, coats of arms, flags, etc. This is, without doubt, the most important of the works of José da Costa Miranda to have survived (12).

(11) It has been referred to, with the chart of 1688, by the authors cited in note (10).

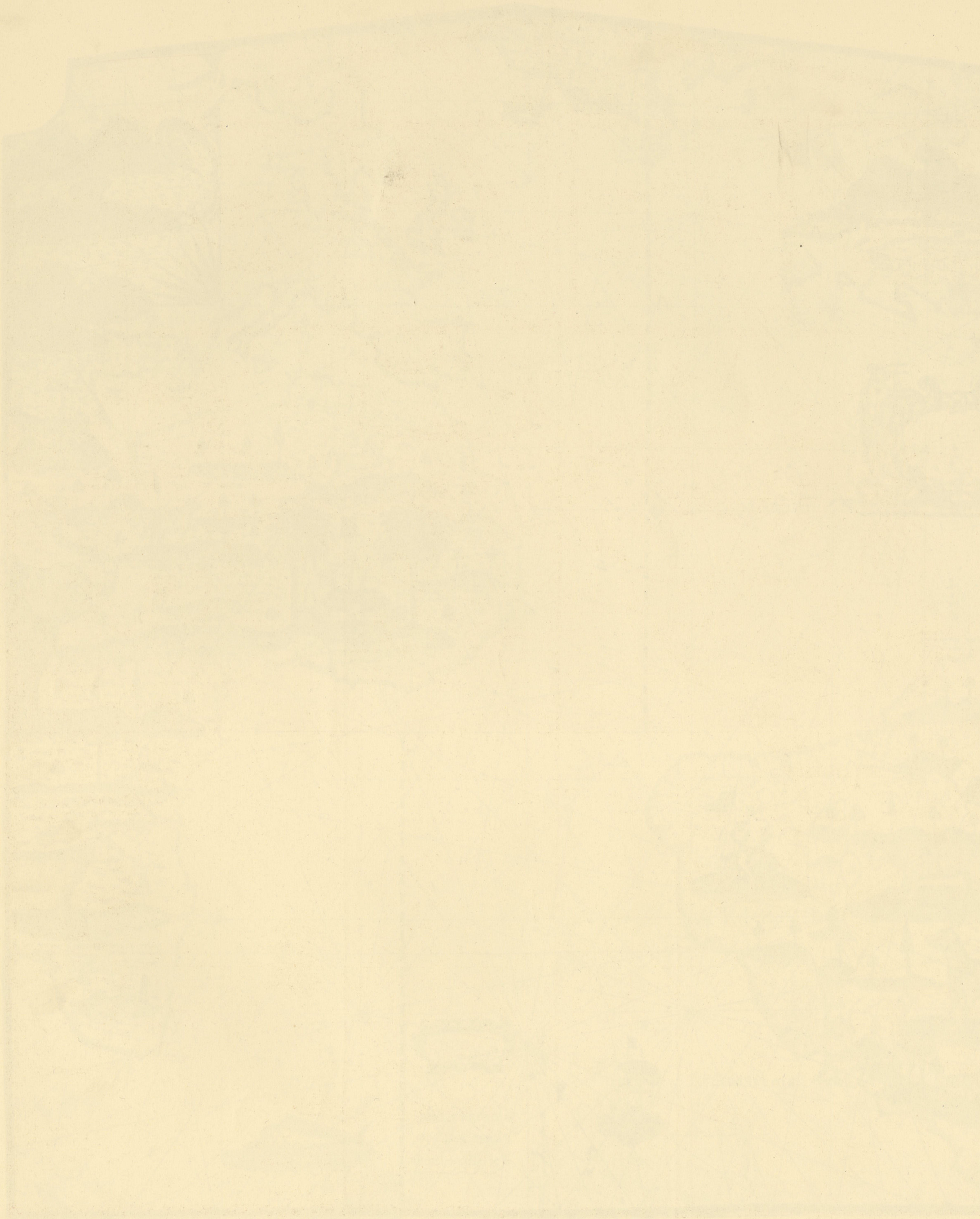
(12) As in other works by this cartographer, much of the nomenclature is to-day illegible, and this, combined with the difficulty of successfully photographing the planisphere, accounts for the shortcomings of our reproduction of it. To The Mitchell Library, Public Library of New South Wales, we are indebted for the gift of the photographs which we used, and to Dr Kunz and Mrs Marjorie Hancock for their information and assistance.



Original 763×905 mm.

JOSÉ DA COSTA MIRANDA, 1681

Museu de Marinha, Lisboa



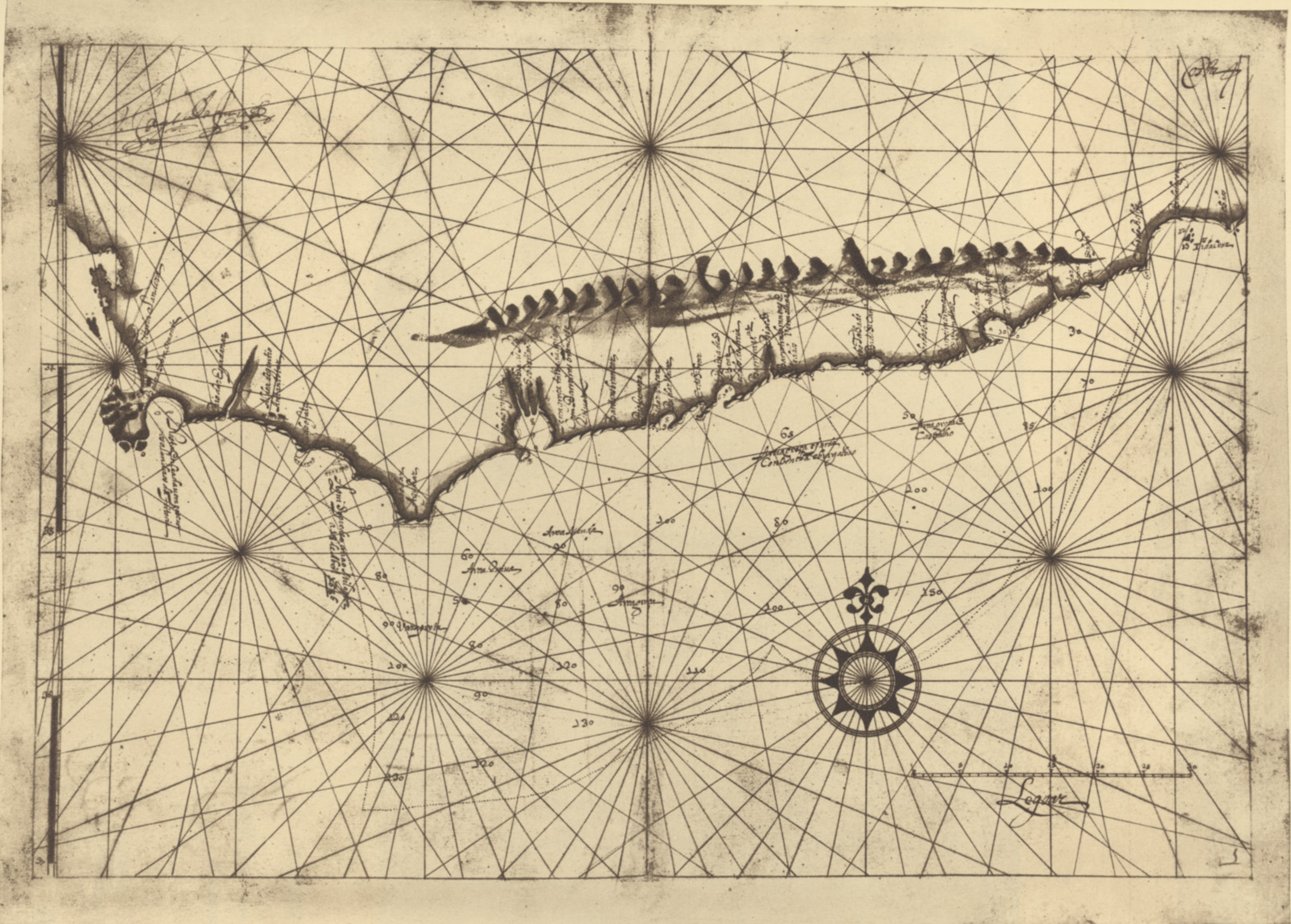


Original 729×862 mm.

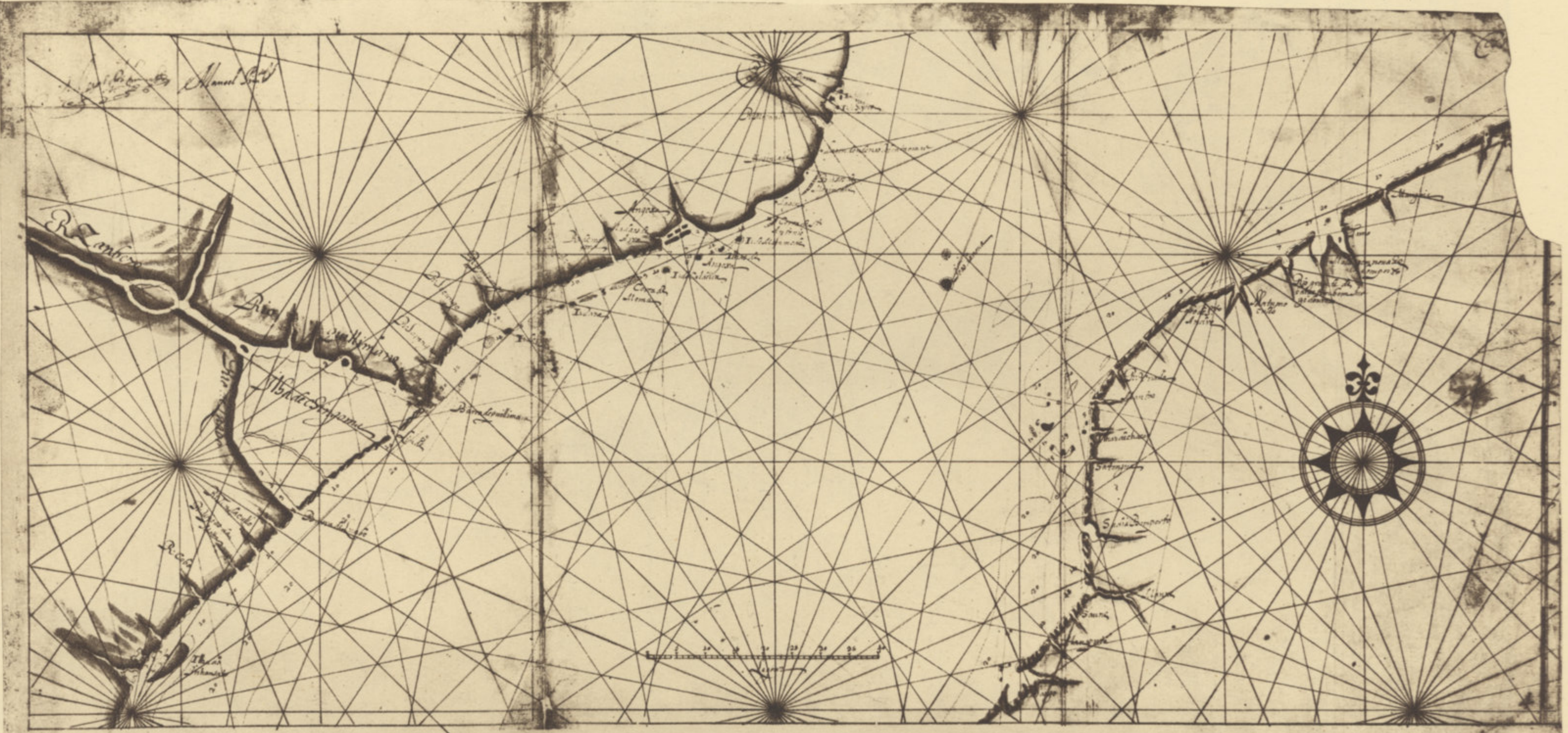
JOSÉ DA COSTA MIRANDA, 1681

Museu de Marinha, Lisboa

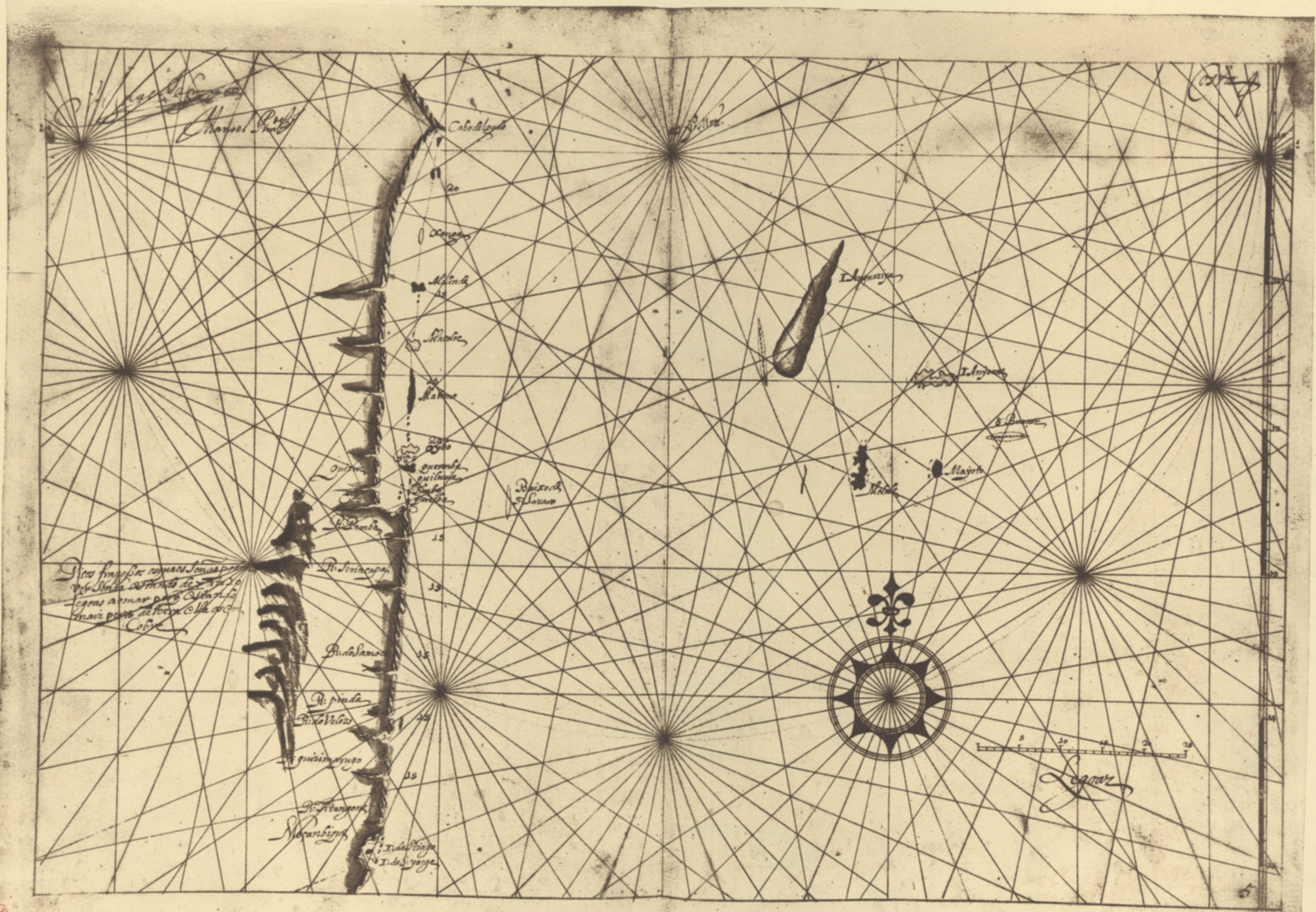




Primeira Carta – First Chart A



Original 404×819 mm. Quarta Carta – Fourth Chart B



Original 404×564 mm. Quinta Carta – Fifth Chart C





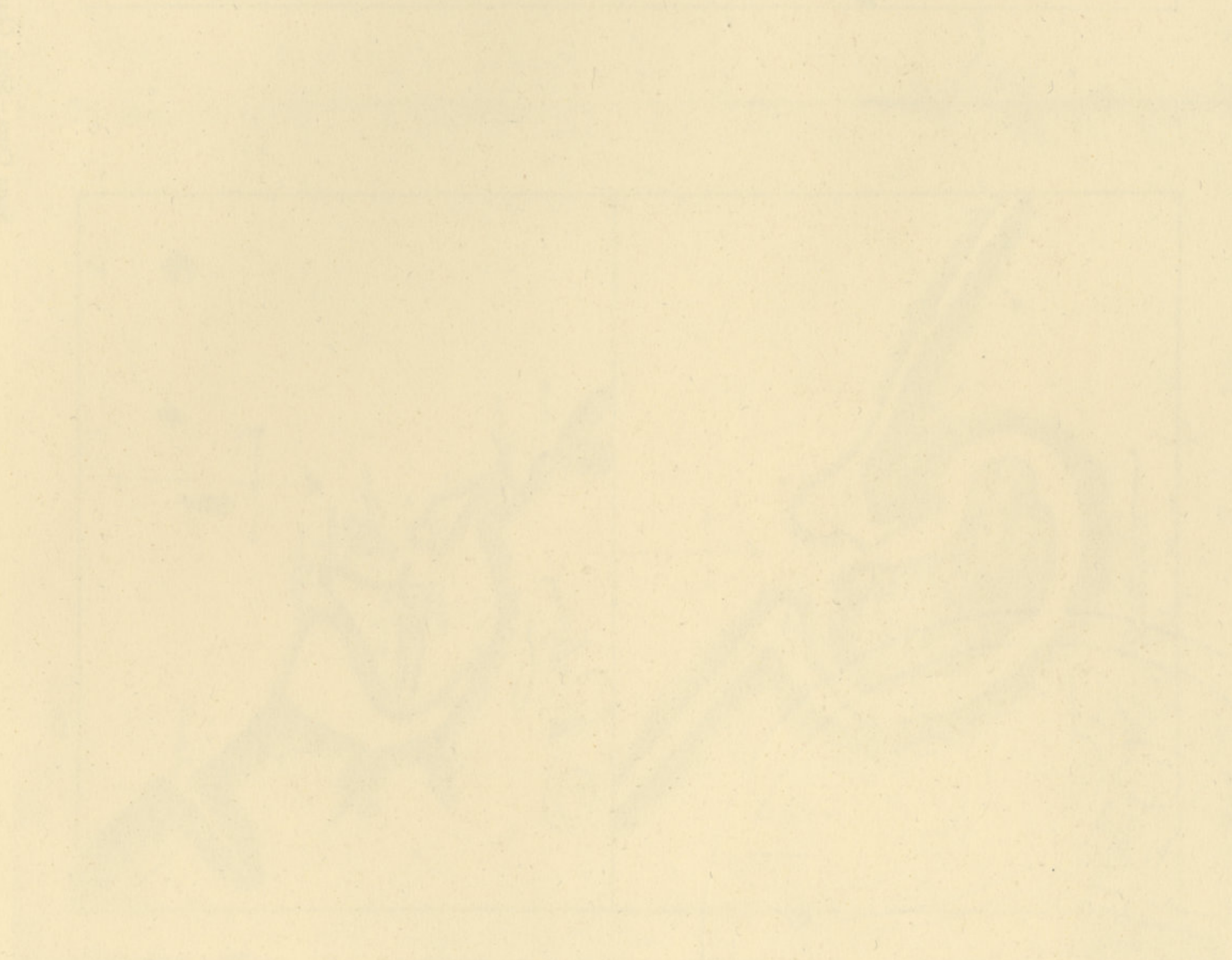
Sexta Carta – Sixth Chart D

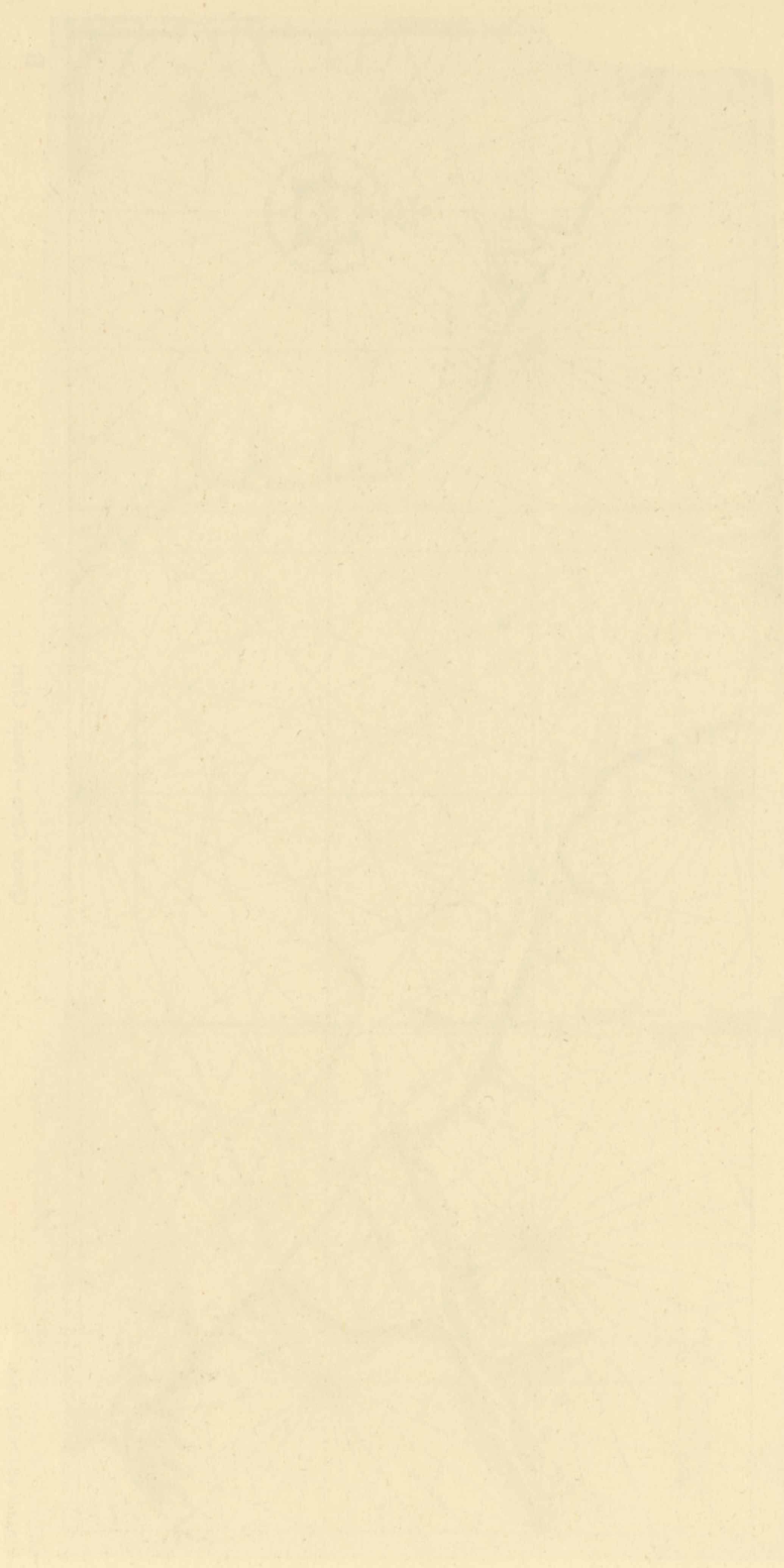
JOSÉ DA COSTA MIRANDA, 1688

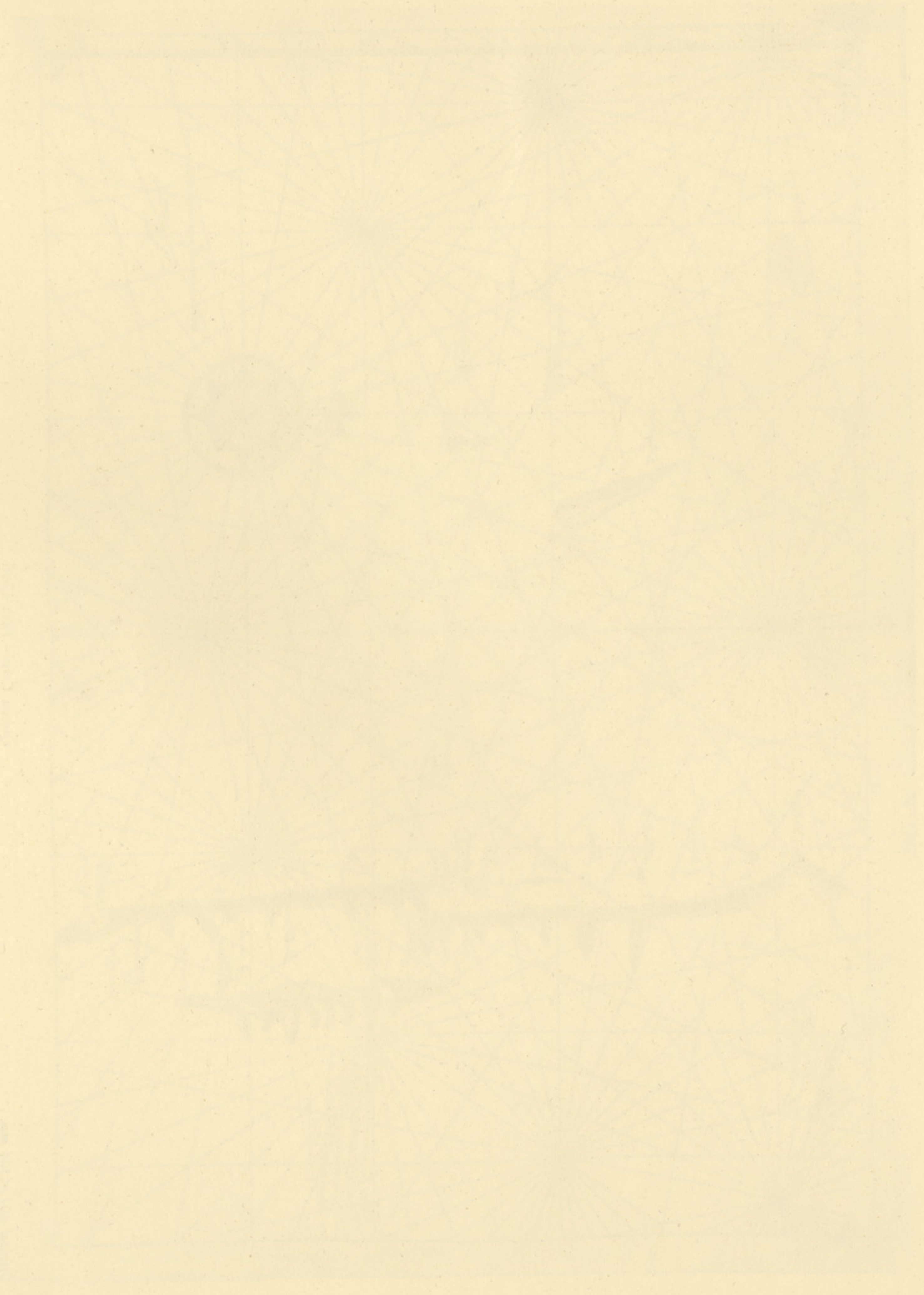
Atlas de seis cartas – Atlas of six charts

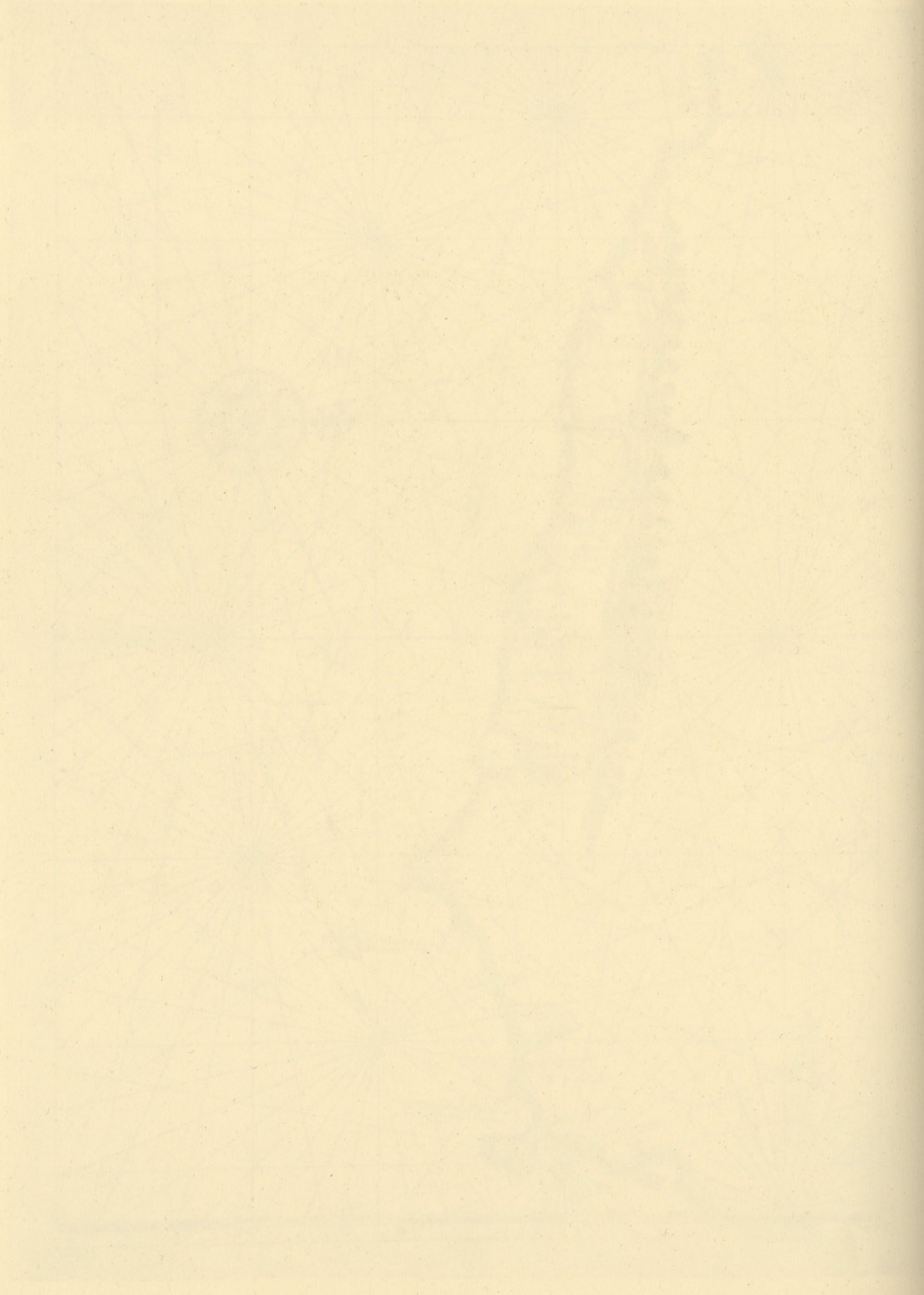
Biblioteca Central de Marinha, Lisboa

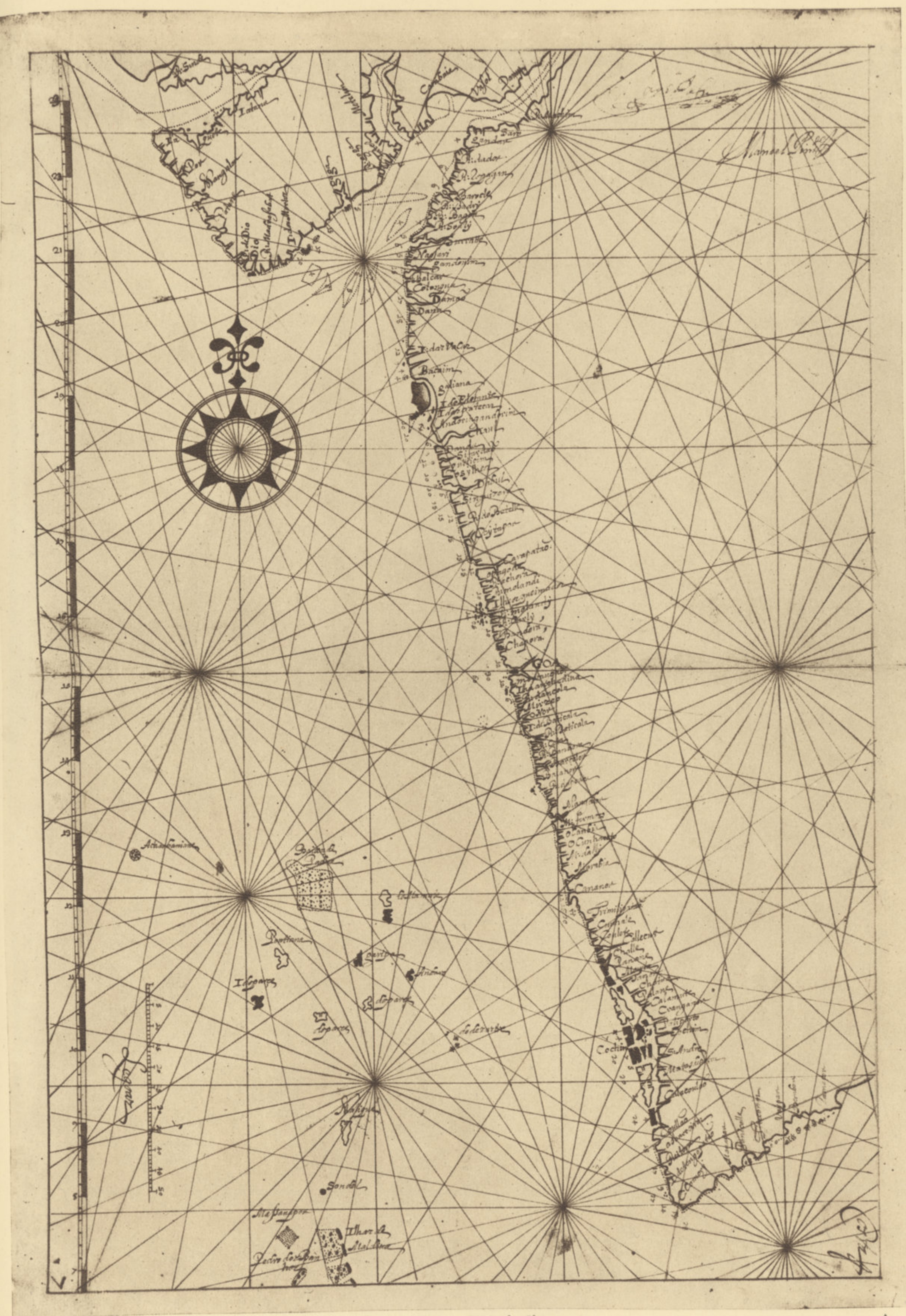








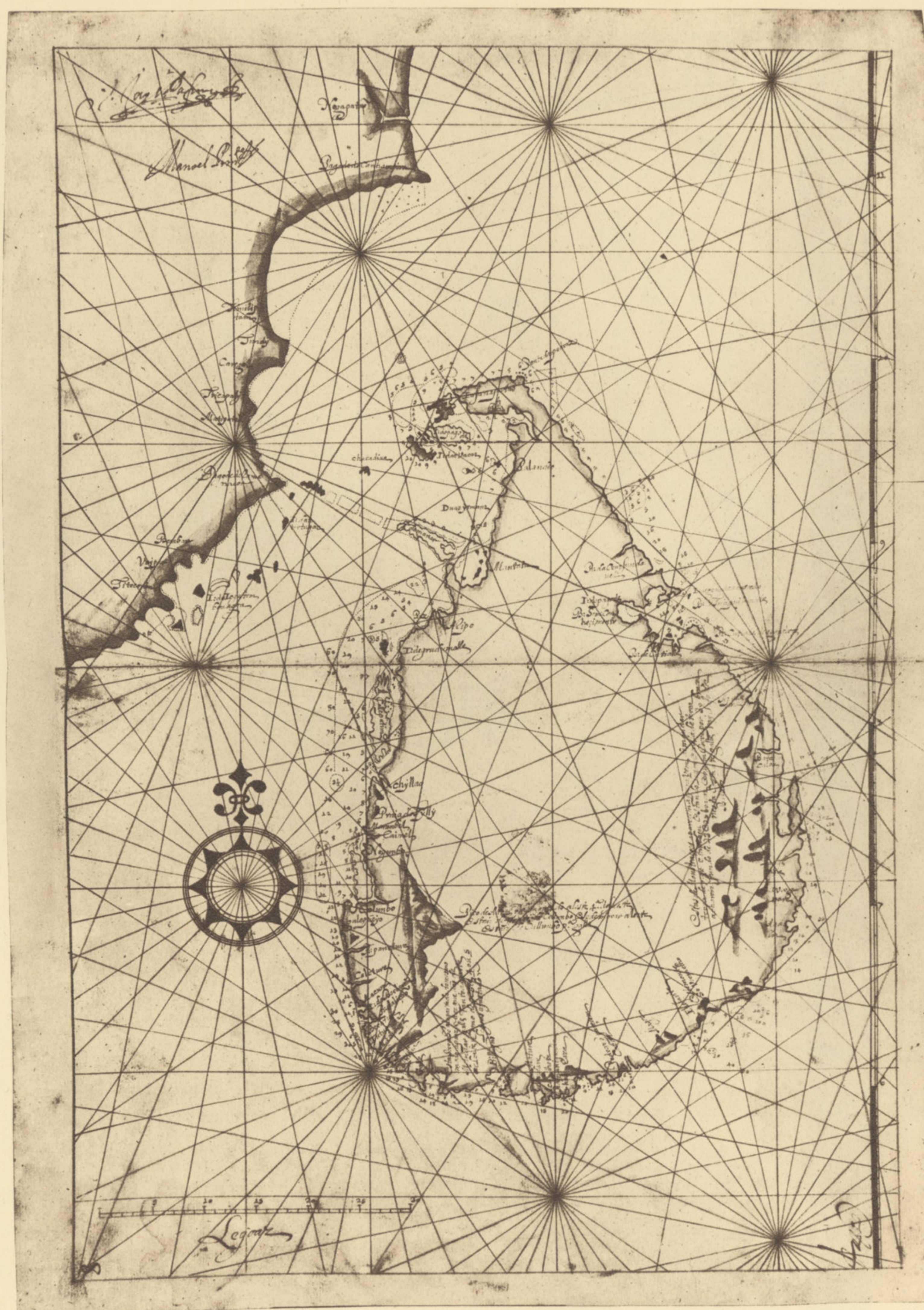




Original 404×564 mm.

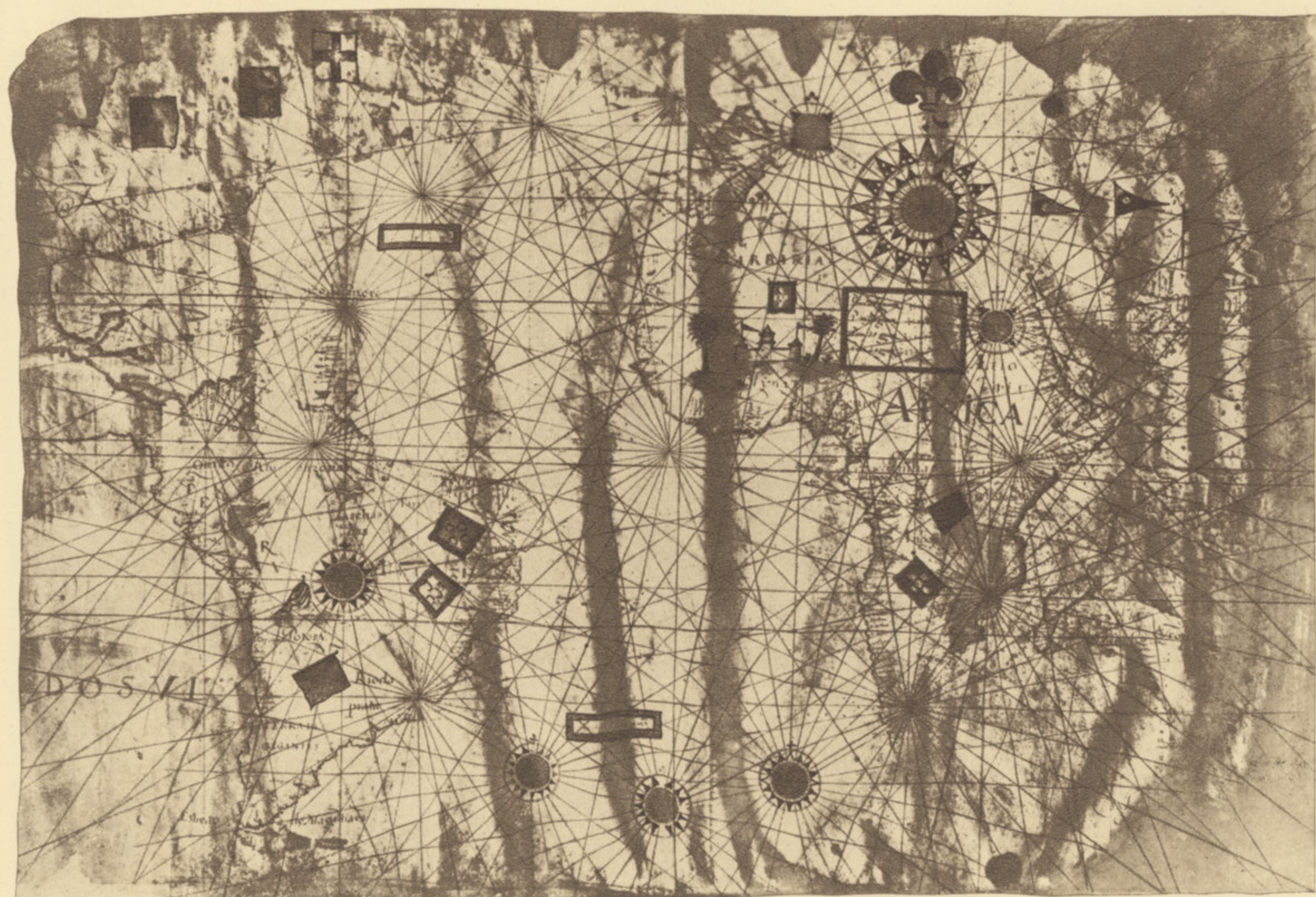
Sétima Carta — Seventh Chart

A

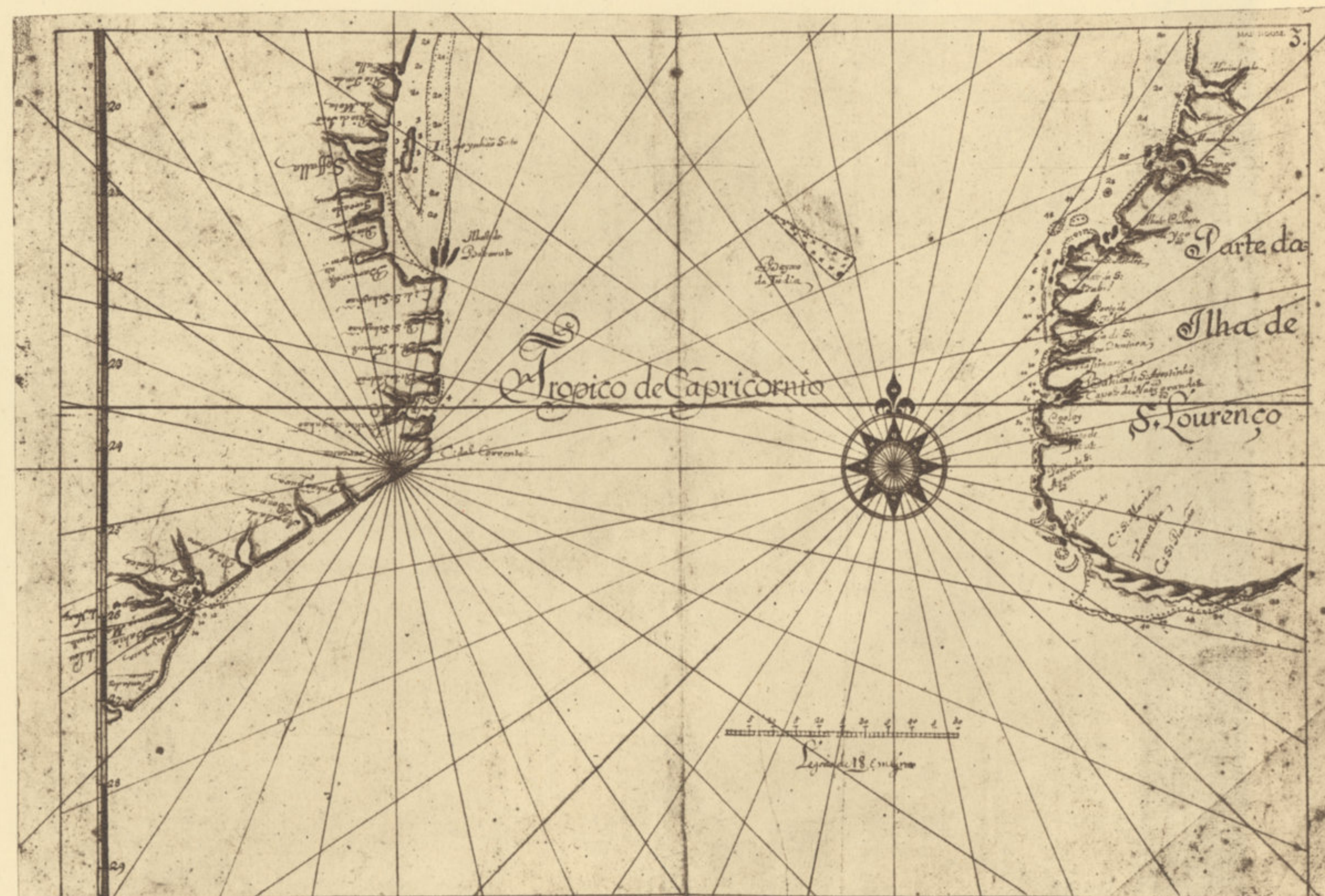


Oitava Carta — Eighth Chart

B



C



Original 402×561 mm.

D

José da Costa Miranda

A & B-Atlas com seis cartas de 1688 — Atlas of six charts, 1688
Biblioteca Central de Marinha, Lisboa

C-Carta de 1685

Antigamente na / Formerly in } *Biblioteca Trivulziana, Milano*

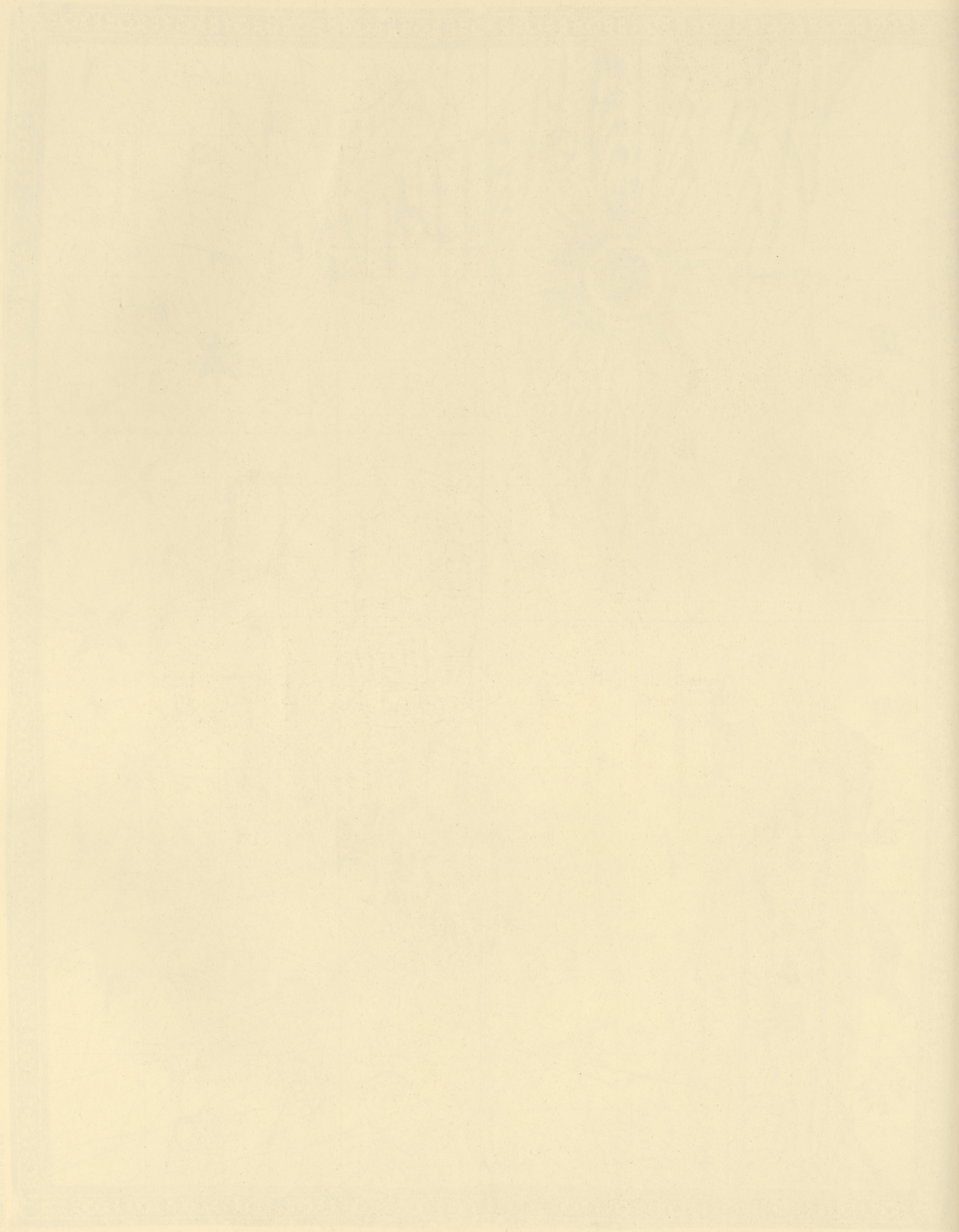
D-Carta de um atlas de c. 1688
Chart of an atlas of c. 1688
Royal Geographical Society, London



Original 1.055×1.365 mm.

JOSÉ DA COSTA MIRANDA, 1688

British Museum, London

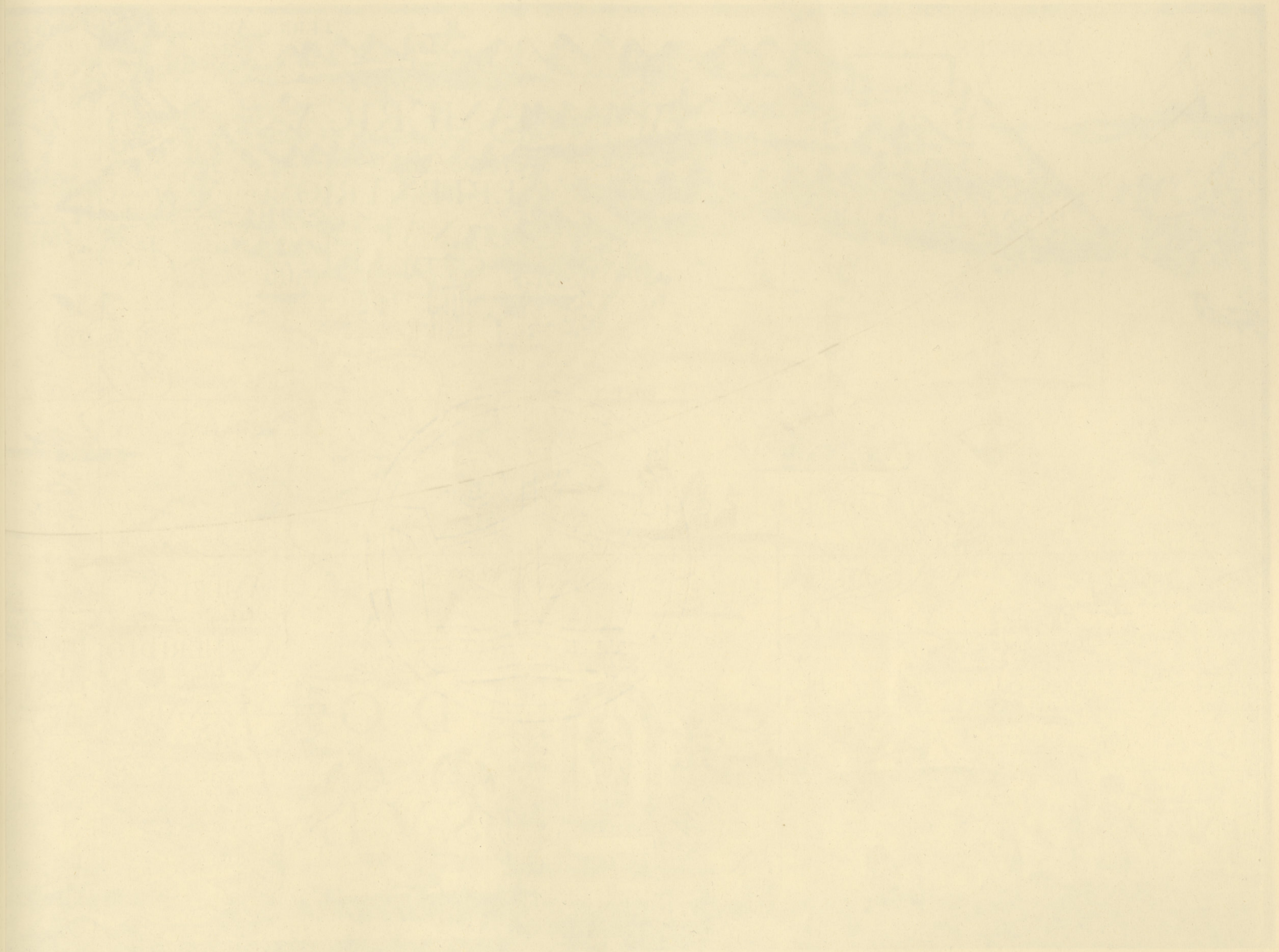




Original 785×1.484 mm.

JOSÉ DA COSTA MIRANDA, 1698

British Museum, London





Original 805×2.110 mm.

José da Costa Miranda, 1706

The Mitchell Library, Sydney

OS LIVROS E ATLAS DO ESTADO DA INDIA ORIENTAL

THE BOOKS AND ATLASES OF THE "STATE OF ORIENTAL INDIA"

PEDRO BARRETO DE RESENDE
ANTÓNIO DE MARIS CARNEIRO
JOÃO NUNES TINOCO
PEDRO BERTHELOT
ANÓNIMO — MANUEL GODINHO DE ERÉDIA
ANÓNIMO — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I
ANÓNIMO — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II
ANÓNIMOS VÁRIOS

OS LIVROS E OS ATLAS DO "ESTADO DA INDIA ORIENTAL"

ESTAMPAS 575-591

A acção portuguesa no Oriente fez-se sobretudo através do domínio das comunicações marítimas, com a ocupação de um certo número de posições costeiras. A cartografia do «Estado da India Oriental» (que ia do Cabo da Boa Esperança a Macau) assumiu por isso um aspecto especial, com larga representação das cidades e fortalezas portuguesas. No volume IV da presente obra tratámos já de alguns atlas que se podem incluir nesta série: Manuel Godinho de Erédia, atlas de 1610 (p. 48, Estampa 411) e atlas-miscelânea de c. 1615 - c. 1622 (pp. 53-6, Estampas 414-422); João Teixeira Albernaz I, atlas universal de 1630 (pp. 111-8, Estampas 464-472) e quatro atlas de c. 1648 (pp. 145-6, Estampas 511-512). A partir do quarto decénio do século XVII os *Livros* com texto descritivo das cidades e fortalezas — que já vinham do século anterior — passam a incluir conjuntamente cartas náuticas e topográficas e sobretudo plantas, sem que tenham desaparecido os atlas apenas constituídos por cartas e plantas. São os seguintes os Livros e Atlas conhecidos, agrupando-os em três categorias:

A — O *LIVRO DAS PLANTAS DE TODAS AS FORTALEZAS, CIDADES E POVOAÇÕES DO ESTADO DA INDIA ORIENTAL*, DE ANTÓNIO BOCARRO, 1635

1) Exemplar de 1635, da Biblioteca Pública de Évora, com 48 plantas de Pedro Barreto de Resende (primitivamente eram 52). Via original.

2) Exemplar de 1635, à venda no livreiro A. Rosenthal Ltd., Oxford, com 48 plantas de Pedro Barreto de Resende (primitivamente eram 52). Via original.

3) Exemplar de c. 1635, da Biblioteca Nacional de Madrid, com 52 plantas de anónimo — João Teixeira Albernaz I.

4) «Descripçam da Fortaleza de Sofala, e das mais da India», 1639, na Biblioteca Nacional de Lisboa, com 48 plantas de António de Maris Carneiro (primitivamente eram 52).

5) Exemplar do século XVII, em Ceylon Government Archives, Columbo, com 52 plantas de um anónimo.

B — O *LIVRO DO ESTADO DA INDIA ORIENTAL*, DE PEDRO BARRETO DE RESENDE, 1636 (?)

6) Exemplar de c. 1636, da Bibliothèque Nationale de Paris, com 70 plantas de um anónimo.

7) Atlas de 1663, da Biblioteca da Ajuda, Lisboa, com 70 plantas de João Nunes Tinoco.

8) Exemplar de 1646, do British Museum, Londres, com 66 plantas de Pedro Barreto de Resende, 9 cartas de Pedro Berthelot (de 1635) e uma de um anónimo.

9) Dois exemplares, da Bibliothèque Nationale de Paris e Academia das Ciências de Lisboa, sem plantas.

C — OUTRAS OBRAS

10) O «Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da India», na Fortaleza de S. Julião da Barra, com 22 plantas de anónimo I — Manuel Godinho de Erédia, c. 1620, e 55 plantas de anónimo II, c. 1640.

11) O «Livro das Plantas das Fortalezas, Cidades e Povoacois do Estado da India Oriental cõ as demostrações do Maritimo dos Reinos e Provincias donde estão citvadas e ovtros portos prĩcipais daqvelas partes», na Biblioteca do Palácio Ducal da Casa da Bragança, em Vila Viçosa, com 104 cartas de c. 1650.

12) Colecção de 47 decalques de cartas e plantas do Oriente, anónimo, do século XVII, na Österreichische Nationalbibliothek, Viena.

13) Colecção de 16 cartas e plantas do Oriente, anónimo, do século XVII, na Biblioteca Medicea Laurenziana, Florença,

14) Colecção de 6 cartas e plantas do Oriente, resto de um atlas de anónimo — João Teixeira Albernaz II, c. 1660, no British Museum, Londres.

THE BOOKS AND ATLASES OF THE "STATE OF ORIENTAL INDIA"

PLATES 575-591

PORTUGUESE influence in the East was exercised primarily by control of communications by sea and the occupation of a number of coastal stations. The cartography of the «State of Oriental India» (which extended from the Cape of Good Hope to Macao) thus acquires special significance from its generous delineation of the Portuguese cities and fortresses. In Volume IV of the present work we have already discussed some atlases which may be included in this series: Manuel Godinho de Erédia, atlas of 1610 (p. 48, Plate 411) and atlas-miscellany of c. 1615 - c. 1622 (pp. 53-6, Plates 414-422); João Teixeira Albernaz I, world atlas of 1630 (pp. 111-8, Plates 464-472) and four atlases of c. 1648 (pp. 145-6, Plates 511-512). From the fourth decade of the XVII century the text of the «Books» describing the cities and fortresses — which had already made an appearance in the previous century — came to be supplemented by nautical charts, topographical maps and (above all) plans, although the atlases comprising only drawn maps and plans were still produced also. The surviving Books and Atlases, which are listed below, fall into three classes:

A — THE «BOOK OF THE PLANS OF ALL THE FORTRESSES, CITIES AND TOWNS OF THE STATE OF ORIENTAL INDIA», BY ANTÓNIO BOCARRO, 1635

1) Manuscript of 1635, in the Biblioteca Pública, Évora, with 48 drawings by Pedro Barreto de Resende (there were formerly 52). Original draft.

2) Manuscript of 1635, for sale by the booksellers A. Rosenthal Ltd., Oxford, with 48 drawings by Pedro Barreto de Resende (there were formerly 52). Original draft.

3) Manuscript of c. 1635, in the Biblioteca Nacional, Madrid, with 52 unsigned drawings, in fact by João Teixeira Albernaz I.

4) «Description of the Fortress of Sofala, and other [fortresses] of India», 1639, in the Biblioteca Nacional, Lisbon, with 48 drawings by António de Maris Carneiro (there were formerly 52).

5) Manuscript of the XVII century, in the Ceylon Government Archives, Colombo, with 52 drawings by an unknown artist.

B — THE «BOOK OF THE STATE OF ORIENTAL INDIA», BY PEDRO BARRETO DE RESENDE, 1636 (?)

6) Manuscript of c. 1636, in the Bibliothèque Nationale, Paris, with 70 drawings by an unknown artist.

7) Atlas of 1663, in the Biblioteca da Ajuda, Lisbon, with 70 drawings by João Nunes Tinoco.

8) Manuscript of 1646, in the British Museum, London, with 66 drawings by Pedro Barreto de Resende, 9 charts by Pedro Berthelot (made in 1635), and one by an unknown artist.

9) Two manuscripts, in the Bibliothèque Nationale, Paris, and the Academia das Ciências, Lisbon, without drawings.

C — OTHER WORKS

10) The «Book of the Plan[s] of the Fortresses of India», in the Fortress of S. Julião da Barra, with 22 drawings, unsigned but by Manuel Godinho de Erédia, c. 1620, and 55 drawings by another anonymous artist.

11) The «Book of the Plans of the Fortresses, Cities and Towns of the State of Oriental India, with delineations of the coasts of the Kingdoms and Provinces where they are situated, as well as other principal ports of those parts», in the Library of the Ducal Palace of the House of Braganza, Vila Viçosa, with 104 drawings made c. 1650.

12) A collection of 47 tracings of maps and plans of the East, anonymous, XVII century, in the Österreichische Nationalbibliothek, Vienna.

13) A collection of 16 maps and plans of the East, anonymous, XVII century, in the Biblioteca Medicea Laurenziana, Florence.

14) A collection of 6 maps and plans of the East, being the remains of an anonymous atlas of João Teixeira Albernaz II, c. 1660, in the British Museum, London.

15) 18 cartas gravadas de cidades e fortalezas do Oriente, na *Asia Portuguesa* de Manuel de Faria e Sousa, 1666-1675.

Têm ainda afinidades com estas obras, três atlas de Ceilão existentes na Haia, Madrid e Washington, dos quais nos ocuparemos na parte seguinte deste volume.

Analisamos seguidamente cada uma das obras indicadas, e no final, juntamente com as conclusões, apresenta-se um quadro comparativo das cartas e plantas contidas nos principais códices, diferenciando-se os vários protótipos e indicando-se os números das Estampas daqueles que reproduzimos.

O estudo a que procedemos reporta-se essencialmente à parte cartográfica das obras, sendo possível que uma análise cuidadosa dos textos — que não pudemos fazer — permita rectificar ou levar mais longe as conclusões a que chegámos. Seria na realidade muito útil que alguém empreendesse tal estudo e fizesse a publicação crítica dos textos.

A — O *LIVRO DAS PLANTAS DE TODAS AS FORTALEZAS, CIDADES E POVOAÇOENS DO ESTADO DA INDIA ORIENTAL* DE ANTÓNIO BOCARRO, 1635

Conhecem-se as condições que levaram à elaboração desta obra. Em 1632, El-Rei Filipe III de Portugal, ordenou ao Vice-rei da Índia, o Conde de Linhares, que lhe enviasse «as descripções de todas as costas, portos, abras e surgidouros desse Estado, cada governo ou capitania de per si, com as mais declarações que na mesma carta se relatam». Em 2 de Janeiro de 1633, o Vice-rei respondeu que encarregava de tal tarefa o cronista do Estado da Índia, António Bocarro, e que na próxima monção o trabalho seria enviado. Em 24 de Dezembro de 1633, El-Rei voltava ao assunto, insistindo pela remessa (1), a qual se veio a realizar em 1635, em duas vias, como se concluiu da parte inicial da dedicatória de António Bocarro, datada de 17 de Fevereiro de 1635: «O Conde de Linhares Vicerey me encarregou a dar comprimento a huma Carta de V. Magestade porque lhe ordena mande a V. Magestade estas plantas de todas as Fortalezas que hà neste Estado com as descripçoens particulares de tudo o que nellas há, que deva saber-se para se ter noticia de todas as couzas que convenha obrar em seu melhoramento, e posto, que para fazer esta obra com perfeição conveniente era necessario correr muy particularmente cada huma das Fortalezas, Cidades, e Povoaçoens para ver, e considerar todas as ditas cousas, com tudo como não foy possivel a respeito de estar nesta Cidade com a ocupação da Torre do Tombo, e ter juntamente a cargo escrever as Chronicas dos sucessos deste Estado, e V. Magestade apertar porque se lhe mande tudo o referido procurey por informaçoens o que neste volume por duas vias offereço, e mando a V. Magestade afirmando, que o grande trabalho que me custou, não foy ainda bastante para o fazer na forma, que o intentey, e dezejava com as plantas arrumadas, e demarcadas, e compassadas por petipê, o que nunca foy possivel pela grande falta, que hà neste Estado de Pessoas Scientes nas ditas Artes, mormente sendo as Fortalezas em tanta copia, e assim para a refeição disto procurey por tudo na discripção, como vay, a qual he que se deve dar inteiro credito não se buscando na Planta das Fortalezas, e Cidades mais que a forma, e figura dellas, porque as proporções das medidas para serem todas uniformes em algumas, se acharão em outras não tanto ao certo, nem tambem se ha de atentar ao numero da Artelharia que està pintada na planta, se não a que diz a letra ...». São estes os termos em que Barbosa Machado (2) transcreve a dedicatória, num exemplar da obra que então viu na Livraria do Duque de Cadaval, dizendo ser original e estar escrito «em papel grande, e com as plantas de cincoenta e duas Fortalezas primorosamente iluminadas».

No fim do século XVIII, Ferreira Gordo deu notícia de outro exemplar, em que o texto e as plantas estão em volumes distintos, existente na Biblioteca Real de Madrid (3). Em 1850, Cunha Rivara revelou a existência do códice da Biblioteca Pública de Évora, descrevendo-o e admitindo a hipótese de ser o mesmo que Barbosa Machado vira e um dos dois originais enviados de Goa ao Rei em 1635 (4). Contesta, com razão, Cunha Rivara a opinião de Barbosa Machado quanto ao valor da iluminura das plantas, achando que não passa de mediano.

Sabemos também que as plantas do Livro de Bocarro foram feitas por Pedro Barreto de Resende, como este próprio declara no início do códice

(1) A carta de 24 de Dezembro, da qual se infere o exposto, foi publicada por Bulhão Pato, a p. xvi da introdução da *Decada 13 da Historia da India composta por Antonio Bocarro*, Lisboa 1876.

(2) *Bibliotheca Lusitana*, T. I. pp. 221-2. Lisboa 1741.

(3) Joaquim José Ferreira Gordo, *Apontamentos para a Historia Civil, e Litteraria de Portugal e seus Dominios, collegidos dos Manuscritos assim nacionaes, como estrangeiros, que existem na Bibliotheca Real de Madrid, na do Escurial, e na de alguns Senhores, e Letrados da Côrte de Madrid*, in *Memorias de Litteratura Portuguesa, publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo III, pp. 30-1, Lisboa 1792.

(4) Cunha Rivara, *Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Pública Eborense*, Tomo I, pp. 302-6. Lisboa 1850.

15) 18 engraved plans of cities and fortresses of the East, in the *Asia Portuguesa* of Manuel de Faria e Sousa, 1666-1675.

There are also affinities between these works and three atlases of Ceylon, in The Hague, Madrid and Washington, with which we deal in a later part of the present volume.

After describing each work individually, we shall present our conclusions, together with a comparative table of the maps and plans in the principal manuscripts, distinguishing the various prototypes and referring to the plate-numbers of our reproductions.

The study which follows relates primarily to the cartographic part of the works in question, and it is possible that by careful study of the texts — which we cannot undertake here — our conclusions might be corrected or carried further. It would in fact be of great service if someone were to make such a study and to produce a critical edition of the texts.

A — THE «BOOK OF THE PLANS OF ALL THE FORTRESSES CITIES AND TOWNS OF THE STATE OF ORIENTAL INDIA», BY ANTÓNIO BOCARRO, 1635

The circumstances which led to the preparation of this work are recorded. In 1632 the King, Philip III of Portugal, ordered the viceroy of India, the Count de Linhares, to send him «the descriptions of all the coasts, ports, harbours and anchorages of this State, each government and captaincy separately, together with the declarations called for in the same letter». On 2 January 1633 the viceroy replied that he had entrusted the chronicler of the Estado da India, António Bocarro, with this task and that the work would be despatched at the next monsoon. On 24 December 1633 the King returned to the matter, demanding that the work be sent (1). This was done in 1635, in two drafts, as we learn from the opening of António Bocarro's dedicatory letter dated 17 February 1635: «The Count de Linhares, Viceroy, charged me to give effect to a letter of Your Majesty ordering him to send to Your Majesty these plans of all the Fortresses in this State, with the particular descriptions of everything that is in them, which knowledge is needed to give information of all the things that should be done to improve them. And although to carry this work to suitable perfection it was necessary to survey in great detail each of the Fortresses, Cities and Towns, in order to see or consider all the said matters, and it was not possible to do everything while remaining in this City with the custody of the Torre do Tombo and also the duty of writing the chronicles of the events of this State, in accordance with Your Majesty's urgent order that all the information required be sought out, I now present and send it to Your Majesty in this volume, in two drafts (*vias*), affirming that even the great labour which it cost me was not sufficient to perform it in the manner which I intended and desired, with the plans oriented and measured out, and drawn to scale, which was not possible for the great lack of persons skilled in these arts within this State, and the fortresses being so many, and I have attempted to make good their defects in the description, which may be fully trusted, while no more is to be expected from the Plans of the Fortresses and Cities than their form and figure, since in some the measurements are uniformly taken in proportion, while in others they have been less precisely determined; nor is the number of cannon painted in the plans to be accepted unless it is confirmed by the text ...». Such are the terms of the dedicatory letter, as transcribed by Barbosa Machado (2) from a copy of the work which in his day was in the library of the Duke de Cadaval and was written «on large paper, and with plans of fifty-two Fortresses brilliantly illuminated».

At the end of the XVIII century Ferreira Gordo recorded another manuscript, with the text and the plans bound in separate volumes, in the Biblioteca Nacional, Madrid (3). In 1850, Cunha Rivara brought to light the manuscript in the Biblioteca Pública, Évora, describing it and conjecturing that it was the one seen by Barbosa Machado and one of the two original drafts sent from Goa to the King in 1635 (4). Cunha Rivara rightly disputed Barbosa Machado's opinion on the quality of the illumination in the plans, considering it no more than mediocre.

We also know that the plans of Bocarro's «Book» were drawn by Pedro Barreto de Resende, as he himself relates at the beginning of the Paris codex

(1) The letter of 24 December, on which our account is based, was published by Bulhão Pato, on p. xvi of his introduction to the *Decada 13 da Historia da India composta por Antonio Bocarro*, Lisbon 1876.

(2) *Bibliotheca Lusitana*, T. I, pp. 221-2. Lisboa 1741.

(3) Joaquim José Ferreira Gordo, *Apontamentos para a Historia Civil, e Litteraria de Portugal e seus Dominios, collegidos dos Manuscritos assim nacionaes, como estrangeiros, que existem na Bibliotheca Real de Madrid, na do Escurial, e na de alguns Senhores, e Letrados da Côrte de Madrid*, in *Memorias de Litteratura Portuguesa, publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo III, pp. 30-1, Lisboa 1792.

(4) Cunha Rivara, *Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Pública Eborense*, Tomo I, pp. 302-6. Lisboa 1850.

das *Descripções das Fortalezas da India Oriental* existente em Paris e de que adiante nos ocuparemos: «... as quais [descripções em texto] fez Antonio Bocarro chronista d'Este Estado da India com immenso trabalho cuidado e disvello de que eu fuy testemunha; porque tendo eu dado principio ás plantas deste livro e determinado fazel-o da mesma forma que elle está para minha curiosidade, mandou Sua Magestade ao Conde de Linhares, Virey da India meu Senhor lhe mandasse hum livro desta mesma forma; e remettendo o Conde Virey ao Chronista Antonio Bocarro para que o fizesse, lhe respondeo que as descripções faria elle por ser cousa tocante ao seu officio, mas que as plantas era impossivel podellas elle fazer se lh'as eu não desse, por ter já a maior cantidad d'ellas; e ordenando-me o Conde meu Senhor o fizesse, desisti de certos intentos que tinha e as dey como condição que me desse elle descripções d'ellas. Em esta conformidade se acabou o livro que foy a Sua Magestade...» (5). Como se vê, Pedro Barreto de Resende cita e louva António Bocarro pelas suas descrições, mas o último não só não diz ser aquele o autor das plantas como ainda destaca o pouco rigor destas.

António Bocarro, filho de cristãos-novos, nasceu em 1594 e foi educado no colégio de Santo Antão, em Lisboa. Cerca de 1610 converteu-se secretamente ao judaísmo, por acção do seu irmão Manuel Bocarro Francês, que viria a ser um matemático e astrólogo de reputação. Em 1615 foi para a Índia, servindo em várias armadas e fixando-se durante largo tempo em Cochim, onde havia uma importante comunidade judaica. Converteu-se de novo ao catolicismo e, em 1624, fez uma confissão e abjuração voluntária perante a Inquisição, servindo de novo em várias armadas de 1626 a 1631. Neste último ano o Vice-rei, Conde de Linhares, nomeou-o cronista e guarda-mor da Torre do Tombo da Índia, lugares em que se manteve até à sua morte, em 1642 ou 1643. Entre as suas obras destacam-se a *Década XIII da Ásia*, cobrindo o período 1609-17 e com uma valiosa e desenvolvida descrição da Zambézia, e o *Livro* sobre o Estado da Índia Oriental de que aqui nos ocupamos (6).

Barbosa Machado indica que o título desta última obra, no exemplar que viu, era *Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades, e Povoaçoens do Estado da India Oriental com as descripçoens da altura em que estão, e de tudo que hà nellas, Artilharia, Presidio, gente de Armas, e Vassalos, rendimento, e despezas, fundos, e baxos das Barras, Reys da terra dentro, o poder que tem, e a paz, e guerra, que guardão, e tudo que està debaxo da Coroa de Espanha. Dedicado à Serenissima Magestade del Rey Filippe o IV das Espanhas, e III de Portugal Rey, e Senhor, nosso.* Este longo título indica a vastidão dos assuntos de que trata Bocarro, e deve dizer-se que ele o faz com proficiência e honestidade, constituindo a sua obra enciclopédica uma das principais fontes para o conhecimento do império português do Oriente na sua época.

Conhecem-se vários exemplares do *Livro*, originais e cópias, e deles passamos a tratar:

1 — Exemplar de 1635, da Biblioteca Pública de Évora, com 48 plantas de Pedro Barreto de Resende

Como se disse atrás, foi pela primeira vez descrito por Cunha Rivara, que indicou faltarem-lhe o rosto, a dedicatória e algumas folhas do princípio do texto, tendo-o identificado por meio da descrição de Barbosa Machado, concluindo que no códice de Évora devem faltar quatro plantas, e que se deve tratar do exemplar visto por este último na livraria do Duque de Cadaval. O códice, com a cota «COD. CXV/2-X», é encadernado em carneira, 310 × 425 mm, contendo 48 plantas, traçadas em papel e coloridas, abrangendo cada uma duas folhas, 406 × 604 mm, pela seguinte ordem:

1 — Sofala (Estampa 578 F); 2 — Ilha de Moçambique; 3 — Ilha de Mombaça; 4 — Curiate e Cidabo (Estampa 581 B); 5 — Mascate (Est. 581 D); 6 — Matara (Estampa 581 E); 7 — Sibo (Estampa 581 F); 8 — Borca (Estampa 581 G); 9 — Soar (Estampa 581 H); 10 — Corfacão; 11 — Quelba (Estampa 581 I); 12 — Libédia; 13 — Mada; 14 — Doba; 15 — Dio; 16 — Damão; 17 — Sangens e Danu; 18 — Trapor; 19 — Sirgão e Maim; 20 — Agaçaim e Manora; 21 — Serra de Asserim; 22 — Baçaim; 23 — Tana; 24 — Bombaim e Carania; 25 — Morro de Chaul; 26 — Chaul; 27 — Aguada, Bardês e Chorão; 28 — Salcete, Mormugão e Rachol; 29 — Cambolim (Estampa 587 E); 30 — Barcelor (Estampa 587 D); 31 — Mangalor (Est. 587 G); 32 — Cananor (Estampa 587 H); 33 — Cranganor; 34 — Cochim; 35 — Cou-

(5) Chamaram a atenção para esta passagem, que revela quem foi o autor das plantas no Livro de Bocarro, Bulhão Pato, *op. cit.*, na nota (1), p. xii, e A. Cortesão, *Cartografia*, Vol. II, p. 102. Lisboa 1935.

(6) Sobre António Bocarro e a sua obra, ver C. R. Boxer, *António Bocarro and the «Livro do Estado da India Oriental»*, in *Garcia de Orta*, n.º especial, pp. 203-19, Lisboa 1956; e I. S. Révah, *Le retour au catholicisme d'Antonio Bocarro*, in *Colóquio*, n.º 10, pp. 58-60, Lisboa, Outubro 1960.

of the «Descriptions of the Fortresses of Oriental India», which we shall discuss later: «... which [textual description] António Bocarro, chronicler of this State of India, made with immense labour, care and detail, as I am witness. For when I had begun the plans of this book and decided to make them, for my curiosity, in the form which they have, the King ordered my Lord the Count de Linhares, Viceroy of India, to send him a book in this very form; and the chronicler António Bocarro, being instructed to make it by the Count Viceroy, answered him that he would prepare the descriptions, as being a matter touching his office, but that the plans could not be made unless I gave them to him, since I already had the greater number of them; wherefore, the Count my lord having commanded me to do so, I abandoned certain purposes which I had and gave them to him, on the condition that he gave me their descriptions. In this agreement the book sent to His Majesty was completed...» (5). As this shows, Pedro Barreto de Resende names and commends António Bocarro as the author of the descriptions, but the latter not only omits to record that the plans were made by Resende, but even emphasises their inaccuracy.

António Bocarro was born in 1594, of New Christian parentage, and educated in the College of St Antão in Lisbon. About 1610 he was secretly converted to Judaism, at the instance of his brother Manuel Bocarro Francês, who seems to have made a name as a mathematician and astrologer. In 1615 António Bocarro went to India, where he served in several fleets and settled for a considerable time at Cochin, where there was a substantial Jewish community. In 1624, reconverted to Catholicism, he made confession and voluntary abjuration of his errors to the Inquisition; and from 1626 to 1631 he saw further service in various fleets. In this last year the Viceroy, the Count de Linhares, appointed him as chronicler and keeper of the Torre do Tombo of India, and Bocarro held these posts until his death in 1642 or 1643. His most notable works are the *Década XIII da Ásia*, covering the period 1609-17 and giving a valuable and detailed description of Zambezia, and the «Book» on the State of Oriental India with which we are here concerned (6).

According to Barbosa Machado, the title of the latter work, in the copy which he saw, was «Book of the Plans of all the Fortresses, Cities and Towns of the State of Oriental India, with descriptions of their situation and of everything in them, artillery, garrisons, men of arms and vassals, revenue and expenses, depths and shoals at the bars, kings of the interior, their strength and the peaceful or warlike relations which they maintain, and all that is subject to the Crown of Spain. Dedicated to His Most Serene Royal Majesty Philip IV of Spain and III of Portugal, our Lord the King». This long title shows how extensive were the subjects dealt with by Bocarro, and it must be admitted that the competence and honesty with which he does so make his encyclopaedic work one of the principal sources of information on the Portuguese empire in the East at this period.

Several copies of this «Book», originals and copies, are known, and we shall now describe them.

1 — Manuscript of 1635 in the Biblioteca Pública, Évora, with 48 drawings by Pedro Barreto de Resende

This was first described (as mentioned above) by Cunha Rivara, who reported that it lacked the title-page, the dedicatory letter and some pages at the beginning of the text; he identified it from the description given by Barbosa Machado, concluding that the Évora codex must lack four plans and must be the manuscript seen by Barbosa Machado in the library of the Duke de Cadaval. The codex, which has the classmark «COD. CXV/2-X», is bound in leather, measuring 310 × 425 mm, and contains 48 plans, drawn on paper and coloured, each covering two pages and measuring 406 × 604 mm, in the following order:

1 — Sofala (Plate 578 F); 2 — Island of Mozambique; 3 — Island of Mombasa; 4 — Quryat and Sidabe (Plate 581 B); 5 — Muscat (Plate 581 D); 6 — Matrah (Plate 581 E); 7 — as-Sib (Plate 581 F); 8 — Barkah (Plate 581 G); 9 — Sohar (Plate 581 H); 10 — Khor Fakkan; 11 — Khor Kalba (Plate 581 I); 12 — al-Badi; 13 — Murbah; 14 — Dibba; 15 — Diu; 16 — Damão; 17 — Sanjan and Dahanu; 18 — Tarapur; 19 — *Sirgão* and Mahim; 20 — Agashi and Manori; 21 — Mountain of Asheri; 22 — Bassein; 23 — Thana; 24 — Bombay and Karanja; 25 — Mountain of Chaul; 26 — Chaul; 27 — Agoada, Bardez and Chorão; 28 — Salsette, Mormugão and Rachol; 29 — Cambolim (Plate 587 E); 30 — Basrur (Plate 587 D); 31 — Mangalore (Plate 587 G); 32 — Cannanore (Plate 587 H); 33 — Kran-

(5) Attention was called to this passage revealing the authorship of the plans in Bocarro's book by Bulhão Pato, *op. cit.* in note (1), p. xii, and by A. Cortesão, *Cartografia*, Vol. II, p. 102. Lisboa 1935.

(6) On António Bocarro and his work, see C. R. Boxer, *António Bocarro and the «Livro do Estado da India Oriental»*, in *Garcia de Orta*, special number, pp. 203-19, Lisboa 1956; and I. S. Révah, *Le retour au catholicisme d'Antonio Bocarro*, in *Colóquio*, n.º 10, pp. 58-60, Lisboa, October 1960.

lão; 36 — Manar; 37 — Negumbo; 38 — Caliture; 39 — Gale; 40 — Baia de Tanavare; 41 — Baia de Beligão; 42 — Batecalou; 43 — Triquinimale; 44 — Jafanapatão; 45 — São Tomé de Meliapor; 46 — Malaca; 47 — Macau; 48 — Solor.

Barbosa Machado disse que o códice por ele examinado continha 52 plantas, número que na realidade existe no códice de Madrid, pelo que é de admitir que no códice de Évora faltem 4 plantas, as quais, a avaliar pelas que vêm no códice de Madrid, devem ser as da Ilha de Goa (entre as actuais 27 e 28), de Onor (entre as actuais 28 e 29), de Columbo (entre as actuais 37 e 38) e de Negapatão (entre as actuais 44 e 45). As plantas são indiscutìvelmente da mão de Pedro Barreto de Resende, como se conclui sem dificuldade da sua comparação com as que vêm no códice autógrafo deste último, existente no Museu Britânico («Sloane MS. 197») de que adiante trataremos. Nestas condições, é de supor que o códice de Évora constitua uma das duas vias originais enviadas de Goa para o Reino em 1635, ou uma cópia feita em Goa na mesma altura, mas não vemos razões especiais para afirmar que seja o exemplar que Barbosa Machado viu na livraria do Duque de Cadaval. Inclinamo-nos para a primeira hipótese, de se tratar de uma das vias originais, tanto mais que o facto de terem sido arrancadas as folhas iniciais, onde deviam vir o rosto e a dedicatória, é indício de que isso se fez devido a ter a obra deixado de estar na Biblioteca Real ou noutro local apropriado.

Os desenhos de Pedro Barreto de Resende, que ilustram este códice, são bastante medíocres e de limitado valor cartográfico (falta-lhes até a escala e a orientação), mas têm considerável interesse histórico e iconográfico. O texto do códice foi publicado na totalidade por A. B. de Bragança Pereira (7), mas de forma deficiente, como aponta C. R. Boxer (8), e reproduzindo-se as plantas (não autógrafas) do códice de Pedro Barreto de Resende existente em Paris.

2 — Exemplar de 1635, à venda no Livreiro A. Rosenthal Ltd, Oxford, com 48 plantas de Pedro Barreto de Resende

Desde 1956 que se encontra à venda no livreiro A. Rosenthal Ltd., de Oxford, um exemplar do *Livro* de Bocarro, com 48 plantas, o qual tivemos ocasião de examinar em 1961. Numa encadernação verde com dourados, contendo iniciais não identificadas, lê-se na lombada FORTALEZ DA INDIA ORIENTAL. Contém 254 folhas de papel, numeradas, 30 × 41 cm, precedidas de duas outras, de qualidade diferente, uma delas com a tradução francesa do título da obra e notas, também em francês, sobre as cartas, sem qualquer interesse. A estas folhas segue-se uma outra em branco, a qual fora colada à seguinte e agora está parcialmente descolada, havendo no rosto da última um nome tapado a tinta que não conseguimos decifrar, e no seu verso um índice das plantas das cidades e fortalezas, em número de 52. A folha seguinte tem o título da obra e a epístola-dedicatória (datada de Goa 17 de Fevereiro de 1635), em letra do século XVII e exactamente nos termos transcritos por Barbosa Machado. No rosto, por cima do título, e em letra do século XVIII, está escrito «Duque de Cadaval», e no fundo do verso, em letra diferente da da epístola-dedicatória, «Ant.º bocarro». O título é o seguinte: *Liuro das plantas de todas as fortalezas, Cidades, e pouoaçõis do estado da Imdia Oriental — Com as discripsõis da altura em que estaõ e de tudo o que ha nellas, Artelhr.ª, prezidio, gente darmas, e Vaçallos, Remdimentos, e despeza, fundos, e Baxos das Barras, Reis da Terra dentro, o poder que tem, e a paz e guerra que guardaõ, e tudo o que esta de Baxo da coroa de espanha, feito por Antonio bocarro guarda mor da torre do tombo, e chronista do dito estado — Dedicado a Serenissima Mag.ᵉ del Rey Phellippe o quarto das Espanhas e terçeiro de Portugal Rey e Senhor nosso.* As plantas que actualmente se encontram no códice, ocupando cada uma o verso de uma folha e o rosto da seguinte, 41 × 60 cm, são as seguintes:

1 — Sofala; 2 — Moçambique; 3 — Mombaça; 4 — Curiate; 5 — Mascate; 6 — Matara; 7 — Sibo; 8 — Soar; 9 — Corfacão; 10 — Quelba; 11 — Libédia; 12 — Mada; 13 — Doba; 14 — Damão; 15 — Sangens; 16 — Trapor; 17 — Sirgão e Maim; 18 — Agaçaim e Manora; 19 — Serra de Asserim; 20 — Baçaim; 21 — Tana; 22 — Bombaim e Carania; 23 — Morro de Chaul; 24 — Chaul; 25 — Aguada, Bardês e Chorão; 26 — Ilha de Goa (Estampa 586 B); 27 — Salcete, Mormugão e Rachol; 28 — Onor; 29 — Bar-

(7) In *Arquivo Português Oriental* (*Nova Edição*), Tomo IV, Volume II, Partes I-III, Bastorá 1937, 1938 e 1940.

(8) *Op. cit.* na nota (6), nela se referindo também outros locais onde foram publicados trechos parciais dos *Livros* de Bocarro e Resende. Também Ernesto de Vasconcelos, *Exposição de Cartografia Nacional* (*1903--1904*) — *Catálogo*, n.º 19, Lisboa 1904, descreve o códice indicando os títulos dos capítulos do texto.

ganur; 34 — Cochin; 35 — Quilon; 36 — Mannar; 37 — Negombo; 38 — Kalutara; 39 — Galle; 40 — Bay of Dondra; 41 — Bay of Weligama; 42 — Batticaloa; 43 — Trincomalee; 44 — Jaffna; 45 — São Thomé (Mailapur); 46 — Malacca; 47 — Macao; 48 — Solor.

Barbosa Machado says that the codex examined by him contained 52 plans, which is in fact the number in the Madrid codex, so that we may suppose the Évora codex to lack 4 plans, which (judging from the contents of the Madrid codex) must be those of the Island of Goa (between the present 27 and 28), of Honawar (between the present 28 and 29), of Colombo (between the present 37 and 38), and of Negapatam (between the present 44 and 45). That the drawings are from the hand of Pedro Barreto de Resende is placed beyond doubt by comparison with his autograph codex in the British Museum («Sloane MS. 197»), which we shall discuss below. In these circumstances, the Évora codex may be taken to be one of the two original drafts sent from Goa to Portugal in 1635 or a copy made at Goa at the same time, but we see no particular reason to identify it with the manuscript seen by Barbosa Machado in the library of the Duke de Cadaval. We incline to the first hypothesis, that we have here one of the original drafts, especially as the tearing out of the opening leaves, bearing the title-page and dedicatory letter, can be explained if the work had been removed from the Royal Library or other appropriate repository.

The drawings of Pedro Barreto de Resende illustrating this codex are somewhat mediocre and of limited cartographic value (no indication being given even of the scale and orientation), but they have considerable historical and iconographic interest. The text of the codex has been published in full by A. B. de Bragança Pereira (7), but imperfectly, as C. R. Boxer points out (8), and reproducing the plans (which are not autograph) from the Paris codex of Pedro Barreto de Resende.

2 — Manuscript of 1635, for sale by the Booksellers A. Rosenthal Ltd, Oxford, with 48 drawings by Pedro Barreto de Resende

Since 1956 the Oxford booksellers A. Rosenthal Ltd have offered for sale a manuscript of Bocarro's «Book», containing 48 drawings, which we were able to examine in 1961. It is in a green binding tooled in gilt with initials (not identified), the spine being lettered FORTALEZ DA INDIA ORIENTAL. It comprises 254 numbered leaves of paper measuring 30 × 41 cm, preceded by two others of different quality, one of which bears the French translation of the title and notes on the drawings, also in French, which are of no interest. After these leaves comes a blank one, to which has been pasted the following leaf, now partly detached, the latter having on the recto a name smudged with ink, which we have been unable to decipher, and on the verso a list of the plans of cities and fortresses, to the number of 52. The next leaf bears the title of the work and the dedicatory letter (dated from Goa, 17 February 1635), in a XVII-century hand and in the precise wording transcribed by Barbosa Machado. On the verso, above the title, is written, in an XVIII-century hand, «Duque de Cadaval»; and at the foot of the verso, in a hand different from that of the dedicatory letter, «Ant.º bocarro». The title reads as follows: «Book of the plans of all the fortresses, cities and towns of the State of Oriental India. With descriptions of their situation and of everything in them, artillery, garrisons, men of arms, and vassals, revenue and expenses, depths and shoals at the bars, kings of the interior, their strength and the peaceful or warlike relations which they maintain, and all that is subject to the Crown of Spain. Composed by Antonio Bocarro, keeper of the Torre do Tombo and chronicler of the said state. Dedicated to His Most Serene Royal Majesty Philip IV of Spain and III of Portugal, our Lord the King». The codex to-day contains the following plans, each occupying the verso of one leaf and recto of the next and measuring 41 × 60 cm:

1 — Sofala; 2 — Mozambique; 3 — Mombasa; 4 — Quryat; 5 — Muscat; 6 — Matrah; 7 — as-Sib; 8 — Sohar; 9 — Khor Fakkan; 10 — Khor Kalba; 11 — al-Badi; 12 — Murbah; 13 — Dibba; 14 — Damão; 15 — Sanjan; 16 — Tarapur; 17 — *Sirgão* and Mahim; 18 — Agashi and Manori; 19 — Mountain of Asheri; 20 — Bassein; 21 — Thana; 22 — Bombay and Karanja; 23 — Mountain of Chaul; 24 — Chaul; 25 — Agoada, Bardez and Chorão; 26 — Island of Goa (Plate 586 B); 27 — Salsette, Mormugão

(7) In *Arquivo Português Oriental* (*Nova Edição*), Tomo IV, Volume II, Partes I-III, Bastorá 1937, 1938 and 1940.

(8) *Op. cit.* in note (6), with references to other works in which parts of the «Books» of Bocarro and Resende have been published. In addition, Ernesto de Vasconcelos, *Exposição de Cartografia Nacional* (*1903-1904*) — *Catálogo*, n.º 19, Lisboa 1904, describes the codex and gives the titles of the chapters of text.

celor; 30 — Cambolim; 31 — Cranganor; 32 — Cochim; 33 — Coulão; 34 — Manar; 35 — Negumbo; 36 — Columbo; 37 — Caliture; 38 — Gale; 39 — Baía de Tanavare; 40 — Baía de Beligão; 41 — Batecalou; 42 — Triquinimale; 43 — Jafanapatão; 44 — Negapatão; 45 — São Tomé de Meliapor; 46 — Malaca; 47 — Macau; 48 — Solor.

Como se disse, o índice inicial indica 52 plantas, e verifica-se que na realidade faltam no códice várias folhas onde deviam vir as plantas desaparecidas, de acordo com aquele índice e com a sequência do texto: fols. 35-6 (planta de Borca), fols. 60-1 (planta de Dio) e fols. 153-8 (plantas de Mangalor e Cananor). Estas quatro plantas vêm no códice de Évora, e as quatro que faltam neste encontram-se no códice em Oxford que estamos analisando. O texto é em letra do século XVII, de várias mãos. As plantas são da mesma pessoa que fez as do códice de Évora e as do «Sloane MS 197» do British Museum, isto é, o próprio Pedro Barreto de Resende. Os códices de Évora e de Oxford têm apresentação semelhante, com as mesmas medidas e as plantas desenhadas em ambos os casos em papel mais fino que o do texto.

Tendo-nos sido dado apurar que não existe hoje na biblioteca da Casa Cadaval qualquer exemplar do *Livro* de Bocarro, o conjunto de factos apontados permite concluir que o códice agora em poder do livreiro A. Rosenthal é uma das duas vias originais enviadas de Goa, e de facto aquela que foi descrita por Barbosa Machado quando ainda pertencia ao Duque de Cadaval (9).

3 — Exemplar de c. 1635, da Biblioteca Nacional de Madrid, com 52 plantas de Anónimo — João Teixeira Albernaz I

Na Biblioteca Nacional de Madrid, com as cotas «Mss. 1190» e «R. 202», existem dois volumes que contêm, respectivamente, o texto e as plantas da obra de Bocarro. O primeiro, o do texto, tem o título *L.º em que se relata o sitio de todas as fortalezas, cidades e povoaçoens do Estado da India Oriental. Com as descripções da altura em que estão e de tudo o q̃ ha nellas, Artelharia, Prezidio, gente d'Armas e Vaçalos Rendimento e despeza, fundos, e baixos das barras, Reys da terra dentro o poder que tem e a paz e guerra q̃ guardão e tudo o q̃ está debaixo da Coroa de Espanha feito por Ant.º Bocarro Guarda Mór da Torre do Tombo e chronista do dito Estado. Dedicado a serenissima Magestade del Rey Philippe o 4º das Hespanhas, e 3º de Portugal Rey e S.ºʳ nosso.* Tem 203 folhas (as oito últimas em branco), e no começo vem a epístola-dedicatória de António Bocarro ao monarca, datada de Goa, 17 de Fevereiro de 1635.

O segundo volume, o das plantas, das mesmas dimensões do anterior, 280 × 412 mm, tem 109 folhas, abrindo com um índice e tendo cinquenta e duas plantas, manuscritas e coloridas, traçadas em papel, abrangendo cada uma duas folhas, portanto com 412 × 560 mm. As plantas são as seguintes:

1 — Sofala; 2 — Moçambique; 3 — Mombaça; 4 — Curiate; 5 — Mascate; 6 — Matara; 7 — Sibo; 8 — Borca; 9 — Soar; 10 — Corfacão; 11 — Quelba; 12 — Libédia; 13 — Mada; 14 — Doba; 15 — Dio (Est. 583 B); 16 — Damão (Estampa 583 F); 17 — Sangens (Estampa 583 I); 18 — Trapor (Estampa 584 A); 19 — Maim (Estampa 584 B); 20 — Agaçaim (Estampa 584C); 21 — Serra de Asserim (Estampa 583 H); 22 — Baçaim; 23 — Tana (Est. 584F); 24 — Bombaim (Estampa 584 G); 25 — Morro de Chaul (Estampa 584 I); 26 — Chaul; 27 — Terras de Bardês; 28 — Ilha de Goa (Estampa 586 C); 29 — Terras de Salcete; 30 — Onor; 31 — Barcelor; 32 — Cambolim; 33 — Mangalor; 34 — Cananor; 35 — Cranganor (Estampa 588 A); 36 — Cochim (Estampa 588 B); 37 — Coulão; 38 — Manar; 39 — Negumbo; 40 — Columbo; 41 — Caliture; 42 — Gale; 43 — Porto de Tanavare; 44 — Porto de Beligão; 45 — Batecalou; 46 — Triquinimale; 47 — Jafana-

(9) O exemplar vem descrito nos catálogos 50 (n.º 141), 54 (n.º 362) e 59 (n.º 266) de A. Rosenthal Ltd, sem data, que reproduzem as plantas de Bombaim e Ilha de Goa. A assinatura *Ant.º bocarro* que vem no fim da epístola-dedicatória parece ser autógrafa, mas não pudemos comprovar o facto pelo cotejo com outros documentos. Na altura em que examinámos este exemplar não identificámos as iniciais da capa, que vêm debaixo de uma coroa; tendo mais tarde tido ocasião de ver iniciais em encadernações de livros da biblioteca da Casa Cadaval, afigura-se-nos que são semelhantes ou muito parecidas, tanto quanto a memória nos permite ajuizar. Várias hipóteses se podem pôr quanto à maneira como a obra teria saido da referida biblioteca, mas as anotações em francês, no começo, tornam bastante plausível a hipótese de que o descaminho se teria dado quando das invasões francesas. É sabido que o naturalista francês Geoffroy Saint-Hilaire levou então para França numerosas colecções de história natural, livros e manuscritos de museus e bibliotecas portuguesas; alguns de tais manuscritos, que haviam pertencido à Casa Cadaval, estão hoje na Bibliothèque Nationale de Paris. Acúrsio das Neves, em 1811, disse ter em seu poder «uma relação dos livros, e manuscriptos [*levados por Geofroy Saint-Hilaire*], muitos dos quais, além de serem, ou raros ou únicos, são muito úteis, e curiosos, *principalmente alguns que respeitam á história da Índia; averiguou-se que muitos delles eram da casa de Cadaval* (*Historia geral da invasão dos francezes em Portugal*, tomo V, p. 264, Lisboa 1811, *apud* Pedro de Azevedo, *Geoffroy Saint-Hilaire em Lisboa*, Separata do *Boletim da Classe de Letras da Academia das Sciencias de Lisboa*, vol. XIV, p. 13, Coimbra, 1921). Nos documentos transcritos por Pedro de Azevedo colhem-se também várias referências a espécies cartográficas então levadas pelos franceses.

and Rachol; 28 — Honawar; 29 — Basrur; 30 — Cambolim; 31 — Kranganur; 32 — Cochin; 33 — Quilon; 34 — Mannar; 35 — Negombo; 36 — Colombo; 37 — Kalutara; 38 — Galle; 39 — Bay of Dondra; 40 — Bay of Weligama; 41 — Batticaloa; 42 — Trincomalee; 43 — Jaffna; 44 — Negapatam; 45 — São Thomé (Mailapur); 46 — Malacca; 47 — Macao; 48 — Solor.

As we have said, the list at the beginning calls for 52 plans, and the codex in fact lacks several leaves which must have had the lost plans, as shown by the list and by the order of the text: fols. 35-6 (plan of Barkah), fols. 60-1 (plan of Diu) and fols. 153-8 (plans of Mangalore and Cannanore). These four plans are in the Évora codex, and the four lacking in the latter occur in the Oxford codex described here. The text is in several hands of the XVII-century. The plans are beyond doubt by the artist who drew those in the Évora codex and in «Sloane MS 197» in the British Museum, that is, Pedro Barreto de Resende himself. The manuscripts of Évora and Oxford are similar in form, having the same dimensions, and the plans on both being on finer paper than that of the text.

We have ascertained that there is no manuscript of Bocarro's «Book» now in the library of the Cadaval family, and the evidence, taken as a whole, justifies the conclusion that the codex now in the possession of A. Rosenthal Ltd is one of the two original drafts sent from Goa, and indeed that described by Barbosa Machado while it still belonged to the Duke de Cadaval (9).

3 — Manuscript of c. 1635, in the Biblioteca Nacional, Madrid, with 52 unsigned drawings, in fact by João Teixeira Albernaz I

In the Biblioteca Nacional, Madrid, with the classmarks «Mss. 1190» and «R. 202», are two volumes containing respectively the text and the drawings of Bocarro's work. The first volume, that of text, has the title «Book in which is recorded the position of all the fortresses, cities and towns of the State of Oriental India. With descriptions of their situation and of everything in them, artillery, garrisons, men of arms and vassals, revenue and expenses, depths and shoals of the bars, kings of the interior, their strength and the peaceful or warlike relations which they maintain, and all that is subject to the Crown of Spain. Composed by António Bocarro, keeper of the Torre do Tombo and chronicler of the said State. Dedicated to His Most Serene Royal Majesty Philip IV of Spain and III of Portugal, our Lord the King.» It has 203 leaves (the last eight blank), and begins with António Bocarro's dedicatory letter to the King dated from Goa, 17 February 1635.

The second volume, that of drawings, is of the same dimensions as the first, 280 × 412 mm, and has 109 leaves. It begins with a list and contains fifty-two plans, drawn on paper and coloured, each on two pages and therefore measuring 412 × 560 mm. They are as follows:

1 — Sofala; 2 — Mozambique; 3 — Mombasa; 4 — Quryat; 5 — Muscat; 6 — Matrah; 7 — as-Sib; 8 — Barkah; 9 — Sohar; 10 — Khor Fakkan; 11 — Khor Kalba; 12 — al-Badi; 13 — Murbah; 14 — Dibba; 15 — Diu (Plate 583 B); 16 — Damão (Plate 583 F); 17 — Sanjan (Plate 583 I); 18 — Tarapur (Plate 584 A); 19 — Mahim (Plate 584 B); 20 — Agashi (Plate 584 C); 21 — Mountain of Asheri (Plate 583 H); 22 — Bassein; 23 — Thana (Plate 584F); 24 — Bombay (Plate 584 G); 25 — Mountain of Chaul (Plate 584 I); 26 — Chaul; 27 — Lands of Bardez; 28 — Island of Goa (Plate 586 C); 29 — Lands of Salsette; 30 — Honawar; 31 — Basrur; 32 — Cambolim; 33 — Mangalore; 34 — Cannanore; 35 — Kranganur (Plate 588 A); 36 — Cochin (Plate 588 B); 37 — Quilon; 38 — Mannar; 39 — Negombo; 40 — Colombo; 41 — Kalutara; 42 — Galle; 43 — Port of Dondra; 44 — Port of Weligama; 45 — Batticaloa; 46 — Trincomalee; 47 — Jaffna; 48 — Negapatam (Plate

(9) It is described in Catalogues 50 (n.º 141), 54 (n.º 362) and 59 (n.º 266) of A. Rosenthal Ltd., all undated, with reproductions of Bombay and the Island of Goa. The signature *Ant.º bocarro* at the end of the dedication-letter seems to be autograph, but we were unable to verify this through collation with other documents. At the time we examined this copy we did not identify the initials, which are under a crown on the cover; when later we had the opportunity of seeing some initials on the bindings of books which belong to the library of the Casa Cadaval we got the impression that they are similar or very much alike, as far as we can recollect. Several hypotheses may be advanced as to how the work might have left the said library but the annotations in French, at the beginning, make it likely that the atlas was removed during the French invasions. It is well known that at that time the French naturalist Geoffroy Saint-Hilaire took to France many collections of natural history, books and manuscripts, from Portuguese museums and libraries; some of such manuscripts, which belonged to the Casa Cadaval, are today in the Bibliothèque National, Paris. En 1811 José Acúrsio das Neves mentioned that he had come into possession of «a list of books and manuscripts [*taken by Geoffroy Saint-Hilaire*], many of which besides being either rare or unique, are very useful and curious, *particularly some of them regarding the history of India; it has been found out that many of them had belonged to the Casa de Cadaval*» (*Historia geral da invasão dos francezes em Portugal*, tomo V, p. 264, Lisboa 1811, *apud* Pedro de Azevedo, *Geoffroy Saint-Hilaire em Lisboa*, reprint of *Boletim da Classe de Letras da Academia das Sciencias de Lisboa*, vol. XIV, p. 13, Coimbra, 1921). Several references to cartographic specimens taken by the French can also be found in the documents transcribed by Pedro de Azevedo.

patão; 48 — Negapatão (Estampa 588 D); 49 — São Tomé de Meliapor (Estampa 588 E); 50 — Malaca; 51 — Macau; 52 — Solor.

Os dois volumes mantêm a encadernação original, em verde com dourados, tendo o primeiro, na lombada, *Fortalezas y civdades de la Yndia de Portugal,* e o segundo *Plant[as] de las Fortalezas dela Yndia de Portugal.*

Como dissemos atrás, este exemplar foi examinado em Madrid, em 1790, por Ferreira Gordo, e a sua notícia deu origem à ideia de que se tratava de uma das duas vias originais, opinião que tem sido geralmente seguida. No entanto, em 1935, Armando Cortesão, após ter visto a obra, indicou não ser o texto escrito por Bocarro, e quanto às plantas julgou-as de execução bastante melhor do que as do códice de Évora. «O exemplar de Madrid é incontestàvelmente muito mais luxuoso, não só pela distribuição em dois volumes ricamente encadernados, mas também pela mais apurada caligrafia e melhor desenho. Combinando todas estas circunstâncias com o facto do papel ser diverso, pelo menos nas dimensões, e a ortografia perfeitamente distinta nos dois códices, é-se levado a concluir que muito possìvelmente o códice de Évora é o original e o de Madrid, uma cópia, provàvelmente feita em Portugal e especialmente destinada a Filipe IV (III de Portugal)» (10). Tendo tido depois ocasião de examinar os volumes de Madrid, e de posse das reproduções fotográficas das plantas dos vários exemplares que se conhecem da obra, podemos comprovar tal opinião. As plantas do exemplar de Madrid não são da mão de Pedro Barreto de Resende, e pudemos identificar o seu autor, sem sombra de dúvida, como sendo o cartógrafo João Teixeira I. É característico o desenho dos montes e vegetação, o colorido (sobretudo o emprego dos roxos e amarelos) e a letra, o que em grande parte se pode verificar pelas reproduções que damos. Por outro lado, é incontestável que tais desenhos se baseiam nos de Pedro Barreto de Resende, limitando-se João Teixeira a melhorar o seu aspecto artístico (11).

Em conclusão, afigura-se-nos lícito deduzir que, chegadas as vias originais do *Livro* de Bocarro a Lisboa, estas ficaram em Portugal, tendo sido resolvido enviar ao monarca, para Madrid, uma cópia com melhor apresentação artística, do que teria sido encarregado, no que respeita às plantas, João Teixeira I, ao tempo o melhor cartógrafo português. Supomos que tal cópia teria sido feita pouco depois de chegarem as vias originais a Lisboa, pelo que a datamos de c. 1635.

4 — A *Descripçam da Fortaleza de Sofala, e das mais da India,* de António de Maris Carneiro, 1639, na Biblioteca Nacional de Lisboa, com 48 plantas

Este códice encontra-se presentemente na Biblioteca Nacional de Lisboa, com a cota «Iluminados n.º 149», tendo sido adquirido no leilão da Livraria de José Maria Nepomuceno, em Agosto de 1897, por 70.500 réis. Este último por sua vez havia-o adquirido no malfadado leilão Castelo-Melhor, em 1879, por 71.000 réis (12). Numa encadernação de carneira, tem 56 folhas de papel, 455 × 690 mm. Na do rosto lê-se *Descripçam da Fortaleza de Sofala, e das mais da India com uma Rellaçam das Religiões todas, q̃ há no mesmo Estado, pelo Cosmografo Mor Antonio de Maris Carneiro. 1639.* Segue-se a esta folha outra contendo o brazão de armas do autor (Maris) e a assinatura *feito pello Cosmografo mor Antº de maris Carnro. 1639,* e mais seis folhas com texto, após o que vêm 48 folhas com plantas de cidades e fortalezas do Oriente, manuscritas e coloridas, pela seguinte ordem:

1 — Sofala; 2 — Moçambique; 3 — Mombaça; 4 — Curiate; 5 — Mascate; 6 — Matara; 7 — Sibo; 8 — Borca; 9 — Soar; 10 — Corfacão (Est. 582A); 11 — Quelba; 12 — Libédia (Estampa 582 C); 13 — Mada (Estampa 582 B); 14 — Doba (Estampa 582 D); 15 — Dio; 16 — Damão; 17 — Sangens e Danu; 18 — Trapor; 19 — Sirgão e Maim; 20 — Agaçaim e Manora; 21 — Serra de Asserim; 22 — Baçaim; 23 — Tana; 24 — Bombaim e Carania; 25 — Morro de Chaul; 26 — Chaul; 27 — Terras de Bardês; 28 — Ilha de Goa (Estampa 586 E); 29 — Terras de Salcete; 30 — Onor; 31 — Barcelor 32 — Cambolim; 33 — Mangalor; 34 — Cananor; 35 — Negumbo; 36 — Columbo; 37 — Caliture; 38 — Gale; 39 — Baía de Tanavare; 40 — Baía de Beligão; 41 — Batecalou; 42 — Triquinimale; 43 — Jafanapatão;

(10) A. Cortesão 1935, Vol. II, pp. 98-9.

(11) Não procedemos ao exame comparativo dos textos, mas registamos que J. Gentil da Silva, *Alguns elementos para a história do comércio da Índia de Portugal existentes na Biblioteca Nacional de Madrid,* in *Anais da Junta de Investigações Coloniais,* Vol. V, Tomo II, p. 46, Lisboa 1950, aponta haver apenas ligeiras variantes no manuscrito de Madrid em relação ao de Évora.

(12) *Catalogo da livraria do Falecido Distinto Bibliographo e Bibliophilo José Maria Nepomuceno,* n.º 2062, Lisboa 1897. *Catalogo dos Preciosos Manuscriptos da Bibliotheca da Casa dos Marquezes de Castello Melhor,* n.º 245, Lisboa 1878.

588 D); 49 — São Thomé (Mailapur) (Plate 588 E); 50 — Malacca; 51 — Macao; 52 — Solor.

The two volumes are in their original green leather binding, gilt-tooled, the spine of the first being lettered *Fortalezas y civdades de la Yndia de Portugal,* and that of the second *Plant[as] de las Fortalezas dela Yndia de Portugal.*

As noted above, the manuscript was examined in Madrid in 1790 by Ferreira Gordo, whose notice of it first gave rise to the opinion — generally accepted after him — that this was one of the two original drafts. In 1935 however Armando Cortesão, after seeing the work, asserted that the text was not written by Bocarro, while he considered the drawings to be better executed than those in the Évora codex. «The Madrid manuscript is unquestionably much more sumptuous, by reason not only of the rich binding of the two volumes into which it is divided, but also of its finer calligraphy and better drawing. All these circumstances, with the difference in the paper, at least as regards dimensions, and the quite distinct orthography of the two manuscripts, leads us to the conclusion that the Évora codex is very likely the original and that of Madrid a copy probably made in Portugal and designed specially for Philip IV (III of Portugal)» (10). Having since had the opportunity to examine the volumes in Madrid, and having at our disposal photocopies of the plans in all the known manuscripts of the work, we can confirm this judgment. The drawings in the Madrid manuscript are not from the hand of Pedro Barreto de Resende, and we can identify their author, without a shadow of doubt, as the cartographer João Teixeira I. Characteristic of his handiwork are the drawing of mountains and vegetation, the colouring (especially the use of violets and yellows) and the writing, as can be largely verified from the reproductions we give. It is nevertheless certain that these drawings are based on those of Pedro Barreto de Resende and that João Teixeira confined himself to improving them from the artistic point of view (11).

In conclusion, we think it permissible to infer that the original drafts of Bocarro's «Book», after their arrival in Lisbon, remained in Portugal, and that it was decided to send to the King in Madrid a copy more artistically executed, for which João Teixeira I, the best Portuguese cartographer of the day, received the commission, at least for the plans. This copy may be conjectured to have been made soon after the originals reached Lisbon, and we therefore date it c. 1635.

4 — The «Description of the Fortress of Sofala, and other [fortresses] of India», by António de Maris Carneiro, 1639, in the Biblioteca Nacional, Lisbon, with 48 drawings

This manuscript is now in the Biblioteca Nacional, Lisbon, with the classmark «Iluminados n.º 149», having been purchased for 70,500 *reis* in August 1897 at the auction of the library of José Maria Nepomuceno, who had in his turn acquired it for 71,000 *reis* at the ill-fated Castelo-Melhor sale of 1879 (12). It is in a leather binding and contains 56 leaves of paper, measuring 455 × 690 mm. The title-page reads «Description of the Fortress of Sofala, and other [fortresses] of India, with an account of all the Religions that are in this State, by the Cosmographer major Antonio de Maris Carneiro. 1639». This leaf is followed by one bearing the coat of arms of the author (Maris) and the signature «made by the Cosmographer major Antº de maris Carnro. 1639», and by six more leaves with text, after which come 48 leaves with coloured drawings of cities and fortresses of the East, in the following order:

1 — Sofala; 2 — Mozambique; 3 — Mombasa; 4 — Quryat; 5 — Muscat; 6 — Matrah; 7 — as-Sib; 8 — Barkah; 9 — Sohar; 10 — Khor Fakkan (Plate 582 A); 11 — Khor Kalba; 12 — al-Badi (Plate 582 C); 13 — Murbah (Plate 582 B); 14 — Dibba (Plate 582 D); 15 — Diu; 16 — Damão; 17 — Sanjan and Dahanu; 18 — Tarapur; 19 — *Sirgão* and Mahim; 20 — Agashi and Manori; 21 — Mountain of Asheri; 22 — Bassein; 23 — Thana; 24 — Bombay and Karanja; 25 — Mountain of Chaul; 26 — Chaul; 27 — Lands of Bardez; 28 — Island of Goa (Plate 586 E); 29 — Lands of Salsette; 30 — Honawar; 31 — Basrur; 32 — Cambolim; 33 — Mangalore; 34 — Cannanore; 35 — Negombo; 36 — Colombo; 37 — Kalutara; 38 — Galle; 39 — Bay of Dondra; 40 — Bay of Weligama; 41 — Batticaloa; 42 — Trincomalee;

(10) A. Cortesão 1935, Vol. II, pp. 98-9.

(11) We have not made any comparative study of the texts, but we note that J. Gentil da Silva, *Alguns elementos para a história do comércio da Índia de Portugal existentes na Biblioteca Nacional de Madrid,* in *Anais da Junta de Investigações Coloniais,* Vol. V, Tomo II, p. 46, Lisboa 1950, has pointed out some slight variations between the manuscripts of Madrid and Évora.

(12) *Catalogo da livraria do Falecido Distinto Bibliographo e Bibliophilo José Maria Nepomuceno,* n.º 2062, Lisboa 1897. *Catalogo dos Preciosos Manuscriptos da Bibliotheca da Casa dos Marquezes de Castello Melhor,* n.º 245, Lisboa 1878.

44 — Negapatão; 45 — São Tomé de Meliapor; 46 — Malaca; 47 — Macau; 48 — Solor.

Entre as folhas 34 e 35 notam-se vestígios de terem sido arrancadas quatro folhas, as quais deviam conter as plantas de Cranganor, Cochim, Coulão e Manar. É fácil verificar, nomeadamente pelas reproduções que damos, que Maris Carneiro — que foi um descabelado apropriador de trabalhos alheios — copiou, de forma ainda mais grosseira, desenhos originais de Pedro Barreto de Resende. Como os códices deste têm mais plantas, conclui-se que Maris de Carneiro utilizou um exemplar do *Livro* de Bocarro, naturalmente uma das duas vias originais enviadas de Goa em 1635.

5 — Exemplar, do século XVII, em Ceylon Government Archives, Columbo, com 52 plantas de um anónimo

Este exemplar foi adquirido em 1957 pelos Ceylon Government Archives, de Columbo, ao livreiro londrino Ifan Kyrle Fletcher. Segundo nos informa o Prof. C. R. Boxer, trata-se do mesmo exemplar que estava à venda em 1924 no livreiro londrino Maggs Brothers. Por nossa parte, julgamos tratar-se ainda do mesmo exemplar que pertenceu à Casa Castelo-Melhor e depois a José Maria Nepomuceno e ao Conde do Ameal, a avaliar pelas descrições dos respectivos catálogos de leilão (13). Trata-se de um códice, encadernado em carneira, com 219 folhas de papel numeradas, incluindo 52 plantas traçadas à pena e não coloridas, 450 × 580 mm, sendo a letra do texto do século XVII. O título é *Liuro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades e Pouoações do Estado da India Oriental. Com todas as descripsões da altura em que estão & tudo o q̃ ha nellas, Artilheria, Prizidio, Gente de Armas, & Vassalos, Rendimento & despeza, fundos & baixos das barras, Reys da terra dentro, o poder q̃ tem, a paz, & guerra, q̃ guardão, & tudo o q̃ está debaixo da Coroa de Hespanha, Feita por Antonio Bocarro guarda mor da Torre do Tombo, & Coronista do Estado. Dedicado á Serenissima Magestade del Rey Felippe 4.º das Hespanhas, e o 3º de Portugal Rey e Senhor nosso.* Segue-se a epistola-dedicatória, de 17 de Fevereiro de 1635, nos termos que se viram atrás.

As plantas são as mesmas que vêm nos códices de Évora e de Oxford. Supomos que foram copiadas do códice de Évora, pois, como sucede neste, e ao contrário do de Oxford (sendo essa a única diferença que se regista entre os dois na ordem das plantas), a planta de Cambolim antecede a de Barcelor.

B — *O LIVRO DO ESTADO DA INDIA ORIENTAL* DE PEDRO BARRETO DE RESENDE, 1636 (?)

Ao estudarmos a origem e execução do *Livro das Plantas de Todas as Fortalezas,* de António Bocarro, transcrevemos uma passagem do códice de Paris, de Pedro Barreto de Resende, que revela ter este cedido àquele, em troca dos seus textos, as plantas que já tinha reunido. Na sequência dessa passagem, lê-se o seguinte: «... e fazendo eu depois outro [livro] de todas as despezas e rendimentos das fortalezas de todo o Estado da India por menor, achey as contas das despezas e rendimentos por fortalezas que elle pôz nos livros que foram a El Rey muito errados, e as emendey da forma que aqui vão — que são tiradas por menor de todas as contas que os Feitores dão nos contos desta cidade de Goa, e da fazenda della — onde se pagaõ todos os Soldos ordenados e ordinarios, e pello regimento da matricula geral, onde se descontão todos os ditos soldos ordenados e ordinarios, que me não custou pouco a alcançar; o que elle não poude fazer, por se lhe não darem nos tribunais os livros e noticias que lhe eraõ necessarios. Alem da emenda destas contas leva este livro mais do que o Chronista mandou a S. Mag.de — Todas as Fortalezas que ha em todas as costas da India apontadas, quer sejam de Mouros quer de Enimigos da Europa de que eu tive noticia, e que pude alcançar desde o Cabo da Boa Esperança até o Japão e Manilha...».

Conclui-se, portanto, que Resende, de posse dos textos de Bocarro, os aperfeiçoou nalguns pontos (14) e lhes juntou novas plantas. Além disso, como veremos, acrescentou à obra a lista das armadas da India

(13) Ifan Kyrle Fletcher, *Catalogue 177,* n.º 155, London 1957. Maggs Bros. *Catalogue 452,* Part I (Bibliotheca Asiatica), n.º 191, London 1924. *Catalogo dos Preciosos Manuscriptos da Bibliotheca da Casa dos Marquezes de Castello Melhor,* n.º 244, Lisboa 1878 (num exemplar que vimos vem anotado que foi então adquirido por Nepomuceno por 50.500 réis). *Catalogo da Livraria do Falecido Distinto Bibliographo e Bibliophilo José Maria Nepomuceno,* n.º 2063, Lisboa 1897; *Catalogo da notavel e preciosa livraria que foi do ilustre bibliofilo conimbricense Conde do Ameal,* n.º 2799, Porto 1924. Não vimos este exemplar, mas pudemos fazer uma ideia dele através de um microfilm existente no British Museum.

(14) Comparando os textos dos códices de Bocarro e de Resende, C. R. Boxer chegou no entanto à conclusão de que os aperfeiçoamentos introduzidos pelo último são muito limitados (*op. cit.* na nota 6, p. 210).

43 — Jaffna; 44 — Negapatam; 45 — São Thomé (Mailapur); 46 — Malacca; 47 — Macao; 48 — Solor.

Between folios 34 and 35 there are signs that four leaves have been torn out; these must have had the plans of Kranganur, Cochin, Quilon and Mannar. It is evident, especially from our reproductions, that Maris Carneiro — who was an inveterate appropriator of other men's work — copied, rather more crudely, original drawings by Pedro Barreto de Resende. As the Resende manuscripts contain a larger number of drawings, we infer that Maris Carneiro used a manuscript of Bocarro's «Book», naturally one of the two original drafts sent from Goa in 1635.

5 — Manuscript of the XVII century, in the Ceylon Government Archives, Colombo, with 52 drawings by an unknown artist

This manuscript was purchased in 1957 by the Ceylon Government Archives, Colombo, from the London bookseller Ifan Kyrle Fletcher. C. R. Boxer informs us that it is the manuscript which was offered for sale in 1924 by the booksellers Maggs Brothers, of London. In our opinion, it may also be identified with the manuscript which belonged to the Castelo-Melhor family and subsequently to J. M. Nepomuceno and the Count do Ameal, to judge from the descriptions in the respective sale catalogues (13). The codex is bound in leather and has 219 numbered leaves of paper, with 52 pen-drawings, uncoloured, 450 × 580 mm, and text written in a XVII-century hand. The title reads «Book of the Plans of all the Fortresses, Cities and Towns of the State of Oriental India. With all the descriptions of their situation and of everything in them, artillery, garrisons, men of arms, and vassals, revenue and expenses, depths and shoals at the bars, kings of the interior, their strength and the peaceful or warlike relations which they maintain, and all that is subject to the Crown of Spain. Composed by António Bocarro, keeper of the Torre do Tombo and Chronicler of the State. Dedicated to His Most Serene Royal Majesty Philip IV of the Spains and III of Portugal, our Lord the King». There follows the dedicatory epistle of 17 February 1635, in the wording given above.

The plans are the same as in the manuscripts of Évora and Oxford. We suppose them to have been copied from the Évora codex, since the plan of Cambolim precedes that of Basrur, as in the Évora manuscript but not that of Oxford (the only respect in which the order of the plans differs in these two manuscripts).

B — THE «BOOK OF THE STATE OF ORIENTAL INDIA», BY PEDRO BARRETO DE RESENDE, 1636 (?)

In studying the origin and execution of the «Book of the Plans of all the Fortresses» by António Bocarro, we transcribed from the Paris manuscript a passage by Pedro Barreto de Resende, showing that he handed over the plans, already assembled by him, to Bocarro, to supplement the latter's texts. The continuation of this passage runs: «... and as I afterwards made another [book] of all the expenses and revenues of the fortresses of all the State of India in detail, I found the accounts of the expenses and revenues of fortresses, which he [Bocarro] put into the books which went to the King, to be very erroneous, and I corrected them in the form here given; and these are extracted in detail from all the accounts given by the Factors in the books of this city of Goa and of its exchequer, whence are paid all the expenses of pay and allowances, and from the orders of the general register in which are entered all the said expenses of pay and allowances, which cost me not a little to ascertain, and which he [Bocarro] could not have done, seeing that in the offices he was not given the books and records which he needed. Besides the correction of these accounts, this book offers more than the Chronicler sent to His Majesty; all the Fortresses in all the coasts of India are described, whether they belong to Moors or to Enemies from Europe, so far as I had knowledge or could learn of them, from the Cape of Good Hope to Japan and Manila...».

It appears therefore that Resende made certain improvements in the texts by Bocarro in his possession (14) and added new drawings to them. Moreover, as we shall see, he augmented the work by a list of the fleets to

(13) Ifan Kyrle Fletcher, *Catalogue 177,* n.º 155, London 1957. Maggs Bros. *Catalogue 452,* Part I (Bibliotheca Asiatica), n.º 191, London 1924. *Catalogo dos Preciosos Manuscriptos da Bibliotheca da Casa dos Marquezes de Castello Melhor,* n.º 244, Lisboa 1878 (according to an annotated copy we have seen, it was then purchased by Nepomuceno for 50,500 *reis*). *Catalogo da Livraria do Falecido Distinto Bibliographo e Bibliophilo José Maria Nepomuceno,* n.º 2063, Lisboa 1897; *Catalogo da notavel e preciosa livraria que foi do ilustre bibliofilo conimbricense Conde do Ameal,* n.º 2799, Porto 1924. We have not seen this manuscript, but have been able to form an idea of it from a microfilm in the British Museum.

(14) Comparison of the texts of the manuscripts of Bocarro and Resende leads C. R. Boxer, however, to the conclusion that the improvements made by the latter are very slight (*op. cit.* in note 6, p. 210).

de 1497 a 1635 e os retratos e biografias de quarenta e quatro Governadores e Vice-reis da Índia.

Pedro Barreto de Resende, natural de Paiva (15), foi para a Índia em 1629 como secretário do vice-rei D. Miguel de Noronha, Conde de Linhares, regressando com ele a Lisboa quando terminou o seu governo. Morreu em Lisboa em 1651.

Do *Livro do Estado da India Oriental* de Pedro Barreto de Resende conhecemos os seguintes exemplares:

6 — Exemplar de c. 1636, da Bibliothèque Nationale de Paris, com 70 plantas de um anónimo

Este exemplar da Bibliothèque Nationale de Paris, com a cota «MSS Fonds Portugais nº 1», tem 422 folhas de papel, numeradas, com 282 × 422 mm. Tem uma boa encadernação em pele vermelha com dourados, tendo a meio das capas as armas de Colbert — do que se deduz que foi para a França ainda no século XVII — e na lombada, *Relacion de India por Pedro Barreto.* O frontispício, a cores, tem ao alto as armas de Portugal e o título *Breue Tratado ov Epilogo de Todos os Visorreys, que tem hauido no Estado da India. Successos q̃ tiverão no tempo de seus gouernos. Armadas de Nauios, & Galeões, q̃ do Reyno de Portugal forão ao dito Estado. E do que succedeo em particular a algũas dellas nas viagens, que fizerão. Feito por Pedro Barreto de Rezende Secretario do Senhor Conde de Linhares Vizorrey do Estado da India No Anno de 1635.* Na folha seguinte, sob o título *Primeira Parte,* inicia-se a relação das armadas da Índia e dos governadores e vice-reis, com 44 retratos, sendo os últimos sucessos referidos, relativos à viagem de regresso a Portugal do Conde de Linhares, em 1636, terminando *E em 9 do dito vez* (*sic*) *em q̃ escrevo este papel, athe aqui se tomou o sol, em 10 g̃rs e mº.* Destes factos pode inferir-se que Resende começou a sua obra em 1635, data que vem no frontispício, e continuava a escrevê-la no ano seguinte, em viagem para Portugal.

Na folha 75 r começa a segunda parte, com o título *Descripções das Fortalezas da India Oriental,* contendo, além do texto, 70 plantas manuscritas e coloridas, cada uma traçada em duas folhas, 422 × 586 mm:

1 — Sofala; 2 — Rios de Cuama (Estampa 579 A); 3 — Moçambique; 4 — Mombaça; 5 — Curiate; 6 — Mascate; 7 — Matara; 8 — Sibo; 9 — Borca; 10 — Soar; 11 — Quelba; 12 — Corfacão; 13 — Libédia; 14 — Mada; 15 — Doba; 16 — Ormuz; 17 — Baçorá; 18 — Ilhas Barem; 19 — Dio; 20 — Tavanapatão (Estampa 583 C); 21 — Surrate (Estampa 583 D); 22 — Damão (Estampa 583 G); 23 — Sangens; 24 — Trapor; 25 — Sirgão; 26 — Manora; 27 — Serra de Asserim; 28 — Baçaim (Estampa 584 E); 29 — Bombaim (Estampa 584 H); 30 — Morro de Chaul; 31 — Chaul (Estampa 585 B); 32 — Terras de Bardês (Estampa 585 D); 33 — Ilha de Goa (Estampa 586 D); 34 — Ilha de Salcete (Estampa 585 H); 35 — Onor (Estampa 587 A); 36 — Cambolim; 37 — Barcelor; 38 — Mangalor; 39 — Cananor; 40 — Cunhale; 41 — Cranganor; 42 — Cochim; 43 — Coulão; 44 — Negapatão; 45 — S. Tomé de Meliapor; 46 — Paleacate; 47 — Manar; 48 — Ilha de Ceilão; 49 — Columbo (Estampa 589 D); 50 — Negumbo; 51 — Caliture; 52 — Jafanapatão; 53 — Gale; 54 — Triquinimale; 55 — Batecalou; 56 — Enseada de Tanavare (Estampa 589 H); 57 — Baía de Beligão (Estampa 589 I); 58 — Maldivas; 59 — Malaca (Estampa 590 H); 60 — Ilha das Naus (Estampa 590 I); 61 — Achem; 62 — Jacarta antiga (Estampa 591 A); 63 — Jacarta moderna (Estampa 591 B); 64 — Molucas (Estampa 591 C); 65 — Amboino (Estampa 591 D); 66 — Solor (Estampa 591 F); 67 — Ende Menor (Estampa 591 E); 68 — Macau (Estampa 591 I); 69 — Formosa (Estampa 591 H); 70 — Manilha (Estampa 591 G).

Ao contrário do que se tem julgado, não cremos que estas plantas sejam da mão de Pedro Barreto de Resende. Comparando-as com as dos códices do *Livro* de Bocarro, em Évora e Oxford, e com a do códice de Resende, em Londres, verifica-se que, embora baseadas nos mesmos protótipos, o estilo é outro, o desenho mais cuidado e a letra diferente, sendo de salientar que neste códice de Paris, ao contrário do que se sucede naqueles, todas as plantas têm o título artìsticamente escrito dentro de elegantes molduras. Além disso, o desenho mostra-se bastante mais aliviado, pela redução dos símbolos da vegetação, menores proporções das casas e dos muros das fortalezas, etc. Não pudemos estudar o texto, a fim de averiguar se se trata de autógrafo ou não, mas não temos dúvida em afirmar que as plantas não são da mão de Pedro Barreto de Resende. É possível que um estudo cuidadoso

(15) No frontispício do códice «Sloane MS. 197» do Museu Britânico diz-se ser natural de *Pauia,* o que supomos ser engano, em vez de *Paiva.*

India from 1497 to 1635 and by portraits and biographies of forty-four Governors and Viceroys of India.

Pedro Barreto de Resende, a native of Paiva (15), went to India in 1629 as secretary to the Viceroy D. Miguel de Noronha, Count de Linhares, returning to Lisbon with him at the end of his term of office. He died in Lisbon in 1651.

The following manuscripts of the «Book of the State of Oriental India», by Pedro Barreto de Resende, are known:

6 — Manuscript of c. 1636, in the Bibliothèque Nationale, Paris, with 70 drawings by an unknown artist

This manuscript in the Bibliothèque Nationale, Paris, classmark «MSS Fonds Portugais n.º 1», has 422 numbered leaves of paper, measuring 282 × × 422 mm. It is well bound in red leather, gilt-tooled, with the arms of Colbert stamped in the middle of the covers — showing that it was in France before the end of the XVII-century — and the spine lettered *Relacion de India por Pedro Barreto.* The titlepage, in colour, has the arms of Portugal surmounting the title «Brief Treatise or Epilogue concerning all the Viceroys who have been in the State of India, Events which occurred during their government, Fleets of Ships and Galleons which went from the Kingdom of Portugal to the said State, and what befell some of them in particular on the voyages which they made. Composed by Pedro Barreto de Rezende, Secretary to the Lord Count de Linhares, Viceroy of the State of India in the year 1635». On the following leaf, below the sub-title «First Part», begins the account of the fleets of India and of the governors and viceroys, with 44 portraits, the latest events recorded being those of the return voyage of the Count de Linhares to Portugal in 1636; it ends «And on the 9th of the said month in which I wrote this paper, at this point the sun was taken in 10 1/2 degrees». These facts suggest that Resende began his work in 1635, the date on the title-page, and continued to write it in the following year, during the voyage to Portugal.

On folio 75 r the second part begins, with the sub-title «Descriptions of the Fortresses of Oriental India». It contains, besides the text, 70 coloured drawings, each occupying two pages and measuring 422 × 586 mm:

1 — Sofala; 2 — Rivers of Cuama (Plate 579 A); 3 — Mozambique; 4 — Mombasa; 5 — Quryat; 6 — Muscat; 7 — Matrah; 8 — as-Sib; 9 — Barkah; 10 — Sohar; 11 — Khor Kalba; 12 — Khor Fakkan; 13 — al-Badi; 14 — Murbah; 15 — Dibba; 16 — Ormuz; 17 — Basra; 18 — Islands of Bahrain; 19 — Diu; 20 — Porto Novo (Plate 583 C); 21 — Surat (Plate 583 D); 22 — Damão (Plate 583 G); 23 — Sanjan; 24 — Tarapur; 25 — *Sirgão;* 26 — Manori; 27 — Mountain of Asheri; 28 — Bassein (Plate 584 E); 29 — Bombay (Plate 584 H); 30 — Mountain of Chaul; 31 — Chaul (Plate 585 B); 32 — Lands of Bardez (Plate 585 D); 33 — Island of Goa (Plate 586 D); 34 — Island of Salsette (Plate 585 H); 35 — Honawar (Plate 587 A); 36 — Cambolim; 37 — Basrur; 38 — Mangalore; 39 — Cannanore; 40 — Cunhale; 41 — Kranganur; 42 — Cochin; 43 — Quilon; 44 — Negapatam; 45 — S. Thomé (Mailapur); 46 — Pulikat; 47 — Mannar; 48 — Island of Ceylon; 49 — Colombo (Plate 589 D); 50 — Negombo; 51 — Kalutara; 52 — Jaffna; 53 — Galle; 54 — Trincomalee; 55 — Batticaloa; 56 — Gulf of Dondra (Plate 589 H); 57 — Bay of Weligama (Plate 589 I); 58 — Maldives; 59 — Malacca (Plate 590 H); 60 — Pulo Besar (Plate 590 I); 61 — Achin; 62 — Old Jakarta (Plate 591 A); 63 — New Jakarta (Plate 591 B); 64 — Moluccas (Plate 591 C); 65 — Amboina (Plate 591 D); 66 — Solor (Plate 591 F); 67 — Ende (Plate 591 E); 68 — Macao (Plate 591 I); 69 — Formosa (Plate 591 H); 70 — Manila (Plate 591 G).

Contrary to the general opinion, we do not believe these drawings to be from the hand of Pedro Barreto de Resende. Comparison of them with those in the Évora and Oxford manuscripts of Bocarro's «Book», and in the London manuscript of Resende, shows that, while they are derived from the same prototypes, the style is different, the drawing more careful and the lettering distinct, and it is noteworthy that in this Paris manuscript, unlike those which follow, every plan has its title artistically written within an elegant frame. In addition, the drawing is considerably simplified by reducing the number of vegetation symbols and the size of the houses and walls of fortresses, etc. We have not been able to study the text in order to determine whether it is autograph or not, but we have no hesitation in saying that the drawings are not by Pedro Barreto de Resende. A careful study might throw more light

(15) On the title-page of «Sloane MS. 197» in the British Museum he is stated to be a native of *Pauia,* which we suppose to be an error for *Paiva.*

permita aclarar melhor o assunto, mas de momento não podemos propor mais que um vago c. 1636 como sendo a data das plantas.

Existem dois facsimiles completos (textos e desenhos) deste exemplar; um dos Duques de Palmela, feito em 1849 por Jules Feuquières, o outro na Biblioteca Nacional de Lisboa, feito de 1887 a 1889 por Cristina Garin dos Santos (16).

7 — Atlas de 1663, da Biblioteca da Ajuda, com 70 plantas de João Nunes Tinoco

Na Biblioteca da Ajuda, com a cota «46-XIII-10», existe um códice, com folhas de papel, 288 × 430 mm, encadernado em carneira, composto de três partes, das quais só uma, a segunda, tem título e assinatura: *Livro das Praças de Portugal com suas fortificações, Desenhadas pelos engenheiros de S. Mg.de Cosmander, Gilot, Langres, Santacolomba, & outros; delineadas por João Nunez Tinoco. Architecto de S. Magestade. Anno 1663.* A terceira é uma cópia, feita pelo mesmo Tinoco, do atlas do Brasil de João Teixeira I, de 1640, como mostrámos no Volume IV, p. 129 (17). A primeira parte compreende 70 plantas de cidades e fortalezas do Oriente, manuscritas, 233 × 365 mm a parte desenhada, das quais apenas sete estão coloridas, sendo as restantes traçadas à pena simplesmente, estando todas desprovidas de quaisquer títulos ou nomenclatura e tendo o aspecto de inacabadas. Comparando-as com o resto do códice, vê-se que são também da mão de Tinoco.

O cotejo com as cartas do códice de Paris que analisámos no número anterior, mostra, sem sombra de dúvida, que Tinoco as copiou dele: o desenho (excluindo as molduras com os títulos) tem as mesmas dimensões, trata-se exactamente das mesmas representações, e verifica-se a igualdade de um grande número de pormenores. Como se disse atrás, as cartas do códice de Paris não são da mão de Pedro Barreto de Resende, distinguindo-se das deste por um melhor estilo, menores dimensões das casas e muralhas, e por vários outros aspectos. Tais características encontram-se precisamente nas cópias de Tinoco, tendo este último eliminado, por sua vez, a representação da vegetação e das ondulações do terreno.

É de admitir que Tinoco tenha feito tais cópias na mesma altura em que traçou o *Livro das Praças de Portugal,* 1663, de onde se conclui que o códice que lhe serviu de modelo e agora está em Paris, se encontrava ainda então em Portugal.

8 — Exemplar de 1646, do British Museum, com 66 plantas de Pedro Barreto de Resende, 9 cartas de Pedro Berthelot (de 1635) e uma de um anónimo

Este importante códice encontra-se no British Museum, onde tem a cota «Sloane MS. 197». Numa encadernação do século XVIII, contém 416 folhas de papel, 304 × 420 mm, estando a primeira e as duas últimas em branco. No frontispício lê-se *Livro do Estado da India Oriental Repartido em tres partes, a primeira contem todos os retratos dos Vizorreis que tem auido no dito estado athe o anno de 634. com descripsois de seus gouernos. — A segunda parte contem as plantas das Fortalezas que há do cabo da boa esperança athe a fortaleza de Chaul e com larga descripçao de tudo ho que há em cada hũa das dittas fortalezas, Rendimento e gasto que tem, e tudo o mais que lhe toca. — A terceira contem as plantas de todas as fortalezas que ha de Goa athe a China, com descripção da mesma forma: e vão juntamente plantas de fortalezas que não são do estado que por estarem nas mesmas costas se puzerão por curiozidade — Feito pello capitão P.º Barreto de Resende caualleiro professo da ordem de São Bento de Auis, natural de Pauia* [sic] *Anno de 1646.* A seguir ao frontispício encontram-se os restos de duas folhas que foram cortadas, e que provàvelmente continham uma introdução no género da que se vê no exemplar de Paris. Vêm depois duas folhas com um índice geral, precedendo a *Primeyra Parte deste liuro do Estado da India Oriental, a qual Contem hum Breue tratado de todos os Vizorreis q̃ há hauido no dito Estado que aqui vem Estampados: susesos q tiuerão pormenor No tempo de seus Gouernos — Armadas de Naos & galleõis que de Portugal pasarã há jndia No tempo do gouerno De cada Vizorrey & susesos q̃ tiuerã assy na viagem Para a jndia como na Volta para Portugal comesando Pella primeyra Em q̃ Vasco da Gama foy ao descobrymento daquellas Partes.* Nesta parte contam-se 44 retratos, sendo o último o do Conde de Linhares, bastante bem feitos e coloridos, desenhados em papel diferente e colados nas folhas do códice, medindo cerca de 131 × 181 mm. Cada retrato tem o nome do respectivo Vice-rei ou Governador, em letra

(16) Ambos são descritos por Ernesto de Vasconcelos 1904, n.os 17 e 18.

(17) Aí tratamos da história do códice, e mais adiante voltaremos a ele, a propósito da sua segunda parte.

on the question, but at present we can suggest only a rough date of c. 1636 for the drawings.

Two complete facsimiles of this manuscript (both text and drawings) exist: one belonging to the Duke de Palmela, made in 1849, by Jules Feuquières, the other to the Biblioteca Nacional, Lisbon, made 1887-89 by Cristina Garin dos Santos (16).

7 — Atlas of 1663, in the Biblioteca da Ajuda, with 70 drawings by João Nunes Tinoco

In the Biblioteca da Ajuda, with the classmark «46-XIII-10», is a manuscript, with paper leaves measuring 288 × 430 mm, bound in leather and divided into three parts, the second of which has the title and signature: «Book of the Strongholds of Portugal with their fortifications, drawn by His Majesty's engineers Cosmander, Gilot, Langres, Santacolomba, and others, and delineated by João Nunez Tinoco, Architect of His Majesty, in the year 1663». The third part is a copy, also made by Tinoco, of the 1640 atlas of Brazil by João Teixeira I, as we have shown in Volume IV, page 129 (17). The first part is made up of 70 drawings of cities and fortresses of the East, the design measuring 233 × 365 mm; only seven are coloured, the remainder being pen-drawings; none of the drawings has a title or nomenclature, and they appear to be unfinished. Comparison with the rest of the atlas shows that they too are from Tinoco's hand.

Collation with the drawings of the Paris manuscript described above demonstrates, without a shadow of doubt, that Tinoco made his copies from that codex: the design (excluding the panels with titles) has the same dimensions, the delineation is exactly the same, and a large number of details correspond in the two manuscripts. As we have shown, the drawings of the Paris codex are not by Pedro Barreto de Resende, being distinguished from his work by their superior style, the smaller size of houses and walls, and several other characteristics. Precisely these features reappear in the copies by Tinoco, who has gone further and omitted the representation of vegetation and of relief.

Since Tinoco presumably made these copies at the same time as he drew his «Book of the Strongholds of Portugal», in 1663, we may infer that the manuscript (now kept in Paris) which he took as a model was then still in Portugal.

8 — Manuscript of 1646, in the British Museum, with 66 drawings by Pedro Barreto de Resende, 9 charts by Pedro Berthelot (1635), and one by an unknown artist

This important codex is in the British Museum, classmark «Sloane MS. 197». It is in an XVIII-century binding and contains 416 leaves of paper measuring 304 × 420 mm, the first leaf and the last two being blank. The title-page reads «Book of the State of Oriental India, divided into three parts. The first contains all the portraits of the Viceroys who have been in the said State to the year 634, with descriptions of their government. — The second part contains the plans of the Fortresses from the Cape of Good Hope to the fortress of Chaul, with a long description of everything there is in each of the said fortresses, their revenue and expenditure, and all else concerning them. — The third part contains the plans of all the fortresses from Goa to China, with a description of their form; together with plans of fortresses which, although they do not belong to the State, lie in the same coasts and are included for curiosity. — Made by Captain P.º Barreto de Resende, professed knight of the Order of St Benedict of Aviz, native of Pauia [*sic*], in the year 1646». After the title-page there are the stubs of two leaves which have been cut out and which probably bore an introduction of the type found in the Paris manuscript. Then come two leaves with a general list, followed by the «First Part of this book of the State of Oriental India, containing a brief treatise of all the Viceroys who have been in the said State and who are here portrayed; the events which occurred during their government, the fleets of ships and of galleons which came from Portugal to India in the government of each Viceroy; and the events which occurred on the voyage to India and the return to Portugal, beginning with the first, in which Vasco da Gama made the discovery of these parts». This section contains 44 portraits, the last being that of the Count de Linhares, fairly well drawn and coloured, on different paper, and pasted on the leaves of the codex, each measuring about 131 ×181 mm. Each portrait bears the name of the Viceroy or Governor represented, in the same

(16) Both are described by Ernesto de Vasconcelos 1904, n.os 17 and 18.

(17) We discuss the history of the manuscript there, but shall return to it below, in reference to the second part.

que é igual à das notas que se vêem nalgumas das plantas, e é possìvelmente de Barreto de Resende, ao passo que o texto, em letra melhor, deve ser de um copista. Estes retratos são entremeados com os textos relativos às armadas e principais sucessos de cada Governo. Esta parte termina com a notícia da partida do Conde de Linhares, de Goa para o Reino, em 1636, finalizando «& agora ficara fassil a qualquer Curiozo proseguir avante os Gouernos dos Vizorreis & susesos das naos comesando deste anno de trinta e seis perdiante».

Vem a seguir (Fol. 79 r) a *Segunda Parte deste Liuro do Estado da India a qual Contem as plantas De todas as fortalezas q̃ ha desde o Cabo de Boa Esperança athe Chaul Descripsaõ de todas Ellas e de toda a Costa: Reis com quem Comfinão & tudo o mais que se pode Alcansar Rendimento e despeza de Cada huma mt.º Pello meudo feita Pello Capitão P.º Barreto de Resende,* e após (Fol. 240 r) a *Treseyra Parte deste Liuro do Estado da jndia Oriental A qual Contem As plantas de todas as fortalezas que Sua Mag.de tem desde a Cidade de Goa Metropolli & cabeza de todo o Estado e terras Suas adjasentes & descripsõis de todas Ellas e de toda a Costa athe a China; Reis Com quẽ Confinão e tudo o mais q̃ se pode Alcansar: Rendimento e despeza de cada huma muyto pello meudo tiradas as Contas dos Liuros da Matricula geral cõtos e fazenda da Cidade de Goa e nella como cabessa donde tudo mana se fas ho Enserram.to de tudo o q̃ Rende e despende todo o Estado como do dito Enserram.to se podera ver — Vão tãobem Algumas plantas de fortallezas q̃ estam nas ditas costas e jlhas q̃ Não são de Sua Mag.de y se puzerão som.te por curiozidade como nellas se declara.* No total, há as seguintes cartas e plantas, pela ordem em que aparecem:

1 — Sueste de África, desde a Aguada do Saldanha ao delta do Zambeze, com o sudoeste de Madagascar, e a legenda *Petrus Berthelot primum cosmographicum indianorum imperium faciebat anno domini 1635,* lendo-se por baixo dela *Todas estas folhas se aõ de ajustar conforme vaõ apontadas Pelas letras do abecedario Pondo duas semelhantes Letras hua asima da outra a saber A cõ A e B cõ B como nas folhas ... esta descrito por letras vermelhas Por mas declaraçaõ* (Estampa 575 A). Na realidade, esta e as seguintes cartas de Berthelot, que são apenas traçadas à pena e não coloridas, trazem todas a indicação de tais letras para ajustamento; 2 — Sofala; 3 — *Descripcão dos Rios de Cuama* (Estampa 580 B), colorida, e de anónimo que não é Berthelot nem Resende. 4 — África oriental, desde o delta do Zambeze a Pate, com Madagascar e ilhas próximas, tendo a legenda em latim, semelhante à da carta 1, com a assinatura de Berthelot e a data 1635 (Estampa 575 E); 5 — Ilha de Moçambique (Estampa 580 E); 6 — Ilha de Mombaça (Estampa 580 H); 7 — África oriental, desde Pate ao sul do Mar Roxo, com legenda análoga à de 1 (Berthelot, 1635) (Estampa 575 B); 8 — Curiate; 9 — Mascate; 10 — Matara; 11 — Sibo; 12 — Borca; 13 — Soar; 14 — Quelba; 15 — Corfacão; 16 — Libédia; 17 — Mada; 18 — Dubo, Doba e Mocombi; 19 — Mar Roxo e Golfo Pérsico, de Berthelot 1635 (Estampa 575 C); 20 — Ormuz (Estampa 582 G); 21 — Baçora (Estampa 582 I); 22 — Índia, com a legenda *Descripcao potographica* [sic] *en que se ue os uerdadeiros sitios arimacoies & halturas das costas do ssindo diu ençeada de Cambaya India çeilan & charamandel cõ as sundas fondo surgidouros entradas dos ditos portos da reformação e noua enmenda de pedro Berthelot piloto & cosmographo mor da india 1635* (Estampa 575 F); 23 — Ilhas Barem (Estampa 582 H); 24 — Dio; 25 — Surrate; 26 — Damão; 27 — Sangens e Danu; 28 — Trapor; 29 — Sirgão e Maim; 30 — Agaçaim e Manora; 31 — Serra de Asserim; 32 — Baçaim; 33 — Tana; 34 — Bombaim; 35 — Morro de Chaul; 36 — Chaul; 37 — Terras de Bardês; 38 — Fortaleza da Aguada; 39 — Fortaleza de Bardês; 40 — Ilha de Goa (Estampa 586 F); 41 — Terras de Salcete; 42 — Onor; 43 — Cambolim; 44 — Barcelor; 45 — Mangalor; 46 — Cananor; 47 — Cunhale; 48 — Cranganor; 49 — Cochim; 50 — Coulão; 51 — Negapatão; 52 — São Tomé de Meliapor; 53 — Paleacate (Estampa 588 F); 54 — Manar (Estampa 588 I); 55 — Ilha de Ceilão (Estampa 588 G) tendo no verso a legenda *Esta he a Planta de toda a jlha de Ceylão Toda a terra q̃ Esta do Risco preto pera dentro E ajnda dos Chingallos q̃ he os Reynos de Candea e Vua e tudo ho q̃ esta do Risquo para fora q̃ he as fraldas do mar são terras de sua Mag.de: em q̃ tem as fortalezas q̃ ao diante se verão as suas descripsõis;* 56 — Jafanapatão (Estampa 588 H); 57 — Columbo (Estampa 589 C); 58 — Caliture (Estampa 589 E); 59 — Negumbo (Estampa 589 A); 60 — Gale (Estampa 589 G); 61 — Batecalou (Estampa 590A); 62 — Triquilimale (Estampa 590 B); 63 — Ilhas Maldivas (Estampa 590 C); 64 — Golfo de Bengala, com a legenda *Descripcaõ Potografica* [sic] *enque se ue os uerdadeiros sitios Arimacoies & halturas Da costa de gerzellin bangalla aracaõ pegu tanacari Achem malaca & siam cõ o fundo sunda entradas & saidas dos ditos portos da reformaçaõ e noua emenda de Pedro Berthelot piloto & cosmograffo mor da india 1635* (Estampa 576 A); 65 — Malaca (Estampa 590 G); 66 — Peninsula malaia e parte ocidental da Insulíndia, tendo inscripta a longa legenda *Descripcaõ hidrographica mostrando os uerdadeiros*

lettering as that of the legends on some of the plans; this was perhaps done by Barreto de Resende, while the more regular hand of the text must be that of a copyist. These portraits are interspersed among the texts relating to the fleets and principal events under each government. This part ends with the notice of the departure of the Count de Linhares from Goa for Portugal in 1636, concluding «& now it will be easy for the curious to pursue further the governments of the Viceroys & events of the ships commencing from this year thirty-six onward».

There follow (fol. 79 r) the «Second Part of this Book of the State of Oriental India, containing the plans of all the fortresses from the Cape of Good Hope to Chaul, with the description of all of them and of the whole coast, the kings on their boundaries, and all else that can be ascertained, the revenue and expenditure of each. Made with much care by Captain P.º Barreto de Resende», and (fol. 240 r) the «Third Part of this Book of the State of Oriental India, containing the plans of all His Majesty's fortresses from the City of Goa, the metropolis and capital of the whole State and its adjoining territories, with descriptions of them all and of the whole coast as far as China, the kings on their boundaries, and all else that can be ascertained, the revenue and expenditure of each extracted in great detail from the accounts of the books of the general register, the tallies and exchequer of the City of Goa wherein, as the capital, the daily record of the whole yield and charge of the said State is made, as may be seen from the said record. There are also some plans of fortresses in the said coast and islands which do not belong to His Majesty, and which are given only for curiosity as is declared in them». The whole work contains the following charts and plans, in the order shown:

1 — South-east Africa, from Saldanha Bay to the Zambezi delta, with the south-west part of Madagascar, signed *Petrus Berthelot primum cosmographicum indianorum imperium faciebat anno domini 1635,* below which is written: «All these leaves are to be fitted together as indicated by the letters of the alphabet, placing like letters one above the other, that is, A with A and B with B, as on leaves ... is described by red letters for greater clarity» (Plate 575A). In fact, this and the charts by Berthelot which follow, and which are drawn in pen-and-ink only, without colour, all have these key letters for fitting together; 2 — Sofala; 3 — «Description of the Rivers of Cuama» (Plate 580 B), coloured, and by an anonymous artist, neither Berthelot nor Resende; 4 — East Africa, from the Zambezi delta to Patta, with Madagascar and the adjacent islands, having a Latin legend similar to that of chart 1, with Berthelot's signature and the date 1635 (Plate 575 E); 5 — Island of Mozambique (Plate 580 E); 6 — Island of Mombasa (Plate 580 H); 7 — East Africa, from Patta to the southern Red Sea, with a legend similar to that of 1 (Berthelot, 1635) (Plate 575 B); 8 — Quryat; 9 — Muscat; 10 — Matrah; 11 — as-Sib; 12 — Barkah; 13 — Sohar; 14 — Khor Kalba; 15 — Khor Fakkan; 16 — al-Badi; 17 — Murbah; 18 — *Dubo,* Dibba and *Mocombi*; 19 — Red Sea and Persian Gulf (Berthelot, 1635) (Plate 575 C); 20 — Ormuz (Plate 582 G); 21 — Basra (Plate 582 I); 22 — India, with the legend «Potographic [*sic*] description showing the true situation, bearings and heights of the coasts of Sind, Diu, Gulf of Cambay, India, Ceylon and Coromandel, with the soundings, depths, anchorages, entries of the said ports, revised and newly corrected by Pedro Berthelot, pilot and cosmographer-major of India 1635» (Plate 575 F); 23 — Islands of Bahrain (Plate 582 H); 24 — Diu; 25 — Surat; 26 — Damão; 27 — Sanjan and Dahanu; 28 — Tarapur; 29 — *Sirgão* and Mahim; 30 — Agashi and Manori; 31 — Mountain of Asheri; 32 — Bassein; 33 — Thana; 34 — Bombay; 35 — Mountain of Chaul; 36 — Chaul; 37 — Lands of Bardez; 38 — Fortress of Agoada; 39 — Fortress of Bardez; 40 — Island of Goa (Plate 586 F); 41 — Lands of Salsette; 42 — Honawar; 43 — Cambolim; 44 — Basrur; 45 — Mangalore; 46 — Cannanore; 47 — Cunhale; 48 — Kranganur; 49 — Cochin; 50 — Quilon; 51 — Negapatam; 52 — São Thomé (Mailapur); 53 — Pulikat (Plate 588 F); 54 — Mannar (Plate 588 I); 55 — Island of Ceylon (Plate 588 G), with the legend, on the verso, «This is the plan of the whole island of Ceylon, all the land to the interior of the black line belongs to the Cingalese, namely the Kingdoms of Kandy and Uva and all that is outside the line, that is the fringes of the sea, is His Majesty's lands, in which he has the fortresses whose descriptions will be found below»; 56 — Jaffna (Plate 588 H); 57 — Colombo (Plate 589 C); 58 — Kalutara (Plate 589 E); 59 — Negombo (Plate 589 A); 60 — Galle (Plate 589 G); 61 — Batticaloa (Plate 590 A); 62 — Trincomalee (Plate 590 B); 63 — Maldive Islands (Plate 590 C); 64 — Gulf of Bengal, with the legend «Potographic [*sic*] description, showing the true positions, bearings and heights of the coast of *Gergelim,* Bengal, Arakan, Pegu, Tenasserim, Achin, Malacca & Siam, with the depth, sounding, entrance and outlets of the said ports. Revised and newly corrected by Pedro Berthelot, pilot and cosmographer-major of India, 1635» (Plate 576 A); 65 — Malacca (Plate 590 G); 66 — Malay Peninsula and the western part of Insulindia, with the legend «Hydrographic description, showing the true positions, heights and bearings of the coasts

sitios halturas & arimaçoies das costas & ilhas de tanaçari malaca paiane siam cambodja & champa samatra iaua maior parte de borneo cõ seus portos ilhas baxos e canaes adjacentes fondo sunda & a maneira de os nauegar da reformacaõ & noua emenda de pedro Berthelot piloto & cosmographo mor do estado da india fela en goa no anno de 1635 (Estampa 576 B); 67 — Achem (Estampa 590 D); 68 — Jacarta, tendo escrita no verso uma curiosa legenda sobre o pedido de auxílio dirigido ao vice-rei Conde de Linhares pelo Imperador de Matarão (Ilha de Java) com o objectivo especificado de tomar a cidade aos holandeses; 69 — Ilhas Molucas; 70 — Ilhas de Amboino e Banda; 71 — Parte oriental da Insulíndia e Filipinas, contendo a longa legenda *Descripcao hidrographica dos uerdadeiros sitios das ilhas de iaua minor celebes timor solor amboena Banda malucas mindanao Partes das Philipinas & Parte de Borneo cõ seus canaes & estreitos cõ a maneira de os nauegar da reformaçaõ e noua emenda de pedro berthelot Piloto & cosmographo mor da india goa no Anno de 1635* (Estampa 576 C); 72 — Solor; 73 — Norte das Filipinas, China e Japão, contendo a legenda *Verdadeira descripcaõ das costas de quanci china cõ as ilhas de luçon ilha formosa Parte de iappan & coray da reformacaõ & noua emenda de pedro berthelot Piloto & cosmographo mor do estado da india anno 1635* (Estampa 575 D); 74 — Macau; 75 — Formosa; 76 — Manilha.

As nove cartas com a assinatura de Berthelot, não coloridas, têm em média 315 × 410 mm na parte desenhada. As restantes medem, na parte desenhada, 365 × 535 mm, sendo coloridas, com excepção das da Ilha de Barem, Forte da Aguada, Forte de Bardês e Paleacate. A carta dos Rios de Cuama não é de Berthelot nem de quem fez as outras. O autor destas é o mesmo que traçou as cartas dos códices de Bocarro de Évora e Oxford, isto é, o próprio Pedro Barreto de Resende (temos no entanto dúvidas quanto à autoria daquelas quatro plantas não coloridas).

Pedro Berthelot, ou Pierre Berthelot, nasceu em Honfleur no fim de 1600, e começou a vida no mar muito cedo, como moço, na região da Terra Nova. Em 1619 estava embarcado num navio, incendiado pelos holandeses perto de Batavia. De 1622 a 1626 navegou na Insulíndia, durante algum tempo ao serviço dos holandeses. Em 1626 foi recebido pelos portugueses em Malaca, indo para Goa em 1629, sendo muito bem acolhido, e nomeado piloto e cosmógrafo mor do Estado da Índia pelo Conde de Linhares depois de participar na expedição que foi libertar Malaca do bloqueio do rei do Achem e dos holandeses. Em 1632 embarcou com a expedição que foi à reconquista de Mombaça. Em 1634 professou como carmelita descalço em Goa, passando a denominar-se Frei Dinis da Natividade e sendo ordenado padre em 1638. Neste ano foi como piloto de uma armada ao norte de Samatra, sendo aprisionado e massacrado em Achem, por não renegar a sua fé, juntamente com 24 portugueses. Em 1900 foi beatificado. A sua vida é bem conhecida através do que o seu compatriota P. Philippe, também carmelita em Goa, escreveu no livro *Itinerarium orientale R. P. F. Philippi a SS.ma Trinitate Carmelitae Discalceati ab ipso conscriptum,* publicado em Lyon em 1649, e com traduções francesas de 1652 e 1669 (Lyon) e italianas de 1666 (Roma) e 1667 (Veneza). Na edição de 1652 lê-se a seguinte passagem: «Il trauailloit aussi très-parfaitement les cartes marines, qui estoient fort estimées de tout le monde; de sorte que lors qu'il estoit nouice, le comte de Linhares estant sur le point de s'en retourner en Portugal, me coniura très-instamment de luy commander d'en acheuer & d'en peindre vne plus au large comme il l'auoit corrigée; ayant dessein de l'offrir à Sa majesté catholique, comme un présent très-précieux & très-considérable, à quoy il employa environ un mois» (18). Dirá esta passagem respeito às nove cartas de Berthelot, datadas precisamente de 1635, existentes no exemplar do *Livro* de Resende de Londres?

Ferdinand Denis e A. Anthiaume afirmaram que as plantas das cidades e fortalezas do códice de Londres são também da mão de Berthelot, opinião para que igualmente se inclina A. Kammerer (19). Mais recentemente, também Sir John Gray, reproduzindo a planta da ilha de Mombaça do códice de Londres, afirma que ela é da autoria de Berthelot, piloto-mor da expedição de reconquista de Mombaça em 1632 (20). É evidente que não têm razão, pois tais plantas, como já apontámos, são da mesma mão de quem fez as plantas dos códices de Bocarro em Évora e Oxford, isto é Pedro Barreto de Resende. Fàcilmente se verifica aliás — como se pode ver pelas nossas estampas — que o estilo e a letra das cartas de Berthelot são bastante diferentes dos das referidas plantas.

---

(18) Charles Bréard, *Histoire de Pierre Berthelot, Pilote et Cosmographe du Roi de Portugal aux Indes Orientales Carme déchaussé,* Né en Normandie en MDC. Mort à Achem en MDCXXXVIII. Publiée d'après l'*Itinerarium Orientale* avec un préface et des notes, p. 69, Paris 1889.

(19) Ferdinand Denis, *Les arts au Portugal,* p. 207, Paris 1866; A. Anthiaume, *Cartes Marines, Constructions navales, Voyages de Découverte chez les Normands, 1500-1650,* Tome I, pp. 214-228; ambos *apud* A. Kammerer, *La Mer Rouge, l'Abyssinie et l'Arabie aux XVIIe siècles et la Cartographie des Portulans du Monde Oriental,* Tome III, 3e Partie, p. 169. Le Caire 1952.

(20) Sir John Gray, *Early Portuguese Missionaries in East Africa,* p. 35. London 1958.

and islands of Tenasserim, Malacca, Pagan, Siam, Cambodia and Champa, Sumatra, Java Major, part of Borneo with their ports, islands, reefs and adjacent channels, depth, sounding, and the manner of their navigation. Revised and newly corrected by Pedro Berthelot, pilot and cosmographer-major of the State of India, and made in Goa in the year 1635» (Plate 576 B); 67 — Achin (Plate 590 D); 68 — Jakarta, having on the verso a curious legend on the appeal for help directed to the Count de Linhares by the Emperor of Mataram [Java] with the object of taking the city from the Dutch; 69 — Moluccas; 70 — Islands of Amboina and Banda; 71 — Eastern part of Insulindia and the Philippines, with the legend «Hydrographic description of the true positions of the islands of Java Minor, Celebes, Timor, Solor, Amboina, Banda, Moluccas, Mindanao, parts of the Philippines and parts of Borneo, with their channels and straits and the manner of their navigation. Revised and newly corrected by Pedro Berthelot, pilot and cosmographer-major of India, Goa in the year 1635» (Plate 576 C); 72 — Solor; 73 — Northern Philippines, China and Japan, with the legend «True description of the coasts of Kwangsi, China, with the islands of Luzon, Formosa, part of Japan and Korea. Revised and newly corrected by Pedro Berthelot, pilot and cosmographer-major of the State of India, in the year 1635» (Plate 575 D); 74 — Macao; 75 — Formosa; 76 — Manila.

The nine uncoloured charts signed by Berthelot measure, within the design, 315 × 410 mm. The others measure, within the design, 365 × 535 mm, and are coloured, except those of the Island of Bahrain, Fort of Agoada, Fort of Bardez and Pulikat. The chart of the Rivers of Cuama is not by Berthelot, nor by the author of the others, who is to be identified as the draftsman of the Bocarro manuscripts at Évora and Oxford, that is, with Pedro Barreto de Resende himself (although we are doubtful about the authorship of the four uncoloured plans).

Pedro Berthelot, or Pierre Berthelot, was born at Honfleur at the end of 1600, and began his career at sea very early, as a ship's boy, in the Terra Nova seas. In 1619 he was serving in a ship which was burnt by the Dutch near Batavia. From 1622 to 1626 he was making voyages in Insulindia, for some of the time in Dutch service. In 1626 he passed over to the Portuguese in Malacca, and he went to Goa in 1629; he was well received and, after taking part in the expedition sent to relieve Malacca from blockade by the King of Achin and the Dutch, he was appointed pilot and cosmographer-major of the State of India by the Count de Linhares. In 1632 he sailed with the expedition which went to recapture Mombasa. In 1634 he took vows as a Discalced Carmelite in Goa, assuming the name of Frei Dinis da Natividade and being ordained priest in 1638. In the same year he went as pilot of a fleet to northern Sumatra; he was taken prisoner and, because he would not renounce his faith, executed with 24 Portuguese. In 1900 he was beatified. His life is well known from the account of it written by his compatriot P. Philippe, also a Carmelite in Goa, in the book *Itinerarium orientale R. P. F. Philippi a SS.ma Trinitate Carmelitae Discalceati ab ipso conscriptum,* published at Lyons in 1649, with French translations in 1652 and 1669 (Lyons) and Italian translations in 1666 (Rome) and 1667 (Venice). The French edition of 1652 contains the following passage: «Il trauailloit aussi très-parfaitement les cartes marines, qui estoient fort estimées de tout le monde; de sorte que lors qu'il estoit nouice, le comte de Linhares estant sur le point de s'en retourner en Portugal, me coniura très-instamment de luy commander d'en acheuer & d'en peindre vne plus au large comme il l'auoit corrigée; ayant dessein de l'offrir a Sa majesté catholique, comme un présent très-précieux & très-considérable, à quoy il employa environ un mois» (18). Does this passage refer to Berthelot's nine charts, dated in the very year 1635, in the London manuscript of Resende's «Book»?

Ferdinand Denis and A. Anthiaume supposed the plans of cities and fortresses in the London manuscript to be also by Berthelot, a view to which A. Kammerer has also inclined (19). More recently, Sir John Gray too, in reproducing the plan of the island of Mombasa from the London codex, has ascribed it to Berthelot, who was pilot-major of the expedition for the recapture of Mombasa in 1632 (20). This is undoubtedly an error, because these plans (as we have shown) are by the same hand as the plans in the Évora and Oxford manuscripts of Bocarro, that is, by Pedro Barreto de Resende. It is moreover easy to recognise — as can be seen in our plates — that the style and lettering of Berthelot's charts are materially different from those of the plans in question.

---

(18) Charles Bréard, *Histoire de Pierre Berthelot, Pilote et Cosmographe du Roi de Portugal aux Indes Orientales Carme déchaussé,* Né en Normandie en MDC. Mort à Achem en MDCXXXVIII. Publiée d'après l'*Itinerarium Orientale* avec un préface et des notes, p. 69. Paris 1889.

(19) Ferdinand Denis, *Les arts au Portugal,* p. 207, Paris 1866; A. Anthiaume, *Cartes Marines, Constructions navales, Voyages de Découverte chez les Normands, 1500-1650,* Tome I, pp. 214-228; both *apud* A. Kammerer, *La Mer Rouge, l'Abyssinie et l'Arabie aux XVIIe siècles et la Cartographie des Portulans du Monde Oriental,* Tome III, 3e Partie, p. 169. Le Caire 1952.

(20) Sir John Gray, *Early Portuguese Missionaries in East Africa,* p. 35. London 1958.

O códice de Londres foi descrito por Figanière, que aponta ter conseguido ler com alguma dificuldade na primeira página o nome de Francis Parry, o qual foi Ministro da Grã-Bretanha em Portugal em 1676, regressando à Inglaterra em 1680 (21). Barbosa Machado, a propósito de Pedro Barreto de Resende, refere a obra *Noticias de todas as Praças que os Portugueses tinhão na India, desde seus principios até o seu tempo com os rendimentos de cada huma* «primorosamente debuxadas com as figuras dos Vice-Reys illuminadas até o Conde de Linhares; conservava-se em poder de João de Saldanha» (22). Trata-se, evidentemente, de um exemplar da obra de Resende que estamos analisando, e Gaspar de Almeida sugere que poderia ser o que está agora no Museu Britânico, pois o João de Saldanha a que se refere Barbosa Machado talvez seja o tenente-general João de Saldanha de Albuquerque de Matos Coutinho e Noronha (a quem o mesmo Barbosa Machado se refere no Vol. II, p. 746 da sua obra), o qual era em 1667 capitão de cavalos e faleceu com idade provecta em 1732 (23).

A terceira carta do códice de Londres, *Descripcão dos Rios de Cuama,* de um anónimo não identificado, foi reproduzida por Dalrymple em 1787 na *Chart of the East Coast of Africa* a que nos referimos já ao tratar do atlas de 1665 de João Teixeira Albernaz II e é cópia da editada por Mortier em 1700 (Fig. 10). Em tal carta de Dalrymple, além do plano de Sofala, também extraído de Mortier, vêm duas cartelas, uma das quais, com o título *Description of the Rivers of Cuama from a Portuguese MS. of the Brit. Museum,* reproduz a terceira carta do MS. Sloane 197, e a outra, *Coast of Angoxa from a Portuguese MS.,* se baseia igualmente em carta portuguesa, mais moderna, que não identificámos.

9 — Dois Exemplares, sem plantas, em Paris e Lisboa

a) *Bibliothèque Nationale de Paris* — Com a cota «Fonds Portugais nº 36» existe nesta biblioteca um códice, com encadernação datada de 1852, com 412 folhas de papel, contendo várias obras e documentos relativos à Índia até ao ano de 1636. A primeira parte deste códice, de folhas 1 a 308, constitui o *Livro* de Resende, e abre, a folha 1, com o título *Primeira parte deste liuro do Estado da Jndia que contem hum Breue Tratado de todos os Vizorreis e Gouernadores q̃ tem Auido no dito Estado — Sussesos que tiueram No tempo de seus gouernos — Armadas de Naos e Galleois que deste Reyno forã Ao dito Estado e do que susedeo a Algũas dellas na Viagem feito pello Cap^am^: P^o^ Barretto de Rezende.* Nesta parte há 44 retratos, mais perfeitos que os que vêm no «Ms. Fonds Portugais n.º 1» da mesma biblioteca, e traçados em papel diferente colado às folhas do códice. A segunda parte, começando na folha 118, tem o título *Segunda parte d'este livro do estado da India Oriental, que contem as plantas de todas as fortallezas que ha no dito estado, desde o cabo de Boa Esperansa athe a China, com descripsam de tudo o que toca a cada huma d'ellas e vão tambem algumas plantas de fortalezas que não sam do estado e se puzeram aquy por curiozidade, por estarem nas mesmas costas da India;* não se encontram porém quaisquer cartas ou plantas. A folha 161 começa a terceira parte, com o título *Treseira parte d'este livro do estado da India Oriental, que contem*

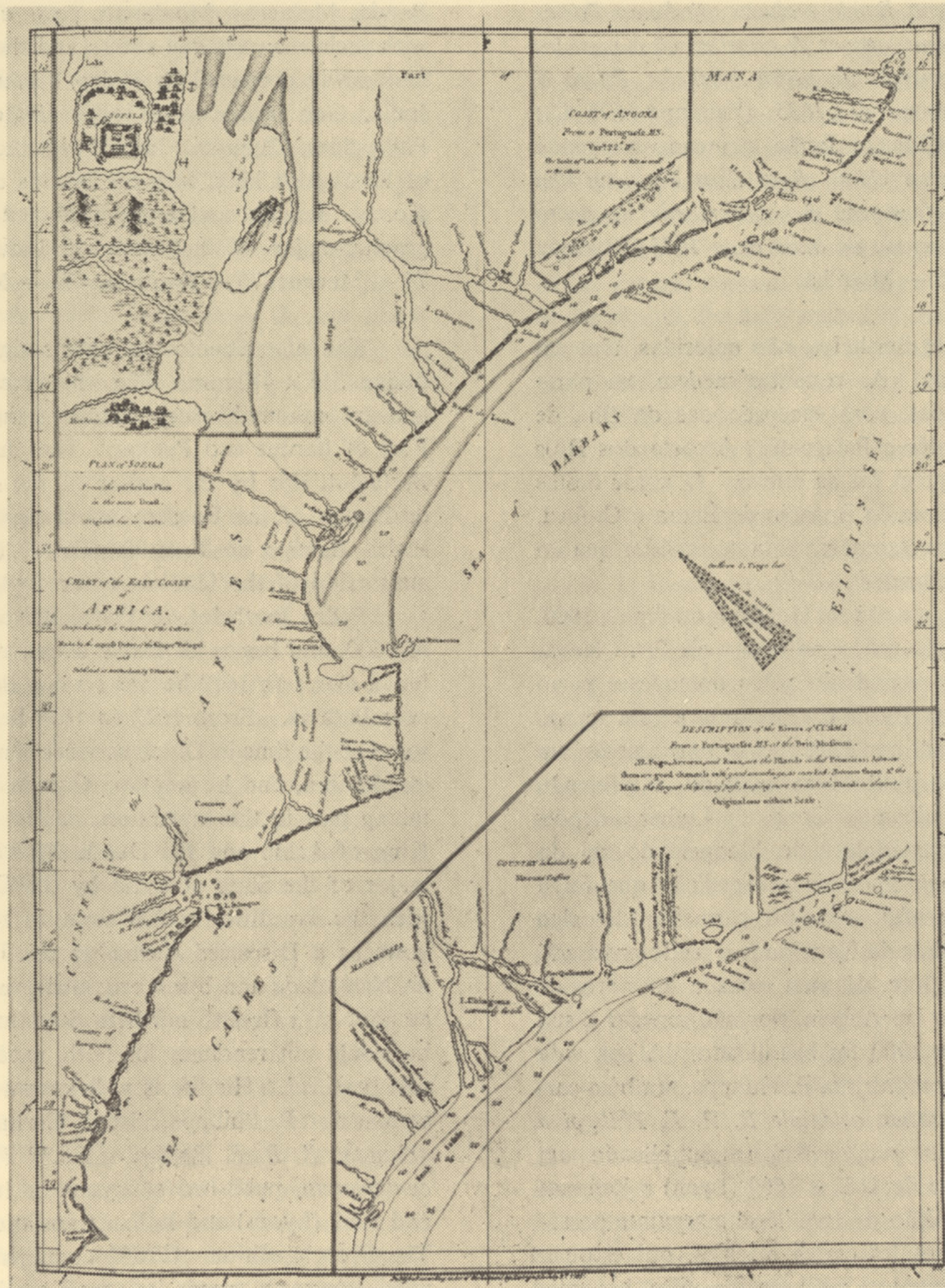


FIG. 10 — «CHART OF THE EAST COAST OF AFRICA», EDITADA POR DALRYMPLE, 1787

«CHART OF THE EAST COAST OF AFRICA», PUBLISHED BY DALRYMPLE, 1787

(21) Frederico Francisco de la Figanière, *Catalogo dos manuscriptos portuguezes existentes no Museu Britannico, em que tambem se dá noticia dos manuscriptos estrangeiros relativos á historia civil, politica e litteraria de Portugal e seus dominios,* pp. 162-3. Lisboa 1853.

(22) Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana,* Vol. III, p. 563. Lisboa 1752.

(23) Gaspar de Almeida, *Inventário de cartografia portuguesa antiga,* inédito, depositado na Escola Naval, Alfeite.

The London manuscript has been described by Figanière, who says that he was able, with some difficulty, to read on the first page the name of Francis Parry, who was British Minister in Portugal in 1676 and returned to England in 1680 (21). Barbosa Machado, in reference to Pedro Barreto de Resende, cites a work entitled «Notices of all the Strongholds which the Portuguese have in India, from their beginning until his time, with the revenue of each», and says that it was «brilliantly illustrated with coloured portraits of the Viceroys to the Count de Linhares, and preserved in the collection of João de Saldanha» (22). This plainly refers to a manuscript of the work by Resende here under consideration, and Gaspar de Almeida suggests that the manuscript recorded by Barbosa Machado might be that now in the British Museum, and that the João de Saldanha named was perhaps Lieutenant-General João de Saldanha de Albuquerque de Matos Coutinho e Noronha (also referred to by Barbosa Machado, Vol. II, p. 746), who was in 1667 a captain of horse and died at an advanced age in 1732 (23).

The third chart of the London manuscript, «Description of the Rivers of Cuama», by an anonymous and unidentified cartographer, was reproduced by Dalrymple in 1787 in his *Chart of the East Coast of Africa* which, in discussing the atlas of 1665 by João Teixeira Albernaz II, we referred to as a copy of a chart published by Mortier in 1700 (Fig. 10). Dalrymple's chart has, in addition to the plan of Sofala (also derived from Mortier), two inset charts, of which one, entitled *Description of the Rivers of Cuama from a Portuguese MS. of the Brit. Museum,* reproduces the third chart of MS. Sloane 197, and the other, *Coast of Angoxa from a Portuguese MS.,* is based on a later Portuguese chart which we have not identified.

9 — Two Manuscripts without drawings, in Paris and Lisbon

a) *Bibliothèque Nationale, Paris* — With the classmark «Fonds Portugais n.º 36», this library has a manuscript of 412 leaves of paper in a binding dated 1852, containing several works and documents relating to India up to 1636. The first part of the codex (folios 1-308) comprises Resende's «Book», beginning on folio 1 with the title «First part of this book of the State of India, containing a brief treatise of all the Viceroys and Governors who have been in the said State — the events which occurred in their terms of office — the fleets of ships and galleons which went from this kingdom to the said State, and what befell them on the voyage. Made by Captain P^o^ Barretto de Rezende». In this part there are 44 portraits, more finished than those in the manuscript «Fonds Portugais n.º 1» in the same library, and drawn on different paper, pasted on the leaves of the codex. The second part, which begins on folio 118, has the title «Second part of this book of the State of Oriental India, containing the plans of all the fortresses in the said State, from the Cape of Good Hope to China, with a description of all that concerns each of them, besides plans of some fortresses that do not belong to the State and are placed here for curiosity, being in the same coasts of India»; but there are no charts or plans. The third part begins on folio 161, with the title «Third part of this book of the State of Oriental India, containing the receipts

(21) Frederico Francisco de la Figanière, *Catalogo dos manuscriptos portuguezes existentes no Museu Britannico, em que tambem se dá noticia dos manuscriptos estrangeiros relativos á historia civil, politica e litteraria de Portugal e seus dominios,* pp. 162-3. Lisboa 1853.

(22) Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana,* Vol. III, p. 563. Lisboa 1752.

(23) Gaspar de Almeida, *Inventário de cartografia portuguesa antiga,* unpublished, deposited in the Escola Naval, Alfeite.

a reseita e despeza de todas as fortallezas do dito estado, armadas ordenados, ordinarias, tensas e todas as mais couzas em que se despende todo o dito rendimento.

Este códice entrou na Bibliothèque Nationale por dádiva de Madame Geoffroy de Saint-Hilaire, viúva do naturalista que esteve em Lisboa no tempo de Junot; é de presumir, portanto, que se trate de um dos muitos manuscritos portugueses de que Saint-Hilaire se apossou e levou para França em 1808 (24).

b) *Academia das Ciências de Lisboa* — Com a cota «MSS. 266-268 Azul» existe na biblioteca da Academia uma cópia do século XVIII (feita e assinada por Francisco José Dias), em três volumes. O primeiro tem o título *Breve Tractado ou Epilogo de todos os Viso Reys que tem havido no Estado da India sucessos q̃ tiveraõ no tempo dos seus Governos. Armadas de Navios e Galioens q̃ do Reyno de Portugal foraõ ao dito Estado e do q̃ succedeu em particular a algumas dellas nas viagens que fizeraõ por Pedro Barreto de Rézende Secretario do Conde de Linhares Viso Rey do Estado da India Anno de 1635.* Os dois volumes seguintes têm os títulos *Primeira Parte* e *Segunda Parte das descripçoens das Cidades e Fortalezas da India Oriental por Pedro Barreto de Rézende ... 1635.* No primeiro volume não há quaisquer retratos dos vice-reis e governadores, e nos dois seguintes não há quaisquer cartas ou plantas; o segundo tem as descrições até Chaul, e o terceiro de Chaul em diante. Na introdução do segundo volume regista-se a seguinte passagem: «...Nas quaes Costas tem S. Mag.de as Fortalezas q̃ de fora deste Livro vão estampadas noutro...». Ora no códice existente em Paris, lê-se, na parte final do trecho equivalente, «fortalezas que aqui estão estampadas...». Conclui-se, por consequência, que o exemplar que serviu para tirar a cópia da Academia das Ciências devia ser distinto dos códices actualmente em Paris e Londres, visto que teria as plantas em volume separado, mas a disposição e divisão do texto seriam análogas às do códice de Londres. Desconhecemos o seu paradeiro actual.

C — OUTRAS OBRAS

10 — O *Livro de Plantaforma das Fortalezas da India*, com 22 plantas de Anónimo I — Manuel Godinho de Erédia, c. 1620, e 55 plantas de Anónimo II, c. 1640

Este curioso códice seiscentista foi adquirido há poucos anos a um antiquário de Madrid pelo Ministério da Defesa Nacional, de Portugal, encontrando-se presentemente na biblioteca da Fortaleza de S. Julião da Barra, concelho de Oeiras. Numa encadernação antiga, contém 126 folhas de papel, parte delas em branco, além das folhas de guarda no princípio e no fim. As folhas medem 275 × 410 mm, e têm uma numeração moderna, a lápis; a partir da folha 48 desta numeração, vêem-se restos de uma numeração mais antiga, a tinta, com o número 1 nessa folha. O códice contém textos, desenhos de vice-reis e governadores e plantas das cidades e fortalezas. Fàcilmente se vê que houve dois autores distintos, tanto nos textos como nas plantas. Aparentemente, o mais antigo fez o frontispício e 22 plantas com pequenos textos; mais tarde, o outro autor juntou numerosas folhas de outro papel ao códice acrescentando aqueles textos, escrevendo outros e delineando mais plantas.

No frontispício lê-se, dentro de uma moldura, *Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da India* (Fig. 11), na letra e estilo do anónimo mais antigo. Nas folhas 2 e 3 vem uma relação dos sucessos das armadas da Índia de 1497 a 1504, pelo anónimo mais moderno. Na folha 4 vem o retrato de D. Francisco de Almeida e um pequeno texto sobre o seu governo, também do anónimo mais moderno, e até a folha 47 encontram-se mais 25 retratos de vice-reis e governadores, alguns com o nome mas sem qualquer outro texto, estando uma parte das folhas em branco. Todos estes retratos são coloridos e bem feitos, tendo sido recortados, pelo contorno, de outras folhas de papel e colados às folhas do códice. Desde a folha 48 à folha 125, há 77 cartas e plantas de cidades e fortalezas, manuscritas e coloridas, de tamanhos variáveis

(24) A. Botelho da Costa Veiga, introdução à *Relaçam das Plantas, & Dezcripsões de todas as Fortalezas, Cidades, e Povoações que os Portuguezes tem no Estado da India Oriental*, p. V. Biblioteca Nacional, Lisboa 1936.



FIG. 11 — FRONTISPÍCIO DO «LYVRO DE PLANTAFORMA DAS FORTALEZAS DA INDIA»
TITLE-PAGE OF THE «BOOK OF PLAN [S] OF THE FORTRESSES OF INDIA»

Ministério da Defesa Nacional, Fortaleza de S. Julião da Barra

and expenses of all the fortresses of the said State, fleets, pay and allowances, and all the other things on which the said revenue is expended».

This manuscript was presented to the Bibliothèque Nationale by Madame Geoffroy de Saint-Hilaire, widow of the naturalist who was in Lisbon in Junot's time; and it was presumably therefore one of the many Portuguese manuscripts which Saint-Hilaire obtained and took to France in 1808 (24).

b) *Academia das Ciências, Lisboa* — With the classmark «MSS. 266-268 Azul», the library of the Academia has an XVIII-century copy (made and signed by Francisco José Dias), in three volumes. The first has the title «Brief Treatise or Epilogue of all the Viceroys who have been in the State of India, the events which occurred in the time of its Governors, the fleets of ships and galleons which went from the Kingdom of Portugal to the said State, and what befell in detail some of them on the voyages which they made. By Pedro Barreto de Rezende, Secretary of the Count de Linhares, Viceroy of the State of India, in the year 1635». The other two volumes are entitled «First Part and Second Part of the descriptions of the Cities and Fortresses of Oriental India, by Pedro Barreto de Rezende ... 1635». In the first volume there are no portraits of viceroys and governors, and in the other two no charts or plans; the second volume contains the descriptions as far as Chaul, and the third those from Chaul and beyond. The introduction of the second volume includes the following passage: «... In which coasts His Majesty has the fortresses which, outside this book, are depicted in another...». Now in the Paris codex we read, in the last part of the corresponding section, «... fortresses here depicted ...». We therefore conclude that the manuscript from which the copy in the Academia das Ciências was made was not either of those now in Paris and London, since its drawings were in a separate volume, although in arrangement and division of the text it resembled the London codex. Its present where abouts are unknown.

C — OTHER WORKS

10 — «Book of Plan[s] of the Fortresses of India», 22 drawings by Anonymous Artist I — Manuel Godinho de Erédia, c. 1620, and 55 drawings by Anonymous Artist II, c. 1640

This curious XVII-century manuscript, purchased a few years ago by the Ministry of National Defence, Portugal, from a Madrid bookseller, is now preserved in the library of the Fortress of S. Julião da Barra, district of Oeiras. It is in an old binding and contains 126 leaves of paper, some blank, besides fly-leaves at beginning and end. The leaves measure 275 × 410 mm, and have a modern numeration, in pencil; from folio 48 of this manuscript, the traces of an older numeration, in ink, are visible, commencing with n.º 1 on this leaf. The codex contains texts, drawings of viceroys and governors, and plans of cities and fortresses. The work of two distinct authors can plainly be identified in both the texts and the plans. The earlier one apparently prepared the title-page and 22 plans with short texts, while at a later date the other author inserted many leaves of a different paper into the codex, adding to some texts, writing others and drawing more plans.

The titlepage reads, within a frame, «Book of Plan[s] of the Fortresses of India» (Fig. 11), in the hand and style of the earlier anonymous author. On folios 2 and 3 is an account of the events of the fleets of India from 1497 to 1504, by the later anonymous author. On folio 4 is a portrait of D. Francisco de Almeida and a short text on his government, also by the later author, and the following folios, up to 47, have 25 more portraits of viceroys and governors, some with names only and no other texts; some of the leaves are left blank. All these portraits are coloured and well drawn, the outline being cut out from other leaves of paper and pasted on the leaves of the codex. From folio 48 to folio 125, there are seventy-seven charts and plans of cities and fortresses, manuscript and coloured, of various sizes (in some

(24) A. Botelho da Costa Veiga, introduction to *Relaçam das Plantas, & Dezcripsões de todas as Fortalezas, Cidades, e Povoações que os Portuguezes tem no Estado da India Oriental*, p. V. Biblioteca Nacional, Lisboa 1936.

(nalguns casos duas numa página), acompanhadas de textos históricos e descritivos, incluindo rendimentos e despesas. Vinte e duas destas plantas são da mão do anónimo mais antigo, contendo por baixo pequenos textos também da sua mão, os quais são, em vários casos, continuados pelo anónimo mais moderno, a quem se devem igualmente as restantes cinquenta e cinco plantas e respectivos textos. A ordem das cartas e plantas é a seguinte, indicando-se com um asterisco as que são da mão do anónimo mais antigo:

1 — Sofala; 2 — Rios de Cuama (Estampa 579 D); 3 — Moçambique * (Estampa 580 C); 4 — Mombaça (ilha e porto) * (Estampa 580 G); 5 — Mombaça (fortaleza) (Estampa 580 F); 6 — Curiate; 7 — Matara; 8 — Mascate * (Estampa 581 C); 9 — Sibo; 10 — Borca; 11 — Soar; 12 — Quelba; 13 — Corfacão; 14 — Mada; 15 — Libédia; 16 — Dubo, Doba e Mocombi; 17 — Ormuz e ilhas próximas; 18 — Ormuz (ilha) * (Estampa 582 E); 19 — Baçorá; 20 — Ilhas de Barem; 21 — Dio * (Estampa 583 A); 22 — Surrate; 23 — São Jerónimo (Damão); 24 — Damão * (Estampa 583 E); 25 — Sangens e Danu; 26 — Trapor; 27 — Sirgão e Maim; 28 — Agaçaim e Manora; 29 — Serra de Asserim; 30 — Baçaim * (Estampa 584 D); 31 — Tana; 32 — Bombaim; 33 — Morro de Chaul; 34 — Chaul * (Estampa 585 A); 35 — Terras de Bardês; 36 — Fortaleza da Aguada (Estampa 585 F); 37 — Fortaleza de Bardês (Estampa 585 E); 38 — Cidade de Goa * (Estampa 586 K); 39 — Fortaleza de Nossa Senhora do Cabo (Estampa 585 G); 40 — Fortaleza de Mormugão (Estampa 585 I); 41 — Terras de Salcete; 42 — Onor * (Estampa 587B); 43 — Cambolim; 44 — Barcelor * (Estampa 587 C); 45 — Mangalor * (Estampa 587 F); 46 — Cananor *; 47 — Cunhale * (Estampa 587 I); 48 — Coulão *; 49 — Negapatão; 50 — S. Tomé de Meliapor; 51 — Paleacate; 52 — Manar *; 53 — Ilha de Ceilão; 54 — Columbo * (Estampa 589 B); 55 — Negumbo; 56 — Caliture; 57 — Jafanapatão; 58 — Gale * (Est. 589 F); 59 — Triquilimale; 60 — Batecalou; 61 — Baia de Tanavare; 62 — Baia de Beligão; 63 — Tavanapatão; 64 — Maldivas; 65 — Terras de Malaca (Estampa 590 E); 66 — Malaca (fortaleza) * (Estampa 590 F); 67 — Ilha das Naus; 68 — Achem *; 69 — Jacarta; 70 — Molucas *; 71 — Banda e Amboino; 72 — Solor; 73 — Ende Menor; 74 — Macau; 75 — Formosa; 76 — Manilha; 77 — Ilha de Goa * (Estampa 586 A).

O frontispício e as 22 cartas com os respectivos textos iniciais do anónimo mais antigo são sem qualquer dúvida da autoria de Manuel Godinho de Erédia, de quem nos ocupámos no Volume IV, pp. 39-62, quando ainda não conhecíamos este códice. A sua letra e estilo são na verdade inconfundíveis, o título é exactamente igual (e com a mesma disposição) ao que se vê num dos frontispícios do atlas-miscelânea de c. 1615 - c. 1622, todas as cartas vêm igualmente nesta última obra e seguem os mesmos protótipos, excepto a de Onor e a da ilha de Goa. A primeira pode considerar-se de um tipo mais avançado, mas quanto à segunda nada concluímos no que respeita à cronologia, em relação à daquele atlas-miscelânea e à de c. 1616 em Madrid. As 22 cartas são porém, na generalidade, de protótipos mais modernos do que os do atlas do mesmo autor de 1610. Erédia morreu em fins de 1622 ou começos de 1623, e as suas cartas neste *Lyvro de Plantaforma* são da mesma época das do atlas-miscelânea, pelo que as datamos de c. 1620.

Quanto às restantes 55 cartas que se vêem no códice de que nos ocupamos, é evidente que, na generalidade, constituem cópias das do *Livro do Estado da India Oriental* de Pedro Barreto de Resende. A comparação com as dos exemplares deste em Paris e Londres permite extrair as seguintes conclusões: *a*) a carta 2 (Rios de Cuama) é igual à do códice de Paris e diferente da do códice de Londres; *b*) as cartas 61 (Baía de Tanavare), 62 (Baía de Beligão), 63 (Tavanapatão) e 67 (Ilha das Naus) são iguais às que vêm no códice de Paris, e não existem no de Londres; *c*) as cartas 31 (Tana) e 32 (Bombaim) são iguais às do códice de Londres, enquanto no de Paris essas cartas estão juntas numa só; *d*) as cartas 36 (Fortaleza da Aguada) e 37 (Fortaleza de Bardês) são do mesmo protótipo das do códice de Londres, mas abrangendo uma área maior e com mais detalhes, e não existem no códice de Paris; *e*) as cartas 5 (Fortaleza de Mombaça), 39 (Fortaleza de Nossa Senhora do Cabo), 40 (Fortaleza de Mormugão) e 65 (Terras de Malaca) não vêm nos códices de Paris e Londres, sendo a 65 uma cópia do protótipo que se vê no atlas de Erédia de 1610; *f*) faltam no códice que estamos a analisar as plantas de Cochim e Cranganor (que vêm nos códices de Resende em Paris e Londres) e a de Jacarta Antiga (que vem no de Paris).

Em face das diferenças apontadas, conclui-se que o códice não foi copiado dos códices de Paris e Londres, mas sim de um outro códice de Pedro Barreto de Resende, original ou cópia, cujo paradeiro se desconhece. Não sabemos quem foi o copista, nem qual a data em que foi escrito e desenhado, mas não o podia ser antes de 1636, pois contém plantas que não figuram nos *Livros* de Bocarro. A letra do texto é do século XVII, e, embora não fizéssemos qualquer espécie de comparação, afigura-se-nos que os textos constituem extractos ou resumos da obra de Pedro Barreto de Resende. Julgamos

cases two on a page), accompanied by historical and descriptive texts, including details of revenue and expenditure. Twenty-two of these drawings are by the earlier author and have, below them, short texts, also from his hand; these texts are in some cases continued by the later author, who also executed the remaining fifty-five drawings with their texts. The charts and plans occur in the following order, those by the earlier author being indicated by an asterisk:

1 — Sofala; 2 — Rivers of Cuama (Plate 579 D); 3 — Mozambique * (Plate 580 C); 4 — Mombasa (island and port) * (Plate 580 G); 5 — Mombasa (fortress) (Plate 580 F); 6 — Quryat; 7 — Matrah; 8 — Muscat * (Plate 581 C); 9 — as-Sib; 10 — Barkah; 11 — Sohar; 12 — Khor Kalba; 13 — Khor Fakkan; 14 — Murbah; 15 — al-Badi; 16 — *Dubo*, Dibba and *Mocombi;* 17 — Ormuz and adjacent islands; 18 — Ormuz (island) * (Plate 582 E); 19 — Basra; 20 — Islands of Bahrain; 21 —Diu * (Plate 583 A); 22 — Surat; 23 — São Jerónimo (Damão); 24 — Damão * (Plate 583 E); 25 — Sanjan and Dahanu; 26 — Tarapur; 27 — *Sirgão* and Mahim; 28 — Agashi and Manori; 29 — Mountain of Asheri; 30 — Bassein * (Plate 584 D); 31 — Thana; 32 — Bombay; 33 — Mountain of Chaul; 34 — Chaul * (Plate 585 A); 35 — Lands of Bardez; 36 — Fortress of Agoada (Plate 585 F); 37 — Fortress of Bardez (Plate 585 E); 38 — City of Goa * (Plate 586 K); 39 — Fortress of Nossa Senhora do Cabo (Plate 585 G); 40 — Fortress of Mormugão (Plate 585 I); 41 — Lands of Salsette; 42 — Honawar * (Plate 587 B); 43 — Cambolim; 44 — Basrur * (Plate 587 C); 45 — Mangalore * (Plate 587 F); 46 — Cannanore *; 47 — Cunhale * (Plate 587 I); 48 — Quilon *; 49 — Negapatam; 50 — S. Thomé (Mailapur); 51 — Pulikat; 52 — Mannar *; 53 — Island of Ceylon; 54 — Colombo * (Plate 589 B); 55 — Negombo; 56 — Kalutara; 57 — Jaffna; 58 — Galle * (Plate 589 F); 59 — Trincomalee; 60 — Batticaloa; 61 — Bay of Dondra; 62 — Bay of Weligama; 63 — Porto Novo; 64 — Maldives; 65 — Lands of Malacca (Plate 590 E); 66 — Malacca (fortress) * (Plate 590 F); 67 — Pulo Besar; 68 — Achin *; 69 — Jakarta; 70 — Moluccas *; 71 — Banda and Amboina; 72 — Solor; 73 — Ende; 74 — Macao; 75 — Formosa; 76 — Manila; 77 — Island of Goa * (Plate 586 A).

The titlepage and the 22 drawings, with corresponding texts, due to the earlier anonymous author are without any doubt by Manuel Godinho de Erédia, whom we have dealt with in Volume IV, pp. 39-62, before this codex came to our notice. His lettering and style are indeed unmistakable; the title is exactly the same (and with the same arrangement) as that on the titlepage of the atlas-miscellany of c. 1615-c. 1622; and all the drawings occur in the latter work also and follow the same prototypes, with the exception of Honawar and the island of Goa. (The first of these may be regarded as a more developed type, but as to the second we can form no chronological opinion in relation to the one in the atlas-miscellany and to the one in Madrid which we date c. 1616). On the whole however, the 22 drawings derive from later prototypes than those used by Erédia in his atlas of 1610. Erédia died at the end of 1622 or beginning of 1623, and since his drawings in this «Book of Plan[s]» are contemporary with those of the atlas-miscellany, we date them c. 1620.

The other 55 drawings in the codex with which we are here concerned are evidently, in general, copies of those in the «Book of the State of Oriental India» of Pedro Barreto de Resende. Comparison with those in the Paris and London manuscripts of his work justifies the following conclusions: *a*) chart 2 (Rivers of Cuama) is the same as that in the Paris manuscript and different from that in the London manuscript; *b*) n.os 61 (Bay of Dondra), 62 (Bay of Weligama), 63 (Porto Novo) and 67 (Pulo Besar) are the same as those in Paris, and are not present in the London manuscript; *c*) n.os 31 (Thana) and 32 (Bombay) are the same as those in London, while in the Paris manuscript the two plans are combined in one; *d*) n.os 36 (Fortress of Agoada) and 37 (Fortress of Bardez) are from the same prototype as the corresponding plans in the London codex, but taking in a larger area and with more detail, and they are absent from the Paris codex; *e*) n.os 5 (Fortress of Mombasa), 39 (Fortress of Nossa Senhora do Cabo), 40 (Fortress of Mormugão) and 65 (Lands of Malacca) are not in the Paris and London manuscripts, n.o 65 being derived from the prototype found in Erédia's atlas of 1610; *f*) the codex here described lacks the plans of Cochin and Kranganur (found in the Paris and London manuscripts of Resende) and that of Old Jakarta (found in the Paris manuscript).

The differences pointed out above suggest that the manuscript was not copied from the Paris and London manuscripts, but from another manuscript of Pedro Barreto de Resende, an original or a copy, the whereabouts of which are unknown. We do not know the identity of the copyist, nor when it was written and drawn; but this could not have been before 1636, since it includes drawings which are not in Bocarro's «Book». The hand of the text is of the XVII century, and although we have not collated them, we suppose the texts to be extracts or abstracts of the work of Pedro Barreto de

não errar muito emitindo a opinião de que a parte devida ao anónimo mais moderno seja de c. 1640.

Resumindo, conclui-se que o *Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da India* foi inicialmente escrito e desenhado por Manuel Godinho de Erédia, c. 1620. Mais tarde, algum possuidor da obra, tendo conhecimento do *Livro do Estado da India Oriental* de Pedro Barreto de Resende, acrescentou ou mandou acrescentar, em novas folhas então adicionadas, partes deste último: o começo da relação das armadas da India, os retratos de 26 vice-reis e governadores, e textos sobre as fortalezas. Como a parte original devida a Erédia já tinha 22 plantas, o adicionador só extraiu da obra de Resende plantas de povoações ou fortalezas que não vinham naquela (repetindo porém Mombaça e Ormuz, por serem de áreas ou protótipos diferentes) (25).

11 — O *Livro das Plantas das Fortalezas, Cidades e Povoacois do Estado da India Oriental cõ as demostracões do Maritimo dos Reinos e Provincias donde estão cituadas e outros Portos principais daquelas Partes*, Anónimo, com 104 plantas de c. 1650

Na Biblioteca do Palácio Ducal da Casa de Bragança, em Vila Viçosa, com o número de inventário «1471», encontra-se um códice do século XVII, em encadernação antiga, com 121 folhas de papel, contendo 104 plantas, manuscritas e coloridas. Na lombada lê-se *MS. MAPS OF Y. E PORTUGUEZ EAST. INDIES.* Na parte de dentro da capa da frente está colado um bocado de papel com as palavras impressas «Portuguese Settlements in the E. Indies. Fortalezas, &c. da India Oriental. The Fortifications, &c very Neatly Drawn. Folio», o que parece ter sido recortado de um catálogo. Na segunda folha está escrito a lápis: «0/50/19/2/34», e no verso da última folha vê-se um carimbo, meio apagado, onde ainda se pode ler «...Da Casa de Bragança Villa Viçosa». No frontispício, dentro de uma moldura singela, lê-se o título *LIVRO DAS PLANTAS, DAS, FORTALEZAS, CIDADES, E POVOACOIS, DO ESTADO, DA INDIA, ORIENTAL, CÕ AS DEMOSTRACÕES, DO MARITIMO DOS REINOS, E PROVINCIAS DONDE, ESTÃO, CITVADAS, E OVTROS, PORTOS PR͂ICIPAIS, DAQVELAS, PARTES* (Fig. 12).

O códice foi conhecido pelo Visconde de Santarém, que diz ter-lhe sido «comunicado em Paris em Setembro de 1841», mas sem indicar por quem. O apontamento que ele então fez a seu respeito só veio a ser publicado em 1919 (26). Dá o título e descreve várias das cartas, em termos que não deixam dúvida de que se trata do códice que está agora em Vila Viçosa, embora indique que tinha 101 cartas, quando na realidade são 104; o engano de Santarém provém do facto de ter adoptado o número que vem mencionado num índice final, feito por um inglês, o qual está errado. Em 1945 Albino Lapa escreveu que a obra viera de Londres e fora oferecida ao rei D. Carlos (1863-1908) (27), e em 1956 Luís Silveira publicou a maior parte das suas cartas (28).

(25) É elucidativo o caso de Damão: no desenho de Erédia vem apenas traçada esta povoação, enquanto Pedro Barreto de Resende apresenta também o forte de São Jerónimo, na outra margem do rio — por isso o anónimo mais moderno copiou de Resende apenas este forte, num desenho só.

(26) Visconde de Santarém, *Estudos de Cartografia Antiga*, Vol. I, pp. 236-8. Lisboa [1919].

(27) Albino Lapa, *No Palácio de Vila Viçosa*, in *Século Ilustrado*, n.º 383, p. 12. Lisboa, 5 de Maio de 1945.

(28) Luís Silveira, *Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, referência no Vol. I, p. 16, e reproduções no Vol. III. Lisboa [1956].

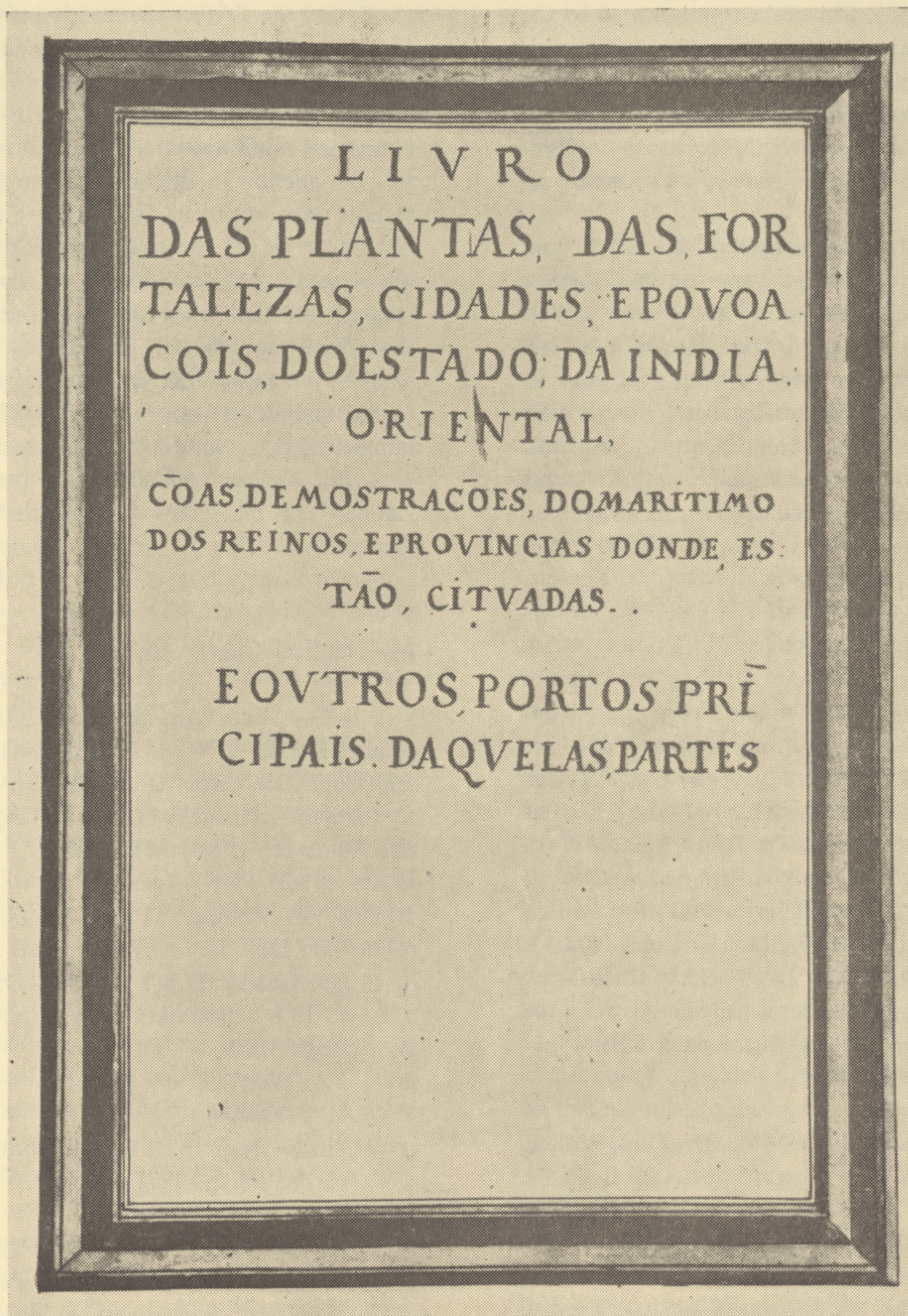

LIVRO
DAS PLANTAS, DAS, FOR
TALEZAS, CIDADES, E POVOA
COIS, DO ESTADO, DA INDIA,
ORIENTAL,
CÕAS DEMOSTRACÕES, DOMARITIMO
DOS REINOS, E PROVINCIAS DONDE, ES
TÃO, CITVADAS.
E OVTROS PORTOS PRĨ
CIPAIS. DAQVELAS PARTES

FIG. 12 — FRONTISPÍCIO DO «LIVRO DAS PLANTAS», ANÓNIMO, C. 1650
— TITLE-PAGE OF THE «BOOK OF THE PLANS», C. 1650, ANONYMOUS
Biblioteca do Palácio Ducal da Casa de Bragança, Vila Viçosa

Resende. We should, in our opinion, not be far wrong in thinking the part due to the later anonymous author to be of c. 1640.

To sum up, we conclude that the «Book of Plan[s] of the Fortresses of India» was first written and drawn by Manuel Godinho de Erédia, c. 1620. Some later owner of the work, who came to know the «Book of the State of Oriental India» by Pedro Barreto de Resende, added — or caused to be added — parts of Resende's work on new leaves which were then inserted: the beginning of the account of the fleets of India, the portraits of 26 viceroys and governors, and texts on the fortresses. As Erédia's original already contained 22 plans, the augmenter extracted from Resende only plans of towns or fortresses not given by Erédia (but repeating Mombasa and Ormuz, where the areas represented or the prototypes were different) (25).

11 — «Book of the Plans of the Fortresses, Cities and Towns of the State of Oriental India, with delineations of the Sea-Coast of the Kingdoms and Provinces where they are situated and other principal Ports of those Parts», c. 1650, Anonymous, with 104 drawings

In the library of the Ducal Palace of the House of Braganza, in Vila Viçosa, with the inventory number «1471», there is a XVII-century codex with 121 leaves of paper, in an old binding, containing 104 coloured drawings. The spine is lettered in English *MS. MAPS OF Y. E PORTUGUEZ EAST. INDIES.* Inside the front cover is pasted a slip of paper with the printed words (also in English) «Portuguese Settlements in the E. Indies. Fortalezas, &c. da India Oriental. The Fortifications, &c very Neatly Drawn. Folio», apparently cut out of a catalogue. On the second leaf is written in pencil «0/50/19/2/34», and on the verso of the last leaf is a half-obliterated stamp, which can be read as «... Da Casa de Bragança Villa Viçosa». On the title-page, within a simple frame, is the title: «BOOK OF THE PLANS, OF THE, FORTRESSES, CITIES, AND TOWNS, OF THE STATE, OF ORIENTAL, INDIA, WITH DELINEATIONS, OF THE SEA-COAST OF THE KINGDOMS, AND PROVINCES WHERE, THEY ARE, SITUATED, AND OTHER, PRINCIPAL PORTS, OF THOSE, PARTS» (Fig. 12).

The manuscript was known to the Viscount de Santarém, who says that it was «communicated [to him] in Paris in September 1841», but without mentioning by whom. The notice of it written by him was not printed until 1919 (26). He gives the title and describes some of the drawings, in terms which leave no doubt that he refers to the codex now at Vila Viçosa, although he reports that it had 101 drawings, whereas there are in fact 104; Santarém's mistake arises from his adopting the erroneous number in the list written at the end by an Englishman. In 1945 Albino Lapa wrote that the work had come from London and been presented to King Carlos (1863-1908) (27), and in 1956 Luís Silveira reproduced most of the drawings (28).

(25) This is exemplified by Damão: the town alone is depicted in Erédia's drawing, while Pedro Barreto de Resende represents the fort of São Jerónimo also, on the other bank of the river — so that the later anonymous author merely copied from Resende this fort, in a separate drawing.

(26) Visconde de Santarém, *Estudos de Cartografia Antiga*, Vol. I, pp. 236-8. Lisboa [1919].

(27) Albino Lapa, *No Palácio de Vila Viçosa*, in *Século Ilustrado*, n.º 383, p. 12. Lisboa, 5 May 1945.

(28) Luís Silveira, *Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, reference in Vol. I, p. 16, and reproductions in Vol. III. Lisboa [1956].

Já nos ocupámos do códice no Volume III, pp. 111-3, da presente obra, a propósito da cópia da carta de Ceilão de Cipriano Sanches nele contida. Acrescentamos agora mais alguns elementos que esclarecem um pouco melhor a sua história. No Map Room do British Museum, com a cota «Maps. 4. d. 38», há duas litografias da maior parte das cartas 7 e 8 do códice, tendo num quadro a seguinte indicação: «Extrait de l'Atlas manuscrit intitulé 'Livro das Plantas das Fortalezas, Cidades e povoaçois do Estado da India Oriental &.ª' communiqué par Mr. le Vicomte de Santarem, Paris le 13 Fevrier 1842 Eugène de Froberville». No mesmo Museu, num manuscrito de J. Holmes com a cota «Add. MS. 20753», a fl. 261, fala-se de «Lithographs of portions of maps presented to the Museum in Oct. 1846... Extrait de l'Atlas manuscrit intitulé 'Livro das Plantas das Fortalezas, Cidades' communicated by the Vicomte de Santarém», dizendo-se por baixo, a lápis: «This was Cochran's Ms. 345 at Cochran's sale it was bought by H. Bohn who sold it to the Baron Moncorvo, the Portuguese Ambassador in England». Conclui-se, portanto, que o códice foi adquirido após um leilão, em Inglaterra, pelo Barão de Moncorvo, vindo mais tarde, em circunstâncias que ignoramos, a ser oferecido ao Rei de Portugal.

A maior parte das cartas ocupa uma página apenas, 270 × 416 mm, havendo no entanto dezasseis que estão traçadas no verso de uma folha e no rosto da seguinte (na lista abaixo indicam-se estas últimas com um *). Uma análise do atlas revela que o seu ignorado autor (ou autores) se baseou essencialmente em quatro fontes. Podem por isso constituir-se, com as várias cartas do atlas, quatro grupos, correspondentes àquelas fontes, e mais um, agrupando representações de outras origens (em pequeno número).

Para facilidade de compreensão, enumeram-se seguidamente as cartas reunindo-as naqueles cinco grupos (os números indicam a sua ordem no códice):

I — Cartas Náuticas

1 * — África do Sul, desde *Os muros de Pedra* até ao *Penedo das Fontes* (Estampa 576 D). 2 * — *TERRA DO NATAL, Ate o R. de Lourenço Marques e Cabo das Correntes* (Estampa 576 E). 4 * — *COSTA DO CABO DAS CORENTES Ate o porto de Sofala* (Estampa 577 A). 5 * — *DESCRIPCÃO DOS RIOS DE CVAMA* (Estampa 580 A). 7 * — Madagascar e ilhas próximas (Est. 577 B). 8 * — *COSTA QVE VAI DE MOCAMBIQVE ATE O CABO DE Guardafum e Ilhas de Sacatora* (Estampa 577 C). 11 * — Mar Vermelho e Golfo Pérsico (Estampa 577 D). 12 * — Costa ocidental da Índia (Estampa 578 A). 13 * — Golfo de Bengala (Estampa 577 E). 14 * — *DEMOSTRAÇAO DO ESTREITO DE MALACA* (Estampa 577 F). 15 * — Parte sul do Estreito de Malaca (Estampa 578 C). 16 * — Extremo Oriente (Estampa 578 B).

II — Távoas do *Roteiro de Goa a Dio* de D. João de Castro [Vide Vol. I, p. 137]

53 — *RIO DANDA.* 54 — *BECOIM, Cifardão.* 55 — *RIO QVELEÇIM.* 56 — *DABVL.* 57 — *RIO DO BETELE.* 58 — *RIO DE CARAPATÃO.*

III — Távoas do *Roteiro do Mar Roxo* de D. João de Castro [Vide Vol. I, p. 144]

20 — Maçuà. 21 — *Porto e Cidade de Suaquem.* 22 — *Porto Dradarte.* 23 — *Baia do Fuxa.* 24 — *Arequea e Bahya dos Agrauados.* 25 — *Rio Farat.* 26 — *Porto de Guilfit.* 27 — *PORTO DE GIDID.* 28 — *Xarmelcoemat.*

IV — Plantas do *Livro do Estado da India Oriental* de Pedro Barreto de Resende

17 — *Sofala.* 18 — *MOÇANBIQUE.* 19 — Ilha de Mombaça. 29 — *Fortaleza de CORIATE.* 30 — *Mascate.* 31 — *Matara.* 32 — *SIBO.* 33 — *Soar.* 34 — *QVELBA.* 35 — *CORFACÃO.* 36 — *LIBEDIA.* 37 — *MADA.* 38 — *DOBA.* 39 — *ILHA DE BAREM.* 41 — *DIO.* 42 — *DAMÃO.* 43 — *SAMGẼS, DANV.* 44 — *TARAPOR.* 45 — *SIRGÃO, MAIM.* 46 — *SERRA DE ASERIM.* 47 — *BAÇAIM.* 48 — *AGAÇAIM, MANORA.* 49 — *TANA.* 50 — *MÕBAIM.* 51 — *MORRO DE CHAVL.* 52 — *CHAVL.* 59 — *ILHA DE GOA* (Estampa 586 G). 60 — Terras de Bardês. 61 — *FORTALEZA DE BARDES.* 62 — *GOA* (Estampa 586 H). 63 — *N. S. DO CABO.* 64 — *FORTALEZA DE MORMAGAM.* 65 — Terras de Salcete. 66 — *ONOR.* 67 — *BARCELOR.* 68 — *CAMBOLIM* 69 — *MANGALOR.* 70 — *CANANOR.* 71 — *CVNHALE.* 72 — *CRANGANOR.* 73 — *CIDADE DE COCHIM.* 74 — *COVLAO.* 76 — *MANAR.* 77 — *ILHA DE SEILAM.* 78 — *NEGṼBO.* 79 — *COLVMBO.*

We have already referred to the codex in Volume III, pp. 111-3, of the present work, in relation to the copy of the map of Ceylon by Cipriano Sanches included in it. We now add some further details which throw more light on its history. In the Map Room of the British Museum, classmark «Maps 4. d. 38», there are two lithographs reproducing the greater part of drawings 7 and 8 of the codex, with the following statement in the title-panel: «Extrait de l'Atlas manuscrit intitulé 'Livro das Plantas das Fortalezas, Cidades e povoaçois do Estado da India Oriental &.ª' communiqué par Mr. le Vicomte de Santarém, Paris le 13 Fevrier 1842 Eugène de Froberville.» John Holmes's manuscript, also in the British Museum («Add. MS. 20753»), fol. 261, refers to «Lithographs of portions of maps presented to the Museum in Oct. 1846 ... Extrait de l'Atlas manuscrit intitulé 'Livro das Plantas das Fortalezas, Cidades' communicated by the Vicomte de Santarém», with the further pencil note below: «This was Cochran's Ms. 345 at Cochran's sale it was bought by H. Bohn who sold it to the Baron Moncorvo, the Portuguese Ambassador in England». It appears accordingly that the codex was purchased, after an auction in England, by the Baron de Moncorvo and that, in circumstances unknown to us, it later came to be presented to the King of Portugal.

Most of the drawings occupy only one page, measuring 270 × 416 mm, but sixteen of them are drawn on the verso of one page and the recto of the next (in the list below these are indicated by an asterisk). Examination of the atlas shows that its unknown author (or authors) drew on four basic sources. We can therefore divide the various drawings into four groups, corresponding to these sources, with one other group containing a small number of representations of different origin.

For easier understanding, the drawings in the following list are arranged in these five groups, the numbers indicating their position in the codex:

I — Nautical Charts

1 * — South Africa, from *Os muros de Pedra* to *Penedo das Fontes* (Plate 576 D). 2 * — «LAND OF NATAL, to the River of Lourenço Marques and Cape Correntes» (Plate 576 E). 4 * — «COAST FROM CAPE CORRENTES to the port of Sofala» (Plate 577 A). 5 * — «DESCRIPTION OF THE RIVERS OF CUAMA» (Plate 580 A). 7 * — Madagascar and adjacent islands (Plate 577 B). 8 * — «COAST FROM MOZAMBIQUE TO CAPE Guardafui and Islands of Socotra» (Plate 577 C). 11 * — Red Sea and Persian Gulf (Plate 577 D). 12 * — West Coast of India (Plate 578 A). 13 * — Gulf of Bengal (Plate 577 E). 14 * — «DELINEATION OF MALACCA STRAIT» (Plate 577 F). 15 * — Southern part of Malacca Strait (Plate 578 C). 16 * — Far East (Plate 578 B).

II — *Távoas* from the «Rutter from Goa to Diu» of D. João de Castro [see Vol. I, p. 137]

53 — *RIO DANDA.* 54 — *BECOIM. Cifardão.* 55 — *RIO QVELEÇIM.* 56 — *DABVL.* 57 — *RIO DO BETELE.* 58 — *RIO DE CARAPATÃO.*

III — *Távoas* from the «Rutter of the Red Sea» of D. João de Castro [see Vol. I, p. 144]

20 — Massawa. 21 — *Porto e Cidade de Suaquem.* 22 — *Porto Dradarte.* 23 — *Baia do Fuxa.* 24 — *Arequea e Bahya dos Agrauados.* 25 — *Rio Farat.* 26 — *Porto de Guilfit.* 27 — *Porto de Gidid.* 28 — *Xarmelcoemat.*

IV — Plans from the «Book of the State of Oriental India» of Pedro Barreto de Resende

17 — «Sofala». 18 — «MOZAMBIQUE». 19 — Island of Mombasa. 29 — «Fortress of QURYAT». 30 — «Muscat». 31 — «MATRAH». 32 — «AS-SIB» 33 — «SOHAR». 34 — «KHOR KALBA». 35 — «KHOR FAKKAN». 36 — «AL-BADI». 37 — «MURBAH». 38 — «DIBBA». 39 — «ISLAND OF BAHRAIN». 41 — «DIU». 42 — «DAMÃO». 43 — «SANJAN, DAHANU». 44 — «TARAPUR». 45 — «*SIRGÃO,* MAHIM». 46 — «MOUNTAIN OF ASHERI». 47 — «BASSEIN». 48 — «AGASHI, MANORI». 49 — «THANA». 50 — «BOMBAY». 51 — «MOUNTAIN OF CHAUL». 52 — «CHAUL». 59 — «ISLAND OF GOA» (Plate 586 G). 60 — Lands of Bardez. 61 — «FORTRESS OF BARDEZ». 62 — «GOA» (Plate 586 H). 63 — «N. S. DO CABO». 64 — «FORTRESS OF MORMUGÃO». 65 — Lands of Salsette. 66 — «HONAWAR». 67 — «BASRUR». 68 — «CAMBOLIM». 69 — «MANGALORE». 70 — «CANNANORE». 71 — «CUNHALE». 72 — «KRANGANUR».

80 — *CALITVRE.* 81 — *GVALE.* 82 — *BAHIA DE BELIGÃO.* 83 — *BAHIA DE TANAVARE.* 84 — *BATECALOV.* 85 — *FORTALEZA DE TRIQVINIMALE.* 86 — *IAFANAPATÃO.* 87 — *NEGAPATAM.* 88 — *ILHAS DE MALDIUA.* 89 — *FORTALEZA DO ACHEM.* 92 — *SOLOR.* 93 — *FORTALEZA DE S. THOME.* 94 — *PORTO DE MACAO.* 95 — *ILHA FERMOZA.* 96 — *ILHA DE MANILHA.* 97 — Banda e Amboino. 98 — *ILHA DAS NAOS.* 99 — *FORTALEZA DE DALEACATE.* 100 — *FORTALEZA DE IVRATE* (Surrate). 101 — *TAUANAPATAM.* 102 — *EUDEUISOR* (Ende Menor). 103 — *ILHAS DE MALVCO.* 104 — *IACATARA.*

V — Vária

3 * — *PORTO DE SANTA LVZIA* (Estampa 578 D). 6 * — *DESCRIPCÃO DA FORTALEZA E PORTO DE SOFALA.* 9 — Porto de Moçambique (Est. 580 D). 10 — *ILHA DE MÕBACA* (Estampa 518 A). 40 — *ORMVZ.* 75 * — *Ilha de Ceilam por Cipriano Sanchez diliniada* (Estampa 388 D). 90 — *FORTALEZA DE MALACA.* 91 * — *MAPA DE MALACA.*

É possível ainda, dentro de cada um destes grupos, apurar mais particularmente afinidades de várias cartas com obras da época, do que nos vamos socorrer para tentar saber quando foi feita a obra. Note-se desde já que, como apontou o Visconde de Santarém, ela não pode ser anterior a 1633, pois na 15.ª carta uma legenda refere o *Canal da Conceição de N. Sra descuberto o anno de 1633 por Pº Bertolo.* No que respeita às Távoas do III grupo, deve salientar-se que apresentam certas diferenças em relação às dos exemplares do «Roteiro do Mar Roxo» que se conhecem do século XVI, tendo em contrapartida grande afinidade com as que vêm no atlas universal de 1630 de João Teixeira I, o que também se verifica com as plantas 3, 6 e 10 do V grupo. Neste último grupo, além da carta da Ilha de Ceilão, cuja origem se indica expressamente, a do Porto de Moçambique (n.º 9) é semelhante a um dos planos incluídos na carta do Índico de 1649 de João Teixeira I (Estampa 513) e as restantes (n.ºs 40, 90 e 91) encontram-se com aspecto semelhante em várias obras de Manuel Godinho de Erédia (anteriores a 1623).

Da análise das 69 plantas do IV grupo podem extrair-se várias conclusões. É evidente que provêm na maioria do *Livro do Estado da India Oriental* de Pedro Barreto de Resende, e não de um dos códices de Bocarro, pelo que não podem ser anteriores a 1636. A elas se pode juntar também a n.º 5, do I grupo, pois é igual à correspondente do códice de Resende, em Londres. É de salientar que há 2 cartas da ilha de Goa, a 59 (do tipo de uma das de Erédia e do códice de Resende em Paris) e a 62 (do tipo do códice de Resende em Londres). Da Ilha de Ceilão também há duas cartas, a 75 (de Cipriano Sanches) e a 77 (de Resende). Na generalidade, os desenhos das plantas deste grupo foram muito simplificados, eliminando-se detalhes da vegetação, montes, casas, etc. Há neste IV grupo dois conjuntos distintos no que respeita a estilo e letra, o que sugere dois autores diferentes. Um, o mesmo que teria feito as restantes partes do *Livro*; o outro, que seria o autor das cartas 39, 46, 59, 61, 63, 64, 77, 87, 88, 91, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103 e 104. É de notar que, neste último conjunto, as cartas 61, 63, 64 e 91 não têm correspondentes nos códices conhecidos de Resende, mas aparecem, na parte devida ao anónimo II, no *Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da India,* em S. Julião da Barra; o autor do códice de Vila Viçosa não deve porém ter utilizado este último, pois não dá a planta da Fortaleza da Aguada que nele vem. É também de salientar que ambos os códices apresentam erros comuns e característicos em certos títulos (97: *Bonda* e *Aubino,* por *Banda* e *Amboino*; 99: *Daleacate* por *Paleacate*; 102: *Eudeuisor* por *Ende Menor*); do que se conclui que ambos os autores recorreram provàvelmente a desenhos comuns ou semelhantes. Há ainda no códice de Vila Viçosa três plantas (n.ºs 73, 88 e 90) que se afigura serem do mesmo segundo anónimo que fez as do conjunto acima indicado (n.º 39, etc.), e que apresentam o mesmo traçado, estilo e letra que as correspondentes de quatro atlas que estudámos no Volume IV, pp. 145-6, e então atribuímos a João Teixeira I (ou antes, à sua oficina), c. 1648. Em conclusão: não podemos filiar exclusivamente as cartas deste grupo do códice de Vila Viçosa em nenhuma das obras do género já estudadas, mas antes em várias. Tal facto sugere que o códice provém, não de um copista, mas de um cartógrafo profissional ou antes de uma oficina, sua ou doutrem, em que se teriam coleccionado modelos de cartas utilizadas em obras no género deste livro. Há, na parte devida ao anónimo autor de maior número de cartas, semelhanças de letra e estilo em relação a obras de João Teixeira I e João Teixeira II, sem que porém tais semelhanças sejam suficientes para atribuir a algum deles o *Livro,* que deve ter sido feito à volta de 1650 (como veremos a seguir), isto é, no período que corresponde ao final da actividade de João Teixeira I e ao começo da de João Teixeira II. Não é por isso improvável que ele seja devido a outro cartógrafo da mesma família e de quem se não conhecem obras assinadas (como Estevão Teixeira), o qual teria acesso à oficina de João Teixeira I e aos muitos

73 — «CITY OF COCHIN». 74 — «QUILON». 76 — «MANNAR». 77 — «ISLAND OF CEYLON». 78 — «NEGOMBO». 79 — «COLOMBO». 80 — «KALUTARA». 81 — «GALLE». 82 — «BAY OF WELIGAMA». 83 — «BAY OF DONDRA». 84 — «BATTICALOA». 85 — «FORTRESS OF TRINCOMALEE». 86 — «JAFFNA». 87 — «NEGAPATAM». 88 — «MALDIVE ISLANDS». 89 — «FORTRESS OF ACHIN». 92 — «SOLOR». 93 — «FORTRESS OF S. THOMÉ». 94 — «PORT OF MACAO». 95 — «ISLAND OF FORMOSA». 96 — «ISLAND OF MANILA». 97 — Banda and Amboina. 98 — «PULO BESAR». 99 — «FORTRESS OF PULIKAT». 100 — «FORTRESS OF SURAT». 101 — «PORTO NOVO». 102 — «ENDE». 103 — «MOLUCCA ISLANDS». 104 — «JAKARTA».

V — Miscellaneous

3 * — «PORT OF SANTA LUCIA» (Plate 578 D). 6 * — «DESCRIPTION OF THE FORTRESS AND PORT OF SOFALA». 9 — Port of Mozambique (Plate 580 D). 10 — «ISLAND OF MOMBASA» (Plate 518 A). 40 — «ORMUZ». 75 * — «Island of Ceylon, delineated by Cipriano Sanches» (Plate 388 D). 90 — «FORTRESS OF MALACCA». 91 * — «MAP OF MALACCA».

Within each of these groups it is also possible to recognise particular affinities between certain drawings and other works of the period, and this is helpful in attempting to date the manuscript. To begin with, we may note that (as the Viscount de Santarém pointed out) it cannot be earlier than 1633, since the 15th drawing has a legend referring to the «Channel of the Conception of Our Lady, discovered by P.º Bertolo in the year 1633». In regard to the *Távoas* of group III, it must be observed that, while they differ in certain respects from the known XVI-century manuscripts of the «Rutter of the Red Sea», they closely resemble those in the world atlas of 1630 by João Teixeira I, as can be seen in plans 3, 6 and 10 of group V. In this last group, besides the map of Ceylon, whose origin is explicitly stated, the plan of the Port of Mozambique (n.º 9) is similar to one of the inset plans of the 1649 chart of the Indian Ocean by João Teixeira I (Plate 513), and the others (n.ºs 40, 90 and 91) occur in similar form in various works by Manuel Godinho de Erédia (prior to 1623).

Examination of the 69 drawings in group IV enables us to arrive at certain conclusions. Most of them plainly derive from the «Book of the State of Oriental India» of Pedro Barreto de Resende, and not from one of the Bocarro manuscripts, so that they cannot be earlier than 1636. To them we may add n.º 5, in group I, which is identical with the corresponding chart in the London codex of Resende. It is noteworthy that there are two maps of the island of Goa, n.º 59 (of the type of one of Erédia's and of the Resende manuscript in Paris) and n.º 62 (of the type of the Resende manuscript in London). Of the Island of Ceylon there are also two maps, n.º 75 (by Cipriano Sanches) and n.º 77 (by Resende). On the whole, the drawings of the plans in this group are much simplified, details of vegetation, mountains, houses, etc. being omitted. In this group IV we find two distinct classes of style and lettering, suggesting two different authors — one who made the remaining parts of the «Book», and the other who drew n.ºs 39, 46, 59, 61, 63, 64, 77, 87, 88, 91, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103 and 104. We may note that, in the latter class, n.ºs 61, 63, 64 and 91 have no counterparts in the known manuscripts of Resende, but reappear, in the part due to anonymous author II, in the «Book of Plan[s] of the Fortresses of India», at S. Julião da Barra; the author of the Vila Viçosa manuscript however could not have used this, since it has a plan of the Fortress of Agoada which he omits. We must note however that the two manuscripts show common and characteristic errors in several titles (97: *Bonda* and *Aubino,* for *Banda* and *Amboino*; 99: *Daleacate,* for *Paleacate*; 102, *Eudeuisor,* for *Ende Menor*), suggesting that their authors had recourse to common or similar originals. The Vila Viçosa codex also has three plans (n.ºs 73, 88 and 90) which seem to be by the same second anonymous author of those indicated above (n.º 39, etc.); they show the same drawing, style and lettering as the corresponding plans in four atlases which we studied in Volume IV, pp. 145-6, and attributed to João Teixeira I (or rather to his workshop), c. 1648. Thus the drawings of this group in the Vila Viçosa codex cannot be associated exclusively with any single work of the kind so far studied, but with several. This suggests that the codex was produced, not by a copyist, but by a professional cartographer, or by a workshop (his own or another's) in which drawings used in works of this character had been collected as patterns. In lettering and style the part due to the anonymous author of the greater number of drawings presents similarities to works by João Teixeira I and João Teixeira II, but they do not justify us in attributing to either of them the «Book», which must have been made (as we shall see) about 1650, that is, at the end of the career of João Teixeira I and beginning of that of João Teixeira II. It is accordingly not unlikely that it was produced by another cartographer, signed work by whom is unknown, of the same family (such as Estevão Teixeira), who would have had access to the workshop of João Teixeira I and to the many pattern-drawings which it must have con-

modelos de cartas que lá devia haver, e teria empregado algum auxiliar para fazer algumas das cartas do *Livro*.

As cartas náuticas do I grupo constituem sem dúvida a parte mais importante do códice. Para tentar apurar a sua data comparámo-las com as cartas de Pedro Berthelot de 1635 no códice de Resende em Londres, com as duas cartas do Índico e Extremo Oriente de João Teixeira I de 1649, com o atlas de André Pereira dos Reis de 1654 e com o atlas de José da Costa Miranda de 1686. Verifica-se que os traçados são bastante diferentes, e com aspecto de mais modernos, do que os das cartas de Berthelot, exceptuando a carta 16, onde a semelhança com estas é notável. Em relação às cartas de João Teixeira I de 1649, verifica-se, no códice de Vila Viçosa, semelhança de traçado nas cartas n.os 8, 11 e 13 e traçado aparentemente mais moderno nas cartas n.os 12, 14 e 15. Em relação ao atlas de André Pereira dos Reis de 1654, verifica-se notável igualdade de área e traçado, com a carta correspondente, na carta 15 do códice de Vila Viçosa, certa aproximação na carta 14, e, na generalidade, atraso nas restantes áreas. Finalmente, o atlas de José da Costa Miranda apresenta, de maneira geral, traçados mais avançados, sendo no entanto igual o da costa ocidental da Índia. Do exposto, afigura-se que o *Livro* em Vila Viçosa é um pouco mais moderno que as cartas de João Teixeira I de 1649 e um pouco mais antigo que o atlas de André Pereira dos Reis de 1654; datamo-lo, por consequência, de c. 1650.

Como vamos ver ao analisar as duas obras seguintes, o *Livro* deve ter estado na Itália durante algum tempo.

12 — Colecção de 47 decalques de cartas e plantas do Oriente, século XVII, em Viena

Na Kartensammlung da Österreischische Nationalbibliothek, Viena, incluídos no volume n.º 281 da vastíssima colecção cartográfica designada por «Atlas Stosch», existem 47 decalques, numerados de 1 a 47, de cartas e plantas de cidades e fortalezas do «Estado da Índia Oriental», feitos sobre originais portugueses. Os decalques, em papel, são parte a lápis e parte a tinta, a preto ou a preto e vermelho, de dimensões variáveis. Com excepção de dois (n.os 30 e 40), todos os restantes foram aparentemente decalcados do *Livro das Plantas* de Vila Viçosa que analisámos no número anterior. Dividímo-los por isso nos mesmos grupos (não há nenhum decalque do III grupo), indicando em primeiro lugar, para cada, o número nele inscrito, e depois do título o número da carta correspondente do códice de Vila Viçosa:

I — Cartas Náuticas

44 — África do Sul, desde *Os muros de Pedra* até *Penedo das Fontes* (1). 46 — TERRA DO NATAL *Ate o R. de Lourenço Marques e Cabo das Correntes* (2). 45 — COSTA DO CABO DAS CORRENTES *Ate o porto de Sofala* (4). 4 — Costa ocidental da Índia (12). 3 — Golfo de Bengala (13). 81 — DEMOSTRACAO DO ESTREITO DE MALACA (14). 20 — Parte sul do Estreito de Malaca (15). 24 — Extremo Oriente (16).

II — Távoas do *Roteiro de Goa a Dio* de D. João de Castro

31 — RIO DANDA (53). 25 — BECOIM. *Cifardão* (54). 32 — *Rio Quelecim* (55). 1 — DABVL (56). 29 — RIO DO BETELE (57). 5 — RIO DE CARAPATÃO (58).

IV — Plantas do *Livro do Estado da Índia Oriental* de Pedro Barreto de Resende

47 — *Mascate* (30). 43 — MATARA (31). 34 — ILHA DE BAREM (39). 37 — MORRO DE CHAVL (51). 36 — CHAVL (52). 7 — ILHA DE GOA (59). 35 — Terras de Bardês (60). 41 — FORTALEZA DE BARDES (61). 6 — GOA (62). 39 — N. S. DO CABO (63). 26 — FORTALEZA DE MORMAGAM (64). 16 — Terras de Salcete (65). 8 — ONOR (66). 42 — BARCELOR (67). 38 — CAMBOLIM (68). 2 — MANGALOR (69). 9 — CANANOR (70). 13 — CVNHALE (71). 12 — CRANGANOR (72). 10 — CIDADE DE COCHIM (73). 11 — COVLÃO (74). 15 — MANAR (76). 21 — ILHAS DE MALDIUA (88). 27 — SOLOR (92). 28 — FORTALEZA DE S. THOME (93). 33 — ILHA FERMOZA (95). 22 — ILHA DE MANILHA (96). 23 — ILHAS DE MALVCO (103).

Também provêm do *Livro* de Resende os dois decalques seguintes, que não se encontram contudo no *Livro* de Vila Viçosa:

30 — RIOS DE CVAMA (Estampa 579 D). 40 — BORCA.

tained and would have employed an assistant for some of the drawings in the «Book».

The nautical charts in group I undoubtedly constitute the most important part of the codex. We shall attempt to date them by comparison of them with the charts of 1635 by Pedro Berthelot in the London manuscript of Resende, with the two charts of the Indian Ocean and Far East drawn by João Teixeira I in 1649, with the 1654 atlas by André Pereira dos Reis and with the 1686 atlas of José da Costa Miranda. It is clear that the outlines are substantially different from, and apparently later than, those of Berthelot's charts, except in n.º 16, which shows a remarkable similarity to Berthelot's. In relation to the 1649 charts by João Teixeira I, the Vila Viçosa codex has similar outlines in n.os 8, 11 and 13 and apparently later outlines in n.os 12, 14 and 15. In relation to corresponding charts in the 1654 atlas of André Pereira dos Reis, the area and outline are conspicuously the same in n.º 15 of the Vila Viçosa codex, and not dissimilar in n.º 14, while other areas are, on the whole, more archaic in form. Lastly, the atlas of José da Costa Miranda displays outlines generally more developed, although that of the west coast of India is the same. This analysis suggests that the «Book» at Vila Viçosa is a little later than the 1649 charts of João Teixeira I and a little earlier than the 1654 atlas of André Pereira dos Reis; we therefore date it c. 1650.

As will appear from our account of the next two works, the «Book» must have spent some time in Italy.

12 — Collection of 47 tracings of drawings and plans of the East, XVII century, in Vienna

In the Kartensammlung of the Österreischische Nationalbibliothek, Vienna, and forming part of the enormous collection of maps known as the «Atlas Stosch» (Vol. 281), there are 47 tracings (numbered 1-47) from charts and plans of cities and fortresses of the «State of Oriental India», made from Portuguese originals. The tracings are drawn on paper partly in pencil, partly in ink, in black and red, and are of various dimensions. All except two (n.os 30 and 40) are apparently traced from the «Book of the Plans» in Vila Viçosa, which we have just described. We therefore divide them into the same groups (there is no tracing from group III), giving first the number written on each tracing and after the title the number of the corresponding drawing in the Vila Viçosa codex:

I — Nautical Charts

44 — South Africa, from *Os muros de Pedra* to *Penedo das Fontes* (1). 46 — «LAND OF NATAL to the River of Lourenço Marques and Cape Correntes» (2). 45 — «COAST FROM CAPE CORRENTES to the port of Sofala» (4). 4 — West coast of India (12). 3 — Gulf of Bengal (13). 18 — «DELINEATION OF MALACCA STRAIT» (14). 20 — Southern part of Malacca Strait (15). 24 — Far East (16).

II — *Távoas* from the «Rutter from Goa to Diu» of D. João de Castro

31 — RIO DANDA (53). 25 — BECOIM. *Cifardão* (54). 32 — *Rio Quelecim* (55). 1 — DABVL (56). 29 — RIO DO BETELE (57). 5 — RIO DE CARAPATÃO (58).

IV — Plans from the «Book of the State of Oriental India» of Pedro Barreto de Resende

47 — «Muscat» (30). 43 — «MATRAH» (31). 34 — «ISLAND OF BAHRAIN» (39). 37 — «MOUNTAIN OF CHAUL» (51). 36 — «CHAUL» (52). 7 — «ISLAND OF GOA» (59). 35 — Lands of Bardez (60). 41 — «FORTRESS OF BARDEZ» (61). 6 — «GOA» (62). 39 — «N. S. DO CABO» (63). 26 — FORTRESS OF MORMUGÃO» (64). 16 — Lands of Salsette (65). 8 — «HONAWAR» (66). 42 — «BASRUR» (67). 38 — «CAMBOLIM» (68). 2 — «MANGALORE» (69). 9 — «CANNANORE» (70). 13 — «CUNHALE» (71). 12 — «KRANGANUR» (72). 10 — «CITY OF COCHIN» (73). 11 — «QUILON» (74). 15 — «MANNAR» (76). 21 — «MALDIVE ISLANDS» (88). 27 — «SOLOR» (92). 28 — «FORTRESS OF S. THOMÉ» (93). 33 — «ISLAND OF FORMOSA» (95). 22 — «ISLAND OF MANILA» (96). 23 — «MOLUCCAS» (103).

The following two tracings are also taken from Resende's «Book», but are not in the Vila Viçosa codex:

30 — «RIVERS OF CUAMA» (Plate 579 D). 40 — «BARKAH».

14 — *Ilha Ceilam por Cipriano Sanchez delineada* (75) (Estampa 388 C). 19 — *FORTALEZA DE MALACA* (90). 17 — *MAPA DE MALACA* (91).

A comparação dos decalques com as cartas correspondentes do códice de Vila Viçosa mostra que a parte desenhada tem sempre as mesmas dimensões, que a posição relativa das rosas-dos-ventos e troncos-de-léguas é a mesma, que os títulos, legendas e nomenclatura (com as suas peculiariedades ortográficas, e até tipos de letras) são iguais, e que há coincidência na figuração do relevo e vegetação. O copista devia ser italiano, pois há nalguns decalques anotações, aparentemente da mesma mão, na língua italiana, e a sua letra parece ser do século XVII. Não pode, pois, haver dúvida de que os decalques foram feitos sobre o códice de Vila Viçosa. O facto de haver dois decalques de cartas que não vêm neste pode ter duas explicações: *a*) ou tais cartas fizeram primitivamente parte do códice e foram depois arrancadas; *b*) ou o ignorado copista as copiou de outra ou outras obras.

Pudemos ainda verificar que, desses dois decalques, o n.º 30 (*RIOS DE CVAMA*) foi copiado muito provàvelnente do mesmo exemplar de onde provém a carta n.º 2 do *LYVRO DE PLANTAFORMA* em S. Julião da Barra; o desenho tem as mesmas dimensões, o traçado é igual e toda a nomenclatura do decalque em Viena se encontra naquela carta. Dada a fidelidade com que o ignorado copista fez tais decalques, algumas pequenas diferenças que há na posição da nomenclatura levam-nos a conjecturar que ele não utilizou o códice de S. Julião da Barra, mas sim outra obra.

13 — Colecção de 16 cartas e plantas do Oriente, século XVII, em Florença

Na Biblioteca Medicea Laurenziana, Florença, juntamente com grande número de cartas holandesas atribuídas a Vingboons, existem 16 cartas aparentemente portuguesas. Manuscritas e coloridas, traçadas em papel fixado a tela, estiveram muito tempo expostas em Villa Castello, perto de Florença, de onde só foram retiradas para a Biblioteca Laurenziana no presente século, pelo que se encontram em muito mau estado de conservação. Cada uma tem a cota «Villa Castello» seguida de um número. Provêm aparentemente do *Livro das Plantas* existente em Vila Viçosa. São as seguintes, indicando-se primeiramente o número da cota e depois do título o número da carta correspondente daquele *Livro*:

61 — Extremo Oriente (16), 41 × 54 cm. 62 — *DESCRIPÇÃO DA FORTALEZA E PORTO DE SOFALA* (6), 30 × 51 cm. 63 — *DEMOSTRAÇÃO DO ESTREITO DE MALACA* (14), 38 × 52 cm. 66 — Costa ocidental da Índia (12), 41 × 56 cm. 67 — África do Sul (1), 38 × 56 cm. 68 — *COSTA QUE VAI DE MOÇAMBIQUE ATÉ O CABO DE GUARDAFUM E ILHA DE SACATORA* (8), 40 × 52 cm. 69 — Costa do Cabo das Correntes a Sofala (4), 39 × 54 cm. 70 — Golfo de Bengala (13), 40 × 53 cm. 71 — Mar Vermelho e Golfo Pérsico (11), 42 × 56 cm. 72 — Parte Sul do Estreito de Malaca (15), 41 × 58 cm. 73 — Costa de Moçambique desde Sofala a Angoxa (5), 38 × 56 cm. 74 — *MAPA DE MALACA* (91), 34 × 53 cm. 75 — *PORTO DI SANTA LUZIA* (3), 38 × 49 cm. 76 — Madagascar e ilhas próximas (7), 38 × 50 cm. 77 — *TERRA DO NATAL ate o R. de Lourenzo Marques e Cabo das Correntes* (2), 38 × 49 cm. 78 — *COVLÃO* (74) (Estampa 588 C), 24 × 34 cm.

Comparando estas cartas com as correspondentes do *Livro* em Vila Viçosa, encontram-se tantas analogias (área representada, posição das rosas-dos-ventos, títulos e nomenclatura, posição e desenho dos montes, etc.) que não pode haver dúvida de que as cartas em Florença foram copiadas do *Livro* em Vila Viçosa. O copista devia ser um italiano, pois nas cartas 75 e 77 vêem-se dois italianismos denunciando a sua nacionalidade (*di, Lourenzo*). Ao analisarmos antes a colecção de decalques existente em Viena apontámos que há nalguns anotações em italiano. Reforça-se assim a ideia de que o códice de Vila Viçosa deve ter estado na Itália durante algum tempo.

Wieder, que referiu de passagem estas 16 cartas «portuguesas» em Florença (29), chegou à conclusão de que as cartas de Vingboons expostas, juntamente com aquelas, na Villa Castello, devem ter sido trazidas da Holanda para Itália pelo príncipe herdeiro da Toscana, futuro Grão-Duque Cosimo III, por altura da sua conhecida viagem de 1667-9 pela Europa. Ora o príncipe esteve em começos de 1669 em Lisboa, aí travando relações com vários portugueses, como se vê no precioso relato da viagem conservado na Biblioteca

(29) F. C. Wieder, *Monumenta Cartographica*, Vol. IV, pp. 89-90, 130. The Hague 1932.

14 — «Island of Ceylon, delineated by Cipriano Sanches» (75) (Plate 388C). 19 — «FORTRESS OF MALACCA» (90). 17 — «MAP OF MALACCA» (91).

Comparison of the tracings with the corresponding drawings in the Vila Viçosa codex shows that the design has invariably the same dimensions, that the wind roses and league-scales occupy the same relative positions, that the titles, legends and nomenclature (with its idiosyncrasies of orthography and even letter-forms) are identical, and that the representation of relief and vegetation agrees. The copyist must have been an Italian, since some of the tracings have annotations, apparently by the same hand, in the Italian language, and the writing seems to be of the XVII-century. There can therefore be no doubt that the tracings were made from the Vila Viçosa codex. The fact that two tracings have no counterpart in the codex admits of two alternative explanations: either (*a*) these drawings were originally in the codex and later torn out; or (*b*) the unknown copyist took them from another work or works.

We may further note that of these two tracings, n.º 30 («RIVERS OF CUAMA») was very probably copied from the same source as that of chart n.º 2 in the «Book of Plan[s]» at S. Julião da Barra; the drawing has the same dimensions, the outline is identical, and all the nomenclature of the Vienna tracing is found in that chart. In view of the fidelity with which the unknown copyist made his tracings, some slight differences suggest that he did not make use of the codex at S. Julião da Barra, but of some other work.

13 — Collection of 16 charts and plans of the East, XVII century, in Florence

In the Biblioteca Medicea Laurenziana, Florence, among a large number of Dutch charts ascribed to Vingboons, there are 16 which appear to be Portuguese. They are coloured and are drawn on paper mounted on linen; for a long time they were on exhibition at Villa Castello, near Florence, whence — being in a very bad state of repair — they were brought back to the Biblioteca Laurenziana in the present century. Each has the classmark «Villa Castello» followed by a number. They are apparently derived from the «Book of Plans» at Vila Viçosa. They are as follows, the classmark number being given first, and after the title the number of the corresponding drawing in the Vila Viçosa codex:

61 — Far East (16), 41 × 54 cm. 62 — «DESCRIPTION OF THE FORTRESS AND PORT OF SOFALA» (6), 30 × 51 cm. 63 — «DELINEATION OF MALACCA STRAIT» (14), 38 × 52 cm. 66 — West coast of India (12), 41 × 56 cm. 67 — South Africa (1), 38 × 56 cm. 68 — «COAST FROM MOZAMBIQUE TO CAPE GUARDAFUI AND THE ISLAND OF SOCOTRA» (8), 40 × 52 cm. 69 — Coast from Cape Correntes to Sofala (4), 39 × 54 cm. 70 — Gulf of Bengal (13), 40 × 53 cm. 71 — Red Sea and Persian Gulf (11), 42 × 56 cm. 72 — Southern part of Malacca Strait (15), 41 × 58 cm. 73 — Coast of Mozambique from Sofala to Angoxa (5), 38 × 56 cm. 74 — «MAP OF MALACCA» (91), 34 × 53 cm. 75 — «PORT OF S. LUCIA» (3), 38 × 49 cm. 76 — Madagascar and adjacent islands (7), 38 × 50 cm. 77 — «LAND OF NATAL to the River of Lourenço Marques and Cape Correntes» (2), 38 × 49 cm. 78 — «QUILON» (74) (Plate 588 C), 24 × 34 cm.

Comparison of these charts with the corresponding ones in the «Book» at Vila Viçosa reveals so may similarities (the area represented, position of the wind roses, titles and nomenclature, position and drawing of mountains, etc.) that there can be no doubt that the charts at Florence were copied from the Vila Viçosa manuscript. The copyist must have been Italian, his nationality being betrayed by two Italianisms (*di, Lourenzo*) in charts 75 and 77. In our description of the collection of tracings at Vienna we mentioned that there were some annotations in Italian. This increases the likelihood that the Vila Viçosa codex was for some time in Italy.

Wieder, who referred briefly to these 16 «Portuguese» charts at Florence (29), came to the conclusion that the Vingboons charts exhibited with them at Villa Castello must have been brought from Holland to Italy by the hereditary prince of Tuscany, the future Grand-Duke Cosimo III, on the occasion of his well-known voyage through Europe in 1667-9. Now at the beginning of 1669 the prince was in Lisbon, where he entered into relations with various Portuguese, as we learn from the precious account of his tour

(29) F. C. Wieder, *Monumenta Cartographica*, Vol. IV, pp. 89-90, 130. The Hague 1932.

Medicea Laurenziana, de Florença. Assim, no dia 10 de Fevereiro, «passò la veglia con un Mattematico Portoghese, che le portó a far vedere un libro assai grande contenente relazione delle cose dell'Indie, colle piante di quelle Fortezze fatto fare in quelle parti da un Vice Re» (30). Este matemático é sem dúvida Luís Serrão Pimentel, que foi engenheiro-mor e cosmógrafo--mor de Portugal, e que passou a corresponder-se com o príncipe, de quem recebia livros e a quem por sua vez enviava obras. Assim, foi Pimentel quem ofereceu ao já então Grão-Duque o manuscrito de uma obra de Pedro Nunes, bem como a *Arx Medicea* e o *Extractum Ichonographicum Methodi Lusitanicae* (estas duas últimas obras, sobre engenharia militar, da autoria do próprio Pimentel) (31).

Dado o interesse de Cosimo III por questões de engenharia militar e cartografia, Luís Serrão Pimentel mostrou-lhe em Lisboa uma obra com fortalezas da Índia, a qual, pela referência acima transcrita, devia ser um *Livro* de Bocarro ou de Resende. É plausível supôr que mais tarde lhe enviasse para Florença um livro ou atlas do Oriente, o qual podia muito bem ter sido (embora não se lhe veja hoje qualquer dedicatória) o que está agora em Vila Viçosa e já mostrámos dever ter estado algum tempo na Itália. Em tal hipótese, torna-se compreensível que Cosimo III tivesse mandado executar por um italiano cópias de algumas das suas cartas, a fim de serem expostas na Villa Castello, juntamente com as cartas de Vingboons que trouxe da Holanda.

14 — 6 Cartas de Anónimo — João Teixeira Albernaz II, de c. 1660, em Londres

No British Museum, com a cota «Add. MS. 5027 A», existe um volume com várias cartas em papel e pergaminho, que se julga ter pertencido à oficina de um cartógrafo holandês do século XVII (32). Entre elas contam-se algumas portuguesas traçadas em papel, manuscritas e coloridas, acompanhadas de textos, da folha 50 à folha 61; estas folhas medem 31 × 45 cm:

Fólios 50 v - 51 r — Descripsão da Cidade de Damão. A planta da povoação ocupa a parte superior do fólio 50 v, 245 × 260 mm, estando o texto no resto desse fólio e no seguinte.

Fólios 52 v - 53 r (Estampa 586 I) — Ilha de Goa, ocupando o desenho a totalidade do espaço, 430 × 575 mm. O *fólio 54 r* contém apenas um texto sobre as igrejas de Goa.

Fólios 55 v - 56 r — Descripsão de Chavl, com um *Capitolo do Morro,* com os textos no fólio 56 r e os desenhos, 260 × 350 mm, no fólio 55 v, ao alto o de Chaul e em baixo a *Plataforma do Morro de Chaul.*

Fólio 57 r — Descripsão de Tana, com o desenho, 178 × 262 mm, em cima, e o texto em baixo.

Fólios 58 v - 59 r — Descripsão de Cochim, com o desenho, 200 × 260 mm, na parte superior do fólio 58 v e o texto no resto do espaço.

Fólios 60 v - 61 r — Descripsão da Fortaleza e Cidade de Basaim, com o desenho, 240 × 257 mm, na parte superior do fólio 60 v e o texto no resto do espaço.

Os textos descritivos têm indicações históricas, náuticas, militares, populacionais, financeiras e religiosas, no género do que vem nos *Livros* de Bocarro e Resende, mas com carácter bastante mais sumário. O estilo dos desenhos e a letra revelam, sem a menor hesitação, que o seu autor foi João Teixeira Albernaz II, sendo notórias as afinidades com o atlas de África de 1665 do mesmo cartógrafo. Estas folhas constituem sem dúvida os restos de um atlas do Oriente concebido à maneira daquele de África, mas com texto mais desenvolvido. A forma como está escrito o texto relativo a Cochim indica que a cidade ainda pertencia aos portugueses quando o atlas foi feito, pelo que este é anterior a 1663, ano em que os holandeses conquistaram a cidade; por outro lado, a carta da Ilha de Goa mostra um progresso notável em relação às de Erédia e Resende. Conclui-se assim que o atlas foi feito c. 1660, nos primeiros tempos da actividade de João Teixeira Albernaz II.

(30) Cod. Med. Pal. 123. A relação da viagem, de Lorenzo Magalotti, foi publicada por Angel Sánchez Rivero, com o título *Viaje de Cosme de Médicis por España y Portugal (1668-1669).* Madrid, s. d.

(31) Sobre as relações entre Cosimo III e Pimentel, ver *Pedro Nunes — Defensão do Tratado da rumação do globo para a arte de navegar,* editado por Joaquim de Carvalho, pp. v-viii, Coimbra 1952. As três obras oferecidas por Pimentel encontram-se actualmente na Biblioteca Nazionale, Florença, com as cotas «Palat. 825» e «Palat. 910», e nas suas dedicatórias Pimentel refere-se ao intercâmbio científico estabelecido com o Grão-Duque.

(32) M. Destombes, *Cartes Hollandaises — La Cartographie de la Compagnie des Indes Orientales 1593--1743,* pp. 13-14. Saigon 1941.

preserved in the Biblioteca Medicea Laurenziana in Florence. Thus on the 10th of February «he passed the evening with a Portuguese mathematician who showed him a fairly large book containing an account of the affairs of the Indies, with plans of the fortresses which a Viceroy caused to be drawn in those parts» (30). This mathematician was doubtless Luís Serrão Pimentel, engineer-major and cosmographer-major of Portugal, who engaged in correspondence with the prince, receiving books from him and sending books to him. Thus it was Pimentel who presented to Cosimo, then Grand-Duke, the manuscript of a work by Pedro Nunes, with the *Arx Medicea* and the *Extractum Ichonographicum Methodi Lusitanicae,* two works on military engineering by Pimentel himself (31).

To satisfy Cosimo III's interest in matters of military engineering and cartography, Luís Serrão Pimentel showed him in Lisbon a collection of plans of Indian fortresses, which — from the reference cited above — must have been a «Book» by Bocarro or Resende. It is reasonable to suppose that the latter sent to Cosimo at Florence a book or atlas of the East, which could very well have been the one now at Vila Viçosa (despite the fact that in its present state it has no dedication); and, as we have seen, this must at some time have been in Italy. If so, it is understandable that Cosimo III should have commissioned from an Italian copies of the drawings, to be exhibited at Villa Castello with the charts by Vingboons brought from Holland.

14 — Six unsigned drawings by João Teixeira Albernaz II, c. 1660, in London

In the British Museum, classmark «Add. MS. 5027 A», is a volume containing various maps and charts, on paper or vellum, which is thought to have belonged to the workshop of a Dutch cartographer of the XVII-century (32). Among them (fols. 50-61) are some Portuguese plans, drawn on leaves of paper, 31 × 45 cm, coloured, and accompanied by texts:

Folios 50 v - 51 r — «Description of the City of Damão». The plan of the town occupies the upper part of folio 50 v, measuring 245 × 260 mm, the text being written on the rest of this leaf and on the next.

Folios 52 v - 53 r (Plate 586 I) — Island of Goa, the drawing occupying the whole space, 430 × 575 mm. *Folio 54 r* has only text on the churches of Goa.

Folios 55 v - 56 r — «Description of Chaul», with a «chapter on the Mountain»; the texts are on folio 56 r and the drawings, 260 × 350 mm, on folio 55 v, that of Chaul above and the «Plan of the Mountain of Chaul» below.

Folio 57 r — «Description of Thana» with the drawing, 178 × 262 mm, above and the text below.

Folios 58 v - 59 r — «Description of Cochin», with the drawing, 200 × × 260 mm, in the upper part of folio 58 v and the text in the remaining space.

Folios 60 v - 61 r — «Description of the City and Fortress of Bassein», with the drawing, 240 × 257 mm, in the upper part of folio 60 v and the text in the remaining space.

The descriptive texts contain information on historical, nautical, military, demographic, financial and religious matters, of the sort given in the «Books» of Bocarro and Resende, but in somewhat more summary form. The style of the drawings and the lettering testify, beyond all doubt, to the authorship of João Teixeira Albernaz II, the affinities with this cartographer's atlas of Africa of 1665 being conspicuous. These leaves are doubtless the remains of an atlas of the East conceived after the pattern of that of Africa, but with more developed text. From the text relating to Cochin it appears that the city was still in Portuguese hands when the atlas was made, that is, before 1663, when the Dutch captured this city; on the other hand, the map of the Island of Goa shows a considerable advance on those of Erédia and Resende. We conclude that the atlas was made c. 1660, at the beginning of the career of João Teixeira Albernaz II.

(30) Cod. Med. Pal. 123. The account of the tour, by Lorenzo Magalotti, has been published by Angel Sánchez Rivero under the title *Viaje de Cosme de Médicis por España y Portugal (1668-1669),* Madrid, s. d.

(31) On the relations between Cosimo III and Pimentel, see *Pedro Nunes — Defensão do Tratado da rumação do globo para a arte de navegar,* edited by Joaquim de Carvalho, pp. v-viii, Coimbra 1952. The three works presented by Pimentel are now in the Biblioteca Nazionale, Florence, classmark «Palat. 825» and «Palat. 910», and in their dedications Pimentel refers to his scientific exchanges with the Grand-Duke.

(32) M. Destombes, *Cartes Hollandaises — La Cartographie de la Compagnie des Indes Orientales 1593--1743,* pp. 13-14. Saigon 1941.

15 — Dezoito cartas gravadas de cidades e fortalezas do Oriente na *Asia Portuguesa* de Manuel de Faria e Sousa, 1666-1675

Na conhecida obra de Manuel de Faria e Sousa, *Asia Portuguesa,* começada a publicar em Lisboa em 1666, já depois da morte do seu autor (1649), encontram-se várias gravuras, de tamanhos variáveis, representando cidades e fortalezas do Oriente:

Tomo I (*1666*)*: Cochim, Qviloa, Fortaleza de Cananor,* Sofala, *Civdad de Goa* (Estampa 586 L), *Fortaleza de Malaca, Fortaleza de Ormuz* (Estampa 582 F), *Fortaleza de Chavl* (Estampa 585 C), *Fortaleza de Baçaim, Fortaleza de Dio.*

Tomo II (*1674*)*: Fortaleza de Moçambique, Fortaleza de Damão, Fortaleza de Manar, Fortaleza de Mangalor, Fortaleza de Onor, Fortaleza de Barcalor.*

Tomo III (*1675*)*: Mascate, Fortaleza de Macau.*

No Tomo I há ainda uma vista da Ilha de Santa Helena, e em todos os tomos vários retratos de vice-reis e governadores da Índia, aparentemente baseados nos da Galeria dos Vice-reis de Goa e que haviam sido copiados nomeadamente por Pedro Barreto de Resende. As gravuras do Tomo I são bastante mais perfeitas que as dos restantes tomos. Três das plantas (Sofala, Onor e Macau) baseiam-se em protótipos que aparecem pela primeira vez nos *Livros* de Bocarro e Resende; as restantes (exceptuando a de Quiloa) baseiam-se em protótipos que aparecem pela primeira vez nas obras de Erédia.

D — CONCLUSÕES

Além das obras analisadas, outras do mesmo género foram feitas, tendo-se perdido ou desconhecendo-se o seu paradeiro. De duas delas temos referências:

1) «Demonstracion de los Puertos, Fortaleças, Barras, i Baias de las Indias Orientales, i el Viage segundo hasta el Reino de Congo, con Estampas coloridas, estava M.S. en la Libreria del Conde de Villa-Umbrosa», segundo vem indicado na edição aumentada do *Epitome* de Leon Pinelo (33).

2) D. António Álvares da Cunha, «Fortalezas da India em mapas», segundo Barbosa Machado, que disse encontrar-se a obra na livraria do Convento de S. Domingos de Lisboa (34). D. António Álvares da Cunha (1626-1690) foi guarda-mor da Torre do Tombo.

Este tipo de obra apresenta a sua forma mais completa no *Livro* de Pedro Barreto de Resende em Londres. No aspecto cartográfico inclui cartas náuticas desde o Cabo de Boa Esperança até à China e Japão, e plantas de cidades e fortalezas. No respeitante aos textos, além dos elementos descritivos, militares, financeiros, económicos, religiosos, etc., coligidos por António Bocarro, Resende acrescentou-lhes as relações das armadas da Índia e um resumo dos acontecimentos no tempo de cada vice-rei ou governador, com retratos destes. Embora o seu *Livro* seja na realidade o mais completo no género, muitos outros o haviam precedido na ideia, ou haviam já coligido elementos ou escrito sobre assuntos nele incluídos. Gaspar Correia, nas *Lendas da Índia,* dá já uma série de retratos de governadores e de vistas de povoações e fortalezas (Vol. I, pp. 167-8 da presente obra), e o *Livro de Lizuarte de Abreu* (*ibidem*, pp. 169-72) contém os retratos de vice-reis e governadores, alguns desenhos cartográficos e o desenho de numerosas armadas da Índia; é sabido, aliás, que no Palácio da Fortaleza, em Goa, havia numa sala os retratos dos vice-reis e governadores e noutra sala as pinturas das armadas da Índia. É bem conhecido o *Livro das Armadas* da Academia das Ciências de Lisboa (o qual vai até 1566), e existem várias relações das armadas da Índia, porém sem figuras (35). No respeitante aos elementos financeiros recordamos

(33) Antonio de Leon Pinelo, *Epitome de la bibliotheca oriental, y occidental, nautica, y geografica,* Vol. II, col. 1176. Madrid 1737. Também o Visconde de Santarém, *Estudos de Cartografia Antiga,* Vol. I, p. 225, Lisboa [1919], refere esta obra, bem como outra da mesma biblioteca, hoje de paradeiro desconhecido, contendo cartografia («Roteiro de Lisboa até ao Cabo da Boa Esperança e Índia oriental com cartas illuminadas, manuscripto in 4º»).

(34) *Bibliotheca Lusitana,* T. I, p. 199. Lisboa 1741.

(35) Sobre os retratos dos vice-reis e as pinturas das armadas da Índia, ver Frazão de Vasconcelos, *As pinturas das armadas da India e outras representações artísticas de navios portugueses do século XVI.* Lisboa 1941.

15 — Eighteen engraved plans of cities and fortresses of the East, in the *Asia Portuguesa* of Manuel de Faria e Sousa, 1666-1675

In the well-known work by Manuel de Faria e Sousa, *Asia Portuguesa,* the first volume of which was published at Lisbon in 1666, seventeen years after its author's death, there are some engravings, of various sizes, representing cities and fortresses of the East:

Volume I (*1666*)*:* «Cochin», «Quilon», «Fortress of Cannanore», Sofala, «City of Goa» (Plate 586 L), «Fortress of Malacca», «Fortress of Ormuz» (Plate 582 F), «Fortress of Chaul» (Plate 585 C), «Fortress of Bassein», «Fortress of Diu».

Volume II (*1674*)*:* «Fortress of Mozambique», «Fortress of Damão», «Fortress of Mannar», «Fortress of Mangalore», «Fortress of Honawar», «Fortress of Basrur».

Volume III (*1675*)*:* «Muscat», «Fortress of Macao».

In Volume I there is also a view of the Island of Saint Helena, and each of the volumes has portraits of viceroys and governors of India, apparently derived from those in the Gallery of the Viceroys at Goa, copies of which had been made, notably by Pedro Barreto de Resende. The engravings in Volume I are somewhat more finished than those of the other volumes. Three of the plans (Sofala, Honawar and Macao) are based on prototypes found for the first time in the «Books» of Bocarro and Resende; the remainder (except that of Quilon) on prototypes first found in the works of Erédia.

D — CONCLUSIONS

Besides the works already described, others of the same sort were made, but they are now lost or have not come to light. We have references to two of them:

1) «Delineation of the Ports, Fortresses, Bars and Bays of the East Indies, and the second voyage to the Kingdom of Congo, with coloured drawings, the MS. of which was in the library of the Count de Villa-Umbrosa», as recorded in the enlarged edition of Leon Pinelo's *Epitome* (33).

2) D. António Álvares da Cunha, «Fortresses of India displayed in maps», according to Barbosa Machado, who says that the work was in the library of the Convent of S. Domingos in Lisbon (34). D. António Álvares da Cunha (1626-1690) was keeper of the Torre do Tombo.

This type of work reaches its most complete form in the «Book» of Pedro Barreto de Resende in London. In the field of cartography, it includes nautical charts, from the Cape of Good Hope to China and Japan, and plans of cities and fortresses. To the texts, over and above descriptions and military, financial, economic, religious, etc., information collected by António Bocarro, Resende added accounts of the fleets of India and a summary of events under each viceroy or governor, with portraits of viceroys and governors. Although his «Book» is in fact the fullest of the kind, he had many predecessors either in conception or in gathering information or writing on the subjects in question. Gaspar Correia, in his *Lendas da Índia,* had already presented a series of governors' portraits and views of towns and fortresses (Vol. I, pp. 167-8, of the present work), and the *Livro de Lizuarte de Abreu* (*ibidem,* pp. 169-72) contains portraits of viceroys and governors, some cartographic drawings, and drawings of numerous fleets of India; we know too that in a room of the Viceregal Palace in Goa there were portraits of the viceroys and governors, and in another room paintings of the fleets of India. The well-known *Livro das Armadas* in the Academia das Ciências, Lisbon, goes up to 1566, and various accounts of the fleets of India exist, though without drawings (35). For the financial details, we have the *Orçamento do Estado da Yndia* of 1574

(33) Antonio de Leon Pinelo, *Epitome de la bibliotheca oriental, y occidental, nautica, y geografica,* Vol. II, col. 1176. Madrid 1737. In addition the Viscount de Santarém, *Estudos de Cartografia Antiga,* Vol. I, p. 225, Lisboa [1919], cites this work, with another one in the same library containing maps, the whereabouts of which are now unknown («Rutter from Lisbon to the Cape of Good Hope and Oriental India with illuminated maps, manuscript in 4º»).

(34) *Bibliotheca Lusitana,* T. I, p. 199. Lisboa 1741.

(35) On the portraits of the viceroys and paintings of the fleets of India, see Frazão de Vasconcelos, *As pinturas das armadas da India e outras representações artísticas de navios portugueses do século XVI.* Lisboa 1941.

o *Orçamento do Estado da Yndia* de 1574 de Diogo Velho (36) e os numerosos *Regimentos das Fortalezas* dos séculos XVI e XVII (37).

Existe ainda uma obra escrita no século XVI cujo texto, embora mais reduzido, obedece já a um esquema parecido com o dos *Livros* de Bocarro e Resende. Trata-se do *Livro das Cidades, e Fortalezas, qve a Coroa de Portugal tem nas partes da India, e das Capitanias, e mais cargos qve nelas há, e da importancia delles,* MS. 3127 da Biblioteca Nacional de Madrid com 107 folhas, o qual, embora sem data, se vê pelo contexto ter sido inicialmente escrito em 1582 (38). Por sua vez na Biblioteca Nacional de Lisboa, com a cota «MS. Fundo Geral n.º 29», existe uma cópia do século XVIII, com 63 folhas, de uma outra obra, também sem data, mas que se deduz ter sido redigida entre 1622 e 1633, com o título *Relação das Plantas, & descripsões de todas as Fortalezas, Cidades, e Povoações que os Portuguezes tem no Estado da India Oriental* (39). Costa Veiga pôde provar que Bocarro se socorreu desta obra, e que o original continha cartas pois, além da indicação implícita no título, elas são claramente referidas a propósito de Cochim e Ceilão.

Depois destas breves notas relacionadas sobretudo com o texto, resta-nos tratar da parte cartográfica. Pondo de parte as cartas náuticas, organizámos um quadro, que vai no final, onde se indicam as restantes cartas e plantas das principais obras, incluindo algumas de M. Godinho de Erédia e João Teixeira I de que nos havíamos já ocupado no Volume IV. O seu estudo comparativo mostrou que, em numerosos casos, uma povoação ou área é representada diferentemente, pelo que individualizámos no quadro esses vários protótipos (no total de 134), o que permite compreender melhor as relações entre as várias obras. No mesmo quadro indicam-se as cartas e plantas já reproduzidas e aquelas que reproduzimos na presente obra. Na Fig. 13 são localizadas as cidades e fortalezas.

(36) Recentemente publicado, com um estudo, por Águedo de Oliveira, *Orçamento do Estado da Índia (1574) feito por mandado de Diogo Velho, Vedor da Fazenda da Índia.* Lisboa 1960.

(37) Publicados, com estudo e notas, por Pandurونga S. S. Pissurlencar, *Regimentos das Fortalezas da India.* Bastorá (Goa) 1951.

(38) Foi publicado por Francisco Mendes da Luz, in *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Vol. XXI, Coimbra 1952, e depois, em 2.ª edição (facsimile), in *Studia*, n.º 6, Julho 1960. Na Real Academia de História de Madrid, com a cota «Salazar — H. 26», existe outro exemplar da mesma obra.

(39) Foi publicada, com um estudo, por Costa Veiga 1936.

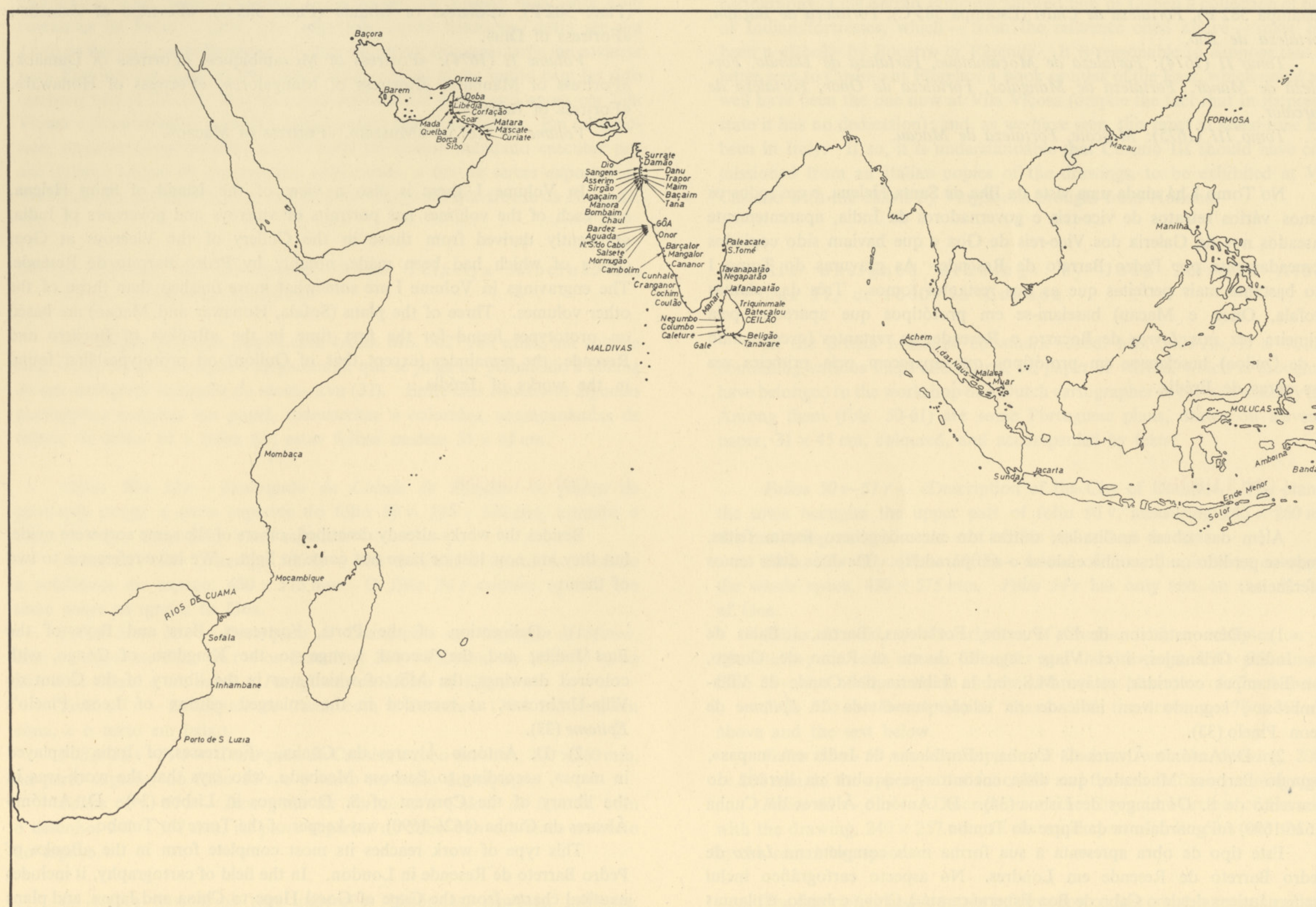


FIG. 13 — LOCALIZAÇÃO DOS PORTOS, CIDADES E FORTALEZAS REPRESENTADAS NOS LIVROS E ATLAS DO ESTADO DA ÍNDIA ORIENTAL
— LOCALITIES OF THE PORTS, CITIES AND FORTRESSES REPRESENTED IN THE BOOKS AND ATLASES OF THE STATE OF ORIENTAL INDIA

by Diogo Velho (36) and the numerous «Regulations of the Fortresses» of the XVI and XVII centuries (37).

There is also a written work of the XVI century, the text of which (although shorter) follows a similar pattern to that of the «Books» of Bocarro and Resende. This is the «Book of the Cities and Fortresses which the Crown of Portugal has in the parts of India, and of the Captaincies and other charges there, and of their importance», Biblioteca Nacional, Madrid, MS. 3127, of 107 leaves, undated but apparently, from the context, first written in 1582 (38). Again, the Biblioteca Nacional, Lisbon, classmark «MS. Fundo Geral n.º 29», has an XVIII-century copy of another work, of 63 leaves, also undated, which seems to have been composed between 1622 and 1633, and is entitled «List of the Plans, and description of all the Fortresses, Cities and Towns which the Portuguese have in the State of Oriental India» (39). Costa Veiga has been able to show that Bocarro had recourse to this work and that in its original form it contained drawings since, apart from the implied reference in the title, they are plainly cited in connection with Cochin and Ceylon.

After these brief notes relating mainly to the text, it remains to consider the cartographic part. Leaving aside the nautical charts, we have drawn up a table, at the end, indicating the other maps and plans of the main works, including some by M. Godinho de Erédia and João Teixeira I which we have already discussed in Volume IV. Comparative study of them shows that, in many cases, a town or an area is differently represented, so that the table enables us to recognise the various prototypes (to the number of 134) and to appreciate better the relationship of the various works. The same table shows which drawings have previously been reproduced and those we reproduce in the present work. In Fig. 13 the localities of the cities and fortresses are indicated.

(36) Recently published, with a study, by Águedo de Oliveira, *Orçamento do Estado da Índia (1574) feito por mandado de Diogo Velho, Vedor da Fazenda da Índia.* Lisboa 1960.

(37) Published, with introduction and notes by Pandurونga S.S. Pissurlencar, *Regimentos das Fortalezas da India.* Bastorá (Goa) 1951.

(38) It has been published by Francisco Mendes da Luz, in *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Vol. XXI, Coimbra 1952, and again, in a 2nd edition (facsimile), in *Studia*, n.º 6, July 1960. In the Real Academia de História, Madrid, classmark «Salazar — H. 26», is another copy of the same work.

(39) It has been published, with a study, by Costa Veiga 1936.

A mais antiga obra que nos chegou, só com cartas (em número de 20), é o atlas de Manuel Godinho de Erédia de 1610, e ao tratarmos dele (Vol. IV, p. 48) apontámos que devia sobretudo basear-se em levantamentos dos engenheiros. Poucos anos depois, o mesmo autor, no atlas-miscelânea de c. 1615 - - c. 1622, apresenta já o dobro das plantas, sendo parte destas de protótipos diferentes das de 1610, o que também se verifica com algumas das 22 do mesmo autor, de c. 1620, no *Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da India* em S. Julião da Barra. No seu atlas universal de 1630 João Teixeira I apresenta também 25 plantas de cidades e fortalezas baseadas na maior parte nos protótipos das duas últimas obras de Erédia, sendo admissível que ele tivesse para esse efeito utilizado mesmo algumas das várias obras que o cartógrafo luso-malaio enviou para a metrópole. Nos quatro atlas das cidades e fortalezas da Índia Oriental, anónimos e que também atribuímos a João Teixeira I ou à sua oficina, verifica-se que a totalidade das plantas (23) segue protótipos das obras de Erédia. Quando os analisámos, no Volume IV, ainda não havíamos feito o estudo de conjunto das obras do género, pelo que não nos apercebemos então daquele facto; dada a semelhança de formato, estilo e letra em relação aos atlas de João Teixeira I da costa de Portugal datados de 1648, considerámos então os atlas das cidades e fortalezas de c. 1648. Embora não alteremos tal data, dadas aquelas semelhanças, julgamos apropriado consignar agora que tais atlas são de um tipo criado c. 1630, pois não há neles qualquer dos protótipos aparecidos em 1635 com Pedro Barreto de Resende. Este último, quer no seu *Livro,* quer no de Bocarro, apresenta um número bastante maior de plantas, sendo também de salientar que só repete oito dos protótipos de Erédia. É aos desenhos de Resende que recorre por sua vez o anónimo II do *Livro* em S. Julião da Barra, o mesmo se verificando com a maior parte das plantas do *Livro* de Vila Viçosa, embora neste último caso haja também algumas de acordo com os protótipos de Erédia. São sobretudo estes que se utilizaram, por sua vez, para as gravuras da *Asia Portuguesa* de Manuel de Faria e Sousa.

Parece-nos ainda curioso salientar a diferença entre os *Livros* e Atlas do Estado da Índia Oriental e os atlas do Brasil. O atlas do Brasil foi criado por Luís Teixeira, e depois desenvolvido por João Teixeira I, caracterizando-se por grande número de cartas detalhadas do litoral, contendo pormenores sobre a colonização portuguesa e um pequeno número de plantas de povoações, estas fundadas todas pelos portugueses. Nos atlas do Estado da Índia Oriental, pelo contrário, embora a extensão de litoral fosse muito maior, são em pequeno número e em escala menor as cartas do litoral, puramente hidrográficas, e em grande quantidade as plantas de fortalezas e cidades, estas normalmente fundadas antes da chegada dos portugueses e por estes fortificadas, sendo uma das fontes de tais atlas os levantamentos dos engenheiros; entre todas estas plantas, quase há apenas três cartas abrangendo vasta extensão territorial — a da zona de Goa, a da Ilha de Ceilão e a dos Rios de Cuama. A cartografia traduz portanto com clareza a diferença entre os impérios dos portugueses no Atlântico e no Índico.

QUADRO COMPARATIVO

Dado o grande número de cartas e plantas existentes na totalidade dos vários *Livros* e *Atlas,* pareceu-nos útil organizar um quadro comparativo das que existem nos principais códices (não considerando as cartas puramente náuticas), discriminando, para cada região, cidade ou fortaleza, os vários protótipos quando haja mais de uma forma de representação.

No espaço reservado a cada carta ou planta indica-se em primeiro lugar o seu número de ordem no códice ou folha deste (no canto superior esquerdo), depois os locais onde tenha sido reproduzida (letras no canto superior direito, cuja chave vem na bibliografia final) e por fim o número da estampa de *Portugaliae Monumenta Cartographica* (Vols. IV e V) quando seja reproduzida na presente obra (abreviatura *Pl.* seguida do número respectivo, na parte inferior). Desta maneira torna-se fácil apreender as relações entre as várias obras, saber onde vem figurada determinada região ou localidade e averiguar onde vêm as respectivas reproduções.

The oldest of these works to have survived, which has drawings only (numbering 20), is the atlas of Manuel Godinho de Erédia, 1610, and in discussing it (Vol. IV, p. 48) we pointed out that it must have been mainly derived from surveys made by engineers. Some years later the same author, in his atlas-miscellany of c. 1615 - c. 1622, produced another set of plans, partly from different prototypes from those of 1610, as is the case with some of the 22 plans drawn by the same author c. 1620, in the «Book of Plan[s] of the Fortresses of India» at S. Julião da Barra. In his world atlas of 1630 João Teixeira I also presented 25 plans of cities and fortresses, mostly modelled on the prototypes of Erédia's last two works; it is in fact even conceivable that he made use of some of the various works sent to Lisbon by the Luso-Malayan cartographer. In the four anonymous atlases of cities and fortresses of Oriental India, which we also attribute to João Teixeira I or to his workshop, all the plans (23) can be seen to be of the same type as those in Erédia's works. When we examined them, in Volume IV, we had not yet studied as a whole the works of this class, so that we failed to appreciate this relationship; from their similarity in format, style and lettering to João Teixeira I's atlases of the Portuguese coasts dated 1648, we then considered his atlases of the cities and fortresses to be of c. 1648. Although we would not change this dating, because of the affinity mentioned, we now think it proper to affirm that these atlases go back to a type created c. 1630, since they show no trace of the prototypes established in 1635 by Pedro Barreto de Resende. Resende, whether in his «Book» or in that of Bocarro, produced an appreciably greater number of plans, repeating only eight of Erédia's prototypes. It is to Resende's drawings that, in turn, the anonymous author II of the «Book» at S. Julião da Barra had recourse, and this also applies to most of the plans in the «Book» at Vila Viçosa, which however also has some after Erédia's prototypes. The latter were used again for the engravings in the *Asia Portuguesa* of Manuel de Faria e Sousa.

It is also interesting to notice the difference between the «Books» and atlases of the State of Oriental India and the atlases of Brazil. The atlas of Brazil, as created by Luís Teixeira and subsequently developed by João Teixeira I, is characterised by a large number of detailed coastal charts, containing data on Portuguese colonisation and a small number of plans of towns, all of Portuguese foundation. In the atlases of the State of Oriental India, on the other hand, in spite of the much greater extent of the littoral, the purely hydrographic coastal charts are few and on a smaller scale, there are numerous plans of fortresses and cities, the cities being normally founded before the arrival of the Portuguese and fortified by them, and engineers' surveys were one of the sources of these atlases; among all these plans in fact we find only three maps which embrace any great extent of territory — those of the Goa region, of the Island of Ceylon and of the Rivers of Cuama. Cartography therefore throws a clear light on the difference between the Portuguese empires in the Atlantic and Indian Oceans.

COMPARATIVE TABLE

In view of the great number of maps and plans in all the various «Books» and atlases, it seemed to us helpful to draw up a comparative table of those in the principal manuscripts (omitting the purely nautical charts), distinguishing the various prototypes, where we have more than one form of representation, for each region, city or fortress.

In the space for each map or plan is indicated, first, its serial number or folio in the manuscript (top left-hand corner), then the works in which it has been reproduced (letters in the top right-hand corner, the key being given in the bibliography at the end), and lastly the plate number in *Portugaliae Monumenta Cartographica* (Vols. IV and V), if it is reproduced in this work (abbreviation *Pl.* followed by the appropriate number, in the lower part). Thus it will be easy to appreciate the relationship between the various works, to ascertain where a particular region or place is delineated, and to find the relevant reproductions.

Local ou Região	Protótipo — Prototype	Place or Region	M. G. Erédia Atlas de 1610 (Rio de Janeiro)	Anón. - M. G. Erédia Atlas de c. 1615-c. 1622 (Lisboa)	João Teixeira I Atlas de 1630 (Washington)	Anón. - João Teixeira I 4 atlas de c. 1648 (Paris, Munique, Viena)	P. B. Resende, in *Livro das Plantas* de A. Bocarro, 1635 (Évora e Oxford)	Anón. - João Teixeira I in *Livro das Plantas* de A. Bocarro, c. 1635 (Madrid)	A. Maris Carneiro, Atlas de 1639 (Lisboa)	Anónimo, in *Livro do Estado* de P. B. Resende, c. 1636 (Paris)	P. B. Resende *Livro do Estado*, 1646 (Londres)	*Lyvro de Plantaforma* (S. Julião da Barra) — Anón. I-M. G. de Erédia, c. 1620	*Lyvro de Plantaforma* (S. Julião da Barra) — Anónimo II, c. 1640	Anónimo, Atlas de c. 1650 (Vila Viçosa)	J. Teixeira II Atlas de 1665 (Paris)* Atlas de c. 1660 (Londres)+	Faria e Sousa *Ásia Portuguesa* 1666-1675
Porto de Santa Luzia		St. Lucia River			7 Pl. 471E									3 Pl. 578D		
Porto de Inhambane		Inhambane Port			7 Pl. 471E											
Sofala	A	Sofala			10 Pl. 472A									6 O Pl. 578E		
	B						1 O Pl. 578F	1 R	1 O	1 I	2 C,Q		1	17 O	45v* Pl. 560B	4 O
Rios de Cuama	A	Rivers of Cuama		38v Pl. 419F												
	B				26 Pl. 469											
	C									2 Q Pl. 579A			2 Pl. 579C			
	D										3 Q Pl. 580B			5 Pl. 580A		
Moçambique (*Fortaleza*)		Mozambique (*Fortress*)	1 O													11 O
Moçambique (*Ilha*)	A	Mozambique (*Island*)		85r Pl. 420A	10 Pl. 472A	1 O,S Pl. 511						3 Pl. 580C			49v* Pl. 560C	
	B						2 O	2 R	2 O	3 I,O	5 Q Pl. 580E			18 O		
Moçambique (*Porto*)		Mozambique (*Port*)												9 O Pl. 580D		
Mombaça (*Fortaleza*)		Mombasa (*Fortress*)	2 O,P	86r		2 O,S Pl. 511							5 Pl. 580F		55v* Pl. 560E	
Mombaça (*Ilha*)	A	Mombasa (*Island*)		89v Pl. 420B	10 Pl. 472A							4 Pl. 580G			53v* Pl. 560D	
	B						3 O	3	3 O	4 I,O	6 I,P,Q Pl. 580H			19 O		
	C													10 O Pl. 581A		
Curiate		Quryat					4 O Pl. 581B	4	4 O	5 G,I	8		6	29 O		
Mascate	A	Muscat	3 O Pl. 411F	87v	13 Pl. 472C	21 O,S Pl. 512						8 Pl. 581C				17 O
	B						5 O Pl. 581D	5	5 O	6 G,I	9 E,K			30 O		
Matara		Matrah					6 O Pl. 581E	6	6	7 G,I	10		7	31 O		
Sibo		as-Sib					7 O Pl. 581F	7	7 O	8 I	11		9	32 O		
Borca		Barkah					8 O Pl. 581G	8	8 O	9 I	12		10			
Soar		Sohar					9 Pl. 581H	9	9 O	10 G,I	13		11	33 O		
Quelba		Khor Kalba					11 O Pl. 581I	11	11 O	11 I	14		12	34 O		
Corfacão		Khor Fakkan					10 O	10	10 O Pl. 582A	12 I	15		13	35 O		
Mada		Murbah					13 O	13	13 O Pl. 582B	14 I	17		14	37 O		
Libédia		al-Badi					12 O	12	12 O Pl. 582C	13 I	16		15	36 O		
Doba		Dibba					14 O	14	14 O Pl. 582D	15 I	18		16	38 O		
Ormuz (*Fortaleza*)		Ormuz (*Fortress*)	4 O													
Ormuz (*Ilha*)		Ormuz (*Island*)		88r Pl. 420C	13 Pl. 472C	3 O,S Pl. 511						18 Pl. 582E		40 O		7 E,O Pl. 582F
Ormuz (*Região*)		Ormuz (*Region*)								16 G,R	20 A,E,G Pl. 582G		17			
Barem		Bahrain								18 G	23 Pl. 582H		20	39		
Baçora		Basra								17	21 Pl. 582I		19			
Dio (*Fortaleza*)		Diu (*Fortress*)	5 O													
Dio (*Ilha*)	A	Diu (*Island*)		83r Pl. 520D		4 O,S Pl. 511						21 Pl. 583A				10 O
	B						15 O	15 N,R Pl. 583B	15 O	19 G,I,O	24			41 O		
Tavanapatão		Porto Novo								20 Pl. 583C			63	101		
Surrate	A	Surat		39v Pl. 416F												
	B				11 Pl. 472B											
	C									21 Pl. 583D	25		22	100		

Local ou região	Protótipo — Prototype	Place or Region	M. G. Erédia Atlas de 1610 (Rio de Janeiro)	Anón. - M. G. Erédia Atlas de c. 1615-c. 1622 (Lisboa)	João Teixeira I Atlas de1630 (Washington)	Anón - João Teixeira I 4 atlas de c. 1648 (Paris, Munique, Viena)	P. B. Resende, in *Livro das Plantas* de A. Bocarro, 1635 (Évora e Oxford)	Anón. - João Teixeira I in *Livro das Plantas de* A. Bocarro, c. 1635 (Madrid)	A. Maris Carneiro, Atlas de 1639 (Lisboa)	Anónimo, in *Livro do Estado* de P. B. Resende, c. 1636 (Paris)	P. B. Resende *Livro do Estado*, 1646 (Londres)	*Lyvro da Plantaforma* (S. Julião da Barra)		Anónimo, Atlas de c. 1650 (Vila Viçosa)	J. Teixeira II Atlas de 1665 (Paris)* Atlas de c. 1660 (Londres)+	Faria e Sousa *Asia Portuguesa* 1666-1675
												Anón. I-M. G. de Erédia, c. 1620	Anónimo II, c. 1640			
Damão	A	Damão	6 O	89v	8 Pl. 471F	5 O,S Pl. 511						24 Pl. 583E				12 O
	B						16 O	16 N,R Fl. 583F	16 O					42 O	1+	
	C									22 I Pl. 583G	26 E		23			
Sangens e Danu		Sanjan and Dahanu					17 O	17 Pl. 583E	17 O	23 I	27		25	43 O		
Serra de Asserim		Mountain of Asheri					21	21 R Pl. 583H	21 H,O	27 I	31 I		29	46 O		
Trapor		Tarapur					18 O	18 R Pl. 584A	18 O	24 I	28		26	44 O		
Sirgão e Maim		*Sirgão* and Mahin					19 O	19 Pl. 584B	19 O	25	29		27	45 O		
Agaçaim e Manora		Agashi and Manori					20 O	20 Pl. 584C	20 O	26 H,I,R	30		28	48 O		
Baçaim	A	Bassein	7 O	90r	8 Pl. 471F	6 O,S Pl. 511						30 Pl. 584D			6+	9 O
	B						22 O	22 R	22 O	28 H,I,O Pl. 584E	32			47 O		
Tana		Thana					23 O	23 Pl. 584F	23 O	29 I Pl. 584H	33		31	49 O	4+	
Bombaim		Bombay					24 O	24 Pl. 584G	24 H,O		34		32	50 O		
Morro de Chaul		Mountain of Chaul					25 O	25 R Pl. 584I	25 O	30 I	35		33	51 O	4+	
Chaul	A	Chaul	8 O													
	B			91r		7 O,S Pl. 511						34 Pl. 585A			3+	8 O Pl. 585C
	C						26 O	26 R	26 O	31 I Pl. 585B	36 E			52 O		
Bardez (*Terras*)	A	Bardez (*Region*)		42r Pl. 416D												
	B						27 O	27 R	27 O	32 I Pl. 585D	37		35	60 O		
Aguada (*Fortaleza*)		Agoada (*Fortress*)									38		36 Pl. 585F			
Bardez (*Fortaleza*)		Bardez (*Fortress*)									39		37 Pl. 585E	61		
Goa (*Ilha*)	A	Goa (*Island*)	9 O Pl. 411D													
	B			29v T Pl. 416B												
	C				8 Pl. 471F											
	D						28 Pl. 586B	28 N,R Pl. 586C	28 O Pl. 586E		40 A,G Pl. 586F			62 O Pl. 586H		
	E									33 G,I Pl. 586D		77 Pl. 586A		59 O Pl. 586G		
	F														2+ Pl. 586I	
Goa (*Cidade*)		Goa (*Town*)		92r T Pl. 420E		8 O,S Pl. 511						38 Pl. 586K				5 O Pl. 586L
Nossa Senhora do Cabo		Nossa Senhora do Cabo											39 Pl. 585G	63		
Salsete (*Terras*)	A	Salsette (*Region*)		28v Pl. 416C												
	B						29 O	29	29 O	34 I Pl. 586H	41		41	65 O		
Mormugão		Mormugão											40 Pl. 585I	64 O		
Onor	A	Honawar	10 O													
	B			93r		20 O,S Pl. 511										
	C				8 Pl. 471F											
	D						30	30 R	30 O	35 I Pl. 587A	42			66 O		
	E											42 Pl. 587B				15 O
Barçalor	A	Basrur	11 O													
	B			94r	8 Pl. 471F	9 O,S Pl. 511						44 Pl. 587C				16 O
	C						32 O Pl. 587D	31 R	31 O	37 I	44			67 O		
Cambolim							31 O Pl. 587E	32	32 O	36 I	43		43	68 O		
Mangalor	A	Mangalore	12 O													
	B			95r	8 Pl. 471F	18 O,S Pl. 512						45 Pl. 487F				14 O
	C						33 O Pl. 587G	33 R	33 O	38 I	45			69 O		

Local ou Região	Protótipo — Prototype	Place or Region	M. G. Erédia Atlas de 1610 (Rio de Janeiro)	Anón. - M. G. Erédia Atlas de c. 1615-c. 1622 (Lisboa)	João Teixeira I Atlas de 1630 (Washington)	Anón. - João Teixeira I 4 atlas de c. 1648 (Paris, Munique, Viena)	P. B. Resende, in *Livro das Plantas* de A. Bocarro, 1635 (Évora e Oxford)	Anón. - João Teixeira I in *Livro das Plantas* de A. Bocarro, c. 1635 (Madrid)	A. Maris Carneiro, Atlas de 1639 (Lisboa)	Anónimo, in *Livro do Estado* de P. B. Resende, c. 1636 (Paris)	P. B. Resende *Livro do Estado*, 1646 (Londres)	*Lyvro da Plantaforma* (S. Julião da Barra): Anón. I-M. G. de Erédia, c. 1620	*Lyvro da Plantaforma* (S. Julião da Barra): Anónimo II. c. 1640	Anónimo, Atlas de c. 1650 (Vila Viçosa)	J. Teixeira II Atlas de 1665 (Paris)* Atlas de c. 1660 (Londres) +	Faria e Sousa *Ásia Portuguesa* 1666-1675
Cananor (*Fortaleza*)		Cannanore (*Fortress*)	13 O	96r Pl. 421A	8 Pl. 471F	14 O,S Pl. 512	34 O Pl. 587H	34 R	34 O	39 G,I	46	46		70 O		3 O
Cananor (*Bazar*)		Cannanore (*Bazar*)		97r		10 O,S Pl. 511										
Cunhale				98r U	8 Pl. 471F	11 S Pl. 511				40	47 B	47 Pl. 587I		71		
Cranganor	A	Kranganur	14 O	99r	8 Pl. 471F	22 O,S Pl. 512										
	B						35 O	35 R Pl. 588A	[Perdida-lost]	41 I	48			72 O		
Cochim		Cochin	15 O	100r T Pl. 420F	10 Pl. 472A	23 O,S Pl. 512	36 M,O	36 R Pl. 588B	[Perdida-lost]	42 G,I	49			73 O	5+	1 O
Coulão	A	Quilon	16 O													
	B			101r	10 Pl. 472A	12 O,S Pl. 511	37 O	37 R	[Perdida-lost]	43 I	50	48		74 O (v. Pl. 588C)		
Negapatão		Negapatam					48	48 Pl. 588D	44 O	44 I	51		49	87 O		
S. Tomé		S. Thomé (Mailapur)					49 O	49 Pl. 588E	45 O	45 I	52		50	93 O		
Paleacate		Pulikat								46	53 Pl. 588F		51	99		
Ceilão	A	Ceylon												75 Pl. 388D		
	B			50r T Pl. 415F												
	C				28 Pl. 471D											
	D									48 I,R	55 F Pl. 588G		53	77		
Jafanapatão		Jaffna					47 O	47	43 O	52 I	56 Pl. 588H		57	86 O		
Manar	A	Mannar	17 O													
	B			102r Pl. 421B	10 Pl. 472A	19 O,S Pl. 512	38 O	38	[Perdida-lost]	47 I	54 Pl. 588I	52		76 O		13
Negumbo		Negombo					39 O	39	35 O	50 I	59 Pl. 589A		55	78 O		
Columbo	A	Colombo		84r Pl. 421C	10 Pl. 472A	13 O,S Pl. 512						54 Pl. 589B				
	B						40	40	36 O		57 F Pl. 589C			79 O		
	C									49 I Pl. 589D						
Caleture		Kalutara					41 O	41	37 O	51 I	56 Pl. 589E		56	80 O		
Gale	A	Galle		103r	10 Pl. 472A	17 O,S Pl. 512						58 Pl. 589F				
	B						42 O	42	38 O	53	60 Pl. 589G			81 O		
Tanavare		Dondra					43 O	43	39 O	56 Pl. 589H			61	83 O		
Beligão		Weligama					44 O	44	40 O	57 Pl. 589I			62	82 O		
Batecalou		Batticaloa					45 O	45	41 O	55 I	61 Pl. 590A		60	84 O		
Triquinimale		Trincomalee					46 O	46	42 O	54 I	62 Pl. 590B		59	85 O		
Maldivas		Maldives								58	63 A Pl. 590C		64	88		
Achem		Achin	18 O	110r Pl. 422E	10 Pl. 472A	15 O,S Pl. 512				61	67 Pl. 590D	68		89 O		
Malaca (*Região*)	A	Malacca (*Region*)		39r T Pl. 417D												
	B		20 O Pl. 411E										65 Pl. 590E	91 O		
Malaca (*Fortaleza*)	A	Malacca (*Fortress*)	19 O	104r T Pl. 421D	10 Pl. 472A	16 O,S Pl. 512						66 Pl. 590F		90 O		6 O
	B						50 M,O	50 R	46 O		65 A,G,K Pl. 590G					
	C									59 I Pl. 590H						
Ilha das Naus		Pulo Besar								60 Pl. 590I			67	98		
Muar		Muar		109v T,U												
Sunda		Sunda		111r												
Jacarta Antiga		Old Jakarta								62 J Pl. 591A						
Jacarta Moderna		New Jakarta								63 J Pl. 591B	68 J		69	104		
Molucas	A	Moluccas		27r	10 Pl. 472A					64 R Pl. 591C	69 K	70		103		
	B				10 Pl. 472A											

Local ou Região	Protótipo — Prototype	Place or Region	M. G. Erédia Atlas de 1610 (Rio de Janeiro)	Anón. M. G. Erédia Atlas de c. 1615-c. 1622 (Lisboa)	João Teixeira I Atlas de 1630 (Washington)	Anón. - João Teixeira I 4 atlas de c. 1648 (Paris, Munique, Viena)	P. B. Resende, in *Livro das Plantas de A.* Bocarro, 1635 (Évora e Oxford)	Anón. - João Teixeira I in *Livro das Plantas de* A. Bocarro, c. 1635 (Madrid)	A. Maris Carneiro, Atlas de 1639 (Lisboa)	Anônimo, in *Livro do Estado* de P. B. Resende, c. 1636 (Paris)	P. B. Resende *Livro do Estado*, 1646 (Londres)	*Lyvro da Plantaforma* (S. Julião da Barra) Anón. I-M. G. de Erédia, c. 1620	*Lyvro da Plantaforma* (S. Julião da Barra) Anônimo II, c. 1640	Anónimo, Atlas de c. 1650 (Vila Viçosa)	J. Teixeira II Atlas de 1665 (Paris) * Atlas de c. 1660 (Londres) +	Faria e Sousa *Ásia Portuguesa* 1666-1675
Amboino e Banda		Amboina and Banda								65 Pl. 591D	70 K		71	97		
Ende Menor		Ende		112r						67 D Pl. 591E			73	102		
Solor		Solor		113r			52 M,O	52	48 O	66 D,I Pl. 591F	72 D,K		72	92 O		
Manilha	A	Manila		55v												
	B									70 Pl. 591G	76 K		76	96		
Formosa		Formosa								69 Pl. 591A	75 K		75	95		
Macau	A	Macao		105r T Pl. 421F												
	B						51 O	51 N	47 O	68 I Pl. 591I	74 K,L,O		74	94		18 O

BIBLIOGRAFIA CONTENDO REPRODUÇÕES

A — Walter Birch, *The Commentaries of the Great Afonso Dalbuquerque.* Hakluyt Society, London 1875-84.

B — Albert Gray and H. C. P. Bell, *The Voyage of François Pirard of Laval.* Hakluyt Society, London 1888.

C — George McCall Theal, *Records of South-Eastern Africa.* London 1898-1903.

D — G. P. Rouffaer, *Naschrift over Oud-Portugeesche fort of Poeloe Ende, en de Dominicaner Solor-Flores Missie, 1561-1638,* in *Nederlandsch Indië Oud en Nieuw,* Vol. 8. The Hague 1923-4.

E — *Commentaries of Ruy Freire de Andrade,* edited with an introduction by C. R. Boxer. London 1930.

F — Sebastiano Crinò, *Carte e piante inedite del secolo XVII riguardanti l'isola di Ceylon rinvenute nel Palazzo Pitti, nel Museo degli Strumenti Antichi di Firenze e nel British Museum di Londra,* in *Bibliofilía,* Vol. XXXVI, Gennaio-Febbraio 1934.

G — A. Kammerer, *La Mer Rouge, l'Abyssinie et l'Arabie,* Tome II. Le Caire 1935.

H — A. B. de Bragança Pereira, *Os Portugueses em Baçaim.* Bastorá 1935.

I — A. B. de Bragança Pereira, *Livro das Plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental por António Bocarro,* in *Arquivo Português Oriental* (*Nova edição*), Tomo IV, Vol. II, Partes I-III. Bastorá 1937, 1938, 1940.

BIBLIOGRAPHY OF WORKS CONTAINING REPRODUCTIONS

J — C. C. F. M. Le Roux, *Twee Portugeesche platengronden van Oud-Batavia uit den stichtingstijd der stad,* in *Tijdschrift van Indisch Taal- Land- en Volkenkunde,* Vol. LXXVIII. Batavia 1938.

K — *História da Expansão Portuguesa no Mundo.* Lisboa 1940.

L — C. R. Boxer, *Macau na Época da Restauração.* Macau 1942.

M — A. Faria de Morais, *Solor e Timor.* Lisboa 1944.

N — Francisco Paulo Mendes da Luz, *O Conselho da Índia.* Lisboa 1952.

O — Luís Silveira, *Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar.* Lisboa [1956].

P — C. R. Boxer and Carlos de Azevedo, *Fort Jesus and the Portuguese in Mombasa.* London 1960.

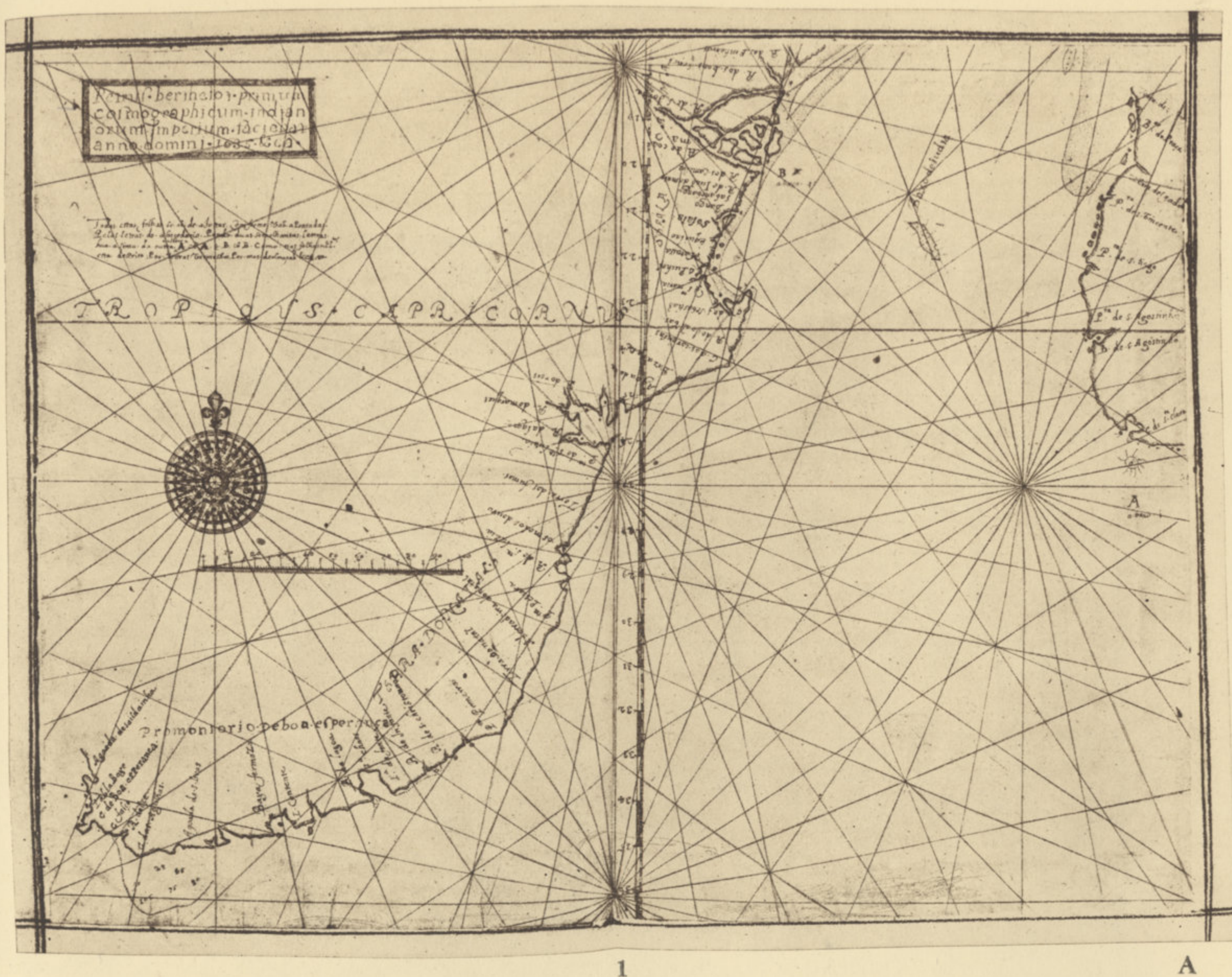
Q — Eric Axelson, *Portuguese in South-East Africa 1600-1700.* Johannesburg 1960.

R — *Orçamento do Estado da Índia* (*1574*) *feito por mandado de Diogo Velho, Vedor da Fazenda da Índia,* com um estudo por Águedo de Oliveira. Lisboa 1960.

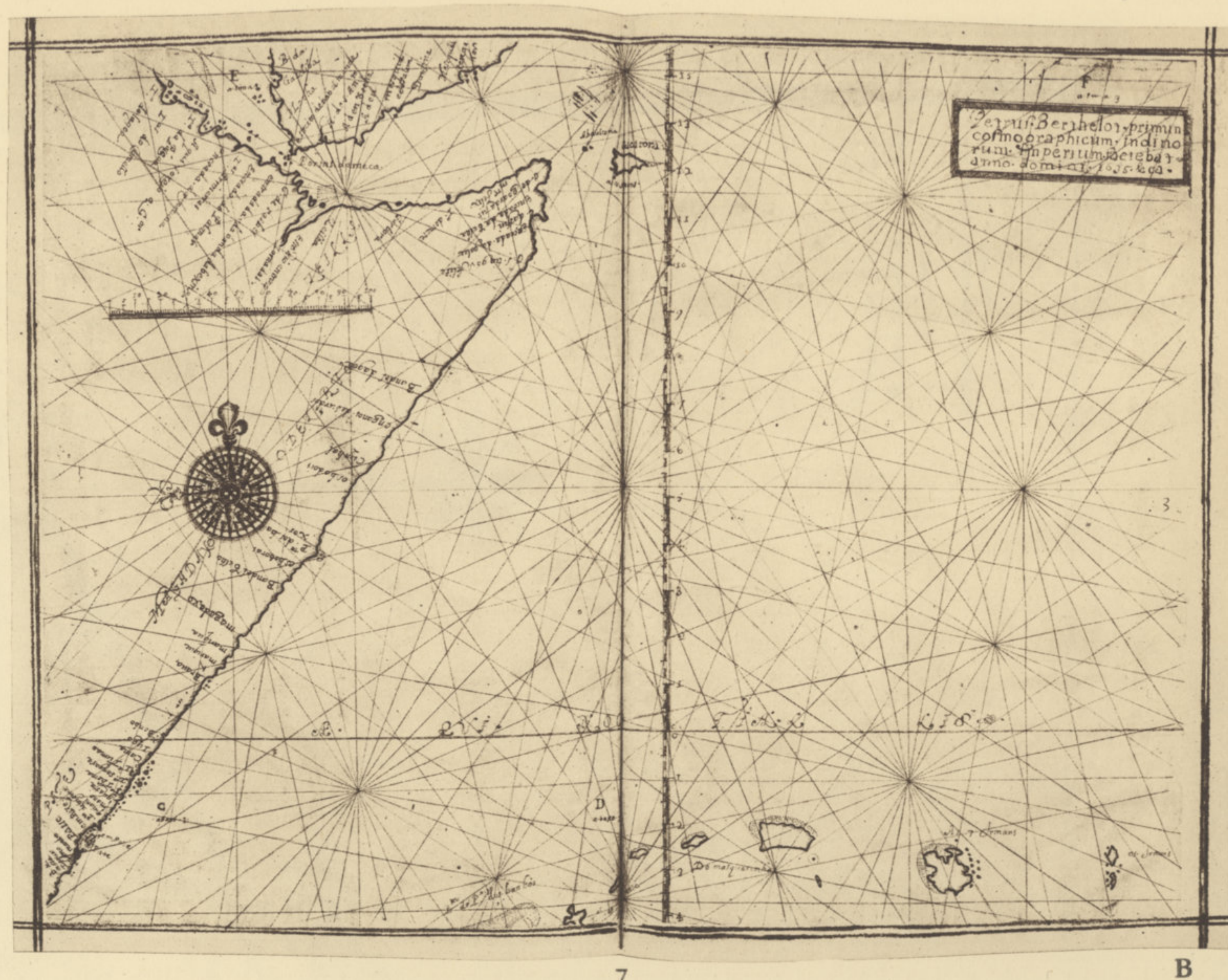
S — O. Quelle, *Portugiesische Manuskriptatlanten* (*Abhandlungen des Geographischen Instituts der Freien Universität Berlin,* Band II). Berlin 1953.

T — Jorge Faro, *Manuel Godinho de Erédia, Cosmógrafo,* in *Panorama,* Série II, n.os 13-14. Lisboa 1955.

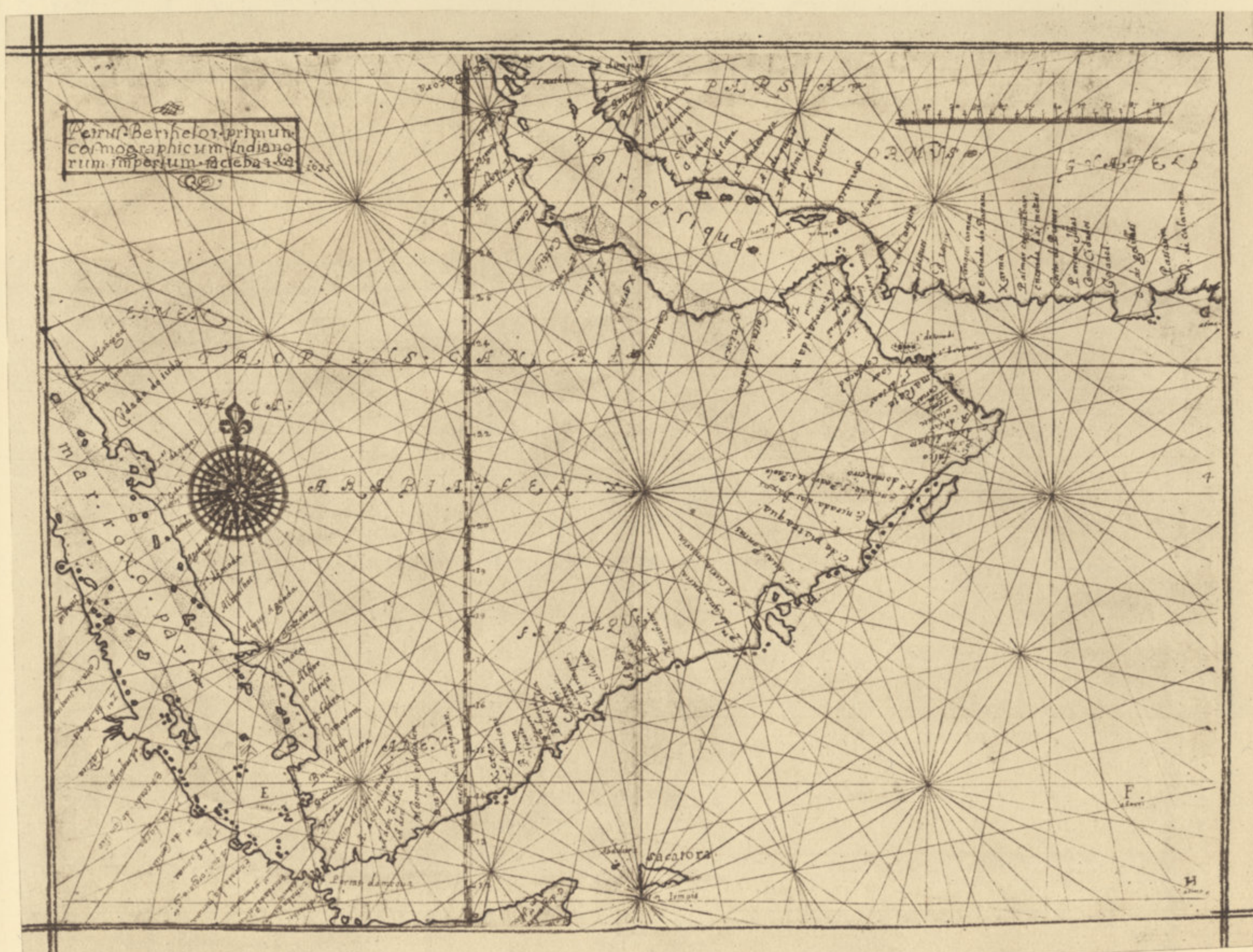
U — C. R. Boxer e Frazão de Vasconcelos, *André Furtado de Mendonça.* Lisboa 1955.



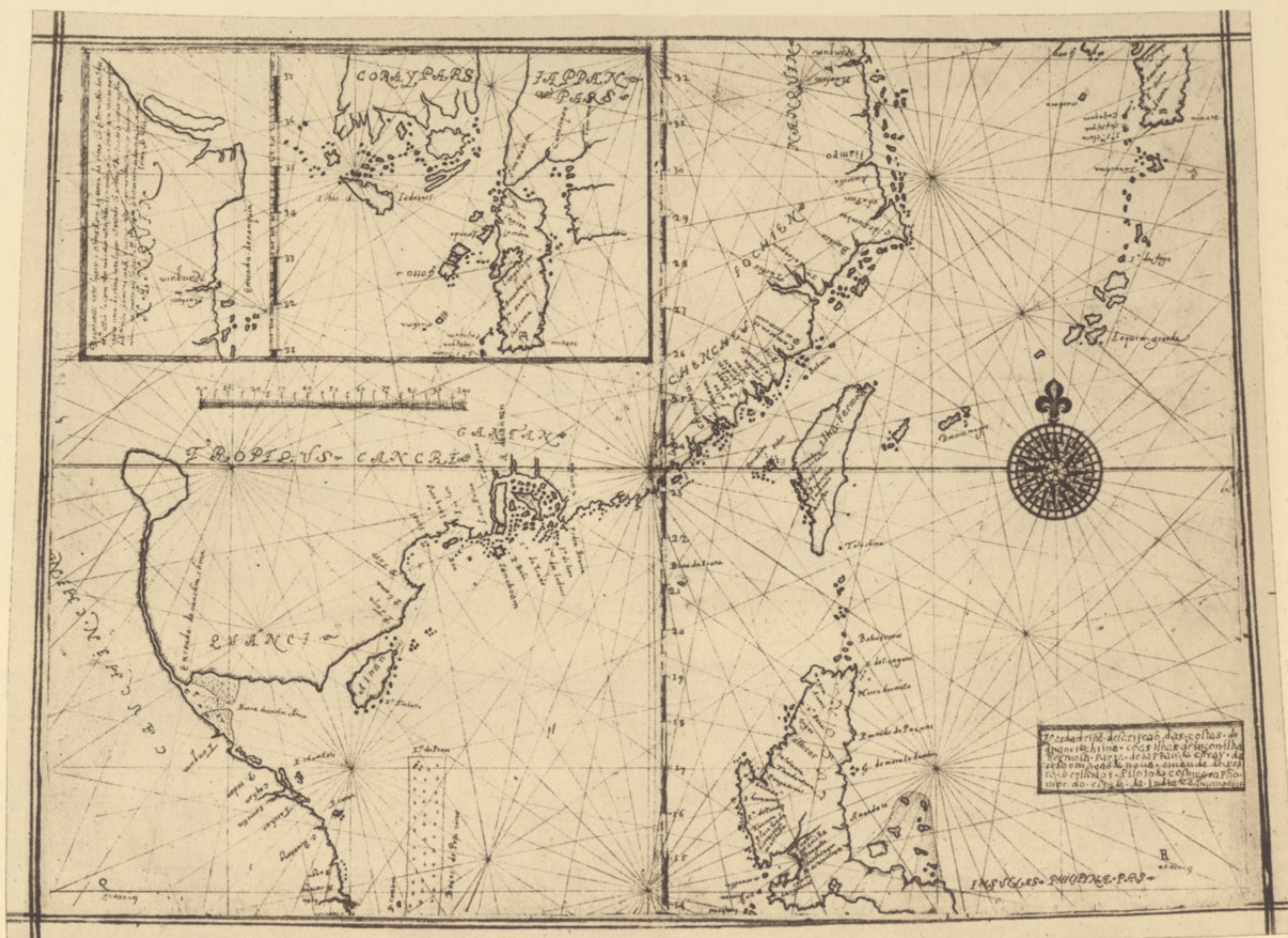
1 A



7 B



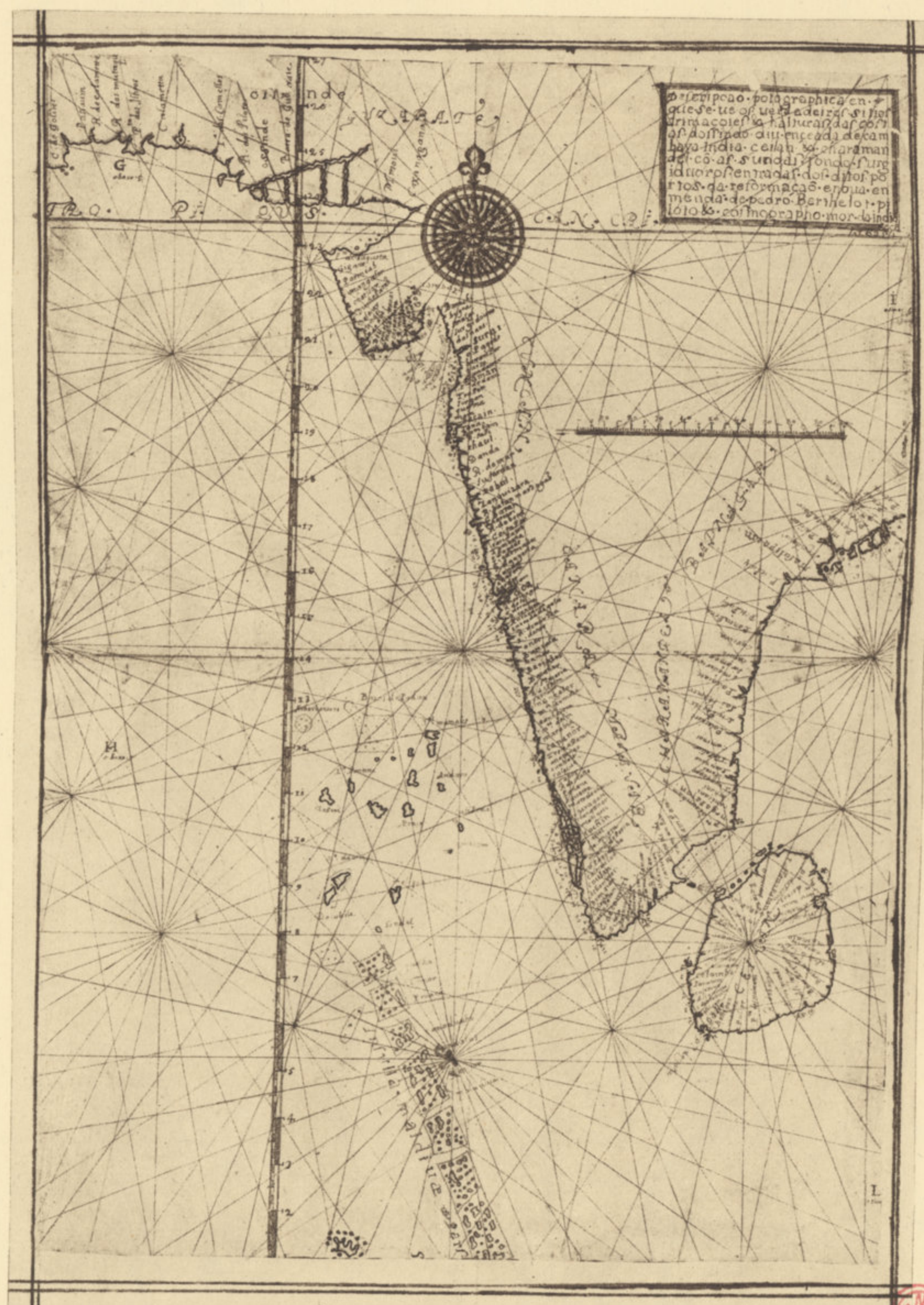
19 C



73 D



Original 315×410 mm. 4 E



22 F

PEDRO BERTHELOT, 1635

Grupo de nove cartas / Group of nine charts — in Pedro Barreto de Resende, *Livro do Estado da India Oriental*, 1646

British Museum, London



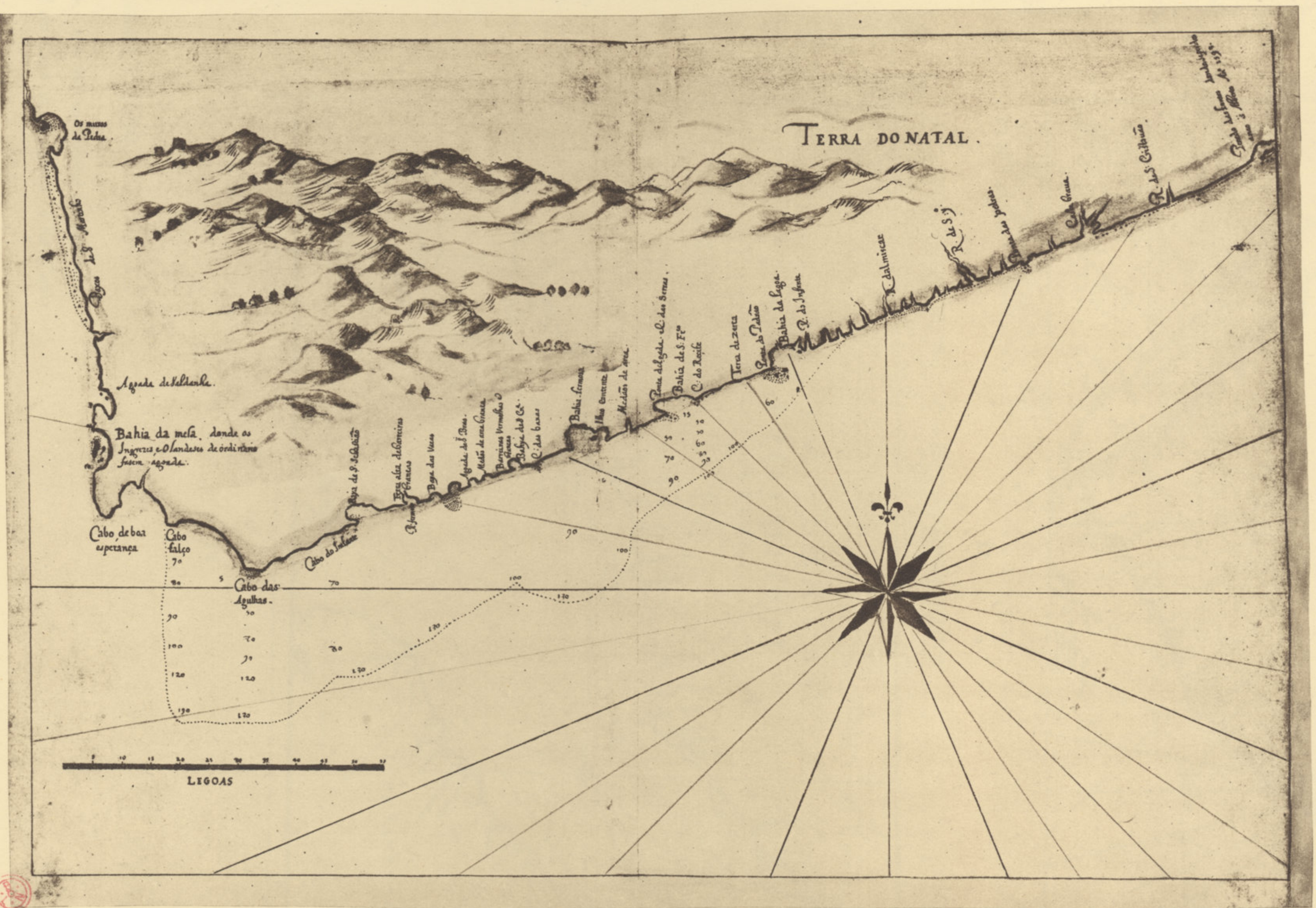
Original 315×410 mm. 64 A



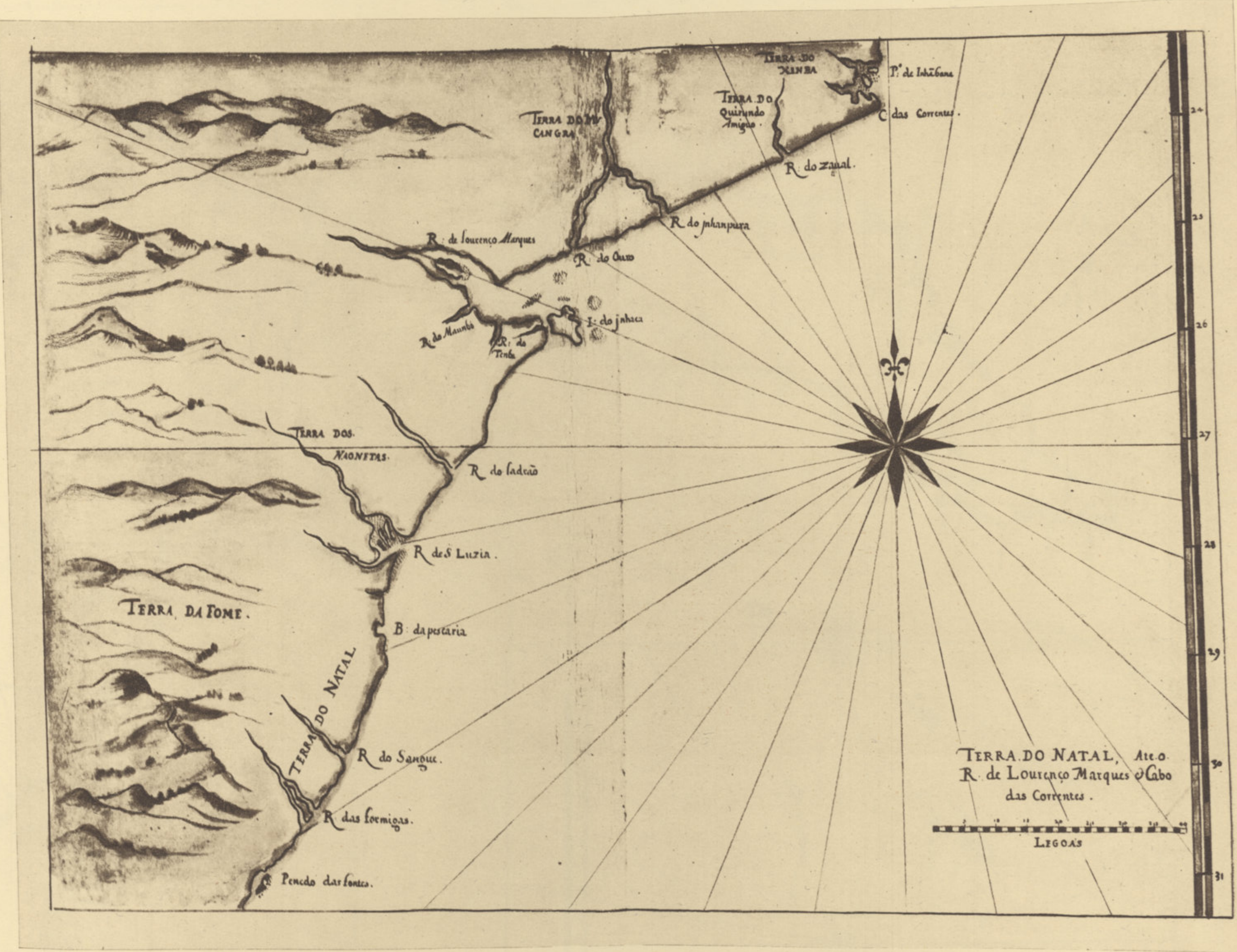
66 B



71 C



Original 416×540 mm. 1 D



2 E

A, B, C–PEDRO BERTHELOT, 1635

Grupo de nove cartas } in Pedro Barreto de Resende, *Livro do Estado*
Group of nine charts } *da India Oriental*, 1646

British Museum, London

D, E–ANÓNIMO, c. 1650

Atlas com cento e quatro cartas – Atlas with one hundred and four charts

Biblioteca do Palácio Ducal da Casa de Bragança, Vila Viçosa








4 A



7 B



8 C



11 D



Original 416×540 mm.

13 E

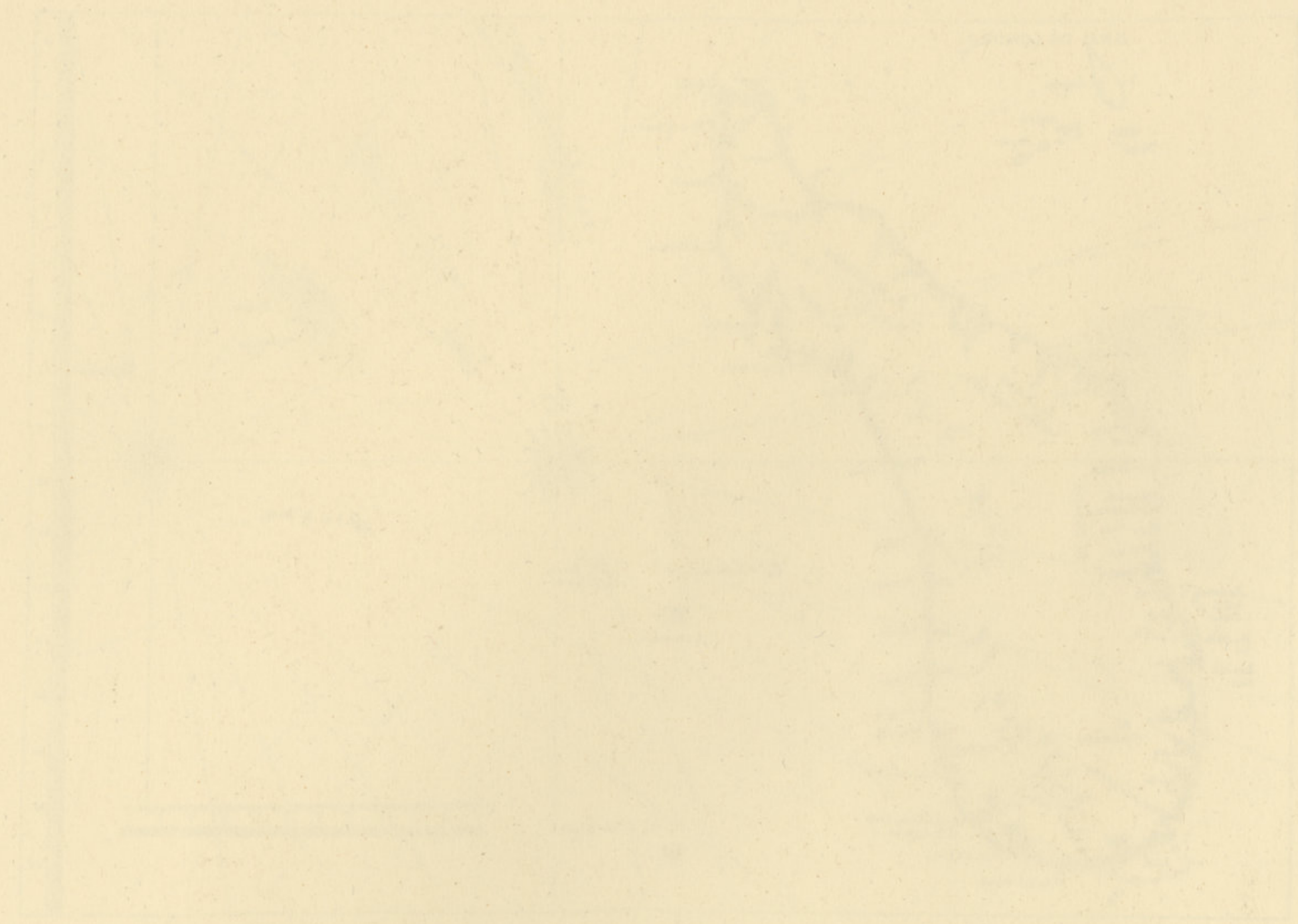


14 F

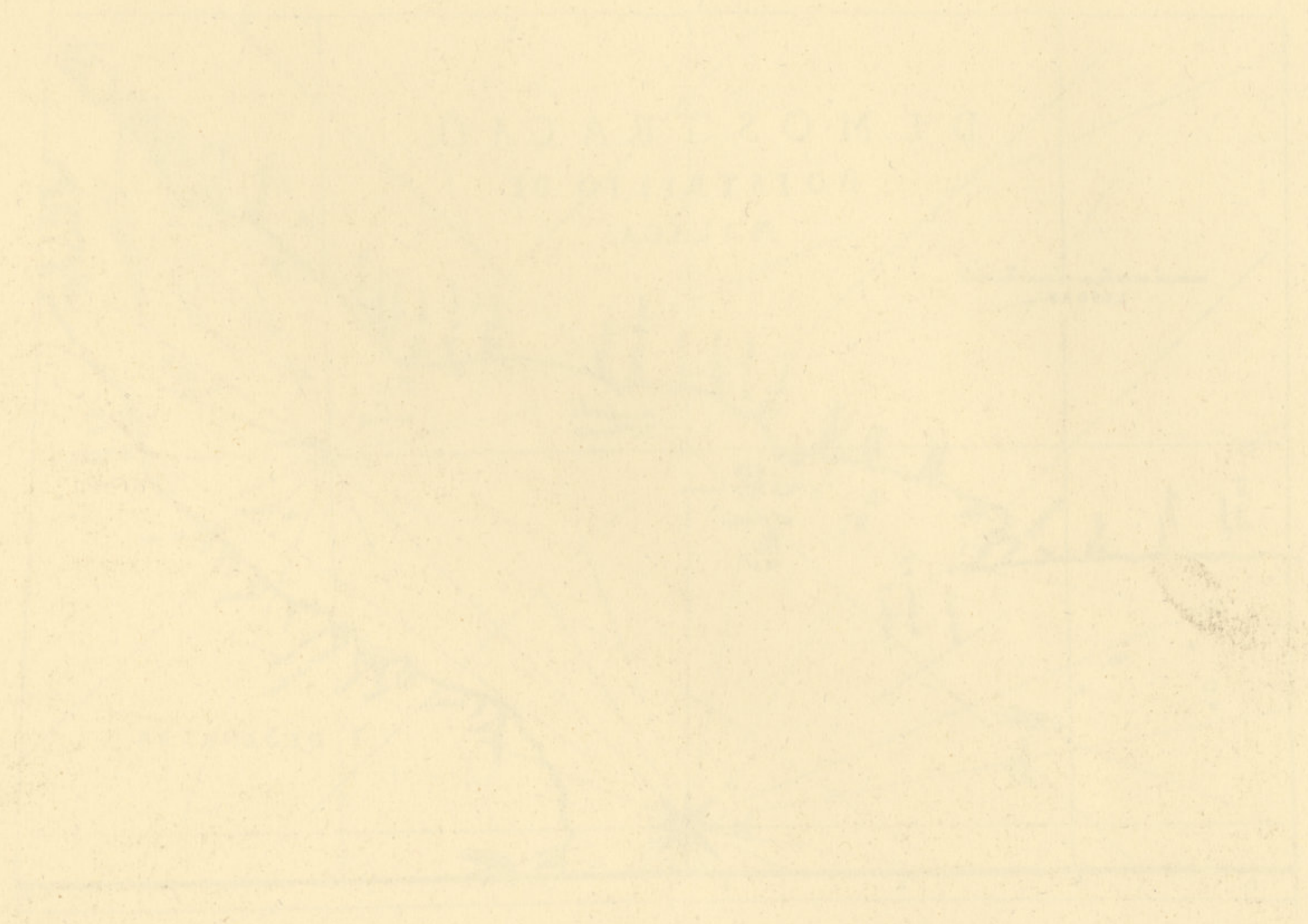
ANÓNIMO, c. 1650

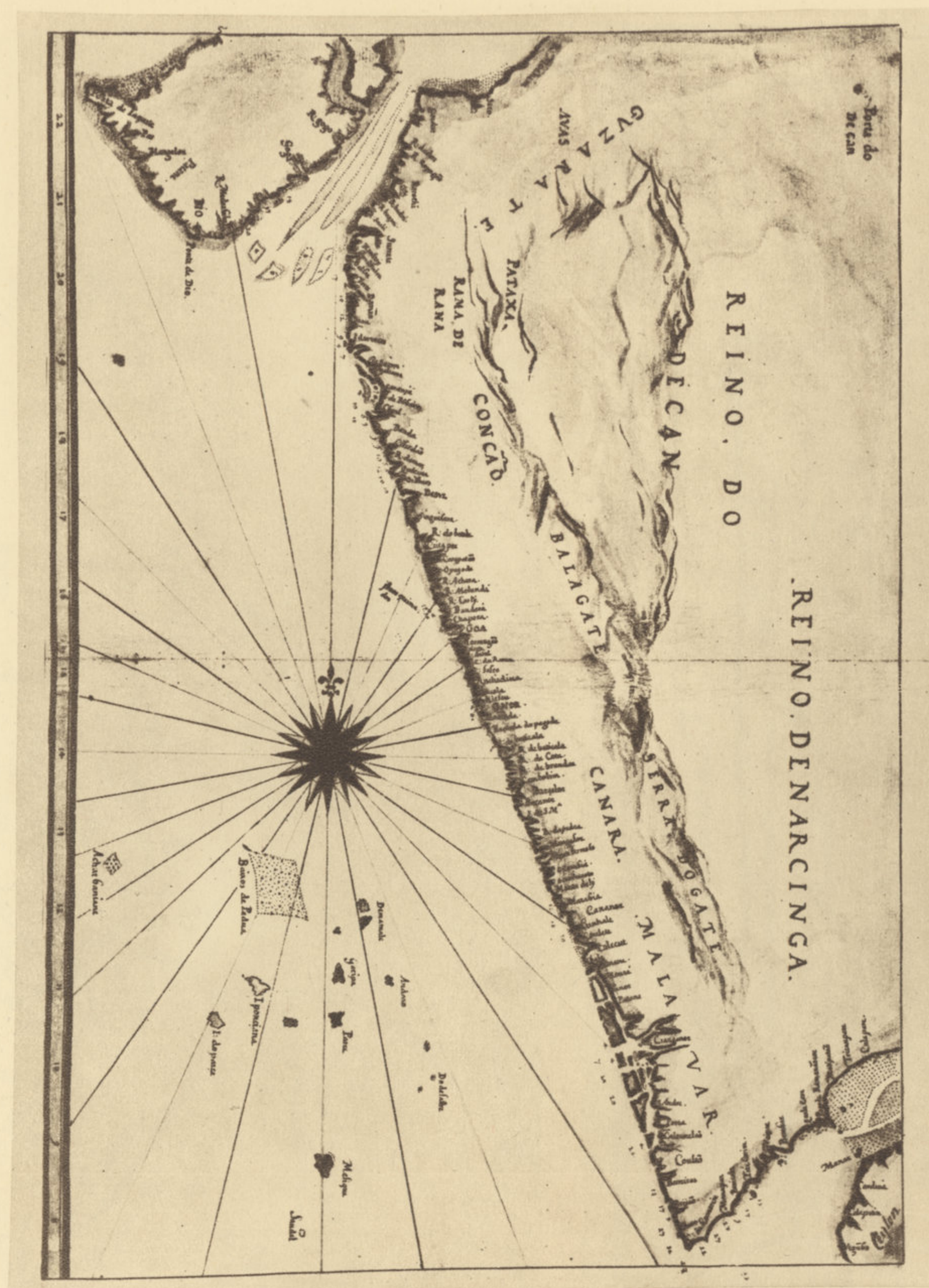
Atlas com cento e quatro cartas — Atlas with one hundred and four charts

Biblioteca do Palácio Ducal da Casa de Bragança, Vila Viçosa







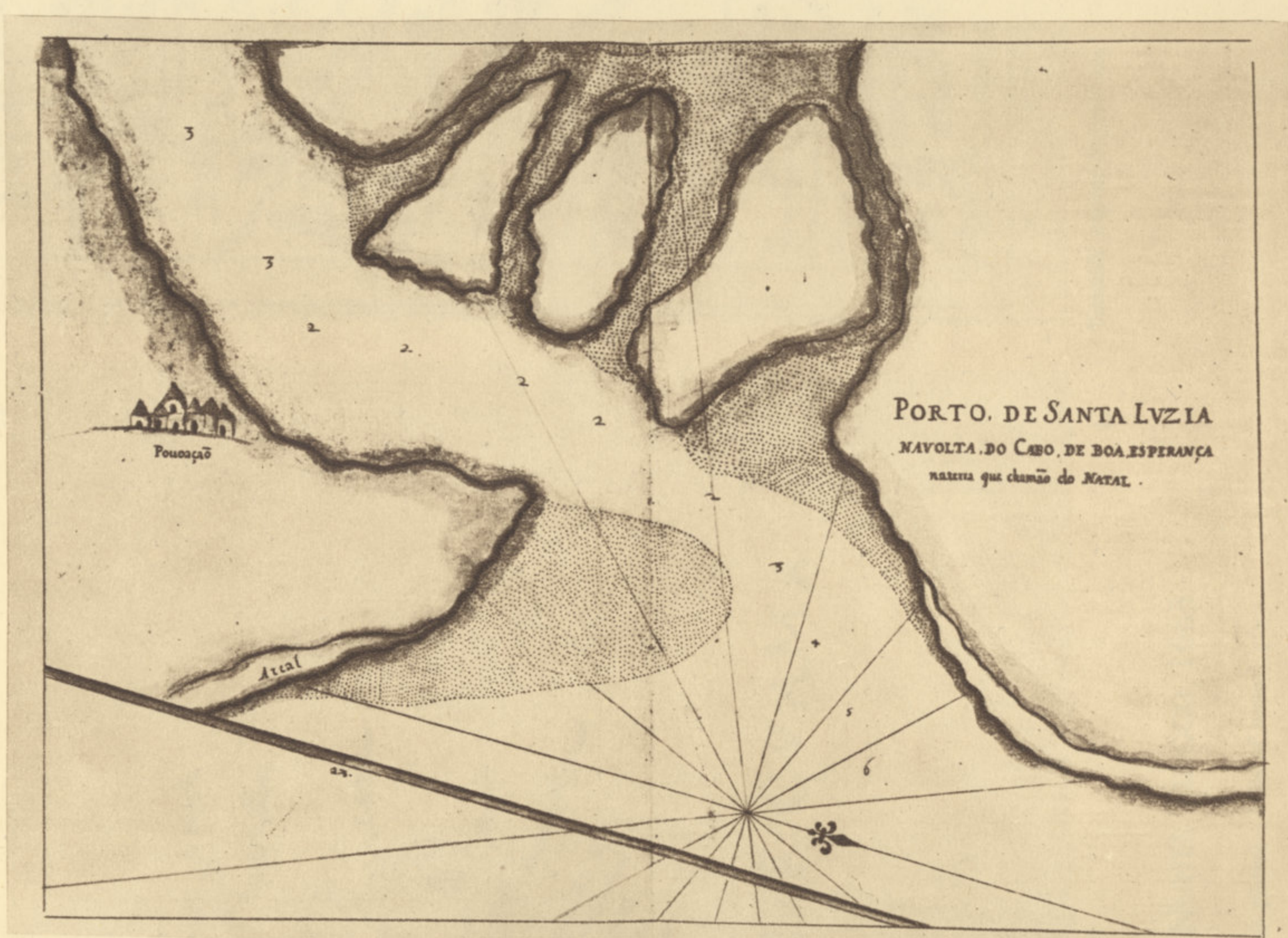
12 A



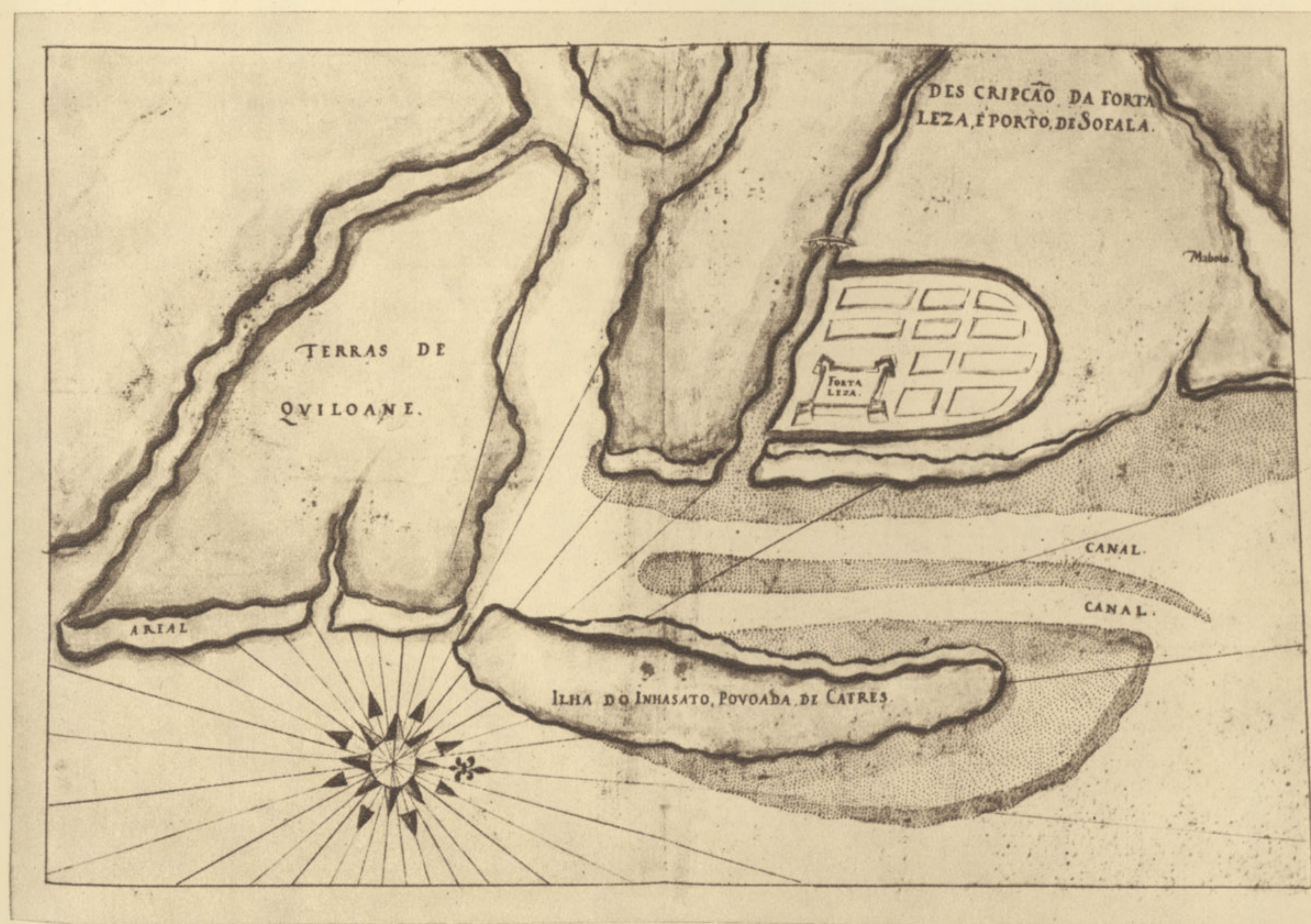
16 B



15 C



3 D



Original 416×540 mm. 6 E



Original 406×604 mm. 1 F

A, E–ANÓNIMO, c. 1650

Atlas com cento e quatro cartas – Atlas with one hundred and four charts

Biblioteca do Palácio Ducal da Casa de Bragança, Vila Viçosa

F–PEDRO BARRETO DE RESENDE, 1635

in António Bocarro, *Livro das Plantas... do Estado da India Oriental*

Biblioteca Pública e Arquivo Distrital, Évora



Original 403×576 mm.

A



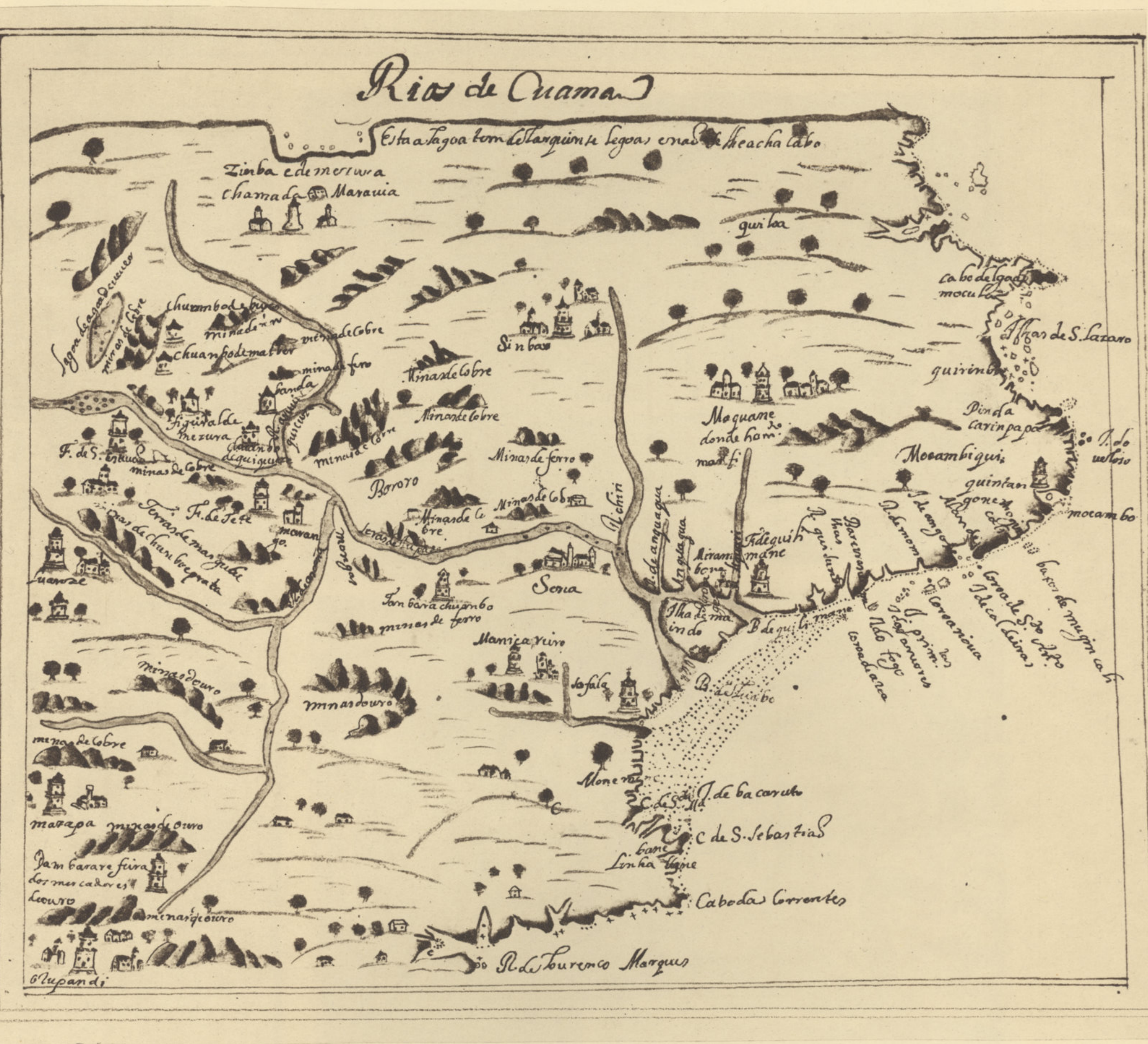
Original 422×562 mm.

B



Original 196×302 mm.

C



Tamanho original-Original size

D

A–ANÓNIMO, c. 1636

in Pedro Barreto de Resende, *Livro do Estado da India Oriental*

Bibliothèque Nationale, Paris

B–JOÃO NUNES TINOCO, 1663

Atlas de setenta plantas – Atlas of seventy plans

Biblioteca da Ajuda, Lisboa

C–ANÓNIMO, SÉCULO XVII

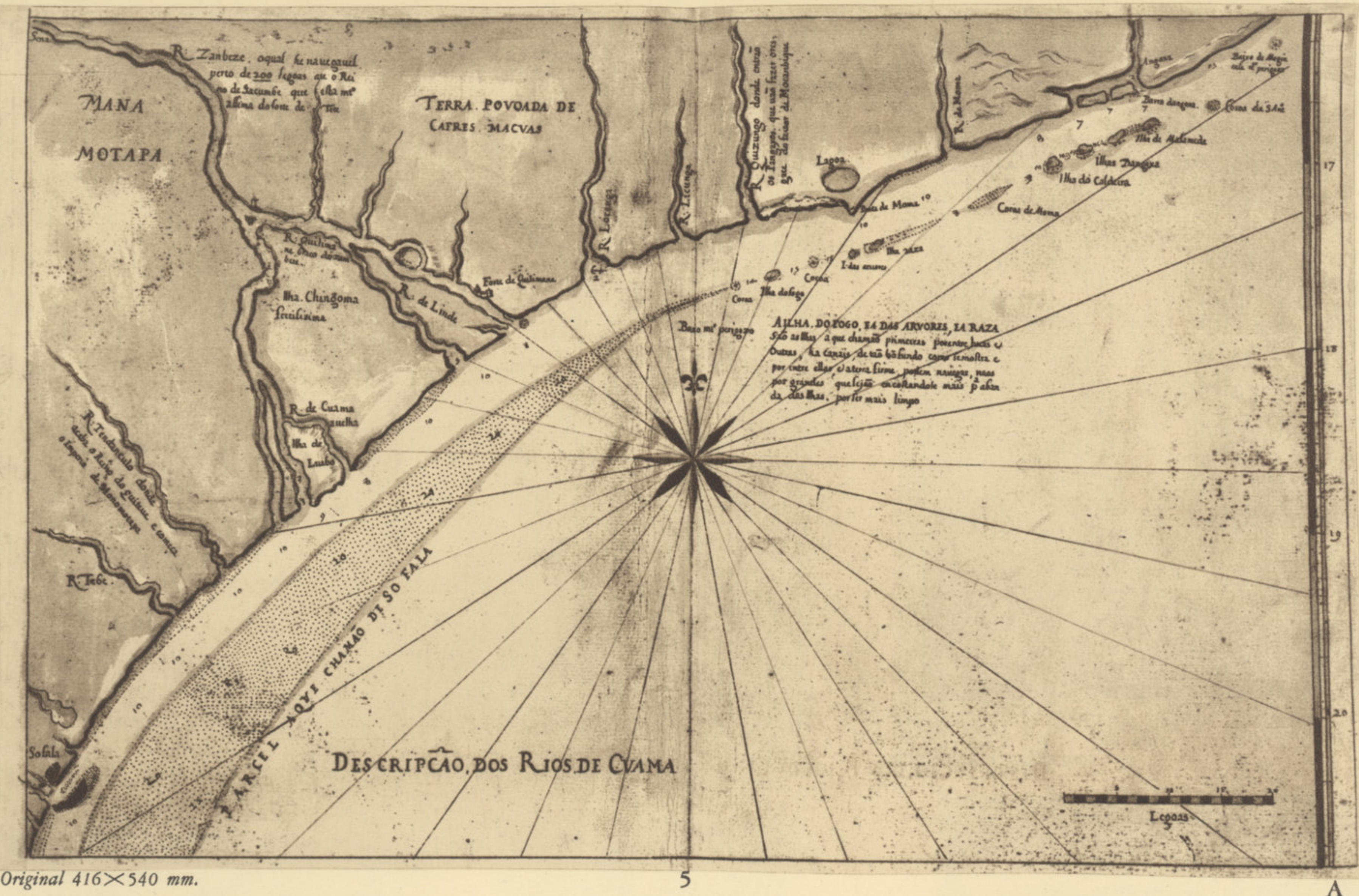
Colecção de quarenta e sete decalques
Collection of forty-seven tracings

Österreichische Nationalbibliothek, Wien

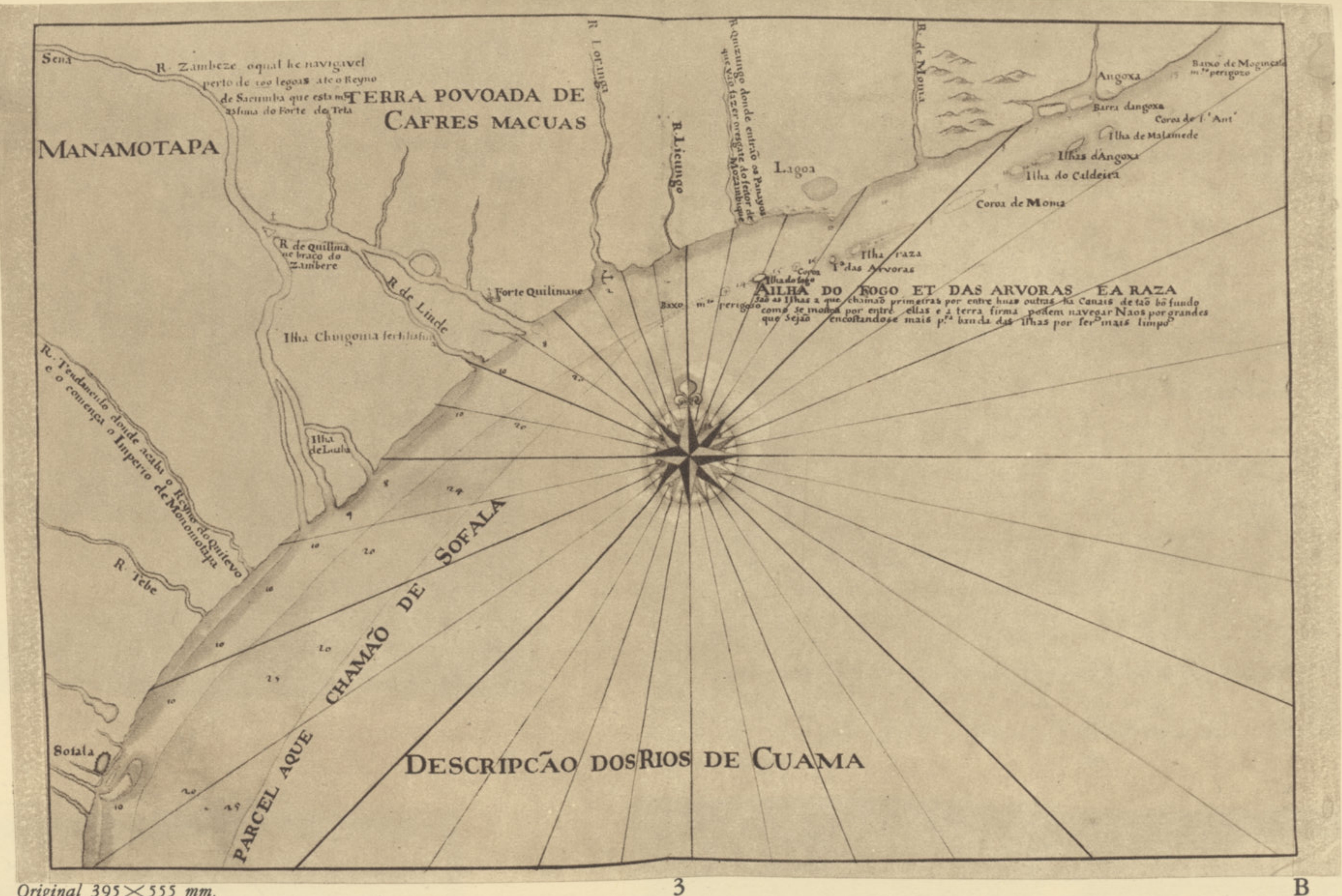
D–ANÓNIMO, c. 1640

Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da India

Fortaleza de S. Julião da Barra, Oeiras



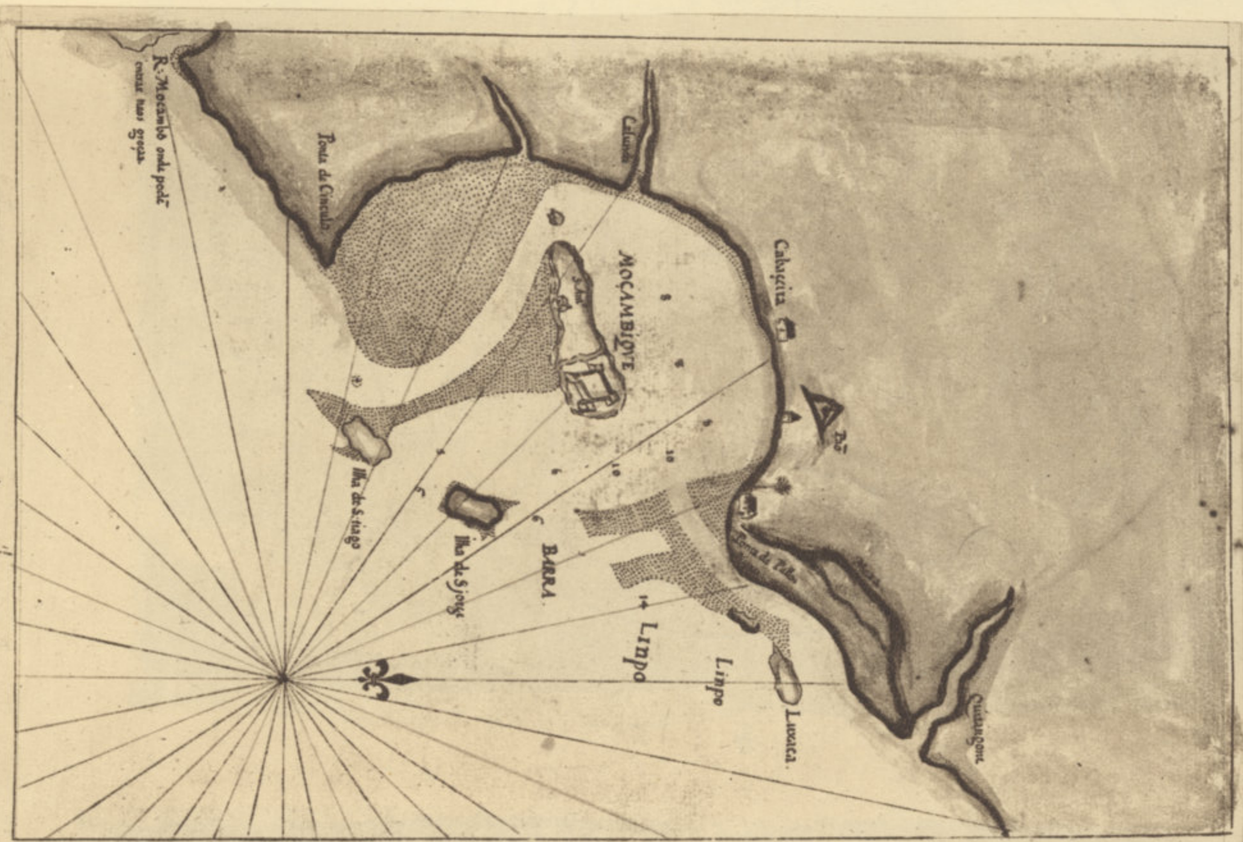
Original 416×540 mm. 5 A



Original 395×555 mm. 3 B



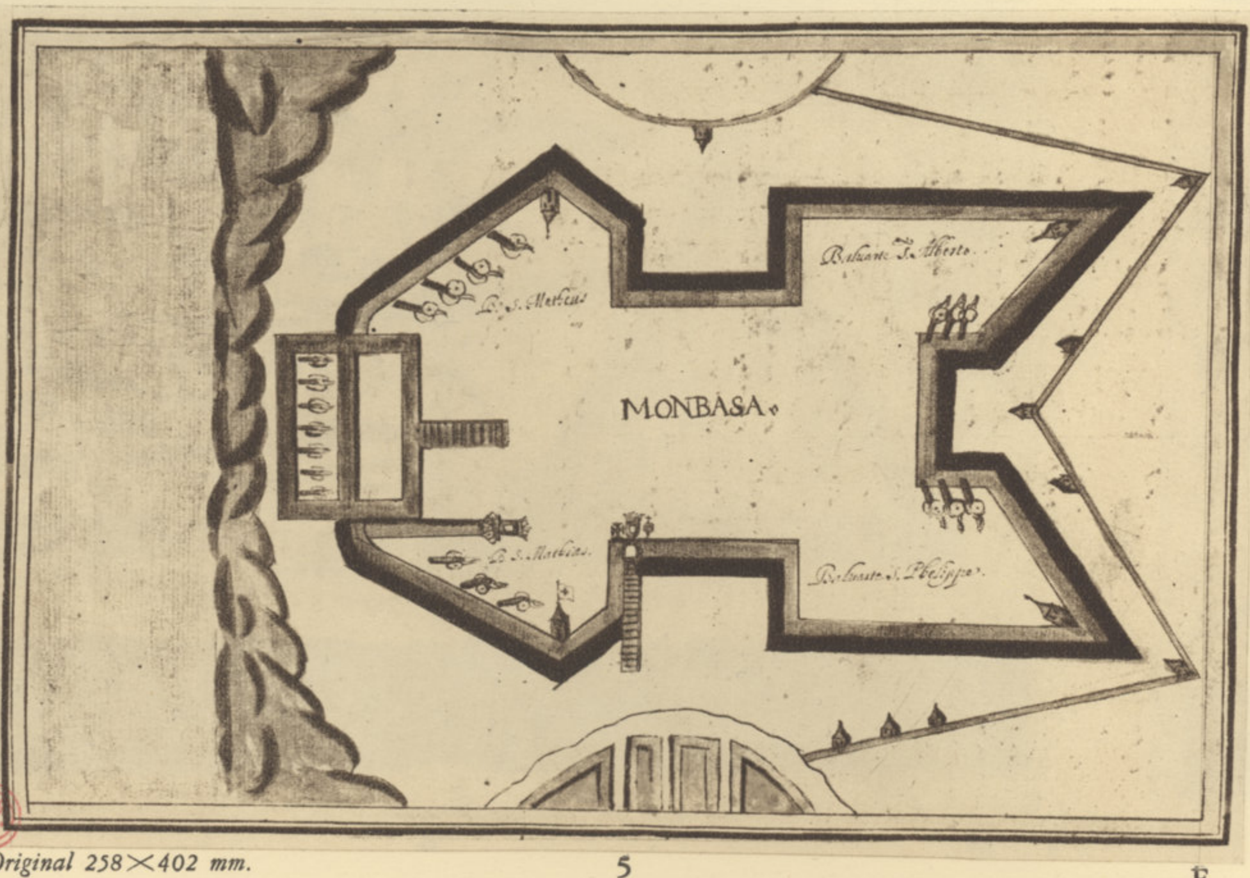
Original 187×245 mm. 3 C



Original 270×416 mm. 9 D



Original 420×608 mm. 5 E



Original 258×402 mm. 5 F



Original 190×243 mm. 4 G



Original 420×608 mm. 6 H

A, D–ANÓNIMO, ATLAS DE c. 1650

Biblioteca do Palácio Ducal da Casa de Bragança, Vila Viçosa

B–ANÓNIMO, SÉCULO XVII

in Pedro Barreto de Resende, *Livro do Estado da India Oriental*, 1646

British Museum, London

C, G–ANÓNIMO–MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, c. 1620

F–ANÓNIMO, c. 1640

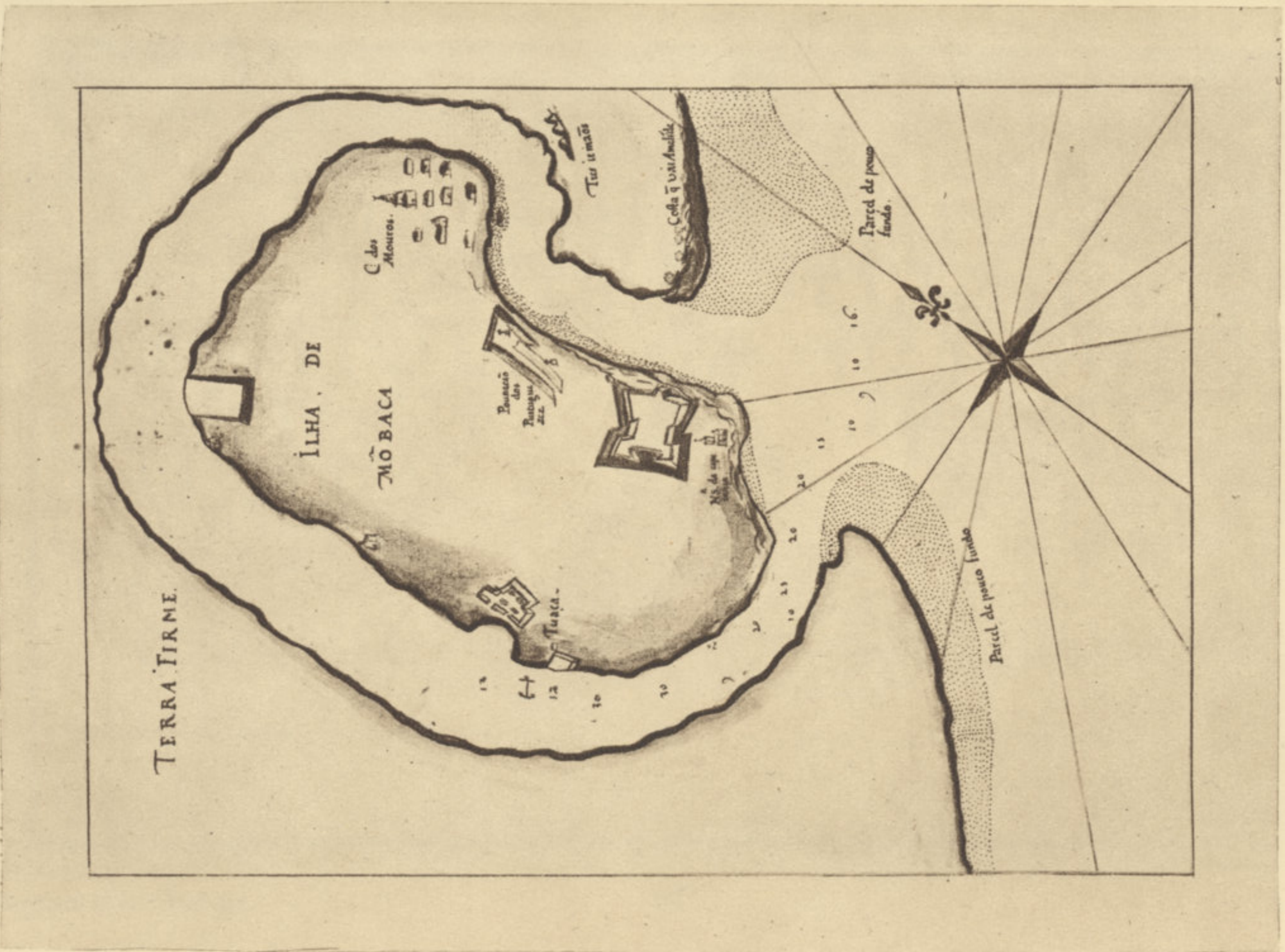
Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da India

Fortaleza de S. Julião da Barra, Oeiras

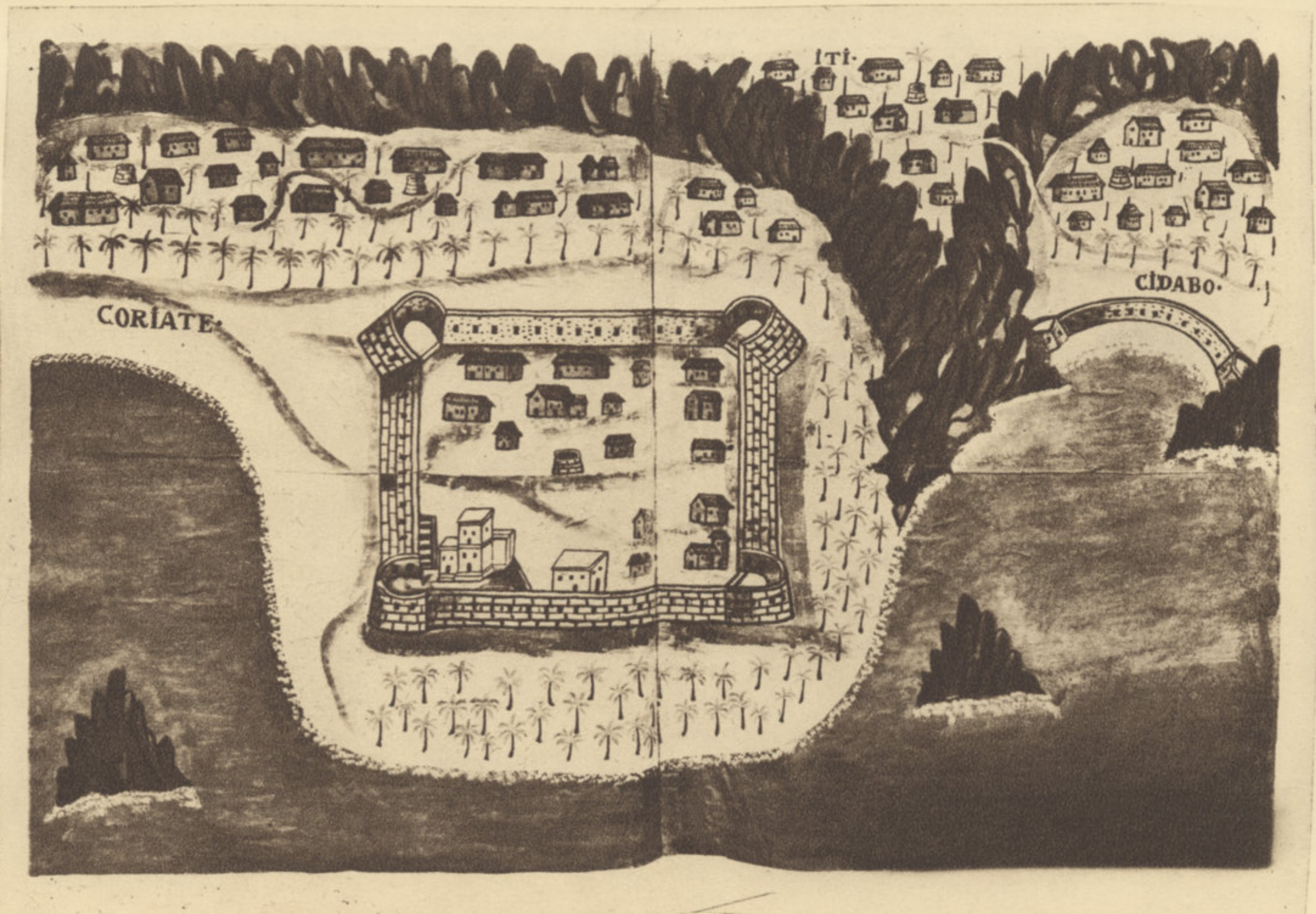
E, H–PEDRO BARRETO DE RESENDE, 1646

Livro do Estado da India Oriental

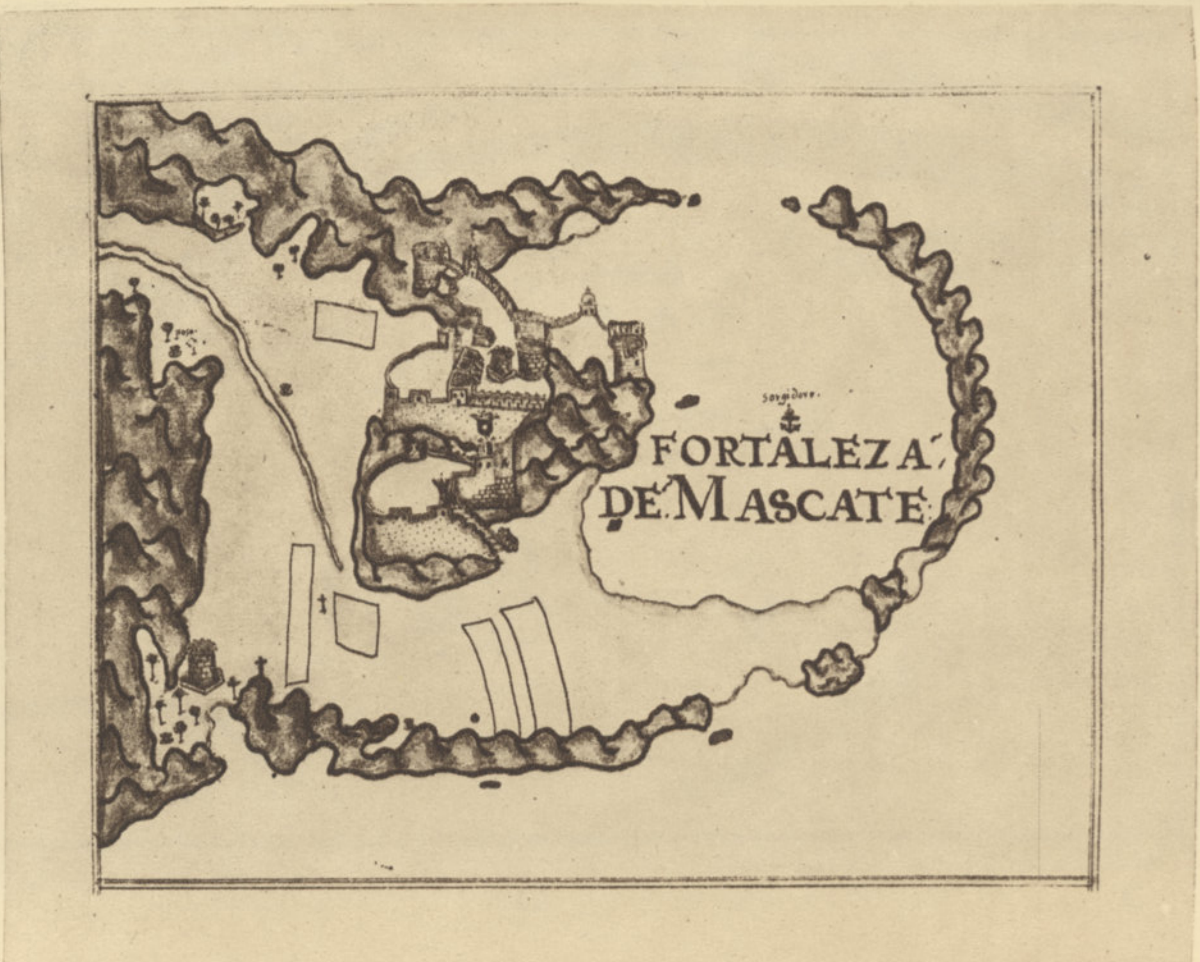
British Museum, London



Original 270×416 mm. 10 A



Original 406×604 mm. 4 B



Original 188×246 mm. 8 C



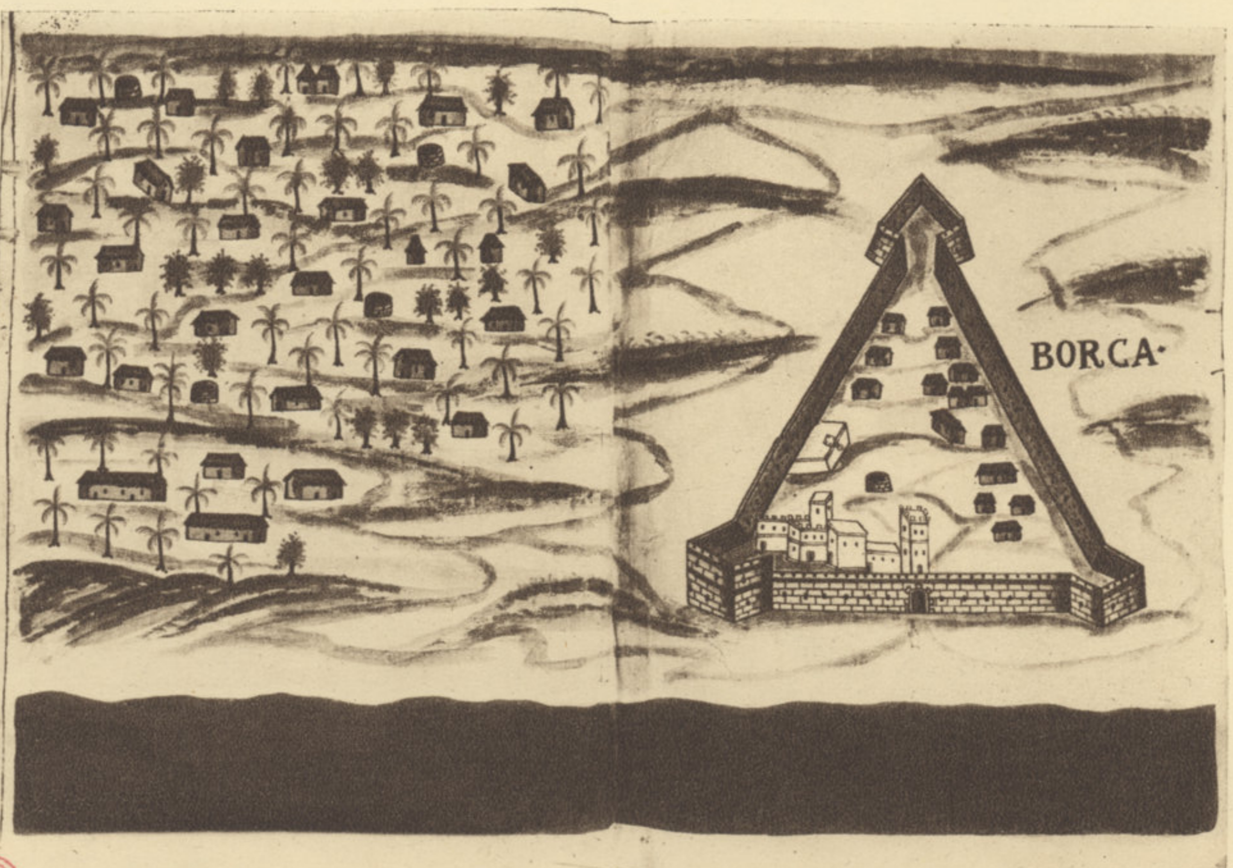
5 D



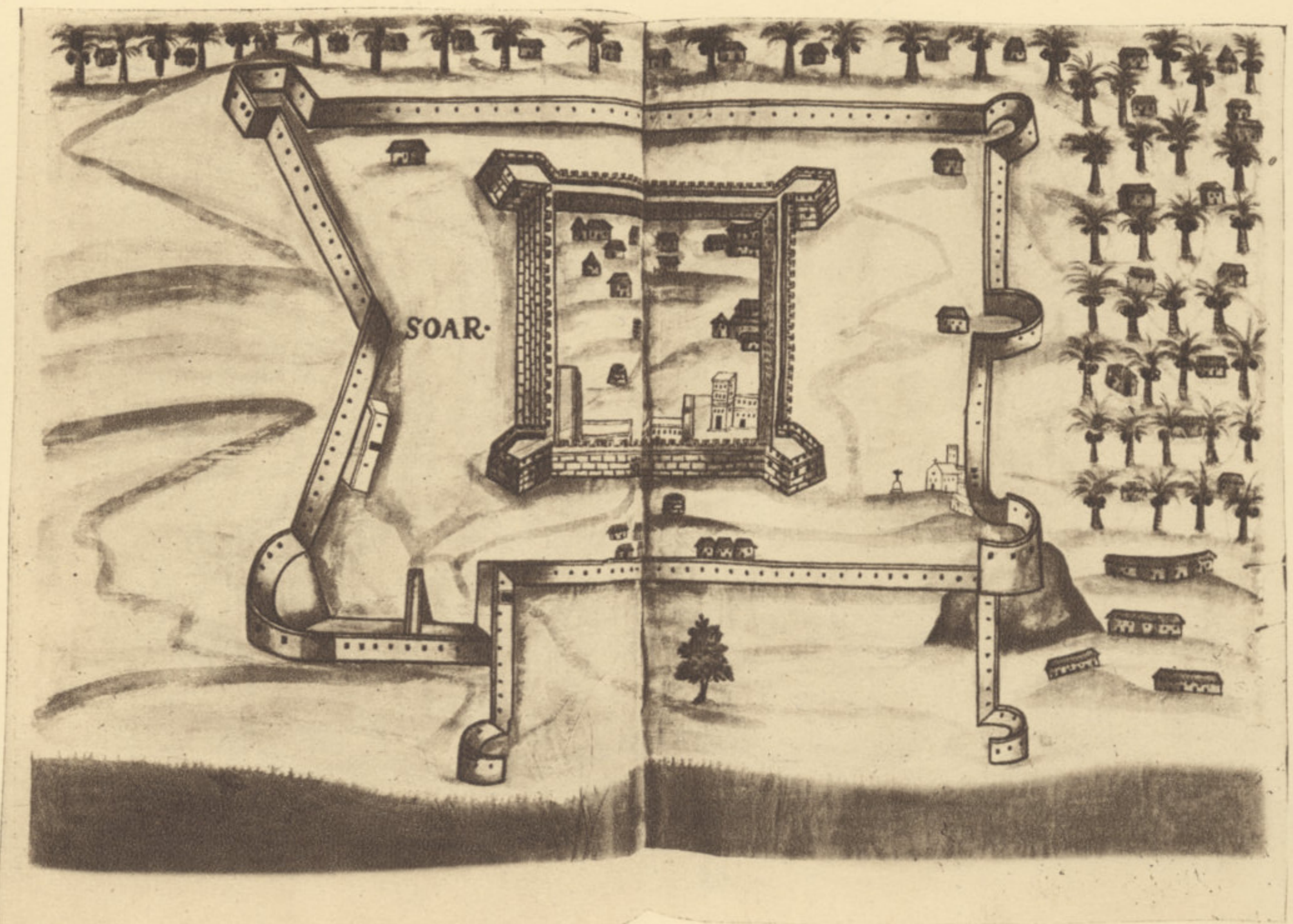
6 E



7 F



8 G



9 H



11 I

A–ANÓNIMO, c. 1650

Atlas com cento e quatro cartas – Atlas with one hundred and four charts

Biblioteca do Palácio Ducal da Casa de Bragança, Vila Viçosa

B & D-I–PEDRO BARRETO DE RESENDE, 1635

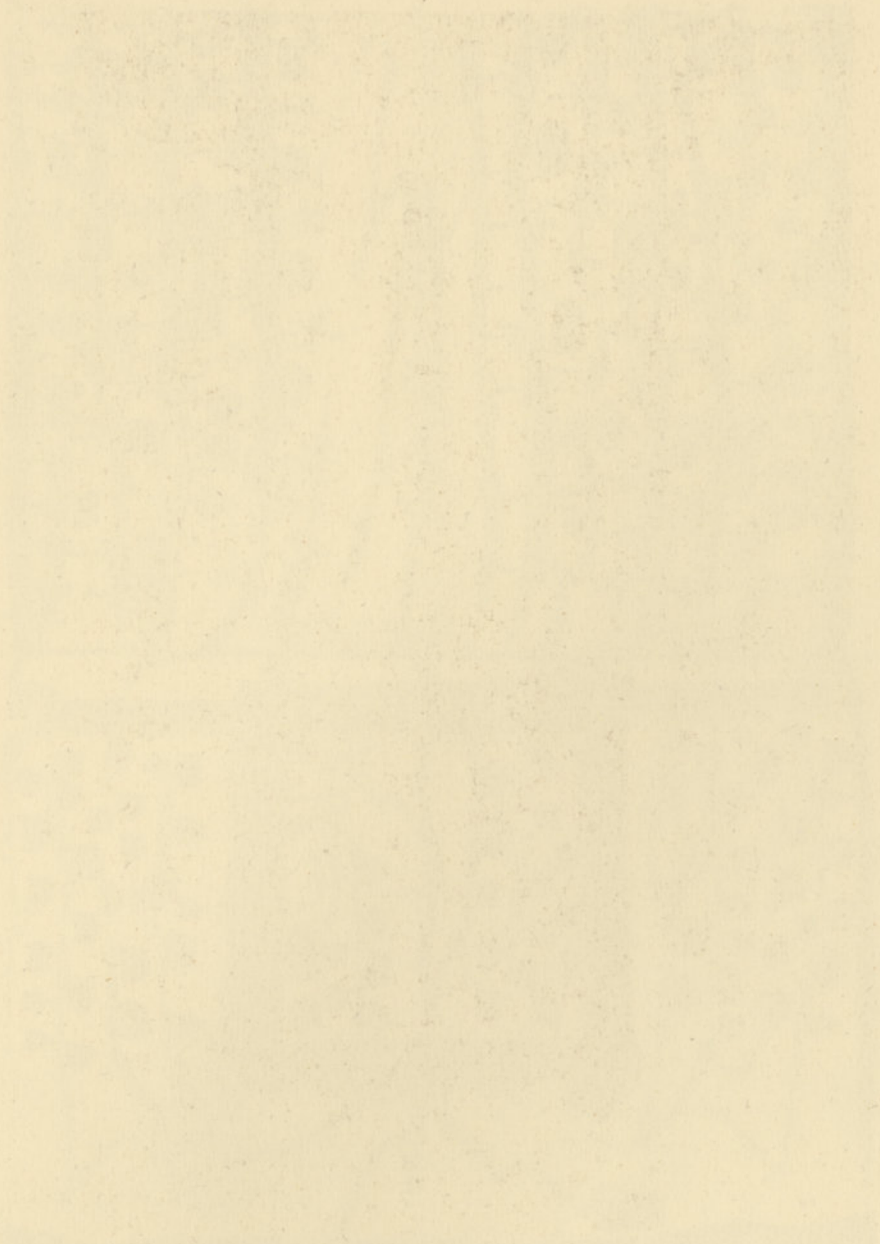
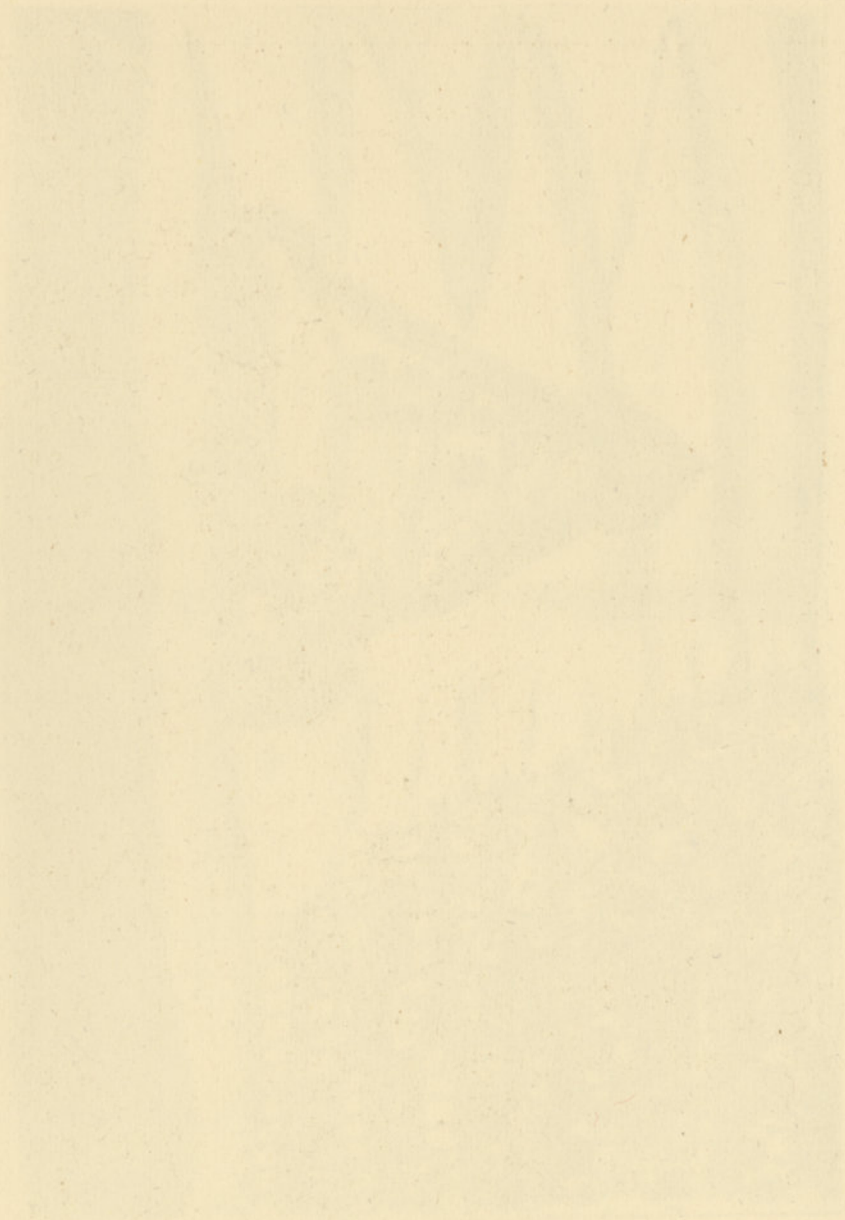
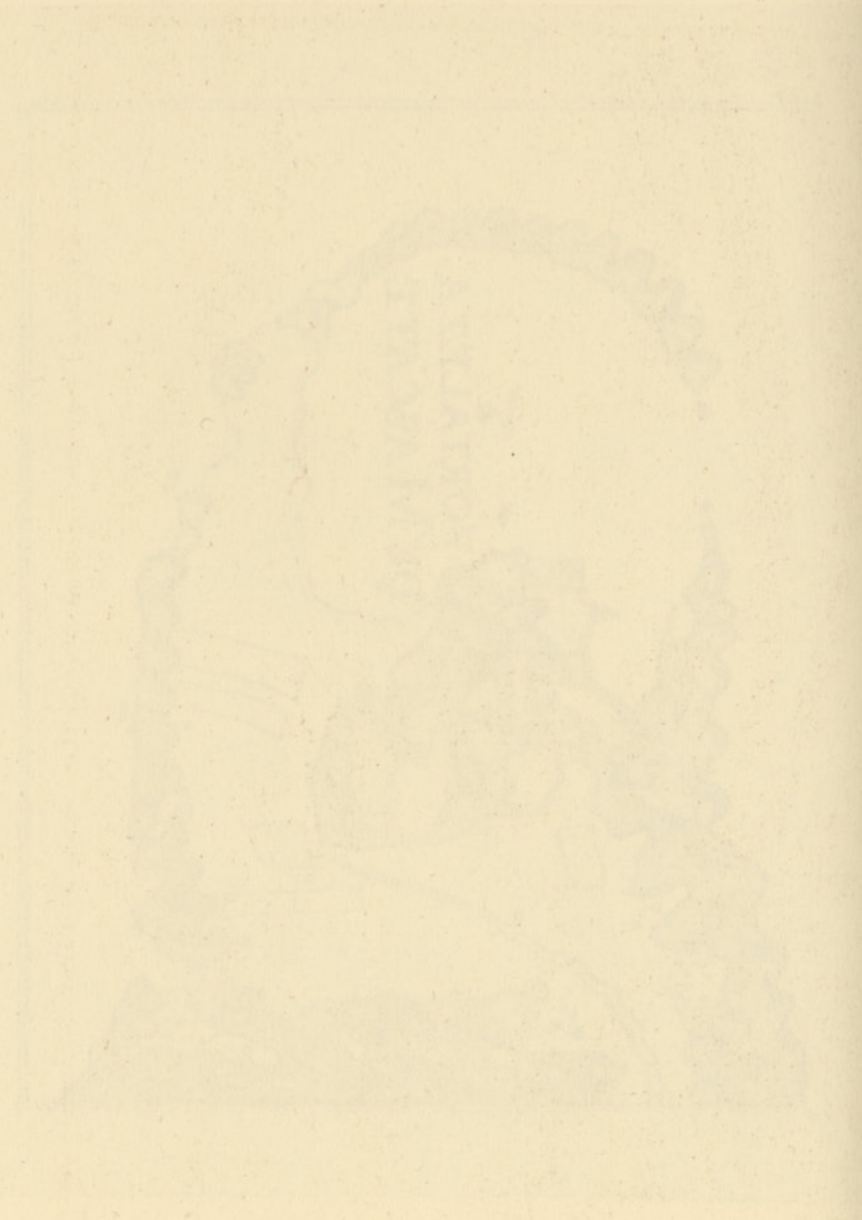
in António Bocarro, *Livro das Plantas... do Estado da India Oriental*

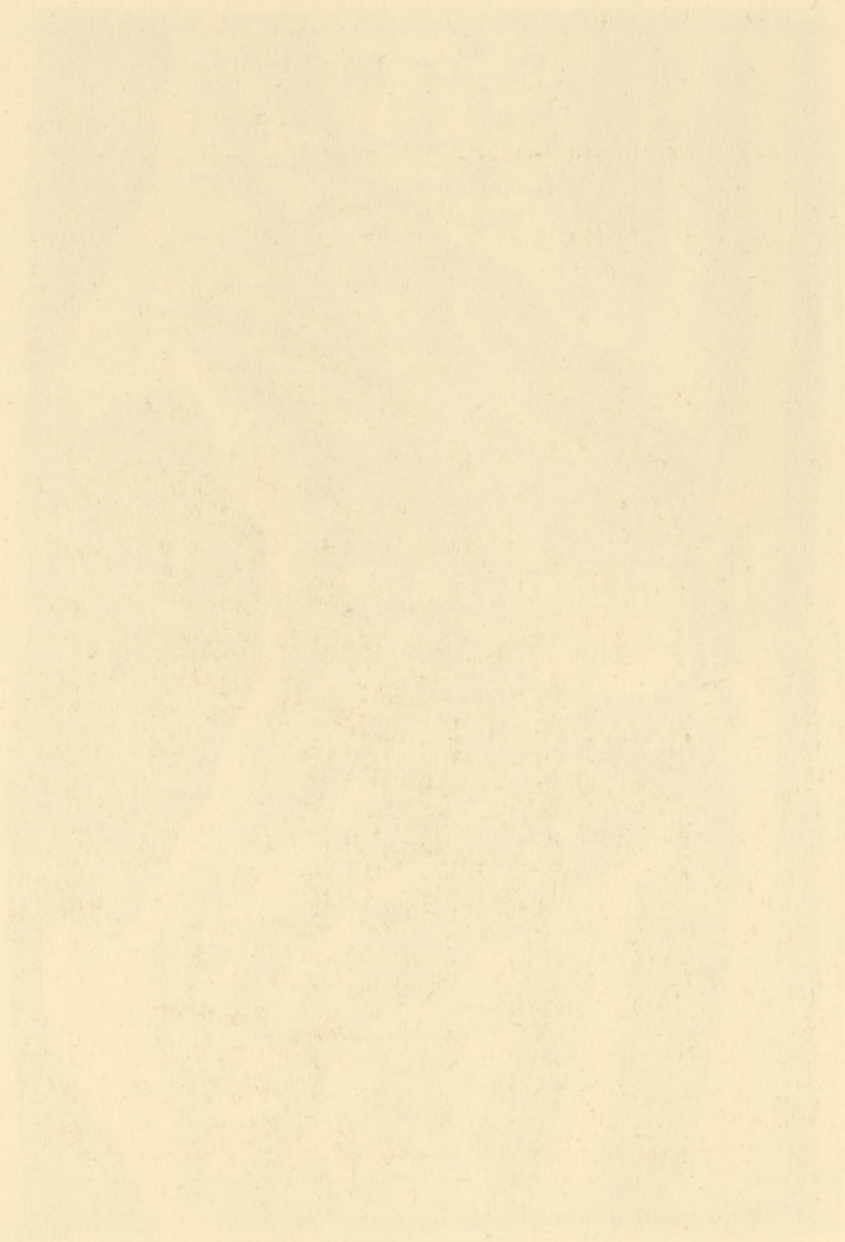
Biblioteca Pública e Arquivo Distrital, Évora

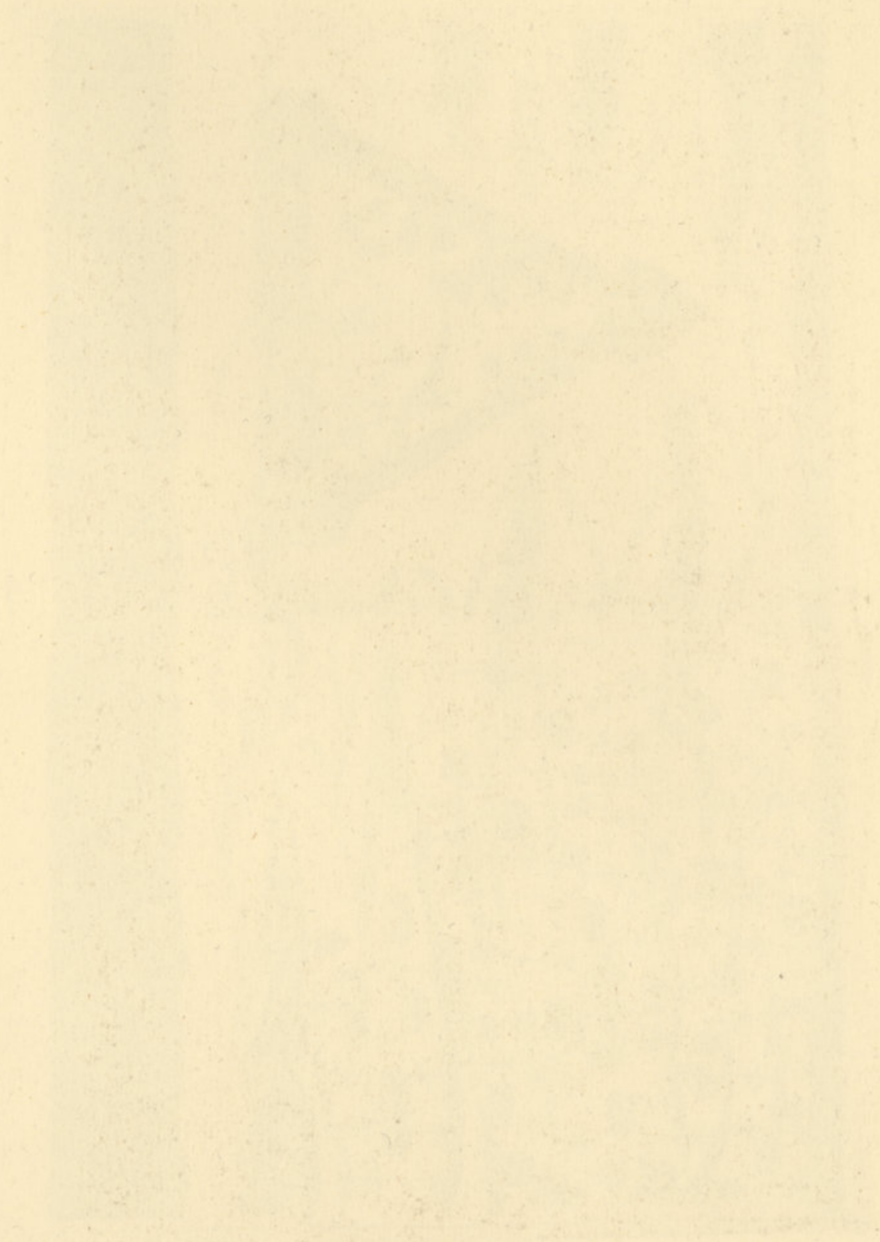
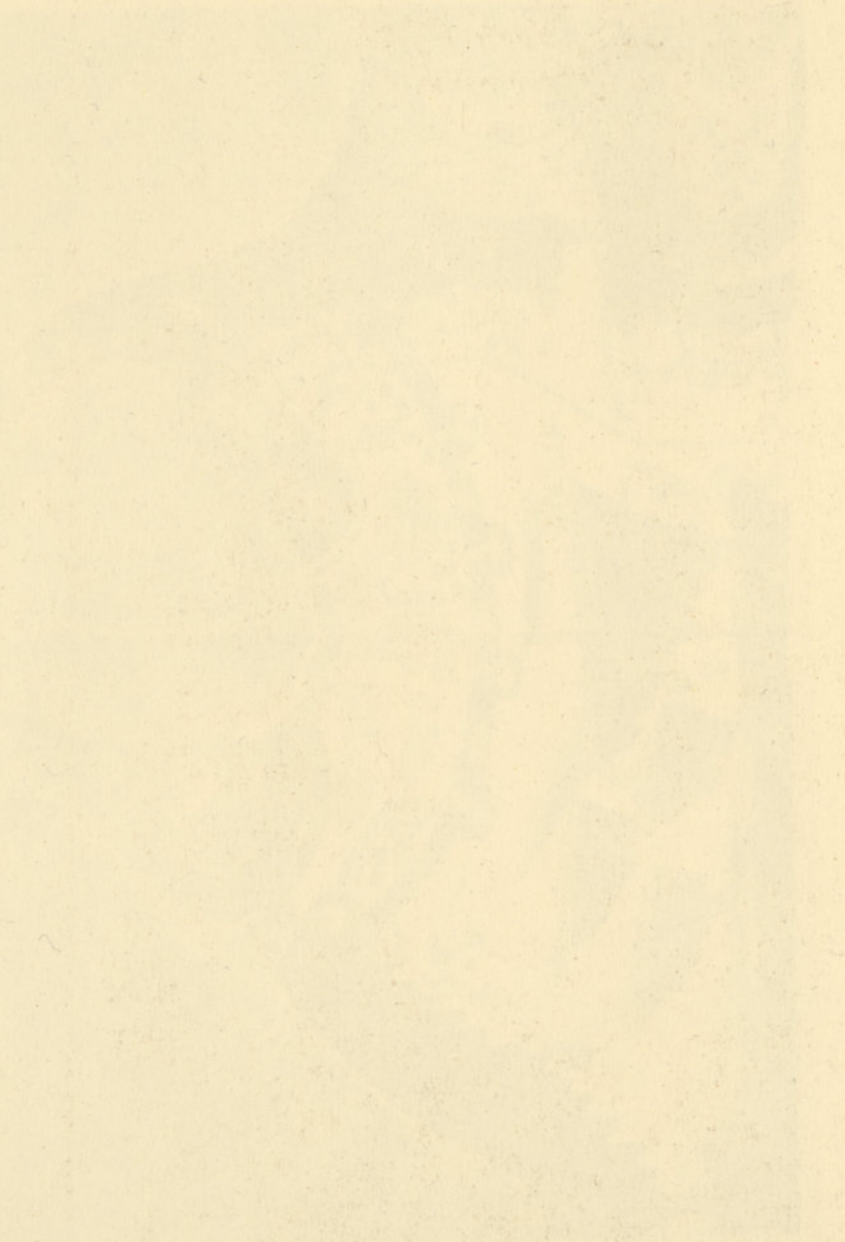
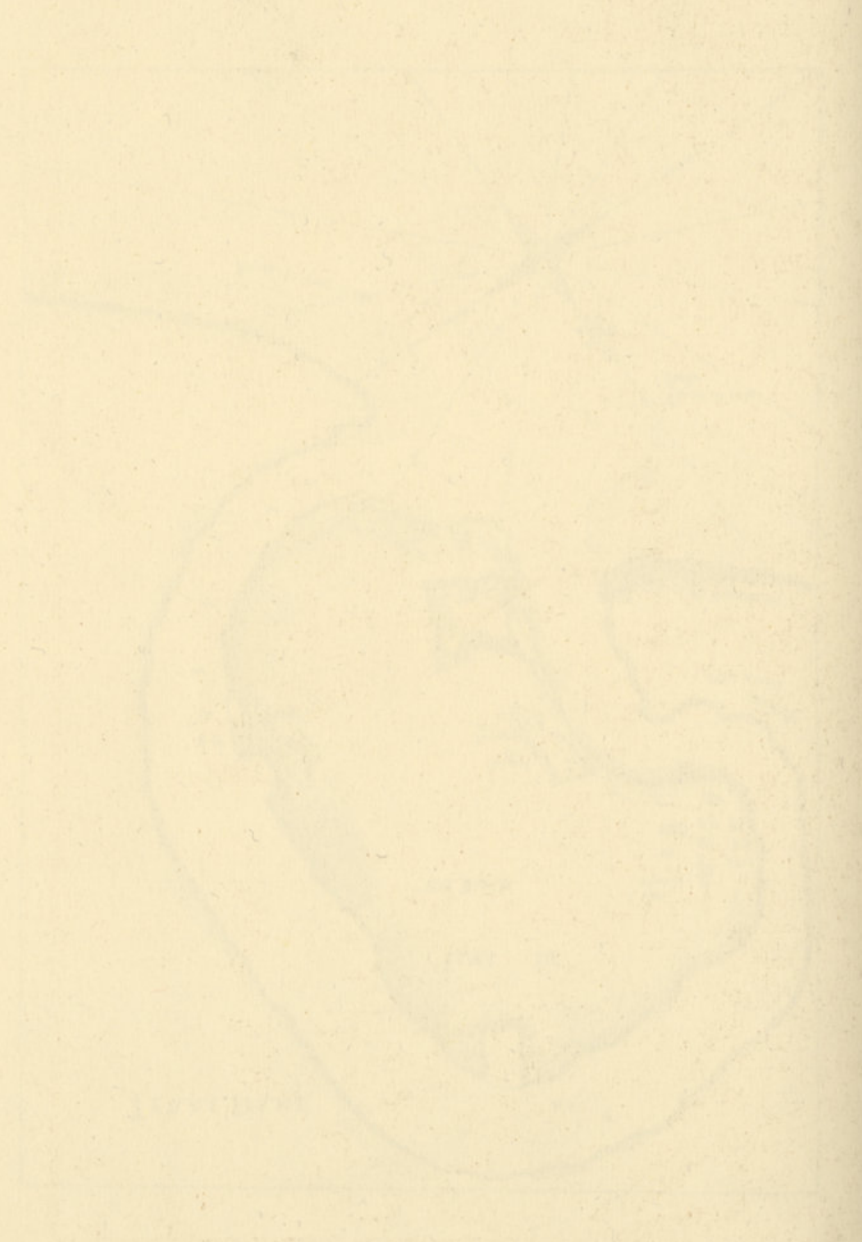
C–ANÓNIMO–MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, c. 1620

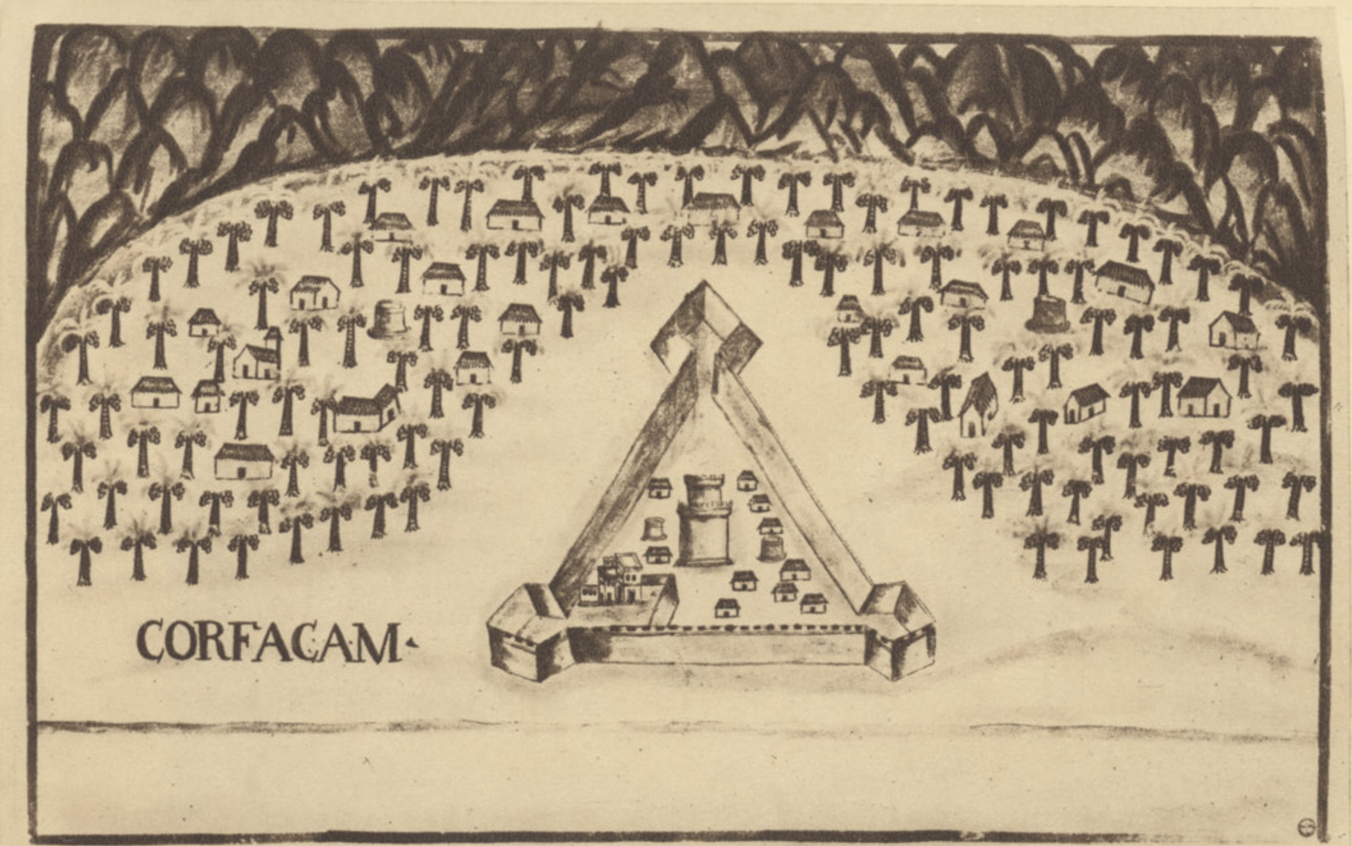
Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da India

Fortaleza de S. Julião da Barra, Oeiras

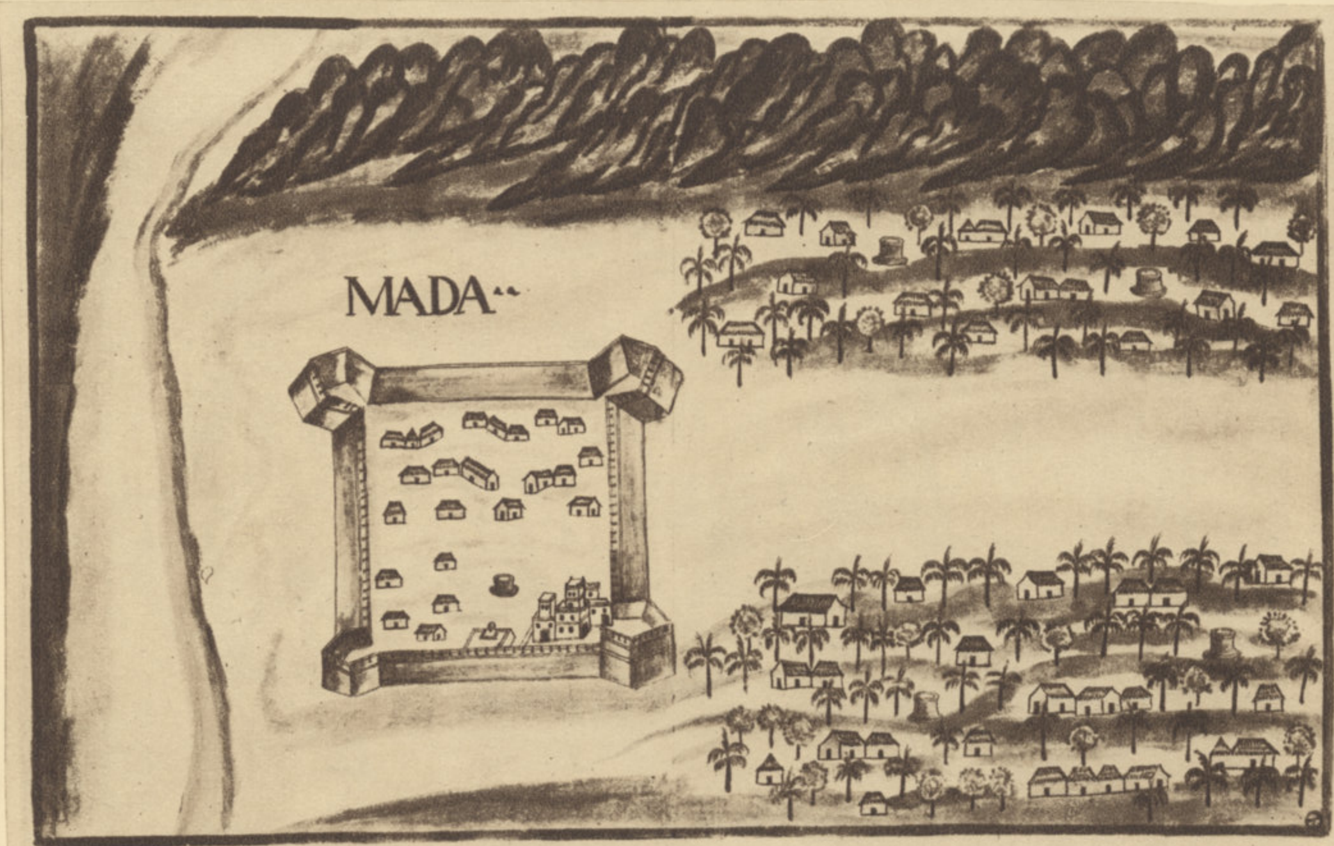






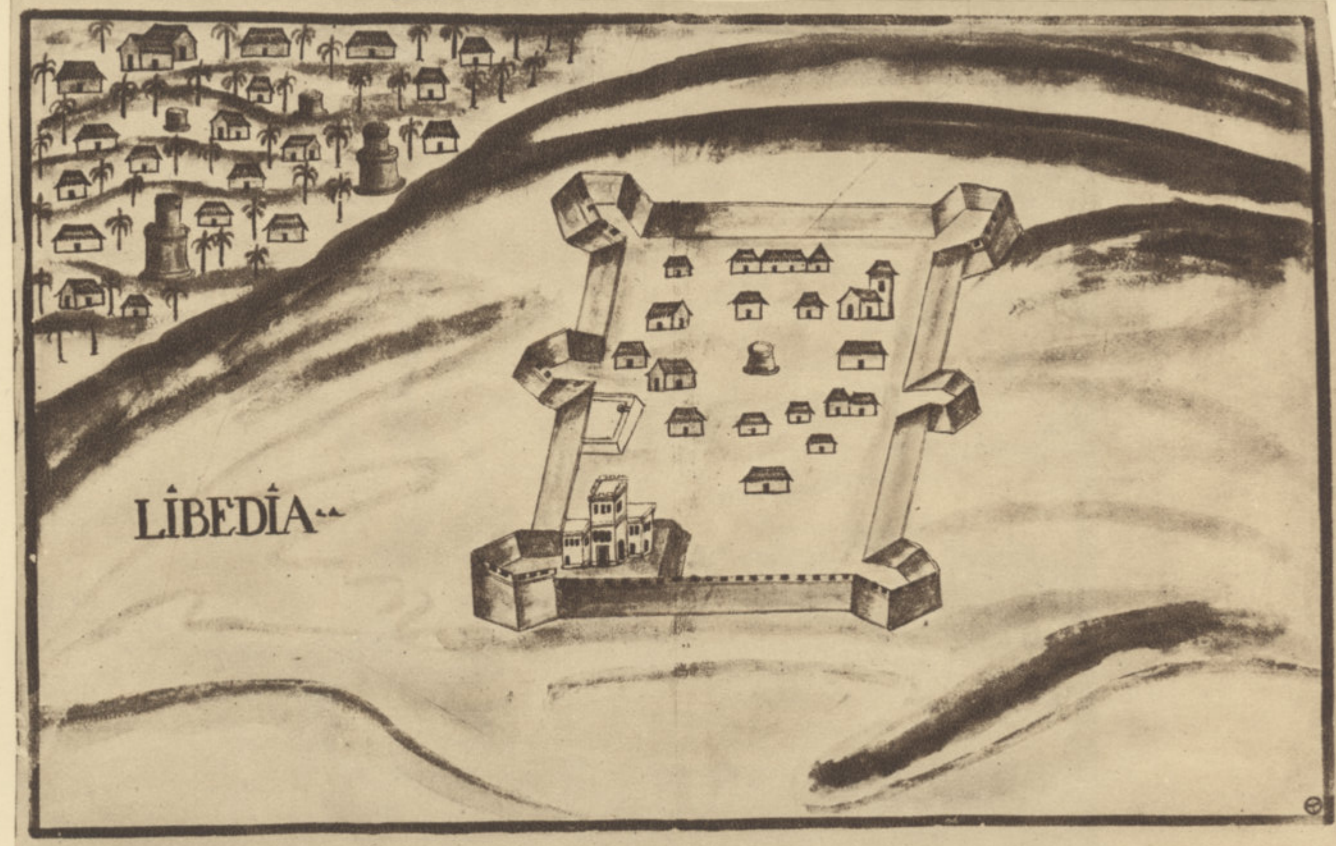






Original 455×690 mm. 10 A



13 B



12 C



Original 455×690 mm. 14 D



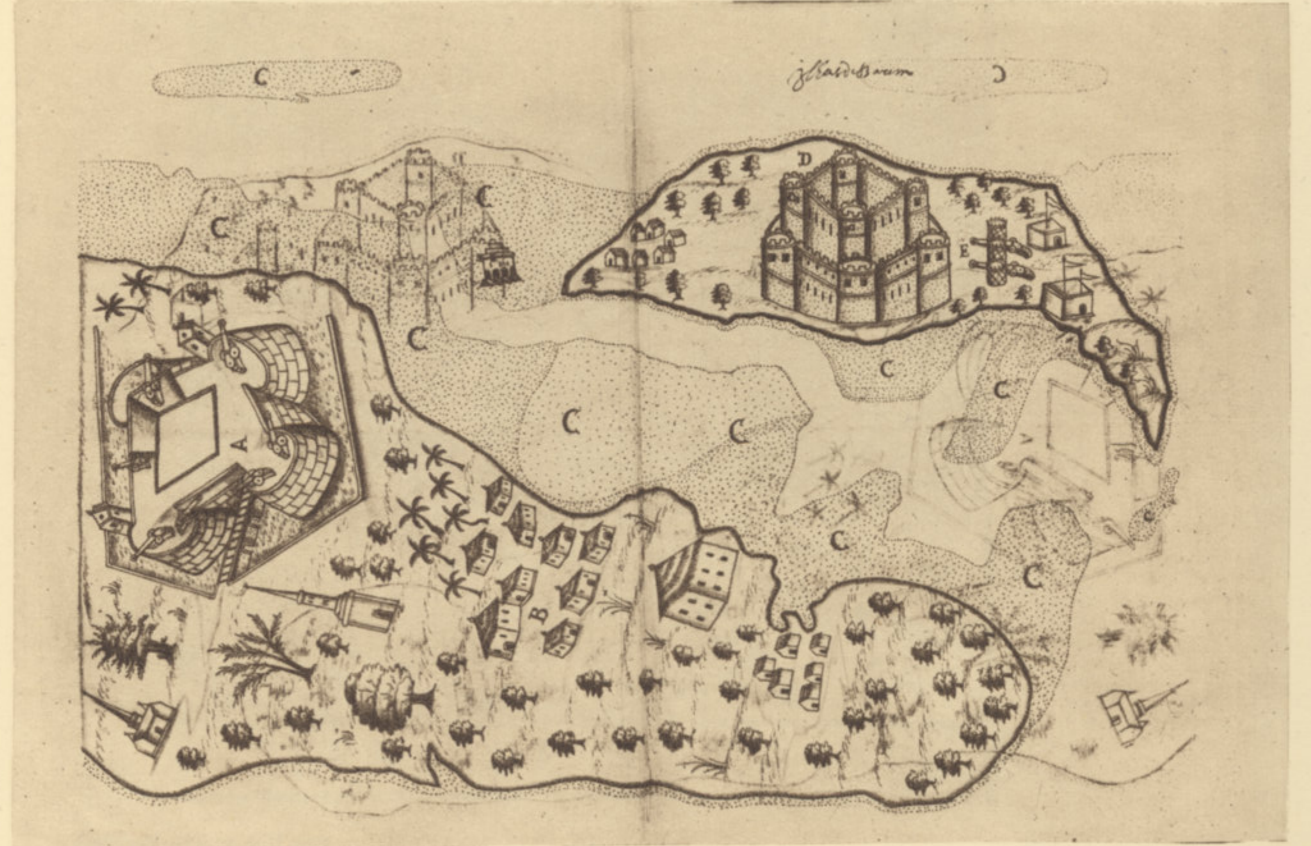
Original 192×245 mm. 18 E



F



Original 420×608 mm. 20 G



23 H



21 I

A a D–ANTÓNIO DE MARIS CARNEIRO, 1639

Descripçam da Fortaleza de Sofala, etc.
Biblioteca Nacional de Lisboa

E–ANÓNIMO–MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, c. 1620

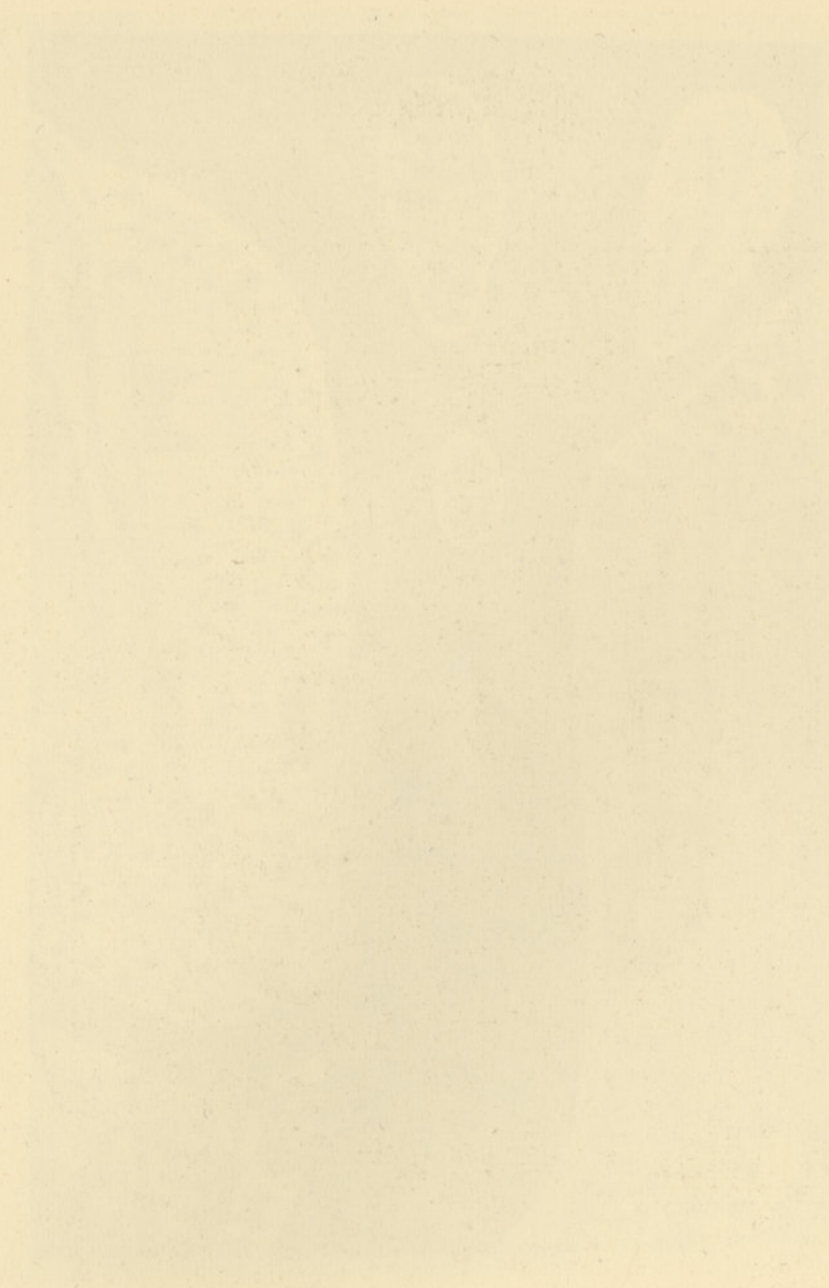
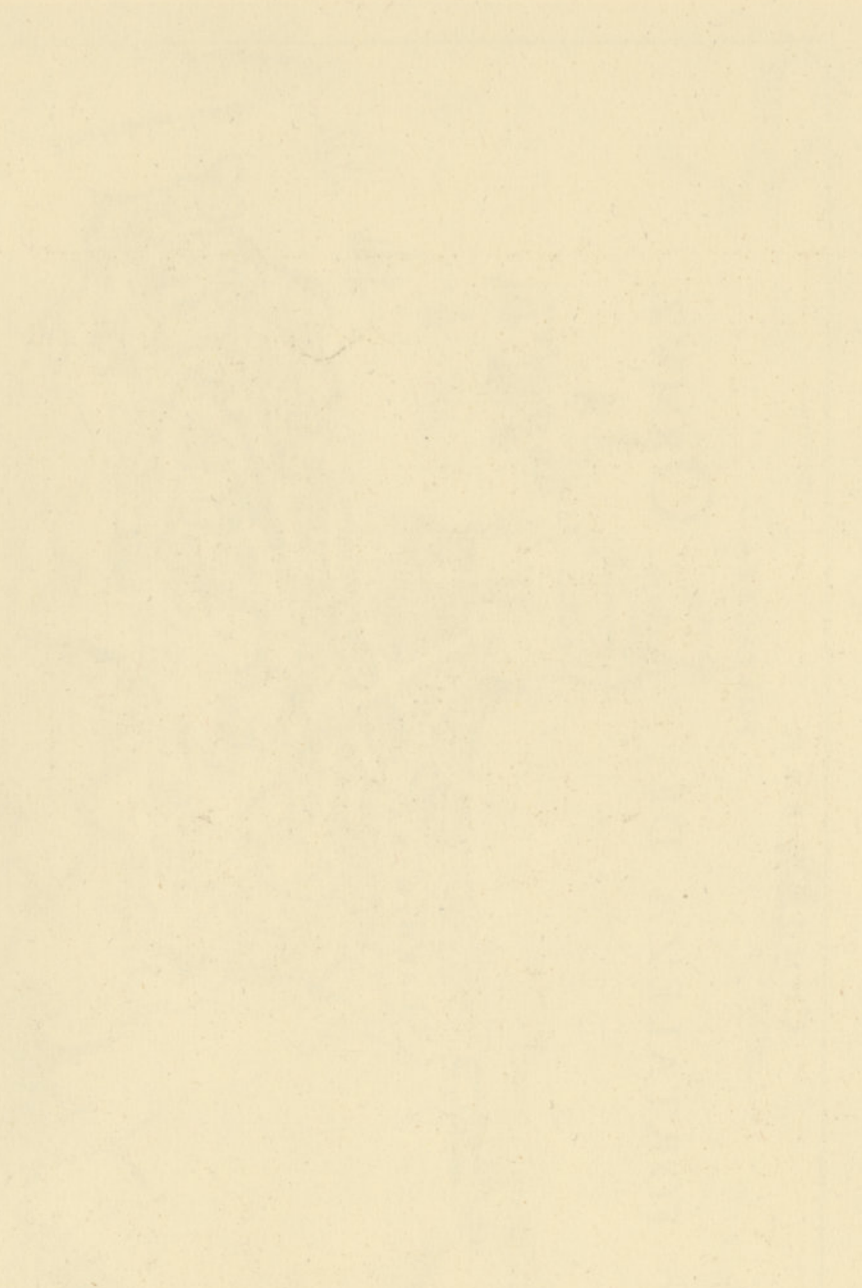
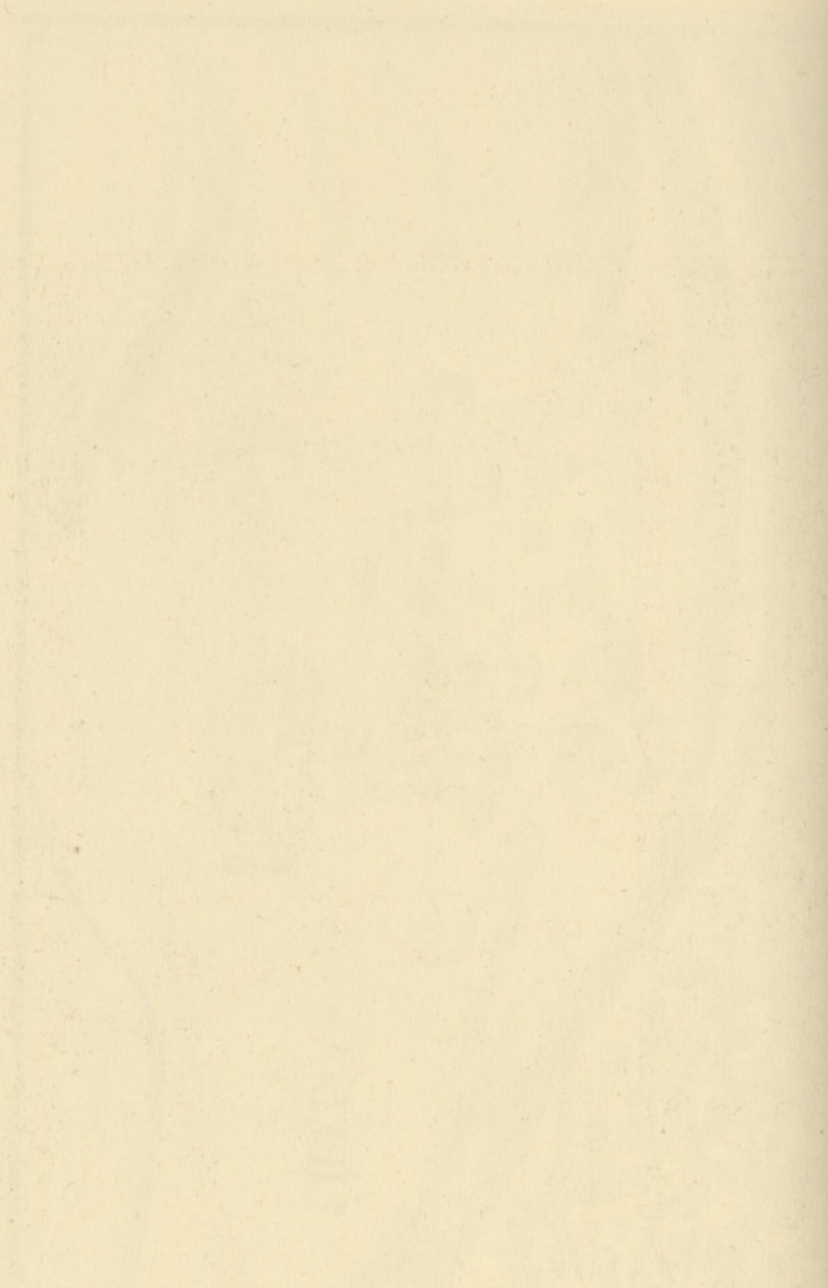
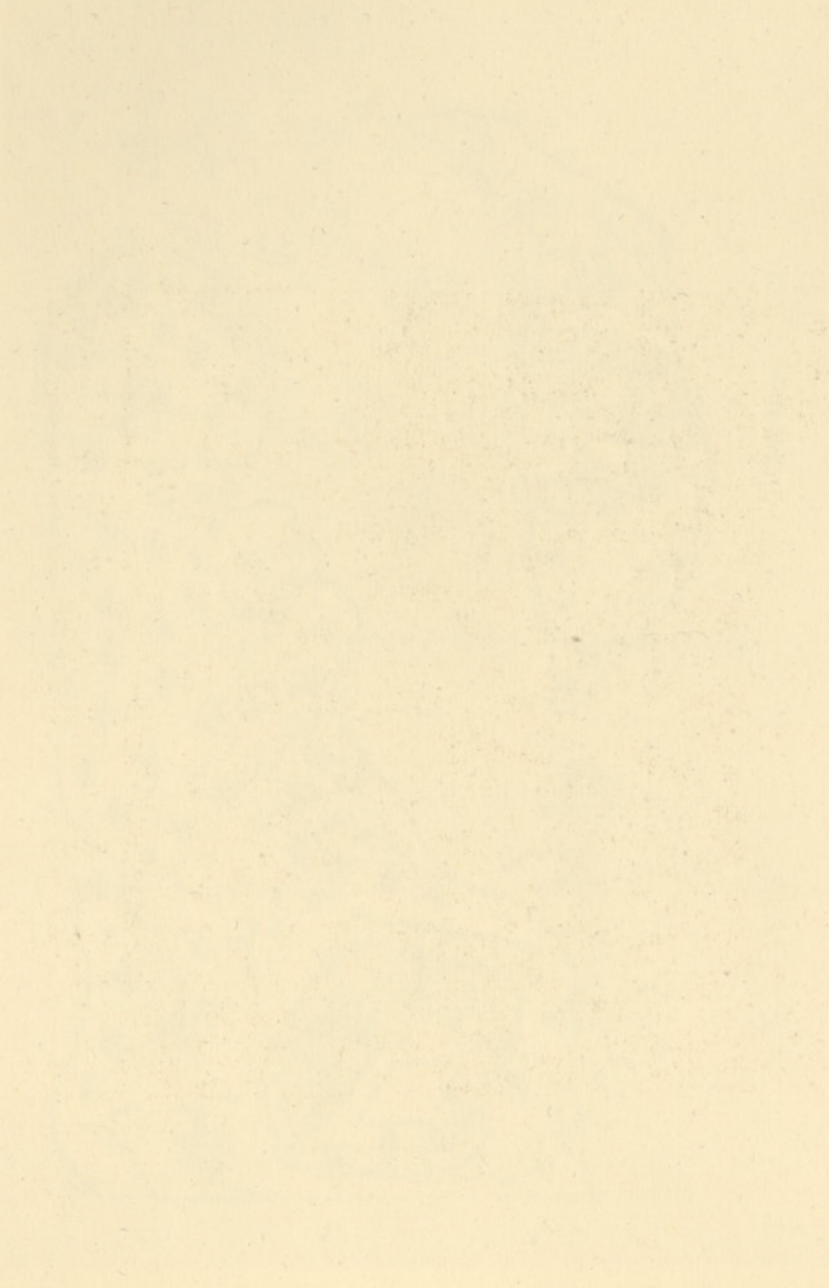
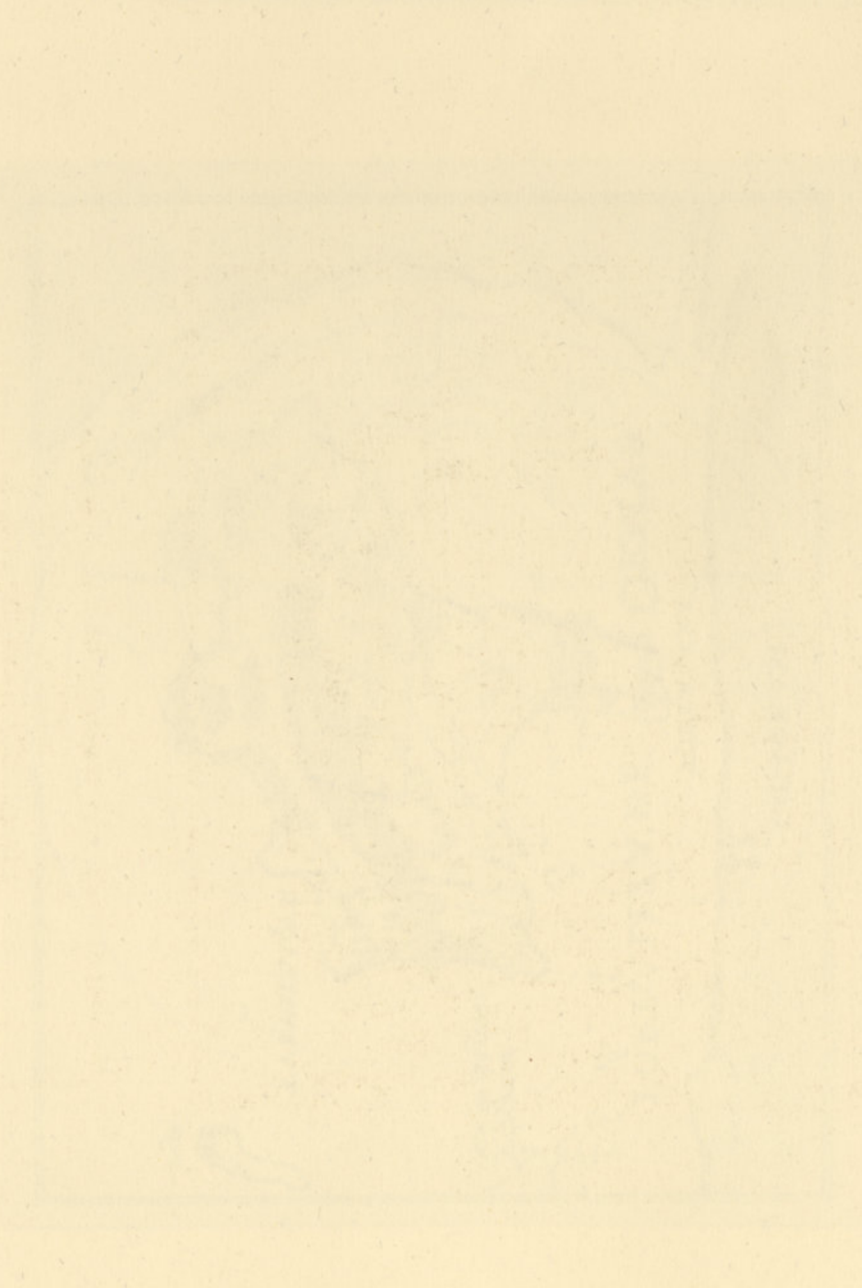
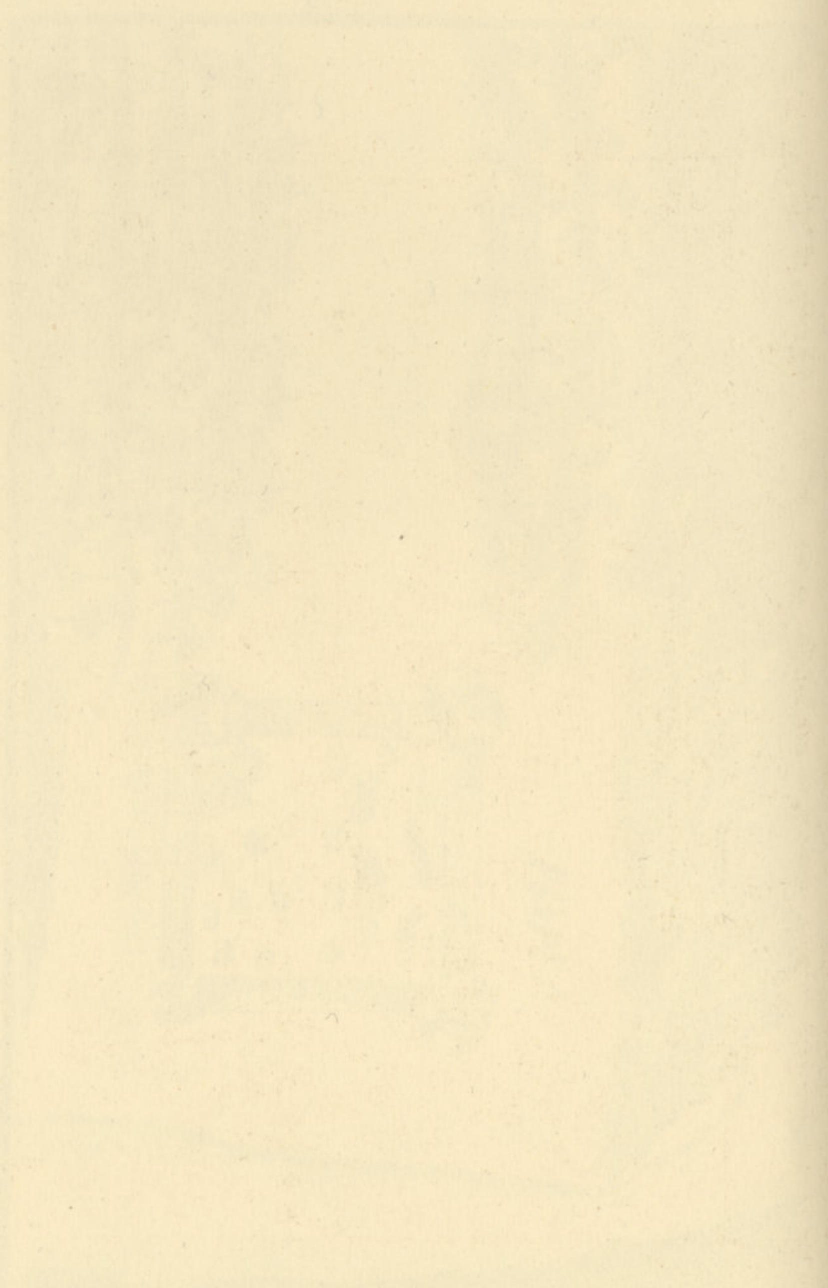
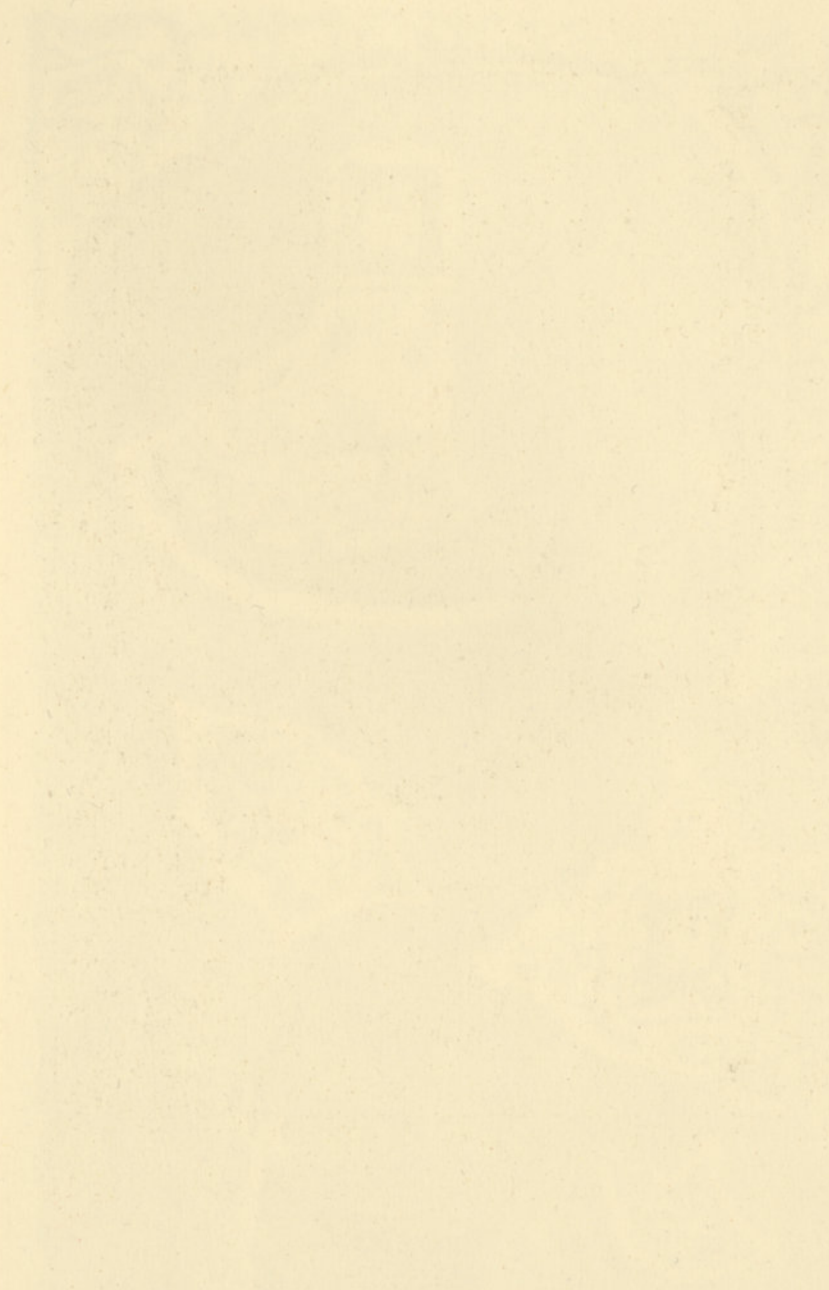
Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da India
Fortaleza de S. Julião da Barra, Oeiras

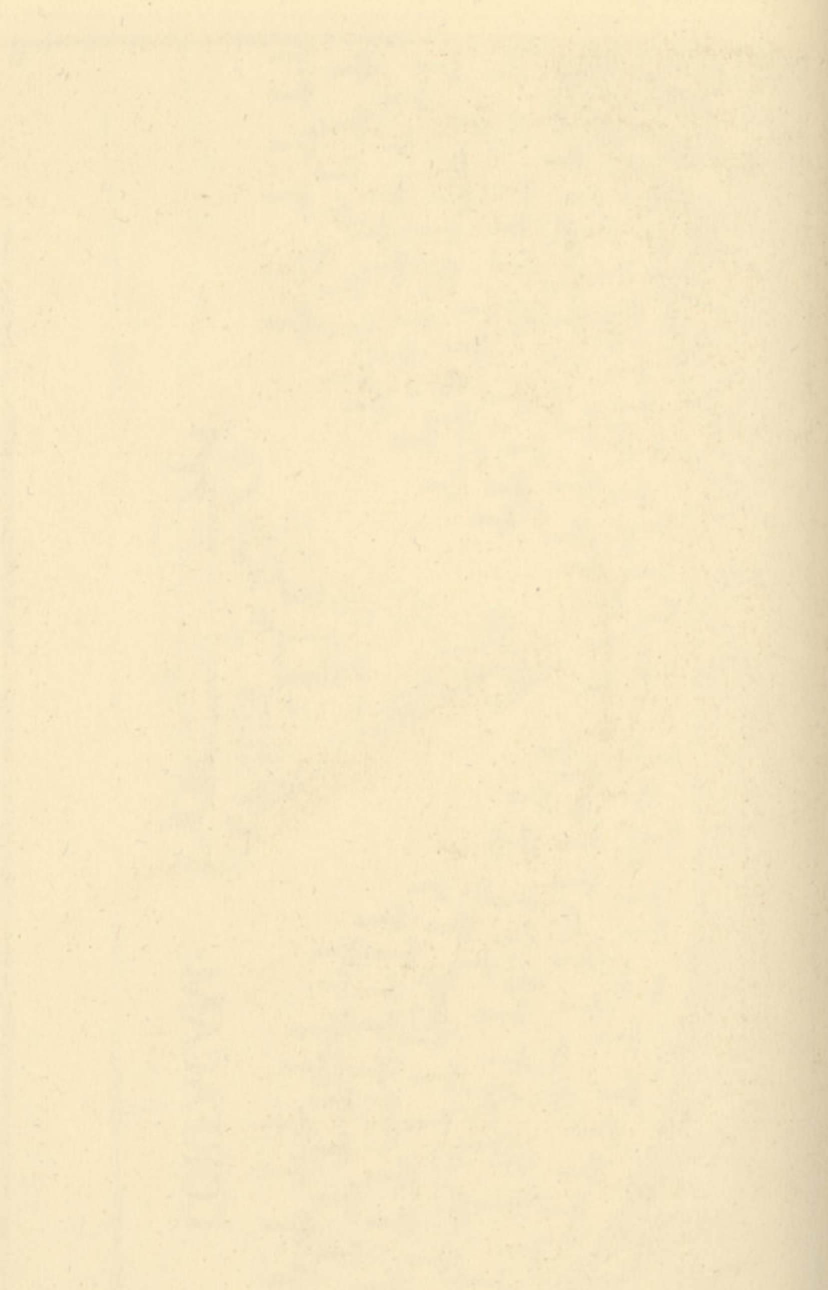
F–ANÓNIMO, 1666

in Manuel de Faria e Sousa, *Ásia Portuguesa*

G a I–PEDRO BARRETO DE RESENDE, 1646

Livro do Estado da India Oriental
British Museum, London





Original 190×246 mm. 21 A



Original 412×560 mm. 15 B



Original 422×586 mm. 20 C



Original 422×586 mm. 21 D



Original 188×245 mm. 24 E



Original 412×560 mm. 16 F



Original 422×586 mm. 22 G



Original 412×560 mm. 21 H



Original 412×560 mm. 17 I

A, E–Anónimo–Manuel Godinho de Erédia, c. 1620

Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da India

Fortaleza de S. Julião da Barra, Oeiras

B, F, H, I–Anónimo–João Teixeira Albernaz I, c. 1635

in António Bocarro, *Livro das Plantas... do Estado da India Oriental*

Biblioteca Nacional, Madrid

C, D, G–Anónimo, c. 1636

in Pedro Barreto de Resende, *Livro do Estado da India Oriental*

Bibliothèque Nationale, Paris



Original 412×560 mm. 18 A



19 B



20 C



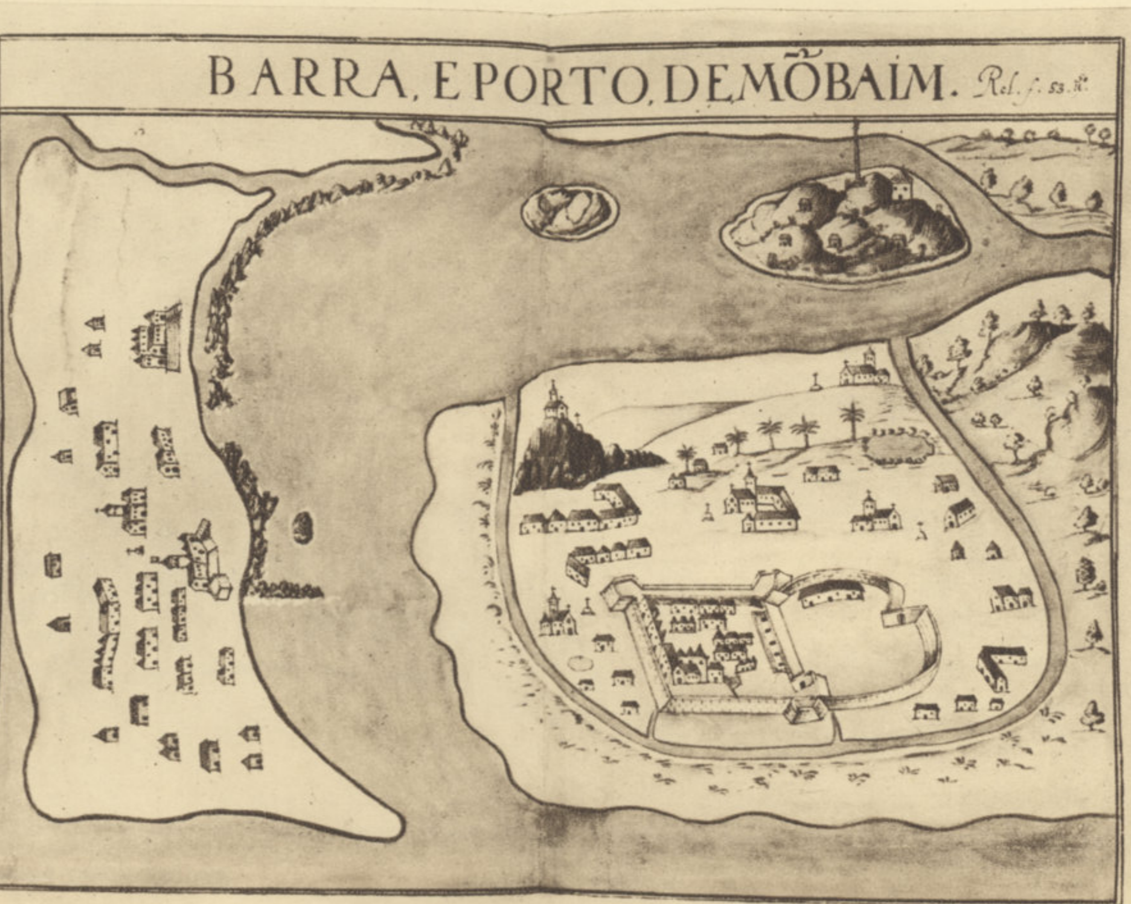
Original 186×244 mm. 30 D



Original 422×586 mm. 28 E



Original 412×560 mm. 23 F



Original 412×560 mm. 24 G



Original 422×586 mm. 29 H



Original 412×560 mm. 25 I

A, B, C, F, G, I – ANÓNIMO – JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, c. 1635

in António Bocarro, *Livro das Plantas... do Estado da India Oriental*

Biblioteca Nacional, Madrid

D – ANÓNIMO – MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, c. 1620

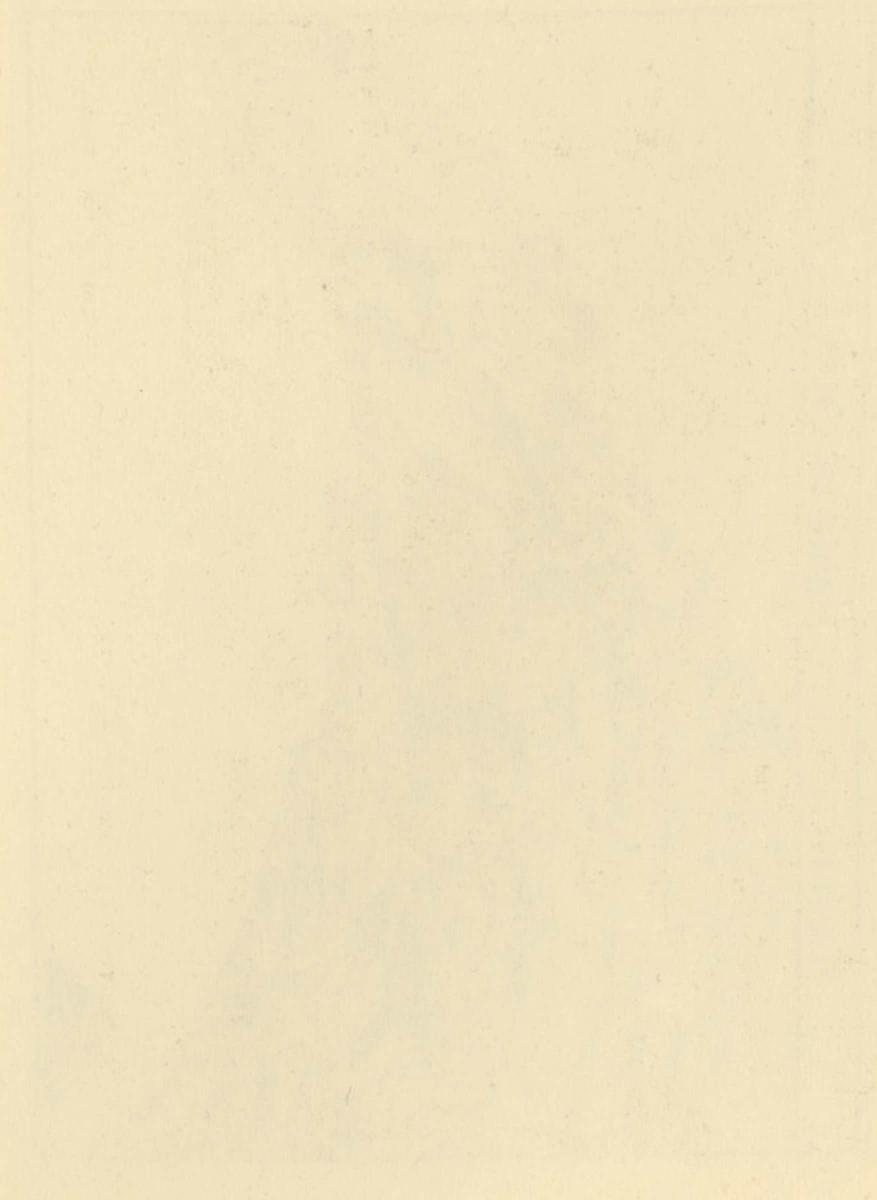
Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da India

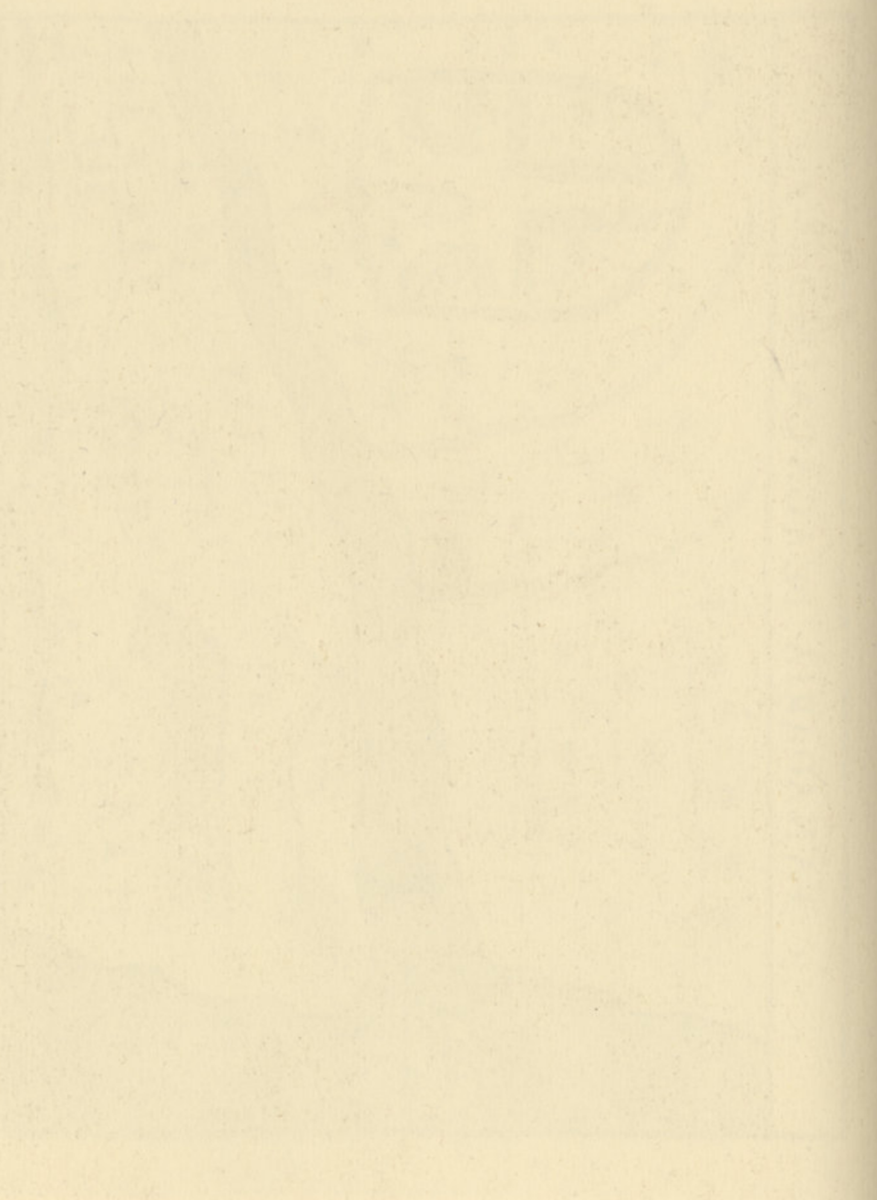
Fortaleza de S. Julião da Barra, Oeiras

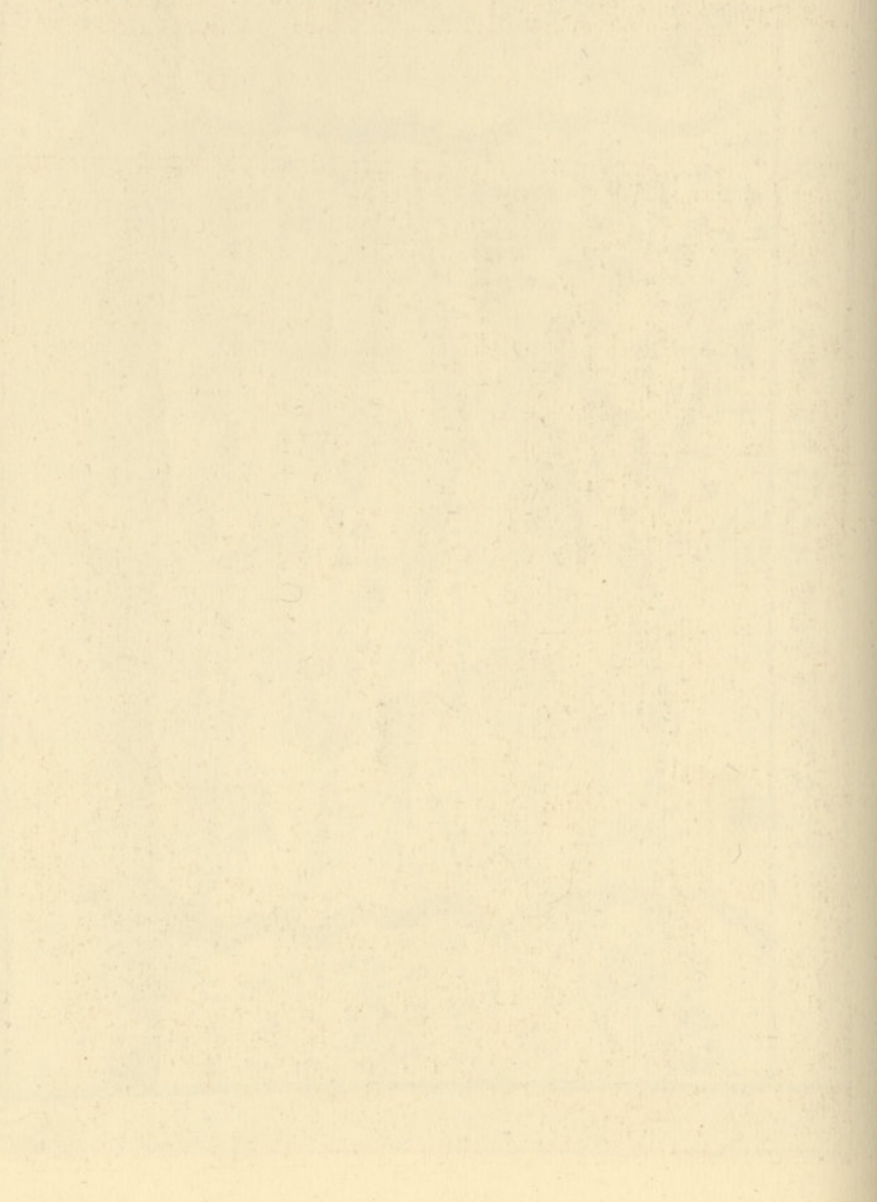
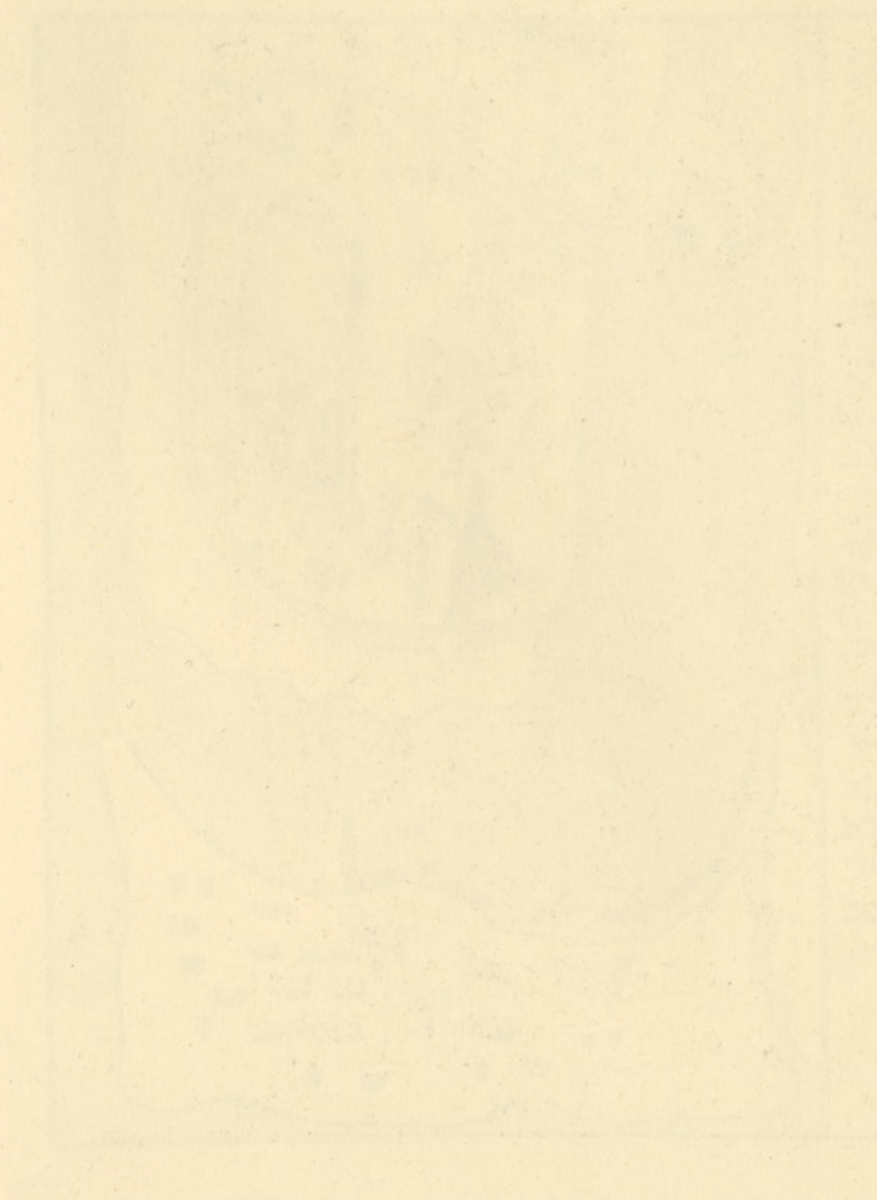
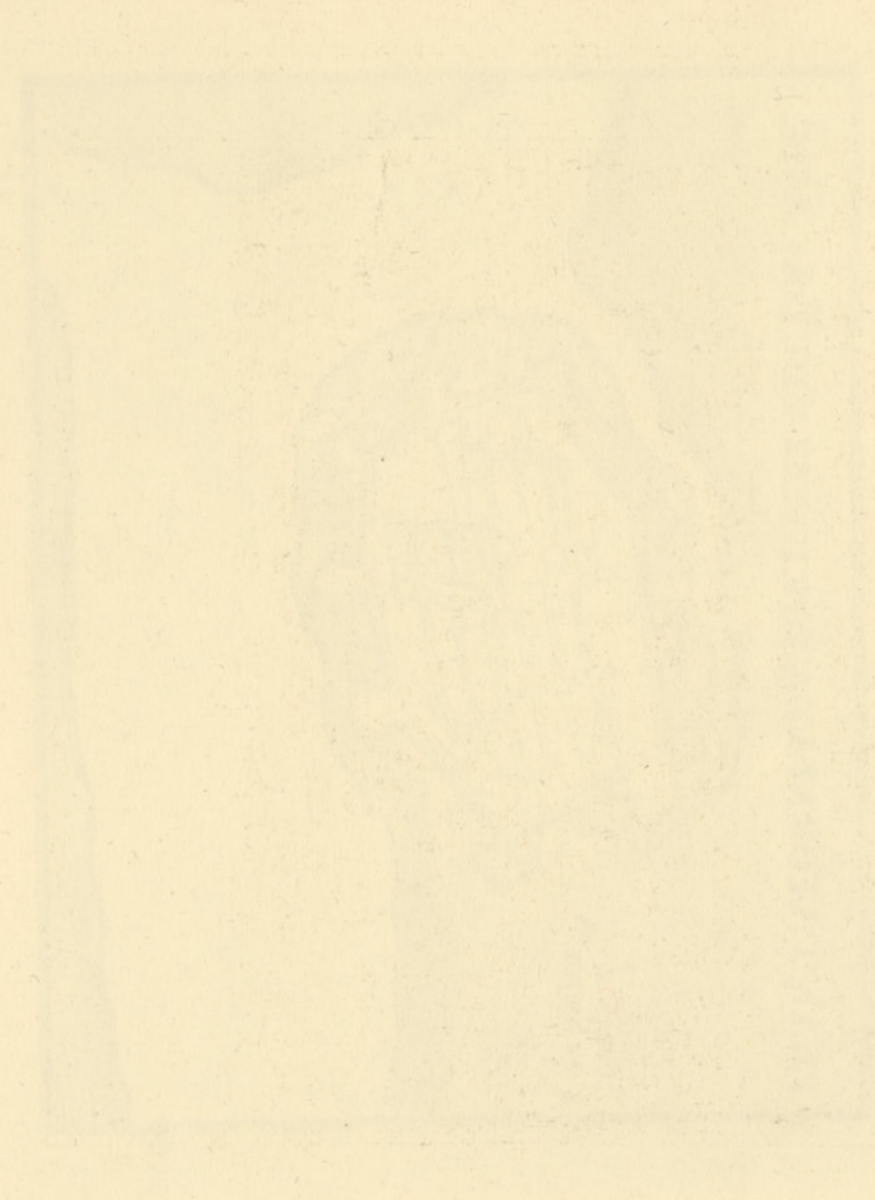
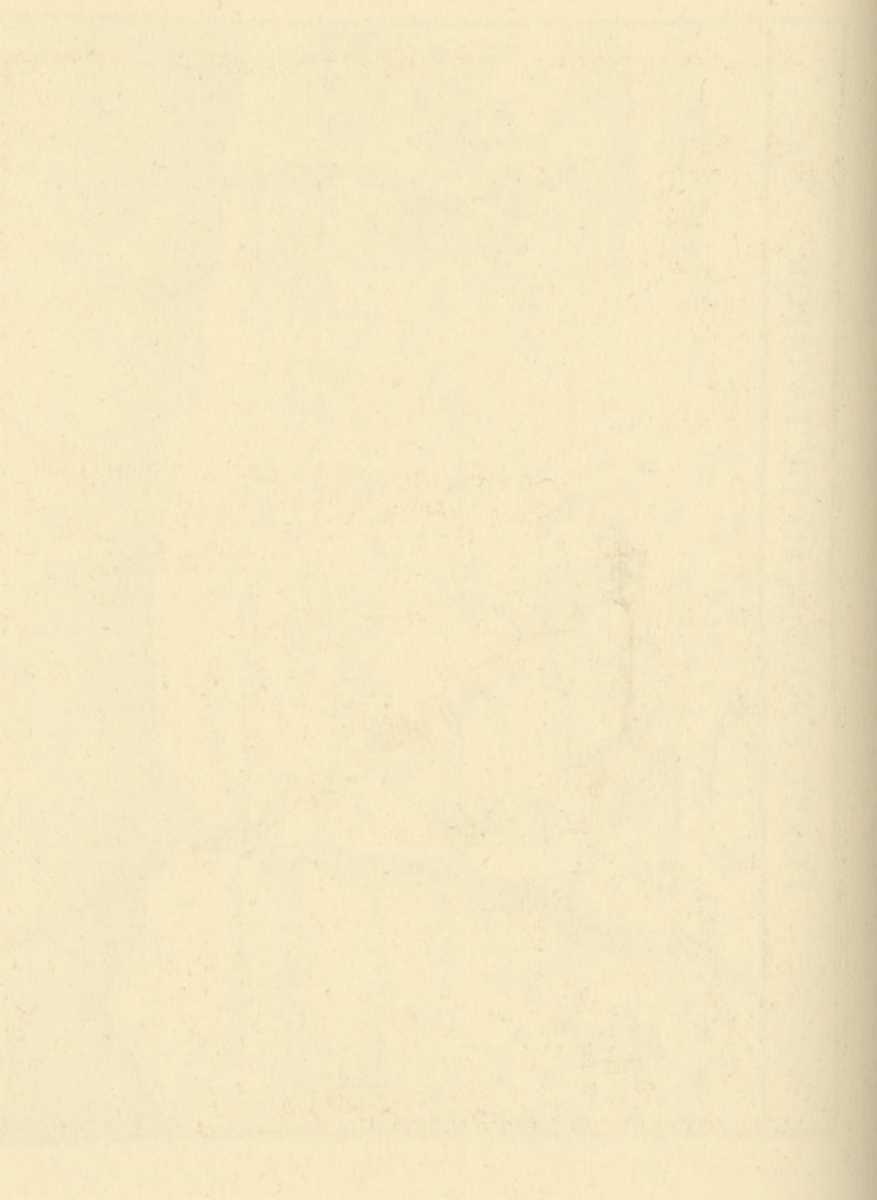
E, H – ANÓNIMO, c. 1636

in Pedro Barreto de Resende, *Livro do Estado da India Oriental*

Bibliothèque Nationale, Paris





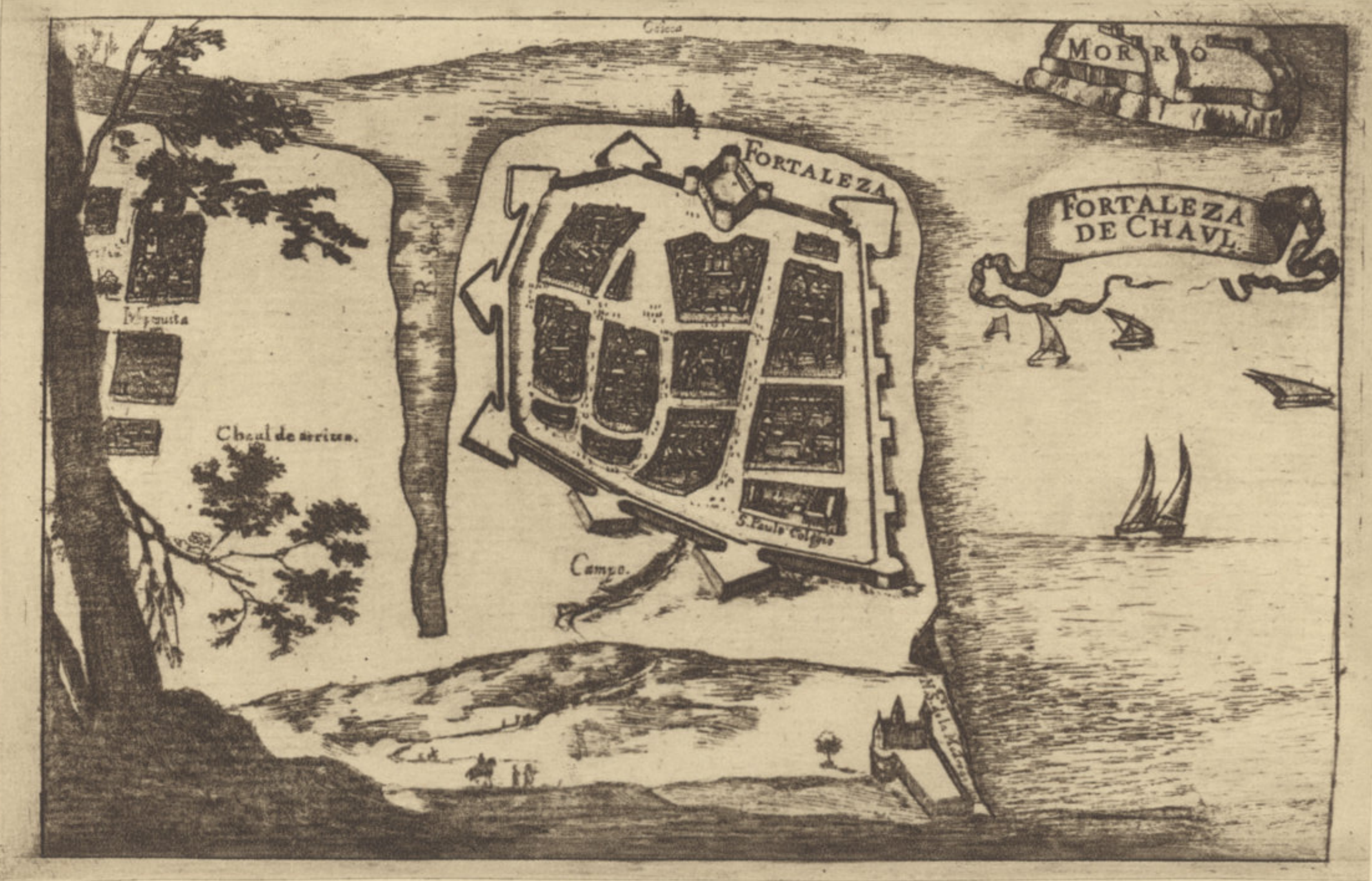








Original 189×242 mm. 34 A



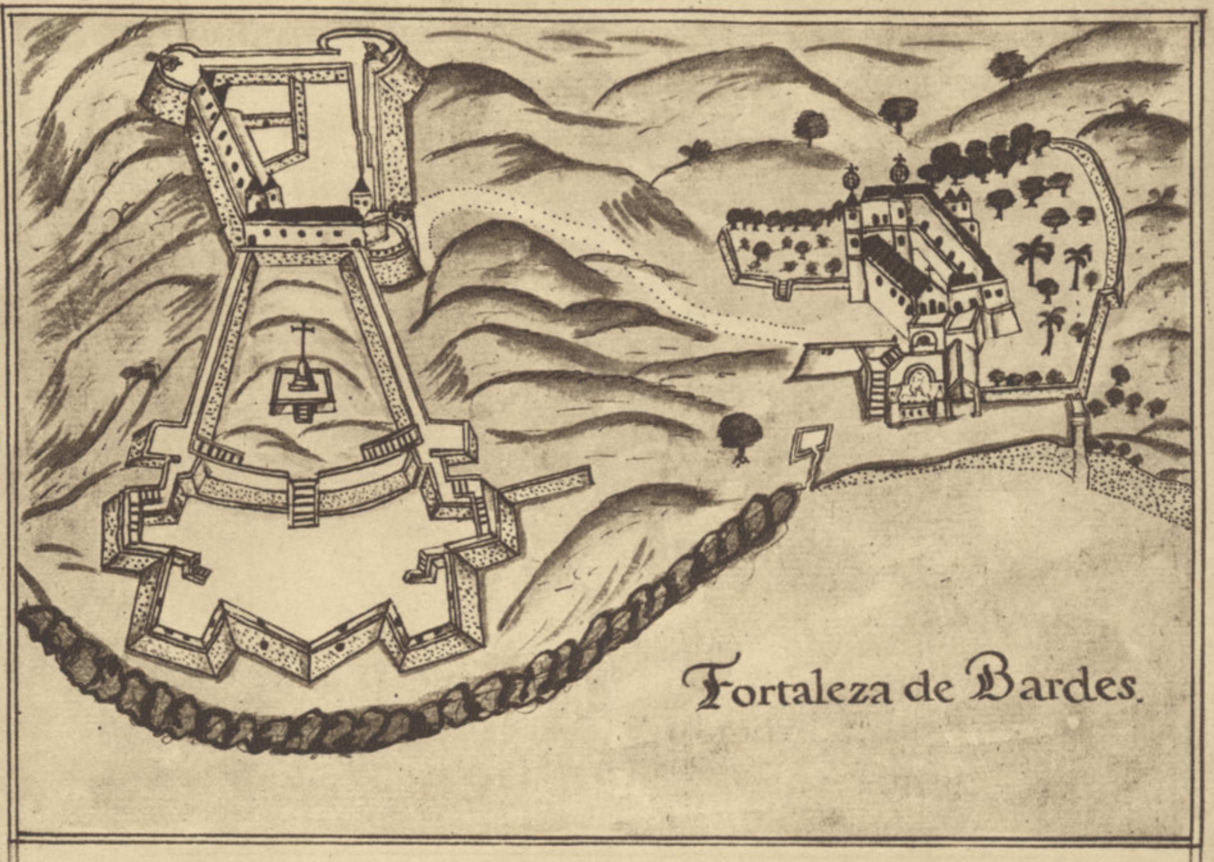
Original 422×586 mm. 31 B



Original 171×242 mm. C



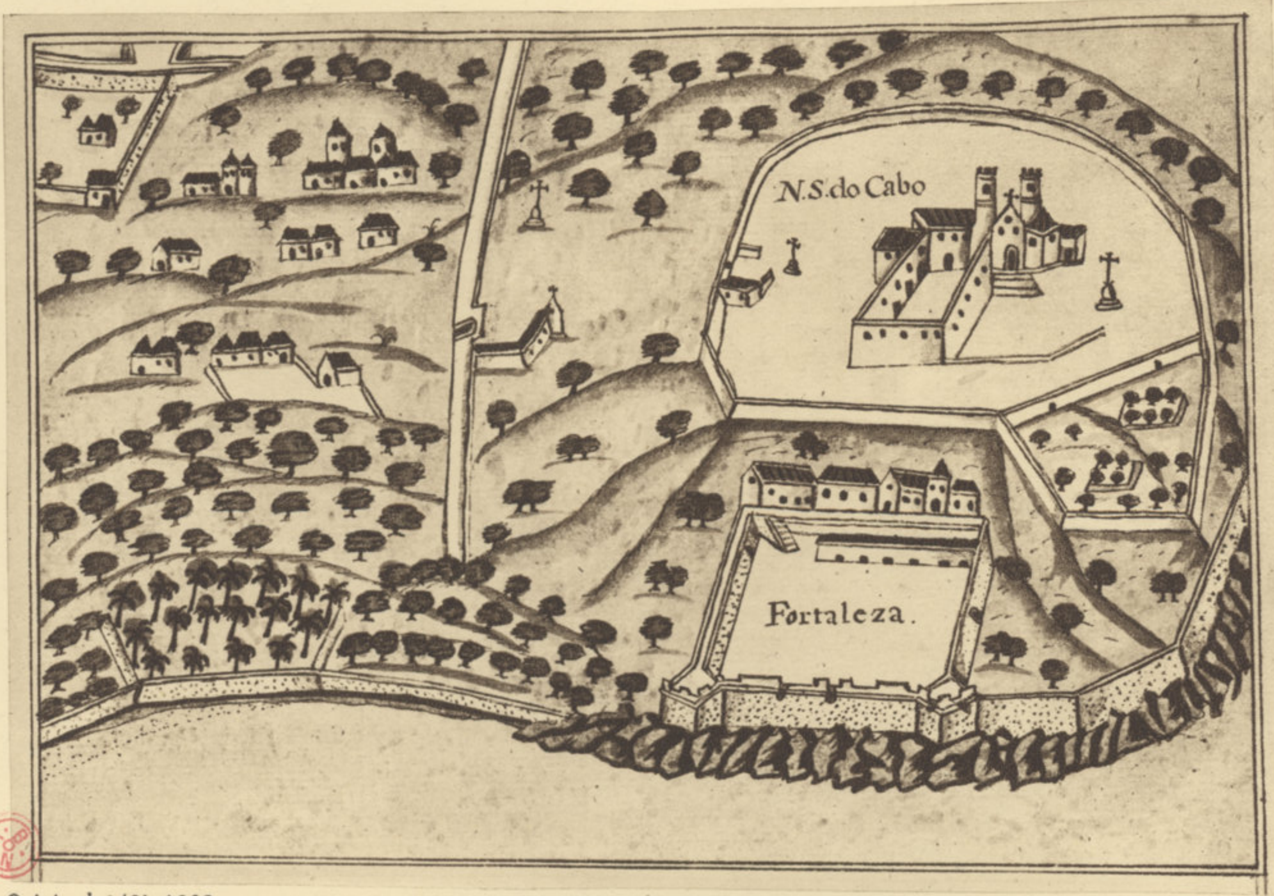
Original 422×586 mm. 32 D



Original 152×226 mm. 38 E



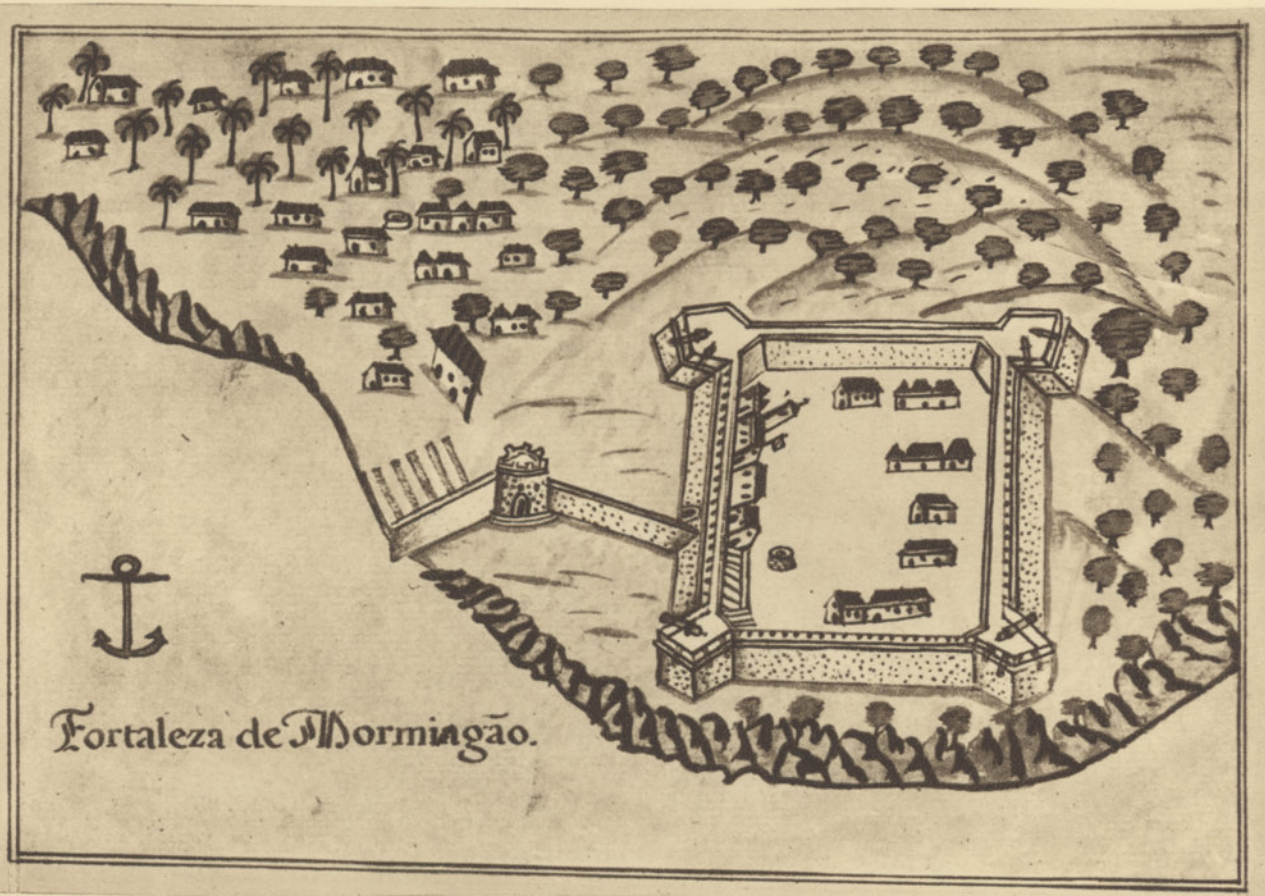
Original 165×265 mm. 37 F



Original 149×228 mm. 40 G



Original 422×586 mm. 34 H



Original 149×226 mm. 41 I

A–ANÓNIMO–MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, c. 1620

Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da India
Fortaleza de S. Julião da Barra, Oeiras

B, D, H–ANÓNIMO, c. 1636

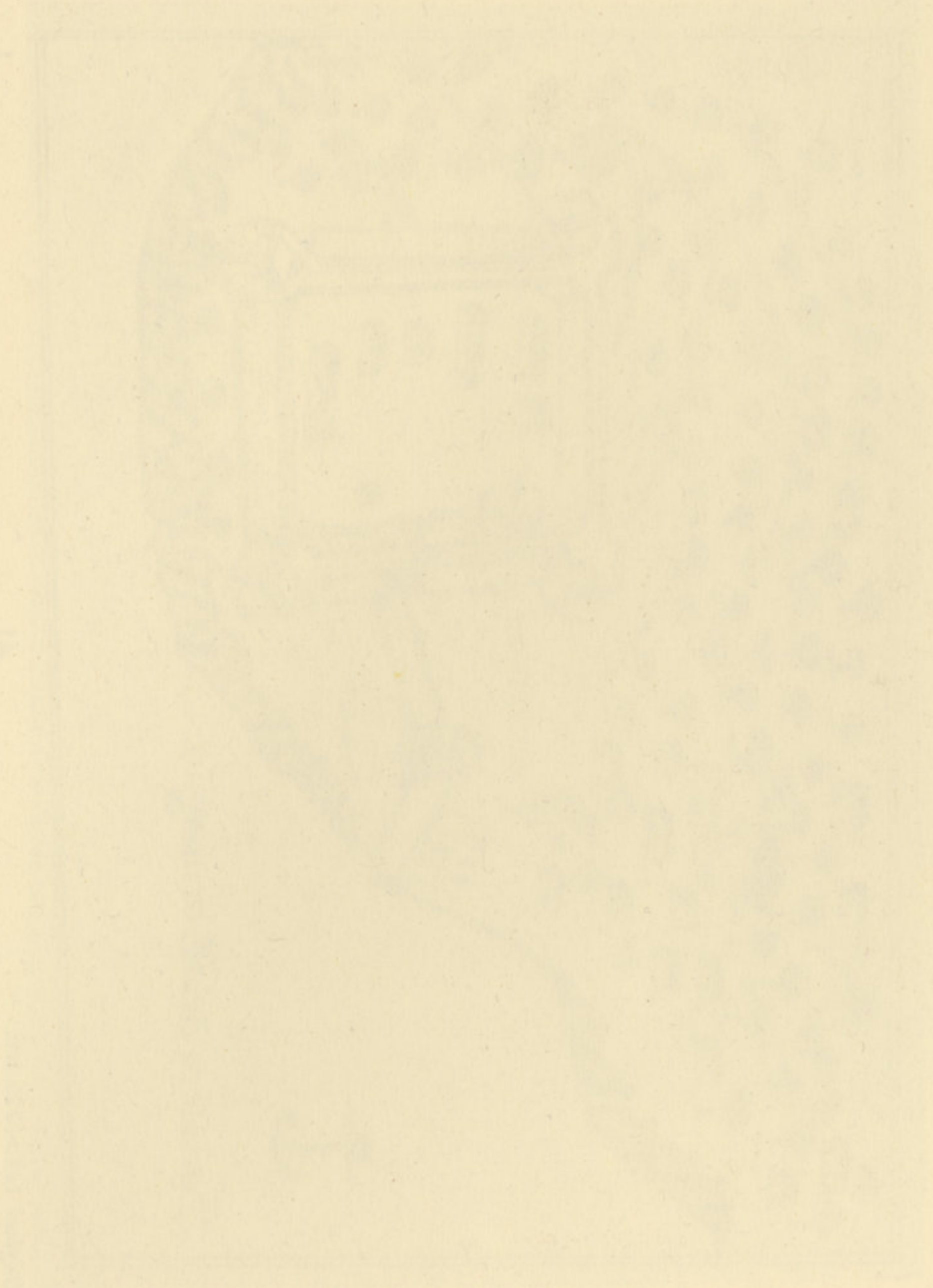
in Pedro Barreto de Resende, *Livro do Estado da India Oriental*
Bibliothèque Nationale, Paris

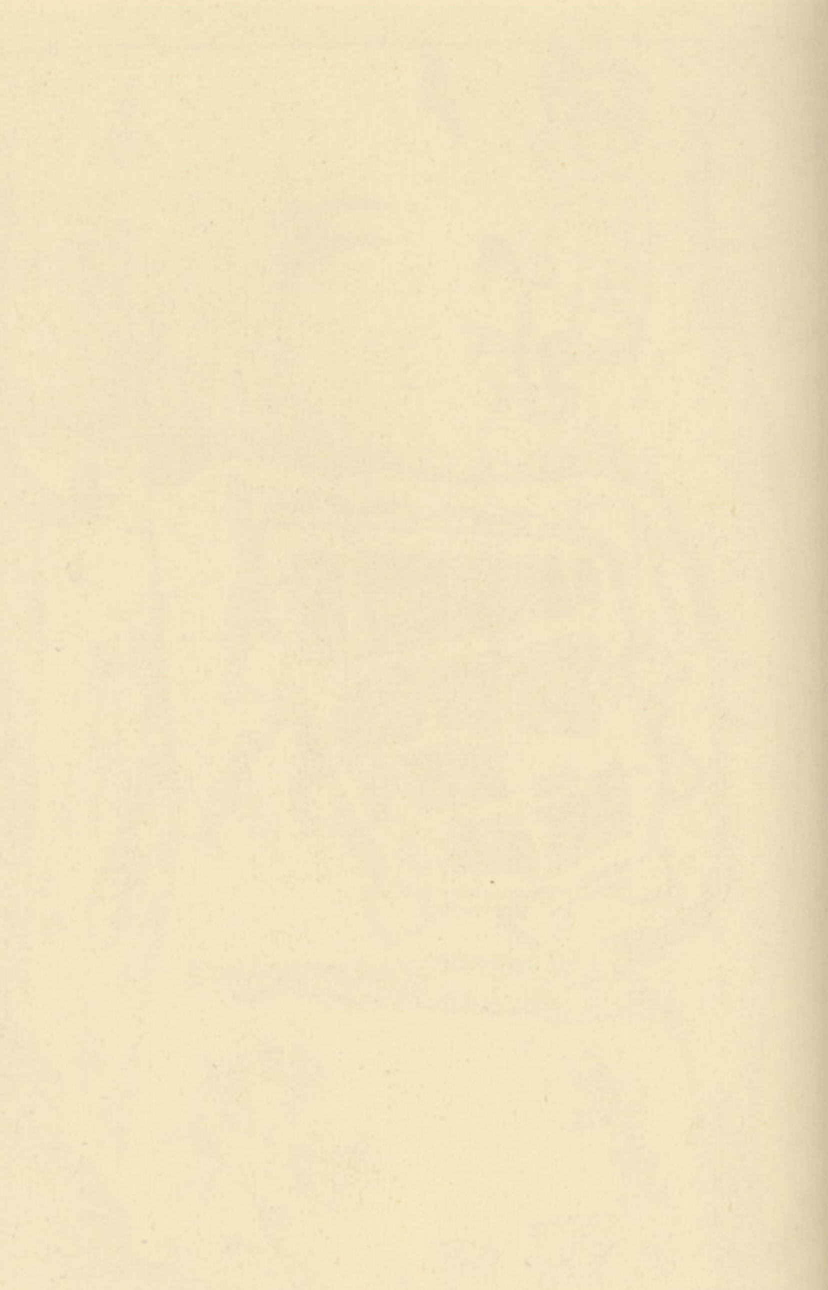
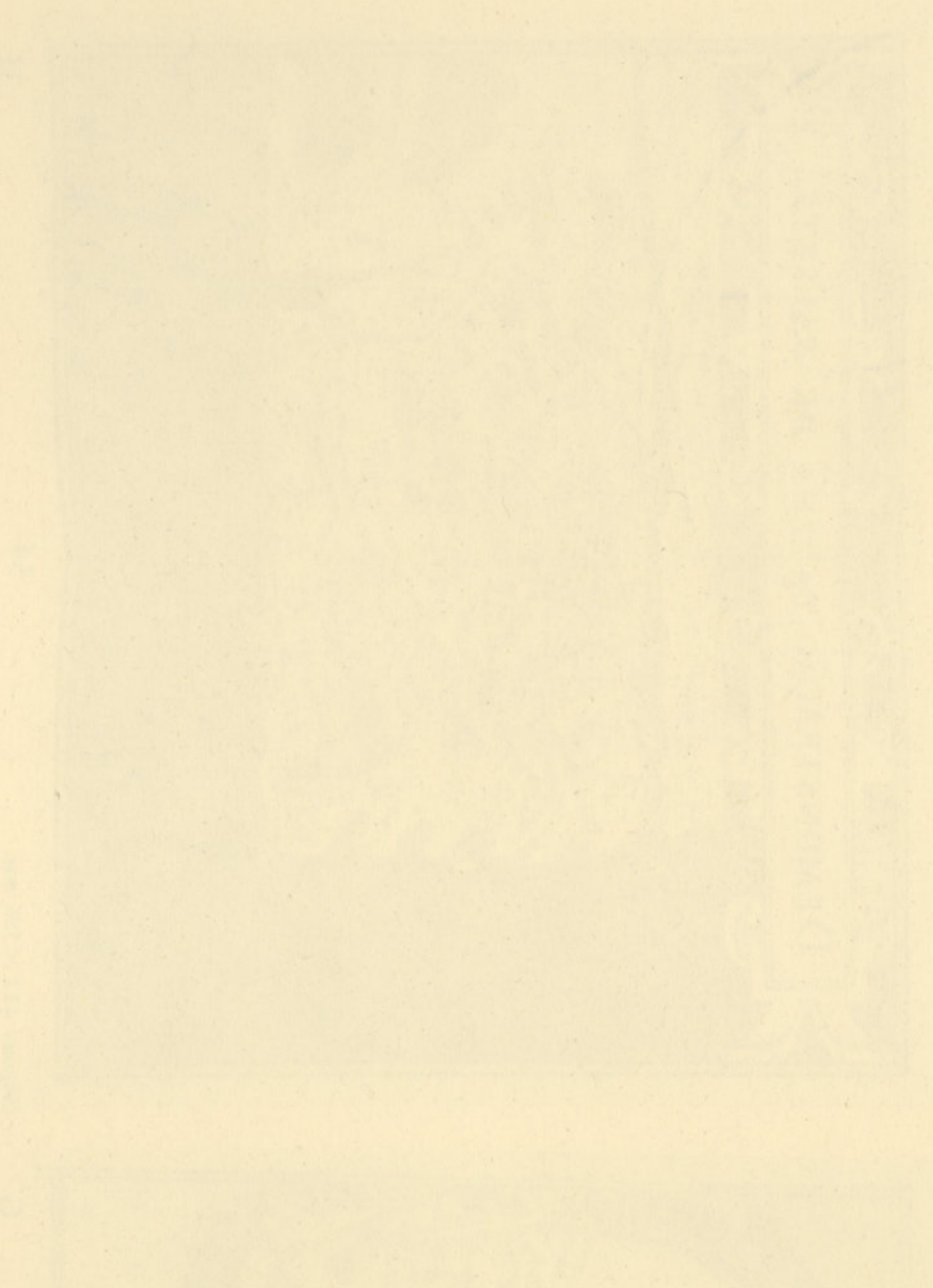
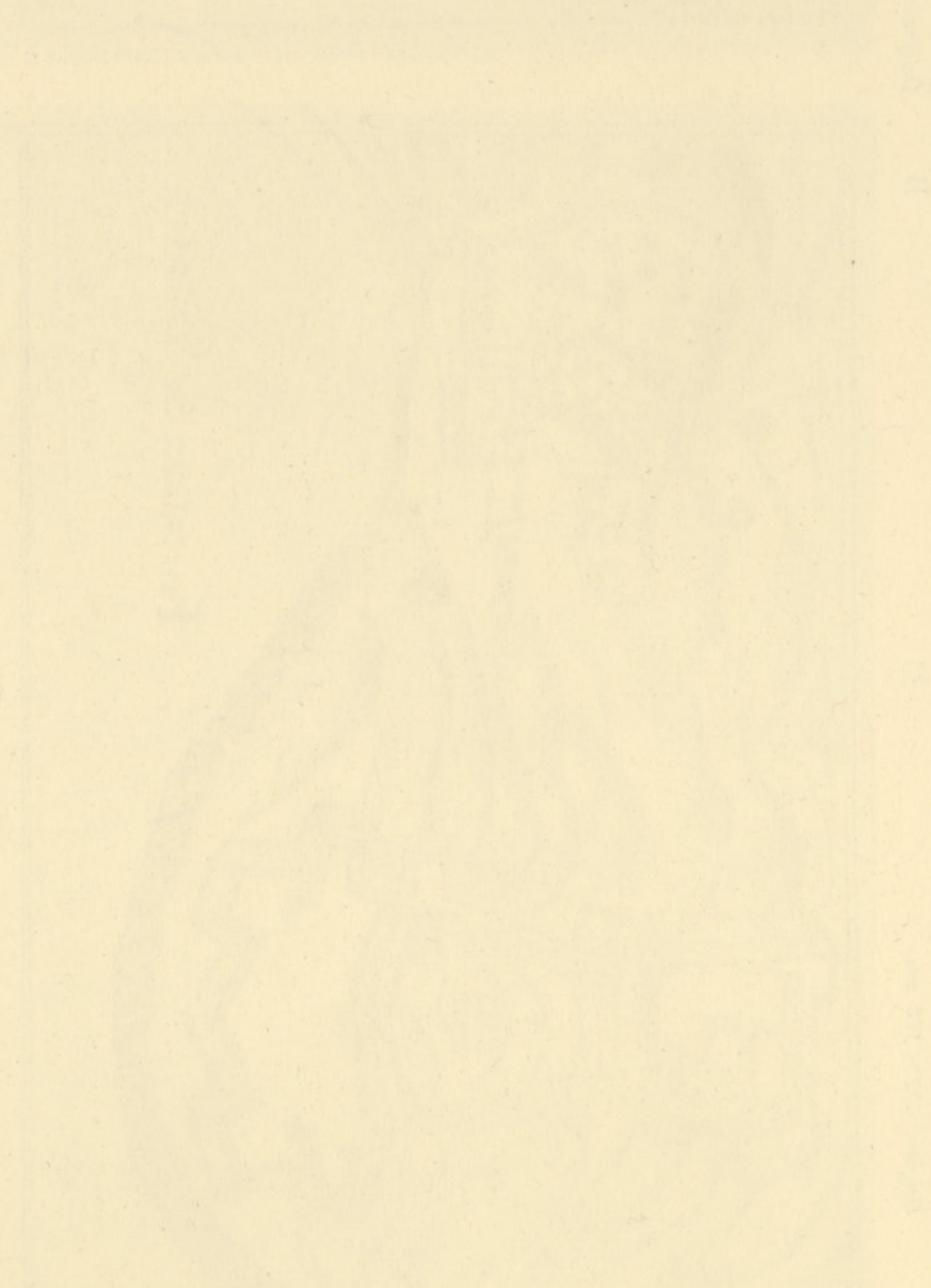
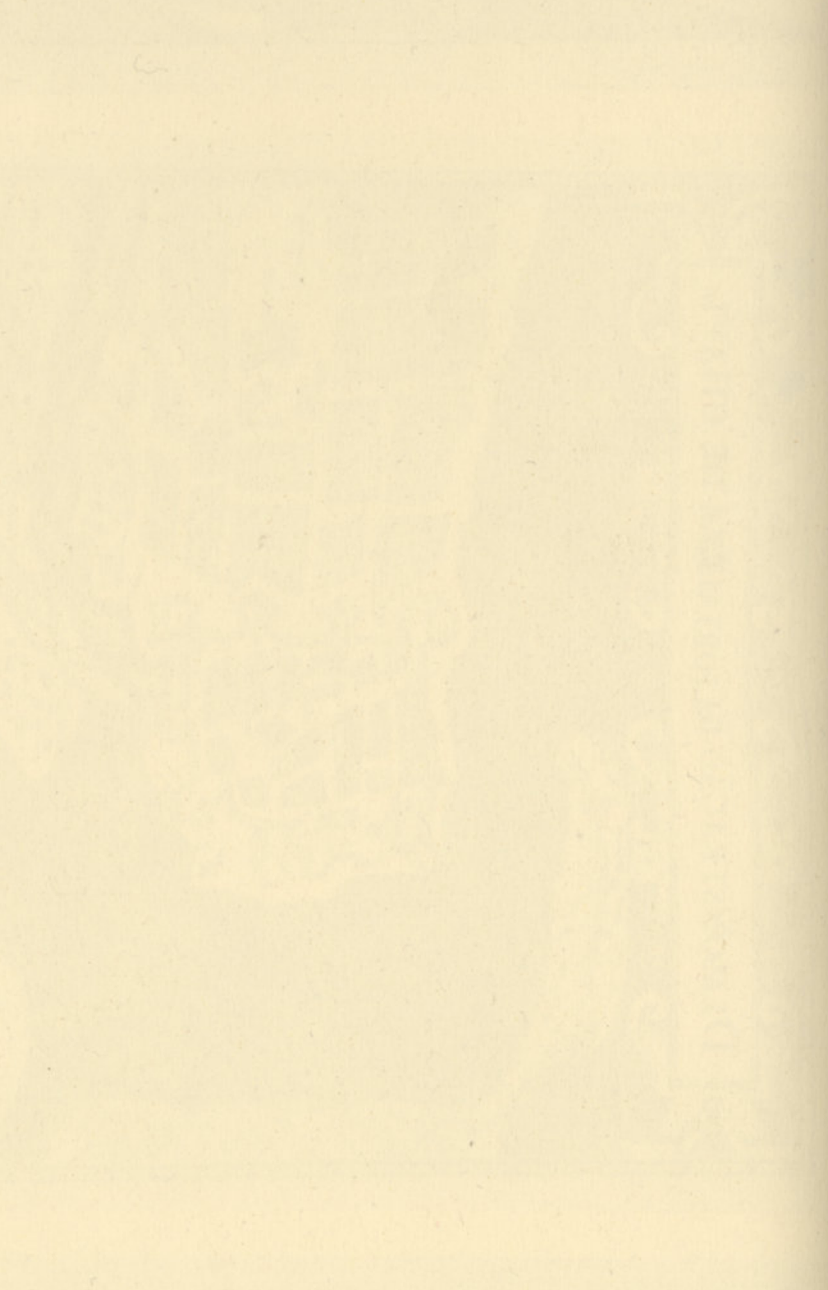
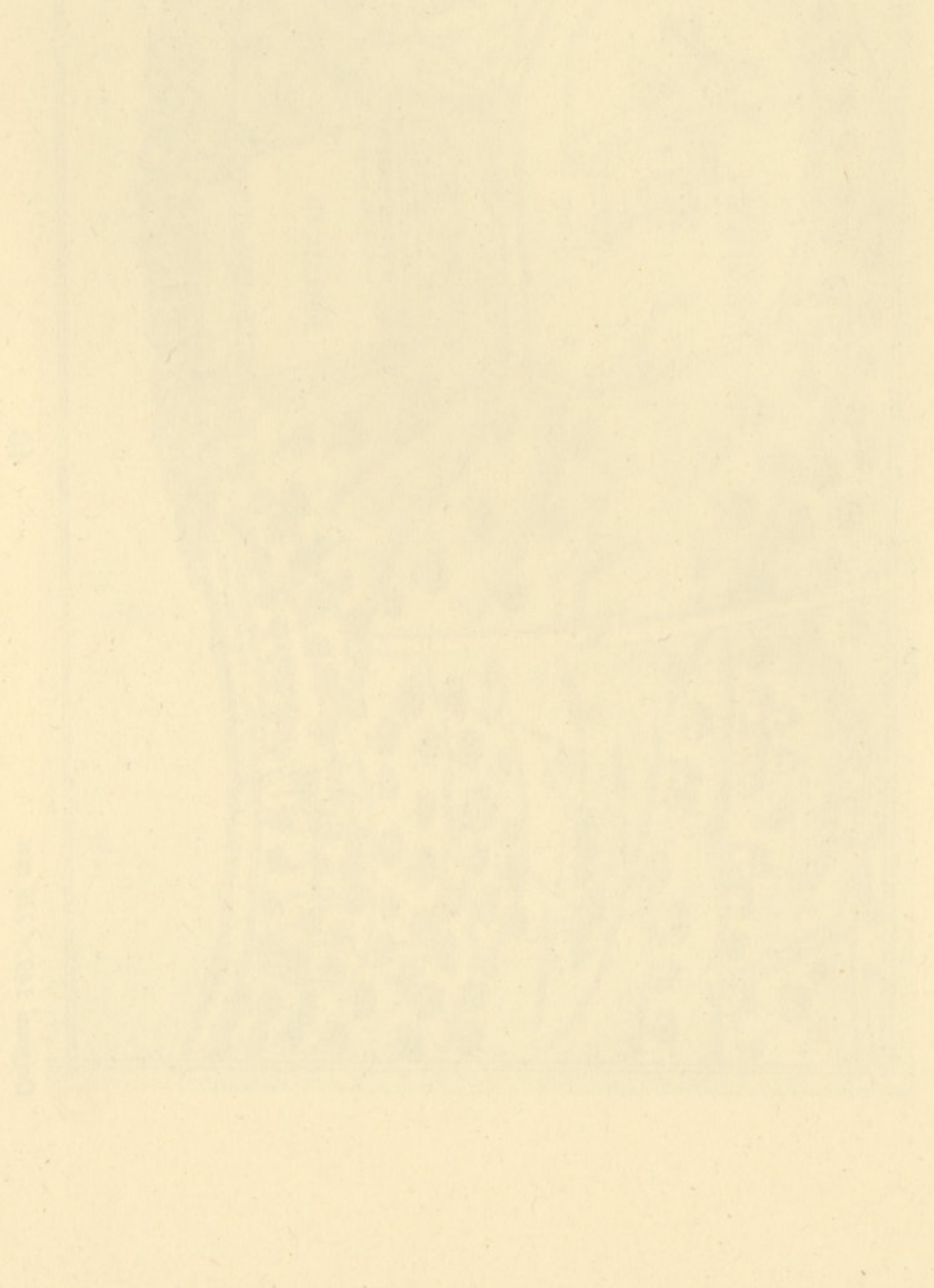
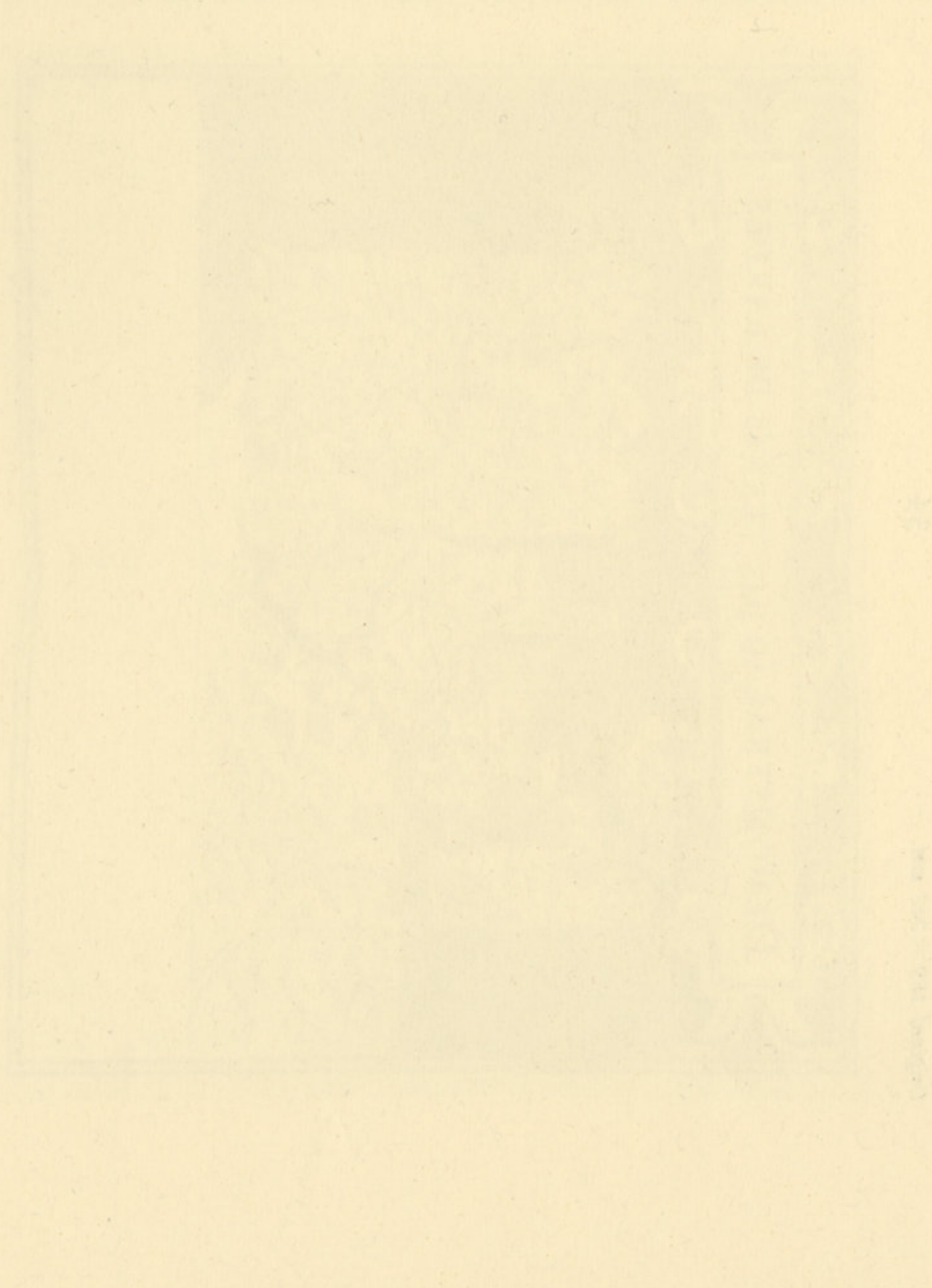
C–ANÓNIMO, 1666

in Manuel de Faria e Sousa, *Asia Portuguesa*

E, F, G, I–ANÓNIMO, c. 1640

Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da India
Fortaleza de S. Julião da Barra, Oeiras






Original 189×244 mm. 77 A



Original 400×600 mm. 26 B



Original 412×560 mm. 28 C



Original 422×586 mm. 33 D



Original 455×690 mm. 28 E



Original 420×608 mm. 40 F



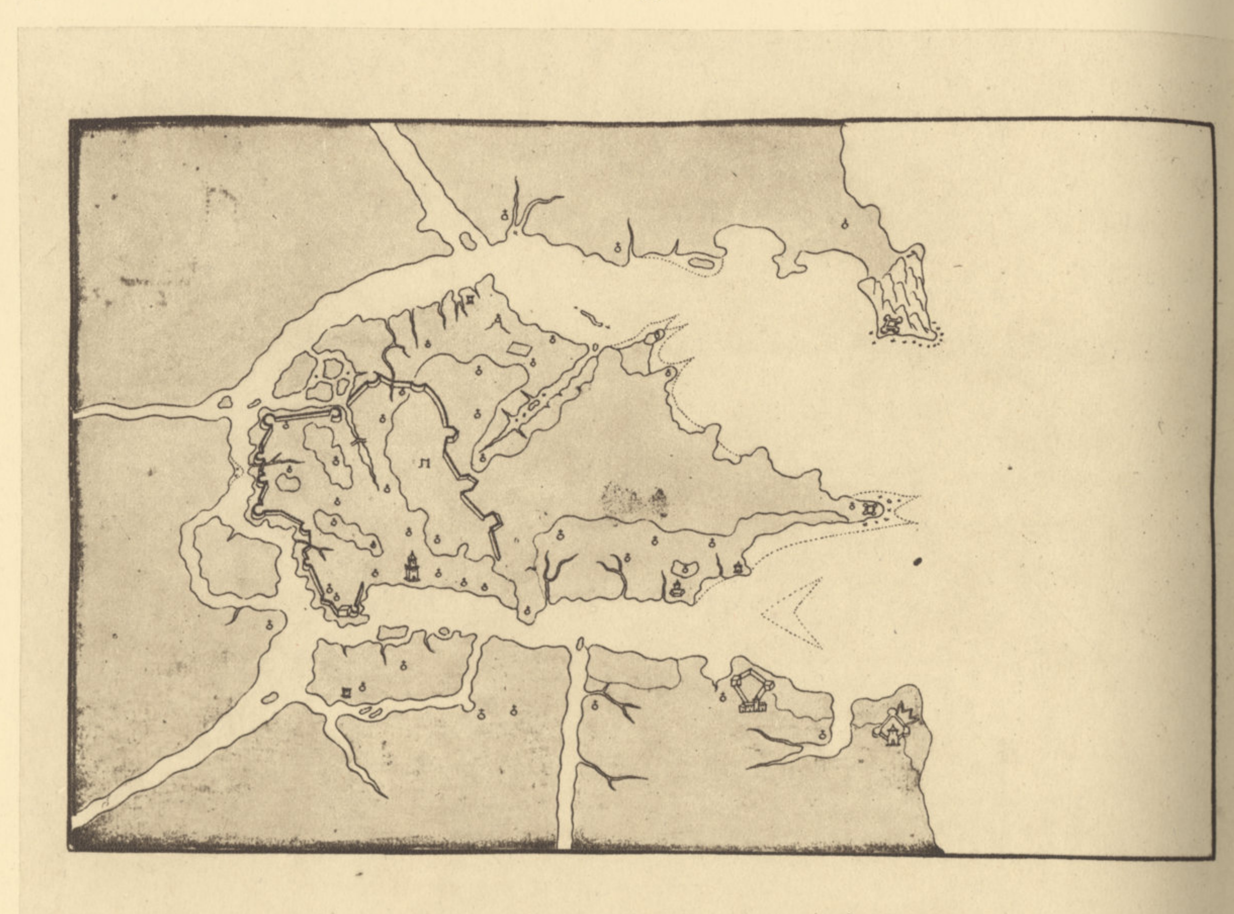
Original 270×416 mm. 59 G



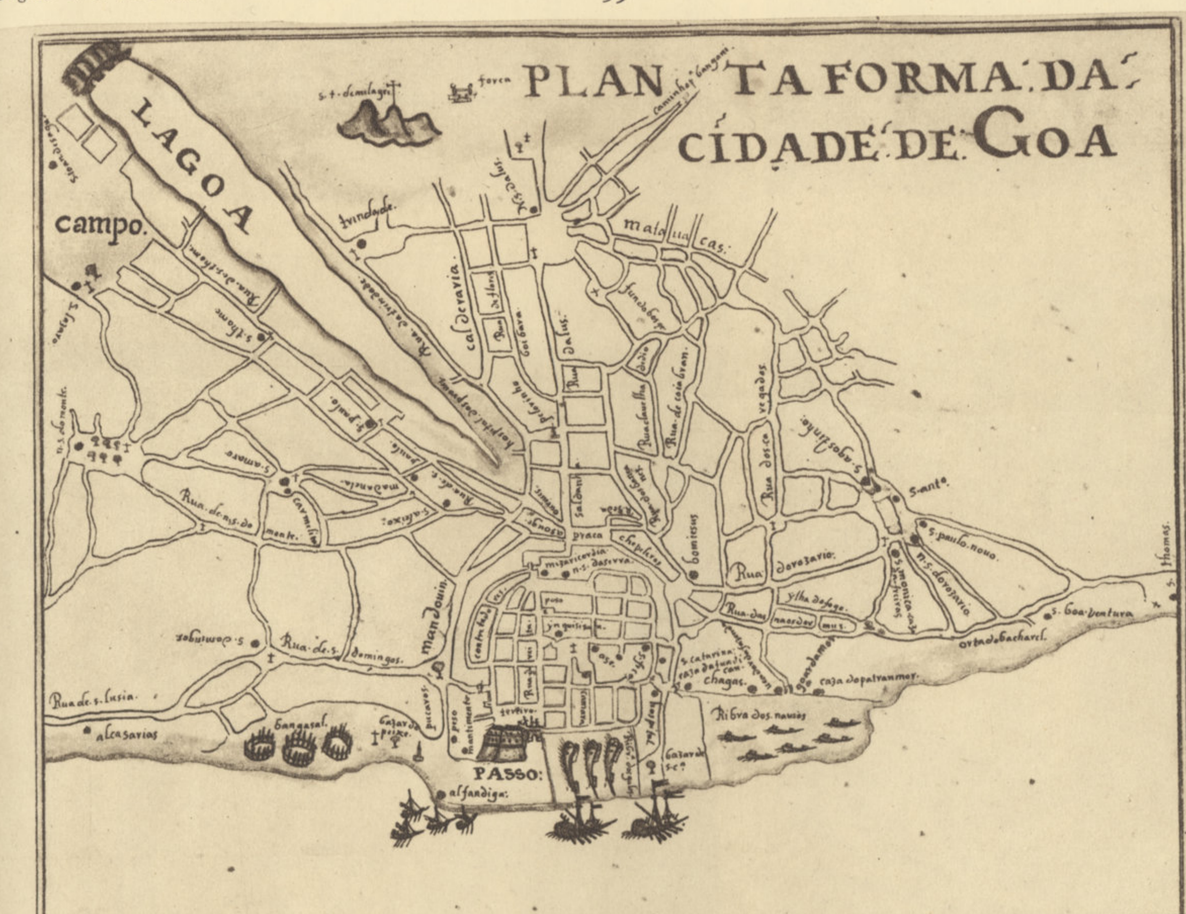
Original 270×416 mm. 62 H



Original 430×535 mm. Fol. 52 v.-53 r. I



Original 288×430 mm. J



Original 184×243 mm. 38 K



Original 160×250 mm. L

A, K–ANÓNIMO–MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, c. 1620

Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da India

Fortaleza de S. Julião da Barra, Oeiras

B–PEDRO BARRETO DE RESENDE, 1635

in António Bocarro, *Livro das Plantas... do Estado da India Oriental*

A. Rosenthal Ltd, Oxford

C–ANÓNIMO–JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, c. 1635

in António Bocarro, *Livro das Plantas... do Estado da India Oriental*

Biblioteca Nacional, Madrid

D–ANÓNIMO, c. 1636

in Pedro Barreto de Resende, *Livro do Estado da India Oriental*

Bibliothèque Nationale, Paris

E–ANTÓNIO DE MARIS CARNEIRO, 1639

Descripçam da Fortaleza de Sofala, etc.

Biblioteca Nacional, Lisboa

F–PEDRO BARRETO DE RESENDE, 1646

Livro do Estado da India Oriental

British Museum, London

G, H–ANÓNIMO, c. 1650

Atlas

Biblioteca do Palácio Ducal da Casa de Bragança, Vila Viçosa

I–ANÓNIMO–JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II, c. 1660

Atlas truncado – Incomplete atlas

British Museum, London

J–JOÃO NUNES TINOCO, 1663

Atlas

Biblioteca da Ajuda, Lisboa

L–ANÓNIMO, 1666

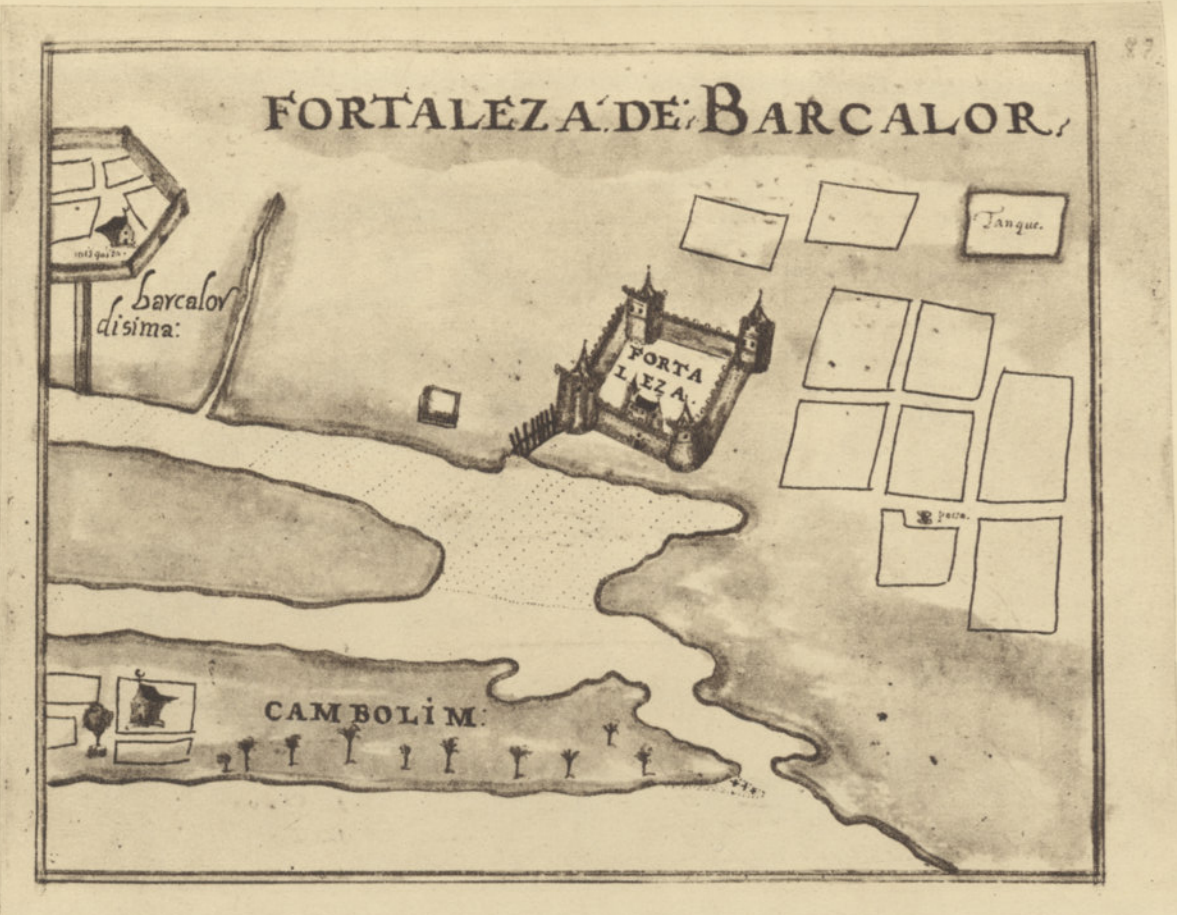
in Manuel de Faria e Sousa, *Asia Portuguesa*



Original 422×586 mm. 35 A



Original 188×242 mm. 42 B



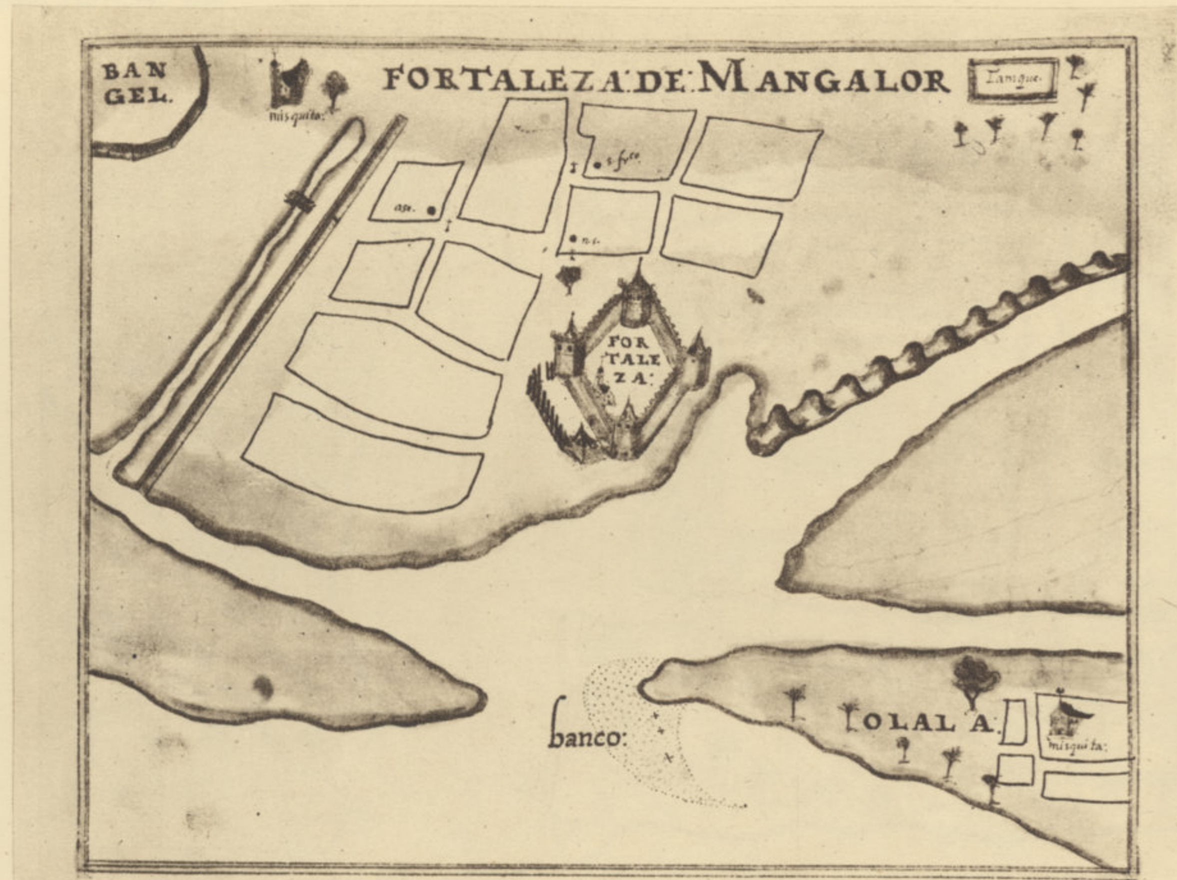
Original 186×244 mm. 44 C



Original 406×604 mm. 30 D



29 E



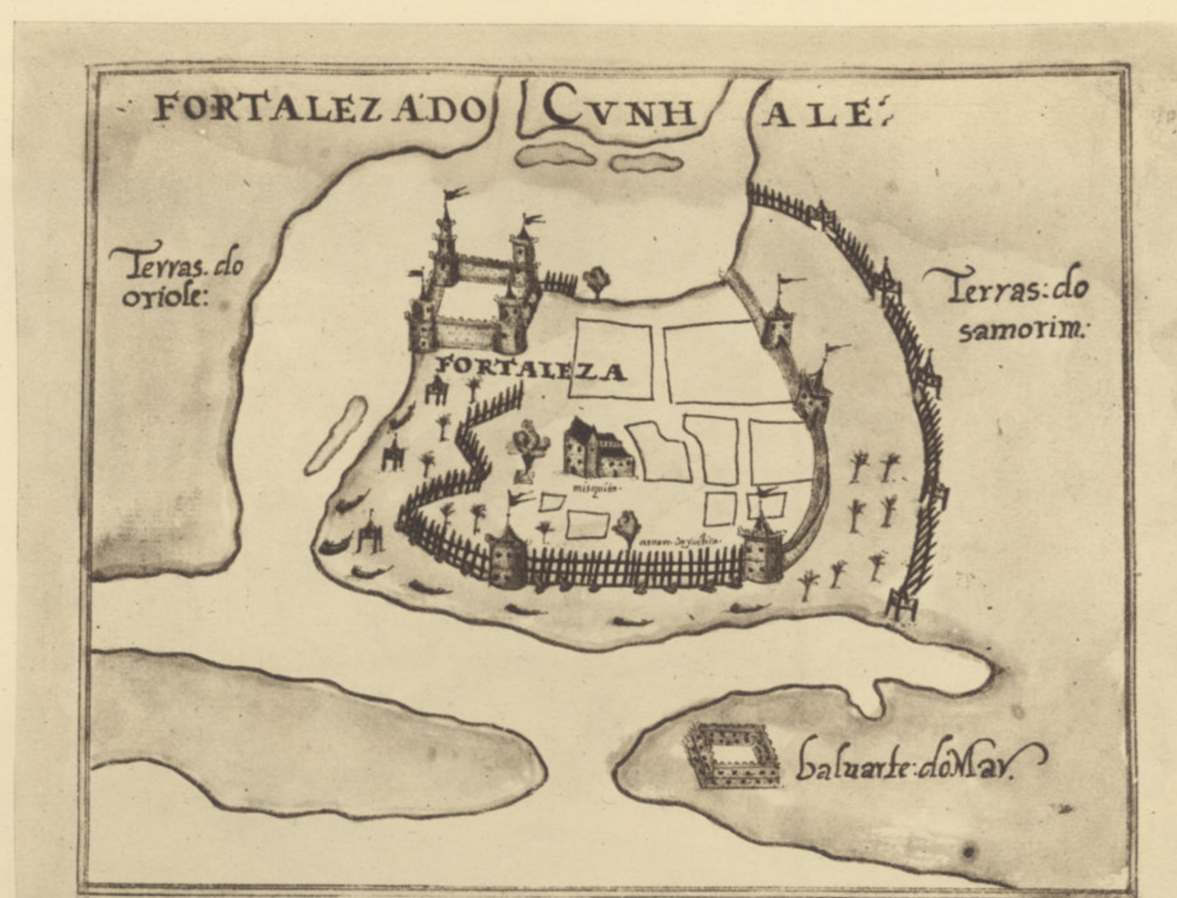
Original 185×241 mm. 45 F



Original 406×604 mm. 31 G



32 H



Original 186×243 mm. 47 I

A–ANÓNIMO, c. 1636

in Pedro Barreto de Resende, *Livro do Estado da India Oriental*

Bibliothèque Nationale, Paris

B, C, F, I–ANÓNIMO–MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, c. 1620

Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da India

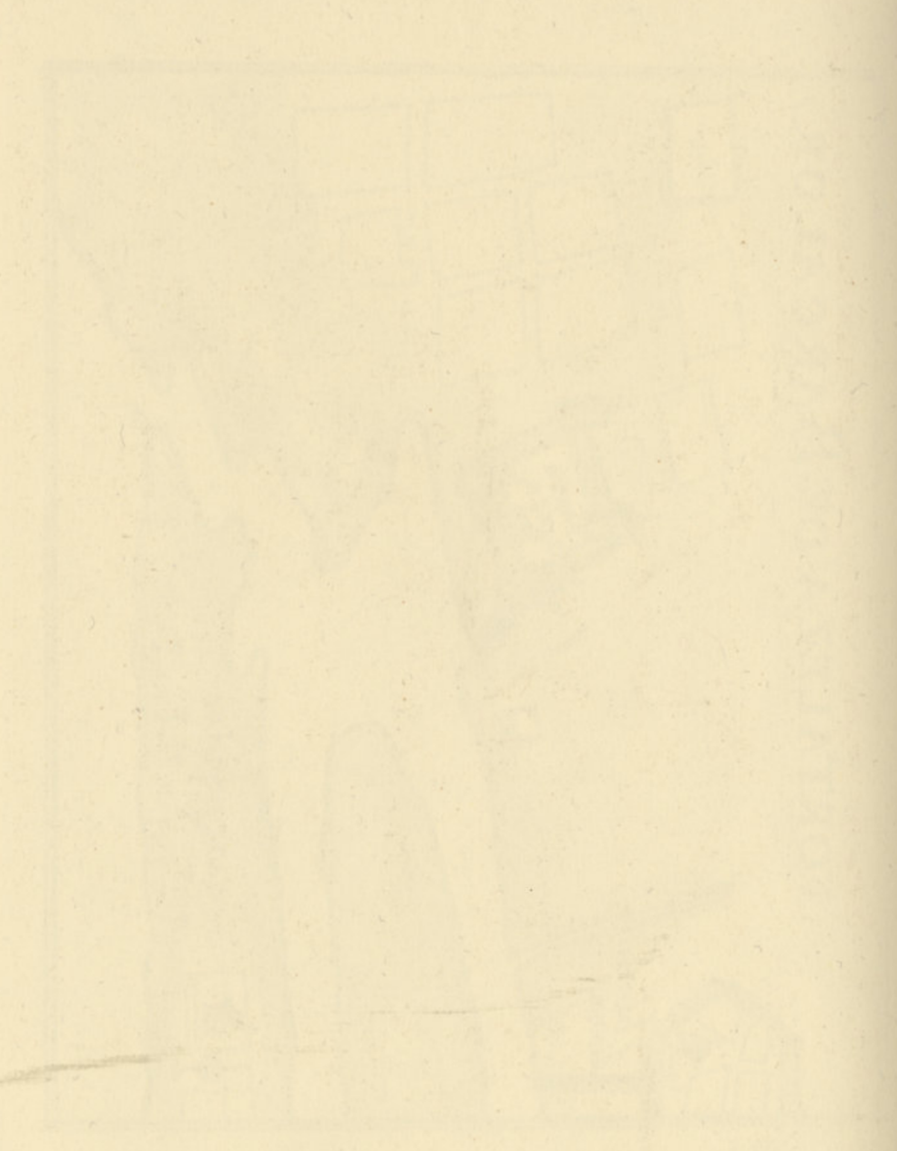
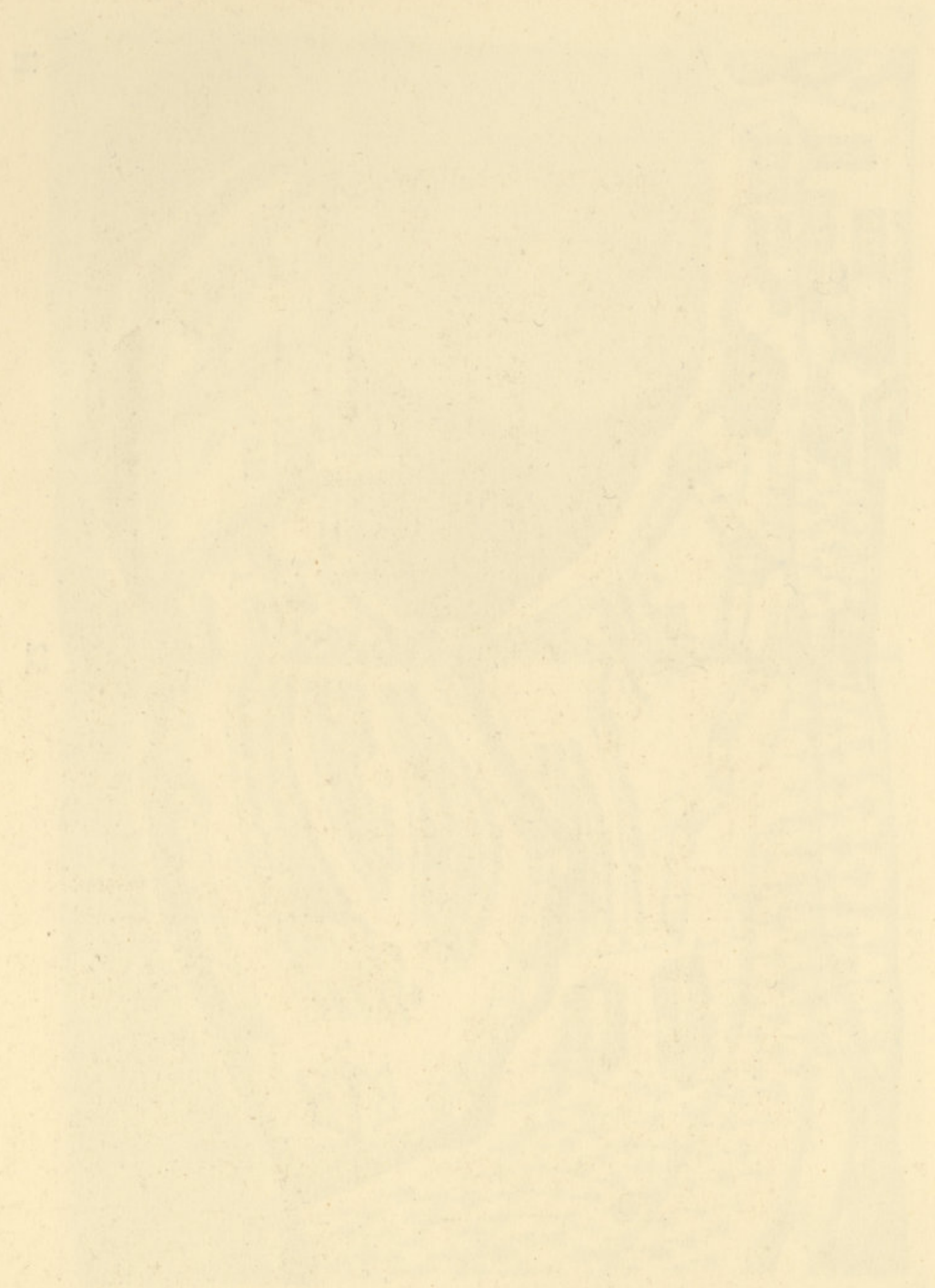
Fortaleza de S. Julião da Barra, Oeiras

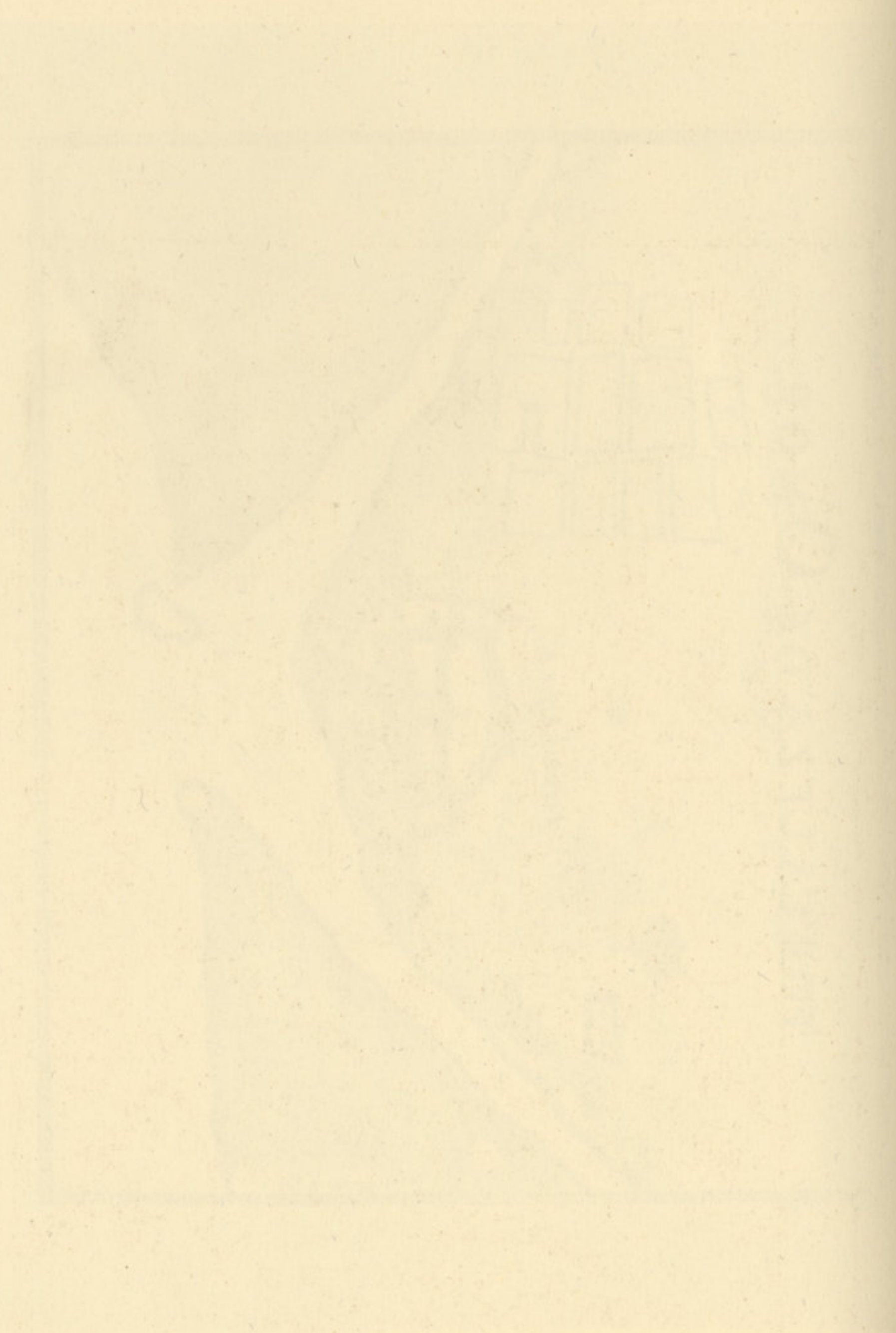
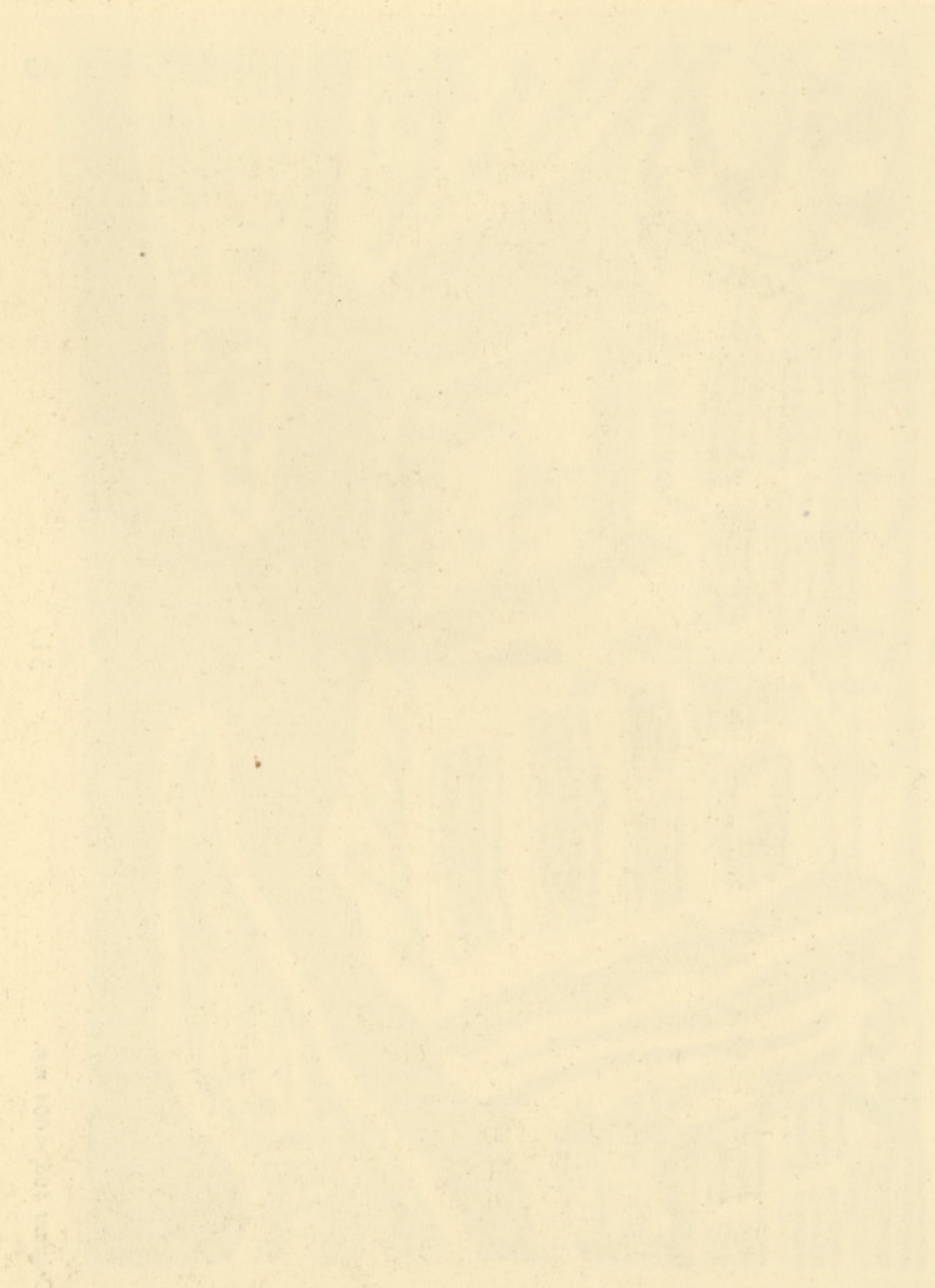
D, E, G, H–PEDRO BARRETO DE RESENDE, 1635

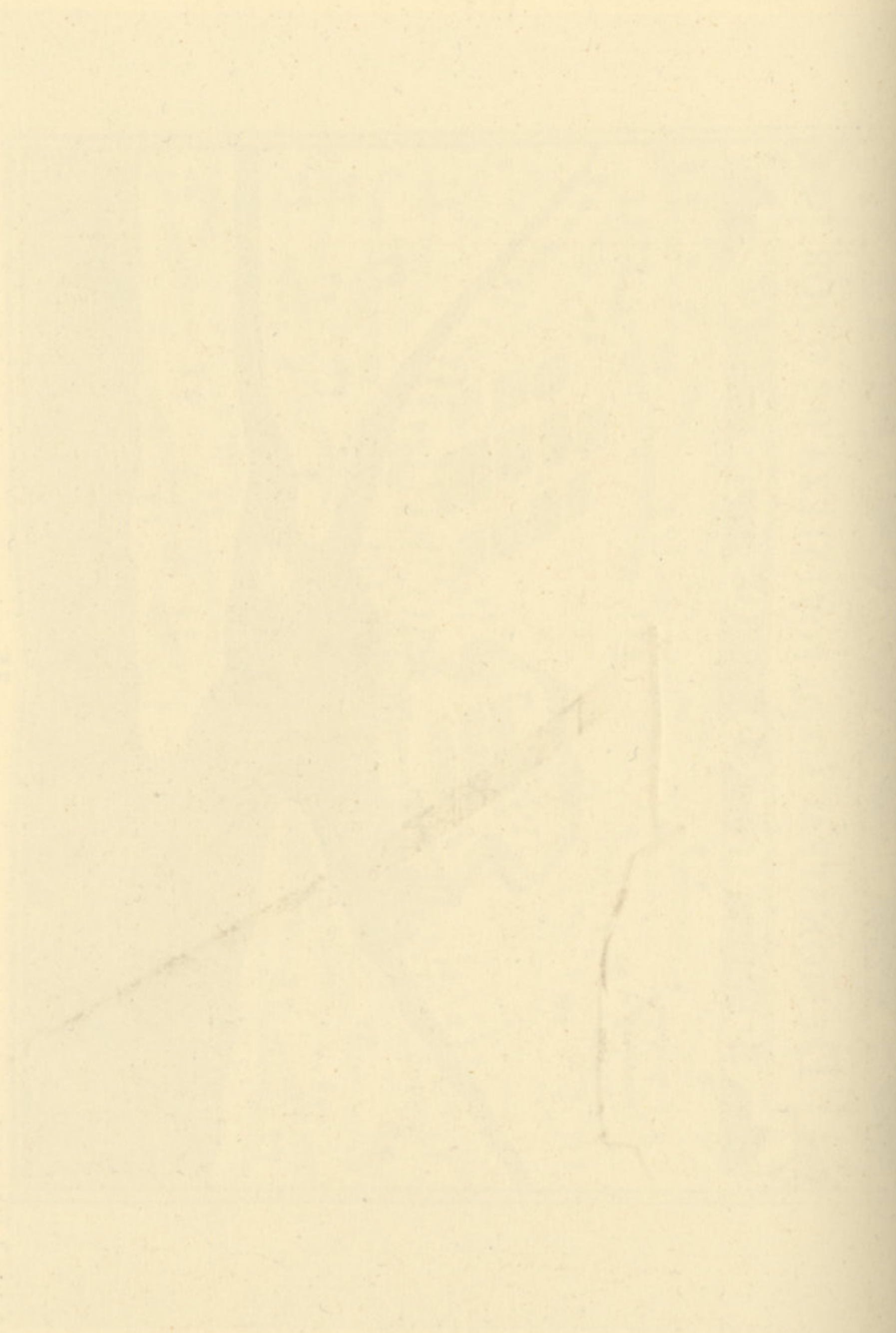
in António Bocarro, *Livro das Plantas... do Estado da India Oriental*

Biblioteca Pública e Arquivo Distrital, Évora







Original 412×560 mm. 35 A



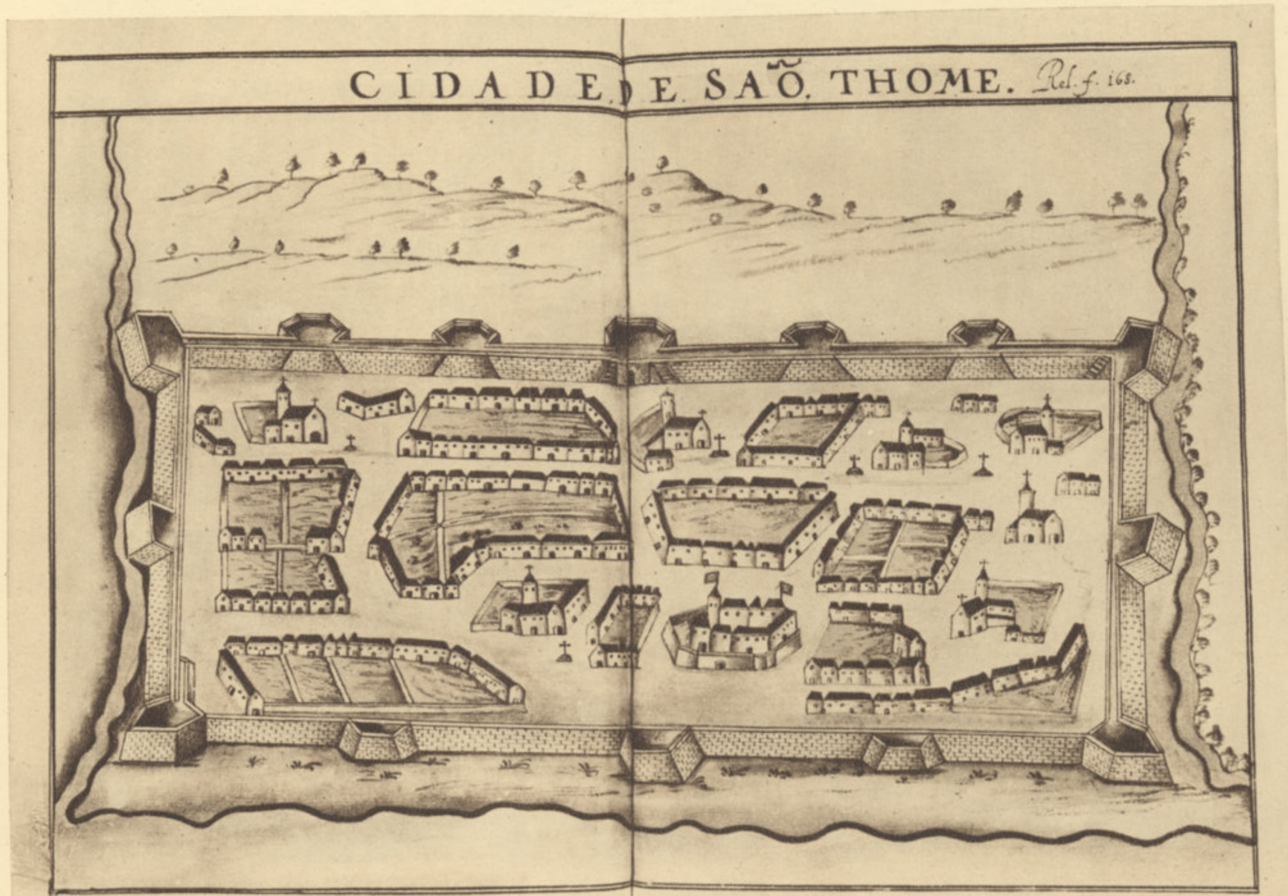
36 B



Original 240×340 mm. 74 C



Original 412×560 mm. 48 D



49 E



Original 420×608 mm. 53 F



Original 420×608 mm. 55 G



56 H



54 I

A, B, D, E–Anónimo–João Teixeira Albernaz I, c. 1635

in António Bocarro, *Livro das Plantas... do Estado da India Oriental*

Biblioteca Nacional, Madrid

C–Anónimo, século XVII

Colecção de dezasseis cartas – Collection of sixteen charts

Biblioteca Medicea Laurenziana, Firenze

F, G, H, I–Pedro Barreto de Resende, 1646

Livro do Estado da India Oriental

British Museum, London



Original 420×608 mm. 59 A



Original 188×241 mm. 54 B



Original 420×608 mm. 57 C



Original 422×586 mm. 49 D



Original 420×608 mm. 58 E



Original 190×244 mm. 58 F



Original 420×608 mm. 60 G



Original 422×586 mm. 56 H



Original 422×586 mm. 57 I

A, C, E, G–PEDRO BARRETO DE RESENDE, 1646

Livro do Estado da India Oriental

British Museum, London

B, F–ANÓNIMO–MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, c. 1620

Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da India

Fortaleza de S. Julião da Barra, Oeiras

D, H, I–ANÓNIMO, c. 1636

in Pedro Barreto de Resende, *Livro do Estado da India Oriental*

Bibliothèque Nationale, Paris

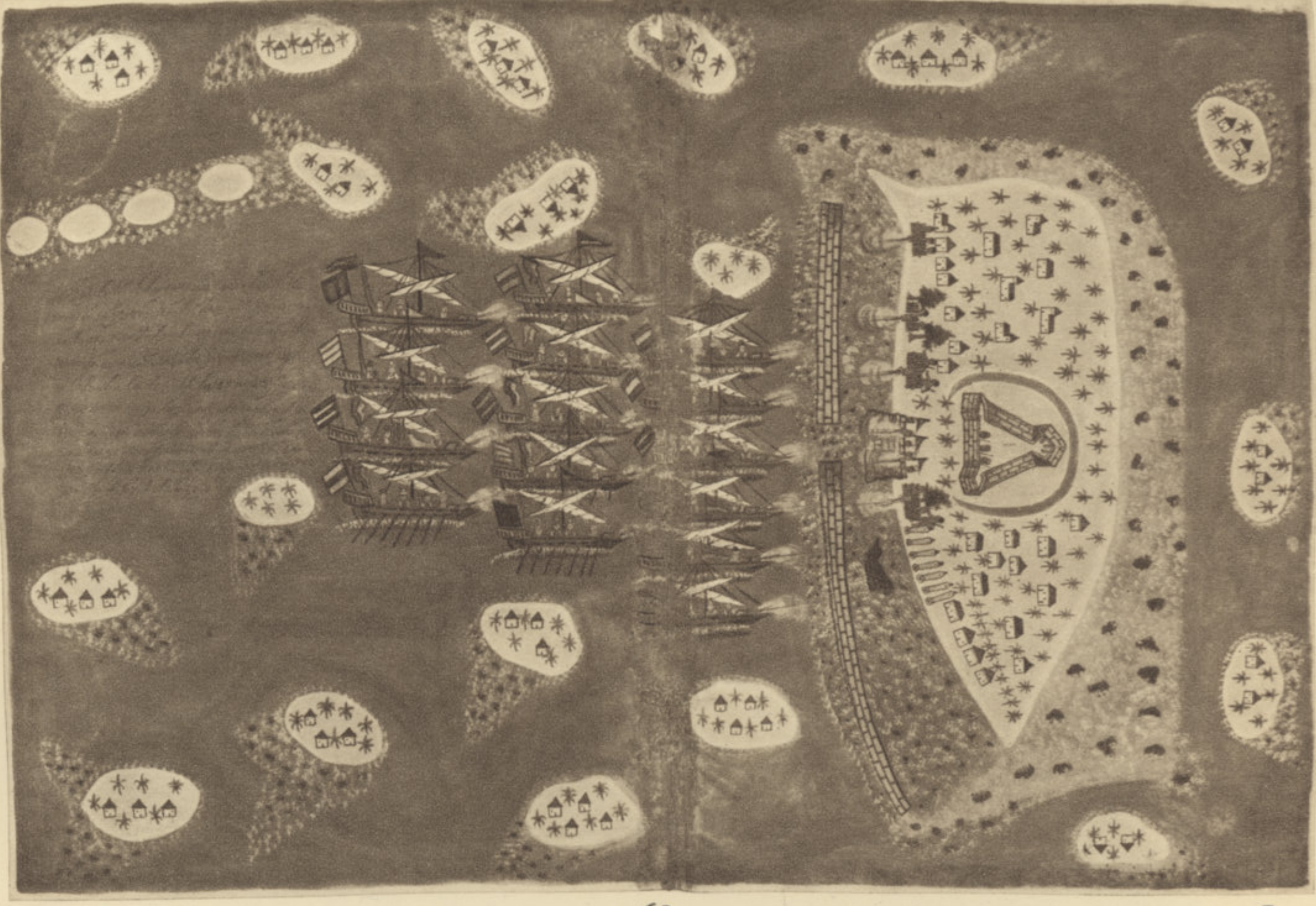




Original 420×608 mm. 61 A

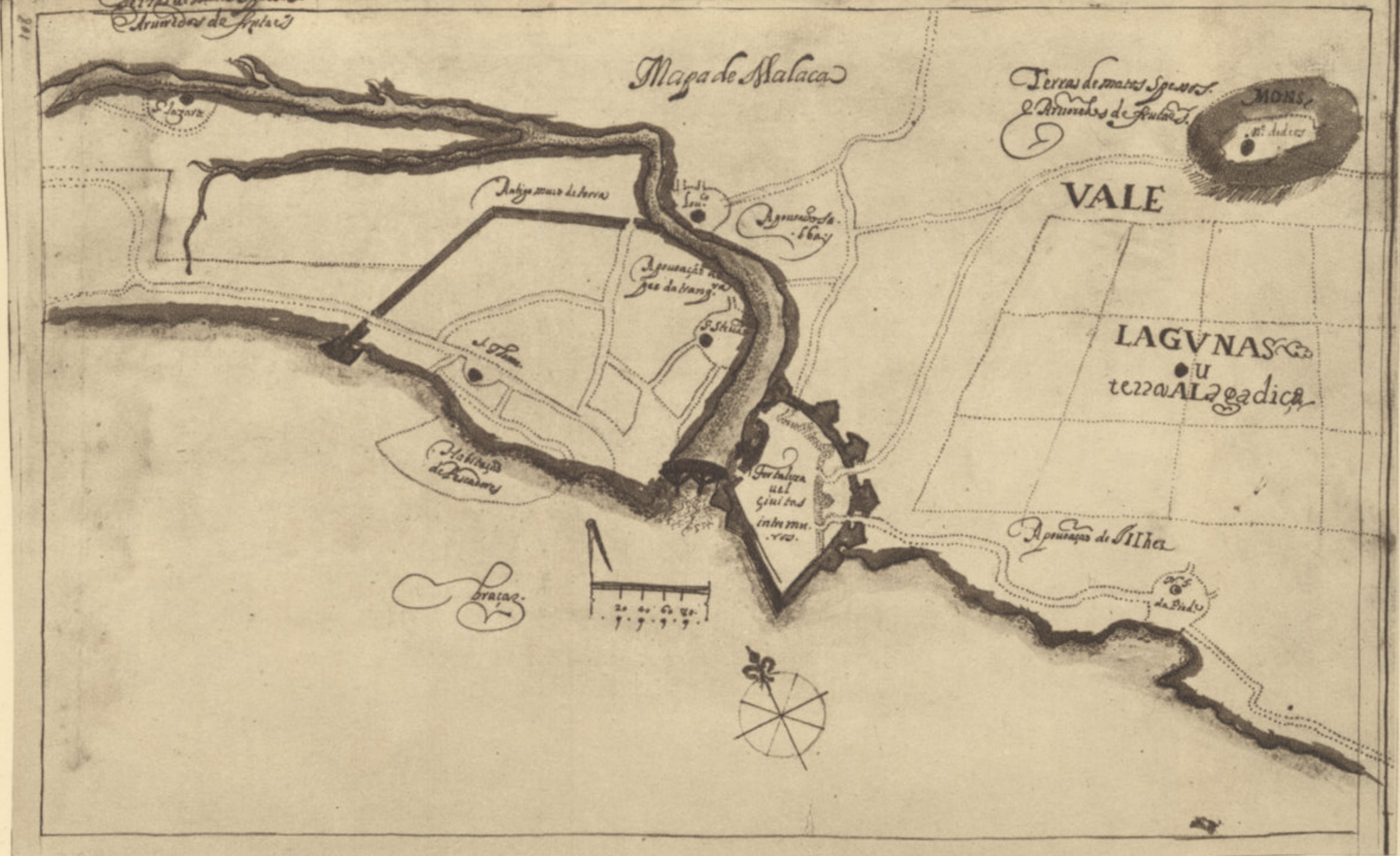


62 B

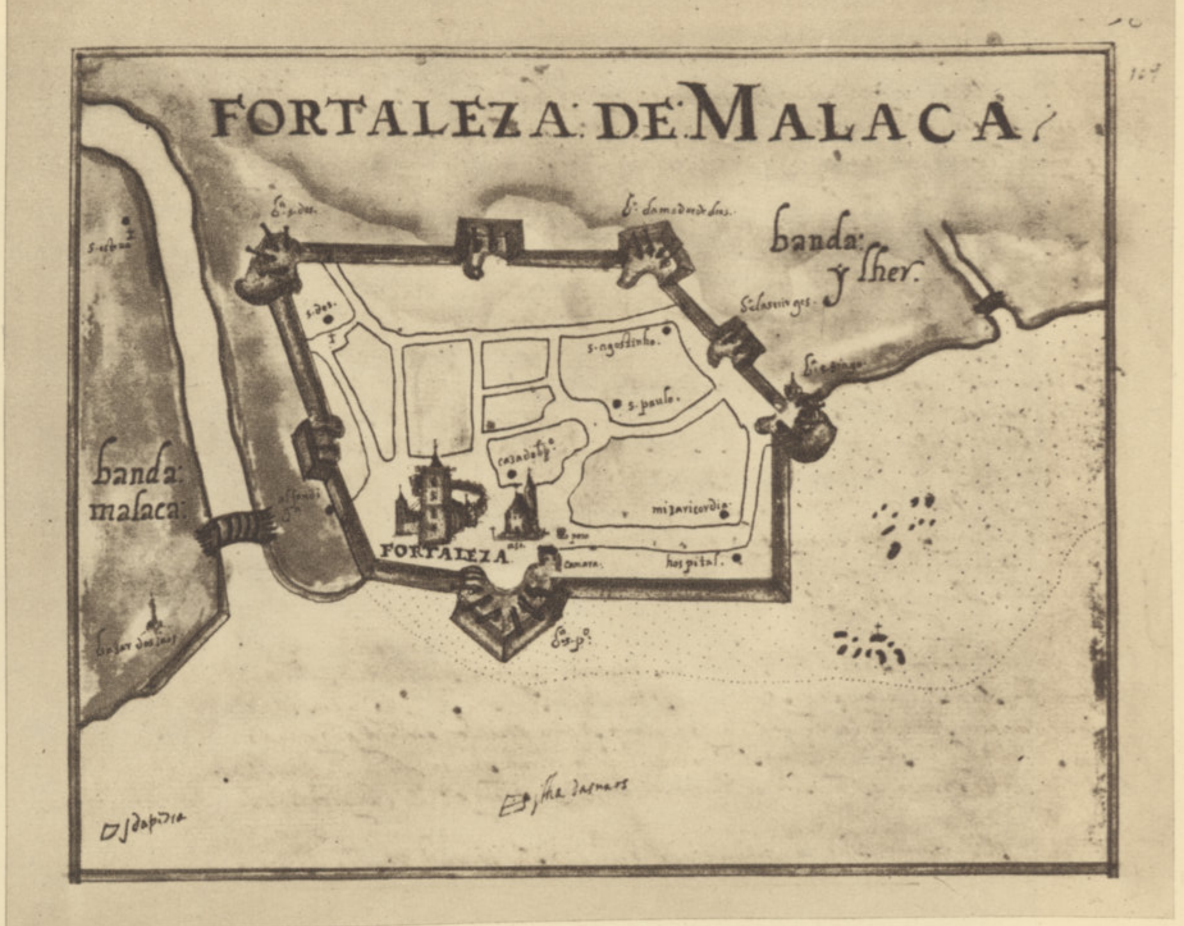

63 C



67 D



Original 270×406 mm. 65 E



Original 188×244 mm. 66 F



Original 420×608 mm. 65 G



Original 422×586 mm. 59 H



60 I

A, B, C, D, G–PEDRO BARRETO DE RESENDE, 1646

Livro do Estado da India Oriental

British Museum, London

E, F–ANÓNIMO, c. 1640

ANÓNIMO–MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, c. 1620

Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da India

Fortaleza de S. Julião da Barra, Oeiras

H, I–ANÓNIMO, c. 1636

in Pedro Barreto de Resende, *Livro do Estado da India Oriental*

Bibliothèque Nationale, Paris



62 A



63 B



64 C



65 D



67 E



66 F



Original 422×586 mm.

70 G



69 H



68 I

ANÓNIMO, c. 1636

in Pedro Barreto de Resende, *Livro do Estado da India Oriental*

Bibliothèque Nationale, Paris

OUTRAS CARTAS DO SÉCULO XVII
OTHER MAPS OF THE XVII CENTURY

JOSÉ MARTINS	MANUEL GARCIA
BARTOLOMEU JOÃO	FERNÃO DE SOUSA
ANTÓNIO VICENTE COCHADO	MANUEL DE ALMEIDA
ANTÓNIO CORREIA PINTO	BALTASAR TELES
BENTO MEALHAS	ANTÓNIO FRANCISCO CARDIM
CRISTÓVÃO ÁLVARES	JOÃO RIBEIRO
PHILIPPE GUITTAU	ANTÓNIO DE MARIS CARNEIRO
ELEODORO EBANO	ALONSO PERES

ANÓNIMOS

OUTRAS CARTAS DO SÉCULO XVII

DEPOIS de, no volume IV, termos tratado de três cartógrafos do século XVII (João Baptista Lavanha, Manuel Godinho de Erédia e João Teixeira Albernaz I), ocupámo-nos, na segunda e terceira partes deste volume, das cartas e atlas essencialmente náuticos, da autoria de mestres de cartas de marear profissionais do século XVII. Agrupámos, seguidamente, na quarta parte um conjunto de obras de vários autores relativas ao Estado da Índia Oriental, e no Apêndice III deste Volume reunimos uma série de espécimes, principalmente da autoria de arquitectos e engenheiros, tratando de Portugal metropolitano.

Completamos nesta parte a enumeração e descrição das obras cartográficas portuguesas do século XVII de que pudemos haver conhecimento, produto de pesquisas de vários anos. Tratamos cerca de 50 espécies, na sua maior parte anónimas e de carácter heterogéneo: manuscritas e impressas, cartas soltas, incluídas em livros e códices ou atlas, de tipo náutico, topográfico ou militar, simples esboços e cartas bastante completas ou exactas, etc.

Esta heterogeneidade, e o facto de se tratar na maior parte de obras anónimas levaram-nos a distribuí-las, para comodidade de exposição e para melhor evidenciar certas afinidades, por quatro grupos regionais: ilhas atlânticas, Brasil (com dois sub-grupos, respeitantes à costa norte e à costa leste), África, Ásia e Insulíndia. Num último grupo incluiram-se as obras, pouco numerosas, relativas a mais de uma destas áreas ou a áreas diferentes. Dentro de cada um dos grupos, as obras são apresentadas por ordem cronológica.

Entre as espécies descritas, salientamos, pela sua maior importância: a mais antiga carta topográfica conhecida da Ilha da Madeira, de Bartolomeu João, 165[4?]; um interessante atlas anónimo das ilhas dos Açores e Madeira, da segunda metade do século XVII; a carta do delta amazónico de António Vicente Cochado, 1623; várias cartas da Cidade do Salvador, de 1638, em parte devidas a Cristóvão Álvares; algumas cartas da região de Luanda, de 1622 a 1626; a carta de Madagascar, c. 1615, com os resultados da exploração hidrográfica de Paulo Roiz da Costa; a notável carta da Abíssinia do P.e Manuel de Almeida, cujo original, de c. 1645, desapareceu, apresentando-se quatro cópias de 1662 e c. 1662, e as primeiras cartas impressas delas derivadas; e a carta do Japão do P.e António Francisco Cardim, 1646. Analisam-se também algumas cartas francesas e holandesas que nos foi possível averiguar serem cópias de originais portugueses desaparecidos.

Ao terminar a lista das espécies conhecidas da cartografia portuguesa do século XVII, descritas nos Vols. IV e V desta obra, não queremos deixar de salientar que, se tal período apresenta, pelo conjunto das obras que dele nos chegaram, um valor inferior ao do século XVI, nem por isso deixa de merecer interesse superior ao que geralmente lhe tem sido concedido.

Cartas das ilhas atlânticas

1) Anónimo, carta gravada da Ilha de Santa Helena, 1604. Estampa 592 B.

2) Anónimo, carta gravada da Ilha de Santa Helena, século XVII. Estampa 592 C.

3) Anónimo — José Martins (?), carta da Baía de Ana Chaves, 1644, em Lisboa. Estampa 592 A.

4) Bartolomeu João, carta da Ilha da Madeira, 165[4?], no Funchal. Estampa 593.

5) Anónimo, atlas dos Açores e Madeira com 11 cartas, segunda metade do século XVII (?), no Rio de Janeiro. Estampa 594-598.

Cartas do Brasil

6) Anónimo, carta do Pará e Maranhão, c. 1620, na Haia. Estampa 601 A.

7) António Vicente Cochado, carta do delta amazónico em 2 folhas, 1623, no Rio de Janeiro. Estampa 599.

8) Anónimo, atlas do Maranhão com 3 cartas, c. 1630, no Rio de Janeiro. Estampa 600 A, B, D.

OTHER MAPS OF THE XVII CENTURY

HAVING, in Vol. IV, dealt with three cartographers of the XVII century (João Baptista Lavanha, Manuel Godinho de Erédia and João Teixeira Albernaz I), we discuss, in the second and third parts of the present volume, the essentially nautical charts and atlases of the professional 'masters of sea-charts' of the XVII century. We then, in the fourth part, bring together a group of works by various authors relating to the State of Oriental India, and in Appendix III we assemble a series of works dealing with metropolitan Portugal and drawn mainly by architects and engineers.

We now complete our enumeration and description of the Portuguese cartographic works of the XVII century known to us, from our researches extending over several years. This concluding part embraces about 50 examples, mostly anonymous and heterogeneous in character: manuscript and printed, sheet maps or maps included in books and codices or in atlases, maps of nautical, topographical or military character, mere sketches or fairly complete and precise works.

Because of this variety and of the fact that most of these works are anonymous, we have found it more convenient for discussion and for bringing out affinities to divide them into four regional groups: the Atlantic islands, Brazil (with two sub-groups corresponding to the north coast and east coast), Africa, Asia-and-Insulindia. A final group includes the few works which relate to more than one of these areas or to different areas. Within each of these groups, the order of works is chronological.

Among the works described, we single out as specially important the oldest known topographical map of the Island of Madeira, by Bartolomeu João, 165[4?]; an interesting anonymous atlas of the islands of the Azores and Madeira, of the second half of the XVII century; the map of the Amazon delta by António Vicente Cochado, 1623; several maps of the City of Salvador, 1638, partly due to Cristóvão Álvares; some maps of the Luanda region, 1622 to 1626; the map of Madagascar, c. 1615, with the results of the hydrographic exploration by Paulo Roiz da Costa; the notable map of Abyssinia by Fr Manuel de Almeida, of which the lost original dates from c. 1645 and we here present four copies of 1662 and c. 1662, with the earliest printed maps derived from it; and the map of Japan by Fr António Francisco Cardim, 1646. We also describe some French and Dutch maps which can be identified as copies of lost Portuguese originals.

In completing our inventory of the known specimens of Portuguese cartography of the XVII century described in Vols. IV and V of this work, we would emphasize that, even if the quality of the works surviving from this period is inferior to that of the XVI century, it has nevertheless a considerably greater interest than is generally allowed.

Maps of the Atlantic islands

1) Anonymous, engraved map of the Island of St Helena, 1604. Plate 592 B.

2) Anonymous, engraved map of the Island of St Helena, XVII century. Plate 592 C.

3) Anonymous — José Martins (?), map of the Bay of Ana Chaves, 1644, in Lisbon. Plate 592 A.

4) Bartolomeu João, map of the Island of Madeira, 165[4?], in Funchal. Plate 593.

5) Anonymous, atlas of the Azores and Madeira, 11 maps, second half of the XVII century (?), in Rio de Janeiro. Plates 594-598.

Maps of Brazil

6) Anonymous, map of Pará and Maranhão, c. 1620, in The Hague. Plate 601 A.

7) António Vicente Cochado, map of the Amazon delta, 2 sheets, 1623, in Rio de Janeiro. Plate 599.

8) Anonymous, atlas of Maranhão, 3 maps, c. 1630, in Rio de Janeiro. Plate 600 A, B, D.

9) Anónimo, carta do Rio Amazonas, 1637, em Lisboa. Estampa 600 C.

10) Anónimo, carta do delta amazónico, c. 1670, em Paris. Estampa 601 B.

11) Anónimo, carta da América do Sul, c. 1600, em Madrid. Estampa 601 D.

12) Anónimo — António Correia Pinto (?), carta de S. Vicente-S. Paulo, c. 1675, em Madrid. Estampa 601 C.

13) Anónimo, carta do Cabo Frio, post 1625, em Madrid. Estampa 601 E.

14) Bento Mealhas, carta gravada da Cidade do Salvador, 1625. Estampa 602 D.

15) Cristóvão Álvares, planta e perfil do Forte Real, 1629, na Haia. Estampas 602 A e C.

16) Anónimo — Cristóvão Álvares (?), carta da Baía de Todos os Santos, 1638, na Haia. Estampa 602 B.

17) Anónimo — Cristóvão Álvares, perfil da Cidade do Salvador, 1638, na Haia. Estampa 603 A.

18) Anónimo, planta da Cidade do Salvador, 1638, na Haia. Estampa 603 B.

19) Anónimo, carta da Ilha de Itamaracá, c. 1635, em Paris. Estampa 604 D.

20) Philippe Guittau, carta da Baía de Todos os Santos, 1647, em Paris. Estampa 604 B.

21) Anónimo — Eleodoro Ebano (?), carta da Baía de Paranaguá, 1653, em Lisboa. Estampa 604 C.

22) Anónimo, carta do Rio de Janeiro, fins do século XVII (?), em Paris. Estampa 604 A.

23) Manuel Garcia, carta do Rio de Janeiro, século XVII, na Haia.

24) Anónimo, duas cartas da costa do Brasil, século XVII, na Haia.

Cartas da África

25) Anónimo, carta de Argel, começos do século XVII, em Lisboa.

26) Anónimo, nove cartas da África oriental e Madagascar, c. 1615, em Londres. Estampa 605 A, B, C e E.

27) Anónimo, carta de Angola, 1622, em Lisboa. Estampa 605 D.

28) Anónimo, carta do Rio Dande, c. 1627, em Lisboa.

29) Anónimos, duas cartas de Luanda, 1626, em Lisboa. Estampa 606 A e C.

30) Anónimo — Fernão de Sousa, carta de Luanda, c. 1625, em Lisboa. Estampa 606 B.

31) Manuel de Almeida, quatro cartas da Abissínia, 1662 e c. 1662, em Londres e Viena. Estampa 607.

32) Baltasar Teles, carta gravada da Abissínia, 1660. Estampa 608 A.

33) Melchissédech Thévenot, carta gravada da Abissínia, 1663. Estampa 608 B.

34) François Eschinard, carta gravada da Abissínia, 1674. Estampa 608 C.

35) Job Ludolf, carta gravada da Abissínia, 1683. Estampa 608 D.

36) Anónimo, carta do porto de Moçambique, c. 1650, em Lisboa.

Cartas da Ásia e Insulíndia

37) Anónimo, atlas de Ceilão com 34 cartas, 1624, dois exemplares, em Madrid e Washington. Estampa 610 A.

38) Anónimo, atlas de Ceilão com 24 cartas, c. 1627, na Haia. Estampa 610 B.

39) Anónimo, carta de Java Maior e Nuca Antara, c. 1630, no Rio de Janeiro. Estampa 609 A.

40) António Francisco Cardim, carta gravada do Japão, 1646. Estampa 609 B.

41) Anónimo, carta do delta do Rio das Pérolas, c. 1646, em Lisboa.

42) Anónimo, carta de Bombaim, meados do século XVII, em Lisboa.

43) João Ribeiro, carta da Ilha de Ceilão, 1685, três exemplares, em Lisboa e Londres. Estampa 610 C e D.

44) Anónimo, carta do Rio de Bengala, século XVII, em Viena.

45) Anónimo, carta gravada do sul da Ásia, século XVII, em Paris.

9) Anonymous, map of the River Amazon, 1637, in Lisbon. Plate 600 C.

10) Anonymous, map of the Amazon delta, c. 1670, in Paris. Plate 601 B.

11) Anonymous, map of South America, c. 1600, in Madrid. Plate 601 D.

12) Anonymous — António Correia Pinto (?), map of S. Vicente-S. Paulo, c. 1675, in Madrid. Plate 601 C.

13) Anonymous, map of Cabo Frio, post 1625, in Madrid. Plate 601 E.

14) Bento Mealhas, engraved map of the City of Salvador, 1625. Plate 602 D.

15) Cristóvão Álvares, plan and profile of Forte Real, 1629, in The Hague. Plates 602 A and C.

16) Anonymous — Cristóvão Álvares (?), map of the Bay of Todos os Santos, 1638, in The Hague. Plate 602 B.

17) Anonymous — Cristóvão Álvares, profile of the City of Salvador, 1638, in The Hague. Plate 603 A.

18) Anonymous, plan of the City of Salvador, 1638, in The Hague. Plate 603 B.

19) Anonymous, map of the Island of Itamaracá, c. 1635, in Paris. Plate 604 D.

20) Philippe Guittau, map of the Bay of Todos os Santos, 1647, in Paris. Plate 604 B.

21) Anonymous — Eleodoro Ebano (?), map of the Bay of Paranaguá, 1653, in Lisbon. Plate 604 C.

22) Anonymous, map of Rio de Janeiro, end of the XVII century (?), in Paris. Plate 604 A.

23) Manuel Garcia, map of Rio de Janeiro, XVII century, in The Hague.

24) Anonymous, two maps of the coast of Brazil, XVII century, in The Hague.

Maps of Africa

25) Anonymous, map of Algiers, beginning of the XVII century, in Lisbon.

26) Anonymous, nine maps of East Africa and Madagascar, c. 1615, in London. Plate 605 A, B, C and E.

27) Anonymous, map of Angola, 1622, in Lisbon. Plate 605 D.

28) Anonymous, map of the Rio Dande, c. 1627, in Lisbon.

29) Anonymous, two maps of Luanda, 1626, in Lisbon. Plate 606 A and C.

30) Anonymous — Fernão de Sousa, map of Luanda, c. 1625, in Lisbon. Plate 606 B.

31) Manuel de Almeida, four maps of Abyssinia, 1662 and c. 1662, in London and Vienna. Plate 607.

32) Baltasar Teles, engraved map of Abyssinia, 1660. Plate 608 A.

33) Melchissédech Thévenot, engraved map of Abyssinia, 1663. Plate 608 B.

34) François Eschinard, engraved map of Abyssinia, 1674. Plate 608 C.

35) Job Ludolf, engraved map of Abyssinia, 1683. Plate 608 D.

36) Anonymous, map of the port of Mozambique, c. 1650, in Lisbon.

Maps of Asia and Insulindia

37) Anonymous, atlas of Ceylon, 34 maps, 1624, two examples, in Madrid and Washington. Plate 610 A.

38) Anonymous, atlas of Ceylon, 24 maps, c. 1627, in The Hague. Plate 610 B.

39) Anonymous, map of Java Maior and Nuca Antara, c. 1630, in Rio de Janeiro. Plate 609 A.

40) António Francisco Cardim, engraved map of Japan, 1646. Plate 609 B.

41) Anonymous, map of the delta of the Pearl River, c. 1646, in Lisbon.

42) Anonymous, map of Bombay, middle of the XVII century, in Lisbon.

43) João Ribeiro, map of the Island of Ceylon, 1685, three examples, in Lisbon and London. Plate 610 C and D.

44) Anonymous, map of the Rio de Bengala, XVII century, in Vienna.

45) Anonymous, engraved map of southern Asia, XVII century, in Paris.

Outras cartas

46) Anónimo, atlas do Brasil e África ocidental com 49 cartas, c. 1636, em Madrid. Estampa 611 e 612.

47) António de Maris Carneiro, 11 cartas gravadas das costas de Portugal e Espanha, 1642.

48) Alonso Peres, carta do Atlântico, 1648, em Madrid.

49) Anónimo, 15 cartas das costas de Portugal, Espanha e Brasil, 1673, em Lisboa.

50) Anónimo, carta do sul da Península Ibérica e noroeste de África, século XVII, em Lisboa.

CARTAS DAS ILHAS ATLÂNTICAS

ANÓNIMO, CARTA GRAVADA DA ILHA DE SANTA HELENA, 1604

ESTAMPA 592 B

Uma das várias relações que vieram a constituir a conhecida *História Trágico-Marítima* é o *Tratado das Batalhas, e sucessos do Galeão Sanctiago com os Olandeses na Ilha de Sancta Elena. E da Náo Chagas com os Vngleses antre as Ilhas dos Açores: Ambas Capitainas da carreira da India. E da causa, & desastres, porque em vinte annos se perderão trinta & oito náos della: com outras cousas curiosas. Escripto por Melchior Estacio do Amaral. Dirigido ao Excellentissimo Principe Dom Theodosio Duque de Bragança. Impresso em Lisboa: Com licença da Sancta Inquisição: Por Antonio Aluarez. Anno 1604.* No exemplar da primeira edição desta obra (que teve uma segunda edição no mesmo ano) pertencente ao British Museum, com a cota «1434. i. 24», encontra-se, entre as folhas 22 e 23, uma carta gravada em papel, 252 × 360 mm, com o título *I. de sancta Elena* e sem qualquer data ou assinatura. A nomenclatura é portuguesa, embora as numerosas ribeiras nela figuradas sejam designadas por *Ribera.* A primeira edição do *Tratado* é raríssima, e não conhecemos outro exemplar com a referida carta, a qual foi assinalada e reproduzida por C. R. Boxer (1). O autor do *Tratado,* Dr. Melchior Estácio do Amaral, era desembargador do Paço, e foi encarregado das averiguações relativas à perda do galeão *Santiago,* dizendo no texto que mandou traçar especialmente a carta da Ilha de Santa Helena para a incluir no *Tratado.*

Embora se desconheça a origem de tal carta, é muito possível que esteja relacionada com a notícia que em 1597 houve em Portugal, da primeira viagem dos holandeses ao Oriente. Com efeito, conhecem-se instruções reais de 1598, em que, na previsão de os holandeses escalarem Santa Helena para fazerem aguada e atacarem os navios portugueses, se determina a realização de um inquérito sobre a necessidade de fortificar a ilha e se ordena aos capitães-mores e capitães que, quando ali chegassem, reconhecessem todos os portos e aguadas em que pudessem surgir e trouxessem de tudo uma relação e uma planta da ilha (2). É possível que a carta gravada de 1604 provenha de alguma planta traçada de acordo com tais instruções e de que Estácio do Amaral teria conhecimento, tanto mais que o seu *Tratado* inclui uma descrição da ilha, talvez com a mesma origem.

ANÓNIMO, CARTA GRAVADA DA ILHA DE SANTA HELENA, SÉCULO XVII

ESTAMPA 592 C

Na Bibliothèque Nationale de Paris, com a cota «Ge DD 2987 (8439)», existe uma gravura em papel, 89 × 128 mm, com o título *Sancta Helena,* que não pudemos apurar se constituía inicialmente uma gravura solta ou se fazia parte de alguma obra.

Representa a Ilha de Santa Helena, e a sua toponímia e legendas, em português, com algumas deturpações, revelam claramente que se trata de cópia de um original lusitano de paradeiro desconhecido. É muito diferente da gravura do *Tratado* de 1604 de Estácio do Amaral, sendo possível que a sua origem esteja ligada aos factos indicados a propósito daquela. À falta de outros elementos, apenas podemos sugerir como data, vagamente, o século XVII.

(1) C. R. Boxer, *An introduction to the História Trágico-Marítima,* separata da *Miscelânea de Estudos em honra do Prof. Hernâni Cidade,* pp. 25-30. Lisboa 1957.

(2) Documento publicado no *Arquivo Português Oriental,* fasc. 3.º, Doc. 326, *apud* Alfredo Botelho de Sousa, *Subsidios para a História Militar Marítima da India,* Vol. I, p. 353. Lisboa 1930.

Other maps

46) Anonymous, atlas of Brazil and West Africa, 49 maps, c. 1636, in Madrid. Plates 611 and 612.

47) António de Maris Carneiro, 11 engraved charts of the coasts of Portugal and Spain, 1642.

48) Alonso Peres, chart of the Atlantic, 1648, in Madrid.

49) Anonymous, 15 charts of the coasts of Portugal, Spain and Brazil, 1673, in Lisbon.

50) Anonymous, map of the south part of the Iberian Peninsula and North-west Africa, XVII century, in Lisbon.

MAPS OF THE ATLANTIC ISLANDS

ANONYMOUS, ENGRAVED MAP OF THE ISLAND OF ST HELENA, 1604

PLATE 592 B

One of the narratives included in the celebrated *História Trágico-Marítima* is the *Tratado das Batalhas, e sucessos do Galeão Sanctiago com os Olandeses na Ilha de Sancta Elena. E da Náo Chagas com os Vngleses antre as Ilhas dos Açores: Ambas Capitainas da carreira da India. E da causa, & desastres, porque em vinte annos se perderão trinta & oito náos della: com outras cousas curiosas. Escripto por Melchior Estacio do Amaral. Dirigido ao Excellentissimo Principe Dom Theodosio Duque de Bragança. Impresso em Lisboa: Com licença da Sancta Inquisição: Por Antonio Aluarez. Anno 1604.* A second edition appeared in the same year. In the copy of the first edition belonging to the British Museum (classmark «1434.i.24»), between folios 22 and 23, is a woodcut map, on paper, 252 × 360 mm, with the title *I. de sancta Elena,* unsigned and undated. The nomenclature is Portuguese, although the numerous rivers are designated *Ribera.* The first edition of the *Tratado* is extremely rare, and we know no other copy with this map, which has been recorded and reproduced by C. R. Boxer (1). The author of the *Tratado,* Dr Melchior Estácio do Amaral, who was judge of the Paço, and was charged with the inquiry into the loss of the galleon *Santiago,* states in the text that he had the map of the Island of St Helena specially drawn for inclusion in the *Tratado.*

Although the origin of this map is unknown, it is probably connected with the information received in Portugal in 1597 about the first Dutch voyage to the East. There are, in fact, royal instructions of 1598 which, anticipating a Dutch attempt to seize St Helena as a watering place and base for attacks on Portuguese shipping, called for an investigation of the island's need for fortification and gave orders to the captains-major and captains that, when they called there, they should reconnoitre all the ports and watering places and bring back a report on all this and a plan of the island (2). The engraved map of 1604 may derive from some plan which, drawn in accordance with these instructions, might have become known to Estácio do Amaral, especially as his *Tratado* contains a description of the island, presumably from the same source.

ANONYMOUS, ENGRAVED MAP OF THE ISLAND OF ST HELENA, XVII CENTURY

PLATE 592 C

In the Bibliothèque Nationale, Paris, classmark «Ge DD 2987 (8439)», is an engraving on paper, 89 × 128 mm, with the title *Sancta Helena;* whether it was originally a loose sheet or part of a book, we cannot determine.

It represents the Island of St Helena, and its toponymy and legends, in Portuguese with some corruptions, show clearly that it is a copy of a Portuguese original now unknown. It is very different from the engraving in Estácio do Amaral's *Tratado* of 1604, and it is not unlikely that its origin is to be associated with the facts adduced in connection with the engraving. For want of other evidence, we can only date it loosely to the XVII century.

(1) C. R. Boxer, *An introduction to the História Trágico-Marítima,* from the *Miscelânea de Estudos em honra do Prof. Hernâni Cidade,* pp. 25-30. Lisboa 1957.

(2) Document published in *Arquivo Português Oriental,* fasc. 3.º, Doc. 326, *apud* Alfredo Botelho de Sousa, *Subsídios para a História Militar Marítima da India,* Vol. I, p. 353. Lisboa 1930.

ESTAMPA 592 A

No Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, com o n.º 416 do *Catálogo* de Castro e Almeida, existe uma planta da Baía de Ana Chaves, na Ilha de S. Tomé, manuscrita e colorida, traçada em papel, 302 × 427 mm. Num documento à parte vem o quadro explicativo dos números e letras do desenho, que a seguir se transcreve:

A — *fortaleza q̃ ocupa O enemiguo.* B — *Cortina Em q̃ fica a porta principal da dita fortaleza.* C — *Baluarte q̃ fica Noroeste sueste cõ Oiteiro do cabo verde jogua seis peças de artelharia.* D — *Baluarte q̃ fica p.ª o Sul lauando toda a Canpina E ate O forte pequeno jogua outras seis peças.* E — *Baluarte q̃ fica p.ª Leste cortado de ambas as partes pello mar jogua seis peças de artelharia.* F — *Baluarte q̃ fica p.ª o sueste lauado de ambas as cortinas do mar q̃ jogua seis peças de artelharia.* G — *porto de seruentia da dita fortaleza.* H — *Cazas matas q̃ descortinão os panos dos baluartes.* I — *Irmida de S. sebastião aonde O enemiguo pi ntou ha bateria.* K — *Estradas jncubertas q̃ mandou fazer og.or L.co pz de tauora p.ª por serco a fortaleza e tolherlhe o dezenbarcadouro.* L — *Ponte q̃ deuide a fronteira do sitio q̃ ocupa O Enemiguo o qual se alagua todas as enchentes.* M — *Alagoa deaguoa salgada.* N — *Trincheiras q̃ defende a pacaiẽ daponte.* O — *principio destas trincheiras q̃ mandou fazer O g.or L.co piz de tauora q̃ serquão toda a canpanha q̃ tẽ redor a sidade.* P — *Casa Em q̃ asiste o Corpo de Guarda q̃ fiqua a tiro de mosquete do Enemiguo.* Q — *Terreiro da Miã q̃ mandou entrincheirar o g.or L.co piz de tauora.* R — *Casa em q̃ Rizidẽ os gouernadores. Forte do picão de Nossa Snr̃a da graça:* 1 — *praça de armas q̃ tem sento e seçenta de quadro.* 2 — *Porta principal desta Fortaleza con sua ponte leuadiça.* 3 — *Baluarte São João q̃ se corre como Cabo uerde noroeste sueste.* 4 — *Baluarte Nosa Snr̃a da Conceição q̃ se corre com a fortaleza do Enemiguo nordeste Sudoeste.* 5 — *Baluarte S. Ant.º supirior a toda a sidade e a entrada delle esta hũ poço de agoa manansial de doze Braças de altura.* 6 — *Baluarte Madre de deos supirior a toda a Canpanha e que laua a trincheira della.* ST — *façe do Reçinto q̃ tem duzentos e setenta e sinquo pes giometricos.* RV — *Altura do muro da fortaleza na mais baixa parte da canpanha são vintee dous palmos giometricos.* 7 — *fosso desta fortaleza q̃ athe o prezente se uai trabalhando nelle.* 8 — *Cazas matas q̃ discortinão os poços e baluartes.* 9 — *Caza das Moniçois e de Mantimentos e agazalhado de soldados.*

A carta e o seu quadro explicativo constituem documentos anexos a um parecer do Conselho Ultramarino, datado de 16 de Dezembro de 1644, relativo a uma carta de 9 de Março de 1644 de Lourenço Pires de Távora, Governador de S. Tomé, dando conta da maneira como decorria a luta com os holandeses. Nesta carta, o Governador diz que a planta das fortificações da cidade seria entregue por seu irmão, Felipe de Moura, a El-Rei, e que aquela «uay tirada com toda a claresa e uerdade, que o capitão joze martins trabalhou nellas (*fortificações*), desde que se prencipiarão, ate estarem aperfeiçoadas, sem dezestir hũ momento». A planta a que se refere o Governador deve ser a que estamos analisando; quanto ao seu autor, é possível que tivesse sido o capitão José Martins, acerca do qual há vários documentos de 1638 e 1639, relacionados com a fortificação de Axem e S. Tomé (3). A planta tem sido reproduzida várias vezes (4).

BARTOLOMEU JOÃO, CARTA DA ILHA DA MADEIRA, 165[4?]

ESTAMPA 593

Na colecção de Paul Alexander Zino, Funchal, encontra-se uma interessante carta manuscrita e colorida, traçada em várias folhas de papel, montadas em tela, 146 × 223 cm. Ao alto tem o título *DESCRIPÇÃO DA ILHA DA MADEIRA, CIDADE DO FUNCHAL, VILLAS, LUGARES, RIBEIRAS, PORTOS E ENCEADAS, E MAIS SECRETOS; FEITA POR BERTALOMEV IOÃO INGINRº DELLA. EM TEMPO DO GOVERNADOR BERTOLAMEV DE UASCONCELOS DA CUNHA CAPITÃO GERAL DESTA ILHA NO ANNO DE 165...* No canto superior esquerdo, há um quadro com um resumo geográfico sobre a ilha, e nos outros cantos, três quadros com elementos sobre as suas fortificações. Em baixo, e na margem direita há seis perspectivas de fortalezas (*Fortaleza de S. Tiago, Fortaleza do Ilheo, Fortaleza noua da Praça, Fortaleza de S. Ioão do Pico, Reduto q̃ guarda a*

(3) Publicados por António Brásio, *Monumenta Missionaria Africana — África Ocidental*, Vol. VIII, n.ºs 110, 111, 116, 117 e 118. Lisboa 1960.

(4) *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. III, p. 177. Lisboa 1940. *Boletim do Arquivo Histórico Colonial*, Vol. I, p. 225. Lisboa 1950 (a cores). Luís Norton, *A Dinastia dos Sás no Brasil (1558-1662)*, p. 104. Lisboa 1953.

PLATE 592 A

In the Arquivo Histórico Ultramarino, Lisbon, n.º 416 in the *Catálogo* of Castro e Almeida, is a manuscript plan of the Bay of Ana Chaves, in the Island of S. Tomé, drawn on paper and coloured, 302 × 427 mm. In a separate document is the table explaining the numbers and letters of the drawing, as follows:

«A — fortress occupied by the enemy. B — Curtain wall in which is the principal gate of the said fortress. C — Bastion lying north-west and south-east with the promontory of Cape Verde, mounting six pieces of artillery. D — Bastion lying to the south, commanding the whole plain as far as the small fort and mounting six more pieces. E — Bastion lying to the east, bounded by the sea on both sides, mounting six pieces of artillery. F — Bastion lying to the south-east, bounded by the sea on both sides, mounting six pieces of artillery. G — postern of the said fortress. H — Casemates which draw the curtains of the bastions. I — Monastery of S. Sebastião where the enemy planted a battery. K — Covered ways constructed by the order of the governor, Lourenço Pires de Távora, to besiege the fortress and to screen the disembarkation. L — Bridge dividing the boundary from the position occupied by the enemy, which is flooded at high tide. M — Lake of salt water. N — Trenches protecting the crossing of the bridge. O — beginning of the trenches made by order of the governor, Lourenço Pires de Távora, surrounding the whole plain in the vicinity of the city. P — House occupied by the guard within musket-shot of the enemy. Q — Square which the governor, Lourenço Pires de Távora, ordered to be trenched. R — House in which the governors reside. Ravelin of Nossa Senhora da Graça: 1 — barrack square, one hundred and sixty [feet?] square. 2 — Principal gate of this fortress with its drawbridge. 3 — Bastion of São João, lying towards Cape Verde, north-west to south-east. 4 — Bastion of Nossa Senhora de Conceição lying with the fortress of the enemy, north-east to south-west. 5 — Bastion of S. António over the whole city with a well of spring-water twelve *braças* deep at its entrance. 6 — Bastion of Madre de Deos over the whole country, and bounded by its trench. ST — front of the enclosure, measuring two hundred and seventy-five geometrical feet. RV — The height of the fortress wall at the lowest part of the plain is twenty-two geometrical *palmos*. 7 — Moat of the fortress, on which work has been continued till now. 8 — Casemates in the wells and forts. 9 — Armoury of munitions and ordnance and lodgings of soldiers».

The two documents, namely the map and its explanatory table, are appended to a report of the Conselho Ultramarino, dated 16 December 1644, concerning a letter of 9 March 1644 from Lourenço Pires de Távora, Governor of S. Tomé, relating the course of the struggle with the Dutch. In his letter the Governor says that the plan of the fortifications would be delivered to the King by his brother, Felipe de Moura, and that the latter «will testify with all clarity and truth that Captain José Martins worked on these [fortifications] from their commencement until they were completed without desisting for a moment». The plan referred to by the Governor must be that which we describe here; as to its author, he may have been Captain José Martins, on whom there are several documents of 1638 and 1639 relating to the fortification of Axem and S. Tomé (3). The plan has been reproduced several times (4).

BARTOLOMEU JOÃO, MAP OF THE ISLAND OF MADEIRA, 165[4?]

PLATE 593

In the collection of Paul Alexander Zino, Funchal, is an interesting manuscript map, in colour, drawn on several pieces of paper, mounted on linen, 146 × 223 cm. At the top is the title «DESCRIPTION OF THE ISLAND OF MADEIRA, CITY OF FUNCHAL, TOWNS, VILLAGES, RIVERS, PORTS AND BAYS, AND OTHER SECRETS; MADE BY BERTOLAMEU IOÃO, ENGINEER THERE. IN THE TIME OF THE GOVERNOR BERTOLAMEU DE VASCONCELOS DA CUNHA, CAPTAIN-GENERAL OF THIS ISLAND IN THE YEAR 165 ...» In the top left-hand corner is a panel with a brief geographical account of the island, and in the other corners are three panels containing information on its fortifications. At the bottom and in the border on the right are six views of fortresses (*Fortaleza de S. Tiago, Fortaleza do*

(3) Published by António Brásio, *Monumenta Missionaria Africana — África Ocidental*, Vol. VIII, n.ºs 110, 111, 116, 117 and 118. Lisboa 1960.

(4) *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. III, p. 177. Lisboa 1940. *Boletim do Arquivo Histórico Colonial*, Vol. I, p. 225. Lisboa 1950 (in colour). Luís Norton, *A Dinastia dos Sás no Brasil (1558-1662)*, p. 104. Lisboa 1953.

Alfandega, e *Fortaleza de S. Lourenço aonde esta o presidio & Governador*). Não há qualquer graduação de latitudes ou longitudes, apenas se registando uma escala de léguas e uma rosa-dos-ventos (esta última colada sobre o desenho). Atravessando a ilha, de ocidente para oriente, há a legenda *Desta Ponte de Tristão começa a divizão das dvas iurdiçoens do Conde & da Calheta e do Conde do Vimioso, e se acaba neste lugar do Caniso.*

A carta apareceu à venda em 1937 no livreiro Francis Edwards Ltd, de Londres, sendo então descrita e analisada por A. Cortesão (5), que supõe ter ela sido trazida da Madeira para Inglaterra no começo do século XIX, por altura da ocupação da ilha pelas forças inglesas (1801-2). Com efeito, a carta foi vendida com a livraria de Welbeck Abbey, residência dos Duques de Newcastle, e o comandante das forças inglesas da Madeira havia sido o brigadeiro-general Sir William Henry Clinton (1769-1846), parente e amigo de Henry Pelham Fiennes Clinton, quarto Duque de Newcastle e Conde de Lincoln (1785-1851), pelo que é de supor que o primeiro, tendo trazido a carta da Madeira, a teria depois oferecido ao segundo.

Quanto à data, nada se pode concretizar, porque o último algarismo é difícil de ler, embora pareça um 4 apagado, o que condiz com a análise interna da carta. Com efeito, o Governador referido no título, Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha, foi nomeado em 23 de Agosto de 1651 e tomou posse em 16 de Outubro do mesmo ano, governando até Janeiro de 1655. A. Cortesão aponta ainda que no quadro do canto inferior direito se diz que o Governador «intenta fazer» a fortificação do Morro do Ilheo, e na figura respectiva diz-se que o governador a «mandou fazer»; numa pedra existente na fortaleza está ou estava registado «Es fortaleza fez o Governador e Capitão Geral Bertolomeo de Vasconcelos da Cunha da Prª. Pedra do Simto. Ano 1654...» (6). Depreende-se portanto que a fortaleza estava concluída ou em construção em 1654, e a carta de Bartolomeu João deve datar assim do período 1652-1654. A carta contém uma abundante nomenclatura, embora já bastante apagada, pelo que se torna impossível ler a maior parte na nossa reprodução.

No respeitante ao seu autor, Bartolomeu João, conhecem-se já vários documentos esclarecedores da sua vida e actividade. Era filho do arquitecto e engenheiro Jerónimo Jorge, que em 10 de Fevereiro de 1595 foi nomeado, por três anos, fortificador da ilha da Madeira; depois trabalhou nas obras do forte da Cabeça Seca (na barra de Lisboa) e em 15 de Fevereiro de 1611 foi nomeado novamente para a ilha da Madeira. Levou nesta data consigo os seus filhos Bartolomeu João e João Falcato, a quem ensinava arquitectura, devendo ter morrido em 1618 (7). Uma carta de 1618, de Filipe II de Portugal para D. Diogo da Silva e Mendonça, vice-rei de Portugal, refere-se à pretensão de Bartolomeu João para servir como arquitecto nas obras de fortificação da Madeira (8), sendo ele nomeado para o cargo, por alvará de 10 de Novembro de 1618 (9). O poeta Manuel Tomás, no seu poema *Insulana* (1635), refere-se a Bartolomeu João em termos elogiosos (Livro X, estrofe 57):

> A Maritima Praya deffendendo
> Verás as tres, em quem Neptuno bate,
> É a de Piquo soberba promettendo,
> Ser deffensa á Cidade no combate.
> Bertolameu João com estupendo
> Engenho, que o de Archytas vivo abate,
> A traçará com lineas tão subidas
> Que as de Nicon cederam vencidas.

Não conhecemos outros documentos acerca de Bartolomeu João, mas da sua carta da Ilha da Madeira deduz-se que ele ainda era vivo por volta de 1654. A carta da Madeira, única produção sua que nos chegou, foi ùltimamente referida e reproduzida por Leite Monteiro e Luís Silveira (10).

(5) Armando Cortesão, *The Oldest Chorographical Map of the Island of Madeira.* London 1937.

(6) Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra,* notas de A. R. Azevedo, p. 627, *apud* Cortesão 1937.

(7) Torre do Tombo, Chancelaria de D. Filipe I, *Doações,* Livro 26, fol. 211 v, e Livro 28, fol. 202, alvarás publicados por Sousa Viterbo, *Diccionario historico e documental dos arquitectos, engenheiros e constructores portugueses ou a serviço de Portugal,* Vol. II, pp. 38-9. Lisboa 1904.

(8) Arquivo General de Simancas, Secretarias Provinciales, códice n.º 1516, fls. 63v-64, sumariado in *Boletim da Filmoteca Ultramarina Portuguesa,* n.º 15, p. 412. Lisboa 1960.

(9) Publicado por Sousa Viterbo, *op. cit.* na nota 7, pp. 34-5.

(10) José Leite Monteiro, *A mais antiga carta corográfica da Madeira,* in *Das Artes e da História da Madeira,* Vol. I, n.º 3, p. 16. Funchal Outubro 1950. Luís Silveira, *Ensaio de iconografia das cidades portuguesas do Ultramar,* Vol. I, p. 75. Lisboa [1956].

Ilheo, Fortaleza noua da Praça, Fortaleza de S. Ioão do Pico, Reduto q̃ guarda a Alfandega, and *Fortaleza de S. Lourenço aonde esta o presidio & Governador*). The map has no graduation in latitude and longitude, but only a scale of leagues and a wind rose (which is pasted on the drawing). Across the island, from west to east, is the legend «From this Point of Tristão begins the division of the two jurisdictions of the Count and of Calheta and of the Count do Vimioso, and it ends at this place of Caniso».

The map was offered for sale in 1937 by the London booksellers Francis Edwards Ltd and was described and analysed by A. Cortesão (5), who supposed it to have been taken from Madeira to England at the beginning of the XIX century, at the time of the occupation by English troops (1801-2). In fact the map was sold with the library of Welbeck Abbey, the residence of the Dukes of Newcastle, and the commander of the English forces in Madeira was Brigadier-General Sir William Henry Clinton (1769-1846), a kinsman and friend of Henry Pelham Fiennes Clinton, fourth Duke of Newcastle and Earl of Lincoln (1785-1851), so that the former, after bringing the map from Madeira, may be conjectured to have presented it to the latter.

The final digit of the date is difficult to read, although it seems to be a faded 4, which accords with the internal evidence of the map. In fact the Governor named in the title, Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha, was appointed on 23 August 1651 and assumed office on 16 October of the same year, remaining in the post until January 1655. A. Cortesão also points out that in the panel in the bottom right-hand corner it is stated that the governor «projects making» the fortification of the *Morro do Ilheo,* and a legend accompanying its representation says that the Governor «ordered it to be made»; on a stone of the fortress is, or was, the inscription «This fortress was constructed by the Governor and Captain-General Bartolomeo de Vasconcelos da Cunha da Pereira. Foundation stone 1654» (6). It follows that the fortress was completed or under construction in 1654, and that the map by Bartolomeu João must date from the period 1652-1654. The map has a rich nomenclature, although now somewhat faded, so that most names cannot be read in our reproduction.

Its author, Bartolomeu João, is known from several documents which throw light on his life and activity. His father was the architect and engineer Jerónimo Jorge, who was on 10 February 1595 appointed for three years to fortify the island of Madeira, then worked on the Fort of Cabeça Seca (at the bar of Lisbon), and on 15 February 1611 was posted once more to the island of Madeira. This time he took with him his sons Bartolomeu João and João Falcato, whom he instructed in architecture; he must have died in 1618 (7). A letter of Philip II of Portugal to D. Diogo da Silva e Mendonça, Viceroy of Portugal, in 1618 refers to Bartolomeu João's claim to serve as architect on the fortification works of the island of Madeira (8), and he was in fact appointed to the post by a decree of 10 November 1618 (9). The poet Manuel Tomás, in his poem *Insulana* (1635), refers to Bartolomeu João in eulogistic terms (Book X, strophe 57):

> *A Maritima Praya deffendendo*
> *Verás as tres, em quem Neptuno bate,*
> *É a de Piquo soberba promettendo,*
> *Ser deffensa á Cidade no combate.*
> *Bertolameu João com estupendo*
> *Engenho, que o de Archytas vivo abate,*
> *A traçará com lineas tão subidas*
> *Que as de Nicon cederam vencidas.*

No later documents on Bartolomeu João are known, but his map of the Island of Madeira shows that he was still alive about 1654. This map, the only surviving work by him, has recently been cited and reproduced by Leite Monteiro and Luís Silveira (10).

(5) Armando Cortesão, *The Oldest Chorographical Map of the Island of Madeira.* London 1937.

(6) Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra,* notes by A. R. Azevedo, p. 627, *apud* Cortesão 1937.

(7) Torre do Tombo, Chancelaria de D. Filipe I, *Doações,* Livro 26, fol. 211v, and Livro 28, fol. 202, decrees published by Sousa Viterbo, *Diccionario historico e documental dos arquitectos, engenheiros e constructores portugueses ou a serviço de Portugal,* Vol. II, pp. 38-9. Lisboa 1904.

(8) Archivo General de Simancas, Secretarias Provinciales, códice n.º 1516, fls. 63v-64, summarized in *Boletim da Filmoteca Ultramarina Portuguesa,* n.º 15, p. 412. Lisboa 1960.

(9) Published by Sousa Viterbo, *op. cit.* in note 7, pp. 34-5.

(10) José Leite Monteiro, *A mais antiga carta corográfica da Madeira,* in *Das Artes e da História da Madeira,* Vol. I, n.º 3, p. 16. Funchal October 1950. Luís Silveira, *Ensaio de iconografia das cidades portuguesas do Ultramar,* Vol. I, p. 75. Lisboa [1956].

ANÓNIMO, ATLAS DAS ILHAS DOS AÇORES E MADEIRA COM ONZE CARTAS, SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVII (?)

ESTAMPAS 594-598

Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com a cota «CAM-4, 2», existe um interessante atlas, anónimo e sem data, contendo onze cartas manuscritas e coloridas, traçadas em papel, de tamanhos variáveis:

Primeira Carta (Estampa 595 A) — Planta de Vila do Conde, 705 × 854 mm. *Segunda Carta* (Estampa 594 A) — *COSMOGRAPHYA DE TODA A ILHA DA MADEYRA*, 410 × 544 mm. *Terceira Carta* (Estampa 594 B) — *Cidade do funchal*, 655 × 930 mm. Do lado direito tem o projecto de uma fortificação, recortado noutro papel e em parte fixado à planta da povoação. *Quarta Carta* (Estampa 595 B) — *ILHA DE SANTA MARIA*, 408 × 546 mm. *Quinta Carta* (Estampa 596 B) — *Fortaleza que se faz na ilha de São Miguel Na cidade da Ponta delgada*, 430 × 650 mm. Os dois pisos superiores da fortaleza são representados por meio de dois desenhos recortados e movíveis. *Sexta Carta* (Estampa 596 C) — *YLHEO DE VILA FRANCA NA ILHA DE SÃO MIGUEL*, 270 × 373 mm. *Sétima Carta* (Estampa 597 A) — *ILHA TERCEIRA*, 406 × 546 mm. *Oitava Carta* (Estampa 596 A) — *CHOROGRAPHIA DE TODA A ILHA DE SAM IORIE*, 540 × 1255 mm. *Nona Carta* (Estampa 597 B) — *ILHA GRACIOSA*, 405 × 548 mm. *Décima Carta* (Estampa 598 A) — *ILHA DO FAYAL*, 405 × 548 mm. *Décima primeira Carta* (Estampa 598 B) — *A ILHA DO PICO*, 405 × 548 mm.

Comparando as cartas das ilhas do Açores deste atlas com as de Luís Teixeira de 1587 (Vol. III, Estampas 357-359), verifica-se que o seu traçado é muito mais perfeito do que o das últimas. A segunda carta, por sua vez, revela um contorno da ilha da Madeira bastante mais correcto do que o da carta de Bartolomeu João, de 1654, pelo que se nos afigura que o atlas do Rio de Janeiro não pode ser anterior a meados do século XVII. O seu autor devia ser um engenheiro, como o revela o projecto de fortificação no Funchal (o qual não teve execução) e o projecto de fortificação em Ponta Delgada. O título deste indica que na altura de execução do atlas se procedia à obra da fortaleza, facto que aparentemente parece facilitar a determinação da data do atlas — mas por esta via não pudemos chegar a conclusão alguma. A existência de uma pequena caldeira junto da fortificação sugere que se trata da fortaleza de S. Brás, a qual foi, porém, construída em meados do século XVI; trata-se, por isso, possivelmente, de obras posteriores levadas a cabo na fortaleza, mas nada de concreto pudemos averiguar.

Nestas circunstâncias, apenas podemos dizer que o atlas deve ser da segunda metade do século XVII, não sendo aliás impossível que date mesmo de começos do século XVIII. É natural, porém, que um exame cuidadoso feito pelos historiadores da ilhas, permita apurar elementos que levem a datar o atlas com aproximação bastante maior.

ANONYMOUS, ATLAS OF THE ISLANDS OF THE AZORES AND MADEIRA, ELEVEN MAPS, SECOND HALF OF THE XVII CENTURY (?)

PLATES 594-598

In the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, classmark «CAM-4, 2», is an interesting atlas, anonymous and undated, containing eleven manuscript maps in colour, drawn on paper, of various dimensions:

First Map (Plate 595 A) — Plan of Vila do Conde, 705 × 854 mm. *Second Map* (Plate 594 A) — «Cosmography of the whole Island of Madeira», 410 × 544 mm. *Third Map* (Plate 594 B) — «City of Funchal», 655 × 930 mm. At the right is drawn a projected fortification, on another slip of paper cut out and partly attached to the plan of the town. *Fourth Map* (Plate 595 B) — «Island of Santa Maria», 408 × 546 mm. *Fifth Map* (Plate 596 B) — «Fortress which is being built on the Island of São Miguel in the city of Ponta Delgada», 430 × 650 mm. The two upper platforms of the fortress are represented by two drawings cut out and movable. *Sixth Map* (Plate 596 C) — «Islet of Vila Franca at the Island of São Miguel», 270 × 373 mm. *Seventh Map* (Plate 597 A) — «Island of Terceira», 406 × 546 mm. *Eighth Map* (Plate 596 A) — «CHOROGRAPHY OF THE WHOLE ISLAND OF SÃO JORGE», 540 × 1255 mm. *Ninth Map* (Plate 597 B) — «ISLAND OF GRACIOSA», 405 × 548 mm. *Tenth Map* (Plate 598 A) — «ISLAND OF FAYAL», 405 × 548 mm. *Eleventh Map* (Plate 598 B) — «THE ISLAND OF PICO», 405 × 548 mm.

Comparison of the maps of the Azores in this atlas with those of 1587 by Luís Teixeira (Vol. III, Plates 357-359) shows that their drawing is much more mature than that of the latter. The second map, again, reveals an outline of the island of Madeira somewhat more correct than that in Bartolomeu João's map of 1654, so that the Rio do Janeiro atlas cannot (we suppose) be earlier than the middle of the XVII century. That its author must have been an engineer is indicated by the fortification project for Funchal (which was never carried out) and the fortification project for Ponta Delgada. The title of the latter shows that at the time when the atlas was prepared the work on the fortress was in progress; this fact might appear to help in dating the atlas — but we cannot reach any conclusion from it. The existence of a small inlet near the fortification suggests that the fortress in question is that of S. Brás, which was, however, built in the middle of the XVI century; it may be therefore that these are later works carried out on the fortress, but we cannot be positive.

In the circumstances, we can only say that the atlas must be of the second half of the XVII century, while it is even not impossible that it is of the early XVIII century. Careful examination by historians of the islands might of course elicit evidence enabling us to date the atlas somewhat more precisely.

CARTAS DO BRASIL

ANÓNIMO, CARTA DO PARÁ E MARANHÃO, C. 1620

ESTAMPA 601 A

No Algemeen Rijksarchief, Haia, com a cota «Buitenl. Kaarten Inv. nr. 684», encontra-se uma carta manuscrita, traçada em papel, 401 × 530 mm, sem indicação de autor ou data. Representa a costa norte do Brasil, desde o Cabo do Norte até ao Rio Pereia, estando cortada do lado direito. Embora a letra revele que foi traçada por um holandês, o desenho e a nomenclatura (toda em português, com raros espanholismos) mostram que foi copiada de uma carta portuguesa. No interior do *Rio Tapoucuru* vê-se a legenda *Aqui chegaron los Fra ... en canoas*, claramente relacionada com a presença anterior dos franceses no Maranhão. Indica já o forte do Pará, pelo que não pode ser anterior a 1616, e traz os fortes holandeses de Nassau e Maturu, no delta amazónico, os quais foram tomados e destruídos pelos portugueses em 1623. O desenho deste delta é claramente anterior à carta de António Vicente Cochado de 1623 (Estampa 599), semelhante ao que vem na carta geral do Brasil do atlas de João Teixeira I de c. 1626 (Estampa 446), e tem afinidades com o da carta geral do Brasil do atlas de 1627 (Estampa 453), do mesmo cartógrafo. Nos atlas de 1630, 1631 e c. 1632, João Teixeira utiliza já a nova carta de Cochado com alguns acrescentamentos.

O interesse principal da carta anónima reside, assim, no facto de nos fornecer a representação portuguesa do delta amazónico anteriormente à carta de 1623 de Cochado. O original português de onde copiou o anónimo holandês devia, como se conclue do exposto, datar de c. 1620. É interessante

MAPS OF BRAZIL

ANONYMOUS, MAP OF PARÁ AND MARANHÃO, C. 1620

PLATE 601 A

In the Algemeen Rijksarchief, The Hague, classmark «Buitenl. Kaarten Inv. nr. 684», is a manuscript map, drawn on paper, 401 × 530 mm, without indication of author or date. It represents the north coast of Brazil, from Cabo do Norte to the Rio Pereia, and is cropped along the right-hand edge. Although the lettering shows that it was drawn by a Dutch hand, the design and the nomenclature (entirely in Portuguese, with rare hispaniolisms) reveal it to be a copy of a Portuguese map. In the interior of *Rio Tapoucuru* is the legend «Here the *Fra* ... came in boats», which clearly refers to the earlier presence of the French in Maranhão. The fort of Pará already appears, so that the map cannot be earlier than 1616; and it shows in the Amazon delta the Dutch forts of Nassau and Maturu, which were taken and destroyed by the Portuguese in 1623. The drawing of the delta is plainly earlier than the map of 1623 by António Vicente Cochado (Plate 599); it is similar to that of the general map of Brasil in João Teixeira I's atlas of c. 1626 (Plate 446) and has affinities with that of the general map of Brazil in the 1627 atlas (Plate 453) by the same cartographer. In his atlases of 1630, 1631 and c. 1632 João Teixeira used Cochado's new maps with some additions.

Thus the anonymous map owes its chief interest to the fact that it embodies the Portuguese representation of the Amazon delta before Cochado's map of 1623. The Portuguese original from which the anonymous Dutchman made the copy must, as we have shown, date from c. 1620. It is interesting

registar que a parte interior do delta ainda é figurada de forma semelhante à da carta de c. 1620 em obras holandesas muito posteriores, como sucede com o atlas de Vingboons, na Biblioteca Apostolica Vaticana.

ANTÓNIO VICENTE COCHADO, CARTA DO DELTA DO AMAZONAS, EM DUAS FOLHAS, 1623

ESTAMPA 599

Esta interessante obra, que pertenceu à biblioteca particular do Imperador D. Pedro II, encontra-se na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, onde tem a cota «CAM-1, 2, 22». Em duas folhas de papel, 47 × 61 cm cada, manuscrita e colorida, representa o delta amazónico. Cada uma das folhas tem o título *DESCRIPÇÃO DOS RIOS PARA CVRVPA E AMAZONAS DISCVBERTO E SONDADO POR MANDADO DE SVA MAG.^{DE} POR ANTONIO VICENTE PATRAO DE PERNAMBVCO,* lendo-se, na mais setentrional, a *PARTE PRIMEIRA* e, na mais meridional, a *PARTE SIGVNDA.* São ambas graduadas em latitudes, e contém numerosas sondas, não tendo qualquer data.

António Vicente Cochado é pela primeira vez referido a propósito dos trabalhos de hidrografia da região entre a Ponta de Corumbabe e o Rio das Caravelas, os quais, por ordem do governador D. Diogo de Meneses, realizou com o piloto Valério Fernandes, em 1610, como vem registado na terceira carta do atlas do Brasil de c. 1616, de João Teixeira I. Em virtude de uma determinação então promulgada, foi examinado em Lisboa, em 1611, pelo cosmógrafo-mor Manuel de Figueiredo e pelos pilotos Manuel de Abreu e Jorge Vaz, sendo aprovado como mestre e piloto das carreiras das ilhas, Guiné, S. Tomé, Angola e Brasil (11). Pilotando a caravela *Nossa Senhora da Candelária,* tomou parte na expedição de Alexandre de Moura, que em 1615 partiu à conquista do Maranhão. No final desse mesmo ano, seguiu do Maranhão, como piloto-mor, na expedição de Francisco Caldeira de Castelo Branco ao Pará, fundando-se então o forte do Presépio, origem da cidade de Belém. Em Março de 1616, com os capitães André Pereira e António Fonseca, partiu do Pará directamente para Lisboa, levando a notícia da nova conquista. De Lisboa voltou duas vezes ao Pará, em expedições levando reforços para a guarnição, sendo para esse efeito nomeado piloto-mor em 1617 (12). Nestas expedições procedeu à sondagem do Rio Pará, e de volta ao Reino, fez-se ao mar por três vezes como piloto da Armada da Costa. Como recompensa destes serviços, por alvará de 27 de Junho de 1620 foi-lhe feita a mercê, por três anos, do ofício de patrão-mor e juíz dos calafates de Pernambuco (13). Em 1623, acompanhou Luís Aranha de Vasconcelos, como piloto, na expedição ao Amazonas, no decurso da qual foram tomadas e destruídas as fortalezas holandesas de Maturu e Nassau e afundada uma nau inglesa. Estes serviços renderam-lhe a mercê de continuar por mais tempo a exercer as funções de patrão-mor e juiz dos calafates de Pernambuco, concedida por alvará de 12 de Dezembro de 1624 (14). De um documento de 1653, em que é estabelecida uma mercê à viúva, deduz-se que Cochado já havia então falecido (15).

Da expedição de 1623 ao Amazonas há um relato de Luís Aranha de Vasconcelos, no qual fala em António Vicente (16). Este mesmo escreveu um interessante relato, intitulado *Relação que fas Antonio Vicente Cochado do descobrimento do Rio das Amazonas, e Cabo do Norte, que foy fazer por ordem de V. Mad.^{de}* (17). Nele se refere aos seus trabalhos e ao «mapa que apresento a V. Maj.^{de}», no qual «verá V. Maj.^{de} a altura dos rios e baixos deles, e aonde estavam situados [*os inimigos*], e o porto de Çapanoa e o cabo do norte». No documento de 1653 atrás referido, fala-se também expressamente de ter trazido «daquellas paragens, entradas e portos

(11) Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Filipe II,* L.º 29, fl. 265, publicado por Frazão de Vasconcelos, *Trabalhos dos Portugueses no Amazonas no século XVII,* in *Boletim Geral do Ultramar,* n.º 382, p. 77. Lisboa Abril 1957. Diz o documento que Cochado era vizinho de Peniche. No ano anterior, fora aprovado, também como mestre e piloto das mesmas carreiras, um outro António Vicente, vizinho de Sesimbra (ibidem, L.º 26, fl. 155v), segundo refere Frazão de Vasconcelos, *Cosmógrafos, cartógrafos, pilotos, e construtores navais dos séculos XVI e XVII,* in *Arquivo Histórico da Marinha,* Vol. I, p. 145, Lisboa 1933 (a parte respeitante a Cochado vem depois repetida no livro *Pilotos das navegações portuguesas dos séculos XVI e XVII,* do mesmo autor, a pp. 16-18, Lisboa 1942).

(12) Alvará de 17 de Janeiro de 1617, Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Filipe II,* Livro 36, fl. 130v. publicado por Frazão de Vasconcelos, *loc. cit.* no final da nota anterior.

(13) O alvará foi publicado por Manuel Barata, *A jornada de Francisco Caldeira de Castello Branco,* pp. 31-33. Rio de Janeiro 1904.

(14) Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Filipe III, Doações,* L.º 11, fl. 237, publicado por Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portugueses nos Seculos XVI e XVII,* Vol. I, p. 72, Lisboa 1898, e Manuel Barata, *op. cit.* na nota anterior, p. 33.

(15) Publicado por Frazão de Vasconcelos, *op. cit.* no final da nota 11, p. 146 e p. 17.

(16) Publicado por Frazão de Vasconcelos, *Contribuição dos portugueses para o conhecimento do Amazonas no século XVII,* in *Boletim Geral do Ultramar,* n.º 308, pp. 58-61. Lisboa Fevereiro 1951.

(17) Publicado por Frazão de Vasconcelos, *Trabalhos dos portugueses no Amazonas no século XVII,* in *Boletim Geral do Ultramar,* n.º 382, pp. 79-86. Lisboa Abril 1957. O documento encontra-se no Arquivo de Simancas, e tem a assinatura autógrafa de Cochado.

to note that the inland part of the delta is depicted in a form similar to that of the map of c. 1620 in much later Dutch works, as in the Vingboons atlas in the Biblioteca Apostolica Vaticana.

ANTÓNIO VICENTE COCHADO, MAP OF THE AMAZON DELTA, IN TWO SHEETS, 1623

PLATE 599

This interesting work, which belonged to the private library of the Emperor Pedro II, is in the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, with the classmark «CAM-1, 2, 22». It is drawn and coloured on two sheets of paper, each 47 × 61 cm, and represents the Amazon delta. Each sheet has the title «DESCRIPTION OF THE RIVERS PARÁ, CURUPA AND AMAZON DISCOVERED AND SOUNDED BY HIS MAJESTY'S ORDER, BY ANTÓNIO VICENTE *PATRÃO* OF PERNAMBUCO», the more northerly sheet is inscribed «FIRST PART», and the more southerly «SECOND PART». Both are graduated in latitude and have numerous soundings; neither is dated.

António Vicente Cochado is first referred to in connection with the hydrographic work carried out in 1610 in the region between Ponta de Corumbabe and the Rio das Caravelas, by order of the governor D. Diogo de Menezes, with the pilot Valério Fernandes, as recorded in the third map of the atlas of Brazil by João Teixeira I, c. 1616. In accordance with a decision then taken, Cochado was examined in Lisbon in 1611 by the cosmographer-major Manuel de Figueiredo and by the pilots Manuel de Abreu and Jorge Vaz, and he was approved as master and pilot of the *carreiras* of the islands, Guinea, S. Tomé, Angola and Brazil (11). As pilot of the caravel *Nossa Senhora da Candelária* he took part in the expedition of Alexandre de Moura, which left in 1615 for the conquest of Maranhão. At the end of the same year he went as pilot-major in the expedition of Francisco Caldeira de Castelo Branco, from Maranhão to Pará, and established the fort of Presépio, the forerunner of the city of Belém. In March 1616, with Captains André Pereira and António Fonseca, he sailed from Pará direct to Lisbon with the news of the fresh conquest. From Lisbon he returned twice to Pará, in expeditions taking reinforcements for the garrison, and in 1617 he was appointed pilot-major for this purpose (12). On these expeditions he undertook the sounding of the Rio Pará, and on his return to Portugal he accompanied the *Armada da Costa* three times as pilot. As a reward for these services, a decree of 27 June 1620 granted him for three years, the salary of the office of *patrão-mor* and judge of shipwrights of Pernambuco (13). In 1623 he went as pilot in the expedition of Luís Aranha de Vasconcelos, in the course of which the Dutch fortresses of Maturu and Nassau were taken and an English ship was sunk. These services brought him, as reward, an extension of his term of office as *patrão-mor* and judge of shipwrights of Pernambuco, granted by decree of 12 December 1624 (14). A document of 1653, in which a grant to his widow is made, implies that by this date Cochado was dead (15).

Of the 1623 expedition to the Amazon we have a report by Luís Aranha de Vasconcelos, in which he speaks of António Vicente (16). To the latter is due an interesting report entitled «Relation made by António Vicente Cochado of the discovery of the River Amazon and Cabo do Norte, which was made by order of His Majesty» (17). It refers to his labours and to the «map which I present to Your Majesty», in which «Your Majesty will see the height of the rivers and their shoals, and where [the enemy] lay, and the port of Çapanoa and Cabo do Norte». In the document of 1653 cited above, Cochado is also expressly stated to have drawn «a map of those

(11) Arquivo Nacional da Torre de Tombo, *Chancelaria de D. Filipe II,* L.º 29, fl. 265, published by Frazão de Vasconcelos, *Trabalhos dos Portugueses no Amazonas no século XVII,* in *Boletim Geral do Ultramar,* n.º 382, p. 77. Lisboa April 1957. This document states that Cochado was a native of Peniche. In the year before, another António Vicente, native of Sesimbra, was likewise appointed master and pilot of the same *carreiras* (ibidem, Lº 26, fl. 155v), according to Frazão de Vasconcelos, *Cosmógrafos, cartógrafos, pilotos e construtores navais dos séculos XVI e XVII,* in *Arquivo Histórico da Marinha,* Vol. I, p. 145, Lisboa 1933 (the part relating to Cochado is repeated in the book *Pilotos das navegações portuguesas dos séculos XVI e XVII,* by the same author, pp. 16-18, Lisboa 1942).

(12) Decree of 17 January 1617, Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Filipe II,* Livro 36, fl. 130v., published by Frazão de Vasconcelos, *loc. cit.* at the end of the preceding note.

(13) The decree was published by Manuel Barata, *A jornada de Francisco Caldeira de Castello Branco,* pp. 31-33. Rio de Janeiro 1904.

(14) Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Filipe III, Doações,* L.º 11, fl. 237, published by Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portugueses nos Seculos XVI e XVII,* Vol. I, p. 72, Lisboa 1898, and Manuel Barata, *op. cit.* in the preceding note, p. 33.

(15) Published by Frazão de Vasconcelos, *op. cit.* at the end of note 11, p. 146 and p. 17.

(16) Published by Frazão de Vasconcelos, *Contribuição dos portugueses para o conhecimento do Amazonas no século XVII,* in *Boletim Geral do Ultramar,* n.º 308, pp. 58-61. Lisboa February 1951.

(17) Published by Frazão de Vasconcelos, *Trabalhos dos portugueses no Amazonas no século XVII,* in *Boletim Geral do Ultramar,* n.º 382, pp. 79-86. Lisboa April 1957. The document is in the Archivo de Simancas and has the holograph signature of Cochado.

[*do Amazonas*] hum mapa uinoso q levou a Madrid por ser pesoa de grande expiriençia e pratica na nauegação».

Nos atlas de João Teixeira I, de 1630 (Estampa 471 A) e 1631 (Estampa 481 D), vêm cartas do delta amazónico com um traçado e nomenclatura semelhantes aos da carta, em duas folhas, que estamos analisando, e tendo ambas também precisamente o mesmo título (*Descripção dos Rios Pará, Corvpa e Amazonas descvberto e sõdado por mandado de Sva Magestade por Antonio Vicente Patrão de Pernãobuco*). No atlas do mesmo autor de c. 1632 (Estampa 485 B), a mesma representação do delta amazónico é incluída na carta mais vasta intitulada *Descripção dos Rios Para e Maranhão*. Analisando estas cartas, Jaime Cortesão concluiu que elas contêm os resultados de várias acções no delta amazónico, e que as referências nelas feitas a Feliciano Coelho de Carvalho (que em 24 de Outubro de 1629 tomou o forte holandês na foz do Maracapucu), mostram serem os elementos utilizados por João Teixeira de fins de 1629 (18). Ora a carta em duas folhas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro não contém nenhuma das legendas relativas às acções de Feliciano Coelho de Carvalho (tomada de três fortes holandeses, extremo norte atingido) e à tomada dos dois fortes ingleses, pelo que deve ser anterior às cartas de João Teixeira, como salientou Jaime Cortesão. Da comparação entre ela e a *Relação* do próprio Cochado, verifica-se haver completa identidade: só tem os dois fortes de Maturu e Nassau então tomados aos holandeses, e estão assinalados, com sondas, os percursos nessa altura seguidos pelo piloto.

Resumindo, tudo faz crer que estamos perante a carta que o próprio Cochado traçou em 1623, ou sua cópia directa. Da comparação com a letra da *Relação* não pudemos extrair conclusão segura, pois, dada a cuidadosa caligrafia do texto desta última, suspeitamos que este tenha sido escrito por outrem, limitando-se Cochado a apôr a sua assinatura no final.

É de crer que António Vicente Cochado tenha utilizado outra ou outras cartas anteriores, que aperfeiçoaria, sobretudo nas zonas em que andou. Com efeito, a sua carta dá muitos pormenores de outras zonas, principalmente do fundo do estuário, e temos referência a outra carta anterior. No Museu Britânico, a fls. 41-3 do códice «Add. MS. 28461», vem uma *Declaração do que contem o mapa dos portos do Rio Amazonas ate a Ilha de Santa Margarida donde se pescao as Perolas*. No Museu Naval de Madrid, a fls. 21-24 do códice «Mss. n.º 188», vem um documento semelhante, tendo porém, a data de 1616, que falta naquele. Este último é uma cópia, de Navarrete, do códice 74 da antiga Biblioteca Real de Madrid, cujo paradeiro actual desconhecemos. Nenhum dos documentos citados traz o mapa, mas deles infere-se claramente que houve uma carta de 1616 com o Amazonas. Na cópia de Navarrete, a fls. 25-29, vem logo a seguir uma *Relazaom do que há no Grande Rio das Amazonas novamente descoberto. Anno de 1616*, por André Pereira, documento claramente relacionado com a expedição de Francisco Caldeira de Castelo Branco em que também tomou parte António Vicente Cochado. Seria a perdida carta de 1616 também da autoria deste? (19).

ANÓNIMO, ATLAS DO MARANHÃO COM TRÊS CARTAS, C. 1630

ESTAMPA 600 A, B, D

Este pequeno atlas pertence à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, tendo a cota «CAM-1-1 a, b, c». Compõe-se de três cartas, manuscritas e coloridas, traçadas em papel, 477 × 596 mm, com os seguintes títulos:

1a — *MARANHAÕ TABOA PRIMEIRA.* desde o Rio Jaguaribe à Cidade de S. Luís (Estampa 600 D).

1b — *MARANHAÕ TABOA SEGVNDA.* desde a Cidade de S. Luís à Cidade de Belém (Estampa 600 B).

1c — *MARANHAÕ TABOA TERCEIRA.* representando o delta do Amazonas (Estampa 600 A).

A última carta é de tipo diferente da de António Vicente Cochado, apresentando o delta uma forma rectangular, com dois rios, o *Grande Para* e o *Rio das Amazonas,* desembocando no *Lago Dorado.*

O atlas não tem autor nem data. O estilo e a letra indicam que o autor não é nenhum dos cartógrafos da época, de quem nos chegaram obras assinadas; notam-se no entanto algumas afinidades com o estilo de João

(18) Jaime Cortesão, *Curso de História da Cartografia,* Cap. 13 (mimeografado). Rio de Janeiro 1945.

(19) Deve no entanto notar-se que há duas cartas inglesas dessa época, representando precisamente a costa desde a ilha de Santa Margarida até ao delta do Amazonas, relacionadas com as viagens dos ingleses. Uma é de Gabriel Tatton, 1608 (?), com os resultados da exploração de Robert Harcourt (British Museum, Add. MS 34240 N). A outra, anónima, de 1618, tem no verso a indicação «Carta de navegacion q̃ Gualtero Rale dio a personas de su conserva para el viaje y navegan. q̃ haze al Rio Orinoco» (Archivo General de Simancas, IV-56). Pode assim pensar-se que talvez o mapa a que se refere a *Declaração* de 1616 fosse de origem inglesa.

lands, entries and ports [of the Amazon], which he took to Madrid, being a person of great experience and practice in navigation».

João Teixeira I's atlases of 1630 (Plate 471 A) and 1631 (Plate 481 D) include maps of the Amazon delta with drawing and nomenclature similar to those in the two-sheet map here described, and both with precisely the same title («Description of the Rivers Pará, Corupa and Amazon discovered and sounded, by His Majesty's order, by António Vicente, *patrão* of Pernambuco»). The atlas of c. 1632 by the same author (Plate 485 B) has the same representation of the Amazon delta forming part of a larger map entitled «Description of the Rivers Pará and Maranhão». In his discussion of these maps Jaime Cortesão came to the conclusion that they reflect the results of various actions in the Amazon delta and that the references in them to Feliciano Coelho de Carvalho (who on 24 October 1629 took the Dutch fort at the mouth of the Maracapucu) point to information used by João Teixeira at the end of 1629 (18). Now the two-sheet map in the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, contains none of the legends relating to the actions of Feliciano Coelho de Carvalho (the taking of three Dutch forts, the advance to the far north) and to the capture of two English forts, so that it must be earlier than João Teixeira's maps, as pointed out by Jaime Cortesão. Comparison of it with the «Relation» of Cochado himself reveals perfect concordance; it only shows the two forts of Maturu and Nassau taken at that time from the Dutch, and the courses followed by the pilot at this time are marked by soundings.

In short, everything suggests that we have here the map drawn by Cochado himself in 1623 or a direct copy of it. Comparison of its hand with that of the «Relation» leads to no definite conclusion, because the careful calligraphy of the latter arouses the suspicion that it was written by some other scribe, while Cochado merely added his signature at the end.

We may assume that António Vicente Cochado made use of an earlier map or earlier maps, improving them, especially in the areas visited by him. His map in fact gives many details of other areas, mainly at the head of the estuary, and we have a reference to an earlier map. In the British Museum, «Add. MS. 28461», ff. 41-43, is a «Declaration of the contents of the map of the ports of the River Amazon as far as the Island of Santa Margarita where they fish for pearls». In the Museo Naval, Madrid, codex «Mss. n.º 188», ff. 21-24, is a similar document with the date 1616 (which is wanting in the former). This is a copy, by Navarrete, of codex 74 of the old Biblioteca Real of Madrid, whose present location is unknown to us. None of the documents cited has the map, but they clearly indicate that there was a map of 1616 depicting the Amazon. In Navarrete's copy, ff. 25-29, there follows a «Relation of what there is in the Great River Amazon newly discovered. Anno 1616», by André Pereira; this is evidently connected with the expedition of Francisco Caldeira de Castelo Branco which António Vicente Cochado accompanied. Was the lost map also by him? (19).

ANONYMOUS, ATLAS OF MARANHÃO WITH THREE MAPS, C. 1630

PLATE 600 A, B, D

This little atlas is in the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, with the classmark «CAM-1-1 a, b, c». It comprises three manuscript maps drawn on paper and coloured, 477 × 596 mm, with the following titles:

1a — «MARANHÃO FIRST MAP», from the Rio Jaguaribe to the City of S. Luís (Plate 600 D).

1b — «MARANHÃO SECOND MAP», from the City of S. Luís to the City of Belém (Plate 600 B).

1c — «MARANHÃO THIRD MAP», representing the Amazon delta (Plate 600 A).

The last map is of a different type from that of António Vicente Cochado, giving the delta a rectangular form, with two rivers, the *Grande Para* and the *Rio das Amazonas,* debouching in *Lago Dorado.*

The atlas has no author's name or date. The style and writing suggest that it is not from the hand of any cartographer of the period by whom signed works have survived; we note however some affinities with the style of João

(18) Jaime Cortesão, *Curso de História da Cartografia,* Cap. 13 (mimeographed). Rio de Janeiro 1945.

(19) We must however note that two English maps of this period represent the very coast from the Island of Santa Margarita to the Amazon delta, in connection with the English voyages. One is by Gabriel Tatton, 1608 (?), with the results of Robert Harcourt's exploration (British Museum, Add. MS 34240 N). The other, of 1618, is anonymous and is inscribed on the back «Navigation chart which Gualtero Rale gave to persons of his household for the voyage and navigation to the River Orinoco» (Archivo General de Simancas, IV-56). It may therefore be conjectured that the map referred to in the «Declaration» of 1616 was perhaps of English origin.

Teixeira I. Jaime Cortesão, em nota que nos forneceu, considerou o atlas de c. 1626, sem porém indicar as razões. A comparação com os atlas do Brasil de João Teixeira I mostra que os de c. 1626 e 1627 têm um traçado menos perfeito que o do pequeno atlas de Maranhão, o de 1631 apresenta muitas semelhanças com este e o de 1640 revela vários progressos. À falta de outras indicações, consideramos por isso o presente atlas de c. 1630.

Na Bibliothèque Nationale de Paris, com a cota «Dépôt 165.3.5», há uma carta manuscrita, traçada em pergaminho, com a legenda *tiré sur loriginal par moy Mariochau le 23 Januier 1673.* Representa precisamente a mesma área contida nas tábuas primeira e segunda do atlas do Maranhão, e com elas tem notáveis afinidades, nomeadamente a figuração do caminho por terra entre o Maranhão e o Grão Pará, mas apresenta mais pormenores, melhor orientação da costa, e sondas. A nomenclatura está cheia de espanholismos, o que revela ter sido copiada de uma carta espanhola, a qual, por sua vez, devia provir de uma obra portuguesa mais moderna que o atlas do Maranhão de c. 1630, mas tendo afinidades com este.

Ainda na Bibliothèque Nationale de Paris, com a cota «Dépôt 165.3.7», há uma carta manuscrita, traçada em papel, com o título *Carte particvliere de la Coste dv Nord dv Bresil contenant depvis Vpanama jvsques a la Riuire des Amazones ov Rio del Gran Para auec tovtes les profondevrs & movillages* e a assinatura *Par le S. Lanbety,* sem data. É análoga à de Mariochau que acabámos de referir, e talvez dela tenha sido copiada.

ANÓNIMO, CARTA DO RIO AMAZONAS, 1637

ESTAMPA 600 C

No Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, com o n.º 245 do *Catálogo* de Castro e Almeida, existe uma carta manuscrita e colorida, traçada em papel, 215 × 285 mm, com um esboço do Rio Amazonas. Por baixo da carta há uma longa legenda, que a seguir se transcreve: *Este Rio cuia figura aqui vay começa pelas terraz do peru junto A sidade de quitto aonde se chama são francisco de quitto e corre ate entrar no mar na prouincia E gouerno do maranhão na Cappitania do pará aonde tem por nome o Rio daz amazonaz tem de comprimento linha direita 450 legoas e pelas uoltaz que faz deuem de ter de caminho perto de 800 legoaz E hymdo por elle arriba comecando donde Entra as terraz da Capitania do para 230 legoaz e por elle asima pondo çe En altura de sete graoz de banda do sul fiquarão norte sul com o serro de potosij e caminhando ao sul por terra 150 legoaz entrão no dito serro de potosy E yndo maiz pelo Rio arriba como couza de 330 legoaz pondo çe em altura de sinquo graoz fiquarão norte sul com a sidade de Cusco que Esta Distante do ditto Rio caminhando por terra ao sul 75 legoaz E indo pelo mesmo sul 130 legoaz se dara com a sida* [*de*] *De lima E a sidade de quito fiqua na cabeceira do Rio debaixo da linha e o ditto Rio corre da banda do sul da linha sempre a lo Este e as legoaz que contamoz pelo ditto Rio arriba se Entende sempre linha direita que as que tem pelas Voltaz que da se poderão julgar conforme ao caminho que forem fazendo por diaz E oraz que gastarem na dita uiagem feitto em são luiz do maranhão E de maio 22 de 1637 annoz.*

A carta estava anexa a um ofício do Governador do Pará, Jácome Raimundo de Noronha, datada de 29 de Maio de 1637, e junta a vários documentos relativos à chegada à foz do Amazonas de uma expedição em que tomaram parte o português Francisco Fernandes e os franciscanos espanhóis André de Toledo e Domingos de Brieva, saídos de Quito em 1636. Em 1637 uma grande expedição portuguesa, dirigida por Pedro Teixeira, subiu todo o rio a partir da foz, regressando ao ponto de partida em 1639 e tomando posse, para Portugal, da margem direita do Rio Napo. A carta que analisámos está assim relacionada com os preparativos de tal expedição (20).

ANÓNIMO, CARTA DO DELTA DO AMAZONAS, c. 1670

ESTAMPA 601 B

No volume IV, p. 131, ao tratarmos do atlas do Brasil de João Teixeira I de c. 1640, ocupámo-nos de duas cartas do delta amazónico existentes na Bibliothèque Nationale de Paris (Estampa 496 C e D), que foram aparentemente copiadas daquele atlas. Na mesma biblioteca, na colecção D'Anville, com a cota «Ge DD 2987, Port. 139, 9552» existe uma outra carta francesa, impressa em papel, 192 × 214 mm, com o título *EMBOUCHURE DE LA RIVIERE DES AMAZONES,* desprovida de assinatura e data e que não sabemos se é gravura solta ou se faz parte de alguma obra.

(20) A carta foi reproduzida na *História da Expansão Portuguesa no Mundo,* Vol. III, p. 130. Lisboa 1940.

Teixeira I. Jaime Cortesão, in a note which he gave us, thought the atlas to be of c. 1626, without indicating his reasons. Comparison with the atlases of Brazil by João Teixeira I shows that those of c. 1626 and 1627 are less correct in outline than the small atlas of Maranhão, that of 1631 has some similarities to it, and that of 1642 shows some advance on it. For want of other evidence, we therefore date the atlas c. 1630.

In the Bibliothèque Nationale, Paris, classmark «Dépôt 165.3.5», is a manuscript map, drawn on vellum, with the legend *tiré sur loriginal par moy Mariochau le 23 Januier 1673.* It depicts exactly the same area as the first and second maps of the Maranhão atlas and has conspicuous affinities with them, notably in the representation of the overland road between the Maranhão and the Grão Pará, but it is more detailed, the orientation of the coast is better, and it gives soundings. The nomenclature is full of hispaniolisms, showing that it was copied from a Spanish map, which in turn must have derived from a Portuguese original later than the Maranhão atlas of c. 1630 but having affinities with it.

Also in the Bibliothèque Nationale, Paris, classmark «Dépôt 165.3.7», is a manuscript map drawn on paper, with the title *Carte particvliere de la Coste dv Nord dv Bresil contenant depvis Vpanama jvsques a la Riuire des Amazones ov Rio del Gran Para auec tovtes les profondevrs & movillages* and the signature *Par le S. Lanbety,* but no date. It is similar to that of Mariochau to which we have just referred, and may have been copied from it.

ANONYMOUS, MAP OF THE RIVER AMAZON, 1637

PLATE 600 C

In the Arquivo Histórico Ultramarino, Lisbon, n.º 245 in the *Catálogo* of Castro e Almeida, is a manuscript map, drawn on paper and coloured, 215 × 285 mm, with a sketch of the River Amazon. Below the map is a long legend, reading: «This River, here figured, begins in the lands of Peru near the city of Quito, where it is called São Francisco de Quito, and it flows into the sea in the province and government of Maranhão, in the captaincy of Pará, where it is named the Rio das Amazonas. Its length in a straight line is *450* leagues, and by the turns which it makes its course must measure nearly *800* leagues. And beginning where it enters the lands of the captaincy of Pará, and going upstream for *230* leagues through them, in the latitude of seven degrees South, they lay north-south with the mountains of Potosí, and going to the south by land *150* leagues they enter the said mountains of Potosí. And going further upstream by the River *330* leagues, in the latitude of five degrees, they lay north-south with the city of Cuzco, which is distant from the said River by land *75* leagues to the south, and going south also for *130* you will come to the city of Lima. And the city of Quito lies at the head of the River below the Line, and the said River flows south of the Line always to the East, and the leagues which we count for the said River upstream, be it understood, are in a straight line and those which it makes with its turns may be estimated according to the road taken in days and hours spent on the said journey. Made in São Luís de Maranhão, the 22nd of May 1637».

The map was attached to a dispatch of the Governor of Pará, Jácome Raimundo de Noronha, dated 29 May 1637, together with several documents on the arrival at the mouth of the Amazon of an expedition in which were the Portuguese Francisco Fernandes and the Spanish Franciscans André de Toledo and Domingos de Brieva, who left Quito in 1636. In 1637 a strong Portuguese expedition, led by Pedro Teixeira, ascended the whole river from the mouth, returning to its starting point in 1639 and taking possession of the right bank of the Rio Napo for Portugal. The map here described is therefore connected with the preparations for this expedition (20).

ANONYMOUS, MAP OF THE AMAZON DELTA, c. 1670

PLATE 601 B

In Volume IV, p. 131, when discussing the atlas of Brazil, c. 1640, by João Teixeira I, we dealt with two maps of the Amazon delta preserved in the Bibliothèque Nationale, Paris (Plate 496 C and D), which were apparently copied from the atlas. In the Collection D'Anville, in the same library, classmark «Ge DD 2987, Port. 139, 9552», is another French map, printed on paper, 192 × 214 mm, with the title *EMBOUCHURE DE LA RIVIERE DES AMAZONES,* without signature or date; we cannot tell whether it was issued as a loose sheet or in a book. This map was undoubtedly copied from

(20) This map was reproduced in *História da Expansão Portuguesa no Mundo,* Vol. III, p. 130. Lisboa 1940.

Esta carta foi sem dúvida copiada de um original português, como o revelam o traçado, a nomenclatura e a legenda explicativa (com a característica palavra *cachoeïres*). Embora seja do mesmo tipo da do atlas de João Teixeira I, de 1640, apresenta mais marcadas afinidades com as cartas dos atlas do Brasil de João Teixeira Albernaz II (1666 a c. 1675), sobretudo na parte oriental do delta, pelo que consideramos que o original português de onde provém devia ser de c. 1670.

ANÓNIMOS, TRÊS CARTAS DE C. 1600, POST 1625 E C. 1675

No Museo Naval de Madrid, com a cota «Carpeta I», encontra-se um grupo de cinco cartas, vindas há poucos anos da Real Academia de la Historia, as quais estão cosidas entre si e devem ter sido assim reunidas desde longa data. Três dessas são portuguesas, e as duas restantes, embora os seus autores sejam holandeses, têm a nomenclatura em português. A existência destas cartas foi revelada por Julio Guillén, que estudou e reproduziu algumas delas. Passamos a descrevê-las pela ordem em que estão:

Primeira Carta, G. de Mere, 1617 — Manuscrita e colorida, traçada em papel, 430 × 1170 mm, representa o Estreito de Magalhães e tem o título *Fretum Magalanicvm Aº 1617* e a dedicatória *Hanc Freti Magvalanici descriptionem nouam. Illustriss.º Dño suo D. Ludouico de Sousa digniss.º Brasiliae prouinciae Gubernatori ac Praesidi maiori ciuitatis de Beya nec Dño de Beringel offert. G. de Mere*». Junto da representação de dois pinguins está a legenda em português *Pinguins sao passaros desta feicao,* sendo igualmente escrita em português toda a nomenclatura. Foi descrita e reproduzida por Julio Guillen (21).

Segunda Carta, Pedro de Letre, 1618 — Manuscrita, traçada à pena, em papel, 310 × 405 mm, representa a Terra do Fogo e o sul da Patagónia, com os estreitos de Magalhães e Le Maire. Na margem direita lê-se *graos e meos e quartos e terços todo feito por mao de p de Letre q passou todo o mar do sul,* e num desenho na Terra do Fogo há as iniciais *P d L* e o nome Pedro de Leetes. Este Pedro de Letre foi um artilheiro flamengo que tomou parte na expedição de Spilberg ao Pacífico (1614-17) e que em 1618 aparece ao serviço da Espanha, nos preparativos da expedição dos irmãos Nodal ao Estreito de Le Maire ou de S. Vicente. A carta de Pedro de Letre traz, sob forma gráfica, o *Regimento do Norte* e o *Regimento das Léguas,* sendo as suas legendas, bem como toda a nomenclatura, redigidas em português. Guillén, que estudou minuciosamente a carta e a reproduziu, mostrou que ela é uma cópia defeituosa da carta de Le Maire, publicada em 1618, considerando a inclusão daqueles Regimentos (o do Norte sem qualquer interesse para tão elevadas latitudes austrais) como uma manifestação dos esforços de Pedro de Letre para realçar os seus fracos méritos de piloto. Julga também que a nomenclatura e as legendas foram escritas por algum português a pedido do flamengo, e data a carta de começos de 1618 (22).

Como é sabido, foi a expedição de Schouten e Le Maire (1615-17) que descobriu o novo estreito ao sul da Terra do Fogo, encontrando-se os seus componentes com Spilberg em Batavia e regressando juntos à Holanda. Por isso, fora fácil a Pedro de Letre tomar conhecimento dos elementos respeitantes àquela descoberta.

Terceira Carta, Anónimo Português, c. 1600 (Estampa 601 D) — Manuscrita e colorida, traçada em papel, 275 × 302 mm, representa a parte da América meridional a sul do Trópico de Capricórnio. Foi analisada e reproduzida por Guillén, que a considerou de c. 1600 (23). Embora não indique a nacionalidade do seu autor, é evidente que este era português, como o revela o facto de a nomenclatura ser em parte portuguesa, nas regiões de descoberta e ocupação espanhola. A representação da Terra do Fogo sob a forma de muitas ilhas é claramente anterior às viagens de Schouten e Le Maire, e dos irmãos Nodal, e tem grandes afinidades com a que se vê na carta atlântica de Luís Teixeira de c. 1600 (Estampa 360).

Quarta Carta, Anónimo Português — António Correia Pinto (?), c. 1675 (Estampa 601 C) — Manuscrita e colorida, traçada em papel, 280 × 405 mm, representa a região S. Vicente — S. Paulo, no Brasil, não tendo indicação da data nem de autor. Foi reproduzida e estudada minuciosamente por Jaime Cortesão, cujas conclusões passamos a resumir (24).

(21) Julio F. Guillén y Tato, *Monumenta Chartographica Indiana,* I, pp. 73-4, estampa n.º 9. Madrid 1942.

(22) Julio Guillén, *Una carta inédita del estrecho de Le Maire, e identificación de otras dos anónimas del siglo XVII,* in *Revista de Indias,* n.º 1, pp. 35-46, Madrid 1940, e 1942, I, pp. 29-30 e estampa n.º 10.

(23) Julio Guillén, *Nuevos precedentes cartográficos de la Tierra del Fuego,* in *Revista de Indias,* n.º 2, pp. 80-82, Madrid 1940, e 1942, I, p. 7, Estampa n.º 8.

(24) Jaime Cortesão, *Um novo mapa histórico de S. Vicente e S. Paulo,* no jornal *O Estado de S. Paulo,* 9 de Junho de 1957.

a Portuguese original, as shown by the outline, the nomenclature and the explanatory legend (with the characteristic word *cachoeïres*). Although of the same type as that of the 1640 atlas by João Teixeira I, it has more marked affinities with the maps in the atlases of Brazil by João Teixeira Albernaz II (1666 to c. 1675), especially in the eastern part of the delta; and we therefore suppose the Portuguese original from which it derives to have been of c. 1670.

ANONYMOUS, THREE MAPS OF C. 1600, POST 1625 AND C. 1675

In the Museo Naval, Madrid, classmark «Carpeta I», is a group of five maps, which, transferred a few years ago from the Real Academia de la Historia, are sewn to one another and must have been brought together long ago. Three are Portuguese and the other two, although of Dutch authorship, have Portuguese nomenclature. These maps were brought to light by Julio Guillén, who has studied and reproduced some of them. We describe them in their present order:

First Map, G. de Mere, 1617 — Manuscript, drawn on paper and coloured, 430 × 1170 mm, representing the Strait of Magellan, with the title *Fretum Magalanicvm Aº 1617* and the dedication *Hanc Freti Magvalanici descriptionem nouam. Illustriss.º Dño suo D. Ludouico de Sousa digniss.º Brasiliae prouinciae Gubernatori ac Praesidi maiori ciuitatis de Beya nec Dño de Beringel offert. G. de Mere.* Near a drawing of two penguins is the legend, in Portuguese, «Penguins are birds of this fashion», while all the nomenclature is likewise in Portuguese. This has been described and reproduced by Julio Guillén (21).

Second Map, Pedro de Letre, 1618 — Manuscript, drawn in pen-and-ink on paper, 310 × 405 mm, representing Tierra del Fuego and southern Patagonia, with the Straits of Magellan and Le Maire. In the left-hand margin we read «degrees and halves and quarters and thirds all made by the hand of P. de Letre who sailed all the South Sea», and on a drawing of Tierra del Fuego are the initials P d L and the name Pedro de Leetes. This Pedro de Letre was a Flemish artilleryman who took part in Spilberg's expedition to the Pacific (1614-17) and in 1618 is found in Spanish service, engaged in the preparations for the expedition of the Nodal brothers to the Strait of Le Maire, or S. Vicente. The map of Pedro de Letre has, in graphic form, the Regiment of the North and the Regiment of Leagues, the legends of which, like the entire nomenclature, are in Portuguese. Guillén, who has made a detailed study of the map and has reproduced it, shows that it is an imperfect copy of the Le Maire chart published in 1618, and he supposes the inclusion of the two Regiments (that of the North has no relevance to such high southern latitudes) to represent efforts by Pedro de Letre to cover his ineptitude as a pilot. Guillén also considers the legends to have been written by some Portuguese at the request of the Fleming, and dates the map to the beginning of 1618 (22).

As is well known, the ships of the Schouten and Le Maire expedition (1615-17), after discovering the new strait to the south of Tierra del Fuego, encountered Spilberg at Batavia and returned with him to Holland. It would therefore have been easy for Pedro de Letre to obtain information about their discovery.

Third Map, Anonymous Portuguese, c. 1600 (Plate 601 D) — Manuscript, drawn on paper and coloured, 275 ×302 mm, representing the part of South America to the south of the Tropic of Capricorn. It has been described and reproduced by Guillén, who thought it of c. 1600 (23). Although the nationality of its author is not indicated, it is evident that he was Portuguese, as revealed by the fact that the nomenclature is partly in Portuguese, in the regions discovered and occupied by Spain. The representation of Tierra del Fuego in the form of many islands is clearly earlier than the voyages of Schouten and Le Maire and of the Nodal brothers, and has close affinities with Luís Teixeira's Atlantic chart of c. 1600 (Plate 360).

Fourth Map, Anonymous Portuguese — António Correia Pinto (?), c. 1675 (Plate 601 C) — Manuscript, drawn on paper and coloured, 280 × 405 mm, representing the region S. Vicente — S. Paulo, in Brazil, without indication of its date or author. It was reproduced and studied in minute detail by Jaime Cortesão, whose conclusions we shall now sum up (24).

(21) Julio F. Guillén y Tato, *Monumenta Chartographica Indiana,* I, pp. 73-4, plate n.º 9. Madrid 1942.

(22) Julio Guillén, *Una carta inédita del estrecho de Le Maire, e identificación de otras dos anónimas del siglo XVII,* in *Revista de Indias,* n.º 1, pp. 35-46, Madrid 1940, and 1942, I, pp. 29-30 and plate n.º 10.

(23) Julio Guillén, *Nuevos precedentes cartográficos de la Tierra del Fuego,* in *Revista de Indias,* n.º 2, pp. 80-82, Madrid 1940, and 1942, I, p. 7, Plate n.º 8.

(24) Jaime Cortesão, *Um novo mapa histórico de S. Vicente e S. Paulo*, in the newspaper *O Estado de S. Paulo,* 9 June 1957.

A representação das ilhas de S. Vicente e S. Amaro é mais perfeita do que a que se encontra nos atlas do Brasil de João Teixeira I (c. 1616 a 1642). A carta representa já a estrada entre o litoral e S. Paulo, atravessando a Serra do Mar e cortando três rios, com as respectivas pontes assinaladas. Ora esta estrada foi ordenada e dirigida por Salvador Correia de Sá, entre 1660 e 1661. Por outro lado, a povoação de S. Paulo ainda é designada como vila, sabendo-se que foi elevada a cidade em 1711. Nestas condições, a carta foi traçada entre 1661 e 1711. Comparando-a com a carta da mesma região no atlas do Brasil de João Teixeira Albernaz II, de 1666, verifica-se que esta é menos correcta, técnica e topogràficamente, e tem nomenclatura menos rica, pelo que a carta em Madrid deve ser posterior. Sabendo-se que o engenheiro Pedro Gomes Chaves esteve em 1710 em Santos para fazer a planta de uma nova fortaleza, Jaime Cortesão analisa a possibilidade de ter sido ele o autor daquela carta, mas o cotejo com a letra dos seus desenhos e correspondência leva a pôr de parte tal hipótese. Ora, em 1675, o engenheiro António Correia Pinto esteve em Santos, em trabalhos de reconhecimento da costa, para efeitos de navegação e fortificação, fazendo mapas. António Correia Pinto foi o engenheiro da Colónia do Sacramento, morrendo em 1681, quando os espanhóis atacaram a praça. Em face do exposto, Jaime Cortesão admite que António Correia Pinto possa ter sido o autor da carta, agora em Madrid, a qual teria caído em poder dos espanhóis quando da sua morte.

Na Österreichische Nationalbibliothek, Viena, existe uma planta da Praça de Beja — do que não soube J. Cortesão — com a assinatura de António Correia Pinto. A sua comparação com a carta da região S. Vicente--S. Paulo mostra que em ambas a letra é do mesmo tipo e bastante semelhante, embora não se possa afirmar em absoluto que provém do mesmo indivíduo. Continua, assim, de pé a hipótese apresentada por J. Cortesão.

Quinta Carta, Anónimo Português, post 1625 (Estampa 601 E) — Manuscrita e colorida, traçada em papel, 403 × 755 mm, tem o título *TERRA DO CABO FRIO*, sem autor nem data. Com abundante nomenclatura (incluindo muitas referências ao *Pao B.*, ao que julgamos *Pau Brasil*), em legenda da margem inferior está escrito *Estas foram as aldeias que teve o gentio neste cabo frio e foram todas sinquoenta e tantas cuios nomes senam poem por se nam saberem*. Junto do porto, lê-se *Pouasam, ... velho, forte nouo* e *enseada do forte*. Ora, de uma carta a El Rei de Constantino de Menelau, datada do Rio de Janeiro, 1 de Outubro de 1625, dando conta de como expulsara do Cabo Frio os ingleses que lá haviam ido colher pau-brasil, deduz-se que não havia então no local qualquer fortificação, e que foi nessa altura que vieram ordens da Europa no sentido de proceder à sua construção (25). A carta que analisámos não pode portanto ser anterior ao ano de 1625, mas não conseguimos apurar outros factos que permitam datá-la com mais precisão, pelo que nos limitamos a esta vaga indicação.

Ao cabo desta análise das cinco cartas que foram cozidas em conjunto, verifica-se que elas têm entre si dois pontos comuns: dizerem respeito à América do Sul e serem escritas em português. As duas que não são de autor português, representam o extremo sul do continente e são de data muito próxima. Ora se a primeira delas tem uma dedicatória a D. Luís de Sousa, que por essa época foi Governador do Brasil, a segunda também pode com facilidade ser relacionada com a mesma individualidade. Com efeito, numa resolução do Conselho da Fazenda de Portugal, de 30 de Janeiro de 1635, se trata de uma petição de *Pedro de Leter*, na qual diz que servia a Espanha desde há muitos anos e que fora «a prim.ª pessoa que dera notícia a V. Mag.ᵈᵉ do nouo estreito de Mayra». Para o explorar, partira de Lisboa em Dezembro de 1616 [*sic*], tendo por lá andado até Dezembro de 1619. Aquele Conselho, em informação, reconhece que a caravela em que seguiu o flamengo fora na realidade preparada em Portugal, e que por certidão de D. Luís de Sousa, Governador do Brasil, passada na Baía em 1 de Julho de 1619, Letre chegara aí quando os pilotos que haviam ido da Baía em duas caravelas [*certamente os irmãos Nodal*] tinham já voltado do estreito, pelo que aquele Governador mandou que Letre regressasse à Europa (26). Admite-se portanto fàcilmente, que a carta de Pedro de Letre viesse então às mãos de D. Luís de Sousa, e que fosse também por essa altura que o ignorado G. De Mere lhe oferecesse a carta datada de 1617; explicar-se-ia assim por que ambas estão redigidas em português. As cartas portuguesas de c. 1600 e post 1625 foram também possìvelmente coleccionadas por D. Luís de Sousa, mas a de c. 1675 teria sido adicionada mais tarde, ao grupo, por outrem. Já anteriormente, a pro-

(25) Publicada por Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portugueses nos Seculos XVI e XVII*, Vol. II, pp. 233-5. Lisboa 1900.

(26) Documento publicado por Frazão de Vasconcelos, *Cosmógrafos, cartógrafos, pilotos e construtores navais dos séculos XVI e XVII*, in *Arquivo Histórico da Marinha*, Vol. I, pp. 159-61. Lisboa 1933. Conclui-se deste documento que Letre não embarcou com os irmãos Nodal e seguiu numa expedição distinta que tinha o mesmo objectivo. A este respeito tem havido certa confusão; vide Júlio Guillén, primeira obra citada na nota 22, e W. A. Engelbrecht en P. J. van Herwerden, *De Ontdekkingsreis van Jacob le Maire en Willem Cornelisz. Schouten in de jaren 1615-1617*, Vol. II, pp. 120-2. 's-Gravenhage 1945.

The representation of S. Vicente and S. Amaro Islands is more accurate than that found in João Teixeira I's atlases of Brazil (c. 1616 to 1642). The map already shows the road between the coast and S. Paulo, crossing the Serra do Mar and cutting three rivers, marked with their respective bridges. Now, the making of this road was ordered and directed by Salvador Correia de Sá between 1660 and 1661. On the other hand, S. Paulo is still named as a town, and it is known that it was elevated to a city in 1711. In these circumstances, the map was drawn between 1661 and 1711. Comparing it with the map in João Teixeira Albernaz II's atlas of Brazil, of 1666, we can confirm that the latter is less accurate, technically and topographically, and has a less rich nomenclature, which shows that the chart in Madrid must be later. Knowing that the engineer Pedro Gomes Chaves was in 1710 in Santos to prepare a plan of a new fortress, Jaime Cortesão examined the possibility that he was the author of this map, but comparison with the handwriting of his drawings and correspondence disproves this hypothesis. Now, in 1675 the engineer António Correia Pinto was in Santos to carry out an examination of the coast for the purposes of navigation and fortification, making maps. António Correia Pinto was the engineer of the Colony of Sacramento, and he died in 1681 when the Spaniards attacked the fortress. In view of this, Jaime Cortesão admitted that António Correia Pinto might have been the author of the map now in Madrid and that the map might have fallen into Spanish hands on his death.

In the Österreichische Nationalbibliothek, Vienna, is a plan of the stronghold of Beja signed by António Correia Pinto; this was unknown to Jaime Cortesão. Comparison of it with the map of the S. Vicente — S. Paulo region shows that the writing of the two is of the same type and somewhat similar, although it cannot be categorically affirmed that they are by the same hand. Thus the hypothesis of J. Cortesão holds water.

Fifth Map, Anonymous Portuguese, post 1625 (Plate 601 E) — Manuscript, drawn on paper and coloured, 403 × × 755 mm, with the title «LAND OF CABO FRIO», unsigned and undated. The nomenclature is abundant (including many references to *Pao B.*, which we interpret as *Pau Brasil*), and a legend in the bottom margin reads «These were the settlements of the natives in this Cabo Frio and they were in all fifty, and a few others whose names are left out because they are not known». Near the port we read «Town», «... old», «new fort» and «harbour of the fort». Now, a letter from Constantino de Menelau to the King, dated from Rio de Janeiro, 1 October 1625, reporting on the expulsion, from Cabo Frio, of the English who had gone there to collect brazilwood, indicates that there was then no fortification in the locality and that only at this time did orders come from Europe to put it in hand (25). The map which we describe here cannot therefore be earlier than 1625, but we have been unable to find any evidence to date it more precisely, so that we confine ourselves to this vague indication of date.

At the end may of this study of the five maps sewn together, we see that they have two features in common: all relate to South America, and all are written in Portuguese. The two not of Portuguese authorship depict the extreme south of the continent and are near in date to one another. Now, while the first of them has a dedication to D. Luís de Sousa, then Governor of Brazil, the second can also be readily associated with him. In fact, a resolution of the Conselho da Fazenda of Portugal, dated 30 January 1635, deals with a petition by *Pedro de Leter*, who states in it that he served in Spain for many years and that he was «the first person who informed Your Majesty of the new strait of *Mayra*». To explore it, he had left Lisbon in December 1616 [*sic*] and was absent till December 1619. The Conselho, in his information, noted that the caravel in which the Fleming sailed was in reality prepared in Portugal and that by certificate of D. Luís de Sousa, Governor of Brazil, drawn up at Bahia on 1 July 1619, Letre arrived there when the pilots who had gone out in two caravels [certainly the Nodal brothers] had already returned from the strait, wherefore the Governor ordered Letre back to Europe (26). It is thus easy to see how Pedro de Letre's map then came into the hands of D. Luís de Sousa and how the unknown G. De Mere may at the same time have presented him with the map dated 1617; this would explain how both came to be written in Portuguese. The Portuguese maps of c. 1600 and of post 1625 were also perhaps collected by D. Luís de Sousa, but that of c. 1675 must have been added to the group later by someone else. In connection with the anonymous atlas of c. 1583 and the rutter-

(25) Published by Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portugueses nos Seculos XVI e XVII*, Vol. II, pp. 233-5. Lisboa 1900.

(26) Document published by Frazão de Vasconcelos, *Cosmógrafos, cartógrafos, pilotos e construtores navais dos séculos XVI e XVII*, in *Arquivo Histórico da Marinha*, Vol. I, pp. 159-61. Lisboa 1933. It follows from this document that Letre did not sail with the Nodal brothers but followed in another expedition having the same objective. In regard to this there has been some confusion; see Júlio Guillén, *op. cit.* in note 22, also W. A. Engelbrecht and P. J. van Herwerden, *De Ontdekkingsreis van Jacob le Maire en Willem Cornelisz. Schouten in de jaren 1615-1617*, Vol. II, pp. 120-2. 's-Gravenhage 1945.

pósito do atlas anónimo de c. 1583 e do atlas-roteiro do Brasil de Luís Teixeira de c. 1586 (Volume III, pp. 73-6), referimos a facilidade e rapidez com que os portugueses no Brasil tinham conhecimento das expedições espanholas ao Estreito de Magalhães e dos seus resultados; o facto que agora apontamos constitui mais um testemunho a somar àqueles.

BENTO MEALHAS, CARTA GRAVADA DA CIDADE DO SALVADOR NA BAÍA DE TODOS OS SANTOS, 1625

ESTAMPA 602 D

No livro do P.e Bartolomeu Guerreiro intitulado *Iornada dos Vassalos da Coroa de Portvgal, pera se recuperar a Cidade do Saluador, na Bahya de todos os Santos, tomada pollos Olandezes, a oito de Mayo de 1624. & recuperada ao primeiro de Mayo de 1625*, publicado em Lisboa em 1625, encontra-se, logo no começo, uma gravura, em papel, 188 × 260 mm, representando a Cidade do Salvador e a disposição das forças luso-espanholas que a retomaram aos Holandeses em 1625. Ao alto tem a legenda *PHILIPPO AVGVSTO LVSITANO MONARCHAE AFRICO AETHIOPICO ARABICO PERSICO INDICO BRASILICO FELICITAS ET GLORIA*, e no canto inferior esquerdo, a assinatura *Benedictus Mealius lusitan' faciebat*. Precede a gravura uma folha de texto contendo a explicação das letras que nela vêm.

Bento Mealhas é o gravador de várias estampas incluídas em dois livros impressos em Lisboa, também no mesmo ano de 1625 (27), mas ignoramos de que desenho se teria servido para executar a gravura da reconquista da Cidade do Salvador. É curioso no entanto notar que a sua figuração do arvoredo é muito parecida com a que se vê no *Perfil da Cidade do Salvador* de Cristóvão Álvares, 1638 (Estampa 603 A). No atlas do Brasil de João Teixeira I, datado de 1631, há também um *Planta da Restitvição da Bahia* (Estampa 478 B) que tem muitas afinidades com a gravura de Bento Mealhas, embora dela não provenha directamente.

CRISTÓVÃO ÁLVARES, PLANTA E PERFIL DO FORTE REAL, 1629

ESTAMPA 602 A e C

No Algemeen Rijksarchief, Haia, encontram-se os dois desenhos seguintes, manuscritos e coloridos, traçados em papel:

— Com a cota «Buitenl.-Kaarten Inv. nr. 2161», medindo 420 × 600 mm, a *Planta do Forte Real qve manda fazer Mathias de Albvqverqve Pera segurança do porto de pernãobuco, em dezembro de seis sentos e uinte e noue annos*. Por meio de um papel que se pode levantar, o desenho mostra a planta dos pisos superior e inferior do forte. No quadro explicativo vem a assinatura, *feito pelo Arquiteto Christouão Aluares*. Foi reproduzido por Joaquim de Sousa-Leão (28).

— Com a cota «Buitenl.-Kaarten Inv. nr. 2162», medindo 230 × 420 mm, o *Perfil do forte Real ... Christouão Aluares*, feito na mesma altura que a planta, como se deduz da legenda.

Cristóvão Álvares, filho de António Álvares, era natural da vila de Redondo. Referem-se a ele vários documentos de 1652, 1655, 1656, 1658 e 1661, publicados por Sousa Viterbo (29), deles se deduzindo que prestou relevantes serviços, como engenheiro e militar, em Pernambuco, na guerra contra os holandeses, de 1620 a 1654. Deve por estes ter sido aprisionado em 1635, e vários documentos holandeses falam dele (30); talvez este facto explique que todas as obras suas que nos chegaram se encontrem na Haia. Esteve preso em 1652 por motivos ignorados, sendo em 1656 mandado de novo ocupar o posto de engenheiro em Pernambuco; tinha então numerosos filhos e era pobre.

Além da planta e perfil do Forte Real, de 1629, atribuímos-lhe também a autoria da carta e do perfil que se seguem, de 1638.

(27) J. C. Rodrigues da Costa, *João Baptista, gravador português do século XVII (1628-1680)*, pp. 200-1. Lisboa 1925. A gravura da reconquista da Cidade do Salvador executada por Bento Mealhas tem sido reproduzida várias vezes. Visconde de Porto Seguro, *História Geral do Brasil*, Vol. I, Rio de Janeiro 1877; *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. III, p. 156, Lisboa 1940; P.e Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Vol. V, p. 66, Rio de Janeiro 1945; Luís Silveira, *Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, Vol. IV, p. 545, Lisboa [1956].

(28) *Salvador da Bahia de Todos os Santos — Iconografia seiscentista desconhecida*, Haia 1957 (as páginas não são numeradas).

(29) Sousa Viterbo, *Diccionario historico e documental dos architectos, engenheiros e construtores portuguezes ou a serviço de Portugal*, Vol. I, pp. 19-22. Lisboa 1899.

(30) José António Gonsalves de Mello, *Tempo dos Flamengos*, Rio de Janeiro 1947, p. 93, *apud* Joaquim de Sousa-Leão, *op. cit.*

-atlas of Brazil by Luís Teixeira, c. 1586 (Vol. III, pp. 73-6), we have had occasion to point out how easily and quickly the Portuguese in Brazil had information on the Spanish expeditions to the Strait of Magellan and on their results; the facts here cited provide further testimony to this effect.

BENTO MEALHAS, ENGRAVED MAP OF THE CITY OF SALVADOR IN THE BAY OF TODOS OS SANTOS, 1625

PLATE 602 D

The book of Fr Bartolomeu Guerreiro entitled *Iornada dos Vassalos da Coroa de Portvgal, pera se recuperar a Cidade do Saluador, na Bahya de todos os Santos, tomada pollos Olandezes, a oito de Mayo de 1624. & recuperada ao primeiro de Mayo de 1625*, published at Lisbon in 1625, contains, at the very beginning, an engraving on paper, 188 × 260 mm, representing the City of Salvador and the disposition of the Luso-Spanish forces which re-took it from the Dutch in 1625. At the top is the legend *PHILIPPO AVGVSTO LVSITANO MONARCHAE AFRICO AETHIOPICO ARABICO PERSICO INDICO BRASILICO FELICITAS ET GLORIA* and in the bottom left-hand corner the signature *Benedictus Mealius lusitan' faciebat*. The engraving is preceded by a page of text serving as a key to the letters in it.

Bento Mealhas engraved several plates included in two books also printed at Lisbon in the year 1625 (27), but we do not know what drawing he used for his engraving of the recapture of the City of Salvador. It is nonetheless curious to observe that his representation of trees is very similar to that in the «Profile of the City of Salvador» by Cristóvão Álvares, 1638 (Plate 603 A). The atlas of Brazil, dated 1631, by João Teixeira I, also has a «Plan of the Recovery of Bahia» (Plate 478 B) which has many affinities with the engraving by Bento Mealhas, although not directly derived from it.

CRISTÓVÃO ÁLVARES, PLAN AND PROFILE OF FORTE REAL, 1629

PLATES 602 A and C

In the Algemeen Rijksarchief, The Hague, are the two following drawings on paper, coloured:

— Classmark «Buitenl.-Kaarten Inv. nr. 2161», measuring 420 × 600 mm: «Plan of Forte Real, ordered by Mathias de Albuquerque to be made for the defence of the port of Pernambuco, in December in the year six hundred and twenty-nine». By the use of a hinged piece of paper, the drawing shows the upper and lower platforms of the fort. The explanatory table has the signature «made by the Architect Cristóvão Álvares». The drawing has been reproduced by Joaquim de Sousa-Leão (28).

— Classmark «Buitenl.-Kaarten Inv. nr. 2162», measuring 230 × 420 mm: «Profile of Forte Real ... Cristóvão Álvares», made at the same time as the plan, as shown by the legend.

Cristóvão Álvares, son of António Álvares, was a native of the town of Redondo. He is referred to in documents of 1652, 1655, 1656, 1658 and 1661, published by Sousa Viterbo (29); they show that he rendered service as an engineer and soldier at Pernambuco, during the war with the Dutch, from 1620 to 1654. He must have been taken prisoner in 1635, and several Dutch documents speak of him (30); this fact perhaps explains why all his known works are in The Hague. He was imprisoned in 1652, in unknown circumstances, and in 1656 he was once more appointed to the post of engineer at Pernambuco; at this time he had numerous sons and was poor.

Besides the plan and profile of Forte Real, drawn in 1629, we ascribe to him also the following map and profile, made in 1638.

(27) J. C. Rodrigues da Costa, *João Baptista, gravador português do século XVII (1628-1680)*, pp. 200-1. Lisboa 1925. The engraving of the recapture of the City of Salvador executed by Bento Mealhas has been reproduced several times: Visconde de Porto Seguro, *História Geral do Brasil*, Vol. I, Rio de Janeiro 1877; *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. III, p. 156, Lisboa 1940; P.e Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Vol. V, p. 66, Rio de Janeiro 1945; Luís Silveira, *Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, Vol. IV, p. 545, Lisboa [1956].

(28) *Salvador da Bahia de Todos os Santos — Iconografia seiscentista desconhecida*, Haia 1957 (the pages are not numbered).

(29) Sousa Viterbo, *Diccionario historico e documental dos architectos, engenheiros e constructores portuguezes ou a serviço de Portugal*, Vol. I, pp. 19-22. Lisboa 1899.

(30) José António Gonsalves de Mello, *Tempo dos Flamengos*, Rio de Janeiro 1947, p. 93, *apud* Joaquim de Sousa-Leão, *op. cit.*

ANÓNIMO — CRISTÓVÃO ÁLVARES (?), CARTA DE 1638

ESTAMPA 602 B

Também no Algemeen Rijksarchief, Haia, com a cota «Buitenl. Kaarten Inv. nr. 719», encontra-se uma carta manuscrita e colorida, traçada em papel, 377 × 738 mm, tendo ao alto o título [*Desen*]*ho da bahia de todos* [*os sa*]*nctos cõ a costa do mar ate a barra do cammamu 1638*, com um quadro explicativo dos números, ao lado. A margem superior está rasgada, tendo desaparecido parte do título e do quadro. É notória a semelhança da rosa-dos--ventos e da letra com a Planta do Forte Real, de 1629, de Cristóvão Álvares, o que nos leva a admitir que esta carta possa ser do mesmo autor; há no entanto certas diferenças de estilo que suscitam dúvidas quanto a tal atribuição.

Na Österreichische Nationalbibliothek, Viena, na Kartensammlung, com a cota «Atlas Stosch, Nr. 298/5», existe uma carta manuscrita e colorida, em papel, 430 × 735 mm, com o mesmo título, quadro análogo e igual desenho. É fácil de ver que se trata de uma cópia holandesa do presente original português agora na Haia, feita antes de este ter a margem superior rasgada.

ANÓNIMO — CRISTÓVÃO ÁLVARES, PERFIL DA CIDADE DO SALVADOR DA BAÍA DE TODOS OS SANTOS, 1638

ESTAMPA 603 A

Ainda no Algemeen Rijksarchief, Haia, com a cota «Buitenl. Kaarten Inv. nr. 2167», encontra-se um desenho, manuscrito e colorido, traçado em três folhas de papel ligadas, com o total de 28 × 120 cm, tendo ao alto o título *PERFIL DA ÇIDADE DO SALVADOR DA BAHIA DE TODOS OS SÃTOS Q̃ MOSTRA ALTVRA DO MAR A ELLA*, e do lado esquerdo um quadro explicativo; as letras do quadro não figuram no desenho, o que, com o facto de as árvores do lado direito não estarem coloridas, leva a concluir que a obra ficou por acabar.

Este desenho foi reproduzido por Sousa-Leão (31), que o estudou minuciosamente, mostrando o seu grande valor na iconografia da cidade. Dadas as semelhanças da letra e do desenho das molduras com a planta do Forte Real de 1629, chegou também o mesmo estudioso à conclusão de que o seu autor foi Cristóvão Álvares. O desenho não tem data, mas no catálogo do Rijksarchief vem indicado com a data de 1638, possìvelmente dada por P. A. Leupe, em face de elementos que desconhecemos e que talvez estivessem relacionados com a procedência da obra.

ANÓNIMO, PLANTA DA CIDADE DO SALVADOR, 1638

ESTAMPA 603 B

Igualmente no Algemeen Rijksarchief, Haia, junto com o desenho anterior e com a cota «Buitenl. Kaarten Inv. nr. 2166», encontra-se uma carta manuscrita e colorida, traçada em papel, 57 × 136 cm, representando a cidade do Salvador e imediações, sobretudo as fortificações militares. Na parte inferior, há três quadros explicativos, tendo apenas um deles o título *Desenho das forteficações e trincheiras q̃ se fizerão em deffença do immigo*. Não há qualquer assinatura nem data.

A planta está incompleta, faltando-lhe uma parte do lado esquerdo à qual se reporta o quadro explicativo da esquerda, como apontou Sousa--Leão (32), que reproduziu e estudou esta interessante obra, salientando o seu grande valor. Embora sem data, a planta está evidentemente relacionada com o cerco que os holandeses fizeram à Baía em 1638, no qual acabaram por ser repelidos. No catálogo do Rijksarchief é-lhe dada a data de 1638, talvez pelos mesmos motivos porque também foi datado de 1638 o perfil da cidade aí existente. A semelhança da letra dos quadros explicativos com a da planta de 1629, de Cristóvão Álvares, levaria a atribuir também esta obra ao mesmo autor. No entanto, na altura do cêrco da Baía ele estaria em poder dos holandeses, pelo que tal ideia se afigura menos viável.

(31) *Op. cit.* na nota 28.
(32) *Op. cit.* na nota 28.

ANONYMOUS — CRISTÓVÃO ÁLVARES (?), MAP OF 1638

PLATE 602 B

Also in the Algemeen Rijksarchief, The Hague, classmark «Buitenl. Kaarten Inv. nr. 719», is a manuscript map, drawn on paper and coloured, 377 × 738 mm; at the top is the title «[Drawing] of the Bay of Todos [os Sa]ntos with the sea-coast as far as the bar of Camamu, 1638», with an explanatory table of numbers at the side. The top edge is cropped, so that part of the title and table is lost. The wind rose and writing are plainly similar to those in the Plan of Forte Real of 1629 by Cristóvão Álvares, suggesting that this map is by the same author; but certain differences of style cast doubt on the attribution.

In the Kartensammlung of the Österreichische Nationalbibliothek, Vienna, classmark «Atlas Stosch, Nr. 298/5», is a manuscript map in colours, on paper, 430 × 735 mm, with the same title, similar table, and identical design. This is evidently a Dutch copy of the present Portuguese original, made before the latter had been cropped along the top.

ANONYMOUS — CRISTÓVÃO ÁLVARES, PROFILE OF THE CITY OF SALVADOR IN THE BAY OF TODOS OS SANTOS, 1638

PLATE 603 A

Also in the Algemeen Rijksarchief, The Hague, classmark «Buitenl. Kaarten Inv. nr. 2167», is a drawing in colours, on three sheets of paper, measuring overall 28 × 120 cm; at the top is the title «Profile of the city of Salvador in the Bay of Todos os Santos, showing the height above the sea there», and on the left is an explanatory table; the letters in the table are not in the drawing, which — together with the fact that the trees on the right are not coloured — indicates that the work remained unfinished.

This drawing has been reproduced by Sousa-Leão (31), who studied it in detail, showing its great significance for the iconography of the city. From the similarity of the writing and of the drawing of the frame with those in the 1629 plan of Forte Real, he concluded that the author was Cristóvão Álvares. The drawing is undated, but the Rijksarchief catalogue gives it the date of 1638, which may have been deduced by P. A. Leupe from evidence unknown to us and perhaps connected with the provenance of the work.

ANONYMOUS, PLAN OF THE CITY OF SALVADOR, 1638

PLATE 603 B

Also in the Algemeen Rijksarchief, The Hague, adjacent to the previous drawing, and with the classmark «Buitenl. Kaarten Inv. nr. 2166», is a manuscript map, drawn on paper and coloured, 57 × 136 cm, representing the city of Salvador and its environs, particularly the military fortifications. In the lower part are three explanatory tables, one only having a title: «Drawing of the fortifications and trenches made as a defence against the enemy». There is no signature or date.

The plan is incomplete, lacking part of the left-hand side to which the explanatory table on the left relates, as is pointed out by Sousa-Leão (32), who has reproduced and studied this interesting work, emphasizing its importance. Although undated, the plan is evidently connected with the Dutch siege of Bahia in 1638, in which they were repelled. The catalogue of the Rijksarchief ascribes it to 1638, perhaps for the same reasons as the date 1638 given to the profile of the city. The similarity of the writing in the explanatory tables to that of the 1629 plan by Cristóvão Álvares suggests that this work should be attributed to the same author. At the time of the siege of Bahia, however, he was in the hands of the Dutch, so that this attribution seems unlikely.

(31) *Op. cit.* in note 28.
(32) *Op. cit.* in note 28.

ANÓNIMO, CARTA DA ILHA DE ITAMARACÁ, c. 1635

ESTAMPA 604 D

Na Bibliothèque Nationale de Paris, com a cota «Ge D. 8085», encontra-se uma carta manuscrita, traçada à pena, em papel, 257 × 353 mm, com o título ILHA DE TAMARICA, a qual fàcilmente se verifica ser a cópia de um original português. A p. 42 do presente volume tivemos ocasião de apontar que o copista era um francês e era a mesma pessoa que copiou várias cartas do atlas de África de 1665 de João Teixeira Albernaz II.

A carta assinala, à entrada do porto, o *Forte do inimiguo*. Trata-se da fortaleza de Santa Cruz, construída pelos holandeses em 1631 e que esteve em seu poder até 1654. A carta original foi portanto traçada neste período. Na cópia do atlas do Brasil de 1640, de João Teixeira I, pertencente à Biblioteca da Ajuda existe uma carta da mesma área (Estampa 496 B) com maior riqueza de detalhes, o que sugere que o original donde foi copiada a carta em Paris era anterior. Por outro lado, o atlas do Brasil de 1631, do mesmo cartógrafo, contém também uma carta da ilha (Estampa 479 D) que, pelas legendas, parece ser anterior ao original de onde provém a de Paris. Consideramos este, por isso, de c. 1635.

PHILIPPE GUITTAU, CARTA DA BAÍA DE TODOS OS SANTOS, 1647

ESTAMPA 604 B

Na Bibliothèque Nationale de Paris, com a cota «Dépôt, 166.6.4 D», existe uma carta manuscrita e colorida, traçada em papel, 288 × 417 mm, com o título *Plan de la Bahie de tous les Saincts* e a assinatura *faict Par Philippes Guittau Ingenieur françois estant au Seruice du Roy de Portugal. 1647.* Supomos tratar-se de uma cópia de qualquer carta portuguesa da época.

Philippe Guittau veio para Portugal em 1641, servindo nas fortificações de Cascais e Peniche. Em 15 de Outubro de 1647 foi nomeado para ir servir nas fortificações do Rio de Janeiro, regressando à metrópole em 1650, e aí continuava em 1653 (33).

ANÓNIMO — ELEODORO EBANO (?), CARTA DA BAÍA DE PARANAGUÁ, 1653

ESTAMPA 604 C

No Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, com o n.º 373 do *Catálogo* de Castro e Almeida, existe uma carta manuscrita e colorida, traçada em papel, 292 × 422 mm, representando a Baía de Paranaguá.

A carta não tem assinatura nem data, mas uma nota junta diz que foi remetida com uma carta do Governador da Capitania de São Paulo, datada da Vila da Conceição, em 20 de Maio de 1653. Não foi possível localizar novamente tal carta naquele Arquivo, mas Moysés Marcondes, após o estudo de vários documentos da época, pôde concluir que a carta da Baía de Paranaguá foi feita, ou mandada fazer, por Eleodoro Ebano, que havia sido enviado àquela região para examinar e administrar as minas de oiro que aí haviam sido descobertas (34).

Na Huntington Library and Art Gallery, San Marino, Califórnia, existe uma colecção de várias cartas impressas e manuscritas, encadernadas em vários volumes, a qual, pelo contexto, se deduz ter sido organizada por um francês. No volume intitulado *Ameriqve*, que tem a cota «Early Atlas 1631 LF 109496-W-C-M-8», encontram-se várias cartas manuscritas, aparentemente cópias de originais portugueses, feitas no século XVIII ou nos fins do século XVII, a avaliar pela letra:

Fólio 109r: *Demostracão da ilha e porto de São João de Lũa na costa de noua Espanha em altura de 19 graos.* Fólio 131r: *Demostração do porto da Hauaua na Ilha da cura em altura de 25 graos* e *Demostração do porto principal da Ilha de Jamahica em altura de 17 graos.* Fólio 142: *Porto do porto rico em altura de 18 graos e 1/2.* Fólio 183r: *Porto belo na prouincia a que chamão terra Firme em altura de 10 graos.* Fólio 187r: *Demostração do porto e da cida e forteficações de Cartagena na prouincia do Peru em altura de 10 graos e 2/3.* Fólio 191r: *Laguna Maracai na costa septentrional da prouincia do Peru.* Fólio 199r: *Estas ilhas Curasão e Bonaire estão em altura*

(33) Sobre este engenheiro, ver Sousa Viterbo, *Diccionario historico dos architectos, engenheiros e constructores portuguezes ou a serviço de Portugal*, Vol. I, pp. 474-6, Lisboa 1899, e Cristóvão Aires, *História Orgânica do Exército Português — Provas*, Vol. XIV, pp. 250-6, Coimbra 1926.

(34) Moysés Marcondes, *Documentos para a História do Paraná*, 1.ª série, pp. 154-65, Rio de Janeiro 1923, com a reprodução a cores da carta, que também é reproduzida na *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. III, p. 144, Lisboa 1940.

ANONYMOUS, MAP OF THE ISLAND OF ITAMARACÁ, c. 1635

PLATE 604 D

In the Bibliothèque Nationale, Paris, classmark «Ge D. 8085», is a manuscript map, drawn in pen-and-ink on paper, 257 × 353 mm, and entitled «Island of Itamaracá», which is plainly a copy of a Portuguese original. In the present volume, p. 42, we have had occasion to show that the copyist was French and the same person who copied several maps in the 1665 atlas of Africa by João Teixeira Albernaz II.

The map marks, at the entrance of the port, the «Fort of the enemy». This is the fortress of Santa Cruz, built by the Dutch in 1631, which remained in their possession until 1654. The original map was therefore drawn in this period. The copy of the 1640 atlas of Africa of João Teixeira I in the Biblioteca da Ajuda contains a map of the same area (Plate 496 B) with greater wealth of detail, suggesting that the original of the Paris map was earlier. On the other hand, the 1631 atlas of Brazil by the same cartographer also has a map of the island (Plate 479 D) which, to judge by the legends, seems to antedate the original of the Paris map. We therefore consider the latter to be of c. 1635.

PHILIPPE GUITTAU, MAP OF THE BAY OF TODOS OS SANTOS, 1647

PLATE 604 B

In the Bibliothèque Nationale, Paris, classmark «Dépôt, 166.6.4 D», is a manuscript map, drawn on paper and coloured, 288 × 417 mm, with the title *Plan de la Bahie de tous les Saincts* and the signature *faict Par Philippes Guittau Ingenieur françois estant au Seruice du Roy de Portugal. 1647.* We take this to be a copy of a Portuguese original of the time.

Philippe Guittau came to Portugal in 1641, serving on the fortification of Cascais and Peniche. On 15 October 1647 he was appointed to work on the fortifications of Rio de Janeiro, returning to Portugal in 1650, and he continued there in 1653 (33).

ANONYMOUS — ELEODORO EBANO (?), MAP OF THE BAY OF PARANAGUÁ, 1653

PLATE 604 C

In the Arquivo Histórico Ultramarino, Lisbon, n.º 373 in the *Catálogo* of Castro e Almeida, is a manuscript map, drawn on paper and coloured, 292 × 422 mm, representing the Bay of Paranaguá.

The map has neither signature nor date, but a note attached states that it was sent with a letter from the Governor of the Captaincy of São Paulo, dated from Vila da Conceição, 20 May 1653. We have not been able to identify this letter in the Arquivo, but Moysés Marcondes concluded, from his study of various contemporary documents, that the map of the Bay of Paranaguá was made, or commissioned, by Eleodoro Ebano, who had been sent to the district to inspect and administer the gold mines which had been discovered there (34).

The Huntington Library and Art Gallery, San Marino, California, possesses a collection of printed and manuscript maps, bound in several volumes, which, from their context, may be assumed to have been brought together by a Frenchman. In the volume entitled *Ameriqve* (classmark «Early Atlas 1631 LF 109496-W-C-M-8») are some manuscript maps, apparently copies from Portuguese originals, made in the XVIII century, or at the end of the XVII century, to judge from the handwriting:

Folio 109r: «Delineation of the island and port of San Juan d'Ulua on the coast of New Spain in 19 degrees latitude». Folio 131r: «Delineation of the port of Havana in the Island of Cuba in 25 degrees latitude» and «Delineation of the principal port of the Island of Jamaica in 17 degrees latitude». Folio 142: «Port of Porto Rico in 18 1/2 degrees latitude». Folio 183r: «Portobello in the province called Terra Firme in 10 degrees latitude». Folio 187r: «Delineation of the port and city and fortifications of Cartagena in the province of Peru in 10 2/3 degrees latitude». Folio 191r: «Lagoon of Maracai on the north coast of the province of Peru». Folio 199r: «These

(33) On this engineer, see Sousa Viterbo, *Diccionario historico dos architectos, engenheiros e constructores portuguezes ou a serviço de Portugal*, Vol. 1, pp. 474-6, Lisboa 1899, and Cristóvão Aires, *História Orgânica do Exército Português — Provas*, Vol. XIV, pp. 250-6, Coimbra 1926.

(34) Moysés Marcondes, *Documentos para a História do Paraná*, 1.ª série, pp. 154-65, Rio de Janeiro 1923, with a coloured reproduction of the map, which is also reproduced in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. III, p. 144, Lisboa 1940.

de doze graos ao norte da prouincia de Cracas no Peru. Fólio 207: *Demostração da Ilha Margarita e salinas da ponta Daraia em altura de 10 a onze Graos.* Entre fólios 274 e 275: *Demostração da Costa que corre do Rio das Carauelas athe o Rio de Jan.ro*. Entre fólios 276 e 277: Baía de Paranaguá. Entre fólios 295 e 296: *Terres de St. Gabriel* (com excepção de mais outro nome, a restante nomenclatura é em português; porto da Colónia do Sacramento, com o desenho do perfil da fortaleza), *Fort de St. Gabriel* (legenda em francês, mas toda a nomenclatura em português correcto).

A carta da Baía de Paranaguá, entre fólios 276 e 277, com 48 × 75 cm, embora com certas diferenças de pormenor, é muito parecida com a carta que se encontra no Arquivo Histórico Ultramarino, e deve ter sido copiada de um original português feito pela mesma altura.

islands of Curaçao and Bonaire are in the latitude of twelve degrees in the north of the province of Caracas in Peru». Folio 207: «Delineation of the island of Margarita and salt marshes of Ponta de Araya in the latitude of 10 to eleven degrees». Between folios 274 and 275: «Delineation of the coast between the Rio das Caravelas and the Rio de Janeiro». Between folios 276 and 277: Bay of Paranaguá. Between folios 295 and 296: *Terres de St. Gabriel* (apart from this name, all the nomenclature is Portuguese; port of the Colony of Sacramento, with profile of the fortress), *Fort de St. Gabriel* (legend in French, nomenclature in Portuguese).

The map of the Bay of Paranaguá, between folios 276 and 277, measuring 48 × 75 cm, although differing slightly in detail, is very like the map in the Arquivo Histórico Ultramarino, and must have been copied from a Portuguese original of the same time.

ANÓNIMO, CARTA DO RIO DE JANEIRO, FINS DO SÉCULO XVII (?)

ESTAMPA 604 A

Na Bibliothèque Nationale de Paris, com a cota «Ge DD 2987 (9487-8)» existe uma carta traçada em duas folhas de papel, 485 × 670 mm no total. Desenhada quase inteiramente a lápis e colorida, tem nomenclatura portuguesa e é acompanhada de uma folha contendo a identificação dos lugares assinalados com letras na carta, em francês:

a — *Fort St. Sebastien;* b — *demie Lune;* c — *Colege des Jesuites;* d — *Eglise de la misericordie;* e — *Ancien fort de St. Yage;* f — *quay dessiné nouvellement;* g — *Magazin du Roy;* h — *Maison de la monnaye;* i — *Couvent de Carmes;* k — *trapiche de la ville;* l — *alfandega;* m — *maison du gouverneur;* n — *Couvent des benedictins;* o — *magasin de la joute;* p — *batterie;* q — *Fort de la Conception;* r — *Maison de l'eveque;* s — *muraille de la ville;* t — *Couvent de St. antoine;* v — *trapiche du tiers ordre;* x — *Isle de Cube avec ses fortifications;* z — *Bastion de St. antoine;* AA — *maison a poudre qu est au bout de l'isle de Cube auprès du Bastion St. Antoine.*

M. G. Deulin considerou a carta como sendo do século XVII e possivelmente de João Teixeira I (35). A atribuição a este cartógrafo não tem porém fundamento, dada a marcada diferença de estilo e letra. Embora o desenho seja grosseiro, o traçado das costas está bastante mais próximo da realidade do que o da carta do Rio de Janeiro de João Teixeira I datada de 1645, facto sugerindo que a carta em análise é bastante posterior. O seu traçado apresenta na realidade notáveis semelhanças com várias cartas, existentes na mesma biblioteca, exemplificativas do assalto de Duguay-Trouin ao Rio de Janeiro em 1711, em especial com a que tem a cota «Rés. Ge C 5056». Talvez um estudo cuidadoso da nomenclatura permita chegar a uma data com certa aproximação; de momento, afigura-se-nos que ela deve ser dos fins do século XVII, embora não seja impossível que date dos começos do século seguinte.

Na mesma biblioteca, com a cota «Ge DD 2987 (9525)», existe uma carta portuguesa, manuscrita e colorida, traçada em papel, 400 × 520 mm, representando a Ilha de Fernando Noronha. Deulin considerou-a da primeira metade do século XVII e atribuiu-a a João Teixeira I (36). O estilo e a letra revelam porém que se trata de uma obra do século XVIII. Aliás, além de se referir a uma fortaleza do tempo dos holandeses (1635-1654), fala-se também da *Igreja & Povoação que os Franceses fizerão,* o que mostra que a carta não pode ser anterior a 1737, ano em que os Franceses se instalaram na ilha.

ANONYMOUS, MAP OF RIO DE JANEIRO, END OF THE XVII CENTURY (?)

PLATE 604 A

In the Bibliothèque Nationale, Paris, classmark «Ge DD 2987 (9487-8)», is a map drawn on two sheets of paper, 485 × 670 mm overall. Drawn almost entirely in pencil and coloured, it has Portuguese nomenclature and is accompanied by a leaf identifying the places marked by letters on the map, in French:

a — *Fort St. Sebastien;* b — *demie Lune;* c — *Colege des Jesuites;* d — *Eglise de la misericordie;* e — *Ancien fort de St. Yage;* f — *quay dessiné nouvellement;* g — *Magazin du Roy;* h — *Maison de la monnaye;* i — *Couvent de Carmes;* k — *trapiche de la ville;* l — *alfandega;* m — *maison du gouverneur;* n — *Couvent des benedictins;* o — *magasin de la joute;* p — *batterie;* q — *Fort de la Conception;* r — *Maison de l'eveque;* s — *muraille de la ville;* t — *Couvent de St. antoine;* v — *trapiche du tiers ordre;* x — *Isle de Cube avec ses fortifications;* z — *Bastion de St. antoine;* AA — *maison a poudre qu est au bout de l'isle de Cube auprès du Bastion St. Antoine.*

M. G. Deulin considered the map to be of the XVII century and perhaps by João Teixeira I (35). The attribution to this cartographer is, however, unjustified, in view of the marked difference in style and writing. Although coarsely drawn, the outline of the coasts is somewhat nearer to reality than that in João Teixeira I's map of Rio de Janeiro dated 1645, suggesting a rather later date for the map here described. Its outlines have in fact conspicuous similarity to those in several maps in the same library illustrating the assault of Duguay-Trouin on Rio de Janeiro in 1711, especially that with classmark «Rés. Ge C 5056». A careful study of the nomenclature might perhaps arrive at a date with some approximation; for the present we suppose it to be of the end of the XVII century, though it is not impossible that it dates from the beginning of the next.

In the same library, classmark «Ge DD 2987 (9525)», is a manuscript Portuguese map, drawn on paper and coloured, 400 × 520 mm, representing the Island of Fernando Noronha. Deulin thought it of the first half of the XVII century and ascribed it to João Teixeira I (36). The style and writing however show it to be a work of the XVIII century. Moreover, besides referring to a fortress of the Dutch period (1635-1654), it also mentions the «Church and Town built by the French», which show that the map cannot be earlier than 1737, when the French established themselves on the island.

MANUEL GARCIA, PLANTA DO RIO DE JANEIRO, SÉCULO XVII

Este tosco esboço do Rio de Janeiro, traçado em papel, manuscrito, 325 × 330 mm, encontra-se no Algemeen Rijksarchief, Haia, onde tem a cota «Buitenl. Kaarten nr. 723». Na parte inferior vê-se a legenda *Rio de genero door Emmanuel Gracia.* Não identificámos este Manuel Garcia, que, pelo nome, devia ser um português. Deve tratar-se de um desenho obtido pelos holandeses no Brasil na primeira metade do século XVII.

No mesmo Arquivo, com a cota «Buitenl. Kaarten nr. 721», num diário de navegação holandês, encontra-se também um desenho do *Moro de S. Paulo* datado de Agosto 1630, traçado em papel, manuscrito, 210 × 305 mm. Tanto este como o anterior desenho foram referidos por Wieder, que os considerou portugueses (37).

(35) M. G. Deulin, *La Cartographie portugaise à la Bibliothèque Nationale de Paris,* in *Boletim Geral das Colónias,* n.º 180, pp. 61-2 (XXX). Lisboa Junho 1940.

(36) *Loc. cit.,* pp. 62-3 (XXXI).

(37) F. C. Wieder, *Monumenta Cartographica,* Vol. IV, p. 97. The Hague 1932.

MANUEL GARCIA, PLAN OF RIO DE JANEIRO, XVII CENTURY

This crude manuscript sketch of Rio de Janeiro, drawn on paper, 325 × 330 mm, is in the Algemeen Rijksarchief, The Hague, classmark «Buitenl. Kaarten nr. 723». In the lower part is the legend *Rio de genero door Emmanuel Gracia.* We have not identified this Manuel Garcia, who from his name must be Portuguese. This must be a drawing obtained by the Dutch in Brazil in the first half of the XVII century.

In the same archives, classmark «Buitenl. Kaarten nr. 721», in a journal of a Dutch voyage, there is also a drawing of the «Mountain of S. Paulo» dated August 1630, on paper, 210 × 305 mm. Both this and the previous drawing were recorded by Wieder, who considered them Portuguese (37).

(35) M. G. Deulin, *La Cartographie portugaise à la Bibliothèque Nationale de Paris,* in *Boletim Geral das Colónias,* nº 180, pp. 61-2 (XXX). Lisboa June 1940.

(36) *Loc. cit.,* pp. 62-3 (XXXI).

(37) F. C. Wieder, *Monumenta Cartographica,* Vol. IV, p. 97. The Hague 1932.

ANÓNIMO, DUAS CARTAS DA COSTA BRASILEIRA, SÉCULO XVII

No Algemeen Rijksarchief, Haia, com as cotas «Buitenl. Kaarten Inv. nr. 696-697», encontram-se duas pequenas cartas manuscritas, traçadas em papel, 205 × 205 mm cada, representando, em conjunto, o troço da costa brasileira entre a enseada da ilha de S. Sebastião e o Rio de Janeiro. Embora a letra sugira que tenham sido traçadas por um holandês, o facto de estarem totalmente escritas em português indica que foram copiadas de originais portugueses, hoje de paradeiro desconhecido. Quanto à data, apenas pudemos concluir que são do século XVII.

CARTAS DA ÁFRICA

ANÓNIMO, CARTA DE ARGEL, COMEÇOS DO SÉCULO XVII

Na Biblioteca da Ajuda, Lisboa, com a cota «Registo 11», existe uma carta manuscrita e colorida, traçada em papel, 400 × 435 mm. Tem uma nomenclatura reduzida, redigida em português. Aparentemente trata-se de uma cópia, bastante simplificada, de uma gravura intitulada *Algieri fortificato l'anno MDLXXVIIII* feita por Henricus van Schoel, em Roma, em 1601. É curioso notar que no códice de Luís de Figueiredo Falcão, de 1617, existente na Casa Cadaval, vem também, no fol. 110r (Estampa 626), uma planta semelhante e aparentemente com a mesma origem. Pela letra, supomos que a planta de Argel, na Biblioteca da Ajuda, seja também de começos do século XVII.

ANÓNIMO, NOVE CARTAS NUM CÓDICE, c. 1615

ESTAMPA 605 A, B, C e E

Na colecção do Prof. C. R. Boxer, Londres, existe um valioso códice do primeiro terço do século XVII contendo, além de numerosos extractos de roteiros e instruções náuticas, nove cartas náuticas, manuscritas e coloridas, traçadas em papel, 160 × 217 mm. O códice pertenceu à Casa Castelo-Melhor, sendo vendido no leilão de 1879, e aparecendo de novo à venda meio século mais tarde, no livreiro Maggs Bros. Ltd., de Londres (38). Tem uma encadernação do século passado, com a indicação, na lombada, de ser da autoria de João Baptista Lavanha, erro originado provàvelmente no facto de conter as suas tábuas de amplitude do sol ao nascer e pôr e excertos do seu *Regimento Nautico* (1595). O códice, com nove folhas sem numeração e cento e cinquenta e oito numeradas, não tem qualquer título ou frontispício, sendo o primeiro texto (até à folha 55) o *Roteiro da Viagem do Reino para a India,* na maior parte copiado do *Roteiro* de Gaspar Ferreira Reimão (impresso em 1612), mas contendo também excertos dos roteiros de Diogo Afonso, Vicente Rodrigues e outros. É nesta parte do códice que se encontram as nove cartas náuticas, seguindo-se excertos de obras de João Baptista Lavanha e Manuel de Figueiredo. Perto do final, na folha 152, há um *Roteiro* para os patachos da Índia de 1631, o que constitui o elemento de data mais recente no códice. A letra é de dois ou três copistas, havendo ainda numerosas anotações que C. R. Boxer averiguou serem da mão de D. António de Ataíde, o qual teria ordenado a compilação do códice; na folha 57 há uma rosa-dos-ventos tendo no centro o brazão dos Ataídes.

C. R. Boxer fez uma desenvolvida descrição do códice, apontando as razões que o levaram a identificar o seu organizador e anotador (39), baseadas sobretudo no cotejo com um códice, também coligido e anotado por D. António de Ataíde, contendo diários de navegação entre o Reino e a Índia no período 1608-1612 e pertencente ao Arquivo Militar, Lisboa (40). Este códice também fazia parte da colecção Castelo-Melhor (n.º 267 do catálogo de leilão), assim como um códice com diários de navegação entre o Reino e a Índia no período 1595-1603 (n.º 266 do catálogo do leilão) (41) e outro com roteiros do Oriente e um Regimento de determinação da

(38) *Catalogo dos Preciosos Manuscriptos da Bibliotheca da Casa dos Marquezes de Castello Melhor,* n.º 264, Lisboa 1878. *Catalogue* 519, n.º 445, e *Catalogue* 546, n.º 376, Maggs Bros. Ltd, London 1929 e 1930.

(39) C. R. Boxer, *Um roteirista desconhecido do século XVII — D. António de Ataíde, capitão geral da Armada de Portugal,* in *Arquivo Histórico da Marinha,* Vol. I, pp. 189-200, Lisboa 1933. Também A. Cortesão, *Cartografia,* Vol. I, pp. 59-61 e Vol. II, pp. 406-7, Lisboa 1935, se ocupou do códice, bem como A. Fontoura da Costa, *A Marinharia dos Descobrimentos,* pp. 447-8, Lisboa 1939, e *Bibliografia náutica portuguesa até 1700*, pp. 38-9, Lisboa 1940.

(40) Recentemente publicado, com introdução e notas, pelo Comandante Humberto Leitão, *Viagens do Reino para a Índia e da Índia para o Reino* (*1608-1612*), 3 volumes, Lisboa 1957-8.

(41) Publicado por Quirino da Fonseca, *Diários da Navegação da Carreira da Índia nos anos de 1595, 1596, 1597, 1600 e 1603*, Lisboa 1938. Quirino da Fonseca verificou que este códice também foi coligido e anotado por D. António de Ataíde.

ANONYMOUS, TWO MAPS OF THE BRAZILIAN COAST, XVII CENTURY

In the Algemeen Rijksarchief, The Hague, classmarks «Buitenl. Kaarten Inv. nr. 696-697», are two small manuscript maps, drawn on paper, 205 × 205 mm, representing together the tract of the coast of Brazil between the bay of the island of S. Sebastião and Rio de Janeiro. Although the script suggests that they are the work of a Dutchman, the fact that they are wholly written in Portuguese shows that they were copied from Portuguese originals whose location is now unknown. As to date, we can only ascribe them to the XVII century.

MAPS OF AFRICA

ANONYMOUS, PLAN OF ALGIERS, BEGINNING OF THE XVII CENTURY

In the Biblioteca da Ajuda, Lisbon, classmark «Registo 11», is a manuscript plan, drawn on paper and coloured, 400 × 435 mm. It has meagre nomenclature, in Portuguese. This is apparently a somewhat simplified copy of an engraving entitled *Algieri fortificato l'anno MDLXXVIIII,* made by Henricus van Schoel at Rome in 1601. It is curious to note that the 1617 codex of Luís de Figueiredo Falcão in the Casa Cadaval also includes, on fol. 110r (Plate 626), a similar plan, apparently from the same original. From the writing, we suppose the plan of Algiers in the Biblioteca da Ajuda to be also of the early XVII century.

ANONYMOUS, NINE CHARTS IN A CODEX, c. 1615

PLATE 605 A, B, C and E

In the collection of C. R. Boxer, London, is a valuable codex of the first third of the XVII century containing, besides numerous extracts from rutters and nautical instructions, nine manuscript nautical charts, in colour, drawn on paper, 160 × 217 mm. The codex belonged to the Castelo-Melhor family, was sold at the auction of 1879, and reappeared half a century later when it was offered for sale by the London booksellers Maggs Brothers (38). It has a binding of the last century, with lettering on the spine indicating that it is by João Baptista Lavanha; this error probably arose from the fact that it includes his tables of solar amplitude at sunrise and sunset and excerpts from his *Regimento Nautico* (1595). The codex contains nine unnumbered and 158 numbered leaves, without title or title-page; the first text (extending to fol. 55) is the «Rutter of the voyage from Portugal to India», mainly copied from the *Roteiro* of Gaspar Ferreira Reimão (printed in 1612), but also incorporating extracts from the rutters of Diogo Afonso, Vicente Rodrigues and others. It is in this part of the codex that the nine charts occur, followed by extracts from the works of João Baptista Lavanha and Manuel de Figueiredo. Near the end, on fol. 152, is a «Rutter» for the pinnaces of India, dated 1631, which is the latest date found in the codex. The work is written by two or three copyists, with numerous annotations considered by C. R. Boxer to be from the hand of D. António de Ataíde, whom he supposes to have commissioned its compilation; on fol. 57 is a wind rose with the Ataíde arms in the centre.

C. R. Boxer has given a detailed description of the codex, indicating the reasons for his identification of its originator and the author of the notes (39); this rests mainly on comparison with a codex, also compiled and annotated by D. António de Ataíde, containing journals of the navigation between Portugal and India in the years 1608-1612 and belonging to the Arquivo Militar, Lisbon (40). This codex was also in the Castelo-Melhor collection (n.º 267 in the auction catalogue), as were a codex containing journals of the navigation between Portugal and India in the years 1595-1603 (n.º 266 in the auction catalogue) (41) and another

(38) *Catalogo dos Preciosos Manuscriptos da Bibliotheca da Casa dos Marquezes de Castello Melhor,* nº 264, Lisboa 1878. *Catalogue 519,* n.º 445, and *Catalogue* 546, n.º 376, Maggs Bros. Ltd, London 1929 and 1930.

(39) C. R. Boxer, *Um roteirista desconhecido do século XVII — D. António de Ataíde, capitão geral da Armada de Portugal,* in *Arquivo Histórico da Marinha,* Vol. I, pp. 189-200, Lisboa 1933. Also A. Cortesão, *Cartografia,* Vol. I, pp. 59-61, and Vol. II, pp. 406-7, Lisboa 1935, deals with the codex, as does A. Fontoura da Costa, *A Marinharia dos Descobrimentos,* pp. 447-8, Lisboa 1939, and *Bibliografia náutica portuguesa até 1700*, pp. 38-9, Lisboa 1940.

(40) Recently published, with introduction and notes by Comandante Humberto Leitão, *Viagens do Reino para a Índia e da Índia para o Reino* (*1608-1612*), 3 volumes, Lisboa 1957-8.

(41) Published by Quirino da Fonseca, *Diários da Navegação da Carreira da Índia nos anos de 1595, 1596, 1597, 1600 e 1603,* Lisboa 1938. Quirino da Fonseca asserts that this codex too was compiled and annotated by D. António de Ataíde.

longitude pela variação da agulha devido ao P.e Cristóvão Borro (n.º 263 do catálogo do leilão) (42). Foi na realidade lastimável a dispersão destes e de tantos outros manuscritos da mesma colecção, sendo de louvar as diligências já frutuosas de C. R. Boxer no sentido de localizar o paradeiro de parte deles (43). O códice que estamos a analisar passou por herança, após a morte de D. António de Ataíde, aos seus primos, da família Castelo-Melhor, juntamente com muitos outros manuscritos que ele reunira.

António de Ataíde, quinto Conde de Castanheira e primeiro Conde de Castro Daire, nasceu em 1567, e serviu na expedição do Marquês de Santa Cruz contra a Terceira em 1582. Em 1611 foi capitão-mor de 3 naus em viagem para a Índia, regressando com elas, no ano seguinte, a Lisboa. Foi Capitão-general da Armada Portuguesa, de 1618 a 1621, e Governador de Portugal (1631-1633), tendo ainda criado o Terço da Armada — primeiro terço permanente que houve em Portugal. Foi discípulo de João Baptista Lavanha, revelando nos seus escritos e acções, notáveis conhecimentos de navegação, vindo a falecer em 1647.

As cartas existentes no códice que estamos a analisar são as seguintes, pela ordem em que se sucedem: *Primeira carta* (*fólio 5v*) — Abrolhos e costa fronteira do Brasil. *Segunda carta* (*fólio 12v*) — Canal de Moçambique. *Terceira carta* (*entre fólios 12 e 13*) (Estampa 605 E) — *ILHA DE SAÕ LOVRENSO, Cõforme ao descobrimento nouo que fez Paulo Roÿz Por Ordẽ do Vizo-Rei Dõ Ieronimo de Azeuedo*. *Quarta carta* (*fólio 17r*) (Estampa 605 A) — *YLHAS PRIMEIRAS* e costa fronteira do continente. *Quinta carta* (*fólio 17v*) (Estampa 605 B) — *YLHAS DE ANGVOXA* e costa fronteira do continente. *Sexta carta* (*fólio 19v*) — Costa desde a Ilha de Moçambique até Pembe. *Sétima carta* (*fólio 23r*) (Estampa 605 C) — *YLHAS DE QVERIMBA*. *Oitava carta* (*fólio 24r*) — Costa desde Pembe ao Cabo Delgado, com as Ilhas de Querimba. *Nona carta* (*fólio 32r*) — *Baxo de padua*.

Como Boxer apontou, as cartas 1, 2, 6 e 8 são cópias das que se encontram, também manuscritas, no único exemplar conhecido do *Roteiro de Navegaçam e Carreira da India* de Gaspar Ferreira Reimão, impresso em Lisboa em 1612 (Estampas 368 A, C e E, pp. 82-4 do III volume da presente obra). Deve, no entanto, notar-se que as cartas 6 e 8 do códice estão reunidas numa só carta no *Roteiro* impresso, a qual tem uma representação das Ilhas Querimbas, mais correcta do que a que se vê na carta correspondente do exemplar manuscrito do mesmo *Roteiro* que datámos de c. 1610. A carta 9, segundo verificou C. R. Boxer, é tirada de um esboço que vem no diário de navegação de Jaime Castanho (1609, no códice do Arquivo Militar acima referido). A carta 3, da Ilha de Madagascar, é sem dúvida a mais interessante de todas, sobretudo porque traz os resultados da expedição ordenada pelo Vice-rei D. Jerónimo de Azevedo e levada a cabo em 1613-14 pelo piloto Paulo Rodrigues da Costa, facto de que resultou um progresso na representação cartográfica da ilha (44). Só conhecemos outro exemplar do mesmo tipo de carta, no códice de c. 1615 - c. 1622, que atribuímos a Manuel Godinho de Erédia (fólio 74v), mas mutilado e com nomenclatura bastante mais reduzida. Das outras três cartas (4, 5 e 7) não conhecemos exemplares semelhantes.

Resumindo, da análise das cartas apenas podemos concluir que elas são posteriores a 1614. Tratando da data do códice em geral, Boxer admite duas hipóteses: que todo ele tivesse sido feito depois de 1631, data extrema referida num dos regimentos finais, ou que tivesse sido iniciado c. 1615, e depois de 1631 lhe fossem adicionados os elementos finais, que são em letra diferente da parte inicial do códice. Inclinamo-nos para a primeira hipótese, considerando as cartas de c. 1615, pois algumas delas já estariam um tanto ultrapassadas se tivessem sido feitas depois de 1631.

Quanto à autoria das cartas, C. R. Boxer admite que elas possam ser de D. António de Ataíde, ou de João ou de Luís Teixeira, de preferência o último (45). Embora não tenhamos elementos para nos pronunciarmos

(42) Este códice foi conhecido e utilizado por João de Andrade de Corvo (que disse pertencer então à Academia das Ciências de Lisboa, onde agora não se encontra), como se verifica da edição do *Roteiro de Lisboa a Goa por D. João de Castro* por ele dirigida, pp. 394-8, Lisboa 1882, num apêndice intitulado *Linhas isogonicas no século XVI* que foi publicado também em francês (*Des lignes isogoniques au seizième siècle* in *Journal des Sciences Mathematiques, Physiques et Naturelles,* Lisboa 1881). Possìvelmente o códice com o Regimento de Borro (n.º 263) e o códice agora em poder de C. R. Boxer (n.º 264) (este último também teria sido adquirido pela Academia das Ciências no leilão Castelo-Melhor) estiveram vários anos nas mãos de Andrade Corvo (que era sócio da Academia das Ciências), tendo descaminho após a sua morte (1890) e continuando a ser desconhecido o paradeiro do primeiro.

(43) Vide C. R. Boxer, *The Naval and Colonial Papers of Dom António de Ataíde,* in *Harvard Library Bulletin,* Vol. V, pp. 24-50, 1951.

(44) Sobre esta expedição, ver Albert Kammerer, *La découverte de Madagascar par les Portugais et la cartographie de l'île,* in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa,* série 67, n.º 9-10, pp. 517-633, Set.-Out. 1949, com reprodução e estudo da carta, que fora antes reproduzida por A. Fontoura da Costa, *A Marinharia dos Descobrimentos* (edições de 1934 e 1939) e C. R. Boxer, *op. cit.* na nota 39. Sobre o piloto Paulo Rodrigues da Costa, ver Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portugueses nos Seculos XVI e XVII,* Vol. I pp. 276-7, Lisboa 1898, e Frazão de Vasconcelos, *Pilotos das navegações portuguesas dos séculos XVI e XVII,* pp. 32, 42-5, 48-9, Lisboa 1942.

(45) C. R. Boxer, *op. cit.* na nota 39, pp. 198-200.

containing rutters of the East and a Regiment, by Fr Cristóvão Borro, for determining the longitude by the variation of the needle (n.º 263 of the auction catalogue) (42). The dispersal of these and other manuscripts of the same collection was criminal indeed, and C. R. Boxer's fruitful efforts to locate some of them are praiseworthy (43). The codex here described passed after the death of D. António de Ataíde, to his cousins of the Castelo-Melhor family, with many other manuscripts which he had collected.

D. António de Ataíde, fifth Count de Castanheira and first Count de Castro Daire, was born in 1567 and served in the expedition of the Marquis de Santa Cruz against Terceira in 1582. In 1611 he was captain-major of three ships on the voyage to India, returning with them to Lisbon in the same year. He was captain-general of the Portuguese Fleet from 1618 to 1621 and Governor of Portugal from 1631 to 1633, and created the Infantry of the Navy — the first permanent regiment in Portugal. A pupil of João Baptista Lavanha, he displays in his writings and actions a considerable knowledge of navigation. He died in 1647.

The following charts are found in the codex here analysed, in the order shown below: *First chart* (folio 5v) — Abrolhos and coast of Brazil facing. *Second chart* (folio 12v) — Mozambique Channel. *Third chart* (between folios 12 and 13) (Plate 605 E) — «ISLAND OF SÃO LOURENÇO, from the new discovery made by Paulo Roÿz by order of the Viceroy D. Jerónimo de Azevedo». *Fourth chart* (folio 17r) (Plate 605 A) — «Primeiras Islands and coast of the continent facing». *Fifth chart* (folio 17v) (Plate 605 B) — «Islands of Angoxa and coast of the continent facing». *Sixth chart* (folio 19v) — Coast from the Island of Mozambique to Pembe. *Seventh chart* (folio 23r) (Plate 605 C) — «Islands of Querimba». *Eighth chart* (folio 24r) — Coast from Pembe to Cape Delgado, with the Querimba Islands. *Ninth chart* (folio 32r) — «Reef of Padua».

As C. R. Boxer points out, charts 1, 2, 6 and 8 are copied from the manuscript charts inserted in the only known copy of the *Roteiro de Navegaçam e Carreira da India* by Gaspar Ferreira Reimão, printed at Lisbon in 1612 (Plates 368 A, C and E, pp. 82-4 in Vol. III of the present work). It is to be noted however that charts 6 and 8 of the codex are combined in a single chart of the printed *Roteiro,* which gives a more correct representation of the Querimba islands than that in the corresponding chart of the manuscript copy of the same *Roteiro* which we date c. 1610. Chart 9, as C. R. Boxer establishes, is drawn from a sketch in the sea journal of Jaime Castanho (1609, in the codex of the Arquivo Militar referred to above). Chart 3, of the Island of Madagascar, is undoubtedly the most interesting of all, especially as it presents the results of the expedition dispatched by the Viceroy D. Jerónimo de Azevedo and conducted in 1613-14 by the pilot Paulo Rodrigues da Costa, producing an advance in the cartographic representation of the island (44). Another chart of the same type is known, in the codex of c. 1615 - c. 1622 which we ascribe to Manuel Godinho de Erédia (folio 74v), but mutilated and with considerably fewer names. Of the other three charts (4, 5 and 7) no analogous examples are known.

To sum up, internal evidence enables us only to date the charts after 1614. In regard to the date of the codex in general, Boxer offers two hypotheses: that the whole was executed after 1631, the latest date indicated in one of the closing regiments, or that it was begun c. 1615 and that the final sections, in a different hand from that of the first part of the codex, were added after 1631. We incline to the first hypothesis and think the maps to be of c. 1615, especially as some of them would have been rather out-of-date if drawn after 1631.

On the authorship of the charts, C. R. Boxer supposes them to be by D. António de Ataíde or by João or Luís Teixeira, probably the last (45). Although we have no evidence to support the former of these hypotheses,

(42) This codex was known and used by João de Andrade de Corvo (who stated that it then belonged to the Academia das Ciências de Lisboa, where it is not now to be found), as we learn from his edition of the *Roteiro de Lisboa a Goa por D. João de Castro,* pp. 394-8, Lisboa 1882, in an appendix entitled *Linhas isogonicas no século XVI,* which was also published in French (*Des lignes isogoniques au seizième siècle* in *Journal des Sciences Mathématiques, Physiques et Naturelles,* Lisboa 1881). Perhaps the codex containing the Regiment (n.º 263) and the codex now in C. R. Boxer's collection (n.º 264) (the latter might also have been acquired by the Academia das Ciências in the Castelo-Melhor sale) were for some years in the possession of Andrade Corvo (who was a fellow of the Academia das Ciências), disappearing after his death in 1890, and the location of the first remaining still unknown.

(43) See C. R. Boxer, *The Naval and Colonial Papers of Dom António de Ataíde,* in *Harvard Library Bulletin,* Vol. V, pp. 24-50, 1951.

(44) On this expedition, see Albert Kammerer, *La découverte de Madagascar par les Portugais et la cartographie de l'île,* in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa,* série 67, n.º 9-10, pp. 517-633, Sept.-Oct. 1949, with reproduction and study of the chart, which had previously been reproduced by A. Fontoura da Costa, *A Marinharia dos Descobrimentos* (editions of 1934 and 1939), and C. R. Boxer, *op. cit.* in note 39. On the pilot Paulo Rodrigues da Costa, see Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portugueses nos Seculos XVI e XVII,* Vol. I, pp. 276-7, Lisboa 1898, and Frazão de Vasconcelos, *Pilotos das navegações portuguesas dos séculos XVI e XVII,* pp. 32, 42-5, 48-9, Lisboa 1942.

(45) Boxer, *op. cit.* in note 39, pp. 198-200.

sobre a primeira hipótese, a última parece-nos de arredar, pois a letra das cartas é claramente distinta da que se vê nas obras de João e Luís Teixeira. Por outro lado, afigura-se-nos que o seu estilo e letra são muito semelhantes ao das *tábuas* do exemplar do *Roteiro do Mar Roxo,* de D. João de Castro, actualmente na Casa Palmela e que também pertenceu à Casa Castelo-Melhor (46). Talvez as cartas não sejam afinal devidas a um cartógrafo profissional, antes de autoria de algum copista encarregado por D. António de Ataíde de compilar obras náuticas para seu uso.

FERNÃO DE SOUSA E ANÓNIMOS, OITO CARTAS DE ANGOLA, 1622 A C. 1657

ESTAMPAS 605 D e 606

Na Biblioteca da Ajuda, Lisboa, com a cota «51-VIII-30 e 31», existem dois códices contendo numerosa documentação relativa sobretudo à acção de Fernão de Sousa com o Governador de Angola (22 de Junho de 1624 a 4 de Agosto de 1630). No início dos dois volumes encontram-se as cinco cartas seguintes, todas manuscritas, coloridas e traçadas em papel:

A — *Topographia e discripção exacta e uerdad.ra da Costa, Rios, Terras, e Sobas que ha do Rio Coanza te o Rio Dande com algũa parte da Prouincia da Quissama para nella mostrar o Sitio da Ensaca, e cerco que o Illmo Snõr. Joaõ Correa de Souza que hoje gouerna este Rn.o d'Angolla pos a Mani Cassanze cabeça dos Sobas, q̃ nelle se rebellaraõ o Anno passado de 621,* 339 × 467 mm, (270 × 339 mm a parte desenhada), no fólio 2 do códice 51-VIII-30 (Estampa 605 D). Na parte superior há uma descrição da guerra com o Mani Cassanze, e na parte inferior notícias sobre a Cidade de S. Paulo, Rio Quanza, Rio Bengo e Rio Dande. A propósito do Rio Bengo é citada a *fortaleza de Quillunda, a qual se fundou erigio o Anno passado de 1621,* referência que, juntamente com a parte final do título, mostra ter sido a carta traçada em 1622. A região figurada está representada com notável exactidão, revelando o grande conhecimento que dela haviam adquirido os portugueses.

No Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, com a cota «Col. cartográfica, Angola 130», existe uma carta pràticamente igual, e feita pelo mesmo anónimo, com título e notícias semelhantes.

B — Trecho do Rio Dande, com a *Ilha de Coanze,* 270 × 422 mm, no fólio 4 do códice 51-VIII-30. Ao longo das margens estão assinalados muitos nomes de indivíduos, seguidos de números. Trata-se da indicação de colonos, e de áreas de terras que lhes foram doadas, de acordo, em parte, com um registo de terras que vem a fls. 449-86 do mesmo códice. Neste registo, as doações, feitas por Fernão de Sousa, são datadas de 1627 e 1628. A carta em questão deve, portanto, ter sido traçada c. 1627.

C — *Relasaõ do sitio em q̃ se ha de fortificar a Cidade de Loanda como se ue pelo alfabeto apontado nela,* 495 × 700 mm, no fólio 1 do códice 51-VIII-31 (Estampa 606 C). No verso tem a seguinte inscrição: *Copia da Planta da fortificasaõ do Porto e cid.e de Loanda aprouada pella iunta q̃ p.a este efeito se ordenou e assinada pellas pessoas q̃ nella entrarao, em Lx.a a 12 de 8bro de 626,* assinada por Gonçalo Pires Carvalho.

D — *Descripsaõ da barra do Rejno de angola q̃ esta en altura de Oyto graos e mejo e na qual se mostra as bahias e todas as entradas q̃ nellas ha como se ue pellas declarasois neste alfabeto aqui apontadas,* 414 × 1045 mm, no fólio 2 do códice 51-VIII-31 (Estampa 606 A). No verso tem a seguinte inscrição: *Copia da descripsaõ da barra e cid.e de Loanda do Reino de Angola conforme à planta de fortificasaõ aprouada pella iunta E assinada pelas pessoas q̃ nella entraraõ Lx.a a 12 de 8bro de 626,* assinada por Gonçalo Pires Carvalho.

Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com a cota «9, 14, 7», existe uma carta pràticamente igual, 409 × 1180 mm; o desenho parece da mesma mão, mas a letra é diferente, assemelhando-se à de Pedro Nunes Tinoco (atlas do Priorado do Crato, 1620, Apêndice III no presente Volume). É de presumir que, aprovada a carta original pela Junta que se reuniu em 8 de Outubro de 1626, dela tivessem sido então tiradas várias cópias.

E — Planta do porto de Luanda, 390 × 980 mm, no fólio 3 do códice 51-VIII-31 (Estampa 606 B). No verso, noutra letra, está escrito *Sitio da Cidade de Loanda — Reino de Angola.* Pelos motivos que abaixo se apontam, tal planta deve ser da mão do próprio Governador Fernão de Sousa e de c. 1625.

As três cartas no começo do códice 51-VIII-31, todas relativas à fortificação de Luanda, revelam a preocupação que então havia por causa dos assaltos dos holandeses. Quando Fernão de Sousa, em Junho de 1624, chegou a Luanda para começar o seu governo, ainda lá pairavam quatro

(46) Vide Volume I da presente obra, pp. 142-3, Estampas 66-8.

the latter does not seem to us tenable, since the hand of the charts is plainly different from that in the works of João and Luís Teixeira. On the other hand, we think the style and writing very similar to that of the *tábuas* in the copy of the «Rutter of the Red Sea» by D. João de Castro now in Casa Palmela and formerly in the possession of Casa Castelo-Melhor (46). It may be that these charts were not the work of a professional cartographer but rather of some copyist commissioned by D. António de Ataíde to compile nautical works for his use.

FERNÃO DE SOUSA AND ANONYMOUS, EIGHT MAPS OF ANGOLA, 1622 TO C. 1657

PLATES 605 D and 606

In the Biblioteca da Ajuda, Lisbon, classmarks «51-VIII-30 and 31», are two manuscript volumes containing numerous documents mainly on the activity of Fernão de Sousa as Governor of Angola (22 June 1624 to 4 August 1630). At the beginning of the two volumes are the following five manuscript maps, all drawn on paper and coloured.

A — «True and exact topography and description of the Coast, Rivers, Lands and Chiefs, from the River Quanza to the River Dande, with part of the Province of Quissama, showing the position of Ensaca and the siege which the noble lord João Correa de Sousa, who to-day governs this Kingdom of Angola, laid to Mani Cassanze, head of the Chiefs, who rebelled there in this last year 621», 339 × 467 mm (the design measuring 270 × 339 mm), on folio 2 of codex 51-VIII-30 (Plate 605 D). In the upper part is a description of the war with Mani Cassanze, and in the lower part are notices on the City of S. Paulo, R. Quanza, R. Bengo, and R. Dande. In connection with the R. Bengo, reference is made to the «fortress of Quillunda, which was founded in the past year 1621»; this, together with the last part of the title, indicates that the map must have been drawn in 1622. The region shown is represented with conspicuous correctness, revealing the extensive knowledge of it by the Portuguese.

In the Arquivo Histórico Ultramarino, Lisbon, classmark «Col. cartográfica, Angola 130», is a practically identical map, made by the same anonymous cartographer, with similar title and legends.

B — Part of the R. Dande, with the «Island of Quanza», 270 × 422 mm, on folio 4 of codex 51-VIII-30. Along the banks are listed many names of individuals followed by numbers. These indicate the colonists and the parcels of land granted to them, corresponding in part to a land-register on ff. 449-86 in the same codex. In the register, the grants made by Fernão de Sousa are dated 1627 and 1628. The map in question must accordingly have been drawn c. 1627.

C — «Account of the position in which the City of Luanda is to be fortified as indicated alphabetically in it», 495 × 700 mm, on folio 1 of codex 51-VIII-31 (Plate 606 C). On the back is the endorsement: «Copy of the Plan of the fortification of the port and city of Luanda approved by the commission appointed for it, and signed by the persons who engaged in it, Lisbon the 12th October 626», signed by Gonçalo Pires Carvalho.

D — «Description of the bar of the Kingdom of Angola, in the latitude of eight and a half degrees, showing all the bays and the entries to them, as appears by the indications here given in this alphabet», 414 × 1045 mm, on folio 2 of codex 51-VIII-31 (Plate 606 A). On the back is the following inscription: «Copy of the description of the bar and city of Luanda in the Kingdom of Angola in conformity with the plan of fortification approved by the commission and signed by the persons who engaged in it, Lisbon the 12th October 626», signed by Gonçalo Pires Carvalho.

In the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, classmark «9, 14, 7», is a practically identical map, 409 × 1180 mm; the drawing appears to be by the same hand, but the writing is different, resembling that of Pedro Nunes Tinoco (atlas of the Priorate of Crato, 1620, Appendix III of the present Volume). Presumably, the original map having been approved by the Commission which met on 8 October 1626, various copies of it were then made.

E — Plan of the port of Luanda, 390 × 980 mm, on folio 3 of codex 51-VIII-31 (Plate 606 B). On the back is written, in another hand, «Position of the City of Luanda — Kingdom of Angola». For reasons given below, the plan must be from the hand of the Governor himself, Fernão de Sousa, and must date from c. 1625.

The three maps at the beginning of codex 51-VIII-31, all relating to the fortification of Luanda, testify to anxiety aroused by the attacks of the Dutch. When Fernão de Sousa arrived at Luanda in June 1624 to take up office as Governor, four Dutch ships which had previously taken prizes

(46) See Vol. I of the present work, pp. 142-3, Plates 66-8.

navios holandeses que anteriormente haviam feito presas. Em 1 de Novembro do mesmo ano, uma esquadra holandesa de oito navios, comandada pelo afamado Piet Heyn, tentou o desembarque, que foi porém repelido, devido à actuação enérgica do Governador (47). É interessante notar que na carta, no fólio 3 de 51-VIII-31 se lê, junto da ilha de Luanda, *Por este Canal me cometeraõ os Olandeses em dous pataxos e seis lanchas,* o que é claramente alusivo ao ataque de Novembro de 1624, e revela ter sido o próprio Fernão de Sousa o autor de tal carta.

Nos dois códices onde vêm as cartas que estamos analisando, encontram-se vários documentos, sobretudo de 1624 e 1625, àcerca dos projectos e trabalhos de fortificação de Luanda (48). Numa carta régia de 22 de Agosto de 1625 ordena-se aos Governadores de Portugal que reunam uma Junta para tratar da questão: «... em que assistiraõ Luiz Mendez de Vasconcelos, que foi gouernador de Angola, Leonardo Torreano, e outras pessoas praticas na fortificação e engenheiros, se conuirá primeiro que tudo fortificarse a cidade de Loanda, e reduzir se a mais pequeno sircuito do que agora tem, para que fique mais defensauel, ou começar a fortificaçaõ desde logo no porto, na parte e sitio que melhor for; e o que nisto se lhes offreçer, o vereis e me auisareis do que uos parecer, mandandouos de nouo informar particularmente, se Pero Massai, e Diogo Paez, architecto, tem a suficiencia necessaria para qualquer delles poder ser encarregado de engenheiro das fortificações do Reino de Angola, e o que uos parecer mais suficiente pera esta ocupaçaõ, hey por bem que o enuieis logo aquelas partes...» (49). Supomos que tenha sido esta a Junta que se reuniu em 12 de Outubro de 1626 para aprovar os projectos de fortificação copiados nas cartas nos fólios 1 e 2 do códice 51-VIII-31, de acordo com as inscrições que tem no verso (50). Em informações a El-Rei, datadas de 20 de Outubro de 1632 e 31 de Março de 1634, Fernão de Sousa indica que «sobre as fortificaçoens se fez hũa iunta em presença do Conde de Val de Reis, Nuno de Mendonça, sendo gouernador deste Reino (*governou em 1631 e 1632*). Nella se achou Dom Gonçallo Coutinho, do Conselho de Estado, Gonçallo Pires Carualho e eu pera informar das duuidas, e enconuenientes, que se offereçessem, e Pero Nunez Tinoco, de que se mandou a V. Magestade plantas, e modelos, e da resoluçam que se tomou foi ordem ao gouernador para obrar conforme a ella» (51). Como se vê, o assunto da fortificação de Luanda arrastou-se por vários anos, e várias plantas e projectos foram feitos, tendo-nos chegado apenas os de c. 1625 e 1626 que descrevemos acima.

A fls. 11r - 18v do códice 51-VIII-31 vem uma *Resposta com a Relação da Costa e Reyno de Angolla e de Benguella, do Reyno de Congo, Loango, até Mayombe, que mandey ao secretario Fr.^{co} de luçena com a planta de toda a costa em 21 de feuereiro de 1632 por duas vias,* documento devido a Fernão de Sousa. A carta da costa do Maiombe a Benguela citada neste título, também é referida no respectivo texto, desconhecendo-se hoje o seu paradeiro. Talvez fosse da autoria do próprio Fernão de Sousa, pois este também fazia cartas, como se deduz da seguinte passagem do mesmo documento: «Pera mais formalmente informar de tudo, e ser prezente a sua Magestade o que conuem a seu real seruiço e defenção daquelle porto, fis hũa planta da cidade de Saõ Paulo de Loanda, praya, porto, bahya, çecos, ilha, barra da Corimba e mar della, para se ordenar a fortificaçaõ mais conueniente, e por se me pedir pello gouerno a dey cõ relaçaõ particular, e cõ ella se fez iunta em que prezidio o Conde de Val de Reis, Gouernador deste Reyno, e nella se asentou a fortificaçaõ que se deue fazer, e se mandou a sua Magestade» (52).

F — Ainda respeitante a Angola, existe uma carta que não pudemos examinar nem estudar, pelo que nos limitamos aqui a breve referência a ela, através de uma reprodução (53). Trata-se de uma carta anexa a uma

(47) Sobre as acções de Piet Heyn nesta ocasião, ver K. Ratelband, *De Westafrikaanse Reis van Piet Heyn 1624-1625,* Linschoten-Vereeniging, n.º LXI, 's-Gravenhage 1959, com largo aproveitamento dos códices 51-VIII-30/31 e a reprodução da carta no fólio 2 de 51-VIII-31, entre pp. LXXVIII e LXXIX.

(48) Parte dos documentos dos dois códices foram publicados por António Brásio, *Monumenta Missionaria Africana-Africa Ocidental,* Vols. VII e VIII, Lisboa 1956 e 1960. Os documentos mais relacionados com esta questão são os n.ºs 81, 89, 96, 98, 99, 109, 170 e 242 (no Vol. VII), e 27, 28, 41 e 62 (no Vol. VIII).

(49) Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Colecção de S. Vicente,* Vol. 19, fl. 370, publicado por A. Brásio, *op. cit.* na nota anterior, n.º 120 do Vol. VII.

(50) Pero Massai — talvez filho de Alexandre Massai — não deve ter ido para Angola, visto em 1628 estar na Índia (Sousa Viterbo, *Diccionario Historico e Documental dos Architectos...*, Vol. II, pp. 20-1, Lisboa 1904). Também não encontrámos referências à ida para Angola, nessa altura, de Diogo Pais ou outro arquitecto ou engenheiro. Aliás, numa carta a El Rei, datada de 20-X-1632, Fernão de Sousa fala da conveniência em ser mandado um engenheiro para Angola, donde é de supor que nenhum seguira antes (documento n.º 62 referido na nota seguinte).

(51) Documentos publicados por A. Brásio, *op. cit.*, Vol. VIII, n.ºs 41 e 62. É de notar que quem assina as cópias das plantas de 1626, acima descritas, é Gonçalo Pires Carvalho, aqui referido.

(52) Esta interessante *Relação* é publicada na íntegra por A. Brásio, *op. cit.*, Vol. VIII, n.º 27. Os códices 51-VIII-30/31 figuraram na exposição de 1903-4, tendo o n.º 27 no respectivo catálogo e assinalando-se aí quatro das cartas neles contidas.

(53) Na *História da Expansão Portuguesa no Mundo,* Vol. III, entre pp. 208 e 209. Aí se diz vir reproduzida em *La Revue Congolaise — Archives Congolaises,* Vol. 250, f.º 75, p. 24, obra que não tivemos possibilidade de consultar.

were still lying off the port. On 1 November of the same year a Dutch squadron of eight ships, commanded by the celebrated Piet Heyn, attempted a landing but were repulsed as a result of the Governor's energetic action (47). It is interesting to read in the map on folio 3 of 51-VIII-31, near the island of Luanda, the legend «By this channel the Dutch attacked me in two pinnaces and six launches», which plainly refers to the assault of November 1624 and reveals that Fernão de Sousa was the author of this map.

The two codices in which the map here described occur contain several documents, mainly of 1624 and 1625, on the projects and works for the fortification of Luanda (48). A royal letter of 22 August 1625 odered the Governors of Portugal to appoint a Commission on the matter: «...in which shall serve Luís Mendes de Vasconcelos, who was governor of Angola, Leonardo Torreano, and other persons experienced in fortification and engineers, to decide whether it is fitting that the city of Luanda be first fortified and confined to the smallest circumference that it now has, that it may more easily be defended, or that fortification be commenced at once in the port, in the best part and positions. And you will see and advise me of what seems proper to do, and I order you again to report whether Pero Massai and Diogo Paez, architect, have the ability required to be appointed engineer of the fortifications of the Kingdom of Angola, and whichever of them seems to you more capable of this employment, I desire that he be sent to those parts ...» (49). We suppose this to be the Commission which met on 12 October 1626 to approve the fortification projects copied in the maps of folios 1 and 2 of codex 51-VIII-31, according to the endorsements of these maps (50). In reports to the King dated 20 October 1632 and 31 March 1634, Fernão de Sousa states that «on the fortifications a commission was appointed under the Count de Val de Reis, Nuno de Mendonça, governor of this kingdom [*he was Governor in 1631 and 1632*]. In it served Dom Gonçallo Coutinho, of the Council of State, Gonçallo Pires Carvalho and I, to report on the doubts and disadvantages that existed, and Pero Nunes Tinoco, plans and models by whom were sent to Your Majesty, and after a decision had been made the governor was ordered to carry out the work in accordance with it» (51). As we see, the business of the fortification of Luanda dragged on for several years, and various plans and projects were prepared, of which only those of c. 1625 and 1626, described above, have survived.

On ff. 11r-18v of codex 51-VIII-31 is a «Reply with the Relation of the Coast and Kingdom of Angola and of Benguela, of the Kingdom of Congo, Loango, as far as Maiombe, which I sent to the secretary Fr^{co}. de Lucena with the plan of the whole coast on the 21st February 1632, in two drafts», a document due to Fernão de Sousa. The map of the coast from Maiombe to Benguela mentioned in this title is also referred to in the corresponding text, but its present whereabouts are unknown. It was perhaps by Fernão de Sousa himself, since he also drew maps, as is shown by a passage in the same document: «In order to report more formally on everything and to present to His Majesty what is fitting for his service and the defence of this port, I made a plan of the City of São Paulo de Luanda, beach, port, bay, reefs, island, bar of the Corimba and the sea there, that the most suitable fortification might be planned, and with a particular relation, wherewith a commission was set up under the Count de Val de Reis, Governor of this Kingdom, and it agreed on the fortification to be carried out, and reported to His Majesty» (52).

F — There is another map, relating to Angola, which we have not been able to examine or study, so that we confine ourselves to a brief reference, from a reproduction (53). This is a map attached to a relation despatched

(47) On Piet Heyn in this engagement, see K. Ratelband, *De Westafrikaanse Reis van Piet Heyn 1624-1625,* Linschoten-Vereeniging, n.º LXI, 's-Gravenhage 1959, where extensive use is made of codices 51-VIII-30/31 and the map on folio 2 of 51-VIII-31 is reproduced (between pp. LXXVIII and LXXIX).

(48) Some of the documents in the two codices were published by António Brásio, *Monumenta Missionaria Africana-Africa Ocidental,* Vols. VII and VIII, Lisboa 1956 and 1960. The documents most concerned with this question are n.ºs 81, 89, 96, 98, 99, 109, 170 and 242 (in Vol. VII), and 27, 28, 41 and 62 (in Vol. VIII).

(49) Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Colecção de S. Vicente,* Vol. 19, fl. 370, published by A. Brásio, *op. cit.* in the previous note, n.º 120 of Vol. VII.

(50) Pero Massai — perhaps a son of Alexandre Massai — cannot have gone to Angola, since in 1628 he was in India (Sousa Viterbo, *Diccionario Historico e Documental dos Architectos...*, Vol. II, pp. 20-1, Lisboa 1904). Nor do we find any evidence that Diogo Pais or any other engineer or architect went to Angola at the time. Besides, in a letter to the King, dated 20-X-1632, Fernão de Sousa refers to the advantage of sending an engineer to Angola, implying that there was none there before (document nº 62 cited in the following note).

(51) Documents published by A. Brásio, *op. cit.*, Vol. VIII, n.ºs 41 and 62. We may note that the copies of the plans of 1626 described above are signed by Gonçalo Pires Carvalho, referred to here.

(52) This interesting «Relation» is published in full by A. Brásio, *op. cit.*, Vol. VIII, n.º 27. Codices 51-VIII-30/31 were shown in the exhibition of 1903-4, under the catalogue number 27, and with a list of four of their maps.

(53) In the *História da Expansão Portuguesa no Mundo,* Vol. III, between pp. 208-9. It is there stated to have been reproduced in *La Revue Congolaise — Archives Congolaises,* Vol. 250, f.º 75, p. 24, a work which we have not been able to consult.

relação dos missionários capuchinhos, enviada à *Propaganda Fidei* em 1657. Vai desde o *Reino de Luanda* ao *Reino de Benguela,* contendo larga representação do interior, e como se encontra toda escrita em português, supomos que seja devida a um autor português ou baseada em fontes portuguesas.

Para terminar, resta-nos referir uma outra carta de Angola, de paradeiro desconhecido. Na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, com a cota «CXVI.1-39, n.º 1», encontra-se o *Roteiro da Costa de Angolla e da altura de quinze graos e m.º pera Aloanda de como se corre a Costa, das conhesenças della, dos Portos, bahias, e enseadas, ilheos, arreçifes, de suas alturas, o que tudo foj visto e demarcado pello Comquistador Manoel Cerueira Pereira, e pello capitaõ do Mar Domingos Frz. piloto mor nesta armada a qual demarcaçaõ vay posta e aRumada em hum papel a este junto o anno de 1617.* Infelizmente, tal papel já lá não existe. O roteiro contém dez desenhos de pequenos trechos da costa, reproduzidos, bem como todo o texto, por Luís Silveira (54).

MANUEL DE ALMEIDA, CARTA DA ABISSÍNIA, C. 1645

ESTAMPAS 607-608

Nos primeiros decénios do século XVII, os jesuítas, na sua maior parte portugueses, desenvolveram grande actividade na Abissínia, conseguindo mesmo a efémera conversão do imperador ao catolicismo, para afinal virem a ser expulsos do território, sofrendo alguns a morte. Da sua vasta acção resultou um considerável acréscimo dos conhecimentos sobre a misteriosa e difícil região, que se fizeram sentir em vários domínios, de modo especial na geografia.

Um dos mais notáveis desses jesuítas, o P.e Pero Paez, espanhol, foi o primeiro europeu a visitar e a descrever, em 1618, as fontes do Nilo Azul, também vistas e descritas poucos anos depois por outros jesuítas, nomeadamente o P.e Manuel de Almeida; dessa descoberta chegaram-nos esboços cartográficos que mais adiante analisaremos. Esse achado — que se julgou então vir resolver um enigma de muitos séculos — estava destinado a ter a maior repercussão na cartografia da África. É natural que nas suas longas peregrinações pelo território, os jesuítas fossem anotando as suas observações geográficas e com elas organizando outros esboços. Não nos chegou porém mais nenhum (55), mas, em contrapartida, conhecem-se vários exemplares de uma carta geográfica geral organizada pelo P.e Manuel de Almeida talvez à volta de 1645, utilizando os dados recolhidos em período anterior. Dois exemplares de tal carta vêm em dois manuscritos da *História de Etiópia a Alta ou Abássia* do P.e Manuel de Almeida existentes em Londres, e outro exemplar encontra-se também em Londres, numa colectânea cartográfica, tendo todos eles sido analisados e reproduzidos por vários autores. Há ainda, em Viena, um quarto exemplar, a que não conhecemos quaisquer referências.

O P.e Manuel de Almeida nasceu nos fins de 1579 ou começos de 1580, em Viseu. Entrou para a Companhia de Jesus, como noviço, em 1594, estudou em Coimbra e foi para a Índia em 1602, continuando os seus estudos no Colégio de S. Paulo, em Goa, e professando em 1612. Foi a seguir professor no mesmo Colégio, exerceu a actividade religiosa em Salsete, e em 1620 era reitor e mestre dos noviços em Goa. Em 1621 foi escolhido para reitor do Colégio de Baçaim, e em 1622 nomeado visitador da missão da Abissínia. Tendo partido, com mais três companheiros, no final desse ano, só nos começos de 1624, depois de uma viagem cheia de incidentes e dificuldades, conseguiu entrar na Abissínia, onde esteve até 1633, ano em que regressou a Goa, aí morrendo em 10 de Maio de 1646.

Quando ainda na Abissínia, o P.e Manuel de Almeida, em 1628, por ordem dos seus superiores, começou a escrever a *História de Etiópia a Alta ou Abássia,* que terminou em Goa poucos meses antes de morrer. Em 4 de Janeiro de 1646, o Patriarca Afonso Mendes informava o Geral dos Jesuítas de que a obra estava concluída e ia ser enviada para Portugal. Recebido este exemplar — hoje perdido — foi encarregado o Provincial dos Jesuítas em Portugal, o P.e Baltasar Teles, de escrever, com base nele, um texto para impressão, o qual foi publicado em Coimbra, em 1660, contendo uma carta gravada da Abissínia baseada igualmente na do P.e Manuel de

(54) *Roteiro da Costa de Angola de 1617,* in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa,* 71.ª série, n.os 10-12, pp. 443-52, Out.-Dez. 1953. Os dez desenhos parciais foram reunidos em duas cartas por Gastão de Sousa Dias, *Manuel Cerveira Pereira,* entre pp. 36 e 37, Lisboa 1940, o que, de certo modo, é uma reconstituição da perdida carta geral.

(55) Deve salientar-se, no entanto, que no exemplar do *Roteiro do Mar Roxo* de D. João de Castro, pertencente à Casa Palmela, vem incluída, juntamente com documentos da autoria do P.e Jerónimo Lobo, uma carta com o título *A mais certa demõstraçaõ do Porto de Maçva e Arqvico cõ seus canaes e svrgideiros* a qual deve ser de c. 1634 e foi feita talvez por aquele jesuita ou pelo P.e Manuel Barradas (Vol. I, p. 143, Estampa 69 A da presente obra).

in 1657 by the Capuchin missionaries to the *Propaganda Fidei.* The map extends from the «Kingdom of Loango» to the «Kingdom of Benguela», with representation of much of the interior, and since it is entirely written in Portuguese, we suppose it to be by a Portuguese author or based on Portuguese sources.

It remains lastly to mention another map of Angola, whose whereabouts are now unknown. In the Biblioteca Pública e Arquivo Distrital, Évora, classmark «CXVI.1-39, n.º 1», is the «Rutter of the Coast of Angola and from the latitude of fifteen and a half degrees to Luanda, showing how the Coast runs, its landmarks, ports, bays, and gulfs, islands, reefs, their latitudes, all of which was surveyed and demarcated by the Conqueror Manoel Cerveira Pereira and by the sea-captain Domingos Frz. pilot-major in this fleet, which demarcation was laid down and plotted on a paper annexed in the year 1617». Unhappily this paper is no longer with the rutter, which contains ten drawings of short sections of coast, which have been reproduced with the whole text by Luís Silveira (54).

MANUEL DE ALMEIDA, MAP OF ABYSSINIA, C. 1645

PLATES 607-608

In the first decades of the XVII century, the Jesuits, mainly Portuguese, were very active in Abyssinia, even effecting the ephemeral conversion of the Emperor to the Catholic faith, before they were eventually expelled from the country, some of them being martyred. Their great activity resulted in a considerable increase in knowledge of this mysterious and difficult region, and this was manifested in various fields, particularly the geographical.

One of the most notable of these Jesuits, Fr Pero Paez, a Spaniard, was the first European to visit and to describe, in 1618, the sources of the Blue Nile, which were also seen and described a few years later by other Jesuits, notably Fr Manuel de Almeida. This discovery, which has left us some map-sketches, to be described below, was considered at the time to have solved a problem of many centuries, and it was destined to have the greatest repercussions on the cartography of Africa. On their long journeys through the country the Jesuits naturally recorded their geographical observations and made further sketches to accompany them. No others however have survived (55), but to make up for this we have several copies of a general geographical map prepared by Fr Manuel de Almeida, perhaps about 1645, although he made use of data collected earlier. Two copies of this map occur in two manuscripts of the «History of High Ethiopia or Abassia» by Fr Manuel de Almeida, preserved in London, where there is also another copy in a cartographic miscellany; all of these have been described and reproduced by various authors. There is, in Vienna, a fourth copy to which we know no references.

Fr Manuel de Almeida was born at Viseu at the end of 1579 or beginning of 1580. He entered the Society of Jesus as a novice in 1594, studied at Coimbra, and in 1602 went to India, where he continued his studies at the College of S. Paulo in Goa and was professed in 1612. Subsequently he taught in the same College, carried on religious activity at Salsete and in 1620 was rector and novice-master in Goa. In 1621 he was chosen as rector of the College of Bassein, and in 1622 appointed visitor of the Abyssinian mission. Leaving with three companions at the end of the same year, he did not succeed in entering Abyssinia, after a journey full of incident and difficulty, until the beginning of 1624. He remained in the country until 1633, when he returned to Goa, and he died there on 10 May 1646.

In 1628, while he was still in Abyssinia, Fr Manuel de Almeida began to write, as directed by his superiors, the «History of High Ethiopia or Abassia», which he finished in Goa a few months before dying. On 4 January 1646 the Patriarch Afonso Mendes informed the General of the Jesuits that the work had been complete and was going to be sent to Portugal. On the arrival of this copy, which is now lost, the Provincial of the Jesuits in Portugal, Fr Baltasar Teles, was commissioned to prepare from it a text for printing, which was published at Coimbra in 1660, with an engraved map of Abyssinia also based on the work of Fr Manuel de Almeida. In

(54) *Roteiro da Costa de Angola de 1617*, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa,* 71ª série, n.os 10-12, pp. 443-52, Oct.-Dec. 1953. The ten sectional drawings were combined in two maps by Gastão de Sousa Dias, *Manuel Cerveira Pereira,* between pp. 36 and 37, Lisboa 1940, constituting, in a sense, a reconstruction of the lost general map.

(55) It must be pointed out however that in the copy of the «Rutter of the Red Sea» by D. João de Castro belonging to Casa Palmela is included, with documents by Fr Jerónimo Lobo, a map entitled «Most certain delineation of the Port of Massowa and Arquico with its channels and anchorages»; this map must be c. 1634, and is perhaps by Lobo or by Fr Manuel Barradas (Vol. I, p. 143, Plate 69 A of the present work).

Almeida. Foi assim, a partir do livro do P.e Baltasar Teles, que tal carta se divulgou na Europa, sendo ràpidamente utilizada (56).

Analisam-se seguidamente os vários exemplares manuscritos conhecidos da carta da Abissínia do P.e Manuel de Almeida, bem como as primeiras cartas impressas dela derivadas.

Exemplar no Códice do British Museum, 1662 (Estampa 607 A) — Com a cota «Add. MS 9861» existe no British Museum, Londres, um códice com o título *Padre Manoel de Almeida, da Companhia de Jesus, natural de Viseu. Historia de Ethiopia a alta, ou Abassia, imperio do Abexim, cujo rey vulgarmente he chamado Preste Joam, trata da natureza da terra e da gente que a povoa, dos Reys que nelle ouve, da fé que tiveram e tem e do muito que os padres da Companhia de Jesus trabalharam polos reduzir a verdadeira e santa fé da Igreja romana,* contendo uma carta da Abissínia. O códice foi dado ao Museu, em 1835, pelo orientalista William Marsden, julgando-se que ele o tenha obtido à volta de 1780 numa igreja de Goa, e foi publicado na íntegra por Beccari, incluindo a carta (57). Desta maneira, o texto da *História* do P.e Manuel de Almeida, que havia estado sepultado durante séculos, passou a ser conhecido directamente, e não apenas através da versão, muito modificada, do P.e Baltasar Teles.

A carta incluída neste códice é manuscrita e colorida, traçada em papel diferente do texto, 435 × 642 mm, tendo ao alto o título *DESCRIÇAÕ DO EMPERIO DE AETHIOPIA. Pello P.e Manoel Dalmeida da Comp.a de IESVS Anno MLCLXII.* A data de 1662 é repetida no topo de um quadro, no canto inferior esquerdo, o qual contém a explicação das letras (ilhas do Lago Tana) e números (localidades e mosteiros) da carta. Noutro quadro, que ocupa toda a margem direita da carta, são dados pormenores sobre alguns dos acidentes geográficos e estabelecimentos religiosos. Uma legenda na parte inferior do desenho refere-se à invasão dos Galas, iniciada c. 1537. Há uma escala de latitudes (de 0º a 21º N) e um tronco-de-léguas.

Como a sua data indica, esta carta não é da mão do P.e Manuel de Almeida, falecido em 1646. Por outro lado, o quadro da margem direita refere-se à morte, ocorrida em 1640, dos missionários Aloisi Cardeira e Bruno Bruni. É plausível supor que o P.e Manuel de Almeida tenha trazido da Abissínia, em 1633, os esboços que foram utilizados para a carta da Abissínia, ou mesmo já o seu desenho completo, e que mais tarde, enquanto concluía a redacção da *Historia,* tivesse incluído aqueles elementos, pelo que a carta que acompanhava o original da obra deve ter sido desenhada no período 1640-1645.

A carta do códice do British Museum foi estudada e reproduzida por A. Kammerer (58). Um dos seus aspectos mais importantes é sem dúvida a correcta localização e traçado das origens do Nilo Azul, dizendo-se a tal respeito, no quadro da margem direita, o seguinte: *51 Fonte do Nilo nos montes de Sacalã, comarca de Agaus no Rn.º Goyam em 12 graos menos hũ terço da linha pera o Norte — Rio Nilo 20 legoas de sua fonte entra na alagoa e daqui da hua Volta ao Reino Goyam, e Julho, Agosto, Setembro, vai muito crecido p nestes mezes he o Inuerno de Ethiopia e leua as agoas de quasi todos os Rios he a rezaõ da creçente deste Rio.* Os primeiros capítulos do Livro I da *História* contêm uma descrição geográfica da Abissínia em estreita correlação com a carta. Mais particularmente, no capítulo 5.º trata-se do Rio Nilo, das suas fontes e enchentes, com um esboço exemplificativo (Fig. 14 A).

Exemplar no Códice da School of Oriental and African Studies, c. 1662 (Estampa 607 B) — Com a cota «Ms. 11966» existe na School of Oriental and African Studies, Londres, um códice com o título: *História de Ethiopia a alta, ou Abassia: Imperio do Abexim, cujo Rey uulgarmente he chamado Preste Joam. Trata da natureza da terra, e da gente, que a pouoa, dos Reys, que nella ouue; da Fé, que teueram, e tem; e do muito, que os Padres da Companhia de Iesvs trabalharam polos reduzir a uerdadeira, e sancta Fe da Igreja Romana. Dedicada à Magestade d'El Rey D. Joam o 4.º Nosso Senhor. Composta pelo Padre Manoel de Almeida da Companhia de Iesvs, natural de Viseu.* Este códice,

(56) Sobre a acção dos Jesuítas na Abissínia, a obra básica é C. Beccari, *Rerum aethiopicarum scriptores occidentales inediti,* 15 volumes, Roma 1905-17. Uma síntese desenvolvida dessa acção, sobretudo nos aspectos geográficos, bem como uma história da cartografia da Abissínia, encontra-se em A. Kammerer, *La Mer Rouge, l'Abyssinie et l'Arabie aux XVIe et XVIIe siècles et la cartographie des portulans du monde oriental,* 3 volumes, Le Caire, 1947, 1949 e 1952. Mais recentemente, ocuparam-se da *História* do P.e Manuel de Almeida, e da sua carta da Abissínia, C. F. Beckingham e G. W. B. Huntingford, *Some Records of Ethiopia (1593-1646)*, Hakluyt Society, 2nd series, n.º CVII, London 1954. Os elementos aqui apresentados baseiam-se sobretudo nas duas últimas obras indicadas.

(57) Beccari, *op. cit.*, Vols. V-VIII. A carta é dada, em fac-símile, com deficiências, no Vol. I.

(58) *Op. cit.* na nota 56, Tome III, 3e Partie, pp. 35-39, Pl. CLIII. Não reproduz directamente o original, mas sim o fac-símile de Beccari referido na nota anterior. O mesmo fac-símile é reproduzido na *História da Expansão Portuguesa no Mundo,* Vol. II, p. 280. Lisboa 1940. A carta deste códice é também dada, em reprodução fotográfica, por Youssouf Kamal, *Monumenta Cartographica Africae et Aegypti,* Tome V, Additamenta, Fasc. I, p. 1553, 1951.

this way, beginning with the book by Fr Baltasar Teles, Almeida's map was diffused through Europe and quickly copied (56).

In the following pages we discuss the various surviving manuscript examples of the map of Abyssinia by Fr Manuel de Almeida, with the earliest printed maps derived from it.

Map in the British Museum Codex, 1662 (Plate 607 A) — In the British Museum, London, classmark «Add. MS 9861», is a codex entitled «Father Manoel de Almeida, of the Society of Jesus, native of Viseu. History of High Ethiopia, or Abassia, empire of Abexim, whose king is commonly called Prester John, describing the character of the country and of the people who inhabit it, of its Kings, of the faith which they held and hold, and of the great labours by which the fathers of the Society of Jesus sought to bring them to the true and holy faith of the Church of Rome», with a map of Abyssinia. The codex was presented to the Museum in 1835 by the orientalist William Marsden, who is thought to have found it in a church at Goa about 1780; and it has been published in full by Beccari, together with the map (57). In this way the text of Almeida's history, after being buried for centuries, came to be known directly, and not merely through the much altered version of Fr Baltasar Teles.

The map in this manuscript is drawn on different paper from that of the text and coloured; it measures 435 × 642 mm, and has at the top the title «DESCRIPTION OF THE EMPIRE OF ETHIOPIA, by Fr Manoel d'Almeida of the Society of JESUS, in the year 1662». The date 1662 is repeated at the top of a panel in the bottom left-hand corner, which contains a key to the letters (islands in Lake Tana) and numbers (places and monasteries) on the map. Another table extending along the whole right-hand edge of the map gives details on some of the geographical features and religious houses. A legend in the lower part refers to the invasion of the Gallas which began c. 1537. There is a scale of latitudes (from 0º to 21º N) and a league-scale.

As its date shows, this map is not from the hand of Fr Manuel de Almeida, who died in 1646. On the other hand the table in the right-hand margin refers to the death in 1640 of the missionaries Aloisi Cardeira and Bruno Bruni. It is reasonable to suppose that Fr Manuel de Almeida brought back from Abyssinia, in 1633, sketches for a map of the country, or even his preliminary draft of the map, and that later, when he completed the compilation of his «History», he incorporated these materials, so that the map which accompanied the original manuscript of his work must have been drawn between 1640 and 1645.

The map in the British Museum codex has been studied and reproduced by A. Kammerer (58). One of its most important features is undoubtedly the correct location and drawing of the sources of the Blue Nile, referred to in the following legend, in the table on the right: «51 Source of the Nile in the mountains of Sakala, in the Kingdom of Gojam, province of Agaus, in 12 degrees less a third north of the Line. The River Nile 20 leagues from its source enters the lake and from here makes a bend in the Kingdom of Gojam, and in July, August and September it is greatly increased in these months, which are Winter in Ethiopia, and it carries the waters of almost all the Rivers and this causes the flooding of this River». The opening chapters of Book I of the «History» contain a geographical description of Abyssinia closely corresponding to the representation in the map. Chapter 5 deals in detail with the River Nile, its sources and inundations, and is illustrated by a sketch (Fig. 14 A).

Map in the Codex of the School of Oriental and African Studies, c. 1662 (Plate 607 B) — In the School of Oriental and African Studies, London, classmark «Ms. 11966», is a codex entitled «History of High Ethiopia, or Abassia: Empire of Abexim, whose King is commonly called Prester John, describing the character of the country and of the people who inhabit it, of its Kings, of the faith which they held and hold, and of the great labours by which the fathers of the Society of Jesus sought to bring them to the true and holy faith of the Church of Rome. Dedicated to His Majesty King John IV, our Lord. Composed by Father Manoel de Almeida of the Society of Jesus, native

(56) On the Jesuits' activity in Abyssinia, the basic work is C. Beccari, *Rerum aethiopicarum scriptores occidentales inediti,* 15 volumes, Roma 1905-17. There is a detailed account of their activity, especially in the geographical field, with a history of the cartography of Abyssinia, in A. Kammerer, *La Mer Rouge, l'Abyssinie et l'Arabie aux XVIe et XVIIe siècles et la cartographie des portulans du monde oriental,* 3 volumes, Le Caire, 1947, 1949 and 1952. Almeida's «History» and his map of Abyssinia have recently been dealt with by C. F. Beckingham and G. W. B. Huntingford, *Some Records of Ethiopia (1593-1646)*, Hakluyt Society, 2nd series, n.º CVII, London 1954. Our discussion here is based mainly on the two last-named works.

(57) Beccari, *op. cit.*, Vols. V-VIII. The map is reproduced in facsimile, imperfectly, in Vol. I.

(58) *Op. cit.* in note 56, Tome III, 3e Partie, pp. 35-39, Pl. CLIII. It is not reproduced direct from the original, but from Beccari's facsimile referred to in the previous note. This facsimile was also reproduced in the *História da Expansão Portuguesa no Mundo,* Vol. II, p. 280. Lisboa 1940. A photographic reproduction of the map in this codex is also given by Youssouf Kamal, *Monumenta Cartographica Africae et Aegypti,* Tome V, Additamenta, Fasc. I, p. 1553, 1951.

como o anterior, parece provir de Goa e foi oferecido em 1835 pelo orientalista William Marsden ao King's College, Londres. Não foi conhecido por Beccari, sendo pela primeira vez descrito por Sir Denison Ross em 1922 (59). O texto é mais correcto que o do códice anterior, e foi utilizado por C. F. Beckingham e G. W. B. Huntingford na recente edição inglesa de parte da *História* (60); falta-lhe, porém, o esboço das fontes do Nilo, estando em branco o espaço a ele destinado.

Contém este códice uma carta da Abissínia, manuscrita e traçada à pena, em papel, 432 × 546 mm. Não tem título nem indicação de autor, e foi traçada por pessoa diferente da que fez a carta do códice anteriormente referido. Nos cantos inferiores tem quadros explicativos das letras (ilhas do Lago Tana) e números (localidades e mosteiros), com indicações análogas às que vêm naquela outra carta, mas falta-lhe o longo quadro com pormenores de alguns acidentes geográficos e estabelecimentos religiosos. Tem escala de latitudes (0° a 19° N) e tronco-de-léguas. É acompanhada de umas *Aduertencias necessarias pera melhor intelligencia deste mappa*, que não vêm no códice do British Museum e nas quais são dadas as razões que levaram à organização da carta, e se apontam os enormes erros das cartas anteriores. Dada a sua importância, transcrevemo-las a seguir na íntegra (61):

Saõ tantos etam notaueis os erros que se achaõ nas taboas de Tolemeu, e nos mappas de Hortelio egerardo Mercator acerca da Abassia, ou das terras pertecentes ao Imperio Abexim, que uulgarmente sediz preste Joaõ, que fui forçado ja que escreuia historias de Ethiopia fazer este mappa, no qual pintasse ao certo os Reinos eterras deste Imperio, as serras, eas couzas mais notaueis que nelle ha, tudo pella graduaçaõ e situacaõ das alturas, e distancia em que estaõ da Linha e polo.

O Primeiro e principal erro dos mappas, etaboas de Hortelio gerardo e dos mais he que estendem as terras pertecentes ao Imperio Abexim desde 22 graos da parte do Norte ate 16 ou 17 da parte do sul, que nesta altura pintaõ o lago Zaire, do qual dizem que sae o Nilo, e ao longo do lago pintaõ o Reino Gojam, por ouuirem que neste Reino nasce; de maneira que daõ aeste Imperio de Norte asul espaço de 39 ou 40 graos; e a largura de leste oeste poem desdas prayas do Mar Roxo ate o Rio Negro, e os confins de Congo ou Manicongo, que fica sendo espaço de mais 400.tas Legoas. Desta quasi imensa grandeza cortou já o nosso famoso Historiador Joaõ de Barros na 3.a Decada da

(59) E. Denison Ross, *The Mss. collected by W. Marsden, with special reference to two copies of d'Almeida's «History of Ethiopia»*, in *Bull. of the School of Oriental and African Studies*, Vol. II, Pt. 3, pp. 513-38, e Pt. 4, pp. 783-804, London 1921-3, *apud* A. Kammerer, *op. cit.* na nota 56, Partie 2e, p. 360.

(60) *Op. cit.* na nota 56.

(61) Chamaram pela primeira vez a atenção para estas *Advertências*, traduzindo-as para inglês e anotando-as, C. F. Beckingham e G. W. B. Huntingford, *op. cit.* na nota 56, pp. XCIII-XCVI, dando conjuntamente, também pela primeira vez, a reprodução da carta da Abissínia inserta no códice, com a identificação de parte dos nomes geográficos. Kammerer, *loc. cit.* na nota 59, embora refira o códice, não fala da carta, pelo que deve ter ignorado a sua existência.



FIG. 14 — DESENHO DAS ORIGENS DO NILO
DRAWING OF THE NILE SOURCES

A — No Códice da *Historia de Ethiopia a Alta* do P.e Manuel de Almeida, no British Museum.
In the British Museum Manuscript of Fr Manuel de Almeida's *Historia de Ethiopia a Alta*

B — Na *Historia Geral de Ethiopia a Alta* do P.e Baltasar Teles, 1660.
In the *Historia Geral de Ethiopia a Alta* by Fr Baltasar Teles, 1660.

C — Na *Relation de divers voyages* de M. Thévenot, 1663.
In the *Relation de divers voyages* by M. Thévenot, 1663.

of Viseu». This manuscript, like the previous one, seems to have come from Goa, and in 1835 it was given by the orientalist William Marsden to King's College, London. It was unknown to Beccari and was first described by Sir Denison Ross in 1922 (59). The text is more correct than that of the previous manuscript, and it was used by C. F. Beckingham and G. W. B. Huntingford in their recent English edition of part of the «History» (60); but it lacks the sketch of the Nile sources, a blank space being left for it.

This manuscript has a map of Abyssinia, drawn in pen-and-ink on paper, 432 × 546 mm. Without title, or name of author, it was drawn by a different hand from that in the codex cited above. In the lower corners are tables explaining the letters (islands in Lake Tana) and numbers (places and monasteries), with indications similar to those in the other map, but this map lacks the long table with details of some geographical features and religious establishments. It has a scale of latitudes (0° to 19° N) and a league scale. It is accompanied by «Remarks necessary for the better understanding of this map», which are absent from the British Museum codex; this gives the reasons for the compilation of the map and points out the great errors of previous maps. In view of its importance, we give it in full below (61):

«Ptolemy's tables and the maps of Hortelio and Gerardo Mercator contain such numerous and remarkable mistakes about Abassia, or the countries belonging to the Abyssinian Empire [*sic*], commonly called Prester John, that when I was writing the history of Ethiopia I was forced to make this map. In it the kingdoms and territories of this Empire, the mountains and the notable things it contains are accurately shown, all with their graduation and elevation and their distance from the Line and the Pole.

The first and chief mistake of the maps and tables of Hortelio, Gerardo and the rest is that they make the countries belonging to the Abyssinian Empire extend from 22 degrees in the north to 16 or 17 degrees in the south. At this elevation they show Lake Zaire, from which they say the Nile comes. Beside the Lake they show the Kingdom of *Gojam*, because they had heard that it rises there. So they give this Empire from north to south a space of 39 or 40 degrees. From east to west they make it reach from the shores of the Red Sea to the Rio Negro and the borders of Congo or Manicongo, which is a space of over 400 leagues. From this huge bulk, as it were, our

(59) E. Denison Ross, *The Mss. collected by W. Marsden, with special reference to two copies of d'Almeida's «History of Ethiopia»*, in *Bull. of the School of Oriental and African Studies*, Vol. II, Pt. 3, pp. 513-38, and Pt. 4, pp. 783-804, London 1921-3, *apud* A. Kammerer, *op. cit.* in note 56, Partie 2e, p. 360.

(60) *Op. cit.* in note 56.

(61) Attention was first drawn to these «Remarks» by C. F. Beckingham and G. W. B. Huntingford, *op. cit.* in note 56, pp. XCIII-XCVI, where they are translated into English with notes and the map of Abyssinia in this codex is reproduced for the first time, with identifications of some of the geographical names. Kammerer, *loc. cit.* in note 59, although referring to the codex, does not mention the map, which he cannot have known.

sua Asia noliuro 4. c. 1. uinte seis graos deixando aeste Imperio sô quatorze, desdo Reino Adea, que diz ser o mais Austral delle e ao qual situa em seis graos da Linha pera o Norte ate Suaquem, que poem em desanoue graos e hũ terço.

Pello que naõ se me pode estranhar tirar eu dos quatorze mais quatro ou sinco graos, uisto que Joaõ de Barros estende as terras do Imperio ate aaltura de Suaquem, sendo que nunca la chegaraõ, enestes nossos tempos passaõ pouco acima daaltura de Macua, eja aqui se lhe tiraõ ao menos tres graos. Tambem pela banda do sul lhe deuemos tirar hũ ou dous; porque Adeâ e Cambace, que ainda esta mais aosul, que Adeâ, naõ esta emseis gra. senão em oito, ou quando menos em sete graos; e posto que Joaõ de Barros he diligentissimo Escritor, o que nesta parte afirma he por dito dos Portugueses que com Dom Christouaõ da gama foraõ a Ethiopia, euoltaraõ a Portugal, enenhũ delles laesteue tantos annos como nos, nem correo as terras do Imperio tantas uezes, nem sabemos, que elles la tiuessem Astrolabio; e nos tiuemolo, etomamos aaltura de Tigrê, Dambea, e Gojam e por esta es [tí]mamos as dos outros reinos muito aocerto.

Da largura que os mappas poem de Leste Oeste corta tambem Joaõ de Barros amayor parte; porque naõ so naõ estende os comfins deste Imperio ate Manicongo, e o Rio Negro; mas ao lado Boreal que poem de Suaquem ate a Ilha Meroe, da somente cento e vinte e sinco legoas; e esta fica a largura do Imperio por aquella banda, que he menor, que ade cento equorenta que eu lhe dou desde a Costa do Mar Roxo ate Minê pouoaçaõ sita junto ao Nilo, na uolta que fas pera o Norte depois de rodear quasi todo o Reino Gojam quasi de fronte da fonte emque nasce.

Este lado Boreal lança Joaõ de Barros desde Suaquem ate o fim da Ilha Meroe, aqual dis quese chama Nobâ; edali lança o lado occidental ate o Reino Adea naqual distancia poem duzenta esicoenta legoas deste Reino Adeâ o qual situa em seis graos da Linha pera o Norte, como ja açima disse lança o lado Austral direito pera oriente ate o Reino Adel, cuja metropoli chama Arar, e diz estar em altura denoue graos, na qual distançia poem cento e oitenta legoas. O lado oriental fas de cento euinte duas legoas, comecando junto as portas do Estreito eacabando em Suaquem. Assy que ajuntando as distancias destes quatro lados que cercaõ o estado deste Principe, podemos dizer que contem pouco mais ou menos seisçentos setenta e duas legoas, são palauras de Joaõ de Barros.

E posto que nos termos que poem aestes lados principalmente ao de Norte, que assina desde Suaquem ate Nobâ, não posso conformarme cõ elle he certo que acontia de legoas que poem aos limites deste Imperio e muito comforme ao que passa na verdade e digo que o lado do Norte se deue contar naõ de Suaquem senaõ pouco acima de Maçua em altura de dezaseis graos e hade ir correndo algũ tanto para sudueste ate parar nas terras dos Agaus em altura de quatorze graos pouco mais ou menos, e tẽ esta distançia comprimento de cento e quorenta legoas e como logo mostrarey esta pouco mais ou menos hé acabeça da Ilha Meroe, a qual naõ he Nobâ, senaõ o Reino Gojam. Nobâ ou Nubia he hum Reino que esta mais pera o Norte ao longo da corrente do Rio Nilo.

Outro erro muito notauel que se acha nos mappas he trocarẽ os nomes aos Reinos e situalos muito longe do lugar em que estaõ; e o que he pior de hum sô Reino fazerem muitos. A saber poem hum Reino aque chamaõ Tigrai perto da Linha; outro aque chamaõ Tigre 10 graos da Linha pera o Norte; entre elles outro a que chamaõ Tigre Mahon; e mais adiante outro aque chamaõ Barnagasso poem em 14 graos da Linha pera o Norte; estendendo sua largura por espaço de 130 ou 140 legoas de Macua pera o Ponente, sendo verdade que o Reino de Tigre he hum so e naõ he outro o que se chama Tigrai; senaõ que este mesmo nome pronunciaõ hũs dizendo Tigrai (e he mais conforme alingoa dos naturaes domesmo Reino) outros Tigre, e desta maneira pronunciam este nome os Amaros que he a nobreza de Ethiopia. Tigre Mahon he hũa piquena comarca deste Reino Tigre o qual por outro nome se chama Auzen e he a comedia que se custuma dar ao Gouernador que o Emperador poem neste Reino o qual gouernador antigamente se chamaua Tigre Mahon, que quer dizer Principe de Tigre. Barnagasso ou Bahar Nagaes (que assi se deue pronunciar e escreuer) quer dizer Gouernador do Mar ou das terras maritimas. E não Gouerna algum Reino senaõ duas outras comarcas pequenas das quaes he cabeca Debaroa lugar distante de Maçua dezoito legoas e naõ se estende o seu gouerno mais pelo sertaõ; e estas comarcas, e terras do Bahar Nagaes saõ parte do Reino Tigre.

Dada a grande semelhança entre esta carta e a do códice do British Museum, e à falta de quaisquer outros indícios de interesse cronológico, datamo-la de c. 1662.

Exemplar numa Colectânea Cartográfica do British Museum, c. 1662 (Estampa 607 C) — No British Museum, Londres, com a cota «Add. MS 5027A», existe um volume com

famous historian João de Barros in the 3rd Decade of his Asia, in book 4 c. I, cut off twenty-six degrees, leaving only fourteen from the Kingdom of *Adeâ*, which he says is the most southerly in the Empire (and which he places six degrees north of the Line) to *Suaquem*, which he puts at nineteen and a third degrees.

It is not surprising if I take away another four or five degrees from these fourteen, seeing that João de Barros makes the territories of the Empire reach to the level of Suaquem, the fact being that they never did extend so far, and in our own times hardly stretch above *Maçua;* here three degrees at least are taken away. On the south too we should take away one or two, because *Adeâ* and *Cambace*, which is still further south than *Adeâ*, is [*sic*] not six, but eight, or at least seven degrees. Although João de Barros is a most careful writer, what he asserts in this part is on the word of the Portuguese who went to Ethiopia with Dom Cristóvão da Gama and returned to Portugal. None of them was there for as many years as we were or passed through the territories of the Empire so many times, and we do not know that they had an astrolabe. We did have one and we took the elevation of *Tigrê, Dambea* and *Gojam* and thereby we estimated the position of the other Kingdoms more accurately.

João de Barros also cuts off the greater part of the breadth from east to west marked by the maps. Not only does he not make the boundaries of this Empire extend to Manicongo and the Rio Negro [*sic*], but on the north side which they mark from *Suaquem* to the Island of Meroe, he gives only a hundred and twenty-five leagues. This is the breadth of the Empire on that side, which is less than the hundred and forty that I give it from the Red Sea coast to *Minê*, a town situated near the Nile in the bend that it makes to the north after going round nearly the whole of the Kingdom of *Gojam*, almost opposite the spring where it rises.

João de Barros projects this northern side from *Suaquem* to the tip of the Island of *Meroe*, which he says is called *Nobâ*. Thence he projects the western side to the Kingdom of *Adeâ* and gives two hundred and fifty leagues to this space. From this Kingdom of *Adeâ*, which as I said above, he places six degrees north of the Line, he projects the southern side due eastwards to the Kingdom of *Adel*, the capital of which he calls *Arar* and says it is at an elevation of nine degrees. He gives this space a hundred and eighty leagues. He makes the eastern side a hundred and twenty-two leagues, beginning at the entrance to the Strait and ending at *Suaquem*. So, adding up the lengths of these four sides surrounding this Prince's state, we can say that they amount to about six hundred and seventy-two leagues. These are the words of João de Barros.

Although I cannot agree with him about the ends of the sides, especially the northern, which he marks from *Suaquem* to *Nobâ*, yet the number of leagues he gives to the boundaries of this Empire is very much in accordance with the truth. I say that the northern side must be reckoned not from *Suaquem*, but from a little above *Maçua*, at an elevation of sixteen degrees and thence going further to the south-west as far as the land of the *Agaus*, at an elevation of about fourteen degrees, and this space is about a hundred and forty leagues long. As I shall show in a moment, it is approximately from the tip of the Island of *Meroe*, which is not *Nobâ*, but the Kingdom of *Gojam*. *Nobâ*, or Nubia, is a Kingdom that is further to the north beside the Nile stream.

Another very remarkable mistake found in the maps is that they change the names of the Kingdoms and place them a long way from where they really are, and, what is worse, they make one Kingdom into many. For example, they mark a Kingdom that they call *Tigrai*, near the Line, another that they call Tigre 10 degrees north of the Line, another, between them, that they call *Tigre Mahon*, and further on they mark another they call *Barnagasso* 14 degrees north of the Line, making its breadth extend for 130 or 140 leagues from *Maçua* towards the west. The truth is that there is only one Kingdom of *Tigre* and there is not another called *Tigrai*, but this name some people pronounce *Tigrai* (which is closest to the speech of the natives of the Kingdom) and others *Tigre;* this is the way the *Amaros* [*sic*], who are the nobility of Ethiopia, pronounce this name. *Tigre Mahon* is a little district of the Kingdom of *Tigre* which is also called by another name, *Auzen;* it is customarily assigned for his maintenance to the governor whom the Emperor appoints to this Kingdom. This governor used to be called *Tigre Mahon*, which means Prince of *Tigre*. *Barnagasso*, or *Bahar Nagaes* (so it should be pronounced and written), means Governor of the Sea or of the coast lands. He does not govern any Kingdom, but two small districts of which the capital is *Debaroa*, a place eighteen leagues distance from *Maçua*, and his authority does not extend any further inland. These districts and lands of the *Bahar Nagaes* are part of the Kingdom of *Tigre*».

In view of the great similarity between this map and that in the British Museum manuscript, and in the absence of other chronological evidence, we date it c. 1662.

Copy in a group of maps in the British Museum, c. 1662 (Plate 607 C) — In the British Museum, London, classmark «Add. MS 5027A», is a volume containing numerous maps of diverse origin,

numerosas cartas de várias origens, em papel e pergaminho, que se julga ter pertencido à oficina de uma cartógrafo holandês do século XVII (62). Nele se encontram seis cartas, que constituem os restos de um atlas do Oriente, de João Teixeira Albernaz II, de c. 1660 (folhas 50-61) (63), precedidas, na folha 49, de uma carta manuscrita, traçada à pena, em papel, 390 × 501 mm, sem nome de autor nem data, com o título *TABOA DAS TERRAS E REINOS DO IMPERIO ABEXIM OV DO PRESTE IOÃO*. A disposição dos quadros explicativos é semelhante à da carta que vem no códice da School of Oriental and African Studies, excepto no que se refere às ilhas do Lago Tana, cujo quadro é muito parecido com o da carta impressa na *Historia* do P.^e Baltasar Teles (1660). Notam-se também, no traçado e na disposição da nomenclatura, mais afinidades com estas duas cartas do que com a do códice da *Historia* do P.^e Manuel de Almeida, no British Museum.

Kammerer reproduziu a carta, considerando-a posterior a esta última, sem que, porém, as razões apresentadas sejam convincentes (64). Também Beckingham e Huntingford a citam, considerando-a uma cópia inferior da do códice na School of Oriental and African Studies, opinião aliás contradita pelo facto, que eles referem, de nesta última faltar, no quadro explicativo, o nome correspondente ao n.º 32, nome esse que vem naquela (65). À falta de outros elementos, consideramos também a carta de c. 1662.

Exemplar num Códice da Österreichische Nationalbibliothek, Viena, c. 1662 (Estampa 607 D) — Na Österreichische Nationalbibliothek, Viena, na folha 99 de uma miscelânea com a cota «7199», existe uma carta manuscrita e colorida, traçada em papel, 410 × 513 mm, com o título *TABOA DAS TERRAS, E REINOS DO IMPERIO ABEXIM. OV DO PRESTE IOAÕ*. Tem graduação de latitudes e de longitudes, e a disposição dos títulos, legendas e quadros explicativos é muito semelhante à do exemplar anterior, numa colectânea cartográfica do British Museum, sendo no entanto o estilo e letra mais perfeitos.

Comparando esta carta com os desenhos do *Livro das Praças de Portugal com suas fortificações* de João Nunes Tinoco, 1663, existente na Biblioteca da Ajuda (66), verifica-se uma tão grande semelhança de letra e estilo (nomeadamente nas molduras dos quadros), que não hesitamos em atribuir a autoria da carta em Viena ao mesmo João Nunes Tinoco. À falta de outros elementos, consideramo-la também de c. 1662.

Não conhecemos quaisquer referências anteriores a esta carta, que julgamos reproduzir aqui pela primeira vez.

Carta Gravada na *Historia Geral* do Padre Baltasar Teles, 1660 (Estampa 608 A) — Como dissemos atrás, o texto original da *Historia* do P.^e Manuel de Almeida foi enviada de Goa para a metrópole em 1646 ou pouco depois, e o Provincial da Companhia de Jesus em Portugal, o Padre Baltasar Teles (1596-1675), tomou a seu cargo — com base sobretudo nesse texto, mas utilizando também os escritos de outros jesuítas (principalmente Pero Paez, Afonso Mendes e Jerónimo Lobo) — a redacção de uma obra impressa em Coimbra, 1660, com o título *Historia Geral de Ethiopia a Alta ou Preste Ioam e do que nella obraram os Padres da Companhia de Jesus composta na mesma Ethiopia pelo Padre Manoel d'Almeyda, natural de Viseu, Provincial e Visitador, que foy na India, Abreviada com nova releycam e methodo pelo Padre Balthezar Telles, Natural de Lisboa Provincial da Provincia Lusitana ambos da mesma Companhia.*

O livro contém uma carta gravada, em papel, 282 × 415 mm, com o título *TABOA DAS TERRAS E REINOS DO IMPERIO ABEXIM OV*, não se percebendo se as palavras *PRESTE IOAM*, que vem no norte da Abissínia, se devem entender como a parte final de tal título. Uma folha de texto, como as restantes do livro, acompanha a carta, com o seguinte título e dizeres:

ADVERTENCIAS SOBRE ESTE MAPPA. *ADvirto primeyramente, que a esta nossa Ethiopia Superior, que ponho entre o Tropico de Cancro, & a linha Equinoctial, chamo Oriental neste mappa, sendo que no contexto da Historia tambem lhe chamo Occidental: o que fiz pera mayor distinçam do dito mappa; porque esta nossa Ethiopia de que trato, como está na Africa, fica sendo a mays Oriental, a respeyto de toda a mays Ethiopia Africana, q̃ cahe sobre o Oceano Ethiopico, & vay correndo até Angola, Guiné, Cabo Verde, &c. & por isso fica sendo mays Occidental a respeyto d'esta nossa.*

Porém no contexto da historia falo com os Authores antigos, & com elles chamo Occidental a esta nossa, pera distinçam de outra Ethiopia Oriental, que começa das prayas do mar Roxo, da parte do Oriente, & comprehende as terras de Arabia, Madian, & outras até Palestina, as quays cahem na Asia,

(62) M. Destombes, *Cartes Hollandaises — La Cartographie de la Compagnie des Indes Orientales 1593-1743*, pp. 13-4. Saigon 1941.

(63) De que nos ocupamos a p. 78 do presente Volume.

(64) *Op. cit.* na nota 56, Tome III, 3e Partie, p. 37, Pl. CLVII.

(65) *Op. cit.* na nota 56, p. 220.

(66) De que nos ocupamos no Apêndice III do presente Volume.

on paper and vellum, which is thought to have belonged to the workshop of a Dutch cartographer of the XVII century (62). Among them are six maps constituting the remains of an atlas of the East by João Teixeira Albernaz II, of c. 1660 (folios 50-61) (63); they are preceded, on folio 49, by a manuscript map drawn in pen-an-ink on paper, 390 × 501 mm, without author's name or date, entitled «MAP OF THE LANDS AND KINGDOMS OF THE EMPIRE OF ABEXIM OR OF THE PRESTER JOHN». The arrangement of the explanatory tables is similar to that of the map in the codex of the School of Oriental and African Studies, except in respect of the islands of Lake Tana, the table of which is very like that in the *Historia* of Fr Baltasar Teles (1660). The drawing and arrangement of the place names also shows greater affinity with these two maps than with that in the British Museum manuscript of Fr Manuel de Almeida's «History».

Kammerer, who reproduced the map, thought it later than that of the British Museum, but his reasons are unconvincing (64). Beckingham and Huntingford, who refer to it, consider it to be an inferior copy of that in the School of Oriental and African Studies, but this view is refuted by the fact (which they mention) that the explanatory table in the latter map lacks the name corresponding to n.º 32, which is present in the former (65). For want of other evidence, we date this map also c. 1662.

Map in a Codex of the Österreichische Nationalbibliothek, Vienna, c. 1662 (Plate 607 D) — In the Österreichische Nationalbibliothek, Vienna, on folio 99 of a collection with the classmark «7199», is a manuscript map, drawn on paper and coloured, 410 × 513 mm, entitled «MAP OF THE LANDS, AND KINGDOMS OF THE EMPIRE OF ABEXIM, OR OF THE PRESTER JOHN». It is graduated in latitude and longitude, and the arrangement of titles, legends and explanatory tables is very similar to that in the preceding copy, in the group of maps in the British Museum, but the style and lettering are more finished.

Comparison of this map with the drawings in the «Book of the Strongholds of Portugal with their fortifications», by João Nunes Tinoco, 1663, in the Biblioteca da Ajuda (66), reveals so great a similarity in lettering and style (notably in the cartouches of the tables) that we do not hesitate to ascribe the Vienna map to the same João Nunes Tinoco. For want of other evidence, we date it c. 1662.

We know no previous references to this map, which we suppose to be here reproduced for the first time.

Engraved map in the *Historia Geral* of Father Baltasar Teles, 1660 (Plate 608 A) — As stated above, the original text of Almeida's «History» was sent from Goa to Lisbon in 1646 or shortly after, and the Provincial of the Society of Jesus in Portugal, Father Baltasar Teles (1596-1675), undertook to compile — mainly from Almeida's text, but also using the writings of other Jesuits (particularly Pero Paez, Afonso Mendes and Jerónimo Lobo) — a work which was published at Coimbra in 1660 under the title *Historia Geral de Ethiopia a Alta ou Preste Ioam e do que nella obraram os Padres da Companhia de Jesus composta na mesma Ethiopia pelo Padre Manoel d'Almeyda, natural de Vizeu, Provincial e Visitador, que foy na India, Abreviada com nova releyçam e methodo pelo Padre Balthezar Telles, Natural de Lisboa Provincial da Provincia Lusitana ambos da mesma Companhia.*

The book contains an engraved map on paper, 282 × 415 mm, entitled «Map of the Lands and Kingdoms of the Empire of Abexim or»; it is not clear whether the words «Prester John», in the north of Abyssinia, are to be understood as the last part of this title. A leaf, printed like the others in the book, accompanies the map, with the following title and text:

«Remarks on this Map. I observe first that this our Upper Ethiopia, which I place between the Tropic of Cancer and the Equinoctial Line, I call Eastern in this map, although in the context of the History I also call it Western: which distinguishes the said map; for this our Ethiopia of which I treat, being in Africa, lies more to the East in respect of the rest of African Ethiopia, which abuts on the Ethiopic Ocean and extends to Angola, Guinea, Cape Verde, &c., and therefore lies further West than this Ethiopia of ours.

But in the context of the History I discourse with the ancient Authors, and with them I call our Ethiopia the Western to distinguish it from the other Ethiopia in the East, which begins on the shores of the Red Sea, in the East, and embraces the lands of Arabia, Midian and others as far as

(62) M. Destombes, *Cartes Hollandaises — La Cartographie de la Compagnie des Indes Orientales 1593-1743*, pp. 13-4. Saigon 1941.

(63) We discuss them on p. 78 of the present Volume.

(64) *Op. cit.* in note 56, Tome III, 3e Partie, p. 37, Pl. CLVII.

(65) *Op. cit.* in note 56, p. 220.

(66) We discuss this in Appendix III of the present Volume.

& nam na Africa, em cujos confins jáz esta nossa Ethiopia. De sorte que a Ethiopia Alta, ou Abissina, ou Preste Ioam está no meyo de duas Ethiopias, hũa Africana, outra Asiatica, & a respeyto da que lhe fica mays pera o Occidente se chama Oriental, porque toma mays pera o Oriente, & a respeyto da que lhe fica pera o Oriente, he o seu lançamento mays pera o Occidente, & por isso se chama Occidental.

Advirto em segundo lugar, que por nam caberem no mappa os nomes das povoações, & lugares dos Reynos de Ethiopia, os ponho nestas duas taboas, q̃ aqui se seguem da maneyra que digo no ultimo paragrapho do capitulo quarto d'este primeyro livro; de sorte que quem quizer saber a graduaçam, & altura dos ditos lugares, a poderá achar no mappa, conforme os numeros que nelle vam; & quem quizer saber o que demandam os numeros, que vam pelo mappa, ha de vir buscar os mesmos numeros nestas duas taboas, & ahi na correspondencia do mesmo numero achará o nome do lugar, ou povoaçam, que havia de hir no mappa.

1. *Bizan.*
2. *Asmará.*
3. *Adegadá.*
4. *Debaroá.*
5. *Gorboreá.*
6. *Guele.*
7. *Auzen, ou Tigré.*
8. *Cerá.*
9. *Sart.*
10. *Ambá Salam.*
11. *Ambá Canet.*
12. *Gamá.*
13. *Assá.*
14. *Fremoná.*
15. *Alello.*
16. *Accum.*
17. *Mascalo.*
18. *Maebezo.*
19. *Tres Igreyjas.*
20. *Oldebá.*
21. *Lamalmon.*
22. *Arbatanea.*
23. *Cambij.*
24. *Dancàz Corte.*
25. *Ganete Iesesus.*
26. *Gorgorrá Velha.*
27. *Gorgorrá Nova.*
28. *Patriarca.*
29. *Anfrás.*
30. *Gogá.*
31. *Fogorá.*

Advirto mays q̃ os Gallas, de quem se faz mençam, entràram nos Reynos de Ethiopia por Ballij, pelos annos de mil & quinhẽtos & trinta & sete. Pouco a pouco foram senhoreando Ballij, Fategàr, Doaró, Ogé, Bizamó, Oifate, Angóto, Cambàte, cõ muytas Provincias, q̃ lhes fiquam no meyo. Sam hoje mays de Setẽta cabildas, sendo q̃ entràram só quatro. Senam tiveram guerras huns com outros, jà tiveram conquistado todo o Imperio.

Advirto finalmente que este mappa no q̃ toca a suas graduações, & sitios està muyto exacto, & muy conforme a o exemplar, por onde se tirou, que he muy verdadeyro, & ajustado com a experiencia dos nossos Religiosos, de que falo acima; porém na ortographia dos nomes tem algũas impropriedades, & barbarismos, por nam ser perito na lingoa Portugueza o escultor, que o fez.

Verifica-se, portanto, que Baltasar Teles retirou do desenho da carta os quadros com a explicação dos números (deixando no entanto nele o quadro das ilhas no Lago Tana) e a legenda sobre os Galas, passando tais elementos para as *Advertencias*. Isso permitiu-lhe reduzir a carta em latitude (eliminando o traçado da costa a sul de 6º N) e em longitude (eliminando a costa leste da Arábia e a ilha de Socotorá). Ora os quatro exemplares manuscritos da carta examinados anteriormente não têm tais reduções, de onde se deduz que não foram copiados da carta gravada. Por outro lado, o traçado e a nomenclatura são quase idênticos nas cinco cartas, de onde se conclue que provêm todas de um protótipo único.

No capítulo III do Livro I, Baltasar Teles fala do «mapa desta Ethiopia feyto por alguns doutissimos varões da nossa Companhia, & em especial pelo Illustrissimo Patriarcha de Ethiopia Dom Affonso Mendes, do qual por vezes falarey nesta historia, e pelo Padre Manoel d'Almeyda pessoa de grande erudiçam, & verdade, aos quays principalmente sigo nesta historia». Desta passagem deduz-se que a carta da Abissínia foi o resultado do trabalho de conjunto dos jesuítas que lá andaram, cabendo naturalmente ao Padre Manuel de Almeida o principal papel na sua coordenação. No mesmo capítulo, o Padre Baltasar Teles faz a seguir a crítica aos mapas de Ptolomeu e dos geógrafos do século XVI e XVII, mencionando as ideias de João de Barros, em termos muito semelhantes aos que vêm nas *Advertencias* ao mapa do códice da *Historia* do Padre Manuel de Almeida, na School of Oriental and African Studies. Entre as páginas 14 e 15 apresenta a *Figvra de como o Nilo nasce, & saye de Ethiopia* (Fig. 14 B), que deve ter extraído também da obra do Padre Manuel de Almeida.

Carta Gravada nas *Relations* de Melchissédech Thévenot, 1663 (Estampa 608 B) — Melchissédech Thévenot, no seu conhecido livro *Relations de divers voyages curieux qui n'ont point esté publiées ou qui ont esté traduites d'Hacluyt, de Purchas et d'autres voyageurs*

Palestine, which belong to Asia, not to Africa, on the borders of which is our Ethiopia. So that High Ethiopia, or Abyssinia, or Prester John, lies in the midst of two Ethiopias, one African, the other Asiatic, and in regard to the more westerly it is called Eastern, being further to the East, and in regard to the more easterly, it lies further to the West and is called Western.

Secondly I observe that, because we do not place in the map the names of towns and places of the Kingdom of Ethiopia, we give them in these two tables, which follow here as I said in the last paragraph of the fourth chapter of this first book; so that anyone who seeks to know the graduation and position of the said places can find it from the map by means of the numbers in it; and anyone who seeks to know what the numbers in the map indicate must find the same numbers in these two tables, and the corresponding number will give the name of the place or town which he had found in the map.

32. *Atsaná.*
33. *Alatá.*
34. *Adaxã.*
35. *Nebesse.*
36. *Debra Semona.*
37. *Debra Oré.*
38. *Sará.*
39. *Adisalén.*
40. *Enamorà.*
41. *Ligenegús.*
42. *Debrá Selaló.*
43. *Colelá.*
44. *Abolá.*
45. *Sercá.*
46. *Naniná.*
47. *Alagoa.*
48. *Ondege.*
49. *Nesacá.*
50. *Tancoá.*
51. *Fonte do Nilo.*
52. *Mine.*
53. *Debra Libano.*
54. *Ambà Guexen.*
55. *Ambà Cel.*
56. *Tabab Mariàm.*
57. *Ambà Legot.*
58. *Lalibela.*
59. *Necas Mauchà.*
60. *Serra Belzà.*
61. *Debrà Mariám.*

«I observe further that the Gallas, who are mentioned here, invaded the Kingdoms of Ethiopia through Bali about the year fifteen hundred and thirty-seven. Little by little they overcame Bali, Fategar, Doaró, Ogé, Bizamo, Ifat, Angot, Cambate, with many provinces forming part of them. There are to-day more than seventy bands, only four of which came with the invasion. If they did not war with one another, they would by now have conquered the whole Empire.

Lastly, I observe that this map is, in respect of its graduation and positions, very correct and faithful to the model from which it is drawn, which is very true and founded on the experience of our Religious, of whom I speak above; but in the orthography of the names there are some irregularities and barbarisms, because the engraver who did it was not expert in the Portuguese language».

It appears from this that Baltasar Teles removed from the design of the map the tables explaining the numbers (though retaining in it the table of islands in Lake Tana) and the legend on the Gallas, inserting this information in his «Remarks». This enabled him to cut down the map in latitude (eliminating the outline of the coast south of 6º N) and in longitude (eliminating the east coast of Arabia and the island of Socotra). Now the four manuscript examples of the map examined above are not cut down in this way, showing that they were not copied from the engraved map. On the other hand, the drawing and nomenclature are almost identical in the five maps, indicating that they all derive from a common prototype.

In chapter III of Book I, Baltasar Teles speaks of the «map of this Ethiopia made by some learned men of our Society, and especially by the Illustrious Patriarch of Ethiopia Dom Affonso Mendes, of whom we shall have several occasions to speak in this history, and by Father Manoel d'Almeyda, a person of great erudition and verity, to whom I am principally indebted in this history». From this passage we infer that the map of Abyssinia was produced by the work of the group of Jesuits who went there, Father Manuel de Almeida naturally taking the principal part in co-ordinating it. Later in the same chapter Father Baltasar Teles criticizes the maps of Ptolemy and the geographers of the XVI and XVII centuries, mentioning the ideas of João de Barros, in terms very similar to those in the «Remarks» on the map in the manuscript of Almeida's «History» in the School of Oriental and African Studies. Between pages 14 and 15 is a «Figure showing how the Nile rises, and issues from Ethiopia» (Fig. 14 B), which must also have been extracted from Almeida's work.

Engraved map in the *Relations* of Melchissédech Thévenot, 1663 (Plate 608 B) — Melchissédech Thévenot, in his well-known book *Relations de divers voyages curieux qui n'ont point esté publiées ou qui ont esté traduites d'Hacluyt, de Purchas et d'autres voyageurs*

anglais, hollandais, portugais, allemands, espagnols; et de quelques persans, arabes et autres auteurs orientaux, cuja primeira edição é de Paris, 1663, apresenta uma tradução de parte da *Historia Geral* de Baltasar Teles, com o título *Histoire de la Haute Éthiopie, escrite sur les lieux par le R. P. Manoel d'Almeida, Jésuite, Extraite et traduite de la copie portugaise du R. P. Balthazar Tellez.* Acompanha a tradução uma CARTA D'ETHIOPIE ET DE L'EMPIRE DES ABYSSINS, AVTREMENT DV PRESTRE-IAN *faite sur les lieux par les RR. PP. Manoel d'Almeida, Affonso Mendez, Pero Pays, & Ieronimo Lobo, qui y ont demeurez long-temps*, 298 × 373 mm.

É fácil de verificar que tal carta se baseia na que vem na *Historia Geral* de Baltasar Teles, conservando-se inclusivamente em português várias das suas legendas, mas com os nomes das localidades escritos na própria carta e não em quadros explicativos. Thévenot publica igualmente a figura das fontes do Nilo, com a mesma origem (Fig. 14 C) (67).

Carta Gravada de Isaac Vossius, 1666 — Com o título REGNI ABASSENI NOVA TABVLA baseia-se essencialmente na carta publicada por M. Thévenot em 1663, registando-se, no entanto, um erróneo aumento da área do Lago Tana. Vem publicada no livro de Isaac Vossius, *De Nili et Aliorum Fluviorum Origine*, Haia 1666, do qual há uma edição francesa de Paris, 1667 (68). No mesmo livro, Vossius apresenta uma carta da África a norte do paralelo de 10° S, na qual, pela primeira vez numa carta geral impressa, se elimina o clássico sistema do Nilo com origens no hemisfério meridional (69).

Carta Gravada de François Eschinard, 1674 (Estampa 608 C) — Em 1674 publicou-se em Paris um livro, sem indicação de autor, com o título *Recueil de divers voyages, faits en Afrique et en l'Amérique qui n'ont point esté encore publiéz, contenant l'origine, les moeurs, les coûtumes et le commerce des habitants de ces deux parties du monde. Avec des traitez curieux touchant la Haute Ethiopie, le débordement du Nil, la Mer Rouge et le Prêtre Jean.* Este livro inclui a versão francesa da *Historia Geral* de Baltasar Teles publicada em Rouen, 1671, com o título *Extrait de l'Histoire d'Ethiopie, écrite en portugais par Balthazar Tellez de la Companhie de Jésus*, e nele vem uma carta, em quatro folhas, com o total de 695 × 922 mm, intitulada IMPERII ABASSINI TABVLA GEOGRAPHICA *ex oculatis relationibus Patrum Soc. Iesv aliorumque inter se comparatis & ad trutinam Regulae geographicae examinatis reiectis ijs quae concordi eorumdem historiae que Mater est Geographiae repugnabant A Francisco Eschinardo S. Iesu.* Com título diferente, o livro (com a carta) teve nova edição em Paris, 1684.

A carta provém essencialmente da do Padre Manuel de Almeida, embora com certas alterações, por vezes (como no Lago Tana) para pior (70).

Carta Gravada de Job Ludolf, 1683 (Estampa 608 D) — No livro de Job Ludolf denominado *New History of Aethiopia*, publicado em Londres, 1684, vem uma carta, 45 × 54 cm, com o título *Jobi Ludolfi* HABESSINIA *seu* ABASSIA PRESBYTERI JOHANNIS REGIO *perperam dicta ad exemplum Tab. Chorographicae P.* BALTH. TELLEZII *quanta fieri potuit diligentia formata correctis multis nominibus male scriptis: plurimisque locis passim insertis ex* GREGORII HABESS: *fidâ relatione illorum situ non ubisque oeque certo* ANNO CHRISTI MDCLXXXIII e a legenda *Christianus Ludolfus J. Filius delineavit ex autographo Parentis.*

Esta interessante carta, embora baseada, como o próprio autor declara, na da *Historia Geral* do Padre Baltasar Teles, apresenta várias inovações no traçado, e uma nomenclatura corrigida e mais vasta, de acordo com as informações recolhidas do abexim Gregorios (71). Job Ludolf ou Leutholf (1624-1704), sabio alemão, foi um eminente abissinologista (72).

Durante o século XVIII e parte do século XIX a carta do P.e Manuel de Almeida continuou a ser a base principal das representações cartográficas da Abissínia, embora com algumas alterações ou aditamentos, nem sempre para melhor (73).

---

(67) A carta e a figura são reproduzidas e analisadas por Kammerer, *op. cit.* na nota 56, Tome III, 2e Partie, pp. 346 e 557-8, e 3e Partie, p. 40, Pl. CLIV.

(68) A carta foi reproduzida por Youssouf Kamal, *Monumenta Cartographica Africae et Aegypti*, Tome V, Additamenta, Fasc. I, p. 1554, e A. Kammerer, *op. cit.* na nota 56, Tome III, 3e Partie, Pl. CLV.

(69) Reproduzida por Kamal, *op. cit.* na nota anterior, p. 1555.

(70) A carta foi reproduzida por Kamal, *loc. cit.* na nota 68, p. 1650 (edição de 1684), e Kammerer, *loc. cit.* na mesma nota, 2e Partie, p. 360, e 3e Partie, p. 41, Pl. CLVI, com comentário.

(71) Sobre o mapa de Ludolf, ver a nota de R. A. Skelton in William Foster, *The Red Sea and Adjacent Countries at the close of the seventeenth century*, Hakluyt Society, 2nd series, n.° 100. London 1949.

(72) A sua carta de 1683 foi reproduzida por Kamal, *op. cit.* na nota 68, p. 1559, e Kammerer, *op. cit.* na mesma nota, Pl. CLVIII. Este último, pp. 42-3, analisa a carta, e ocupa-se do seu autor na 2e Partie, pp. 534-7.

(73) A falta de espaço impede-nos de tratar aqui do assunto, pelo que remetemos os leitores para as obras citadas de A. Kammerer e C. F. Beckingham & G. W. B. Huntingford (apêndice IV).

anglais, hollandais, portugais, allemands, espagnols; et de quelques persans, arabes et autres auteurs orientaux, first published at Paris in 1663, gives a translation of part of the *Historia Geral* of Baltasar Teles, with the title *Histoire de la Haute Éthiopie, escrite sur les lieux par le R. P. Manoel d'Almeida, Jésuite, Extraite et traduite de la copie portugaise du R. P. Balthazar Tellez.* The translation is accompanied by a CARTA D'ETHIOPIE ET DE L'EMPIRE DE ABYSSINS, AVTREMENT DV PRESTRE-IAN *faite sur les lieux par les RR. PP. Manoel d'Almeida, Affonso Mendez, Pero Pays, & Ieronimo Lobo, qui y ont demeurez long-temps*, 298 × 373 mm.

This map is plainly based on that in the *Historia Geral* of Teles, some of its legends being even retained in the original Portuguese, but with the names of places written on the map itself and not in the explanatory tables. Thévenot also published the figure of the Nile sources, derived likewise from Teles (Fig. 14 C) (67).

Engraved map of Isaac Vossius, 1666 — This has the title REGNI ABASSENI NOVA TABVLA and is derived substantially from the map published by M. Thévenot in 1663, the extent of Lake Tana being, however, erroneously increased. It is published in the book by Isaac Vossius, *De Nili et Aliorum Fluviorum Origine* (The Hague, 1666), of which a French translation was published at Paris in 1667 (68). In the same book Vossius gives a map of Africa north of the parallel of 10° S, in which — for the first time in a printed general map — the classical representation of the Nile rising south of the Equator is abolished (69).

Engraved map by François Eschinard, 1674 (Plate 608 C) — In 1674 a book was published anonymously at Paris under the title *Recueil de divers voyages, faits en Afrique et en l'Amérique qui n'ont point esté encore publiéz, contenant l'origine, les moeurs, les coûtumes et le commerce des habitants de ces deux parties du monde. Avec des traitez curieux touchant la Haute Ethiopie, le débordement du Nil, la Mer Rouge et le Prêtre Jean.* This book includes the French version of the *Historia Geral* of Baltasar Teles published at Rouen in 1671 with the title *Extrait de l'Histoire d'Ethiopie, écrite en portugais par Balthazar Telles de la Companhie de Jésus*; here we find a map in four sheets, measuring overall 695 × 922 mm, entitled IMPERII ABASSINI TABVLA GEOGRAPHICA *ex oculatis relationibus Patrum Soc. Iesv aliorumque inter se comparatis & ad trutinam Regulae geographicae examinatis reiectis ijs quae concordi eorumdem historiae que Mater est Geographiae repugnabant A Francisco Eschinardo S. Iesu.* The book (with the map) was republished under a different title at Paris in 1684.

The map is substantially derived from that of Father Manuel de Almeida, with some alterations, in some cases (as in Lake Tana) for the worse (70).

Engraved map of Job Ludolf, 1683 (Plate 608 D) — In the book of Job Ludolf entitled *New History of Aethiopia*, published at London in 1684, is a map, 45 × 54 cm, with the title *Jobi Ludolfi* HABESSINIA *seu* ABASSIA PRESBYTERI JOHANNIS REGIO *perperam dicta ad exemplum Tab. Chorographicae P.* BALTH. TELLEZII *quanta fieri potuit diligentia formata correctis multis nominibus male scriptis: plurimisque locis passim insertis ex* GREGORII HABESS: *fidâ relatione illorum situ non ubisque oeque certo* ANNO CHRISTO MDCLXXXIII, and the signature *Christianus Ludolfus J. Filius delineavit ex autographo Parentis.*

This interesting map, although based (as its author himself states) on that in the *Historia Geral* of Baltasar Teles, introduces various innovations in the drawing and a corrected and richer nomenclature, from information collected through the Abyssinian Gregorios (71). Job Ludolf or Leutholf (1624-1704) was a German scholar and eminent Abyssinologist (72).

During the XVIII century and part of the XIX Fr Manuel de Almeida's map remained the principal authority for the cartographic representation of Abyssinia, although with various alterations or additions, not always for the better (73).

---

(67) The map and the figure are reproduced and discussed by Kammerer, *op. cit.* in note 56, Tome III, 2e Partie, pp. 346 and 557-8, and 3e Partie, p. 40, Pl. CLIV.

(68) The map has been reproduced by Youssouf Kamal, *Monumenta Cartographica Africae et Aegypti*, Tome V, Additamenta, Fasc. I, p. 1554, and A. Kammerer, *op. cit.* in note 56, Tome III, 3e Partie, Pl. CLV.

(69) Reproduced by Kamal, *op. cit.* in the previous note, p. 1555.

(70) The map has been reproduced by Kamal, *op. cit.* in note 68, p. 1650 (edition of 1684), and Kammerer, *loc. cit.* in the same note, 2e Partie, p. 360, and 3e Partie, p. 41, Pl. CLVI, with commentary.

(71) On the map of Ludolf see the note by R. A. Skelton in William Foster, *The Red Sea and Adjacent Countries at the close of the seventeenth century*, Hakluyt Society, 2nd series, n.° 100. London 1949.

(72) His map of 1683 has been reproduced by Kamal, *op. cit.* in note 68, p. 1559, and Kammerer, *op. cit.* in the same note, Pl. CLVIII. The latter (pp. 42-3) discusses the map and deals with its author in 2e Partie, pp. 534-7.

(73) Lack of space prevents us from going further into the matter, and we refer our readers to the works, cited above, of A. Kammerer and of C. F. Beckingham & G. W. B. Huntingford (appendix IV).

ANÓNIMO, CARTA DO PORTO DE MOÇAMBIQUE, C. 1650

Na Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa, com a cota «3/D/5», existe uma carta traçada à pena, em papel, 268 × 420 mm, com o título DEMOSTRACÃO DA BARRA DE MOCAMBIQUE. É fácil verificar que não se trata de um original, mas sim de uma cópia feita por um francês; como já tivemos ocasião de apontar a p. 42 do presente volume, trata-se do mesmo indivíduo que copiou, no último terço do século XVII, algumas cartas do atlas de África, de João Teixeira Albernaz II, de 1665.

O original que serviu para fazer esta cópia era português, como o revela o título e nomenclatura, havendo apenas uma legenda em francês. Embora com algumas diferenças, esta representação do porto de Moçambique aproxima-se bastante da que vem num plano da carta do Índico de João Teixeira I, datada de 1649 (Estampa 513) e na nona carta do atlas anónimo de c. 1650 em Vila Viçosa (Estampa 580 D). Por isso, à falta de outros elementos, datamos de c. 1650 o original de onde foi extraída esta cópia.

CARTAS DA ÁSIA E INSULÍNDIA

ANÓNIMO, ATLAS DE CEILÃO COM 34 CARTAS E DESENHOS, 1624
DOIS EXEMPLARES

ESTAMPA 610 A

A — Exemplar de Madrid — Na Biblioteca Nacional de Madrid, com a cota «Mss. 8930», existe um códice com cinco partes, tratando duas de astronomia, uma de fortificações e outra de construção de galés, sendo a última parte constituída por um atlas de Ceilão. No frontispício deste último lê-se *CONSTANTINO DE SAÀ 1624 — Copia do livro que ueo de Seilão que mãdou Constantino de Saà como declara apagina adiante que no original vem a folhas 7. apaguada e asinada por elle.* No verso está escrito o seguinte: *Este livro que contem em si os Rios Plantas reformas da fortificasaõ dos portos do màr desta Ilha de Seilaõ q̃ todos ui trabalhando pesoàlmente em as fortificasõis e occupaçaõ em q̃ atè o prezente. & uiq̃ naõ basta p.ª S. Mg.de ser snõr della ter sò seus portos fortificados mas q̃ taõbem he neces.rio des aloiar ao inimiguo das suas q̃ em torno sércaõ os Rios de Candea e Huua; entre os quais se aseguraõ por rezaõ do sitio e se substentaõ cõ afertelid.e dos seus campos, e p.ª que este piqueno serviço possa ser prezente a S. Mg.de o invio a Vossa Exc.ca cuia pessoa e estàdo, o snõr g.de a 4. de Dezembro. 624. Constantino de Saà.* Depois de uma folha em branco, seguem-se trinta e seis folhas numeradas (estando a n.º 22 em branco), com as seguintes cartas e desenhos, manuscritos e coloridos na maior parte, traçados em papel, 145 × 205 mm (excepto a n.º 32, que tem 298 × 405 mm):

1 — Armas de Portugal; 2 — *Columbo*; 3 — *Nigumbo*; 4 — *Planta da Fortaleza de Nigumbo*; 5 — *Chilào*; 6 — *Putalam*; 7 — *Iaphanapatam*; 8 — *Forma da Fortificacam de Iaphanapatam*; 9 — *Ponta das Pedras*; 10 — *Rio da Crus*; 11 — *Planta da Fortaleza de Triquilimale*; 12 — *Triquilimale*; 13 — *Forma do Pagode de Triquilimale*; 14 — *Batecalou*; 15 — *Paneva*; 16 — *Rio de Cuvicanve*; 17 — *Rio de Ialla*; 18 — *Rio de Magamma*; 19 — *Marinha do Sal*; 20 — *Rio de Vallve*; 21 — *Galheta*; 23 — *Forma do Pagode de Tanavare*; 24 — *Tanavare*; 25 — *Beligão*; 26 — *Planta da Fortaleza de Galle*; 27 — *Mature*; 28 — *Planta da Fortaleza de Panature*; 29 — *Galle*; 30 — *Alicão*; 31 — *Calature*; 32 — *Planta da Ilha de Ceilaõ* (Estampa 610 A); 33 — *Maluana*; 34 — *Panature*; 35 — *Manicavare*; 36 — *Planta do Forte de Sofragam.*

Na edição aumentada do *Epitome,* de Antonio de León Pinelo, indica-se o atlas como estando na Biblioteca Real, Espanha. Esta informação serviu para as notícias que depois deram Barbosa Machado e Ferreira Gordo, dizendo o último que a obra estava na Biblioteca Real de Madrid. O Visconde de Santarém, em obras póstumas, deu-a, por engano, como existente na Biblioteca do Escurial (74). No entanto, tal atlas manteve-se pràticamente desconhecido dos que no presente século se ocuparam da história da cartografia de Ceilão. As cartas e desenhos são muito esquemáticos e de limitado valor cartográfico.

B — Exemplar de Washington — Na Library of Congress, Washington, existe um atlas que tem no começo, em letra do século XVIII,

(74) *Epitome de la bibliotheca oriental, y occidental nautica, y geografica,* Tomo I, Col. 479, Madrid 1737; Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana,* Vol. I, pp. 598-9, Lisboa 1741; Ferreira Gordo, *Apontamentos para a Historia Civil, e Litteraria de Portugal e seus Dominios, collegidos dos Manuscritos assim nacionaes, como estrangeiros, que existem na Bibliotheca Real de Madrid, na do Escurial, e na de alguns Senhores, e Letrados da Côrte de Madrid,* in *Memorias de Litteratura Portuguesa, publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa,* Tomo III, p. 35, Lisboa 1792; Visconde de Santarém, *Inéditos,* p. 66, Lisboa 1914, e *Estudos de Cartografia Antiga,* Vol. II, p. 206, Lisboa [1920].

ANONYMOUS, MAP OF THE PORT OF MOZAMBIQUE, C. 1650

In the Library of the Sociedade de Geografia de Lisboa, classmark «3/D/5», is a map drawn in pen-and-ink, on paper, 268 × 420 mm, with the title «Delineation of the Bar of Mozambique». It is evidently not an original, but a copy made by a Frenchman; as we have pointed out on p. 42 of the present Volume, it is from the hand of the same draughtsman who, in the last third of the XVII century, copied some maps from the 1665 atlas of Africa by João Teixeira Albernaz II.

That the original of this copy was Portuguese is shown by the title and nomenclature, only one legend being in French. In spite of certain differences, this representation of the port of Mozambique is fairly close to that in an inset plan of João Teixeira I's chart of the Indian Ocean dated 1649 (Plate 513) and in the ninth map of the anonymous atlas of c. 1650 at Vila Viçosa (Plate 580 D). Hence, for want of other evidence, we date the original of this copy c. 1650.

MAPS OF ASIA AND INSULINDIA

ANONYMOUS ATLAS OF CEYLON WITH 34 MAPS AND DRAWINGS, 1624
TWO COPIES

PLATE 610 A

A — Madrid Copy — In the Biblioteca Nacional, Madrid, classmark «Mss. 8930», is a manuscript in five parts: two deal with astronomy, one with fortification and one with the construction of galleys, and the last part comprises an atlas of Ceylon. The title-page of this part reads «CONSTANTINO DE SÁ 1624 — Copy of the book sent from Ceylon, which Constantino de Sá had made, as declared on a later page which in the original is folio 7, erased and signed by him». On the verso we read: «This book which contains the Rivers, Plans, projects for fortification of the sea ports of this Island of Ceylon, on all of which I have personally laboured within the fortifications and territory occupied up to the present, and seeing that it is not sufficient for His Majesty to be master only of the fortified ports but that it is also necessary to dislodge the enemy from lands about the Rivers Candy and Huva, between which they enjoy security because of the terrain and are maintained by the fertility of the country; and in order that this small service may come to His Majesty's notice, I send it to Your Excellency whose person and estate may God protect. The 4th December 624. Constantino de Sá». After a blank leaf, there are 36 numbered leaves (n.º 22 being blank), with the following manuscript maps and drawings, drawn on paper and most of them coloured, 145 × 205 mm (except n.º 32, which measures 298 × 405 mm):

1 — Arms of Portugal; 2 — «Colombo»; 3 — «Negombo»; 4 — «Plan of the Fortress of Negombo»; 5 — «Chilaw»; 6 — «Puttalam»; 7 — «Jafanapatam»; 8 — «Form of the Fortress of Jafanapatam»; 9 — «Ponta das Pedras [Point Palmyra]»; 10 — *Rio da Crus*; 11 — «Plan of the Fortress of Trincomalee»; 12 — «Trincomalee»; 13 — «Form of the Pagoda of Trincomalee»; 14 — «Batticaloa»; 15 — *Paneva*; 16 — *Rio Cuvicanve*; 17 — «River Yala»; 18 — «River Magama»; 19 — «Salt works»; 20 — *Rio de Vallve*; 21 — *Galheta*; 23 — «Form of the Pagoda of Dondra»; 24 — «Dondra»; 25 — «Weligama»; 26 — «Plan of the Fortress of Galle»; 27 — «Matara»; 28 — «Plan of the Fortress of Panadure»; 29 — «Galle»; 30 — «Alutgama»; 31 — «Kalutara»; 32 — «Plan of the Island of Ceylon» (Plate 610 A); 33 — «Ratmalana»; 34 — «Panadure»; 35 — *Manicavare*; 36 — «Plan of the Fortress of *Sofragam*».

In the enlarged edition of the *Epitome* of Antonio de León Pinelo the atlas is recorded as in the Royal Library of Spain. This information supplied the subsequent notices of it by Barbosa Machado and Ferreira Gordo, the latter of whom stated that the work was in the Biblioteca Real, Madrid. The Viscount of Santarém, in his posthumously published writings, erroneously reported it to be in the Library of the Escurial (74). The atlas however remained practically unknown to students of the present century who have written on the history of the cartography of Ceylon. The maps and drawings are highly schematic and of limited cartographic value.

B — Washington Copy — In the Library of Congress, Washington, is an atlas preceded by the title (in an XVIII-century hand)

(74) *Epitome de la bibliotheca oriental, y occidental nautica, y geografica,* Tomo I, Col. 479, Madrid 1737; Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana,* Vol. I, pp. 598-9, Lisboa 1741; Ferreira Gordo, *Apontamentos para a Historia Civil, e Litteraria de Portugal e seus Dominios, collegidos dos Manuscritos assim nacionaes, como estrangeiros, que existem na Bibliotheca Real de Madrid, na do Escurial, e na de alguns Senhores, e Letrados da Côrte de Madrid,* in *Memorias de Litteratura Portuguesa, publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa,* Tomo III, p. 35, Lisboa 1792; Viscount de Santarém, *Inéditos,* p. 66, Lisboa 1914, and *Estudos de Cartografia Antiga,* Vol. II, p. 206, Lisboa [1920].

o título *Plantas das Fortalezas, Pagodes, &.ca da Ilha de Ceilão,* o qual se nos afigura ser posterior à execução da obra. Encadernado em pergaminho, tem 40 folhas de papel, das quais quatro estão em branco. Abre com uma folha contendo as armas de Portugal, tendo por cima a designação *Ilha de Ceilaõ* e por baixo a legenda *Este liuro naõ hé feito por mĵ,* após o que há 34 cartas e desenhos, 155 × 206 mm, incluindo uma carta de Ceilão, 320 × 400 mm. Tais cartas e desenhos são análogos aos do atlas existente em Madrid, devendo ambos ter sido copiados de um original cujo paradeiro hoje se desconhece. Com efeito, o atlas de Washington apresenta, na carta geral de Ceilão, *Triqvillimale,* nome que falta na carta correspondente do atlas de Madrid, sendo este último desenhado com um pouco mais de perfeição, nomeadamente na figuração da vegetação.

Alguém escreveu por baixo do título a data *ca. 1650,* no exemplar de Washington, data que já havia sido contestada, como tardia, por Reimers (75). Embora não se possa precisar com exactidão quando tal exemplar foi traçado, a revelação que agora fazemos, do exemplar de Madrid, vem mostrar que ambos foram copiados de um original feito em fins de 1624, em condições que se deduzem da análise de outro atlas de Ceilão, de c. 1627, existente na Haia e de que nos ocupamos a seguir.

O exemplar de Washington foi adquirido pela Library of Congress, em 1922, ao livreiro Maggs Bros., de Londres, tendo sido reproduzido na íntegra por P. E. Pieris, em 1926 (76).

ANÓNIMO, ATLAS DE CEILÃO COM 24 CARTAS E DESENHOS, C. 1627

ESTAMPA 610 B

No Rijksarchief, Haia, com a cota «Buitenl. Kaarten Nr. 928», existe um atlas de Ceilão, tendo no frontispício a indicação *Beschryving end Caarten van den Eyland Ceylon 1606,* dizendo-se a seu respeito no catálogo: «Het original was op last van den Koning van Portugal, door den General van Ceilon in 1606 geschreven. De naam van der vertaler der Hollandsche tekst is onbekend». Trata-se, por consequência, da cópia de um atlas português feita por um holandês. Contém quarenta e sete folhas de papel, 205 × 325 mm, com vinte e quatro cartas e desenhos manuscritos e coloridos, quase todos acompanhados de um texto descritivo em holandês:

Fol. 1r — Título em holandês; fols. 1v - 2r — Carta da Ilha de Ceilão (Estampa 610 B); fol. 3r — Texto; fol. 4v — *Columbo* (planta); fols. 5r - 5v — *Columbo* (texto); fol. 6v — *Planta da Courassa que esta na Ponta de S. Lorenso*; fol. 7v — *Negumbo* (planta); fol. 8r — *Negumbo* (texto); fol. 9v — *Planta da Fortalesa de Negumbo*; fol. 10v — *Chilao* (planta); fol. 11r — *Chilao* (texto); fol. 12v — *Putalam* (planta); fol. 13r — *Putalaõ* (texto); fols. 14v - 15r — *Planta da Isla de Manar*; fol. 16r — *Manar* (texto); fol. 17v — *Iaphanapatam* (planta); fol. 18 — *Japhanapatam* (texto); fol. 19v — *Triquilimale* (planta); fol. 20r — *Triquilimale* (texto); fol. 21v — *Planta da Fortalesa de Triquilimale*; fol. 22v — *Bahia dos Arcos* (planta); fol. 23r — *Bahia dos Arcos* (texto); fol. 24v — *Batecalou* (planta); fol. 25r — *Batecalou* (texto); fol. 26v — *Tanavare* (planta); fol. 27r — *Tanavare* (texto); fol. 28v — *Mature* (planta); fol. 29r — *Mature* (texto); fol. 31v — *Biligaõ* (planta); fol. 32r — *Biligaõ* (texto); fol. 33v — [Gale] (planta); fol. 34v — *Planta da Fortalesa de Gale*; fols. 35 — *Gale* (texto); fol. 36v — *Alicaõ* (planta); fol. 37r — *Alicaõ* (texto); fol. 38v — *Caleture* (planta); fol. 39v — *Planta do Forte de Caleture*; fol. 40r — *Calature* (texto); fol. 41v — *Planta do Forte de Sofragam*; fol. 42r — *Sofragaõ* (texto); fol. 43v — *Planta do Forte da Maluana*; fol. 44r — *Maluana* (texto); fols. 45v - 46r — [Forte de Manieravare] (planta); fol. 47r — *Manieravare* (texto).

Este atlas foi pela primeira vez referido e totalmente reproduzido (carta e texto, com a tradução inglesa deste último) por E. Reimers (77). Este historiador chegou à conclusão, depois de pôr de parte a data de 1606 que vem no título, que o atlas original teria sido feito no período 1624-1628, e seria ligeiramente mais moderno que o atlas de Ceilão, em Washington, que analisámos anteriormente. Baseia-se, para chegar a esta conclusão, no facto de no atlas de Washington ainda vir um desenho do Pagode de Tanavare (Dondra), ao passo que no atlas da Haia se diz, no texto, que este havia sido destruído. Afirma ainda Reimers que o autor do atlas original de onde foi copiado o da Haia era o próprio Constantino de Sá e Noronha, Capitão-geral de Ceilão nos períodos 1618-1620 e 1623-1630, falecido em combate em 1630. Da análise do texto conclui-se que, na realidade, o atlas foi mandado fazer por Constantino de Sá e que o texto é de sua autoria, pelo menos em parte; não encontramos, porém,

(75) *Op. cit.* na nota 77, p. *v*.

(76) *Portuguese Maps and Plans of Ceylon, 1650,* published by P. E. Pieris. Colombo 1926.

(77) E. Reimers, *Constantine de Sa's maps and plans of Ceylon (1624-1628),* Selections from the Dutch Records of the Ceylon Government, n.º 2. Colombo 1929.

«Plans of the Fortresses, Pagodas, &c. of the Island of Ceylon», which seems to be later than the work itself. The atlas is bound in vellum and has 40 leaves of paper, four of which are blank. It begins with a leaf bearing the Arms of Portugal, above which is the title «Island of Ceylon», and below the legend «This book was not made by me»; 34 maps and drawings, 155 × 206 mm, follow, including a map of Ceylon, 320 × 400 mm. They are similar to those in the atlas preserved at Madrid, and the two atlases must have been copied from a common original which has disappeared. In fact, the general map of Ceylon in the Washington atlas has the name *Triqvillimale,* which is wanting in the corresponding map in the Madrid atlas, the drawing of which is somewhat more finished, notably in the delineation of vegetation.

In the Washington copy someone has written, below the title, the date *ca. 1650,* which has been questioned by Reimers as too late (75). Although we have no means of knowing exactly when this copy was made, the Madrid copy which we have brought to light shows that both were derived from an original made at the end of 1624 in circumstances which can be inferred from examination of another atlas of Ceylon, of c. 1627, which we discuss below.

The Washington copy was acquired by the Library of Congress in 1922 from the London booksellers Maggs Brothers, and has been reproduced in full by P. E. Pieris in 1926 (76).

ANONYMOUS ATLAS OF CEYLON, WITH 24 MAPS AND DRAWINGS, C. 1627

PLATE 610 B

In the Rijksarchief, The Hague, classmark «Buitenl. Kaarten Nr. 928», is an atlas of Ceylon with the title *Beschryving end Caarten van den Eyland Ceylon 1606,* the catalogue entry for it reading: «The original was written by the Governor of Ceylon in 1606, at the order of the King of Portugal. The name of the translator of the Dutch text is unknown». This is accordingly a copy of a Portuguese atlas made by a Dutchman. It contains forty-seven leaves of paper, 205 × 325 mm, with twenty-four manuscript maps and drawings in colour, almost all of them accompanied by descriptive text in Dutch:

Fol. 1r — Title in Dutch; fols. 1v-2r — Map of the Island of Ceylon (Plate 610 B); fol. 3r — Text; fol. 4v — «Colombo» (plan); fols. 5r-5v — «Colombo» (text); fol. 6v — «Plan of the armament on the Point S. Lourenço»; fol. 7v — «Negombo» (plan); fol. 8r — «Negombo» (text); fol. 9v — «Plan of the Fortress of Negombo»; fol. 10v — «Chilaw» (plan); fol. 11r — «Chilaw» (text); fol. 12v — «Puttalam» (plan); fol. 13r — «Puttalam» (text); fols. 14v - - 15r — «Plan of the Island of Mannar»; fol. 16r — «Mannar» (text); fol. 17v — «Jafanapatam» (plan); fol. 18 — «Jafanapatam» (text); fol. 19v — «Trincomalee» (plan); fol. 20r — «Trincomalee» (text); fol. 21v — «Plan of the Fortress of Trincomalee»; fol. 22v — «Bay of the *Arcos*» (plan); fol. 23r — «Bay of the *Arcos*» (text); fol. 24v — «Batticaloa» (plan); fol. 25r — «Batticaloa» (text); fol. 26v — «Dondra» (plan); fol. 27r — «Dondra» (text); fol. 28v — «Matara» (plan); fol. 29r — «Matara» (text); fol. 31v — «Weligama» (plan); fol. 32r — «Weligama» (text); fol. 33v — [Galle] (plan); fol. 34v — «Plan of the Fortress of Galle»; fol. 35 — «Galle» (text); fol. 36v — «Alutgama» (plan); fol. 37r — «Alutgama» (text); fol. 38v — «Kalutara» (plan); fol. 39v — «Plan of the Fort of Kalutara»; fol. 40r — «Kalutara» (text); fol. 41v — «Plan of the Fort of *Sofragam*»; fol. 42r — *Sofragão* (text); fol. 43v — «Plan of the Fort of the *Maluana*»; fol. 44r — *Maluana* (text); fols. 45v - 46r — [Fort of *Manieravare*] (plan); fol. 47r — *Manieravare* (text).

The atlas was first noticed and reproduced in full (maps and text, with English translation of the latter) by E. Reimers (77). This historian, having rejected the date 1606 on the title-page, came to the conclusion that the original atlas was made between 1624 and 1628, slightly later than the atlas of Ceylon in Washington which we have discussed above. His reason for this conclusion is the fact that the Washington atlas contains a drawing of the Pagoda of Tanavare (Dondra), while the text of the atlas at The Hague states that this pagoda had been destroyed. Reimers also asserts that the author of the original atlas, from which that at The Hague was copied, was Constantino de Sá e Noronha himself, Captain-general of Ceylon in the years 1618-1620 and 1623-1630, who died in battle in 1630. Examination of the text reveals that, in fact, the atlas was commissioned by Constantino de Sá and that the text was, at least partly, compiled by him; but we cannot

(75) *Op. cit.* in note 77, p. *v*.

(76) *Portuguese Maps and Plans of Ceylon, 1650,* published by P. E. Pieris. Colombo 1926.

(77) E. Reimers, *Constantine de Sa's maps and plans of Ceylon (1624-1628),* Selections from the Dutch Records of the Ceylon Government, n.º 2. Colombo 1929.

razões especiais que levem a julgar que foi ele quem traçou as cartas (78). No texto relativo a Gale, Constantino de Sá refere-se ao primeiro período em que foi capitão-geral da ilha (1618-1620), o que revela ter ele mandado organizar este atlas da segunda vez em que exerceu tais funções (1623-1630); por outro lado, no texto relativo a Batecalou fala do propósito de construir aí um forte, o qual se iniciou em 1628, pelo que o atlas é anterior a este ano. Foram estes os motivos que levaram Reimers a datar o atlas de 1624-1628.

Parece-nos que se pode precisar um pouco mais a data do atlas original, aproveitando as indicações contidas no texto inicial do atlas da Haia e o facto de estar datado de fins de 1624 o atlas de Madrid que agora revelamos. Naquele texto lê-se o seguinte: «Tendo Sua Magestade escrito ao Geral de Ceilão ordenando-lhe que enviasse a Sua Magestade todos os planos das fortificações que se fizeram nesta Ilha, e escrevendo-me também no mesmo sentido no ano de 1606 o Conde Almirante Vice-rei da India, eu, para cumprir as ordens e desejos de Sua Magestade, enviei ao Conde Vice-rei um livro contendo todos os planos das fortificações que se fizeram nesta Ilha e que ali existem presentemente. E fui depois informado pelo Vice-rei de Portugal, Dom Diogo de Castro, de que o livro acima citado ficou tão danificado na perda do navio S. Francisco Xavier, que quando chegou às mãos de Vossa Magestade os desenhos dos fortes só com grande dificuldade se podiam distinguir. Pareceu-me por isso aconselhado enviar estes a Vossa Magestade em tamanho maior e com informação mais clara, de maneira que Vossa Magestade possa ver que as fortificações da costa do mar não são suficientes para se tornar senhor de toda a Ilha...».

O «Conde Almirante Vice-rei da Índia» só pode ser D. Francisco da Gama, que foi Vice-rei em 1596-1600 e em 1622-1628. Foi certamente neste segundo período que ele escreveu a Constantino de Sá encomendando-lhe o atlas, pelo que a data de 1606 é evidente erro do copista holandês. Quanto ao navio «S. Francisco Xavier», que fora para a Índia em 1623, perdeu-se na realidade, no regresso, na barra de Lisboa, em 23 de Outubro de 1625. Ora o atlas de Madrid tem uma dedicatória, de 4 de Dezembro de 1624, de Constantino de Sá; devia, portanto, o original de tal atlas ser o que seguiu no «S. Francisco Xavier». Os navios da armada da Índia de 1626 partiram em 18-21 de Abril, e por eles D. Diogo de Castro teria escrito a Constantino de Sá dando conta do sucedido ao atlas. Os navios chegaram a Goa na segunda quinzena de Setembro de 1626, e é natural que ainda nesse ano ou no começo de 1627, Constantino de Sá recebesse a correspondência de Lisboa, decidindo então mandar fazer um novo atlas para ser enviado a El-Rei. O original de onde foi copiado o atlas da Haia devia, portanto, ter sido feito de fins de 1626 a começos de 1628, isto é, seria de c. 1627.

ANÓNIMO, CARTA DE JAVA MAIOR E NUCA ANTARA, c. 1630

ESTAMPA 609 A

Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com a cota «CAM-3, 5», existe uma carta manuscrita, traçada à pena em pergaminho, 365 × 480 mm, sem data nem assinatura, representando *IAVA MAYOR* e *NVCA ANTARA*. Na parte inferior, tem a legenda «O cosmographo Manoel Godinho de Eredia. Por ordẽ do Vise Rey Ayres de Saldanha descobrio a Ilha Nuca Antara ou jaua menor o anno de 1601. natal Ilha dise auer muytas minas de Ouro, e muita espesearia como crauo e masa e nôs, e sandalo branco, e outras riquezas. E conforme ao çithio em que os Olandeses acharaõ a terra Endracht esta ... maes ao Norte, quaze de 14 ate 15 graos da parte do sul da linha equinocial ficando distantes hũa de outra pouco maes de 100 legoas segundo os terminos que os dous descobridores acharaõ cada hũ na terra q̃ vio podendo tambem ser serẽ (*sic*) conti (*sic*) continuas ou estarem menos distantes».

Uma parte da nomenclatura da carta é de origem holandesa. Ao tratarmos de Manuel Godinho de Erédia (Vol. IV, pp. 42-6), tivemos ocasião de nos ocuparmos desta carta, mostrando que foi depois da morte de Erédia (1623) que os portugueses devem ter tido conhecimento da descoberta da Terra de Eendracht pelos holandeses (1616). A este respeito conhece-se uma carta régia, de 27 de Março de 1629, dirigida ao Vice-rei da Índia, e a resposta deste, datada de 20 de Dezembro de 1629; no primeiro documento faz-se referência a um mapa, com a Terra de Eendracht, que o acompanhava, pedem-se informações sobre tal terra e ordenam-se averiguações sobre os

(78) À mesma conclusão chegou Sebastiano Crinò, *Carte e piante inedite del secolo XVII riguardanti l'isola di Ceylon rinvenute nel Palazzo Pitti, nel Museo degli Strumenti Antichi di Firenze e nel British Museum*, in *La Bibliofilia*, Vol. XXXVI, Dispensa 1.ª-2.ª, pp. 5-6, 14-15, Firenze, Gennaio-Febbraio 1934. Também se ocupou do atlas A. Cortesão, *Cartografia*, Vol. II, pp. 292-3. Lisboa 1935.

find any particular reason to suppose that he drew the maps (78). In the text relating to Galle, Constantino de Sá refers to his first term of office as captain-general (1618-1620), which shows that he ordered the atlas to be made during his second term of office (1623-1630); on the other hand, the text relating to Batticaloa speaks of the proposal to erect a fort, which was begun in 1628, so that the atlas antedates this year. For these reasons Reimers dated it 1624-1628.

We think it possible to arrive at a more precise date for the original atlas from indications in the preliminary text of the atlas at The Hague and from the fact that the Madrid atlas now brought to light is dated to the end of 1624. The text referred to reads: «Since by letters written by Your Majesty to the General of Ceylon, you have ordered him to send to Your Majesty all the plans of the fortifications which have been made in this Island, the which also wrote to me in the year 1606 the Count Admiral Viceroy of India: So have I, in compliance with Your Majesty's orders and wishes, sent to the Count Viceroy a book containing all the plans of the fortifications which have been made in this Island and at present are there: And whereas I have been informed by the Viceroy of Portugal, Dom Diogo de Castro, that the book was so badly damaged in the loss of the ship St Francisco Xavier that when it came into Your Majesty's hands the designs of the forts could only with great difficulty be distinguished, therefore has it seemed good to me to send these to Your Majesty in larger size and with clearer information whereby Your Majesty can see that the fortifications of the sea coast are not sufficient to become master therewith of the whole Island...».

The «Count Admiral Viceroy of India» can only be D. Francisco da Gama, who was Viceroy in 1596-1600 and in 1622-1628. It was certainly in the latter period that he wrote to Constantino de Sá, commissioning the atlas, so that the date 1606 is evidently an error by the Dutch copyist. As to the ship *S. Francisco Xavier*, which went to India in 1623, she was in fact lost at the bar of Lisbon on her return, on 23 October 1625. Now the Madrid atlas has a dedication by Constantino de Sá dated 4 December 1624; thus the original of this atlas must have been that sent in the *S. Francisco Xavier*. The ships of the 1626 fleet to India sailed on 18-21 April, and by them D. Diogo de Castro must have written to Constantino de Sá reporting the fate of the atlas. The ships reached Goa in the second half of September 1626, and it is reasonable to suppose that in this year or at the beginning of the next Constantino de Sá received the letters from Lisbon and that he then decided to have a fresh atlas prepared for the King. The original from which the atlas at The Hague was copied must therefore have been made between the end of 1626 and the beginning of 1628, that is, c. 1627.

ANONYMOUS MAP OF JAVA MAIOR AND NUCANTARA, c. 1630

PLATE 609 A

In the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, classmark «CAM-3, 5», is a manuscript map, drawn in pen-and-ink on vellum, 365 × 480 mm, without date or signature, representing *IAVA MAYOR* and *NVCA ANTARA*. In the lower part is the legend «The cosmographer Manoel Godinho de Eredia, by order of the Viceroy Ayres de Saldanha, discovered the Island of Nuca Antara or Java Maior in the year 1601. He says that in this Island are many goldmines and much spice, such as clove and mace and nutmeg, and white sandalwood, and other wealth. And according to the position in which the Dutch discovered Eendrachtsland, this ... more to the North, almost 14 or 15 degrees south of the Equinoctial Line, lying distant one from the other little more than 100 leagues, according to the furthest points reached by the two discoverers, each in the land which he visited, while it is also possible that they are continuous or less distant from one another».

Some of the names in the map are of Dutch origin. In discussing Manuel Godinho de Erédia (Vol. IV, pp. 42-6) we had occasion to refer to this map, and we showed that it was after Erédia's death in 1623 that the Portuguese must have learnt of the discovery of Eendrachtsland by the Dutch (1616). In connection with this, there is a royal letter of 27 March 1629 addressed to the Viceroy of India, the reply to which is dated 20 December 1629; the first of these documents refers to an accompanying map, showing Eendrachtsland, requests information on this land, and orders an inquiry into Erédia's discoveries. The map nowadays

(78) The same conclusion is reached by Sebastiano Crinò, *Carte e piante inedite del secolo XVII riguardanti l'isola di Ceylon rinvenute nel Palazzo Pitti, nel Museo degli Strumenti Antichi di Firenze e nel British Museum*, in *La Bibliofilia*, Vol. XXXVI, Dispensa 1.ª-2.ª, pp. 5-6, 14-15, Firenze, January-February 1934. The atlas is also discussed by A. Cortesão, *Cartografia*, Vol. II, pp. 292-3. Lisboa 1935.

descobrimentos de Erédia. A carta agora no Rio de Janeiro, e que parece provir da antiga Biblioteca Real, tem evidentes ligações com estes factos, pelo que supomos não errar muito datando-a de c. 1630 (79).

ANTÓNIO FRANCISCO CARDIM, CARTA DO JAPÃO, 1646

ESTAMPA 609 B

O Padre António Francisco Cardim nasceu em Viana do Alentejo, em 1596, entrou para a Companhia de Jesus em 1611, e em 1618 embarcou para o Extremo Oriente. De Macau seguiu para a China, onde esteve alguns anos, e para o Tonquim; de regresso a Macau, exerceu o cargo de reitor do Colégio dos Jesuítas durante quatro anos. Depois foi a Roma, donde veio para Portugal, em 1649 novamente partiu para Goa e Macau, vindo a falecer aí em 1659. O navio em que o Padre Cardim embarcou em 1649, naufragou perto da costa de Moçambique, o que o levou depois a escrever um livrinho, *Relação da viagem do galeão S. Lourenço, e sua perdição nos baixos de Monxicale em 3. de Setembro de 1649*, publicado em Lisboa em 1651 e que constitui uma das comovedoras narrativas da nossa «História Trágico Marítima».

Cardim escreveu vários outros livros, cinco dos quais sobre o Japão, onde aliás nunca esteve. O mais interessante para nós é o seu livro, publicado pela primeira vez em 1646, em cujo frontispício se lê: «*Fasciculus è Iapponicis floribus suo adhuc madentibus sanguine,* compositus A. P. Antonio Francisco Cardim è Societate Iesu. Prouinciae Iapponiae ad Vrbem Procuratore. Qui legitis flores, hos legite, sic quoniam positi suaves miscentur odores. Romae, 1646». Além de oitenta e oito gravuras, o livro contém uma carta desdobrável do Japão, com o seguinte título: *IAPPONIAE Notta & accurata descriptio Per R. P. Antonium Franciscum Cardim Societas IESV Ad Elogia Iapponica.* A legenda em latim, a meio da parte inferior da carta, diz: «O Japão divide-se em 66 províncias ou reinos, marcados com a letra P. A Fé Católica grangeou-se em todos eles: graças ao trabalho e zelo dos religiosos da Companhia de Jesus, contam-se muitas centenas de milhares de cristãos. A Companhia de Jesus, teve, em diversas datas, seis colégios, três residências maiores ou primeiros colégios, duas casas de provação, 64 residências e dois seminários. Muitíssimos deram a vida por Cristo». Na parte superior da carta encontra-se uma lista, a quatro colunas, dos estabelecimentos dos Jesuítas referidos na legenda, até que em 1612 começou a sua perseguição.

No mesmo ano de 1646 foi publicada em Paris uma tradução francesa do livro de Cardim, e em 1650 apareceu em Lisboa uma edição portuguesa com este título precioso: «*Elogios e ramalhete de flores borrifado com o sangue dos religiosos da Companhia de Iesu, a quem os tyranos do Imperio de Iappão tirarão as vidas por odio da Fè Catholica: Com o catalogo de todos os Religiosos, & seculares, que por odio da mesma Fè foraõ mortos naquelle Imperio, atê o anno de 1640.* Pelo Padre Antonio Francisco Cardim da Companhia de Iesu, Procurador geral eleito a Roma Pela Prouincia de Iappaõ, natural de Uiana de Alentejo. Em Lisboa, Por Manoel da Sylva, anno 1650» (80). A carta, que mede 27 × 40 cm, vem reproduzida em todas as edições. Existem certas diferenças de pormenor entre esta carta e as do tipo Luís Teixeira, a que também pertence, mas não se notam grandes variantes no traçado geral; representa um melhoramento quanto à carta de Luís Teixeira de 1592 — tal como melhor orientação da grande ilha central, Hondo, sobretudo na sua metade norte que, além disso, mostra uma latitude quase correcta, e a indicação da extremidade sul de Yezo — mas não há diferença muito notável entre o seu contorno e os das cartas de Manuel Godinho de Erédia ou de João Teixeira Albernaz I, por exemplo. Em todas estas cartas se nota a influência da cartografia Gyogi (81).

O facto do nome de Cardim aparecer como autor da carta, apenas pode significar que ele copiou a obra de algum outro cartógrafo, visto nunca ter estado no Japão. A carta deve ter sido desenhada originàriamente em Macau, e é possível que reproduza ou se baseie num protótipo feito pelo célebre padre jesuíta João Rodrigues, alcunhado *Tçuzzu*, o que significa intérprete em japonês, por causa do seu conhecimento excepcional desta língua. Depois de em 1612 ser expulso do Japão, João Rodrigues Tçuzzu foi para Macau, ou pelo menos viveu lá de 1614 até ao seu falecimento, em 1634. Enquanto esteve em Macau, escreveu uma *Historia do Japão ... do anno de 1549 até o de 1634, por espaço de 85 annos*, que nunca foi publicada mas cujo manuscrito original chegou até nós, encontrando-se uma parte dele

(79) A carta foi reproduzida por Gago Coutinho, *A Náutica dos Descobrimentos,* Vol. II, entre pp. 132 e 133. Lisboa 1952.

(80) Vide A. Cortesão, *Cartografia,* Vol. I, pp. 164-5. Lisboa 1935.

(81) Vide Apêndice VI ao presente Volume.

preserved at Rio de Janeiro, which seems to have come from the old Royal Library, is plainly associated with these facts, and we therefore date it c. 1630 (79).

ANTÓNIO FRANCISCO CARDIM, MAP OF JAPAN, 1646

PLATE 609 B

Father António Francisco Cardim was born in Viana do Alentejo in 1596, he entered the Society of Jesus in 1611 and sailed in 1618 to the Far East. From Macao he went to China, where he spent a few years, and to Tonkin; back in Macao, he was the rector of the College of the Jesuits for four years. Then he went to Rome, whence he returned to Portugal; and in 1649 he left again for Goa and Macao, where he died in 1659. The ship on which Father Cardim sailed was wrecked near the coast of Mozambique, and he later described the shipwreck in a tract, *Relação da viagem do galeão de S. Lourenço, e sua perdição nos baixos de Monxicale em 3. de Setembro de 1649*, published in Lisbon, 1651, which is one of the moving narratives of the Portuguese «Tragic History of the Sea».

Cardim wrote several other books, five of them on Japan, which in fact he never visited. The most interesting for us is the book, published for the first time in 1646, with the following precious title: «*Fasciculus è Iapponicis floribus suo adhuc madentibus sanguine,* compositus A. P. Antonio Francisco Cardim è Societate Iesu. Prouinciae Iapponiae ad Vrbem Procuratore. Qui legitis flores, hos legite, sic quoniam positi suaves miscentur odores. Romae, 1646». The book contains eighty-eight engravings and a folding map of Japan entitled: *IAPPONIAE Notta & accurata descriptio Per R. P. Antonium Franciscum Cardim Societas IESV Ad Elogia Iapponica.* The Latin legend in the lower centre of the map reads: «Japan is divided into 66 provinces or kingdoms, marked with the letter P. The Catholic Faith is propagated in all of them: thanks to the labour and industry of the religious of the Society of Jesus, the Christians number hundreds of thousand. The Society of Jesus had, at different times, three major residencies or main colleges, two probation houses, 64 residencies and two seminaries. Very many have given their lives for Christ». In the upper part is a list, in four columns, of the establishments of the Jesuits, referred to in the legend above, until their persecution began in 1612.

In the same year, 1646, a French translation of Cardim's book was published in Paris, and in 1650 appeared a Portuguese edition the title-page of which reads: «*Elogios e ramalhete de flores borrifado com o sangue dos religiosos da Companhia de Iesu, a quem os tyranos do Imperio de Iappão tirarão as vidas por odio da Fè Catholica: Com o catalogo de todos os Religiosos, & seculares, que por odio da mesma Fè foraõ mortos naquelle Imperio, atê o anno de 1640.* Pelo Padre Antonio Francisco Cardim da Companhia de Iesu, Procurador geral eleito a Roma Pela Prouincia de Iappaõ, natural de Uiana de Alentejo. Em Lisboa, Por Manoel da Sylva, anno 1650» (80). The map, which measures 27 × 40 cm, accompanies all the editions of the book. There are some differences of detail between this and the other maps of the Luís Teixeira type, to which it also belongs, but we do not distinguish much variation in the general outline; it represents an improvement on Luís Teixeira's map of 1592 — such as in the better orientation of the great central island, Honshu, particularly its northern half, which, furthermore, is almost correct in latitude, and the indication of the south tip of Yezo — but there is no striking difference between its outline and those of the charts of Manuel Godinho de Erédia or João Teixeira Albernaz I, for example. The influence of the Gyogi Japanese cartography is noticeable in all the charts of this type (81).

The fact that Cardim's name appears as the author of the map can mean no more than that he copied the work of some other cartographer, because he was never in Japan himself. The map must have been drawn originally in Macao, and it is possible that it reproduces, or is based on a prototype by the famous Jesuit Father João Rodrigues, nicknamed *Tçuzzu*, which in Japanese means interpreter, because of his exceptionally good knowledge of that language. João Rodrigues Tçuzzu, who was expelled from Japan in 1612, went to Macao — or at least he lived there from 1614 until his death in 1634. While in Macao he wrote a *Historia do Japão ... do anno de 1549 até o de 1634, por espaço de 85 annos*; it was never published, but the original manuscript has survived, one part of it preserved in the Biblioteca da Ajuda, Lisbon,

(79) The map has been reproduced by Gago Coutinho, *A Náutica dos Descobrimentos*, Vol. II, between pp. 132 and 133. Lisboa 1952.

(80) See A. Cortesão, *Cartografia,* Vol. I, pp. 164-5. Lisboa 1935.

(81) See Appendix VI to the present Volume.

na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa, e a outra parte na Biblioteca de la Academia de Historia, em Madrid. Rodrigues refere-se, pelo menos duas vezes e em termos insofismáveis, a uma carta do Japão e a outra carta de parte do Extremo Oriente, ambas incluídas na sua obra.

O códice de Madrid começa com o plano de toda a obra, onde se declara que no «Pr.º liuro se poem uma carta geografica das ilhas de Japam, cõ seus graos, repartição de prouincias», etc. O códice de Lisboa começa com o «*Livro primeyro,* no qual se trata do Sitio, descripção e qualidade das Ilhas do Iapão, e de algũs costumes geraes da gente dellas». Depois diz que, como o capítulo primeiro tem de tratar das diferentes espécies de relações entre o Japão e outras partes da Ásia, para melhor compreensão de todo o livro «pareceono ser a proposito por neste principio a descripção Vniversal da toda a Azia, principalmente do Rio Indo para o Oriente, com hũa carta Geographica com as principaes partes della, e Ilhas deste mar Oriental a ella pertencentes, feita, e ordenada, nestas mesmas partes cõ muita exacção e certeza, e muy differente no que toca ao sertaõ da terra do rio Indo para o Levante athe continuar com o novo mundo, do q̃ athe agora anda nas Cartas, e Mappas dos Authores Europeos que destas partes tratarão, e de que athe agora em Europa não houve noticia com que se faça mais claro, e certo conceito do que destas regioens se tocar no discurso desta historia e se verá o proprio e verdadeyro sitio de cada hũa dellas, e a propria forma da terra deste Oriente com os principaes Rios q̃ a regão, e montes afamados, e a correspondencia que as regioens tem entre sy e com as Ilhas do Iappão» (82).

Embora estas duas cartas do Japão e do Extremo Oriente já não se encontrem nos códices de Lisboa e de Madrid, pouca dúvida pode haver de que Rodrigues as incluiu na sua *Historia do Japão,* tendo depois desaparecido; provàvelmente foram por ele desenhadas, mas disto não temos indicação precisa. Não seria de estranhar que tanto o Padre Cardim como Manuel Godinho de Erédia (83), que também não consta tivesse estado no Japão, utilizassem as cartas de João Rodrigues, ou outras semelhantes, para desenhar as que fizeram, mas também disso não temos indicação segura.

É muito possível que no começo do século XVII existisse em Macau um protótipo de que derivaram, com diversas variantes, quase todas as subsequentes cartas do Japão, começando com a do P.e Matteo Ricci, de 1601, que em meados do século já mostrava grande progresso, sobretudo no que respeita a latitudes (84). Supomos que a carta do Padre Cardim derive desse protótipo, possìvelmente através do Padre João Rodrigues Tçuzzu.

Em 1641 foi publicado em Nápoles um livro do P.e Bernardino Ginnaro, S. J. *Saverio Orientale,* que contém uma carta do Japão (Fig. 15). Esta carta, que tem por título *Nova Descriptione del Giappone del R Bernardino Ginnaro della Compag. di Giesu Per lo primo Tomo della sua Istorª del Saverio Orientale,* é muito semelhante à que foi publicada por Cardim em 1646, o que significa que Ginnaro teve uma cópia da carta de Cardim, cinco ou seis anos antes deste a publicar (85).

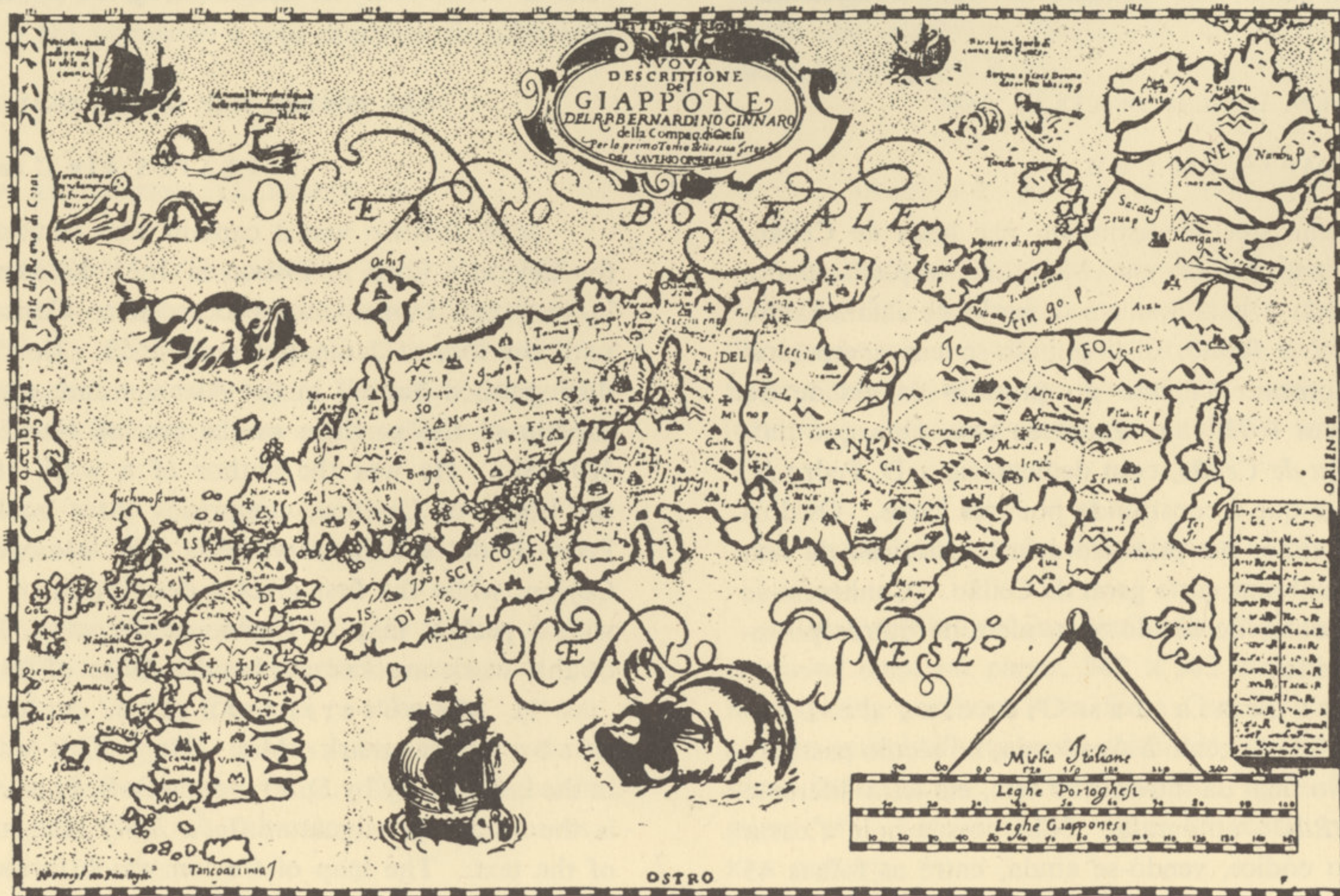


FIG. — 15 CARTA DO JAPÃO IN *SAVERIO ORIENTALE,* DE BERNARDINO GINNARO, S. J., 1641

MAP OF JAPAN BY *SAVERIO ORIENTALE,* DE BERNARDINO GINNARO, S. J., 1641

and the other in the Biblioteca de la Academia de Historia, Madrid. Rodrigues refers, at least twice and in unmistakable terms, to a map of Japan and another chart of part of the Far East, both included in his work.

The Madrid codex begins with the plan of the whole work, where it is stated that «Book first contains a geographical chart of the Isles of Japan, with their degrees, partition of provinces», etc. The Lisbon codex begins with «*Book first,* which deals with the situation, description and quality of the Isles of Japan, and customs general among their people». It goes on to say that, as chapter the first has to deal with the different kinds of relations between Japan and other parts of Asia, in order to understand properly the whole book, «it seems to me appropriate to place at the beginning a universal description of all Asia, chiefly from the River Indus eastwards, with a geographical map with her principal parts, and islands of this oriental sea belonging to her, drawn and set out in these same parts with much exactitude and accuracy, and very different, as regards the inland parts from the River Indus towards the East until it reaches the New World, from what has until now been put in the charts and maps of the European authors who have dealt with these parts, in order to get a clearer and better idea of these regions, in connection with the discourse of this history, and thus it will be seen the true situation of each of them, and the proper form of the lands of this Orient, with the main rivers that water them, and famous mountains, and the correspondence of these regions between themselves and the Isles of Japan» (82).

Although these two maps of Japan and of the Far East are not now to be found in the codices of Lisbon and Madrid, there can be little doubt that they were included in João Rodrigues' *Historia do Japão* and have since disappeared; they were probably drawn by him, but we have no clear indication of this. It is likely that Father Cardim, as well as Manuel Godinho de Erédia (83), who also never went to Japan, as far as we know, used João Rodrigues' maps or similar ones, for drawing their own, but neither have we definite evidence of this.

It is quite possible that there was in Macao, at the beginning of the XVII century, a prototype from which were derived, with several variations, most of the subsequent maps of Japan (beginning with that of Fr Matteo Ricci, of 1601), which in the middle of the century showed an enormous improvement at least as regards latitudes (84). It seems to us that Father Cardim's map is derived from this prototype, possibly through Father João Rodrigues Tçuzzu.

In 1641 it was published in Naples a book, *Saverio Orientale,* by Bernardino Ginnaro, S. J., which contains a map of Japan (Fig. 15). This map, which bears the title *Nova Descriptione del Giappone del R Bernardino Ginnaro della Compag. di Giesu Per lo primo Tomo della sua Istorª del Saverio Orientale,* is very similar to that published by Cardim in 1646, which means that Ginnaro had a copy of Cardim's map five or six years before the latter published it (85).

---

(82) Cf. Cortesão 1935, *loc. cit.*

(83) Vol. IV, pp. 39-60, Estampas 411-422.

(84) Vide Tabela de contornos no Apêndice VI.

(85) O P.e G. Schurhammer reproduziu uma fotografia da carta publicada em 1641, com a legenda: «A carta de Cardim: Edição Italiana de 1641. Carta Portuguesa do Japão do P.e A. F. Cardim, S.J. (talvez feita pelo P.e João Rodrigues Tçuzu, S.J.). Publicada em P.e Bernardino Ginnaro, S.J., *Saverio Orientale* (Napoli 1641)». Georg Schurhammer, S. J., *O descobrimento do Japão pelos Portugueses no ano de 1543,* in *Anais da Academia Portuguesa da História,* II Série, Vol. I. Lisboa 1946.

---

(82) Cf. Cortesão 1935, *loc. cit.*

(83) Vol. IV, pp. 39-60, Plates 411-422.

(84) See Table of outlines in Appendix VI.

(85) Fr G. Schurhammer reproduced a photograph of the map published in 1641, with the caption: «The Map of Cardim: Italian edition of 1641. Portuguese Map of Japan of Fr A. F. Cardim, S. J. (perhaps made by Fr João Rodrigues Tçuzu, S. J.). Published in Fr Bernardino Ginnaro, S. J., *Saverio Orientale* (Napoli 1641)». Georg Schurhammer, S. J., *O descobrimento do Japão pelos Portugueses no ano de 1543,* in *Anais da Academia Portuguesa da História,* II Série, Vol. I. Lisboa 1946.

ANÓNIMO, CARTA DO DELTA DO RIO DAS PÉROLAS, C. 1646

Na Biblioteca da Ajuda, Lisboa, com a cota «Registo 12», existe uma carta manuscrita e colorida, traçada em papel, 47 × 65 cm, representando a região entre Macau e Cantão. Tal carta ilustrava o códice «51-XII-42/2» da mesma biblioteca, intitulado *Advertencias de mt.ª importancia à magestosa Coroa d'El Rey N. Sr. D. João 4.º do nome e offerecidas e apresentadas ao d.º Sr. no Seu Conselho do Estado da India, em mão do Sr. Vice Rey D. Filippe Mascarenhas por Jorge Pinto de Azevedo, morador na China, em Março de 1646.* A carta deve, portanto, ser de 1646 ou de data pouco anterior. Foi reproduzida por Luís Silveira (86).

ANÓNIMO, CARTA DE BOMBAIM, MEADOS DO SÉCULO XVII

No Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, com o n.º 186 do *Catálogo* de Castro e Almeida, existe uma carta da Ilha de Bombaim, manuscrita e colorida, traçada em papel, 510 × 735 mm, muito deteriorada (87).

Não tem data nem assinatura. Deve ter sido feita antes da cedência de Bombaim à Inglaterra, estipulada pelo Tratado de 1661 e efectivada em 1665.

JOÃO RIBEIRO, CARTA DA ILHA DE CEILÃO, 1685

ESTAMPAS 610 C e D

João Ribeiro foi um capitão que se distinguiu nas lutas de Ceilão. Nascido em Lisboa em 1622, foi para a Índia em 1640 como simples soldado, indo logo para Ceilão, onde viveu e batalhou até à perda de Jafanapatão, em 1658. Voltou a seguir para o Reino, distinguindo-se nas campanhas do Alentejo, e em 1666 foi nomeado capitão do presídio da cidade do Funchal, morrendo em Lisboa em 1693 (88). Escreveu uma obra que intitulou *Fatalidade Histórica da Ilha de Ceilão,* com dedicatória a D. Pedro II, datada de 8 de Janeiro de 1685, e que é constituída por três livros. Os dois últimos tratam das guerras de Ceilão, e o primeiro é uma descrição da ilha e dos seus habitantes, tendo no final uma carta geral de Ceilão. Conhecem-se três exemplares manuscritos da obra, do século XVII, além de outros posteriores ou de paradeiro desconhecido:

1) Exemplar da Academia das Ciências de Lisboa — Com a cota «Mss. 211», foi oferecido à Academia, no século passado, por D. Francisco de S. Luís. No final da introdução tem, em letra diferente da do texto, a assinatura *João Rib.^{ro}*, autógrafa. Não possue hoje a carta de Ceilão, mas ela fez parte do códice, vendo-se ainda, entre as folhas 45 e 46, os vestígios de ter sido arrancada, e foi reproduzida (tendo a parte gravada 205 × 296 mm) na edição impressa da obra, feita em 1836, a qual se baseou neste códice (89) (Estampa 610 D). A nomenclatura está reunida num quadro, sendo os topónimos, no total de 58, localizados na carta por meio de números.

2) Exemplar da Biblioteca Nacional, Lisboa — Com a cota «FG 518», e escrito pelo mesmo copista do exemplar anterior, tem também, no fólio 3v, a assinatura autógrafa de *João Rib.^{ro}* No final do Livro I, entre fólios 61 e 62, tem uma carta de Ceilão, traçada à pena, em papel, 216 × 305 mm (Estampa 610 C), semelhante à que vem impressa na edição de 1836 do códice da Academia das Ciências. Em vez de 58, o quadro da nomenclatura tem porém 64 nomes.

3) Exemplar da colecção do Professor C. R. Boxer, Londres — Este exemplar, também com a assinatura autógrafa *João Rib^{ro},* tem anotações do próprio autor e uma carta de Ceilão semelhante às anteriores, traçada à pena, em pergaminho, 217 × 320 mm, mas o número de nomes no quadro da nomenclatura é de 60. A carta foi reproduzida por C. R. Boxer (90).

---

(86) Luís Silveira, *Ensaio de Iconografia das cidades portuguesas do Ultramar,* Vol. III, p. 482. Lisboa [1956].

(87) Foi referida por A. Fontoura da Costa, *Catálogo da Exposição de Cartografia,* n.º 57, in *Congresso do Mundo Português — Memórias,* Vol. IV, p. 420, Lisboa 1940, e *Catálogo da Exposição Cartográfica e Iconográfica Comemorativa do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique,* n.º 50, Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa 1960.

(88) Sobre João Ribeiro, ver Frazão de Vasconcelos, *Subsídios inéditos sôbre o capitão João Ribeiro,* in *Brasões e Genealogias,* Lisboa 1927; C. R. Boxer, *An introduction to João Ribeiro's «Historical Tragedy of the Island of Ceylon» 1685,* in *The Ceylon Historical Journal,* Vol. III, n.ºs 3-4, pp. 234-45, Colombo 1954; C. R. Boxer, *Captain João Ribeiro and his History of Ceylon, 1622-1693,* in *Journal of the Royal Asiatic Society,* Parts I-II, pp. 1-12, London 1955.

(89) *Fatalidade Historica da Ilha de Ceilão,* in *Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas,* Tomo V, n.º 1. Lisboa 1836. Foi com base nesta edição que P. E. Pieris publicou a tradução inglesa, *The Historic Tragedy of Ceilão,* Colombo 1908 (4.ª edição em 1948). O fac-símile da carta do códice da Academia das Ciências foi também publicado por James Emerson Terment, *Ceylon: an account of the island physical, historical and topographical with notices of its natural history, antiquities and productions,* Vol. II. London 1860.

(90) C. R. Boxer 1955.

ANONYMOUS MAP OF THE DELTA OF THE PEARL RIVER, C. 1646

In the Biblioteca da Ajuda, Lisbon, classmark «Registo 12», is a manuscript map, drawn on paper and coloured, 47 × 65 cm, representing the region between Macao and Canton. The map accompanies a codex in the same library, «51-XII-42/2», which is entitled «Notices of great importance to His Majesty Our Lord King John, 4th of the name, offered and presented to the said Lord in his Council of the State of India, by the hand of the Viceroy D. Filippe Mascarenhas, by Jorge Pinto de Azevedo, resident in China, in March 1646». The map must accordingly be of 1646 or a little earlier. It has been reproduced by Luís Silveira (86).

ANONYMOUS MAP OF BOMBAY, MIDDLE OF THE XVII CENTURY

In the Arquivo Histórico Ultramarino, Lisbon, n.º 186 in the *Catálogo* of Castro e Almeida, is a manuscript map of the Island of Bombay, drawn on paper and coloured, 510 × 735 mm, in very poor condition (87).

It is undated and unsigned. It must have been made before the cession of Bombay to England, agreed in the Treaty of 1661 and effected in 1665.

JOÃO RIBEIRO, MAP OF THE ISLAND OF CEYLON, 1685

PLATES 610 C and D

João Ribeiro was a captain who distinguished himself in the struggle for Ceylon. Born in Lisbon in 1622, he went to India as a simple soldier in 1640 and immediately proceeded to Ceylon, where he lived and fought until the loss of Jafanapatam in 1658. He then returned to Portugal, and distinguished himself in the Alentejo campaigns; in 1666 he was appointed captain of the garrison of the city of Funchal, and he died in Lisbon in 1693 (88). He was the author of a work entitled «Historical Tragedy of the Island of Ceylon», comprising three books, with a dedication to King Pedro II dated 8 January 1685. The last two books deal with the wars of Ceylon, while the first gives a description of the island and its inhabitants, with a general map of Ceylon at the end. Three XVII-century manuscripts of this work are known, besides those of later date or now lost:

1) Manuscript in the Academia das Ciências, Lisbon, classmark «Mss. 211» — This was presented to the Academia in the last century by D. Francisco de S. Luís. At the end of the introduction is the autograph signature *João Rib.^{ro}*, the hand being different from that of the text. The map of Ceylon which formed part of the codex is to-day missing, having been torn out; traces of it can still be seen between folios 45 and 46, and it was reproduced (with dimensions of 205 × 296 mm, engraved part) in the edition of the work printed in 1836 from this manuscript (89) (Plate 610 D). The nomenclature is brought together in a table, the position of the 58 names being indicated by numbers in the map.

2) Manuscript in the Biblioteca Nacional, Lisbon, classmark «FG 518» — This is written by the same copyist as the previous manuscript, and also has (on folio 3v) the autograph signature *João Rib^{ro}*. At the end of Book I, between folios 61 and 62, is a map of Ceylon, drawn in pen-and-ink on paper, 216 × 305 mm (Plate 610 C), similar to that printed in the 1836 edition from the manuscript in the Academia das Ciências; but the table of nomenclature has 64, instead of 58, names.

3) Manuscript in the collection of Professor C. R. Boxer, London — This manuscript, which also has the autograph signature *João Rib^{ro}*, is annotated by the author himself and contains a map of Ceylon drawn in pen-and-ink on vellum, 217 × 320 mm; it is similar to the other two, but has 60 names in the nomenclature table. The map has been reproduced by C. R. Boxer (90).

---

(86) Luís Silveira, *Ensaio de Iconografia das cidades portuguesas do Ultramar,* Vol. III, p. 482. Lisboa [1956].

(87) It has been recorded by A. Fontoura da Costa, *Catálogo da Exposição de Cartografia,* n.º 57, in *Congresso do Mundo Português — Memórias,* Vol. IV, p. 420, Lisboa 1940, and *Catálogo da Exposição Cartográfica e Iconográfica Comemorativa do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique,* n.º 50, Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa 1960.

(88) On João Ribeiro, see Frazão de Vasconcelos, *Subsídios inéditos sôbre o capitão João Ribeiro,* in *Brasões e Genealogias,* Lisboa 1927; C. R. Boxer, *An introduction to João Ribeiro's «Historical Tragedy of the Island of Ceylon» 1685,* in *The Ceylon Historical Journal,* Vol. III, n.ºs 3-4, pp. 234-45, Colombo 1954; C. R. Boxer, *Captain João Ribeiro and his History of Ceylon, 1622-1693,* in *Journal of the Royal Asiatic Society,* Parts I-II, pp. 1-12, London 1955.

(89) *Fatalidade Historica da Ilha de Ceilão,* in *Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas,* Tomo V, n.º 1. Lisboa 1836. It was from this edition that P. E. Pieris made his English translation, *The Historic Tragedy of Ceilão,* Colombo 1908 (4th edition in 1948). The map in the manuscript of the Academia das Ciências was also reproduced by James Emerson Terment, *Ceylon: an account of the island physical, historical and topographical with notices of its natural history, antiquities and productions,* Vol. II. London 1860.

(90) C. R. Boxer 1955.

4) Outros exemplares — Na Biblioteca Nacional, Lisboa, com a cota «FG 530», há uma cópia do século XVIII, sem a carta de Ceilão. Na mesma biblioteca, com a cota «FG 531», há uma cópia do Livro III, também sem carta.

Na biblioteca do Visconde de Esperança, na Quinta de Manisola, havia uma cópia com o título *História da ilha de Ceilão expendida e dedicada à Magestade do Senhor Rey Dom Pedro segundo, nosso senhor, pello capitão João Ribeiro. Fielmente copiada do seu original por hum corioso, Lisboa Anno de 1732.* No anteprólogo afirma-se que «na singular Bibliotheca de José Freire Monterroy Mascarenhas havia um livro de quarto escripto e assignado por João Ribeiro, que se dizia ser o original deste autor; e como tal o estimava o seu dono; delle transcrevi esta copia pela sua raridade». Este exemplar apresenta deturpações e diferenças sensíveis em relação ao da Academia das Ciências, a começar pelo título (91). Ignoramos o paradeiro do original que serviu para a cópia, e não sabemos se tinha alguma carta de Ceilão. D. Luís da Cunha, Embaixador de Portugal em Paris, possuía também um manuscrito da obra de João Ribeiro, o qual foi utilizado pelo Abbé Le Grand para a edição francesa, publicada em 1701 (92). Tal exemplar, também com muitas deturpações, pertencia nos fins do século passado a Donald Ferguson, e tinha no começo a inscrição *São Domingos de Lx.ª de Setembro 1686* (93); ignoramos o seu paradeiro e não sabemos se continha algum mapa.

ANÓNIMO, CARTA DO RIO DE BENGALA, SÉCULO XVII

Na Österreichische Nationalbibliothek, Viena, no Vol. 39 do Atlas Blaeu, na folha 8, vem traçada uma carta, manuscrita e colorida, 53 × 68 cm, com o título *DE RIVIERE VAN BENGALA* e a legenda *gemaackt na een Portugeese Afteijckeninghe,* sendo a sua nomenclatura em português. Desconhecemos o paradeiro da carta original portuguesa que serviu para a execução desta cópia.

ANÓNIMO, CARTA GRAVADA DO SUL DA ÁSIA, SÉCULO XVII

Na Bibliothèque Nationale de Paris, com a cota «Ge. D. 7975», existe uma carta gravada em papel, 242 × 363 mm, sem título, assinatura ou data, representando o sul da Ásia, desde Cambaia a Cantão. A sua nomenclatura é quase totalmente portuguesa, apenas com alguns nomes holandeses em Samatra e algumas expressões em latim. Dela deu notícia L. Vallée, considerando-a portuguesa (94). À falta de outros elementos, apenas podemos dizer que foi feita no século XVII.

OUTRAS CARTAS

ANÓNIMO, ATLAS DO BRASIL E ÁFRICA OCIDENTAL COM QUARENTA E NOVE CARTAS, C. 1636

ESTAMPAS 611 e 612

Na Biblioteca Nacional de Madrid, cota «Ms. 7121», existe um atlas náutico com cartas do Brasil e da África Ocidental, manuscritas e coloridas, traçadas em papel, ocupando cada uma delas uma página, 32 × 43 cm, excepto a quinta (Porto Calvo e Olinda), que tem 32 × 136 cm, e a décima sétima (Estreito de Gibraltar à Ilha de Mogador), que tem 32 × 54 cm:

1.ª Carta: ESTADO DO BRASYL, com a costa desde S. Luís do Maranhão até S. Vicente. *2.ª Carta* (Estampa 612 A): *O MARANHÃO. 3.ª Carta*: *Capitania do Rio Grande. 4.ª Carta* (Estampa 612 B): *CAP.NIA DA PARAYBA. 5.ª Carta* (Estampa 611 A): Costa desde o *R. de S. Ant.º* até *Pao Amarello,*

(91) A. F. Barata, *Breve confronto de um impresso da Academia Real das Sciencias com um manuscrito do Excellentissimo Senhor Visconde da Esperança sobre a historia da ilha de Ceilão*, Évora 1886, *apud* C. R. Boxer 1955. A biblioteca do Visconde da Esperança foi recentemente adquirida pelo Estado, mas não pudemos averiguar onde se encontra presentemente a cópia da obra de João Ribeiro.

(92) *Histoire de l'isle de Ceylon, Ecrite par le Capitaine J. Ribeyro & présentée au Roi de Portugal en 1685*. Amsterdam 1701. Contém uma carta de Ceilão devida a De L'Isle, 1700, e não a de João Ribeiro. Sobre as relações do Abbé Le Grand com D. Luís da Cunha, ver Silva Carvalho, *Notícia sobre as «Lettres de Mr. l'Abbé Le Grand pendant ses voyages d'Espagne et de Portugal» (1692-1696)*, in *O Instituto*, Vol. 76, pp. 58-62. Coimbra 1928. Da carta de João Ribeiro ocuparam-se S. Crinò e A. Cortesão, *loc. cit.* na nota 78.

(93) Donald Ferguson, *Captain João Ribeiro: his work on Ceylon and the French translation thereof by the Abbé Le Grand*, in *Journal of the Ceylon Branch of the Royal Asiatic Society*, Vol. X, n.º 36, pp. 263-309, Colombo 1890, *apud* C. R. Boxer 1955, p. 1, que também refere outro exemplar do século XVII, sem a carta de Ceilão, recentemente posto à venda num livreiro de Lisboa (*Catálogo de livros selecionados postos à venda por O Mundo do Livro*, N.º 1922, Lisboa 1952).

(94) L. Vallée, *Notice des documents exposés à la Section des Cartes*, p. 28. Paris 1889. Lucien Fournereau, *Le Siam Ancien*, in *Annales du Musée Guimet*, T. 27, pp. 17-9, Paris 1895, descreve a carta, com reprodução parcial, considerando-a portuguesa e posterior a 1580 (por indicar a igreja dos jesuitas em Cantão).

4) Other manuscripts — In the Biblioteca Nacional, Lisbon, classmark «FG 530», is an XVIII-century copy, without the map of Ceylon. The same library, classmark «FG 531», has a copy of Book III, also without map.

In the library of the Viscount de Esperança, at Quinta de Manisola, there was a copy entitled «History of the island of Ceylon displayed and dedicated to His Majesty our Lord King Pedro II by Captain João Ribeiro. Faithfully copied from the original by a student, Lisbon, in the year 1732». The foreword states that «in the remarkable Library of José Freire Monterroy Mascarenhas was a book, in-quarto, written and signed by João Ribeiro, which was said to be this author's original manuscript and, as such, was esteemed by his owner; on account of its rarity I have transcribed this copy from it». The manuscript shows conspicuous corruptions and variants from that of the Academia das Ciências, beginning with the title (91). We do not know the whereabouts of the original from which it was copied, nor whether this original contained a map of Ceylon. D. Luís de Cunha, Portuguese Ambassador in Paris, also possessed a manuscript of João Ribeiro's work, which was used by the Abbé Le Grand for the French edition published in 1701 (92). This manuscript, which was also very corrupt, and was inscribed at the beginning *São Domingos de Lx.ª de Setembro 1686* belonged at the end of the last century to Donald Ferguson (93); we do not know its present whereabouts nor whether it contained a map.

ANONYMOUS MAP OF THE RIVER OF BENGAL, XVII CENTURY

In the Blaeu Atlas of the Österreichische Nationalbibliothek, Vienna, Vol. 39, folio 8, is a manuscript map, coloured, 53 × 68 cm, with the title *DE RIVIERE VAN BENGALA* and the legend in Dutch «made from a Portuguese representation», the nomenclature being in Portuguese. We have not located the original Portuguese map from which this copy was made.

ANONYMOUS ENGRAVED MAP OF SOUTHERN ASIA, XVII CENTURY

In the Bibliothèque Nationale, Paris, classmark «Ge. D. 7975», is an engraved map, on paper, 242 × 363 mm, without title, signature or date, representing southern Asia from Cambay to Canton. Its nomenclature is almost entirely Portuguese, with only a few Dutch names in Sumatra and some Latin forms. It was recorded by L. Vallée, who thought it Portuguese (94). For want of other evidence, we can only date it to the XVII century.

OTHER MAPS

ANONYMOUS ATLAS OF BRAZIL AND WEST AFRICA, FORTY-NINE CHARTS, C. 1636

PLATES 611 and 612

In the Biblioteca Nacional, Madrid, classmark «Ms. 7121», is a nautical atlas with manuscript charts of Brazil and West Africa, drawn on paper and coloured, each occupying a page, 32 × 43 cm, except the fifth (Porto Calvo and Olinda), which measures 32 × 136 cm, and the seventeenth (Strait of Gibraltar to the Island of Mogador), which measures 32 × 54 cm:

1st chart: «State of Brasil», with the coast from S. Luís do Maranhão to S. Vicente. *2nd chart* (Plate 612 A): «Maranhão». *3rd chart*: «Captaincy of Rio Grande». *4th chart* (Plate 612 B): «Captaincy of Paraíba». *5th chart* (Plate 611 A): Coast from *R. de S. Ant.º* to *Pao Amarello*, with

(91) A. F. Barata, *Breve confronto de um impresso da Academia Real das Sciencias com um manuscrito do Excellentissimo Senhor Visconde da Esperança sobre a historia da ilha de Ceilão*, Évora 1886, *apud* C. R. Boxer 1955. The library of the Viscount da Esperança has recently been purchased by the State, but we have not been able to discover the present location of the copy of Ribeiro's work.

(92) *Histoire de l'isle de Ceylon, Ecrite par le Capitaine J. Ribeyro & présentée au Roi de Portugal en 1685.* Amsterdam 1701. It contains a map of Ceylon by De L'Isle, 1700, not that of João Ribeiro. On the relations of the Abbé Le Grand with D. Luís da Cunha, see Silva Carvalho, *Notícia sobre as «Lettres de Mr. l'Abbé Le Grand pendant ses voyages d'Espagne et de Portugal» (1692-1696)*, in *O Instituto*, Vol. 76, pp. 58-62. Coimbra 1928. The map of João Ribeiro is also discussed by S. Crinò and A. Cortesão, *loc. cit.* in note 78.

(93) Donald Ferguson, *Captain João Ribeiro: his work on Ceylon and the French translation thereof by the Abbé Le Grand*, in *Journal of the Ceylon Branch of the Royal Asiatic Society*, Vol. X, n.º 36, pp. 263-309, Colombo 1890, *apud* C. R. Boxer 1955, p. 1, who also cites another XVII-century manuscript without the Ceylon map, recently offered for sale by a Lisbon bookseller (*Catálogo de livros selecionados postos à venda por O Mundo do Livro*, N.º 1922, Lisboa 1952).

(94) L. Vallée, *Notice des documents exposés à la Section des Cartes,* p. 28. Paris 1889. Lucien Fournereau, *Le Siam Ancien*, in *Annales du Musée Guimet,* T. 27, pp. 17-9, Paris 1895, describes the map, with partial reproduction, and considers it to be Portuguese and after 1580 (because it shows the Jesuit church in Canton).

com Pernambuco e Olinda. *6.ª Carta* (Estampa 611 C): *ILHA DE ITAMARACA.* *7.ª Carta*: *Porto de famandare.* *8.ª Carta* (Estampa 612 C): *BAHYA DE TODOS OS S.^{TOS}.* *9.ª Carta*: Forte não denominado. *10.ª Carta* (Estampa 611 D): *CAMAMV E MORO DE SAÕ PAVLO.* *11.ª Carta* (Estampa 611 E): *CAP.^{NIA} DOS ILLHEOS.* *12.ª Carta* (Estampa 611 F): *CAP.^{NIA} DE PORTO SEGVRO.* *13.ª Carta*: *Cap.^{nia} do Espirito Sancto.* *14.ª Carta* (Estampa 612 D): *Cap.^{nia} do Rio de Janeiro.* *15.ª Carta* (Estampa 611 B): *ANGRA DOS REYS VLTIMA DO ESTADO DO BRASYL.* *16.ª Carta*: *CAPITANIA DE SAÕ VICENTE.* *17.ª Carta* (Estampa 612 E): Estreito de Gibraltar à Ilha do Mogador. *18.ª Carta*: *COSTA DE AFRICA,* desde o *Cabo Despartel* a *Anafer.* *19.ª Carta*: *BARBERYA,* desde *Azamor* ao *Cabo de Sem.* *20.ª Carta* (Estampa 612 F): *RIO DE AER.* *21.ª Carta*: *Barberia te o cabo de nam.* *22.ª Carta*: *BARBERYA.* desde o *C. de Nam* até *mar piqueno.* *23.ª Carta*: *BARBERYA,* desde a *Angra de Bertolomeu* ao *Cabo Bojador.* *24.ª Carta*: *Costa de Barberia,* desde a *Angra dos ruiuos* ao *Rio do Ouro.* *25.ª Carta*: *Costa do Cabo de Barbas.* *26.ª Carta*: *Costa de Cabo Verde,* desde *Bezeguiche* ao *Cabo Roxo.* *27.ª Carta*: *CABO VERDE* (barra do Rio Cacheu). *28.ª Carta*: *Costa da Serra Lioa,* desde o *Cabo da Verga* aos *jdolos.* *29.ª Carta*: *Costa da Serra Lioa,* desde o *R. de Cracone* às *Furnas.* *30.ª Carta*: *Costa do Cabo de S. Anna.* *31.ª Carta*: *Costa da Serra Lioa te o Cabo das Palmas.* *32.ª Carta*: *Costa da Mina,* desde o *Cabo das Palmas* ao *R. de barbos.* *33.ª Carta*: *Costa da Mina,* desde *Sete Aldeas* até *A Mina.* *34.ª Carta*: *De Boiré para o Rio da Volta.* *35.ª Carta*: *Costa dos Popoas.* *36.ª Carta*: *Costa de Arda.* *37.ª Carta*: *Costa do Benim,* desde o *Rio do Lago* ao *Rio dos Escravos.* *38.ª Carta*: *Costa do Benim,* desde *Roca del Rey* até *R. Real.* *39.ª Carta*: *Costa do Calabar.* *40.ª Carta*: *Costa de Santome.* *41.ª Carta*: *Costa do cabo de lopo glz̄.* *42.ª Carta*: *Costa de Congo.* *43.ª Carta*: *Costa de Angola,* desde a *Angra das Almadias* à *Pôta do damde.* *44.ª Carta*: *Costa de Angola,* desde *Rio do Bengo* a *Benguela a Velha.* *45.ª Carta*: *Costa de Bengela.* *46.ª Carta* (Estampa 612 G): *Porto de Loanda no R.^{no} de Angola.* *47.ª Carta*: *Ilhas de Canaria.* *48.ª Carta*: *Ilhas de Cabo Verde.* *49.ª Carta*: Ilhas de S. Tomé e Príncipe.

O atlas tem uma capa de pergaminho, e na primeira carta lê-se «Es del uso del F. Blas de Linares y Sahabedra Profeso en St.ª Maria la Real de Aguilar del Campo». No final, por outra pessoa diferente da que fez as cartas, tem um desenho com a legenda «Este Mapa del Puerto de Peñas y Costa de Garachine enla Mar del Sur es echa per el Cap.^{n} del Mar y Guerra D. Biz.^{te} dela Torre y Tagle». Algumas das suas cartas já foram publicadas (95). O atlas não tem autor nem data. O seu estilo é pobre e o traçado muitas vezes incorrecto e até mesmo fantasista (sobretudo na parte relativa à África). No entanto contém algumas representações interessantes e que não aparecem noutras obras, principalmente no respeitante ao Brasil, com abundantes elementos sobre a ocupação holandesa. As cartas de África, de uma maneira geral, parecem mais ilustrações de um roteiro do que pròpriamente um traçado seguido da costa. O seu autor não era certamente cartógrafo profissional, seria antes um simples mareante.

As cartas segunda e sétima testemunham a ocupação holandesa efectuada de 1630 (Olinda) até 1635 (Nazaré). Contrastando com a abundância de elementos relativos a esta ocupação, deve salientar-se que o atlas, na parte respeitante à África, apenas assinala, na carta trigésima quarta, o *forte do inimigo* no Cabo Corso, sem nada indicar acerca dos holandeses em S. Jorge da Mina, S. Tomé e Angola. Como os holandeses tomaram S. Jorge da Mina em 1637 e estiveram em S. Tomé e em Luanda de 1641 a 1648, a ausência de indicações a seu respeito leva a supor que o atlas foi traçado antes de 1637. Assim, datamo-lo de c. 1636, admitindo, no entanto, que ele possa ter sido traçado alguns anos depois, sem que o seu ignorado autor, ao contrário do que fez para o Brasil, registasse os ataques às posições portuguesas na África Ocidental. O atlas tão pouco regista factos da ocupação holandesa no Ceará, Sergipe e Maranhão, em 1637 e 1641.

ANTÓNIO DE MARIS CARNEIRO, ONZE CARTAS DAS COSTAS DE PORTUGAL E ESPANHA, 1642

No ano de 1642 publicou-se em Lisboa o *Regimento de Pilotos e Roteiro da Navegaçam e Conquistas do Brasil, Angola, S. Thome, Cabo Verde, Maranhão, Ilhas & Indias agora novamente emendado & acrescentado o Roteiro do Maranhão & com os Portos e Barras do Cabo de Finis Terra ate o estreito de Gibraltar, com suas derrotas, sondas & demonstrações pello Dezembargador Antonio de Maris Carneiro Fidalguo da Caza de Sua Magestade, & seu Cosmographo mor destes Reynos de Portugal.* No final tem uma parte intitulada *Estampas, e demarcaçoens da Costa de Espanha, do Cabo de*

(95) As cartas 42-46 foram reproduzidas por Claudio Miralles de Imperial y Gomez, *Angola en tiempos de Felipe II y de Felipe III*, Madrid 1951, e as cartas do Brasil no *Derrotero General de la Costa del Brasil y memorial de las grandezas de Bahia* de Gabriel Soares de Sousa, editado por Claudio Ganns, Madrid 1958.

Pernambuco and Olinda. *6th chart* (Plate 611 C): «Island of Itamaraca». *7th chart*: «Port of Famandare». *8th chart* (Plate 612 C): «Bay of Todos os Santos». *9th chart*: Unnamed fort. *10th chart* (Plate 611 D): «Camamu And Mountain of São Paulo». *11th chart* (Plate 611 E): «Captaincy of Ilheus». *12th chart* (Plate 611 F): «Captaincy of Porto Seguro». *13th chart*: «Captaincy of Espirito Santo». *14th chart* (Plate 612 D): «Captaincy of Rio de Janeiro». *15th chart* (Plate 611 B): «Angra dos Reis, the Last Port of the State of Brazil». *16th chart*: «Captaincy of São Vicente». *17th chart* (Plate 612 E): Strait of Gibraltar to the Island of Mogador. *18th chart*: «Coast of Africa», from *Cabo Despartel* to *Anafer*. *19th chart*: «Barbary», from *Azamor* to *Cabo de Sem*. *20th chart* (Plate 612 F): «River Aere». *21st chart*: «Barbary to Cape Nun». *22nd chart*: «Barbary», from *C. de Nam* to *mar piqueno*. *23rd chart*: «Barbary», from *Angra de Bertolomeu* to *Cabo Bojador*. *24th chart*: «Coast of Barbary», from *Angra dos ruiuos* to *Rio do Ouro*. *25th chart*: «Coast of Cape Barbas». *26th chart*: «Coast of Cape Verde», from *Bezeguiche* to *Cabo Roxo*. *27th chart*: «Cape Verde» (bar of the River Cacheu). *28th chart*: «Coast of Sierra Leone», from *Cabo da Verga* to the *jdolos*. *29th chart*: «Coast of Sierra Leone», from *R. de Cracone* to the *Furnas*. *30th chart*: «Coast of Cape St Anne». *31st chart*: «Coast of Sierra Leone to Cape Palmas». *32nd chart*: «Coast of Mina», from *Cabo das Palmas* to *R. de barbos*. *33rd chart*: «Coast of Mina», from *Sete Aldeas* to *A Mina*. *34th chart*: «From Boiré to the River Volta». *35th chart*: «Coast of the Popos». *36th chart*: «Coast of Arda». *37th chart*: «Coast of Benin», from *Rio do Lago* to *Rio dos Escravos*. *38th chart*: «Coast of Benin», from *Roca del Rey* to *R. Real*. *39th chart*: «Coast of Calabar». *40th chart*: «Coast of São Tomé». *41st chart*: «Coast of Cape Lopez». *42nd chart*: «Coast of Congo». *43rd chart*: «Coast of Angola», from *Angra das Almadias* to *Pôta do damde*. *44th chart*: «Coast of Angola», from *Rio do Bengo* to *Benguela a Velha*. *45th chart*: «Coast of Benguela». *46th chart* (Plate 612 G): «Port of Luanda in the Kingdom of Angola». *47th chart*: «Canary Islands». *48th chart*: «Cape Verde Islands». *49th chart*: Islands of S. Tomé and Príncipe.

The atlas has a vellum cover, and on the first chart is the Spanish inscription «This is used by F. Blas de Linares y Sahabedra, professed in Santa Maria la Real, Aguilar del Campo». At the end is a drawing, by a different person from the author of the charts, with the legend in Spanish «This Map of the Port of Peñas and Coast of Garachine in the South Sea is made by the Captain by Sea and Land D. Biz.^{te} dela Torre y Tagle». Some of the charts have been published (95). The atlas is unsigned and undated. Its style is feeble, and the outline often incorrect or even fanciful (especially in the part relating to Africa). At the same time it contains some interesting representations not found in other works, mainly in regard to Brazil, with abundant information on the Dutch occupation. The African charts, on the whole, seem to be designed rather to illustrate a rutter than to give a proper and complete outline of the coast. The author, certainly not a professional cartographer, was perhaps only a seaman.

The second and seventh charts testify to the Dutch occupation from 1630 (Olinda) to 1635 (Nazaré). In contrast to the wealth of evidence given on this occupation, we must note that in the part relating to Africa the atlas merely records (in the 34th chart) the «fort of the enemy» on Cape Corso, without giving any information on the Dutch at S. Jorge da Mina and S. Tomé and in Angola. As the Dutch took S. Jorge da Mina in 1637 and occupied S. Tomé and Luanda from 1641 to 1648, the lack of information in this respect suggests that the atlas was drawn before 1637. We accordingly date it c. 1636, although it is possible that it was drawn a few years later and that its author, in his representation of West Africa, did not record the attacks on the Portuguese positions as he did in Brazil. Support for this date is given by the fact that the atlas likewise fails to record the Dutch occupation of Ceará, Sergipe and Maranhão in 1637 and 1641.

ANTÓNIO DE MARIS CARNEIRO, ELEVEN CHARTS OF THE COASTS OF PORTUGAL AND SPAIN, 1642

At Lisbon in the year 1642 was published the *Regimento de Pilotos e Roteiro da Navegaçam e Conquistas do Brasil, Angola, S. Thome, Cabo Verde, Maranhão, Ilhas & Indias agora novamente emendado & acrescentado o Roteiro do Maranhão & com os Portos e Barras do Cabo de Finis Terra ate o estreito de Gibraltar, com suas derrotas, sondas & demonstrações pello Dezembargador Antonio de Maris Carneiro Fidalgo da Caza de Sua Magestade, & seu Cosmographo mor destes Reynos de Portugal.* A section at the end is entitled «Plates and delineations of the Coast of Spain, from Cape Finisterre

(95) Charts 42-46 were published by Claudio Miralles de Imperial y Gomez, *Angola en tiempos de Felipe II y de Felipe III*, Madrid 1951, and the charts of Brazil in the *Derrotero General de la Costa del Brasil y memorial de las grandezas de Bahia* of Gabriel Soares de Sousa, edited by Claudio Ganns, Madrid 1958.

Finis Terra, tè o Estreito de Gibaltar, com a arrumação dos Rumos baixos, sondas, & alturas, com as seguintes gravuras, acompanhadas de texto explicativo:

1 — *Cabo de finesterra*; 2 — De *Canbado* a *Bayona*; 3 — Do *C. de Phaselis* a *Caniço*; 4 — De *Viana* a *Villa de Conde*; 5 — De *Lesa* a *Aueiro*; 6 — De *Buarcos às Berlengas*; 7 — Barras do Tejo e do Sado; 8 — De *S. V.te* a *Vila noua*; 9 — Do *C. S. Ma.* a *S. Migel*; 10 — De *Saltes* a *Rota*; 11 — De *Rota* a *Gibaltar*.

António de Maris Carneiro (nascido nos fins do século XVI ou começos do XVII, e falecido após 1669) foi nomeado cosmógrafo-mor em 1631, funções que exerceu, com um interregno em 1647-1651, até ser sucedido por Luís Serrão Pimentel, em data que se ignora (96). António de Maris Carneiro é também o autor da *Descripçam da Fortaleza de Sofala, e das mais da India*, 1639, obra com cartografia de que nos ocupámos a pp. 64-5 do presente Volume.

ALONSO PERES, CARTA DO ATLANTICO, 1648

No Instituto Geográfico del Ejército, Madrid, existe uma carta manuscrita e colorida, traçada em pergaminho, 740 × 1.155 mm, representando o Atlântico para norte do paralelo de 28° S e uma pequena parte do Pacífico. No canto inferior esquerdo tem a legenda *ALONSO PERES me fecit año de 1648*. A carta foi descrita e reproduzida a cores por Julio Guillén (97), e na sua opinião trata-se de uma obra portuguesa: «El San Antonio — que no es de Padua, sino de Lisboa; la rosa más historiada, así como la del N — que recuerda la de los Homem y Luiz; finalmente el apellido Peres, con *s* y no con *z*, nos convence de lo conjecturado».

A carta revela na realidade um predomínio do estilo português, e as razões apontadas parecem-nos convincentes. Por outro lado, a nomenclatura é totalmente espanhola, sem vestígios de lusitanismos. Não conhecemos documentos relativos a Alonso Peres, mas o seu primeiro nome, *Alonso*, e aquela característica da nomenclatura fazem supôr que se trata de um cartógrafo português que em 1648 trabalhava já há muito tempo em território espanhol.

ANÓNIMO, QUINZE CARTAS DAS COSTAS DE PORTUGAL, ESPANHA E BRASIL, 1673

Na Biblioteca Nacional de Lisboa, com a cota «Iluminados 156», existe um códice intitulado *Pratica da Arte de Navegar composta por o cosmografo mor Luis Seram Pimentel Ano de 1673*. Trata-se de apontamentos coligidos por um aluno de Pimentel, e é ilustrado com 15 cartas manuscritas e coloridas, 152 × 208 mm, representando trechos do litoral de Portugal, Espanha e Brasil:

1 — *Cabo de finesterra* a *Cambado*. 2 — *Canbado* a *Baiona*. 3 — *C. de faselis* a *Caxiço*. 4 — *Viana* a *Villa do Conde*. 5 — *Leça* a *Aveiro*. 6 — *Buarcos* às *Berlengas*. 7 — Barra do Tejo. 8 — *Cabo despichel* a *Setuual*. 9 — *C. de S. V.te* a *Villa noua*. 10 — *Sidade de Faro* a *S. Migel*. 11 — *Fos de Saltes* a *Rota*. 12 — *Rota* a *I. de S. p.o* 13 — Estreito de Gibraltar. 14 — Barra do Maranhão. 15 — Baixos de S. Roque.

O códice foi publicado por A. Fontoura da Costa, com a reprodução a cores de todas as cartas (98). A maior parte destas cartas são semelhantes às do *Regimento de Pilotos* de António de Maris Carneiro, 1642.

ANÓNIMO, CARTA DO SUL DA PENÍNSULA IBÉRICA E NOROESTE DA ÁFRICA, SÉCULO XVII

Na Biblioteca da Ajuda, Lisboa, num volume da colecção intitulada *Movimento do Orbe Lusitano*, com a cota «50-V-36, n.º 161», nas folhas 419v e 419*r, encontra-se uma carta manuscrita e colorida, traçada em papel, 309 × 420 mm, sem data nem assinatura, representando o sul da Península Ibérica desde Lisboa a *Almugnacar*, e o norte de África desde *Penhão Beles* ao *Cabo daguila*. Pela letra, trata-se de obra do século XVII, tendo a nomenclatura e legendas da parte africana afinidades com o atlas anónimo do Brasil e África Ocidental de c. 1636, existente na Biblioteca Nacional de Madrid (Estampas 611 e 612) (99).

(96) Sobre António de Maris Carneiro, ver Frazão de Vasconcelos, *Subsídios para a história da Carreira da Índia no tempo dos Filipes*, pp. 108-20. Lisboa 1960. Sobre as várias edições do *Regimento de Pilotos*, ver A. Fontoura da Costa, *Bibliografia Náutica Portuguesa até 1700*, pp. 81-7. Lisboa 1940.

(97) *Mapas españoles de América, siglos XV-XVII*, Pl. LXIX, pp. 271-80. Madrid 1951.

(98) *Pratica da Arte de Navegar por Luiz Serrão Pimentel*. Lisboa 1940.

(99) Soubemos da existência desta carta por um inventário de cartografia portuguesa antiga da autoria de Gaspar de Almeida, manuscrito existente na Escola Naval, Alfeite.

to the Strait of Gibraltar, with the bearing lines, reefs, soundings and latitudes», containing the following woodcuts accompanied by explanatory text:

1 — «Cape Finisterre»; 2 — From *Canbado* to *Bayona*; 3 — From *C. de Phaselis* to *Caniço*; 4 — From *Viana* to *Villa de Conde*; 5 — From *Lesa* to *Aueiro*; 6 — From *Buarcos* to the *Berlengas*; 7 — Bars of the Tagus and the Sado; 8 — From *S. V.te* to *Vila noua*; 9 — From *C. S. Ma.* to *S. Migel*; 10 — From *Saltes* to *Rota*; 11 — From *Rota* to *Gibaltar*.

António de Maris Carneiro (who was born at the end of the XVI or beginning of the XVII century and died after 1669) was appointed cosmographer-major in 1631 and held this office, with an interval in 1647-1651, until he was succeeded, at an unknown date, by Luís Serrão Pimentel (96). António de Maris Carneiro was also the author of a «Description of the Fortress of Sofala and other fortresses of India», with maps, 1639, which we discuss on pp. 64-5 of the present Volume.

ALONSO PERES, CHART OF THE ATLANTIC, 1648

In the Instituto Geográfico del Ejército, Madrid, is a manuscript chart, drawn on vellum and coloured, 740 × 1,155 mm, representing the Atlantic north of the parallel of 28° S and a small part of the Pacific. In the lower left-hand corner is the legend *ALONSO PERES me fecit año de 1648*. The chart has been described and reproduced in colour by Julio Guillén (97), who considers it to be a Portuguese work: «The Saint Antony — not of Padua, but of Lisbon; the more elaborate wind rose, like that of the N — recalling those of the Homems and Luiz; and lastly the surname Peres, spelt with *s*, not *z*, convinces us of the correctness of our conjecture».

In fact the chart is predominantly Portuguese in style, and the reasons adduced seem to us convincing. On the other hand, the nomenclature is entirely Spanish, without any trace of Portuguese forms. No documents on Alonso Peres are known, but the first element in his name, *Alonso*, and the character of the nomenclature suggest that he was a Portuguese cartographer who by 1648 had been working for some time in Spain.

FIFTEEN ANONYMOUS CHARTS OF THE COASTS OF PORTUGAL, SPAIN AND BRAZIL, 1673

In the Biblioteca Nacional, Lisbon, classmark «Iluminados 156», is a manuscript entitled «Practice of the Art of Navigation composed by the cosmographer-major Luís Serão Pimentel in the year 1673». It contains notes compiled by a pupil of Pimentel and is illustrated by 15 manuscript charts in colour, 152 × 208 mm, representing sections of the coastline of Portugal, Spain and Brazil:

1 — *Cabo de finesterra* to *Cambado*. 2 — *Canbado* to *Baiona*. 3 — *C. de faselis* to *Caxiço*. 4 — *Viana* to *Villa do Conde*. 5 — *Leça* to *Aveiro*. 6 — *Buarcos* to the *Berlengas*. 7 — Bar of the Tagus. 8 — *Cabo despichel* to *Setuual*. 9 — *C. de S. V.te* to *Villa noua*. 10 — *Sidade de Faro* to *S. Migel*. 11 — *Fos de Saltes* to *Rota*. 12 — *Rota* to *I. de S. p.o* 13 — Strait of Gibraltar. 14 — Bar of the Maranhão. 15 — Reefs of S. Roque.

The manuscript has been published by A. Fontoura da Costa, with reproductions of all the charts in colour (98). Most of them resemble those in the *Regimento de Pilotos* of António de Maris Carneiro, 1642.

ANONYMOUS MAP OF THE SOUTHERN PART OF THE IBERIAN PENINSULA AND NORTH-EASTERN PART OF AFRICA, XVII CENTURY

The Biblioteca da Ajuda, Lisbon, has, in the collection entitled *Movimento do Orbe Lusitano*, a volume with the classmark «50-V-36, n.º 161» and having on leaves 419v and 419*r a manuscript and coloured chart, drawn on paper, 309 × 420 mm, undated and unsigned, which represents the south of the Iberian Peninsula from Lisbon to *Almugnacar*, and the north of Africa from *Penhão Beles* to *Cabo daguila*. We can see from the handwriting that it is a XVII-century work, the nomenclature and inscriptions in North Africa showing affinities with the anonymous atlas of Brazil and Western Africa, c. 1636, preserved in the Biblioteca Nacional, Madrid (Plates 611 and 612) (99).

(96) On António de Maris Carneiro, see Frazão de Vasconcelos, *Subsídios para a história da Carreira da Índia no tempo dos Filipes*, pp. 108-20. Lisboa 1960. On the various editions of the *Regimento de Pilotos*, see A. Fontoura da Costa, *Bibliografia Náutica Portuguesa até 1700*, pp. 81-7. Lisboa 1940.

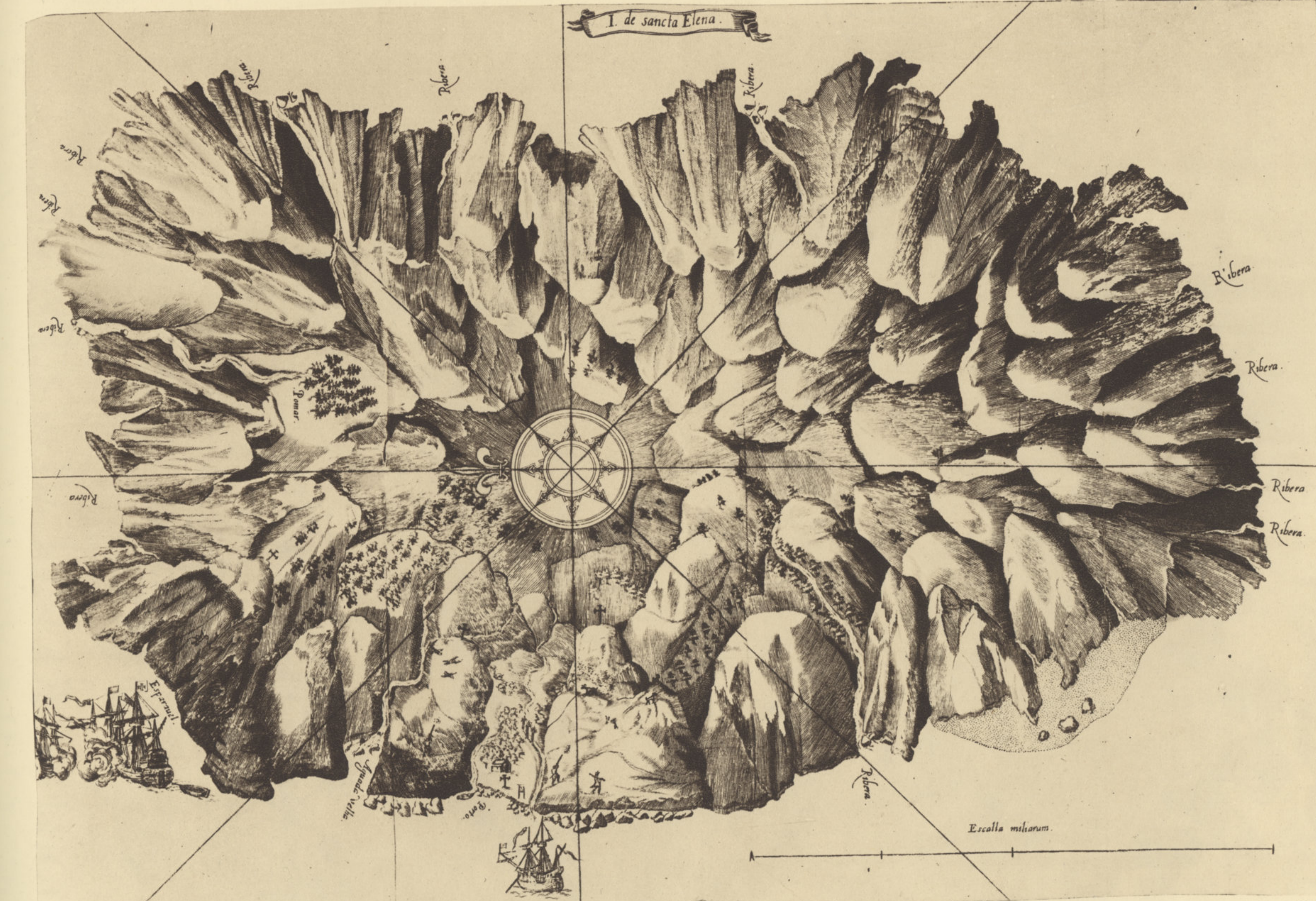
(97) *Mapas españoles de América, siglos XV-XVII*, Pl. LXIX, pp. 271-80. Madrid 1951.

(98) *Pratica da Arte de Navegar por Luiz Serrão Pimentel*. Lisboa 1940.

(99) We learnt of this chart from the manuscript inventory of early Portuguese cartography, by Gaspar de Almeida, now preserved in the Naval School, Alfeite.

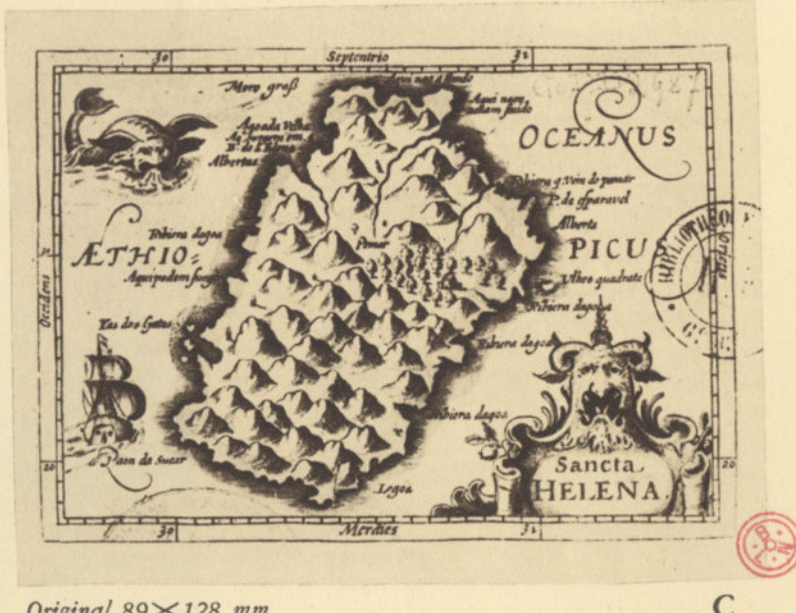
Original 302×427 mm.

A



Original 252×360 mm.

B



Original 89×128 mm.

C

A–ANÓNIMO–JOSÉ MARTINS(?), 1644

Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa

B–ANÓNIMO

Carta gravada – Engraved chart

in M. Estácio do Amaral, *Tratado das Batalhas...*, 1604

British Museum, London

C–ANÓNIMO

Século XVII – 17th Century

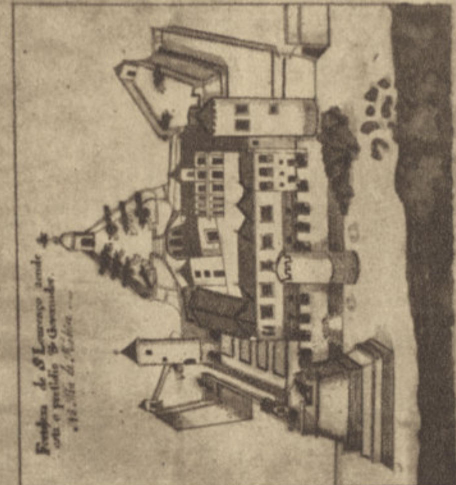
Carta gravada – Engraved chart

Bibliothèque Nationale, Paris



DESCRIPÇAO DA ILHA DA MADEIRA 'CIDADE DO FUNCHAL' VILLAS LUGARES RIBEIRAS PORTOS E ENCEADAS E MAIS SECRETOS' FEITA POR BERTOLAMEV IOÃO INGINRº DELLA

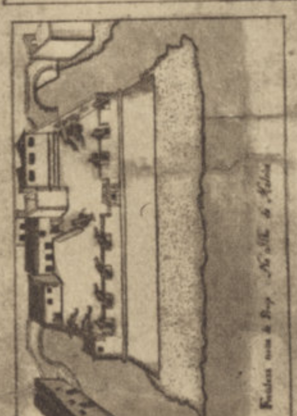


















BARTOLOMEU JOÃO, 165(4?)

Colecção de / Collection of *Paul Zino, Funchal*

Original 146×223 cm.



Original 410×544 mm. Segunda Carta — Second Chart **A**



Original 655×930 mm. Terceira Carta — Third Chart **B**

ANÓNIMO

Segunda Metade do Século XVII (?) — Second Half of the 17th Century (?)

Atlas de onze cartas — Atlas with eleven charts

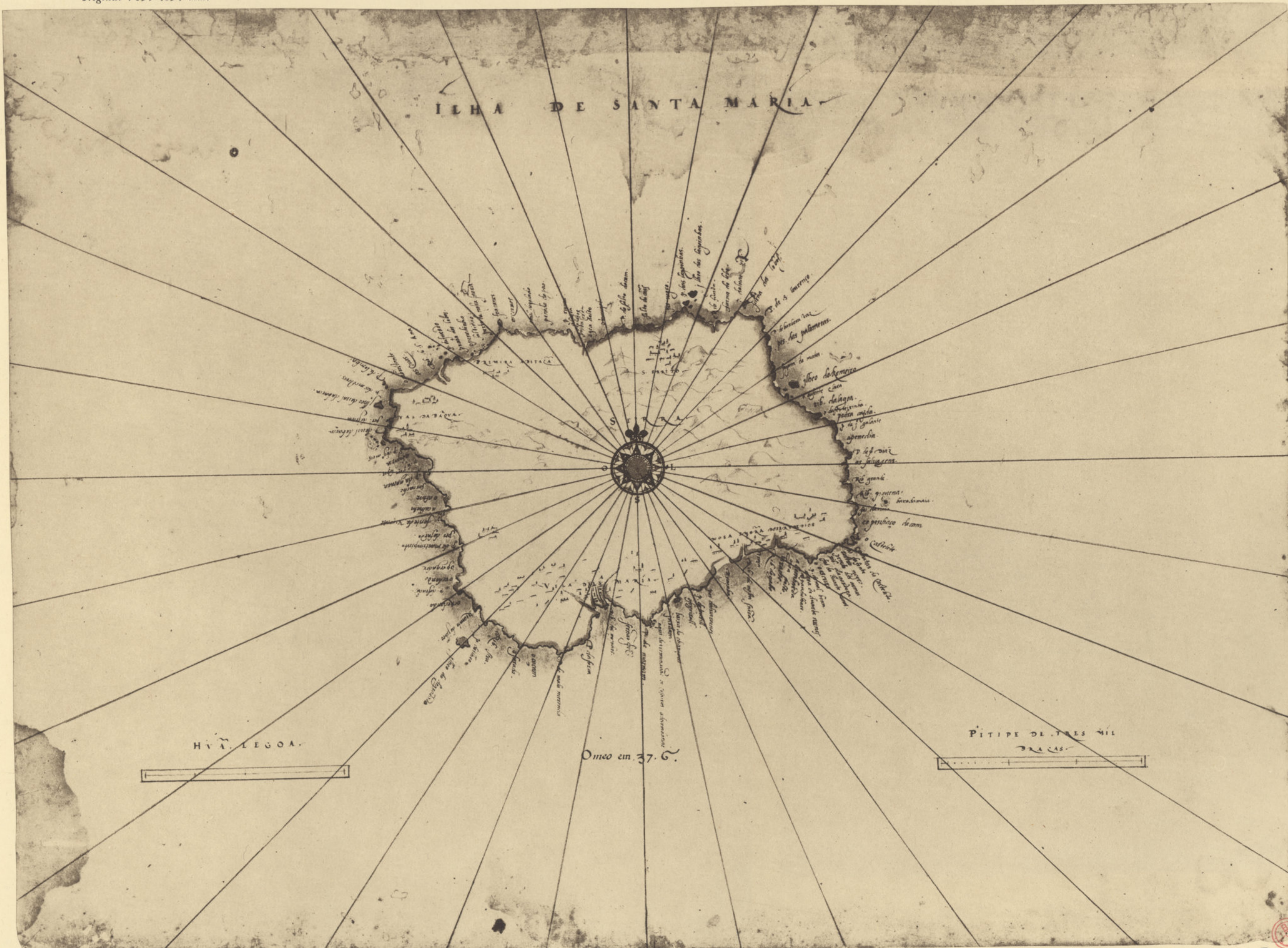
Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro



Original 705×854 mm.

Primeira Carta — First Chart

A



Original 408×546 mm.

Quarta Carta — Fourth Chart

B

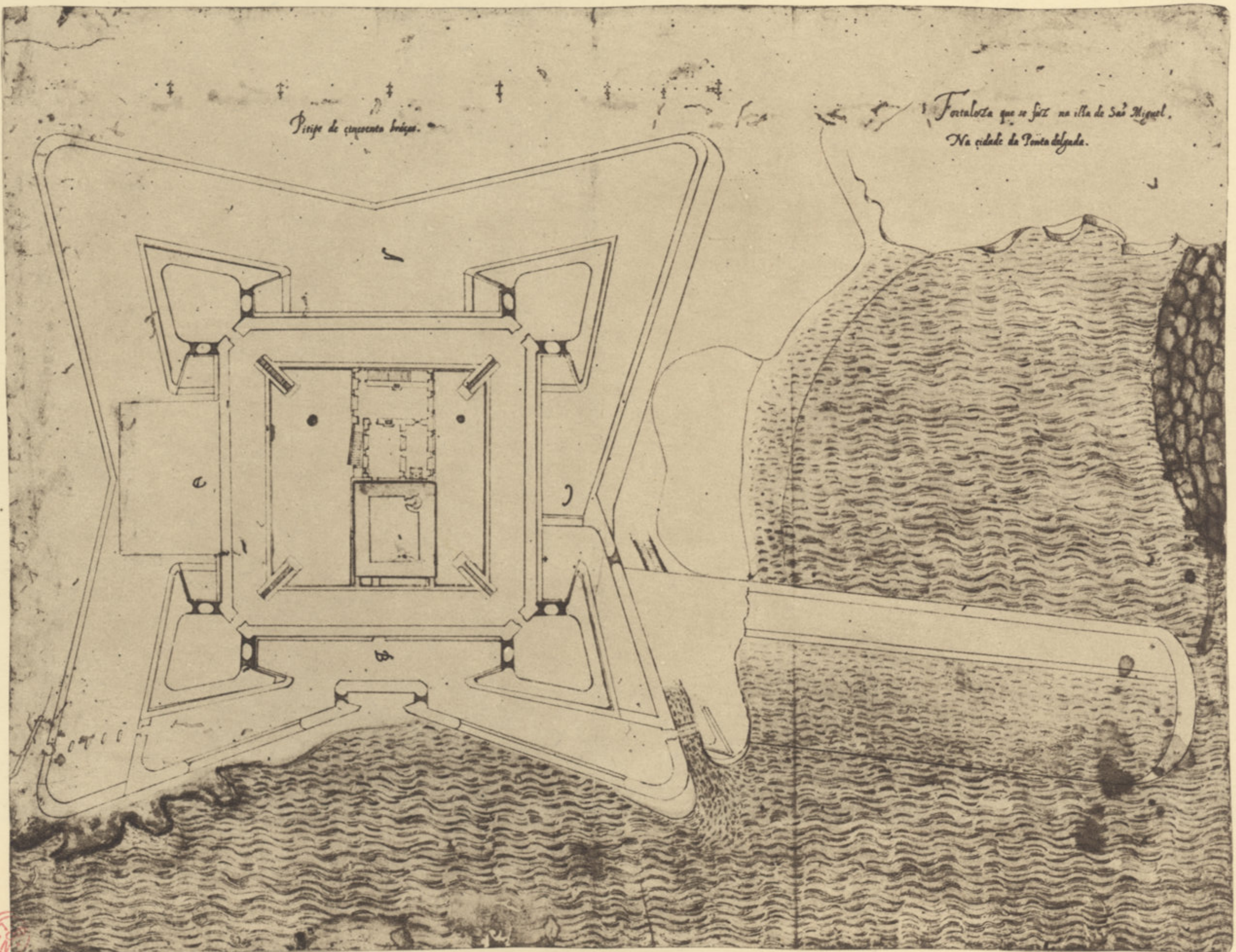
ANÓNIMO

Segunda Metade do Século XVII (?) — Second Half of the 17th Century (?)

Atlas de onze cartas — Atlas with eleven charts

Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Original 540×1.255 mm. — Oitava Carta — Eighth Chart — A



Original 430×650 mm. — Quinta Carta — Fifth Chart — B



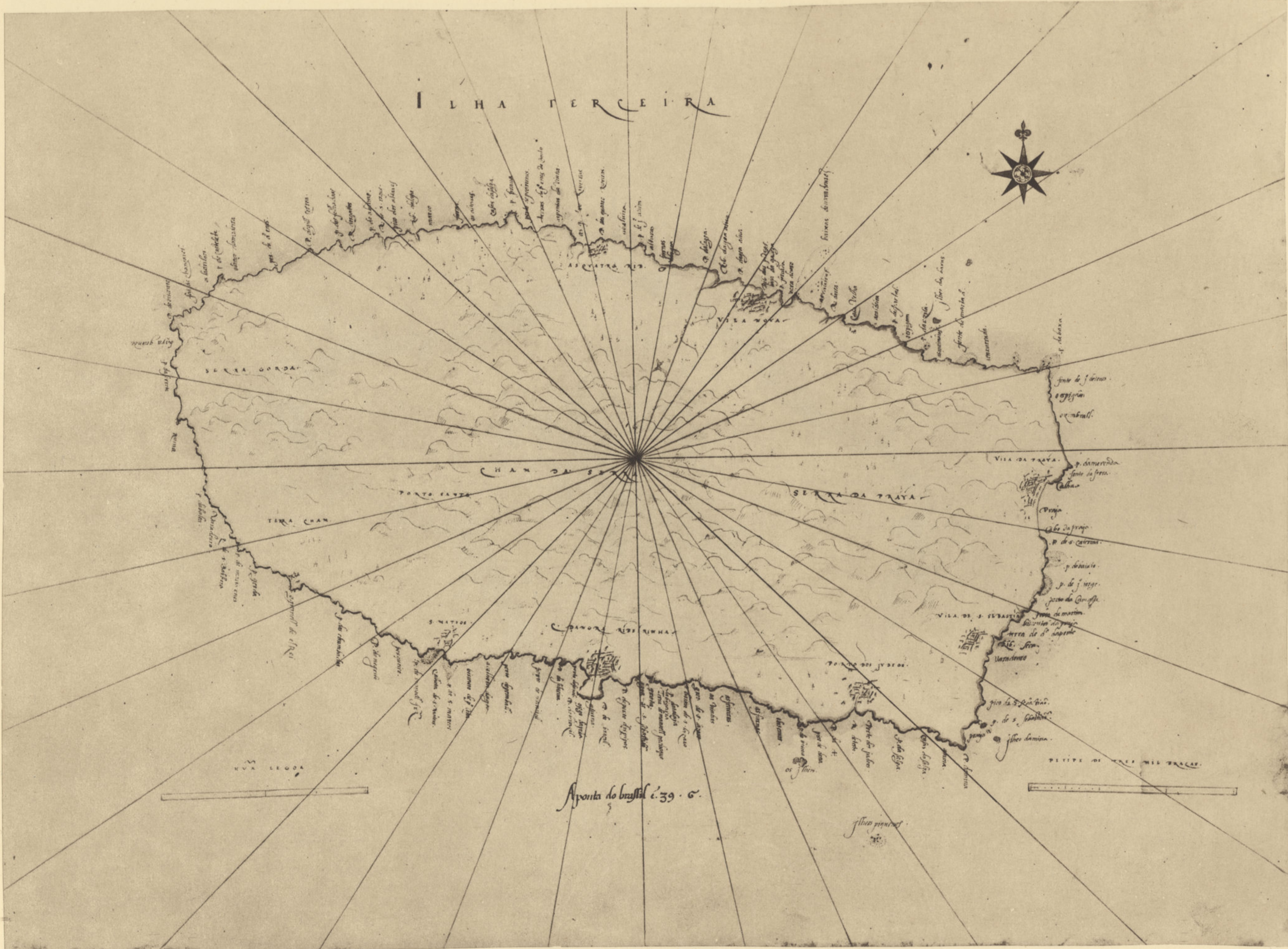
Original 270×373 mm. — Sexta Carta — Sixth Chart — C

ANÓNIMO

Segunda Metade do Século XVII (?) — Second Half of the 17th Century (?)

Atlas de onze cartas — Atlas with eleven charts

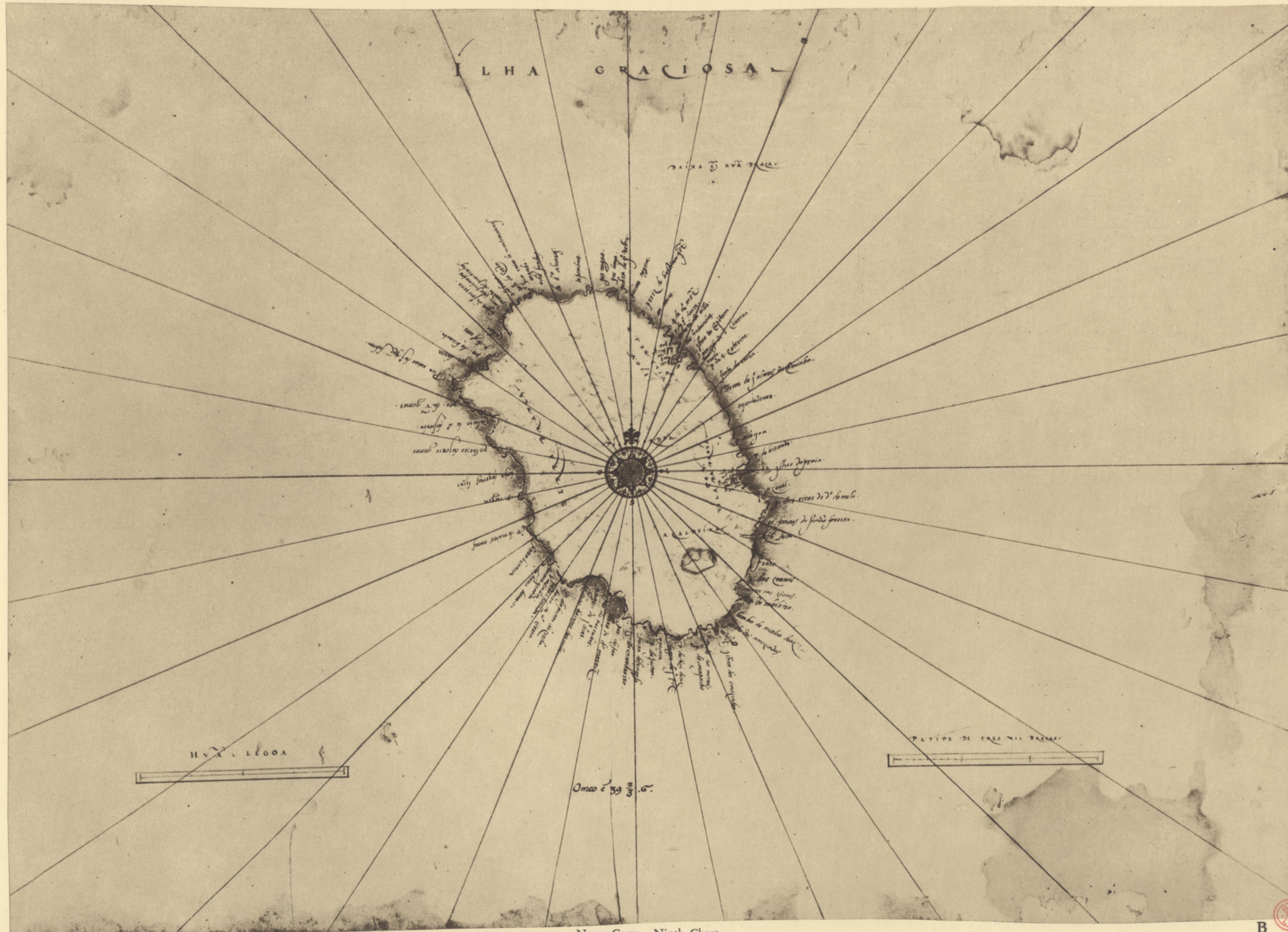
Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro



Original 406×546 mm.

Sétima Carta – Seventh Chart

A



Original 405×548 mm.

Nona Carta – Ninth Chart

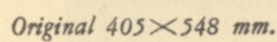
B

ANÓNIMO

Segunda Metade do Século XVII (?)—Second Half of the 17th Century (?)

Atlas de onze cartas – Atlas with eleven charts

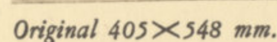
Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro



Original 405×548 *mm.*

Décima Carta – Tenth Chart

A



Original 405×548 *mm.*

Décima primeira Carta – Eleventh Chart

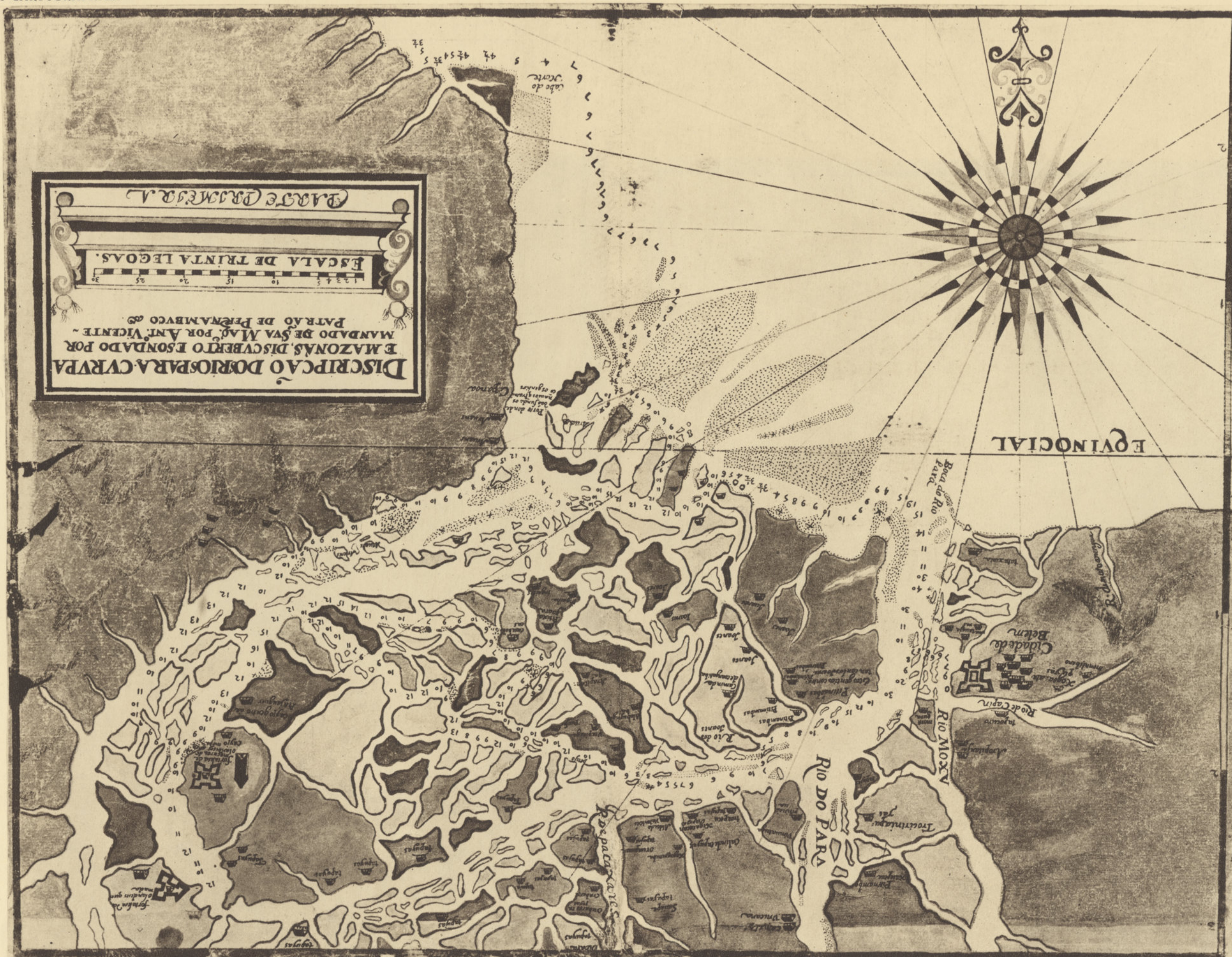
B

ANÓNIMO

Segunda Metade do Século XVII (?) – Second Half of the 17th Century (?)

Atlas de onze cartas – Atlas with eleven charts

Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro



A

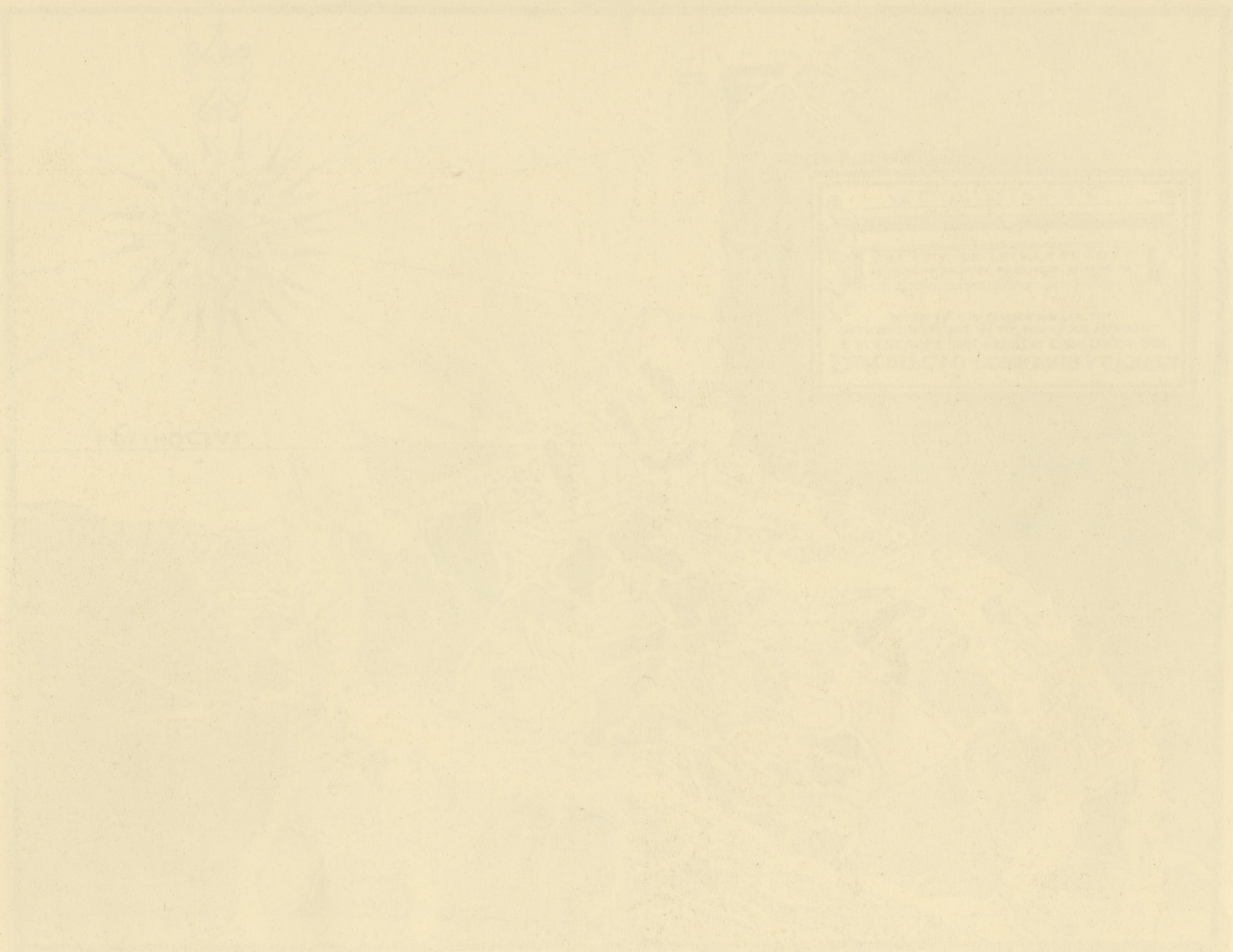


Original 47×61 cm.

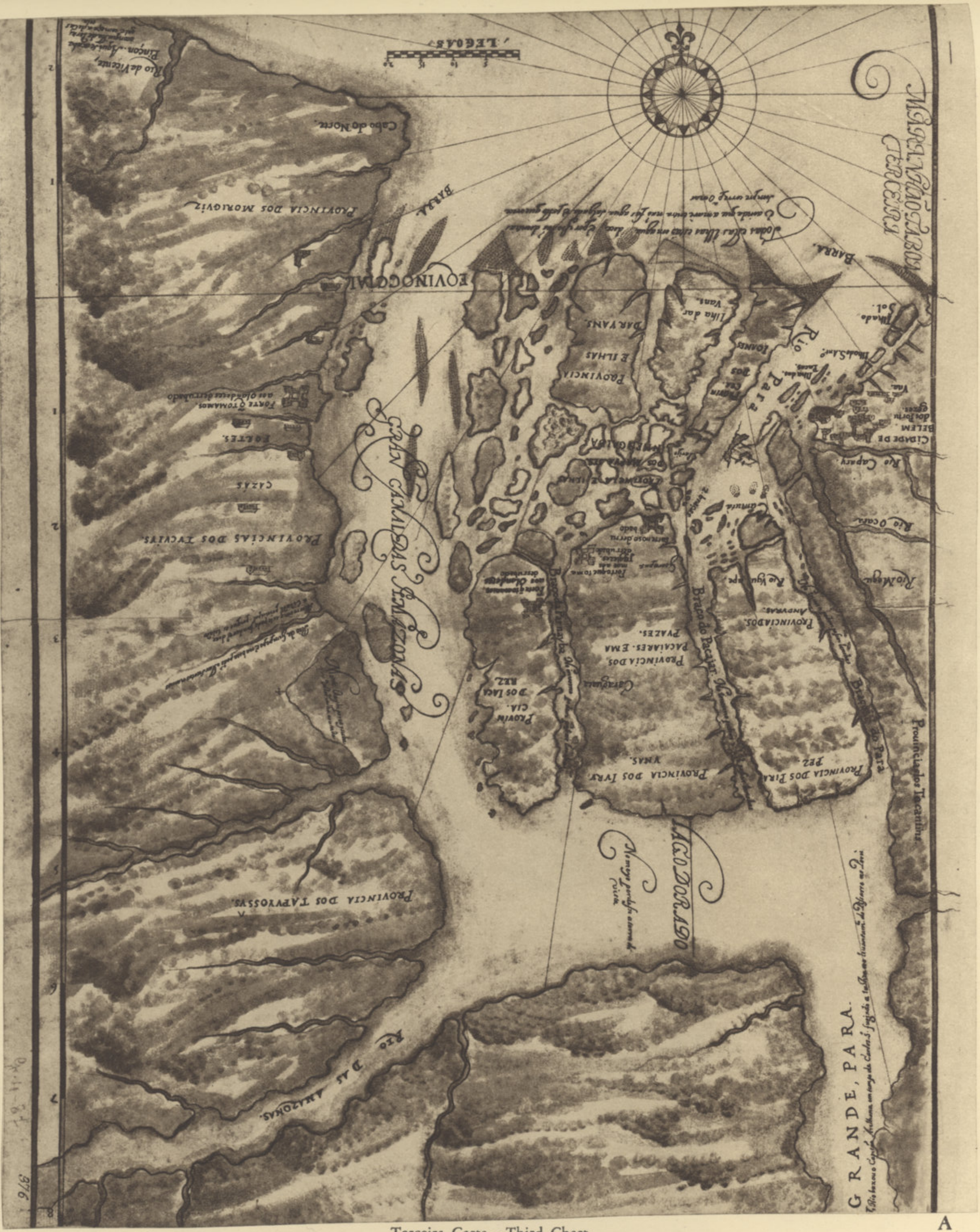
B

ANTÓNIO VICENTE COCHADO, 1623

Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

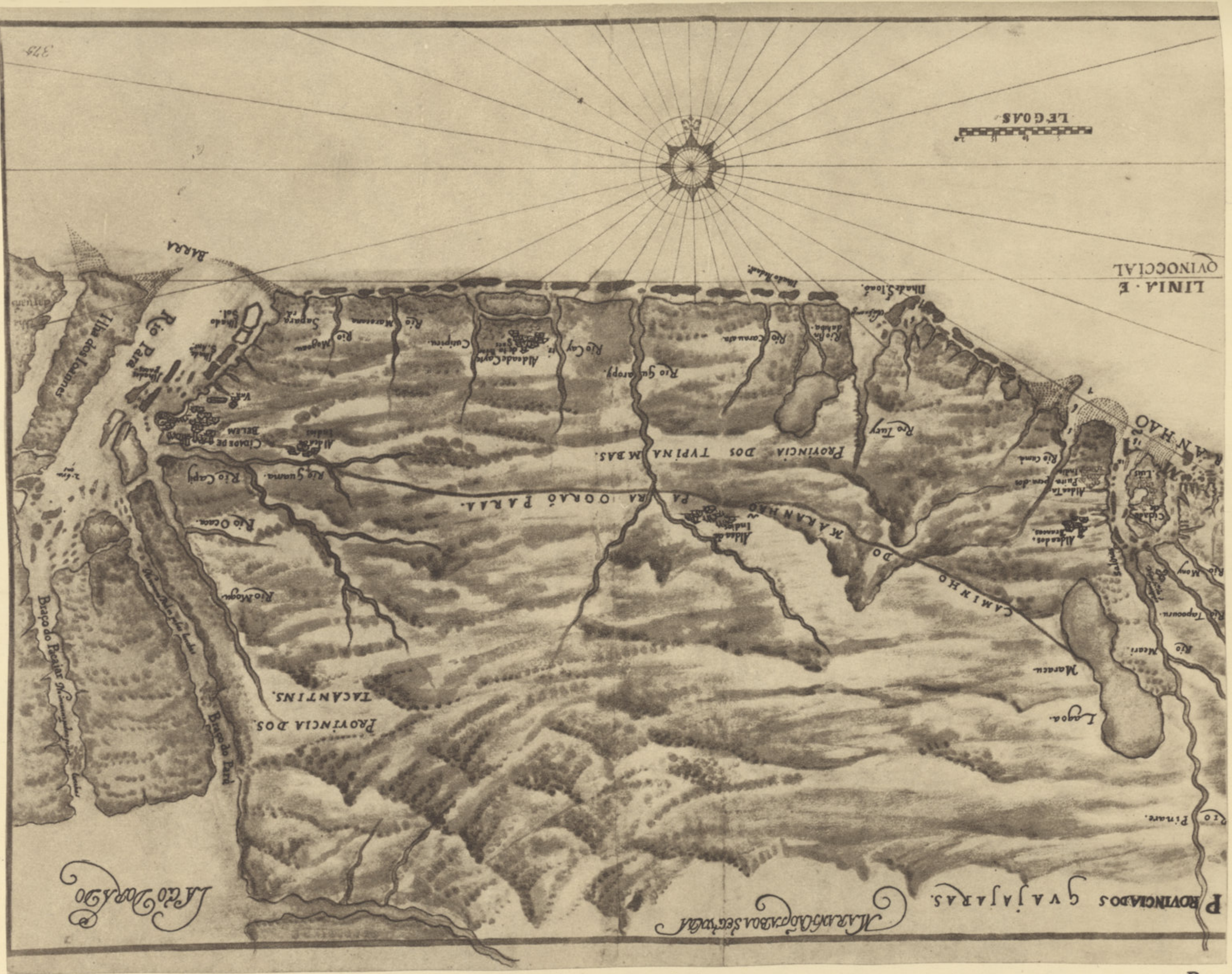






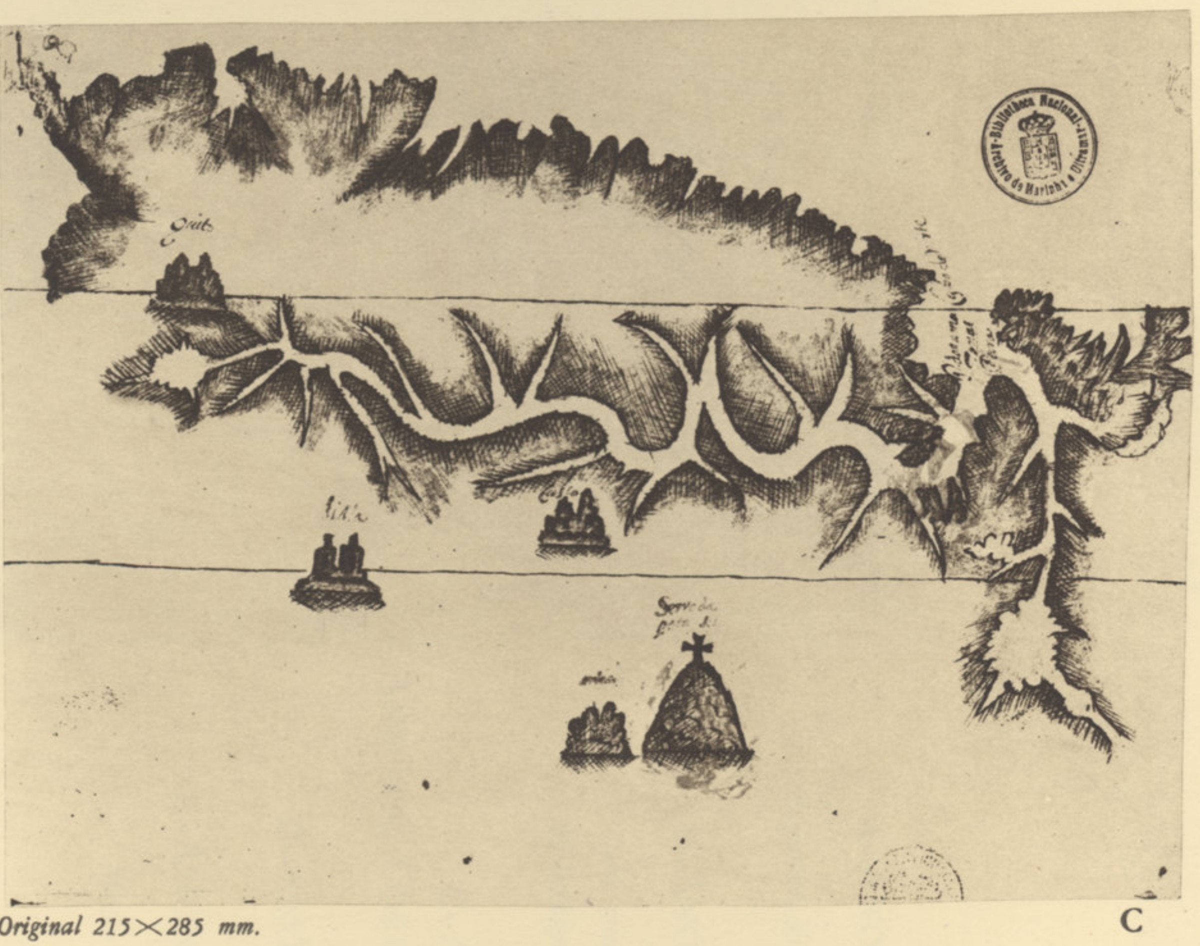
Terceira Carta – Third Chart

A



Segunda Carta – Second Chart

B



Original 215×285 mm.

C

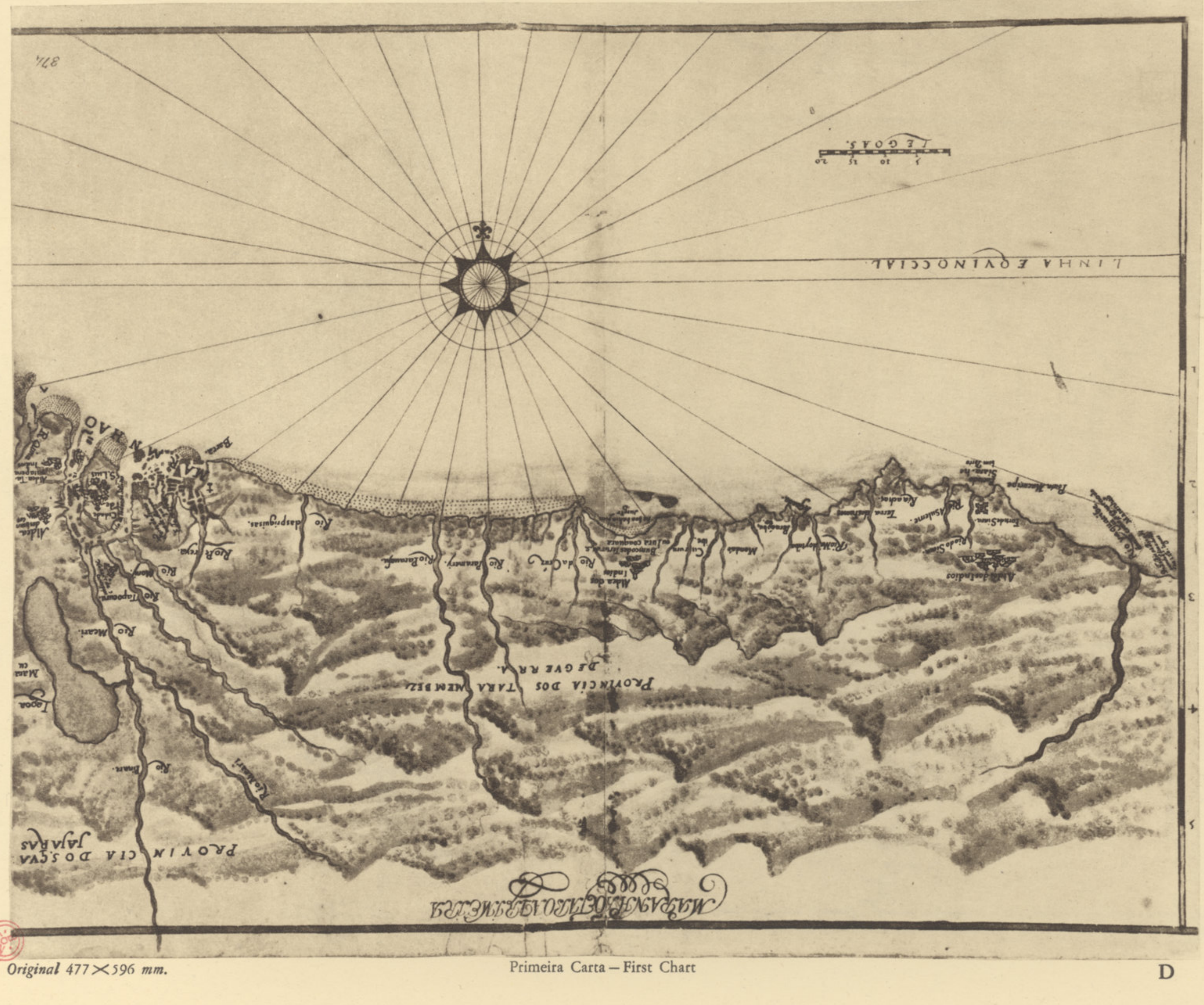
A, B, D–ANÓNIMO, c. 1630

Atlas com três cartas – Atlas with three charts

Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

C–ANÓNIMO, c. 1637

Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa



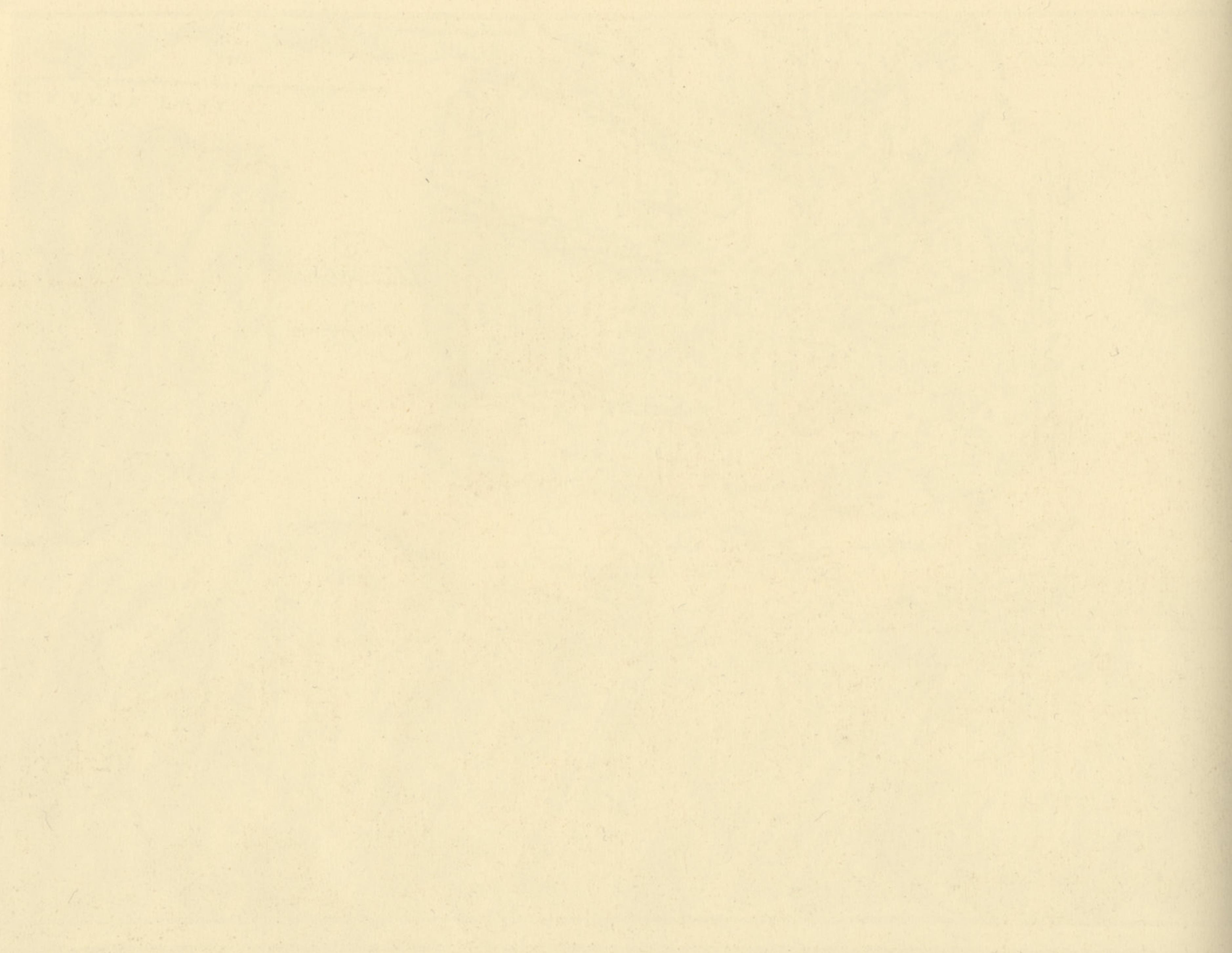
Original 477×396 mm.

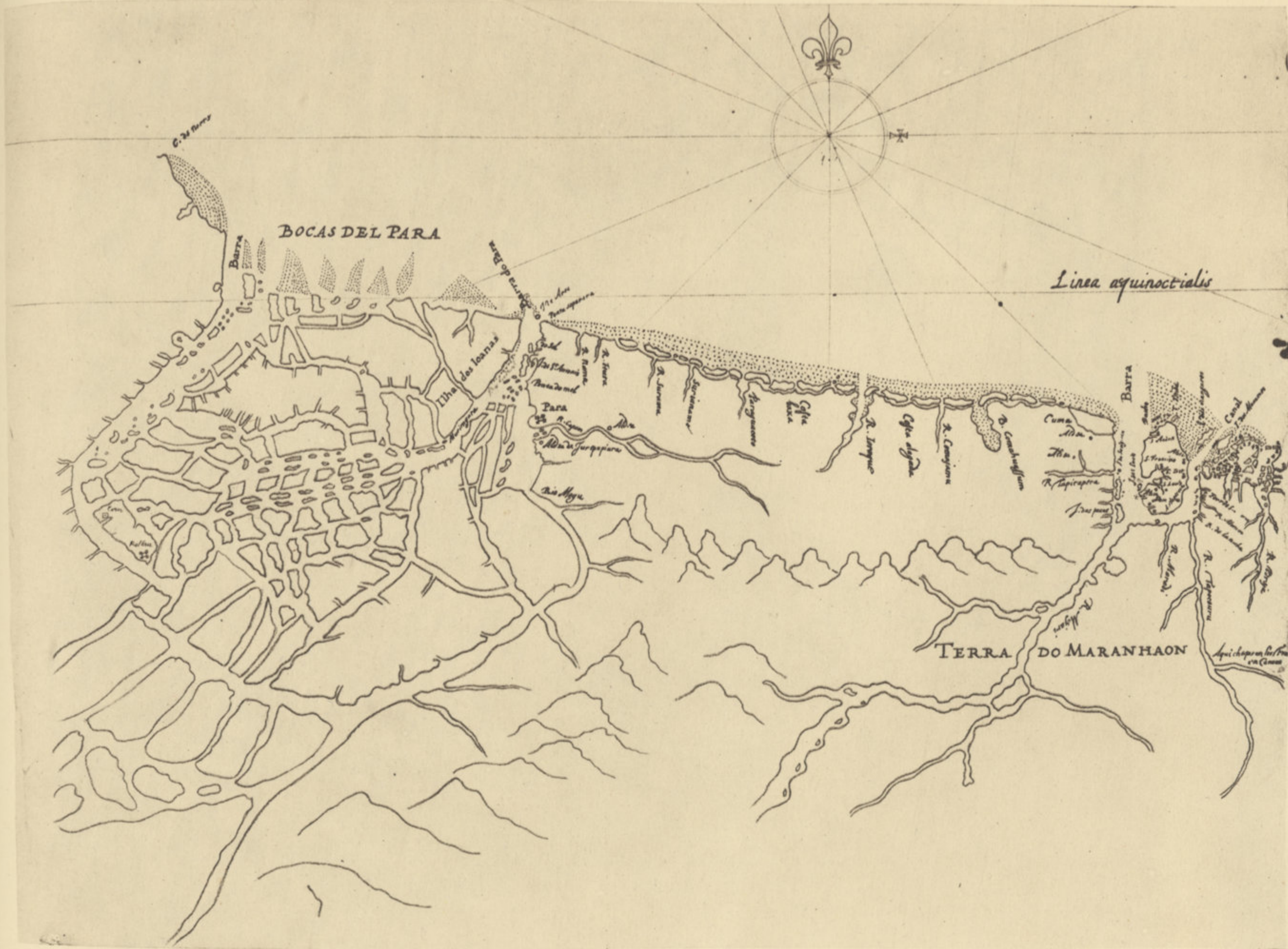
Primeira Carta – First Chart

D









Original 401×530 mm.

A



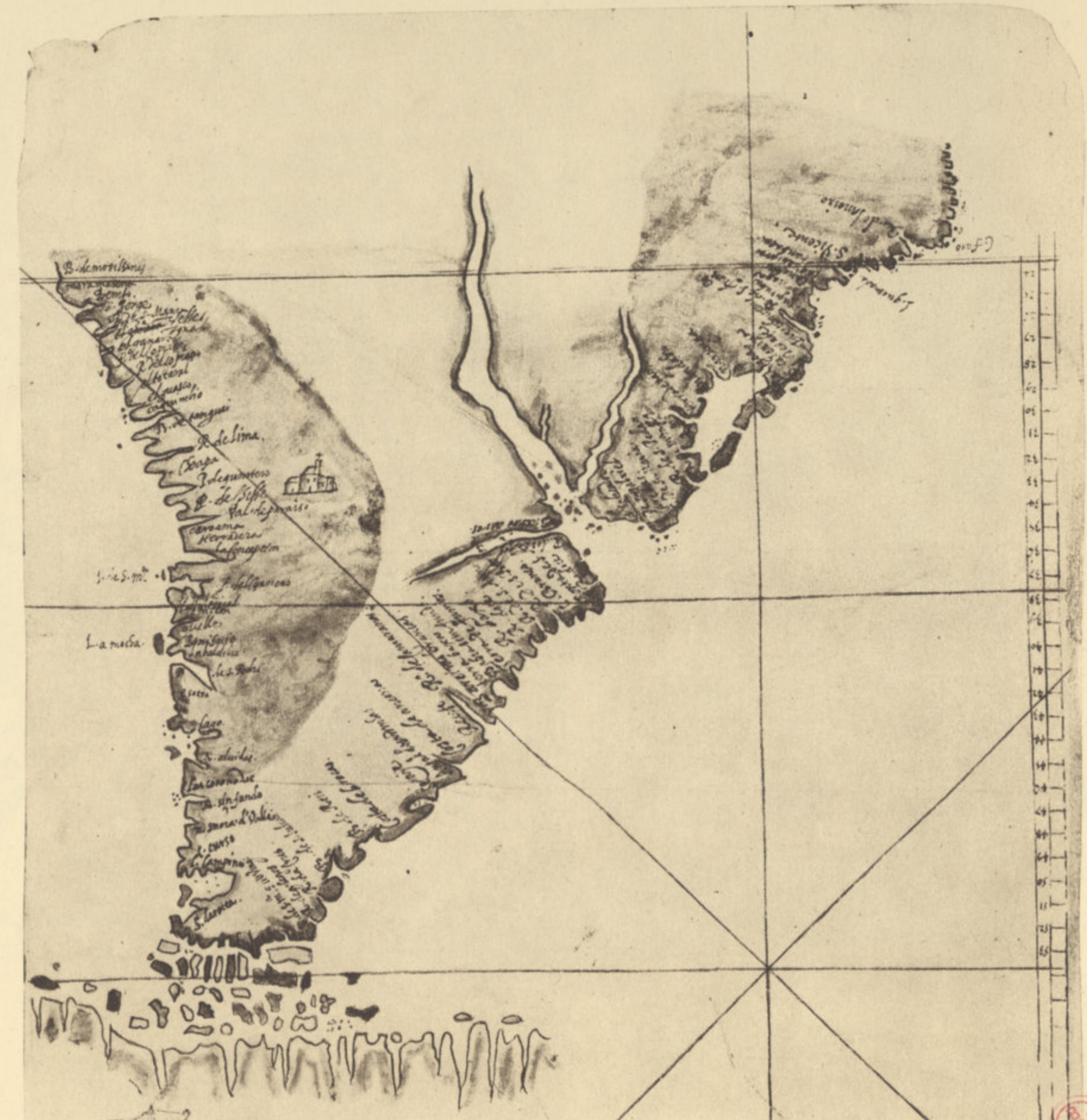
Original 192×214 mm.

B



Original 280×405 mm.

C



Original 275×302 mm.

D



Original 403×755 mm.

E

A–ANÓNIMO, c. 1620

Algemeen Rijksarchief, Den Haag

B–ANÓNIMO, c. 1670

Carta gravada – Engraved chart

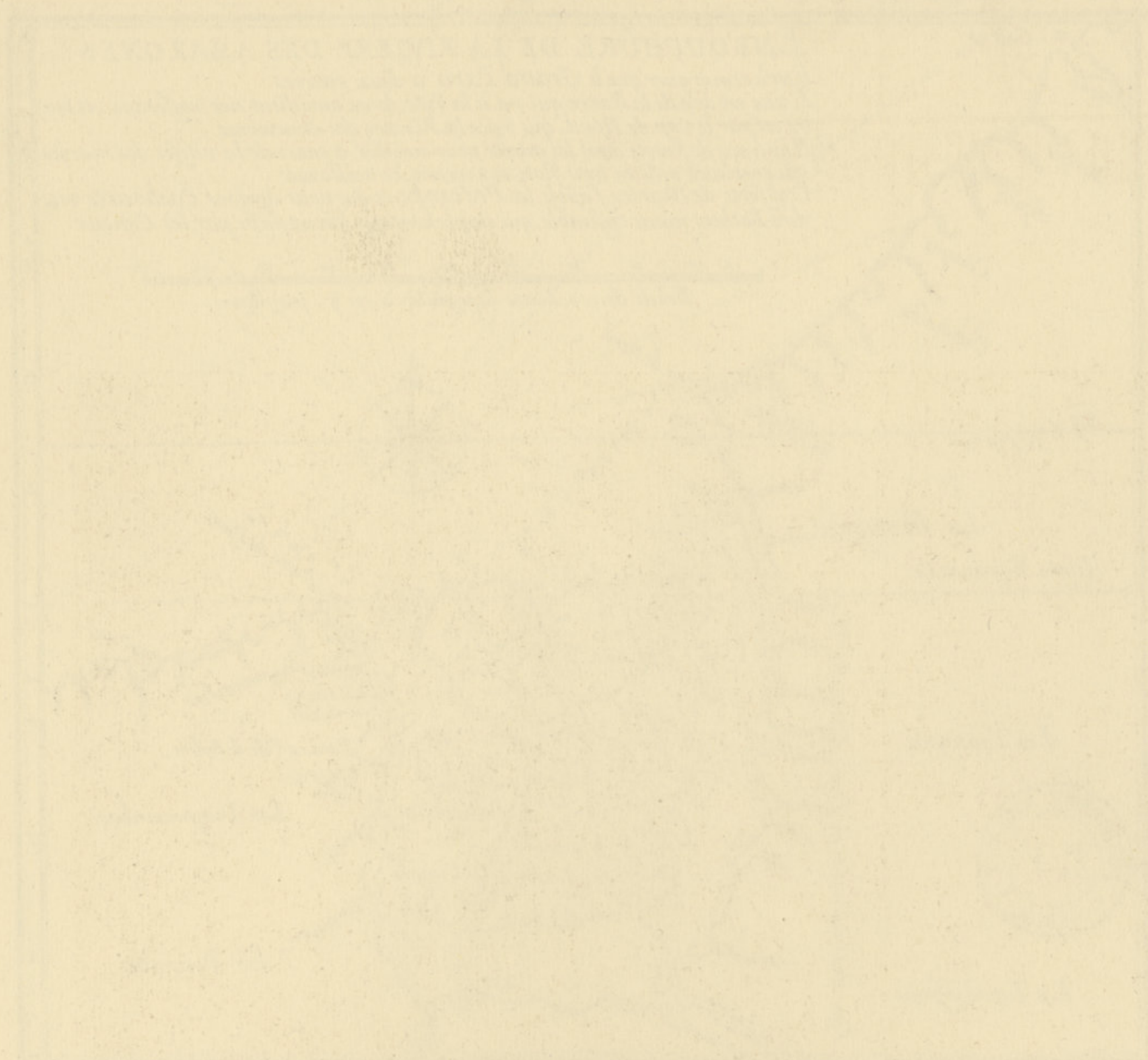
Bibliothèque Nationale, Paris

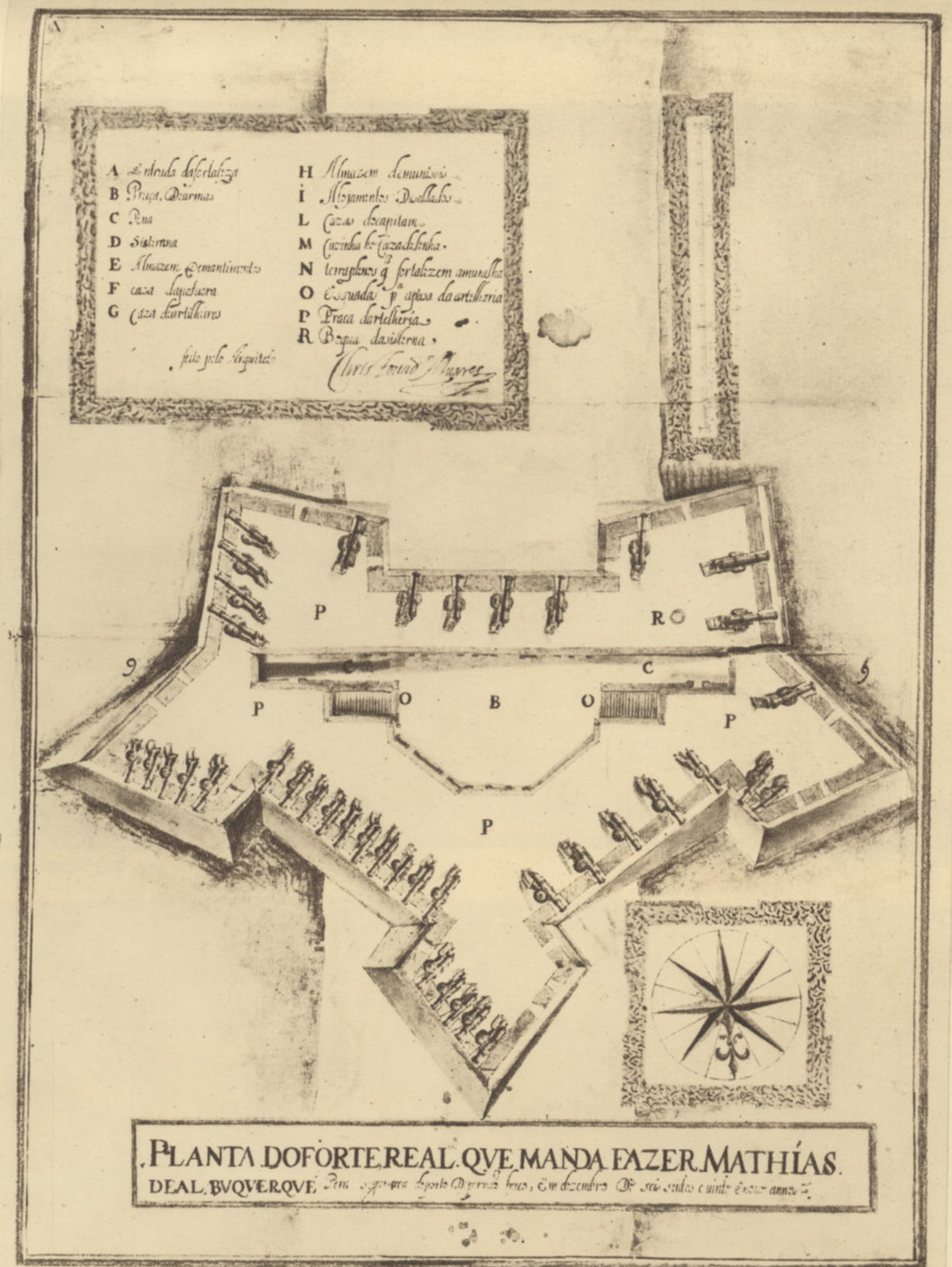
C–ANÓNIMO–
ANTÓNIO CORREIA PINTO (?), c. 1675

D–ANÓNIMO, c. 1600

E–ANÓNIMO, POST 1625

Museo Naval, Madrid





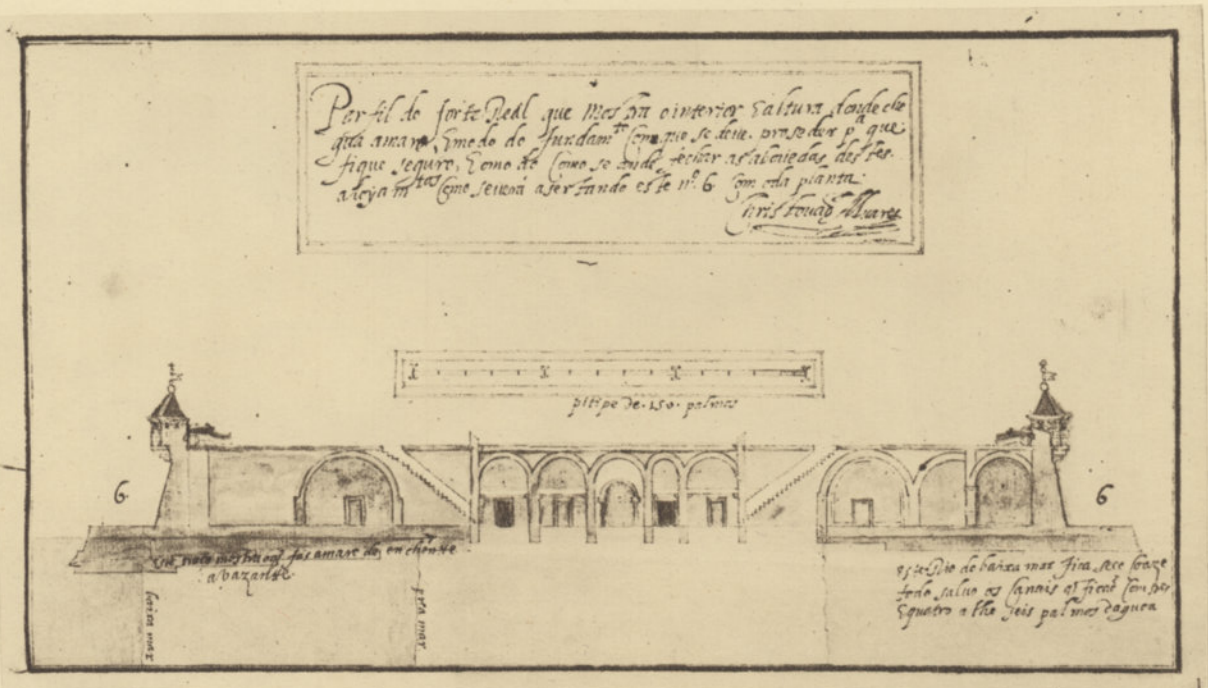
Original 42×60 cm.

A



Original 377×738 mm.

B



Original 23×42 cm.

C



Tamanho original - Original size

D

A, C–Cristóvão Álvares, 1629

B–Anónimo–Cristóvão Álvares(?), 1638

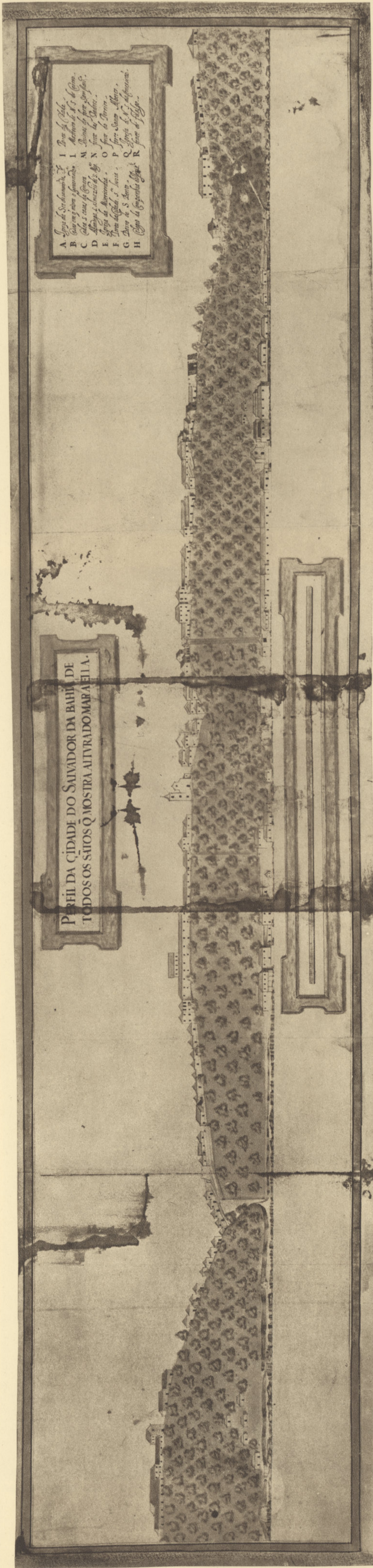
Algemeen Rijksarchief, Den Haag

D–Bento Mealhas, 1625

Carta gravada – Engraved chart

in Bartolomeu Guerreiro, *Jornada dos Vassalos...*

A



Original 28×120 cm.

B

Original 57×136 cm.

A–ANÓNIMO–CRISTÓVÃO ÁLVARES, 1638

B–ANÓNIMO, 1638

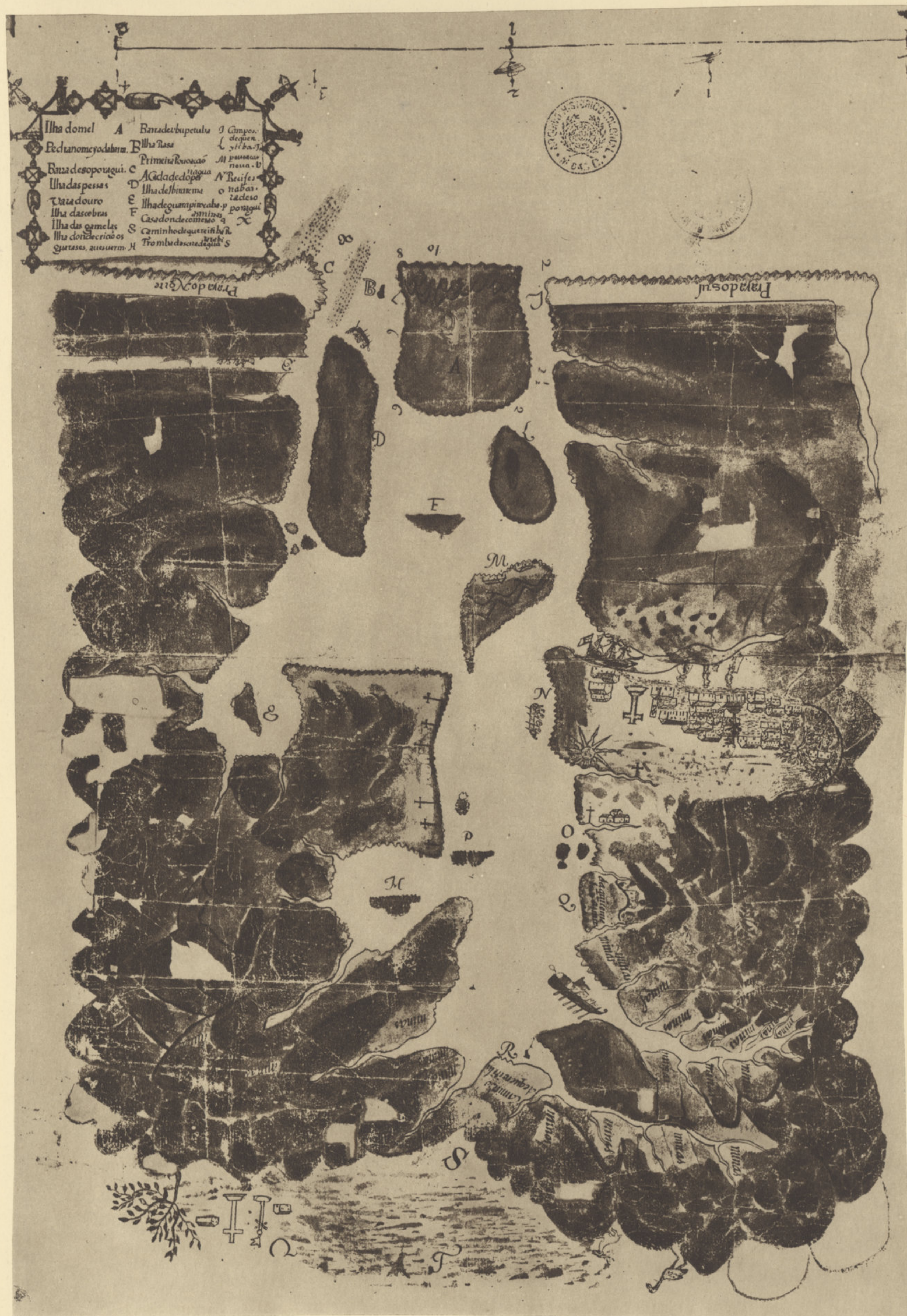
Algemeen Rijksarchief, Den Haag



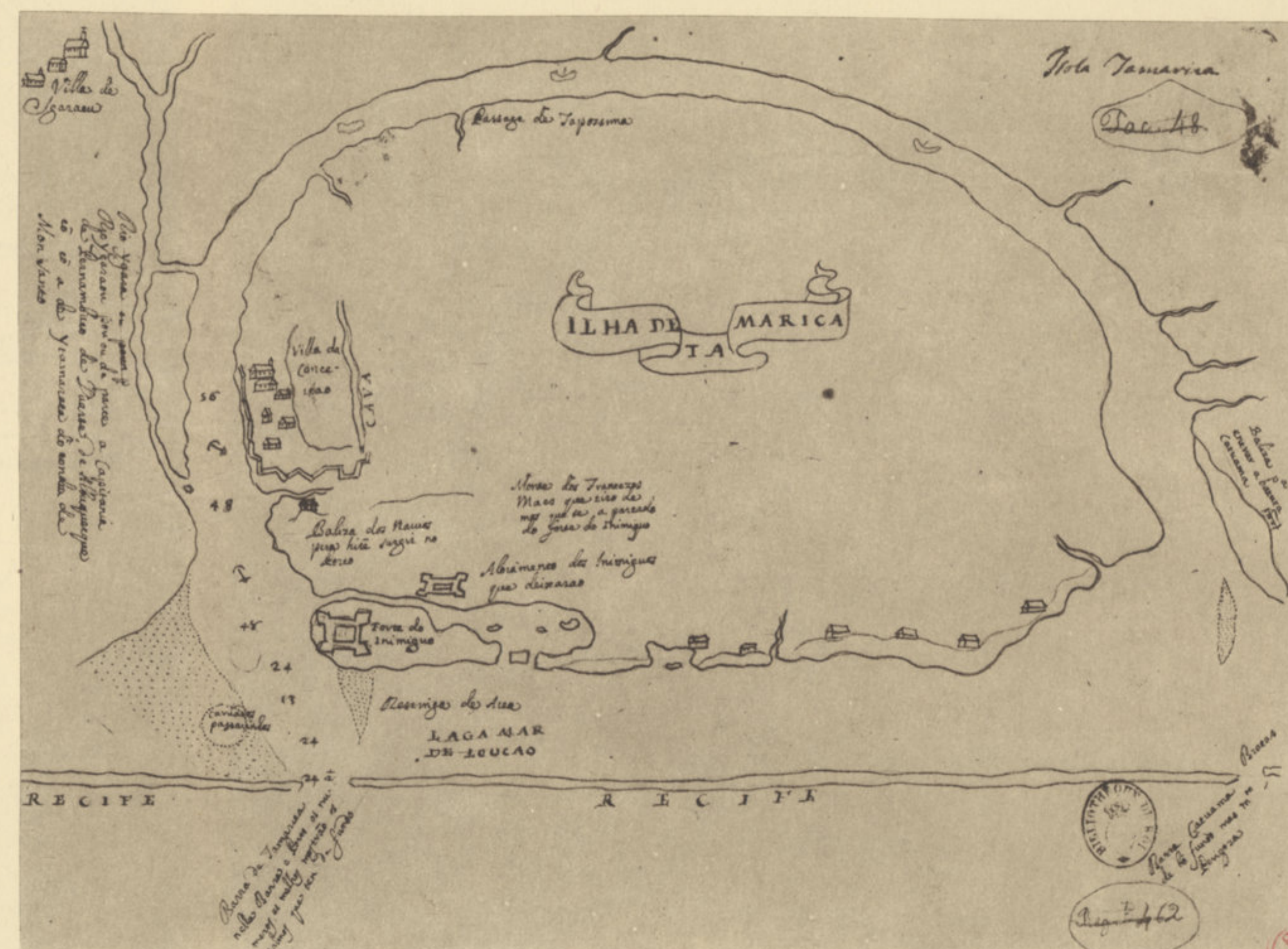
Original 485×670 mm. A



Original 288×417 mm. B



Original 292×422 mm. C



Original 257×353 mm. D

A–ANÓNIMO, FINS DO SÉCULO XVII – LATE XVII CENTURY

B–PHILIPPE GUITTAU, 1647

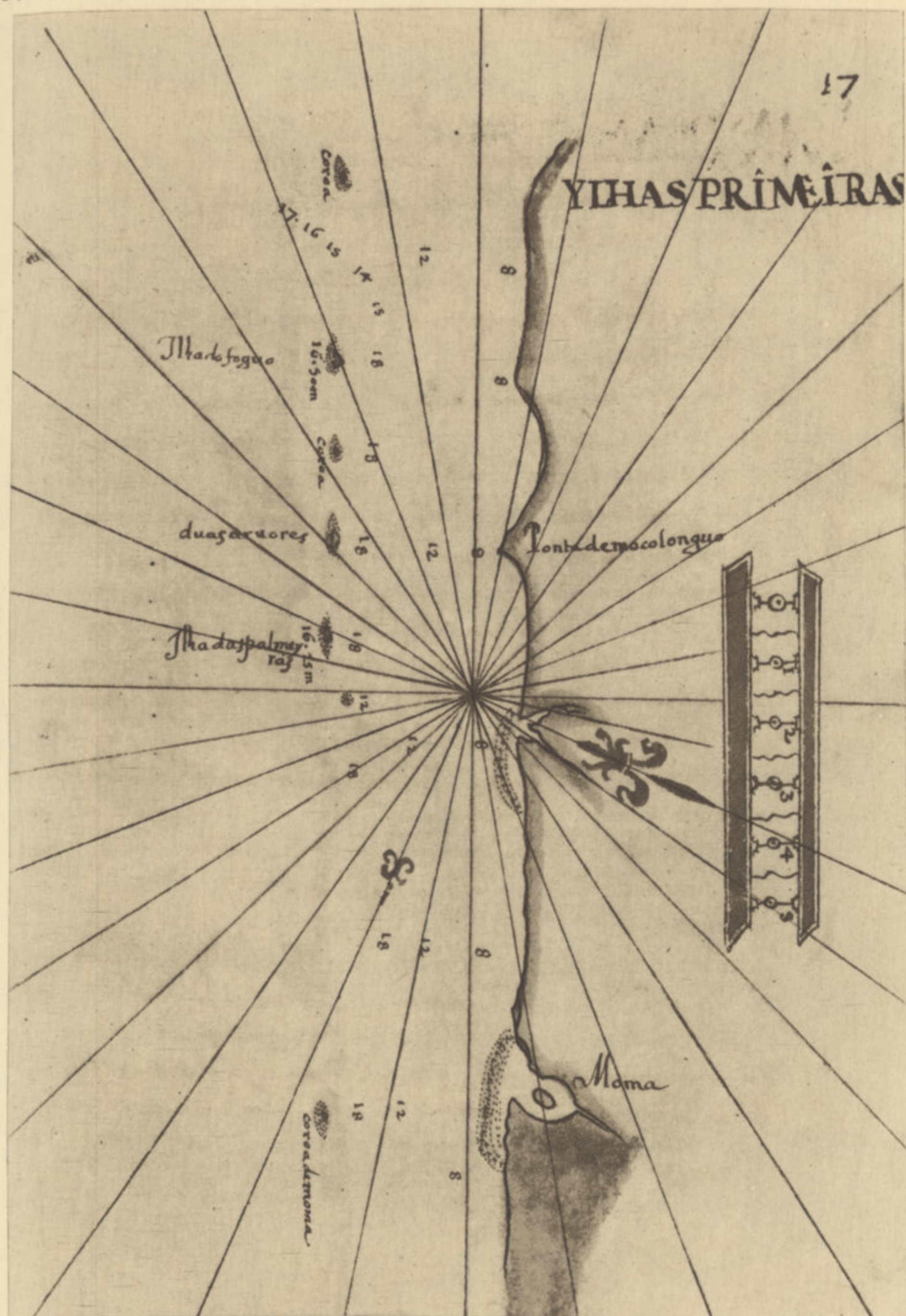
Bibliothèque Nationale, Paris

C–ANÓNIMO–ELEODORO EBANO (?), 1653

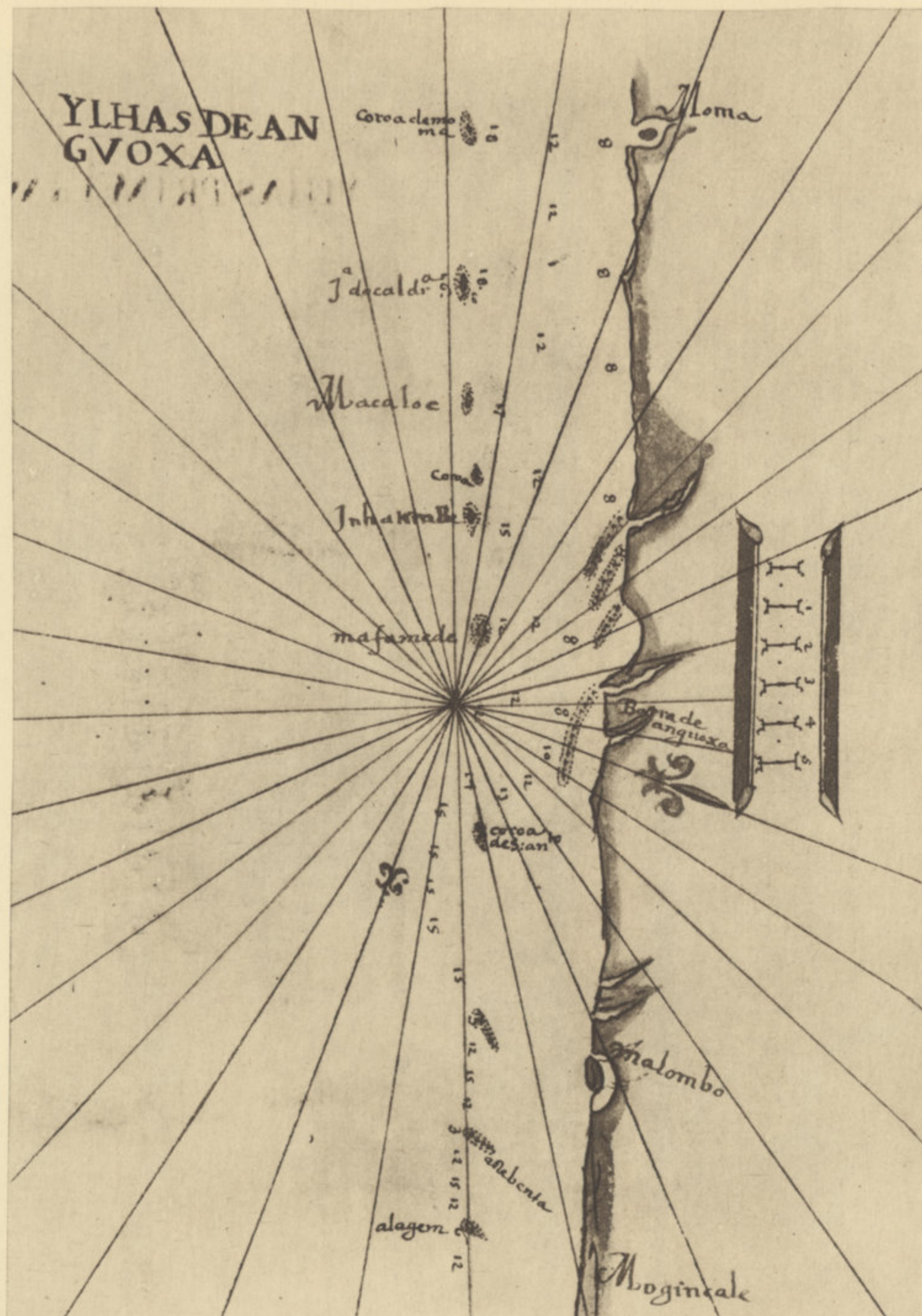
Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa

D–ANÓNIMO, c. 1635

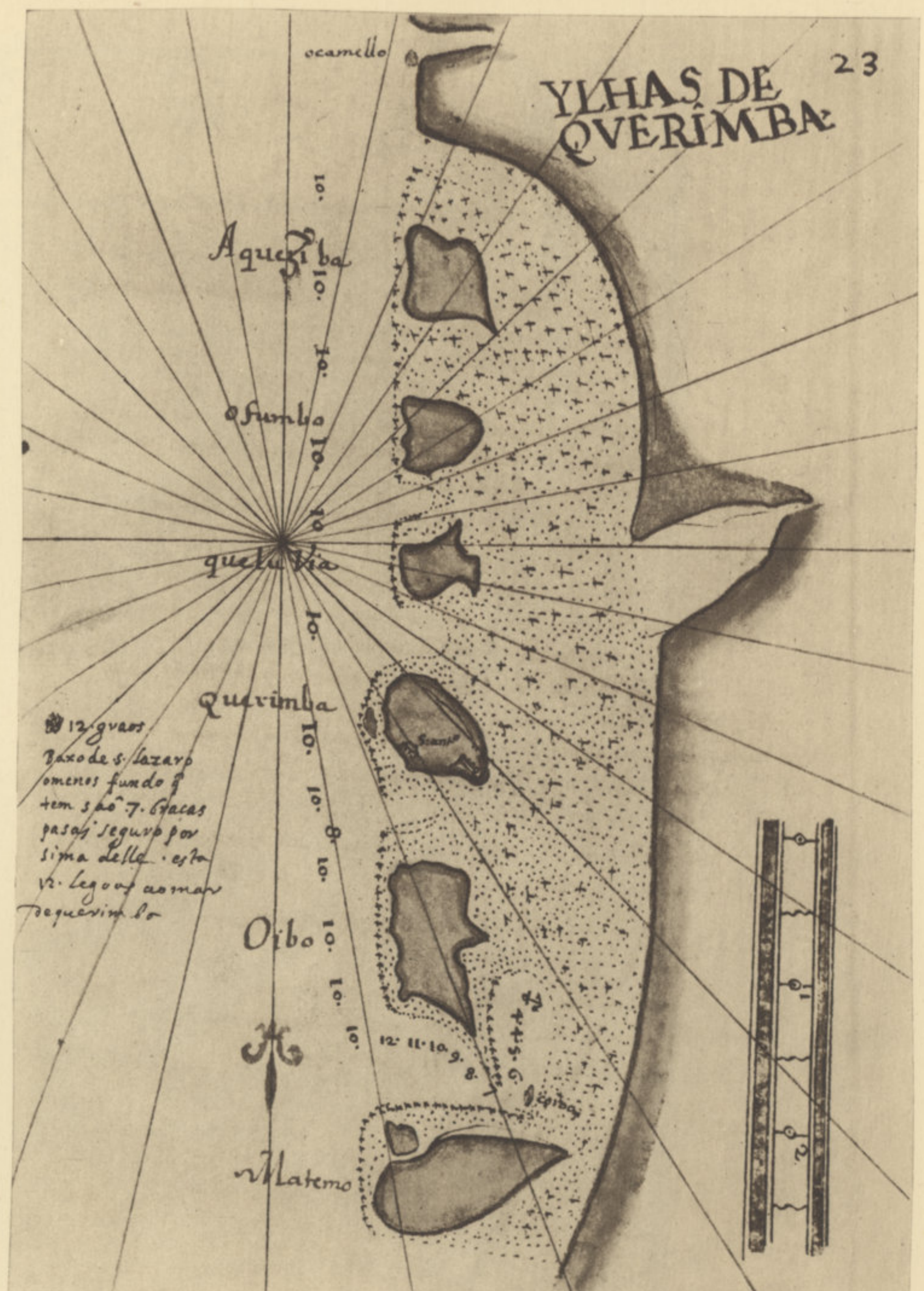
Bibliothèque Nationale, Paris



Original 160×217 mm. Quarta Carta – Fourth Chart A



Quinta Carta – Fifth Chart B



Sétima Carta – Seventh Chart C



Original 339×467 mm. D



Original 160×217 mm. Terceira Carta – Third Chart E

A, B, C, E – ANÓNIMO, c. 1615

Códice com nove cartas – Codex with nine charts

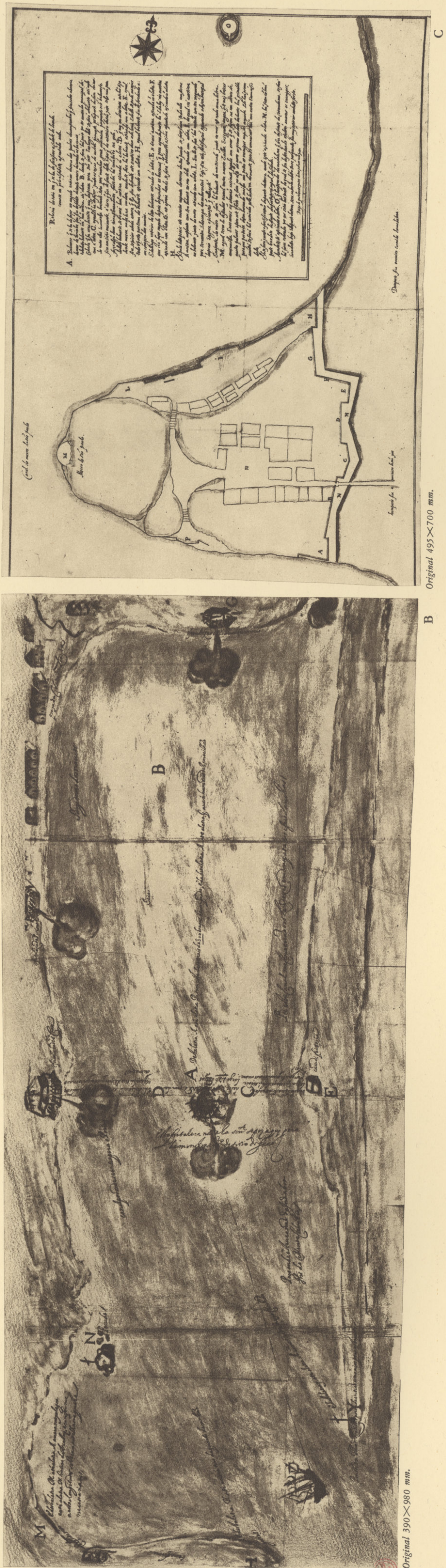
Colecção de / Collection of } *C. R. Boxer, London*

D – ANÓNIMO, 1622

Biblioteca da Ajuda, Lisboa

A

Original 414×1.045 mm.



B

Original 390×980 mm.

C

Original 495×700 mm.

A, C-ANÓNIMOS, 1626

B-ANÓNIMO-FERNÃO DE SOUSA, c. 1625

Biblioteca da Ajuda, Lisboa



Original 435×642 mm.

A



Original 452×546 mm.

B



Original 390×501 mm.

C



Original 410×513 mm.

D

MANUEL DE ALMEIDA, c. 1645

A - Carta de 1662, no códice / Chart of 1662, in the codex } *Historia de Ethiopia a Alta...*
British Museum, London

C - Carta de c. 1662, numa colectanea cartográfica / Chart of c. 1662, in a cartographic collection
British Museum, London

B - Carta de c. 1662, no códice / Chart of c. 1662, in the codex } *Historia de Ethiopia a Alta...*
School of Oriental and African Studies, London

D - Carta de c. 1662, num códice / Chart of c. 1662, in a codex
Österreichische Nationalbibliothek, Wien



Original 282×415 mm.

A



Original 695×922 mm.

C

A–BALTASAR TELES, 1660

in *História Geral de Ethiopia a Alta...*

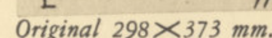
C–FRANÇOIS ESCHINARD, 1674

in *Recueil de divers voyages...*

T. 4. Relat. des Abyssins.

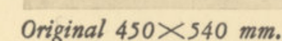
CARTE D'ETHIOPIE ET DE L'EMPIRE DES ABYSSINS, AUTREMENT DU PRESTRE-IAN, faite sur les lieux par les R R. PP. Manoel d'Almeida, Affonso Mendez, Pero Pays, & Ieronimo Lobo, qui y ont demeurez long-temps.

Explication de quelques Chiffres de la Carte d'Ethiopie. Galilé, 1. Mecharaca, 2. Dex, 3. Debra mariam, 4. Catadupa primera, 5. Catadupa seconda, 6.


Original 298×373 mm.

B

JOBI LUDOLFI HABESSINIA seu ABASSIA PRESBYTERI JOHANNIS REGIO perperam dicta ad exemplum Tab. Chorographicæ P. BALTH. TELLEZII quanta fieri potuit diligentia formata correctis multis nominibus male scriptis: plurimisq locis passim insertis ex GREGORII HABESS: fida relatione. illorum situ non ubiq æque certo. ANNO CHRISTI MDCLXXXIII.


Original 450×540 mm.

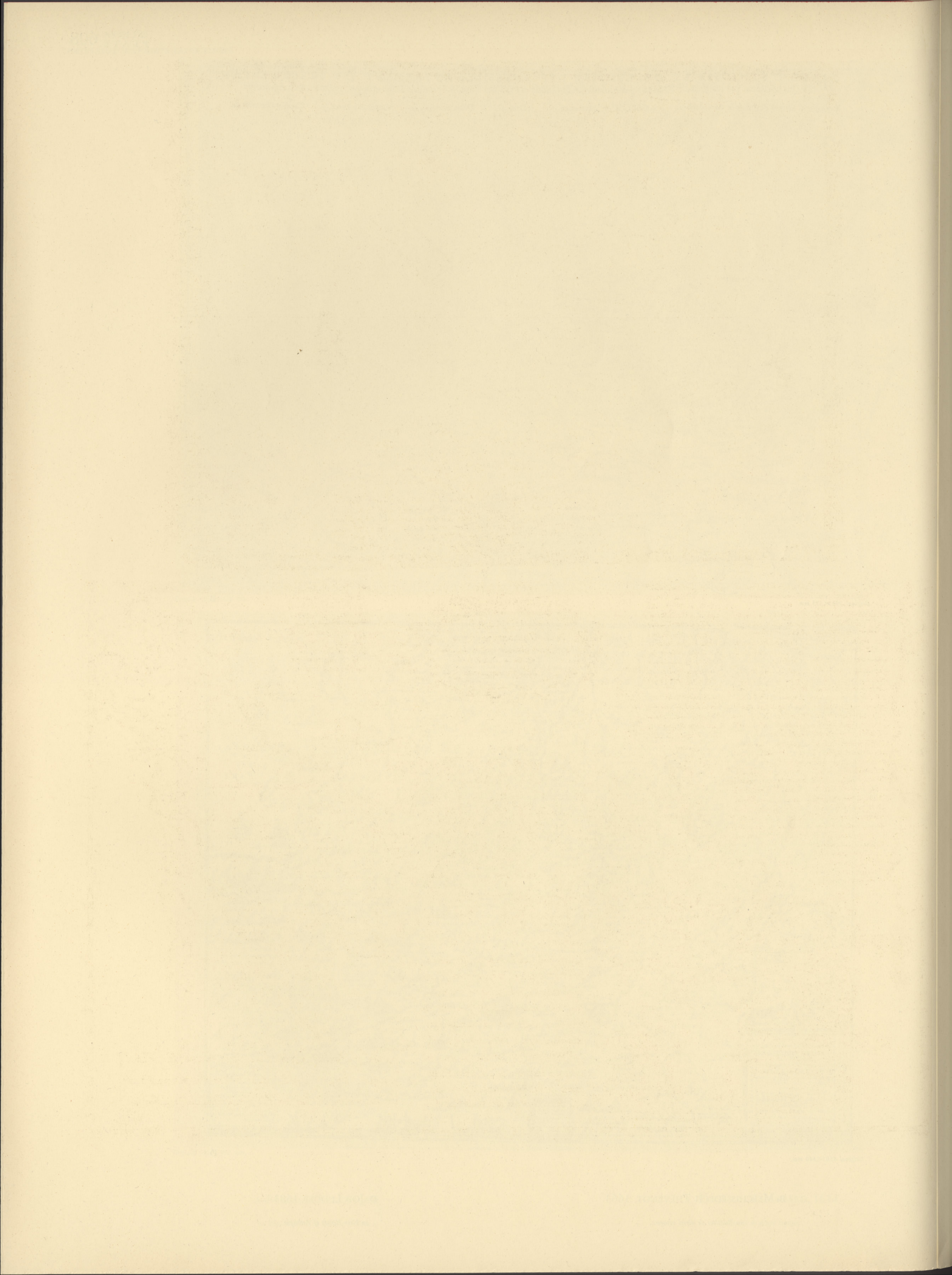
D

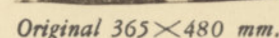
B–MELCHISÉDECH THÉVENOT, 1663

in *Relations de divers voyages...*

D–JOB LUDOLF, 1683

in *New History of Aethiopia*




Original 365×480 mm.

A

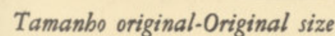
SEPTENTRIO

IAPPONIAE
Noua & accurata descriptio
Per R.P. Antonium Franciscum Cardim
Societatis IESV
Ad Elogia Iapponica

Iappon diuiditur in 66. Prouincias siue Regna notata lit. P. per omnia dilatata est Fides Catholica: labore & industria Religiosorum Societatis IESV, multa centena Christianorum millia numerantur. Habuit Societas IESV diuersis temporib. Collegia sex, Residentias maiores, seu Collegia inchoata tria, Domos Probationis duas, Residentias 64. Seminaria duo. Plurimi pro Xpo mortem oppetierūt.

S. Franciscus Xauerius Iapponiæ Aplus appellit Cangoximam. 15. Aug. ann. 1549.

MERIDIES


Tamanho original-Original size

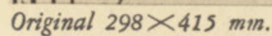
B

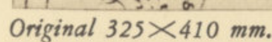
A–ANÓNIMO, c. 1630

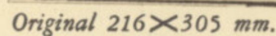
Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

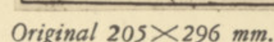
B–ANTÓNIO FRANCISCO CARDIM, 1646

in *Fasciculus è Iapponicis floribus...*


Original 298×415 mm. Fol. 32 A


Original 325×410 mm. Fols. 1v.-2r. B


Original 216×305 mm. C


Original 205×296 mm. D

A–ANÓNIMO, 1624

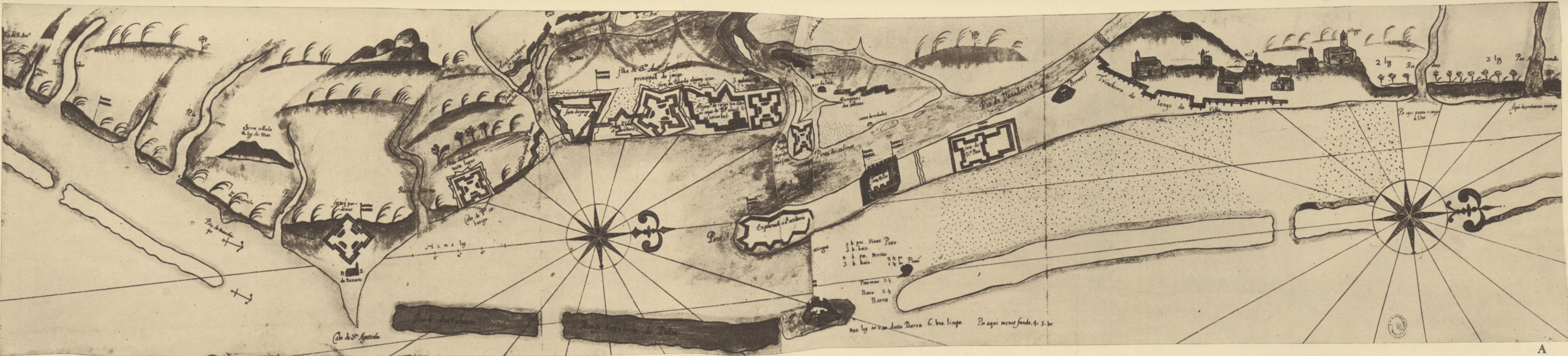
Atlas de Ceilão com trinta e quatro cartas
Atlas of Ceylon with thirty-four charts
Biblioteca Nacional, Madrid

B–ANÓNIMO, c. 1627

Atlas de Ceilão com vinte e quatro cartas
Atlas of Ceylon with twenty-four charts
Algemeen Rijksarchief, Den Haag

JOÃO RIBEIRO, 1685

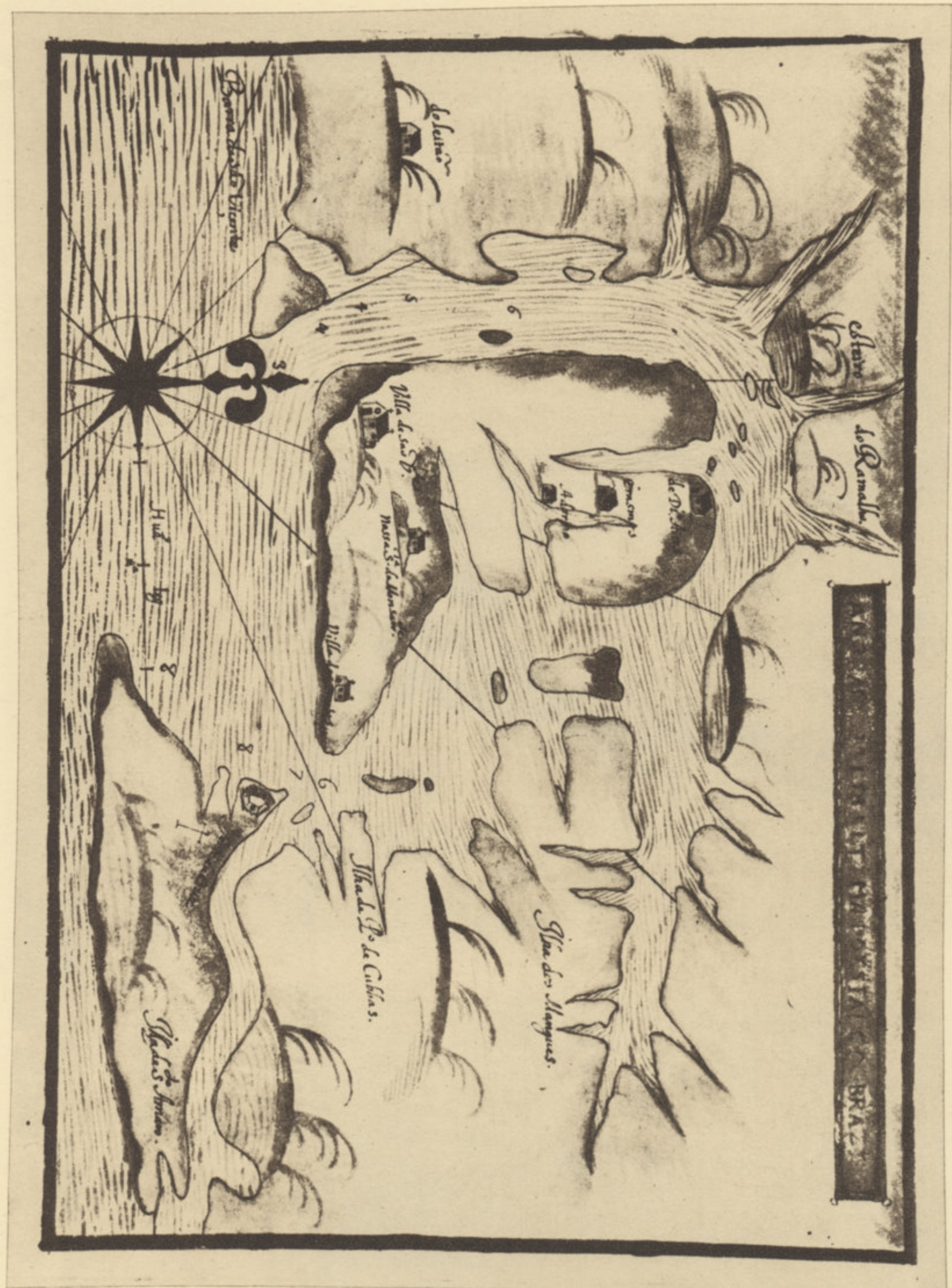
C-Códice da *Biblioteca Nacional, Lisboa*
D-Facsimile do códice da *Academia das Ciências de Lisboa*



Original 32×136 cm.

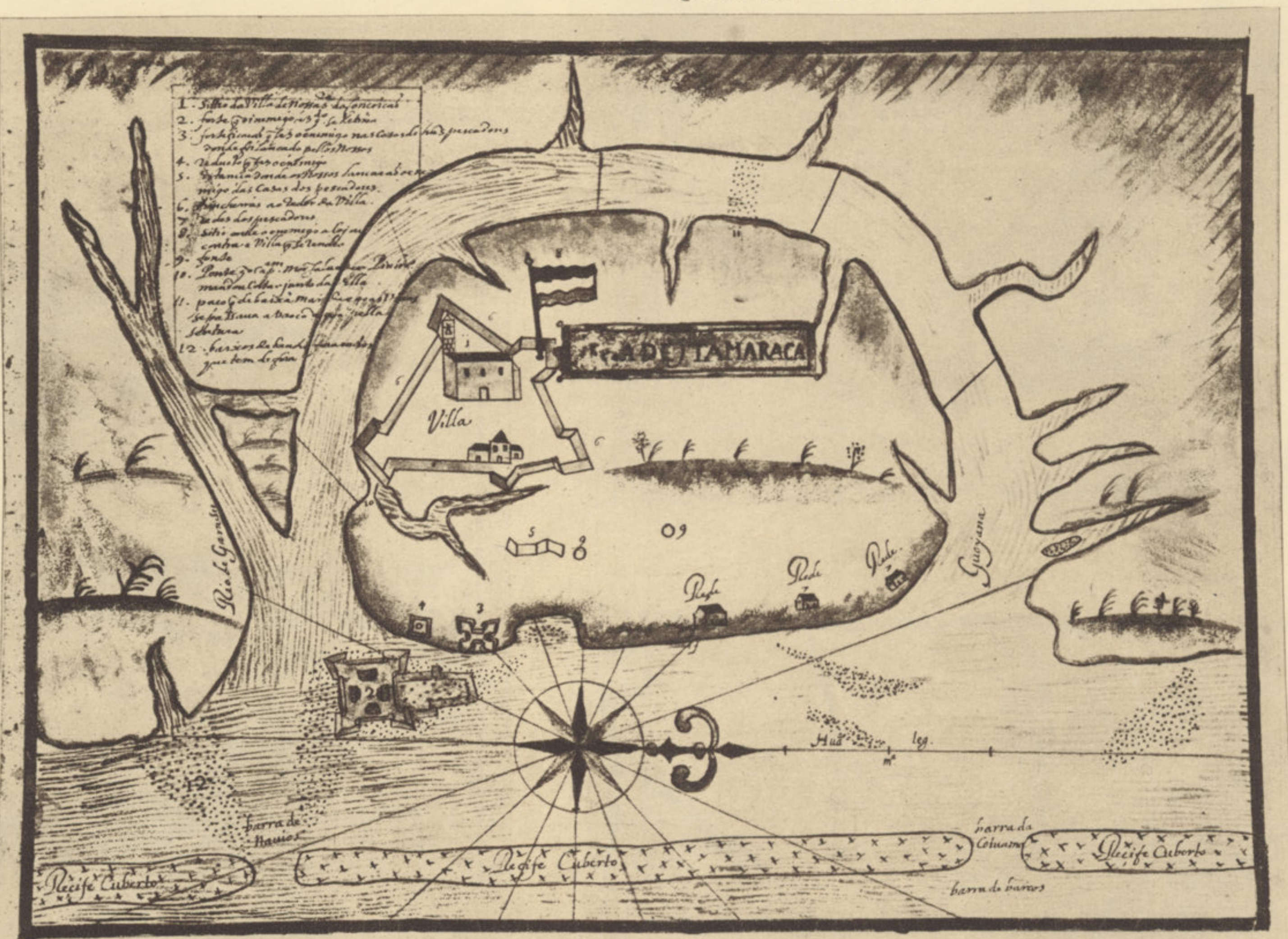
Quinta Carta – Fifth Chart

A



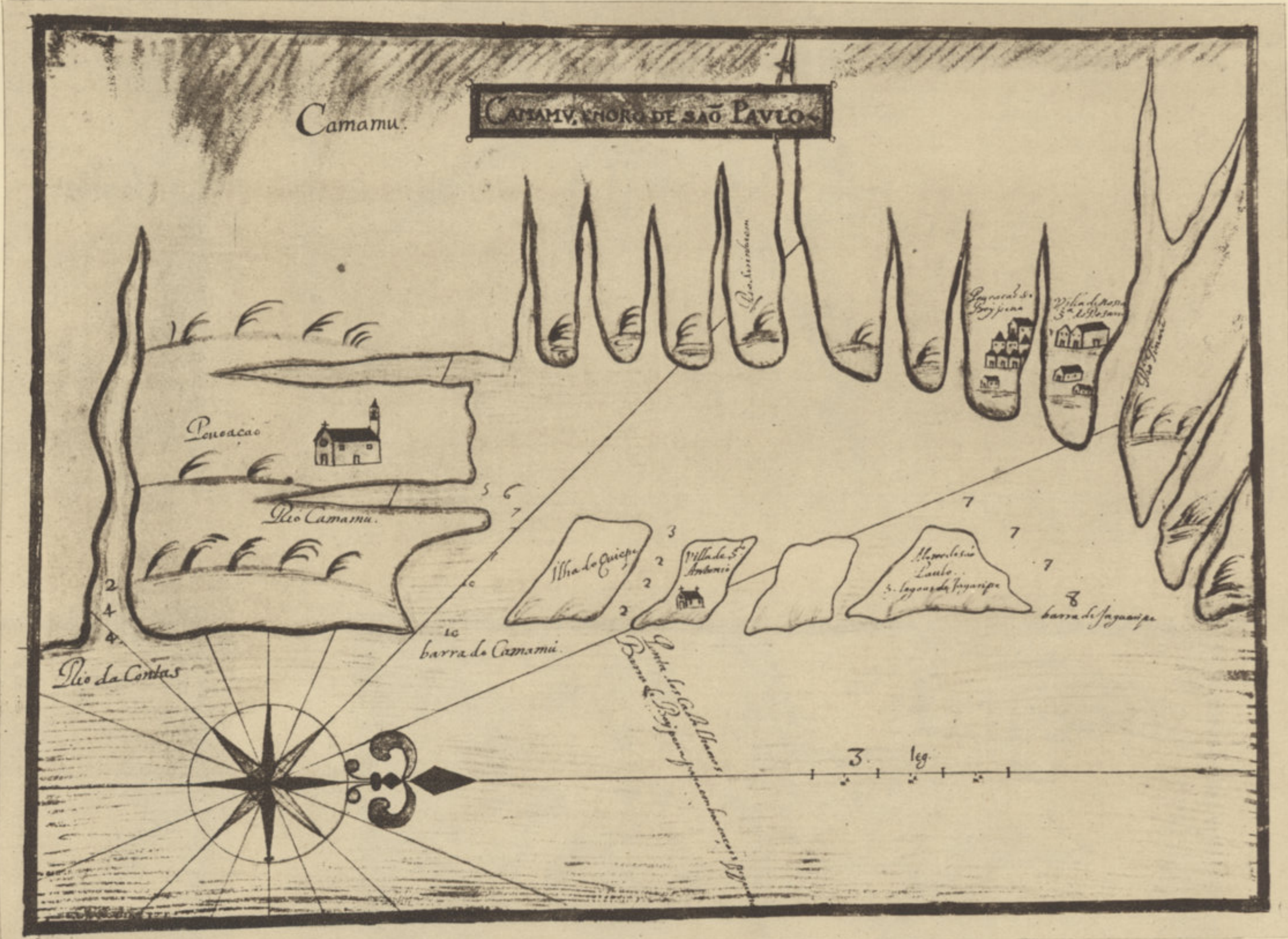
Décima quinta Carta – Fifteenth Chart

B



Sexta Carta – Sixth Chart

C



Décima Carta – Tenth Chart

D

ANÓNIMO, c. 1636

Atlas com quarenta e nove cartas

Atlas with fourty-nine charts

Biblioteca Nacional, Madrid



Original 32×43 cm.

Décima primeira Carta – Eleventh Chart

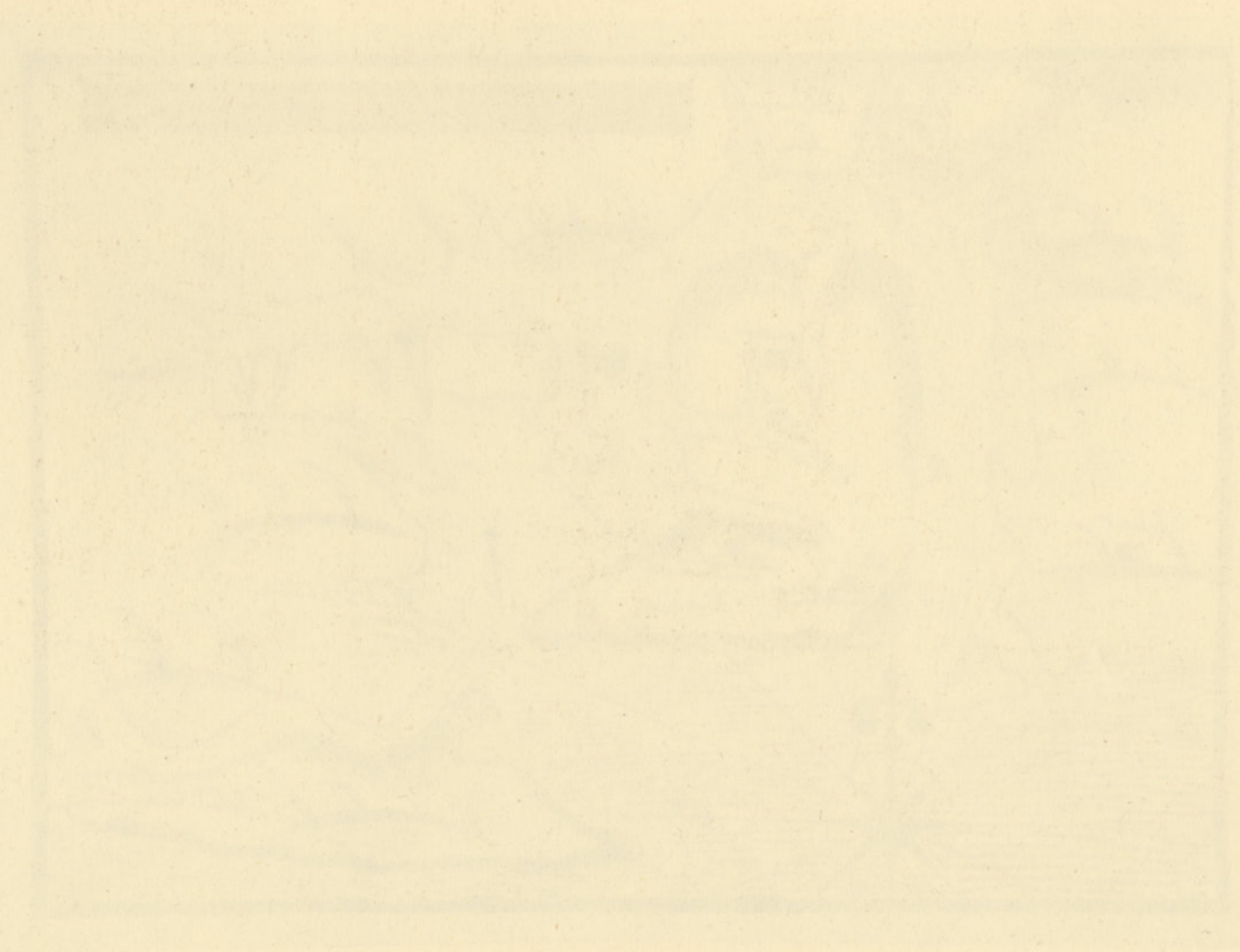
E

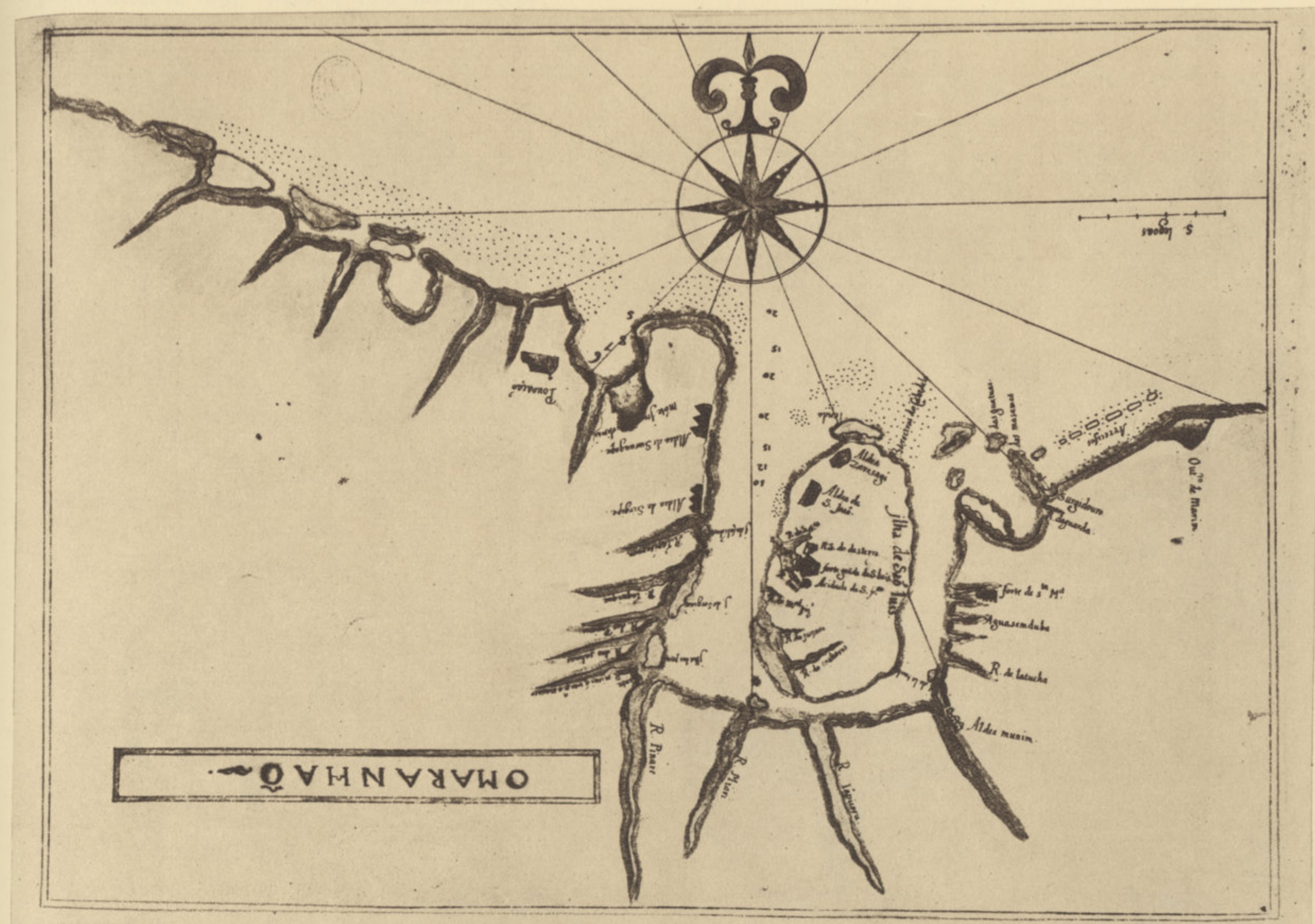


Décima segunda Carta – Twelfth Chart

F







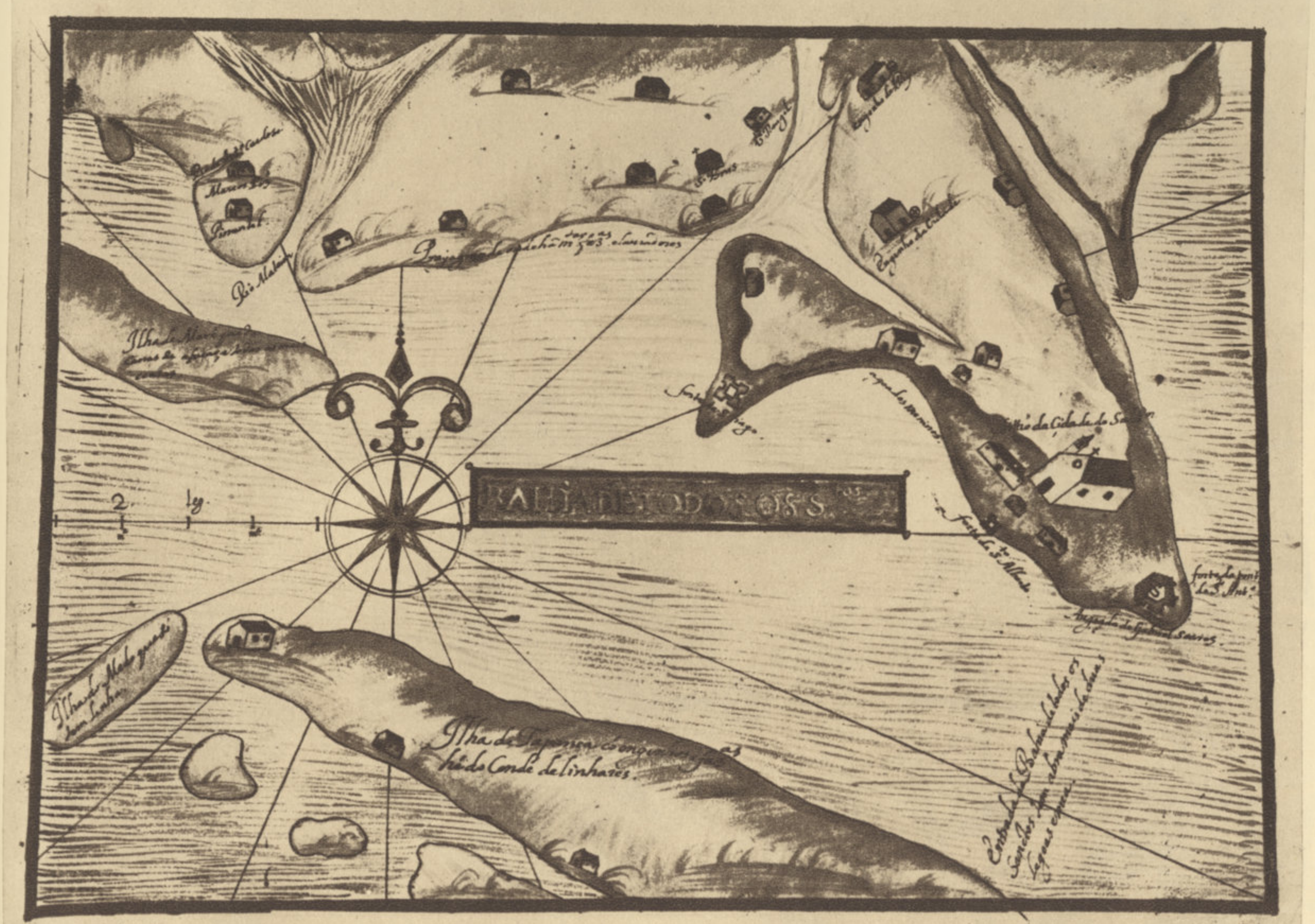
Segunda Carta — Second Chart

A



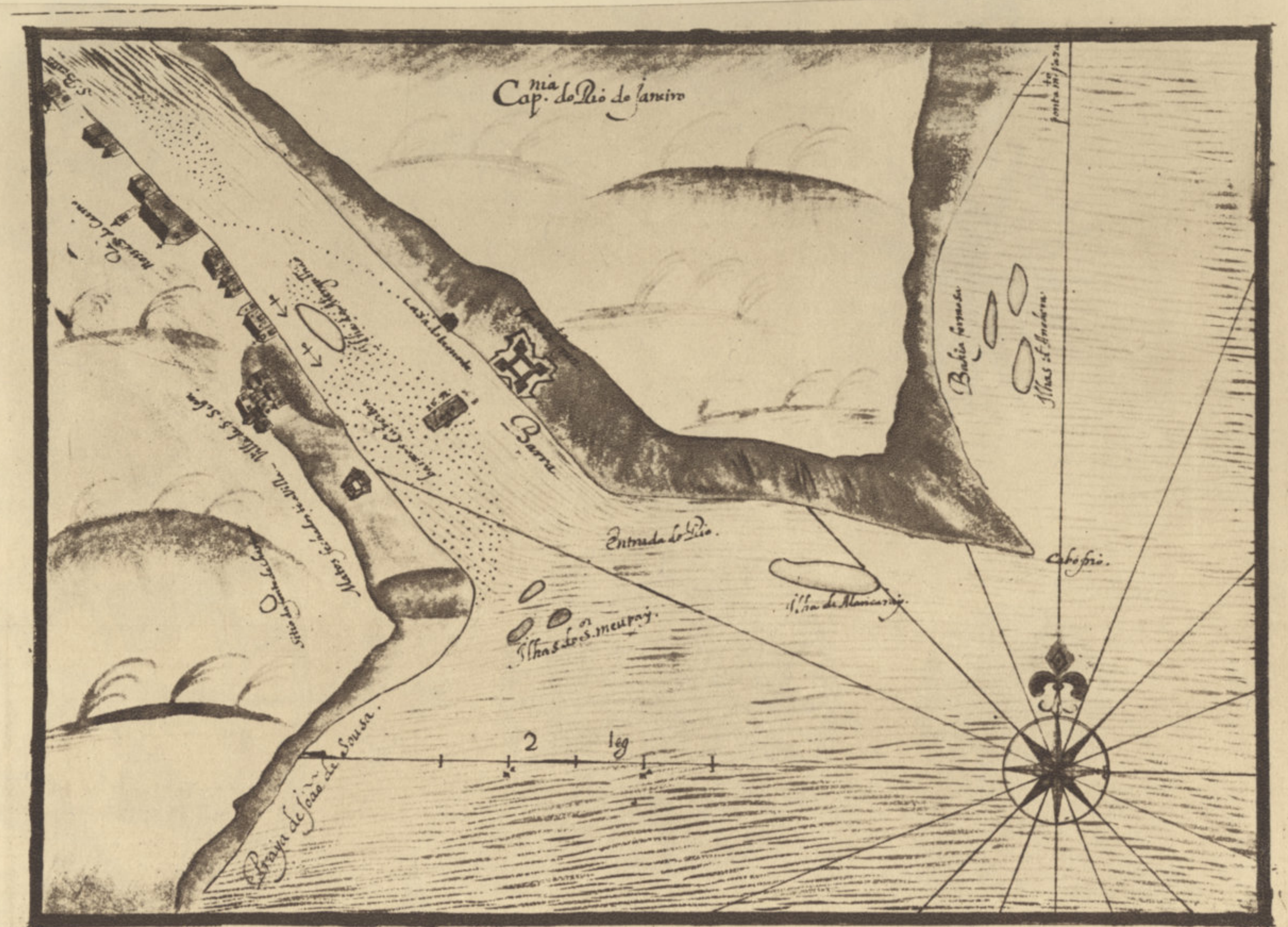
Quarta Carta — Fourth Chart

B



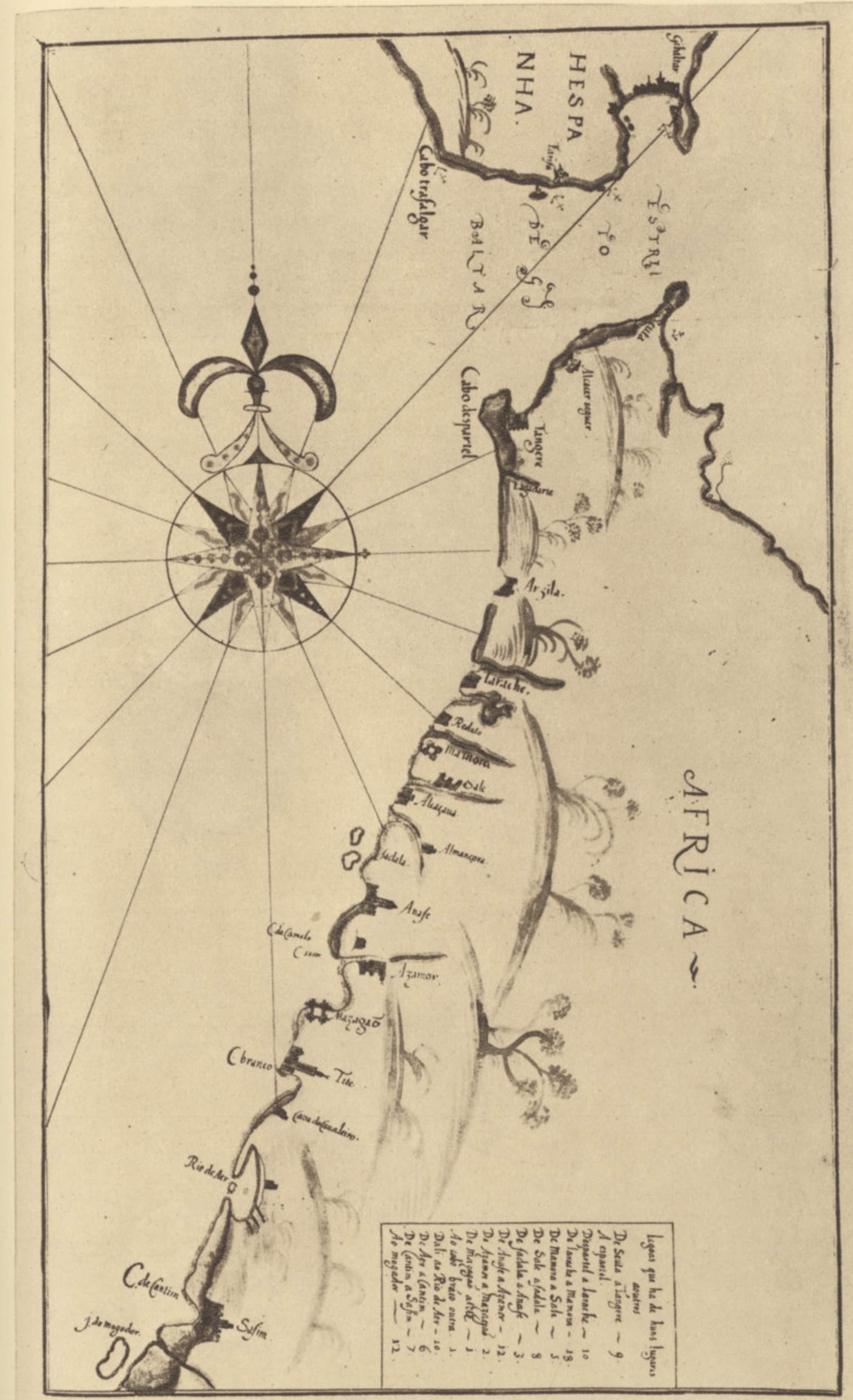
Oitava Carta — Eighth Chart

C



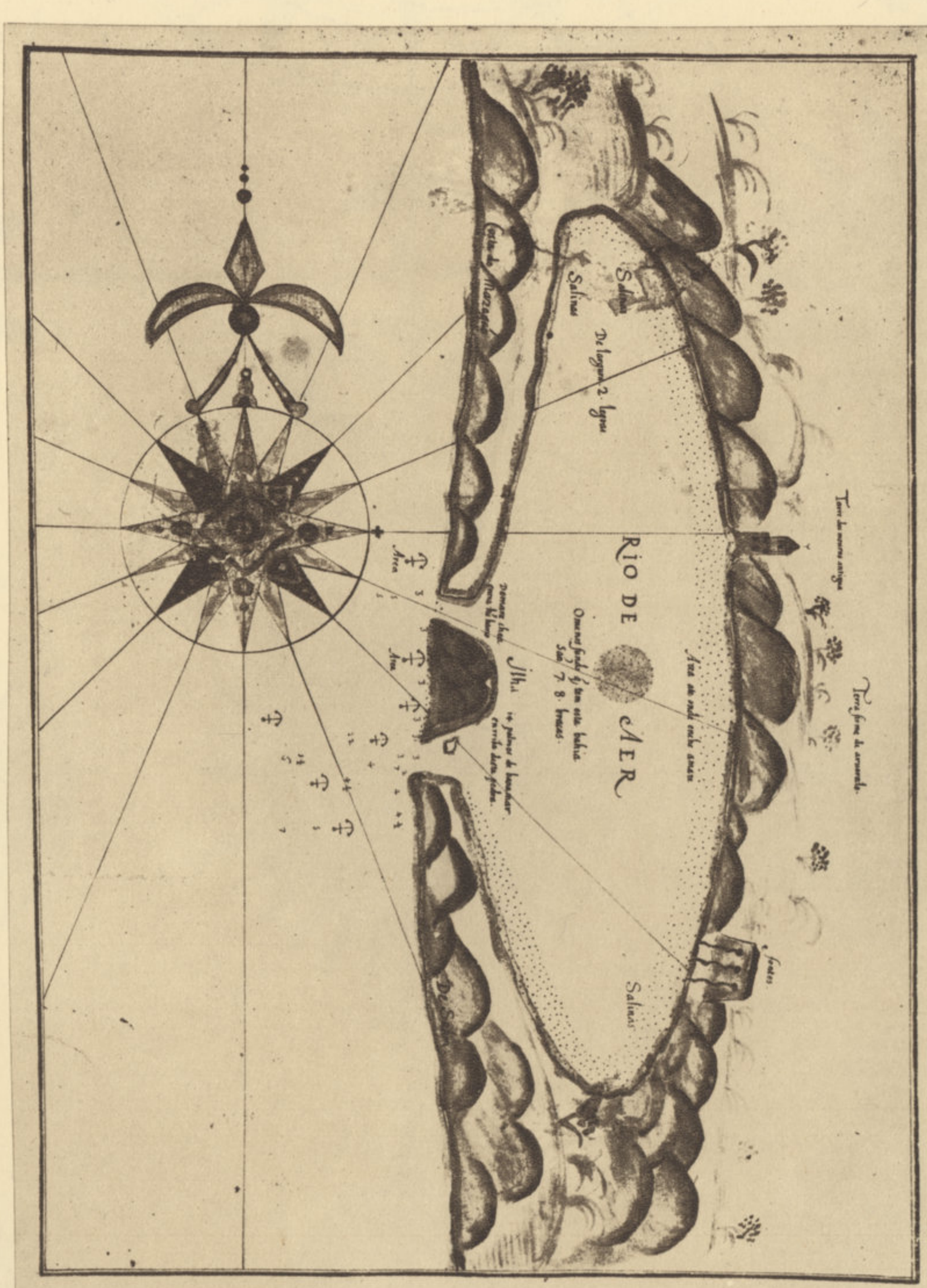
Décima quarta Carta — Fourteenth Chart

D



Original 32×54 cm. Décima sétima Carta — Seventeenth Chart

E



Original 32×43 cm. Vigésima Carta — Twentieth Chart

F



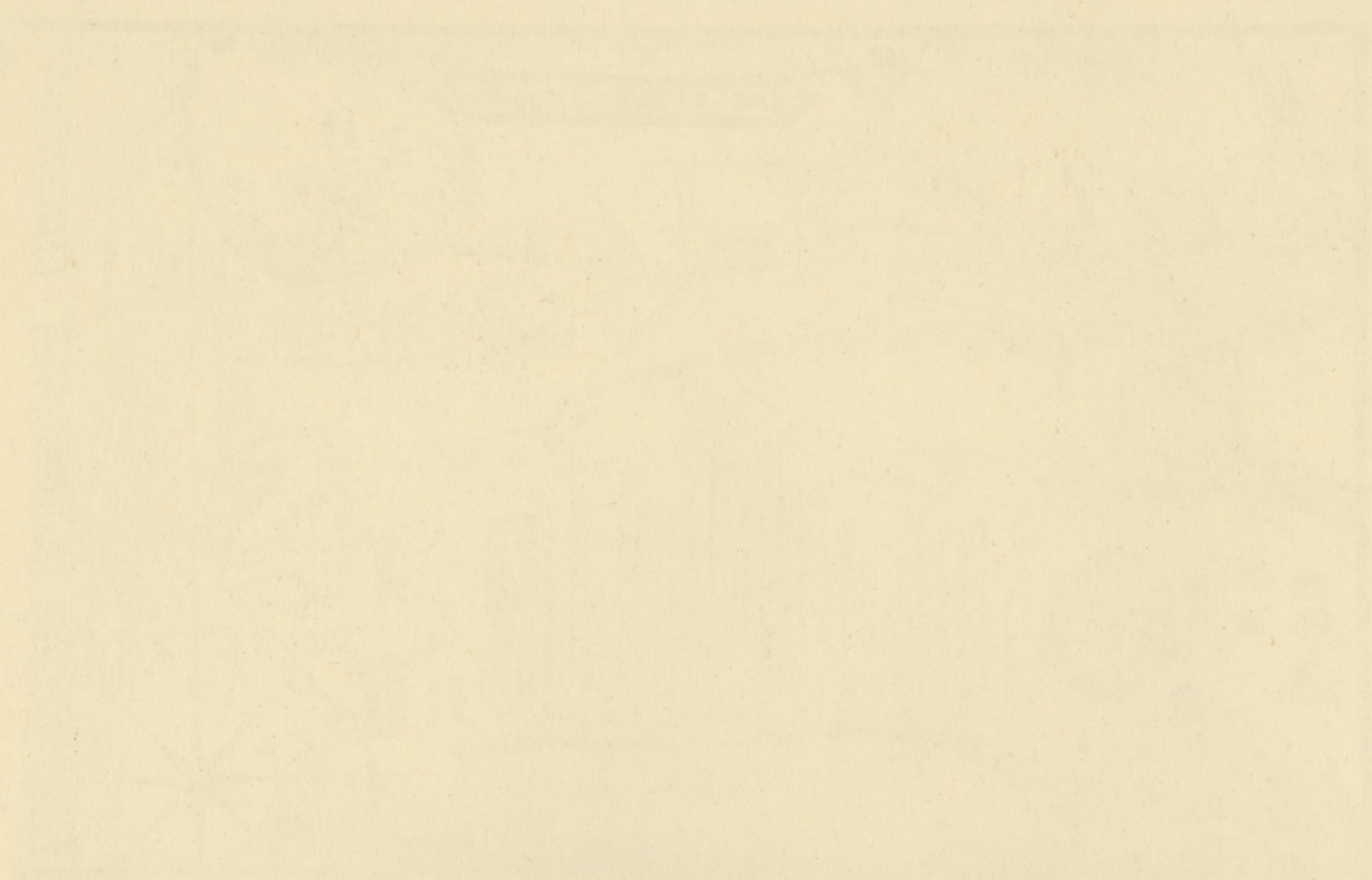
Quadragésima sexta Carta — Fourty-sixth Chart

G

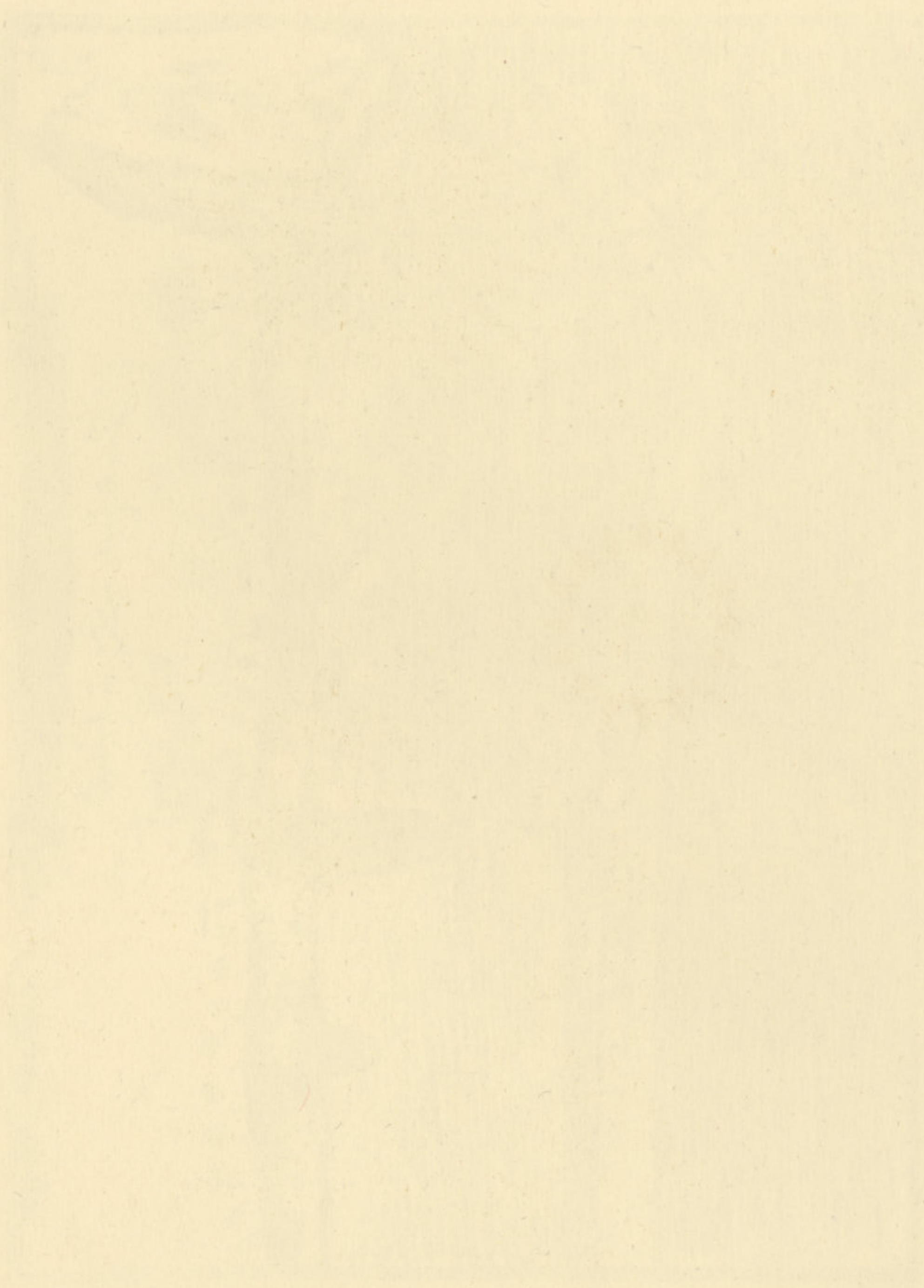
ANÓNIMO, c. 1636

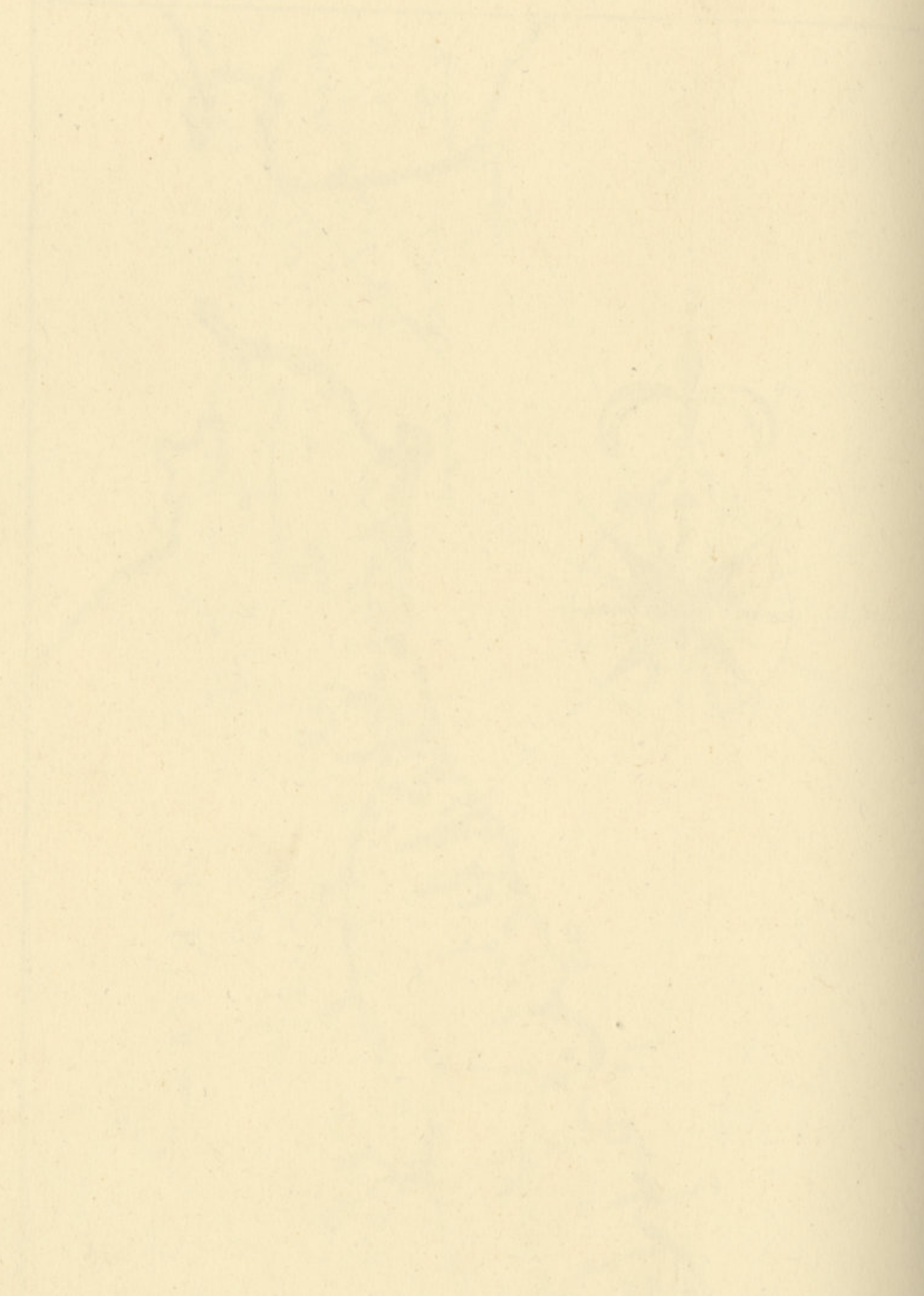
Atlas com quarenta e nove cartas — Atlas with fourty-nine charts

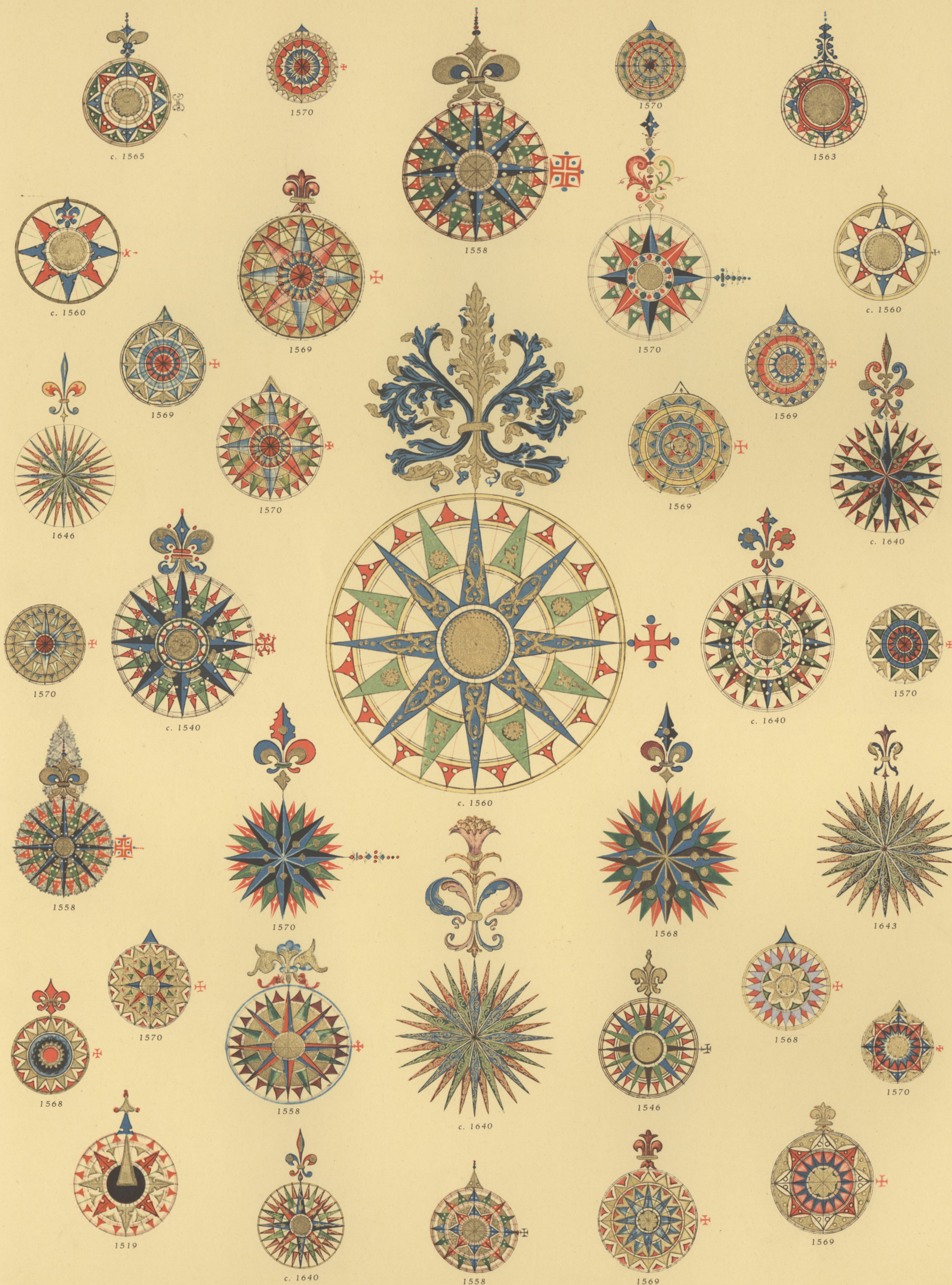
Biblioteca Nacional, Madrid





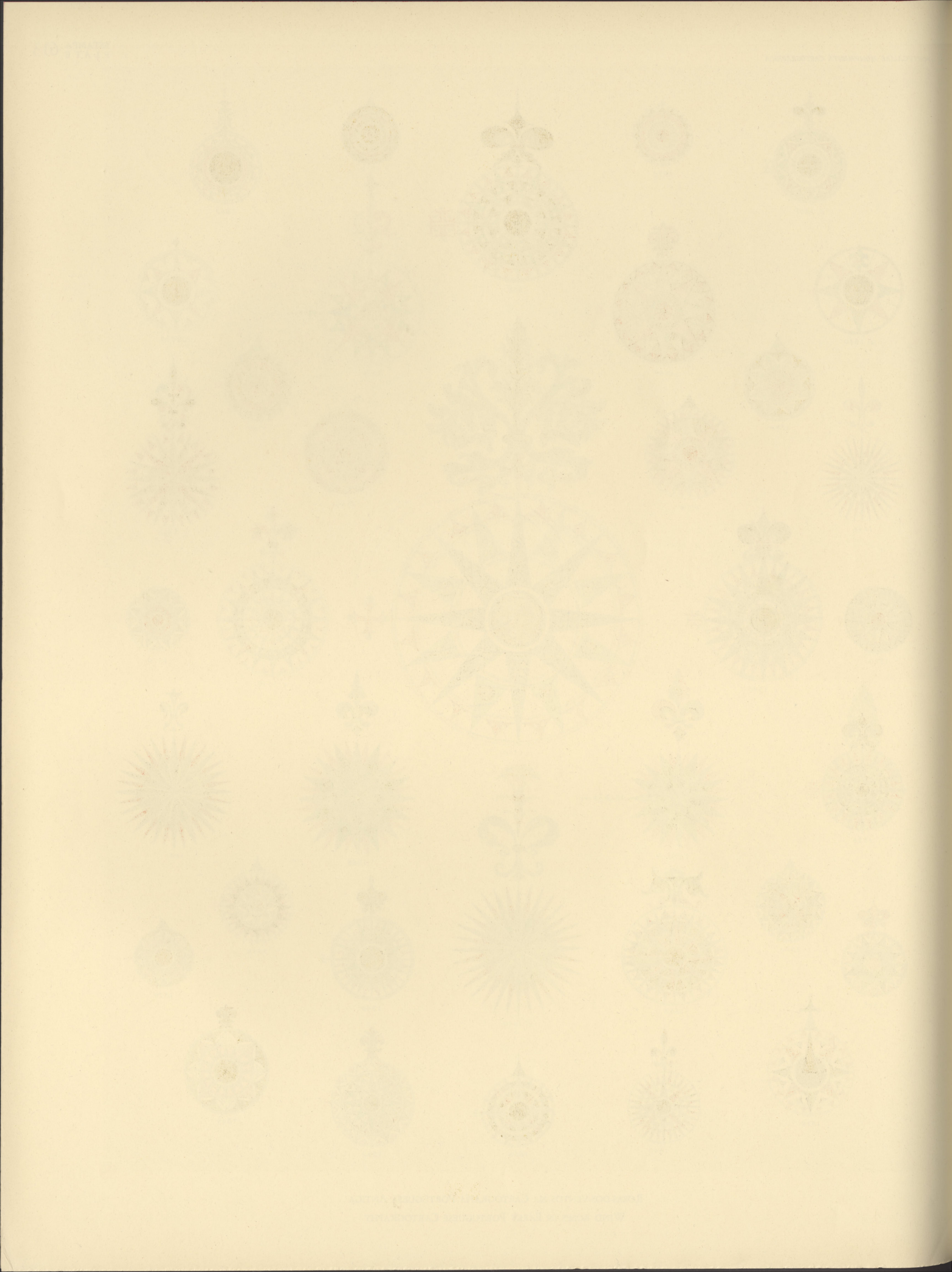






ROSAS-DOS-VENTOS NA CARTOGRAFIA PORTUGUESA ANTIGA

WIND ROSES IN EARLY PORTUGUESE CARTOGRAPHY



APÊNDICES
APPENDIXES

OS ESBOÇOS DAS ILHAS ATLÂNTICAS POR VALENTIM FERNANDES

VALENTIM de Morávia (Valentin de Mähren, na Áustria), ou Valentim Fernandes Alemão, como também assinava e ficou conhecido na história, Valentinus Moravus num documento de 1505, era um impressor alemão que veio para Portugal, talvez por volta de 1493, tendo aqui vivido até cerca de 1517, ano provável do seu falecimento (1). O primeiro livro que cá imprimiu, em 1495, de parceria com Nicolau de Saxónia, foi a tradução portuguesa, feita no mosteiro cisterciense de Alcobaça, da *Vita Christi* de Ludolphus de Saxónia, século XIV, o qual, nas palavras de D. Manuel II, «é a edição princeps por excellencia da typographia Portuguesa ... como exemplo da arte typographica, é admiravel», assim como a primeira obra em português impressa em Portugal. Em breve se separou de Nicolau de Saxónia, e entre os muitos livros que imprimiu dois têm para nós interesse especial: uma tradução portuguesa do *Livro de Marco Paulo*, publicada em 1502, e o *Reportorio dos Tempos*, com o *Regimẽto de declinaçam do sol*, que apareceu em 1518 (2).

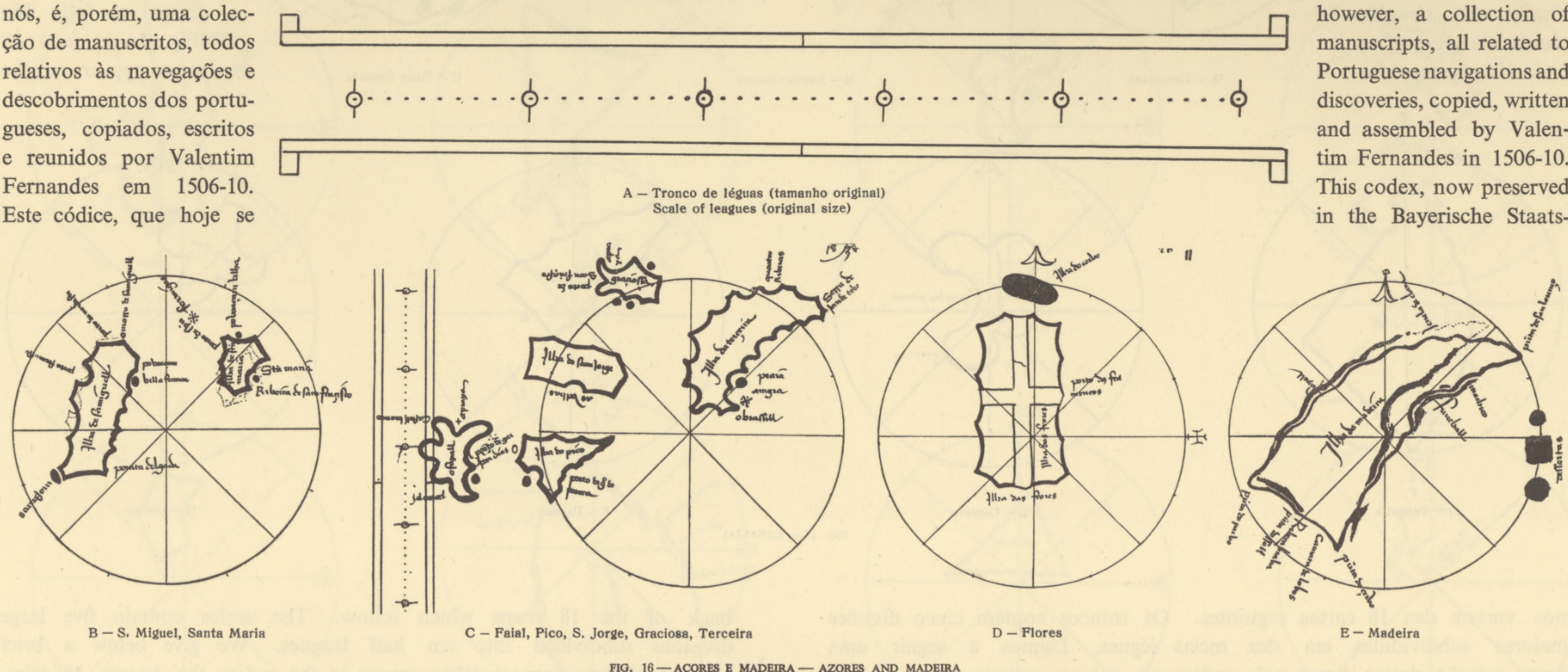
Mais importante para a história da geografia e por conseguinte para nós, é, porém, uma colecção de manuscritos, todos relativos às navegações e descobrimentos dos portugueses, copiados, escritos e reunidos por Valentim Fernandes em 1506-10. Este códice, que hoje se encontra na Bayerische Staatsbibliothek, «Cod. hisp. 27 (583 *Catalogus Codicum Manu Scriptorum Biblioteca Regia Monacencis*, 1858)», foi tornado conhecido por Schmeller em 1845 (3). Tem 349 folhas, 160 × 220 mm, algumas das quais em branco, e contém: um relato da viagem de D. Francisco de Almeida para a Índia, escrito originalmente por Hans Mayr, que regressou a Portugal na armada do Vice-rei; várias descrições referentes à Índia, regiões costeiras de Ceuta à Guiné, e arquipélagos atlânticos desde os Açores ao Golfo da Guiné; uma cópia resumida da *Crónica da Guiné* de Azurara; *De prima inventione Guinea*, que é o relato feito por Diogo Gomes a Martin Behaim da sua viagem à Guiné e seu descobrimento do Arquipélago de Cabo Verde, que Behaim escreveu em latim e Fernandes transcreveu; e *Este livro he de rotear* que, em resumo, é um roteiro do Cabo de Finisterra ao Castelo da Mina. Há no códice 39 desenhos muito simples e esboços grosseiros das ilhas atlânticas, desde os Açores a Santa Helena (4).

(1) Francisco Maria Esteves Pereira sugere que o pai de Valentim de Morávia talvez se chamasse Ferdinand, donde o patronímico Fernandes, puramente português. *Marco Paulo*, p. xi. Lisboa 1922.

(2) Sobre as notáveis edições destes dois livros e a obra de Valentim Fernandes em geral, vide El-Rei Dom Manuel, *Livros Antigos Portuguezes*, Vol. I, p. 56 *passim*, Londres 1929, que se ocupou com erudição e pormenorizadamente do assunto.

(3) J. A. Schmeller, *Über Valentĩ Fernandez Alemã und seine Sammlung von Nachrichten über die Entdeckungen und Besitzungen der Portugiesen in Africa und Asien bis zum Jahre 1508*. München 1847.

(4) À longa lista de autores mencionados por Esteves Pereira 1922, que se ocuparam de Valentim Fernandes, devem acrescentar-se (entre muitos outros) Joaquim Bensaúde, *Regimento do Estrolabio*, Introduction, pp. 21 seqq., Lisbonne 1924, e El-Rei Dom Manuel 1929. Joaquim Bensaúde, o grande erudito e benemérito


A — Tronco de léguas (tamanho original)
Scale of leagues (original size)

B — S. Miguel, Santa Maria   C — Faial, Pico, S. Jorge, Graciosa, Terceira   D — Flores   E — Madeira

FIG. 16 — AÇORES E MADEIRA — AZORES AND MADEIRA

VALENTIM FERNANDES' SKETCHES OF THE ATLANTIC ISLANDS

VALENTIM de Moravia (Valentin of Moravia, or Mähren, in Austria), or Valentim Fernandes Alemão, as he also signed himself and became known to history, called Valentinus Moravus in a document of 1505, was a German printer who came to Portugal, perhaps about 1493, and lived there until about 1517, which was probably the year of his death (1). The first book he printed in Lisbon, in 1495, in partnership with Nicolau de Saxonia, was the Portuguese translation, made at the Cistercian Monastery of Alcobaça, of the XIV-century *Vita Christi* by Ludolphus de Saxonia; this, in the words of King Manuel, «is the most magnificent *editio princeps* ever issued in Portugal ... an admirable example of the art of typography», as well as the first work in Portuguese printed in Portugal. Fernandes soon separated from Nicolau de Saxonia, and among the many books he printed two are of particular interest to us, namely a Portuguese translation of the *Book of Marco Polo*, published in 1502, and the *Reportorio dos Tempos*, with the *Regimẽto de declinaçam do sol*, which appeared in 1518 (2).

More important to the history of geography and therefore to us is, however, a collection of manuscripts, all related to Portuguese navigations and discoveries, copied, written and assembled by Valentim Fernandes in 1506-10. This codex, now preserved in the Bayerische Staatsbibliothek, «Cod. hisp. 27 (583 *Catalogus Codicum Manu Scriptorum Biblioteca Regia Monacencis*, 1858)», was first brought to notice in 1845 by Schmeller (3). It has 349 leaves, 160 × 220 mm, a few of which are blank, and contains: a report on D. Francisco de Almeida's voyage to India, originally written by Hans Mayr, who returned to Portugal with the Viceroy's fleet; several descriptions of India, the coastal regions from Ceuta to Guinea and the Atlantic archipelagos from the Azores to the Gulf of Guinea; an abridged copy of Azurara's *Chronicle of Guinea*; *De prima inventione Guinea*, which is a report made by Diogo Gomes to Martin Behaim on his voyage to Guinea and his discovery of the Cape Verde Archipelago, written down by Behaim in Latin, and transcribed by Fernandes; and *Este livro he de rotear*, which, briefly, is a rutter from Cape Finisterre to the Castle of Mina. In the codex there are 39 very simple drawings and rough sketches of the Atlantic islands from the Azores to St. Helena (4).

(1) Francisco Maria Esteves Pereira suggests that Valentim de Moravia's father might have been called Ferdinand, whence the patronymic Fernandes, purely Portuguese. *Marco Paulo*, p. xi. Lisboa 1922.

(2) On the remarkable editions of these two books and the work of Valentim Fernandes in general, see King Manuel, *Early Portuguese Books*, Vol. I, p. 56 *passim*, London 1929, who dealt learnedly and thoroughly with the subject.

(3) J. A. Schmeller, *Über Valentĩ Fernandez Alemã und seine Sammlung von Nachrichten über die Entdeckungen und Besitzungen der Portugiesen in Africa und Asien bis zum Jahre 1508*. München 1847.

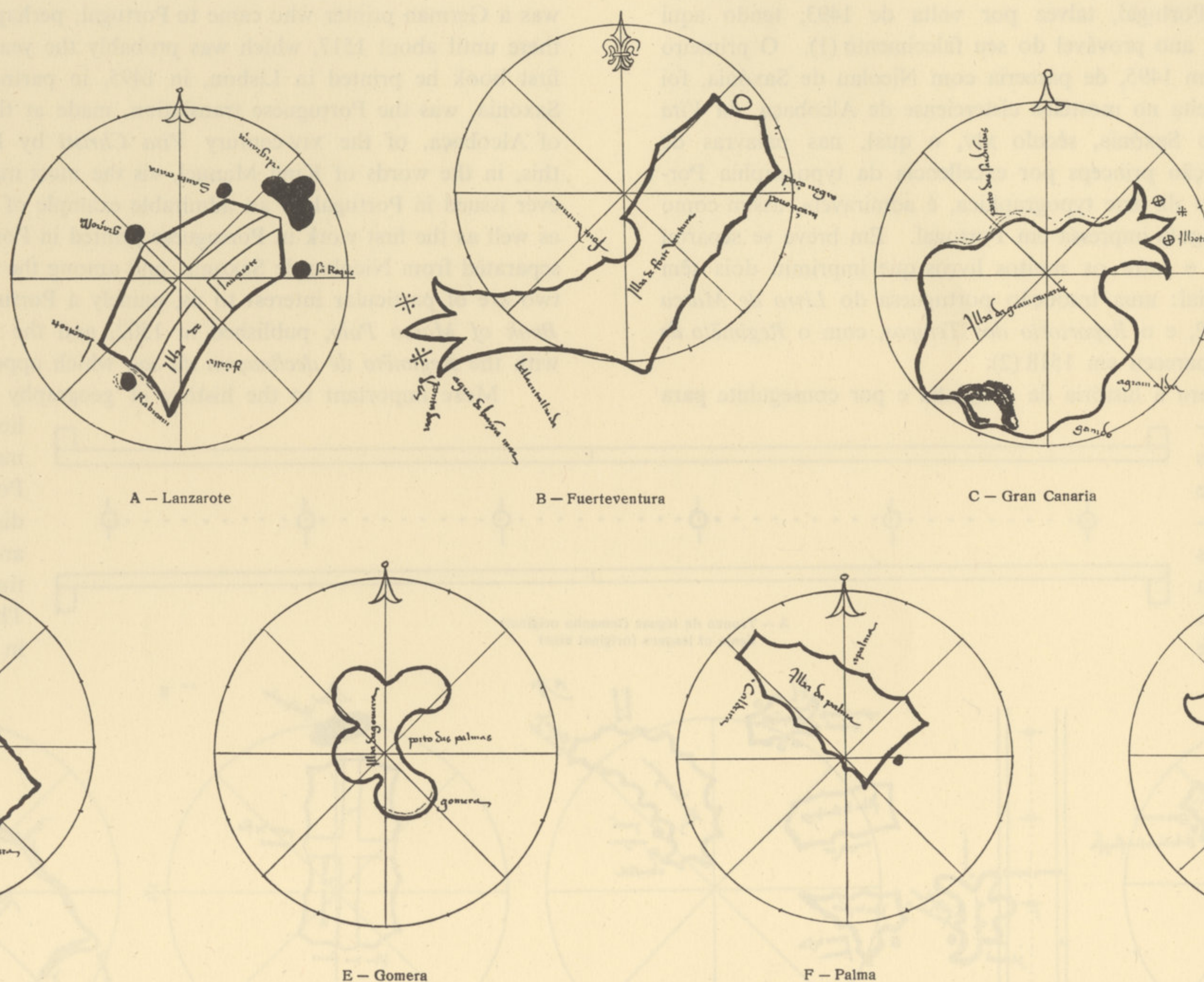
(4) To the long list of authors mentioned by Esteves Pereira 1922, as having dealt with Valentim Fernandes, must be added (among many others) Joaquim Bensaúde, *Regimento do Estrolabio*, Introduction, pp. 21 seqq., Lisbonne 1924, and King Manuel 1929. Joaquim Bensaúde, that great scholar and benefactor

Já nesta obra (Vol. I, p. 15) nos referimos às relações existentes entre Valentim Fernandes e o humanista Konrad Peutinger, de Augsburgo, e como aquele e provàvelmente outros alemães permanente ou temporàriamente estabelecidos em Lisboa coligiram e enviaram a Peutinger, directa ou indirectamente, uma importantíssima colecção de cartas, manuscritos e livros portugueses sobre as navegações portuguesas (5). Entre aqueles, foram para Augsburgo os vários escritos contidos neste códice, que provàvelmente chegaram em separado e que Peutinger depois reuniu no volume actual, como se pode depreender pelo título *De Insulis et peregrinatione Lusitanorum* escrito por ele próprio, e pelas numerações geral e parciais das folhas, e tamanhos diferentes do papel. Já nos ocupámos, como dizemos atrás, da maneira como este códice e a maior parte da colecção de Peutinger foram parar à biblioteca de Munique, onde hoje se encontram.

Embora os 39 esboços de cartas contidas no códice fossem desenhados por um alemão, foram feitos em Lisboa e copiados de protótipos portugueses, com toda a sua nomenclatura em português. No fólio 16v (Fig. 16 A) está desenhado um simples tronco-de-léguas, e mais 18 se encontram nos versos das 18 cartas seguintes. Os troncos contêm cinco divisões maiores subdivididas em dez meias léguas. Damos a seguir uma breve relação destas cartas pela ordem em que se encontram no códice:

Earlier in this work (Vol. I, p. 15) we referred to the relations between Valentim Fernandes and the humanist Konrad Peutinger of Augsburg, and we noted that Fernandes, and probably other Germans permanently or temporarily established in Lisbon, assembled and sent to Peutinger, either directly or indirectly, a most important collection of Portuguese maps, manuscripts and books about Portuguese navigations (5). To Augsburg, among these, went the various items contained in this codex, which were probably sent separately and subsequently assembled by Peutinger in the present volume, as may be guessed from the latter's inscription *De Insulis et peregrinatione Lusitanorum* in his own hand, and from the general and partial numeration of the leaves and different sizes of the paper. We have already described how this codex and most of the Peutinger collection found their way to the library in Munich where they are now preserved.

Although the 39 map-sketches contained in the codex were drawn by a German, they were made in Lisbon and copied from Portuguese prototypes, with all the nomenclature in Portuguese. A single scale of leagues is drawn on folio 16v (Fig. 16 A), and 18 more appear on the back of the 18 maps which follow. The scales contain five large divisions subdivided into ten half leagues. We give below a brief account of these maps as they appear in the codex: the Azores, Madeira,



A — Lanzarote

B — Fuerteventura

C — Gran Canaria

D — Tenerife

E — Gomera

F — Palma

G — Hierro

FIG. 17 — CANARIAS

a quem a história da ciência náutica portuguesa tanto deve, fizera fotografar todo o códice de Valentim Fernandes e estava a preparar a sua publicação na Imprensa da Universidade de Coimbra quando esta em 1934 foi extinta. Bensaúde ofereceu o material que tinha à Academia Portuguesa da História, em Lisboa, e recomendou a sua publicação, em que já não podia superintender por causa da sua avançada idade († 1952). E assim foi que apareceu em 1940 como uma das «Publicações Comemorativas do Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal», sob o título *O Manuscrito «Valentim Fernandes»*, com «leitura e revisão de provas por António Baião». Este é mais um dos serviços que a historiografia portuguesa deve a Bensaúde, pois foi essa a única vez que este importantíssimo códice se publicou na sua totalidade, embora não muito fielmente. O livro está tipogràficamente bem apresentado, mas infelizmente sem uma só palavra de introdução e sem qualquer nota ou índice, embora uma mera tábua das matérias seja chamada «Índice». Gabriel Pereira publicou em 1900 a tradução portuguesa da narrativa de Diogo Gomes, com uma «Explicação», que Vitorino de Magalhães Godinho reimprimiu, com valiosas notas e algumas correcções, in *Documentos sobre a Expansão Portuguesa*, Vol. I, pp. 69-115. Lisboa 1943. G. R. Crone, *The voyages of Cadamosto and other documents on Western Africa in the second half of the fifteenth century*, pp. 91-102, Hakluyt Society, London 1937, dá uma versão inglesa de «As Viagens de Diogo Gomes»; P. de Cernival et Th. Monod, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénégal par Valentim Fernandes (1506-1507)*, Paris 1938, publicaram a parte correspondente do texto português e tradução francesa, devidamente anotada, com uma erudita *Introduction* de Monod sobre Valentim Fernandes; e Th. Monod, A. Teixeira da Mota et R. Mauny, *Description de la côte occidentale d'Afrique (Sénégal au Cape de Monte, Archipels)*, Bissau 1951, também publicaram a parte correspondente do códice, no original português e tradução francesa com numerosas e eruditas notas. A. Teixeira da Mota, *Cinco Séculos de Cartografia das Ilhas de Cabo Verde*, Lisboa 1961, e muitos outros autores se têm referido ao códice e reproduzido algumas das suas cartas. Uma parte do códice foi publicada, juntamente com «Roteiro de João de Lisboa» e «Roteiro do 'Esmeraldo de Situ Orbis'», com breve «Notícia Explicativa», por Damião Peres, *Os mais antigos Roteiros da Guiné.* Lisboa 1952 (1953). Contudo, além da «Introduction» de Monod 1938, o melhor estudo documentado sobre Valentim Fernandes deve-se a esse sábio investigador que foi A. Fontoura da Costa, *Cartas das Ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes (1506-1508)*. Lisboa 1939. O facto de ter merecido a atenção de tantos estudiosos já por si revela a importância do códice de Valentim Fernandes.

(5) O P.ᵉ António Brásio, C.S.Sp., descobriu e publicou recentemente — com uma introdução, reprodução fotográfica, transcrição alemã e tradução portuguesa — uma carta, datada de Lisboa em 26 de Junho de 1510 e escrita por Valentim Fernandes ao seu amigo Stephan Gabler, de Nuremberga, em

to whom the history of Portuguese nautical science owes so much, had the whole of the Valentim Fernandes codex photographed and was preparing it for publication by the University of Coimbra Press when this was closed down in 1934. Bensaúde presented his materials to the Academia Portuguesa da História, in Lisbon, and recommended their publication, which he was unable to supervise because of his advanced age (d. 1952). Thus it appeared in 1940 as one of the «Publicações Comemorativas do Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal», under the title *O Manuscrito «Valentim Fernandes»*, with «reading and revision of proofs by António Baião». This is one more service that Portuguese historiography owes to Bensaúde, because the 1940 edition (although not a very faithful one) constitutes the only complete publication of this most important codex. The book is typographically well presented, but unfortunately it has not a single word of introduction or a single critical footnote or any index, although a mere table of contents, inserted at the end, is called «Índice». A Portuguese translation of Diogo Gomes' narrative, with an «Explicação» (Introduction), was published by Gabriel Pereira in 1900, and reprinted, with valuable notes and some corrections, by Victorino de Magalhães Godinho, *Documentos sobre a Expansão Portuguesa*, Vol. I, pp. 69-115. Lisboa 1943. G. R. Crone, *The voyages of Cadamosto and other documents on Western Africa in the second half of the fifteenth century*, pp. 91-102, Hakluyt Society, London 1937, gives an English version of «The Voyages of Diogo Gomes»; P. de Cernival et Th. Monod, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénégal par Valentim Fernandes (1506-1507)*, Paris 1938, published the corresponding part of the Portuguese text and French translation, duly annotated, with a learned *Introduction* on Valentim Fernandes by Monod; and Th. Monod, A. Teixeira da Mota et R. Mauny, *Description de la côte occidentale d'Afrique (Sénégal au Cape de Monte, Archipels)*, Bissau 1951, have also published the corresponding part of the codex, in the original Portuguese and French translation, and with many learned notes. A. Teixeira da Mota, *Cinco Séculos de Cartografia das Ilhas de Cabo Verde*, Lisboa 1961, and many other authors have referred to the codex and reproduced some of its maps. A part of the codex was published, together with «Roteiro de João de Lisboa» and «Roteiro do 'Esmeraldo de Situ Orbis'», with brief «Notícia Explicativa», by Damião Peres, *Os mais antigos Roteiros da Guiné*. Lisboa 1952 (1953). Besides the Introduction by Monod 1938, the best documented study on Valentim Fernandes, however, is due to the learned researcher A. Fontoura da Costa, *Cartas das Ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes (1506-1508)*. Lisboa 1939. That it has merited the attention of so many scholars shows the importance of the Valentim Fernandes codex.

(5) Fr. António Brásio, C.S.Sp., has recently discovered and published — with an introduction, photographic reproduction, German transcription and Portuguese translation — a letter of Valentim Fernandes, dated from Lisbon 26 June 1510, to his friend Stephan Gabler, of Nuremberg, giving much up-to-date information

Açores, Madeira, Canárias, Cabo Verde, e as ilhas do Golfo da Guiné, com Ascenção e Santa Helena.

Primeira Carta (Fig. 16 B) — São Miguel e St.ª Maria, com a seguinte nomenclatura: *Jlha de samiguell, povoaçam, villa franca, pomta delgada, mosteiros, porto fremoso, porto do nordeste, o morro de samiguell; Jlha de stã maria, porto de spir (stõ)* (6), *povoaçam velha, Stã maria, Ribeira de sam fraçisco; formigas.*

Segunda Carta (Fig. 16 C) — Faial, Pico, São Jorge, Graciosa e Terceira: *o fayall, porto de garpar dias, porto pi, Castell branco, a praya; Jlha do pico, porto de g°lo perera; Jlha de sam jorge, as velhas; (Jlha da) graçiossa, porto de Sam frãçisco, a praya; Jlha da terçeira, Serra de jande teve, praia, amgra, o brassill, quoatro Riberas.*

Terceira, Quarta, Quinta, Sexta, Sétima, Oitava e *Nona Cartas* — São Miguel, Terceira, St.ª Maria, São Jorge, Pico, Faial e Graciosa. Os desenhos destas cartas especiais são pràticamente os mesmos que nas primeira e segunda cartas, onde aparecem juntos.

Décima Carta (Fig. 16 D) — Flores e Corvo: *Jlha das frores, porto dos framencos; Jlha do corvo.*

Canaries, Cape Verde, and the islands of the Gulf of Guinea, including Ascension and St. Helena.

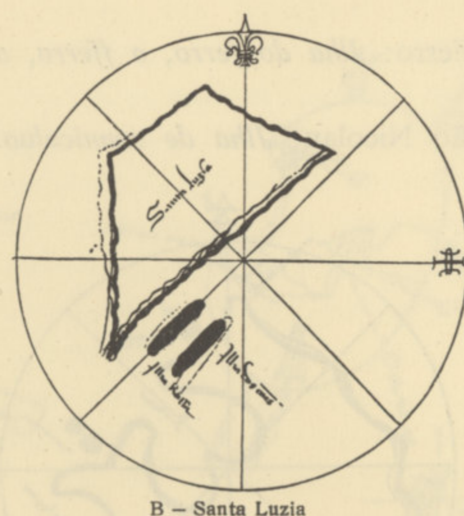
First Map (Fig. 16 B) — São Miguel and Sta. Maria, with the following names: *Jlha de samiguell, povoaçam, villa franca, pomta delgada, mosteiros, porto fremoso, porto do nordeste, o morro de samiguell; Jlha de stã maria, porto de spir (stõ)* (6), *povoaçam velha, Stã maria, Ribeira de sam fraçisco; formigas.*

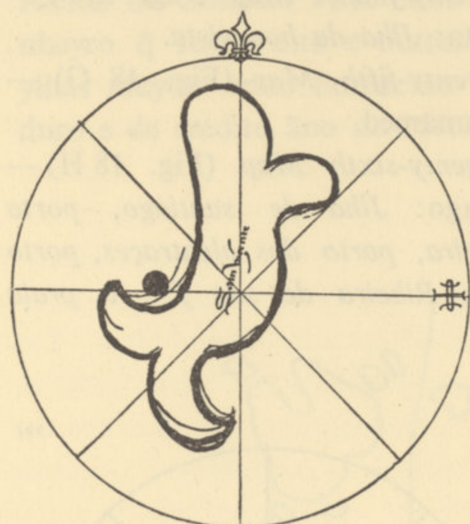
Second Map (Fig. 16 C) — Faial, Pico, São Jorge, Graciosa and Terceira: *o fayall, porto de garpar dias, porto pi, Castell branco, a praya; Jlha do pico, porto de g°lo perera; Jlha de sam jorge, as velhas; (Jlha da) graçiossa, porto de Sam frãçisco, a praya; Jlha da terçeira, Serra de jande teve, praia, amgra, o brassill, quoatro Riberas.*

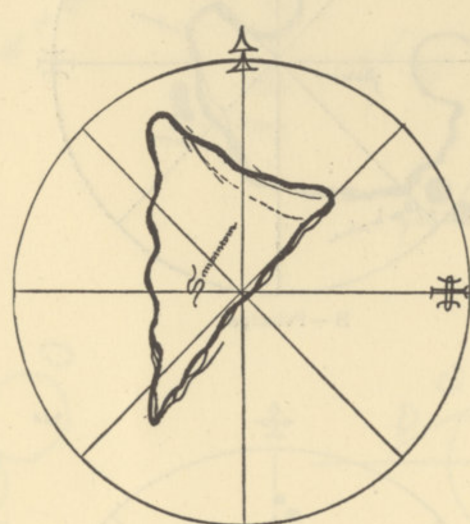
Third, Fourth, Fifth, Sixth, Seventh, Eighth and Ninth Maps — São Miguel, Terceira, Sta. Maria, São Jorge, Pico, Faial and Graciosa. The drawings of these special maps are practically the same as in the first and second maps, in which they appear together.

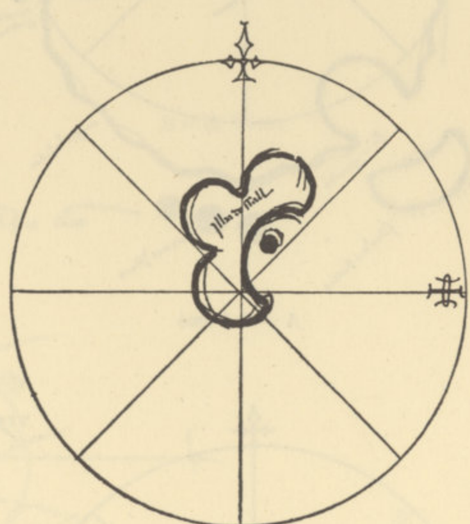
Tenth Map (Fig. 16 D) — Flores and Corvo: *Jlha das frores, porto dos framencos; Jlha do corvo.*


A — S. Nicolau

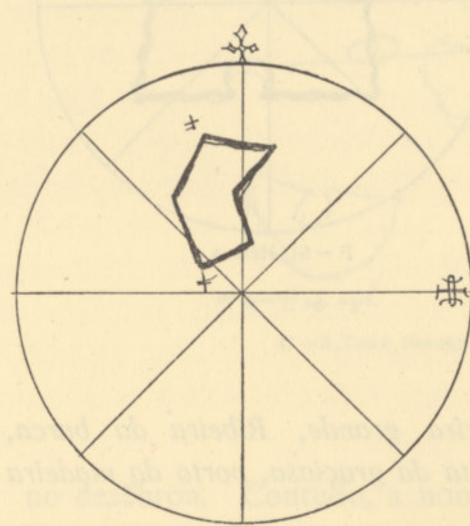

B — Santa Luzia

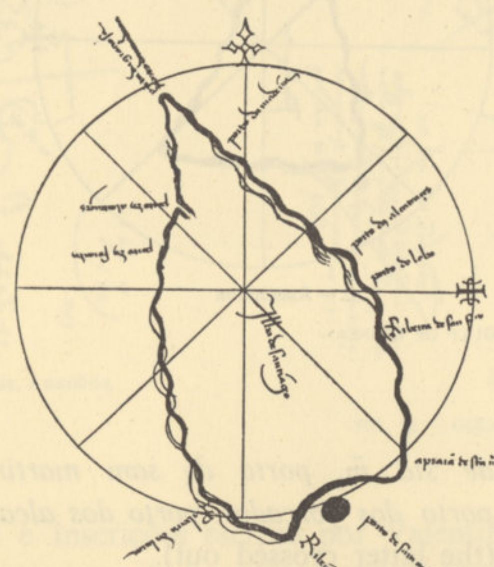

C — S. Vicente

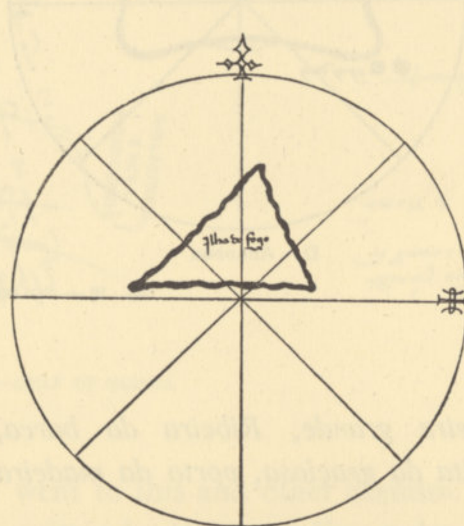

D — Santo Antão


E — Sal


F — Boa Vista


G — Maio


H — S. Tiago


I — Fogo

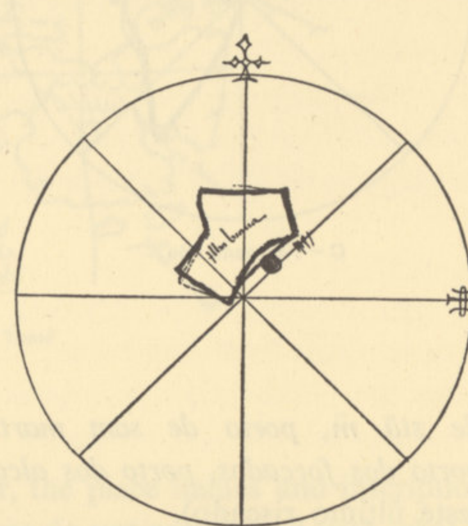

J — Brava

FIG. 18 — CABO VERDE

Décima primeira Carta (Fig. 16 E) — Madeira: *Jlha da madeira, Funchall, pũta do çervo, Camara de lobos, Ribera brava, pũta do ssoll, pũta do parvo, fayall, jenela de clara, pũta de san lourenço, machico, dessertas.*

Décima segunda Carta (Fig. 17 A) — Lançarote: *Jlha de lançarote, Santa crara, sã Roque, arreçife, Rabicam, lançarote, graçiossa, alegrança.*

Eleventh Map (Fig. 16 E) — Madeira: *Jlha da madeira, Funchall, pũta do çervo, Camara de lobos, Ribera brava, pũta do ssoll, pũta do parvo, fayall, jenela de clara, pũta de san lourenço, machico, dessertas.*

Twelfth Map (Fig. 17 A) — Lanzarote: *Jlha de lançarote, Santa crara, sã Roque, arreçife, Rabicam, lançarote, graçiossa, alegrança.*

---

que dá muita informação sobre as navegações portuguesas até essa data e refere outra correspondência que havia enviado para a Alemanha. *Uma carta inédita de Valentim Fernandes,* in *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra,* Vol. XXIV. Coimbra 1959. Nuremberga, Augsburgo e Munique, na Baviera, não distam muito entre si. Sobre as relações de Peutinger com os Welsers e os Fuggers, cultos e abastados comerciantes de Augsburgo, e seus interesses na Península Ibérica, vide atrás p. 6. Há nesta epístola a Gabler uma passagem que mostrará a intenção de Fernandes lhe enviar uma carta com os novos descobrimentos da Índia a Malaca: «e assim quero mandar-vos a costa da Índia até Malaca e a milha (distância), com as ilhas, porque até agora os pilotos estão ainda todos em casa do Rei e têm que fazer». Isto quererá dizer que não houvera ainda tempo para os elementos cartográficos trazidos pelos pilotos em 1510 serem incorporados na carta padrão do Armazém da Guiné e Índia, pelo que Fernandes não tivera possibilidade de obter uma cópia. Mas esta foi certamente enviada pouco mais tarde, e seria alguma carta como, se não ela própria, a anónima não datada que hoje se encontra em Wolfenbüttel e se supõe provenha da colecção de Peutinger. Esta carta, que foi desenhada por um dos Reinéis e com segurança se pode datar de 1510, mostra a mais correcta informação cartográfica sobre Malaca até então registada (vide Vol. I, pp. 29-31, Estampa 9).

(6) Na primeira carta encontra-se *spir,* mas na quinta carta lê-se *spir stõ,* isto é «Espírito Santo».

about the Portuguese navigations and referring to other letters he had sent to Germany. *Uma carta inédita de Valentim Fernandes,* in *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra,* Vol. XXIV. Coimbra 1959. Nuremberg, Augsburg and Munich, in Bavaria, are not far from each other. On Peutinger's relations with the Welsers and Fuggers, the cultured and wealthy merchants of Augsburg, and on their interests in the Iberian Peninsula, see p. 6 above. In this letter to Gabler there is a passage which shows Fernandes' intention of sending him a chart with the discoveries from India to Malacca: «vnd so wil ich euch die kost võ Jndia schickñ bis yn Malacka vnd die mayl mit den aylandeñ wen bis her sayn die pylotñ noch alle bay dẽ konig vnd habñ zu schaffñ dornoch werñ sie mir auch zu tayl». This may mean that there had not yet been time for the cartographic information brought by the pilots in 1510 to be added to the *padrão,* or standard chart, in the *Armazém da Guiné e Índia,* and therefore Fernandes was unable to get a copy. But it was certainly sent a little later, and it might have been some chart like (if not actually) the anonymous and undated one now preserved in Wolfenbüttel, which is supposed to have belonged to Peutinger's collection. This chart, which was drawn by one of the Reinels and can certainly be dated 1510, shows the most correct cartographic information about Malacca recorded at that time (see Vol. I, pp. 29-31, Plate 9).

(6) We find *spir* in the first map, but *spir stõ,* that is «Espirito Santo» in the fifth map.

Décima terceira Carta (Fig. 17 B) — Forteventura: *Jlha de forte ventura, poço negro, pouoaçam, bella entalhada, agua de baixa mar, ponta dias, forte ventura.*

Décima quarta Carta (Fig. 17 C) — Grande Canária: *Jlha da gram canaria, Jlhetas, a gram aldea, gamdo, porto das sardinhas.*

Décima quinta Carta (Fig. 17 D) — Tenerife: *Jlha de tanariffe, porto dos Reys, aterra, ponta de tanariffe.*

Décima sexta Carta (Fig. 17 E) — Gomeira: *Jlha da gomera, porto das palmas, gomera.*

Décima sétima Carta (Fig. 17 F) — Palma: *Ilha da palma, a palma, Caldeira.*

Décima oitava Carta (Fig. 17 G) — Ferro: *Jlha do ferro, o fferro, a pouoaçam.*

Décima nona Carta (Fig. 18 A) — São Nicolau: *Jlha de sannicolao.*

Vigésima Carta (Fig. 18 B) — Santa Luzia: *Santa luzia, Jlha dos cães, Jlha Rassa.*

Vigésima primeira Carta (Fig. 18 C) — São Vicente: *Sam viçente.*

Vigésima segunda Carta (Fig. 18 D) — Santo Antão: *Santamtom.*

Vigésima terceira Carta (Fig. 18 E) — Sal: *Jlha do ssall.*

Vigésima quarta Carta (Fig. 18 F) — Boa Vista: *Jlha da boa vista.*

Vigésima quinta Carta (Fig. 18 G) — Maio, inominada.

Vigésima sexta Carta (Fig. 18 H) — São Tiago: *Jlha de santiago, porto da madeira, porto dos alcatraçes, porto do lobo, Ribeira de san* f^{co}, *a praia de stã m̃, porto de sam martinho, Ribeira grande, Ribeira da barca, porto dos forcados, porto dos alcatraçes, pũta da graçiosa, porto da madeira* (este último riscado).

Vigésima sétima Carta (Fig. 18 I) — Fogo: *Jlha do fogo.*

Vigésima oitava Carta (Fig. 18 J) — Brava: *Jlha braua.*

Vigésima nona Carta (Fig. 19 A) — São Tomé: *Jlha de stõ thome, pũta de stã caterina, Rio douro, a pouoaçam, Rio do lagarto, a praia preta, amgra das lulas, os tres Jlheos, Jlheo das Rollas, Rio gramde.*

Trigésima Carta (Fig. 19 B) — Príncipe: *Jlha do p̃nci, Jlheo do gairo* (ou *gorro?*), *mosteiros, a pouoaçam, Jlheo da palma, a lagia dos alcatraçes.*

Trigésima primeira Carta (Fig. 19 C) — Fernando Pó: *Jlha de fernando poo, a pouoaçam dos negros, a praia dos castelhanos.*

Trigésima segunda Carta (Fig. 19 D) — Ano Bom: *Jlha danno boo, Jlheo Redondo, os dos Jlheos.*

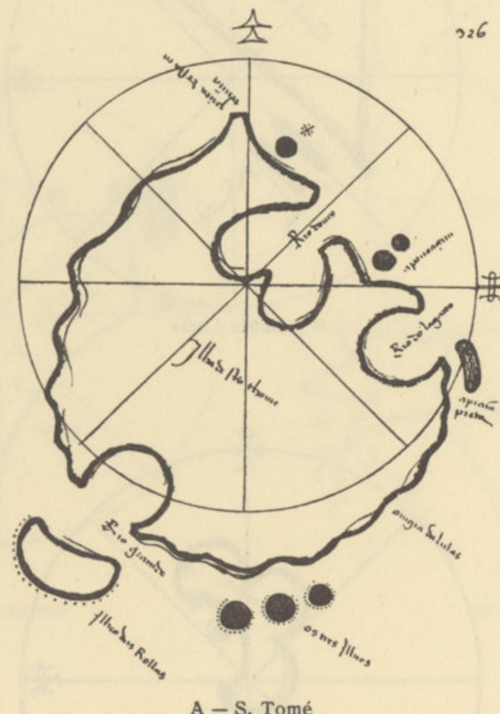
Trigésima terceira Carta (Fig. 19 E) — Ascensão: *Jlha daçensam.*

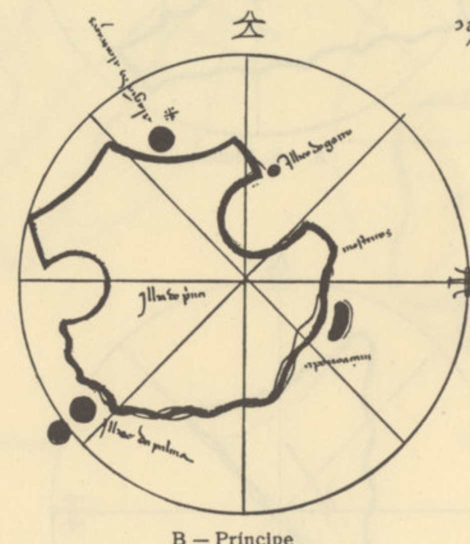
Trigésima quarta Carta (Fig. 19 F) — Santa Helena: *Jlha de stã elena.*

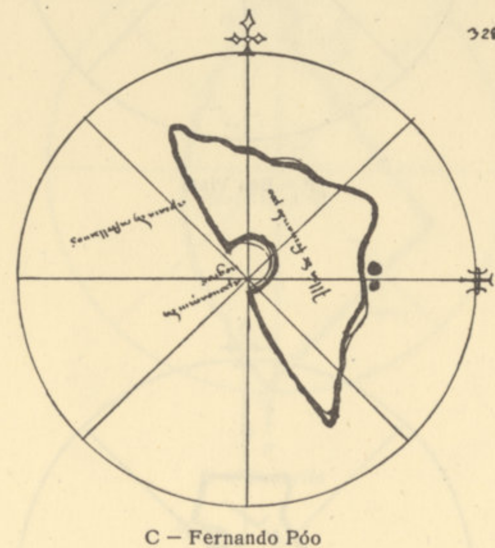
Trigésima quinta Carta (Fig. 20 A) — São Tomé: *Da ylha de sam thome, meo penedos ou picos grãdes, fontes muytas, ryo dos lagartos, ryo douro, ylhas das rollas, rybeyra grãde, pouoração de* ii^c *vezinhos, ribeȳ de S. maria, Nesta angra se veo ajũtar duas ribeȳ z jutas se chama ribeȳ de sttã maria.*

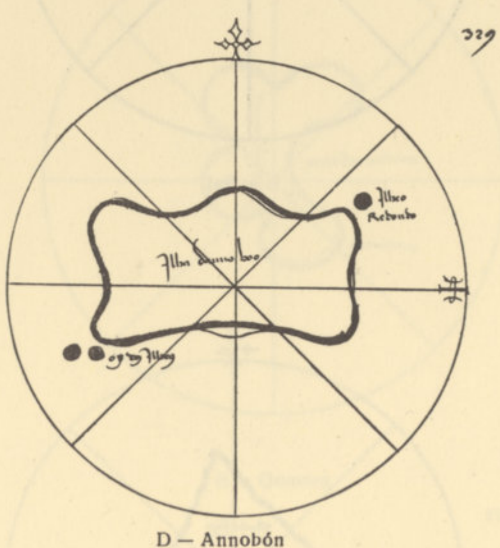
Trigésima sexta Carta (Fig. 20 B) — São Tomé: *torre de santã* (riscado), *sã frãcisco* $moestey^o$, *torre, põta de fernã vaz, ylheo da graciosa, .7. pedras, pico do* $oulhey^o$, *ylha das rollas,* Ryb^a *de sttã* ca^{na}, *põta de sttã* ca^{na}, *morro do falcam, ilheo das cabras, rio do lagarto,* S^a m^a, *Cabo Ṽde.*

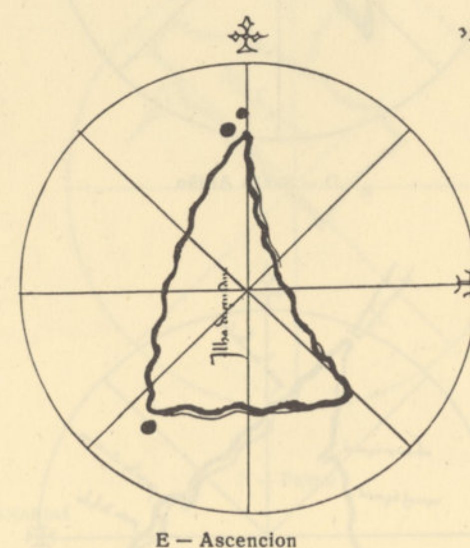
Trigésima sétima Carta (Fig. 20 C) — São Tomé, Fernando Pó, Príncipe e Ano Bom: *pouoraçam de 200 vezinhos, ryo dos lagartos, ryo doro, ylhas*


A – S. Tomé


B – Príncipe


C – Fernando Póo


D – Annobón


E – Ascencion

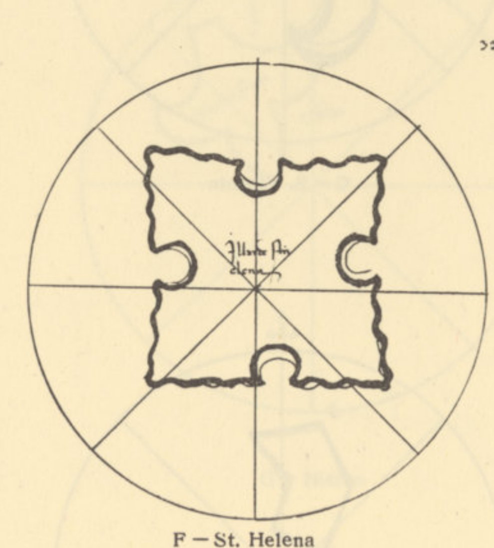

F – St. Helena

FIG. 19 — GOLFO DA GUINÉ — GULF OF GUINEA

Thirteenth Map (Fig. 17 B) — Fuerteventura: *Jlha de forte ventura, poço negro, pouoaçam, bella entalhada, agua de baixa mar, ponta dias, forte ventura.*

Fourteenth Map (Fig. 17 C) — Gran Canaria: *Jlha da gram canaria, Jlhetas, a gram aldea, gamdo, porto das sardinhas.*

Fifteenth Map (Fig. 17 D) — Tenerife: *Jlha de tanariffe, porto dos Reys, aterra, ponta de tanariffe.*

Sixteenth Map (Fig. 17 E) — Gomera: *Jlha da gomera, porto das palmas, gomera.*

Seventeenth Map (Fig. 17 F) — La Palma: *Ilha da palma, a palma, Caldeira.*

Eighteenth Map (Fig. 17 G) — Hierro: *Jlha do ferro, o fferro, a pouoaçam.*

Nineteenth Map (Fig. 18 A) — São Nicolau: *Jlha de sannicolao.*

Twentieth Map (Fig. 18 B) — Santa Luzia: *Santa luzia, Jlha dos cães, Jlha Rassa.*

Twenty-first Map (Fig. 18 C) — São Vicente: *Sam viçente.*

Twenty-second Map (Fig. 18 D) — Santo Antão: *Santamtom.*

Twenty-third Map (Fig. 18 E) — Sal: *Jlha do ssall.*

Twenty-fourth Map (Fig. 18 F) — Boa Vista: *Jlha da boa vista.*

Twenty-fifth Map (Fig. 18 G) — Maio, unnamed.

Twenty-sixth Map (Fig. 18 H) — São Tiago: *Jlha de santiago, porto da madeira, porto dos alcatraçes, porto do lobo, Ribeira de san* f^{co}, *a praia de stã m̃, porto de sam martinho, Ribeira grande, Ribeira da barca, porto dos forcados, porto dos alcatraçes, pũta da graçiosa, porto da madeira* (the latter crossed out).

Twenty-seventh Map (*Fig.* 18 I) — Fogo: *Jlha do fogo.*

Twenty-eighth Map (Fig. 18 J) — Brava: *Jlha braua.*

Twenty-ninth Map (Fig. 19 A) — São Tomé: *Jlha de stõ thome, pũta de stã caterina, Rio douro, a pouoaçam, Rio do lagarto, a praia preta, amgra das lulas, os tres Jlheos, Jlheo das Rollas, Rio gramde.*

Thirtieth Map (Fig. 19 B) — Príncipe: *Jlha do p̃nci, Jlheo do gairo* (or *gorro?*), *mosteiros, a pouoaçam, Jlheo da palma, a lagia dos alcatraçes.*

Thirty-first Map (Fig. 19 C) — Fernando Po: *Jlha de fernando poo, a pouoaçam dos negros, a praia dos castelhanos.*

Thirty-second Map (Fig. 19 D) — Annobon: *Jlha danno boo, Jlheo Redondo, os dos Jlheos.*

Thirty-third Map (Fig. 19 E) — Ascension: *Jlha daçensam.*

Thirty-fourth Map (Fig. 19 F) — St. Helena: *Jlha de stã elena.*

Thirty-fifth Map (Fig. 20 A) — São Tomé: *Da ylha de sam thome, meo penedos ou picos grãdes, fontes muytas, ryo dos lagartos, ryo douro, ylhas das rollas, rybeyra grãde, pouoração de* ii^c *vezinhos, ribeȳ de S. maria, Nesta angra se veo ajũtar duas ribeȳ z jutas se chama ribeȳ de sttã maria.*

Thirty-sixth Map (Fig. 20 B) — São Tomé: *torre de santã* (crossed out), *sã frãcisco* $moestey^o$, *torre, põta de fernã vaz, ylheo da graciosa, .7. pedras, pico do* $oulhey^o$, *ylha das rollas,* Ryb^a *de sttã* ca^{na}, *põta de sttã* ca^{na}, *morro do falcam, ilheo das cabras, rio do lagarto,* S^a m^a, *Cabo Ṽde.*

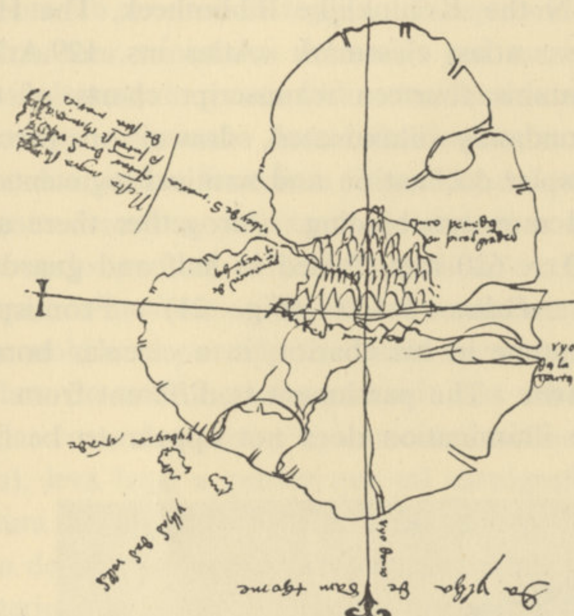
Thirty-seventh Map (Fig. 20 C) — São Tomé, Fernando Po, Príncipe and Annobon: *pouoraçam de 200 vezinhos, ryo dos lagartos, ryo doro, ylhas*

das rolas, rº grade, rio de sttã mª; *ylha de fernãdo po*; *ylha do pñcipe*; *ylha diogo cam* (7).

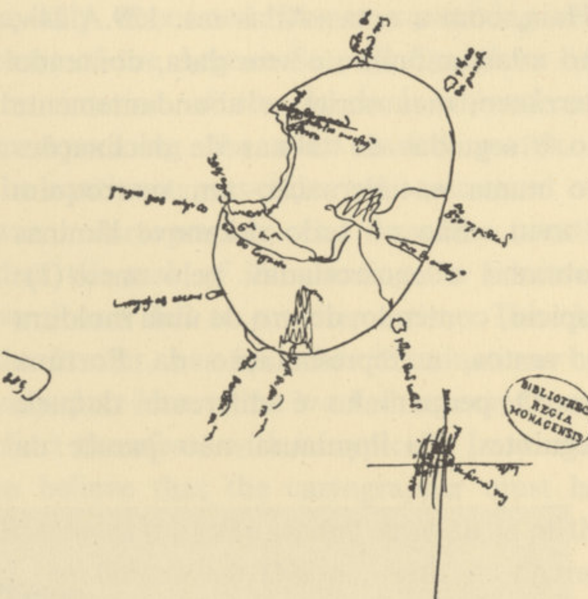
Trigésima oitava Carta (Fig. 20 D) — Ano Bom: *ylha ãno bõo, no ãno 1506. pouoração huã peqna de area q̃ tem auia ix moradores q̃ vivẽ p seu grado / nõ tẽ ajnda ygreja ne crerigo, no dia do ãno bõo achoua hu capitã de huã carauella de fernã de mello q̃ era pdido achouse* (?) *esta ylha no ãno 1501. comecouse a pouorar ãno 1503. por dia de sã johã* (tanto o desenho como as duas inscrições estão riscados).

Trigésima nona Carta (Fig. 20 E) — São Tomé: *Esta figura abaixo pintada tyrey da carta de marear cõ seus ylheo 8, S. Thomé* (noutra letra), *ryo grãde, rio de sttã maria, pouoraçã de .200. vezinhos, ryo dos lagartos, Ryo douro, ylhas de rollas.*

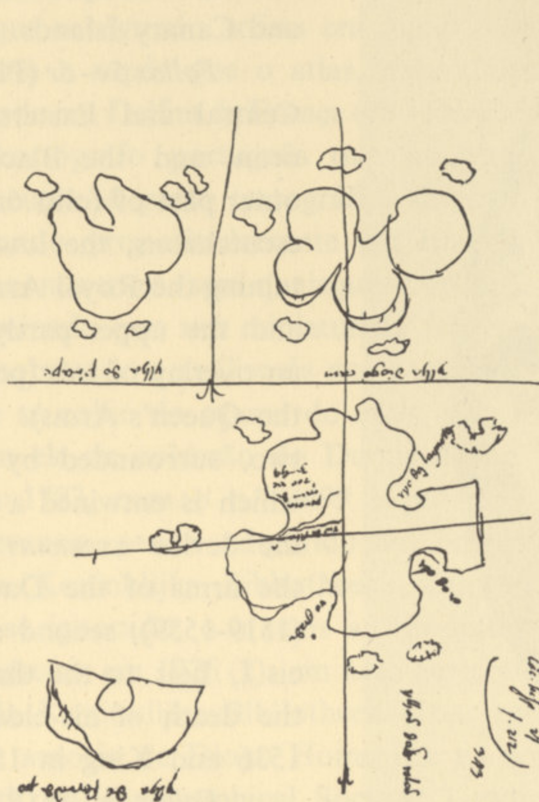
Pelo número de cartas de S. Tomé (nada menos de seis) contidas no códice, parece que Valentim Fernandes estava especialmente interessado na cartografia da ilha, que no texto descreve, conforme as suas próprias palavras, «Ho seguĩte escreuj eu Valenty Fernandez Alemã de Gonçalo Piriz marinheyro q̃ foy a esta e outras ylhas muytas vezes homẽ maduro e de credito ãno de 1506 no dezẽbro». Contudo, a nomenclatura e inscrições escritas por Valentim Fernandes nas cartas não correspondem ao que ele escreveu no texto; tão pouco esta nomenclatura tem alguma coisa em comum com o que se lê na única carta anterior que apresenta topónimos na Ilha de S. Tomé — a carta de Pedro Reinel de c. 1485 (Estampa 522). Nesta, lêem-se na *Jlha de sam tome* os seguintes topónimos: *porto de gill gllz, Jlha bramca, porto dos Rattos* e *porto de sam dorz*; semelhantemente, na *J. do primcepe*: *Jlhetas, porto dos pareos* e *porto de sª mª*.



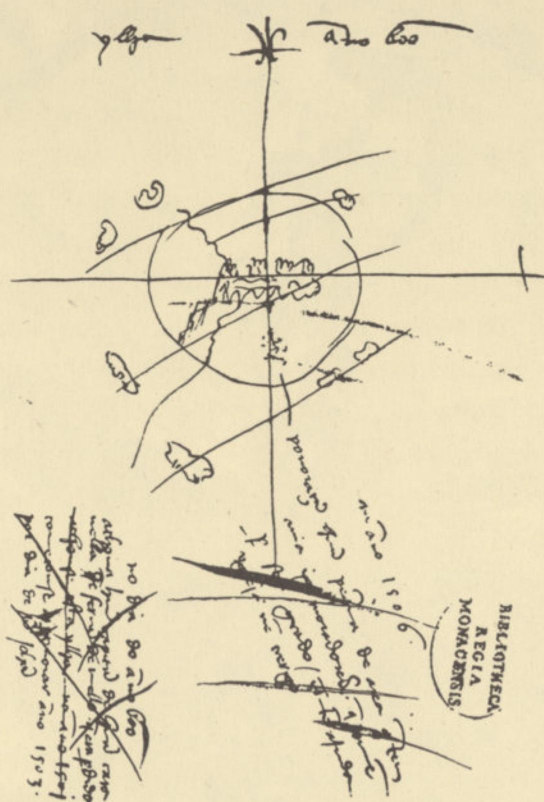
A — S. Tomé



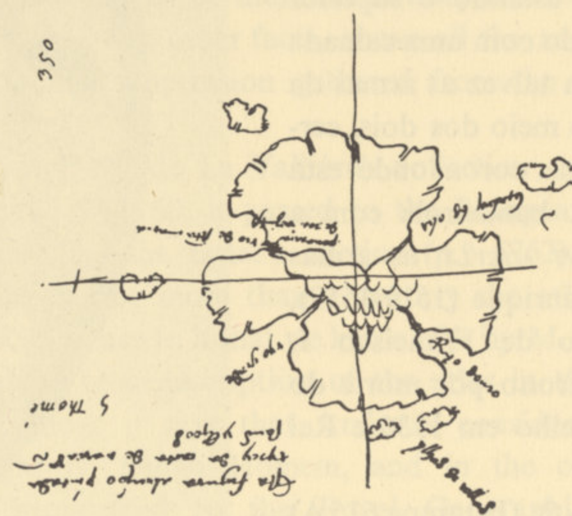
B — S. Tomé



C — S.Tomé, Fernando Póo, Príncipe, Annobón



D — Annobón



E — S. Tomé

FIG. 20 — GOLFO DA GUINÉ — GULF OF GUINEA

das rolas, rº grade, rio de sttã mª; *ylha de fernãdo po*; *ylha do pñcipe*; *ylha diogo cam* (7).

Thirty-eighth Map (Fig. 20 D) — Annobon: *ylha ãno bõo, no ãno 1506. pouoração huã peqna de area q̃ tem auia ix moradores q̃ vivẽ p seu grado / nõ tẽ ajnda ygreja ne crerigo, no dia do ãno bõo achoua hu capitã de huã carauella de fernã de mello q̃ era pdido achouse* (?) *esta ylha no ãno 1501. comecouse a pouorar ãno 1503. por dia de sã johã* (the drawing and two inscriptions are all crossed out).

Thirty-ninth Map (Fig. 20 E) — São Tomé: *Esta figura abaixo pintada tyrey da carta de marear cõ seus ylheo 8, S. Thomé* (in another hand), *ryo grãde, rio de sttã maria, pouoraçã de .200. vezinhos, ryo dos lagartos, Ryo douro, ylhas de rollas.*

From the number of maps of S. Tomé (no fewer than six) found in his codex, it seems that Valentim Fernandes was especially interested in the cartography of the island, which he describes in the text (in his own words) «the following I, Valenty Fernandez Alemã, wrote according to what I heard in December 1506 from the sailor Gonçalo Pires, a mature and trustworthy man, who often went to this and other islands». However, the place names and inscriptions written by Valentim Fernandes on the maps do not correspond with what he wrote in the text; nor do these place names have anything in common with those written on the only previous map which shows them — Pedro Reinel's chart of c. 1485 (Plate 522). In the latter, the place names written on the *Jlha de sam tome* are: *porto de gill gllz, Jlha bramca, porto dos Rattos* and *porto de sam dorz*; likewise the place names on *J. do primcepe*, read: *Jlhetas, porto dos pareos* and *porto de sª mª*.

---

(7) Embora a Ilha de Ano Bom fosse descoberta por Pedro de Escobar e João de Santarém em 1 de Janeiro (donde o nome de Ano Bom) de 1471, ou ano pouco posterior, julgou-se durante algum tempo que o havia sido por Diogo Cão durante a sua viagem de 1482.

(7) Although Annobon was discovered by Pedro de Escobar and João de Santarém on 1 January 1471, or a not much later year (whence the Portuguese name Ano Bom, i. e. New Year), it was formerly believed to have been discovered by Diogo Cão during his voyage of 1482.

TRÊS ATLAS LUSO-FRANCESES

ANÓNIMO PORTUGUÊS, ATLAS DE c. 1538

ESTAMPAS 614-620

NA Koninklijke Bibliotheek, Haia, com a cota «Atlas ms. 129.A.24», existe um interessantíssimo atlas, anónimo e sem data, contendo catorze cartas do Atlântico e Mediterrâneo, manuscritas e abundantemente iluminadas, traçadas em pergaminho e seguidas de tábuas de declinações solares e regimentos náuticos, tudo numa encadernação em marroquim vermelho com dourados, do século XVIII. São ao todo dezanove lâminas de pergaminho, 430 × 620 mm, dobradas e encarceladas pelo meio (1):

Fólios 1v-2r (Fig. 21) — Frontispício, contendo, dentro de uma moldura circular onde estão figurados oito ventos, a representação da Fortuna conduzindo Neptuno no seu carro. O pergaminho é diferente daquele em que estão traçadas as folhas seguintes, e a iluminura não parece da mesma mão de quem pintou as cartas, pelo que deve tratar-se de adicionamento feito à obra inicial.

Fólios 3v-4r (Estampa 614 A) — Europa ocidental e noroeste da África, com as ilhas dos Açores, Madeira e Canárias.

Fólios 5v-6r (Estampa 614 B) — Mediterrâneo central e oriental, e Mar Negro. A metade exterior do fólio 6r apresenta três escudos, tendo o inferior as armas reais da França e estando o superior em parte tapado com uma camada de tinta (tinha talvez as armas da Rainha). No meio dos dois, cercadas por uma coroa onde está enrolada uma bandeirola com a divisa ESPERANT MIEVLX, as armas do Delfim Henrique (1519-1559), segundo filho de Francisco I, herdeiro do trono por morte do irmão mais velho em 1536 e Rei em 1547.

Fólios 7v-8r (Estampa 615 A) — Parte sul da Península Ibérica e África Ocidental até às proximidades da Serra Leoa, incluindo os arquipélagos atlânticos.

Fólios 9v-10r (Estampa 615 B) — África ocidental, desde Cabo Verde ao sul de Angola.

Fólios 11v-12r (Estampa 616 A) — África ocidental, desde o Rio Senegal até um pouco além do Cabo das Palmas, e nordeste do Brasil.

Fólios 13v-14r (Estampa 617 A) — África ocidental, desde o Rio dos Camarões até um pouco além do Cabo das Agulhas.

Fólios 15v-16r (Estampa 616 B) — Costa leste e sul do Brasil.

Fólios 17v-18r (Estampa 617 B) — África ocidental, desde o norte do Cabo Bojador ao sul dos Bijagós, nordeste do Brasil e arquipélagos atlânticos.

Fólios 19v-20r (Estampa 618 A) — Atlântico central, com as costas da África ocidental entre o Cabo Bojador e os Bijagós, Pequenas Antilhas, costa americana a sul destas, e arquipélagos dos Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde.

Fólios 21v-22r (Estampa 618 B) — Atlântico Norte, com as costas da Europa Ocidental, noroeste de África e Terra Nova.

Fólios 23v-24r (Estampa 619 A) — Golfo do México e Mar das Antilhas.

(1) Como as carcelas são pequenas, torna-se difícil abrir o volume com as cartas completamente estendidas, pelo que, nas reproduções que damos, a faixa central se apresenta deformada e em parte escondida. As cartas estão encadernadas com o sul para cima, mas nas nossas estampas damo-las com o norte para cima, como em regra fazemos.



FIG. 21 — FRONTISPÍCIO DO ATLAS ANÓNIMO PORTUGUÊS DE C. 1538
FRONTISPIECE OF THE ANONYMOUS PORTUGUESE ATLAS OF C. 1538

Koninklijke Bibliotheek, Den Haag

THREE LUSO-FRENCH ATLASES

ANONYMOUS PORTUGUESE ATLAS OF c. 1538

PLATES 614-620

IN the Koninklijke Bibliotheek, The Hague, there is a most interesting atlas, classmark «Atlas ms. 129.A.24». Anonymous and undated, it contains fourteen manuscript charts of the Atlantic and Mediterranean, abundantly illuminated, drawn on parchment and followed by tables of solar declination and nautical regiments, all in an XVIII-century gilt-tooled red morocco binding. Altogether there are nineteen sheets of parchment, 430 × 620 mm, folded in half and guarded down the centre (1).

Folios 1v-2r (Fig. 21) — Frontispiece, showing Fortune leading Neptune in his chariot, in a circular border in which the eight winds are drawn. The parchment is different from that of the following leaves, and the illumination does not appear to be from the same hand that painted the charts, from which it must be concluded that it is a later addition to the original work.

Folios 3v-4r (Plate 614 A) — Western Europe and North-west Africa, with the Azores, Madeira and Canary Islands.

Folios 5v-6r (Plate 614 B) — Central and Eastern Mediterranean, and the Black Sea. The outer part of folio 6r shows three escutcheons, the lower one containing the Royal Arms of France and the upper partly covered by an overlay of ink (perhaps it had the Queen's Arms). Between the two, surrounded by a crown in which is entwined a banner with the device ESPERANT MIEVLX, are the arms of the Dauphin Henry (1519-1559), second son of Francis I, heir to the throne through the death of his elder brother in 1536 and King in 1547.

Folios 7v-8r (Plate 615 A) — Southern part of the Iberian Peninsula and West Africa as far as the outskirts of Sierra Leone, with the Atlantic archipelagos.

Folios 9v-10r (Plate 615 B) — West Africa, from Cape Verde to the south of Angola.

Folios 11v-12r (Plate 616 A) — West Africa, from Senegal River to a little beyond Cape Palmas, and North-east Brazil.

Folios 13v-14r (Plate 617 A) — West Africa, from the Rio dos Camarões to a little beyond Cape Agulhas.

Folios 15v-16r (Plate 616 B) — East and south coast of Brazil.

Folios 17v-18r (Plate 617 B) — West Africa from north of Cape Bojador to south of Bissagos, North-east Brazil and the Atlantic archipelagos.

Folios 19v-20r (Plate 618 A) — Central Atlantic, with the coasts of West Africa between Cape Bojador and Bissagos, the Lesser Antilles, the American coast to the south of them, and the archipelagos of the Azores, Madeira, Canaries and Cape Verde.

Folios 21v-22r (Plate 618 B) — North Atlantic, with the coasts of Western Europe, North-west Africa and Newfoundland.

Folios 23v-24r (Plate 619 A) — Gulf of Mexico and the Caribbean Sea.

(1) As the guards are narrow, it is difficult to open the volume with the charts completely extended, so that, in the reproductions we give, the central section appears distorted and partly hidden. The charts are bound with the south at the top, but in our plates they are shown with the north at the top, as we usually do.

Fólios 25v - 26r (Estampa 619 B) — Costas atlânticas da América do Norte, desde a Florida à Terra Nova, com a parte norte das grandes Antilhas.

Fólios 27v - 28r (Estampa 620 B) — Mar Egeu.

Fólios 29v - 30r (Estampa 620 A) — Mar Adriático.

Fólios 31r a 34v — Tábuas quadrienais de declinações solares.

Fólio 35v — Regimento do Sol.

Fólio 36 — Regimento da Polar.

Fólios 37v - 38r — Gráficos de marés. Todos os elementos contidos nos fólios 31 a 38 estão em francês.

Com excepção de duas, todas as restantes cartas estão cercadas de molduras ricamente decoradas e contendo troncos-de-léguas. Exceptuando a carta do Mar Egeu, todas as outras tem miniaturas de navios nos mares e o interior das terras quase completamente preenchido de iluminuras representando os mais variados motivos. No meio destas iluminuras, nos continentes, destacam-se várias rosas-dos-ventos, ficando a impressão de que houve um cartógrafo que inicialmente desenhou os traçados costeiros com a respectiva nomenclatura e as rosas-dos-ventos, cabendo depois a outro artista a tarefa de iluminar as molduras, os navios e o interior dos continentes. A carta do Mar Egeu, abstraindo da moldura e por não ter outras iluminuras do segundo artista, dá uma ideia clara do trabalho tal como saíu das mãos do cartógrafo, e por isso, com as suas rosas-dos-ventos tìpicamente lusitanas (como as de todas as outras cartas), leva logo a pensar que tal cartógrafo seria português. Quanto à iluminura do segundo artista, é do género da que se vê em várias obras da Escola de Dieppe, com a característica também do seu excesso, cobrindo todo o interior das terras, à maneira, por exemplo, das cartas de Desceliers. Tal abundância contrasta com a sobriedade e equilíbrio que se registam usualmente na iluminura das cartas portuguesas, fazendo crer que o segundo artista era um miniaturista francês. Os factos apontados levam a supôr que o atlas, naturalmente destinado ao príncipe Henrique, quando era Delfim de França (de 1536 a 1547 portanto), foi encomendado a um cartógrafo português que na altura vivia nesse país. Tal cartógrafo executou a parte cartográfica da obra (incluindo as rosas-dos-ventos), deixando propositadamente em branco as molduras das cartas, o interior dos continentes (sem quaisquer nomes) e metade do fólio 6r, para depois ser iluminado por um miniaturista francês. Veremos adiante como outros factos, sobretudo a análise da nomenclatura, comprovam esta primeira impressão que se colhe do exame do atlas.

Provém ele da colecção do Duque de La Vallière; por ocasião da sua venda em 1783, com o n.º 4499 e por £60, passou para a colecção Bolognaro-Crevenna, sendo adquirido no leilão desta última (n.º 5762), em 1790, pela Koninklijke Bibliotheek. Durante mais de um século, o atlas manteve-se ignorado, e a mais antiga referência que lhe conhecemos é de M. C. Andrews, em 1926 (2); em nota acrescentada à descripção do atlas no catálogo da Koninklijke Bibliotheek diz-se que Andrews julgava ser o atlas talvez da autoria de Diogo Homem, e na colecção de fotografias por ele legadas à Royal Geographical Society, Londres, a atribuição a Diogo Homem está cortada e substituída por «Freire». D. Gernez e M. Destombes estudaram o atlas em 1938, mas o seu trabalho só foi publicado em 1961, embora já em 1952 o primeiro o referisse de passagem, considerando-o provàvelmente português e de c. 1540, e reproduzisse então a carta de fólios 21v - 22r, que tem uma escala especial de latitudes na região da Terra Nova (3). Foi ainda D. Gernez quem, em 1953, chamou a nossa atenção para o atlas e nos aconselhou a que o examinássemos, com o intuito sobretudo de esclarecer se a nomenclatura seria de facto devida a um cartógrafo português.

No seu trabalho de 1961, Destombes e Gernez descrevem minuciosamente o atlas e referem o que se sabe da sua história, identificando as armas do fólio 6r e chamando a atenção para o facto de as mesmas armas serem representadas em dois planisférios atribuídos a Pierre Desceliers, existentes na Inglaterra (a chamada «carta Harleian», de c. 1543, no British Museum, «Harl. MS. 5413», e a «carta de Henri II», de 1546, na John Rylands Library, Manchester), bem como na carta manuscrita da Normandia de Jean Jolivet e num códice de 1543 de Dominique Jacquinot tratando do astrolábio. Em sua opinião, «la morphologie générale de l'écriture de l'atlas est incontestablement portugaise, la nomenclature également», constituindo, contudo, excepção um certo número de nomes, na mesma letra mas em francês, quase todos nas ilhas atlânticas. «Cette nomenclature semble indiquer que l'auteur portugais travaillait en France et que l'atlas était, de longue date, destiné

(2) *Scotland in the portolan charts*, in *Scottish Geographical Magazine*, Vol. XLII, 1926, p. 294, n.º 40, *apud* Destombes et Gernez, *op. cit.* na nota seguinte, p. 152.

(3) D. Gernez, *Les Cartes avec Échelle de Latitudes auxiliaire pour la Région de Terre Neuve*, in *Communications de l'Académie de Marine de Belgique*, Tome VI, p. 104, 1952; M. Destombes et D. Gernez (†), *Un atlas nautique du XVIème siècle à la Bibliothèque Royale de la Haye*, in *Congresso Internacional de História dos Descobrimentos — Actas*, Vol. II, pp. 151-61, Lisboa 1961.

Folios 25v - 26r (Plate 619 B) — The Atlantic coasts of North America, from Florida to Newfoundland, with the northern part of the Greater Antilles.

Folios 27v - 28r (Plate 620 B) — Aegean Sea.

Folios 29v - 30r (Plate 620 A) — Adriatic Sea.

Folios 31r to 34v — Quadrennial tables of solar declination.

Folio 35v — Regiment of the Sun.

Folio 36 — Regiment of the Pole Star.

Folios 37v - 38r — Graphic tide-tables. All the information in folios 31 to 38 is in French.

With the exception of two, all the charts are surrounded by lavishly decorated frames containing scales of leagues. Apart from the chart of the Aegean Sea, all the others have miniature ships in the seas and the interior of the lands is almost completely filled with illumination incorporating the most varied motifs. Among these illuminations, on the continents, several wind roses stand out, giving the impression that there was a cartographer who drew the coastlines and wind roses initially, and then the task of illuminating the borders, the ships and the interior of the continents fell to another artist. The chart of the Aegean Sea, except for the border, has no other illuminations by the second artist and so gives a very clear idea of the work that came from the hands of the cartographer; this chart therefore, with its typically Lusitanian wind roses, leads us immediately to believe that the cartographer must have been Portuguese. As to the illumination by the second artist, it is of the type that is seen in several works of the School of Dieppe, with its characteristic over-decoration, covering the whole of the interior of the lands, as, for example, in Desceliers' charts. Such abundance contrasts with the simplicity and balance usually observed in the illumination of Portuguese charts, suggesting that the second artist was a French miniature painter. The facts indicated suggest that the atlas, naturally intended for Prince Henry, when he was Dauphin of France (that is, from 1536 to 1547), was ordered from a Portuguese cartographer then living in that country. This man executed the cartographic part of the work (including the wind roses), purposely leaving blank the borders of the charts, the interior of the continents (without a single name) and half of folio 6r, to be illuminated afterwards by a French miniature painter. As we shall see, other facts, above all the analysis of the nomenclature, confirm this first impression gathered from the examination of the atlas.

It formed part of the Duke de La Vallière's collection; at its sale in 1783, with the n.º 4499 and for £60, it passed to the Bolognaro-Crevenna collection, and was acquired at the latter's auction (n.º 5762) in 1790 by the Koninklijke Bibliotheek. For more than a century the atlas remained unnoticed, and the earliest reference to it that we know of is by M. C. Andrews in 1926 (2); in a note added to a description of the atlas in the catalogue of the Koninklijke Bibliotheek it says that Andrews considered that the author of the atlas might be Diogo Homem, and in the collection of photographs which he bequeathed to the Royal Geographical Society, London, the attribution to Diogo Homem is deleted and replaced by «Freire». D. Gernez and M. Destombes studied the atlas in 1938, but their work was published only in 1961, although the former had already referred to it briefly in 1952, when he considered it to be probably Portuguese and of c. 1540, and reproduced the chart on folios 21v - 22r, which has a special scale of latitudes in the neighbourhood of Newfoundland (3). It was also D. Gernez who, in 1953, drew our attention to the atlas and advised us to examine it, with the purpose, above all, of finding out whether the nomenclature was indeed the work of a Portuguese cartographer.

In their work of 1961, Destombes and Gernez describe the atlas minutely and relate what is known of its history, identifying the coat-of-arms on folio 6r and drawing attention to the fact that the same arms are represented in two planispheres attributed to Pierre Desceliers, preserved in England (the so-called «Harleian chart», of c. 1543, in the British Museum, «Harl. MS. 5413», and «Henry II's chart», of 1546, in the John Rylands Library, Manchester), as well as in Jean Jolivet's manuscript chart of Normandy and in a codex of 1543 by Dominique Jacquinot dealing with the astrolabe. In their opinion, «la morphologie générale de l'écriture de l'atlas est incontestablement portugaise, la nomenclature également», although a certain number of names, in the same hand but in French, and almost all of them in the Atlantic islands, constitute an exception. «Cette nomenclature semble indiquer que l'auteur portugais travaillait en France et que l'atlas était, de

(2) *Scotland in the portolan charts*, in *Scottish Geographical Magazine*, Vol. XLII, 1926, p. 294, n.º 40, *apud* Destombes and Gernez, *op. cit.* in the following note, p. 152.

(3) D. Gernez, *Les Cartes avec Échelle de Latitudes auxiliaire pour la Région de Terre Neuve*, in *Communications de l'Académie de Marine de Belgique*, Tome VI, p. 104, 1952; M. Destombes et D. Gernez (†), *Un atlas nautique du XVIème siècle à la Bibliothèque Royale de la Haye*, in *Congresso Internacional de História dos Descobrimentos — Actas*, Vol. II, pp. 151-61, Lisbon 1961.

à des Français». Além desta nomenclatura geral, devida a um português, assinalam ainda que foram feitos posteriormente numerosos aditamentos em letra francesa um pouco maior, talvez por um misterioso «Charles de Tout» em 1610 (4).

A análise a que procedemos levou-nos às mesmas conclusões, parecendo-nos no entanto útil pormenorizar alguns aspectos que se afiguram significativos. Assim, nas cartas de fólios 3v - 4r e 21v - 22r lêem-se nas costas da França nomes escritos sob forma portuguesa — *ana froll* e *anafrol*, *abaia*, *agulhas*, *praia*, *bordeo*, *baiona*, *Ilhas de Rex* — bem como na Inglaterra e Irlanda (*agulhas*, *sorlinguas*, *furna*, *sangrigorio*, *estrella*) e na Espanha (*fõte Rabia*), donde a suposição de que o cartógrafo devia ser português e não francês. Na generalidade, os nomes das costas da África e América estão escritos em português, e os que se vêem em francês são sobretudo os de ilhas e de cabos e estão escritos sobre o mar; dir-se-ia que o cartógrafo, porque tais nomes saltam mais à vista, teve maior preocupação em os traduzir para francês, o que já não sucedeu com os nomes escritos sobre a terra e que por estarem mais juntos não chamam tanto a atenção. Assim, por exemplo, nas mesmas cartas acima referidas, todos os nomes da costa de Portugal estão em português, exceptuando dois dos únicos três escritos sobre o mar (*S. Vicent*, *brelinge*); na carta de fólios 15v - 16r, com a costa leste e sul do Brasil, só quatro nomes, todos sobre o mar, estão escritos em francês (*c. s. angustin*, *s*[te] *clere*, *I. de sã sebastiem*, *R. de plate*, estando o terceiro, aliás, só em parte afrancesado), sendo tudo o mais em português. Nas costas de África são muito raros os nomes em francês, quase todos escritos sobre o mar (*c. de vert*, *c. de trois pomtes*, *c. de esquillas*, *c. de bonne esperamssa*), sendo o último um misto de português e francês. Elucidativo também é o facto de na carta de fólios 7v - 8r estar escrito (sobre o mar) *c. de blanc*, enquanto o mesmo topónimo nas cartas de fólios 17v - 18r e 19v - 20r vem como *c. bramco* (sobre a terra). Esta hesitação em escrever os nomes numa língua ou na outra revela-se sobretudo nas ilhas atlânticas, que são repetidas em várias cartas e cuja nomenclatura se apresenta nos seguintes quadros comparativos:

ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA

Fólios 3v-4r	Fólios 7v-8r	Fólios 17v-18r	Fólios 19v-20r	Fólios 21v-22r
I. de madere	*I. de madere*	*madere*	*I. de madere*	*madere*
porto saint	*porto samto*	*porto samto*	*porte samte*	*porte samto*
as des̃tas	*as des̃tas*	*as des̃tas*	*as des̃tas*	*as des̃tas*
I. sauage	*I. sanauage*	*I. sauage*	*sanuage*	*sauage*

ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES

Fólios 3v-4r	Fólios 7v-8r	Fólios 17v-18r	Fólios 19v-20r	Fólios 21v-22r
I. do coruo	*I. do coruo*	*I. do coruo*	*I. do coruo*	*I. do coruo*
I. de fleurs	*I. de fleurs*	*I. de fleurs*	*I. de fleurs*	*I. de fleurs*
ofaiall	*offaiall*	*offaiall*	*offeall*	*offaiall*
sam gorge	*s. gorge*	*sam gorge*	*s. gorge*	*s. gorge*
grasieuse	*grasiosa*	*gracieuse*		
opico	*le pic*	*le pic*	*le pico*	
tierciere	*tierciere*	*la tierciere*	*tierciere*	
s. mjchell	*s. mjchell*	*samt mychell*	*s. mjchell*	*sam mjchell*
st.ª m.ª	*st.ª maria*	*sante marice*	*st.ª maria*	*st.ª m.ª*

ARQUIPÉLAGO DAS CANÁRIAS

Fólios 3v-4r	Fólios 7v-8r	Fólios 17v-18r	Fólios 19v-20r
pallme	*I. de pallme*	*I. de pallme*	*I. de pallme*
offerro	*offerro*	*offerro*	*offerro*
agomera	*agomeire*	*agomere*	*agomere*
tanariffe	*tanaraffe*	*tanariffe*	*tanariffe*
grãde canarie	*grãde canarie*	*gramde canarie*	*grãde canaria*
forte avamture	*forte avanture*	*forte avemture*	*forte aventure*
llancarote	*lancarote*	*lancarote*	*lansellot*

(4) Destombes e Gernez puderam verificar na realidade que em cada carcela das folhas do atlas existe uma letra em escrita cursiva do século XVII, formando o seu conjunto, pela ordem em que se sucedem, a frase *PAR CHARLES DE TOUT LE 5 DU MOIS D'AOUST 1610*, relativa, possìvelmente, a um antigo proprietário da obra.

longue date, destiné à des Français». Besides this general nomenclature, ascribed to a Portuguese, they also point out that numerous additions in slightly larger French writing were made later, perhaps by the mysterious «Charles de Tout» in 1610 (4).

The analysis which we have made led us to the same conclusions. Meanwhile we consider it useful to describe some features which appear to be significant. Thus, in the charts on folios 3v - 4r and 21v - 22r some names on the coasts of France are written in Portuguese — *ana froll* and *anafrol*, *abaia*, *agulhas*, *praia*, *bordeo*, *baiona*, *Ilhas de Rex* — as well as in England and Ireland (*agulhas*, *sorlinguas*, *furna*, *sangrigorio*, *estrella*) and in Spain (*fõte Rabia*), whence the supposition that the cartographer must have been Portuguese and not French. In general, the names on the coasts of Africa and America are written in Portuguese, and those in French are predominantly those of islands and capes and are written on the sea; we should say that the cartographer, since such names are more noticeable, was more concerned to translate them into French, which is not the case with the names written on the land as they are closer together and therefore are not so conspicuous. Thus, for example, in the same charts referred to above, all the names on the coast of Portugal are in Portuguese, except two of the only three names written on the sea (*S. Vicent*, *brelinge*); in the charts on folios 15v - 16r, with the east and south coasts of Brazil, only four names, all on the sea, are written in French (*c. s. angustin*, *s*[te] *clere*, *I. de sã sebastiem*, *R. de plate*, the third being, anyway, only partly French), all the rest being in Portuguese. On the coasts of Africa the names in French are very rare, almost all of them written on the sea (*c. de vert*, *c. de trois pomtes*, *c. de esquillas*, *c. de bonne esperamssa*), the last being a mixture of Portuguese and French. This is also shown by the fact that in the chart on folios 7v - 8r *c. de blanc* is written (on the sea), while the same place name in the charts on folios 17v - 18r and 19v - 20r appears as *c. bramco* (on the land). This hesitation about writing the names in one language or the other is revealed above all in the Atlantic islands, which appear in several charts and whose nomenclature is shown in the following comparative tables:

MADEIRA ARCHIPELAGO

Folios 3v-4r	Folios 7v-8r	Folios 17v-18r	Folios 19v-20r	Folios 21v-22r
I. de madere	*I. de madere*	*madere*	*I. de madere*	*madere*
porto saint	*porto samto*	*porto samto*	*porte samte*	*porte samto*
as des̃tas	*as des̃tas*	*as des̃tas*	*as des̃tas*	*as des̃tas*
I. sauage	*I. sanauage*	*I. sauage*	*sanuage*	*sauage*

THE AZORES ARCHIPELAGO

Folios 3v-4r	Folios 7v-8r	Folios 17v-18r	Folios 19v-20r	Folios 21v-22r
I. do coruo	*I. do coruo*	*I. do coruo*	*I. do coruo*	*I. do coruo*
I. de fleurs	*I. de fleurs*	*I. de fleurs*	*I. de fleurs*	*I. de fleurs*
ofaiall	*offaiall*	*offaiall*	*offeall*	*offaiall*
sam gorge	*s. gorge*	*sam gorge*	*s. gorge*	*s. gorge*
grasieuse	*grasiosa*	*gracieuse*		
opico	*le pic*	*le pic*	*le pico*	
tierciere	*tierciere*	*la tierciere*	*tierciere*	
s. mjchell	*s. mjchell*	*samt mychell*	*s. mjchell*	*sam mjchell*
st.ª m.ª	*st.ª maria*	*sante marice*	*st.ª maria*	*st.ª m.ª*

THE CANARIES ARCHIPELAGO

Folios 3v-4r	Folios 7v-8r	Folios 17v-18r	Folios 19v-20r
pallme	*I. de pallme*	*I. de pallme*	*I. de pallme*
offerro	*offerro*	*offerro*	*offerro*
agomera	*agomeire*	*agomere*	*agomere*
tanariffe	*tanaraffe*	*tanariffe*	*tanariffe*
grãde canarie	*grãde canarie*	*gramde canarie*	*grãde canaria*
forte avamture	*forte avanture*	*forte avemture*	*forte aventure*
llancarote	*lancarote*	*lancarote*	*lansellot*

(4) Destombes and Gernez were able to confirm in fact that on each guard of the leaves of the atlas there is one letter written in XVII-century longhand, forming together, in the order in which they occur, the phrase *PAR CHARLES DE TOUT LE 5 DU MOIS D'AOUST 1610*, possibly referring to an early owner of the work.

Fólios 7v-8r	Fólios 9v-10r	Fólios 11v-12r	Fólios 17v-18r	Fólios 19v-20r
s. amtonio			*sam anthoyne*	*s. antonio*
s. vincent			*sam vincent*	*s. vincent*
s.^{te} luce			*samte lusse*	*s.^{te} lusse*
s. nicollas			*sam nicollas*	*s. nicollas*
I. do sall			*I. do sall*	*I. do sall*
bonne viste	*bonne viste*	*bonne viste*	*bone viste*	*bonne viste*
mayo	*I. de majo*	*maio*	*I. majo*	*majo*
sam jacques	*I.desam jacques*	*s. jacques*	*I. de s. jacques*	*s. jacques*
offogo	*offogo*	*offogo*	*offogo*	*offogo*
I. braua	*I. braua*	*I. braue*	*I. braua*	*I. braua*

Destes quadros comparativos, onde se vê, em vários casos, o nome de uma ilha ser escrito ora em português, ora em francês, ora num misto das duas línguas, ressaltam à evidência as hesitações do cartógrafo ao redigir a nomenclatura. Hesitações e divergências que seriam incompreensíveis em tal grau, se o cartógrafo fosse francês, mas que se justificam perfeitamente tratando-se de um português ainda com pouca residência em França. São também característicos, nesta ordem de ideias, os nomes *I. de sam Jehem*, *Ille de sam pierre* e *Y.^{as} de onze mille viergens* na Terra Nova. Temos, portanto, como comprovado que o autor da parte cartográfica do atlas foi um português vivendo em França desde não longa data.

Em 1952 Gernez considerou o atlas de c. 1540, e no trabalho de 1961, com Destombes, diz-se «étant donné que tous les autres caractères de l'atlas: morphologie de l'écriture, cartographie, blason et style général de la décoration sont concordants et indiquent une date comprise entre 1542 et 1546 ...» e, mais adiante, «cet atlas dont la cartographie semble plus ancienne que la première carte anonyme de Desceliers et qu'on pourrait dater approximativement de 1544 - 1545, constitue le chaînon de transition entre la cartographie portugaise et la cartographie dieppoise du XVIe siècle». Embora não seja impossível que o atlas tenha sido delineado nestes anos, afigura-se-nos que ele deve ser ligeiramente mais antigo, pelos motivos que passamos a expor.

Na carta de fólios 11v - 12r, na costa norte do Brasil, entre *R. de sa marcall* e *R. de sam paullo*, lê-se *b. de dimgolo* ... (o resto do nome está tapado pela iluminura). Trata-se, sem dúvida, da *b. d diogo leite* registada na carta de 1534, de Gaspar Viegas, entre o *R. de s. marcal* e *m. de s. paulo*, topónimo originado com a expedição de Martim Afonso de Sousa (1530-1533), pelo que o atlas não pode ser anterior a 1533. O traçado da costa de África aproxima-se mais do da carta de Pero Fernandes de 1528 do que das cartas de Jorge Reinel de c. 1535 e c. 1540. Há no entanto assinaladas semelhanças, nas costas do Golfo da Guiné e a norte dos Bijagós e nas ilhas atlânticas, com o atlas de João Freire de 1546. Por outro lado, a costa leste do Brasil, entre 3º e 25º de latitude, apresenta um traçado e nomenclatura pràticamente iguais aos do atlas Lopo Homem — Reinéis de 1519 e diferente do que se vê em Gaspar Viegas. A carta da costa atlântica da América do Norte, a fólios 25v - 26r, fornece-nos, contudo, um limite inferior seguro, o ano de 1536, como vamos ver.

Depois do falecimento de Diogo Ribeiro em 1533, Carlos V encarregou Alonso de Chaves de preparar um novo «padrón general», o que foi levado a efeito em 1536. Não se conhece nenhum exemplar de tal obra, mas o cronista Oviedo (em 1537) e o próprio Chaves (c. 1537) deixaram-nos descripções pormenorizadas, com latitudes, distâncias e rumos, da costa entre os 37º de latitude norte e a parte meridional da Terra Nova (5), de acordo com esse padrão. Com base em tais descripções tornou-se possível reconstituir gràficamente, nas linhas gerais, o traçado e nomenclatura de tal região na carta de Alonso de Chaves, e, ao mesmo tempo, verificar que dela derivam, na parte em questão, algumas cartas da época, como três contidas no *Islario* de Alonso de Santa Cruz, 1541 (Biblioteca Nacional de Madrid, MSS. Res. 38 e 215), o globo em fusos do mesmo Santa Cruz, 1542 (Estocolmo) e uma carta anónima no British Museum (Add. MS. 21592 B); só no planisfério anónimo «Harleian», c. 1543 (no British Museum), no atlas Vallard, 1547 (Huntington Library) e no atlas de Le Testu, 1555 (Ministère de la Guerre, Paris) também se regista esse tipo para oeste do Cabo Bretão. Ora a carta a fólios 25v - 26r do atlas da Haia segue rigorosamente o protótipo de Chaves (6), pelo que não pode ser anterior a 1536.

(5) Oviedo, *Historia General y Natural de las Indias, islas y tierra firme del Mar Oceano*, T. II, livro XXI, cap. X, Madrid 1852; Alonso de Chaves, *Derroteiro*, *apud* Ganong, *op. cit.* na nota seguinte, IV, p. 143.

(6) Dispensamo-nos de entrar aqui nos pormenores de tal identificação, que pode estabelecer-se fàcilmente através do estudo que ao «padrón general» de Alonso de Chaves dedicou Ganong, *Crucial maps in the early cartography and place-nomenclature of the Atlantic coast of Canada*, II (p. 142), IV (pp. 143-56), V (p. 182),

Folios 7v-8r	Folios 9v-10r	Folios 11v-12r	Folios 17v-18r	Folios 19v-20r
s. amtonio			*sam anthoyne*	*s. antonio*
s. vincent			*sam vincent*	*s. vincent*
s^{te} luce			*samte lusse*	*s^{te} lusse*
s. nicollas			*sam nicollas*	*s. nicollas*
I. do sall			*I. do sall*	*I. do sall*
bonne viste	*bonne viste*	*bonne viste*	*bonne viste*	*bonne viste*
mayo	*I. de majo*	*maio*	*I. majo*	*majo*
sam jacques	*I.desam jacques*	*s. jacques*	*I. de s. jacques*	*s. jacques*
offogo	*offogo*	*offogo*	*offogo*	*offogo*
I. braua	*I. braua*	*I. braue*	*I. braua*	*I. braua*

From these comparative tables, where we see, in several instances, the name of an island written either in Portuguese, or French, or a mixture of the two languages, the hesitations of the cartographer when he wrote the nomenclature are obvious. So many hesitations and divergencies would be incomprehensible if the cartographer had been French, but are perfectly justifiable in a Portuguese who had only lived in France for a short time. Also characteristic, in the same way, are the names *I. de sam Jehem*, *Ille de sam pierre* and *Y.^{as} de onze mille viergens* in Newfoundland. We have here, therefore, confirmation that the author of the cartographic part of the atlas was a Portuguese who had not long been living in France.

In 1952 Gernez considered the atlas to be of c. 1540, and in the work of 1961, with Destombes, he wrote «étant donné que tous les autres caractères de l'atlas: morphologie de l'écriture, cartographie, blason et style général de la décoration sont concordants et indiquent une date comprise entre 1542 et 1546 ...» and, further on, «cet atlas dont la cartographie semble plus ancienne que la première carte anonyme de Desceliers et qu'on pourrait dater approximativement de 1544 - 1545, constitue le chaînon de transition entre la cartographie portugaise et la cartographie dieppoise du XVIe siècle». Although it is not impossible that the atlas may have been drawn in those years, it appears to us, for reasons that we shall now explain, that it must be slightly earlier.

In the chart on folios 11v - 12r, on the north coast of Brazil, between *R. de sa marcall* and *R. de sam paullo*, is written *b. de dimgolo* ... (the rest of the name is covered by the illumination). This is undoubtedly the *b. d diogo leite* recorded in Gaspar Viegas' chart of 1534 between *R. de s. marcal* and *m. de s. paulo*, a toponymy that originated from Martim Afonso de Sousa's expedition (1530-1533), which shows that the atlas cannot be earlier than 1533. The outline of the coast of Africa is more like that in Pero Fernandes' chart of 1528 than that in Jorge Reinel's charts of c. 1535 and c. 1540. At the same time, there are obvious similarities to João Freire's atlas of 1546, in the coasts of the Gulf of Guinea, to the north of the Bissagos and the Atlantic islands. On the other hand, the east coast of Brazil, between latitudes 3º and 25º, is represented with an outline and nomenclature almost identical with those in the Lopo Homem-Reinels atlas of 1519 and different from those seen in Gaspar Viegas. The chart of the Atlantic coast of North America, folios 25v - 26r, however, provides us with a safe early limit, the year 1536, as we shall see.

After Diogo Ribeiro's death in 1533, Charles V entrusted Alonso de Chaves with the preparation of a new «padrón general», which was executed in 1536. There is no known copy of this work, but the chronicler Oviedo (in 1537) and Chaves himself (c. 1537) have left us detailed descriptions of the coast between latitude 37º N and the southern part of Newfoundland, with latitudes, distances and rhumbs, according to this *padrón* (5). From these descriptions it is possible to reconstruct, on general lines, the drawing and toponymy of the region in question in Alonso de Chaves' chart and to determine that, for the same region, some contemporary charts — such as the three in Alonso de Santa Cruz's *Islario*, 1541 (Biblioteca Nacional de Madrid, MSS. Res. 38 and 215), the globe in gores also by Santa Cruz, 1542 (Stockholm), and an anonymous chart in the British Museum (Add. MS. 21592 B) — are derived from it; only in the anonymous «Harleian» planisphere, c. 1543 (British Museum), in Vallard's atlas, 1547 (Huntington Library), and in Le Testu's atlas, 1555 (Ministère de la Guerre, Paris), can the same type westward of Cape Breton be found. Since the charts on folios 25v - 26r in the atlas of The Hague follow the Chaves prototype exactly (6), the atlas cannot be earlier than 1536. We even believe

(5) Oviedo, *Historia General y Natural de las Indias, islas y tierra firme del Mar Oceano*, T. II, livro XXI, cap. X, Madrid 1852; Alonso de Chaves, *Derroteiro, apud* Ganong, *op. cit.* in the following note, IV, p. 143.

(6) We need not enter here into details of this identification, which can easily be established through Ganong's study of Alonso de Chaves' «padrón general», *Crucial maps in the early cartography and place-nomenclature of the Atlantic coast of Canada*, II (p. 142), IV (pp. 143-56), V (p. 182), VII (pp. 114 - 7), in

Julgamos mesmo que deve ser uma das mais antigas e das mais fiéis cartas existentes com tal representação, pois, inclusive, a Terra Nova está figurada exactamente como a descreve Oviedo, e sem o menor vestígio, no traçado ou na nomenclatura, das viagens de Cartier (1534, 1535-6, 1541-2). É de salientar ainda que, na carta a fólios 21v - 22r, a Terra Nova vem representada, de maneira diferente, com um traçado e nomenclatura muito parecidos com os do atlas Lopo Homem-Reinéis de 1519 e cartas de Diogo Ribeiro (1525-c. 1532), o que leva a supor que só recentemente o cartógrafo tivera conhecimento do novo traçado que seguiu na carta a fólios 25 - 26r. A mais antiga obra hoje conhecida só com os resultados da primeira viagem de Cartier é o atlas de Jehan Roze, de 1542, mas o planisfério de Desliens de 1541 traz já os resultados da primeira e segunda viagens do navegador francês. Ora tendo o atlas da Haia sido delineado em França, como vimos, seria estranho que a datar de 1544-5, isto é, dez anos após a primeira viagem de Cartier, como sugerem Destombes e Gernez — nele não se encontre o menor vestígio de tão importante acontecimento (para mais, tratando-se de obra destinada ao Delfim). Supomos por isso que ele é posterior de muito pouco às duas primeiras viagens de Cartier, e portanto anterior às obras referidas de Desliens e de Roze, isto é, teria sido traçado entre 1536 e 1541, pelo que o datamos de c. 1538.

Quanto ao autor do atlas, não pode ser Diogo Homem nem João Freire, como pensou Andrews, pois são diferentes os tipos de traçado e de letra e o estilo das rosas-dos-ventos. Sabe-se de alguns portugueses que então estiveram ao serviço da França em assuntos náuticos, mas só de um deles, João Afonso Francês, restam obras assinadas, verificando-se, pela diferença da caligrafia, que também ele não é o autor do presente atlas. Como quer que seja, a revelação desta obra e da sua autoria portuguesa vem abrir novas perspectivas ao estudo da cartografia francesa da época, pois o ignorado cartógrafo lusitano pode ter tido discípulos em França ou, pelo menos, deve ter influenciado os cartógrafos franceses. A esta luz, vamos analisar brevemente dois discutidos atlas onde é notória a origem ou a influência portuguesa.

that it must be one of the earliest and most faithful works in existence with this representation, because even Newfoundland is drawn exactly as described by Oviedo, and without the least trace, in the outline or nomenclature, of Cartier's voyages (1534, 1535-6, 1541-2). It must also be pointed out that, in the chart on folios 21v - 22r, Newfoundland is represented differently, with the outline and nomenclature very similar to those in the Lopo Homem-Reinels atlas of 1519 and Diogo Ribeiro's charts (1525-c. 1532), which leads us to suppose that the cartographer had only recently gained knowledge of the new outline, which he followed in the chart in folios 25v - 26r. The earliest work known to-day with the results of Cartier's first voyage only is Jehan Roze's atlas of 1542, but Desliens' planisphere of 1541 already introduces the results of the French navigator's first and second voyages. As the atlas of The Hague was drawn in France, as we have seen, it would be extraordinary — were it to be dated 1544-5, that is, ten years after Cartier's first voyage, as Destombes and Gernez suggest — not to find the slightest trace of such an important event (still more so, when dealing with a work destined for the Dauphin). We therefore consider that it was made very shortly after Cartier's two first voyages, and consequently before Desliens' and Roze's works mentioned above, that is, it must have been drawn between 1536 and 1541, from which we date it c. 1538.

As to the author of the atlas, it could not be Diogo Homem or João Freire, as Andrews thought, because the types of drawing and writing and the style of the wind roses are different. It is known that some Portuguese were at that time in the service of France on nautical assignments, but signed works of only one of them, João Afonso (Jean Alfonse Santongeois), are still in existence, proving, by the difference in the handwriting, that he also is not the author of the present atlas. However that may be, the revelation of this work and its Portuguese authorship will open new perspectives in the study of contemporary French cartography, because the unknown Lusitanian cartographer may have had pupils in France or, at least, have influenced the French cartographers. In this light we shall analyse briefly two much discussed atlases, in which the Portuguese origin or influence is evident.

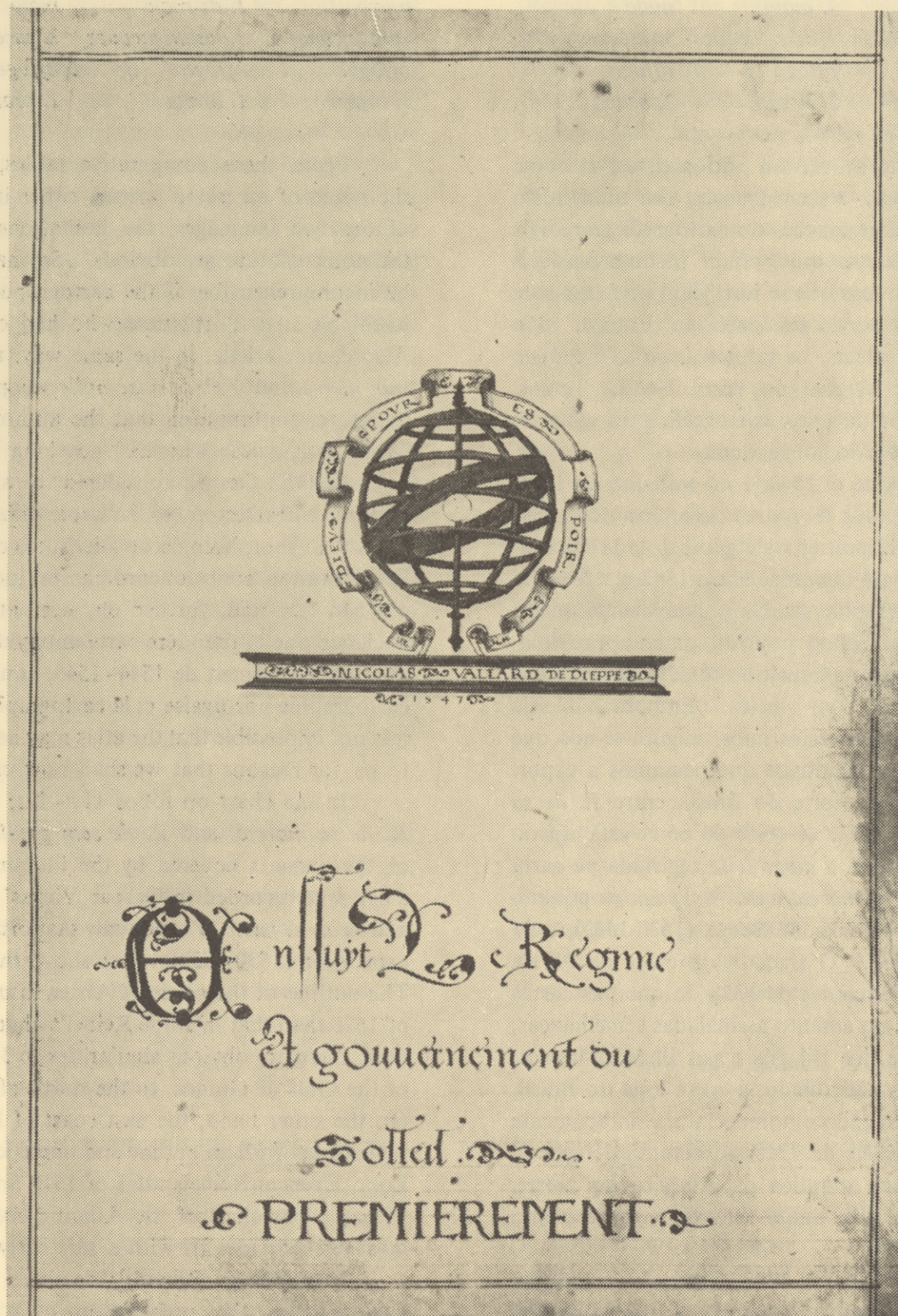


FIG. 22 — FRONTISPÍCIO DO ATLAS VALLARD, 1547
FRONTISPIECE OF THE VALLARD ATLAS, 1547

Huntington Library, San Marino, California

ANÓNIMO PORTUGUÊS, ATLAS VALLARD, 1547

ESTAMPAS 621-624

Este interessante e discutido atlas encontra-se actualmente na Huntington Library, San Marino, Califórnia, onde tem a cota «HM 29». Provém da colecção de Sir Thomas Phillips (N.º 13196), e pertencera à biblioteca de Talleyrand (N.º 3416), vendida em 8 de Maio de 1816. Na primeira página, sob uma esfera armilar rodeada da divisa *DIEV POVR ESPOIR*, lê-se *NICOLAS VALLARD DE DIEPPE 1547* (Figura 22); na mesma página, ao

ANONYMOUS PORTUGUESE, VALLARD ATLAS, 1547

PLATES 621-624

This interesting and much discussed atlas is to be found in the Huntington Library, San Marino, California, where it has the classmark «HM 29». It was previously in Sir Thomas Phillips's collection (N.º 13196), and had belonged to Talleyrand's library (N.º 3416), sold on 8 May 1816. On the first page, under an armillary sphere encircled by the motto *DIEV POVR ESPOIR*, is written *NICOLAS VALLARD DE DIEPPE 1547* (Fig. 22); at

VII (pp. 114-7), in *Transactions of the Royal Society of Canada* 1930-5. Um dos aspectos típicos do protótipo de Chaves é a grande *Ilha de S. João*, alongada no sentido leste-oeste e separada da costa a oeste do Cabo Bretão por um estreito canal.

Transactions of the Royal Society of Canada 1930-5. One of the features typical of Chaves' prototype is the large *Ilha de S. João*, lengthened in an east-west direction and separated from the coast west of Cape Breton by a narrow channel.

fundo, começa o Regimento do Sol, o qual preenche toda a página seguinte. Na página 3 vem o Regimento do Norte, com uma figura, na página 4 o Regimento das Léguas (apresentado gràficamente), e as quatro páginas seguintes são preenchidas com tábuas quadrienais de declinações solares; todos estes elementos estão redigidos em francês. Vêm depois quinze cartas abrangendo todo o mundo, manuscritas e iluminadas, traçadas em pergaminho, 392 × 570 mm:

Primeira carta — Costa oriental do continente austral, a sueste de Java.

Segunda carta — Costa ocidental do continente austral, a sul de Java.

Terceira carta (Estampa 621 A) — Costas asiáticas, desde o Golfo de Cambaia ao sul da China, e Insulíndia.

Quarta carta — Parte noroeste do Oceano Índico, com o Mar Vermelho e Golfo Pérsico.

Quinta carta (Estampa 621 B) — Parte sudoeste do Oceano Índico, com a África ao sul do Equador.

Sexta carta — Atlântico sul, com as costas de África e do Brasil.

Sétima carta (Estampa 622 A) — África ocidental a norte do Equador e arquipélagos atlânticos.

Oitava carta (Estampa 624 A) — Europa e norte de África.

Nona carta (Estampa 622 B) — Costa oriental da América do Norte.

Décima carta (Estampa 623 A) — Golfo do México e Mar das Caraíbas.

Décima primeira carta (Estampa 623 B) — Nordeste da América do Sul.

Décima segunda carta — Costa oriental da América do Sul.

Décima terceira carta — Europa ocidental e noroeste da África.

Décima quarta carta (Estampa 624 B) — Mar Adriático.

Décima quinta carta — Mar Egeu.

Dada sobretudo a heterogeneidade linguística da nomenclatura costeira, a nacionalidade do autor do atlas tem sido motivo de hesitações por parte dos historiadores da cartografia antiga. Assim, Frederick Madden e Kohl disseram-no português, considerando que Vallard teria sido apenas um proprietário da obra e a data de 1547 o ano que em ela lhe teria passado a pertencer. Harrisse, partilhando tal opinião, acrescentou: «Oeuvre d'un cartographe portugais, elle a pu être acquise en Portugal ou importée de ce pays à Dieppe après 1546. Car si l'atlas avait été avant dans cette ville, Desceliers, dont la demeure n'en était eloignée que de six kilomètres, lui aurait emprunté sa configuration de Terre-Neuve, puisque c'est ce qu'il fit pour ses planisphères de 1550 et 1553. Quant à l'année ou l'atlas de Vallard fut composé ou dessiné, tout ce qu'on peut dire, c'est qu'il est postérieur au retour de Jacques Cartier de son troisième voyage (automne de 1542)» (7). Ganong, por sua vez, aceitando a ideia de que Vallard foi apenas o proprietário do atlas, começa por afirmar que o autor seria espanhol e não português, para, a seguir se pronunciar por uma autoria francesa: «its greatest peculiarity is its nomenclature [refere-se particularmente à América do Norte], which is a curious hybrid Spanish-French or French-Spanish type throughout, — (using Spanish *rio* and *do*), and misspeling some French words as they would be caught phonetically, much as if written from dictation by a Spaniard unfamiliar with French. It is as if the map was made by a Frenchman, and made to look as Spanish as possible, for a Spanish client» (8). Há aqui uma grande confusão, que convém desfazer desde já, pois a palavra *rio* é comum às línguas portuguesa e espanhola mas a palavra *do* é puramente portuguesa (equivalente ao espanhol *del*); por consequência, onde Ganong fala de uma influência espanhola deve entender-se que ela é na realidade portuguesa.

O atlas Vallard tem sido referido frequentemente, sobretudo por causa da carta 9 (várias vezes reproduzida), de grande interesse para a história das viagens de Cartier. Tanto quanto sabemos, foi objecto de apenas um estudo de conjunto, pequeno e inédito, devido a E. L. Stevenson (9), que julga igualmente que Vallard não foi mais que um proprietário da obra, e afirma: «There is evidence of a very pronounced Portuguese origin of these several charts. The geographical names, although not all in the Portuguese language exhibit a Portuguese influence throughout, yet now and then we note that these marks have been somewhat altered by the Spanish or the French. This fact in itself is one of great significance, remembering that we seem now to know but a few original Portuguese charts of that early day which have escaped destruction. Is is not easy to determine whether they were originally drawn in Portugal. The probability is that in many

(7) H. Harrisse, *Découverte et évolution cartographique de Terre-Neuve et des pays circonvoisins*, p. 227. Paris — London 1900.

(8) Ganong, 1930-5, V (pp. 192-3) e VI (pp. 247-51).

(9) E. L. Stevenson, *Atlas of Nicolas Vallard 1547*, 1927, exemplar dactilografado existente na Royal Geographical Society, London.

the foot of the same page begins the Regiment of the Sun, which fills the whole of the following page. On page 3 comes the Regiment of the North, with a drawing, on page 4 the Regiment of Leagues (presented graphically), and the four following pages are filled with quadrennial tables of solar declination; all these details are explained in French. Then come fifteen charts comprising the whole world, manuscript and illuminated, drawn on parchment, 392 × 570 mm:

First chart — Eastern coast of the Southern continent, to the south-east of Java.

Second chart — Western coast of the Southern continent, to the south of Java.

Third chart (Plate 621 A) — Asiatic coasts, from the Gulf of Cambay to South China, and the East Indies.

Fourth chart — North-west part of the Indian Ocean, with the Red Sea and the Persian Gulf.

Fifth chart (Plate 621 B) — South-west part of the Indian Ocean, with Africa south of the equator.

Sixth chart — South Atlantic, with the coasts of Africa and Brazil.

Seventh chart (Plate 622 A) — West Africa north of the equator and the Atlantic archipelagoes.

Eighth chart (Plate 624 A) — Europe and North Africa.

Ninth chart (Plate 622 B) — East coast of North America.

Tenth chart (Plate 623 A) — Gulf of Mexico and the Caribbean Sea.

Eleventh chart (Plate 623 B) — North-east of South America.

Twelfth chart — East coast of South America.

Thirteenth chart — Western Europe and North-west Africa.

Fourteenth chart (Plate 624 B) — Adriatic Sea.

Fifteenth chart — Aegean Sea.

The nationality of the author of the atlas has been the cause of much hesitation on the part of the historians of early cartography, above all on account of the linguistic heterogeneity of the coastal nomenclature. Thus, Frederick Madden and Kohl said that it was Portuguese, and considered Vallard to have been only an owner of the work and the date 1547 to be the year in which it passed into his possession. Harrisse, sharing their opinion, added: «Oeuvre d'un cartographe portugais, elle a pu être acquise en Portugal ou importée de ce pays à Dieppe après 1546. Car si l'atlas avait été avant dans cette ville, Desceliers, dont la demeure n'en était eloignée que de six kilomètres, lui aurait emprunté sa configuration de Terre-Neuve, puisque c'est ce qu'il fit pour ses planisphères de 1550 et 1553. Quant à l'année ou l'atlas de Vallard fut composé ou dessiné, tout ce qu'on peut dire, c'est qu'il est postérieur au retour de Jacques Cartier de son troisième voyage (automne de 1542)» (7). Ganong, in his turn, accepting the idea that Vallard was only the owner of the atlas, begins by stating that the author might be Spanish and not Portuguese, but later pronounces the authorship to be French: «its greatest peculiarity is its nomenclature [particularly with reference to North America], which is a curious hybrid Spanish-French or French-Spanish type throughout, — (using Spanish *rio* and *do*), and misspelling some French words as they would be caught phonetically, much as if written from dictation by a Spaniard unfamiliar with French. It is as if the map was made by a Frenchman, and made to look as Spanish as possible, for a Spanish client» (8). There is considerable confusion here, which can conveniently be cleared up now, since the word *rio* is certainly common to both the Portuguese and Spanish languages but the word *do* is purely Portuguese (the equivalent of the Spanish *del*); consequently where Ganong speaks of Spanish influence, it must be understood to be Portuguese.

The Vallard atlas has often been referred to, especially on account of chart 9 (several times reproduced), which is of great interest to the history of Cartier's voyages. As far as we know, the only person to study it as a whole is E. L. Stevenson (9), who wrote a brief and unpublished article, in which he also considers that Vallard was only the owner of the atlas, and states that «there is evidence of a very pronounced Portuguese origin of these several charts. The geographical names, although not all in the Portuguese language, exhibit a Portuguese influence throughout, yet now and then we note that these marks have been somewhat altered by the Spanish or the French. This fact in itself is one of great significance, remembering that we seem now to know but a few original Portuguese charts of that early day which have escaped destruction. It is not easy to determine whether they were originally drawn in Portugal. The probability is that in many

(7) H. Harrisse, *Découverte et évolution cartographique de Terre-Neuve et des pays circonvoisins*, p. 227. Paris — London 1900.

(8) Ganong, 1930-5, V (pp. 192-3) and VI (pp. 247-51).

(9) E. L. Stevenson, *Atlas of Nicholas Vallard 1547*, 1927, a typewritten copy of which is in the Royal Geographical Society, London.

of their purely geographical features they may well be thought of as carefully executed copies of Portuguese originals to which some expert French draftsman set his hand».

Do exame da nomenclatura das várias cartas conclue-se que grande parte dos nomes estão escritos total ou parcialmente em português ou com portuguesismos característicos. A percentagem desta lusitanisação da toponímia é muito maior do que nas cartas de Desliens e Desceliers, donde logo nasce a suspeita de que o autor do atlas não devia ser francês. Assim, nas cartas 8 e 13, encontram-se, no norte da Europa, vários nomes em português ou com portuguesismos, como *Iselendia, Norouaga, groutlanda, Irlandia, gotlanda, suecia, estrella, amgra, Illa s. gregorio, illa santa, furna, Ribeira, mõt negro, noroega, friza, ollanda, bruxas* (Bruges), *st.ª catarina, blancaverga, ostenda, surlinga.* Nas costas da França vêem-se nomes como *agulhas, apraia, bela illa, baixos, Ribeira, aguilhas, Rochella, agamortas, marcella*; é significativo que nas cartas de Desceliers não se encontre, nas costas da França, qualquer nome em português ou com aportuguesamentos. São também bastante frequentes os topónimos em que umas palavras são em português e outras em francês (*santa croix, la vera croix*) ou se faz um afrancesamento imperfeito (*fortavantura, bonavista, lingne equinocialle*). Noutros casos, o cartógrafo representou por *o* o francês *au* (*penedo de saint pol, penedo de samt pol, monte sant pol, s. lorens, baie os illes*) ou ainda varia constantemente a ortografia de certas palavras (como *sant, saint, samt*, por *santo*), o que sugere pouca segurança da sua parte na redacção da língua francesa. Por outro lado, é de notar que na costa de Portugal se registam alguns nomes em que parece ter havido uma tentativa incompleta ou imperfeita de afrancesamento (*villa do cõte, c. caruoere*). No Mediterrâneo há também alguns nomes aportuguesados, como *aspeza, tripo velho.* Nas costas da América, África e Oriente verifica-se que o grau de lusitanismo da nomenclatura é muito elevado; alguns termos genéricos são dados em francês normalmente (*Cap, Gouffre, Baie*), outros, como regra geral, em português (*Rio, Terra, Serra, Ponta, Praia*) e outros indistintamente em português e francês (*Ilha, Ille, Illa*). Concluindo, a análise da nomenclatura sugere que, em vez de francês, o autor do atlas devia ser muito provàvelmente um português, que vivia e trabalhava em França mas dominava mal a língua francesa. Tal conclusão logo faz ocorrer a conveniência de cotejar os atlas Vallard e da Haia, o que, como vamos ver, permite chegar a alguns resultados de interesse.

Assim, o traçado da Europa e norte de África é pràticamente igual nas duas obras; o traçado da África ocidental não é igual, mas oferece certas semelhanças; o traçado da costa norte do Brasil é parecido, mas o da costa leste é diferente; na América Central e na maior parte da América do Norte há quase igualdade, diferindo a zona da Terra Nova. É também significativo que as cartas especiais do Mar Adriático e Mar Egeu, abrangendo aproximadamente a mesma área, sejam pràticamente iguais. O estilo do traçado costeiro (como seja na representação de baixos e estuários de rios), incluindo numerosos pormenores locais, apresenta-se igualmente muito semelhante. Além das semelhanças de traçado que foram apontadas, regista-se grande afinidade da nomenclatura na maior parte dos casos. À primeira vista, a letra afigura-se provir de mãos diferentes, sendo a do atlas Vallard mais angulosa, na maneira francesa; uma análise mais cuidada revela no entanto algumas características comuns. É na realidade aceitável a ideia de que a letra do cartógrafo português que em c. 1538 fez o atlas da Haia pudesse ter evoluído durante uma estadia de alguns anos em França, aproximando-se mais da letra corrente nesse país (10).

Em conclusão, há notórias afinidades no traçado e nomenclatura de várias regiões dos dois atlas, e as diferenças podem explicar-se pelo progresso dos conhecimentos no intervalo que medeou entre a execução de ambos. O atlas Vallard foi muito provàvelmente traçado por um cartógrafo português residente na França, possìvelmente o mesmo que, alguns anos antes, delineara o atlas da Haia.

No que respeita à data, devendo o atlas ser posterior a 1542 ou mesmo 1546, como apontou Harrisse, julgamos que se deve considerar o ano de 1547, que vem no frontispício, como o da sua execução, pois, tendo para mais sido feito em França, não vemos razões especiais para supor que, em curto período de tempo, tenha tido mais de um dono; é de presumir que tivesse sido encomendado pelo próprio Vallard. A posição e enquadramento da simples legenda NICOLAS VALLARD DE DIEPPE 1547 não são aliás, de molde, a considerar que ela diga respeito ao autor da obra; naquela época os cartógrafos, quando assinavam as suas produções, faziam-no em termos ou de forma que não deixava lugar a dúvidas.

Como escreveram Destombes e Gernez, o atlas da Haia «constitue le chaînon de transition entre la cartographie portugaise et la cartographie

(10) É o que deve ter sucedido igualmente com João Afonso Francês, cuja letra, tal como se vê nos seus esboços cartográficos (Estampas 72-3, Volume I), se apresentava em c. 1543 como de tipo francês.

of their purely geographical features they may well be thought of as carefully executed copies of Portuguese originals to which some expert French draftsman set his hand».

From examination of the various charts we may conclude that a great many of the names are written either wholly or partly in Portuguese or with very pronounced Portuguese characteristics. The percentage of toponymy with this Portuguese influence is much greater than in Desliens' and Desceliers' charts, which at once gives rise to the supposition that the cartographer could not be French. Thus, in charts 8 and 13, in the north of Europe, various names are found in Portuguese or with Portuguese influence, like *Iselendia, Norouaga, groutlanda, Irlandia, gotlanda, suecia, estrella, amgra, Illa s. gregorio, illa santa, furna, Ribeira, mõt negro, noroega, friza, ollanda, bruxas* (Bruges), *st.ª catarina, blancaverga, ostenda, surlinga.* On the coasts of France are seen names like *agulhas, apraia, bela illa, baixos, Ribeira, aguilhas, Rochella, agamortas, marcella*; it is significant that in Desceliers' charts no names in Portuguese or with Portuguese influence are found on the coasts of France. Frequent too are names in which some words are in Portuguese and others in French (*santa croix, la vera croix*) or in which imperfect French is used (*fortavantura, bonavista, lingne equinocialle*). In other cases, the cartographer represents the French *au* by *o* (*penedo de saint pol, penedo de samt pol, monte sant pol, s. lorens, baie os illes*) or the orthography of certain words varies constantly (like *sant, saint, samt*, for *santo*), which suggests uncertainty in spelling the French language. On the other hand, there are some names on the coast of Portugal where an incomplete or imperfect attempt has been made to write them in French (*villa do cõte, c. caruoere*). In the Mediterranean there are also some names with Portuguese influence, like *aspeza, tripo velho.* On the coasts of America, Africa and the Far East the degree of Portuguese influence in the nomenclature is very high; some generic terms are normally given in French (*Cap, Gouffre, Baie*), others, as a general rule, in Portuguese (*Rio, Terra, Serra, Ponta, Praia*), and others indiscriminately in Portuguese and French (*Ilha, Ille, Illa*). In conclusion, analysis of the nomenclature suggests that, the author of the atlas was not French, but most probably a Portuguese who lived and worked in France but whose knowledge of the French language was slight. This conclusion immediately suggests that it would be profitable to compare the Vallard atlas with the one in The Hague, which, as we shall see, permits us to arrive at some results.

Thus the outline of Europe and North Africa is practically identical in the two works; the outline of West Africa is not the same but shows certain similarities; the outline of the north coast of Brazil is much the same, but that of the east coast differs; Central America and the greater part of North America are almost identical, differing in the neighbourhood of Newfoundland. It is also significant that the special charts of the Adriatic Sea and the Aegean Sea, embracing approximately the same area, are practically alike. The style of the coastal drawing (in the shallows and estuaries of rivers, for example), including numerous local details, is also very similar. Besides the similarities of outline already referred to, close affinity in the nomenclature can be observed in the majority of cases. At first sight, the writing appears to be from different hands, that of the Vallard atlas being more angular, in the French manner; a more careful examination however, reveals some common characteristics. It is indeed conceivable that the handwriting of the Portuguese cartographer who made the atlas in The Hague c. 1538 might have changed during a stay of some years in France, and become more like the writing current in that country (10).

In conclusion, there are obvious affinities in the outline and nomenclature of the various regions of the two atlases, and the differences can be explained by the progress of events in the interval separating the dates at which they were executed. The Vallard atlas was very probably drawn by a Portuguese cartographer living in France, possibly the same who, some years earlier, drew the atlas in The Hague.

As regards the date, since the atlas must be later than 1542 or even 1546, as Harrisse pointed out, we believe that 1547, which appears in the frontispiece, must be considered the year of its execution, because we see no particular reasons for supposing that in such a short period it would have had more than one owner especially as it was made in France; it must be presumed that it was ordered by Vallard himself. The position and framing of the simple inscription NICOLAS VALLARD DE DIEPPE 1547 are, anyway, not of the type to be considered as referring to the author of the work; at that time cartographers, when they signed their productions, did so in such terms or in such a way as to leave no room for doubt.

As Destombes and Gernez wrote, the atlas in The Hague «constitue le chaînon de transition entre la cartographie portugaise et la cartographie

(10) This is what must also have happened to João Afonso Francês, whose handwriting, as seen in his cartographic fragments (Plates 72-3, Vol. I), had in c. 1543 the appearance of the French type.

dieppoise du XVIe siècle». A revelação de tal atlas veio abrir novas possibilidades no estudo da cartografia francesa da época, e com esta breve análise do atlas Vallard procurámos apenas apresentar um exemplo do muito que há a investigar, fazendo votos para que alguém se dedique a tal tarefa. A existência de um cartógrafo português trabalhando em França no quarto e quinto decénios do século XVI e exercendo aí influência directa nos cartógrafos franceses, pode considerar-se desde já como facto averiguado (11). No atlas de que nos ocupamos a seguir suncitamente cremos ter disso encontrado mais alguns vestígios.

JEHAN ROZE, ATLAS DE 1542

ESTAMPA 625

No British Museum, Londres, com a cota «Old Royal MS 20.E.IX», encontra-se um atlas manuscrito e iluminado, traçado em pergaminho, em cuja última página vem o título: *Booke of Idrography made by me Johne Rotz... in the yer Im Vc XLII.* O autor estava ao serviço de Henrique VIII, mas era natural de Dieppe e chamava-se verdadeiramente Jehan Roze ou Rose, tendo voltado a França em 1547 (12). Após regimentos náuticos e tábuas cosmográficas, nas primeiras seis páginas, seguem-se doze cartas de tipo náutico, 590 × 780 mm:

Primeira carta — Golfo do México e, no canto inferior esquerdo, parte oriental da Insulíndia.

Segunda carta — Sueste asiático, desde Ceilão ao sul da China, com parte da Insulíndia e o continente austral ao sul de Java.

Terceira carta — Noroeste do Oceano Índico.

Quarta carta — Sudoeste do Oceano Índico.

Quinta carta — Costas de África, desde o Niger ao Zambeze.

Sexta carta — África Ocidental, desde o estreito de Gibraltar ao delta do Niger.

Sétima carta — (Estampa 625 A): Europa e norte de África.

Oitava carta — Atlântico Norte, com a Europa Ocidental e Terra Nova.

Nona carta — Mar das Caraíbas e costa atlântica da América do Norte.

Décima carta (Estampa 625 B) — Atlântico Central, com o nordeste da América do Sul e parte da África Ocidental.

Décima primeira carta — Costa oriental da América do Sul.

Décima segunda carta — Mapa mundi em dois hemisférios.

Há evidentes afinidades entre este atlas e os dois que analisámos anteriormente. Assim, de maneira semelhante ao que se vê no atlas Vallard, as escalas de latitudes estão nas margens laterais e são seguidas de faixas iluminadas dentro das quais se vêem os troncos-de-léguas. Da mesma maneira que aqueles, o atlas contém regimentos náuticos e tábuas cosmográficas, o que constitui característica frequente dos atlas náuticos portugueses do século XVI e que não se encontra, a não ser neste caso, em obras contemporâneas de outra nacionalidade (13). O estilo do traçado é diferente do daqueles atlas, e nalguns casos (sobretudo na carta 3) houve uma nítida simplificação, eliminando-se numerosas reentrâncias e bocas de rios, testemunhando que o atlas não se destinava à navegação. No entanto, na carta da Europa (Estampa 625 A) não se fez tal modificação, e o traçado é extraordinàriamente parecido com o dos atlas da Haia e Vallard. Abstraindo das simplificações referidas e da tendência para alongar os cabos e as baías e estuários, encontram-se outras semelhanças de traçado: a África aproxima-se mais do atlas da Haia do que do Vallard; o Oriente (incluindo o continente austral) é parecido com o que se regista no atlas Vallard; na carta 10 (Estampa 625 B), há notável semelhança na África Ocidental e arquipélagos atlânticos em relação ao atlas da Haia, enquanto o nordeste da América do Sul é diferente deste e do Vallard. O traçado da América Central e do Norte é também distinto do que se vê nesses dois atlas, bem como a costa leste do Brasil (carta 11) (14).

(11) A esta luz, pode pôr-se em novas bases o problema de certas representações da Terra Nova (posteriormente às viagens de Cartier), com influência portuguesa, nas obras da escola de Dieppe — em vez de provirem de cartas feitas em Portugal, como se tem julgado, não teriam antes sido elaboradas na própria França pelo anónimo cartógrafo lusitano que aí trabalhou? A avaliar pelo que se vê no atlas Vallard, poderia também ter sido esse cartógrafo quem introduziu entre os cartógrafos franceses a representação do continente austral ao sul de Java.

(12) Harrisse 1900, p. 206; Ganong 1930-5, V (pp. 179-82) e VI (pp. 202-5).

(13) Não nos foi possível efectuar o estudo comparativo de tais elementos nestes três atlas luso-franceses. Uma relação e análise sumária dos elementos náuticos e cosmográficos nos atlas portugueses pode ver-se em A. Teixeira da Mota, *A evolução da ciência náutica durante os séculos XV-XVI na cartografia portuguesa da época*, in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Classe de Letras. Lisboa 1962.

(14) A representação desta costa, muito errada, tem aspectos arcaicos (sobretudo a torsão da península do Cabo Frio e sua distância ao Rio da Prata) que caracterizam as cartas portuguesas falsificadas dos primeiros anos do século XVI.

dieppoise du XVIe siècle». The revelation of this atlas has opened up new possibilities in the study of contemporary French cartography, and with this brief analysis of the Vallard atlas we seek only to illustrate how much remains to be investigated, in the hope that someone will devote himself to this task. The existence of a Portuguese cartographer working in France in the fourth and fifth decades of the XVI century and exercising there a direct influence on French cartographers can now be considered as a proven fact (11). In the atlas which we shall briefly discuss next we believe we have found some more evidence for this.

JEHAN ROZE, ATLAS OF 1542

PLATE 625

In the British Museum, London, with classmark «Old Royal MS 20.E.IX», there is a manuscript and illuminated atlas, drawn on parchment, the last page of which has the title: *Booke of Idrography made by me Johne Rotz... in the yer Im Vc XLII.* The author was in the service of Henry VIII, but he was a native of Dieppe actually called Jehan Roze or Rose, who returned to France in 1547 (12). The nautical regiments and cosmographical tables, on the first six pages, are followed by twelve charts of nautical character, 590 × 780 mm:

First chart — Gulf of Mexico and, in the lower left-hand corner, the eastern part of the East Indies.

Second chart — South-east Asia, from Ceylon to the south of China, with part of the East Indies and the Southern continent to the south of Java.

Third chart — North-west Indian Ocean.

Fourth chart — South-west Indian Ocean.

Fifth chart — Coasts of Africa, from the Niger to the Zambesi.

Sixth chart — West Africa, from the Strait of Gibraltar to the Niger delta.

Seventh chart (Plate 625 A) — Europe and North Africa.

Eighth chart — North Atlantic, with western Europe and Newfoundland.

Ninth chart — Caribbean Sea and the Atlantic coast of North America.

Tenth chart (Plate 625 B) — Central Atlantic, with the north-east of South America and part of West Africa.

Eleventh chart — Eastern coast of South America.

Twelfth chart — World map in two hemispheres.

There are obvious affinities between this atlas and the two we analysed above. Thus, the scales of latitudes, as in the Vallard atlas, are in the lateral margins and are followed by an illuminated band containing the scales of leagues. Again, as in the others, this atlas contains nautical regiments and cosmographical tables, which are a frequent characteristic of the Portuguese nautical atlases of the XVI century and not seen, except in this case, in contemporary works of other nationalities (13). The style of drawing is different from that in the other atlases, and in some cases (especially in chart 3) there is a clear simplification, eliminating numerous bends and river mouths, proving that the atlas was not intended for navigation. However, in the chart of Europe (Plate 625 A) this modification is not made, and the drawing is extraordinarily like that in the Hague and Vallard atlases. Without the simplifications mentioned above and the tendency to lengthen the capes, bays and estuaries, we find other similarities in the drawing: Africa is more like that in the atlas in The Hague than in Vallard's; the Far East (including the Southern continent) resembles that represented in the Vallard atlas; in chart 10 (Plate 625 B) there is an extraordinary similarity in West Africa and the Atlantic archipelagos in relation to the atlas in The Hague, while the north-east of South America differs from it and that of Vallard. The outline of Central and North America is also distinct from that seen in those two atlases, as well as the east coast of Brazil (chart 11) (14).

(11) With this in mind, the problem of some representations of Newfoundland (after Cartier's voyages), under Portuguese influence, in the works of the School of Dieppe can be placed on a new basis: instead of deriving from charts made in Portugal, as previously thought, is it not more likely that they were drawn in France itself by the anonymous Lusitanian cartographer who worked there? Considering what we have seen in the Vallard atlas, it might also have been this cartographer who introduced to the French cartographers the representation of the Southern continent to the south of Java.

(12) Harrisse 1900, p. 206; Ganong 1930-5, V (pp. 179-82) and VI (pp. 202-5).

(13) It was not possible for us to make the comparative study of such elements in these three Luso-French atlases. A short account and analysis of the nautical and cosmographical elements in Portuguese atlases can be seen in A. Teixeira da Mota, *A evolução da ciência náutica durante os séculos XV-XVI na cartografia portuguesa da época*, in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Classe de Letras. Lisboa 1962.

(14) The very erroneous representation of this coast has some obsolete features (particularly the distortion of Cape Frio and its distance from the River Plate) which are characteristic of the falsified Portuguese charts of the beginning of the XVI century.

A análise da nomenclatura oferece problemas curiosos e difíceis. Há dois ou três tipos de escrita, mas não pudemos concluir se provêm de um só ou mais indivíduos: uma escrita arredondada e normalmente maior, aproximando-se mais da do atlas da Haia, e outra angulosa e menor, havendo cartas só com um destes tipos e outras com os dois. A letra arredondada encontra-se sobretudo nas cartas 7, 9, 10 e 11, e os dois tipos vêem-se simultâneamente nas cartas 4 e 5. À parte os nomes em letra maior, designando regiões ou mares, à maneira do que também se vê nos atlas da Haia e Vallard (no atlas de Roze estão em inglês), a nomenclatura costeira apresenta grande mistura de português e francês. Assim, no norte da Europa vêem-se os nomes *estrella*, *s.^t gregorio* (Irlanda), *cidade velha*, *s.^ta ellena*, *agulhas*, *sorlingos* (Inglaterra), *frissa*, *dangra*, *bruxas*, *st.^a catarina*, *branca verga* (Paises Baixos), *ana froll*, *agulhas*, *Rochella*, *praias*, *baiona*, *Ribeira* (costa atlântica da França), *baixo*, *agras mortas*, *Ribeira*, *Ilha de Rex* (costa mediterrânea da França). É na realidade bastante estranho ver um nativo de Dieppe, em trabalho que se destinava ao Rei da Inglaterra, escrever de tal maneira os nomes de locais que lhe deviam ser familiares; a explicação de tal anomalia estará em que Roze deve ter copiado servilmente originais portugueses, muito provàvelmente da autoria do cartógrafo que fez os atlas da Haia e Vallard, pois neles se encontram, com a mesma ortografia, a maioria dos nomes que enumerámos acima. Na nomenclatura costeira dos outros continentes registam-se igualmente termos portugueses ou com portuguesismos, em percentagem muito superior àquela que se vê nas cartas da autoria de Desliens e Desceliers (nas quais predomina a tradução francesa correcta dos topónimos) (15).

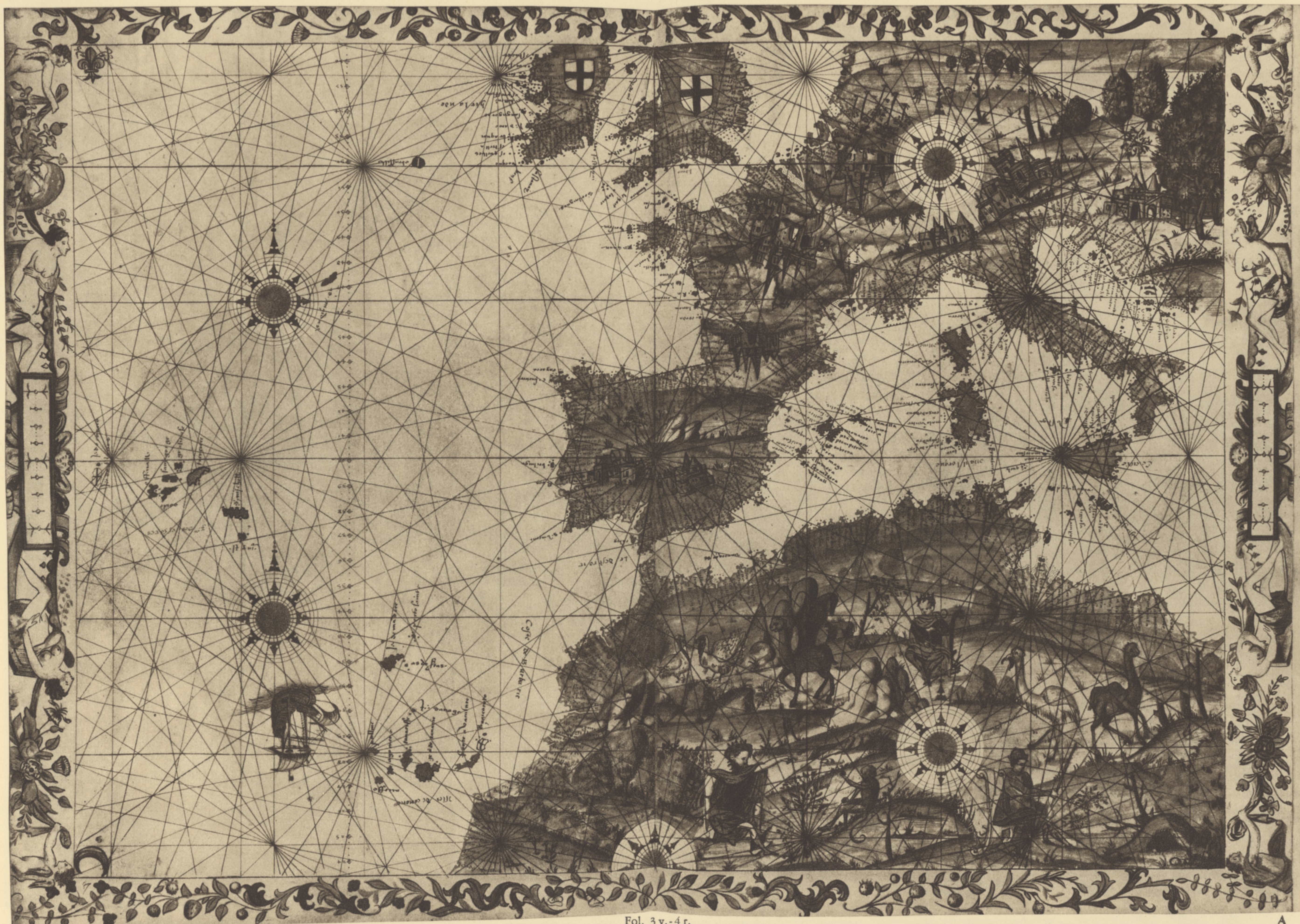
Em conclusão, o atlas de Jehan Roze tem marcas inconfundíveis de ter sido inspirado, em grande parte, nas obras do cartógrafo português que vivia então em França e executou os atlas da Haia e Vallard. Algumas diferenças de traçado e nomenclatura em relação a estes dois atlas explicam-se possìvelmente pelo facto de Roze — que fez o seu atlas em data aproximadamente a meio das datas daquelas obras — ter utilizado originais daquele cartógrafo hoje desaparecidos.

(15) Perante tão grande percentagem de nomes portugueses ou com portuguesismos no atlas de Roze, poderia supor-se que, verificando-se o mesmo facto no atlas Vallard, isso não significaria necessàriamente que o autor deste último fosse português. Deve notar-se, porém, que a maneira como no atlas Vallard estão escritos certos topónimos revela a mão de um português dominando mal a redacção do francês, o que no atlas de Roze não se verifica, pelo menos tão nìtidamente.

The analysis of the nomenclature presents curious and difficult problems. There are two or three types of writing, but we cannot be certain whether they are the work of only one or more individuals: one writing is round and normally larger, closer to that in the atlas in The Hague, and the other is angular and smaller, some charts having only one of these types and others both. The rounded writing is found especially in charts 7, 9, 10 and 11, and the two types are both seen in charts 4 and 5. Apart from the names in larger letters, indicating regions or seas, like those also seen in the atlases of The Hague and Vallard (in Roze's atlas they are in English), the coastal nomenclature presents a great mixture of Portuguese and French. Thus, in the north of Europe we see the names *estrella*, *s.^t gregorio* (Ireland), *cidade velha*, *s.^ta ellena*, *agulhas*, *sorlingos* (England), *frissa*, *dangra*, *bruxas*, *st.^a catarina*, *branca verga* (Holland), *ana froll*, *agulhas*, *Rochella*, *praias*, *baiona*, *Ribeira* (Atlantic coast of France), *baixo*, *agras mortas*, *Ribeira*, *Ilha de Rex* (Mediterranean coast of France). It is indeed strange to see a native of Dieppe, in a work intended for the King of England, writing in this manne the names of places with which he must have been familiar; the explanation of this anomaly must be that Roze slavishly copied Portuguese originals, very probably by the same cartographer as made the Hague and Vallard atlases, because the majority of the names we have enumerated are found in them with the same orthography. In the coastal nomenclature of the other continents Portuguese terms or those with a Portuguese influence are recorded, and their percentage is much higher than in Desliens' and Desceliers' charts (in which the correct French translation of the toponymy predominates) (15).

In conclusion, Jehan Roze's atlas bears unmistakable signs of having been inspired, to a great degree, by the works of the Portuguese cartographer who lived in France at that time and made the atlases of The Hague and of Vallard. Some differences in the drawing and nomenclature in relation to these two atlases are possibly explained by the fact that Roze — who made his atlas at a date approximately halfway between the dates of those two works — utilized originals by that cartographer which have now disappeared.

(15) In view of such a large percentage of Portuguese names or of names with Portuguese influence in Roze's atlas, we might think that, as the same occurs in the Vallard atlas, this does not necessarily mean that the author of the latter was Portuguese. It must, however, be noted that the manner in which some of the place names are written in the Vallard atlas betrays the hand of a Portuguese with little command of French writing, which is not the case in Roze's atlas, at least not so clearly.



Fol. 3 v.-4 r.

A



Fol. 5 v.-6 r.

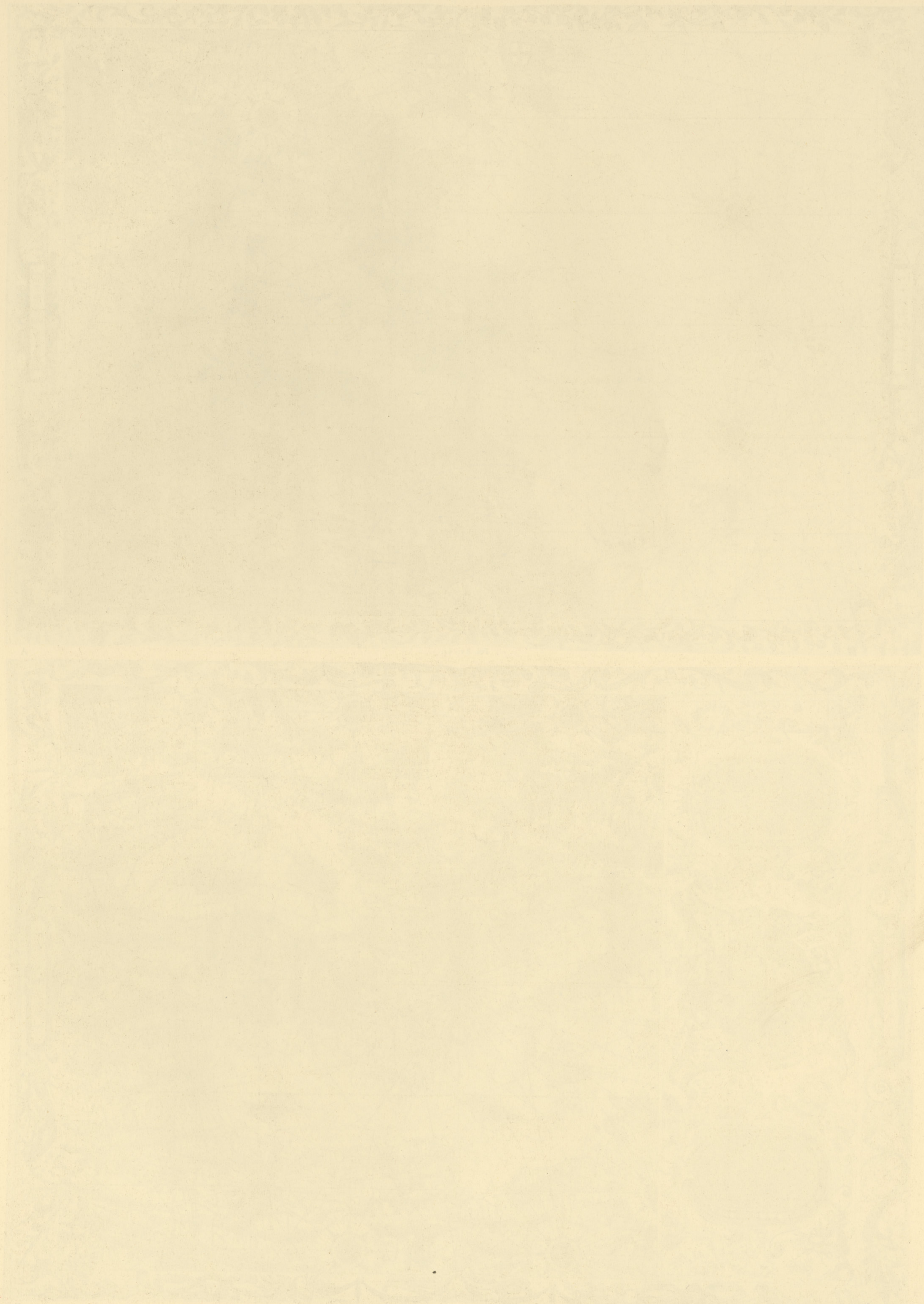
B

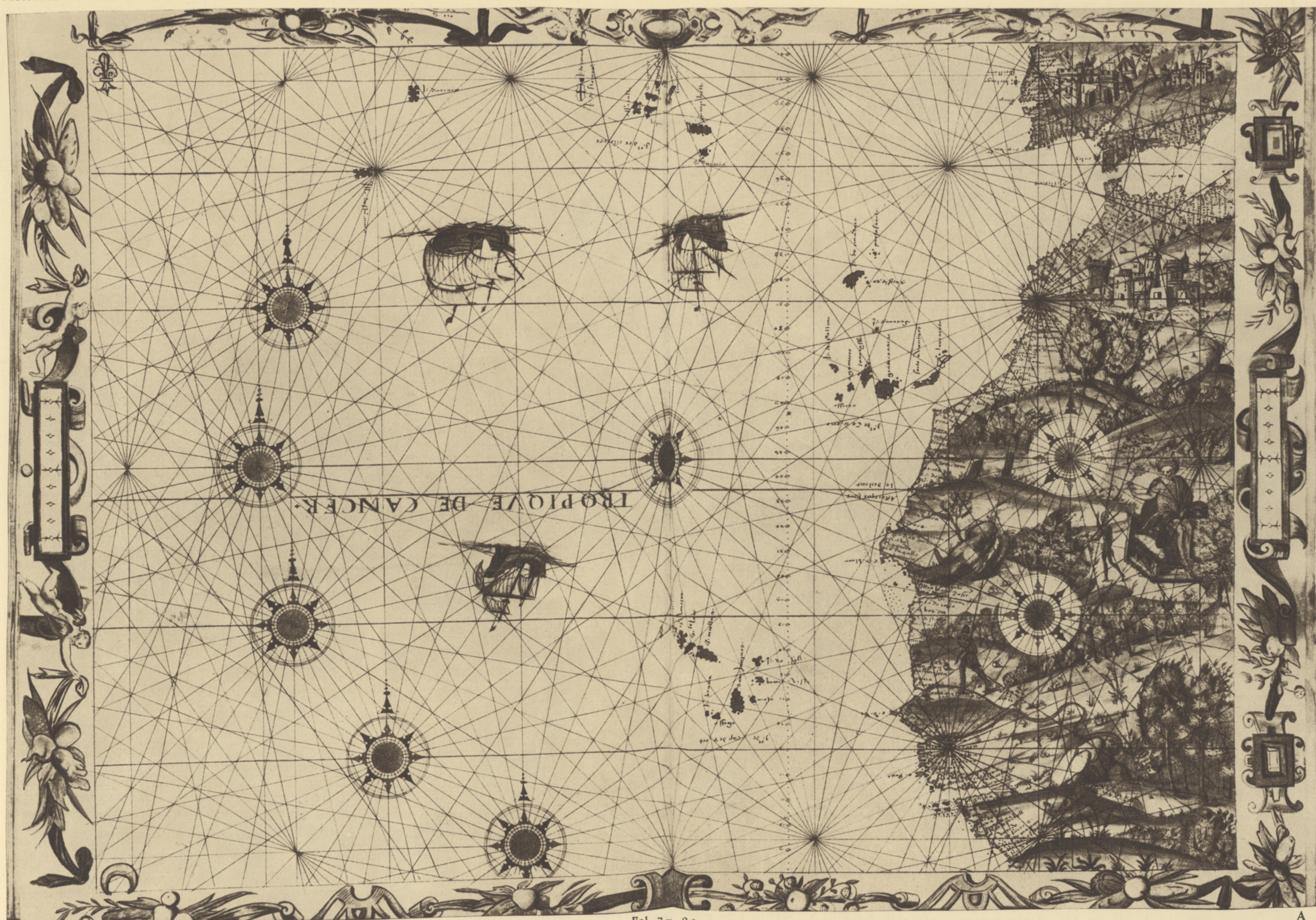
Original 430×620 mm.

ANÓNIMO PORTUGUÊS, c. 1538

Atlas de catorze cartas — Atlas with fourteen charts

Koninklijke Bibliotheek, Den Haag





Fol. 7 v.-8 r.

A

Fol. 9 v.-10 r.

B

Original 430×620 mm.

ANÓNIMO PORTUGUÊS, c. 1538

Atlas de catorze cartas — Atlas with fourteen charts

Koninklijke Bibliotheek, Den Haag



Fol. 11 v.-12 r.

A

Fol. 15 v.-16 r.

B

Original 430×620 mm.

ANÓNIMO PORTUGUÊS, c. 1538

Atlas de catorze cartas — Atlas with fourteen charts

Koninklijke Bibliotheek, Den Haag

B

TROPIQVE DE CANCER

EQVINOCTIAL

Fol. 17v.-18r.

A

TROPIQVE DE CAPRICORNE

EQVINOCTIAL

Fol. 13v.-14r.

Original 430×620 mm.

ANONIMO PORTUGUÊS, c. 1538

Atlas de catorze cartas – Atlas with fourteen charts

Koninklijke Bibliotheek, Den Haag

Fol. 19 v. - 20 r.

A

Fol. 21 v. - 22 r.

B

Original 430×620 mm.

ANÓNIMO PORTUGUÊS, c. 1538

Atlas de catorze cartas – Atlas with fourteen charts

Koninklijke Bibliotheek, Den Haag

Fol. 23 v.-24 r.

A

Original 430×620 mm.

Fol. 25 v.-26 r.

B

ANÓNIMO PORTUGUÊS, c. 1538

Atlas de catorze cartas — Atlas with fourteen charts

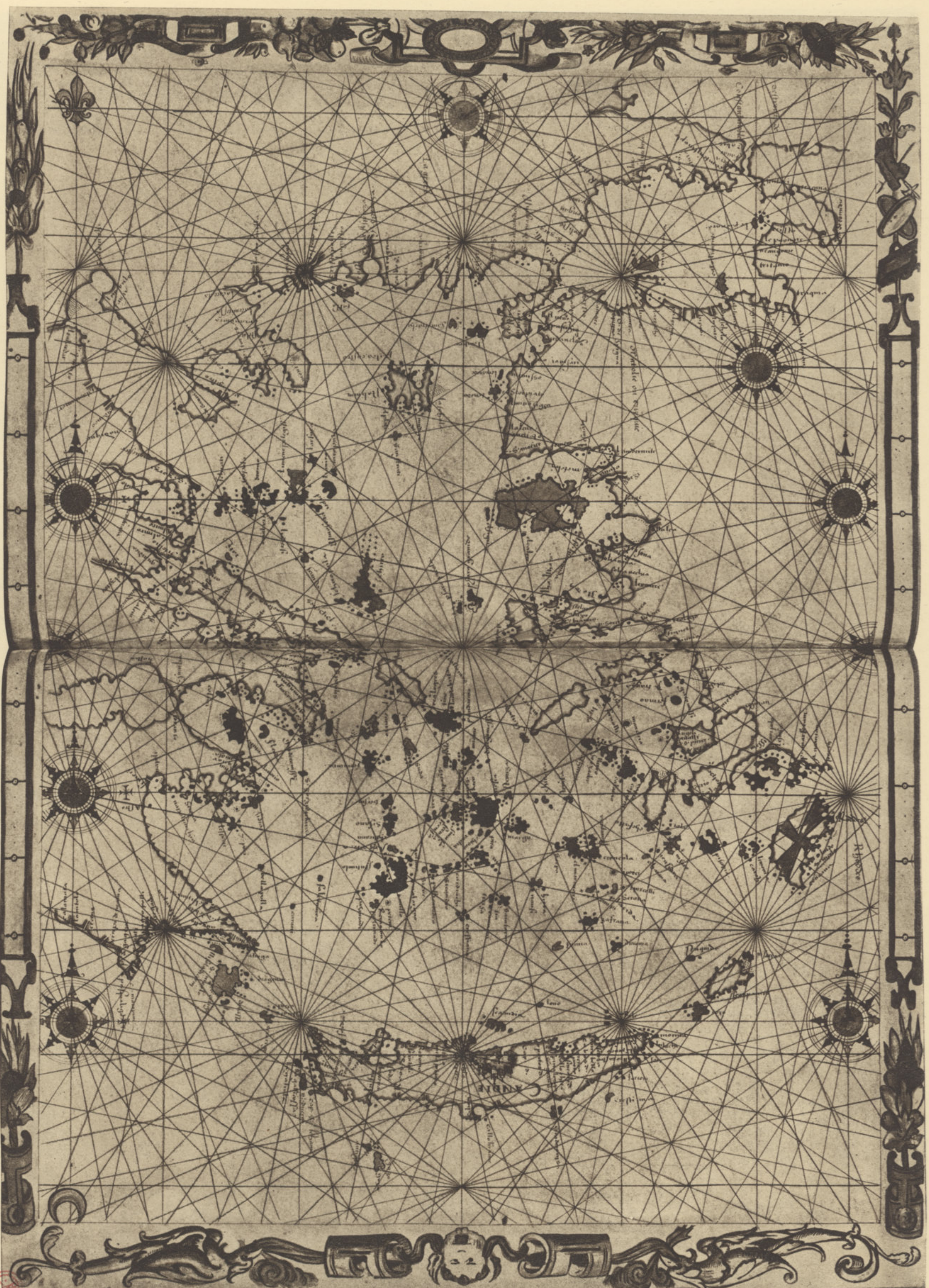
Koninklijke Bibliotheek, Den Haag



Original 430×620 mm.

Fol. 29 v.-30 r.

A



Fol. 27 v.-28 r.

B

ANÓNIMO PORTUGUÊS, c. 1538

Atlas de catorze cartas – Atlas with fourteen charts

Koninklijke Bibliotheek, Den Haag



Terceira Carta — Third Chart

A



Original 392×570 mm.

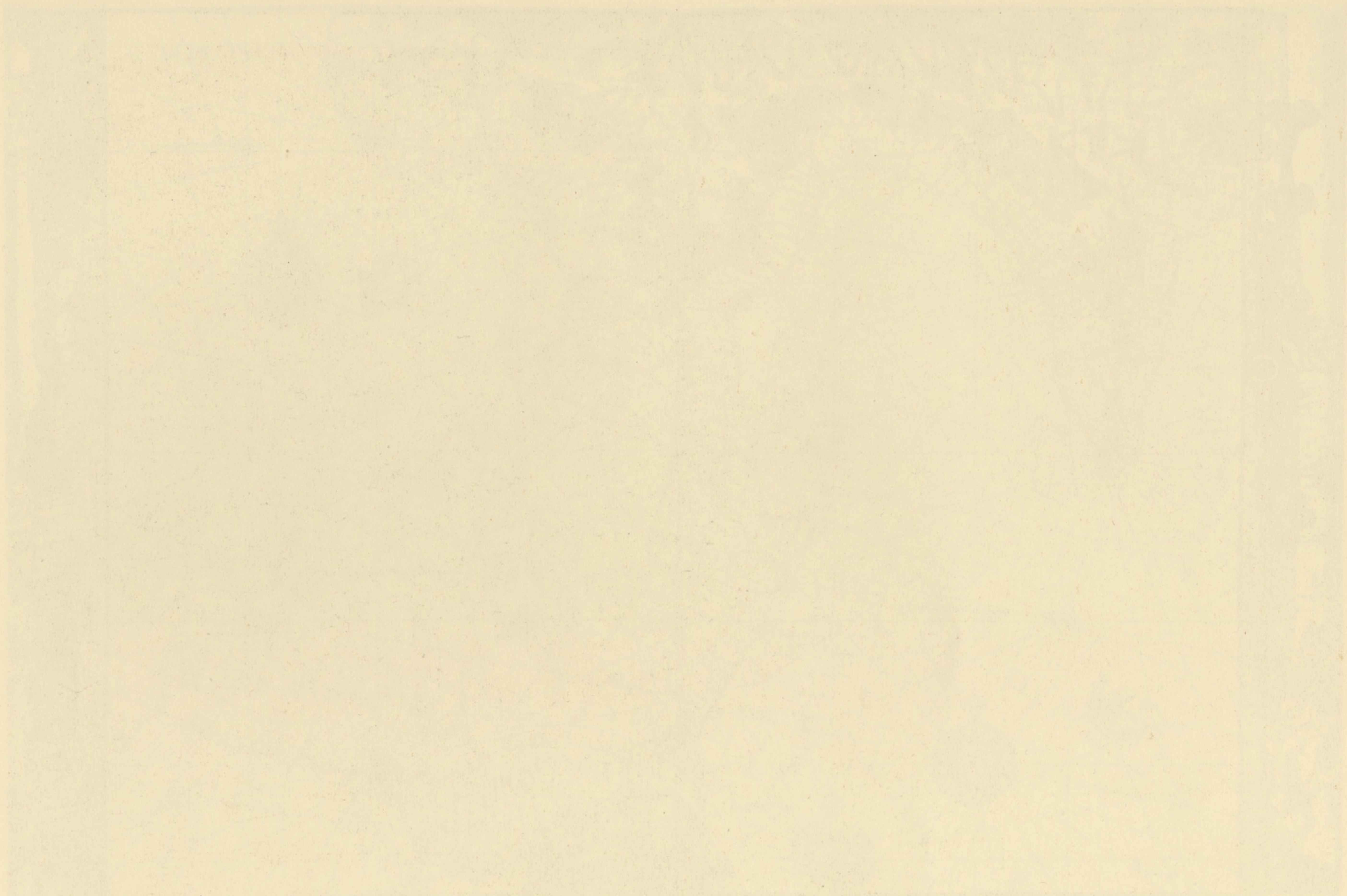
Quinta Carta — Fifth Chart

B

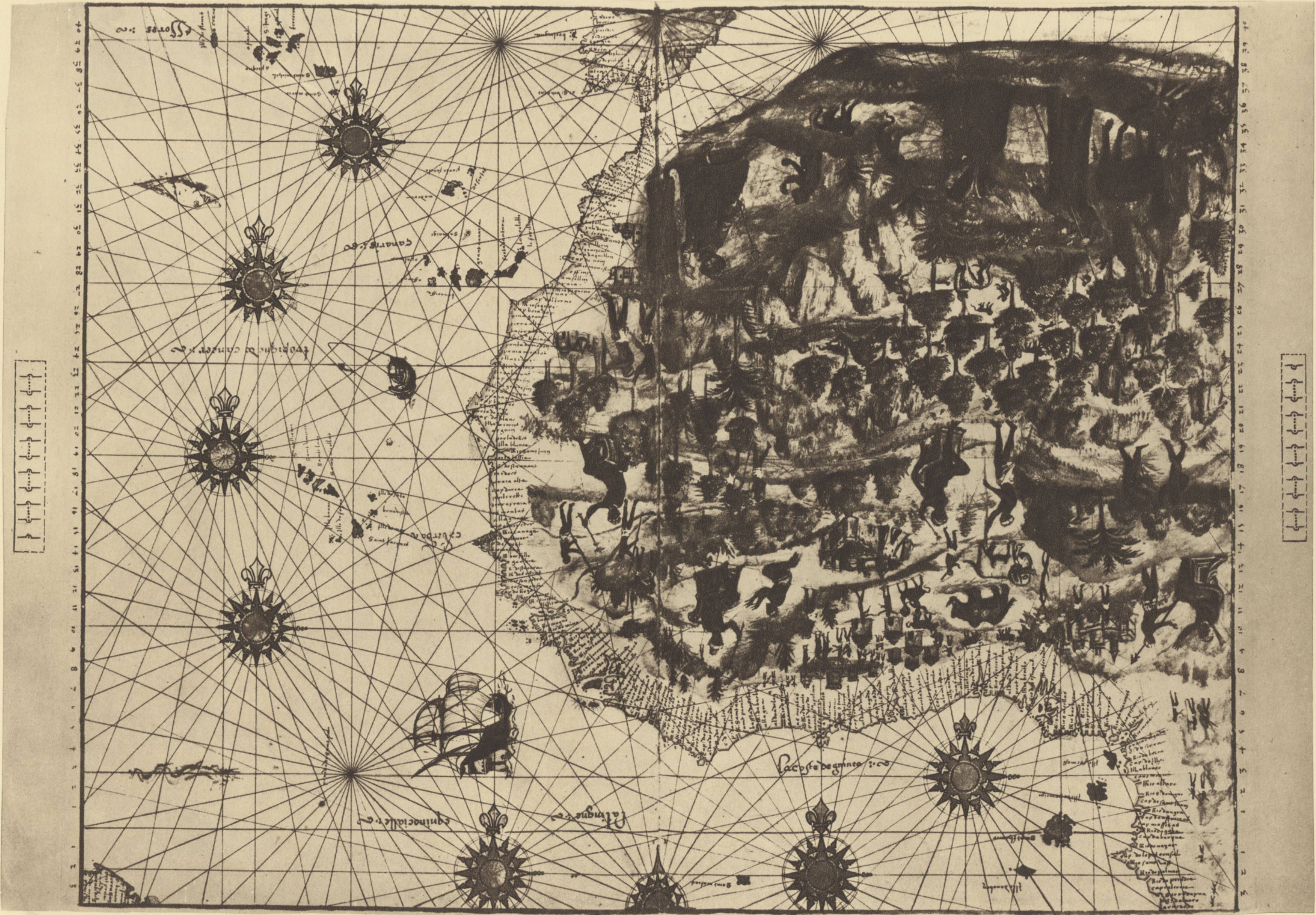
ANÓNIMO PORTUGUÊS, 1547

Atlas Vallard, de quinze cartas — Vallard Atlas, of fifteen charts

Huntington Library, San Marino, California

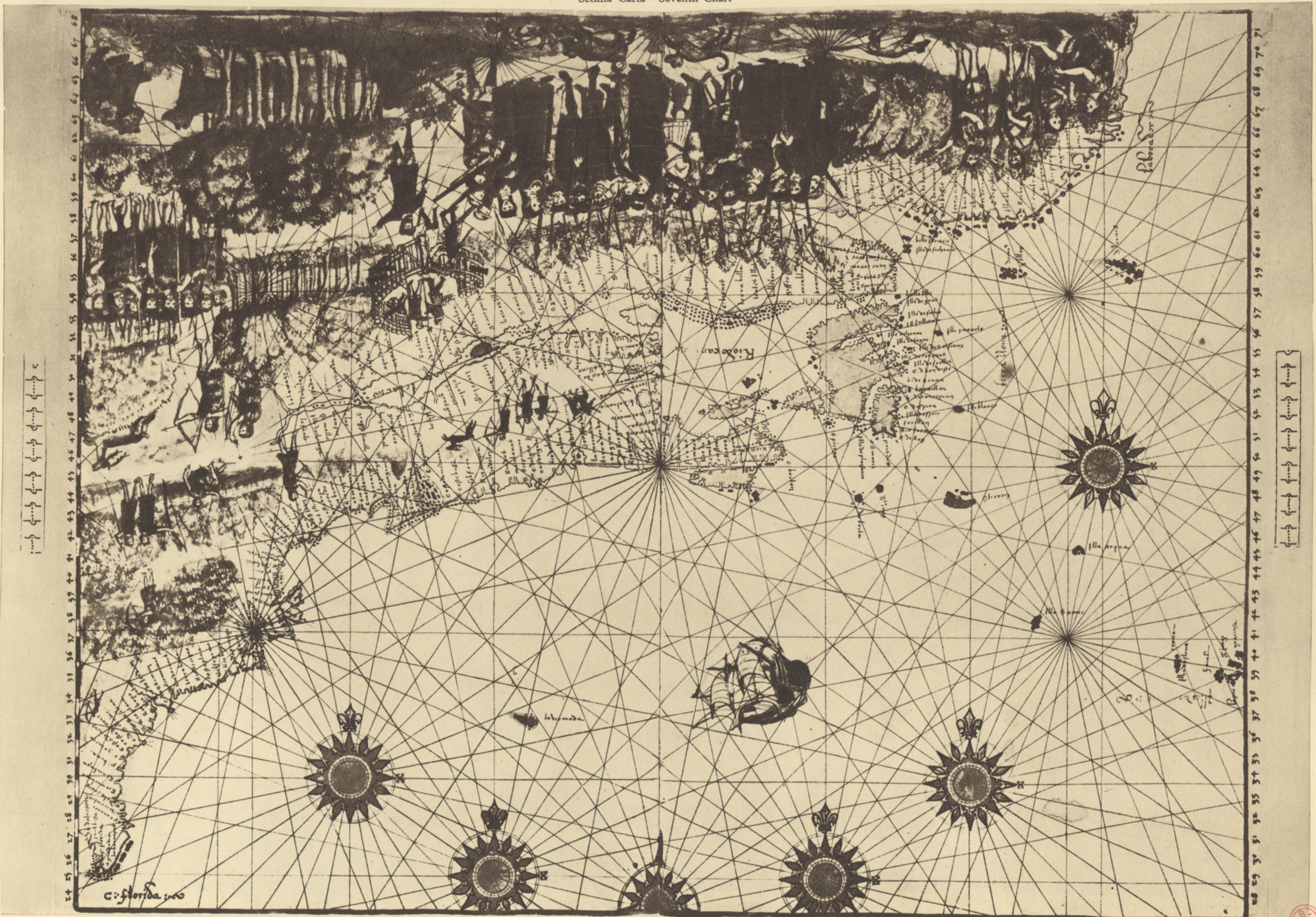






Sétima Carta — Seventh Chart

A



Original 392×570 mm.

Nona Carta — Ninth Chart

B

ANÓNIMO PORTUGUÊS, 1547

Atlas Vallard, de quinze cartas — Vallard Atlas, of fifteen charts

Huntington Library, San Marino, California

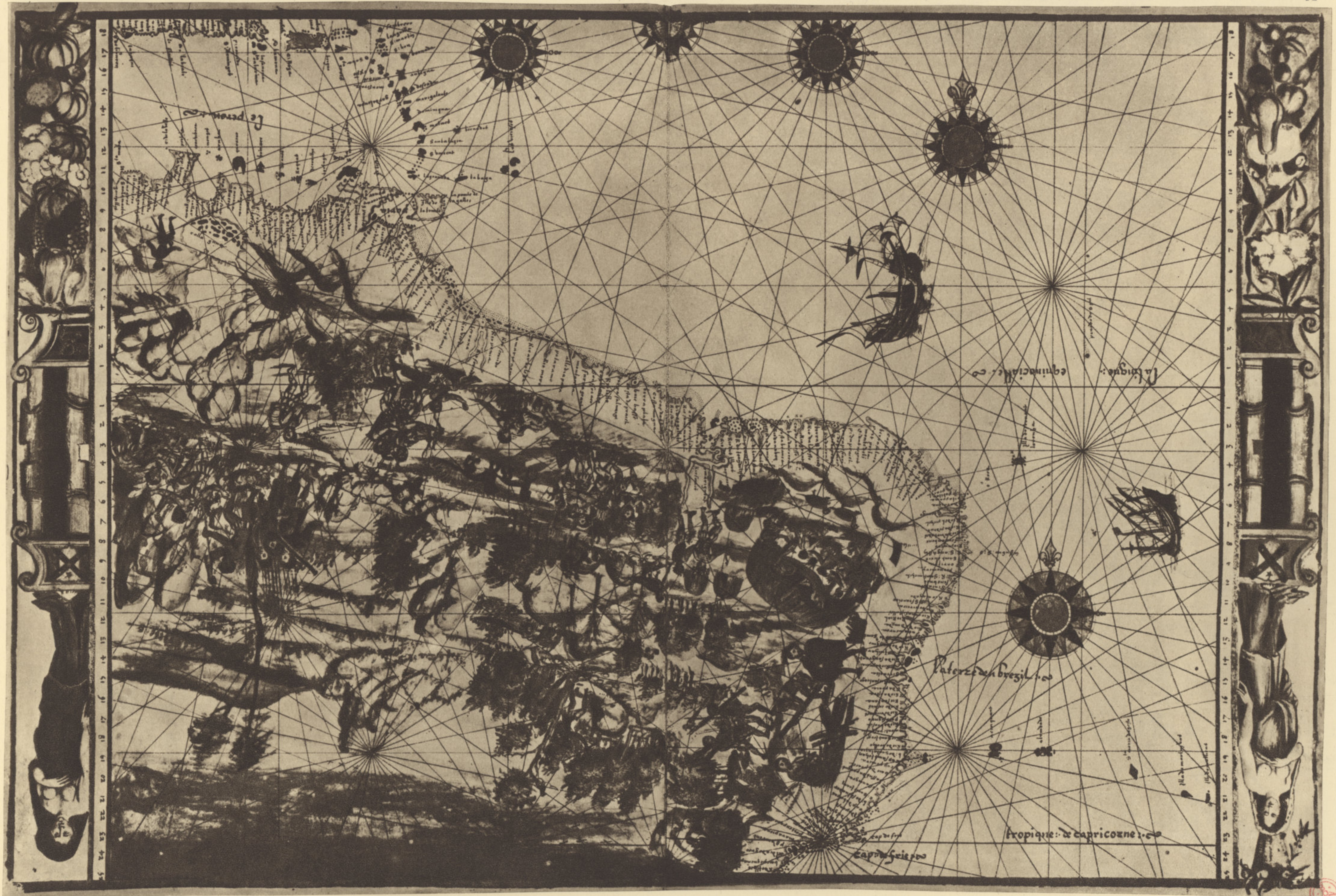






Décima Carta — Tenth Chart

A



Original 392×570 mm.

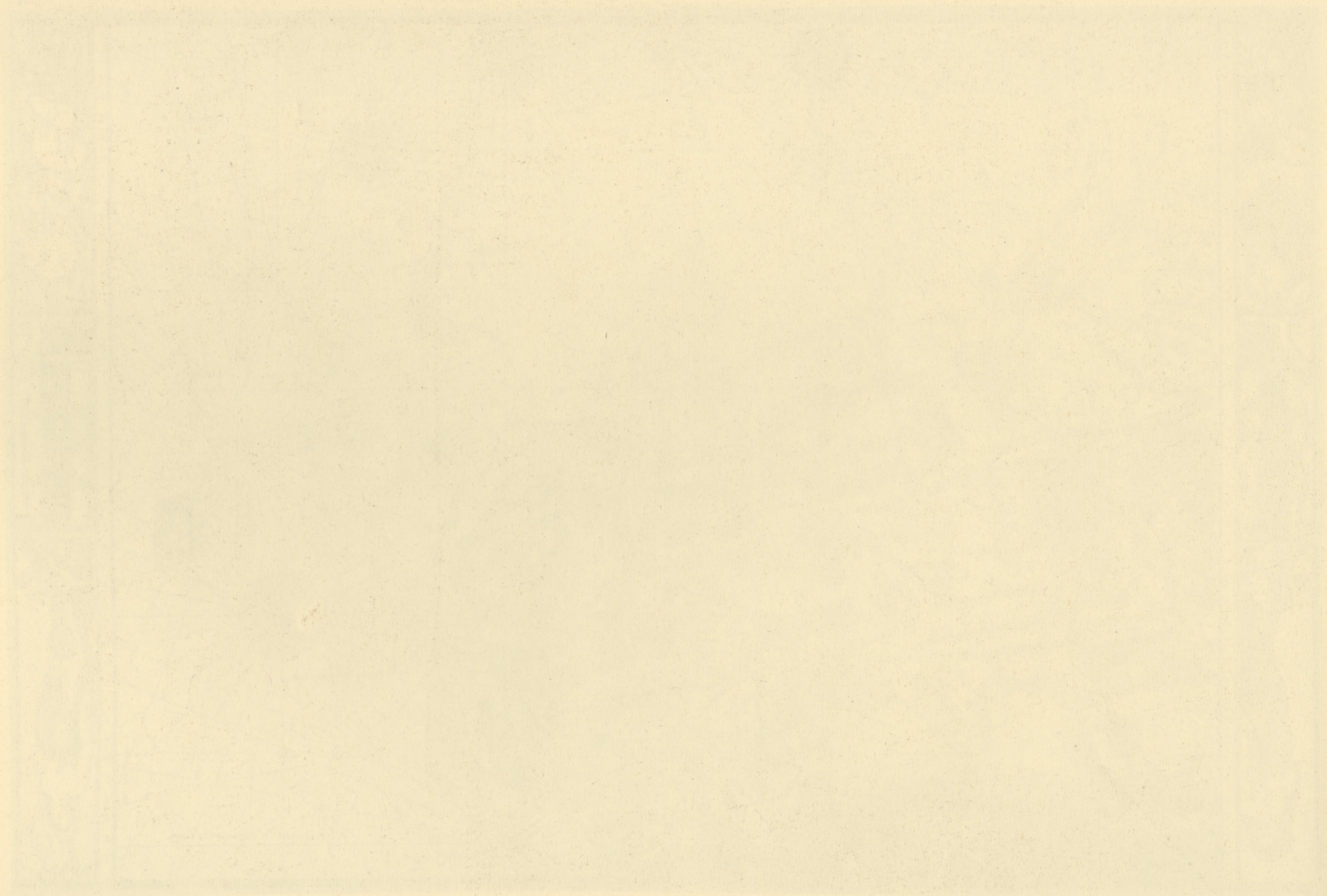
Décima primeira Carta — Eleventh Chart

B

ANÓNIMO PORTUGUÊS, 1547

Atlas Vallard, de quinze cartas — Vallard Atlas, of fifteen charts

Huntington Library, San Marino, California





Oitava Carta – Eighth Chart

A



Original 392×570 mm.

Décima quarta Carta – Fourteenth Chart

B

ANÓNIMO PORTUGUÊS, 1547

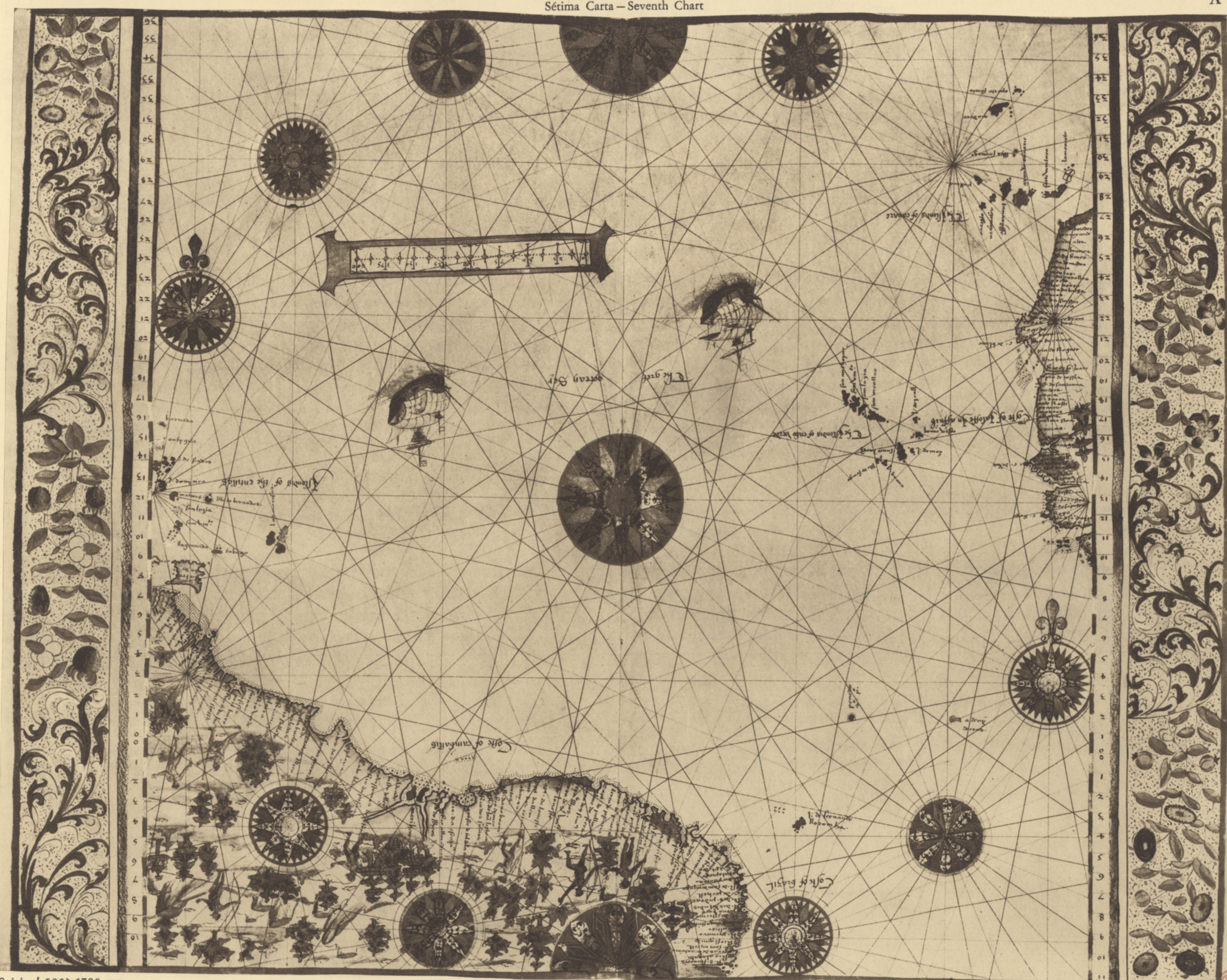
Atlas Vallard, de quinze cartas – Vallard Atlas, of fifteen charts

Huntington Library, San Marino, California



Sétima Carta — Seventh Chart

A



Original 590×780 mm.

Décima Carta — Tenth Chart

B

JEHAN ROZE, 1542

Atlas de doze cartas — Atlas of twelve charts

British Museum, London





CARTOGRAFIA DE PORTUGAL METROPOLITANO NO SÉCULO XVII

A fim de que em *Portugaliae Monumenta Cartographica* ficassem registadas todas as obras cartográficas conhecidas de autores portugueses, até 1700, havia sido projectado, e de facto chegou a ser escrito em português e em inglês, um capítulo para o presente volume, consagrado especialmente a atlas, cartas e plantas do século XVII com qualquer representação de Portugal metropolitano. A falta de espaço levou a reduzir o plano do Vol. V, como inicialmente delineado, sendo sacrificado esse capítulo, de menos interesse geral. Embora esse capítulo seja, também agora, publicado à parte (1), julgamos apropriado incluir neste Apêndice a relação sumária de todas as obras de autores portugueses de que nele se trata, não se referindo os atlas da costa de Portugal de João Teixeira I, 1648, e a carta gravada de Portugal de Pedro Teixeira, 1662, já analisados e reproduzidos no volume IV (2).

Deve salientar-se que, na sua maior parte, as espécies indicadas são obra de arquitectos e engenheiros militares. Quando Filipe II ocupou Portugal houve a necessidade de proteger o litoral português, principalmente contra as incursões inglesas, pelo que foram ordenadas vastas obras de fortificação. Quando se deu a restauração da independência, em 1640, tornou-se necessário, perante a ameaça espanhola, melhorar substancialmente a fortificação de numerosas praças tanto da fronteira como de certas zonas do litoral. Nos dois casos apontados, os arquitectos e engenheiros, para desenharem e implantarem as fortificações, tinham de utilizar as plantas topográficas já existentes ou então procederem eles ao seu levantamento. Desta maneira, a cartografia de Portugal metropolitano no século XVII está ìntimamente relacionada com a engenharia militar. Torna-se em muitos casos difícil estabelecer se um desenho de fortificação, desta época, tem valor cartográfico, a par do seu interesse para a história da arte militar, pois frequentemente trata-se de simples projectos que não foram executados e são desprovidos de detalhes de terreno; por isso citamos todos, visto o seu número não ser excessivo.

Em 1647 verificou-se um facto de consequências importantes na história da cartografia de Portugal: a creação da Aula de Fortificação e Arquitectura Militar, dirigida por Luís Serrão Pimentel, que foi cosmógrafo-mor desde 1641 e engenheiro-mor desde 1663 até ao seu falecimento em 1687. Nessa Aula se formaram numerosos engenheiros portugueses, que deixaram vasta obra cartográfica, sobretudo no século XVIII.

1) *Luís de Figueiredo Falcão, códice com quarenta e três cartas e plantas, 1617*

ESTAMPA 626

Arquivo da Casa Cadaval, Muge, cota «M-VII-26, 831», cartas manuscritas e coloridas, traçadas em papel, de tamanhos variáveis, acompanhadas geralmente de texto explicativo. Dizem respeito, na maior parte, ao litoral português para sul da Nazaré, e baseiam-se sobretudo em levantamentos e desenhos do italiano Alexandre Massai, autor de um códice do mesmo género, datado de 1621, existente no Gabinete de Estudos Olissiponenses, Lisboa («N.º 1160»). Luís de Figueiredo Falcão foi nomeado em 1586 escrivão da Casa da Mina e Índia e em 1609 escrivão da Fazenda Real, tendo morrido antes de 1645.

2) *Pedro Nunes Tinoco, atlas do Priorado do Crato, com vinte e três desenhos, 1620*

Biblioteca do Colégio das Missões Ultramarinas, Sernache do Bonjardim, desenhos de vilas e igrejas do Priorado do Crato, manuscritos e coloridos, traçados em papel, 240 × 370 mm. Pedro Nunes Tinoco iniciou a aprendizagem de arquitecto em 1604, sendo um dos seus mestres João Baptista Lavanha, tendo morrido à volta de 1641.

---

(1) Edição do Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, Secção de Lisboa, também com texto bilingue e estampas, e incluindo igualmente as obras de autores estrangeiros (sobretudo italianos e franceses) que estiveram ao serviço de Portugal nesse período.

(2) Incluem-se também algumas obras que têm cartas relativas a outras áreas, embora de autores cuja produção é sobretudo relativa a Portugal metropolitano.

CARTOGRAPHY OF METROPOLITAN PORTUGAL IN THE XVII CENTURY

In order to record in *Portugaliae Monumenta Cartographica* all the known cartographic works by Portuguese authors up to 1700, a chapter devoted especially to XVII-century atlases, charts and plans with any representation whatsoever of metropolitan Portugal was planned for this volume and has in fact been written, in Portuguese and English. Lack of space led to a reduction of the plan for Vol. V, as originally conceived, and that chapter, of less general interest, had to be sacrificed. Although that chapter is now published separately (1), we think it proper to include in this Appendix a summary account of all the works by Portuguese authors there discussed, excluding the atlases of the coast of Portugal by João Teixeira I, 1648, and Pedro Teixeira's engraved map of Portugal, 1662, already analysed in Volume IV (2).

It must be pointed out that the greater part of the specimens here referred to are the work of architects and military engineers. When Philip II occupied Portugal it became necessary to protect the Portuguese coast, principally against English incursions, by reason of which vast works of fortification were undertaken. When independence was restored in 1640, a substantial improvement in the fortification of numerous fortresses was essential, in face of the Spanish threat, as much on the frontier as on certain regions of the coast. In the two cases referred to, in order to design and build the fortifications, the architects and engineers had to use topographical plans already in existence or else proceed to draft their own. In this way, the cartography of metropolitan Portugal in the XVII century is intimately connected with military engineering. In many cases it is difficult to establish if the drawing of a contemporary fortification has any cartographic value, apart from its interest for the history of military art, because we are frequently dealing only with projects that were never executed and lack topographical details; on this account, as their number is not excessive, we mention all of them.

In 1647 an event of great consequence occurred in the history of the cartography of Portugal: the creation of the School of Fortification and Military Architecture, directed by Luís Serrão Pimentel, who was cosmographer-major from 1641 and engineer-major from 1663 until his death in 1687. The many Portuguese engineers trained at this School left a vast number of cartographic works, chiefly in the XVIII century.

1) *Luís de Figueiredo Falcão, codex with forty-three charts and plans, 1617*

PLATE 626

Archive of the Casa Cadaval, Muge, classmark «M-VII-26, 831», manuscript charts, drawn on paper and coloured, of various sizes, generally accompanied by explanatory text. Most of them refer to the Portuguese coast south of Nazaré, and are based chiefly on the surveys and drawings of the Italian Alexandre Massai, author of a codex of the same kind, dated 1621, preserved in the Gabinete de Estudos Olissiponenses, Lisbon («N.º 1160»). Luís de Figueiredo Falcão was appointed secretary of the Casa da Mina and India in 1586 and secretary of the King's Revenue in 1609, and died before 1645.

2) *Pedro Nunes Tinoco, atlas of the Priory of Crato, with twenty-three drawings, 1620*

Library of the Colégio das Missões Ultramarinas, Sernache do Bonjardim, drawings of towns and churches of the Priory of Crato, manuscript and coloured, drawn on paper, 240 × 370 mm. Pedro Nunes Tinoco began his apprenticeship in architecture in 1604, one of his masters being João Baptista Lavanha, and died about 1641.

---

(1) Published by the Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, Lisbon Section, also with bilingual text and plates, and including works by foreign authors (particularly Italian and French) who were then in the service of Portugal.

(2) Among them are included some works which have charts respecting other areas although by authors whose production chiefly concerns metropolitan Portugal.

3) *[Pedro Nunes] Tinoco, atlas do Brasil com seis cartas, sendo uma de anónimo — João Teixeira Albernaz I, c. 1634*

Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, cota «CAM-5, 9», cartas manuscritas e coloridas, traçadas em papel, de tamanhos variáveis.

4) *João Nunes Tinoco, planta da cidade de Lisboa, 1650*

Original de paradeiro desconhecido, copiado em meados do século XIX. João Nunes Tinoco era filho de Pedro Nunes Tinoco, e tendo começado a aprender arquitectura em 1631, faleceu em 1690 ou pouco antes.

5) *João Nunes Tinoco,* Livro das Praças de Portugal, *com dezasseis plantas, 1663*

Biblioteca da Ajuda, Lisboa, cota «46-XIII-10», plantas manuscritas e coloridas, traçadas em papel, de tamanhos variáveis, encadernadas justamente com cópias, pelo mesmo Tinoco, do atlas do Brasil de João Teixeira I de 1640 e das plantas do *Livro do Estado da Índia Oriental* de Pedro Barreto de Resende, de c. 1636; ocupámo-nos dessas cópias, respectivamente, no vol. IV, p. 129, e no vol. V, p. 67, da presente obra.

6) *Anónimo — João Nunes Tinoco* (?), *duas plantas, c. 1665*

Biblioteca Nacional de Lisboa, cota «Pasta M, n.os 29 e 82», representam o Castelo de Lindoso e o Forte Nossa Senhora da Conceição, sendo manuscritas e coloridas, traçadas em papel, 22 × 32 cm e 32 × 43 cm.

7) *João Teixeira Albernaz I, carta da fronteira do Alentejo, c. 1646*

É gravada, mas só conhecemos o exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa cota «Pasta J, n.º 12», 436 × 595 mm. Por nos ser então desconhecida, não foi incluída, bem como as três cartas que se seguem, na relação das obras de João Teixeira Albernaz I que demos no volume IV, pp. 79-80. Também, ao tratarmos da biografia do cartógrafo, não indicámos dois documentos de 1642, os quais revelam que João Teixeira Albernaz I foi então mandado para o Alentejo a fim de fazer o levantamento das regiões da fronteira (3).

8) *Anónimo — João Teixeira Albernaz I, três cartas de Correições, c. 1640*

Na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, cota «P. I/N.º 17», 490 × 680 mm, representa a Correição da Guarda. As outras duas (Correições de Tomar e Santarém) estão na Biblioteca Nacional de Lisboa, «Pasta M, n.º 81» (558 × 727 mm) e «Pasta O, n.º 52» (481 × 710 mm). São manuscritas e coloridas, traçadas em papel.

9) *Anónimo, carta do Alto Alentejo, c. 1660*

Biblioteca Nacional de Lisboa, cota «Pasta L, n.º 1», manuscrita e colorida, traçada em papel, 38 × 56 cm.

10) *Bartolomeu de Sousa, carta do Alentejo, 1665*

Gravada, só conhecemos o exemplar do Gabinete de Estudos de Fortificação e Obras Militares Antigas, Lisboa, cota «4185-Arm. 1-Prat. 4-P. 7», 410 × 587 mm. O autor talvez seja o arquitecto Bartolomeu de Sousa, acerca do qual se conhecem documentos de 1655. A gravura é de João Baptista e Felix da Costa.

11) *Anónimo, três plantas de Angra (Ilha Terceira), 1589*

Archivo General de Simancas, cotas «XV-35, 36, 37», manuscritas e coloridas, traçadas em papel, de tamanhos vários, representam fortificações.

12) *Anónimo, duas plantas de Monsarás e Castelo Branco, c. 1655*

Biblioteca Nacional de Lisboa, cotas «Pasta M, n.os 33 e 34», manuscritas e coloridas, traçadas em papel, 178 × 225 mm e 168 × 225 mm.

(3) Documentos publicados por Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda, *Historia organica e politica do Exercito Portuguez — Provas*, Vol. VIII, pp. 633-4. Lisboa 1919.

3) *[Pedro Nunes] Tinoco, atlas of Brazil with six charts, one of them anonymous — João Teixeira Albernaz I, c. 1634*

Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, classmark «CAM-5, 9», manuscript and coloured, drawn on paper, of various sizes.

4) *João Nunes Tinoco, plan of the City of Lisbon, 1650*

The whereabouts of the original are unknown, copied mid-XIX century. João Nunes Tinoco, the son of Pedro Nunes Tinoco, started learning architecture in 1631, and died in 1690 or a little before.

5) *João Nunes Tinoco,* Livro das Praças de Portugal, *with sixteen plans, 1663*

Biblioteca da Ajuda, Lisbon, classmark «46-XIII-10», plans in manuscript and coloured, drawn on paper, of various sizes, bound together with copies, by the same Tinoco, of João Teixeira I's atlas of Brazil of 1640 and the plans of the *Livro do Estado da Índia Oriental* by Pedro Barreto de Resende, of c. 1636; we discuss these copies in Vol. IV, p. 129, and Vol. V, p. 67, respectively, of the present work.

6) *Anonymous — João Nunes Tinoco* (?), *two plans, c. 1665*

Biblioteca Nacional, Lisbon, classmark «Pasta M, n.os 29 e 82», they representing the Castle of Lindoso and Fort Nossa Senhora da Conceição, manuscript and coloured, drawn on paper, 22 × 32 cm and 32 × 43 cm.

7) *João Teixeira Albernaz I, chart of the frontier of Alentejo, c. 1646*

It is engraved, but we only know of the impression in the Biblioteca Nacional, Lisbon, classmark «Pasta J, n.º 12», 436 × 595 mm. As, like the three following maps, it was then unknown to us, it was not included in the account we gave of João Teixeira Albernaz I's works in Volume IV, pp. 79-80. Also, when writing the cartographer's biography, we did not mention two documents of 1642, which reveal that João Teixeira Albernaz I was at that time ordered to Alentejo to make a survey of the frontier regions (3).

8) *Anonymous — João Teixeira Albernaz I, three charts of Correições, c. 1640*

In the Biblioteca Pública e Arquivo Distrital, Évora, classmark «P. I/N.º 17», 490 × 680 mm, it represents the *Correição* of Guarda. The other two (*Correições* of Tomar and Santarém) are in the Biblioteca Nacional, Lisbon, «Pasta M, n.º 81» (558 × 727 mm) and «Pasta O, n.º 52» (481 × 710 mm). They are in manuscript and coloured, drawn on paper.

9) *Anonymous, chart of Alto Alentejo, c. 1660*

Biblioteca Nacional, Lisbon, classmark «Pasta L, n.º 1», manuscript and coloured, drawn on paper, 38 × 56 cm.

10) *Bartolomeu de Sousa, chart of Alentejo, 1665*

Engraved. We know only of the impression in the Gabinete de Estudos de Fortificação e Obras Militares Antigas, Lisbon, classmark «4185-Arm. 1-Prat. 4-P. 7», 410 × 587 mm. The author was perhaps the architect Bartolomeu de Sousa, about whom documents of 1655 are known. The engraving is by João Baptista and Felix da Costa.

11) *Anonymous, three plans of Angra (Terceira Island), 1589*

Archivo General, Simancas, classmarks «XV-35, 36, 37», manuscript and coloured, drawn on paper, of various sizes, representing fortifications.

12) *Anonymous, two plans of Monsarás and Castelo Branco, c. 1655*

Biblioteca Nacional, Lisbon, classmarks «Pasta M, n.os 33 e 34», manuscript and coloured, drawn on paper, 178 × 225 mm and 168 × 225 mm.

(3) Documents published by Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda, *Historia organica e politica do Exercito Portuguez — Provas*, Vol. VIII, pp. 633-4. Lisboa 1919.



Fol. 108 r.

Original 541×786 mm.

LUÍS DE FIGUEIREDO FALCÃO, 1617

Códice com quarenta e três cartas — Codex with fourty three charts

Casa Cadaval, Muge

13) *António Correia Pinto e anónimos, catorze desenhos de fortificações, c. 1668*

Österreichische Nationalbibliothek, Viena, cota «Atlas Stosch, n.os 203/1, 498, 502, 504, 506, 515, 200, 496, 500, 508, 598, 499, 509, 510», manuscritos e coloridos, traçados em papel, de vários tamanhos, só um estando assinado e outro datado, de vários autores. Conhecem-se documentos de 1666 e 1668 relativos ao engenheiro António Correia Pinto.

14) *Diogo Pardo de Osório, três plantas, c. 1675*

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cota «CAM-1, 7, fl. CLV», manuscritas e coloridas, traçadas em papel, de tamanhos vários, representam Vila Nova de Milfontes e Ilha do Pessegueiro. São conhecidos documentos de 1659 a 1676 sobre a actividade do engenheiro Diogo Pardo de Osório.

15) *João Roiz Mouro e Mateus do Couto, códice com cinquenta e cinco plantas, 1693*

Arquivo da Casa Cadaval, Muge, cota «M-VII-25, 829», plantas manuscritas e coloridas, traçadas em papel, de tamanhos vários, representando fortificações costeiras, e uma carta (416 × 1.716 mm) da costa entre o Rio de Leiria e Vila Nova de Milfontes. João Roiz Mouro serviu como engenheiro em fins do século XVII e começos do XVIII. Mateus do Couto iniciou a aprendizagem de arquitecto em 1647 e faleceu à volta de 1696.

16) *Lucas Ferreira Simões, planta de Monterrey e Brin, fins do século XVII*

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cota «CAM-1, 7, fl. 495», manuscrita, traçada à pena em papel, 328 × 515 mm. Conhece-se um documento de 1674 nomeando Lucas Ferreira Simões ajudante de engenheiro.

13) *António Correia Pinto and anonymous, fourteen drawings of fortifications, c. 1668*

Österreichische Nationalbibliothek, Vienna, classmark «Atlas Stosch, n.os 203/1, 498, 502, 504, 506, 515, 200, 496, 500, 508, 598, 499, 509, 510», manuscript and coloured, drawn on paper, of various sizes, only one being signed and another dated, by various authors. We know of documents of 1666 and 1668 respecting the engineer António Correia Pinto.

14) *Diogo Pardo de Osório, three plans, c. 1675*

Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, classmark «CAM-1, 7, fl. CLV», manuscript and coloured, drawn on paper, of various sizes, representing Vila Nova de Milfontes and Ilha do Pessegueiro. Documents are known from 1659 to 1676 on the activities of the engineer Diogo Pardo de Osório.

15) *João Roiz Mouro and Mateus do Couto, codex with fifty-five plans, 1693*

Archive of Casa Cadaval, Muge, classmark «M-VII-25, 829», plans in manuscript and coloured, drawn on paper, of various sizes, representing coastal fortifications, and a chart (416 × 1,716 mm) of the coast between the River Leiria and Vila Nova de Milfontes. João Roiz Mouro served as an engineer at the end of the XVII century and beginning of the XVIII. Mateus do Couto started his apprenticeship in architecture in 1647 and died about 1696.

16) *Lucas Ferreira Simões, plan of Monterrey and Brin, end of the XVII century*

Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, classmark «CAM-1, 7, fl. 495», manuscript, drawn in ink on paper, 328 × 515 mm. A document of 1647 is known appointing Lucas Ferreira Simões as assistant engineer.

DOIS NOVOS DOCUMENTOS SOBRE OS REINÉIS

REFERIMO-NOS, na *Introdução Geral*, à «descoberta de dois documentos, de alto interesse, sobre as tentativas dos espanhóis para empregar os dois Reinéis ao seu serviço», e prometemos publicá-los e comentá-los num Apêndice, pois o texto que havíamos escrito sobre estes dois cartógrafos já estava então impresso (Vol. I, pp. xxxvii-xxxviii). Nesse texto dissemos: «O nome de Pedro Reinel aparece, associado com o de seu filho, a propósito de certas manobras tortuosas durante os preliminares da grande viagem de Magalhães em 1519», e novamente depois do regresso, em Setembro de 1522, do único navio da sua esquadra (Vol. I, pp. 19-21).

Segundo Herrera, os dois cartógrafos portugueses tinham estado ao serviço de Espanha, o que teria acontecido em 1522. Já mostrámos que os espanhóis não foram bem sucedidos nas suas tentativas para conseguir os dois cartógrafos e que o cronista espanhol se queria referir a 1524. Isto é confirmado pelos dois documentos agora revelados: duas cédulas reais datadas de 27 de Maio de 1524, uma referente a Pedro Reinel, e outra, exactamente nas mesmas palavras, a seu filho Jorge. Dizem elas:

«Nr̃os oficiales que resydis en la cibdad de Sevilla en la casa de la contratación de las Indias, Sabed que my merced e voluntad es de tomar e recebir por nr̃o maestro de hazer cartas e astrolabios y otros yngenios para la navegación a Pedro Reynel portugues e que aya e tenga de nos de salario en cada un año con el dho oficio en esa casa treinta y cinco mill mr̃s por ende yo vos mando que lo pongades e acentades asy en los nr̃os libros que vosotros teneys e le libreys e pagueys los dhos treynta y cinco mill mr̃s este presente año desdel dia de la fecha desta my cedula hasta enfin del e dende en adelante en cada un año a los tiempos e segund y como y quando libraredes e pagaredes a los otros nr̃os maestros de hazer cartas y astrolabios que de nos tienen los semejantes mr̃s que con carta de pago del dho Pedro Reynel e con el traslado synado desta my cedula mando que vos sean recebidos y pasados en cuenta los dhos treynta y cinco mill mrs a vos el nro thr^{o} de la dha casa en cada un año y asentad el traslado desta my cedula en los libros desa casa y sobre escrita y librada de vosotros este original volved al dho Pedro Reynel para que lo el tenga e lo en el contenydo aya cumplido efecto e no fagades ende al. Fecha en Burgos a veynte y sete dias del mes de mayo de mill e qui^{os} y veynte y quatro años. Yo el Rey. Por mandado de su Mag^{d} Fran^{co} de los Cobos». A cédula semelhante, e da mesma data, atribuía a Pedro Reinel apenas 30.000 maravedis.

Os dois documentos encontram-se no Archivo de Indias, Sevilha, «Indiferente General 1204», e foram estudados pelo Professor L. A. Vigneras, que deles nos enviou cópia em Maio de 1959. Perderam-se os originais destas duas cédulas, que os Reinéis mostraram imediatamente às autoridades portuguesas. Mas sabemos delas porque em 1533 Diego Gutiérrez pediu para ser nomeado cosmógrafo da Casa de la Contratación (como de facto foi nomeado em 1534) e juntou à sua petição cópias das duas cédulas. Nessa petição Gutiérrez diz: «assymismo hago presentacion de dos cedulas de V. Alteza en que por ellas manda dar a dos portugueses padre e hijo sesenta e cinco mill mrs los quales no quisyeron acebtar los dhos salarios ni usar los dhos oficios». O Prof. Vigneras também nos enviou cópia desta parte da nota de Gutiérrez, com o seguinte comentário: «As duas cédulas foram reenviadas a Carlos V por Diego Gutiérrez dez anos mais tarde ... Elas — e a carta de Gutiérrez para o Rei — provam fora de dúvida: 1) que durante as conversações de Badajoz-Elvas havia sido feita uma oferta aos Reinéis; 2) que eles recusaram a oferta e mantiveram-se leais a Portugal».

Estes documentos confirmam as conclusões a que havíamos chegado em 1935 (A. Cortesão, *Cartografia*, Vol. I, pp. 254-5) e aqui (Vol. I, p. 20). José Pulido Rubio, a quem devemos o informe sobre a petição de Gutiérrez e sua subsequente nomeação como cosmógrafo da Casa em 1534, só acidentalmente menciona as duas cédulas de 27 de Maio de 1524. *El Piloto Mayor de la Casa de la Contratación de Sevilla*, p. 304. Sevilla 1950.

TWO NEW DOCUMENTS ABOUT THE REINELS

WE have referred, in the *General Introduction*, to «the discovery of two most interesting documents about attempts to entice the two Reinels into Spanish service», and promised to reproduce and comment on them in an Appendix, because the text we had written on these two cartographers had already been printed (Vol. I, pp. xxxvii-xxxviii). In that text we said: «The name of Pedro Reinel appears, associated with that of his son, in connection with some tortuous manoeuvres surrounding the preparations for Magellan's famous voyage in 1519», and again after the return of the only surviving ship of his fleet in September 1522 (Vol. I, pp. 19-21).

Herrera asserted that the two Portuguese cartographers had been engaged in the service of Spain and that this had taken place in 1522. We showed that the Spaniards had not been successful in their attempts to engage the two cartographers and that the Spanish chronicler meant 1524. This is confirmed by the two documents now brought to light. They are two royal *cédulas* dated 27 May 1524, one referring to Pedro Reinel and another, in exactly the same words, to his son Jorge. They read:

«To our officials who reside in the city of Seville in the Casa de la Contratación of the Indies, be it known that it is my pleasure and will that you should take and receive the Portuguese Pedro Reinel as our master of making charts, astrolabes and other instruments needed for navigation, and that he have from us, in each year that he holds the said office in that Casa, the salary of thirty-five thousand maravedis, in this present year from the day of the date of this my *cédula* until the end of it and from them on each year, at the time and according to the manner you credit and pay our other masters of making charts and astrolabes, who receive from us as many maravedis, which, with an order of payment from the said Pedro Reinel and a signed copy of this my *cédula*, I command you, our treasurer of the said Casa, to write down in your accounts and pay the said thirty-five thousand maravedis, and place a signed copy of this my *cédula* in the books of that Casa, and then return this original to the said Pedro Reinel so that he has it, and that what is contained in it be duly done, and not otherwise. Done in Burgos on the twenty-seventh day of the month of May of the year one thousand five hundred and twenty four. I the King. By the command of His Majesty, Francisco de los Cobos». The similar *cédula*, of the same date, delivered to Jorge Reinel grants him only 30,000 maravedis.

The two documents are preserved in the Archivo de Indias, Seville, «Indiferente General 1204», and were studied by Professor L. A. Vigneras, who sent copies to us in May 1959. The originals of these two *cédulas*, which the Reinels immediately showed to the Portuguese authorities, are lost. But we know of them because in 1533 Diego Gutiérrez petitioned for the appointment of cosmographer of the Casa de la Contratación (which he received in 1534) and added to his petition copies of the two *cédulas*. In his petition Gutiérrez says: «I also present two *cédulas* of Your Highness by which you order that sixty-five thousand maravedis should be given to two Portuguese, father and son, but they did not accept the said salaries nor exercise the said offices». Professor Vigneras also sent us a copy of this part of Gutiérrez' note, with the following comment: «The two *cédulas* were returned ten years later to Carlos V by Diego Gutiérrez ... They — and Gutiérrez' letter to the King — prove beyond doubt: 1) that an offer had been made to the Reinels during the Badajoz-Elvas talks; 2) that they turned down the offer and remained loyal to Portugal».

These documents confirm the conclusions which we had reached in 1935 (A. Cortesão, *Cartografia*, Vol. I, pp. 254-5) and here (Vol. I, p. 20). José Pulido Rubio, to whom we owe the information about Gutiérrez' petition and subsequent appointment as cosmographer of the Casa in 1534, only incidentally mentions the two *cédulas* of 27 May 1524. *El Piloto Mayor de la Casa de la Contratación de Sevilla*, p. 304. Sevilla 1950.

APÊNDICE V

ICONOGRAFIA DE DOM JOÃO DE CASTRO

POR

LUÍS REIS-SANTOS

INTRODUÇÃO

OS protótipos das principais espécies iconográficas do glorioso Dom João de Castro são os retratos quinhentistas esboçados por Gaspar Correia: o da Galeria dos Vice-Reis em Nova Goa; o das *Lendas da India;* e o do *Livro de Lizuarte de Abreu.*

O mais antigo, executado cerca de 1547, desenhado pelo famoso cronista, e pintado com a colaboração de um artista goense «que tinha grande natural» (Icon. N.º 1; Vol. I, Fig. 14 F), deve parecer-se com o retratado, bem como os outros da mesma série, pois — assim o afirma o próprio autor das *Lendas da India* —: «quem os *primeiro* vio em ven*do* sua pintura *logo* os conhecia» (1).

Confundindo esta série de retratos dos Vice-Reis e dos Governadores da Índia Portuguesa, começada em 1547, por iniciativa de D. João de Castro, com os painéis originais das Armadas, que a incúria deixou perder irremediàvelmente (2), supôs-se que aqueles já não existiam.

Felizmente, porém, assim não é: os que ainda se conservam na respectiva galeria são os da primitiva, que vários «restauros» e desastradas repinturas alteraram e desfiguraram completamente.

Desses «restauros» parece que os dois mais perniciosos foram: o levado a efeito em meados do século XVIII, e o praticado, inabilmente, em 1894, por Manuel de Oliveira Gomes da Costa, então ajudante do Governador.

O primeiro «em vez de conservar aos Vice-Reis as armas e trajes da época em que cada um d'elles governou — informa Luís Gonçalves — transformou tudo pintando-os com costumes e armaduras d'esse século»; e o segundo «se restituiu a alguns dos retratos a sua primitiva cor e feição, alterou muitos outros em especial os treze pintados em 1547». «O seu aspecto actual — diz ainda o mesmo escritor, no fim do século passado — é muito diverso do descripto por Gaspar Corrêa, o que se pode verificar melhor pelo confronto de todos esses retratos com as copias photographicas dos S^{res} Souza & Paul que precederam àquela restauração» (3); e ainda melhor — direi eu — comparando as fotografias tiradas antes, durante e depois da operação de limpeza a que foi submetido o retrato de D. João de Castro, em 1954-56, na Oficina de Beneficiação de Pintura, anexa ao Museu Nacional de Arte Antiga, de Lisboa (4). Neste último tratamento Mestre Fernando Mardel, com sua habitual perícia e reconhecida probidade, restituiu tanto quanto possível o referido retrato, à expressão, à composição, ao desenho e à cor da primitiva.

E assim se readquiriu o mais antigo retrato conhecido, executado «per natural», e decerto o mais fiel, do quarto e famoso Vice-Rei, «Castro forte» — no dizer de Camões — «libertador», «que o estandarte Português terá sempre levantado» (5).

Foi deste protótipo que derivou, directamente, a composição do manuscrito do *Breve Tratado ou Epilogo* de Pedro Barreto de Resende (Icon. N.º 2).

(1) Gaspar Correia. *Lendas da India,* Livro IV, Tomo IV, parte II, p. 597. Lisboa 1866. *Portugaliae Monumenta Cartographica,* Vol. I, pp. 130-2.

(2) «Os Paineis das armadas que estauão nesta casa da fortaleza apodreserão todos, e tirarão-çe, não ficou disto memoria, ha tres annos que labuto com o Viso Rey sobre se renouarem, até que depois destas naos vindas o acabey com elle, encommendou-me isto, e tenho já feito de hum mez para quá, mais de, cem Paineis de tintas muito boas, que faz o pintor Godinho, e porque o painel da primeira armada, em que o Senhor Conde Almirante veio descobrir a India, era muito pequeno, e acanhado, como se aquele capitão não fizera um dos mores feitos do mundo, mandei-lhe fazer um painel tamanho com os dous dos outros em que lhe puz letreiros que merece». Carta de Diogo do Couto para D. Francisco da Gama, datada de 6 de Janeiro de 1616 (publicada por António Lourenço Caminha, *Obras Ineditas de Diogo do Couto,* Lisboa 1808, e por Frazão de Vasconcelos, *As Pinturas das Armadas da Índia e outras representações artisticas de navios portugueses do século XVI,* pp. 16 e 39, Lisboa 1941). Acerca dos paineis das Armadas, vide também: Fr. João dos Santos. *Ethiopia Oriental,* Évora 1609, reed., Vol. I, pp. 277-280, Lisboa 1892.

(3) Luiz Gonçalves, *Telas e Esculpturas da Cidade de Goa,* p. 51. Bastorá 1898.

(4) *Portugaliae Monumenta Cartographica,* Vol. I, p. 131, Fig. 14 D, E e F.

(5) Luís de Camões, *Os Lusíadas,* Cantos I, 14 e X, 67 e 69.

APPENDIX V

ICONOGRAPHY OF D. JOÃO DE CASTRO

BY

LUÍS REIS-SANTOS

INTRODUCTION

THE prototypes of the chief iconographic representations of the renowned D. João de Castro are the XVI-century portraits sketched by Gaspar Correia: one in the Viceroys' Gallery, Goa; another in the *Lendas da India*; and that in the *Livro de Lizuarte de Abreu.*

The earliest, executed c. 1547 — drawn by the famous chronicler, and painted with the help of a Goanese artist «which was very lifelike» (Icon. N.º I; Vol. I, Fig. 14 F) — must have stood comparison with the living model, like the others of the same series, as the author of *Lendas da India* himself affirms: «whoever had seen them *first,* when they *saw* their pictures, recognized them *immediately*» (1).

By confusion of this series of portraits of the Viceroys and Governors of Portuguese India — begun in 1547 on the initiative of D. João de Castro — with the original panels of the Armadas, irretrievably lost through negligence (2), it was supposed that they were no longer in existence.

Fortunately, however, this is not so: those still preserved in their own gallery are the original ones, which have been altered and completely disfigured by various «restorations» and disastrous re-paintings.

It seems that the two most pernicious of these «restorations» were the one carried out in the middle of the XVIII century, and that performed, ineptly, in 1894 by Manuel de Oliveira Gomes da Costa, then the Governor's ADC.

The first, as Luís Gonçalves tells us, «instead of keeping the Viceroys in the armour and clothing of the epoch in which each of them governed, altered everything by painting them in costumes and armour of that century»; and the second, «if it restored the original colour and features in some of the portraits, altered many others, particularly the thirteen painted in 1547». «Its present appearance [according to the same author, writing at the end of the last century] is very different from that described by Gaspar Correia, which can be more easily seen by comparing all these pictures with the photographic copies made by S^{res} Souza & Paul before this restoration» (3); and still better — we should say — by comparing the photographs taken before, during and after the cleaning of the portrait of D. João de Castro in 1954-56 in the Oficina de Beneficiação de Pintura attached to the Museu Nacional de Arte Antiga, Lisbon (4). In the process of this operation Master Fernando Mardel, with is usual skill and acknowledged probity, restored this portrait, as far as possible, to its original expression, composition, drawing and colour.

And thus the earliest known portrait was recovered, painted «from life», and certainly the most faithful of the fourth and famous Viceroy, «strong Castro» — in the words of Camões — «liberator», «who will always keep the Portuguese flag flying» (5).

The composition in the manuscript of Pedro Barreto de Resende's *Breve Tratado ou Epilogo* (Icon. No. 2) was directly derived from this prototype.

(1) Gaspar Correia, *Lendas da India,* Livro IV, Tomo IV, parte II, p. 597. Lisboa 1866. *Portugaliae Monumenta Cartographica,* Vol. I, pp. 130-2.

(2) «The paintings of the Armadas which were in this house of the fortress will all rot and have to be thrown away, and will be forgotten, for three years I tried to persuade the Viceroy to have them restored, until I succeeded after the arrival of these ships, and he ordered me to do this, and in a month I have already had more than one hundred Portraits done with very good paints made by the painter Godinho, and because the painting of the first armada, with which the Senhor Conde Almirante came to discover India, was very small, and insignificant, as if that captain had not done one of the greatest deeds in the world, I ordered him to make a portrait the same size as the others on which I put the words that it merits». Letter from Diogo do Couto to D. Francisco da Gama, dated 6 January 1616 (published by Antonio Lourenço Caminha, *Obras Ineditas de Diogo do Couto,* Lisboa 1808, and by Frazão de Vasconcelos, *As Pinturas das Armadas da Índia e outras representações artisticas de navios portugueses do século XVI,* pp. 16 and 39, Lisboa 1941). On the panels of the Armadas see also: Fr. João dos Santos, *Ethiopia Oriental,* Évora 1609, re-ed., Vol. I, pp. 277-80, Lisboa 1892.

(3) Luiz Gonçalves, *Telas e Esculpturas da Cidade de Goa,* p. 51. Bastorá 1898.

(4) *Portugaliae Monumenta Cartographica,* Vol. I, p. 131, Fig. 14 D, E and F.

(5) Luís de Camões, *Os Lusíadas,* Cantos I, 14, and X, 67 and 69.

* * *

Para as suas *Lendas da India* compôs Gaspar Correia um outro retrato (Icon. N.º 6) cujo original se perdeu (6), mas de que se conhece uma reprodução em litografia, delineada por João Pedroso Gomes da Silva e destinada a ilustrar o tomo quarto da mesma obra, publicada pela Academia das Ciências de Lisboa, em 1866 (Icon. N.º *6 a*; Vol. I, Fig. 14 A). Esta reprodução deve, porém, ser fiel, como já notou Armando Cortesão (7).

Muito semelhante, na composição, ao da Galeria dos Vice-Reis, este segundo retrato de D. João de Castro, diverge, todavia, do outro, principalmente nos traços fisionómicos, no desenho e na disposição dos panejamentos, na postura das pernas e da cabeça (8), esta virada para a esquerda e coberta por uma pequena coroa de palma, estilizada (9).

É de crer que o primitivo painel que retratava D. João de Castro e ornamentava, no fim do século XVI, a Sala das Sessões do Senado goense (Icon. N.º 7), juntamente com os de Afonso de Albuquerque, D. Luís de Ataíde e Vasco da Gama (10), se assemelhasse na atitude com o retrato das *Lendas da India*. E supõe-se que assim seja, comparando este último com a cópia do referido painel do Senado feito por Pedro Paulo Fernandes, de Dongrim, em 1872, ainda hoje existente no edifício da Câmara Municipal de Nova Goa (Icon. N.º *7 a*).

Embora o corpo do retratado esteja, nesta espécie iconográfica, reduzido a três quartos, e a cabeça tenha uma inclinação maior, mais parecida com a do modelo da Galeria dos Vice-Reis, deverá classificar-se como variante do protótipo das *Lendas da India*.

O terceiro retrato quinhentista, aguarelado, está inserto no *Livro de Lizuarte de Abreu*, agora pertencente à «Pierpont Morgan Library», de Nova York (Icon. N.º 8; Vol. I, Fig. 14 B).

De composição muito semelhante às dos modelos anteriores, esta figuração mais natural e movimentada, é, porventura, de cerca de 1560, e deriva, evidentemente, de um desenho também de Gaspar Correia, embora possa admitir-se que a pintura seja de parceiro ou continuador indiano, possìvelmente do tal pintor goense que colaborou com Gaspar Correia na factura do retrato da Galeria dos Vice-Reis. A ortografia das legendas, dos retratos, das vistas e das batalhas navais, reproduzidas neste manuscrito original, denuncia precário conhecimento da língua portuguesa (11).

A composição do protótipo do *Livro de Lizuarte de Abreu*, do terceiro quartel do século XVI, mais realista do que os anteriores, conduziu a um retrato que dir-se-á, pelo estilo e pela factura, pintado ainda no séculos de quinhentos: a tela que pertenceu a D. Leonor de Castro (Penamacor) (12) e presentemente faz parte da colecção de D. Teresa Trigoso Siqueira da Cunha (Icon. N.º 9; Vol. I, Fig. 14 C).

Pela sobriedade e pela dignidade evidentes do seu processo técnico, da atitude e da indumentária da personagem, deve considerar-se este magnífico retrato, que suponho do começo do século XVII, das mais representativas espécies iconográficas, evocadoras do inesquecível herói de Pondá, Salsete e Dio.

* * *

Foi o retrato da colecção Penamacor ou outro semelhante que decerto inspirou a conhecida gravura de Vorstermam (Icon. N.º 10; Fig. 23 B), modelo, por sua vez, das figurações, de meio corpo, que ilustram várias edições da *Vida de D. João de Castro* de Freire de Andrade, desde a da publicação inglesa de 1664 (Icon. N.º 11), à da portuguesa de 1861 (Icon. N.º 20).

Em 1727 foi publicado um belo espécime iconográfico, gravado por Andrea Rossi (Icon. N.º 21; Fig. 23 C), é de concepção original, desligada completamente dos protótipos quinhentistas, marcando rumo novo na figuração do Herói, interpretativo dos textos que relatam sua vida e seus feitos gloriosos, sua acção enérgica e seu carácter inflexível.

Desde então as espécies conhecidas inspiram-se num ou noutro modelo

---

(6) *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Vol. I, p. 132, nota 14.

(7) *Ibidem*, linhas 12 e 13.

(8) Aliás não dispomos de elementos para poder concluir se a imagem da litografia foi ou não invertida relativamente ao original.

(9) O atributo da coroa de palma, verifica-se também, mas com outro desenho, nas primeiras espécies mais directamente inspiradas nos protótipos da galeria dos Vice-Reis, a partir da figuração do *Breve Tratado ou Epilogo* de Pedro Barreto de Resende (Icon. N.ºs 2-5), das *Lendas de India* (Icon. N.ºs 6-7), e do *Livro de Lizuarte de Abreu* (Icon. N.º 8); transformando-se depois em coroa de louros; e reaparecendo muito mais tarde, na litografia de 1833 (Icon. N.º 25).

(10) Este último foi mandado pintar e colocar junto dos outros três retratos por deliberação camarária de 2 de Dezembro de 1597.

(11) *Cousas raras da India*, The Pierpont Morgan Library, MS 525. Acerca da história deste manuscrito vide: Frazão de Vasconcelos 1941, pp. 22-6.

(12) É possível que esta valiosa tela seja a mesma que se encontrava, em 1817, na posse de José Maria Rafael Saldanha, álcaide-mor de Sintra.

* * *

For his *Lendas da India* Gaspar Correia composed another portrait, (Icon. No. 6), the original of which disappeared (6), but of which we have a lithographic reproduction drawn by João Pedroso Gomes da Silva to illustrate Vol. IV of the edition of this work published by the Academia das Ciências de Lisboa in 1866 (Icon. No. *6 a*; Vol. I, Fig. 14 A). This reproduction, however, must be faithful, as noted by Armando Cortesão (7).

Very similar in composition to the one in the Viceroys' Gallery, this second portrait of D. João de Castro nevertheless differs from the other, principally in the drawing of the features, in the design and disposition of the robes and in the position of the legs and head (8), which is turned to the left and crowned with a small stylized wreath of palm leaves (9).

We believe that the posture in the original panel which portrayed D. João de Castro and, at the end of the XVI century, adorned the Hall of Sessions of the Goanese Senate (Icon. No. 7), together with those of Afonso de Albuquerque, D. Luís de Ataíde and Vasco da Gama (10), resembled that in the portrait of the *Lendas da India*. That this is so is suggested by comparison of the latter with the copy of the panel in the Senate, mentioned above, made in 1872 by Pedro Paulo Fernandes, of Dongrim, and to-day still preserved in the Town Hall of New Goa (Icon. No. *7 a*).

Although the figure in the portrait, in this iconographic specimen, is reduced to three-quarter length, and the head is more inclined, and thus more like the model of the Viceroys' Gallery, it must be classified as a variation of the prototype of the *Lendas da India*.

The third XVI-century portrait, a water-colour, is inserted in the *Livro de Lizuarte de Abreu*, which to-day belongs to the Pierpont Morgan Library, New York (Icon. No. 8; Vol. I, Fig. 14 B).

Very similar in composition to the previous examples, this more natural and lifelike representation is, perhaps, of c. 1560, and it is evidently derived from a drawing also by Gaspar Correia, although it may be admitted that the painting was done by an Indian assistant or finisher, possibly the Goanese painter who collaborated with Gaspar Correia in painting the portrait in the Viceroys' Gallery. The spelling in the titles of both the portraits and the views and naval battles reproduced in this original manuscript reveal a poor knowledge of the Portuguese language (11).

The composition of the prototype of the *Livro de Lizuarte de Abreu*, of the third quarter of the XVI century, more naturalistic than the earlier ones, leads us to a portrait which, from its style and workmanship, might be said to have also been painted in the XVI century: that which belonged to D. Leonor de Castro (Penamacor) (12) and at present forms part of D. Teresa Trigoso Siqueira da Cunha's collection (Icon. No. 9; Vol. I, Fig. 14 C).

This magnificent portrait, which we suppose to be of the beginning of the XVII century, must be considered one of the most characteristic iconographic specimens evoked by the unforgettable hero of Pondá, Salsete and Diu, because of the soberness and dignity evident in its technique and in the attitude and robes of the subject.

* * *

It was certainly the portrait of the Penamacor Collection that inspired the well-known engraving by Vorstermann (Icon. N.º 10; Fig. 23 B), in its turn the model for the representations, half length, which illustrate the various editions of the *Vida de D. João de Castro* by Freire de Andrade, from the English publication of 1664 (Icon. No. 11) to the Portuguese one of 1861 (Icon. No. 20).

In 1727 a beautiful portrait, engraved by Andrea Rossi (Icon. No. 21; Fig. 23 C), was published: original in conception, it has no connection whatever with the XVI-century prototypes, and strikes a new line in the representation of the hero, interpreting the texts which describe his life and his illustrious deeds, his energetic action and his inflexible character.

Since then the known specimens have been inspired by one or other

---

(6) *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Vol. I, p. 132, note 14.

(7) *Ibidem*, lines 12 and 13.

(8) In any case, we possess no evidence from which to conclude whether the figure in the lithograph was altered in comparison with the original or not.

(9) The symbol of the crown of palms also appears, but with a different design, in the first specimens, more directly inspired by the prototypes of the Viceroys' Gallery, beginning with the representations in the *Breve Tratado ou Epilogo* by Pedro Barreto de Resende (Icon. Nos. 2-5), in the *Lendas da India* (Icon. Nos. 6-7), and in the *Livro de Lizuarte de Abreu* (Icon. No. 8); it is afterwards transformed into a crown of laurels; and it re-appears much later in the lithograph of 1833 (Icon. No. 25).

(10) The latter was ordered to be painted and placed with the three other portraits by a resolution of the Town Hall on 2 December 1597.

(11) *Cousas raras da India*, The Pierpont Morgan Library, MS 525. For the history of this manuscript see Frazão de Vasconcelos 1941, pp. 22-6.

(12) It is possible that this valuable picture may be the same as that which in 1817 was to be found in the possession of José Maria Rafael Saldanha, *alcaide-mor* of Sintra.

anterior, fantasiando romanticamente o assunto, em litografias e gravuras sem grande valor artístico, iconográfico e documental.

Mais produto de imaginação do que de realidade seguramente documentada, conquanto hajam sido tecidas poucos anos depois da morte do homenageado, são, também, as opulentas e belíssimas tapeçarias flamengas do Kunsthistorisches Museum de Viena de Austria (Icon. N.os 31-40; Fig. 23 A) evocativas do Cerco de Dio, da campanha contra o Idalcão e da sua entrada triunfal em Goa.

Sem estudos antropológicos, sobre o seu esqueleto e, especialmente sobre o seu crâneo; sem descrições literárias, pormenorizadas, àcerca de carácteres morfológicos; dispondo apenas de figurações (isoladas sem referências que permitam determinar, com rigor, estatura e proporções, feições e cores do modelo) de protótipos com caracteres fisionómicos, aliás, pouco semelhantes entre si; não é possível fazer uma ideia exacta do físico de Dom João de Castro.

Deverá tomar-se, por isso, como seu mais fiel retrato, o primeiro esboçado por quem o conheceu: Gaspar Correia, que tinha bom «entendimento em debuxar»; e, como evocação de imponente e digno porte, condizendo bem com a rectidão e a inteireza do seu carácter, o da sugestiva tela da Colecção Penamacor.

DO SEU RETRATO (13)

I. PROTÓTIPOS COEVOS

(ORIGINAIS DO SÉCULO XVI E VARIANTES)

A. Retrato da Galeria dos Vice-Reis

1 *Pintura a óleo de Gaspar Correia, com a colaboração de um pintor indiano, desconhecido.* — c. 1547

(De pé e de corpo inteiro. Cabeça virada para a sua esquerda e sem coroa. Segura com a mão direita uma palma, e com a esquerda o punho da espada cuja ponta está virada para o mesmo lado). — Fig. 23 F; (Vol. I, Fig. 14 F)

Palácio do Governo, Galeria dos Vice-Reis. Nova Goa.

Suporte: madeira. Dimensões: alt. 188 cm × larg. 97,5 cm aprox.

Inscr.: — na parte superior:

G.R DÔ: IÕÃÕ DE CASTRO SOSEDEO AO G.R MARTĨ Aº DESBARATOV / Ẽ DIO TODO O PODER DE CÃ BAIA. PRESẼTOV BATALHA / AELREI DE BAROCHE E DEƨROIO TODA SVA COSTA / E A DE ADILXA. DESBAR ATOV SEVS CAPITÃĨS Ẽ SAL / SETE . Ẽ TROV TREH̃V FÃDO Ẽ GOA.

Na parte inferior:

VEO DO Rº OA NO DE . 45 GOVERNO V . 2 - ANOS . E . 8 / MEZES . FA LECEO Ẽ GOA COM MAIS . 3 . ANOS / CÕ TITVLO / DE VISOREI

Herald.: armas dos Castros (na parte superior, direita).

Rest.: realizado por Mestre Fernando Mardel em 1954-56.

1 a. Cópia antiga (desaparecida). Senado da Câmara, Sala das sessões, Goa. — anterior a 1597

1 b. Cópia litográfica de Ziegler-Palhares, in José Maria Delorme Colaço, *Galleria dos Vice-Reis e Governadores da India Portugueza*, N.º 13. Lisboa — 1841

Dimensões: alt. 14 cm × larg. 7,5 cm aprox.

(13) Este pequeno estudo não tem outra pretenção que não seja a de fornecer subsídios para uma futura e mais completa iconografia de D. João de Castro. Algumas espécies — cópias e variantes — sem valor artístico e documental não são, aqui, incluídas. A mais extensa relação de espécies icónicas, publicada até hoje, aliás incompleta por omitir os autênticos protótipos quinhentistas, foi publicada, sem ordenação metódica, no *Dicionário de Iconografia Portuguesa* de Ernesto Soares e Henrique de Campos Ferreira Lima, Vol. I, pp. 287-290, n.º 690, Lisboa 1947; Vol. IV (Suplemento), pp. 101-102, N.º 3815, Lisboa 1954; Vol. V (II Suplemento), pp. 68-9, Lisboa 1960. Outra relação, igualmente desordenada, e mais incompleta ainda, encontra-se no *Catalogo dos Retratos* de Diogo Barbosa Machado, Tomo IV, pp. 23-6, N.os 1221-9. Rio de Janeiro 1899.

of the earlier models, romantically idealizing the subject, in lithographs and engravings of no great artistic, iconographic or documentary value.

Also more a product of imagination than of well-documented reality, although woven a few years after the death of the man they eulogise, are the rich and beautiful Flemish tapestries in the Kunsthistorisches Museum, Vienna (Icon. Nos. 31-40; Fig. 23 A), depicting the siege of Diu, the campaign against Adil Khan, and the triumphant entry into Goa.

Without anthropological investigation of his skeleton and especially his skull; without detailed written descriptions of the morphology of his features; possessing only isolated drawings, without references that permit the exact determination of the stature and proportions, features and colouring of the model of the prototypes whose facial characteristics have, anyway, little in common with each other, we cannot form an exact idea of the physical appearance of D. João de Castro.

We must therefore take as his most faithful portrait the first, sketched by someone who knew him: Gaspar Correia, who possessed a good «talent for drawing»; and as an evocation of his upright and dignified bearing, well suited to the rectitude and integrity of his character, that of the suggestive picture of the Penamacor Collection.

OF HIS PORTRAIT (13)

I. CONTEMPORARY PROTOTYPES

(ORIGINALS OF THE XVI CENTURY AND VARIANTS)

A. Portrait in the Viceroys' Gallery

1 *Oil painting by Gaspar Correia, in collaboration with an unknown Indian painter.* — c. 1547

(Standing and full length. The head turned to the left and without a crown. Holding a palm-branch in the right hand, and in the left the hilt of his sword, which is pointed to the same side). — Fig. 23 F; (Vol. I, Fig. 14 F)

Government Palace, the Viceroys' Gallery. Nova Goa.

Material: Wood. Measurements: height 188 cm × width 97.5 cm approx.

Inscrip. (at the top):

«João de Castro succeeded Governor Martin Afonso, defeated in Diu all the power of Cambay, fought the King of Baroche and destroyed all his coast and that of Adilxa. Defeated his captains at Salcete. Entered Goa in triumph».

At the bottom:

«Came from the kingdom in the year 1545, governed 2 years and 8 months. Died in Goa after 3 years, with the title of Viceroy».

Herald.: The Castros' coat-of-arms (at the upper right-hand side).

Restor.: carried out by Master Fernando Mardel in 1954-6.

1 a. Early copy (disappeared). The Senate Town Hall, Hall of Sessions, Goa. — before 1597

1 b. Lithographic copy by Ziegler-Palhares, in José Maria Delorme Colaço, *Galleria dos Vice-Reis e Governadores da India Portugueza*, No. 13. Lisboa — 1841

Measurements: height 14 cm × width 7.5 cm approx.

(13) This short study does not pretend to go further than furnish the elements for a future and more complete iconography of D. João de Castro. Some specimens — copies and variants — of no artistic or documentary value are not included here. The most extensive account of these pictorial specimens published up to now, although incomplete as it omits the authentic XVI-century prototypes, was published, without methodical order, in the *Dicionário de Iconografia Portuguesa*, by Ernesto Soares and Henrique de Campos Ferreira Lima, Vol. I, pp. 287-90, No. 690, Lisboa 1947; Vol. IV (Suplemento), pp. 101-2, No. 3815, Lisboa 1954; Vol. V (II Suplemento), pp. 68-9, Lisboa 1960. Another, equally unmethodical and still more incomplete, account is to be found in the *Catalogo dos Retratos* by Diogo Barbosa Machado, Tomo IV, pp. 23-6, Nos. 1221-9. Rio de Janeiro 1899.

Inscr.: *O Governador D. João de Castro sucedeu ao Go-/vernador Martim Affonso de Sousa, em Setembro de 1545. Go-/vernou até 6 de junho de 1548 e faleceu em Goa com / o titulo de Vice-Rey.*

1 c. Desenho a *crayon,* de Róncon. 1890

Reprod.: Fotografia de Sousa & Paul, num album pertencente à Sociedade de Geografia de Lisboa.

Variantes (atitude semelhante à do N.º 1):

2 *Retrato* do MS de Pedro Barreto de Resende, *Breve Tratado ou Epilogo de todos os Vice-Reis que tem havido no Estado da India* que pertenceu a José da Silva e Costa (14). 1635

Cópias:

2 a. British Museum, Londres. 1646

2 b. Bibliothèque Nationale de Paris. —

2 c. Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa. —

2 d. Biblioteca dos Duques de Palmela, Lisboa. —

3 *Gravura de madeira,*
in Manuel de Faria y Sousa, *Asia Portuguesa,* Tomo II (15), p. 209. 1674

Dimensões: alt. 19 cm.

Inscr.: DON IVAN DE CASTRO.

4 *Gravura,*
in Jacinto Freire de Andrade, *Vida de D. João de Castro.* Lisboa 1703

5 *Gravura de Lemaitre,*
in Ferdinand Denis, *Portugal,* Est. 21. Paris 1846

Dimensões: alt. 14 cm × larg. 9,9 cm.

Legenda: *João de Castro* (*MS de Baretto de Resende. Bib. Roy.*)

5 a. Litografia de Sá,
in Ferdinand Denis, *Portugal pitoresco ou descrição historica deste reino.* 1846-47

Dimensões: alt. 19 cm × larg. 9 cm aprox.

B. Retrato das *Lendas da India*

6 *Desenho de Gaspar Correia* c. 1550

(De pé e de corpo inteiro. Cabeça com coroa de palma. Virada para a sua direita. Segura com a mão direita uma palma, e com a esquerda o punho da espada, cuja ponta está virada para o mesmo lado). Desaparecido.

Cópia:

6 a. Litografia de João Pedroso Gomes da Silva, in Gaspar Correia, *Lendas da India.* Livro 4.º Tomo IV, parte I, fr. p. 431. Lisboa 1864 Fig. 23 B

Dimensões: alt. 19,7 cm × larg. 13,1 cm.

Inscr.: D͞O JO͞A DE CRASTO

Herald.: armas dos Castros (na parte superior do emolduramento). (Vol. I, Fig. 14 A)

Variantes (meio corpo):

7 *Primitivo retrato do Senado de Goa.* anterior a 1597

Pintura a óleo, desaparecida.

Cópia:

7 a. Pintura a óleo de Pedro Paulo Tavares, de Dongrim, Câmara Municipal, Nova Goa. 1872

Suporte: tela. Dimensões: alt. 188 cm × larg. 97,5 cm aprox.

Inscr.:
O GOVERNADOR D. JOÃO DE CAS / TRO SUCCEDEO AO GOVERNADOR MAR / TIM AFFONÇO DE SOUZA SETTEM/BRO DE 1545 GOVERNOU ATÉ 6 DE JU/NHO DE 1548 E FALECEU EM GOA COM / O TITULO DE VICE REI.

---

(14) Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez.*

(15) «Deste tom 2.º apparecem exemplares com os dizeres do frontispicio em parte conformes ao do tom I, pelo mesmo impressor, e data de 1666; mas logo se deixa ver que foi erro de imprensa, que escapou em alguns exemplares». Ricardo Pinto de Mattos, *Manual Bibliographico Portuguez,* p. 244. Porto 1878.

Inscrip.: «*The Governor D. João de Castro succeeded the Governor Martin Afonso de Sousa, in September 1545. He governed until 6 June 1548 and died in Goa with the title of Viceroy*».

1 c. Drawing in *crayon,* by Róncon. 1890

Reprod.: Photograph by Sousa & Paul, in an album belonging to the Sociedade de Geografia de Lisboa.

Variants (posture similar to that in No. 1):

2 *Portrait* from Pedro de Resende's MS, *Breve Tratado ou Epilogo de todos os Vice-Reis que tem havido no Estado da India,* which belonged to José da Silva e Costa (14). 1635

Copies:

2 a. British Museum, London. 1646

2 b. Bibliothèque Nationale, Paris. —

2 c. Biblioteca da Academia das Ciências, Lisbon. —

2 d. Biblioteca dos Duques de Palmela, Lisbon. —

3 *Wood engraving,*
in Manuel de Faria y Sousa, *Asia Portuguesa,* Tomo II (15), p. 209. 1674

Measurements: height 19 cm.

Inscrip.: DON IVAN DE CASTRO.

4 *Engraving,*
in Jacinto Freire de Andrade, *Vida de D. João de Castro.* Lisboa 1703

5 *Engraving by Lemaitre,*
in Ferdinand Denis, *Portugal,* Plate 21. Paris 1846

Measurements: height 14 cm × width 9.9 cm.

Inscrip.: *João de Castro* (*MS. de Baretto de Resende. Bib. Roy.*)

5 a. Lithograph by Sá,
in Ferdinand Denis, *Portugal pitoresco ou descrição historica deste reino.* 1846-7

Measurements: height 19 cm × width 9 cm approx.

B. Portrait in the *Lendas da India*

6 *Drawing by Gaspar Correia* c. 1550

(Standing and full length. The head, with a crown of palm, turned to the right. Holding a palm-branch in the right hand, and in the left the hilt of his sword, which is pointed to the same side.) Not extant.

Copy:

6 a. Lithograph by João Pedroso Gomes da Silva, in Gaspar Correia, *Lendas da India.* Livro 4.º Tomo IV, parte I, facing p. 431. Lisboa 1864 Fig. 23 B

Measurements: height 19.7 cm × widht 13.1 cm.

Inscrip.: D͞O JO͞A DE CASTRO

Herald.: the Castros' coat-of-arms (in the upper part of the border). (Vol. I, Fig. 14 A)

Variants (half length):

7 *Original portrait in the Senate, Goa.* before 1597

Oil painting, not extant.

Copy:

7 a. Oil painting by Pedro Paulo Tavares, of Dongrim, City Hall, Nova Goa. 1872

Material: canvas. Measurements: height 188 cm × width 97.5 cm approx.

Inscrip.:
«The Governor D. João de Castro succeeded the Governor Martin Afonso de Sousa September 1545. He governed until 6 June 1548 and died in Goa with the title of Viceroy».

---

(14) Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez.*

(15) «In this second volume some examples appear with the words partly the same as those in Vol. I, by the same printer, and dated 1666; but it can immediately be seen that this was a printer's error, which escaped notice in some copies». Ricardo Pinto de Mattos, *Manual Bibliographico Portuguez,* p. 244. Porto 1878.



A

Cerco de Dio — Siege of Diu
Tapeçaria de Bruxelas — XVI-Century — Brussels Tapestry



B

Gravura de Lucas Vorstermam
In Jacintho Freyre de Andrade, *Vida de Dom João de Castro*, 1651



C

Gravura de Andrea Rossi
In Hiacinto Freire de Andrade, *Vita Joannis de Castro*, 1727

Fig. 23—ICONOGRAFIA DE D. JOÃO DE CASTRO
ICONOGRAPHY OF D. JOÃO DE CASTRO

Herald.: armas dos Castros (à direita, sobre o braço esquerdo do retratado).

C. Retrato do *Livro de Lizuarte de Abreu*

8 — *Aguarela de presumível artista indiano desconhecido,* in *Livro de Lizuarte de Abreu.* — (1558-64) c. 1560 (Vol. I, Fig. 14 B)

(De pé e de corpo inteiro. Cabeça com coroa de palma virada para a sua esquerda. Segura com a mão direita uma palma, e, com a esquerda, o punho da espada cuja ponta está virada para o outro lado).

Pierpont Morgan Library, New York.

Inscr.: DOIOAM DE CRASTO GOV/ERNADOR E VSOR/EI.

Herald.: armas dos Castros (no canto superior, esquerdo).

II. EVOCAÇÕES E FANTASIAS

(ORIGINAIS, CÓPIAS E DERIVADOS)

A. Retrato da Colecção Penamacor

9 — *Pintura a óleo de autor desconhecido.* — Primeira metade do séc. XVII (?) (Vol. I, Fig. 14 C)

Colecção de D. Teresa T. de Siqueira da Cunha, Lisboa.

(De pé e de corpo inteiro. Cabeça com coroa de palma virada para a sua esquerda. Segura com a mão direita uma palma. Ponta da espada virada para a esquerda do observador).

Suporte: tela. Dimensões: alt. 200 cm × larg. 112 cm.

Procedência: Colecção de D. Leonor de Castro (Penamacor).

B. Retrato de Lucas Vorstermann

10 — *Gravura.* Protótipo dos N.os 11-20, in Iacintho Freyre de Andrada, *Vida de Dom João de Castro* (entre a Censura do Conde e fol. 1). Lisboa — 1651

(De meio corpo, com coroa de louros na cabeça; palma na mão direita, e sem a mão esquerda — Atitude semelhante à do N.º 9). — Fig. 23 B

Ass.: *LV* — monograma (no canto inferior, esquerdo).

Inscr.: D. IOÃO DE CASTRO / QVARTO VISOREY DA INDIA.

Herald.: armas dos Castros (na parte superior, ao centro).

Cópia:

10 a. Gravura, in Iacintho Freyre de Andrada, *Vida de D. João de Castro.* — 1671

11 — *Gravura de Faithorne,* in Jacintho Freyre de Andrada, *The Life of Dom John de Castro.* London — 1664

Ass.: *W. Faithorne sculp.*

Inscr.: D. IOAÕ.DE CASTRO/THE FOVRTH VICEROY OF / INDIA.

Variantes:

12 — *Gravura* (imagem invertida) — na parte inferior: Vista de Malaca. In P.e Lafitau, *Histoire des Découvertes et Conquestes des Portugais dans le Nouveau Monde,* Tome II, p. 217. Paris — 1734

Oval dentro de rectângulo.

Inscr.: *Don Jean de Castro.*

13 — *Gravura,* in Jacintho Freyre de Andrade, *Vida de D. João de Castro.* Lisboa — 1759

Oval dentro de rectângulo.

Herald.: the Castros' coat-of-arms (on the right, on the figure's left arm).

C. Portrait in the *Livro de Lizuarte de Abreu*

8 — *Water-colour presumably by an unknown Indian artist* in *Livro de Lizuarte de Abreu.* — (1558-64) c. 1560 (Vol. I, Fig. 14 B)

(Standing and full length. The head with a crown of palm, turned to the left. Holding a palm-branch in the right hand and in the left the hilt of his sword, pointed to the other side.)

Pierpont Morgan Library, New York.

Inscrip.: «D. João de Castro Governor and Viceroy».

Herald.: the Castros' coat-of-arms (in the upper left-hand corner).

II. EVOCATIONS AND FANTASIES

(ORIGINALS, COPIES AND DERIVATIONS)

A. Portrait from the Penamacor Collection

9 — *Oil painting by an unknown artist.* — First half of the XVII century (?) (Vol. I, Fig. 14 C)

D. Teresa T. de Siqueira da Cunha's Collection, Lisbon.

(Standing and full length. The head, with a crown of palm, turned to the left. Holding a palm-branch in the right hand. The sword pointed to the observer's left.)

Material: canvas. Measurements: height 200 cm × width 112 cm.

Provenance: D. Leonor de Castro's Collection (Penamacor).

B. Portrait by Lucas Vorstermann

10 — *Engraving.* Prototype of Nos. 11-20, in Iacintho Freyre de Andrada, *Vida de Dom João de Castro* (between the Count's approbation and fol. 1). Lisboa — 1651

(Half length, with a crown of laurels on the head; a palm-branch in the right hand, and without the left hand. Posture similar to No. 9). — Fig. 23 B

Signature: *LV* — monogram (in the lower left-hand corner).

Herald.: The Castros' coat-of-arms (in the upper part, at the centre).

Inscrip.: «D. João de Castro, Fourth Viceroy of India».

Copy:

10 a. Engraving, in Iacintho Freyre de Andrada, *Vida de D. João de Castro.* — 1671

11 — *Engraving by Faithorne,* in Jacintho Freyre de Andrada, *The Life of Dom John de Castro.* London — 1664

Signature: *W. Faithorne sculp.*

Inscrip.: D. IOAÕ DE CASTRO / THE FOVRTH VICEROY OF / INDIA.

Variants:

12 — *Engraving* (figure reversed) — in the lower part: View of Malacca. In P.e Lafitau, *Histoire des Découvertes et Conquestes des Portugais dans le Nouveau Monde,* Tome II, p. 217. Paris — 1734

Oval within a rectangle.

Inscrip.: *Don Jean de Castro.*

13 — *Engraving,* in Jacintho Freyre de Andrade, *Vida de D. João de Castro.* Lisboa — 1759

Oval within a rectangle.

Inscr.: DOM JOÃO / DE CASTRO.
Herald.: armas dos Castros (ao centro, sob o oval).

14 *Gravura,* in Jacintho Freyre de Andrade, *Vida de D. João de Castro.* Madrid — 1802
Dimensões: alt. 11,5 cm × larg. 6,5 cm aprox.
Ass.: *N. C.*
Inscr.: D. JOÃO DE CASTRO.

15 *Gravura de Marques* (imagem invertida), in Jacintho Freire de Andrade, *Vida de D. João de Castro.* Lisboa — 1804
Oval dentro de rectângulo.
Ass.: *Marques grav.*
Inscr.: *D. João de Castro / 4.º Vice Rei da India.*

16 *Gravura de Fontes* in *Retratos, e Elogios dos Varões, e Donas que illustraram a Nação Portugueza em virtudes, letras, armas, e artes, assim nacionaes, como estranhos, tanto antigos como modernos,* N.º 12, fr. p. bii. Lisboa — 1817
Dimensões: chapa — alt. 17,5 cm × larg. 12 cm.
Ass.: J. da Cunha del. C. de Fontes grav.
Inscr.: DOM JOÃO DE CASTRO/IV VICEREI DA INDIA.
Herald.: armas dos Castros (ao centro, no meio da inscrição).

17 *Litografia* [de Antonio dos Santos Dias (?)], in Souto Maior, *Memoria Genealogica e bibliographica dos tres tenentes generaes Leites da Casa de S. Thomé d'Alfama,* fr. p. 79. Lisboa — 1838
Dimensões: imagem — alt. 7,4 cm × larg. 6,4 cm.
Inscr.: D. JOÃO DE CASTRO IV VICE-REI DA INDIA.

18 *Litografia de Botelho,* in [Fr. Francisco de S. Luiz], *Os Portuguezes em Africa, Asia, América e Oceania,* Vol. V, (em frente do frontispício). Lisboa — 1849
Dimensões: mancha — alt. 16,5 cm.
Ass.: *F. L. Botelho lith.*
Inscr.: D. JOÃO DE CASTRO.

19 *Gravura, de madeira,* in Francisco Duarte Almeida e Araújo, *Historia de Portugal,* p. 321. — 1852
Oval dentro de rectângulo.
Dimensões: alt. 11,6 cm × larg. 9 cm.
Inscr.: D. JOÃO DE CASTRO.

20 *Gravura* in Jacintho Freire de Andrade, *Vida de D. João de Castro.* — 1861
Inscr.: DOM JOÃO DE CASTRO.
Herald.: armas dos Castros (ao centro, sob o oval).

C. Figurações dos séculos XVIII e XIX

21 *Gravura de Andrea Rossi,* in Hiacintho Freyre de Andrade, *Vita Joannis de Castro.* Roma — 1727, Fig. 23 C
(De meio corpo, armado, com coroa de louros na cabeça, espada erguida na mão direita e bastão na mão esquerda.)
Dimensões: alt. 17,5 cm × larg. 11 cm aprox.
Ass.: *Andreas Rossi Sculp* (no canto inferior direito).
Inscr.: *Qualis, quantus erat, pietate insignis, et armis / Spirat adhuc picta CASTRIVS in tabula.*
Herald.: armas dos Castros (ao centro, na parte inferior, sôbre a inscrição).

22 *Gravura de madeira,* in Jacintho Freire de Andrade, *Vida de D. João de Castro.* Lisboa — 1747
(Composição inspirada no N.º 1. Meio corpo).

Inscrip.: DOM JOÃO / DE CASTRO.
Herald.: the Castros' coat-of-arms.

14 *Engraving,* in Jacintho Freyre de Andrade, *Vida de D. João de Castro.* Madrid — 1802
Measurements: height 11.5 cm × width 6.5 cm approx.
Signature: *N. C.*
Inscrip.: D. JOÃO DE CASTRO.

15 *Engraving by Marques* (figure inverted), in Jacintho Freire de Andrade, *Vida de D. João de Castro.* Lisboa — 1804
Oval within a rectangle.
Signature: *Marques grav.*
Inscrip.: «D. João de Castro / Fourth Viceroy of India».

16 *Engraving by Fontes,* in *Retratos, e Elogios dos Varões, e Donas que illustraram a Nação Portugueza em virtudes, letras, armas, e artes, assim nacionaes, como estranhos, tanto antigos como modernos,* No. 12, facing p. bii. Lisboa — 1817
Measurements: picture—height 17.5 cm × width 12 cm.
Signature: J. da Cunha del. C. de Fontes grav.
Inscrip.: «Dom João de Castro / Fourth Viceroy of India».
Herald.: the Castros' coat-of-arms (in the centre, in the middle of the inscription).

17 *Lithograph* [by Antonio dos Santos Dias (?)], in Souto Maior, *Memoria Genealogica e bibliographica dos tres tenentes generaes Leites da Casa de S. Thomé d'Alfama,* facing p. 79. Lisboa — 1838
Measurements: picture—height 7.4 cm × width 6.4 cm.
Inscrip.: D. JOÃO DE CASTRO IV VICE-REI DA INDIA.

18 *Lithograph by Botelho,* in [Fr. Francisco de S. Luiz], *Os Portuguezes em Africa, Asia, America e Oceania,* Vol. V, (facing the frontispiece). Lisboa — 1849
Measurements: plate — height 16.5 cm.
Signature: *F. L. Botelho lith.*
Inscrip.: D. JOÃO DE CASTRO.

19 *Wood engraving,* in Francisco Duarte Almeida e Araújo, *Historia de Portugal,* p. 321. — 1852
Oval within a rectangle.
Measurements: height 11.6 cm × width 9 cm.
Inscrip.: D. JOÃO DE CASTRO.

20 *Engraving,* in Jacintho Freire de Andrade, *Vida de D. João de Castro.* — 1861
Inscrip.: DOM JOÃO DE CASTRO.
Herald.: the Castros' coat-of-arms (in the centre, under the oval).

C. Drawings of the XVIII and XIX centuries

21 *Engraving by Andrea Rossi,* in Hiacintho Freyre de Andrada, *Vita Joannis de Castro.* Roma — 1727, Fig. 23 C
(Half length, in armour, with a crown of laurels on the head, sword raised in the right hand and a baton in the left hand.)
Measurements: height 17.5 cm × width 11 cm approx.
Signature: *Andreas Rossi Sculp* (in the lower right-hand corner).
Inscrip.: *Qualis, quantus erat, pietate insignis, et armis / Spirat adhuc picta CASTRIVS in tabula.*
Herald.: the Castros' coat-of-arms (in the centre, in the the lower part, above the inscription).

22 *Wood engraving,* in Jacintho Freire de Andrade, *Vida de D. João de Castro.* Lisboa — 1747
(Composition inspired by No. 1. Half length).

23 *Gravura a buril.*
Dimensões: alt. 22 cm × larg. 15 cm aprox.
Inscr. *D. João de Castro.* 180... (?)

24 *Gravura de Cardini,* in *Templo da Gloria dos Lusos*
24 a. Gravura de Cardini, in *Epitome da Vida de D. João de Castro* (Collecção de Memorias). Lisboa 1806
Dimensões: alt. 15 cm × larg. 9,5 cm aprox.

25 *Litografia,* in António Nunes de Carvalho, *Roteiro de Dom Ioam de Castro, da viagem que fizeram os Portuguezes ao Mar Roxo no anno de 1541, commandados pelo Governador da India Dom Estevam da Gama....* Paris 1833
(Composição inspirada no N.º 1. Corpo inteiro).
Dimensões: mancha — alt. 18,6 cm × larg. 10,5 cm.
Inscr.: *DOM JOÃO DE CASTRO. N. em 1500. m. em 1548. / De Emprezas tam grandes sempre costumam os Reys dar hua peça boa. Eu peço a / V. Alteza pelo que lhe mereço, que me dê no lugar desta, a Fonte del Rey com doze casta / nheiros, que estam junto à minha quinta de Cintra, que valerão 30 mil r^{s}. / Carta a El-Rey D. Joam III, dando conta da vitoria de Dio.*

26 *Litografia de Sendim,* in Jacintho Freire de Andrade, *Vida de D. João de Castro,* anotada por Frei Francisco de S. Luiz. Lisboa 1835
(Composição semelhante à do N.º 25).
Dimensões: alt. 16,7 cm × larg. 9,7 cm.
Ass. e data: *Sendim lith. 1835.*
Inscr.: DOM JOÃO DE CASTRO.

27 *Litografia de Macphail.* 183...(?)
Dimensões: alt. 22 cm × larg. 15 cm aprox.
Ass.: *Macphail lith^{o}.*

28 *Litografia de Legrand* in *Universo Pittoresco,* Vol. 3.º
(Composição inspirada na do N.º 21) 1841
Dimensões: alt. 17 cm × larg. 16,5 cm aprox.
Ass.: *Lith. de M. L. da C.^{ta} R. N. dos M.^{tes} C. Legrand*
Inscr.: *D. João de Castro,* 4.º *Viso-rei da India.*

29 *Gravura de madeira,* in *Archivo Pittoresco,* Vol. X, p. 257. 1867
(Busto, em cabelo, sem atributos, cabeça virada a 3/4 para a esquerda do observador).
Inscr.: DOM JOÃO DE CASTRO.
29 a. Gravura, in *Diario Illustrado* de 21 de Fevereiro 1875
29 b. Gravura, in *Diario Illustrado* de 31 de Julho 1882

30 *Gravura de madeira, de Pastor,* in M. Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal* (ed. popular, ilustrada), Vol. 5.º, fr. p. 169. (Dentro de rectângulo, busto em cabelo, sem atributos, cabeça virada a 3/4 para a direita do observador). 1886
Dimensões: alt. 8 cm × larg. 6 cm aprox.
Ass.: *p^{r}.*

23 *Engraving (burin).*
Measurements: height 22 cm × width 15 cm approx.
Inscrip.: *D. João de Castro.* 180...(?)

24 *Engraving by Cardini,* in *Templo da Gloria dos Lusos.*
24a Engraving by Cardini, in *Epitome da Vida de D. João de Castro* (Collecção de Memorias). Lisboa 1806
Measurements: height 15 cm × 9.5 cm approx.

25 *Lithograph,* in António Nunes de Carvalho, *Roteiro de Dom Ioam de Castro, da viagem que fizeram os Portuguezes ao Mar Roxo no anno de 1541, commandados pelo Governador da India Dom Estevam da Gama....* Paris 1833
(Composition inspired by No. 1, full length).
Measurements: plate—height 18.6 cm × width 10.5 cm.
Inscrip.: «DOM JOÃO DE CASTRO. b. 1500. d. 1548. It is the custom of Kings to give a good reward for such great enterprises. I ask from Your Highness for what I deserve from him, that instead of that he give me the Fonte del Rey with twelve chestnut trees, which adjoin my quinta of Cintra, which will be worth 30 milreis. Letter to King John III, reporting the victory of Diu».

26 *Lithograph by Sendim,* in Jacintho Freire de Andrade, *Vida de D. João de Castro,* edited by Frei Francisco de S. Luiz. Lisboa 1835
(Composition similar to No. 25).
Measurements: height 16.7 cm × width 9.7 cm.
Signature and date: *Sendim lith. 1835.*
Inscrip.: DOM JOÃO DE CASTRO.

27 *Lithograph by Macphail.* 183...(?)
Measurements: height 22 cm × width 15 cm approx.
Signature: *Macphail lith^{o}.*

28 *Lithograph by Legrand,* in *Universo Pittoresco,* Vol. 3.º 1841
(Composition inspired by No. 21.)
Measurements: height 17 cm × width 16.5 cm approx.
Signature: *Lith. de M. L. da C^{ta}. R. N. dos M.^{tes} C. Legrand.*
Inscrip.: «D. João de Castro, Fourth Viceroy of India».

29 *Wood engraving,* in *Archivo Pittoresco,* Vol. X, p. 257. 1867
(Head and shoulders, bareheaded, without emblems, head turned 3/4 to the observer's left.)
Inscrip.: DOM JOÃO DE CASTRO.
29 a. Engraving, in *Diario Illustrado* of 21 February 1875
29 b. Engraving, in *Diario Illustrado* of 31 July 1882

30 *Wood engraving by Pastor,* in M. Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal* (popular edition, illustrated), Vol. 5º, facing p. 169. (Within a rectangle, head and shoulders, bareheaded, without emblems, head turned 3/4 to the observer's right.) 1886
Measurements: height 8 cm × width 6 cm approx.
Signature: *p^{r}.*

DA SUA VIDA E DOS SEUS FEITOS

I. TAPEÇARIAS QUINHENTISTAS (16)

(SÉRIE DE MEADOS DO SÉCULO XVI)

31-40 *Dez tapeçarias flamengas,* alusivas às façanhas de D. João de Castro.
Kunsthistorisches Museum, Viena. c. 1555
Fabrico de Bruxelas.
Marcas: B B × b d +

31 *Cerco de Dio* (10-xi-1546). Fig. 23 A
Dimensões: alt. 545 cm × larg. 530 cm.
Inscr.:
HEC . EST . VICTORIA . DÑI . IOÃNIS . DE CASTRO . 13 . INDIE / GVBERNATORIS . QVÃ . REGIS . PORTIGALIE . NÕIE . DEI . OPE . CONTRA / VRBE . E POVO DE GOA . VICTIS . REGIS . CÃBAIE . CAPITANIS . OBSTINVIT ACT.

1538

Inv.: N.º 94.

32 *Entrada triunfal em Goa* (19-iv-1547).
Dimensões: alt. 348 cm × larg. 530 cm.
Inscr.:
BEMAVENTURADO IMORTAL
TREVMFO POR A LEI E POR
EL REI E POR A GREI
Inv.: N.º 100.

33 *Cortejo triunfal nas ruas de Goa* (I).
Dimensões: alt. 348 cm × larg. 460 cm.
Inscr.:
HIC . EST . ITLVSTRIS . DÑI . IOÃNIS . DE . CASTRO . INDIE . PARTIS . GVBERNATORIS . / 13 . DE . E . POVO . DE . GOA . CIVITATE . TRIVPHVS . SVBTRATIS . REGIS . CÃBAIE . / SEXAGINTA . MILIBVS . CV . QVIBISDÃ . NOBILIBVS . ACTV . 1538.
Inv.: N.º 99.

34 *Cortejo triunfal nas ruas de Goa* (II).
Dimensões: alt. 347 cm × larg. 327 cm.
Inv.: N.º 98.

35 *Cortejo triunfal nas ruas de Goa* (III).
Dimensões: alt. 355 cm × larg. 394 cm.
Inv.: N.º 97.

36 *Campanha contra o Idalcão* (Setembro-Dezembro 1547) (I).
Ataque junto do Castelo de Pondá.
Dimensões: alt. 345 cm × larg. 470 cm.
Inv.: N.º 93.

37 *Campanha contra o Idalcão* (II).
A esquadra portuguesa defronte de Dabul.
Dimensões: alt. 350 cm × larg. 390 cm.
Inv.: N.º 96.

38 *Campanha contra o Idalcão* (III).
Ataque perto de Salsete.
Dimensões: alt. 350 cm × larg. 385 cm.
Inv.: N.º 91.

39 *Campanha contra o Idalcão* (IV).
Incêndio do castelo de Margão e descanso no acampamento inimigo, depois da batalha.
Dimensões: alt. 350 cm × larg. 335 cm.
Inv.: N.º 92.

(16) Elementos extraídos do estudo fundamental de Luís Keil, *As Tapeçarias de D. João de Castro* in *Elucidario Nobiliarchico*, Vol. I, N.º 9, pp. 271-90. Lisboa, Setembro de 1928.

OF HIS LIFE AND DEEDS

I. XVI - CENTURY TAPESTRIES (16)

(SERIES OF MID-XVI CENTURY)

31-40 *Ten Flemish tapestries,* illustrating the exploits of D. João de Castro. c. 1555
Kunsthistorisches Museum, Vienna.
Made in Brussels.
Marks: B B × b d +

31 *The Siege of Diu* (10-xi-1546). Fig. 23 A
Measurements: height 545 cm × width 530 cm.
Inscrip.:
HEC . EST . VICTORIA . DÑI . IOÃNIS . DE . CASTRO . 13 . INDIE / GVBERNATORIS . QVÃ . REGIS . PORTIGALIE . NÕIE . DEI . OPE . CONTRA / VRBE . E POVO DE GOA . VICTIS . REGIS . CÃBAIE . CAPITANIS . OBSTINVIT ACT .

1538

Inv. N.o 94.

32 *Triumphal entry into Goa* (19-iv-1547).
Measurements: height 348 cm × width 530 cm.
Inscrip.:
«Blessed immortal
victory for the law and for
the king and for the people».
Inv.: No. 100.

33 *Triumphal procession in the streets of Goa* (I).
Measurements: height 348 cm × width 460 cm.
Inscrip.:
HIC . EST . ITLVSTRIS . DÑI . IOÃNIS . DE . CASTRO . INDIE . PARTIS . GVBERNATORIS . / 13 . DE . E . POVO . DE . GOA . CIVITATE . TRIVPHVS . SVBTRATIS . REGIS . CÃBAIE . / SEXAGINTA . MILIBVS . CV . QVIBISDÃ . NOBILIBVS . ACTV . 1538.
Inv.: No. 99.

34 *Triumphal procession the in streets of Goa* (II).
Measurements: height 347 cm × width 327 cm.
Inv.: No. 98.

35 *Triumphal procession in the streets of Goa* (III).
Measurements: height 355 cm × width 394 cm.
Inv.: No. 97.

36 *The campaign against Adil Khan* (September-December 1547) (I).
Attack near the Castle of Pondá.
Measurements: height 345 cm × width 470 cm.
Inv.: No. 93.

37 *The campaign against Adil Khan* (II).
The Portuguese fleet in front of Dabul.
Measurements: height 350 cm × width 390 cm.
Inv.: No. 96.

38 *The campaign against Adil Khan* (III).
The attack near Salsete.
Measurements: height 350 cm × width 385 cm.
Inv.: No. 91.

39 *The campaign against Adil Khan* (IV).
The burning of the Castle of Margão, and resting in the enemy camp after the battle.
Measurements: height 350 cm × width 335 cm.
Inv.: No. 92.

(16) Data drawn from Luís Keil's thorough study, *As Tapeçarias de D. João de Castro,* in *Elucidario Nobiliarchico,* Vol. I, No. 9, pp. 271-90. Lisboa, September 1928.

40 *Regresso a Goa, depois da vitória sobre o Idalcão.*
Dimensões: alt. 355 cm × larg. 465 cm.
Inscr.:
HIC.EST.RECESSUS.DÑI.IOÃNIS.DE.CASTRO.13./PARTIS.INDIE GV BERNATORIS.IN.QVO.QVINQE.CA./PITANEOS.DÑI.DE.DO DALQVANIO SVBSTRAVIT. ACTVM. 1538
Inv.: N.º 95.

II. COMPOSIÇÕES ROMÂNTICAS

(LITOGRAFIA, BAIXO RELEVO E GRAVURA)

41 *Entrada triunfal em Goa.*
Litografia de Kappelin, in Neves Portugal. *Galleria* .... . Lisboa — 1842
Dimensões: alt. 8,5 cm × larg. 14 cm aprox.
Inscr.: *D. João de Castro vencedor de Dio entra triunfante em Goa à maneira dos romanos.*

42 *Morte de D. João de Castro.*
Gravura, in L. A. de A. M. [Luís António de Almeida Macedo], *Factos memoraveis da Historia de Portugal, ou resumo da Historia deste Paiz, desde a antiguidade até aos nossos dias.* — 1826
Dimensões: mancha — alt. 11,1 cm × larg. 7,1 cm.
Legenda: *D. Ioão de Castro jura que a sua probidade / o tem levado a ultima indigencia.*

43 *Morte de D. João de Castro.*
Litografia de Sendim, in *Bibliotheca Familiar e Recreativa,* Vol. V, N.º 19 — 1838
Dimensões: alt. 11,5 cm × larg. 11,5 cm aprox.

44 *Morte de D. João de Castro.*
Baixo relevo de Cerqueira. — c. 1840
Exp.: Exposição de 1840 (destino desconhecido).
44 a. Litografia de Cerqueira — A. C. Lemos. — 1840 (?)
Dimensões: alt. 25,5 cm × larg. 19 cm aprox.
Inscr.: *Ultimos momentos de D. João de Castro.*

N.B. — As datas mencionadas, relativas às gravuras e litografias insertas em livros e revistas, são as das respectivas publicações.

40 *Return to Goa, after the victory over Adil Khan.*
Measurements: height 355 cm × width 465 cm.
Inscrip.:
HIC.EST.RECESSUS.DÑI.IOÃNIS.DE.CASTRO.13./PARTIS.INDIE GV BERNATORIS. IN. QVO. QVINQE.CA./PITANEOS.DÑI.DE.DO DALQVANIO SVBSTRAVIT. ACTVM. 1538
Inv.: No. 95.

II. ROMANTIC COMPOSITIONS

(LITHOGRAPH, BAS RELIEF AND ENGRAVING)

41 *Triumphal entry into Goa.*
Lithograph by Kappelin, in Neves Portugal. *Galleria* ... . Lisboa — 1842
Measurements: height 8.5 cm × width 14 cm approx.
Inscrip.: «D. João de Castro conqueror of Diu enters Goa triumphantly in the manner of the Romans»

42 *Death of D. João de Castro.*
Engraving, in L. A. de A. M. [Luís António de Almeida Macedo], *Factos memoraveis da Historia de Portugal, ou resumo da Historia deste Paiz, desde a antiguidade até aos nossos dias.* — 1826
Measurements: plate — height 11.1 cm × width 7.5 cm.
Inscrip.: «D. João de Castro swearing that his honesty has brought him to the utmost poverty».

43 *Death of D. João de Castro.*
Lithograph by Sendim, in *Bibliotheca Familiar e Recreativa,* Vol. V, No. 19. — 1838
Measurements: height 11.5 cm × width 11.5 cm approx.

44 *Death of D. João de Castro.*
Bas-relief by Cerqueira. — c. 1840
Exhib.: Exhibition of 1840 (fate unknown).
44 a. Lithograph by Cerqueira — A. C. Lemos. — 1840 (?)
Measurements: height 25.5 cm × width 19 cm approx.
Inscrip.: «The last moments of D. João de Castro».

N.B. — The dates mentioned, in connection with the engravings and lithographs inserted in books and reviews, are those of the respective publications.

BIBLIOGRAFIA — BIBLIOGRAPHY

A. Acerca das pinturas (e outras espécies delas derivadas)
A. Concerning the pictures (and other specimens derived from them)

1609 — Fr. João dos Santos, *Ethiopia Oriental.* Évora — 1609
Re-ed.: Vol. I, pp. 277-91. Lisboa — 1892

1610 — François Pyrard de Laval, *Discours du voyage des Français aux Indes Orientales, suivi du Traité et description des animaux, arbres et fruits des Indes.* Paris — 1610
Tr.: Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.
Re-ed.: *Viagem de Francisco Pyrard de Laval*, Vol. II, p. 41. Porto — 1944

1651 — Jacintho Freire de Andrada, *Vida de D. João de Castro, Quarto Vice-Rei da India.* Lisboa — 1651
Re-ed.: Lisboa — 1940

1808 — António Lourenço Caminha, *Obras.* Lisboa — 1808

1833 — Dom João de Castro, *Roteiro de Dom Ioam de Castro, da viagem que fizeram os Portuguezes ao Mar Roxo no anno de 1541, commandados pelo Governador da India Dom Estevam da Gama.* Paris — 1833

1841 — José Maria Delorme Colaço, *Galleria dos Vice-Reis e Governadores da India Portugueza*, N.º 13. Lisboa — 1841

1843 — D. João de Castro, *Primeiro roteiro da costa da India; desde Goa até Dio...* . Porto — 1843

1864-66 — Gaspar Correia, *Lendas da India*, Livro IV, Tomo IV, Parte I e Parte II. Lisboa — 1864, 1866

1898 — Luiz Gonçalves, *Telas e Esculpturas da Cidade de Goa.* Bastorá — 1898

1919 — José F. Ferreira Martins, *Crónica dos Vice-Reis e Governadores da India*, p. 494. Nova Goa — 1919

1935 — *Iconografia dos Vice-Reis da India*, in *O Mundo Português*, Vol. II, N.os 19 e 20. Lisboa — 1935

1935 — José F. Ferreira Martins, *Os Vice-Reis da India. 1505-1917*, pp. VII--IX, 3-6; Est. fr. p. 62. Lisboa — 1935

1941 — Frazão de Vasconcelos, *As Pinturas das Armadas da Índia e outras representações artísticas de navios portugueses do século XVI.* Lisboa — 1941

1946 — Elaine Sanceau, *D. João de Castro.* Porto — 1946

1954 — Carlos de Azevedo, *Algumas Observações acerca do exame radiográfico dos Retratos dos Vice-reis da Galeria de Pangim*, Vol. II, N.º 2, pp. 41-4. Lisboa — 1954

1954 — D. João de Castro, *Cartas*, coligidas e anotadas por Elaine Sanceau. Lisboa — 1954

B. Acerca das tapeçarias
B. Concerning the tapestries

1883 — Ernst von Birk, *Inventar der in Besitz des Allerhöchsten Kaiserhaus befindichen niederländer Tapeten und Gobelins.* Wien. — 1883

1883 — *Jahrbuch der Kunsthistorischen Sammlungen* [des Allerhöchsten Kaiserhauses], Vol. I, pp. 233-84. Wien — 1883

1855 — Eugène Muntz, *La Tapisserie.* Paris — 1855

1906 — Augusto de Castro in *Illustração Portugueza*, 17 de Setembro. Lisboa — 1906

1906 — Taborda de Magalhães, in *O Seculo*, 22 de Setembro. Lisboa — 1906

1928 — Luis Keil, *As Tapeçarias de D. João de Castro*, in *Elucidario Nobiliarchico*, Vol. I, Nº. 9, pp. 271-90. Lisboa — 1928

1956 — A. Faria de Morais, *Les Tapisseries de D. João de Castro*, in *Bulletin des Études Portugaises*, Tome XIX. Lisboa — 1956

ESTUDO DA EVOLUÇÃO DA ANTIGA REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA DE ALGUMAS REGIÕES DO MUNDO

MUITAS cartas antigas, embora assinadas, não estão datadas. Isto pode ser devido apenas à falta de cuidado, mas em muitos casos «o facto de o cartógrafo assinar e não datar as suas cartas, só pode ter como explicação o ele ter reproduzido, quando muito com ligeiras alterações, um seu trabalho anterior e não querer dar a impressão de que se trate de obra já antiga; quanto às cartas não assinadas, nunca encontrámos uma só que esteja datada. Numa época em que a cartografia mais interessante, a oficial, era secreta, as outras nações faziam todos os possíveis para dela obter exemplares, que pagavam por bom preço, a maneira deficiente como muitas vezes os cartógrafos eram pagos ficando os organismos oficiais a dever-lhes somas várias, conforme consta de documentos coevos, e o perigo que lhes acarretaria o saber-se quem executara cartas clandestinamente, tornam compreensível que muitos trabalhos cartográficos não fossem assinados nem datados.

«A identificação dos autores destas cartas não assinadas ou não datadas e das épocas da sua execução, a par das dificuldades que apresenta, constitui uma das partes mais interessantes do estudo da cartografia antiga. A configuração geográfica dos continentes e a representação das ilhas, assim como a sua nomenclatura, comparada com a cronologia dos descobrimentos ou explorações, a presença de bandeiras e escudos de diversas nações nas regiões representadas, comparada com a sua história, o auxílio de certos documentos históricos em ligação com o documento em estudo, a maneira como o cartógrafo deixa perceber o estado dos seus conhecimentos cosmográficos, certos pormenores de técnica cartográfica, o estudo comparativo da iluminura ou simples ornamentação, o exame do tipo de letra das legendas principais, a comparação da caligrafia da nomenclatura duma carta em estudo com a doutra já conhecida, levam muitas vezes a determinar, com segurança e precisão, a data em que foi executado certo monumento, como por exemplo sucede com o chamado «Planisfério Cantino», ou o seu autor, como acontece com a Carta de Lopo Homem existente na Biblioteca Nacional de Lisboa. Mas nem sempre os conhecimentos geográficos ou cosmográficos revelados pelo cartógrafo nos seus trabalhos, correspondem ao grau do progresso geográfico e cosmográfico já atingido na ocasião em que ele os executou; há quatro séculos os conhecimentos humanos, apesar de a imprensa ter atingido considerável desenvolvimento, não se difundiam com facilidade e rapidez comparáveis, mesmo de longe, com as de hoje. Por outro lado, os cartógrafos, como é natural em face das dificuldades de divulgação dos novos conhecimentos, copiavam-se uns aos outros e serviam-se de protótipos em certa altura já antiquados em demasia, e daí as contradições cronológicas por vezes notadas em certas cartas, como por exemplo na colocação de bandeiras e escudos duma nação em regiões que já lhe não pertenciam, ou o ver-se registado numa parte da carta certo progresso geográfico quando outra se encontra desproporcionadamente atrasada; de resto, os cartógrafos não ligavam grande importância à geografia política, numa época em que a maioria das cartas se destinava às necessidades da navegação e esta exigia principalmente o desenvolvimento da geografia física. Essas contradições cronológicas fazem-se sentir então, sobretudo, em certas cartas datadas que, a não o estarem, se diria terem sido feitas alguns anos antes.

«Por aqui se pode avaliar das dificuldades em que frequentemente se vê o cartólogo para determinar a data ou o autor de determinado monumento cartográfico, tendo sempre, ou quase sempre, de concluir em face do exame comparativo do conjunto de elementos de identificação por ele oferecido. Isso torna, por vezes, extremamente difícil ou mesmo impossível chegar a decisão definitiva. É assim que com frequência se tem de apontar a data com a indicação aproximada de *circa* ou, ainda, fazê-la seguir duma interrogação (?)» (1).

Estas palavras, escritas em 1935, são hoje tão verdadeiras como o eram há um quarto de século atrás; palavras mais ou menos semelhantes foram escritas antes por outros autores e sempre têm sido repetidas por eruditos e pelos que estudam a história da cartografia. Quando, como no presente caso, nos encontramos em presença de uma grande massa de material cartográfico anónimo ou não datado, ou ambos, que de alguma maneira

(1) A. Cortesão, *Cartografia*, Vol. I, pp. 25-6. Lisboa 1935.

STUDY OF THE EVOLUTION OF THE EARLY CARTOGRAPHIC REPRESENTATION OF SOME REGIONS OF THE WORLD

MANY early charts, although signed, are not dated. This may be due simply to carelessness, but in many cases «the fact that a cartographer signed but did not date his charts can only be explained by the possibility that he was reproducing an earlier work, sometimes with only slight alterations, and did not wish it to be known that it was so old; as regards the unsigned charts, we have never found a single one dated. At a time when the most interesting, namely the official, [Portuguese] cartography was secret, and other nations did all they could to obtain specimens of that cartography, for which they gave high prices in a period when cartographers were often underpaid, or not paid at all, for the orders they received from official bodies, as we know from contemporary documents, and when the danger they ran in making charts clandestinely was ever present, it is not surprising that many cartographic works were left unsigned and undated.

«The identification of the makers of these anonymous or undated charts and the determination of their dates, in spite of the many difficulties involved, are among the most interesting aspects of the study of early cartography. The configuration of continents and the representation of islands, as well as their nomenclature, compared with the chronology of discoveries or explorations, the presence of flags and escutcheons in certain regions, in relation to their history, the evidence of certain historical documents connected with the document studied, the way in which the cartographer reveals the state of his cosmographical knowledge at the time, certain details of cartographic technique, the comparative study of the illumination or mere ornamentation, examination of the type of lettering in the principal legends, collation of the calligraphy of the nomenclature in the specimen studied with that of another already known, often allow us to determine with confidence the precise date at which a given chart was made, as (for instance) in the case of the so-called «Cantino» planisphere in Modena, or to identify ist maker, as in the case of the Lopo Homem chart in the Biblioteca Nacional de Lisboa. But the cosmographical knowledge shown by the cartographer in his works does not always correspond to the degree of geographical and cosmographical progress reached when he executed them; four centuries ago human knowledge, in spite of the considerable development attained by printing, was by no means diffused with the same ease and rapidity as to-day. Besides, as is understandable in view of the difficulties in the propagation of new knowledge, cartographers copied from each other and sometimes used prototypes which may have been antiquated; and this explains the chronological contradictions not infrequently found in charts, as when the flags and escutcheons of a nation are placed in regions which did not yet belong to it, or the geographical knowledge reflected in one part of a map is more advanced than that in another part. Moreover, cartographers did not attach great importance to political geography in an age when the great majority of maps were designed to serve the needs of navigation, which depended mainly on the development of physical geography. Such chronological contradictions are particularly noticeable in certain dated charts which, if they were not dated, might suggest that they had been made some years earlier.

«All this shows how great are the difficulties frequently met with when we have to determine the date or the maker of certain cartographic works; we have always, or almost always, to base a conclusion on the balance of evidence which a chart or an atlas affords. This sometimes makes it extremely difficult or even impossible to arrive at a definite decision. Hence the supposed date often has to be accompanied by the approximate indication *circa*, or even followed by a question mark (?)» (1).

These words, written in 1935, are as true to-day as they were a quarter of a century ago; more or less similar expressions had been used before by other authors and have constantly been repeated by scholars and students of the history of cartography. When, as in the present case, we find ourselves in the presence of a great mass of maps which are anonymous or undated, or both, and maps which must be classified somehow and arranged in some order

(1) A. Cortesão, *Cartografia*, Vol. I, pp. 25-6. Lisboa 1935.

tem de ser classificado e de qualquer modo arrumado em cinco grandes volumes, o problema de descobrir ou procurar descobrir os nomes dos respectivos cartógrafos e datas assume importância excepcional.

O estudo comparativo da representação de certa região numa carta não datada, no que respeita a traçado e toponímia, com a da mesma região noutra carta datada, pode na verdade dar uma boa indicação. Mas o cartógrafo poderia ter copiado uma carta antiquada para essa região particular e usado informação mais recente para a representação de outras regiões. Não podemos, por isso, chegar a conclusões definitivas após o estudo comparativo de uma só região. Se porém estudarmos as representações de várias regiões na mesma carta, em comparação com outras datadas, talvez nos possamos aproximar mais da verdade. Se então conjugarmos os resultados obtidos com outros elementos, tais como a cronologia dos descobrimentos e outras indicações que a carta possa dar, poderemos chegar a resultados mais satisfatórios ou mesmo conclusões positivas. Este processo por vezes também ajuda a identificar o autor anónimo de uma carta.

Como nos é agora pràticamente impossível estudar, mesmo muito brevemente, a evolução da representação cartográfica de todas as regiões do mundo, escolhemos duas mais características e úteis — Terra Nova e Japão — reunindo os seus respectivos traçados em todas as cartas portuguesas conhecidas, e algumas estrangeiras datadas, do século XVI, e umas poucas mais que embora não datadas já têm as suas datas determinadas com razoável segurança. Este conjunto de traçados, e correspondente lista de nomenclatura que, no caso da Terra Nova, o acompanha, podem na verdade ajudar não só a situar imediatamente certa carta não datada dentro de limites cronológicos comparativamente estreitos, mas também facilitar o estudo de outros problemas relacionados sobretudo com a história da cartografia de determinadas regiões. Atrevemo-nos a esperar que este trabalho preliminar, representativo, nas circunstâncias presentes, de considerável esforço, sobretudo por causa do muito tempo que inevitàvelmente absorveu, possa vir a ser útil a eruditos e estudiosos interessados na história da cartografia em geral.

TERRA NOVA

Nós, portugueses, sabemos que já no começo do século XV, se não antes, os nossos navegadores começaram a explorar o Atlântico para oeste, e muitos de nós estamos convencidos de que durante esse século eles alcançaram em vários pontos as costas orientais do Continente Americano, e que durante a segunda metade do mesmo século chegaram às costas do nordeste da América do Norte. Já foi afirmado que, além das duas bem conhecidas e incontestadas viagens de Gaspar Corte Real, em 1500 e 1501, ele fez outra antes de 1500 na mesma direcção, e durante estas três viagens muitas terras foram descobertas ou vistas, desde a Groenlândia à Florida (2). Depois destas viagens, a Terra Nova e regiões vizinhas foram chamadas «Terra dos Corte-Reais».

Sabemos também que em 1497 Giovanni Caboto, num pequeno navio com tripulação inglesa, partiu de Bristol para oeste e regressou três meses mais tarde, e que no ano seguinte de novo se fizeram à vela na mesma direcção. Embora mal se conheçam pormenores destas duas viagens nem o que alcançaram, admite-se geralmente que Caboto chegou a algures na costa da América do Norte, o que parece confirmado pela legenda «mar descubierta por jnglese» e as bandeiras inglesas plantadas por Juan de la Cosa no nordeste do Atlântico, na sua carta de 1500, embora isso possa ter sido adição posterior (3). Os normandos, os bretões, ou ambos, também

(2) Vide, por exemplo, Gago Coutinho, *Gaspar Corte-Real*, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, N.º 11, Novembro 1933; *Idem, Ainda Gaspar Corte-Real, ibidem*, N.ºs 5 e 6, Maio e Junho 1950. Deve acrescentar-se que Duarte Pacheco muito provàvelmente, a nossa ver, visitou as costas da América do Norte em 1498, e não há dúvida que João Fernandes Lavrador e Pedro de Barcelos exploraram o Atlântico Norte — pelo menos a costa sul da Groenlândia e é de crer que mais para oeste — de 1495 a se não antes. Cf. Damião Peres, *História dos Descobrimentos Portugueses*, pp. 337-68. Porto 1943.

(3) Para informação pormenorizada sobre o problema das viagens de Caboto vide, entre outros, J. A. Williamson, *The Voyage of the Cabots and the Discovery of North America*, London 1929. Depois da publicação do minucioso trabalho do Dr. Williamson, foram descobertos vários outros documentos mais ou menos relacionados com Caboto, entre eles um encontrado pelo Dr. L. A. Vigneras no Archivo General de Simancas, a que tem sido atribuída grande importância. Este documento é uma carta, sem data e dirigida ao «Señor Almirante Mayor», escrita em bom castelhano contemporâneo e assinada por *Johan Day*. O Dr. Vigneras datou a carta de 1497 ou 1498, identificou John Day como um mercador inglês, e o «Almirante Mayor» com o próprio Cristóvão Colombo. Em 1956 o Dr. Vigneras revelou a sua importante descoberta num artigo, *New Light on the Cabot Voyage to America*, publicado na *Hispanic American Historical Review*, Vol. XXXVI; outro artigo pelo mesmo autor, *The Cape Breton Landfall: 1497 or 1494*, apareceu na *Canadian Historical Review*, Vol. XXXVIII, 1957, e a sua comunicação, também sobre o mesmo assunto, ao Congresso Internacional de História dos Descobrimentos, que em Setembro de 1960 se realizou em Lisboa, intitula-se *État présent des études sur Jean Cabot*, *Actas*, Vol. III. Lisboa 1961. Nesse Congresso foi lida e discutida outra comunicação, relacionada com o mesmo tema, de R. A. Skelton, *The Cartographic Record of the Discovery of North America — Some Problems and Paradoxes*, Actas Vol. II. Lisboa 1961. Mais recentemente, o Professor David B. Quinn publicou um artigo, *The Argument for the English Discovery of America between 1480 and 1494* (com reprodução fotográfica da carta original de John Day), in *The Geographical Journal*, London Septem-

in five large volumes, the problem of finding or trying to find the names of the cartographers who made them and their dates assumes exceptional importance.

The comparative study of the representation of a certain region on an undated chart, as regards both outline and place names, with that of the same region on a dated chart, may indeed give a strong hint. The cartographer may, however, have copied an older chart for that particular region and used more recent information for the representation of other regions. We cannot, therefore, jump to conclusions from the comparative study of a single region. If, however, we study the representation of several regions on the same chart in comparison with other and dated charts, we may be able to get nearer to the truth. If we then collate the results thus reached with other evidence, such as the chronology of the geographical discoveries and any other evidence the chart may offer, we may arrive at more satisfactory results or even positive conclusions. This process also often helps us to identify the author of an anonymous chart.

As it is now practically impossible for us to study, however briefly, the evolution of the cartographic representation of all the regions of the world, we have chosen two of the more striking and useful — Terra Nova and Japan — assembling the respective outlines and comparing the nomenclature of all known Portuguese and some foreign dated charts of the sixteenth century, with a few others which, although undated, have already had their dates determined with reasonable accuracy. This assemblage of outlines and the corresponding lists of place names which, in the case of Terra Nova, accompany them may indeed help not only to place an undated chart immediately within comparatively narrow chronological limits, but also to facilitate the study of other problems chiefly connected with the history of the cartography of particular regions. We hope that this preliminary work, which, in the present circumstances, represents a considerable effort, particularly on account of the time which it unavoidably took, will be of some assistance to scholars and students interested in the history of cartography in general.

TERRA NOVA — NEWFOUNDLAND

We Portuguese know that as early as the beginning of the fifteenth-century, if not before, our navigators began to explore the Atlantic to the west, and many of us are convinced that during that century they reached the eastern coast of the American Continent at several points, and that during the second half of the century they attained the north-east coast of North America. It has been claimed that, besides his two well-known and uncontested voyages in 1500 and 1501, Gaspar Corte-Real made another before 1500 in the same direction, and that, on these three voyages, many lands were discovered or seen, from Greenland to Florida (2). After these voyages, Terra Nova and the adjoining regions were called «Terra dos Corte-Reais».

We also know that in 1497 John Cabot sailed westward from Bristol in a small English ship, returning three months later, and that in the following year he made another voyage in the same direction. Although we have scarcely any details about these two voyages or precise information about what they attained, it is generally admitted that Cabot reached some part of the coast of North America, which seems to be confirmed by the legend «Mar descubierta por jnglese» and the English flags planted by Juan de la Cosa on some sections of coast in the North-west Atlantic in his chart of 1500, although this may be a later addition (3). The Normans or the Bretons, or both,

(2) See, for instance, Gago Coutinho, *Gaspar Corte-Real* in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, N.º 11, November 1933; Idem, *Ainda Gaspar Corte-Real, ibidem*, N.ºs 5 and 6, May and June 1950. It must be added that we think it very probable that Duarte Pacheco visited the North American coasts in 1498, and there is no doubt that João Fernandes Lavrador and Pedro de Barcelos explored the North Atlantic — at least the northern coast of Greenland and probably further west — from 1495 to 1498, if not earlier. Cf. Damião Peres, *História dos Descobrimentos Portugueses*, pp. 337-68. Porto 1943.

(3) For detailed information on the problem of the Cabot voyages see, among others, J. A. Williamson, *The Voyage of the Cabots and the Discovery of North America*. London 1929. Since the publication of Dr Williamson's elaborate work several other documents more or less connected with Cabot have been discovered, among them one found in the Archivo General de Simancas by Dr L. A. Vigneras, to which great importance has been attached. The latter document is an undated letter addressed to «Señor Almirante Mayor», written in contemporary, good Castilian and signed by *Johan Day*. Dr Vigneras has dated the letter 1497 or 1498, and identified John Day as an English merchant, and the «Almirante Mayor» as Christopher Columbus himself. In 1956 Dr Vigneras revealed his important discovery in an article, *New Light on the Cabot Voyage to America*, published in the *Hispanic American Historical Review*, Vol. XXXVI; another article by the same author, *The Cape Breton Landfall: 1494 or 1497*, appeared in the *Canadian Historical Review*, Vol. XXXVIII, 1957, and his paper, also on the same subject, to the International Congress of the History of Discoveries, held in Lisbon, September 1960, is called *État présent des études sur Jean Cabot*, *Actas*, Vol. III. Lisboa 1961. A further paper relating to the subject was read by R. A. Skelton and discussed at the same Congress, *The Cartographic Record of the Discovery of North America — Some Problems and Paradoxes*, *Actas*, Vol. II. Lisboa 1961. More recently Professor David B. Quinn published an article, *The Argument for the English Discovery of America between 1480 and 1494* (with a photographic reproduction of the original letter of John Day), in *The Geographical Journal*, London September 1961. The discovery of John Day's letter certainly

possìvelmente teriam ido ao noroeste do Atlântico em redor do fim do século. Seja como for, pouco nos interessa agora quem primeiro chegou à Terra Nova: o que importa para o nosso estudo, é que a Terra Nova foi representada pela primeira vez no planisfério português chamado de Cantino, de 1502, como uma ilha sob o nome de «Terra del Rey de portuguall», e com uma legenda onde se diz que foi descoberta por Gaspar Corte-Real. A mesma carta representa também a parte sul da Groenlândia e a Florida, da mesma forma descobertas pelos portugueses.

Gaspar Corte-Real partiu para a sua última expedição com três caravelas, das quais só duas regressaram a Lisboa. Ele desapareceu com o seu navio, e do que lhes aconteceu nunca mais se soube, apesar de em 1502 seu irmão Miguel ter ido com duas ou três caravelas a fim de o encontrar. Também ele nunca voltou, e, uma vez mais, nunca ninguém soube qual foi a sua sorte. Depois, em 1503, El-Rei D. Manuel mandou outra expedição em busca dos dois irmãos. Também não foram encontrados, embora as costas da Terra Nova e proximidades fossem cuidadosamente exploradas. Gaspar era o mais novo de três irmãos, o mais velho dos quais era Vasco Anes Corte-Real, Vedor da casa real e membro do Conselho de D. Manuel, o que em parte poderá explicar o interesse mostrado por estas viagens. Depois das infrutíferas expedições de 1503 em busca de Gaspar e Miguel, o próprio Vasco Anes se propôs ir procurar os irmãos, mas o Rei dissuadiu-o da aventura.

Quando as duas caravelas sobreviventes da última viagem de Gaspar Corte-Real regressaram a Lisboa, em 8 e 11 de Outubro de 1501, trouxeram alguns índios, indígenas das regiões que visitaram, das quais fizeram viva descrição a D. Manuel. Conhecem-se relatos completos dessa descrição pelas muitas vezes citadas cartas que Alberto Cantino, agente em Lisboa do Duque de Ferrara, logo enviou a seu amo em 17 de Outubro de 1501, e o embaixador Pietro Pasqualigo escreveu de Lisboa para Veneza em 18 e 19 do mesmo mês. Dessas cartas e de outra documentação, concluiu o eminente Harrisse: «Au point de vue des documents aujourd'hui connus, c'est donc Gaspar Corte-Real qui découvrit l'île de Terre-Neuve». (4) «Les documents n'attestent la présence d'aucun Européen à Terre-Neuve avant Gaspar Corte-Real. Dans l'état actuel de la question, l'historien impartial doit donc en attribuer la découverte aux Portugais. C'est ainsi à ces habiles marins que revient le mérite d'avoir ébauché les premières cartes et la première nomenclature de cette île» (5). «L'expédition envoyée par le roi Emmanuel en 1503 à la recherche de Gaspar et de Miguel Corte-Real, entreprise impliquant une exploration minutieuse de la côte orientale de Terre-Neuve et de ses abords, dut en rapporter des relèvements et des notions géographiques qui servirent, sans aucun doute, à dresser le prototype d'une séconde série ou famille de cartes lusitano-améri-caines» (6).

Na verdade, o planisfério «Cantino», e outras cartas derivadas dum protótipo mais ou menos semelhante — Caverio, King-Hamy, Kunstmann II, Waldseemuller e Schöner — mostram uma Terra Nova insular, sem topónimos ou com apenas muito poucos; mas a vasta «segunda série ou família», iniciada com a carta de Pedro Reinel, de c. 1504, mostram uma Terra Nova mais cerca ou mais ou menos ligada ao continente e com numerosa nomenclatura, que aumenta em grau vário, tanto nela como nas regiões vizinhas, conforme expedições sucessivas as tornaram melhor conhecidas. A esta família ou grupo pertencem, além da carta anónima de c. 1506, chamada «Kunstmann III»: a carta atlântica no atlas de Lopo Homem-Reinéis, 1519; Jorge Reinel, c. 1519; Diogo Ribeiro, 1525, 1527, 1529, 1530 e c. 1532; Gaspar Viegas, 1534, e os dois atlas anónimos (Archivio di Stato e Riccardiana, Florença) de c. 1537, que lhe atribuímos; António Pereira, c. 1545; João Freire, 1546; e muitas cartas alemãs, italianas e espanholas delas derivadas. As numerosas viagens à região da Terra Nova durante este período, em especial as de João Álvares Fagundes, conforme a carta régia de 1521, influenciaram o traçado e nomenclatura da sua representação cartográfica. Não temos dúvida de que Fagundes e outros navegadores portugueses exploraram não só as partes meridionais das costas da Terra Nova e o Golfo de São Lourenço (como adiante se verá) mas também o Estreito de Belle Isle antes das muito apregoadas viagens de Jacques Cartier

ber 1961. A descoberta da carta de John Day por certo causou grande excitação, o que é bem compreensível. Outras comunicações sobre a descoberta da Terra Nova e regiões vizinhas foram apresentadas no Congresso de Setembro de 1960: T. E. Layng, *Charting the Course to Canada*, *Actas*, Vol. II; T. P. Jost, *Portuguese Activity along the Canadian Shores at the Beginning of Modern Times*, *Actas*, Vol. III; Arthur Davies, *João Fernandes and the Cabot Voyages*, *Actas*, Vol. II; D. O. True, *John Cabot's Maps and Voyages*, *Actas*, Vol. II; João Afonso Corte Real, *Problemática das navegações para noroeste*, *Actas*, Vol. III. Lisboa 1961. Segundo alguns destes estudiosos os ingleses teriam descoberto a América mesmo antes de 1480; por outro lado, alguns deles crêem que tal prioridade pertence aos portugueses. Este é na verdade um problema muito interessante, sobre o qual a última palavra ainda não foi dita — e talvez nunca o seja.

(4) *Découverte et évolution cartographique de Terre-Neuve*, p. 38. London-Paris 1900.

(5) *Ibidem*, p. xxi.

(6) *Ibidem*, p. xxii.

may have also frequented the north-west Atlantic around the end of the century. Be that as it may, the question who was the first to reach Terra Nova is immaterial here: what is important for our present study is that Terra Nova was represented for the first time in the Portuguese planisphere of 1502, the so-called Cantino chart, as an island under the name «Terra del Rey de portuguall», with a legend saying that it was discovered by Gaspar Corte-Real. The same chart also represents the southern part of Greenland and Florida, likewise discovered by the Portuguese.

Gaspar Corte-Real left for his last expedition with three caravels, only two of which returned to Lisbon. He disappeared with his ship and what became of them was never known, although his brother Miguel sailed from Lisbon in 1502 with two or three caravels in order to find hin. He also never returned and, again, nobody ever knew his fate. Then, in 1503, the King of Portugal sent another expedition to search for the two brothers. They were never found, although the coast of Terra Nova and the neighbouring coasts were thoroughly explored. Gaspar was the youngest of three brothers, the eldest of whom was Vasco Anes Corte-Real. The latter was comptroller of the court of King Manuel and a member of his council, which may in part explain the interest shown in the voyages. After the unsuccessful expedition of 1503 in search of Gaspar and Miguel, Vasco Anes wanted to go himself to find his brothers, but was dissuaded from the venture by the King.

When the two surviving caravels of Gaspar Corte-Real's last voyage returned to Lisbon, on 8 and 11 October 1501 respectively, they brought with them several Indians, natives of the regions they had visited, of which a vivid description was given to King Manuel by the masters of the ships. We have complete reports of this description in the often quoted letters which Alberto Cantino, an agent of the Duke of Ferrara in Lisbon, wrote to his master on 17 October 1501, and the Venetian Ambassador Pietro Pasqualigo wrote from Lisbon to Venice on the 18th and 19th of the same month. From these letters and other evidence, the eminent Harrisse concludes: «Au point de vue des documents aujourd'hui connus, c'est donc Gaspar Corte-Real qui découvrit l'île de Terre-Neuve» (4). «Les documents n'attestent la présence d'aucun Européen à Terre-Neuve avant Gaspar Corte-Real. Dans l'état actuel de la question, l'historien impartial doit donc en attribuer la découverte aux Portugais. C'est ainsi à ces habiles marins que revient le mérite d'avoir ébauché les premières cartes et la première nomenclature de cette île» (5). «L'expédition envoyée par le roi Emmanuel en 1503 à la recherche de Gaspar et de Miguel Corte-Real, entreprise impliquant une exploration minutieuse de la côte orientale de Terre-Neuve et de ses abords, dut en rapporter des relèvements et des notions géographiques qui servirent, sans aucun doute, à dresser le prototype d'une séconde série ou famille de cartes lusitano-américaines» (6).

Indeed, the «Cantino» planisphere, and the other charts derived from a more or less similar prototype — Caverio, King-Hamy, Kunstmann II, Waldseemuller and Schöner — show an insular Terra Nova without place names or with only a very few; but the vast «second series or family», initiated by Pedro Reinel's chart of c. 1504, show a Terra Nova nearer or more or less attached to the continent and with a more abundant nomenclature which increased, both here and the neighbouring regions, although in varying degrees, as they became better known through successive expeditions. To this family belong, besides the anonymous chart of c. 1506, the so-called «Kunstmann III» chart: the Atlantic chart in the Lopo Homem-Reinels atlas, 1519; Jorge Reinel, c. 1519; Diogo Ribeiro, 1525, 1527, 1529, 1530 and c. 1532; Gaspar Viegas, 1534 and the two anonymous atlases of c. 1537 (Archivio di Stato and Riccardiana, Florence) which we ascribe to him; António Pereira, c. 1545; João Freire, 1546; and many German, Italian and Spanish charts derived from them. The numerous voyages to the region of Terra Nova during this period, and particularly those of João Álvares Fagundes, under the letters patent of 1521, influenced the drawing and nomenclature of its cartographic representation. We have no doubt that Fagundes and other Portuguese navigators explored not only the southern parts of the coasts of Terra Nova and the Gulf of St. Lawrence (as we shall see), but also the Strait of Belle Isle before the well-known

caused a stir, which is quite understandable. Other papers about the discovery of Terra Nova and neighbouring coasts were read at the same Congress of September 1960: T. E. Layng, *Charting the Course to Canada*, *Actas*, Vol. II; T. P. Jost, *Portuguese Activity along the Canadian Shores at the Beginning of Modern Times*, *Actas*, Vol. III; Artur Davies, *João Fernandes and the Cabot Voyages*, *Actas*, Vol. II; D. O. True, *John Cabot's Maps and Voyages*, *Actas*, Vol. II; João Afonso Corte Real, *Problemática das navegações para noroeste*, *Actas*, Vol. III. Lisboa 1961. According to some of these scholars the English may have discovered America even before 1480; on the other hand some of them believe that such a priority belongs to the Portuguese. This is indeed a very interesting problem on which the last word has certainly not been said, and perhaps will never be.

(4) *Découverte et évolution cartografique de Terre-Neuve*, p. 38. London-Paris 1900.

(5) *Ibidem*, xxi.

(6) *Ibidem*, xxii.

em 1534, 1535-1536 e 1541 (7), e a de Roberval em 1542-1543, em que levou o português João Afonso (Jean Alphonse Santongeois), como piloto.

Foram, porém, as viagens do célebre navegador francês que, acima de tudo, originaram a maior transformação na cartografia da Terra Nova, que desde então não mais cessou de ser representada como uma ilha (ou grupo de ilhas, conforme a fantasia dos cartógrafos) mais ou menos correctamente situada. A Terra Nova aparece pela primeira vez representada como um grupo de ilhas, junto ao continente, no mapa-mundi de Mercator de 1538, com o nome *Insule Corterealis*, e depois no seu globo de 1541; mas isto talvez seja fantasia cartográfica e mera coincidência, sem qualquer relação com as viagens de Cartier — a não ser que Mercator tivesse utilizado alguma fonte portuguesa hoje desconhecida. É na carta de Nicolas Desliens, de 1541, que pela primeira vez achamos a representação da Terra Nova (embora ainda como fantasioso aglomerado de ilhas) e o S. Lourenço segundo a descrição de Cartier. Jehan Roze em 1542 e Sebastian Caboto em 1544 mais ou menos reproduziram Desliens. Entretanto, uma pequena carta datada de 1543 e atribuída a Giovanni Benedetto (8), sienês então ao serviço da França, apresenta uma representação da Terra Nova, surpreendentemente correcta, para a época, como uma só ilha de configuração triangular. No seu mapa-mundi de 1546, Pierre Desceliers também representa a Terra Nova com configuração triangular, mas num aglomerado de ilhas. Porém, em 1544 já João Afonso, o piloto português de Roberval, desenhara na sua *Cosmographie*, ainda que apenas em esboço, uma notável representação de Terra Nova, que levou Harrisse a escrever: «Des années s'écouleront avant qu'on construisit una carte se rapprochant autant de la vérité que ce croquis de Jehan Alfonse» (9).

Estava-se, na verdade, num período de grande actividade cartográfica para a Terra Nova, e pouco depois, em 1547, o autor anónimo do atlas franco-português conhecido como «Vallard» — segundo a inscrição *Nicolas Vallard de Dieppe* no frontispício, que pròvàvelmente indica um antigo possuidor — deu uma configuração inteiramente nova àquela região, que a seguir reaparece, entre outras cartas datadas, no planisfério de Pierre Desceliers de 1550. Esta configuração torna-se característica quase exclusiva da cartografia portuguesa da maior parte da segunda metade do século XVI, como se pode ver pelas cartas de Sebastião Lopes, 1558, Bartolomeu Velho, 1561, Lázaro Luís, 1563, Fernão Vaz Dourado, 1568-1580, e muitas outras cartas portuguesas anónimas do mesmo período. Lopo Homem, no seu planisfério de 1554, Diogo Homem, nos seus atlas de 1558, c. 1558 e 1568, e André Homem, no seu planisfério de 1559, também adoptaram configuração semelhante, mas este importante grupo de cartas forma uma classe exclusiva, à parte, por causa da curiosa representação de uma vasta Baía de Fundy, que se estende para oeste quase até o S. Lourenço, com o qual está mesmo ligada no planisfério de Lopo Homem. Só para os fins do século é que a representação da Terra Nova como simples ilha triangular — que anteriormente aparecera em Benedetto, 1543, e Desliens, 1563, talvez acidentalmente — se tornou característica regular da maior parte das cartas. Encontra-se pela primeira vez em Bartolomeu Lasso, 1590, Cipriano Sanches, 1596, e na bela carta atlântica de Luís Teixeira, que, embora não datada, deve ter sido feita c. 1600. As cartas estrangeiras que mostram configuração mais ou menos semelhante, derivam directa ou indirectamente da carta de Bartolomeu Lasso, de 1590.

Reunimos nas tabelas juntas, de contornos e nomenclaturas da Terra Nova e regiões vizinhas, todas as cartas portuguesas do século XVI (deixando de fora apenas aquelas de Diogo Homem, Vaz Dourado e Bartolomeu Lasso que são quase meras repetições de outras cartas dos mesmos cartógrafos incluídas nas tabelas), tanto datadas como não datadas, e algumas das estrangeiras, datadas, que se podem considerar como mais representativas. Muitas cartas estrangeiras, que aliás têm real interesse, tiveram de infelizmente ser omitidas, devido apenas ao limitado espaço e impractibilidade de as incluir todas neste breve estudo. Nalguns casos tivemos, na tabela de nomenclatura, de limitar o número de topónimos na costa sudeste da Nova Scotia, registando apenas os que ficam mais perto do Cabo Bretão, e nem sempre pudemos manter a correspondência correcta entre os topónimos das várias cartas, mesmo quando evidente ou muito provável. Não seria impossível consegui-lo, mas só com tabela muito maior ainda, o que nem seria prático nem teria vantagem compensadora. Procurámos, porém, manter a correspondência de alguns topónimos — como Belle Isle, Cabo Race e Cabo Bretão — o que poderá facilitar o estudo desta tabela.

Muitos são os problemas, suscitados por mesmo breve análise destas vastas tabelas, que podem ser esclarecidos ou resolvidos pelo seu cuidadoso

(7) Harrisse 1900, p. 135.
(8) Harrisse 1900, pp. 233-4; A. Anthiaume, *Cartes Marines*, Vol. II, pp. 493-6. Paris 1916.
(9) Harrisse 1900, p. 225.

voyages of Jacques Cartier, in 1534, 1535-1536 and 1541 (7), and that, in 1542-1543, of Roberval, who took the Portuguese João Afonso (Jean Alphonse Saintongeois) as his pilot.

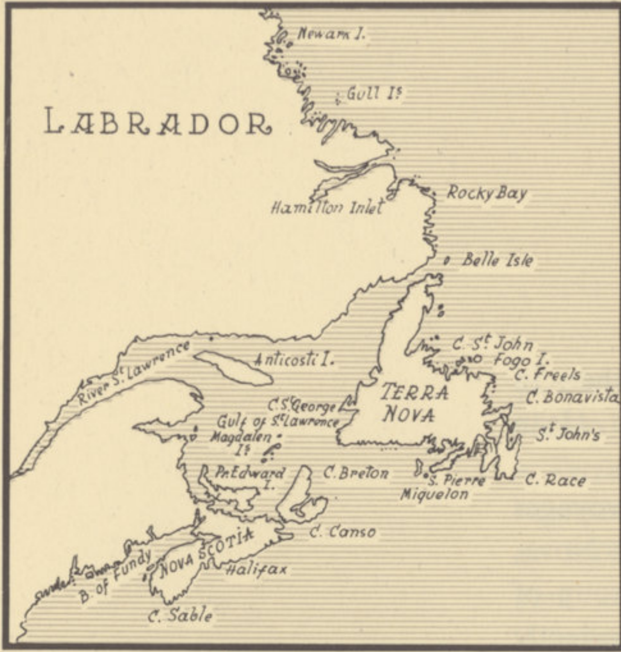
It was, however, particularly the famous French navigator's voyages which initiated the greatest transformation in the cartography of Terra Nova, and from his time it was consistently represented as an island (or group of islands, according to the fancy of the cartographers), more or less correctly situated. Terra Nova first appears represented as a group of islands near the continent in Mercator's world map of 1538, where it is called *Insule Corterealis*, and then in his globe of 1541; but this may be a cartographic fantasy and mere coincidence, without any connection with Cartier's voyages — unless Mercator drew on some Portuguese source, now unknown. It is in Nicolas Desliens' chart of 1541 that, for the first time, we find the representation of Terra Nova (although still as a fanciful cluster of islands) and the St. Lawrence according to Cartier's description. Jehan Roze in 1542 and Sebastian Cabot in 1544 more or less followed Desliens. Meanwhile, a small chart dated 1543 and attributed to Giovanni Benedetto (8), a Sienese then in the service of France, shows a representation, surprisingly accurate for its time, of Terra Nova as a single island with triangular configuration. In his world map of 1546, Pierre Desceliers also represented Terra Nova with a triangular configuration, but as a cluster of islands. In 1544, however, João Afonso, Roberval's Portuguese pilot, had drawn a remarkable, although only sketched, representation of Terra Nova in his *Cosmographie*, which caused Harrisse to write: «Des années s'écouleront avant qu'on construisit une carte se rapprochant autant de la vérité que ce croquis de Jehan Alfonse» (9).

This was, indeed, a period of great cartographic activity in the representation of Terra Nova, and shortly afterwards, in 1547, the anonymous author of the Franco-Portuguese atlas known as the «Vallard» atlas — from the inscription *Nicolas Vallard de Dieppe* on the title-page, probably indicating the name of an early owner — gave the region a completely new configuration, which next appears (among the known dated charts) in Pierre Desceliers' planisphere of 1550. This configuration became an almost exclusive characteristic of Portuguese cartography during most of the second half of the sixteenth century, as can be seen in the charts of Sebastião Lopes, 1558, Bartolomeu Velho, 1561, Lázaro Luís, 1563, Fernão Vaz Dourado, 1568-1580, and many anonymous Portuguese charts of the same period. Lopo Homem, in his planisphere of 1554, Diogo Homem, in his atlases of 1558, c. 1558 and 1568, and André Homem, in his planisphere of 1559, also adopted a similar configuration, but this important group of charts forms an exclusive class apart, because of the peculiar representation of a vast Bay of Fundy, stretching westwards almost to the St. Lawrence, with which it is even connected in Lopo Homem's planisphere. It is only towards the end of the century that the representation of Terra Nova as a single triangular island — which had appeared before, perhaps by accident, in Benedetto, 1543, and Desliens, 1563 — became a regular feature of most charts. This is first found in Bartolomeu Lasso, 1590, Cipriano Sanches, 1596, and in Luís Teixeira's beautiful Atlantic chart, which, although undated, must have been made c. 1600. Foreign charts showing a more or less similar configuration are directly or indirectly derived from Bartolomeu Lasso's chart of 1590.

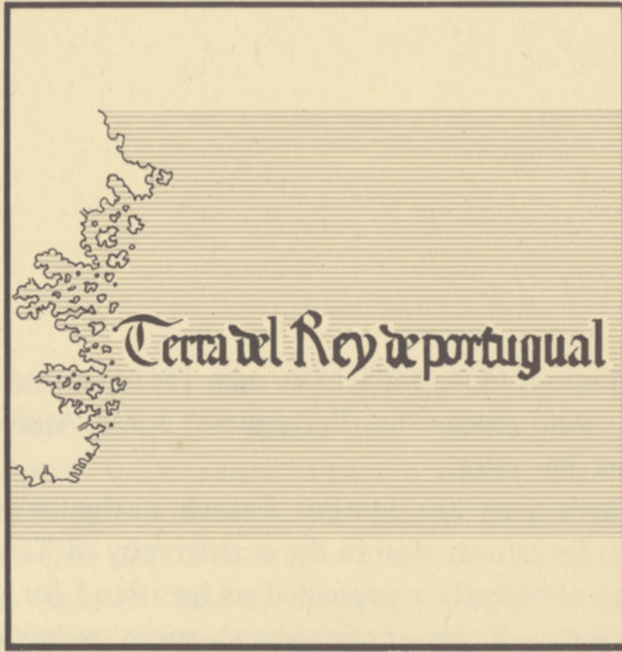
In the adjoining tables of outlines and place names of Terra Nova and neighbouring regions we have assembled all the Portuguese sixteenth-century charts (omitting only those by Diogo Homem, Vaz Dourado and Bartolomeu Lasso which are practically repetitions of other charts by the same cartographers included in the tables), both dated and undated, and a few of the more representative dated foreign ones. Many foreign charts, which otherwise are of real interest, had (regrettably) to be omitted, simply because of limitation of space and the impracticability of including them all in this brief study. In some cases we have had to cut down the number of place names on the south-eastern coast of Nova Scotia, leaving only those nearer Cape Breton, and we have not always been able to maintain correct correspondence between the toponymy of the various charts, even when it is evident or very probable. It would not be impossible to do so, but only at the cost of an even larger table, which would not be practicable and would not offer any compensating advantages. We have, however, endeavoured to maintain the correspondence of some place names — such as Belle Isle, Cape Race and Cape Breton — which may facilitate the study of this table.

Even a brief analysis of these large tables suggests many problems that may be clarified or solved by proper study of them. It would be

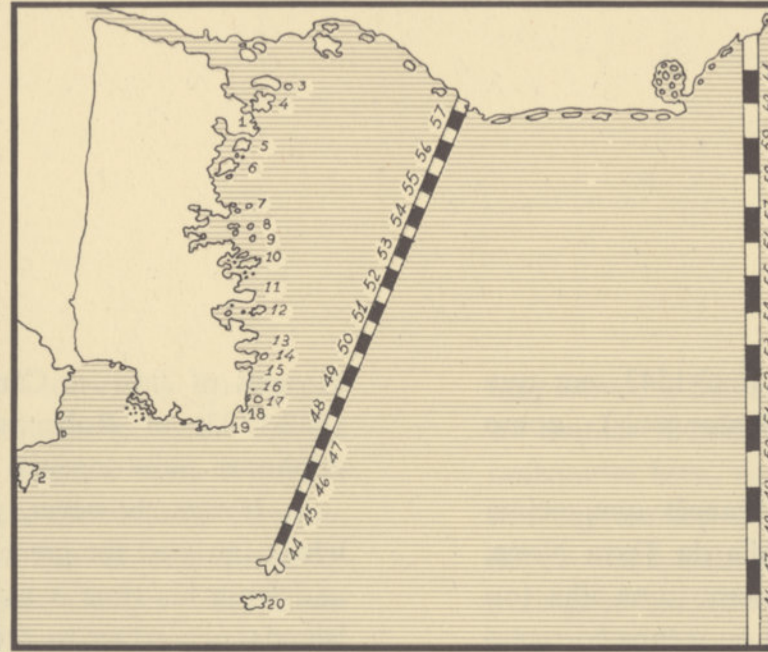
(7) Harrisse 1900, p. 135.
(8) Harrisse 1900, pp. 223-4; A. Anthiaume, *Cartes Marines*, Vol. II, pp. 493-6. Paris 1916.
(9) Harrisse 1900, p. 225.

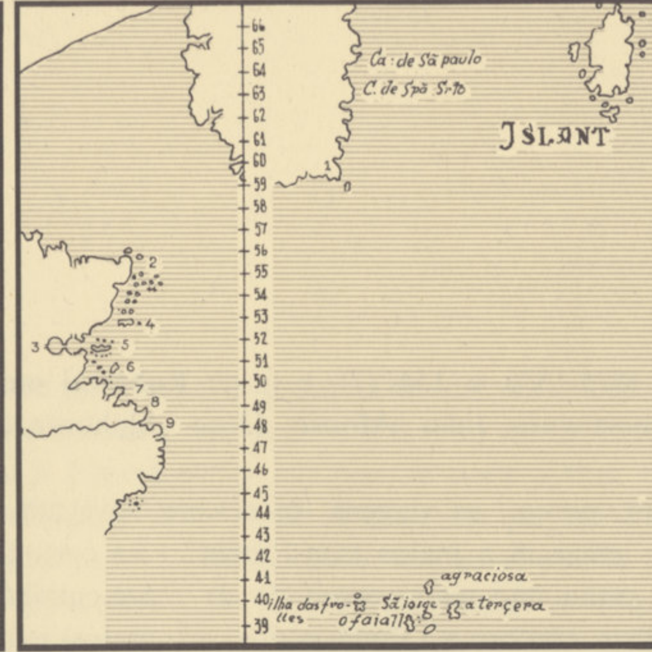


1 — CARTA MODERNA MODERN CHART

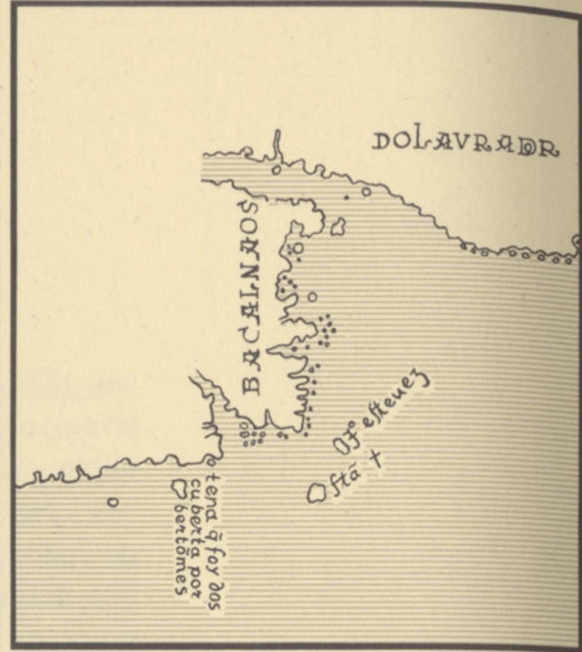


2 — «CANTINO», 1502


3 — PEDRO REINEL, c. 1504



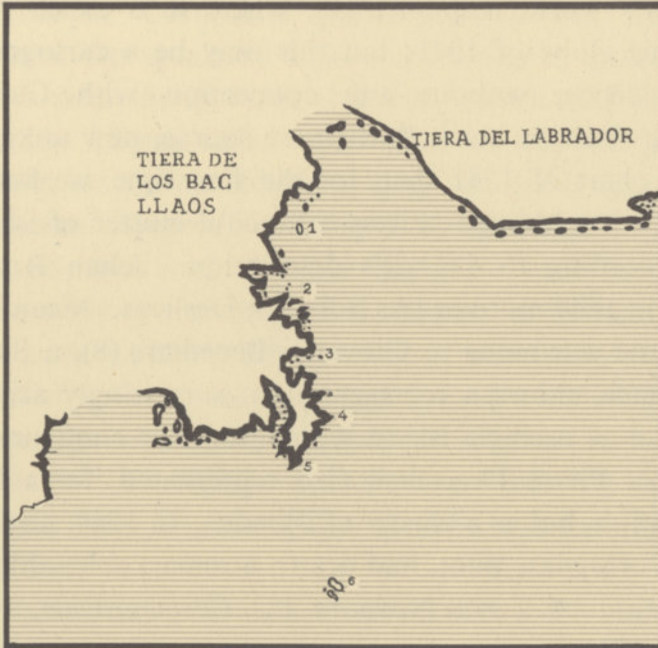
4 — «KUNSTMANN III», c. 1506



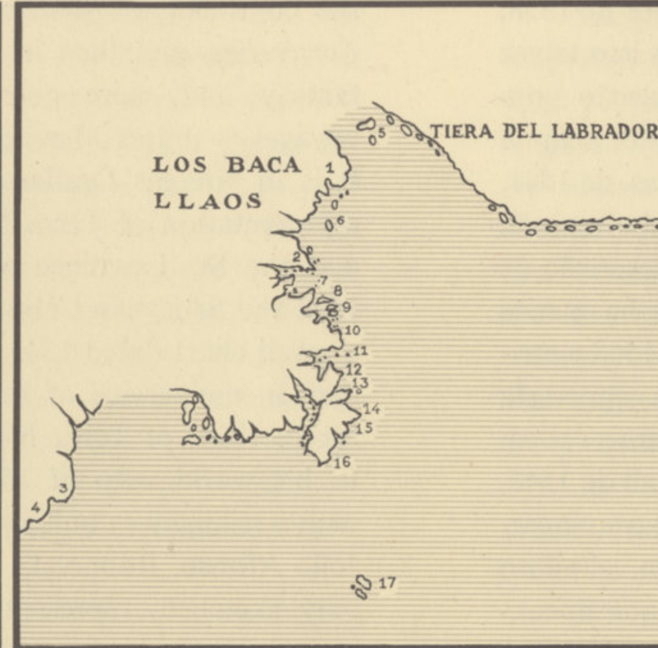
5 — JORGE REINEL, c. 1519



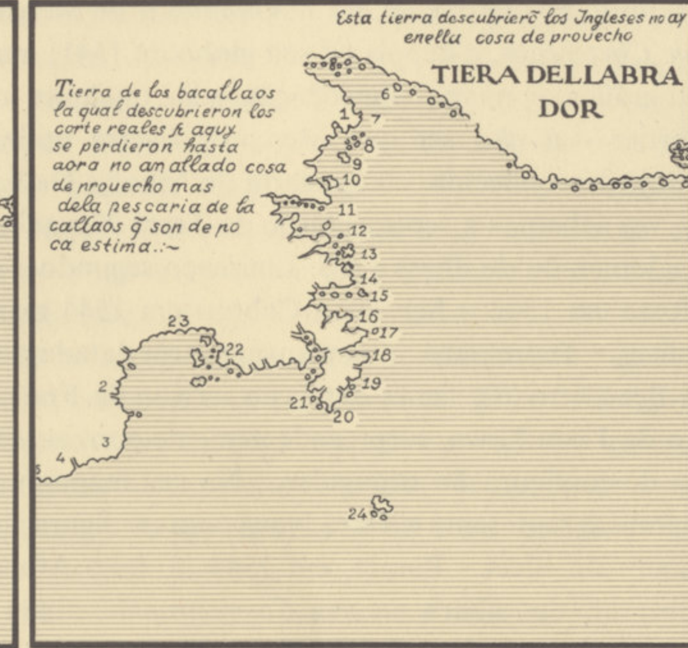
6 — LOPO HOMEM-REINÉIS, 1519



7 — DIOGO RIBEIRO, 1525



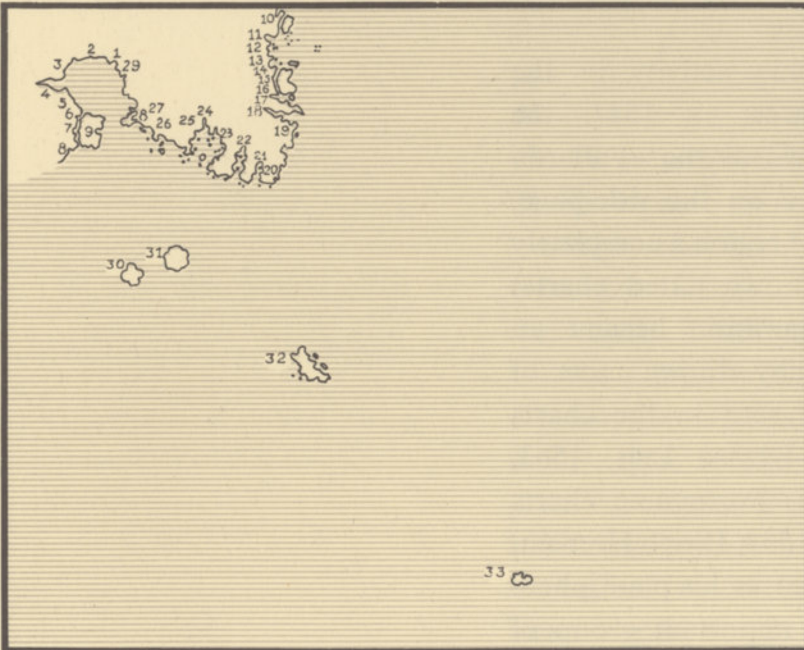
8 — DIOGO RIBEIRO, 1527



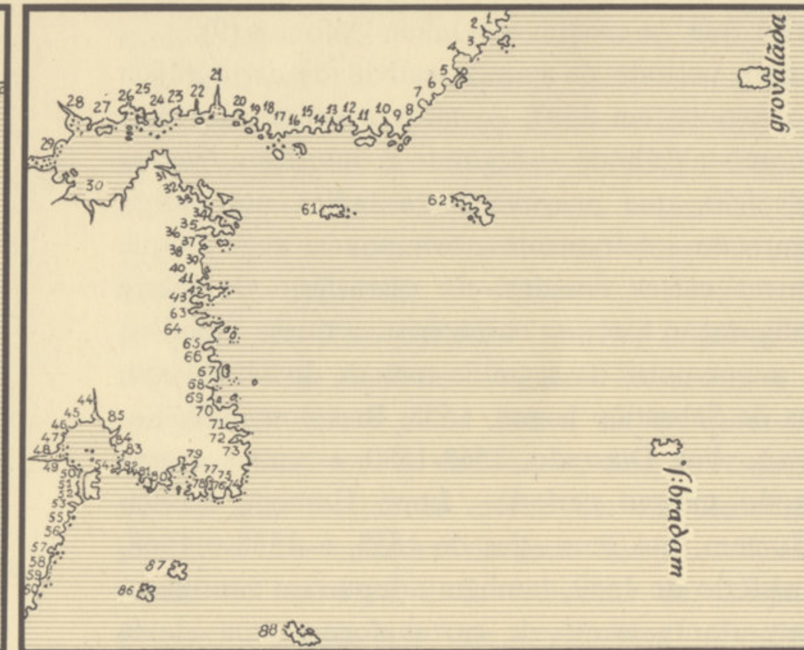
9 — DIOGO RIBEIRO, 1529

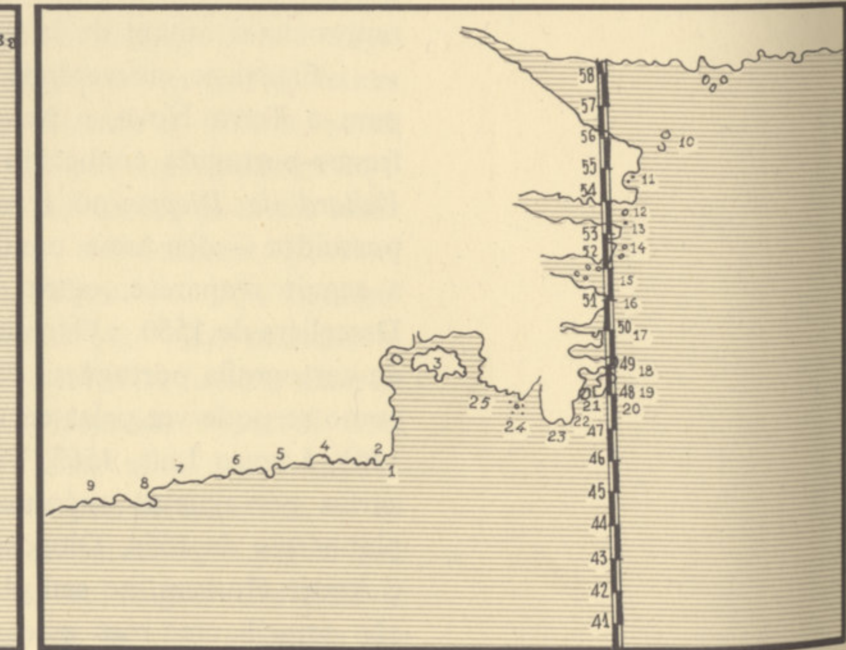


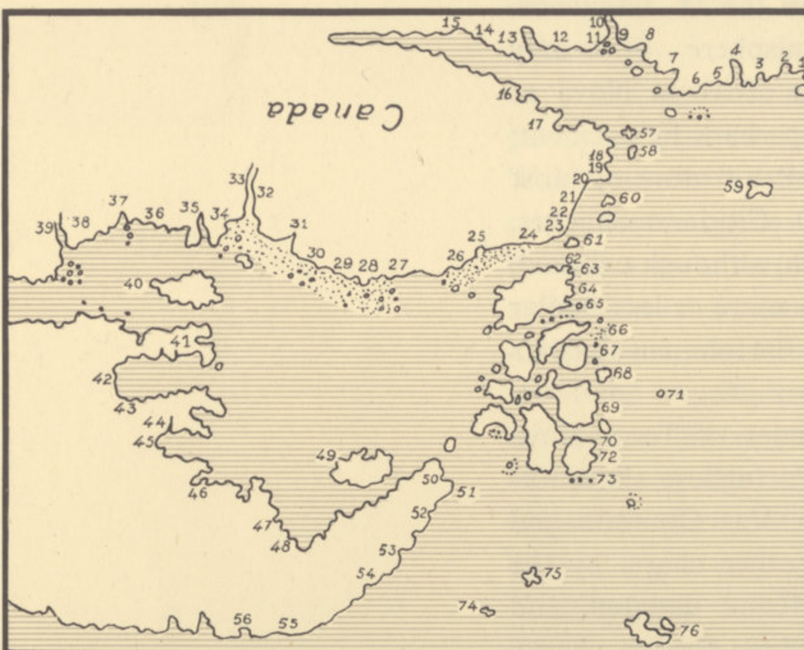
10 — DIOGO RIBEIRO, c. 1532


11 — GASPAR VIEGAS, 1534

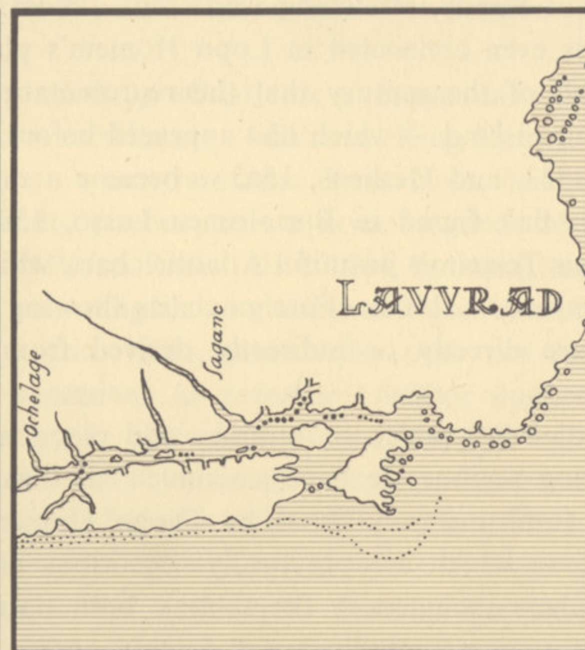

12 — GASPAR VIEGAS, c. 1537


13 — PEDRO (?) REINEL, c. 1535

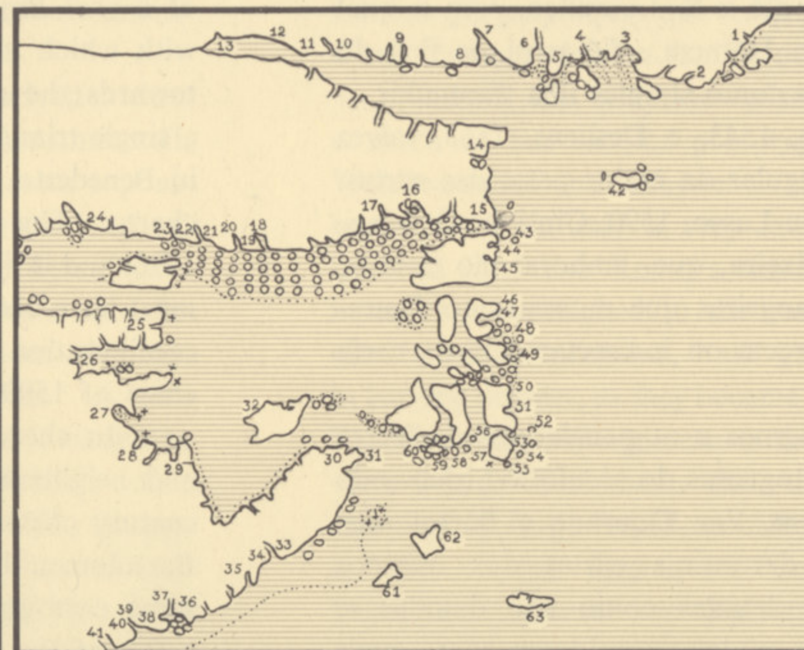

14 — ANÓNIMO, c. 1550 (R. G. S.)



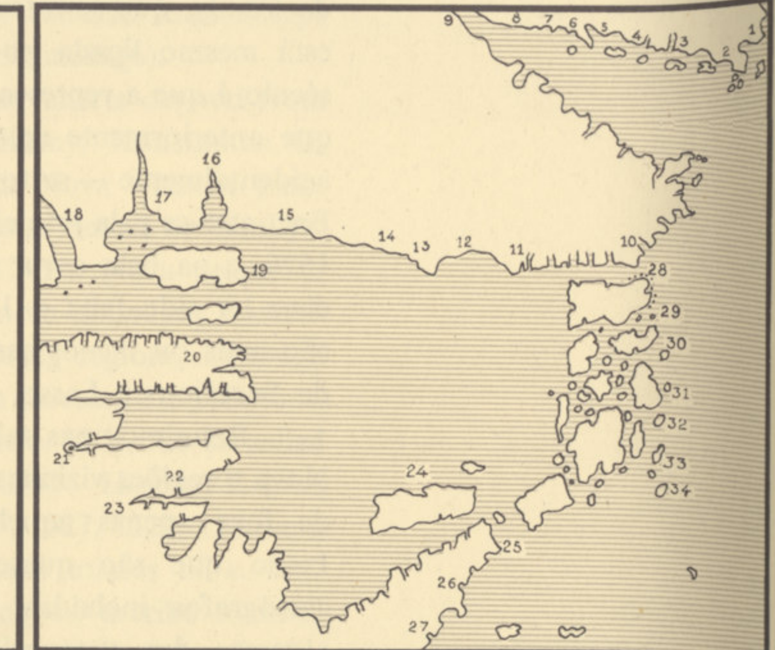
15 — NICOLAS DESLIENS, 1541

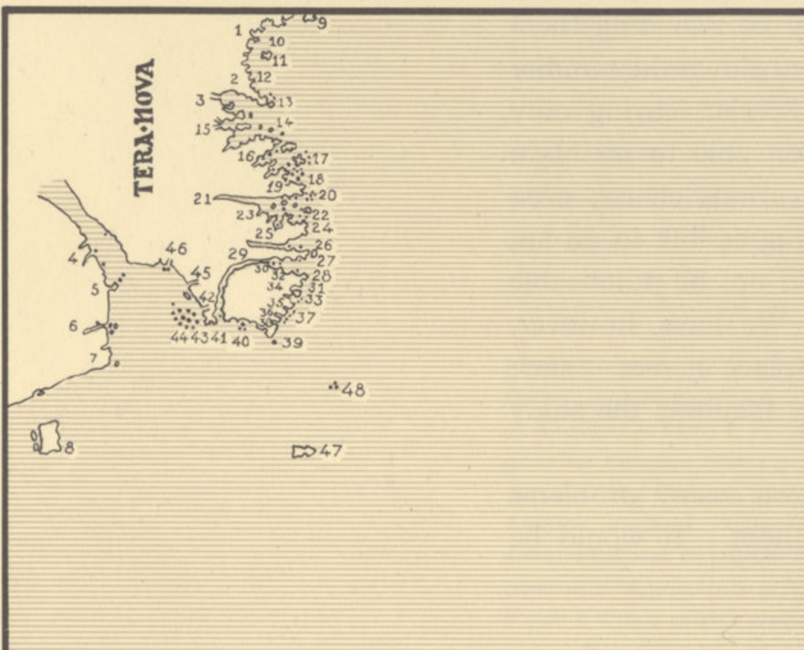


16 — GIOVANNI BENEDETTO, 1543

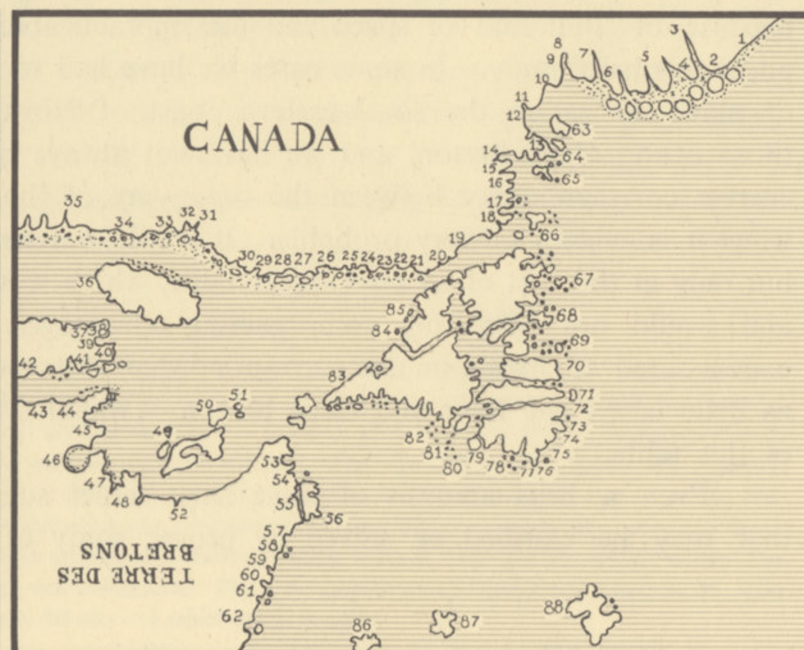

17 — SEBASTIAN CABOT, 1544


18 — JOÃO AFONSO, c. 1544

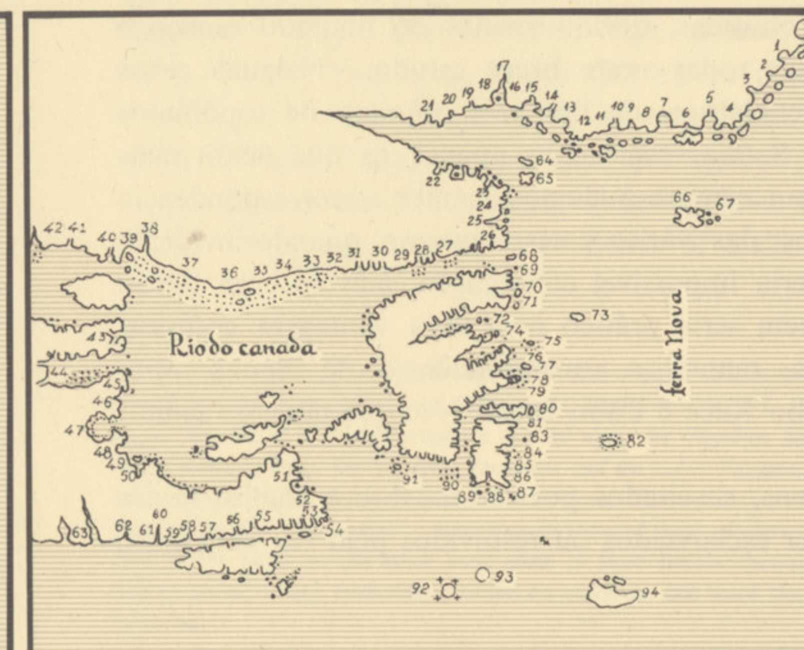

19 — ANTÓNIO PEREIRA, c. 1545



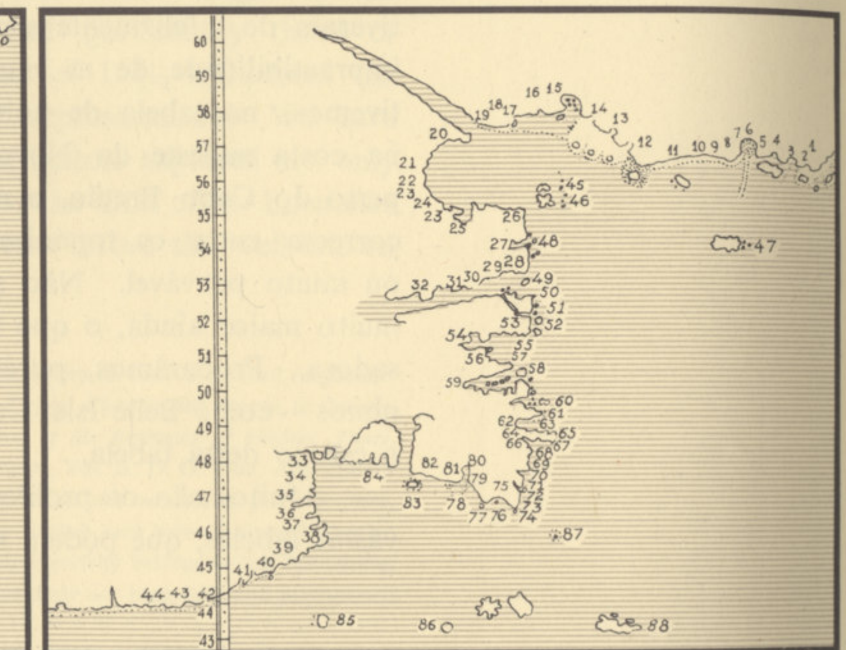
20 — JOÃO FREIRE, 1546

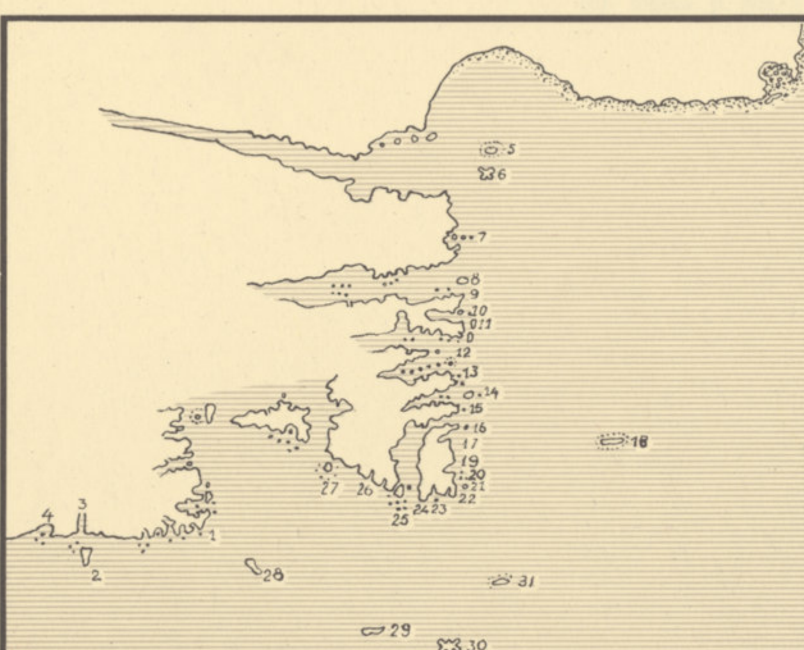


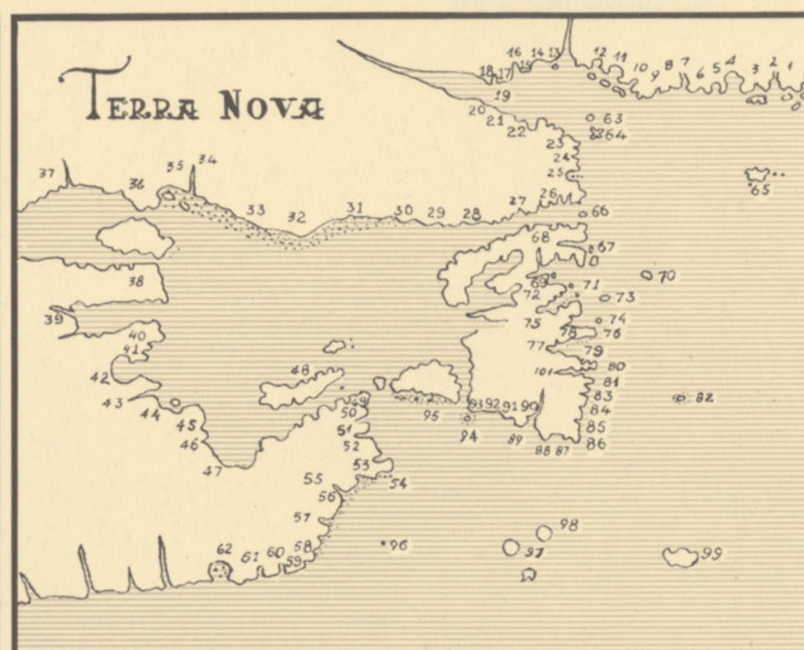
21 — PIERRE DESCELIERS, 1546



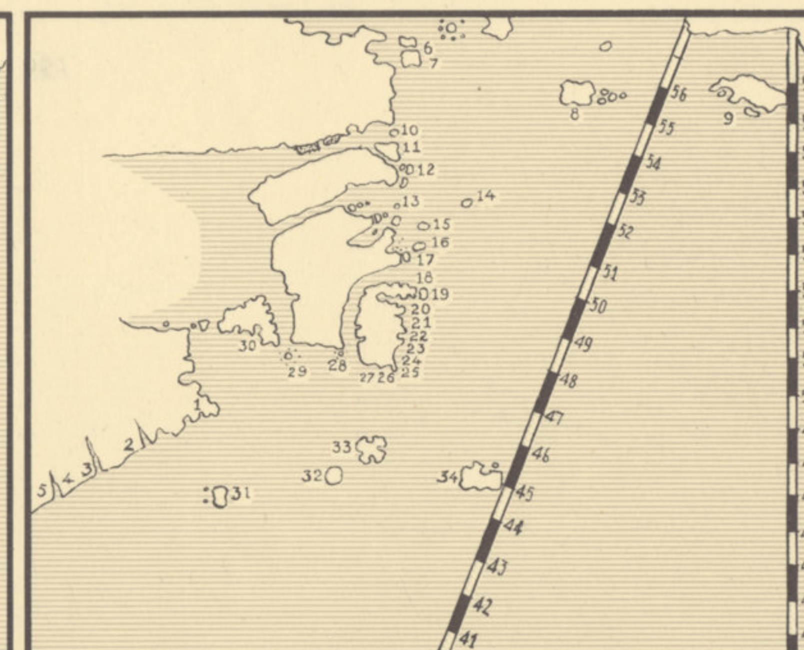
22 — NICOLAS VALLARD, 1547

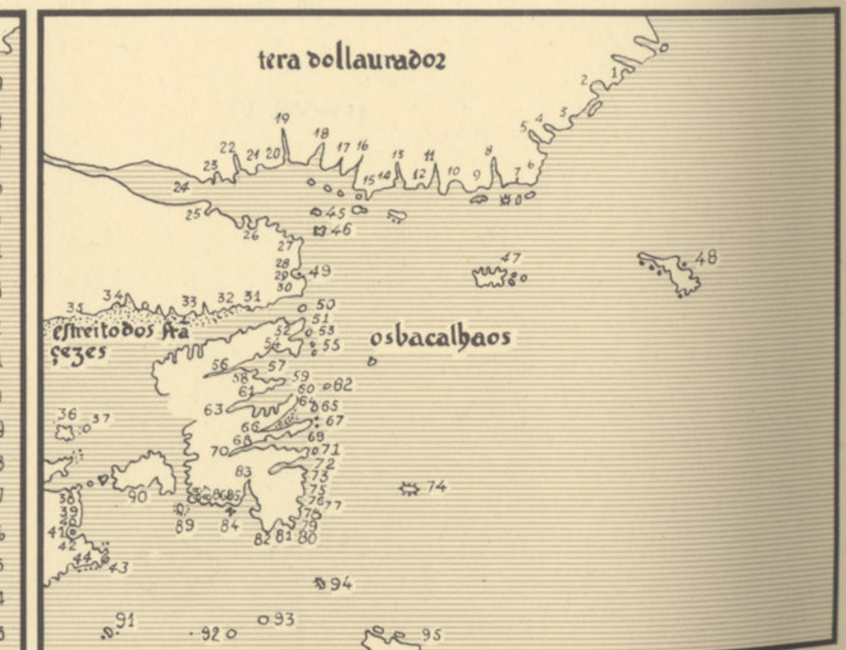

23 — ANÓNIMO, c. 1550 (BODLEIAN)


24 — ANÓNIMO, c. 1545 (WIEN)



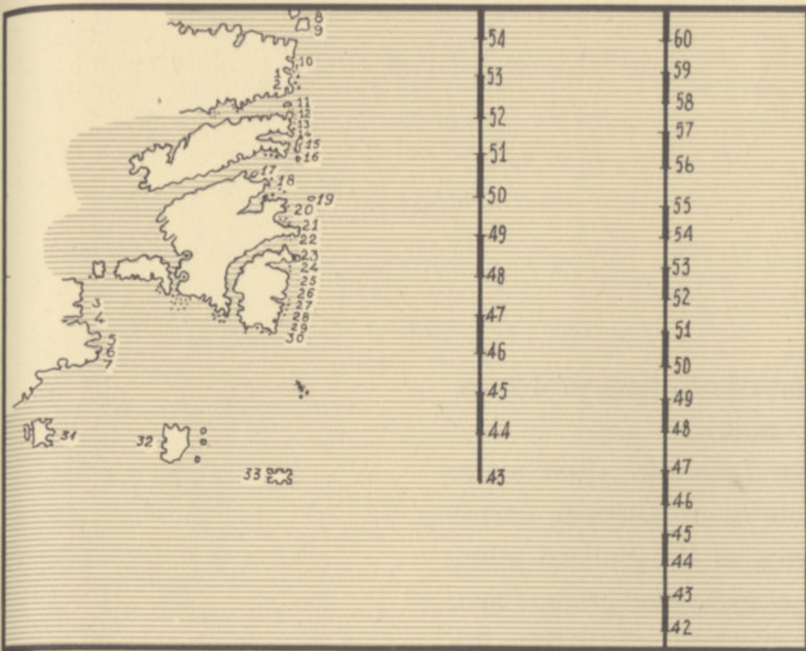
25 — ANÓNIMO, c. 1550 (VALLICELLIANA)

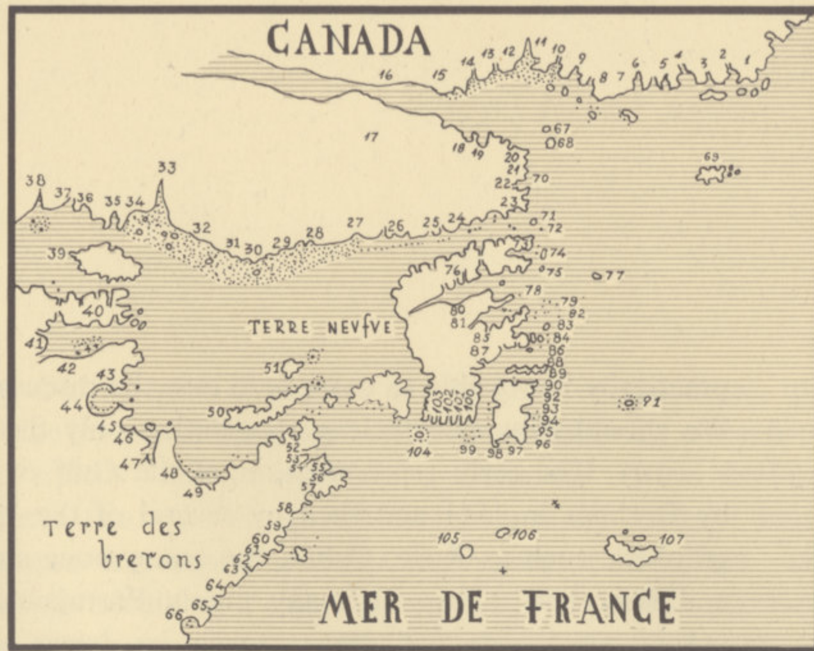

26 — ANÓNIMO, c. 1560 (1148 PARIS)



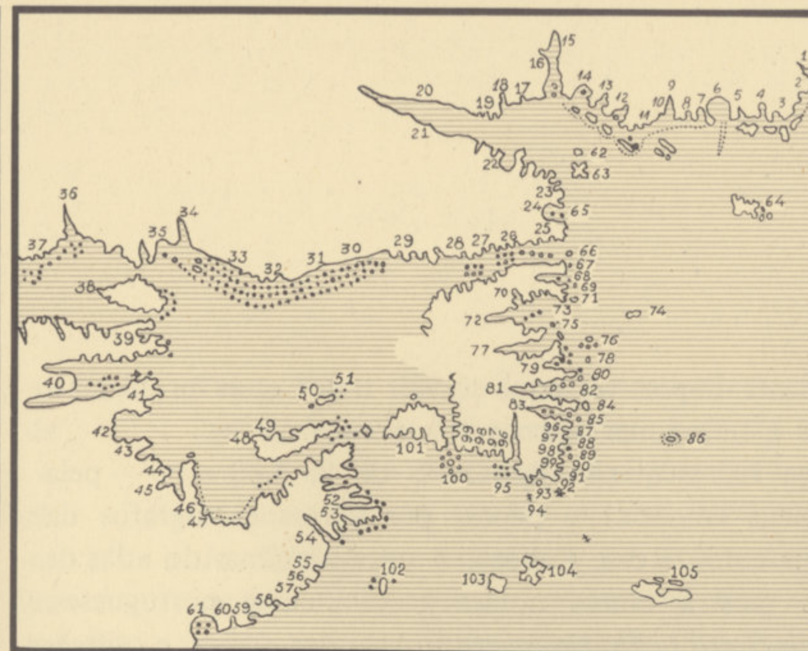
27 — ANÓNIMO, c. 1560 (LIV.º DE MARINHARIA)

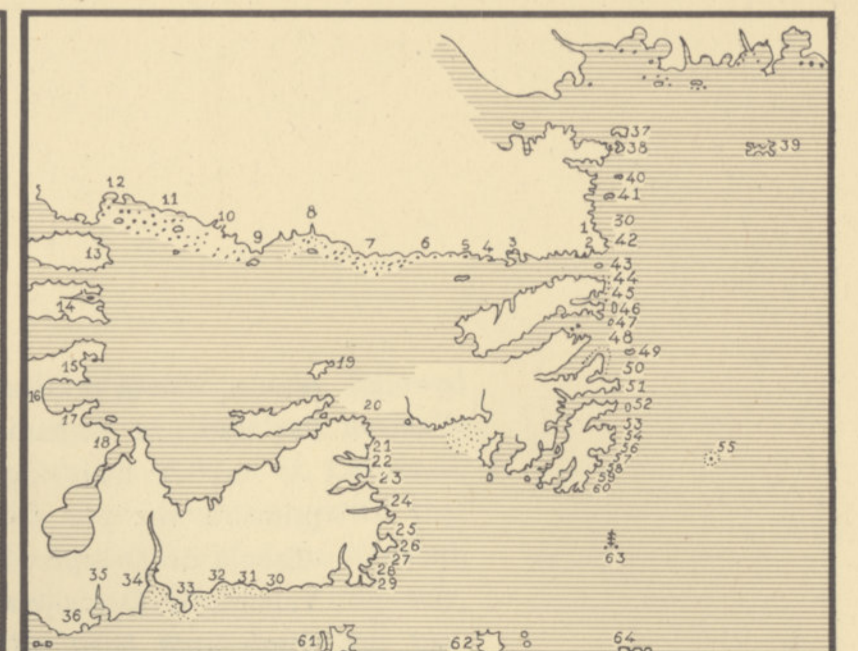
CARTOGRAPHY OF TERRA NOVA UNTIL 1600 *(The numbers in the sketches correspond to the Table on the opposite pages)*

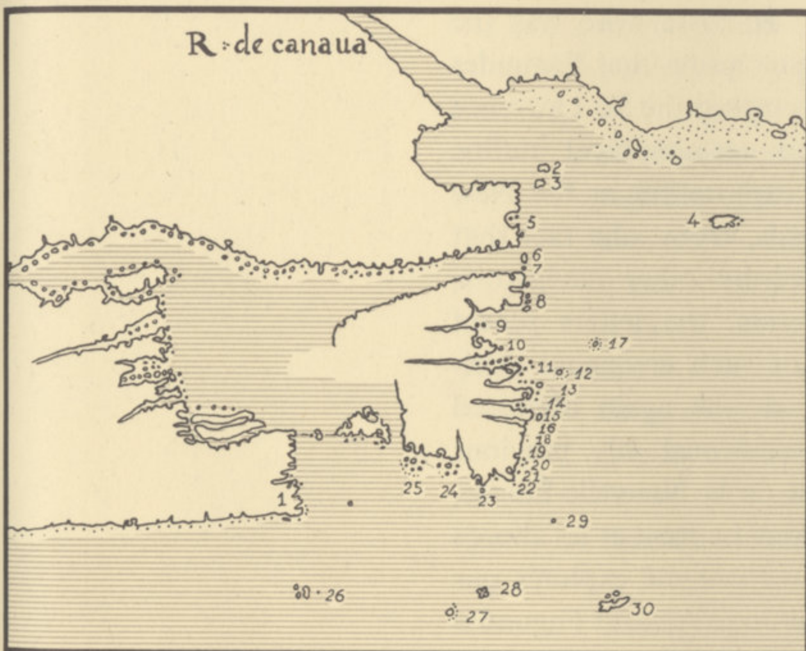

28 — LOPO HOMEM, c. 1550



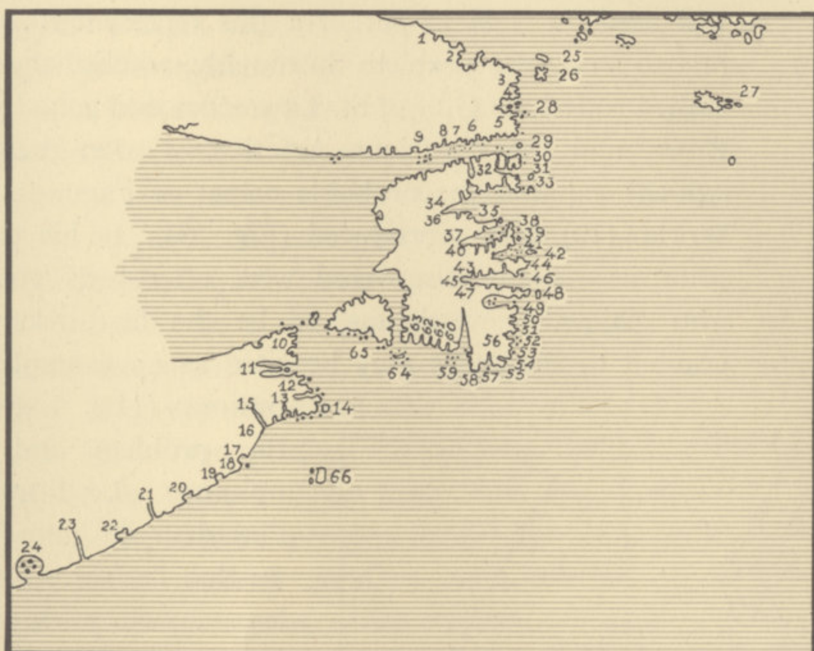
29 — PIERRE DESCELIERS, 1550

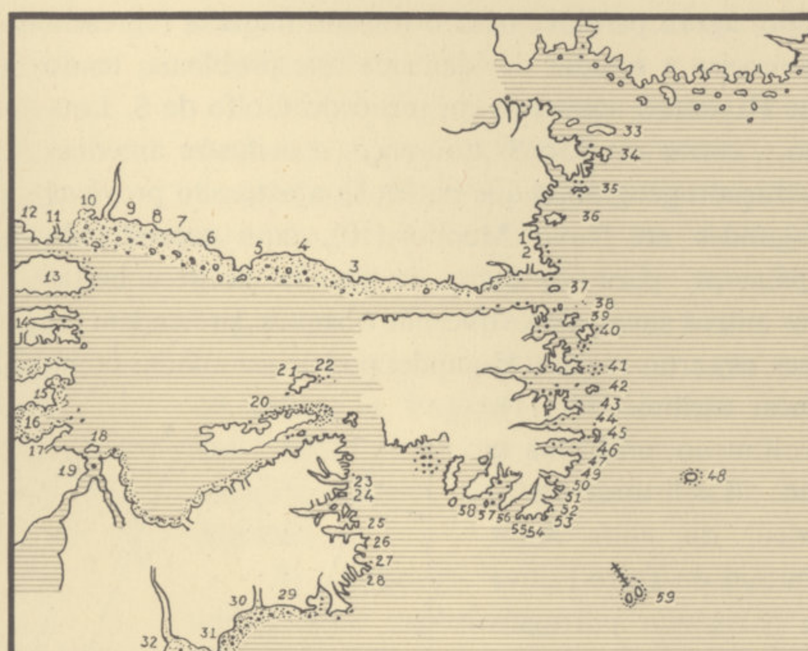

30 — ANÓNIMO, c. 1550 - c. 1560 (GREENWICH)

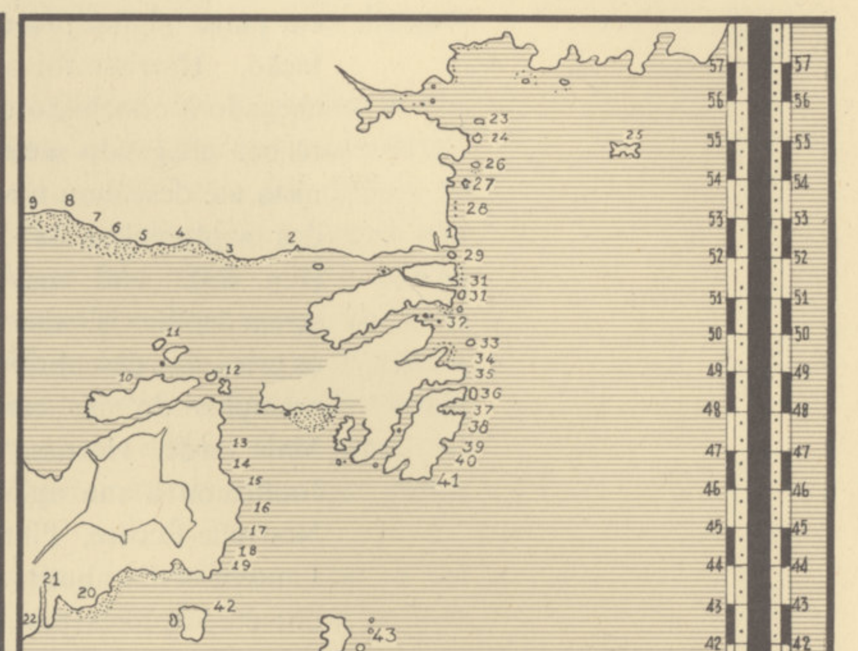

31 — LOPO HOMEM, 1554

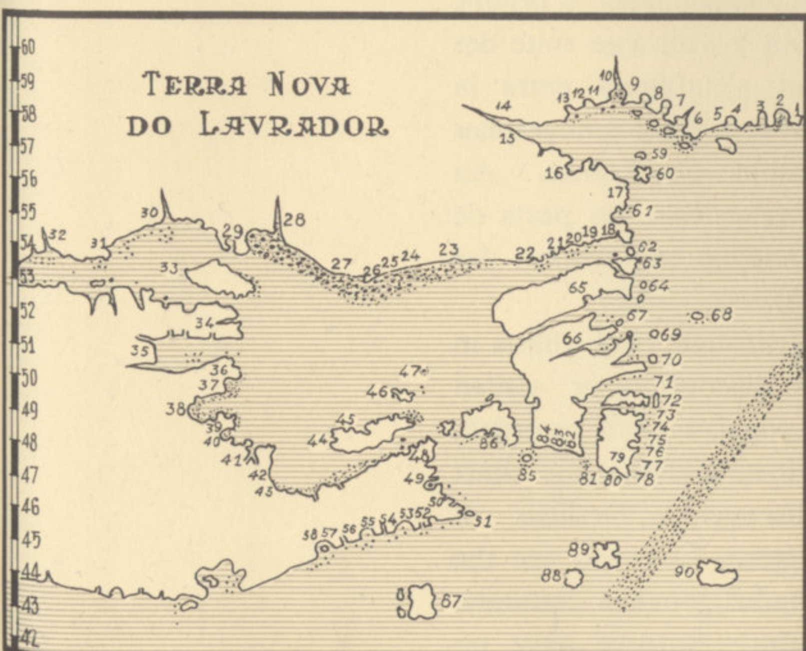


32 — SEBASTIÃO LOPES, c. 1565

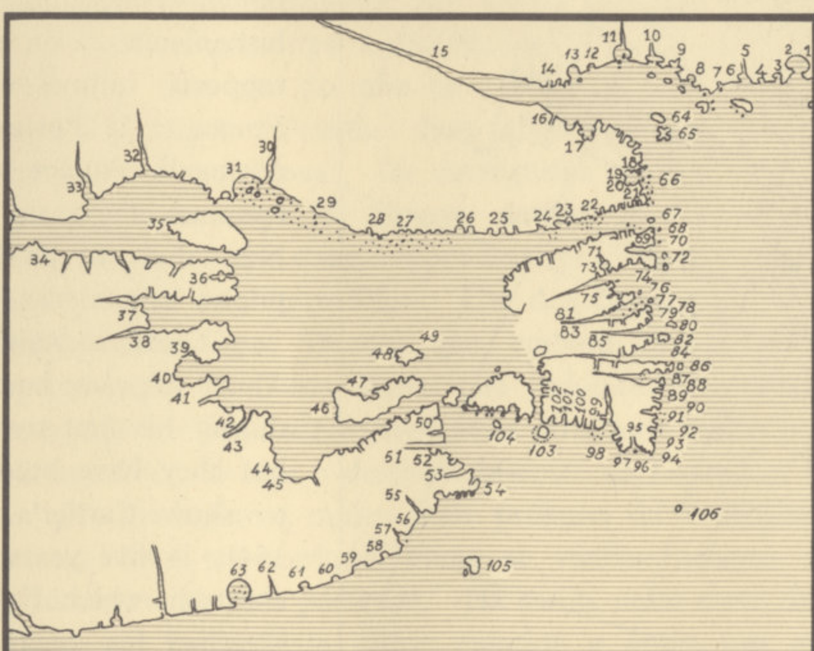

33 — SEBASTIÃO LOPES, 1558

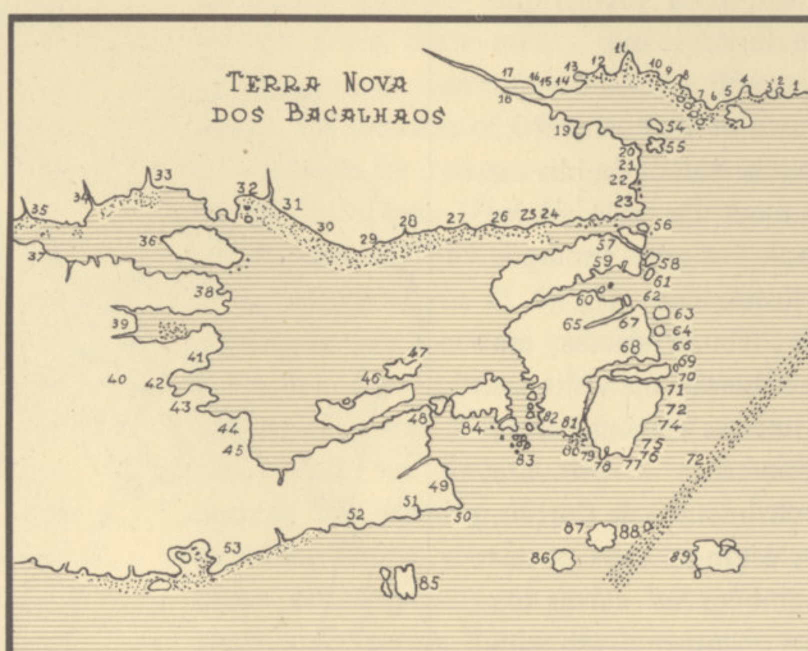

34 — DIOGO HOMEM, 1558


35 — ANDRÉ HOMEM, 1559

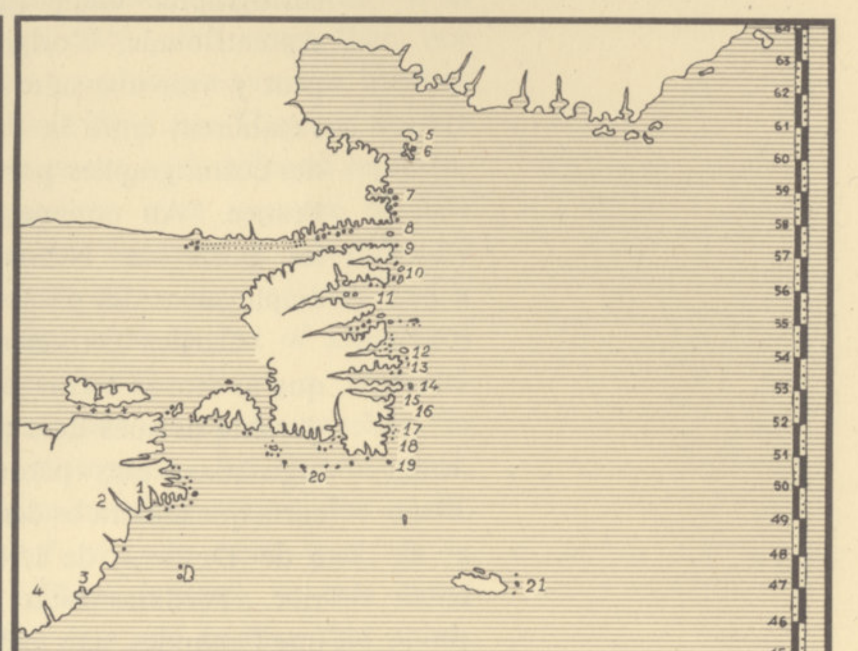


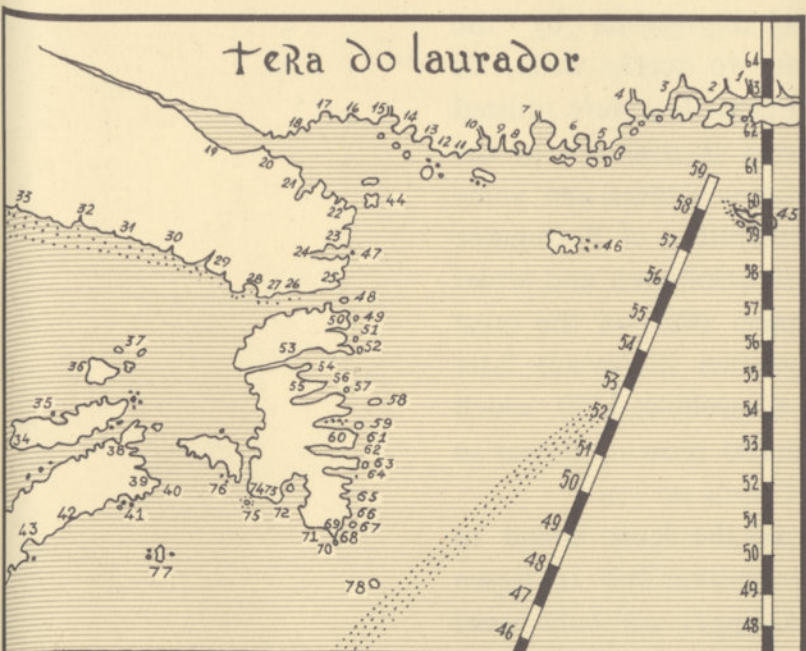
36 — BARTOLOMEU VELHO, c. 1560


37 — SEBASTIÃO LOPES, c. 1570

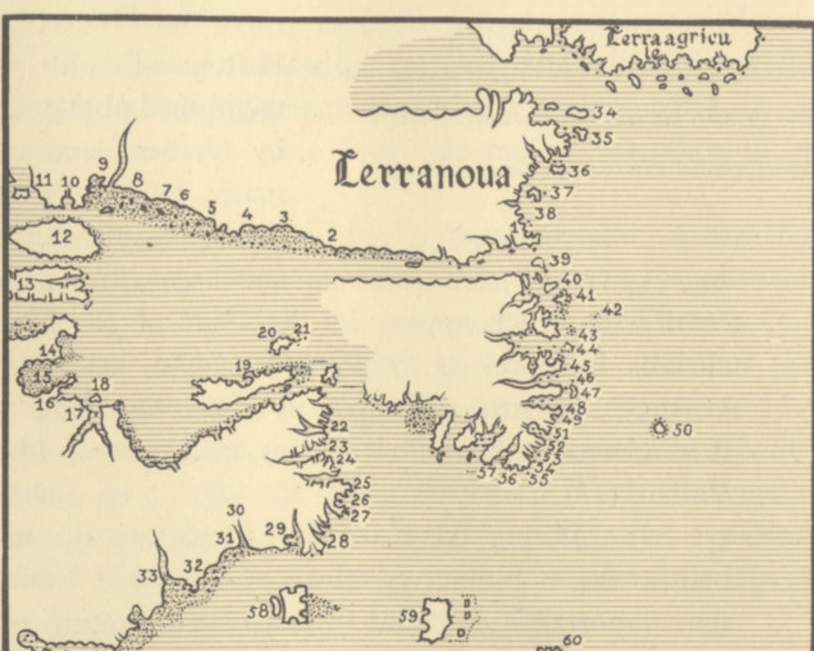


38 — BARTOLOMEU VELHO, 1561

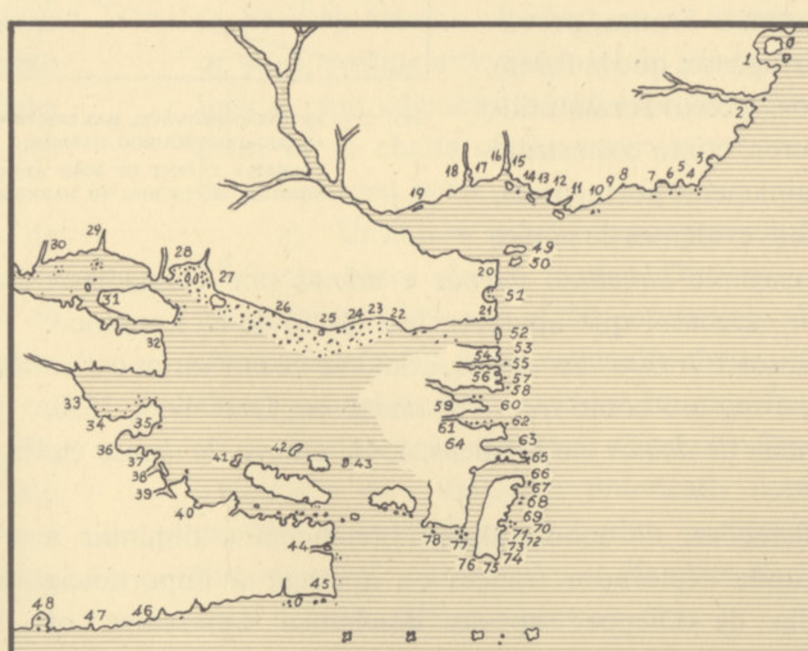

39 — LÁZARO LUÍS, 1563

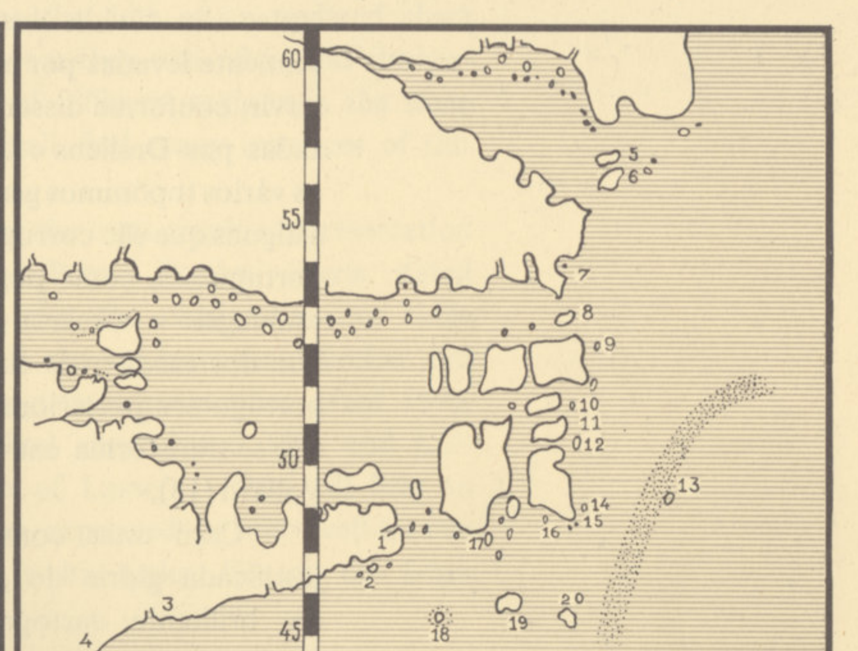


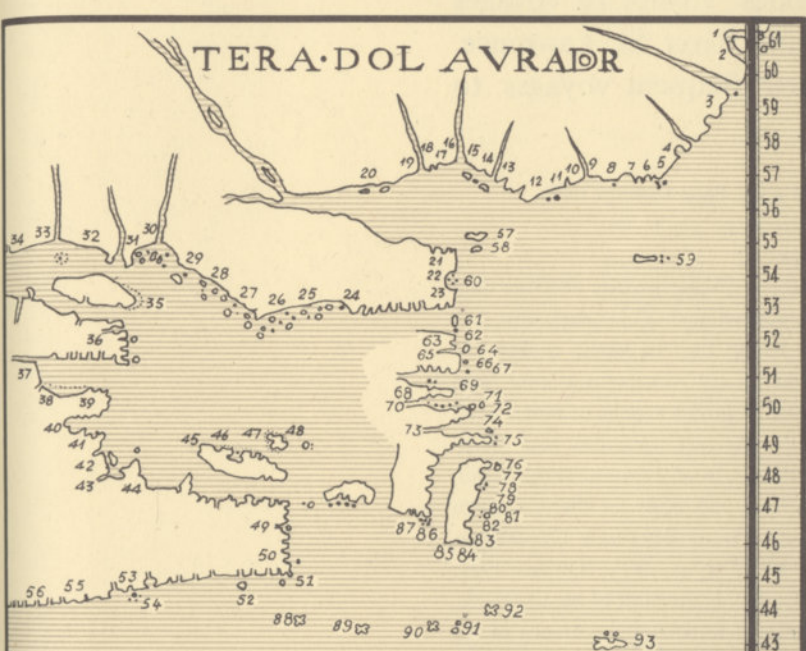
40 — SEBASTIÃO LOPES, c. 1585



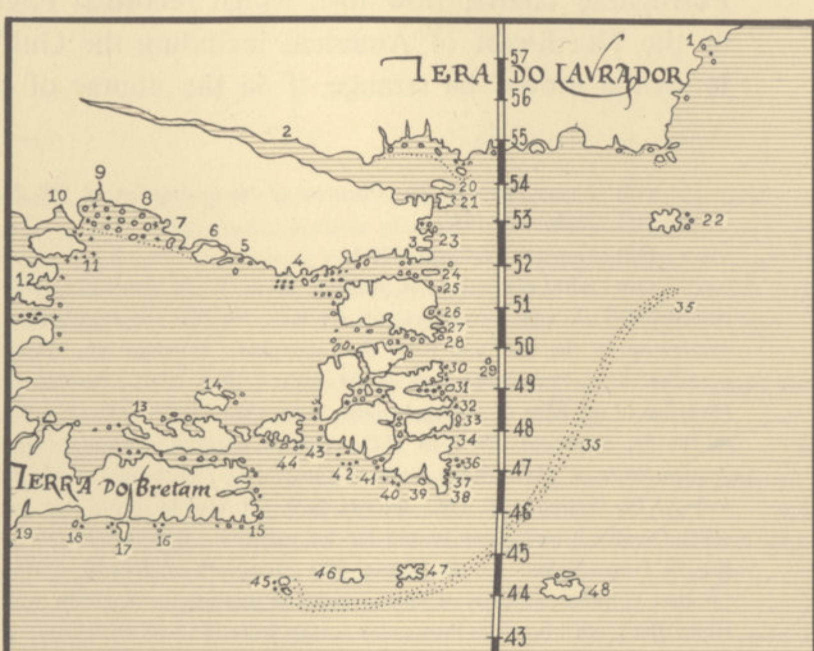
41 — DIOGO HOMEM, 1568


42 — FERNÃO VAZ DOURADO, 1568

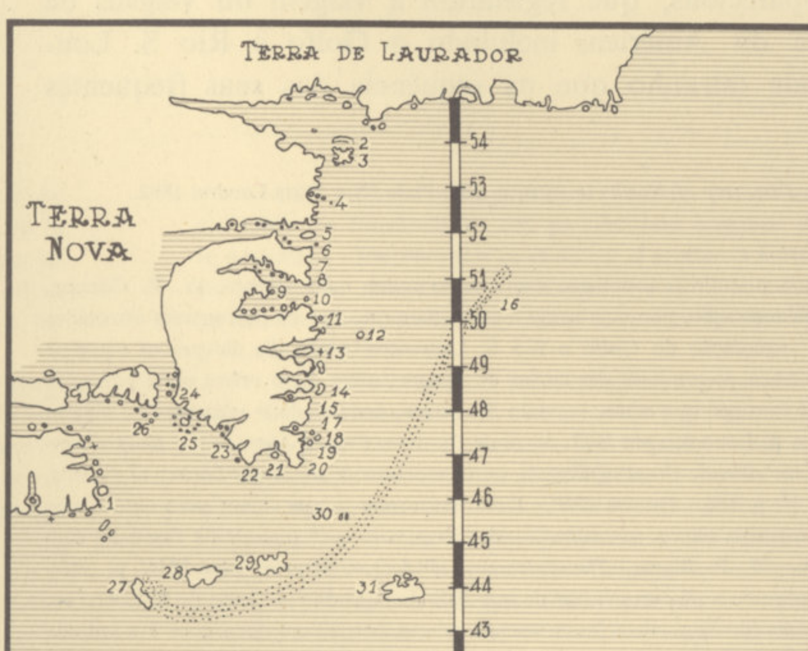

43 — DOMINGOS TEIXEIRA, 1573



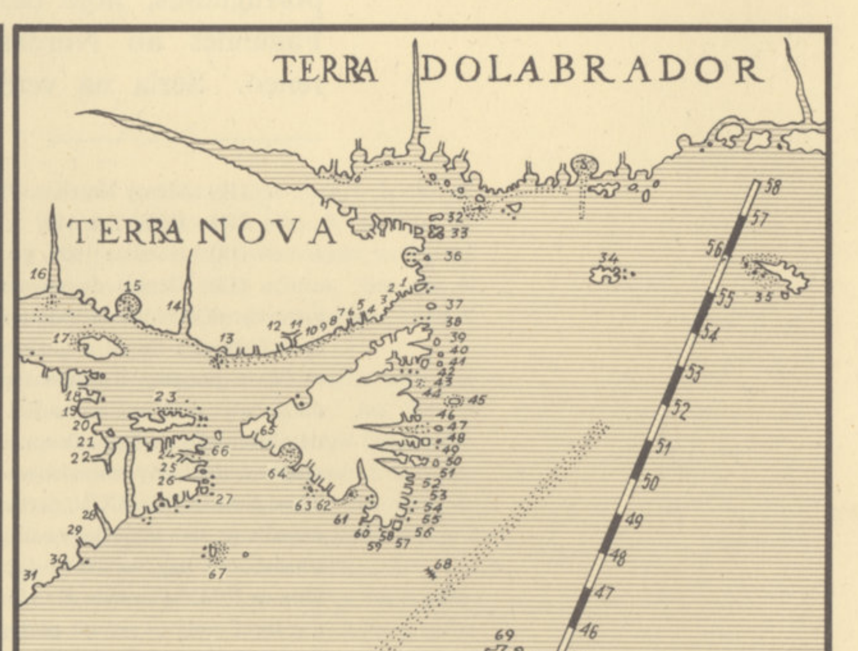
44 — FERNÃO VAZ DOURADO, 1580



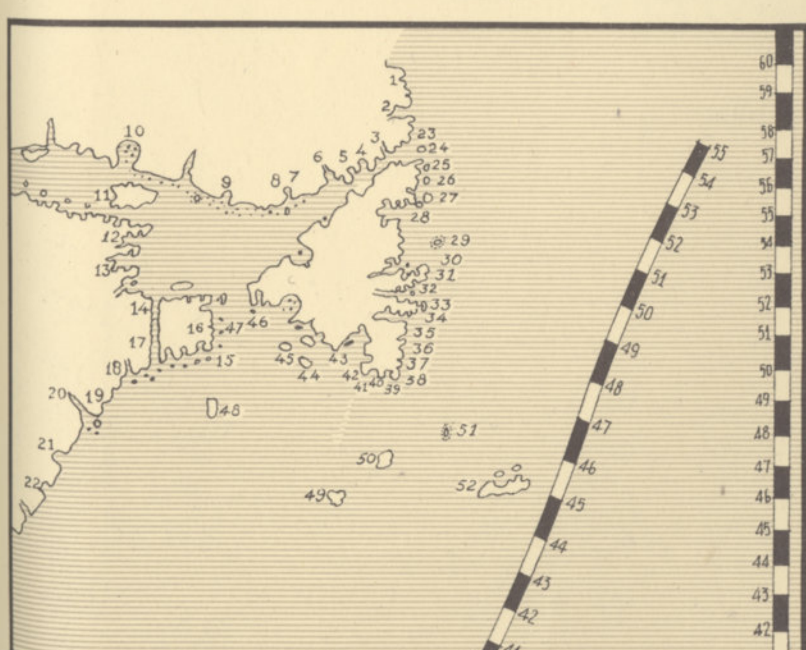
45 — ANÓNIMO, c. 1585 (HISP. SOC. AMERICA)



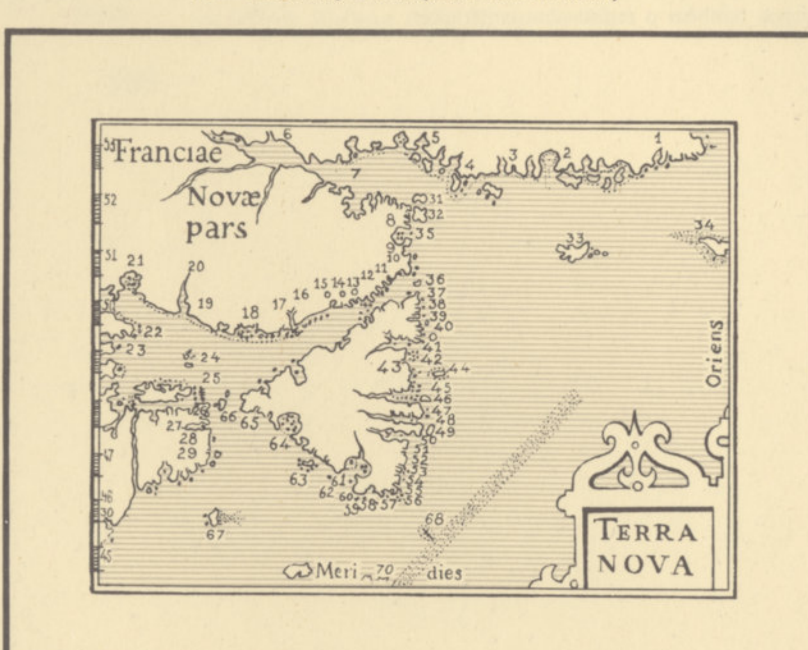
46 — ANÓNIMO, c. 1585 (HISP. SOC. AMERICA)



47 — BARTOLOMEU LASSO, 1590


48 — CIPRIANO SANCHES, 1596


49 — JAN DIRCKX, 1599



50 — PETRUS BERTIUS, 1600


51 — LUÍS TEIXEIRA, c. 1600

estudo. Seria pràticamente impossível aqui discutir todos esses problemas. Por isso nos limitamos a mencionar apenas três pontos.

a) A mais antiga representação do Golfo de S. Lourenço — pela primeira vez por Desliens em 1541 e depois por vários cartógrafos da «Escola de Dieppe», tais como Roze, Caboto, o autor anónimo do atlas de Vallard, e Desceliers — mostra tantos nomes genuinamente portugueses, como *praia*, *baya*, *salinas*, *terra bella*, *rio*, *angra*, *tronco das damas*, e outros, todos dentro do Golfo, que parece de crer tenha sido utilizado, pelo menos em parte, algum protótipo, agora perdido, para o traçado daquela representação. Harrisse foi o primeiro a estudar devidamente este problema, tendo chegado à conclusão que Fagundes «navegou em torno do Golfo de S. Lourenço» chegando mesmo a entrar no Rio S. Lourenço, e o ilustre americanista até desenhou um «traçado geográfico que patenteia a extensão provável das explorações de Fagundes no Novo Mundo» (10), aqui reproduzido (Fig. 23). Nas suas palavras, para «o facto de regiões já descobertas serem depois visitadas por outros navegadores que, não obstante, pretendem ser os primeiros descobridores, as cartas régias a Fagundes podem ser citadas como exemplos de tais erróneas atribuições» (11).



FIG. 23 — EXTENSÃO PROVÁVEL DAS EXPLORAÇÕES DE JOÃO ÁLVARES FAGUNDES NO NORDESTE AMERICANO, SEGUNDO HARRISSE
PROBABLE EXTENT OF JOÃO ÁLVARES FAGUNDES' EXPLORATION OF NORTH-EAST AMERICA, ACCORDING TO HARRISSE

Mais tarde, Harrisse voltou ao problema e confirmou a sua opinião: «Le littoral de la Nouvelle-Écosse, l'intérieur du golfe Saint Laurent et les abords du Sud de Terre-Neuve ont été explorés par le navigateur portugais João Alvarez Fagundes avant 1521. ...La cartographie dieppoise est, pour l'Amérique septentrionale, d'origine lusitanienne. ... on peut y voir une suite des rapports intimes qui s'établirent entre la France et le Portugal ... des cosmographes portugais étaient établis en France. Au commencement du xvie siècle, les ports de Normandie et de Bretagne employaient des pilotes lusitaniens» (12).

Cartier certamente trouxe cartas em que as novas terras descobertas ou visitadas durante as suas duas primeiras viagens foram registadas, mas perderam-se, e a primeira carta que mostra os descobrimentos de Cartier, a de Desliens, de 1541, é cinco anos posterior. Perdidas estão também as cartas em que Fagundes, não menos certamente, esboçou os seus descobrimentos. Mas cópias de tais cartas sem dúvida chegaram a França, provàvelmente levadas por portugueses que lá foram servir, conforme dissemos, e certo foram utilizadas por Desliens e outros, como o mostram os vários topónimos genuinamente portugueses, e alguns que são corrupções evidentes de nomes portugueses, como por exemplo *almadies*, *saumaz* e *arenos* por «almadias», «saluages» e «areias» ou «arenas», que aparecem no Golfo de S. Lourenço. Um dos casos mais curiosos é *tronco das damas*, como se vê em várias cartas portuguesas posteriores, e mesmo como *tronco de damas* em Desceliers, 1550, que se transforma em *trance de dainas* em Desliens, 1541, e *terra do damas* em Vallard (13).

Com estas considerações, de modo algum pretendemos diminuir a justificada glória do grande explorador francês ou apoucar a importância da brilhante cartografia de Dieppe: apenas desejamos apresentar os fundamentos em que baseamos a nossa convicção de que houve cartas portuguesas, hoje desaparecidas, que registaram a viagem ou viagens de Fagundes ao Nordeste da América, incluindo o Golfo e Rio S. Lourenço. Seria na verdade estranho que na sequência das suas frequentes

(10) Henry Harrisse, *The Discovery of North America*, p. 188, Plate IX. Paris-London 1892.

(11) *Ibidem*, p. 188.

(12) Harrisse 1900, pp. 370-3.

(13) Depois de novamente discutir o problema, um erudito autor mais recente, W. F. Ganong, escreveu: «Considerada toda a documentação, não vejo razão alguma para crer que os portugueses associados com Fagundes fizessem qualquer exploração do Golfo e Rio S. Lourenço». Não diz ele porém como se explica a presença daqueles topónimos portugueses nas cartas de Dieppe; além disso refere certa passagem duma carta de Fernelius ao Rei de Portugal que então, segundo lhe parece, pode «indicar uma possível viagem de observação de Fagundes ao Rio S. Lourenço em 1527, antes de Cartier», *Crucial Maps in the Early Cartography and Place-Nomenclature of the Atlantic Coast of Canada*, in *Transactions of the Royal Society of Canada*, Third Series, Vol. XXIV, Section II, p. 186. Ottawa 1930. Deve acrescentar-se que alguns anos antes outro canadiano, sem aliás dar quaisquer razões para a sua asserção, identificou a *baya d'Auguada* de Fagundes com Chedabucto bay na Nova Scotia. H. P. Biggar, *The Precursors of Jacques Cartier 1497-1534*, p. xxiii. Ottawa 1911. Contudo Harrisse afirmou a sua «convicção de que Baía da Aguada é o Golfo de S. Lourenço, e o local onde os navios portugueses (de Fagundes) foram encher os seus barris com água doce é a entrada do Rio de S. Lourenço». Harrisse 1892, p. 185. Como se vê das nossas tabelas, na verdade várias cartas antigas registavam um lugar chamado *Agoa doce* ou *Rio doce*, em bom português, à entrada do Rio de S. Lourenço, embora algumas das cartas de Dieppe também o registassem em francês.

practically impossible to enter here into the discussion of all these problems. We should like, nevertheless, to mention only three points.

a) The early representation of the Gulf of St. Lawrence, first made by Desliens in 1541 and then by several of the «School of Dieppe» cartographers, such as Roze, Cabot, the anonymous author of the Vallard atlas, and Desceliers, shows so many purely Portuguese names, like *praia*, *baya*, *salinas*, *terra bella*, *rio*, *angra*, *tronco das damas*, and others, all within the Gulf, that it seems likely that some earlier Portuguese prototype, now lost, was used, at least in part, for this representation. Harrisse, who was the first to study this problem thoroughly, reached the conclusion that Fagundes «sailed round the Gulf of St. Lawrence» and actually entered the St. Lawrence River, and the illustrious Americanist even drew a «geographical outline (which) exhibits the probable extent of Fagundes' exploration in the New World» (10), here reproduced (Fig. 23). In his words, from «the fact that countries already discovered were afterwards visited by other navigators, who claimed, nevertheless, to be the first discoverers, the letters patent granted to Fagundes may be cited as an example of such erroneous attributions» (11). Later on he again discussed the problem and confirmed his previous opinion: «Le littoral de la Nouvelle-Écosse, l'intérieur du golfe Saint-Laurent et les abords du Sud de Terre-Neuve ont été explorés par le navigateur portugais João Alvarez Fagundes avant 1521. ... La cartographie dieppoise est, pour l'Amérique septentrionale, d'origine lusitanienne ... on peut y voir une suite des rapports intimes qui s'établirent entre la France et le Portugal ... des cosmographes portugais étaient établis en France. Au commencement du xvie siècle, les ports de Normandie et de Bretagne employaient des pilotes lusitaniens» (12).

Cartier certainly brought back charts in which the new lands discovered or visited during his first two voyages were recorded, but they have been lost, and the first chart to show Cartier's discoveries, Desliens' of 1541, is five years later. Lost too are the charts in which Fagundes, no less certainly, sketched his discoveries. But we have no doubt that copies of such charts found their way to France, probably taken by the Portuguese who went to work there, as mentioned above, and that they were utilized by Desliens and others, as is shown by the many purely Portuguese names, and some which are obvious corruptions of Portuguese names, e.g. *almadies*, *saumaz* and *arenos*, for *almadias*, *saluages* and *areias* or *arenas*, which appear in the Gulf of St. Lawrence. One of the most curious instances is *tronco das damas*, as it is written in several later Portuguese charts, and even as *tronco de damas* in Desceliers, 1550, which is rendered as *trance de dainas* in Desliens, 1541, and *terra do damas* in Vallard (13).

In offering these considerations, we do not in the least intend to belittle the well-deserved glory of the great French explorer nor to lessen the importance of the brilliant cartography of Dieppe: we only want to set out the grounds on which we base our conviction that there were Portuguese charts, now lost, which recorded Fagundes' voyage or voyages to the North-east of America, including the Gulf and River St. Lawrence. It would indeed be strange if in the course of their frequent voyages to

(10) Henry Harrisse, *The Discovery of North America*, p. 188, Plate IX. Paris-London 1892.

(11) *Ibidem*, p. 188.

(12) Harrisse 1900, pp. 370-3.

(13) After discussing the problem afresh, W. F. Ganong, a more recent scholar, wrote: «All the data considered, I do not see any reason for believing that the Portuguese associated with Fagundes made any exploration of the Gulf and River St. Lawrence». He does not, however, tell us how he would explain the presence of the Portuguese place names in the Dieppe charts; besides, he mentions a passage in a letter from Fernelius to the King of Portugal which, in his view, might «indicate a possible Fagundes voyage of observation to the St. Lawrence River in 1527, prior to Cartier», *Crucial Maps in the Early Cartography and Place-Nomenclature of the Atlantic Coast of Canada*, in *Transactions of the Royal Society of Canada*, Third Series, Vol. XXIV, Section II, p. 186. Ottawa 1930. It must be added that some years previously another Canadian scholar, without giving any reason for his assertion, identified Fagundes' «Freshwater bay» with Chedabucto bay in Nova Scotia. H. P. Biggar, *The Precursors of Jacques Cartier 1497-1534*, p. xxiii. Ottawa 1911. Harrisse however had expressed his «conviction that what is meant by Auguada Bay is the Gulf of St. Lawrence, whilst the place where the Portuguese vessels went in to fill their casks with fresh water is the entrance of the St. Lawrence River». Harrisse 1892, p. 185. As shown in our tables, several early charts do indeed record a place called *Agoa doce* (freshwater) or *Rio doce*, in good Portuguese, at the entrance of the St. Lawrence River, although some of the Dieppe charts also record it in French.

viagens à Terra Nova, quer Fagundes quer outros compatriotas que se lhe seguiram, não tivessem bastante curiosidade, audácia e espírito de aventura, aliás típicos dos navegadores portugueses, para explorar o Golfo de S. Lourenço. Os estudiosos da história dos antigos descobrimentos têm sempre lamentado que os navegadores portugueses, até ao primeiro quartel do século XVI, não tivessem deixado relatos escritos das suas navegações (14), como muitos estrangeiros fizeram, em especial os italianos. Infelizmente, neste caso especial como em muitos outros, ao contrário de Jacques Cartier, nem Fagundes nem qualquer dos seus companheiros ou os que se lhe seguiram deixaram uma descrição das suas viagens.

Apesar das suas hesitações sobre o papel desempenhado por Fagundes no descobrimento do Golfo de S. Lourenço, Ganong termina o ensaio atrás referido (nota 13), com estas nobres palavras: «Seria uma justa homenagem associar o nome de Fagundes àquela parte dos seus descobrimentos onde a sua influência foi maior, a qual foi em torno da reintrância ou baía onde a Terra Nova e o Cabo Bretão convergem no Estreito de Caboto. Esta baía ainda não tem nome nas nossas cartas, o que nos oferece boa oportunidade de prestar honra a Fagundes chamando-lhe Baía de Fagundes. A Nova Scotia ou a Terra Nova bem podiam também aproveitar-se de qualquer futura necessidade de dar nome a algum lugar mais importante — província, distrito, ou cidade — para fixar na mémoria local o seu outro nome, Álvares».

b) Embora, duma maneira geral, a representação cartográfica da Terra Nova e regiões vizinhas progredisse durante o século XVI, como as tabelas juntas mostram, seria um erro supor que ela jamais foi gradual e uniforme. Estas tabelas tornam evidente que muitas vezes os cartógrafos utilizavam mais do que um protótipo e eventualmente procuravam chegar a um arranjo entre eles. No caso do atlas de c. 1585, na Hispanic Society of America, o seu autor chegou a desenhar duas cartas separadas com representações diferentes da Terra Nova. Os cartógrafos ou não estavam a par de novos progressos conseguidos algures, devido às dificuldades de comunicações nesse tempo, ou eram coagidos por motivos de segredo, ou então tinham preferência por um certo protótipo. Um dos casos mais curiosos é o do planisfério de Domingos Teixeira que, embora datado de 1573, mostra uma representação da Terra Nova que indubitàvelmente sugere data muito anterior; apesar disso, encontra-se nesta carta uma muito notável inovação ou melhoramento, ou seja o desenho da costa do Lavrador, quase direita ao norte, por conseguinte muito mais próxima da realidade, em vez de dirigida para leste ou nordeste, como se verifica noutras cartas contemporâneas ou mesmo de data posterior. Há assim, nesta carta datada, uma particularidade que indica data muito anterior e outra que sugere data muito mais recente. Por tudo isto, os que estudam a história da cartografia precisam de ter muito cuidado quando procuram determinar a data de carta ou atlas não datados, porque muitas vezes encontrarão contradições cronológicas na representação de diferentes regiões na mesma carta ou nas cartas do mesmo atlas — de que muitos exemplos se encontrarão na presente obra.

c) Tem-se suposto até agora que a representação cartográfica da Terra Nova na carta de Jan Dircksz e na de Petrus Bertius, respectivamente de 1599 e de 1600, cujos traçados se mostram na nossa Tabela (N.ºs 49 e 50), era originalmente deles. Vê-se agora que Dircksz e Bertius simplesmente copiaram uma carta deste cartógrafo português, datada de 1590, ou outrora semelhante. Além disso, a carta de Cipriano Sanches, datada de 1596, e a de Luís Teixeira, de c. 1600, são pràticamente cópias da de Lasso. Isto ajudará a explicar ou rectificar algumas dúvidas ou opiniões expressas por dois bem conhecidos historiadores da cartografia — Harrisse e, na sua esteira, Caraci, este aliás com propósito muito diferente (15).

(14) Não obstante, A. Anthiaume escreveu: «...il nous faut bien reconnaitre que jusqu'à la fin du xve siècle les Normands les ont probablement surpassés pour la technique comme pour la pratique de la navigation. Les Portugais se plaisaient à proclamer bien haut une partie de leurs découvertes maritimes; les Normands, mus par un sentiment différent [?], cachaient soigneusement leurs courses. Les uns et les autres avaient cependant un but commun, pirater». *Evolution et enseignement de la science nautique*, Tome I, p. 49. Paris 1920.

(15) «C'est seulement dans la dernière année du xvie siècle que nous voyons les Hollandais améliorer leur contours terre-neuviens; mais sans s'affranchir complètement de l'influence portugaise. Jan Dircksz (Amsterdam 1599), par exemple, malgré le progrès dont sa carte témoigne, en porte toujours l'empreinte. Par contre, en 1600 (et peut-être dès 1598), Bertius, avec la carte spéciale de Terre-Neuve qu'il dressa à Louvain, quoique gravée et plusieurs fois publiée à Amsterdam, perfectionne la configuration générale ébauchée par Plancius et par de Bry. La nomenclature, toutefois, décèle l'existence d'un prototype franco-lusitanien qu'il aurait consulté. ...Mais quels étaient ces modèles cartographiques, leur origine et leur autorité ...?» «Les cartographes hollandais et belges, tributaires des Portugais jusqu'à la fin de xvie siècle, arrivent d'un bond, particulièrement avec Pierre Bertius (1600), à la configuration d'ensemble de Terre-Neuve la plus satisfaisante qu'on eut encore vue». Harrisse 1900, pp. lxvi, 375. Giuseppe Caraci, *Messa a punto sul cartografo portoghese Luis Teixeira*. Firenze 1936. Já nos referimos ao assunto quando tratámos da carta de Luís Teixeira, de c. 1600, em Florença (Vol. III, pp. 54-6).

Terra Nova, either Fagundes or others of his countrymen who followed him had not had the curiosity, audacity and spirit of adventure, normally typical of the Portuguese navigators, to explore the Gulf of St. Lawrence. Students of the history of early discoveries have always regretted that the Portuguese navigators did not, until the first quarter of the sixteenth century, leave written reports of their navigations (14), as, fortunately, did many foreigners, specially the Italians. The trouble, in this particular case as in many others, is that neither Fagundes nor any of his companions or followers left a description of their voyages — as Jacques Cartier did.

In spite of his doubts about the part played by Fagundes in the discovery of the Gulf of St. Lawrence, Ganong ended the essay mentioned above (note 13) with these noble words: «It would be a just tribute to associate his name with the part of his discoveries where his influence was greatest, which was around the great bight or bay where Newfoundland and Cape Breton converge into Cabot Strait. This bay is still nameless on our maps, allowing us good opportunity to do honour to Fagundes by calling it Fagundes Bay. Nova Scotia or Newfoundland also might well take advantage of future need for some major place-name, of country, district, or township, to fix in local memory his other name, Alvares».

b) Although, in a general way, there was naturally progress in the cartographic representation of Terra Nova and the neighbouring regions during the sixteenth century, as shown in the adjoining tables, it would be wrong to suppose that it was at any stage gradual and uniform. It is evident from these tables that cartographers often used more than one prototype and eventually tried to strike a cartographic compromise between them. In the case of the Portuguese atlas of c. 1585 in the Hispanic Society of America, its maker even gives two separate charts with different representations of Terra Nova. Either the cartographers were unaware of new developments which had taken place elsewhere, because of the difficulty of communications at that time or for reasons of secrecy, or they had a preference for a certain prototype. One curious case is that of Domingos Teixeira's planisphere, which, although dated 1573, shows a representation of Terra Nova suggesting a much earlier date; nevertheless, in this chart we find a most remarkable innovation, or improvement, namely the drawing of the coast of Labrador trending almost due north, therefore much closer to reality, instead of east or north-west, as in other contemporary or even later charts. There is thus, in this dated chart, one feature that suggests a much earlier date and another that points to a much later one. Students of the history of cartography therefore need to be very careful when trying to determine the date of an undated chart or atlas, particularly within close limits, because they will often find chronological contradictions in the representation of different regions in the same chart or in charts of the same atlas; we shall find many instances of this in the present work.

c) Until now it has been supposed that the cartographic representation of Terra Nova shown in Jan Dircksz' and Petrus Bertius' charts, dated respectively 1599 and 1600, of which we give the outlines in our table (Nos. 49 and 50), were originally theirs. We can see now that Dircksz and Bertius simply copied a chart by this Portuguese cartographer dated 1590, or a similar one. Besides, Cipriano Sanches' chart dated 1596 and Luís Teixeira' s of c. 1600 are practically copies of Lasso's. This will help to explain or rectify some doubts or opinions expressed by two well-known historians of cartography — Harrisse and, in his wake, Caraci, the latter with a quite different purpose (15).

(14) Nevertheless A. Anthiaume wrote: «... il nous faut bien reconnaitre que jusqu'à la fin du xve siècle les Normands les ont probablement surpassés pour la technique comme pour la pratique de la navigation. Les Portugais se plaisaient à proclamer bien haut une partie de leurs découvertes maritimes; les Normands, mus par un sentiment différent [?], cachaient soigneusement leurs courses. Les uns et les autres avaient cependant un but commun, pirater». *Evolution et enseignement de la science nautique*, Tome I, p. 49. Paris 1920.

(15) «C'est seulement dans la dernière année du xvie siècle que nous voyons les Hollandais améliorer leurs contours terre-neuviens; mais sans s'affranchir complètement de l'influence portugaise. Jan Dircksz (Amsterdam 1599), par exemple, malgré le progrès dont sa carte témoigne, en porte toujours l'empreinte. Par contre, en 1600 (et peut-être dès 1598), Bertius, avec la carte spéciale de Terre-Neuve qu'il dressa à Louvain, quoique gravée et plusieurs fois publiée à Amsterdam, perfectionne la configuration générale ébauchée par Plancius et par de Bry. La nomenclature, toutefois, décèle l'existence d'un prototype franco-lusitanien qu'il aurait consulté. ... Mais quels étaient ces modèles cartographiques, leur origine et leur autorité ... ?» «Les cartographes hollandais et belges, tributaires des Portugais jusqu'à la fin du xvie siècle, arrivent d'un bond, particulièrement avec Pierre Bertius (1600), à la configuration d'ensemble de Terre-Neuve la plus satisfaisante qu'on eut encore vue». Harrisse 1900, pp. lxvi, 375. Giuseppe Caraci, *Messa a punto sul cartografo portoghese Luis Teixeira*. Firenze 1936. We have referred to the matter when discussing Luís Teixeira's chart of c. 1600 in Florence (Vol. III, pp. 54-6).

(*Os números que precedem os topónimos correspondem aos traçados nas páginas opostas*)

TOPONÍMIA DA TERRA NOVA ATÉ 1600

TOPONYMY OF TERRA NOVA UNTIL 1600

(*The numbers preceding the place names correspond to the sketches on the opposite pages*)

— Pedro Reinel, c. 1504, ESTAMPA 8

4 — Anónimo (Kunstmann III), c. 1506, ESTAMPA 6
1 C. de mirame e le- [xame

6 — Lopo Homem-Reinéis, 1519, ESTAMPA 24

7 — Anónimo-Diogo Ribeiro, 1525, ESTAMPA 37

8 — Anónimo-Diogo Ribeiro, c. 1527, ESTAMPA 38

9 — Diogo Ribeiro, 1529, ESTAMPA 39 Roma, ESTAMPA 40 (Weimar)

10 — Anónimo-Diogo Ribeiro, c. 1532, ESTAMPA 41

11 — Gaspar Viegas, 1534, ESTAMPA 44

12 — Anónimo-Gaspar Viegas, c. 1537, ESTAMPA 53B Arch. Stato, ESTAMPA 53A (Riccardiana)
1 costa pdida
2 c. da espera
3 Rio grãde
4 b. dos aruoredos
5 b. Redõda (Jº. de Jã de maio)
6 b. do Reprº
7 Costa drrta
8 R: neuoado

13 — Anónimo Pedro (?) Reinel, c. 1535, ESTAMPA 14

14 — Anónimo, c. 1550, EST. 81 (R.G.S.)

15 — Nicolas Desliens, 1541
1 ye de bare
2 b. du prassel
3 R. de peche
4 b: yẽnra
5 terre de Jehã vãz
6 c: des basses
7 b: de manuel / ma- [nuel
8 b: de serra

17 — Sebastian Cabot, 1544
1 costa destran.
2 rio neuado.
3 gº: baxo.
4 rio de baches.
5 c: de manuel pinol.
6 c: de los baxos.

19 — António Pereira, c. 1545, ESTAMPA 74
1 b. escura
2 c. das baixas
3 R. de jº vãz
4 b. da sera

20 — João Freire, 1546, ESTAMPA 76A

21 — Pierre Desceliers, 1546
1 Playne
2 c: de tera ferme
3 R: de bõn viste
4 Cap pº 5 R
6 c: des basses
7 G: du p̃cel
8 G: de ta Vaãz
9 B: de Serra [ctz

22 — Nicolas Vallard, 1547
1 angrara
2 Rio porqna
3 Rio grant
4 c: cimbra
5 Rio bono
6 jlla blanca
7 G de pichis
8 Rio do crano

23 — Anónimo, c. 1550, ESTAMPA 82 (Bodleian)
1 c. da terra firme
2 R. de boa/vista
3 Y. dos barreiros
4 baia do/pracel
5 b.a p̃cel
6 R. do pi/chel
7 Jaia
8 b.a escura

24 — Anónimo, c. 1545, EST. 79 (Wien)

25 — Anónimo, c. 1550, ESTAMPA 80 (Vallicelliana)
1 C: de tr̃a firme
2 Rio de boa V.a
3 J: dos baqueiros
4 G: do parcell
5 R: dos picheis
6 a baya
7 b: escura
8 ta de Jã Vaz

26 — Anónimo, c. 1560, EST. 84 (1148 Paris)

27 — Anónimo, c. 1560, ESTAMPA 88 B (*Livº Marinharia*)
1 G: daruoredo
2 G: Redomdo
3 G: do Repto
4 costa direita
5 R. neuoado
6 costa dobrado
7 c. da tra firme
8 R. de boauista

28 — Anónimo-Lopo Homem, c. 1550, ESTAMPA 26

29 — Pierre Desceliers, 1550
1 Ye dos barreiros
2 G. du pracel
3 B: escura
4 Baye
5 G: escura
6 Terre de Ihan vãaz
7 C: des basses
8 G.º: de manuel pinho

30 — Anónimo, c. 1550-c. 1560, EST. 196 C-D (Greenwich)
1 R. neuoado
2 costa dobrada
3 .c. da tera firme
4 R. de boa vta
5 Ya dos baretos
6 G do prasel
7 .R. dos picheis
8 a baia

31 — Lopo Homem, 1554, ESTAMPA 27

32 — Anónimo-Seb.ão Lopes, c. 1565 — EST. 405A (I.O.4. Paris)

33 — Sebastião Lopes, 1558, ESTAMPA 390

34 — Diogo Homem, 1558, ESTAMPA 106

35 — André Homem, 1559, ESTAMPA 188

36 — Anónimo-Bartolomeu Velho, c. 1560, ESTAMPA 230 A
1 J: dos bareiros
2 G do pracel
3 R: dos picheis
4 B: scura
5 terra de j.º vaz
6 c: das baixas
7 R: de manuel pineiro

37 — Anónimo-Sebastião Lopes, c. 1570, ESTAMPA 407
1 J: dos carreiros
2 b: dos praceis
3 R: dos picheis
4 a baia
5 b: escura
6 trrã de Jam Vaz̃
7 c: das baixas
8 b: de manuell

38 — Bartolomeu Velho, 1561, ESTAMPAS 202 (203)
1 b. do praçel
2 R. dos picheis
3 a baia
4 R. da Jepra
5 trrã de Joã vaz
6 c. dos baixos
7 R. de mel vinhrº
8 R. de Joã vaz

39 — Lázaro Luís, 1563, ESTAMPA 211

40 — Anónimo-Sebastião Lopes, c. 1583, ESTAMPA 408
1 R. daruoredos
2 Ilha fremosa
3 J. de Jã mayo
4 b. dos ilheos
5 C. da terra firme
6 R. grande
7 b. do pracel
8 R: dos picheis

41 — Diogo Homem, 1568, ESTAMPA 132A

42 — Fernão Vaz Dourado, 1568, ESTAMPA 246
1 b:. dos Jlheos
2 tera do laurador
3 costa dobrada
4 c:. da tera firme
5 r:. da boa vista
6 J:. dos bareiros
7 b:. do pracell.

43 — Domingos Teixeira, 1573, ESTAMPA 238

44 — Fernão Vaz Dourado, 1580, ESTAMPA 318
1 baia dos Jlheos
2 Jlheos crespos
3 terra do llaurador
4 costa dobrada
5 c:. da tera firme
6 R.º da boa uigia
7 J.: dos bareiros
8 b:. do pracell.

45 — Anónimo, c. 1585, ESTAMPA 349A (Hisp. Soc. America)
1 baia dos ilheos

46 — Anónimo, c. 1585 — EST. 348 B (Hisp. Soc. America)

47 — Bartolomeu Lasso, 1590, ESTAMPA 370

48 — Cipriano Sanches, 1596, ESTAMPA 387

49 — Jan Dirckz, 1599

50 — Petrus Bertius, 1600
1 C: Blanco
2 B. de Pracel
3 R: Picucis
4 Terra de Ioã Vãz

51 — Luís Teixeira, c. 1600, ESTAMPA 360

JAPÃO

Neste breve estudo da evolução da antiga representação cartográfica do Japão, apenas podemos abordar levemente um assunto que tem tanto de complexo como de interessante. O nosso objectivo é apenas reunir — como anteriormente por vezes temos feito — alguns antigos e novos elementos que possam auxiliar os estudiosos a tratar desenvolvidamente deste aliciante problema. Não teríamos espaço nem tempo para ir mais longe na matéria.

A primeira referência europeia, concreta, ao Japão, chamado *Chipango*, encontra-se em *Il Milione*, ou o *Livro* de Marco Polo (c. 1255-1323), que este ditou a Rusticiano de Pisa quando em 1298-99 ambos estiveram encarcerados em Génova. O *Livro* de Polo influiu em vários cartógrafos dos séculos XIV e XV quanto à representação do Extremo Oriente (16), mas é no globo de Behaim, de 1492, que encontramos a mais antiga representação cartográfica de *Cipangu*, na forma de uma grande ilha quadrilátera cuja parte norte é atravessada pelo Trópico de Câncer. Na realidade, a extremidade meridional do arquipélago japonês (sul de Quiuxiu) está apròximadamente oito graus ao norte do Trópico.

Um *Insularium Illustratum* existente na Biblioteca Laurenziana, Florença, «Cod. XXIX, 25», atribuído a Henricus Martellus (17) e aparentemente autógrafo, inclui uma carta da *Çinpangu Insula*, que não se encontra em qualquer dos outros exemplares do *Insularium* de Martellus, dos quais o Prof. Almagià supõe que o códice da Laurenziana seja um antigo esboço. O mesmo traçado de *Cipangu*, tão fantasioso como o de Behaim e com inscrições semelhantes (Fig. 25), encontra-se num mapa-mundi de Martellus, recentemente descoberto e ainda inédito mas que pudemos examinar. A versão de *Cipangu* representada nestas cartas de Martellus, que parece datar de c. 1489-90 (18), deve ser anterior à de Behaim e poder-se-á considerar como seu protótipo. Desconhece-se a origem da representação de Martellus, embora (segundo Mr. Skelton nos sugere) tenha evidentes afinidades de traçado e orientação tanto com a *Java Major* dos mapas-mundi do século XV (cf. Fra Mauro) como com a *Antillia* das cartas.

A primeira vez que encontramos o nome *Jampon* é na *Suma Oriental*, escrita por Tomé Pires em 1512-15 (19). Pires escreveu a *Suma* em Malaca, e Japão chamava-se *Japun* ou *Japang* em malaio, do chinês *Jihpenkuo* (20). Uma das cartas-esboços de Francisco Rodrigues (Estampa 36 II) mostra uma ilha em forma de asa dupla, ao largo da costa da China, com uma inscrição que diz: *Ilha parpoquo Nesta Achares muyta coussa da chyna.* Em 1944 publicámos um arranjo das cartas de Rodrigues sobre um contorno correcto das regiões representadas (aqui reproduzido no Vol. I, p. 83), por onde se vê que a ilha *Parpoquo* cai precisamente sobre o arquipélago Liuquio, em cerca de 25° N. A *Parioco Insula* que aparece ao fim do *Magnus Sinus Chinarum Maris* no atlas Lopo Homem--Reinéis de 1519 (Estampa 21), em forma de quadrilátero, mais ou menos como no globo de Behaim, deve derivar do *Parpoquo* de Rodrigues. Nos *Comentários de Afonso de Albuquerque* (Parte III, Cap. xviii, sobre Malaca) diz-se que «pela enformação, que Afonso Daolboquerque, quando tomou Malaca» (1511), «a terra destes Gores se chama Lequea», e o ouro que trazem a Malaca «he de huma ilha, que está perto delles, que se chama Perioco». Já noutro lugar dissemos por que estamos convencidos que esta ilha *Parpoquo* ou *Perioco* só pode corresponder ao Japão (21).



FIG. 25 — CARTA DO JAPÃO NO *INSULARIUM* DE MARTELLUS

MAP OF JAPAN IN MARTELLUS' *INSULARIUM*

Biblioteca Laurenziana, Firenze

---

(16) E. W. Dahlgren, *Les débuts de la cartographie du Japon*, pp. 6 seqq. Upsal 1911. Referir-nos-emos frequentemente a este estudo capital sobre a antiga cartografia europeia do Japão, em que Dahlgren começa por rever as obras de Paul Graf Teleki, *Atlas zur Geschichte der Kartographie der japanischen Inseln*, Budapest 1909 (primeiro trabalho importante sobre o assunto), e de Birger Gezelius, *Japan i västerländsk framställning till omkring år 1700*, Uppsala 1910.

(17) Roberto Almagià, *I mappamondi di Enrico Martello e alcuni concetti geografici di Cristoforo Colombo*, in *Bibliofilia*, Vol. XXXIII, pp. 295 seqq. Firenze 1936.

(18) A. Cortesão, *Cartografia Portuguesa Antiga*, pp. 94-8. Lisboa 1960.

(19) A. Cortesão, *The Suma Oriental of Tomé Pires and the Book of Francisco Rodrigues*, Vol. I, p. 131. The Hakluyt Society, London 1944.

(20) Cf. C. R. Boxer, *The Christian Century in Japan 1549-1650*, p. 14. Berkeley and Los Angeles--London 1951. Para a discussão erudita da descrição que Pires faz de «Os lequeos chamanse guores» e do Japão, vide também pp. 10-4 desta importante obra — uma dos muitas pelo mesmo autor — sobre as antigas relações dos portugueses com o Japão.

(21) A. Cortesão, *A Expansão Portuguesa através do Pacífico*, in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. II, pp. 168-72, Lisboa 1939; *idem* 1944, pp. 524-5. J. Denucé já havia notado a semelhança da *Parioco Insula* com uma ilha semelhantemente representada e chamada *chis* (mais uma indicação de que as primeiras informações sobre o Japão devem ter sido obtidas de pilotos chineses), na carta anónimo-Pedro Reinel de c. 1517 (Estampa 10): «la Parioco insula n'est autre que l'île Chis que nous sommes tenté d'identifier avec Zipangu». *Les origines de la cartographie portugaise et les cartes des Reinel*, p. 126. Gand 1908. A mesma ilha se encontra, mas sem nome, na carta semelhante (Estampa 11), que havíamos datado de c. 1518 mas talvez seja de c. 1522, se as palavras *Islas s. Lazaro*, escritas junto às Ilhas Filipinas, não foram acrescentadas posterior-

JAPAN

In this brief study on the evolution of the early cartographic representation of Japan we cannot do more than touch very slightly on a subject which is as complex as it is interesting. Our purpose is only to assemble — as we often have done previously — some old and new data which may help students to deal fully with this provocative problem. Nor should we have space or time to go further into the matter.

The first concrete European reference to Japan, called *Chipango*, appears in *Il Milione*, or the *Book* of Marco Polo (c. 1255-1323), which he dictated to Rusticiano of Pisa when they were both imprisioned in Genoa in 1298-99. Polo's *Book* influenced several XIV- and XV-century cartographers in their representations of the Far East (16), but it is in Behaim's globe of 1492 that we find the earliest cartographic representation of *Cipangu*, as a very large quadrilateral island, the north part of which is crossed by the Tropic of Cancer. In reality the southernmost tip of the Japanese archipelago (south Kiushiu) is about eight degrees north of the Tropic.

An *Insularium Illustratum* in the Biblioteca Laurenziana, Florence, «Cod. XXIX, 25», ascribed to Henricus Martellus (17) and apparently in his hand, includes a map of *Çinpangu Insula*, not found in any of the other copies of Martellus' *Insularium*, of which Professor Almagià supposes the Laurenziana codex to be an early draft. The same delineation of *Cipangu*, as fanciful as Behaim's and with similar inscriptions (Fig. 25), occurs in a recently discovered, and as yet unpublished, world map by Martellus which we have been able to examine. The version of *Cipangu* represented by these maps of Martellus, which appear to be of c. 1489-90 (18), must antedate that of Behaim and may reasonably be regarded as its prototype. The source for Martellus' representation is unknown, although (as Mr Skelton suggests to us) it has evident affinities of outline and orientation both with the *Java Major* of XV-century world maps (cf. Fra Mauro) and with the *Antillia* of the charts.

The first time we find the name *Jampon* is in the *Suma Oriental* written by Tomé Pires in 1512-15 (19). Pires wrote the *Suma* in Malacca, and Japan was called *Japun* or *Japang* in Malay, from the Chinese *Jihpenkuo* (20). One of Francisco Rodrigues' sketch maps (Plate 36 II) shows an island, shaped like a double wing, off the coast of China, with an inscription which says: «*Parpoquo* island. You will find in it many things from China». We published in 1944 an arrangement of Rodrigues' maps upon a correct contour of the regions represented (reproduced here, Vol. I, p. 83), from which we can see that the *Parpoquo* island falls just over the Liu Kiu archipelago, in about 25° N. The *Parioco Insula* that appears at the end of the *Magnus Sinus Chinarum Maris* in the Lopo Homem-Reinels atlas of 1519 (Plate 21), quadrilaterally shaped, more or less as in Behaim's globe, must have originated in Rodrigues' *Parpoquo*. In the *Comentários de Afonso de Albuquerque* (Part III, Chap. xviii, about Malacca) it is stated that «according to the information gathered by Albuquerque when he took Malacca» (1511), «the land of these *Gores* is called *Lequea*» and the gold they bring to Malacca «comes from an island, close to theirs, which is called *Perioco*». We have shown elsewhere why we are convinced that this *Parpoquo* or *Perioco* island can correspond only to Japan (21).

---

(16) E. W. Dahlgren, *Les débuts de la cartographie du Japon*, pp. 6 seqq. Upsal 1911. We shall have to refer frequently to this standard study on the early European cartography of Japan, in which Dahlgren begins by reviewing the work of Paul Graf Teleki, *Atlas zur Geschichte der Kartographie der japanischen Inseln*, Budapest 1909 (the first important work on the subject), and of Birger Gezelius, *Japan i västerländsk framställning till omkring år 1700*, Uppsala 1910.

(17) Roberto Almagià, *I mappamondi di Enrico Martello e alcuni concetti geografici di Cristoforo Colombo*, in *Bibliofilia*, Vol. XXXIII, pp. 295 seqq. Firenze 1936.

(18) A. Cortesão, *Cartografia Portuguesa Antiga*, pp. 94-8. Lisboa 1960.

(19) A. Cortesão, *The Suma Oriental of Tomé Pires and the Book of Francisco Rodrigues*, Vol. I, p. 131. The Hakluyt Society, London 1944.

(20) Cf. C. R. Boxer, *The Christian Century in Japan 1549-1650*, p. 14. Berkeley and Los Angeles-London 1951. For a scholarly discussion of Pires' description of the «*Lequeos*, called *Guores*», and of Japan, see also pp. 10-4 of this important work — one of many by the same author — on the early relations of the Portuguese with Japan.

(21) A. Cortesão, *A Expansão Portuguesa através do Pacífico*, in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. II, pp. 168-72, Lisboa 1939; *idem* 1944, pp. 524-5. J. Denucé had already pointed out the similarity of the *Parioco Insula* to an island similarly represented and called *chis* (one further indication that the first information about Japan must have been gathered from Chinese pilots), in the anonymous-Pedro Reinel chart of c. 1517 (Plate 10): «la Parioco insula n'est autre que l'île Chis que nous sommes tenté d'identifier avec Zipangu». *Les origines de la cartographie portugaise et les cartes des Reinel*, p. 126. Gand 1908. The same island is found, but unnamed, in a similar chart (Plate 11), which we have dated c. 1518 but may be c. 1522, if the words *Islas s. Lazaro*, written near the Philippine Islands are not a later addition (see Vol. I, pp. 35-6). In another work

Mas tudo isto eram informações de outiva — obtidas por Marco Polo na China e por Tomé Pires em Malaca — e representações cartográficas fantasiosas, baseadas em relatos mais ou menos vagos recolhidos por Rodrigues de algum piloto oriental durante as suas viagens pelo Extremo Oriente, que o levaram pelo menos até Cantão. Não podia ser de outro modo, porque as mais antigas notícias concretas que temos de uma visita portuguesa ao Japão referem-se à de Fernão Mendes Pinto, Diogo Zeimoto e Cristóvão Borralho em 1542 (22), embora seja muito possível que os portugueses já lá tivessem estado em 1534 e 1539, conforme documentos japoneses contemporâneos (23). Depois disso, as viagens portuguesas ao Japão tornaram-se frequentes, e Fernão Mendes Pinto lá voltou em 1546, 1550 e 1554-56.

A mais antiga descrição, por um europeu que de facto visitou o Japão, é a de Jorge Álvares, capitão de um navio português, que juntamente com Fernão Mendes Pinto, em Dezembro de 1547, se encontrou com Francisco Xavier em Malaca, quando o futuro santo regressava das Molucas à Índia, e lhe deu um relato que havia escrito. Este interessantíssimo relato — sobre o qual C. R. Boxer comenta: «O capitão Jorge Álvares fez bom uso dos seus olhos e ouvidos enquanto esteve no país, e muitas das suas observações ainda hoje são válidas» — deixou Xavier «entusiasmado com o que ouviu sobre a terra recém-descoberta e deixou-lhe entrever uma gloriosa perspectiva de actividade missionária» (24). O relato europeu seguinte sobre o Japão, é o de Garcia Escalante Alvarado, que em 1542-46 havia ido às Molucas e Filipinas como feitor da esquadra de Ruy Lopes de Villalobos; ele escreveu o que tinha ouvido a um marinheiro galego, Pero Diez, o qual, segundo parece, em 1544 (?) havia estado no Japão a bordo de um navio português. O relato de Escalante Alvarado, dirigido ao Vice-rei do México, foi escrito de Lisboa em Agosto de 1548, e Boxer comenta: «O relato do capitão portu-

---

mente (vide Vol. I, pp. 35-6). Num outro trabalho o erudito autor belga escreveu: «Le pays des Gores s'appelle Lequea, est-il dit dans les *Commentaires du vice-roi* [Afonso de Albuquerque, que aliás foi Governador-Geral, não Vice-rei]; ils vont chercher l'or qu'ils apportent à Malacca, dans une île peu éloignée de leur pays et qui s'appelle Perioco, de Peria Woki qui signifie le Japon. La carte du Grand golfe de Chine, dans l'atlas des Reinels, nous montre cette Perioco, le Feriak des histoires légendaires. Nous aurions ici, par conséquent, la première représentation du Japon dans un document cartographique européen». *Magellan — La question des Molluques et la première circumnavigation du globe*, p. 164. Bruxelles 1911. Embora Denucé e Dahlgren soubessem das cartas de Rodrigues publicadas pelo Visconde de Santarém no seu *Atlas* de 1849, a ilha *Parpoquo* não foi notada. Nem Dahlgren teria afirmado que o nome Japan (*Giapam*) apareceu pela primeira vez na carta de Gastaldi de «1550», se tivesse conhecido a *Suma Oriental*, escrita 35 anos antes.

(22) Esta data é confirmada pelo P.e João Rodrigues Tçuzzu, S. J., inimigo de Mendes Pinto, que, naturalmente, não diz ter sido este um dos descobridores. O texto de Tçuzzu encontra-se em Georg Schurhammer, S. J., *O descobrimento do Japão pelos Portugueses no ano de 1543*, in *Anais da Academia Portuguesa da História*, II Série, Vol. I, p. 110. Lisboa 1946.

(23) Sobre as primeiras viagens portuguesas ao Japão, vide Cortesão 1939, *loc. cit.* Pinto descreve na *Peregrinação* essa primeira viagem conhecida ao Japão em 1542. O Professor C. R. Boxer diz que «em 1541-1543, ele (Pinto) estava *quase com certeza* [nosso itálico] na Birmânia. ...Diga-se de passagem que isto só por si basta para dispor da sua pretenção de ter sido um dos descobridores do Japão» em 1542. Não julgamos que o *quase* concorde com o «basta». Quanto à data, os P.es L. Besse e H. Hosten, S. J., escreveram: «A testemunha principal é Fernão Mendes Pinto, de cuja veracidade sobre os acontecimentos da Birmânia entre 1545 e 1552 não é lícito duvidar». *Father Manoel da Fonseca, S. J., in Ava* (*Burma*) (*1613-1652*), in *Journal of the Asiatic Society of Bengal,* Vol. XXI, p. 45, 1925. Umas linhas abaixo, Boxer escreve: «Pinto ... foi recebido (com toda a sua riqueza material) na Companhia de Jesus, em Goa, em 1554 ... e durante a sua quarta e última visita ao Japão, em 1556, deixou a Companhia voluntàriamente. Os Jesuítas não levantaram objecção, e 'com a mesma facilidade com que entrou, quando era rico, assim saíu, quando era pobre', como Cortesão irònicamente comenta. Este remoque talvez não seja inteiramente merecido»... (1951, p. 20). Na página seguinte, porém, considera que «investigação recente tem provado conclusivamente que depois de ele ter saído da Sociedade em 1556, o nome de Pinto era anátema para os seus anteriores pais em Deus, os quais, enquanto ficavam com o dinheiro, lhe apagavam o nome de todos os textos possíveis». Apesar dos seus incansáveis esforços para desacreditar Mendes Pinto, não podemos concordar com o Professor Boxer quando ele escreve: «Mas se Pinto não foi de facto um dos descobridores europeus do Japão, é igualmente certo que ele foi um dos mais antigos visitantes portugueses desse país [uma concessão do Professor Boxer, que aliás nunca alguém contestou] ... Ele teve toda a oportunidade para conhecer os verdadeiros descobridores, e fazer passar as suas aventuras (com acrescentamentos notáveis) como dele próprio, quando trinta anos mais tarde em Almada entretinha sua cada vez maior família ... foi isso precisamente o que ele fez» (p. 24). As suas últimas palavras no capítulo em que discute a questão, são de concordância com o que o Jesuíta João Rodrigues Tçuzzu (para o caso ninguém podia ser mais suspeito) escreveu em 1633: Pinto era um mentiroso e nada mais. Devemos acrescentar que E. W. Dahlgren, mencionando autores jesuitas anteriores, diz que Pinto «descreveu as aventuras dos descobridores do Japão e aperfeiçoou a verdade recorrendo à sua imaginação, atribuindo-as à sua própria pessoa, para desse modo indevidamente se apropriar da honra de ter sido o descobridor do Japão». *A contribution to the history of the discovery of Japan*, in *Transactions and Proceedings of the Japan Society*, Vol. XI, p. 240. London 1914. A afirmação de Dahlgren, já antes dele feita e depois repetida, é mera difamação, baseada em leituras mal interpretadas e juízo parcial dos factos. Mas não vamos demorar-nos nesta estafada questão, velha de mais de três séculos, da confiança a depositar em Mendes Pinto, cuja *Peregrinação* foi escrita muitos anos depois do seu regresso do Oriente (por conseguinte sujeita a faltas de memória e precisão, sobretudo quanto a datas e nomes exóticos de pessoas e lugares) e severamente censurada antes de ser publicada pòstumamente, quando os Jesuítas e a Inquisição eram todo-poderosos em Portugal, e ninguém ousaria glorificar um nome por eles anatematizado. Quem escreve estas linhas já se ocupou do assunto em 1935 (*Cartografia*, Vol. I, pp. 165-6), 1939 (pp. 167-9) e 1944 (Vol. I, pp. xlix-lxi), e está convencido de que é tão fácil agora, como sempre tem sido, responder aos novos argumentos (ou antes, aos antigos por outras palavras) que os pertinazes detractores de Mendes Pinto àvidamente buscam. Se o erudito P.e Schurhammer, S. J., é um dos principais *advocatus diaboli* (na própria expressão de Boxer) contra Pinto, o Professor Boxer não o é menos. Mesmo entre os Jesuítas a memória de Fernão Mendes Pinto tem encontrado historiadores que se podem libertar de preconceito, despeito, paixão, mera teimosia caprichosa ou seja o que for, e preferem reconhecer simplesmente a verdade. Além dos P.es Besse e Hosten, podemos citar o P.e Francisco de Sousa, S. J., que escreveu no seu *Oriente Conquistado*, Lisboa 1710: «Fernão Mendes Pinto, bem conhecido pelo livro de suas peregrinações tão verdadeyras na boca dos noticiosos, como duvidosas na opiniaõ do vulgo» (Primeyra Parte, p. 106). Quanto mais estudamos e reflectimos mais nos convencemos de que os detractores de Mendes Pinto, mesmo quando distintos estudiosos como o P.e Schurhammer e o Prof. Boxer, não têm razão nos seus encarniçados esforços para denegrir a memória do grande viajante e escritor quinhentista, aventuroso e cheio de colorido, a quem Portugal e a história do Extremo Oriente muito devem.

(24) Boxer 1951, p. 36.

All these were, however, reports derived from hearsay — by Marco Polo in China and Tomé Pires in Malacca — and fanciful cartographic representations based on more or less vague reports gathered by Rodrigues from some oriental pilot during his voyages in the Far East, which took him at least as far as Canton. It could not be otherwise, because the earliest concrete news we have of a Portuguese voyage to Japan is about that of Fernão Mendes Pinto, Diogo Zeimoto and Cristóvão Borralho in 1542 (22), although it is quite possible that the Portuguese had already been there in 1534 and 1539, according to some contemporary Japanese documents (23). Portuguese voyages to Japan became frequent after this, and Mendes Pinto returned there in 1546, 1550 and 1554-56.

The earliest account from a European who had actually visited Japan is that of Jorge Álvares, a Portuguese sea captain, who, together with Fernão Mendes Pinto, in December 1547 met Francis Xavier in Malacca, when the future saint was returning from the Moluccas to India, and gave him a report he had written. This most interesting report — on which C. R. Boxer commented: «Captain Jorge Álvares had used his eyes and ears to good purpose when he was in the country, and many of his observations still hold good today» — left Xavier «entranced with what he heard of the newly discovered land, and a glorious vista of missionary activity opened up before him» (24). The next European report on Japan is that of Garcia Escalante Alvarado, who had gone as factor of the fleet of Ruy Lopez de Villalobos to the Moluccas and the Philippines in 1542-46; he wrote down what he heard from a Galician sailor, Pero Diez, who apparently had been in Japan on board some Portuguese ship in 1544 (?). Escalante Alvarado's report, addressed to the Viceroy of Mexico, was written in Lisbon in August 1548, and Boxer comments: «The report of the Portuguese

---

the learned Belgian scholar wrote: «Le pays des Gores s'appelle Lequea, est-il dit dans les *Commentaires du vice-roi* [Afonso de Albuquerque, who incidentally was Governor-General, not Viceroy]; ils vont chercher l'or qu'ils apportent à Malacca, dans une île peu éloignée de leur pays et qui s'appelle Perioco, de Peria Woki qui signifie le Japon. La carte du Grand golfe de Chine, dans l'atlas des Reinel, nous montre cette Perioco, le Feriak des histoires légendaires. Nous aurions ici, par conséquent, la première représentation du Japon dans un document cartographique européen». *Magellan — La question des Molluques et la première circumnavigation du globe*, p. 164. Bruxelles 1911. Although Denucé and Dahlgren knew of the charts of Rodrigues published by the Viscount de Santarém in his *Atlas* of 1849, *Parpoquo* island was not noticed. Nor would Dahlgren have stated that the name Japan (*Giapam*) appeared for the first time in Gastaldi's map of «1550», had he known of the *Suma Oriental*, written 35 years earlier.

(22) This date is confirmed by Fr. João Rodrigues Tçuzzu, S. J., an enemy of Mendes Pinto, who does not say that the latter was one of the discoverers, of course. Tçuzzu's text is published by Georg Schurhammer, S. J., *O descobrimento do Japão pelos Portugueses no ano de 1543*, in *Anais da Academia Portuguesa da História*, II Série, Vol. I, p. 110. Lisboa 1946.

(23) On the first voyages to Japan, see Cortesão 1939, *loc. cit.* Pinto describes in the *Peregrinação* this first known voyage to Japan in 1542. Professor C. R. Boxer says that «in 1541-1543, he (Pinto) was *almost certainly* [our italics] in Burma ... This alone, incidentally, should suffice to dispose of his claim to be one of the discoverers of Japan» in 1542. We do not think that the *almost* agrees with the «suffice». As regards the date, Fr. L. Besse, S. J., and Fr. H. Hosten, S. J., wrote: «The chief witness is Fernão Mendes Pinto, whose veracity on the events of Burma between 1545 and 1552 can hardly be doubted». *Father Manoel da Fonseca, S. J., in Ava* (*Burma*) (*1613-1652*), in *Journal of the Asiatic Society of Bengal*, Vol. XXI, p. 45. 1925. A few lines below, Boxer writes: «Pinto ... was received (with all his worldly wealth) into the Company of Jesus at Goa in 1554 ... and during his fourth and last visit to Japan, in 1556, he voluntarily left the Society. The Jesuits raised no objection, and 'with the same ease with which he entered it when rich, he left it when poor', as Cortesão ironically comments. This taunt is perhaps not altogether deserved» (1951, p. 20). On the next page he considers, however, that «recent research has conclusively proved that after he left the Society in 1556, Pinto's name was anathema to his erstwhile fathers in God, who, while keeping his money, deleted his name from all available texts». In spite of his tireless efforts and arguments to discredit Fernão Mendes Pinto, we cannot agree with Professor Boxer when he writes: «But if Pinto was not one of the actual European discoverers of Japan, it is equally certain that he was one of the earliest Portuguese travellers to that country [a concession of Professor Boxer, incidentally never denied by anybody] ... He had plenty of opportunity to know the real discoverers, and pass off their adventures (with suitable additions) as his own, when entertaining his growing family at Almada thirty years later ... this is precisely what he did do» (p. 24). His last words, in the chapter where he discusses the question, concur in what the Jesuit João Rodrigues Tçuzzu (nobody, in the circumstances, could be more suspicious) wrote in 1633: Pinto was a liar and nothing else. We must add that E. W. Dahlgren, mentioning previous Jesuit authors, had written earlier that Pinto «has described their (the discoverers of Japan) adventures and improved on truth with the help of his imagination, and further assigned them to his own person, so that he might thereby wrongly assume the honour of having been the discoverer of Japan». *A contribution to the history of the discovery of Japan*, in *Transactions and Proceedings of the Japan Society*, Vol. XI, p. 240. London 1914. Dahlgren's assertion, which had been stated before and repeated after him, is a sheer slander based on misreadings and a biased appraisal of the facts. But we are not going to dwell once again on this vexed question, over three centuries old, of the reliability of Fernão Mendes Pinto, whose *Peregrinação* was written many years after his return from the Far East (therefore subject to failures of memory and accuracy, particularly as regards dates and exotic names of persons and places) and heavily censored before it was published posthumously, when the Jesuits and the Inquisition were all-powerful in Portugal, and nobody would dare to glorify a name anathematized by them. The present writer has dealt with the subject in 1935 (*Cartografia*, Vol. I, pp. 165-6), 1939 (pp. 167-9) and 1944 (Vol. I, pp. xlix-lxi), and he is sure that it is as easy to answer now as it always has been the new arguments (or rather the old ones in other words) that the relentless detractors of Mendes Pinto eagerly seek for. If the erudite Fr. Schurhammer, S. J., is a chief *advocatus diaboli* (to use Boxer's own words) against Pinto, Professor Boxer is a not less obdurate one. Even among the Jesuits the memory of Fernão Mendes Pinto has found historians who can get rid of prejudice, spite, passion, mere capricious obstinacy or whatever it may be, and do not appraise the facts with distorting spectacles. Besides Fr. Besse and Fr. Hosten, mentioned above, we may quote Fr. Francisco de Sousa, S. J., who wrote in his *Oriente Conquistado*, published in Lisbon 1710: «Fernão Mendes Pinto, well known for the book of his peregrinations, as true in the judgment of the learned as doubtful in the opinion of the vulgar» (Part First, p. 106). The more we study and reflect, the more convinced we are that the detractors of Fernão Mendes Pinto, even such distinguished scholars as Fr. Schurammer and Professor Boxer, are not right in their inexorable exertions against the memory of the adventurous traveller and colourful writer of the XVI century, to whom Portugal and the history of the Far East owe very much indeed.

(24) Boxer 1951, p. 36.

guês Jorge Álvares (Dezembro de 1547) é mais valioso, porque ele era evidentemente um homem mais educado e melhor observador do que o marinheiro galego» (25).

As antigas representações cartográficas que mencionámos são de europeus que, directa ou indirectamente, tinham sabido de relatos mais ou menos vagos, obtidos no Extremo Oriente, sobre o Japão; em qualquer caso, os europeus que os obtiveram não tinham de facto estado no Japão. Referir-nos-emos agora à representação cartográfica antiga do Japão depois de os portugueses lá terem ido pela primeira vez, no segundo quartel do século XVI. A cartografia japonesa — que até fins do século XVII se baseou quase, se não exclusivamente, apenas no chamado tipo Gyogi, iniciado por um padre budista, Gyogi-Bosatsu, de origem coreana, que foi para o Japão em fins do século VII e deve ter desenhado a sua primeira carta já no século VIII — será aqui referida apenas incidentalmente, pois é de crer que as cartas Gyogi tenham influído nalgumas antigas cartas portuguesas do Japão.

Depois que Teleki, em 1909, publicou a primeira obra importante sobre a antiga cartografia europeia do Japão, este vasto e complexo assunto despertou a atenção de muitos estudiosos, e a sua bibliografia é hoje bastante numerosa. A Teleki seguiu-se Gezelius, um ano mais tarde, e Dahlgren que, cogitando sobre os trabalhos daqueles dois, publicou em 1911 a obra mais compreensiva que até hoje se tem escrito sobre o assunto. Outros estudiosos dele se têm ocupado, com desenvolvimento vário ou acidentalmente, e meio século depois do breve mas notável trabalho de Dahlgren, mais material tem sido reunido e o problema pode ser examinado de novo (26).

Tendo-se referido à cartografia do Extremo Oriente, quer incluindo o Japão ou sem ele, baseada nas descrições de Marco Polo, Dahlgren passa a dividir a cartografia europeia do Japão, até o começo do século XVII, em seis tipos: I—Gastaldi, II—Diogo Homem, III—Mercator, IV—Ortelius, V — Vaz Dourado, e VI — Luís Teixeira. Considera ele que o primeiro espécime do tipo Gastaldi é a carta de Giacomo di Gastaldi que Ramusio em 1556 publicou no Vol. III de *Navigationi et Viaggi*. Mas depois de datar o tipo Gastaldi de 1550, Dahlgren acrescenta cautelosamente: «l'avant-propos, daté de 1553, semble indiquer que toutes les cartes de l'ouvrage auraient été exécutées dès l'année 1550, où parut le premier volume (supposition répétée par Nordenskiöld, Ruge, Grande, Teleki et d'autres). La prudence nous conseillerait donc de ne point placer l'original du type Gastaldi à une époque antérieure à 1553» (p. 16). Julgamos que seria ainda mais prudente não datar de antes de 1556 a carta de Gastaldi publicada em Ramusio. A ilha de forma fantasiosa tem apenas o nome *Giapan*.

A carta de Gastaldi de 1561 (27), que se segue, apresenta dois topónimos na metade ocidental de *Giapam: cangossima* e *C. De cangossima*. Esta representação deve estar baseada na carta que Francisco Xavier escreveu de *Cangoxima* (Cagoxima) em 5 de Novembro de 1549 — não na sua carta de 1548, transmitindo as informações que recebera de Jorge Álvares, como Dahlgren supôs. Isto é ainda mais evidente na carta de Paolo Forlani, de 1574 (28), por Dahlgren também incluída no tipo Gastaldi, a qual mostra a *Isola di Giapan* com vários topónimos, a maior parte dos quais, se não todos (tão desfigurados alguns se encontram), é mencionada por Xavier na sua epístola de 1549. Uma carta impressa em Itália em 1589, que mostra *Giapam* com dois topónimos (29), é também incluída no tipo Gastaldi. O mapa-mundi de Gastaldi, de 1560 com nova edição em 1562 (30), representa uma ilha mais ou menos como em 1556, mas chamada *cinpaga*, como numa carta de Gastaldi de 1548 (31), o que sugere ter-se estabelecido em Itália considerável confusão entre o *Chipango* de Marco Polo e a nova represen-

(25) Boxer 1951, p. 32. O Professor Boxer considera o relato de Álvares posterior ao de Escalante Alvarado, talvez porque Diez disse ter estado no Japão em 1544, do que não temos confirmação. O facto, porém, é que aquele foi escrito em Dezembro de 1547, se não antes, e este é datado de 1 de Agosto de 1548.

(26) O contorno da carta japonesa do século XV, do tipo Gyogi, que damos na Tabela, 2, é tirado de um decalque, muito esquemático, feito por O. Nachod e reproduzido por George Kish, *Some aspects of the Missionary Cartography of Japan*, in *Imago Mundi*, Vol. VI, p. 45. Stockholm 1949. Entre vários estudos, além dos já citados, sobre cartografia antiga do Japão, encontram-se alguns artigos particularmente valiosos nos quinze volumes de *Imago Mundi* (1935-1960), já publicados, em especial o de M. Ramming, *The evolution of Cartography in Japan*, Vol. II, pp. 17-21. London 1937. Outros artigos têm aparecido nesta publicação tão importante, indispensável mesmo, a saber: Kay Kitagawa, *The Map of Hokkaido of G. de Angelis, ca. 1621*, Vol. VII, pp. 110-4, Stockholm 1950; George Kish, *The Japan in the 'Mural Atlas' of the Palazzo Vecchio, Florence*, Vol. VIII, pp. 52-4, Leiden 1951; Joseph F. Schütte, S. J., *Map of Japan by Father Girolamo de Angelis*, Vol. IX ,pp. 73-8, Leiden 1952; Chohei Kudo, *A summary of my studies of Girolamo de Angelis' Yezo Map*, Vol. X, pp. 81-6, Leiden 1953; Shintaro Ayusawa, *The types of world map made in Japan's Age of National Isolation*, Vol. X, pp. 123-8, Leiden 1953; Boleslaw Szcześniak, *The Antoine Gaubil maps of the Ryukyu Islands and Southern Japan*, Vol. XII, pp. 141-9, Leiden 1955; Richard C. Rudolph, *An Undated Japanese Map Dated*, Vol. XIII, pp. 179-81, Leiden 1956. Devemos ainda mencionar, também por George Kish, *The Cartography of Japan During the Middle Tokugawa Era: A Study in Cross-Cultural Influences*, in *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. XXXVII, N.º 2, pp. 101-9, June 1947. A considerável bibliografia sobre a antiga cartografia do Japão, que hoje existe, encontra-se quase toda referida nos trabalhos citados acima.

(27) Nordenskiöld, *Periplus*, Plate LVI.

(28) Teleki, *Atlas*, Tafel III.

(29) Nordenskiöld, *Periplus*, Fig. 64.

(30) *Ibidem*, Fig. 77.

(31) Cf. Dahlgren 1911, p. 18.

captain Jorge Álvares (December, 1547) is more valuable, because he was clearly a much better educated and more observant man than the Galician sailor» (25).

The early cartographic representations which we have mentioned are from Europeans who had heard, either directly or indirectly, of more or less vague reports, gathered in the Far East, about Japan; in any case, the Europeans who received this information had not actually been in Japan. We shall refer now to the early European cartography of Japan after the Portuguese went there for the first time in the second quarter of the XVI century. Japanese cartography — which until late in the XVII century was based mostly, if not exclusively, on the so-called Gyogi type, introduced by a Buddhist priest, Gyogi-Bosatsu, of Korean extraction, who went to Japan late in the VII century and must have drawn his first map in the VIII century — will by dealt with here only incidentally, because it is likely that Gyogi maps influenced some early Portuguese charts of Japan.

After Teleki published the first important work on the early European cartography of Japan, in 1909, this vast and complex subject attracted the attention of many scholars, and its bibliography is now substantial. Teleki was followed by Gezelius, one year later, and by Dahlgren, who, brooding over the two previous works, produced in 1911 the most comprehensive work on the subject written so far. Other students have also written, in more or less detail or incidentally, on the subject, and half a century after Dahlgren published his brief but remarkable work further data have been assembled and the problem may be examined anew (26).

Having referred to the cartography of the Far East, either including Japan or not, based on Marco Polo's descriptions, Dahlgren goes on to divide European cartography of Japan, until the beginning of the XVII century, into six types: I — Gastaldi, II — Diogo Homem, III — Mercator, IV — Ortelius, V — Vaz Dourado, and VI — Luís Teixeira. As the first specimen of the Gastaldi type, he takes the map by Giacomo di Gastaldi published in 1556 by Ramusio in *Navigationi et Viaggi*, Vol. III. But after dating Gastaldi's type to 1550, Dahlgren adds cautiously: «l'avant-propos, daté de 1553, semble indiquer que toutes les cartes de l'ouvrage auraient été exécutées dès l'année 1550, où parut le premier volume (supposition répétée par Nordenskiöld, Ruge, Grande, Teleki et d'autres). La prudence nous conseillerait donc de ne point placer l'original du type Gastaldi à une époque antérieure à 1553» (p. 16). We think that it would be more prudent still not to date Gastaldi's map in Ramusio earlier than 1556. The fancifully shaped island bears the name *Giapan* only.

Gastaldi's next map, of 1561 (27), shows the western half of *Giapam*, with two place names: *cangossima* and *C. De cangossima*. This representation must be based on the letter written by Francis Xavier from *Cangoxima* (Kagoshima) on 5 November 1549 — not on his letter of 1548, transmitting the information he had gathered from Jorge Álvares, as supposed by Dahlgren. This is still more evident in Paolo Forlani's map of 1574 (28), which Dahlgren includes also in the Gastaldi type, showing the *Isola di Giapan* with several place names, most of which, if not all (some of them being so corrupted), are mentioned in Xavier's letter of 1549. A map printed in Italy in 1589, which shows Japan with two place names (29), is also included in the Gastaldi type. Gastaldi's map of the world of 1560, with a new edition in 1562 (30), represents an island more or less as in that of 1556, but called *cinpaga*, as in a Gastaldi map of 1548 (31). This suggests that considerable confusion had arisen in Italy between Marco Polo's *Chipango* and the new representation derived from the information transmitted by Francis

(25) Boxer 1951, p. 32. Professor Boxer considers Álvares' report later than that of Escalante Alvarado, perhaps because Diez said that he had been in Japan in 1544, of which we have no confirmation. The fact is, however, that the former was already written in December 1547, if not earlier, and the latter is dated 1 August 1548.

(26) The outline of the XV-century Japanese chart of the Gyogi type which we give in the adjoining Table, 2, is taken from a very schematic tracing by O. Nachod reproduced by George Kish, *Some aspects of the Missionary Cartography of Japan*, in *Imago Mundi*, Vol. VI, p. 45. Stockholm 1949. Among several studies, besides those already mentioned, on early cartography of Japan, some other articles in the fifteen issues of *Imago Mundi* (1935-1960), already published, are particularly valuable, chiefly M. Ramming, *The evolution of Cartography in Japan*, Vol. II, pp. 17-21, London 1937. Other articles have appeared in this most important, nay indispensable, publication, to wit: Kay Kitagawa, *The Map of Hokkaido of G. de Angelis, ca. 1621*, Vol. VII, pp. 110-4, Stockholm 1950; George Kish, *The Japan in the 'Mural Atlas' of the Palazzo Vecchio, Florence*, Vol. VIII, pp. 52-4, Leiden 1951; Joseph F. Schütte, S. J., *Map of Japan by Father Girolamo de Angelis*, Vol. IX, pp. 73-8, Leiden 1952; Chohei Kudo, *A summary of my studies of Girolamo de Angelis' Yezo Map*, Vol. X, pp. 81-6, Leiden 1953; Shintaro Ayusawa, *The types of world map made in Japan's Age of National Isolation*, Vol. X, pp. 123-8, Leiden 1953; Boleslaw Szcześniak, *The Antoine Gaubil maps of the Ryukyu Islands and Southern Japan*, Vol. XII, pp. 141-9, Leiden 1955; Richard C. Rudolph, *An Undated Japanese Map Dated*, Vol. XIII, pp. 179-81, Leiden 1956. We should like to mention, also by George Kish, *The Cartography of Japan During the Middle Tokugawa Era: A Study in Cross-Cultural Influences*, in *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. XXXVII, N.º 2, pp. 101-9, June 1947. Today's considerable bibliography on the early cartography of Japan is almost all quoted in the various works mentioned above.

(27) Nordenskiöld, *Periplus*, Plate LVI.

(28) Teleki, *Atlas*, Tafel III.

(29) Nordenskiöld, *Periplus*, Fig. 64.

(30) *Ibidem*, Fig. 77.

(31) Cf. Dahlgren 1911, p. 18.

tação derivada da informação transmitida por Francisco Xavier: *cinpaga* em 1548, 1560 e 1562; *Giapan* ou *Giapam* em 1553-56 e 1561. O facto é que o tipo Gastaldi, embora baseado em informações devidas aos portugueses e indirectamente obtidas, é essencialmente italiano, não teve qualquer influência na cartografia portuguesa, e pouca, ou nenhuma, fora da Itália.

Mas existe uma representação mais antiga e relativamente melhor do Arquipélago Japonês. Já notámos que durante o período mais antigo da cartografia europeia do Japão, baseada meramente em informação de outiva, foi chamado *Cipangu*, *Parpoquo* e *Perioco*, e representado com a maior fantasia, como se vê pela Tabela de contornos, N.ºs 3-8. Veio então o segundo período, depois das notícias e relatos trazidos pelos portugueses que descobriram o Japão, em 1542, e os que o visitaram nos anos seguintes, serem enviados para a Europa por Francisco Xavier e certamente outros. A expressão cartográfica destas notícias aparece pela primeira vez no planisfério português anónimo, da Biblioteca Vallicelliana, que datámos de c. 1550 (Vol. I, pp. 157-9, Estampa 80). Apresenta-se como uma dupla correnteza de pequenas ilhas que começa na Formosa, aqui chamada *lequeo menor* e devidamente atravessada pelo Trópico de Câncer, dirige-se para leste e depois para norte até 41°, onde está escrito *Jlhas de Miacoo*; no sítio em que a correnteza de ilhas começa a virar para norte, lê-se *lequeo maior* junto a uma ilha maior, e *japan* um pouco mais para norte (Tabela, 10). Esta é, por conseguinte, a mais antiga carta em que o nome Japão vem registado.

Encontramos uma representação de certo modo semelhante, na carta de Sancho Gutiérrez, datada de 1551 (Tabela, 11) (32). A carta foi acrescentada posteriormente, como se verifica por uma longa inscrição noutra letra, e em parte bastante obliterada, estendendo-se desde as Filipinas até 43° N, que se refere à viagem dum navio espanhol que dali foi para o México — «al puerto dela nauidad y subio hasta .40. y tres grados buscando los vientos frescos bolbio en el ano de .1565.» (33). Não só esta inscrição foi acrescentada com outra letra e tinta diferente, pelo menos quinze anos depois da carta ter sido primeiramente desenhada, mas também o nome *Y.^{as} de japan* — semelhantemente situadas a cerca do meio da dupla correnteza de ilhas, como na carta anónima de c. 1550 — e assim outros nomes. Alguns dos que parece terem sido acrescentados são *y.^{a} fremoza* e *y^{as} de los reyes magos*, que similarmente se encontram no planisfério de Lopo Homem, de 1554.

Mais impressionante ainda é a representação de um grupo insular, como que prolongamento da península da Coreia, em cujo lado oriental se encontra uma palavra que, embora muito desvanecida, parece ser *japaões*. Isto corresponde ao tipo Lopo Homem, de que tratamos a seguir. A SE deste grupo insular vê-se uma ilha alongada e mais ou menos quadrilátera, levemente desenhada, na forma tradicional de Cipango, parecendo ter havido uma tentativa de a apagar. Tem-se a impressão de que a dupla correnteza de ilhas foi desenhada de princípio (o leve desenho de Cipango pode ser uma primeira tentativa), sendo os nomes *Y.^{as} de japan*, *fremoza*, etc., e a representação segundo o tipo Lopo Homem acrescentados pouco depois de 1565. A primeira representação do Japão nesta carta de c. 1550, ainda numa forma muito incipiente, é mais uma prova de que ela foi desenhada antes do planisfério de Lopo Homem, de 1554.

Este (Estampa 27) representa pela primeira vez o Japão como um arquipélago ligado à península da Coreia e prolongando-a; é aquilo a que Dahlgren chama tipo Diogo Homem, mas a que se deve antes chamar tipo Lopo Homem. A palavra *Japam* encontra-se em letra pequena do lado ocidental do arquipélago (Tabela, 16). A seguir encontramos a mesma representação no atlas de Diogo Homem de 1558 (Tabela, 17), a qual repete nos seus outros atlas de c. 1558, 1561, c. 1565 e 1568. O facto de André Homem ter adoptado, no seu planisfério de 1559, tão obsoleta representação do Japão (Tabela, 8), é uma indicação de que ele deve ter saído de Portugal antes de 1554 e não soube do novo tipo aparentemente introduzido por seu tio Lopo Homem.

No atlas anónimo incluído no *Livro de Marinharia* — o qual, como mostrámos (Vol. I, pp. 175-6), é extremamente difícil de datar e vagamente atribuímos a c. 1560 — a representação do tipo Lopo Homem aparece na carta do Extremo Oriente (Tabela, 18); mas o mapa-mundi (Estampa 88 A), no fim do mesmo atlas, mostra um Japão do tipo Lázaro Luís-Vaz Dourado, tendo escrita a palavra *Japão* (Tabela, 27). Como então apontámos, Brito Rebelo era de opinião que este mapa-mundi havia sido feito depois das outras cartas no atlas; isto poderá explicar a discrepância. Embora novos e muito mais avançados tipos de representação do Japão já tivessem aparecido na cartografia portuguesa, o tipo Lopo Homem ainda foi adoptado por Domingos Teixeira tão tarde como 1573, e, no estrangeiro, por Antonio

(32) Esta carta, manchada, desbotada e bastante deteriorada, encontra-se na Österreichische Nationalbibliothek, de Viena, «K. I. 99416». Sancho Gutiérrez trabalhava na Casa de Contratación de Sevilla desde 1544, quando passou a cosmógrafo oficial em 1553, cargo que exerceu até 1569, vindo a falecer em 1574.

(33) Isto deve referir-se à viagem de Andrés de Urdaneta. Vide Vol. IV, p. 20.

Xavier: *cinpaga* in 1548, 1560 and 1562; *Giapan* or *Giapam* in 1553-56 and 1561. The fact is that the Gastaldi type, although based on information indirectly obtained, thanks to the Portuguese, is essentially Italian, had no influence whatever on Portuguese cartography, and very little, if any, outside Italy.

But there is an earlier and relatively better representation of the Japanese Archipelago. We have seen that during the earliest period of the European cartography of Japan, based merely on hearsay, it was called *Cipangu*, *Parpoquo* and *Perioco*, and very fancifully represented, as shown in the adjoining Table of outlines, Nos. 3-8. Then came the second period, after the news and reports brought by the Portuguese who discovered Japan in 1542, and by those who followed in the next years, were sent to Europe by Francis Xavier and certainly others. The cartographic expression of this news appears for the first time in the anonymous Portuguese planisphere, now preserved in the Biblioteca Vallicelliana, Rome, which we have dated c. 1550 (Vol. I, pp. 157-9, Plate 80). It appears as a double string of small islands which begins at Formosa, here called *lequeo menor* and duly crossed by the Tropic of Cancer, runs eastward and then turns north up to 41°, where is written *Jlhas de Miacoo*; at the point where the double strings of islands begin to trend northwards *lequeo maior* is written near a larger island, and *japan* a little further north (Table, 10). This is therefore the earliest surviving chart in which the name Japan is recorded.

We find a somewhat similar representation in Sancho Gutiérrez' chart dated 1551 (Table, 11) (32). The chart was added later, as shown by a long inscription in another hand and in part rather obliterated, stretching from the Philippines to 43° N, and referring to a voyage made by a Spanish ship from there to Mexico — «at the port of Navidad, after having reached as far as 43 degrees, looking for fresh winds, it arrived in the year 1565» (33). Not only was this inscription added in a different hand and another ink, at least fifteen years after the chart was originally drawn, but so too was the name *Y.^{as} de japan* — similarly situated about the middle of the double string of islands, as in the anonymous chart of c. 1550 — as well as several other names. Some of the apparent additions are *y^{a}. fremoza* and *y^{as} de los reyes magos*, which appear similarly in Lopo Homem's planisphere of 1554.

More striking still is the representation of an insular group, like a prolongation of the Korean Peninsula, which has on the eastern side a word which, although very faded, we read as *japaões*. This corresponds to Lopo Homem's type, with which we deal below. A more or less quadrilateral and elongated island in the traditional form of Cipango is dimly drawn SE of the latter insular group, suggesting that there was an attempt to delete it. It seems as if the double string of islands was originally drawn (the faint outline of Cipango may be a first attempt), the names *Y.^{as} de japan*, *fremoza*, etc., and the representation according to Lopo Homem's type being added shortly after 1565. The original representation of Japan in this chart of c. 1550, still in a very embryonic form, is one more proof that it was drawn before Lopo Homem's planisphere of 1554.

The latter (Plate 27) represents Japan for the first time as an archipelago connected with and prolonging the peninsula of Korea; this is what Dahlgren called the Diogo Homem type, but it would better be called the Lopo Homem type. The name *Japam* appears in small writing on the west side of the archipelago (Table, 16). We next find the same representation in Diogo Homem's atlas of 1558 (Table, 17), which is faithfully reproduced in his other atlases, of c. 1558, 1561, c. 1565 and 1568. The fact that André Homem adopted such an obsolete representation of Japan (Table, 8) in his planisphere of 1559, is an indication that he must have left Portugal before 1554 and did not know of the new type apparently introduced by his uncle Lopo Homem.

In the anonymous atlas included in the *Livro de Marinharia* — which, as we have shown (Vol. I, pp. 175-6), is extremely difficult to date and which we tentatively ascribe to c. 1560 — the Lopo Homem-type representation appears in the chart of the Far East (Table, 18); but the world map (Plate 88 A), at the end of the same atlas, shows a Japan of the Lázaro Luís-Vaz Dourado type, with the word *Japão* written (Table, 27). As we then pointed out, Brito Rebelo was of the opinion that this world map had been made after the other charts in the atlas; this may explain the discrepancy. Although new and much more advanced types of the representation of Japan had already appeared in Portuguese cartography, the Lopo Homem type was still adopted by Domingos Teixeira as late as 1573, and,

(32) This chart, stained, faded and rather deteriorated, is preserved in the Österreichische Nationalbibliothek, Vienna, classmark «K. I. 99416». Sancho Gutiérrez had worked in the Casa de Contratación de Sevilla since 1544, then became an official cosmographer from 1553 to 1569, and died in 1574.

(33) This must refer to the voyage of Andrés de Urdaneta. (See Vol. IV, p. 20).

Millos em 1582-84 (34), reproduzindo fielmente alguma carta de Diogo Homem, que durante muitos anos trabalhou em Veneza (Tabela, 19 e 20); isto mostra, uma vez mais, quão difícil e contingente se torna datar uma carta não datada, pois esta anacrónica representação do Japão indicaria uma data muito anterior, se a carta não fosse datada. O aspecto transitório e incerto do tipo Lopo Homem revela-se não só na errada, ainda que perfeitamente compreensível, representação do arquipélago japonês, como mero prolongamento insular da península da Coreia, mas também pela denominação do conjunto: em 1554 é chamado *Os lequios,* em grandes letras, e *Japan* está escrito em letra pequena, como quaisquer outros topónimos; em 1558 é chamado *Leucorũ prouintia,* mas nas outras cartas não tem nome correspondente. O nome *Japam* vem apenas em 1554; em 1568 encontramos *Mare de Japã,* e em 1573 lê-se de novo *Japan* onde em 1558 está escrito *Leucorũ prouintia.*

O grande cartógrafo e cosmógrafo Bartolomeu Velho produziu, pelo menos de c. 1560 a 1568, uma série de extraordinárias cartas do Japão em que o arquipélago se apresenta estendido verticalmente desde 31º a 50º N. Apesar de não tomar em conta a diferença de dez graus de longitude entre a costa ocidental de Quiuxiu e a parte nordeste de Hondo, e das latitudes incorrectas das ilhas setentrionais, esta é a mais notável representação cartográfica do Japão no século XVI: o arquipélago é apresentado, de Quiuxiu a Hokkaido, ou Iezo, como um grupo distinto de quatro grandes ilhas principais, inteiramente separado do continente. Este tipo de Bartolomeu Velho encontra-se pela primeira vez na sua carta em fusos e no atlas, ambos de c. 1560, grupo de quatro cartas, de 1561, em que aparece duas vezes, e finalmente na *Cosmographia,* de 1568, que o representa quatro vezes (Tabela, 21-24). A característica mais notável deste tipo é a representação, pela primeira vez, da grande Ilha Iezo ao norte. Na carta do atlas de c. 1560, que é o mais bem conservado e com todos os pormenores perfeitamente claros, o norte de Hondo, a maior ilha do arquipélago, chega mesmo à margem superior da moldura do desenho, de modo que Iezo infelizmente ficou de fora; as cartas de 1561 estão muito deterioradas, e a carta em fusos e as da *Cosmographia* são demasiado pequenas. Não obstante, pelo menos numa das cartas de 1561, podem ler-se as seguintes inscrições sobre Iezo: no norte, *Nesta ilha ha muito ouro ꝛ prata,* e no sudoeste da ilha, *Roshima* (?) *Terra q̃ pareçe.* Aparentemente esta inscrição, que poderia ser do maior interesse, ficou por completar, e a sua primeira palavra está tão apagada que não se pode ter a certeza de qualquer leitura. Poderia ser também alguma coisa como *Roslaga, Roslosija,* ou *o CoshiJa.* Não sabemos se existe aqui uma relação com Oshima, que é o nome da península sudoeste de Iezo. A forma esquemática como o arquipélago japonês está representado na carta em fusos, que julgamos tenha sido desenhada c. 1560, e o desenho perfeito no atlas, que deve ser da mesma data, sugerem que Bartolomeu Velho tinha um protótipo cuja origem estaria em informações recebidas em data hoje desconhecida. O estudo da cartografia portuguesa do Japão na segunda metade do século XVI mostra que muitos elementos e informações, de que hoje já se não sabe, de lá foram enviados para Portugal. Se por ventura aqui existe qualquer influência — que seria apenas parcial e, em qualquer hipótese, é assunto para estudar — da cartografia japonesa, certamente era de um tipo mais avançado e completo do que o da carta Gyogi ordinária. As cartas de Bartolomeu Velho, de c. 1560 a 1568, são as primeiras, de entre as que sobreviveram, em que Iezo vem representada (35). Só no século XVII novamente voltamos a encontrar Iezo na cartografia, pela primeira vez com este nome em 1613, na *Declaraçam de Malaca* de Manuel Godinho de Erédia, onde vêm cinco cartas que representam o arquipélago com a sua ilha mais setentrional, chamada *ieso* ou *yeso* em três delas.

Aquilo a que Dahlgren chama «tipo Mercator», que aparece no planisfério de Mercator, de 1569 (Tabela, 25), parece ser uma combinação do tipo Gastaldi com o tipo da carta portuguesa anónima de c. 1550 (Tabela, 10). As *Insule de Miaco, Iapan, Lequio maior* e *Lequio minor* de Mercator, já haviam aparecido nesta carta anónima como *Ilhas de Miacoo, japan, lequio maior* e *lequio menor.* Também o «tipo Ortélio» de Dahlgren, que aparece no *Atlas* de Ortélio de 1570, é derivado do tipo Bartolomeu

(34) A secção respectiva encontra-se reproduzida em Sebastiano Crinò, *La prima carta corografica inedita del Giappone*, Fig. 2, Roma 1931, com a legenda: «Il Giappone (*Xapan*) nella Carta da Navigare di Antonio Millos, Ammiraglio Messinese ... anni 1582-84 e che si conserva nella Biblioteca Vittorio Emanuele di Roma».

(35) Não pode pois afirmar-se que «O mapa Iezo de Girolamo de Angelis, de c. 1621, é o mais antigo de todos os mapas existentes, tanto japoneses como europeus, em que esta ilha é tratada como independente de qualquer outra terra na Ásia e mostrada conspìcuamente». Kudo 1953, p. 81. Além disso, em 1613 Erédia desenhou a ilha já com o nome *yeso.* Em 1935 (*Cartografia,* Vol. II, pp. 240-1) chamámos a atenção para a representação de Iezo nas cartas de Velho, de 1561, ao que George Kish também se referiu em 1949 (pp. 40-1). Também então dissemos que se Dahlgren disso tivesse sabido, teria modificado a sua maneira de ver sobre o assunto. O mesmo se aplica a Edmond Chassigneux, *Rica de Oro et Rica de Plata*, in *T'oung Pao*, Vol. XXX. Leide 1933.

abroad, by Antonio Millos in 1582-84 (34), reproducing faithfully some chart of Diogo Homem, who worked at Venice for many years (Table, 19 and 20); this shows once more how difficult and provisional is the dating of an undated chart, because this obsolete representation of Japan would suggest a rather earlier date if the chart was not dated. The transitory aspect and uncertainty of the Lopo Homem type is shown not only by the wrong, yet quite understandable, representation of the Japanese archipelago as a mere insular prolongation of the Korean Peninsula, but also by the denomination of the whole: in 1554 it is called *Os lequios,* in large letters, and *Japan* appears in small writing, like any other place names; in 1558 it is called *Leucorũ prouintia,* but in the other charts no corresponding name appears. The name *Japam* occurs only in 1554; in 1568 we find *Mare de Japã,* and in 1573 we read once more *Japan* where in 1558 is written *Leucorũ prouintia.*

The great cartographer and cosmographer Bartolomeu Velho produced, at least from c. 1560 to 1568, a series of extraordinary charts of Japan in which the archipelago is shown extending vertically from about 31º to about 50º due north. Although it fails to take into account the difference of ten degrees of longitude between the western coast of Kyushiu and the north-east part of Honshu, and in spite of the inaccurate latitudes of the northern islands, this is the most remarkable cartographic representation of Japan in the XVI century: the archipelago is represented from Kyushiu to Hokkaido, or Yezo, as a distinct group of four main larger islands, entirely separated from the mainland. This Bartolomeu Velho type appears for the first time in his chart in gores and in the atlas, both of c. 1560, in the group of four charts of 1561, where it appears twice, and finally in the *Cosmographia,* of 1568, which represents it four times (Table, 21-24). The most noteworthy feature of this type is the representation, for the first time, of the large northern island of Yezo. In the chart in the atlas of c. 1560, which is very well preserved and perfectly clear in every detail, the north of Honshu, the largest island of the archipelago, extends to very near the top margin of the frame, Yezo being therefore unfortunately omitted; the charts of 1561 are much deteriorated, and the chart in gores and those in the *Cosmographia* are much too small. Nevertheless, in at least one of the charts of 1561 we can read the following inscriptions on Yezo: in the north, «In this island there are much gold and silver», and in the south-west of the island, «*Roshima* (?) land that looks like». It seems that this inscription, which might have been of the greatest interest, remained unfinished, and its first word is in part so effaced that we cannot be sure of any reading. It might also be read as something like *Roslaga, Roslosija* or *o CoshiJa.* We do not know whether this has a connexion with Oshima, which is the name of the south-west peninsula of Yezo. The schematic form of the Japanese archipelago in the chart in gores, which we think must have been drawn c. 1560, and the perfect drawing in the atlas, which must be about the same date, suggest that Bartolomeu Velho had a prototype, which he may have introduced from information received at an unknown date. The study of Portuguese cartography of Japan in the second half of the XVI century shows that many reports and data, of which we do not know today, were then sent from there to Portugal. If there was here any influence — which might be only partial and, in any case, is a matter for study — of Japanese cartography, it certainly was of a more advanced and complete type than the ordinary Gyogi map. The charts of Bartolomeu Velho, from c. 1560 to 1568, are the first, among those which have survived, to represent Yezo (35). Only in the XVII century do we again find Yezo in cartography, for the first time bearing this name in Manuel Godinho de Erédia's *Declaraçam de Malaca,* of 1613, five charts of which represent the archipelago with its northernmost island, called *ieso* or *yeso* in three of them.

What Dahlgren calls the «Mercator type», which appears in Mercator's planisphere of 1559 (Table, 25), seems to be a combination of the Gastaldi type with the type of the anonymous Portuguese chart of c. 1550 (Table, 10). Mercator's *Insule de Miaco, Iapan, Lequio maior,* and *Lequio minor,* had already appeared in this anonymous chart as *Ilhas de Miacoo, japan, lequio maior* and *lequio menor.* Again, Dahlgren's «Ortelius type», which appears in Ortelius' *Atlas* of 1570, is derived from the Bartolomeu Velho type.

(34) The relevant section is reproduced in Sebastiano Crinò, *La prima carta corografica inedita del Giappone,* Fig. 2, Roma 1931, with the caption: «Il Giappone (*Xapan*) nella Carta da Navigare di Antonio Millos, Ammiraglio Messinese ... anni 1582-84 e che si conserva nella Biblioteca Vittorio Emanuele di Roma».

(35) It cannot therefore be asserted that «the Yezo Map of Girolamo de Angelis, of c. 1621, is the earliest of all the existing ancient maps, whether by Japanese or Europeans, in which this island is treated as independent of any other land in Asia and conspicuously shown». Kudo 1953, p. 81. Furthermore, in 1613 Erédia drew the island naming it *yeso.* We had in 1935 (*Cartografia,* Vol. II, pp. 240-1) drawn attention to the representation of Yezo in Velho's charts of 1561, which George Kish also referred to in 1949 (pp. 40-1). We also said then that if Dahlgren had known of it, he would have changed some of his views on the subject. The same applies to Edmond Chassigneux, *Rica de Oro et Rica de Plata*, in *T'oung Pao,* Vol. XXX. Leide 1933.

Velho. *Bandovmia, Meaco, Minas da prata, Bungo, Tonsa, Cangaxuma, 7 Islas, Iª de fogo, Lequiho grande*, etc., de Ortélio, já haviam aparecido no atlas de Bartolomeu Velho de c. 1560 como *bamdou, miaco, minas da p̃ta, bugo, Tonsa, cãgoxumª, 7: ilhas, J: do fogo, lequio grãde*, etc.

Ao mesmo tempo que as notabilíssimas e únicas cartas de Bartolomeu Velho, que segundo parece não tiveram muito reflexo na cartografia contemporânea, apareceu um tipo de representação do Japão inteiramente diverso, a que Dahlgren chamou tipo Vaz Dourado, e nós preferimos chamar tipo Lázaro Luís-Vaz Dourado, que é caracterisado pela forma peculiar dada ao arquipélago, disposto como um crescente ou gancho com as pontas viradas para sul. De facto, isto corresponde apenas à metade sul do arquipélago, com Quiuxiu, Xicoco e metade de Hondo, incluindo *Meaco*, a capital imperial, mais tarde chamada Quioto, embora situada demasiadamente para oeste. A península a leste de Xicoco está excessivamente prolongada para sul, terminando em *C. dos sestos* (Cabo Xinomi), do que resulta a configuração em forma de crescente. Encontramos este tipo, pela primeira vez, no mapa-mundi do atlas anónimo no *Livro de Marinharia*; mas, como também dissemos, é bem possível que o mapa-mundi tivesse sido desenhado depois das outras cartas no atlas, que datamos vagamente de c. 1560. A primeira carta datada em que encontramos esta configuração pertence ao atlas de Lázaro Luís, de 1563, e depois aparece, pela primeira vez como carta especial do Japão, no atlas de Vaz Dourado de 1568 (Estampa 250). A extraordinária aceitação que esta estranha e incompleta representação do Japão teve na cartografia contemporânea, até mesmo começos do século XVII (Tabela, 27-36), talvez se deva ao prestígio de Vaz Dourado, trabalhando em Goa, ao passo que o tipo Bartolomeu Velho, pelo menos muito mais completo, parece não ter tido qualquer aceitação.

Entramos agora num período muito importante e final da cartografia antiga do Japão, com a carta de Luís Teixeira de 1592-95 (Estampa 362 B), que teve uma predecessora incipiente na curiosa carta corográfica de Inácio Moreira, de c. 1581 (Estampa 239 B), com a qual deve ter indirectamente alguma relação. A carta de Teixeira, embora só em 1595 fosse publicada por Ortélio, foi originàriamente desenhada, o mais tardar em 1592 (36), e mostra como as informações geográficas e cartográficas recebidas em Portugal dos portugueses que visitavam o Japão ou lá viviam por algum tempo, gradualmente se tornavam mais completas e precisas. É de crer que após algum tempo no Japão, os portugueses tivessem conhecimento das cartas Gyogi, cuja influência se nota pela primeira vez no tipo Luís-Dourado.

Em espécimes sucessivos da cartografia do primeiro quartel do século XVII, quer puramente portuguesa quer italiana com ela ligada, o Japão foi apresentando uma forma mais correcta, sobretudo quanto à metade superior de Hondo, que em Luís Teixeira, 1592, começou a virar levemente para norte, e a partir de 1601, no mapa-mundi de Matteo Ricci e nas cartas de Manuel Godinho de Erédia de 1613, adquire um contorno mais correcto, com Iezo, Ezo ou Hokkaido no norte. Esta configuração do grupo principal de ilhas mantem-se na carta de Girolamo de Angelis, de c. 1621 (37), embora Iezo aqui apareça com tamanho descomunal (quatro ou cinco vezes o do resto do arquipélago japonês), e continua sucessivamente nas cartas (c. 1628--1649) de João Teixeira Albernaz I, de António Sanches (1623 e 1641), e na de António Francisco Cardim, publicada em 1646 mas provàvelmente baseada num protótipo desenhado em Macau c. 1614 (Tabela, 37-50).

O nível da representação cartográfica portuguesa do Japão atingido por João Teixeira Albernaz I em meados do século XVII, não melhorou muito até o século XIX, e não raro mudou para pior (38). Durante pouco mais ou menos um século que se seguiu ao descobrimento do Japão pelos portugueses, foi sobretudo através deles que se estabeleceram contactos europeus, no que os missionários jesuítas tomaram parte muito importante. Nos relatos dos Jesuítas se encontram as mais importantes informações sobre o Japão nesse período, e, embora sempre mantivessem o seu carácter internacional e no Extremo Oriente entre eles houvesse vários italianos e espanhóis, e a sua sede estivesse em Roma, a influência portuguesa foi capital. Já nos referimos a pelo menos um caso de trabalho cartográfico português no Japão, mencionado pelos Jesuítas (39), cuja contribuição para a cartografia do arquipélago, tanto directa como indirectamente, foi sem dúvida notável (40).

Em vista dos novos elementos agora reunidos, juntamente com os anteriores, julgamos que a cartografia europeia do Japão deverá ser classificada em sete tipos (os anos entre parênteses referem-se apenas aos desenhos na Tabela, a pp. 176-7).

(36) Vol. III, p. 65.
(37) Reprodução por Kitagawa in *Imago Mundi*, Vol. VII, p. 111.
(38) Cf. Reproduções no *Atlas* de Teleki.
(39) Vol. II, pp. 127-8.
(40) Vide também o nosso estudo sobre a carta de António Francisco Cardim, de 1646, no presente Volume, pp. 118-9, Estampa 609 B.

Ortelius' *Bandovmia, Meaco, Minas da prata, Bungo, Tonsa, Cangaxuma, 7 Islas, Iª de fogo, Lequiho grande*, etc., had appeared in Bartolomeu Velho's atlas of c. 1560 as *bamdou, miaco, minas da p̃ta, bugo, Tonsa, cãgoxumª, 7: ilhas, J: do fogo, lequio grãde*, etc.

Coincident with the very remarkable and unique charts by Bartolomeu Velho, which apparently had not much reflexion in contemporary cartography, a quite distinct type of the representation of Japan appeared, which Dahlgren called the Vaz Dourado type, and we prefer to call the Lázaro Luís-Vaz Dourado type, which is characterized by the peculiar shape given to the archipelago, disposed as a hair-pin or crescent with the points turned south. In fact this corresponds to the southern half of the archipelago only, with Kyushiu, Shikoku and half of Honshu including *Meaco*, the imperial capital, later called Kyoto, although it is situated too much west. The peninsula east of Shikoku is prolonged too far south, ending in *C. dos sestos* (Shinomi Cape), whence the crescent-like configuration. We find this type for the first time in the world map of the anonymous atlas in the *Livro de Marinharia*; but, as we also pointed out, it is well possible that the world map was drawn after the other charts in the atlas, which we have tentatively dated c. 1560. The first dated chart in which we find this configuration is in Lázaro Luís' atlas of 1563, and it then appears, for the first time as a special chart of Japan, in Fernão Vaz Dourado's atlas of 1568 (Plate 250). It may be due only to the prestige of Vaz Dourado, working at Goa, that this extraordinary and incomplete representation of Japan met with so much acceptance in contemporary cartography, until as late as the beginning of the XVII century (Table, 27-36), whereas Bartolomeu Velho type, at least much more complete, seems to have been altogether ignored.

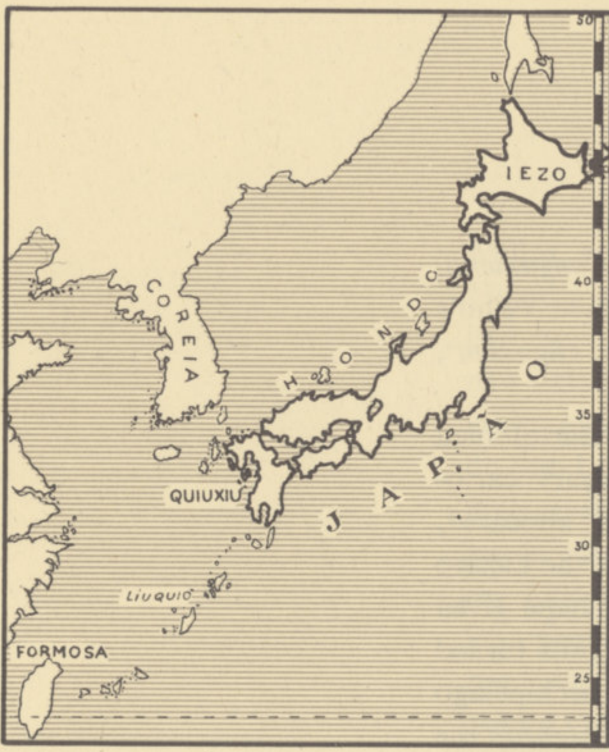
We come now to the very important final period of the early European cartography of Japan, with Luís Teixeira's chart of 1592-95 (Plate 362 B), which has an incipient predecessor in the curious chorographic chart of Inácio Moreira of c. 1581 (Plate 239 B), with which it may have some indirect connexion. Teixeira's chart, although it was published by Ortelius only in 1595, was originally drawn not later than 1592 (36), and shows how the geographical and cartographic information received in Portugal from the Portuguese who visited Japan or lived there for some time became gradually more complete and accurate. It is likely that after some time in Japan the Portuguese became acquainted with Gyogi maps, the influence of which is noticeable, for the first time, in the Luís-Dourado type.

In successive specimens of early XVII-century cartography, either purely Portuguese or Italian connected with it, Japan gained a more correct shape, particularly regarding the upper half of Honshu, which had been given a slight turn to the north in Luís Teixeira's chart of 1592, and from 1601, in the world map of Matteo Ricci, and in Manuel Godinho de Erédia's charts of 1613, assumes a more precise outline, with Yezo, Ezo or Hokkaido in the north. This configuration of the main group of islands is maintained in Girolamo de Angelis' chart of c. 1621 (37), although Yezo appears here with an enormous size (four or five times that of the rest of the Japanese archipelago), and continued in the successive charts (c. 1628-1649) of João Teixeira Albernaz I and António Sanches (1623 and 1641), and in that of António Francisco Cardim, published in 1646 but probably based on a prototype drawn in Macao c. 1614 (Table, 37-50).

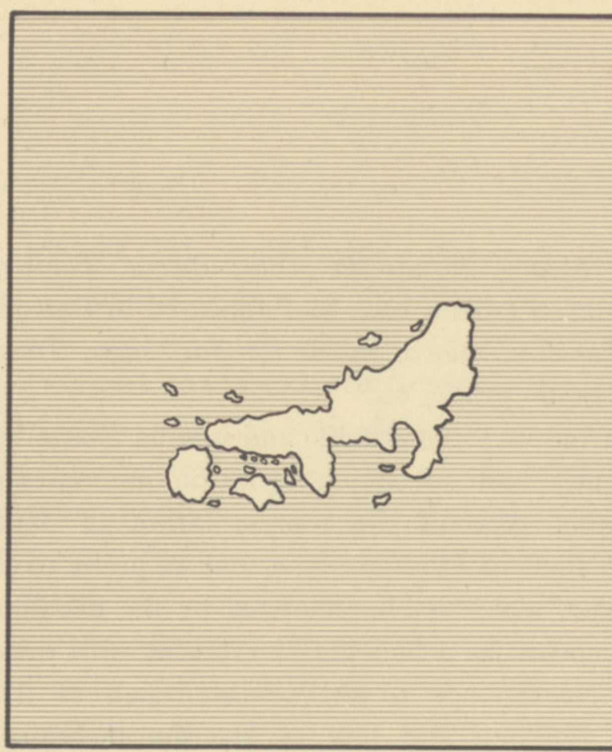
The standard of Portuguese cartographic representation of Japan reached by João Teixeira Albernaz I in mid-XVII century did not improve much before the XIX century, and not seldom changed for the worse (38). During the century or so that followed the discovery of Japan by the Portuguese, it was chiefly through the latter that European contacts, in which the Jesuit missionaries took a very important part, were established. In their reports we find the most important information about Japan in that period, and although they always kept their international status and in the Far East there were several Spaniards and Italians among them, and their centre was Rome, Portuguese influence was paramount. We have already referred to at least one case of early Portuguese cartographic work in Japan, as mentioned by the Jesuits (39), whose contribution to the cartography of the archipelago, both directly and indirectly, was undoubtedly remarkable (40).

In view of the new data now assembled, together with those previously available, we think that the European cartography of Japan should be classified in seven types (the years in brackets refer only to the outlines in the Table, pp. 176-7).

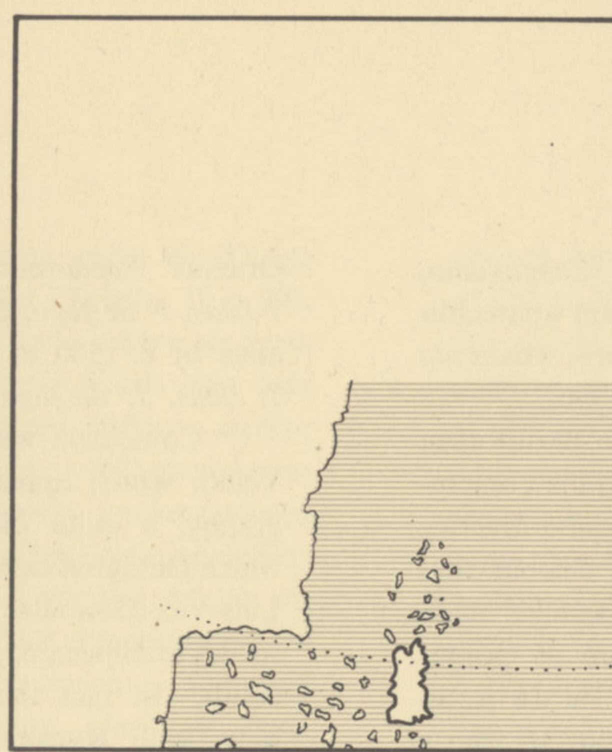
(36) Vol. III, p. 65.
(37) Reproduced by Kitagawa in *Imago Mundi*, Vol. VII, p. 111.
(38) Cf. reproductions in Teleki's *Atlas*.
(39) Vol. II, pp. 127-8.
(40) See also our study on António Francisco Cardim's chart of 1646, in the present Volume, pp. 118-9, Plate 609 B.



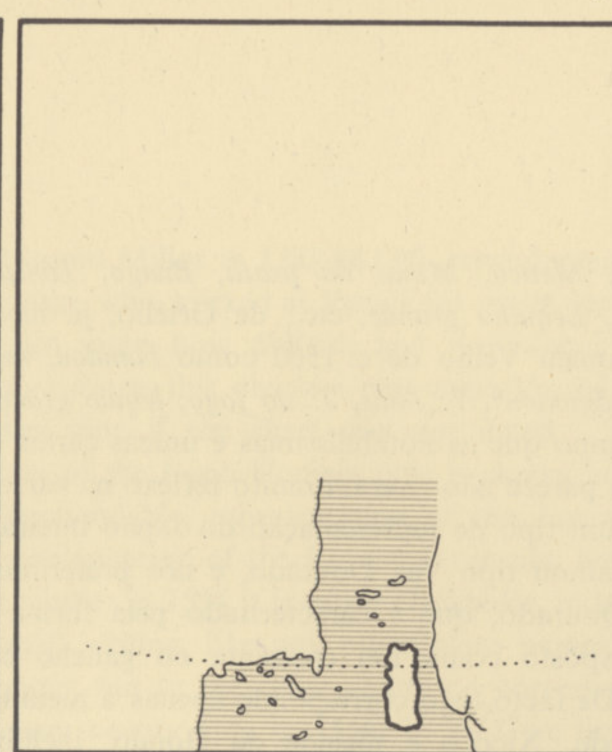
1 — CARTA MODERNA
MODERN CHART



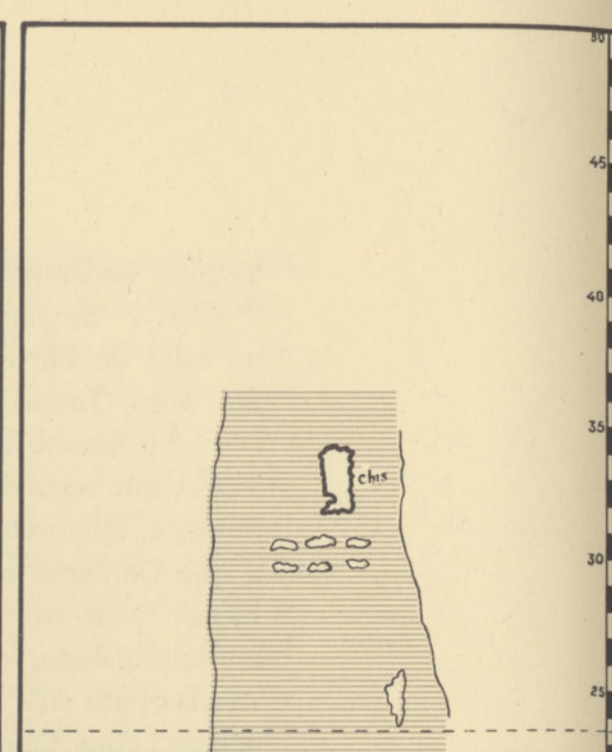
2 — TIPO GYOGI, SÉCULO XV
GYOGI TYPE, XV CENTURY



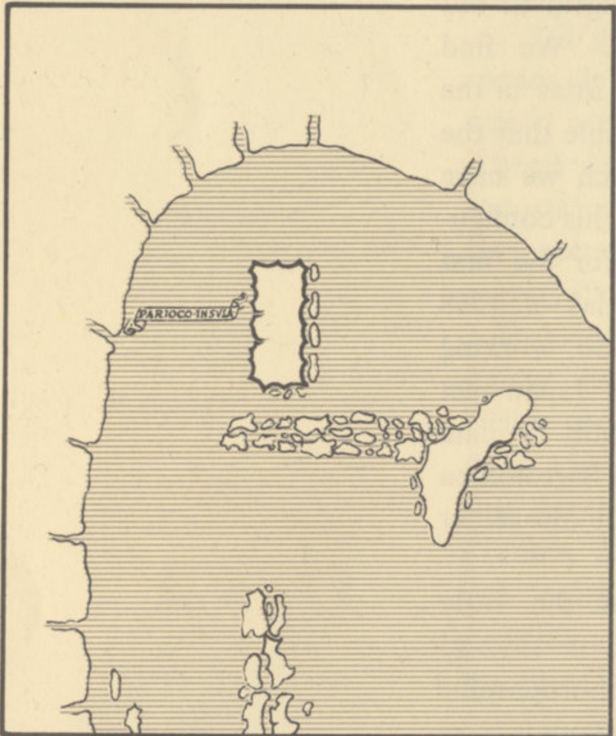
3 — MARTIN BEHAIM, 1492



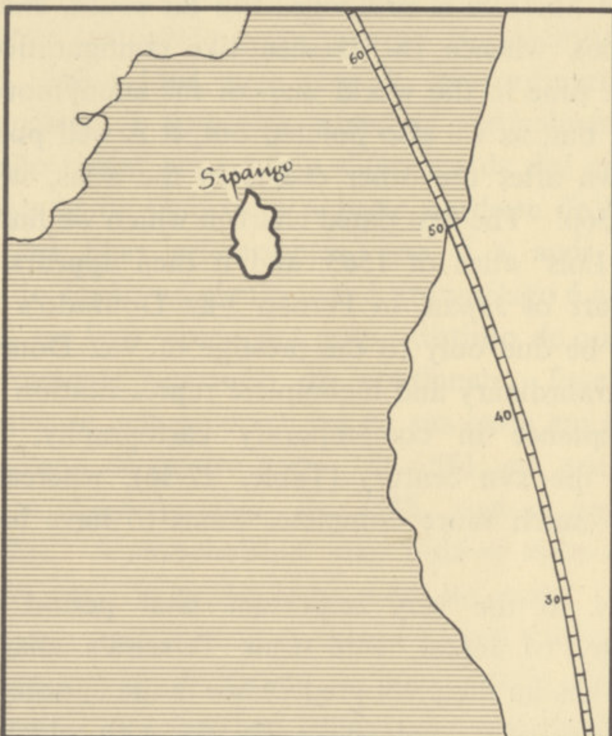
4 — SCHÖNER, 1515



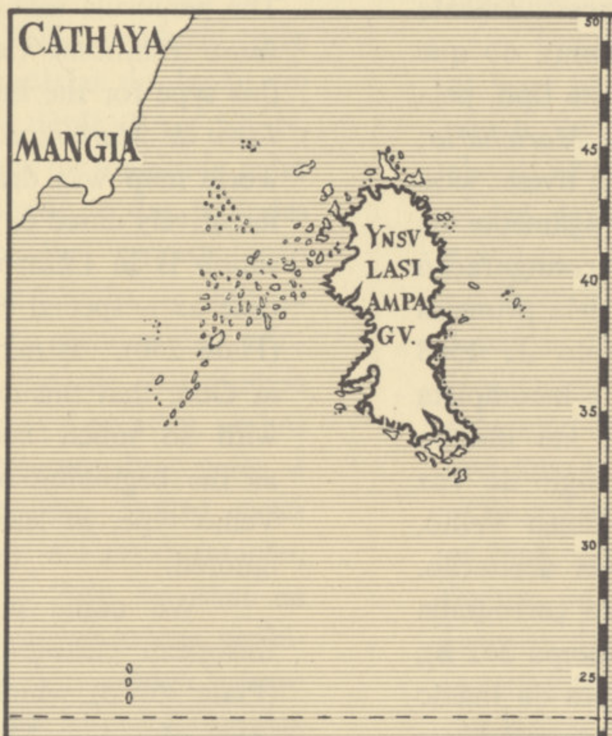
5 — PEDRO REINEL, C. 1517



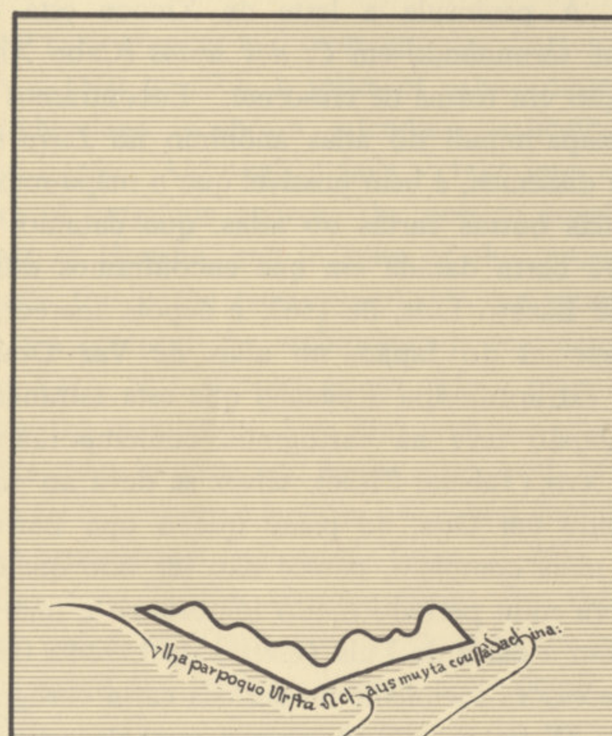
6 — LOPO HOMEM — REINÉIS, 1519



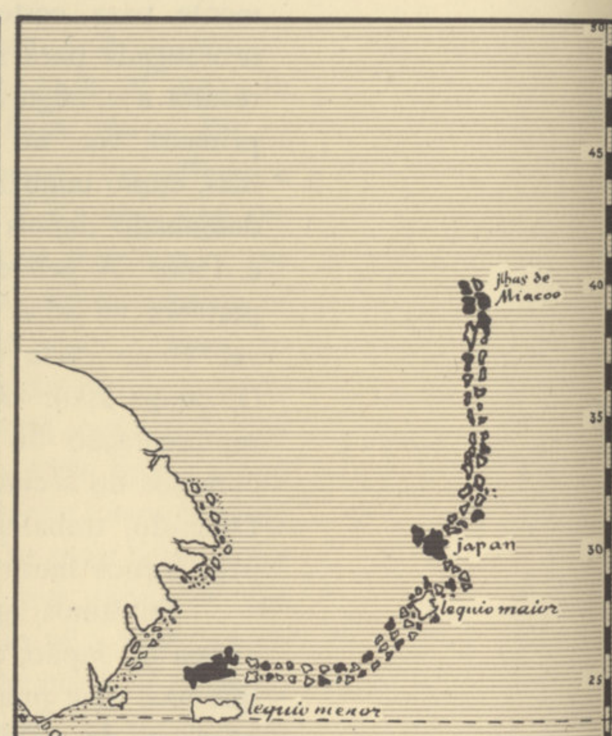
7 — GLOBO DE BASLE, 1559



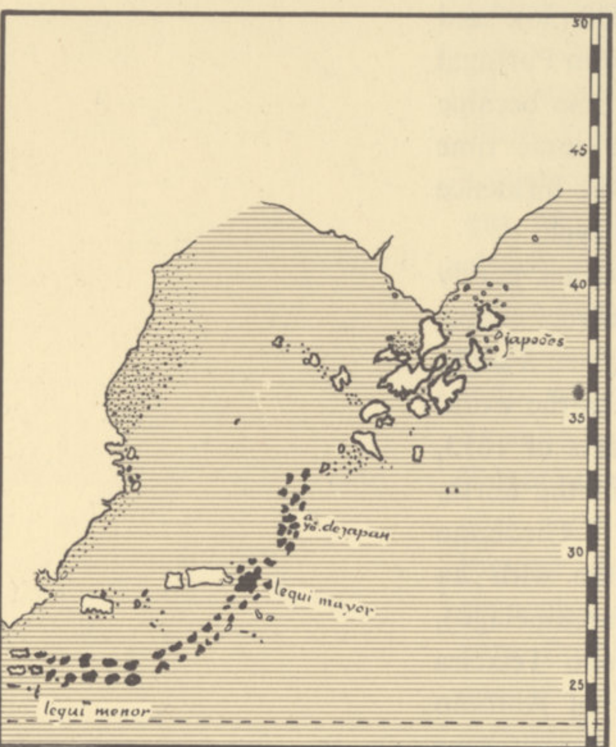
8 — ANDRÉ HOMEM, 1559



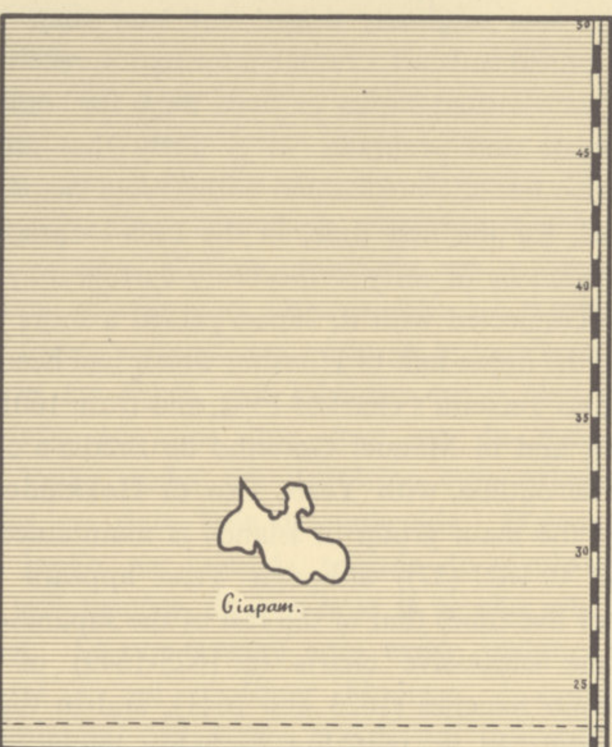
9 — FRANCISCO RODRIGUES, C. 1515



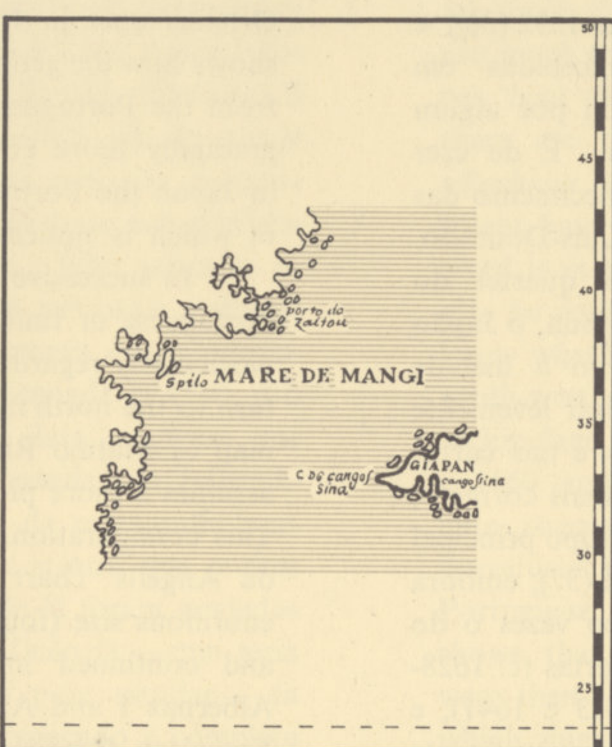
10 — ANÓNIMO, C. 1550 (VALLICELLIANA)



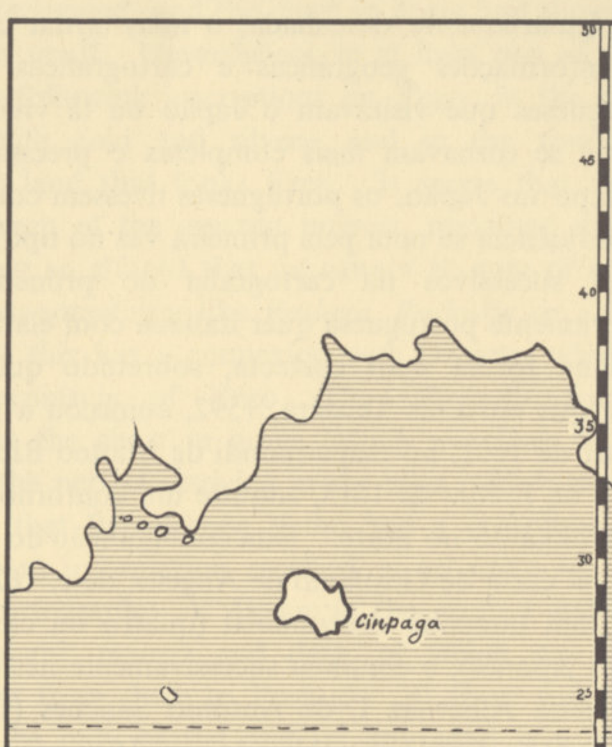
11 — SANCHO GUTIÉRREZ, 1551-61



12 — GIACOMO GASTALDI, 1556



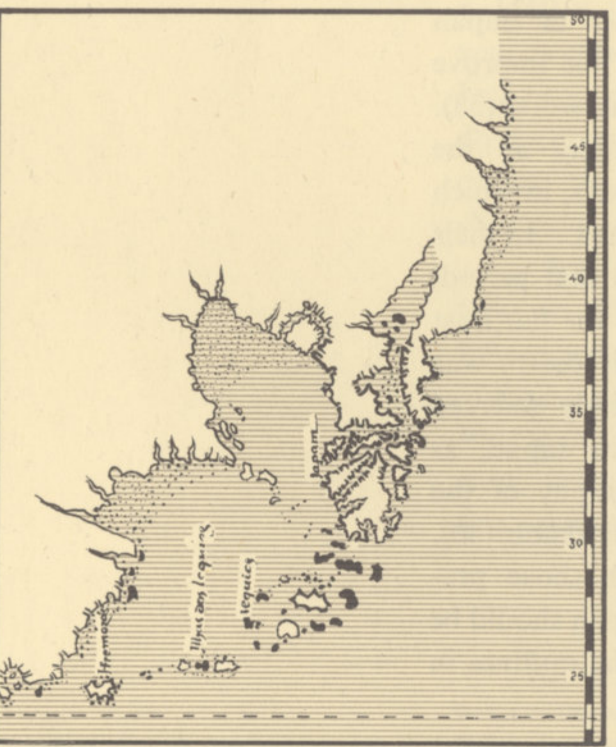
13 — GIACOMO GASTALDI, 1561



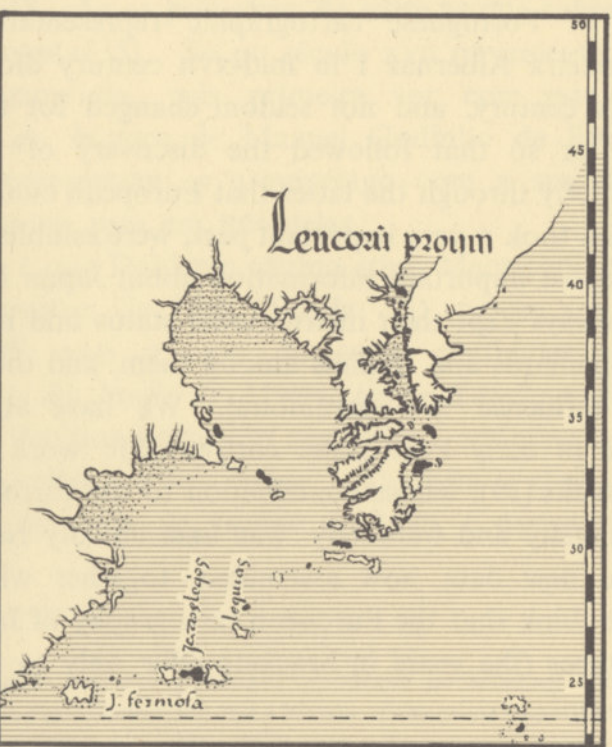
14 — ANÓNIMO ITALIANO, 1562



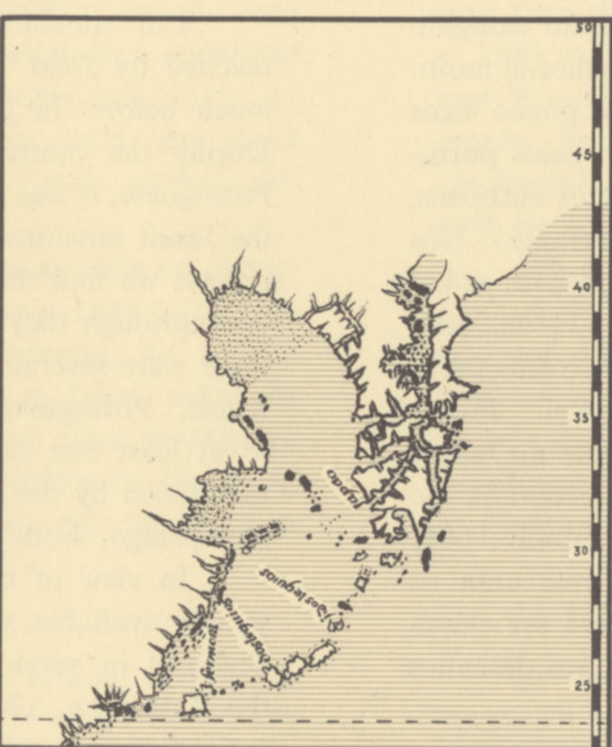
15 — PAOLO FORLANI, 1574



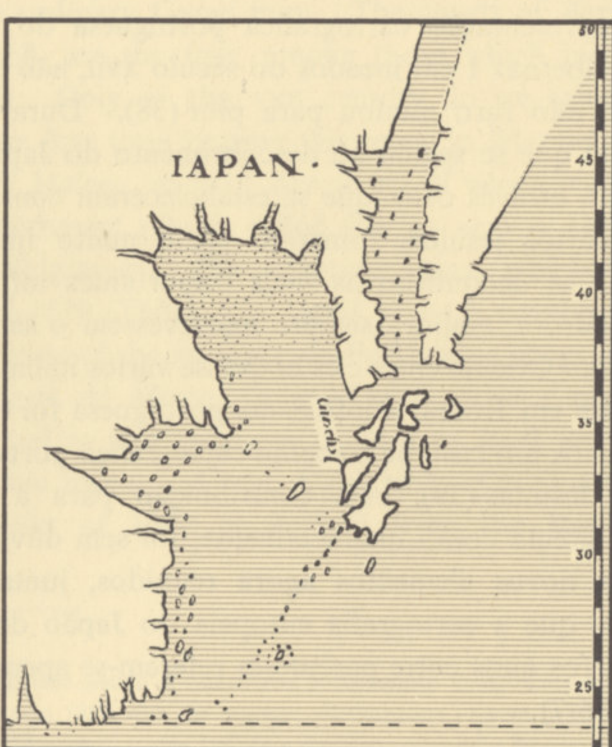
16 — LOPO HOMEM, 1554



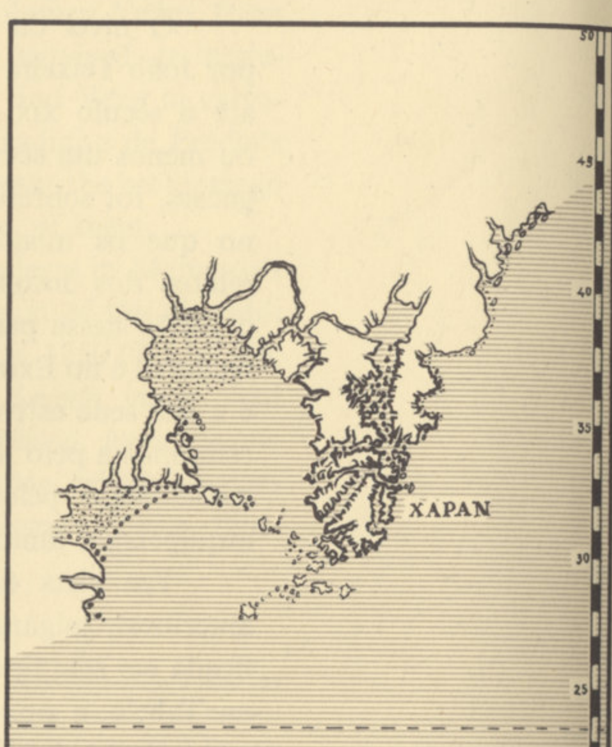
17 — DIOGO HOMEM, 1558-68



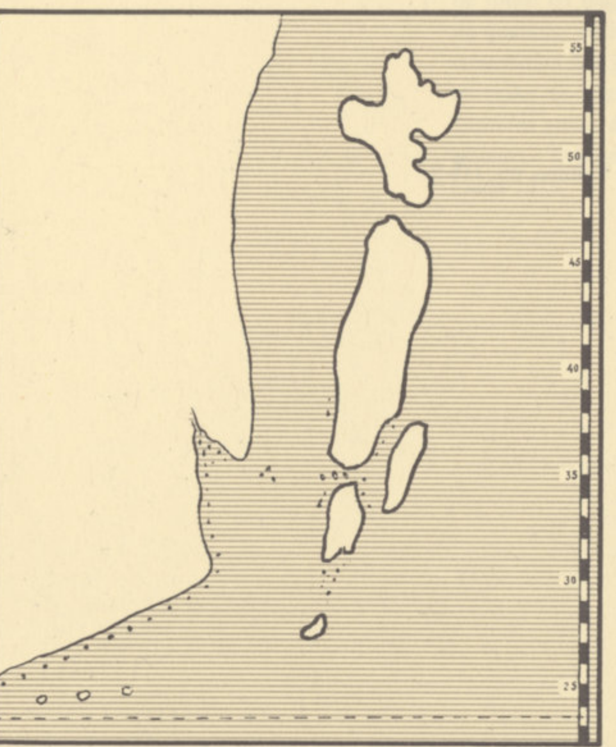
18 — ANÓNIMO, C. 1560 (*Liv.º de Marinharia*)



19 — DOMINGOS TEIXEIRA, 1573



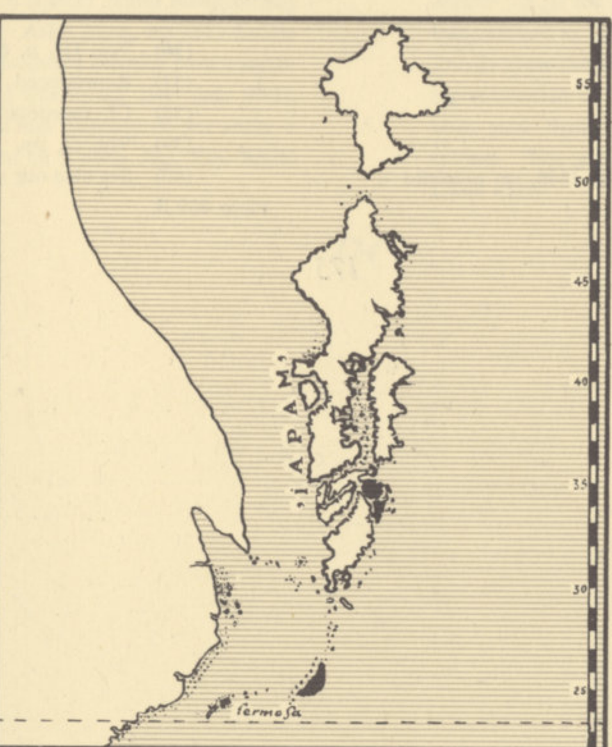
20 — ANTONIO MILLO, 1582-4



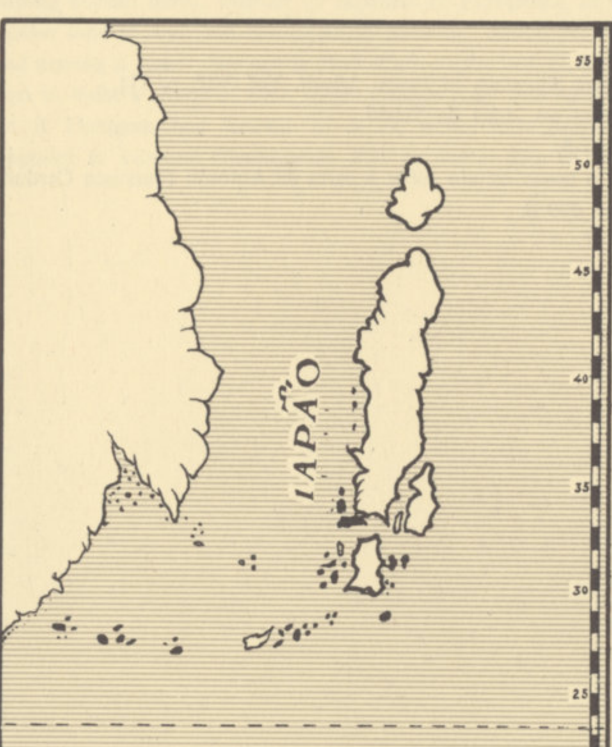
21 — BARTOLOMEU VELHO, C. 1560



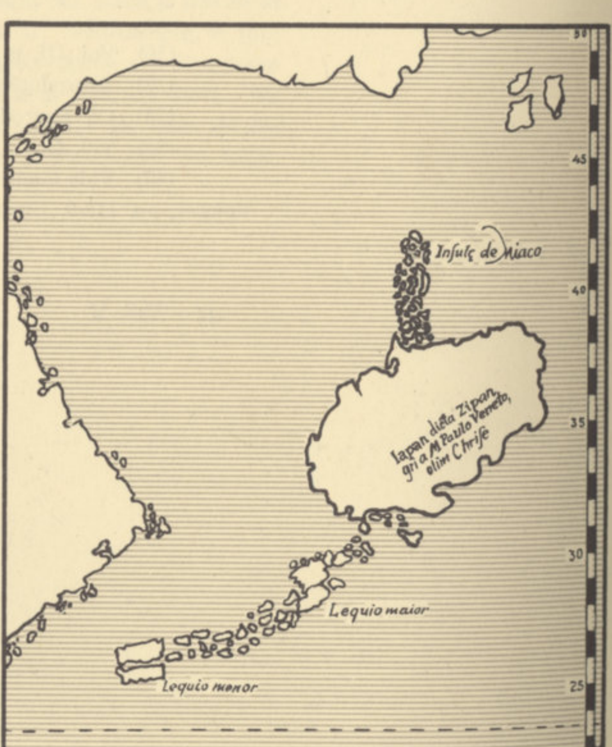
22 — BARTOLOMEU VELHO, C. 1560



23 — BARTOLOMEU VELHO, 1561

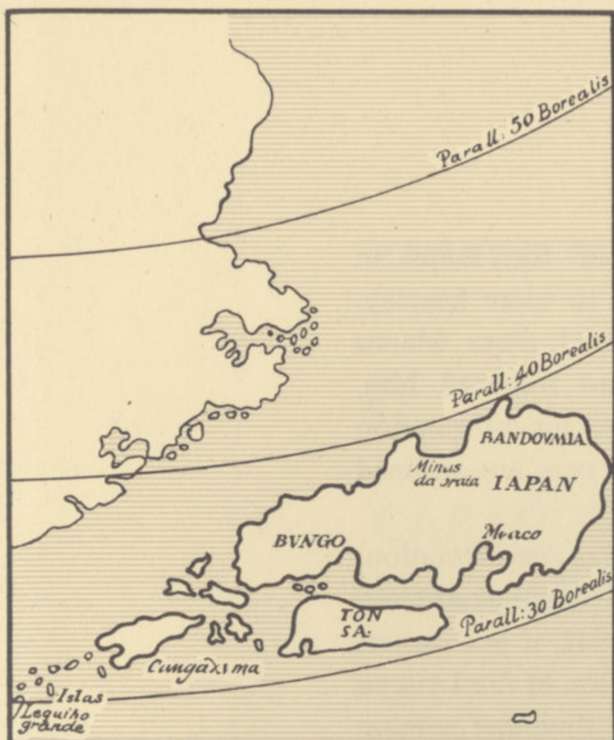


24 — BARTOLOMEU VELHO, 1568

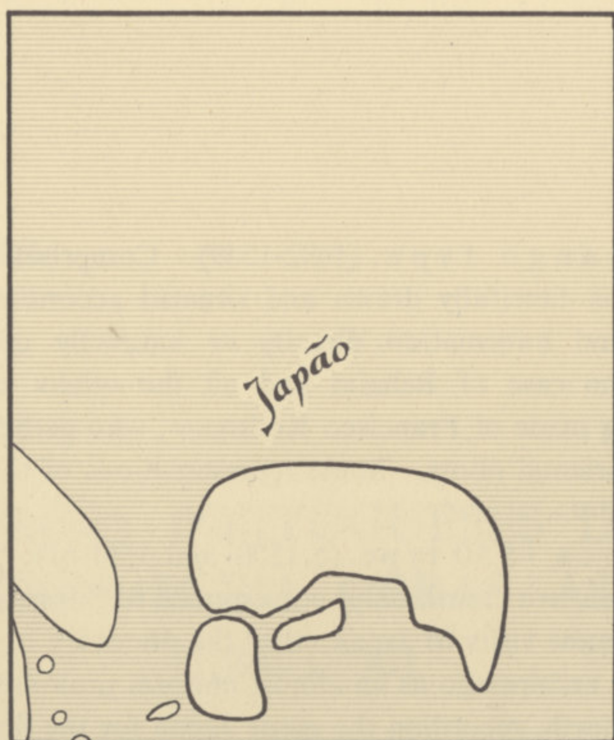


25 — GERARD MERCATOR, 1569

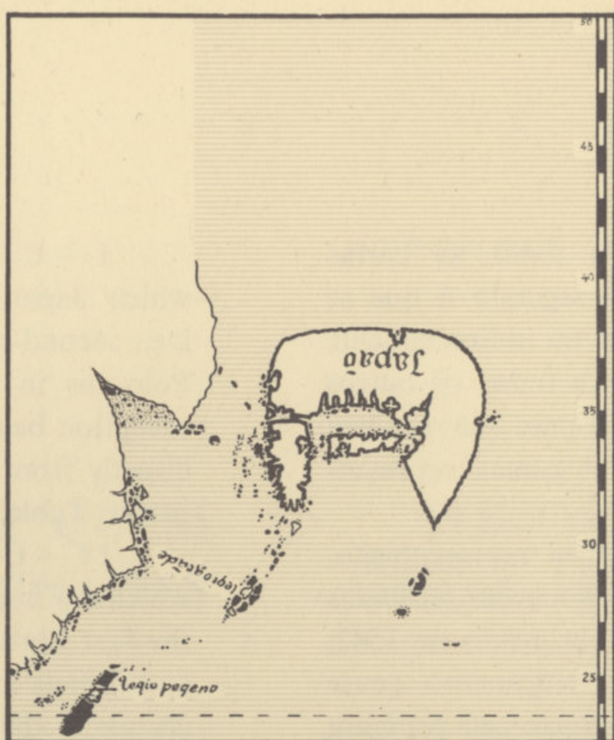
EVOLUTION OF THE EARLY CARTOGRAPHIC REPRESENTATION OF JAPAN



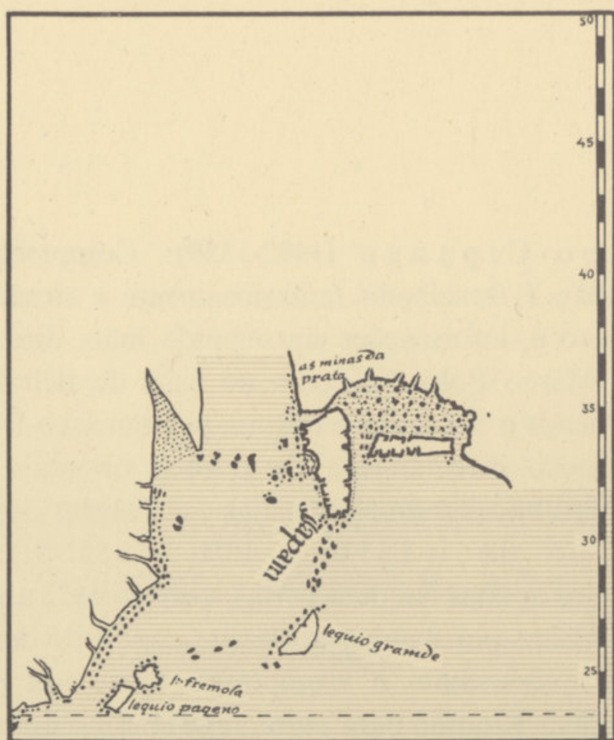
26 — ABRAHAM ORTELIUS, 1570



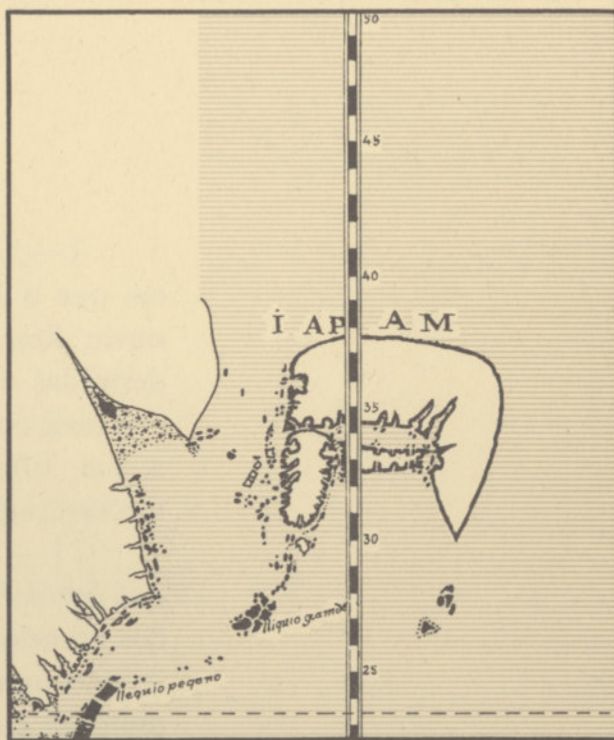
27 — ANÓNIMO, C. 1560 (*Liv.º de Marinharia*)



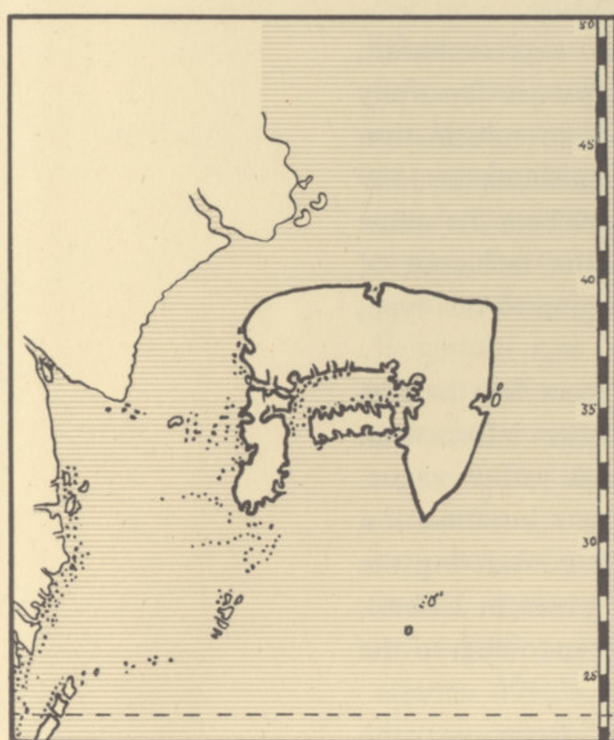
28 — LÁZARO LUÍS, 1563

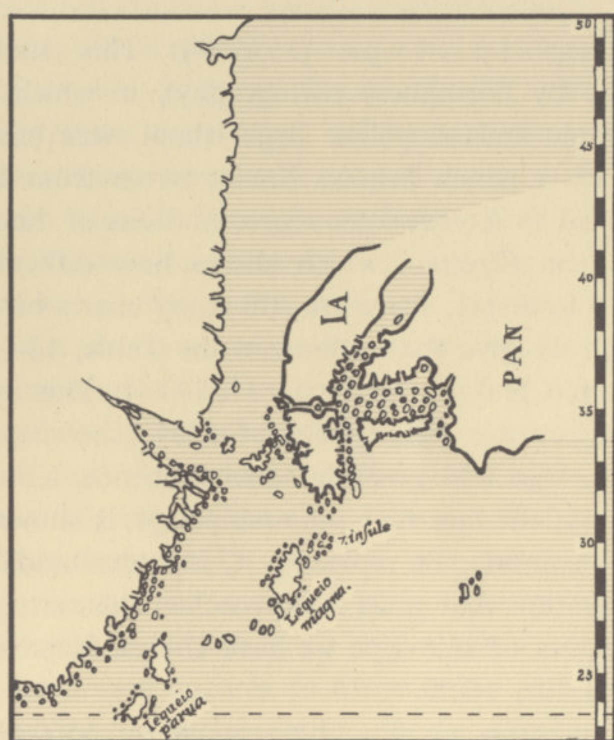


29 — SEBASTIÃO LOPES, C. 1565

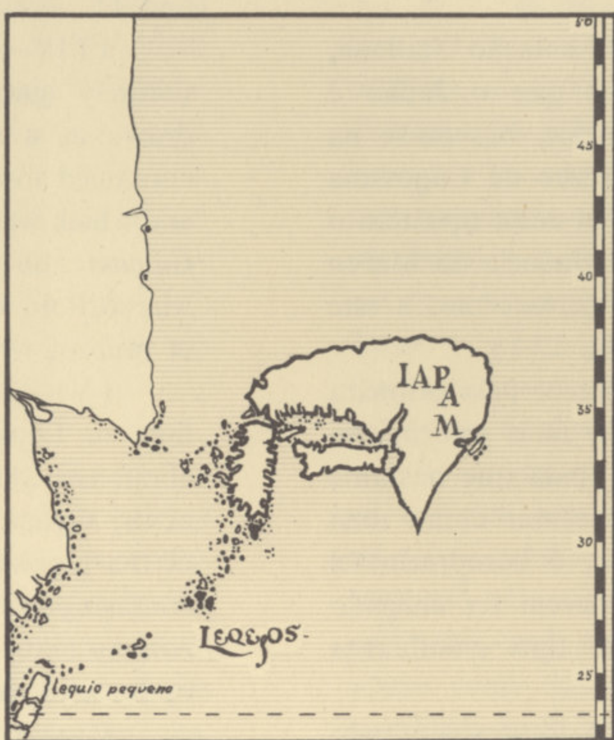


30 — FERNÃO VAZ DOURADO, 1568-80

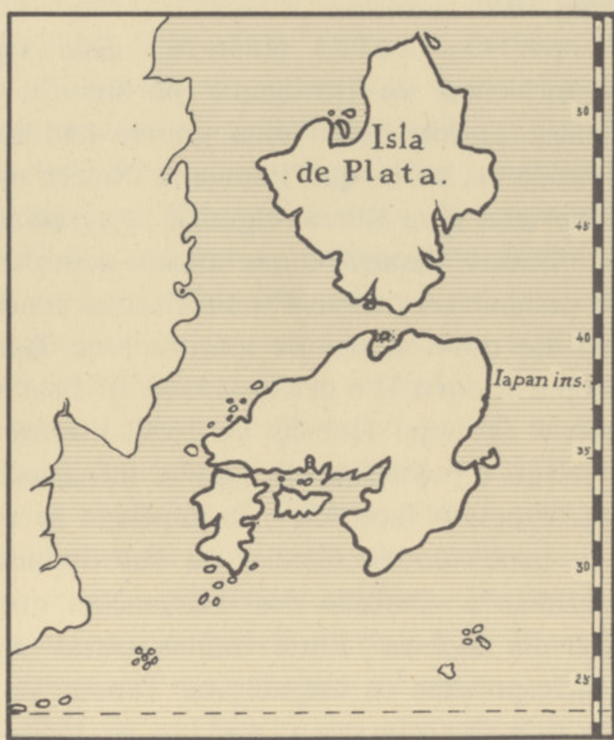

31 — SEBASTIÃO LOPES, C. 1585



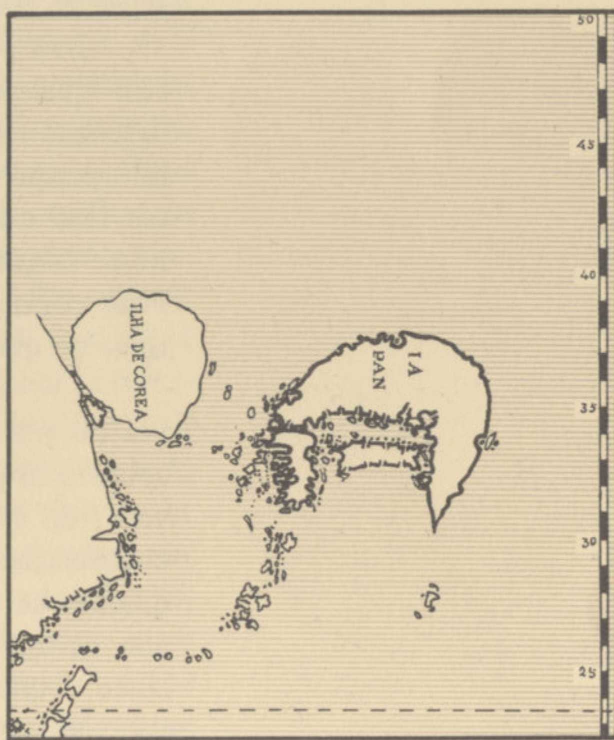
32 — LUÍS JORGE DE BARBUDA, 1584



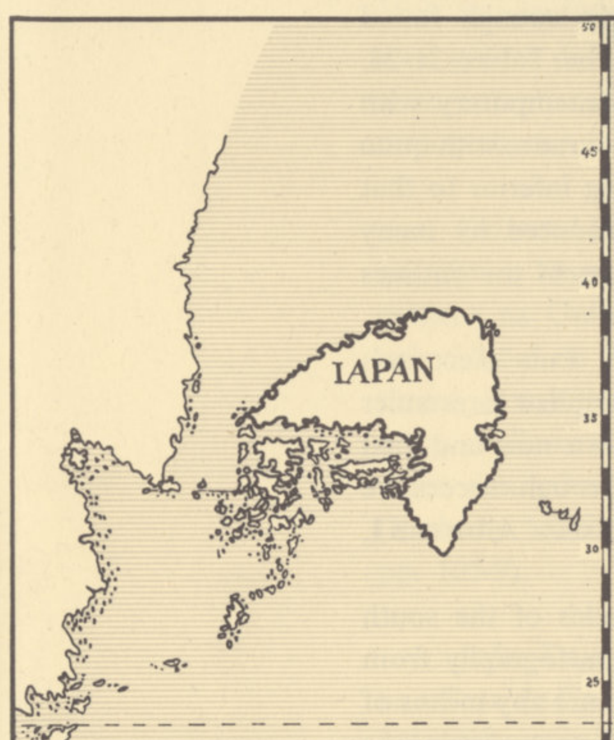
33 — LUÍS TEIXEIRA, C. 1585



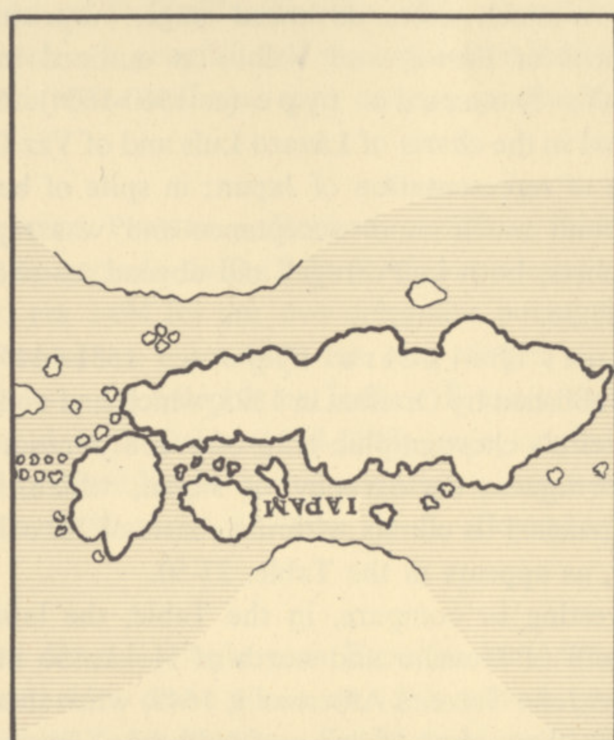
34 — ABRAHAM ORTELIUS, 1589



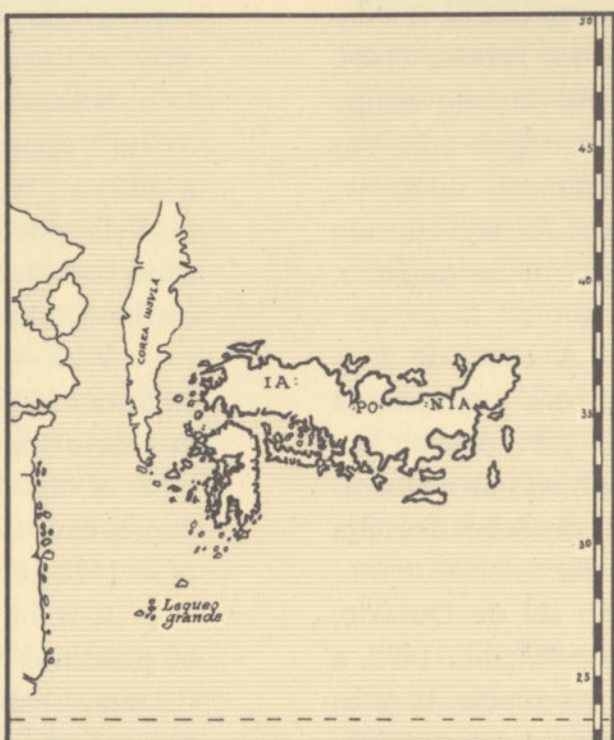
35 — BARTOLOMEU LASSO – VAN LANGREN, 1596



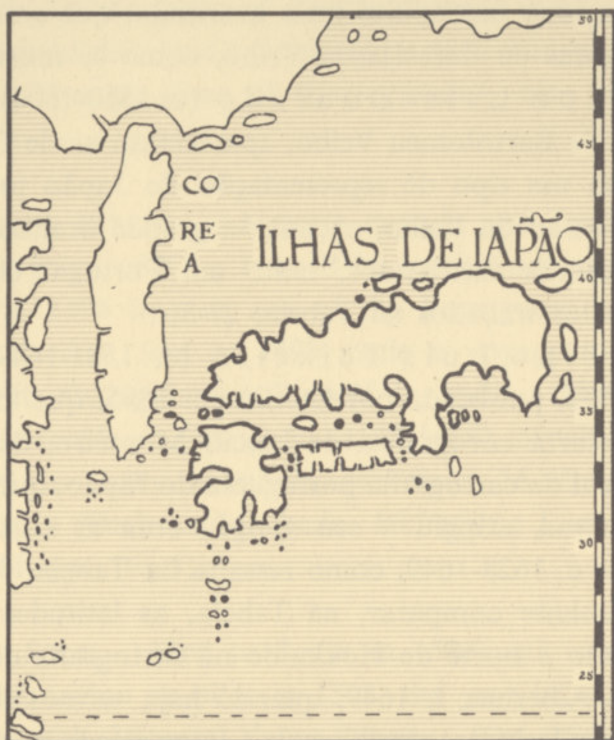
36 — PETRUS PLANCIUS, 1604



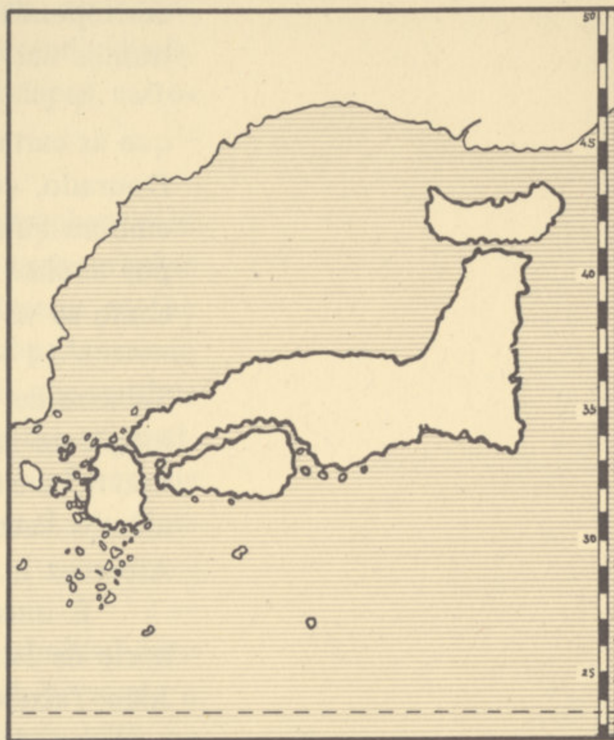
37 — INÁCIO MOREIRA, C. 1581

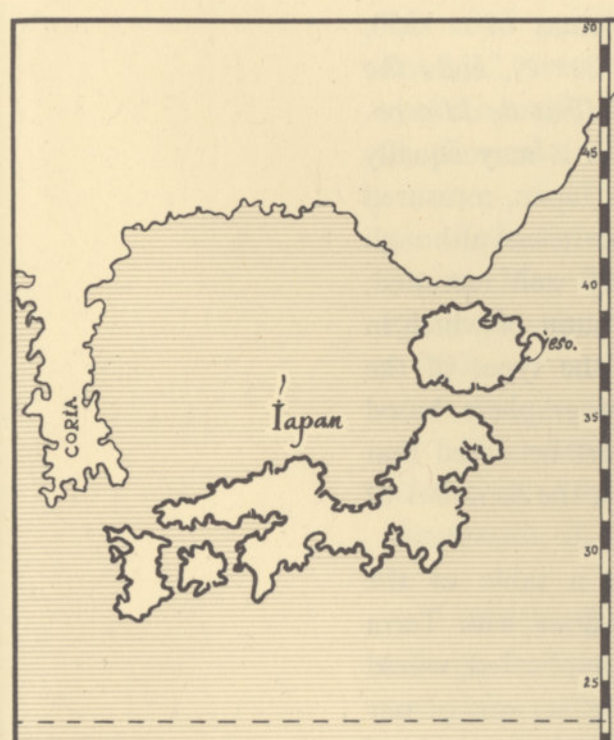


38 — LUÍS TEIXEIRA, 1592

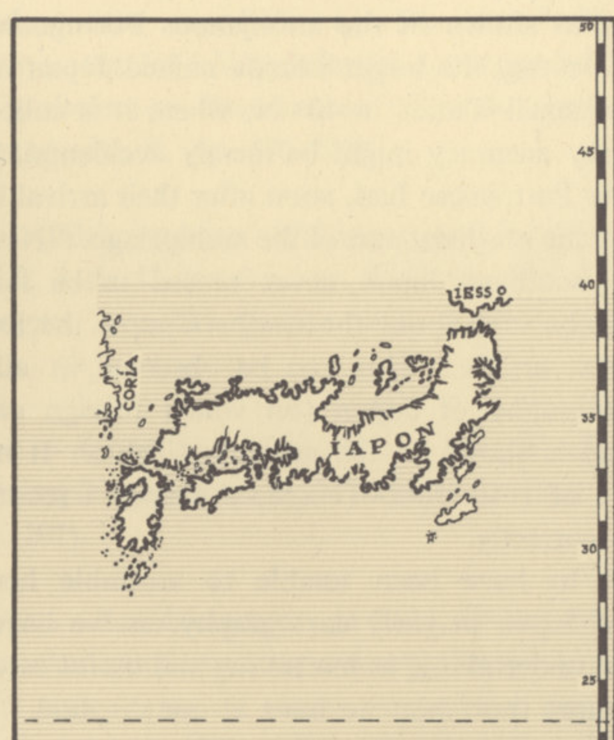


39 — J. B. LAVANHA – L. TEIXEIRA, 1597

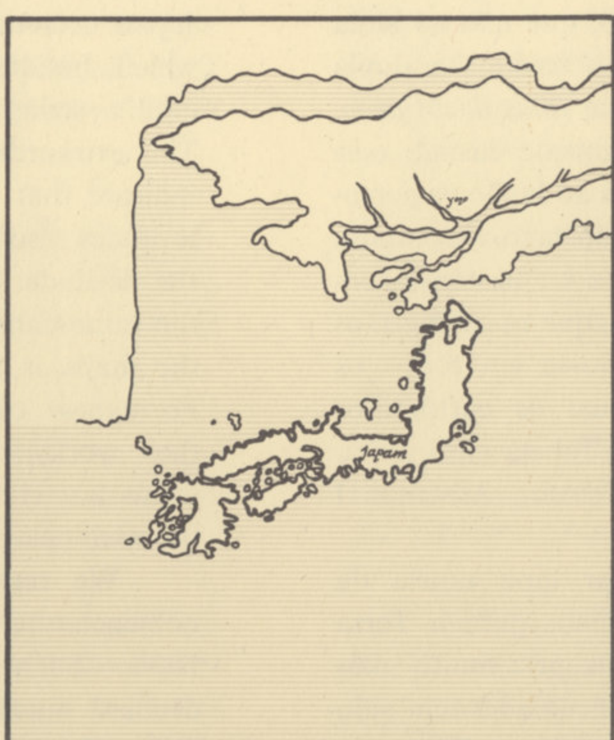

40 — MATTEO RICCI, 1602

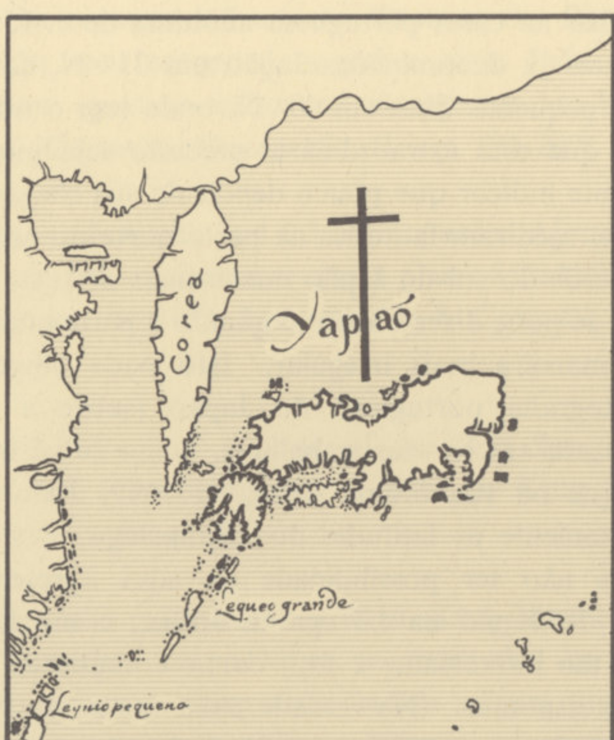


41 — MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, 1613



42 — MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, 1615-22

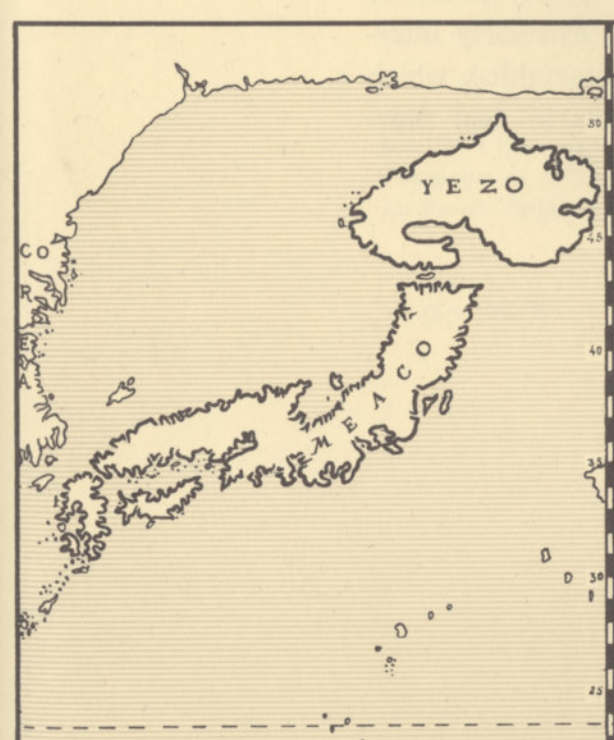

43 — GIROLAMO DE ANGELIS, C. 1621



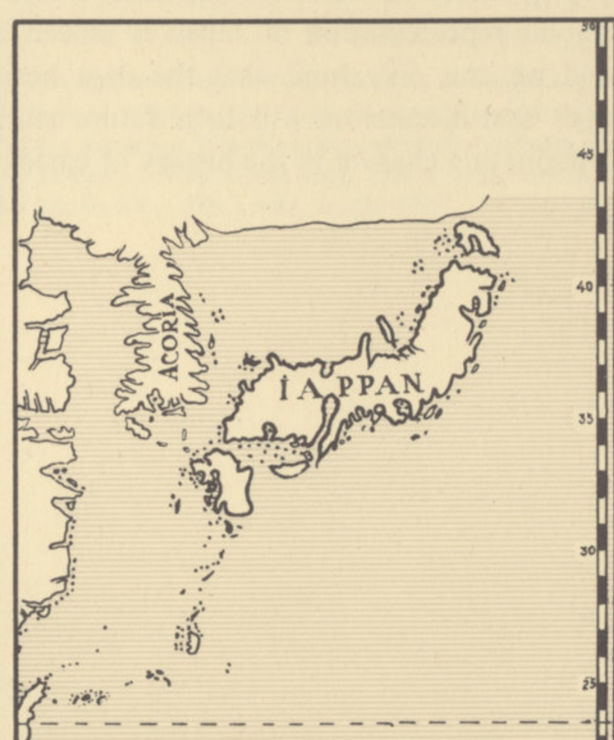
44 — ANTÓNIO SANCHES, 1623



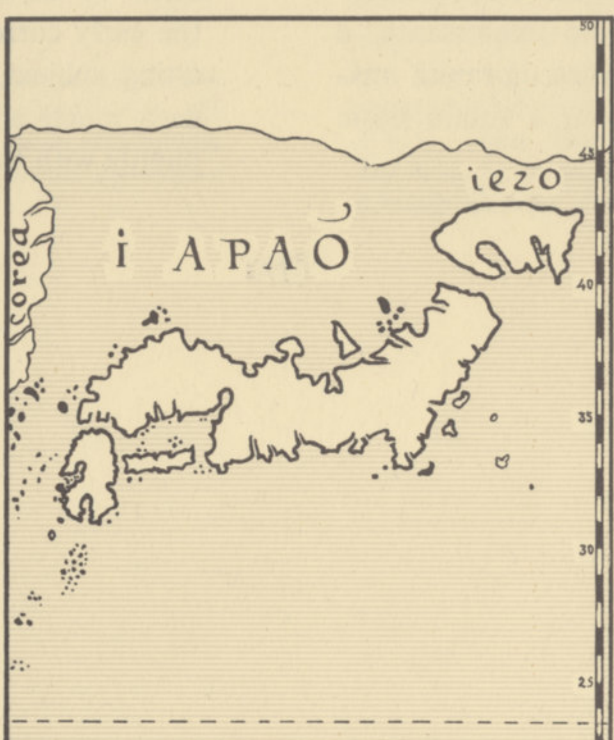
45 — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, C. 1628



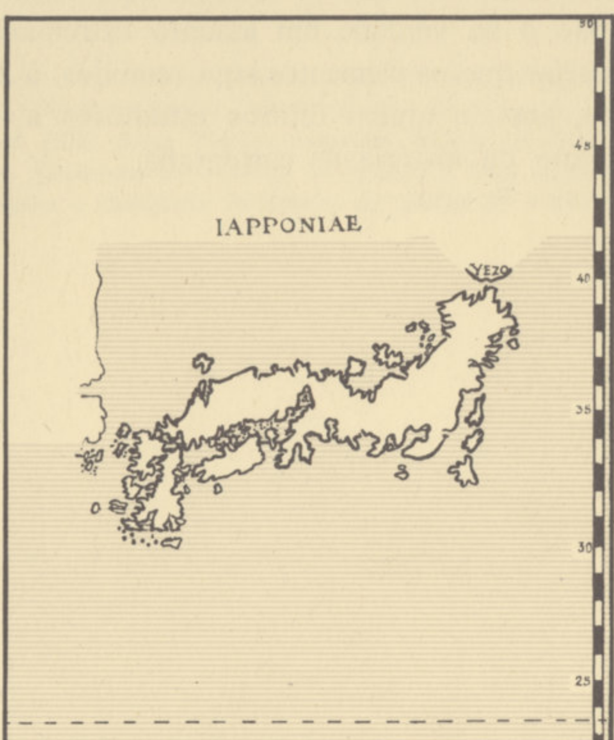
46 — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, 1630



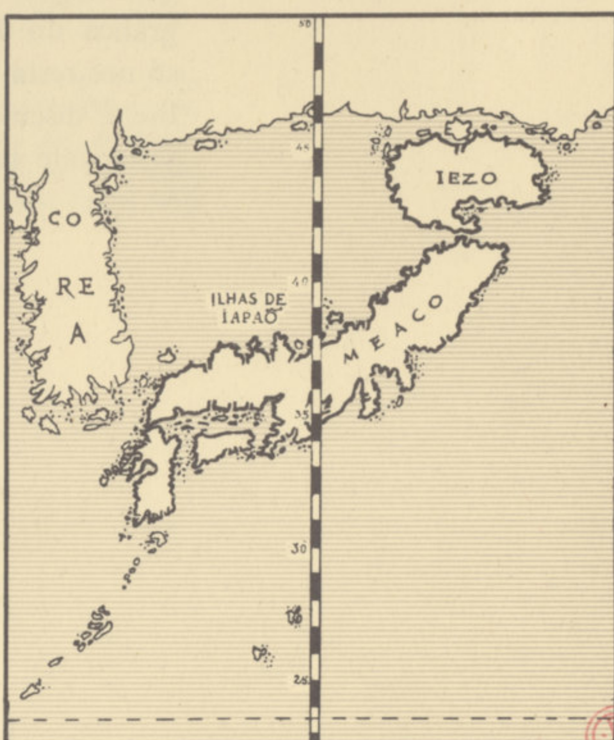
47 — ANÓNIMO, C. 1630 (HM 39)



48 — ANTÓNIO SANCHES, 1641



49 — ANTÓNIO FRANCISCO CARDIM, 1646



50 — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, 1649

I — T i p o C i p a n g o (1492-1559): Compreende todas as cartas em que o Japão é desenhado fantasiosamente e situado segundo o que se ouviu dizer, isto é, informações em segunda mão, directa ou indirectamente derivadas de Marco Polo, tal como no caso de Behaim e todos os outros que mais ou menos o seguiram; exceptua-se Francisco Rodrigues que recolheu a sua informação directamente de pilotos orientais. Algumas representações deste tipo encontram-se traçadas na Tabela, 3-9.

II — T i p o d e c. 1 5 5 0 (c. 1550 e 1551-61): Esta representação, que encontramos apenas em duas cartas, corresponde a informações recebidas das primeiras visitas portuguesas ao Japão, depois do descobrimento em 1542, se não antes, e desenham o arquipélago como um prolongamento quase uniforme das Ilhas Riuquio para norte, registando o nome Japão pela primeira vez e chamando *Ilhas de Meacoo* à parte setentrional do conjunto, como se vê na Tabela, 10 e 11.

III — T i p o G a s t a l d i (1556-74): Esta representação italiana, sem qualquer influência na cartografia portuguesa, em que o Japão é desenhado fantasiosamente como uma grande ilha informe, baseou-se na informação contida na carta que Francisco Xavier escreveu de Cagoxima em 1549 e foi enviada para Roma; algumas representações deste tipo têm o nome *Giapam* e outras *Cipango*, o que mostra como a influência de Marco Polo custou a desaparecer; existem muitas cartas ainda pertencentes a este tipo, de quatro das quais damos os contornos na Tabela, 12-15.

IV — T i p o L o p o H o m e m (1554-84): Este aparece pela primeira vez no planisfério de Lopo Homem de 1554, mostrando mais informação sobre o arquipélago e possivelmente alguma influência, ainda que bastante vaga, da carta Gyogi; o facto de o arquipélago se apresentar como uma continuação da península da Coreia, ou substituindo-a, é compreensível quando se considere a confusão das informações que devem ter chegado aos cartógrafos em Lisboa. Entre muitas cartas deste tipo escolhemos cinco a que correspondem os traçados na Tabela, 16-20.

V — T i p o B a r t o l o m e u V e l h o (c. 1560-68): Representa todo o arquipélago, com Iezo no norte, o que, apesar da disposição vertical, corresponde a uma fase muito mais avançada, que com surpresa só encontramos nas cartas de Bartolomeu Velho, como se mostra na Tabela, 21-24.

VI — T i p o L u í s - D o u r a d o (c. 1560-1604): Ao mesmo tempo que as cartas de Bartolomeu Velho, apareceram as de Lázaro Luís e de Vaz Dourado, com um tipo de representação do Japão inteiramente diferente; embora inferior ao de Velho, encontrou grande aceitação e foi reproduzido por muitos outros cartógrafos, tanto em Portugal como no estrangeiro, como se vê pelos traçados na Tabela, 27-36.

VII — T i p o L u í s T e i x e i r a (c. 1581-1649): A carta de Luís Teixeira de 1592, publicada por Ortélio em 1595, que teve uma predecessora incipiente na carta corográfica de Inácio Monteiro, de c. 1581, iniciou um tipo novo e final da cartografia portuguesa do Japão, que, através de melhoramentos sucessivos, atingiu o seu apogeu com as cartas de João Teixeira Albernaz I, de c. 1628-1649, como ressalta da Tabela, 37-50.

É interessante comparar, na Tabela, as latitudes do sul de Quiuxio, norte de Hondo e norte de Hokkaido na cartografia desde Behaim, 1492, a João Teixeira Albernaz I, 1649, quando haja termos de referência, com as correspondentes latitudes verdadeiras. Logo desde o princípio a cartografia portuguesa marcou, quase sempre, a latitude sul do Japão correctamente, como se verifica na carta portuguesa anónima de c. 1550, que não só situa as ilhas maiores já denominadas Japão em 31° N, como termina a dupla correnteza de pequenas ilhas em 40° N, onde tem o nome *Ilhas de Miacoo*. Será possível que esta extraordinária precisão seja meramente casual, mas pode igualmente indicar que pouco depois da sua chegada ao Japão os portugueses também mediram latitudes na parte norte do arquipélago. Contudo, embora a latitude do sul do Japão nunca mais deixasse de ser bastante bem registada, não se pode dizer o mesmo quanto à parte norte, que os cartógrafos situaram da maneira mais irregular. Isto pode observar-se em todos os tipos da cartografia portuguesa do Japão (sobre a qual os cartógrafos estrangeiros basearam os seus trabalhos), como se vê na Tabela aqui junta. É de notar que na sua última carta, de 1649, João Teixeira Albernaz I regista correctamente as latitudes do arquipélago.

Sentimos não ter possibilidade de aqui apresentar uma tabela da nomenclatura do Japão na cartografia antiga, como fizemos para a Terra Nova; tarefa tão interessante e útil, como complicada, exigiria muito mais tempo do que dispomos. Na verdade, uma das nossas dificuldades tem sido resistir à tentação de entrar na análise de alguns dos muitos problemas que surgem deste breve estudo. A evolução da antiga representação cartográfica do Japão é na verdade um assunto extremamente interessante, e só nos resta desejar que os elementos aqui reunidos, à espera de muita análise e discussão, possam ajudar futuros estudiosos a tratar a fundo deste fascinante capítulo da história da cartografia.

I — C i p a n g o t y p e (1492-1559): Comprises all the maps in which Japan is fancifully drawn and situated according to mere hearsay, i. e. second-hand information directly or indirectly derived from Marco Polo, as in the case of Behaim and all the others who followed him, exception being made of Francisco Rodrigues, who gathered his information directly from oriental pilots. Some representations of this type are outlined in the Table, 3-9.

II — C i r c a 1 5 5 0 t y p e (c. 1550 and 1551-61): This representation, which we find in two charts only, corresponds to information gathered from the first Portuguese visits to Japan, after the discovery in 1542, if not earlier, and depicts the archipelago as an almost uniform prolongation of the Lyukyu islands to the north, recording the name Japan for the first time and naming the northern part of the whole *Ilhas de Meacoo,* as shown in the Table, 10 and 11.

III — G a s t a l d i t y p e (1556-74): This Italian representation, (entirely ignored by Portuguese cartography), in which Japan is fancifully drawn as a simple and shapeless large island, was based on information contained in a letter which Francis Xavier wrote from Kagoshima in 1549 and which was sent to Rome; some representations of this type bear the name *Giapam* and others *Cipango,* which shows how difficult the influence of Marco Polo was to dispel; there are still many charts belonging to this type, of four of which we give the outlines in the Table, 12-15.

IV — L o p o H o m e m t y p e (1554-84): This appears for the first time in Lopo Homem's planisphere of 1554, showing more information about the archipelago and possibly some influence, although rather vague, of the Gyogi map; the fact that the archipelago is shown as a continuation of the Korean Peninsula, or replacing it, is understandable considering the confusing information that must have reached the cartographers in Lisbon. Among many charts of this type we have chosen five, corresponding to the outlines in the Table, 16-20.

V — B a r t o l o m e u V e l h o t y p e (c. 1560-68): Represents the whole archipelago, with Yezo in the north, which, although disposed vertically, corresponds to a much more advanced stage, surprisingly enough found only in the charts of Bartolomeu Velho, as outlined in the Table, 21-24.

VI — L u í s - D o u r a d o t y p e (c. 1560-1604): Contemporary with Velho's, appeared in the charts of Lázaro Luís and of Vaz Dourado, with quite a different type of representation of Japan; in spite of being inferior to that of Velho, it found much more acceptance and was reproduced by many other cartographers, both in Portugal and abroad, as shown in the outlines in the Table, 27-36.

VII — L u í s T e i x e i r a t y p e (c. 1581-1649): Luís Teixeira's chart of 1592, published by Ortelius in 1595, which had an incipient forerunner in Inácio Monteiro's chorographic map of c. 1581, initiated a new and final type of the Portuguese cartography of Japan, which, through successive improvements, reached its climax with the charts of João Teixeira Albernaz I, of c. 1628-1649, as appears in the Table, 37-50.

It is interesting to compare, in the Table, the latitudes of the south of Kyushiu, north of Honshu and north of Hokkaido in cartography from Behaim, 1492, to João Teixeira Albernaz I, 1649, when there are any means of comparison, with the corresponding real latitudes. From the very beginning Portuguese cartography almost always marked the southern latitude of Japan correctly, as shown in the anonymous Portuguese chart of c. 1550, which, besides locating the larger islands named Japan in 31° N, ends the double string of small islands in 40° N, where it is called *Ilhas de Miacoo.* This extraordinary accuracy might be merely accidental, but it may equally indicate that the Portuguese had, soon after their arrival in Japan, measured latitudes also in the northern part of the archipelago. Nevertheless, although the latitude of southern Japan never ceased to be fairly well recorded, the same cannot be said about the northern parts, the location of which in the maps is most erratic. This can be observed in all the types of the Portuguese cartography of Japan (on which foreign cartographers based their works), and is shown in the adjoining Table. It must be noted that in his last chart, of 1649, João Teixeira Albernaz I records the latitudes of the archipelago correctly.

We regret to have been unable to assemble here a table of the nomenclature of Japan in early cartography, as we have done with Terra Nova. Such an undertaking, as interesting and useful as complicated, would demand much more time than we have at our disposal. In fact one of our difficulties has been to resist the temptation of entering into the analysis of some of the many questions involved in this brief study. The evolution of the early cartographic representation of Japan is indeed an extremely interesting subject, and we can only hope that the data here assembled, which need much analysis and discussion, will help future students to deal thoroughly with this fascinating chapter in the history of cartography.

CARTÓGRAFOS PORTUGUESES DE QUEM NÃO SE CONHECEM OBRAS ASSINADAS (1500-1700)

CONHECEM-SE numerosas referências a cartógrafos portugueses de quem não nos chegaram quaisquer produções assinadas. Algumas dessas referências vêm nos cronistas, e outras em documentos vários, sobretudo nos publicados pelo diligente Sousa Viterbo. Armando Cortesão, em 1935, reuniu, de forma sistemática, dados dessa natureza, e no decurso da presente obra por várias vezes nos ocupámos de alguns de tais cartógrafos, em certos casos pela primeira vez. Compilamos agora, por ordem cronológica, todos esses elementos, acrescentando-lhes muitos outros que têm passado despercebidos — e estamos certos de não termos esgotado o assunto. É natural que alguns destes cartógrafos sejam os autores de várias das cartas e atlas anónimos que estudámos na nossa obra, mas infelizmente não possuímos elementos que permitam proceder à sua identificação.

A fim de não nos alongarmos, limitamo-nos a um breve resumo, a propósito de cada cartógrafo, indicando as fontes ou obras onde o assunto vem tratado mais extensamente (1). Na lista que damos, incluem-se cosmógrafos, mestres de cartas de marear, pilotos-cartógrafos, exploradores, missionários, arquitectos e engenheiros. Salvo raros casos, em que existe alguma dúvida, todos foram autores de cartas. No que respeita aos arquitectos e engenheiros, apenas incluímos na relação aqueles de quem existem provas de terem produzido obras cartográficas, e não apenas simples desenhos de arquitectura ou de fortificação; são, aliás, abundantes as referências a tal género de desenhos a propósito de muitos outros indivíduos, que excluímos, embora alguns deles tenham, com certeza, produzido também obras cartográficas.

DUARTE PACHECO PEREIRA — Notável capitão e hidrógrafo, falecido em 1533. Durante o reinado de D. João II efectuou vastos trabalhos hidrográficos na Guiné; em 1494 foi um dos delegados portugueses presentes às negociações de Tordesilhas, e em 1498 fez uma viagem ao continente americano, notabilizando-se anos depois na Índia. É autor de uma importante obra, o *Esmeraldo de Situ Orbis* (1505-1508), cujo original, hoje de paradeiro desconhecido, continha 16 cartas e várias plantas relativas à África (Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I; A. Cortesão, *Cartografia*, II, pp. 105-9).

JOÃO DIAS DE SOLIS — Fugiu para Espanha em 1506, sendo admitido na «Casa de Contratación» como piloto em 1508, ano em que fez uma viagem à América com Vicente Yañez Pinzón. Em 25 de Março de 1512 foi nomeado piloto-mor da «Casa de Contratación», em substituição de Américo Vespúcio. Em 1515 comandou uma expedição ao Rio da Prata, onde morreu. Em 1512, juntamente com João Vespúcio, foi encarregado de fazer um novo «padrão-real», e conhecem-se documentos referindo cartas de sua autoria (A. Cortesão, *Cartografia*, II, pp. 195-200).

JOÃO GOMES — Piloto que em 1513 acompanhou Afonso de Albuquerque ao Mar Roxo, e de lá trouxe um plano da Ilha Dalaca (*Cartas de Afonso de Albuquerque*, I, p. 221, Lisboa 1884; A. Cortesão, *Cartografia*, II, p. 200).

JOÃO SERRÃO — Autor de uma carta do Mar Roxo, conforme refere Afonso de Albuquerque em carta de 1514 para D. Manuel (A. Cortesão, *Cartografia*, II, p. 201).

MESTRE DIOGO — Por documento de 1514, El-Rei D. Manuel ordenou a Jorge de Vasconcelos que fornecesse a mestre Diogo, para que este fizesse um globo, a mais certa carta de marear e reunisse com ele os melhores mestres de cartas de marear (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, p. 87; A. Cortesão, *Cartografia*, II, p. 201).

(1) São, sobretudo, as seguintes: Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, 4 Vols., Lisboa 1740, 1747, 1752 e 1759; Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII*, 2 Vols., Lisboa 1898 e 1900; Sousa Viterbo, *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a serviço de Portugal*, 3 Vols., Lisboa 1899, 1904 e 1922; Armando Cortesão, *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI*, 2 Vols., Lisboa 1935.

PORTUGUESE CARTOGRAPHERS OF WHOM NO SIGNED WORKS ARE KNOWN (1500-1700)

NUMEROUS references to Portuguese cartographers of whom no signed works have survived are known. Some of these references come from the chroniclers, and others appear in various documents, particularly in those published by the industrious Sousa Viterbo. Armando Cortesão, in 1935, systematically assembled examples of this kind, and in the course of the present work we have at various times considered some of these cartographers, in certain cases for the first time. We now bring together, in chronological order, all these references, adding many others which have passed unnoticed — and we are certain that we have not exhausted the subject. Some of these cartographers must naturally be the authors of several of the anonymous charts and atlases we have studied in our work, but unfortunately we do not possess the data which would permit us to identify them.

As we cannot dwell too long on the subject, we shall confine ourselves to a brief resumé on each of the cartographers, giving the sources or works in which the matter is dealt with more fully (1). Cosmographers, masters of sailing charts, pilot-cartographers, explorers, missionaries, architects and engineers are included in our list. Except in rare cases where some doubt exists, all were authors of maps. With regard to the architects and engineers, we include in this account only those for whom proof exists that they produced cartographic works, and not only mere drawings of architecture or fortifications; there are abundant references to drawings of this kind in connection with many other individuals, whom we exclude, although some of them certainly also produced cartographic works.

DUARTE PACHECO PEREIRA — Notable captain and hydrographer, died in 1533. During the reign of King John II he carried out vast hydrographic works in Guinea; in 1494 he was one of the Portuguese delegates at the negotiations of Tordesillas, and in 1498 made a voyage to the American continent, afterwards distinguishing himself in India. He is the author of the important *Esmeraldo de Situ Orbis* (1505-1508), of which the original, whose whereabouts are today unknown, contained 16 charts and various plans relating to Africa (Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I; A. Cortesão, *Cartografia*, II, pp. 105-9).

JOÃO DIAS DE SOLIS — Fled to Spain in 1506 and was admitted into the «Casa de Contratación» as pilot in 1508, the year in which he made a voyage to America with Vicente Yañez Pinzón. On 25 March 1512 he was appointed chief pilot of the «Casa de Contratación», in place of Amerigo Vespucci. In 1515 he commanded an expedition to the River Plate, where he died. In 1512 he was entrusted, together with João Vespucci, with the making of a new «padrão-real», and documents are known referring to charts by him (A. Cortesão, *Cartografia*, II, pp. 195-200).

JOÃO GOMES — A pilot who in 1513 accompanied Afonso de Albuquerque to the Red Sea, and from there brought a plan of Dahlak Island (*Cartas de Afonso de Albuquerque*, I, p. 221, Lisboa 1884; A. Cortesão, *Cartografia*, II, p. 200).

JOÃO SERRÃO — Author of a chart of the Red Sea, according to a reference by Afonso de Albuquerque in a letter to King Manuel in 1514 (A. Cortesão, *Cartografia*, II, p. 201).

MESTRE DIOGO — By a document of 1514, King Manuel ordered Jorge de Vasconcelos to provide Mestre Diogo, in order that he should make a globe, with the most accurate sailing chart and to collect, together with him, the best masters of sailing charts (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, p. 87; A. Cortesão, *Cartografia*, II, p. 201).

(1) They are, chiefly, as follows: Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, 4 Vols., Lisboa 1740, 1747, 1752 and 1759; Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII*, 2 Vols., Lisboa 1898 and 1900; Sousa Viterbo, *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a serviço de Portugal*, 3 Vols., Lisboa 1899, 1904 and 1922; Armando Cortesão, *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI*, 2 Vols., Lisboa 1935.

Estêvão Gomes — Natural do Porto, foi nomeado piloto da «Casa de Contratación» em 1518 e tomou parte na viagem de Fernão de Magalhães, a quem abandonou por altura da descoberta do estreito. Em 1524-1525 chefiou uma expedição que explorou a costa leste da América do Norte. Cerca de 1532 realizou uma viagem ao Maranhão, e em 1535 foi na armada de D. Pedro de Mendonza ao Rio da Prata, provàvelmente como piloto-mor. Numa carta de Carlos V para Acuña e Barreto e no *Regimiento de Navegacion* de Céspedes (1606) fazem-se referências a cartas feitas por Estêvão Gomes (A. Cortesão, *Cartografia*, II, pp. 201-4; J. Cortesão, *Os Portugueses no descobrimento dos Estados Unidos*, Lisboa 1949).

João Rodrigues — Numa carta de Francisco Dias a D. João II, sem data mas pouco anterior a 1530, dá-se conta dos oferecimentos de João Rodrigues, em Espanha, para fazer cartas «por quatro maneyras» (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, pp. 272-5; A. Cortesão, *Cartografia*, II, pp. 205 e 418).

João Pacheco — Piloto-cartógrafo. Esteve ao serviço de Carlos V, tendo em 24 de Fevereiro de 1526 sido encarregado de descobrimentos no Pacífico. Projectava em 1535 atingir as Molucas partindo das costas da Nova Espanha. Esteve depois ao serviço de Francisco I de França (A. Cortesão, *Cartografia*, II, p. 205).

Heitor de Coimbra — Foi patrão-mor e piloto-mor da Índia, segundo um documento de 1533. Numa informação de Pedro Ruiz de Villegas, pouco posterior à reunião da Junta de Badajoz-Elvaz (1524), a qual foi transcrita por Céspedes no *Regimiento de Navegacion* (1606), fala-se na «carta que hizo aquel Hector, creo que de Coimbra, hecha en la India en un pergamino de puerco» (A. Cortesão, *Cartografia*, II, pp. 204-5).

Diogo Botelho Pereira — Nascido na Índia no tempo do vice-rei D. Francisco de Almeida (1505-1509), notabilizou-se em assuntos náuticos e foi perito em fazer cartas de marear, tendo empreendido com êxito uma viagem de Dio a Lisboa numa pequena fusta, em 1535-1536, pelo que os cronistas lhe fazem largas referências. Faleceu pouco depois de 1554 (A. Cortesão, *Cartografia*, II, pp. 18-25 e 415-6; e presente obra, III, p. 5, e IV, p. 27).

Luís do Rego — Numa carta sua a El-Rei, escrita de Goa, c. 1545, afirma que fazia cartas de marear (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, pp. 255-8; A. Cortesão, *Cartografia*, II, pp. 205-6).

João de Barros — O grande historiador e geógrafo (1496-1570) repetidamente se refere, nas suas *Décadas da Asia* (1552-1563), às tábuas geográficas que ilustravam a sua *Geografia Universal*, hoje perdida. A avaliar pelo rigor e riqueza das numerosas descrições geográficas que escreveu nas *Décadas*, essas tábuas deviam ter o maior interesse e apresentavam com certeza os mais avançados conhecimentos na época.

António Martins — Em 1563 recebeu carta de ofício de mestre de cartas de marear. Morador em Lisboa, assistiram ao seu exame Pedro Nunes e Jorge Reinel (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, pp. 207-8). É também referido no *Livro de lançamento de 1565* (A. Cortesão, *Cartografia*, II, p. 36).

André Freire — Filho de João Freire, fazia cartas em Sevilha em 1563, segundo refere um documento de 16 de Dezembro desse ano, publicado no Vol. I, p. 153, da presente obra.

Gaspar Barreiros (Fr. Francisco da Madre de Deus) — Natural de Viseu, era sobrinho do cronista João de Barros. Estando em Roma (1561-4), «informado o Pontifice da grande sciencia que tinha da Cosmografia lhe ordenou revisse, e emendasse os defeitos dos Mappas que estavão pintados em huma sumptuoza Sala, que mandara edificar em que se representa a Cosmografia do Universo conforme as Taboas de Ptolomeu». Faleceu em 1574. Foi autor de várias obras geográficas, hoje de paradeiro desconhecido, mas ignoramos se tinham cartografia — *Geografia da Antiga Lusitania, Anotações a Ptolomeu, Descripção do Egipto, Observações Cosmograficas de muitos lugares maritimos de Espanha com todos seus campos e promontorios* (Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, II).

João Galego — Um documento de 24 de Novembro de 1564 refere um «João Gallego, que fazia cartas de marear». Outro documento de 1570 fala de João Galego «outro sy mestre de cartas de marear», a propósito

Estêvão Gomes — Born in Oporto, he was appointed pilot of the «Casa de Contratación» in 1518 and took part in the voyage of Fernão de Magalhães, whom he abandoned at the time of the discovery of the Strait. In 1524-1525 he led an expedition which explored the east coast of North America. In about 1532 he took part in a voyage to Maranhão, and in 1535 he went to the River Plate with D. Pedro de Mendonza's fleet, probably as chief pilot. In a letter from Charles V to Acuña and Barreto and in Céspedes' *Regimiento de Navegacion* (1606) there are references to the charts made by Estêvão Gomes (A. Cortesão, *Cartografia*, II, pp. 201-4; J. Cortesão, *Os Portugueses no descobrimento dos Estados Unidos*, Lisboa 1949).

João Rodrigues — In a letter from Francisco Dias to King John II, undated but a little before 1530, an account is given of João Rodrigues' offer, in Spain, to make charts «in four ways» (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, pp. 272-5; A. Cortesão, *Cartografia*, II, pp. 205 and 418).

João Pacheco — Pilot-cartographer. He was in the service of Charles V, and was sent on discovery to the Pacific on 24 February 1526. He planned to reach the Moluccas in 1535, sailing from the coasts of New Spain. He was later in the service of Francis I of France (A. Cortesão, *Cartografia*, II, p. 205).

Heitor de Coimbra — Was *patrão-mor* and pilot-major of India, according to a document of 1533. In a report, made shortly after the meeting of the Junta of Badajoz-Elvas (1524), and transcribed by Céspedes in the *Regimiento de Navegacion* (1606), Pedro Ruiz de Villegas speaks of «a chart made by that Hector, I believe from Coimbra, which was made in India on pigskin» (A. Cortesão, *Cartografia*, II, pp. 204-5).

Diogo Botelho Pereira — Born in India in the time of the Viceroy D. Francisco de Almeida (1505-1509), he distinguished himself in nautical matters and was skilful at making sailing charts, having made a successful voyage from Diu to Lisbon in a small pinnace in 1535-1536, on account of which the historians make long references to him. He died shortly after 1554 (A. Cortesão, *Cartografia*, II, pp. 18-25 and 415-6; and the present work, III, p. 5, and IV, p. 27).

Luís do Rego — In his letter to the King, written from Goa, c. 1545, he states that he made sailing charts (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, pp. 255-8; A. Cortesão, *Cartografia*, II, pp. 205-6).

João de Barros — The great historian and geographer (1496-1570) repeatedly refers, in his *Décadas da Asia* (1552-1563), to the geographical tables which illustrated his *Geografia Universal*, now lost. Judging from the accuracy and richness of the numerous geographical descriptions he wrote in the *Décadas*, these «tables» must have been of the greatest interest and undoubtedly presented the most advanced knowledge of the time.

António Martins — In 1563 he received the official letter appointing him master of sailing charts. An inhabitant of Lisbon, his examination was attended by Pedro Nunes and Jorge Reinel (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, pp. 207-8). He is also referred to in the *Livro de lançamento de 1565* (A. Cortesão, *Cartografia*, II, p. 36).

André Freire — João Freire's son, he made charts in Seville in 1563, according to a reference in a document of 16 December of that year, published in Vol. I, p. 153, of the present work.

Gaspar Barreiros (Fr Francisco da Madre de Deus) — A native of Viseu, he was a nephew of João de Barros. When he was in Rome (1561-4), «the Pope, informed of his great knowledge of cosmography, ordered him to review and correct the errors of the maps which were painted in a magnificent hall he had commanded to be built in which the cosmography of the universe is represented according to Ptolemy's Tables». He died in 1574. He was the author of several geographical works, whose whereabouts are today unknown, but we do not know if they contained cartography — *Geografia da Antiga Lusitania, Anotações a Ptolomeu, Descripção do Egipto, Observações Cosmograficas de muitos lugares maritimos de Espanha com todos seus campos e promontorios* (Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, II).

João Galego — A document of 24 November 1564 refers to a «João Gallego, who made sailing charts». Another document of 1570 writes of João Galego «also master of sailing charts», in connection with a dispute

de uma questão que teve com Bartolomeu Lasso (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, pp. 117-9, 170-1). João Galego e Bartolomeu Lasso são ambos referidos, como mestres de cartas de marear e vivendo na mesma rua de Lisboa, no *Livro de lançamento de 1565* (A. Cortesão, *Cartografia*, II, p. 263; e a presente obra, III, p. 87).

Francisco Domingues — Num processo do Archivo de Indias, Sevilha, vem o título «Informacion de los meritos y servicios de Francisco Domingues, natural de ciudad de Viana en Portugal, y cosmografo de S.M. nombrado para que lo fuese en Nueva Esp.ª el año de 1570. Formó tablas geograficas y escripturas, manifestando en ellas la calidad disposicion de la Tierra, templos de ellas, ritos ceremonias y costumbres de los naturales de ellas. Formó eclipses y alg.s instrum.tos pª la China. Existe su testam.to en 1600» (A. Cortesão, *Cartografia*, II, pp. 363-4).

Mendo Mota — Explorador do interior da Costa da Mina em 1573, seu filho «Bernardo Mota, casado em Setubal, tem relação das minas do Guire Serafée, e pintadas as terras e iluminadas, que seu pai lhe deixou por sua morte», segundo documento de começos do século xvii publicado por Luciano Cordeiro, *Viagens, explorações e conquistas dos Portuguezes*, in *Questões histórico-coloniais*, Vol. I, pp. 364-7, Lisboa 1935. Os elementos de tal região contidos na carta gravada da Guiné de Luís Teixeira, 1602, devem basear-se na carta de Mendo Mota.

Marcos Fernandes — Filho do cartógrafo Pero Fernandes, recebeu carta de ofício em 4 de Novembro de 1582, sendo examinado pelo Dr. Tomás d'Orta com a assistência de Sebastião Lopes. Devia ser irmão de Luís Teixeira (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, p. 100; A. Cortesão, *Cartografia*, II, p. 363; e presente obra, II, p. 119, e IV, p. 4).

Vicente Nobre (?) — Cartógrafo, possìvelmente português, que vivia em Lima e a quem se refere Pedro Sarmiento de Gamboa em documento de 1 de Julho de 1583 (Vol. IV, p. 36, da presente obra).

Francisco Luís — Possìvelmente filho do cartógrafo Lázaro Luís. Por carta régia de 24 de Janeiro de 1591 foi-lhe concedido o direito de fazer cartas e instrumentos de navegação. Em 4 de Março de 1603 foi nomeado para fazer parte das cartas de marear e instrumentos náuticos para as armadas reais (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, pp. 191-2; A. Cortesão, *Cartografia*, II, p. 363).

Pedro de Ataíde — Com ele contactou Cornelis Houtman em Bantam (Java) em 1596, tendo morrido nesse ano. Nascera em Malaca, e era piloto e cartógrafo afamado, tendo navegado muito. Petrus Plancius refere-se com grande louvor aos seus trabalhos. Ocupámo-nos deste cartógrafo no Vol. IV, p. 3, nota 1, da presente obra, com as devidas referências documentais.

Mateus do Rego — No *Roteiro e advertencias da navegação da carreira da India por Gaspar Manuel de Villa do Conde, por ele mesmo emendado*, regista-se a passagem que transcrevemos seguidamente: «De Goa até á ponta de leste da ilha de Sacotorá, conforme a carta do mestiço Mateus do Rego, que foi mui certo em suas obras, ha de derrota 360 léguas. A mesma ha nas de Pero Rodrigues, que usou sempre dos padrões de Mateus do Rego, e esta derrota tenho por mais certa, que a das cartas do reino, segundo a experiencia tem mostrado, quando vimos de Portugal que se acaba a derrota, e a terra tarda 2. 3 dias. E na viagem que fiz por dentro das ilhas de Quirimba, digo da ilha de S. Lourenço, na náo S. Jacintho, o anno de 601 achei esta derrota mui certa ao demandar do deserto» (Gabriel Pereira, *Roteiros Portuguezes da viagem de Lisboa à India nos seculos XVI e XVII*, p. 65, Lisboa 1898; A. Cortesão, *Cartografia*, II, p. 363).

No começo da *Rellasam de todo o estado da India Oriental*, manuscrito de princípios do século xvii existente na Torre do Tombo (Convento da Graça, Tomo VI F-C. 3) diz-se que «o Estado da Yndia Oriental comessa no Cabo de Boa Esperanssa ... e fenesse ate o prezente na ponta da Enseada do Nanquim ... e nisto se comprehende toda a Costa da Asia descuberta, que contem jnclusivamente conforme aos padrois das Cartas de Marear feytas pello Mestisso de Goa que sam as milhores — tres mil noueçentas e desaseis legoas ...». Este «Mestiço de Goa» deve ser muito provàvelmente Mateus do Rego. Como notámos na presente obra (Vol. III, p. 88), o piloto João Ramos, em viagem de Cochim para Portugal, em 1600, marcava o ponto numa «carta da India»; e na carta patente dos Estados Gerais, de 1592, Cornelis Claesz. foi autorizado a publicar uma carta da Ásia «feita por um competente mestre de navegação de Goa nas Indias Orientais». É muito

between him and Bartolomeu Lasso (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, pp. 117-9, 170-1). João Galego and Bartolomeu Lasso are both referred to as masters of sailing charts and as living in the same street in Lisbon, in the *Livro de lançamento de 1565* (A. Cortesão, *Cartografia*, II, p. 263; and the present work, III, p. 87).

Francisco Domingues — In a file in the Archivo de Indias, Seville, we find the title «Information on the merits and services of Francisco Domingues, a native of the city of Viana in Portugal, and cosmographer to His Majesty, appointed to that post in New Spain in the year 1570. He composed geographic tables and writings, showing in them the quality and disposition of the land, their temples, ceremonial rites and costumes of their inhabitants. He studied the eclipses and some instruments for China. His will made in 1600 exists» (A. Cortesão, *Cartografia*, II, pp. 363-4).

Mendo Mota — Explorer of the hinterland of the coast of Mina in 1573, his son «Bernardo Mota, married in Setubal, has an account of the Guire Serafée mines, with the lands painted and illuminated, which his father left him on his death», according to a document of the beginning of the xvii century published by Luciano Cordeiro, *Viagens, explorações e conquistas dos Portuguezes*, in *Questões histórico-coloniais*, Vol. I, pp. 364-7, Lisboa 1935. The details of that region contained in Luís Teixeira's engraved chart of Guinea, 1602, must be based on Mendo Mota's chart.

Marcos Fernandes — The cartographer Pero Fernandes' son, he received his certificate of qualification on 4 November 1582, being examined by Dr. Tomás d'Orta with Sebastião Lopes' assistance. He must have been Luís Teixeira's brother (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, p. 100; A. Cortesão, *Cartografia*, II, p. 363; and the present work, II, p. 119, and IV, p. 4).

Vicente Nobre (?) — A cartographer, possibly Portuguese, who lived in Lima and is referred to by Pedro Sarmiento de Gamboa in a document of 1 July 1583 (Vol. IV, p. 36, of the present work).

Francisco Luís — Possibly the cartographer Lázaro Luís' son. By a royal charter of 24 January 1591 he was granted the right to make nautical charts and instruments. On 4 March 1603 he was appointed to make part of the sailing charts and nautical instruments for the royal fleets (Sousa Viterbo, *Trabalhos Náuticos*, I, pp. 191-2; A. Cortesão, *Cartografia*, II, p. 363.

Pedro de Ataíde — Cornelis Houtman met him in Bantam (Java) in 1596, the year of his death. He was born in Malacca, and was a famous pilot and cartographer, having made many voyages. Petrus Plancius refers to his works with the highest praise. We deal with this cartographer in Vol. IV, p. 3, note 1, of the present work, with the necessary documentary references.

Mateus do Rego — In the *Roteiro e advertencias da navegação da carreira da India por Gaspar Manuel de Villa do Conde, por ele mesmo emendado*, appears the following passage: «From Goa to the east point of the island of Socotra, according to the chart of the half-caste Mateus do Rego, who was very accurate in his works, a ship's course is 360 leagues. It is the same in those of Pero Rodrigues, who always used Mateus do Rego's standard charts, and I find this course more accurate than that in the charts made in the kingdom (Portugal), according to what experience has shown, when we came from Portugal the course ended and landfall appeared only two or three days later. And on the voyage I made between the mainland and the islands of Quirimba, I mean, the island of S. Lourenço, in the ship S. Jacintho, the year of 601 I found this course very correct when looking for the desert» (Gabriel Pereira, *Roteiros Portuguezes da viagem de Lisboa à India nos seculos XVI e XVII*, p. 65, Lisboa 1898; A. Cortesão, *Cartografia*, II, p. 363).

At the beginning of the *Rellasam de todo o estado da India Oriental*, a manuscript from the beginning of the xvii century now in the Torre do Tombo (Convento da Graça, Tomo VI F-C. 3) it is stated that «the State of Oriental India begins at the Cape of Good Hope ... and ends up to the present time at the point of the gulf of Nanking ... and in this is comprised all the discovered coast of Asia, which amounts, according to the standard sailing charts made by the half-caste of Goa which are the best — to three thousand nine hundred and sixteen leagues ...». This «half-caste of Goa» must most probably be Mateus do Rego. As we have pointed out in the present work (Vol. III, p. 88), the pilot João Ramos, on a voyage from Cochin to Portugal, in 1600, plotted his course on a «chart from India»; and in letters patent of the States-General, of 1592, Cornelis Claesz. was authorized to publish a map of Asia «made by a competent master of navi-

possível que estas referências de 1592 e 1600 digam respeito a cartas de Mateus do Rego ou de Pero Rodrigues. Têm ainda alguns estudiosos apontado que a *Asiae Tabula Nova* de Petrus Plancius é muito provàvelmente a carta acima referida que Cornelis Claesz. foi autorizado a editar; paralelamente ao que sucedeu com as cartas de Bartolomeu Lasso, copiadas para publicação por Plancius (Vol. III, pp. 99-100, da presente obra), e dados os factos que aqui registamos, é plausível supor que tal carta da Ásia fosse da autoria de Mateus do Rego.

PERO RODRIGUES — Vide MATEUS DO REGO

ÁLVARO PINTO COUTINHO — Casou em 1603 com a filha única de Manuel Godinho de Erédia (*Sumario da vida de Manuel Godinho de Heredia*, no final do *Tratado Ophirico*, 1616). O mesmo Erédia, noutra obra, diz que, das ilhas da Insulíndia, «fez taboas chorographicas Alvaro Pinto Coutinho, cosmografo» (*Declaraçam de Malaca*, tratado III, cap. 15, fol. 76, 1613). De uma carta de 20 de Dezembro de 1629, do vice-rei D. Miguel de Noronha, conclui-se que Álvaro Pinto Coutinho já era então falecido (Vol. IV, p. 42, da presente obra).

PAULO RODRIGUES DA COSTA — Explorou em 1613-1614 as costas da Ilha de Madagáscar, apresentando a carta do levantamento ao Vice-rei D. Jerónimo de Azevedo (António Bocarro, *Decada XIII*, cap. XLII; Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, pp. 276-7).

MANUEL CERVEIRA PEREIRA — Autor, com o piloto Domingos Fernandes, de uma carta da costa de Angola, de 1617, hoje de paradeiro desconhecido, de que nos ocupamos a p. 108 do presente Volume.

DOMINGOS FERNANDES — Vide MANUEL CERVEIRA PEREIRA

AMARO DA ROCHA — Secretário de Estado da Índia. Compôs e dedicou a Filipe II de Portugal (1598-1621) a seguinte obra *Amphiteatro Oriental onde se mostraõ todos os Vice-Reis, e Governadores que ouve na India depois, que o braço Portugues a encorporou na Coroa de Espanha, e todos seus sucessos conpendiosamente epilogados, e hum vivo modelo, e natural retrato de todas as fortalezas fronteiras com seus destrictos, e alturas; e todas as armadas, que os Reys Portuguezes de Gloriosa memoria a ella inviaraõ depois que o Almirante Vasco da Gama com os nossos primeiros Argonautas (fazendo-se Antipodas de si mesmo) no ano de MCCCCXCVII a descobriraõ; e as monstruosas viagens que fizeraõ, e hum como Mappa de todas as naçoens da Aurora com suas peculiares divisas, diversa variedade de cores, varia diversidade de trajos, abominaçaõ de ritos, e bestialidade de costumes, recolhidos em compendio, e finalmente todas as plantas mais notaveis, e medecinaes com suas hieroglyphicas figuras, propriedades, e virtudes, que a natural filosofia resuscitou desenterrando-as do sepulchro do esquecimento; e muitas dellas examinadas com rigorosa experiencia em presença do Vice-Rey Mathias de Albuquerque por ordem da Magestade Catholica del Rey D. Filippe o I. de Portugal de esclarecida memoria*. A obra conservava-se na Biblioteca Real. Dada a sua dedicatória, é claramente anterior aos *Livros* de António Bocarro e Pedro Barreto de Resende, pelo que as plantas das fortalezas e distritos que nela vinham deviam ter muito interesse (Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I).

JOÃO BAPTISTA DE SERGA — Residente em Lisboa, aprendeu durante quatro anos a fazer cartas de marear com João Teixeira Albernaz I, sendo examinado nessa arte por Valentim de Sá e Pedro Teixeira e recebendo carta de ofício em 7 de Dezembro de 1623 (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, pp. 283-4).

ESTÊVÃO SOARES DE MELO — Esteve na restauração da Baía, em 1625, e tomou parte nas Guerras da Restauração em Portugal. Escreveu uma *Cosmografia universal de todos os Portos maritimos do universo com todas as suas descripçoens, situaçoens, demarcaçoens, e navegaçoens*, a qual, a avaliar pelo título, devia conter cartografia (Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I).

JOÃO DIAS — Na carta de aprovação de Agostinho Góis Raposo como mestre de fazer relógios, astrolábios, agulhas e balestilhas, de 30 de Agosto de 1630, diz-se que ele foi examinado por João Dias e Pero de Lemos, ambos «mestres antigos na dita arte». Como não se conhece a carta de ofício de João Dias, não sabemos se ele apenas fabricava instrumentos náuticos ou também era mestre de cartas de marear, como Pero de Lemos (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, pp. 86-7).

gation of Goa in the East Indies». It is very possible that these references of 1592 and 1600 have regard to Mateus do Rego's or Pero Rodrigues' charts. Some scholars have also pointed out that Petrus Plancius' *Asiae Tabula Nova* is very probably the map, referred to above, which Cornelis Claesz. was authorized to publish; just as Bartolomeu Lasso's charts were copied for publication by Plancius (Vol. III, pp. 99-100, of the present work), and in view of the facts that we mention here, it is plausible to suppose that this map of Asia was made by Mateus do Rego.

PERO RODRIGUES — See MATEUS DO REGO

ÁLVARO PINTO COUTINHO — In 1603 he married Manuel Godinho de Erédia's only daughter (*Sumario da vida de Manuel Godinho de Heredia*, at the end of the *Tratado Ophirico*, 1616). Erédia himself, in another work, says that «Alvaro Pinto Coutinho, cosmographer, made chorographic tables» of the islands of the East Indies (*Declaraçam de Malaca*, tratado III, cap. 15, fol. 76, 1613). From a letter of 20 December 1629, from the Viceroy D. Miguel de Noronha, we may conclude that Álvaro Pinto Coutinho was then already dead (Vol. IV, p. 42, of the present work).

PAULO RODRIGUES DA COSTA — Explored the coasts of the Island of Madagascar in 1613-1614, and presented the chart of the survey to the Viceroy D. Jerónimo de Azevedo (António Bocarro, *Decada XIII*, cap. XLII; Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, pp. 276-7).

MANUEL CERVEIRA PEREIRA — The author, with the pilot Domingos Fernandes, of a chart of the coast of Angola, of 1617, whose whereabouts are today unknown, and which we deal with in this Volume, p. 108.

DOMINGOS FERNANDES — See MANUEL CERVEIRA PEREIRA

AMARO DA ROCHA — Secretary of State of India. He wrote and dedicated to Philip II of Portugal (1598-1621) the following work: «Eastern Amphitheatre, in which all the Viceroys are shown, and the Governors who were in India after the Portuguese arms incorporated it in the Spanish Crown, and all their events briefly recapitulated, and a lifelike model, and a natural picture of all the frontier fortresses with their districts, and heights; and all the fleets, which the Portuguese Kings of glorious memory sent there after Admiral Vasco da Gama with our first Argonauts (making Antipodes of themselves) discovered it in the year 1497; and the tremendous voyages they made, and as it were a map of all the nations of Aurora with their peculiar emblems, different varieties of colour, various diversities of dress, abominable rites, and bestial customs, briefly compiled, and finally all the most remarkable plants, and medicines with their hieroglyphic figures, properties, and virtues, which natural philosophy resuscitated disinterring it from the tomb of oblivion; and many of them examined with rigorous experiments in the presence of the Viceroy Mathias de Albuquerque by order of His Catholic Majesty King Philip I of Portugal of illustrious memory». The work was preserved in the Biblioteca Real. From its dedication it is clearly earlier than António Bocarro' and Pedro Barreto de Resende's *Livros*, consequently the plans of the fortresses and districts that appeared in it must be of great interest (Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I).

JOÃO BAPTISTA DE SERGA — Resident in Lisboa, learned to make sailing charts from João Teixeira Albernaz I for four years, was examined in this art by Valentim de Sá and Pedro Teixeira, and received his certificate of qualification on 7 December 1623 (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, pp. 283-4).

ESTÊVÃO SOARES DE MELO — Was at the reconquest of Baia, in 1625, and took part in the wars of the Restoration in Portugal. He wrote a *Cosmografia universal de todos os Portos maritimos do universo com todas as suas descripçoens, situaçoens, demarcaçoens, e navegaçoens*, which, judging from its title, must have contained maps (Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I).

JOÃO DIAS — Agostinho Góis Raposo's letter of confirmation as a master of making clocks, astrolabes, compasses and cross staffs, of 30 August 1630, states that he was examined by João Dias and Pero de Lemos, both «senior masters in the said art». As we have no knowledge of João Dias' letter of qualification, we do not know whether he made nautical instruments only or if he was also a master of sailing charts, like Pero de Lemos (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, pp. 86-7).

Francisco de Frias de Mesquita — Escolhido em 1598 para aprender arquitectura, foi nomeado em 1603 para servir nas fortificações do Brasil, aí se conservando largos anos. Na família Frias houve numerosos arquitectos (Sousa Viterbo, *Diccionario*, I bis, pp. 376-80). Num trabalho inédito de Carlos Alberto Ferreira, *Manuscritos e cimélios das livrarias reais desde D. Afonso Henriques a D. Manuel II*, encontra-se a seguinte referência a Francisco de Frias de Mesquita: «Capitão de Infantaria e Engenheiro-mor do Estado da Bahia, compôs Dezenhos da Bahia de Todos os Santos, e Cidade do Salvador, Metropole do Estado do Brazil, com as fortificações que nelas tem feito Diogo Luis de Oliveira, Governador e Capitão General delle desde o 1.º de Janeiro de 1627 athé Dezembro de 1635 em que entregou o Governo» (*apud* Gaspar de Almeida, *Inventário de Cartografia Portuguesa Antiga*, inédito, depositado na Escola Naval, Alfeite). Ignoramos a origem de tal informação. Foram possìvelmente tais desenhos que utilizou Pedro Nunes Tinoco no seu atlas de c. 1634, a que nos referimos na p. 142 do presente Volume.

Miguel Albernaz — Cosmógrafo, nomeado em 1632 para fazer «o descobrimento de alguns portos da Guiné». Nada mais se sabe a este respeito, mas, dada a sua condição de cosmógrafo e a natureza de tal trabalho, é plausível supor que Miguel Albernaz tenha sido autor de obras cartográficas. Talvez fosse parente dos cartógrafos Teixeiras (Frazão de Vasconcelos, *Cosmógrafos, cartógrafos, pilotos e construtores navais dos séculos XVI e XVII*, in *Arquivo Histórico da Marinha*, Vol. I, pp. 156-7, Lisboa 1933).

Gaspar Pereira dos Reis — Natural de Lisboa, foi pai do capitão e cartógrafo André Pereira dos Reis. Serviu na Índia pelo menos desde 1633, e foi capitão e piloto dos galeões «Santo André» (1650) e «S. Tomé» (1657). Autor de um *Roteiro de Goa ou Cochim para Pegu em Abril e Setembro*, 1634, julga-se que teria feito também obras cartográficas. Dele nos ocupamos no presente Volume, p. 27.

Estêvão Teixeira — Num documento de 1636, João Teixeira Albernaz I pede a El-Rei que envie seu filho Estêvão Teixeira aos Rios de Cuama, afim de proceder ao respectivo levantamento. Transcrevemos o documento no Vol. IV, p. 82, da presente obra.

João Rodrigues (Tçuzzu) — Padre jesuíta, que viveu muito tempo no Japão e na China, autor da *Historia do Japão ... do anno de 1594 até o de 1634*, na qual havia duas cartas do Extremo Oriente e do Japão, hoje de paradeiro desconhecido. Ocupamo-nos do assunto a pp. 118-9 do presente Volume.

Bento da Costa — Piloto da expedição de Pedro Teixeira, que subiu e desceu o Amazonas desde a foz até Quito, em 1637-1639. Traçou uma nova carta do Amazonas, de que existe uma cópia em Madrid, a qual influenciou a cartografia da segunda metade do século xvii (Jaime Cortesão, *Os Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, pp. 341-3, Lisboa 1960).

Fr. Baltasar Pinto — Nasceu em 1621 e faleceu em 1696. Em 1668 era Provincial de S. Bento no Brasil, e no período em que desempenhou tais funções escreveu uma «Descripção do Brasil desde o Rio da Prata até o Pará demarcando todos os baxos da Costa, assinando o fundo de todas as barras, declarando a Altura do Polo e apontando os surgidouros», obra que se conservava na Livraria do Convento de S. Bento em Lisboa e na qual «examinava com grande exacção tudo quanto nelle escreveo, e delineou em excellentes Mappas» (Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I).

Luís Serrão Pimentel — Nasceu em Lisboa em 1613, falecendo em 1678. Foi cosmógrafo-mor e engenheiro-mor, tendo sido o primeiro lente da Aula de Fortificação. Além de várias outras referências a plantas de fortificações de sua autoria, um documento de 30 de Julho de 1666, a propósito dos seus serviços, diz que ele «obrou com cuidado os primeiros annos na doutrina dos pilloutos e mestres para clareza das navegaçõis fazendo nouos regimentos e cartas de marear assy no modo ingles como no frances p^{a} com mais industria assegurar as armadas...» (Sousa Viterbo, *Diccionario*, II, p. 269; também dele nos ocupamos no presente Volume, pp. 34 e 123).

António Miranda — Um alvará de 17 de Setembro de 1676, do Príncipe D. Pedro, concede-lhe uma mercê com a condição de ensinar na sua arte dois discípulos, dizendo-se que ele era então o «unico mestre que ha neste reino examinado na arte de fazer astrellabios, agulhas de marear e todos os mais instrumentos pertencentes a nauegação, fortificação e artelharia, obrandoos com muita prefeição e serteza». Embora tal não se indique

Francisco de Frias de Mesquita — Was chosen in 1598 to learn architecture, and in 1603 was appointed to serve in the fortifications of Brazil, where he remained for many years. There were numerous architects in the Frias family (Sousa Viterbo, *Diccionario*, I bis, pp. 376-80). In an unpublished work by Carlos Alberto Ferreira, *Manuscritos e cimélios das livrarias reais desde D. Afonso Henriques a D. Manuel II*, we find the following reference to Francisco de Frias de Mesquita: «Captain of Infantry and Engineer-major of the State of Bahia, he drew the designs for the Bay of Todos os Santos, and the City of Salvador, the capital of the State of Brazil, with the fortifications which were made in it by Diogo Luís de Oliveira, Governor and Captain-General of it from 1 January 1627 until December 1635 when he gave up the Governorship» (*apud* Gaspar de Almeida, *Inventário de Cartografia Portuguesa Antiga*, unpublished, deposited in the Naval School, Alfeite). We do not know the source of this information. It is possible that they were the drawings that Pedro Nunes Tinoco used in his atlas of c. 1634, which we refer to on p. 142 of this Volume.

Miguel Albernaz — Cosmographer, appointed in 1632 to «discover some ports in Guinea». Nothing more is known in this connection, but, considering his profession as a cosmographer and the nature of the work, we may suppose that Miguel Albernaz was the author of cartographic works. Perhaps he was a relation of the Teixeira cartographers (Frazão de Vasconcelos, *Cosmógrafos, cartógrafos, pilotos e construtores navais dos séculos XVI e XVII*, in *Arquivo Histórico da Marinha*, Vol. I, pp. 156-7, Lisboa 1933).

Gaspar Pereira dos Reis — A native of Lisbon, he was the father of the captain and cartographer André Pereira dos Reis. From at least 1633 he served in India and was captain and pilot of the galleons «Santo André» (1650) and «S. Tomé» (1657). Author of a *Roteiro de Goa ou Cochim para Pegu em Abril e Setembro*, 1634, he is believed also to have produced cartographic works. We deal with him in this Vol. p. 27.

Estêvão Teixeira — In a document of 1636, João Teixeira Albernaz I asks the King to send his son Estêvão Teixeira to the Rivers of Cuama to make a survey of them. We transcribe the document in Vol. IV, p. 82, of the present work.

João Rodrigues (Tçuzzu) — A Jesuit priest, who lived for many years in Japan and China, author of the *Historia do Japão ... do anno de 1594 até o de 1634*, in which there were two maps of the Far East and Japan whose whereabouts are to-day unknown. We discuss the subject in the present Volume, pp. 118-9.

Bento da Costa — Pilot of Pedro Teixeira's expedition which sailed up the Amazon and back from its mouth to Quito in 1637-1639. He drew a new chart of the Amazon, of which there is a copy in Madrid, and which influenced the cartography of the second half of the xvii century (Jaime Cortesão, *Os Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, pp. 341-3, Lisboa 1960).

Fr Baltasar Pinto — Was born in 1621 and died in 1696. He was Provincial of S. Bento in Brazil in 1668, and during the period in which he held this office he wrote a «Description of Brazil from the River Plate to Pará marking all the shoals on the coast, showing the depth of all the bars, declaring the height of the Pole and indicating the anchoring places», a work which was preserved in the Library of the Convent of S. Bento in Lisbon and in which «he checked everything with great exactness that he wrote in it, and drew in excellent maps» (Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I).

Luís Serrão Pimentel — Was born in Lisbon in 1613 and died in 1678. He was cosmographer-major and engineer-major, and the first professor of the School of Fortification. Besides various other references to his plans of fortifications, a document of 30 July 1666 says, in connection with his services, that «in the first years he worked carefully on the doctrine of the pilots and masters to perfect navigation, making new regiments and sailing charts in the English way and in the French in order to make the fleets safer...» (Sousa Viterbo, *Diccionario*, II, p. 269; we also deal with him in this Volume, pp. 34 and 123).

António Miranda — A letter patent of 17 September 1676, from Prince D. Pedro, grants him a salary on the condition that he would teach his art to two pupils, saying that he was then the «only master in this kingdom qualified in the art of making astrolabes, sailing compasses and all the other instruments belonging to navigation, fortification and artillery, making them with great perfection and accuracy». Although it is not mentioned

no documento, não é impossível que ele também fizesse cartas de marear. Provàvelmente foi pai do cartógrafo José da Costa Miranda. Transcrevemos o alvará no presente Volume, pp. 51-2.

Filipe Carneiro de Alcáçova — Serviu como militar na capitania do Rio de Janeiro, de 1662 a 1666. Teve a patente de ajudante engenheiro na província do Alentejo, e em 20 de Dezembro de 1678 foi nomeado ajudante da praça do Rio de Janeiro, dizendo-se no decreto de nomeação que se dera consideração «à noticia de architectura militar e fortificações, conhecimentos de náutica e fabricar por suas próprias mãos os instrumentos e cartas de marear...» (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, p. 64).

António Álvares da Cunha — Nasceu em 1626 em Goa, e faleceu em 1690. Tomou parte activa nas guerras da Restauração, e foi guarda-mor da Torre do Tombo. Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I, dá-o como autor da obra *Fortalezas da India em mapas*, que estava na Livraria do Convento de S. Domingos em Lisboa. O P.e António Carvalho da Costa, no prólogo da *Corografia Portuguesa, e Descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal*, Lisboa 1706, diz que ele foi também autor do *Atlas Lusitano*, que não sabemos se tinha cartas, e se conservava igualmente naquele Convento.

Luís Mendes Henriques — Natural de Lisboa, serviu em Angola de 1680 a 1694, como soldado e engenheiro, tendo feito «hum mapa daquelles reinos e presidios», hoje de paradeiro desconhecido, conforme vem registado numa carta de mercê de D. Pedro II de 20 de Dezembro de 1701 (Sousa Viterbo, *Diccionario*, II, pp. 3-6 e 167-8).

Fr. António de Santa Maria — Natural de Lisboa. Autor de uma carta de marear impressa em Lisboa por «Antonio Pedrozo Galaon, 1698, 8º» (Martin Fernandez Navarrete, *Dissertacion sobre la Historia de la Náutica*, p. 403, Madrid 1846).

in the document, it is not impossible that he also made sailing charts. He was probably father of the cartographer José da Costa Miranda. We transcribe the letters patent in this Volume, pp. 51-2.

Filipe Carneiro de Alcáçova — Served as a soldier in the captaincy of Rio de Janeiro from 1662 to 1666. He was commissioned adjutant engineer in the province of Alentejo, and on 20 December 1678 was appointed adjutant of the fortress of Rio de Janeiro, his brevet of appointment saying that his «knowledge in military architecture and fortification, knowledge of navigation and making instruments and sailing charts with his own hands...» had been taken into consideration (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, I, p. 64).

António Álvares da Cunha — Was born in Goa in 1626, and died in 1690. He took an active part in the wars of the Restoration, and was principal keeper of the Torre do Tombo. Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I, states that he was the author of *Fortalezas da India em mapas*, which was in the Library of the Convent of S. Domingos in Lisbon. Fr António Carvalho da Costa, in the preface of *Corografia Portuguesa, e Descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal*, Lisboa 1706, says that he was also the author of the *Atlas Lusitano*, also preserved in the same Convent. We do not know if it contained charts.

Luís Mendes Henriques — A native of Lisbon, he served in Angola from 1680 to 1694 as a soldier and engineer, and, according to a reference in a grant from King Pedro II of 20 December 1701, made «a map of those kingdoms and fortified places»; its whereabouts are to-day unknown (Sousa Viterbo, *Diccionario*, II, pp. 3-6 and 167-8).

Fr António de Santa Maria — A native of Lisbon. Author of a sailing chart printed in Lisbon by «Antonio Pedrozo Galaon, 1698, 8º» (Martin Fernandez Navarrete, *Dissertacion sobre la Historia de la Náutica*, p. 403, Madrid 1846).

ADDENDA

I, 165 — CARTA ANÓNIMA DA BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE PARIS, «RÉS. GE. B. 1148» — Ao analisar esta carta, afirmando não termos apurado quem teria sido o seu autor, indicámos que a maior parte do seu traçado costeiro é semelhante ao das obras de Bartolomeu Velho, sendo o restante (nordeste da América do Norte e Brasil) parecido com o da carta de Sebastião Lopes, de 1558. Depois disso, utilizámos frequentemente tal carta, em comparações com diversas obras do século XVI, e assim nos fomos apercebendo de outras afinidades entre ela e o grupo de cartas de 1561, de Bartolomeu Velho, e o atlas anónimo «HM 44» de c. 1560 que também atribuímos ao mesmo cartógrafo:

a) as rosas-dos-ventos pequenas são pràticamente iguais, e as grandes muito parecidas;

b) as escalas de latitudes (incluindo o tipo de algarismos) são iguais;

c) o estilo do traçado costeiro e bem assim o tipo de desenho do Rio Amazonas é igual;

d) exceptuando as duas regiões americanas acima apontadas, o traçado costeiro das restantes zonas é igual nos mais pequenos pormenores, e bem assim o das ilhas atlânticas, especialmente as imaginárias;

e) a letra da nomenclatura costeira tem grandes afinidades, embora não ressaltem à primeira vista (sobretudo por causa das diferenças dos *ss*);

f) a nomenclatura é muito parecida, com numerosos casos de semelhança na disposição, ortografia e abreviaturas.

Nestas condições, afigura-se-nos que a carta «Res. Ge. B. 1148» foi muito provàvelmente feita por Bartolomeu Velho. Dadas as diferenças de traçado naquelas duas regiões americanas em relação às suas obras datadas de 1561 e 1568, e atendendo também ao aspecto ligeiramente mais arcaico da letra, admitimos que tal carta teria sido executada alguns anos antes de 1561.

II, 119, linha 9 — MARCOS FERNANDES E DOMINGOS TEIXEIRA — Foi com base no que escreveu Sousa Viterbo (*Trabalhos Nauticos*, I, p. 100) que afirmámos ser a carta de ofício de Marcos Fernandes datada de 1592. Posteriormente (V, p. 35) verificámos no próprio documento que a data correcta é 1582, pelo que se torna menos consistente o argumento que nos levou a supor que diria respeito a Domingos Teixeira a referência de 1595, de Gaspar Ferreira Reimão, a duas cartas «feitas pelos irmãos Teixeiras».

II, 131 — SIMÃO FERNANDES — Um grande número de novas informações àcerca deste piloto pode encontrar-se no interessante trabalho de David Beers Quinn, *Simão Fernandes, a Portuguese pilot in the English service, circa 1573-1588*, in *Congresso Internacional de Historia dos Descobrimentos — Actas*, Vol. III, pp. 449-465, Lisboa 1961.

III, 48, nota 26 — PLANISFÉRIO DE LUÍS TEIXEIRA — Na 1.ª edição do *Epitome*, de António de Léon Pinelo, vem: «LUIS TEXEYRA. Nueva Geografia i Hidrografia del Orbe imp. 1598. 1604 Parece fue Mapa universal».

III, 49 — CARTA DE LUÍS TEIXEIRA ANTERIOR A 1612 — Na abertura do diário da viagem da nau *Nossa Senhora de Guadalupe*, de Goa para o Reino, no ano de 1612, D. António de Ataíde escreveu: «Carteo p hũs quarteirõis de j.º teix.ª E p hũa carta de luis teix.ª Seu pay...» (*Viagens do Reino para a Índia e da Índia para o Reino, 1608-1612*, introdução e notas de Humberto Leitão, Vol. II, p. 181, Lisboa 1958).

III, 68, linhas 27-45 — A ORIGEM DA REPRESENTAÇÃO DO INTERIOR DA MINA NA CARTA DA GUINÉ DE LUÍS TEIXEIRA DE 1602 — Um documento anónimo de começos do século XVII (publicado por Luciano Cordeiro, *Viagens, explorações e conquistas dos portugueses*, in *Questões historico-coloniais*, Vol. I, pp. 364-7, Lisboa 1935), vem esclarecer consideràvelmente a questão. Do início do documento deduz-se que ele constitui sobretudo um relato dos trabalhos de Martim Afonso, em 1573, à procura das minas do Guire, pelo Rio Mansu. Os nomes e distâncias indicados e outros factos revelam notável coincidência com o que se vê no interior da Mina, na carta

ADDENDA

I, 165 — ANONYMOUS CHART IN THE BIBLIOTHÈQUE NATIONALE, PARIS, «RÉS. GE. B. 1148» — When we analysed this chart, stating that we had been unable to find out who might have been its author, we pointed out that the greater part of its coastal outline is similar to that in Bartolomeu Velho's works, the remainder (the north-east of North America and Brazil) being like the one in Sebastião Lopes' chart of 1558. Later we utilized the chart in comparison with other works of the XVI century, and thus we found other affinities between it and Bartolomeu Velho's group of charts of 1561 and the anonymous atlas «HM 44» of c. 1560, which we also atribute to the same cartographer:

a) the small windroses are almost identical and the large ones are very much alike;

b) the scales of latitudes (including the type of figures) are identical;

c) the style of the coastal outline, and particularly the way in which the River Amazon is drawn, is identical;

d) except for the two American regions mentioned above, the coastal outline of the remaining areas is the same to the smallest details, very much so in the Atlantic islands, particularly the imaginary ones;

e) the writing of the coastal nomenclature has great affinities, although it is not evident at first sight (chiefly because of the difference in the *ss*);

f) the nomenclature is very much alike, with numerous cases of similarity of disposition, orthography and abbreviation.

In these circumstances, we believe that the chart «Res. Ge. B. 1148» was very probably drawn by Bartolomeu Velho. Because of the differences of the outline in the two American regions in relation to his works of 1561 and 1568, and considering also the slightly earlier appearance of the writing, we admit that this chart must have been made some years before 1561.

II, 119, line 9 — MARCOS FERNANDES AND DOMINGOS TEIXEIRA — It was on the basis of what Sousa Viterbo wrote (*Trabalhos Nauticos*, I, p. 100) that we stated that Marcos Fernandes' letter of qualification dated from 1592. Afterwards (V, p. 35), we verified in the document itself that the correct date is 1582, which reduces the strength of our argument in supposing that Gaspar Ferreira Reimão's reference of 1595 to two charts «made by the Teixeira brothers» concerned Domingos Teixeira.

II, 131 — SIMÃO FERNANDES — A great deal of new information concerning this pilot can be found in David Beers Quinn's interesting work, *Simão Fernandes, a Portuguese pilot in the English service, circa 1573-1588*, in *Congresso Internacional de História dos Descobrimentos — Actas*, Vol. III, pp. 449-465, Lisboa 1961.

III, 48, note 26 — LUÍS TEIXEIRA'S PLANISPHERE — In the 1st edition of the *Epitome* by Antonio de Léon Pinelo appears: «LUÍS TEIXEIRA. New Geography and Hydrography of the Globe printed 1598. 1604 It seems that it was a World Map».

III, 49 — LUÍS TEIXEIRA'S CHART BEFORE 1612 — In the log-book of the ship *Nossa Senhora de Guadalupe*'s voyage from Goa to the Kingdom, in the year 1612, D. António de Ataíde wrote: «I sailed by some of João Teixeira's special charts and one of his father, Luís Teixeira's charts...» (*Viagens do Reino para a Índia e da Índia para o Reino, 1608-1612*, introduction and notes by Humberto Leitão, Vol. II, p. 181, Lisboa 1958).

III, 68, lines 27-45 — THE ORIGIN OF THE REPRESENTATION OF THE HINTERLAND OF MINA IN LUÍS TEIXEIRA'S CHART OF GUINEA OF 1602 — An anonymous document from the beginning of the XVII century (published by Luciano Cordeiro, *Viagens, explorações e conquistas dos portugueses*, in *Questões historico-coloniais*, Vol. I, pp. 364-7, Lisboa 1935), throws considerable light on the question. From the beginning of the document we can deduce that it consists mainly of an account of Martim Afonso's works, in 1573, in search of the mines of Guire, by the River Mansu. The names and distances indicated and other details show a remarkable agreement with what is seen

de Luís Teixeira de 1602. O documento termina com a frase «Bernardo da Mota, casado em Setúbal, tem a relação das minas do Guire Serafée, e pintadas as terras e iluminadas, que seu pai lhe deixou por sua morte, a quem chamavam Mendo Mota». Noutra parte do documento diz-se que Mendo Mota, por ordem de Martim Afonso, chegara à região de Elefante Grande, nome que também se vê naquela carta. Não nos sendo agora possível desenvolver aqui devidamente o estudo desta interessante questão, anotamos no entanto, desde já, que a origem daquela representação na carta de Luís Teixeira deve ser a carta levantada pelo referido explorador Mendo Mota.

III, 69, linhas 16-23 — CARTA DA ILHA DE S. TOMÉ NA «GVINEA NOVA DESCRIPTIO» DO ATLAS MERCATOR DE 1606 — Recentemente Francisco Tenreiro (*Engenhos de água na Ilha de S. Tomé no século XVI*, separata do Tomo III das *Publicações do XXIII Congresso Luso-Espanhol*, pp. 6-8, Coimbra 1957) ocupou-se da carta de S. Tomé no *Caert-Thresoor* (1597) e *Thresor des Chartes* (1602) editados por Cornelis Claesz., e Theodore Monod (*Notes sur quelques cartes anciennes de São Tomé*, in *Congresso Internacional de História dos Descobrimentos — Actas*, Vol. II, pp. 277-95, Lisboa 1961) tratou do assunto com grande desenvolvimento, descriminando as numerosas edições (incluindo o atlas Mercator de 1606) em que aparece tal carta de S. Tomé, desde 1597 ou 1598. Muitas dessas edições, incluindo as primeiras, foram devidas a Cornelis Claesz., cuja ligação com as cartas gravadas de Luís Teixeira, da África (c. 1600) e da Guiné (1602) apontámos. Essa carta de S. Tomé, como a nomenclatura e legendas claramente indicam, é de indiscutível origem portuguesa, e em comentário ao referido trabalho de Th. Monod (*loc. cit.*, pp. 296-8) apontámos as numerosas razões que nos levam a julgar ser muito possível que o original fosse da autoria de Luís Teixeira. A tais razões acrescentamos agora a de que a carta de S. Tomé contém a representação de vários engenhos do açúcar, carecterística que se nota também no roteiro-atlas do Brasil, c. 1586, atribuído a Luís Teixeira.

IV, 81-2 — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I — Por carta de 12 de Dezembro de 1629 foi passada licença a Nicolau Rufe para fabricar «astrolabios, agulhas de marcar sol e relogios universal e geral, e balestilhas», dizendo-se no documento que ele foi prèviamente examinado por Valentim de Sá, Cosmógrafo-mor, por Pero de Lemos, «meu cosmographo, mestre de fazer cartas de marear e agulhas», e por João Teixeira, «outro si meu cosmografo» (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, Vol. I, pp. 279-80, Lisboa 1898).

IV, 146, linhas 1-3 — QUATRO ATLAS DE CIDADES E FORTALEZAS DO ESTADO DA ÍNDIA ORIENTAL, DE ANÓNIMO-JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, C. 1648 — No presente Volume, p. 81, ocupámo-nos destes quatro atlas, mostrando que neles são utilizados apenas modelos de Manuel Godinho de Erédia, pelo que tais atlas provêm de um protótipo criado c. 1630.

IV, 147, linhas 1, 15 e 47 — CARTAS GRAVADAS DE JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I DE 1649 — O livro de Melchissédech Thévenot onde elas são publicadas teve várias edições entre 1664 e 1696, e não apenas duas, como dissemos por engano.

V, 28, linhas 30-50 — O DESCOBRIMENTO DE DOMINGOS DE MAGALHÃES LIMA — Esta curiosa questão é amplamente estudada, com a transcrição de numerosos documentos, por Jacinto J. do Nascimento Moura, *Uma malograda tentativa de descobrimento no Cabo de Boa Esperança no ano de 1648*, in *Congresso Internacional de História dos Descobrimentos — Actas*, Vol. V, Parte II, pp. 319-40, Lisboa 1961.

V, pp. 31-2 — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II E FRANCISCO DA SILVA ALBERNAZ — Por carta de 23 de Março de 1699, El-Rei comunicou ao Vice-rei da Índia que se devia descontar no soldo de Francisco da Silva Albernaz a pensão a pagar ao seu tio João Teixeira Albernaz. Por carta de 7 de Fevereiro de 1701, na qual se fala do falecimento de Francisco da Silva Albernaz, trata-se da remessa da pensão em atrazo (Biblioteca da Ajuda, 51-IX-4, fol. 81, e 51-IX-6, fol. 95, publicadas por Christovam Ayres, *História Orgânica e Política do Exército Português-Provas*, Vol. XV, pp. 8-9, Coimbra 1928).

V, pp. 51-2 — ANTÓNIO MIRANDA — Por lapso considerámos António Miranda como cartógrafo, quando o alvará de 1676 que se lhe refere só fala na sua arte de fazer instrumentos náuticos. Embora não seja impossível que ele também tenha sido cartógrafo (pois não se conhece a sua carta de ofício), não o podemos julgar seguramente como tal, pelo que as considerações que fazemos a linhas 49-69 da p. 52 são hipotéticas.

in the hinterland of Mina in Luís Teixeira's chart of 1602. The document ends with the phrase «Bernardo da Mota, married in Setubal, has the account of the mines of Guire Serafée, and the lands painted and illuminated, which his father, whom they called Mendo Mota, left to him on his death». In another part of the document it says that Mendo Mota, ordered by Martim Afonso, arrived at the region *Elefante Grande*, a name also seen in the chart mentioned above. It is not possible to develop the study of this interesting question here, we should, however, like to point out now that the origin of this representation in Luís Teixeira's chart must be the survey map by the explorer Mendo Mota.

III, 69, lines 16-23 — CART OF THE ISLAND OF S. TOMÉ IN THE «GVINEA NOVA DESCRIPTIO» OF THE MERCATOR ATLAS OF 1606 — Recently Francisco Tenreiro (*Engenhos de água na Ilha de S. Tomé no século XVI*, off-print from Tomo III of the *Publicações do XXIII Congresso Luso-Espanhol*, pp. 6-8, Coimbra 1957) dealt with the chart of S. Tomé in *Caert-Thresoor* (1597) and *Thresor des Chartes* (1602) published by Cornelis Claesz., and Theodore Monod (*Notes sur quelques cartes anciennes de São Tomé*, in *Congresso Internacional de História dos Descobrimentos — Actas*, Vol. II, pp. 277-95, Lisboa 1961) discussed the matter at great length, selecting the numerous editions (including Mercator's atlas of 1606) in which this map of S. Tomé appears, from 1597 or 1598. Many of these editions, including the first ones, we owe to Cornelis Claesz., whose connection with Luís Teixeira's engraved charts of Africa (c. 1600) and Guinea (1602) we have pointed out. This chart of S. Tomé, as the nomenclature and legends clearly show, is undoubtedly of Portuguese origin, and in commenting on Th. Monod's work, mentioned above (*loc. cit.*, pp. 296-8) we stated the numerous reasons that led us to consider that the original was from Luís Teixeira's authorship. To those reasons we now add that the map of S. Tomé contains the representation of several sugarmills, a characteristic also seen in the rutter-atlas of Brasil, c. 1586, attributed to Luís Teixeira.

IV, 81-2 — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I — By a letter of 12 December 1629 Nicolau Rufe was granted permission to make «astrolabes, compasses for marking the sun and universal and general clocks, and cross staffs»; in the document it also says that he was previously examined by Valentim de Sá, Cosmographer-major, Pero de Lemos, «my cosmographer, master of making sailing charts and compasses», and João Teixeira, «also my cosmographer» (Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos*, Vol. I, pp. 279-80, Lisboa 1898).

IV, 146, lines 1-3 — FOUR ATLASES OF THE CITIES AND FORTRESSES OF THE STATE OF ORIENTAL INDIA, ANONYMOUS-JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, C. 1648 — We deal with these four atlases in the present Volume, p. 81 showing that only models by Manuel Godinho de Erédia have been used in them, and therefore the atlases come from a prototype created in c. 1630.

IV, 147, lines 1, 15 and 47 — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I'S ENGRAVED CHARTS OF 1649 — There were several editions, between 1664 and 1696, of Melchissédech Thévenot's book in which they were published, and not only two.

V, 28, lines 30-50 — DOMINGOS DE MAGALHÃES LIMA'S DISCOVERY — This curious question is fully studied, with a transcription of numerous documents, by Jacinto J. do Nascimento Moura, *Uma malograda tentativa de descobrimento no Cabo de Boa Esperança no ano de 1648*, in *Congresso Internacional de História dos Descobrimentos — Actas*, Vol. V, Parte II, pp. 319-40, Lisboa 1961.

V, pp. 31-2 — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II AND FRANCISCO DA SILVA ALBERNAZ — In a letter of 23 March 1699 the King informed the Viceroy of India that the pension to be paid to his uncle João Teixeira Albernaz must be deducted from Francisco da Silva Albernaz's salary. A letter of 7 February 1701, in which Francisco da Silva Albernaz's death is referred to, deals with the remittance of the pension in arrears (Biblioteca da Ajuda, 51-IX-4, fol. 81, and 51-IX-6, fol. 95, published by Christovam Ayres, *História Orgânica e Política do Exército Português-Provas*, Vol. XV, pp. 8-9, Coimbra 1928).

V, pp. 51-2 — ANTÓNIO MIRANDA — By mistake we discussed António Miranda as a cartographer, when the charter of 1676 which refers to him only speaks of his skill in making nautical instruments. Although it is not impossible that he may also have been a cartographer (since his letter of qualification is not known), we cannot be certain of it, hence the observations we made in lines 49-69 on p. 52 are hypothetical.

V, p. 71 — LIVROS E ATLAS DO ESTADO DA ÍNDIA ORIENTAL — Inocêncio Francisco da Silva, no *Diccionario Bibliographico Portuguez,* tomo VI, pp. 200-1, Lisboa 1862, refere um exemplar da obra de Pedro Barreto de Resende, com título semelhante ao dos exemplares da Bibliothèque Nationale de Paris («Mss. Port. 1») e da Academia das Ciências de Lisboa, dizendo que «existia em poder de José Silva Costa, segundo este affirma em seus apontamentos que vi». No tomo XIII do mesmo *Diccionario,* p. 200, diz-se que José da Silva Costa fora oficial da biblioteca pública e encarregado da formação dos catálogos, constando que ainda vivia por 1839 e não publicara coisa alguma com o seu nome, mas sob o anagrama Custódio Alesieva. Ignoramos o paradeiro de tal exemplar da obra de Barreto de Resende. Na Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa, «Res. 2-maço 3-4», existe também o *Livro de toda a receita e despeza de todas as Fortalezas que Sua Majestade tem no Estado da India ... feito por Pedro Barreto de Resende ... no ano de 1635,* códice com 125 fls., sem cartas ou plantas.

V, p. 79 — LIVROS E ATLAS DO ESTADO DA ÍNDIA ORIENTAL — Acrescentar às obras de paradeiro desconhecido o *Amphiteatro Oriental* de Amaro da Rocha, do qual tratamos no presente Volume, p. 182.

CARTA PORTUGUESA ANÓNIMA ANTIGA — Só em Abril de 1962, quando se concluía a impressão do presente Volume, tivemos oportunidade de examinar o trabalho de Paul Gaffarel, *Étude sur un portulan inédit de la Bibliothèque de Dijon.* Dijon 1876. A carta portulano, cota «313 MS», reproduzida no livrinho, seria, segundo Gaffarel, genovesa e de princípios do século XV. Basta um breve exame da reprodução de Gaffarel para se concluir que a carta é indubitàvelmente portuguesa. Talvez tivesse sido desenhada pelo mesmo cartógrafo anónimo autor da carta de fins do século XV da qual foi cortado o fragmento que se encontra na Torre do Tombo (Vol. I, p. 5, Estampa 3), e também se notam certas afinidades com a carta chamada Kunstmann III, de c. 1506 (Vol. I, pp. 15-6, Estampa 6), que poderiam sugerir autoria comum. Na impossibilidade de agora nos ocuparmos deste interessante assunto, com o desenvolvimento que merece, tencionamos sobre ele escrever pequena monografia a ser publicada pelo Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, num futuro próximo.

V, p. 71 — BOOKS AND ATLASES OF THE STATE OF ORIENTAL INDIA — Inocêncio Francisco da Silva, in the *Diccionario Bibliographico Portuguez,* tomo VI, pp. 200-1, Lisboa 1862, refers to a copy of Pedro Barreto de Resende's work, with a title similar to those in the Bibliothèque Nationale, Paris («Mss. Port. 1») and the Academia das Ciências, Lisbon, saying that «it was in the possession of José da Silva Costa, according to what he stated in his notes which I saw». In tomo XIII of the same *Diccionario,* p. 200, it says that José da Silva Costa was an official of the public library and in charge of compiling the catalogues, stating that he was still alive in 1839 and that he had not published anything in his own name, but under the anagram Custódio Alesieva. We do not know the whereabouts of this copy of Barreto de Resende's work. In the Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa, «Res. 2-maço 3-4», there is also a *Livro de toda a receita e despeza de todas as Fortalezas que Sua Majestade tem no Estado da India ... feito por Pedro Barreto de Resende ... no ano de 1635,* codex with 125 fls., without charts or plans.

V, p. 79 — BOOKS AND ATLASES OF THE STATE OF ORIENTAL INDIA — The *Amphiteatro Oriental* by Amaro da Rocha, which we discuss in the present Volume, p. 182, must be added to the works whose whereabouts are unknown.

EARLY ANONYMOUS-PORTUGUESE CHART — Only in April 1962, when the present Volume was nearly printed, did we have opportunity of consulting Paul Gaffarel's *Étude sur un portulan inédit de la Bibliothèque de Dijon.* Dijon 1876. The portulan-chart, classmark «313 MS», reproduced in the booklet, should be, according to Gaffarel, Genoese, and date from the beginning of the XV century. A simple perusal of Gaffarel's reproduction shows, however, that the chart is undoubtedly Portuguese; it may have been drawn by the same anonymous cartographer who drew the late XV-century chart of which a fragment is preserved in the Torre do Tombo (Vol. I, p. 5, Plate 3). There are some affinities with the so-called Kunstmann III chart of c. 1506 (Vol. I, pp. 15-6, Plate 6), which might suggest a common authorship. As we cannot deal with this interesting subject here in the detail it deserves, we intend to do so in the near future in a small monograph to be published by the Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga.



A IMPRESSÃO DO TEXTO DESTA OBRA COMEÇOU AOS TREZE DE JUNHO, SEXTA FEIRA, DIA DE SANTO ANTÓNIO, DE MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E OITO, E O PRESENTE VOLUME ACABOU DE SE IMPRIMIR AOS QUATRO DE JUNHO DE MIL NOVECENTOS E SESSENTA E DOIS, NA IMPRENSA DE COIMBRA, IMPRESSORES PARA A UNIVERSIDADE DE COIMBRA. O PAPEL FOI ESPECIALMENTE FABRICADO PELA FÁBRICA DE PAPEL DE PORTO DE CAVALEIROS, TOMAR; AS ESTAMPAS A UMA COR FORAM GRAVADAS E IMPRESSAS POR NEOGRAVURA, LISBOA; AS ESTAMPAS A CORES FORAM GRAVADAS E IMPRESSAS PELA LITOGRAFIA DE PORTUGAL, LISBOA; A ENCADERNAÇÃO É DE FREDERICO DE ALMEIDA, LISBOA.

